ESTUDOS BIOGRAPHICOS

OU

NOTICIA

DAS

PESSOAS RETRATADAS NOS QUADROS HISTORICOS

PERTENCENTES

Á

BIBLIOTHECA NACIONAL DE LISBOA

POR

JOSÉ BARBOSA CANAES DE FIGUEIREDO CASTELLO-BRANCO.

LISBOA
NA LOJA DO EDITOR F. A. DA SILVA
PRAÇA DE D. PEDRO N.os 82 E 83
1854.

ESTUDOS BIOGRAPHICOS.

IMPRENSA NACIONAL.

ESTUDOS BIOGRAPHICOS

OU

NOTICIA DAS PESSOAS RETRATADAS

NOS

QUADROS HISTORICOS PERTENCENTES Á BIBLIOTHECA NACIONAL DE LISBOA

POR

JOSÉ BARBOSA CANAES DE FIGUEIREDO CASTELLO-BRANCO.

LISBOA
NA LOJA DO EDITOR, F. A. DA SILVA
PRAÇA DE D. PEDRO N.^os 82 E 83.
1854.

Ne tradas me, Domine, á desiderio meo peccatori: cogitaverunt contra me, ne derelinquas me, ne forte exaltentur.

***Ps.* 139—9.**

DEO

Opera mea dico, EUMque humiliter colo et precor

vermis, qui sum auctor.

EXPOSIÇÃO

AO

SUMMO PONTIFICE PIO IX

ORA

PRESIDENTE NA IGREJA DE DEOS.

SANTISSIMO PADRE

Humildemente prostrado beijo a terra diante dos pés de Vossa Santidade, como daquelle, a quem Nosso Senhor Confiou as Suas Vezes no govêrno da Igreja Universal, e Constituiu Mestre e Director de todos os homens, a fim de os guiar, pelos caminhos da justiça e da perfeição, á vida eterna.

O livro, que submissamente apresento a Vossa Santidade, ainda que manifeste o intento de reproduzir a memoria de alguns finados, não se destinou a isso exclusivamente, porém a combater os differentes systemas de impiedade e de anarchia, com que homens perdidos tem querido, nos ultimos tempos, escarnecer de Deos, da Igreja Catholica, e dos Reis, para tyrannisar as sociedades pela corrupção, porque só della se alimentam.

Sei, que um livro biographico não dá bastante latitude á controversia; e, por outra parte, que é insufficiente contra espiritos inveterados no êrro o, que disse; mas tambem sei, que muitos varões illustres, pela virtude e sciencia, obraram assim em lucubrações desse e de outros generos estranhos ao combate, que fugitivamente empenharam; e fóra disso, querendo effectivamente entrar algum dia na lucta, pensei, que convinha desafiar, e preparar-me para ella.

Amo do coração a todos os homens, e Deos, que me vê, conhece, que não desejo mal a alguem; mas tenho odio invencivel ás doutrinas absurdas e subversivas, que muitos, com supina ignorancia, ou maldade selvagem, propalam: quero por isso ser julgado conforme as minhas intenções, porque não condemno o homem senão em quanto pugna pelos principios do êrro, e desde o momento, em que o largar, recebe do mim a paz demandada pela caridade Christã.

Se commetti erros na historia, ou em qualquer das disciplinas subsidiarias della, não foi por deliberação ou omissão voluntaria; e, porque a historia é a verdade, pêsa-me sinceramente desses erros, que a falta de monumentos mais proprios e a brevidade, com que escrevi, me fariam commetter; por isso, logo que os perceba, ou mo forem apontados, por quem tenha authoridade para fazê-lo, emendarei sem hesitação.

Não occultei a expansão da minha alma, tratando de individuos, que me pareceram benemeritos da Igreja de Deos e da humanidade; e a alguns dei o titulo de *veneravel*, ou pela viva fé, com que submetteram seu collo á furia do algoz para dar testimunho da verdade do Christianismo, ou pela vida penitente, senão inculpavel, que levaram sôbre a terra; entendi fazê-lo tanto, quanto podia, sem a menor offensa do sentir ortodoxo.

Sobremaneira inclinado á disciplina dos primeiros seculos do Christianismo, mais de uma vez manifestei desejos de se voltar a ella; entretanto pela manifestação desses desejos não me pareceu incorrer em censuras; porque aceito e abraço com humildade, para a observancia, todos os decretos emanados da legitima authoridade, que governou e governa o rebanho de *Jesus-Christo;* e, porque sendo de sua naturesa a disciplina alteravel, conforme as necessidades da Igreja, não vejo inconveniente na mudança; mas se errei, com muita promptidão me hei de retractar.

Finalmente, Santissimo Padre, declaro na presença de Vossa Santidade, á face de toda a Igreja de Deos e de todos os homens, que reprovo, e me de·digo de tudo quanto dissesse, que possa ser proxima ou remotamente contrário á Doutrina Catholica, porque não só quero viver e morrer Catholico, mas, com auxilio do Senhor, estou disposto a derramar até a última gota do meu sangue por essa verdadeira e santa Doutrina.

Beijando outra vez a terra, supplico a Vossa Santidade a Benção Apostolica.

De Vossa Santidade

filho submisso e obediente

Lisboa, em Domingo de Pascoa
do anno do Senhor 1854.

José Barbosa Canaes de Figueiredo Castello-Branco.

NOTICIA.

Pertencem agora ao domioio do público os ESTUDOS BIOGRAPHICOS, que contêm summarios historicos ou notícias do grande número do individuos, que oasceram em Portugal, e em ootros paizes, e do quem o Author viu os retratos. A patria, a familia, a época, e o bom ou máo uso, que fizeram dos taleatos e dos dotes, com que Deos os enriqueceu, foram o, que principalmente se quiz escrever, tendo por base os documeotos e memorias, que foi possivel encontrar. A ordem, que se seguiu, não foi a alphabetica dos nomes, porém a hierarchica em tres divisões; na primeira os SANTOS, na segunda o ESTADO ECCLESIASTICO, e na terceira o SECULAR, descrevendo sôbre si cada uma das classes chronologicamente.

O Author não considera a *Cruz de Jesus-Christo* como symbolo da civilisação das sociedades, mas como symbolo da salvação da humanidade; por isso, taoto quanto uma obra deste genero o póde comportar, ou ainda mais, se esforçou na defesa do Princípio Religioso contra o deismo, do Priocípio Christão contra a impiedade, e do Princípio Catholico cootra o regalismo: por outra parte, admittindo a Monarchia como derivação do podêr paternal, se persuado, que sua instituição é Divina, porque Divina é a origom daquelle podêr; e isso deu motivo a propôr-se defende-la dos ataques dos demagogos, e ainda dos republicanos.

Saiu esta obra dos prelos, e seu Editor se esmeron na execução typographica, no typo a no papel; e a fim de obter a perfeição possivel, empregou maiores sommas, que om uma das publicações ordinarias.

SOBRE OS ESTUDOS BIOGRAPHICOS

ADVERTENCIA DO AUTHOR.

Esta obra contém doutrinas e factos:=quanto áquellas, os pontos capitaes expressos ou subintendidos são:—1.º que a Igreja de Deos, por fôrça de sua constituição e de Direito Divino, gosa de independencia absoluta dos podêres da terra na direcção e govêrno espiritual de todos os fieis, e espiritual e temporal das Pessoas Ecclesiasticas; na livre administração dos bens, que lhe foram ou forem dotados; na investidura de suas dignidades e cargos; na educação e instrucção das pessoas, que se dedicam ao Estado Ecclesiastico; na confecção das leis necessarias á observancia dos Preceitos Divinos, ao governo e direcção de seus negocios, e na deroga dessas leis;—2.º que o direito do mandar ou propriamente a authoridade na Igreja pertence, por Direito Divino, unica e exclusivamente ao Papa e aos Bispos, e ás Pessoas Ecclesiasticas, a quem, por delegação, conferem suas vezes;—3.º que os dominios d'Aquelle abrangem todo o orbe, e os d'Estes são circumscriptos a certos logares;—4.º que as Pessoas Ecclesiasticas, em virtude de seu caracter sagrado, são immunes de todo o serviço temporal, e apenas estão ligadas, em relação á sociedade civil, ao que a Caridade Evangelica demanda para com todos os homens;—5.º que os bens e rendas Ecclesiasticas estão sujeitos ao tributo imposto pelos podêres da terra, tanto quanto as necessidades das Nações o exijam, porém nunca sem prévio assenso do Papa e dos Bispos;—5.º que Aquelle e Estes podem separar do seu seio e impôr todo o genero de penas espirituaes a todos os fieis de qualquer ordem, ainda que sejam Soberanos;—7.º que estes por Direito Divino são obrigados a fazer observar os decretos da Igreja de Deos;—8.º que as Pessoas Ecclesiasticas não podem ser julgadas pelos tribunaes civís em quanto não forem relaxadas pelos Ecclesiasticos ao braço secular;—9.º que me parece tão pouco conforme ao espirito do Christianismo a ingerencia dos podêres da terra nos negocios da Igreja de Deos, como das Pessoas Ecclesiasticas nos do seculo, de qualquer naturesa que sejam esses negocios;—10.º que o Rei é Senhor, e que todas as leis tendentes a coarctar-lhe o podêr o entregam nas mãos de quem abusa, ou nas da democracia;—11.º que o govêrno Monarchico é o mais excellente e mais conforme ao bem-estar das sociedades e felicidade do homem, quando a sua constituição não estabelece podêres arbitrarios, e quando os artigos della tiverem por base só a justiça absoluta;—12.º que a Nobresa historica é o verdadeiro sustentaculo dos thronos, e que a prostituição de seus titulos importa abater a dignidade Real, e produz a anarchia nas sociedades;=ácêrca dos factos intendeu-se dizer a verdade sabida, caisse a censura sôbre quem quer que a merecesse; se ella comtudo foi injusta, em presença de melhores documentos o author se retractará.

QUANTO A INQUISIÇÃO EM ESPECIAL.

A pag. 128 se diz, que o Bispo de Coimbra Fr. Alvaro de S. Boaventura abatia a Dignidade Episcopal, sendo assiduo nas sessões da Inquisição, e subscrevendo depois do Inquisidor. Estou bem longe de pretender, que os Bispos prefiram aos Legados da Santa Sé, ainda que estes sejam apenas Tonsurados; porém, o, que eu nego é, que os Inquisidores, como muitos pretendem, fôssem Legados da Santa Sé; porque, embora se arrogassem esse titulo, sendo os actos da Inquisição oppostos ao Evangelho (fallo da Inquisição de Portugal), a Delegação Apostolica cessou desde o momento, em que praticaram o primeiro desses actos execrandos. Por um lado os Summos Pontifices não podiam ser coniventes em taes actos, porque eram oppostos á santidade da Igreja, e ao grande privilegio do Successor de S. Pedro; e por outro os factos mostram, que contra sua vontade se procedia, porque não são poucas as Letras Apostolicas, em que se reprovam. Desculpo o Bispo, porque sem dúvida o seu zêlo indiscreto o levou a tanto: e desculpo tambem os apologistas da Inquisição, porque ignoram a sua verdadeira origem; porque não lêram um só processo dos milhares, que existem; e porque desconhecem absolutamente o modo iniquo, com que esse tribunal procedia, e de que se dá uma abreviada idéa a pag. 157. A Inquisição, a meu juizo, foi um dos mais diabolicos inventos dos podêres da terra para dar cabo do Christianismo.

Se isto, que disse, merece condemnação, eu estou resignado a soffre-la.

PREFAÇÃO.

Devendo á nimia bondade do Marechal Duque de Saldanha, sempre generosa e desinteressadamente praticada comigo, obter de Sua Magestade Fidelissima a Rainha e Senhora D. Maria II, que Santa Glória haja, a nomeação de Bibliothecario-mór da Bibliothéca Nacional desta cidade, por Decreto de 21 de Maio de 1851, pensei em dar cumprimento ao encargo, que aceitára, não só porque o meu genio a isso me levava, mas porque assim correspondia ás vistas da Soberana, e daquelle, que me collocou de ha muito, e todos os dias me constitue, em rigorosa obrigação de ser-lhe grato.

Entretanto, por um lado as minhas fôrças não igualavam os meus desejos, e por outro o Regulamento, que substituiu as sábias disposições da Rainha e Senhora D. Maria I, era, e desgraçadamente ainda é, um obstaculo invencivel a todos os esforços para o melhoramento, do mesmo modo que a circumstancia do pouco, que se attende nesta terra aos estabelecimentos litterarios. Em presença de tudo isso eu deveria esmorecer; porém attendendo, que não era obrigado a impossiveis, formei o meu plano, depois de um exame detido, e intendi dar principio ao meu trabalho pela limpesa geral dos livros e dos quadros, occupando-me sôbre tudo, e em primeiro logar, pelo depósito das livrarias dos extinctos Mosteiros.

Para toda a limpesa da Bibliotheca, que contava mais de cem mil volumes, apenas eu encontrei um servente; e para os duzentos mil, que ainda continha o depósito, nem um só havia: os livros na Bibliotheca não podiam ter outra limpesa, senão a que forçosamente haviam de adquirir passando pelas mãos dos empregados para as dos leitores, porque aquelle mesmo servente era preciso para outros trabalhos; e os livros e quadros do depósito careciam de alguma, apesar do esmerado zêlo do fiel, que tinha cuidado de varrer, elle mesmo, os extensos corredores, onde se achavam em estantes, e tambem sobre o ladrilho, por estar occupada uma parte do edificio pelo Governo Civil e pelo Batalhão da Carta!

Neste estado de cousas, recorri ao Governo, pelos Ministerios do Reino e Guerra, e posteriormente pelo das Obras Públicas, pedindo, que mandasse applicar ao deposito as duas partes do pavimento delle, que se lhe haviam tirado, e fazer os reparos convenientes, segundo o plano, que eu traçára, de dividir a Bibliotheca em quatro secções, mudando duas para ali; e deixando as outras no local presente, em razão do augmento, que esta devia ter, com a extincção do deposito. O Governo condescendeu comigo, fui deferido, e as obras precisas se vão fazendo

Dado este passo, solicitei braços para a limpesa, e o Sr. Ministro do Reino me concedeu quatro serventes das Obras Públicas, que muito mais tarde se augmentaram ao número de cinco (ainda muito insuficiente), por deliberação do Corpo Legislativo. Entraram aquelles quatro no serviço da Bibliotheca em 10 de Dezembro de 1851, debaixo da direcção do fiel do deposito, começaram o seu serviço, e algum tempo depois tinham separado umas cem arrobas de papel retalhado pelo bicho (em ambos os pavimentos), e apenas applicavel a embrulhos, de que o Conselho Administrativo dispôz em beneficio do estabelecimento. Este o resultado da falta de limpesa por mais de de oito annos; e sería muito para desejar, que a perda fôsse só esta; mas quanto aos livros ainda não se póde calcular toda!

Disse, que pedíra ao Governo reparos convenientes no depósito para collocar ali duas secções em rasão do augmento, que devia ter a Bibliotheca diminuindo-se aquelle: esta rasão

fundava eu nas trocas, sôbre que pensei logo depois de lá entrar, e na urgencia dellas, desde o momento, em que vi os estragos. Algumas pessoas piedosas, que tiveram noticia do meu pensamento, não me occultaram, que eu praticava um acto pouco conforme com os meus principios; e algumas dellas chegaram a persuadir-se, que eu me constituia um ladrão sacrilego, applicando á Bibliotheca o, que estava ligado por vinculos sagrados ás Corporações Religiosas, a quem pertenceram livros e quadros existentes no depósito; mas eu respondi, e respondo a todos, que aqui se tratava de objectos sujeitos a corrupção (já se viu a dos livros, e logo se mencionará a dos quadros), e não sabendo separar os interêsses da Religião dos interêsses da sciencia, visto ser aquella a verdade, e a sciencia abrir os caminhos para a verdade, não tinha escrupulo algum do, que intentava fazer, porque não só a corrupção viria a inutilisar aquella propriedade, porém cessando as Corporações Religiosas de existir ao momento, as lettras deviam aproveitar o seu espólio exclusivamente; por isso, que, nestes termos, escrupulo teria eu de deixar perder tudo, sem proveito da Religião nem da sciencia.

Não passavam entretanto as cousas, no sentido rigoroso, em que as tomavam, porque desde a minha entrada na Bibliotheca condescendi em se entregarem aos Templos quantos quadros sacros e livros de côro duplicados se pediram, e recusei dar livros de sciencia, ou lettras, a quem os exigia, fôsse quem fôsse, porque nem um só dos estabelecimentos, para que se requeria era Ecclesiastico, e devo ao Govêrno a graça de ter-me ouvido. Fiz mais, porque apresentei ao Sr. Ministro do Reino, em 25 de Abril de 1852, um memorando, em que pedi se entregassem ao Em.^mo Cardeal Patriarcha todos os quadros sacros (excepto os que tivessem merecimento artistico), para os distribuir, como quizesse, pelas Igrejas pobres; e, além disso, dos historicos, os retratos de seus Antecessores, no que deferiu: ainda não pára aqui, porque expuz ao mesmo Sr. Ministro, em minhas informações, a conveniencia de se darem ao Venerando Prelado todos os livros do côro, de que a Bibliotheca não carecia para si; demais disso uma collecção completa de todos os livros, das sciencias Ecclesiasticas para o seu Seminario, depois de se tirarem para a Bibliotheca os, de que precisava, e uma igual collecção com o mesmo destino, ao Venerando Bispo do Algarve, depois de satisfeito aquelle Seminario; no que por igual modo fui ouvido em Portarias de 26 de Junho de 1852, e de 21 de Outubro de 1853.

Pelo Decreto de 12 de Novembro de 1841 foi o depósito encorporado na Bibliotheca, para com elle se augmentar. Parecia, que o primeiro acto era fazer a escolha do, que ella não tinha, e mutuar o resto: não se fez isso por um methodo regular, porque não havia gente bastante, nem para o serviço do Público; mas admittiu-se o principio de se não dever recusar qualquer pedido, de que resultou gravissimo damno á Bibliotheca. A mesma impossibilidade, de se proceder á escolha, encontrei eu: com tudo havendo o Govêrno restituido á Bibliotheca um antigo Empregado Bibliographico, immediatamente o Conselho Administrativo nomeou uma commissão para proceder áquelle trabalho, e tanto zêlo os membros dessa commissão tem procedido, desde 21 de Julho de 1853, em que se installou, que já se satisfizeram, em grande parte, sem o menor detrimento da Bibliotheca, as requisições dos dois Seminarios, e antes de muito tempo o poderão ser plenamente.

Logo a principio me persuadi, que depois de se satisfazer essa necessidade da Bibliotheca, e as exigencias de alguns Seminarios, só ella, e nenhum outro estabelecimento, devia utilisar, mutuando, porque tal era o espirito daquelle Decreto, que lhe encorporou o depósito: porisso logo a principio me dirigi a algumas Sociedades Litterarias do Estrangeiro para effectuar esse mutuo; mas quando se me respondia favoravelmente, um Negociante de livros Francez se dirigiu ao Sr. Ministro do Reino, para adquirir todas as obras do mesmo depósito; e, sendo eu ouvido, convim, e manifestei ao Govêrno a utilidade de se effectuar com aquelle individuo, e com quaesquer concorrentes, um contracto de trocas: o zêlo do Sr. Ministro o levou a authorisar de prompto o Conselho Administrativo para proceder a tal contracto, não só com o mencionado negociante, mas com quaesquer sociedades e pessoas, que se apresentassem, como manifestam as Portarias de 5 de Dezembro de 1851, de 29 de Janeiro de 1852, e de 27 de Junho desse anno. Depois disso tem o Conselho Administrativo procedido a mutuar com grande vantagem do estabelecimento, porque dá só do, que tem duplicado, e recebe o, que apenas, por meio de grandes sommas, podia haver.

Passando dos livros aos quadros depositados, em que já por vezes tenho fallado, direi ácêrca delles, porque principalmente interessam a esta obra, que fiz proceder á sua limpeza desde 10 de Março de 1852, uns quinze dias mais adiante os mandei collocar em logares separados, dividindo-os em sacros e historicos, e comprehendendo nestes alguns, que apparentemente não mostravam signal, que os caracterisasse para a veneração, como resplendor na ca-

beça ou as siglas B. e S. nos disticos, posto que alguns bem conhecidos fôssem; e a estes juntei os da collecção do Mosteiro de Laveiras, embora tivessem esse signal, porque nelles havia merecimento artistico. Procurei depois, que se guardassem os, que reputára sacros, para se entregarem ao Em.mo Cardeal Patriarcha; e segundo as ordens, que recebi do Sr. Ministro do Reino (no citado dia 25 de Abril de 1852) destinei os daquella collecção do Mosteiro de Laveiras com alguns outros, puramente retratos, para ficarem na Bibliotheca, cuidando em obter dos mais algum proveito, em troca por livros, como por livros duplicados eu entendêra consegui-lo.

De todos esses quadros, uns tinham ainda moldura, e outros estavam enrolados, e pela maior parte padeciam ruina, ou principio della; e de grande porção ou apenas existiam as telas (a muitos dos enrolados, quando se abriram, estalou e se desfez toda a pintura), ou não eram já mais que farrapos. Estes deteriorados, pesaram cincoenta e cinco arrobas, e se pozeram á parte para se lhe darem o destino conveniente; porém, como não se podiam distinguir os sacros dos outros, com annuencia do Sr. Ministro do Reino consultei o Em.mo Prelado para me instruir, do que devia fazer ácêrca de todos elles; e, conforme o, que fez mercê de declarar em Carta de 22 de Julho de 1852, foram sobre uma reclamação minha queimados no Campo Pequeno por ordem do Governo Civil, e com assistencia de um empregado desta Repartição, e outro da Bibliotheca, em 4 de Outubro de 1853.

Das duas porções conservadas, os sacros, que deixei á disposição do Veneravel Prelado, importaram na somma de setecentos noventa e sete, sendo delles quatrocentos noventa e sete em moldura, e os mais sem ella; e os historicos tem o seu número mencionado nestes *Estudos* ao fim da última nota de cada summario biographico. Uma porção destes não indicam o individuo retratado, mas pelos dados, que me forneceu a historia, pela confrontação de outros, ou pelo testimunho de differentes pessoas, vim a persuadir-me, que podia indicar o nome desse individuo, e o fiz. Depois destes processos cuidei em escrever uma biographias com o destino, a que já alludí, de fazer cambio de toda a porção, que não era propriamente destinada a ficar na Bibliotheca, por livros, de que ella necessitasse; e tambem de dar ao estabelecimento um certo número de exemplares para se offerecerem ás Sociedades Litterarias do Estrangeiro, por que nisso utilisa; mas depois de mais correcta e augmentada uma segunda edição, deste trabalho, quando o juiso do público se tivesse manifestado sôbre a primeira.

Não me pareceu, que devia publicar o meu escripto sem annuencia do Governo, porque era baseado sôbre propriedade sua; por isso recorri ao Sr. Ministro do Reino pedindo a só authorisação, que entendia precisar, a fim de proceder a um contracto com qualquer pessoa, que se prestasse a ser Editor, fazendo as despesas á sua custa, por me faltarem meios proprios para isso; e obrigando-me a dar á Bibliotheca sessenta exemplares por uma vez, e segundo o, que expuz no paragrapho antecedente. Havendo obtido a permissão verbal do Sr. Ministro, effectuei em 24 de Julho de 1852 esse contracto com o Sr. Francisco Antonio da Silva; mas desejando authorisação por escripto, a solicitei do Governo, em 28 desse mez, e a obtive por uma Portaria datada do dia seguinte; e, por differentes causas, rectifiquei aquelle contracto em 7 de Abril do corrente anno, deixando á Bibliotheca os sessenta volumes promettidos, não só de uma edição, mas de todas as que se possam vir a fazer, a contar da segunda.

Tracei o meu plano dividindo os *Estudos Biographicos* em quatro grandes corpos, ou partes:—no primeiro colloquei *Aquelles*, que venerâmos sôbre os Altares, e o *Summo Sacerdocio;*—no segundo o *Sacerdocio inferior*, e o restante do *Clero;*—no terceiro o *Monastico Regular e Mixto;*—e no quarto o *estado laical:* estabeleci differentes series em cada uma dessas partes. No primeiro comecei pelos *Santos*, e *Beatos* em uma só divizão, contendo duas series; e segui com os *Summos Pontifices*, *Patriarchas*, *Primazes*, *Metropolitanos*, e *Suffraganeos*, em cinco divisões, e outras tantas series. No segundo puz os *Sacerdotes*, os *Diaconos*, os *Subdiaconos*, e *Minoristas*, em quatro divisões, e quatro series. No terceiro o *Claustro* e a *Milicia Religiosa*, em duas divisões, e duas series. E no quarto os *Soberanos*, o *Estado superior da sociedade* e os *Magistrados*, em tres divisões, e seis series; pertencendo tres series á primeira divisão, duas á segunda, e uma á terceira. Em cada serie regulei o trabalho segundo a ordem chronologica; mas necessito advertir, que nas últimas quatro divisões e series do primeiro corpo, attendi á ancienidade das Igrejas, para antepôr as primeiras erectas, e por similhante methodo, depois de cada uma, regulei os catalogos dos seus Prelados, que devia mencionar. Na primeira divisão do terceiro corpo vão primeiro as *Ordens Religiosas*, pela antiguidade de sua origem, e em cada uma dellas os individuos, que lhe pertenceram, antepondo os que primeiro deixaram esta vida; na primeira, segunda e terceira series da primeira divisão do quarto corpo, ficaram com igual

preferencia as *Monarchias* e us *Monarchas* de cada uma, e depois uma *Rainha;* e na quarta e quinta series da segunda divisão, do mesmo modo os *Principes* e *Illustres*. Regulado deste modo o meu plano, entrou na Imprensa em Outubro de 1852.

Depois de conceber o plano do meu escripto loctei n'um mar de difficuldades, porque de alguns dos individuos retratados não encontrava noticia, por mais que a buscasse, e ácêrca de outros era tanta a obscuridade, que me faria desanimar, se eu não estivesse compromettido: dei-me a um trabalho improbo, incommodei amigos, e desconhecidos, e assim mesmo não me foi possivel evitar graves defeitos, de que necessito mencionar tres:—o primeiro, ter de reduzir alguns desses individuos a um catalogo supplementar, porque delles só obtive as noticias dadas pelos disticos dos proprios retratos;—o segundo, estabelecer uma época qualquer da vida de outros para a classificação chronologica, por ignorar completamente a da morte, que era aquella, que admittíra para essa classificação;—e o terceiro, sujeitar-me a deixar correr o meu trabalho com erros; guardando para a revisão das provas a emenda, porque occasiões houve, em que enviei para a Imprensa o, que escrevia, sem ao menos uma vez o lêr. Esse pouco, que eu fiz, não me seria possivel consegui-lo, se não me prodigalisassem noticias, com muita bondade, as differentes pessoas, de quem faço menção nas notas, e a quem neste logar dou os meus sinceros agradecimentos, do mesmo modo que ao Sr. José Maria de Sousa Couceiro Secretario da Camara Ecclesiastica desta cidade, por me permittir o exame de alguns processos desse importante cartorio; mas sôbre tudo ao Sr. José Manoel Severo Aureliano Basto, cuja paciencia para comigo é ha muito proverbial, porque nesta occasião se esmerou em auxiliar-me, abrindo o caminho ás minhas indagações no Archivo Nacional por todos os meios, que sugere uma sincera correspondencia ao affecto e consideração, que sempre por elle tive. Quem quer que ler de espaço e com reflexão ao menos as notas de prova, avaliará, se souber, a tortura, que padeci nas indagações.

Quanto aos factos admitti aquelles, que mereceram a minha crença; e, posto que algumas vezes apenas extractasse os escriptos de alguns authores, de que me servi (principalmente Reinaldo nos seus *Annaes*, a quem consagro muito respeito), devo declarar, que, embora, por então emittisse opiniões identicas ás suas, nesta parte não me regulo por elles, porque sigo apenas as minhas, sejam ou não conformes ás de outrem. Certos summarios, na parte biographica, quasi que deixam de o ser pela sua extensão, e muito mais os de alguns *Summos Pontifices* (os motivos, que tive para isso, estão postos nas relações com a historia da Igreja Universal, a que elles presidem); e outros foram de tal modo diminutos, que não dizem bem com aquelles, mas todas as diligencias para os fazer mais extensos não produziram, senão o que aparece.

Como eu não escrevo para lisongear alguem, e ainda menos com attenção a respeitos humanos de qualquer classe, que sejam, não modulei os traços da minha penna segundo as vontades albeias: nasci pobre, tenho vivido pobre, e não ambiciono morrer fóra d'um estado mediocre; por isso quero dizer a verdade, fira ella a quem ferir: daqui vem que nas introducções, notas, e ainda mesmo nos textos biographicos entendi combater os abusos do podêr temporal contra a Igreja de Deos, pelo mesmo modo que os erros de pessoas Ecclesiasticas, que obraram ou obram em desharmonia com o espirito do seu estado, como se não crêssem, ou por conveniencias deste mundo. Terei muito sentimento, se não tiver fallado a verdade; e por essa rasão não hesito desdizer-me, se se me provar, que menti.

INTRODUCÇÃO.

Memento, quae ante . . . fuerant, et quae supervenlura sunt . . .

Eccl. 41—5.

1. O passado devia ensinar os homens, devia fazel-os reflectidos, devia pôr deante de seus olhos documeotos, com que evitassem os precipicios, qne a todo o instante se apresentam na carreira da vida: comtudo a desgraça de hojo não lembra ámanhã; e o peior é, que o dia de hontem se recorda com despréso. Nem um só Historiador, que bom eu conheça desde a mais alta antiguidade, deixou de trazer á memoria o passado para emenda do futuro; mas os homens não se pejam de lançar-lhe em rosto com desdem, que mente, ou que a sua obra é inutil. Se o moralista descreve os horrores, com que por seus crimes fui destruida uma Nação, a fim de apresentar exemplo saudavel para a mudança de costumes, mofam delle tratando-o de fanatico. A ignorancia e a prostituição coaberam em partilha a este seculo de ferro, em que se falla do tudo sem a consciencia de se saber alguma cousa, e em que se despresa tudo quanto é bom no passado, só porque incommoda as conveniencias presentes. Pois bem: não se medite seriamente no que foi, que desastroso será o futuro; desprese-se o conselho do sabio de Israel, qoe o arrepeodimento virá, quando não haja logar para emenda, porquo assim aconteceu sempre. Embora a vaidosa presumpção desses homens, que dizem intender tudo, o se coostituem pregoeiros da verdade para levar a desgraça ao centro das familias e das cidades, eu lembrarei ao povo, que ainda não está corrupto, o que foi nas gerações passadas, para conhecer, de que modo ha de haver-se, com quem pretende derribar seus Altares, o desthronar seus Reis. Tempo honve, em que, obscurecidas as tradições, talvaz o êrro podesse ser desculpavel; mas nem sempro assim foi, porque desde a grande época da redempção do genero humano, desde que se darramaram as luzes do Evangelho, o homem pecca por maldade; e a soberba o leva a desculpar seus vicios propalando, como adquiridos de novo pela investigação, coohecimentos, que só tem novidade nos termos de enunciado. Se, depois dessa grande época existe alguma cousa nova, não e, senão o excesso de ma fé e mentira, com qne se reprodnz, como se fôsse proprio, o, que é alheio.

2. Deas são as grandes necessidades do homem: a essas devemos unicamente attender: reduzem-se a isto, venerar a Deos, se o homem se considera em relação a si; demitir grande parte dos seus direitos, e obedecer áquelles, que estão constituidos para governa-lo, se o homem se considera em relação aos homens: o homem por isso carece da Religião como individno, e da sujeição como membro do corpo social. Nesto systema o Christianismo poro, ou, para melhor dizer, o Catholicismo, é a Religião, que unicamente convem ao homem, porque é a nnica, em que se mostra o dedo de Deos, e, para o provar, oão é neressario senão fazer ver o estado do homem, quaedo *Jesus-Christo* veio ao mundo, e as consequencias de sua alta missão. A forma do govêrno mais conveniente ao homem é aquella, em que am manda como pae, e todos obedecem como filhos; porquo a grande sociedade não é outra consa, que a ampliação da, familia, e o viver desta é o mais acommodado á condição do homem social, e, para o provar, basta attender com olhos desprevenidos á época, em que o pae era Rei. A sciencia, como a rudez, tem modificado essas necessidades, o tanto uma como ontra, desdo quo lhes faltou o temor do Deos, fizeram do homem uma aberração: a prova ha de apparecer com o estado do homem á hora do Sacrificio do Calvario, e nos successos prosteriores a ello. Em uma obra, na qual as virtudes e os vicios do homem se vão manifestar, pareceu-me dizer préviamente alguma cousa sôbro esta materia; porqne, embora o motivo especial da sua publicação seja differente, eo o repito, o fim principal não é

A

outro, senão mostrar, que, sem embargo dos vicios e da ignorancia do Cloro, apezar das atrocidades do podêr temporal, o Catholicismo persevera triumphante, porque seu auctor é Deos; e por outra parte, que, apezar das decantadas bondades do republicanismo, o seu systema nem é preferivel á Monarchia, nem acommodado á condição humana. Posto que a excellencia do Culto lhe dê preferencia, neste logar não a terá; mas hei de agora dizer, como melhor convier á narração.

3. Passa de dezoito seculos e meio, que *Jesus-Christo* appareceu sôbre a terra; e quasi igual periodo decorreu já, desde que foi consumado o Sacrificio do Calvario, e elle subiu ao Céo, porque, aos trinta e tres annos e quasi cinco mezes de idade, passou para a direita do Eterno Pae, em 14 de Maio do anno mil oitocentos vinte e cinco antes desto, que vae correndo (1854). Em que miseria vivia o homem nessa época? Eis-ahi sôbre que vou expôr, fazendo primeiro umas prevenções ácêrca do estado politico, religioso e intellectual do homem. *Nunca o homem nasceu fóra da sociedade; a sociedade é o seu destino; portanto, foram-lhe conferidas simultaneamente todas as condições da existencia social* » disse Roselly de Lorgues contra a ignorancia affectada do philosophismo; e disse muito bem, porque o philosophismo não acha um só argumento solido em opposição a esta doutrina: conforme ella, direi eu, que os homens existiram sempre ligados a certas leis politicas e civis, e a uma certa forma de govêrno; porque é isso o, que a historia prova até ao limite de seus vastos dominios. O Prelado Frayssinous mostrou contra os impios antigos e modernos, que nunca houve povo sem culto religioso, e que todo o crime dos idolatras era prostituir as honras Divinas ao, que não era Deos: e na verdade desde o Israelita, que adorava o Senhor com excessiva pompa de cerimonias, até o Galego, a quem Strabão não conheceu forma apparente de venerar a Deos; desde o Chaldeo empregado na contemplação dos astros, desde o Egypcio envolvido n'um labyrintho de mysterios, desde o Brahmene offerecendo por milhares de Sacerdotes incenso e estatuas collossaes, desde o Buddista embaraçado com a mais subtil methaphisica, até ao Africano curvado deante do reptil; até ao Americano sacrificando ao Grande Espirito o primeiro boccado de alimento, em cada dia, até ao Novo-Zelandes, que suppõe a existencia d'um deos antropofago e causador dos males phisicos, até ao Walliano, que blasphema dos seus deoses protectores, todos os povos da terra tiveram sempre culto religioso. Se universal é pois a existencia da lei, de govêrno, e de culto, não se dá o mesmo com a existencia da perfeição dos conhecimentos; porque em quanto umas Nações apparecem illustradas, muitas outras vivem submergidas na mais grosseira ignorancia: a par da Phenicia e do Egypto se deixa ver a Grecia barbara; posteriormente em face da Grecia e de Roma estava Germania selvagem; depois ao lado da Germania e da França se devisa a Phenicia, o Egypto, e a Grecia bem fracas testimunhas de sua antiga sabedoria, a Africa central, uma parte da Asia, outra da America, e a maior porção da Oceania involvidas em charco immundo, quasi na ausencia dos conhecimentos humanos. Posto isto, examinarei a situação dos povos da terra nos dias, que precederam o Sacrificio do Calvario, relativamente a esses pontos capitaes, *leis, forma de governos, culto, rudez, e desenvolvimento do espirito humano.*

4. O Professor Wallon, que ha pouco enriqueceu a historia com um trabalho primoroso, fallando do oriente, berço indisputavel do genero humano e da civilisação do mundo, disse: « *A organisação social resume-se em duas palavras*....dispotismo, escravidão—*dispotismo do pae, submissão da mulher e do filho; dispotismo do senhor, dependencia absoluta do escravo. A escravidão*, disse elle tambem, *era ja um facto antigo na hora, em que os homens formando sociedades mais consideraveis regularam as condições pelas leis: os Legisladores da Babylonia, Persia, Egypto, India e China* o *tem reconhecido.* » Desde o oriente se derramaram o dispotismo e a escravidão por todo o occidente e por todo o resto do mundo; e nós os vemos sanccionados nos antigos codigos da Europa, não custa a encontra-los nos certões da Africa, e de sua existencia vivos testimunhos apresenta o selvagem da America e o Ilheo da Oceania. Por esta mesma circumstancia, que expressa a degradação da humanidade, se revela a sua origem commum. Entre os povos do Iran, o filho era legalmente assassinado por seu proprio pae, porque sôbre elle tinha o direito de vida ou de morte; na Macedonia as mulheres prisioneiras ficavam ligadas ao concubinato, pois incurria em pena de deshonra aquelle, que com ellas casasse; os Gaulas sacrificavam os escravos a seus deoses, e formavam agouros espreitando o modo, por que corria o sangue do infeliz, sôbre quem haviam dado o golpe; os Ottões e outros povos da America apoiam ainda hoje a sua indolencia e a servidão das mulheres n'um conselho, que tivera o Grande Espirito com seus maiores, ordenando, que o homem andaria á caça dos animaes, e a cultura da terra e os affazeres domesticos pertenceriam as mulheres, e o mesmo se encontra nas antigas tradições da nossa peninsula; os Tongas da Oceania, em adoecendo um chefe principal, cortam os dedos a varias pessoas, e algumas vezes para applacar a divindade malfazeja immolam, como os Gaulas, victimas humanas, e á feição dos Medos, que lançavam os corpos de seus amigos e parentes em agonia mortal aos cães, elles devoram os seus enfermos vivos: os Romanos, finalmente, a quem se não pode negar o mais alto grao de illustração, devirtiam-se com o horroroso espectaculo dos gladiadores, e sua alegria era em excesso, quando a arêa do theatro corria envolvida em sangue até a bôcca de Saturno! Tudo isto prova altamente o miseravel estado de degradação, a que chegou o genero humano, havendo a lei da fôrça supplantado completamente a lei da razão; porem ainda aqui não está tudo, outros infortunios existiam a hora do Sacrificio do Calvario: sem êrro se póde dizer, que a terra estava então dividida em grandes e pequenas monarchias; os Romanos, os Parthos, e os Chinas dominavam as Nações a par de senhores e chefes, que mais ou menos, quanto a extensão de dominios, devendo caber-lhes o titulo reis, de direito lhes pertencia o de tyrannos, porque a sua vontade era a lei, e fora delles tudo eram escravos: segundo o costume derivado da Babylonia e do pais do Elam os Imperadores Romanos receberam incenso como divindades, e levantaram-se-lhes templos e altares: Augusto, auctor do famoso edicto, que deu occasião a gloria de Bethlem pelo berço do Salvador, nem esse rejeitou a prostituição de honras impropriamente dadas ao homem: os principes Parthos herdando todo o orgulho dos Babylonios e dos Persas seus antecessores se chamavam reis dos reis, grandes monarchas, irmãos do sol e da lua, e se faziam adorar, embora certa dependencia, em que se achavam de Augusto: o Imperador da China ainda hoje se considera filho do céo, e so a elle e aos proprios antepassados sacrifica; olha todas as divindades como inferio-

res a elle, julga-se com podêr de as crear novas, e ás vezes o faz por decreto: o Dairo do Japão suppõe-se descendento e herdeiro dos deoses e seu igual, ao mesmo tempo pontifico o rei cercado d'uma numerosa jerarchia sacerdotal desdo tempos muito anteriores, posto que sua historia nõo exceda o anno 660 da nossa era; mas a prostituição inculca tradições mais remotas quanto aos paizes conquistados pela navegação em seculos baixos: na America a voz do chefe d'uma hordo foi sempre a lei da sociodado; o quanto a Oceania encontraram-se em Sandwik e nas Marqnezas reis, a quem não era licito desobedecer qualquer que fosse a extensão de sua vontade; em Wallis eram temidos ainda depois da morte; o na Ilha Fortuoa o soberano como tabernaculo do Deos lhe faz libações nos banquetes publicos, transmittindo-lhe o licor por sua propria garganta. Estes abusos de authoridade o considerações om toda a parte deviam dar os mais funestos resultados; e na verdado, a não terem os principes a bôa indole e magnanimidade do Augusto, o retrato de todos se pode confrontar com o de Tiberio, quo lhe succedeu, e governava quando *Jesus-Christo* foi crucificado, e com o de Caligula, ambos desenhados por Suetonio; sem esquecer o de Nero, de quem escreveu Tacito, que resgara as entranhas de sua mãe, arremeçára os Christãos ás féras, o incendiára seus corpos para darem luz de noite!

5. Tudo quanto se passava no orbe, embora os sonhos dos poetas e as mentiras dos aduladores, era affrontoso á humanidade; o não podia deixar de trazer o odio á vida, o ainda a idea de imputar ao Céo delitos só proprios dos homens. O Barão de Mosheim considerou todos os povos do antigo mundo, na grande época da salvação, ignorando completamente as doçuras da liberdade e atormentados pelo jugo mais oppressivo: assim mesmo fez excepção das terras glaciaes; mas a verdade é, que nem os homens do norte, nem alguns do mundo novo viviam satisfeitos; o a maior parte estavam longe de ambicionar a vida como um bem, porque a reputavam uma calamidade. Nós sabemos tão pouco a historia privada das antigas Nações civilisadas, como ignorâmos a dos pobres em Inglaterra: sabe-se delles apenas, que a mais brutal iodolencia o a immoralidade mais altamente torpe são o desgraçado lenitivo da sua espantosa penuria: se nos faltam pois testimunhas visiveis da desesperação do homem entre estas Nações, acharemos nas barbaras alguma cousa, quo nos esclareça. Penso eu, que o exame podo encontrar na profundidade dos mysterios das religiões pagãs, alem do estado corrupto dos homens, que se apresenta visivel, o seu estado de desesperação, que se occulta debaixo de espesso veo, entretanto que dessa desesperação não nos restam as mais claras tradições entre os povos cultos da terra. Para que a divinisavam os Romanos com a fome, a sêde e a pobresa? Que significam na theogonia dos Babylonios, Assyrios, o Persas esses espiritos malfazejos tão poderosos, que destroem a obra dos deoses amigos do homem, senão se obtem pelo sacrificio a sua benevolencia? Ao mesmo tempo que entre estas Nações sábias umo similhante doutrina era santa, na Ilha de Ceylão ás estatuas dos genios se offereciam iguarias ao som do tambor, quo acompanhavam danças desde a manhã até á noite; entre alguns selvagens da America ao lado do Grande Espirito esta o genio malfazejo, que em despeito da sua Omnipotencia opprime e atormenta os proprios innocentes, por isso maldizem aquelle nas desgraças causadas por esto; nas terras austraes se ameaçam as divindades protectoras de lhes arrancarem o govêrno, senão tratam de affastar a morte; om outras partes se da, como a divindades, culto aos mortos no tumulo, em sua honra cobrem este de flores, e dançam nos cemiterios. Tudo isto não importa mais, quo a preferencia da morte comparada a uma vida cheia do tormentos e do miseria; entretanto ainda temos mais quo ver: nas florestas da Birmania não se festeja o nascimento, mas sim a morte; o Peguano julga uma obra bôa assassinar-se; ao norte da Ilha de Sumatra o velho decrepito convida seus filhos o parentes para o despedaçarem o comerem: eis-aqui restos de antigos costumes d'um estado plenamente corrupto, e do que algum exemplo achâmos em povos do norte, que não só sacrificavam os prisioneiros, os escravos, o os criminosos, mas os velhos enfermos o decrepitos. Auxiliados pelo estado selvagem das Nações da America se esforçam os modernos impios em dar-lhes origem nesta região para acharem lá o homem primitivo; mas um philosopho, a quem eu consagro as maiores attenções, responde, que «*esse homem chamado primitivo é o ultimo dos homens; não o homem, que começo, mas o homem que acaba;* o *homem, que ha tres seculos nos observa sem ter querido receber de nos senão a polvora para matar seus similhantes, e as bebidas espirituosas para se matar a si; é ladrão, cruel e dissoluto, mas por um modo diverso de nós, seguindo suas inclinações, em quanto nós violentâmos as nossas; e que tem sêde do crime, mas não conhece os remorsos.*» Se me é licito accrescentar alguma cousa, direi, que não faço distincção entre o homem social corrupto e o selvagem da Amorica, senão quanto á impunidade, quo aquelle não tem razão do esperar, e esto tem meio de conseguir: nem um nem outro conhece o remorso, porque ao homem social dissipou-lh'o a prostituição, e ao selvagem tirou-lh'o a desesperação: esta a unica differença. O estado de degradação da humanidado vem de longe; porque, om idade remota, para se desculparem os vicios, se lhe erigiam altares, ao mesmo tempo que nas escólas era questão, so a virtude se differençava delles: a corrupção andou seu caminho nas sociedades perfeitas, do mesmo modo quo nas isoladas a humanidade se foi prostituindo com a liberdado absoluta, mostrando em toda a parte a macula da sua origem. Para contestar estes principios não basta a voluntaria pretenção de excluir um pae commum a todos os homens, é necessario mostrar, que não ha as mesmas inclinações, que falta uniformidado de tradição o de lingua, e que os Americanos não conservam os mesmos costumes das Nações do antigo mundo, do que sairam primitivamente. Ainda veremos, quo o argumento dos impios cáe ao terra por muitas razões, embora para isto bastasse a universalidado do culto, sôbre que agora se offerece occasião de fallar.

6. O interêsse o a ignorancia tem desacreditado homens, que não mereciam o labeo de atheos, ou que se apresentaram, como se o fôssem escandalisados pelas grosserias dos sacerdotes e superstição dos povos: no meu intender e tão difficil a prova daquelle horrendo crime, como é facil mostrar, que o interêsse e a ignorancia sustentados com pertinacia por uns originaram o atheismo e o deismo de outros. Bem longe de fallar agora dos espiritos fortes de seculos baixos, retiro-me aos philosophos da mais alta antiguidade, que noutros tempos, e ainda nos nossos, sem exame, sem conhecimento de causa, ou por ma fe, vão correndo á posteridade, marcados com o ferrete da ignominia. Houve, não ha dúvida, quem o

merecesse, mas nem todos: entretanto os factos de hoje nos mostram [1] o, que presenciou a Grecia com os philosophos inimigos declarados da prostituição dos sacerdotes, e deixam ver claramente, porque o Christianismo soffreu tão crueis perseguições dos adoradores d'um culto todo carnal, e de seus ministros depositarios de grandissima authoridade e riquesas espantosas, que deviam largar, se esse culto fôsse abolido. Conformo-me inteiramente com a opinião de Deslandes em quanto sentiu, que « *a superstição furiosa em seus principios e sanguinaria nos seus effeitos, turba a paz dos estados, onde se derrama, estabelece em toda a parte* o *tumulto e a confusão, e accende* o *facho da discordia;* » mas de nenhum modo sou do seu parecer, em affirmando, quo « o *atheismo, pelo contrário, retirado em si mesmo não causa algum destes males, vive tranquillo, e deixa viver os outros do mesmo modo:* » o, que elle penson da superstição, prova-o a historia de todos os tempos e de todas as idades; porém se antigamente o atheismo viveu na solidão, nos ultimos tempos quiz avassallar o mundo, e trouxe desordens maiores, que a superstição: demais disso eu vejo na solidão do atheismo uma causa difficil, é verdade, de remover, porque está nos interêsses de quem mal governa; por isso as minhas considerações, ácêrca da naturesa do atheismo, me levam a dissentir muito desse pensamento do auctor da *Historia Critica da Philosophia.* « *O temor fez os primeiros Deoses:* » este escandalo proferido na Grecia sábia veio fazendo echo por todos os seculos até aos nossos dias, em que não ha vergonha de o repetir; mas não ha abi mais, que a desesperação e um desforço vingativo: os primeiros vestigios do atheismo remontam até á idade, em quo os Gregos organisaram a seu modo o systema atomistico abusando da doutrina das monades estabelecida pelo Phenicio Mosco, segundo provon contra Brukero o Abbade Masdeu apoiando-se em Possidonio, Strabão, Sexto *empirico*, e Jamblico: das mãos de Leucipo passou esse systema, ainda mal formado, ás de Democrito, que estabelecen a eternidade e necessidade do movimento dos atmos, e deu a cada um alguma cousa de espiritual e divino, em quanto Epicuro admittindo o vacuo deixou os atmos ao acaso. Cicero escreveu, que Democrito merecêra mais que outro a nota de atheo; porém eu desejo, que se faça reflexão no odio, que elle tinha á prosperidade dos homens perversos e corruptos, porque essa, produzindo o arbitrio de tirar a vista de seus olhos, lhe arraneou tambem a luz da alma, do mesmo modo que uma sentença injusta obrigou um sabio a condemnar de injustos os deoses, porque não despediram raios de sua vingança sôbre os juizes. Epicurn, que alem de não reconhecer o dedo de Deos em parte alguma do universo, negava a existencia de deoses susceptiveis de raiva e de vingança, que se podessem compadecer das lagrimas dos homens e ouvir suas preces, ou escandalisar-se com suas desordens, não se pejava do assistir com uma devoção exemplar nos templos a todas as cerimonias do culto Grego, e as julgava precisas para entreter a paz e harmonia entre os homens. Esta mistura de atheismo e superstição, que era, e desgraçadamente é, tão agradavel a Sacerdotes sem crença e interessados na conservação de abusos, quo o paganismo consentia, e o Christianismo reprova, como ao povo ignorante, que não conhoce a hypocrisia dos máos Ecclesiasticos e dos politicos, em toda a sua perversidade, teve, como desgraçadamente tem hoje sequazes. Deixando essas aberrações do espirito homano, ouçamos até onde outros a levaram: aberrações, que um dos mais graves historiadores se pejava de referir: fallo de Herodoto, que conheceu a origem da religião da Grecia, estudou nas suas fontes o culto Phenicio e os mysterios do Egypto, e deixou em suas obras recordação do nojo, que lhe causaram, mas cautelosamente, dizendo: « *Com pouco gôsto publicarei os discursos ouvidos no Egypto, ácêrca das cousas sagradas .... não permitta Deos, que eu falle dos sacrificios da Ceres ... senão em quanto, e como é licito fallar.* » Não admira, pois, que os philosophos Calimaco e Erathostenes desacreditassem as mentiras, que encontraram na theogonia dos Gregos, e que Diodoro de Sicilia referiu em snas obras; porque não só desses povos, mas dos outros, ha para dizer o, que nem é crivel presumir.

7. Toda e qualquer accusação, que se faça, de atheismo a algum povo da terra é absolutamente injusta, e não o é menos a outra de lhe imputar, que não tem idéa d'um Deos unico, Omnipotente, Creador, Justo, e Misericordioso, como da immortalidade da alma bumana; mas incursos estão muitos povos da terra no gravissimo crime de confundir o ente absoluto e unicamente perfeito com certos imaginados seres invisiveis, ou seres corruptos, impuros, e ainda inanimados; de prostituir snas preces e oblações; de derramar sangue humano sôbre os altares; e de provocar suas divindades por agouros. Os espiritos ou genios foram e são deoses na India e Assyria, nas regiões austraes e na America: os homens, embora os mais perversos, foram collocados entre os deoses, durante a vida, pelos Babylonios e Romanos, do mesmo modo que o são ainda boje no Tibet, no Japão, e no archipelago de Tonga, onde os grandes chefes e os velhos encerram invisivelmente os espiritos, objecto de seu culto: homens bons ou máos, depois da morte, mereceram adoração a quasi todos os povos da antiguidade, distinguindo-se superiormente neste grosseiro êrro os Gregos e Romanos; e agora mesmo na China, Oceania e Africa existem delle vivos testimunhos; e o peior é, que ao norte da Europa! O Egypto devinisou desde o boi até aos animaes selvagens e inimigos do homem; e ainda agora a Negricia adora os brntos malfazejos, e a Oceania central as aves e os peixes: o sol era tão venerado dos Persas como hoje dos Texas; e o sol, a lua e os astros o são agora dos Polynesios, como já o foram pelos Gallas e Arabes: o fogo teve adoração desde o Chaldea e Phenicia, na Scytia, por grande parte da Asia, na Europa, na America, e na Africa: a Oceania oriental adora os principaes phenomenos da naturesa, e as arvores: entre os Texas se curva o joelho a quanto obra fortemente nos sentidos; e o Perú tem por deoses as arvores e as flores, as cavernas e os rios, do mesmo modo que a Persia divinisava a agua, e hoje os Madacassos a do Oceano: a Phenicia adorava as columnas e depois as estatuas, que foram recebidas por todos os povos como depósito desta ou daquella divindade; e bem poucos hoje mesmo são os idolatras, que lhes não tributam bonras divinas; entre estes citarei os da

[1] O meu dizer é com respeito a Ecclesiasticos avaros, licenciosos, escandolosos, traiçoeiros, malvados, sem fé, escravos dos podêres da terra, e absolutamente indignos do Sagrado Ministerio, que por desgraça ha no mundo Catholico.

Ilha Uvea da Oceania occidental. As virtudes moraes, as civicas, e militares, os proprios vicios mais escandalosos obtiveram adoração dos Gregos e Romanos: muitas nações, como elles, estabeleceram deoses da patria e deoses dos mortos. Seguia-se, por necessidade, altar, ou altar e templo, prece e sacrificio, ou só este e aquella, a tudo, que se divinisava, porque disso depende o culto exterior: esse culto foi feito e é, por grande número de ministros com a mais alta pompa, e ás vezes o mais deshonestamente possivel, porque não eram mais obscenas as baccanaes, que as cerimonias religiosas do Mexico: entretanto fazia-se sem ministros especiaes e com a maior simplicidade, e assim tem logar ainda hoje, em alguns povos das florestas da Birmania, que, por occasião da lua cheia e da lua nova, entram nos seus templos, onde não ha idolos, nem representação alguma de figura humana, e deante d'um altar coberto de toalha branca e ornado de vélas accesas, presidindo um velho de cada sexo, oram e offerecem arroz e agua; ou como no districto de Perth na Australia, em que dançam ao clarão da lua, em honra de Deos, que pensam ter por morada o sol: ha aqui uma recordação do culto primitivo, como se deu entre nossos antigos Asturianos, Cantabros e Celiberos, que adoravam desse modo o Senhor na lua cheia, dançando toda a noite fóra de suas casas? Na India d'aquem e d'além do Ganges o homem se offerece mesmo em holocáusto aos deoses de sua eleição, mas involuntariamente drobrava o collo ao sacrificador na Scythia, na Suecia, na Dinamarca, na Germania, na Gaula, na Phenicia, no Egypto, em Carthago, na Grecia, em Roma, no Japão, no Mississipi, no Canadá, no Perú, no Mexico, em algumas Ilhas da Polinezia, e entre os Pamlonps da America do norte, que depois de pintarem o corpo da vitima metade de vermelho e metade de preto, a matam á seta, devoram-lhe o coração, e do corpo fazem um picado para esfregar e humedecer o maiz, as batatas, as favas, e outras sementes, porque é isso agradavel ao Grande Espirito, que em razão de tal sacrificio fertelisará a terra, e lhe dará boa colheita e abundancia de caça. Dos oraculos, onde se consultavam os deoses, e se davam respostas em nome delles, houve a pythonissa e a sybilla de Delfos, as sybillas de Erythrea, a gruta da ilha de Claros, o templo do bom genio e as cavernas da Beocia, o amfiaráo de Orope, o jupiter da cidade de Olympo e de Dodona; na Syria o simulacro de Apollo em Hierapolis; na Armenia o Nabarcé da cidade de Anariaca, onde se interpretava a vontade dos deoses em sonhos; na Palestina o simulacro de Hercules Apomyos dos Phelisteos, e na Gaula o do Sena; e ainda hoje existem nas Ilhas Marquezas, entre os Hotteutotes e Madecasses, entre os Ostiakos da Tartaria, na Mandchouria, na India, na China, por uma especie de encantamentos usados, embora com fórmas diversas, pelos antigos Assyrios, Babylonios, Phenicios, Scythias, Germanios, Arabes e Romanos. Nas entranhas das victimas pretendiam adivinhar o futuro todos os povos antigos, que faziam sacrificios cruentos, e outros pelo vôo das aves, ou pelo movimento dos astros. De tudo isto temos testimunhas, em Homero, Hesiodo, Xenefonte, Herodoto, Polybio, Cesar, Diodoro, Livio, Strabão, Ovidio, Valerio Maximo, José Hebreo, Justino, Plinio, Tacito Plutarco, Pausanias, Macrobio, como, dos tempos modernos, o provaram Gebelin, o author do *Paralello das Religiões*, Malte-Brum, Rossely de Lorgues, e os Missionarios da Propagação da Fé.

8. Todas essas aberrações não foram modificadas, ao menos, pela cultura do espirito e pela civilisação, antes parece, que o principio supersticioso e o dispotismo cresceram com uma e outra. Os Romanos, depois de receberem toda a illustração da Grecia, tornaram-se mais insupportaveis; a Grecia, depois que da Phenicia e do Egypto lhe levaram as primeiras luzes, appareceu mais soberba; e, quanto mais ia adiantando na sciencia, tanto mais ridiculamente augmentava sua theogonia escandalosa; o Egypto depois de ser ensinado pelos Phenicios levou a adoração aos entes mais abjectos, e seus Reis não viram limites á authoridade; a Phenicia, que illustrou uma grande parte da terra, desde que Taut despresou todas as tradições primittivas, dobrou o joelho deante das riquesas, escravisou muitos povos, e seu culto não foi menos despresivel, que o mais despresivel; a Chaldea, donde se derramaram para todo o orbe os conhecimentos humanos, viu em seu seio gerar-se o mais feroz e arbitrario mando, e prostituir-se imfamemente as honras, de que só Deus é credor; de igual modo aconteceu á Persia, Media, Parthia, China e India, depois que adquiriram esse grão de illustração, a que foram elevadas; o proprio Mexico, onde passaram as sciencias da India, não aproveitou mais que na pompa dos nomes; alguns outros povos da America, em que entrou a cultura Phenicia, e de certas ilhas da Oceania, onde se tem descoberto monumentos d'uma civilisação adeantada, cairam pelo andar dos seculos na mais barbara estupidez. Até aqui chegam todos quantos historiadores, geographos, e viajantes, que se conhecem; por isso não ha para que insistir nos beneficios da cultura do espirito e da civilisação isoladas de algum outro principio, que se deve buscar: a razão dos factos é, que esses adeantamentos pouco ou nada fazem em beneficio da humanidade, antes a tornam mais desgraçada, e mais tarde, ou mais cedo, passam como se não tivessem existido. Não deixarei em silencio um principio recebido nas sociedades mais illustradas de todo o tempo; e é, que sempre houve mysterios para o povo; nunca se permittiu a instrucção possivel ás classes laboriosas, sempre houve necessidade e meios de lhes occultar alguma cousa: pela minha parte eu não vejo motivo d'isto, senão no interêsse da conservação de certos principios, que, sabidos pelo povo, não subsistiriam mais. Uma era a religião do povo, e outra a dos sabios ou senhores: o povo adorava o, que via, mas não assim os outros: a verdade e a razão não incommodam com terrores; por isso, se nesses mysterios não houvesse um invento rediculo e falsidade, não seriam elles só para o povo; e então, de serem assim, resulta, merecerem esses sabios a nota de oppressores, porque deste modo pretendiam adquirir o respeito, como a de impios consentindo, que se désse culto a tudo, que não era Deos. Estou bem longe de ser ingrato aos beneficios, que devemos aos esforços do espirito humano, porém quero, que se reconheça, que todos juntos por si só não são capazes de fazer a felicidade do homem: Os Chaldeos ensinaram-nos a Astronomia; os Phenicios a ascriptura, a navegação, e commercio; os Egypcios a geometria; os Gregos a philosophia e as bôas leis; e os Romanos a perfeição nas artes: tudo isto é verdade; mas tambem o é, que em compensação aprendemos de todas estas gentes tantos delirios, que transtornam o socêgo individual e a paz das Nações. Abstrahindo-me de dizer outra vez da miseria, a que o homem chegou em relação aos laços da sociedade e ácêrca do culto, recordarei apenas as desgraças causadas por essa seita de homens orgulhosos e atrevidos chamados sophistas, que, fallando de tudo sem

intender cousa alguma atraiam, pela adulação, os soffragios do povo, e o faziam vilmente servir as suas ambições com prejuizo da sociedade; e pela outra dos pyrrhonicos (que apesar da defesa de Sexto empirico não tem defesa) estabelecendo uma differença imaginaria entre a virtude e o vicio, o bem o o mal, a justiça e a injustiça, suppondo tudo chimeras, o professando a mais alta indifferença a respeito de todas as cousas. Essas maldades, que eu tenho referido, chegaram ao ponto do se dizer assim publica o impunemente na Grecia e Roma: *« que não havia Deos, que a ruina do corpo se entranhou na alma, e que o homem devia procurar sua felicidade nos prazeres sensuaes e nos deleites! »* Os philosophos reconheciam, que tudo estava depravado, que a verdade se misturava com a mentira, o que elles não podiam conduzir-se por suas proprias luzes; o mal era delles sabido, porém não queriam remedia-lo. Platão dizia: *« que era necessaria uma revelação Divina para fallar seguramente da Divindade. »* Aristoteles deixou escripto: *« que faltava ao homem uma sciencia superior, de que deviam depender os principios de todas as outras; »* o proprio Voltaire o confessou, dizendo: *« A queda do homem degenerado é o fundamento da theologia de todas as nações antigas. »* Aqui temos os factos da depravação universal progredindo sem estorvos, e o reconhecimento desses desastres polos sabios, que os consideravam sem remedio, humanamente fallando.

9. Tão infeliz estado não pareco natural ao homem; o do duas uma, ou o não e, ou o homem só o conheceu, quando julgou, que sea primeiro devor era conservar as commodidades da vida e os bens da fortuna, e quo na ausencia destes e daquellas nada mais lhe restava senão a morte. A historia o a chronologia podem dar algum auxilio nesta questão espinhosa: ha um facto innegavel, e é, que a corrupção não foi sempre a mesma; porem crescea gradualmente, tornando-se maior quanto mais o homem se aproximava a uma certa época, quanto mais augmentava na sciencia e nos meios de se tornar melhor: alem deste facto encontramos outro igualmente incontestavel, que consiste no progresso da corrupção a par da diminuição da esperança; o em que, quando a corrupção se aproximava do seu augo, desapparecia a esperança Desde a mais remota antiguidade o homem soube, quo havia nelle o germen da corrupção, porém esperou, e a esperança lhe dava allivio: o sacrificio, que fez sempre uma parte integranto do culto de todos os povos, mostra não só o conhecimento, que o homom tinha d'um gravissimo mal acontecido á sua naturesa [1], mas a esperança, que o alimentava promettendo-lhe restabelecer-se por meio da expiação: se assim não fôsse, o culto não precisava do sacrificio, nem ainda da prece, bastava-lhe o louvor e a adoração para reconhecer os beneficios recebidos da Omnipotencia desdo o berço por toda a oternidade: essas quatro partes componentes, e absolutamente distintas do culto, revelam não só a sua origem, mas a causa da sua oxistencia: nem uma só dellas falta em algum culto por mais simples, que elle seja, por mais escondida, que alguma dellas nos pareça. Um homem poderá ser louco a ponto de se tornar impio; mas desse facto, por mais que o pretendam os impios de nossos dias, não póde ser accusada a totalidade dos homens, desde quando a historia governa até ao presente dia, desde a origem das sociedades ate ao nosso seculo, ainda ou accrescentarei: e quando teve logar a associação? em nos mesmos acharemos a resposta: *« desde que houve mais de um homem »*; porque a necessidade de communicação é tão vehemente, que se lhe não pode resistir: era possivel, quo os povos errassem no modo de louvar a Deos, de o adorar, de lhe fazer rogativas, e offorecer expiação no sacrificio, e assim aconteceu; mas no facto do culto em si não concebo a possibilidade de êrro. O culto encontrado em todos os povos, composto sempre daquellas quatro partes, que tão variadas como elles, mostra claramente, não só a origem commum do genero humano, porém a do proprio culto, qu · em todas as nações tevo a mesma razão de oxistir: se não temos aqui prova bastante d'uma calamidado, de que o homem foi victima om tempos primitivos, eu ompraso a todos os sabedores, quo pensam de modo differento, para alcançarom de todos os povos a falta absoluta de culto por um só anno; o se elles conseguirem, que o anno se acabe sem os homens restabelecerem o culto, eu protestarei solemnemente, que a natoresa humana é corrupta desde a origem, e que na morto está o fim de todas as desgraças, porque ella é absolutamente o termo do homem. que mais querem depois do aceitar o materialismo? pouco lhes custa o ensaio, porque o não fazem? incommoda-os o passado, e a desconfiança nos principios, porque combatem, esquecendo mesmo a razão fundamental da origem, que dovia transtornar todo osso plano. Ha duas cousas admiraveis nu sacrificio « a perpetuidade delle, apesar da falta absoluta de esperança nos tempos proximos a grande epoca, do que me occupo, e a qualidado do cruento em quasi todo o orbe, senão em todo; » universal era o sacrificio, mas a sua insufficiencia era visivel; assim mesmo perseverava para lembrar aos homens, que pelo sacrificio seriam remidos: era cruonto para exprimir a naturesa daquello, porque se havia de trazer a salvação: persevera hojo para recordar, que já passoa; e abolir esta tradição é superior ao braço humano. Vejamos a corrupção no ostado social.

10. É consequente a differença entro o estado primitivo e o immediato do homem. Antes era elle relativamente perfeito em todas as suas faculdados, na intelligencia, o na justiça; e assim, a não ser essa desgraça, que tudo transtornou, o homem devia viver na sociedade augmentando no caminho da perfeição ate o momento do passar ao seio de Deos: depois da soa queda o homem appareceu no meio dos outros com gravissimas necessidades: tem direitos e devores; porém a verdade é, que aquelles são menos extensos, que estes: para estabelecer o equilibrio da paz e da justiça ha do sacrificar uma parte dos primeiros em beneficio commum; não pode conservar inteira a sua liberdade, se ha de obedecer; ou será absoluto o abandono dos seus commodos, se ha de governar: eis-ahi os seus deveres mais rigorosos. É incontestavel, que os primeiros subditos foram os filhos e descendentes, e que os primeiros senhores foram os pais: as relações entre uns e outros eram do amor, nada custava aos subditos a mais cega obediencia, nem aos senhores o sacrificio da propria vida em beneficio da communidade, porque todos os membros della lhes eram tão caros como a propria alma. O engrandecimento das pequenas sociedades, o a morte do pae commum tronxo a necessidade da Monarchia, ficando o irmão depois o tio, o successivamente o sobrinho, pelo consenso universal da familia, em logar do pai o do avô; porém quanto mais se adeanta-

[1] Ella mesma, a naturesa humana, se recente da desgraça, a que a levou a desobediencia ás ordens de Deos, porque *o homem, receoso pela sua sorte futura, é o unico ser, que chora ao entrar no mundo, quando nasce*

vam as gerações, e mais distante ficava o parentesco, maior era n'uns a repugnancia á obediencia, como n'outros a má vontade de viver menos para si e para a propria familia, que para a sociedade: disso devia necessariamente vir a falta de cumprimento de deveres mutuos, logo a anarchia; mas não foi essa a consequencia, por que subsistiram intactos os direitos de todos, e desde as épocas mais remotas temos vestigios de pequenas Monarchias entre os Scytas, Phrygios, Lydios, Cananeos, Gregos, e quasi todos os povos da terra. Se os Reis fôssem o que pretendeu o Abbade Raynal « *bestas ferozes, que devoram as nações* » elles não teriam durado muito, extincto o govêrno patriarchal, e feito o primeiro ensaio; mas a origem e naturesa da Monarchia estão tão longe de elevar á qualidade de principio o dictame desse homem, que o fazem merecer a nota de absurdo. A ambição de engrandecimento trouxe o desejo de estender os dominios; e d'aqui a origem dos grandes imperios e das republicas. Se o conquistador, obtido seu fim, procedia benignamente com os novos subditos, ou se tinha fôrças para continuar a subjuga-los, quando era máo, perpetuava na sua descendencia o podêr, que lhe deram as armas; se ao contrário era preverso e não podia sustentar subjugados os infelizes, que uma vez avassallou, a Monarchia era substituida pela republica; por isso má é a origem das grandes Monarchias, e peior ainda a das republicas, porque estas vieram sempre do dispotismo dos Reis, ou de seus ministros; e, se judiciosamente se considera, a republica é o abysmo termo de outro abysmo. Não amo as grandes Monarchias nem as republicas de qualquer extenção; aquellas forçam os principes a confiarem muito de homens, que podem não ser bons, nem justos, e estas abrem as portas dos mais altos cargos áquelles, que nem ao menos mereciam viver na sociedade; por isso as consequencias são mais tarde, ou mais cedo, as, que testimunhou Roma nos dias de Tiberio, Caligala, Nero e Domiciano. Se os Reis podem ter conselheiros, que lhes digam como a Alexandre se dizia: « *Trata como bestas os povos conquistados* » nas republicas, em logar de um, são trinta os tyrannos: o govêrno Monarchico póde ser corrupto, como a historia mostra de tempos velhos e novos; porém o mal não está annexo á origem delle, que é a mais nobre, nem á sua naturesa, porque é a mais conforme á sociedade humana: comtudo depende de outras causas « *grandeza dos estados e pessima legislação, e por ellas o descuido dos principes, e os máos ministros* » isto é que tem tornado odioso muitas vezes o nome real, e dado fim ás Monarchias tão injustamente, como pouco depois se experimenta. O incremento espantoso da Persia, Media, Parthia e Roma, levou seus principes a julgar-se superiores a toda a lei, e ainda á condição humana, e a descuidar-se por isso mesmo do mando, julgando, que era improprio de sua phantastica divindade ter cuidado dos povos: contra este genero de soberba nada póde a civilisação, nenhum remedio lhe souberam dar os progressos da sciencia, porque, como já disse, nem uma nem outra bastam para evitar a corrupção, segundo os proprios philosophos confessaram: era necessaria uma luz celestial, e essa necessidade subsiste sempre, embora a fórma Monarchica seja a mais perfeita e mais conveniente ao bom govêrno das sociedades, porque está na sua naturesa o amor dos subditos como unica ambição e unica esperança do principe; mas se apesar disso aquella necessidade subsiste sempre, em tempo nenhum chegou a ser tão grande, como no tempo, em que teve logar o mais portentoso facto, que vio a terra; porque a prostituição dos Reis igualava á dos vassallos, e de ambas as partes se conspirava a romper os laços sociaes do modo mais espantoso, visto ser universal a corrupção.

11. Não é possivel já negar uma origem commum ao genero homem [1], e por mais, que se pretendam combater as tradições, encontradas clara ou obscuramente em todos os povos, a sciencia um dia provará este facto; porque já hoje pela ethnographia se acham pontos de contacto; e Eichhoff julgou provavel, que *se reconheçam, debaixo de combinações as mais diversas na aparencia, affinidades primitivas e reaes, que tendam constantemente para a unidade, lei fundamental da naturesa:* entretanto bom seria, que os estudiosos deste ramo não confundissem, ás vezes, as épocas; o que necessariamente ha de acontecer, em havendo vontade de se affastar daquellas tradições. Como quer que seja, o homem é o mesmo em toda a parte, e as differenças, que se notam vem unicamente dos climas, dos alimentos, e dos costumes, e não tem elle infancia em relação aos conhecimentos; porém corrompido, como ficou, pela sua quéda, pouco a pouco foi perdendo o, que sabia ate chegar a essa miseravel ignorancia, em que se encontraram muitos povos, e se encontram ainda hoje. Isto nos ensinarão um dia os differentes ramos da sciencia, se os não separarem uma só vez da historia, porque então, longe de aproveitarem á humanidade, lhes hão de causar graves prejuisos. Supposto isto, consideremos ainda o homem em relação ao cumprimento de deveres para com Deos: todos os povos da terra pretendem, que Deos fôsse o auctor do culto, que elles lhe rendem; e nenhum está longe da verdade: o culto é um acto externo, que consiste no louvor e adoração, prece e sacrificio; e nasce do acto interno do conhecimento de Deos e da nossa dependencia pela creação, do alto destino do homem e da sua dependencia pela redempção: esses dois actos constituem a religião: a parte primeira ou interna e theorica é tão sublime, que depende da revelação, em quanto a segunda ou externa e prática póde vir da razão, que illustrada pela revelação conclue o, que deve obrar. Senão fôsse a quéda do homem, elle não precisava senão louvar e adorar; e d'ahi vem a necessidade da primeira revelação, isto é, do conhecimento de Deos, e da nossa dependencia pela creação, e do nosso alto destino: passada a catastrophe, era precisa a prece e tambem o sacrificio: a razão, inculcava este acto duplice; mas sendo a catastrophe uma consequencia da offensa de Deos, sem dúvida a razão, posto que já obscurecida, não via nelle o meio efficaz de reparar a offensa: d'ahi a necessidade d'uma segunda revelação, porque a fé era necessaria, e por ella um arrimo para não desesperar: segue-se d'aqui a existencia de duas revelações, uma no estado innocente do homem, em que a prece e o sacrificio

[1] Consta-me, que recentissimamente publicou uma obra de grande merito com o titulo *De l' Homme et des races humaines*, no qual seu auctor, Henrique Hollard, combateu em favor da unidade do berço do genero humano contra o pensamento absurdo de Gobineau, no seu *Essai sur l'inégalité des races humaines:* não vi ainda nem um nem outro destes escriptos.

eram excluidos da religião, e a ontra no estado corrupto, e que trouxe a promessa da redempção. No estado primitivo temos como agente do culto o amor ou a caridade, no seguinte a fé e a esperança, que entram no systema da religião natural ou primeira depois da primeira e segunda revelações; prostituida depois a parte interna se prostituiu a externa: a historia mostra a origem de todas as circumstancias, que acompanharam as quatro partes do culto, e apresenta vestigios de todas as ideas da parte theorica da religião em todos os povos, apesar de tão obscurecidas como a intelligencia humana, porem ignora a sua origem, e nunca a saberemos affastando-a da revelação. Não e preciso dizer, que em todos os cultos se intervê a idéa da immortalidade ou alto destino do homem, basta notar, que la se encontram as ideas annexas dos premios e castigos eternos; mas, para saber a origem desse facto, teremos de recorrer á palavra de Deos. Sufficiente para a felicidade absoluta do homem era a revelação primeira e a primeira forma de culto; mas depois do peccado original, era necessario não só a súpplica, e o holocausto do homem, mas a reparação operada por Deos mesmo, e a promessa della: esta deu-se loga, e aquella mais tarde. O estado miseravel, em que a catastrophe original deixou o homem, progrediu a um ponto tal, que o Senhor castigou novamente o homem: este castigo reconhecem-n'o todos os systemas religiosos os mais absurdos, e o tem por um facto a moderna geologia: fui elle o diluvio, que extinguiu a especie humana. « *A universalidade da sua acção*, escreveu o sabio Cardeal Wiseman, *produzio uma tal uniformidade em seus effeitos, que se acham indenticos em todos os pontos separodos de um a outro por distancias consideroveis.* » Deste modo não podia deixar de causar uma impressão viva em todas as gerações, pelas circumstancias da destruição geral, porque em toda a parte o homem nas idades posteriores encontrou delle testimunho; e tudo para que se queira appellar fora das tradições religiosas é injurioso á Omnipotencia e Sabedoria de Deos: a sua causa foi identica a essa, que produzia a decadencia do homem, e que o fez passar d'um estado de felicidade ao de dôr. Uma so familia sobreviveu a segunda universal catastrophe, e ficou depositaria das primitivas tradições: essa familia augmentou em gerações, necessitou separar-se e povoar a terra: isolada cada uma dellas, formando por si um povo, e dando origem a outros, se foi esquecendo do, que sabia, e corrompendo-se outra vez gradualmente. Este estado originou as modificações no culto: a Chaldea foi a primeira a dar exemplo, suppondo o fogo imagem de Deos, e os astros ministros da vontade de Deos no govêrno do universo, lhes levantou templos e offereceu sacrificios: d'aqui o primeiro grão da idolatria; depois Chaldea, Phenicia, e Egypto se constituiram mestres de todo o universo, fazendo objecto de sua veneração os seus bemfeitores passados, os simulacros e os symbolos, em lhes concedendo divindade propria ou adquirida: pouco a pouco, em alguns paizes, chegou á maior degradação o culto externo, como já mostrei, e se profanou o interno, sendo disso origem a perfidia n'uns, a ignorancia n'outros, e a depravação em todos. Infelizmente, sobre tudo deploravel, e o que mais põe em tribulação o homem sabedor e sincero « *o religião serviu em todos os tempos as ambições individuoes e á politica dos estados!* » O povo rude aceitou o, que não comprehendia, e o sabio ou senhor, como eu disse, se constituiu impio por interêsse, em quanto os ouvintes ou vassallos se tornaram supersticiosos, sendo disso causa n'uns e n'outros o germen da corrupção, que em todos subsistia.

12. O principio idolatra estabeleceu dominio em toda a terra; mas é necessario ter em vista a chronologia, para não imputarmos esse crime ás raças primitivas, que depois da dispersão viveram muitos seculos sem contacto com as fontes donde manaram tantas torpesas. Entre as raças primitivas isoladas, como succedeu pelo septentrião de Hespanha, e n'outros povos da terra, nota-se a simplicidade absoluta; depois das primeiras expedições da Asia apparece a idolatria sem essas formas complicadas; e posteriormente nos paizes, em que cessou a communicação, deixa-se ver mais um simulacro differente, uma cerimonia e um artigo de doutrina desconhecido: entretanto descobre-se um facto em toda a parte, e e, que ao tempo do nascimento de *Jesus-Christo* o reinado da idolatria era universal, exceptuando a Judea, em que imperava de envolta com o culto puro o materialismo e a superstição, alguns povos, que dobraram por último a cervis aos Romanos, e eram forçados a curvar o joelho deante dos seus simulacros, e outros, onde a superstição podia já considerar-se idolatria. Apezar dessa excepção pode julgar-se, com o auctor do *Parolello das Religiões*, que a idolatria era universal, confundido o sabeismo com o feticismo, isto e, o culto dos astros sem algum simulacro e o dos seres viventes e inanimados com os simulacros: he alem disso certo, que no fundo todos esses cultos formam uma cadêa, de que o primeiro annel se ha de ir buscar nas margens do Eufrates; porque lá foi, que pela primeira vez se corromperam as tradições primitivas, como de la foi, que sairam antes puras, e degeneraram pelo estadu de corrupção e pelu seu incremento. Com mais alguns annos de observação poderá vir a organisar-se uma historia perfeita de todos os cultos, em que se conheçam, não só as origens e modificações de cada qual, a exacta chronologia do estabelecimento das familias nos differentes paizes, as differentes revoluções dos povos e a organisação de todas as Nações. Ha bastantes annos, que me empenho nesse estudo; porém, como os meus desejos consistem na existencia de um bom monumento deste genero, porque é da mais alta utilidade para o Christianismo, se apparecer outro, e tal que satisfaça, inutilisando o meu trabalho, não darei por mal empregado o tempo gasto com elle. Voltando ao assumpto direi, que no meio desses escandalos encontramos alguns cultos espalhados pela superfice do nosso globo, que no centro da idolatria e da superstição, rivalisaram, e rivalisam, em pompa de doutrinas e de cerimonias com o de Israel e com o Christianismo, que não admittem uma nem outra daquellas profanações: são esses cultos o dos Magos, o dos Brahmenes, o dos Boudhas, o dos Druidas e o dos Talapões: o primeiro delles originou-se, na Persia, dos estudos astronomicos e dos principios d'um mao raciocinio dos Chaldeos, depois de pervertidas as primeiras tradições, e posteriormente alguma cousa tirou da Religião de Moyses: o segundo é o, que elle gerou em idade adulta, fez seu assento na India d'aquem do Ganges, derramou-se por grande parte da Asia, penetrou na Oceania, o na America, admittiu e transtornou alguns principios de doutrina e formas do culto exterior do Christianismo, que havia conhecido pelas pregações de S. Thome, e nos ultimos tempos do, que aprendêra de S. Francisco Xavier: o terceiro é uma reforma do segundo em tempos posteriores a

nossa era; estabeleceu-se no Tibet, onde cuidou em applicar-se ao mysticismo, e organisou um systema tão admiravel como absurdo; passou á China, o lá se chamou culto de Fó, e o modificaram por uma parte as reformas, e por outra a philosophia de Confucio; avassallou uma grande parte da Asia, o deu colonias á Oceania: o sabio Wiseman disse: « *No tempo, em que os patriarchas Boudhistas se começaram a estabelecer no Tibet, este paiz estava em relação immediata com as terras dos Christãos;* » esse facto não admite questão, do mesmo modo que a mistura ridicula, que esses patriarchas e os sectarios fizeram das doutrinas do Evangelho com as suas; porque Xaca, em seu systema, nasceu d'uma virgem; á sua morte tremeu a terra, e as trevas cobriram o universo; esta historia é tão filha do Christianismo, como o Krishna dos Brahmenes, e as incarnações de ambos os cultos: o quarto foi uma colonia do segundo, que passou ao norte, o se ramificou pela Scandinavia, Germania, Gaula, e ilhas Britannicas: o quinto derivou-se do segundo, fez seu principal assento no paiz de Siam, e se tornou talvez mais barbaro, que era o de sua origem; conforme sua doutrina, Codon foi filho d'uma virgem chamada *Matra Maria*, que lhe deu o ser por virtude do Sol, teve desavenças com seu irmão Thevstar, que propondo-lhe adorar a Deos, o verbo de Deos, e a imitação de Deos, o condemnou a morrer n'uma Cruz pregado com grossos cravos, e a cabeça coroada de espinhos, porque elle não quiz senão adorar a Deos; assim corromperam os Talapões em seu beneficio as noticias, que lhes davam os Missionarios Christãos. O incançavel author do *Paralello das Religiões*, em as comparando fez um grande serviço ao Christianismo; porem hoje o Abbade Chassay, um homem dos mais eruditos da França, tem tomado o empenho de provar pelo exame, que o Christianismo em nada depende desses cultos, mas da Divina Revelação, e o tem feito com triumpho e muita glória da nossa Santa Religião e de seu nome: entretanto, penso eu, que a chronologia, só por si, muito o muito pode auxiliar; porque provado o facto da prégação do Christianismo em uma certa época, n'um dos logares do dominio desses cultos, se antes se não acharem vestigios das tradições e doutrina delle nesses cultos, claro está, que lá não bebeu o Christianismo alguma cousa: quanto ao Zend-Avesta, em que se escreveu o systema dos Magos aperfeiçoado por Zoroastro, está provado, que não tem a antiguidade que se lhes quiz dar, nem o livro, nem a doutrina, como affirmou o Abbade Masdeu no fim do seculo passado; o ácerca dos Vedas, o de todos os outros livros e doutrinas religiosas orientaes, succede o mesmo, como tem feito ver, entre muitos, o Cardeal Wiseman, um dos mais profundos sabios da nossa idade, e o Padre de Genoudo conhecido em toda a Europa pelos seus bons escriptos.

13. Uma unica familia, que passou a ser uma grande nação, e que hoje não é mais, que um povo espalhado por toda a terra, sem patria, mas sem se confundir, sem perder suas tradições, foi preservada do contagio idolatra. Abrahão, chefe dessa familia, e o annel, que liga os Hebreos a Noé, saiu da Chaldea por ordem de Deos, peregrinou entre os Cananeos e Egypcios, e, fixando depois sua residencia no paiz daquelles, lá morreu: Izaac seu filho, e Israel seu neto, perseveraram fieis a vontade do Senhor: onze filhos deste último o acompanharam ao Egypto, onde José irmão delles era o primeiro ministro do Rei: depois da morte de José, mais de meio seculo, começou a familia de seu pai, já então muito numerosa, a ser vexada com o pêso da escravidão, que foi levado posteriormente á extrema duresa de se mandarem afogar no Nilo todos os seus filhos varões: Moysés, um dos meninos expostos, que a filha do proprio Rei author do cruel decreto salvára, veio a ser o instrumento da liberdade de seus irmãos: fugido do Egypto voltou a elle mandado do Senhor para intimar ao Monarcha, que deixasse em liberdade os filhos de Israel opprimidos: luctou com a resistencia do cruel principe, que só depois de soffrer pela decima vez o castigo com a morte dos primogenitos do reino, permittiu a saida. Depois de 215 annos de morada no Egypto partiram delle seiscentos mil Israelitas, não contando os meninos, e se dirigiram á terra de Canaan, que Deos havia permittido dar-lhes: erraram quarenta annos no deserto do Sinay, onde Moysés recebeo do Senhor a lei do Decalogo, e havendo concluido sua alta missão, e deixado escriptas as tradições primitivas, o Culto, o direito e a historia da Nação, que organisára conforme as ordens recebidas de Deos, acabou sua vida terrena no meado do seculo 15.°, antes da nossa era, um anno antes da entrada de seus irmãos na terra promettida, debaixo do commando de Josué seu successor. Os livros de Moysés, a que chamamos *Pentateuco* o os Hebreos *Thorah*, encerram doutrinas theoricas e moraes da creação, do peccado original, do diluvio universal, o da dispersão das gentes, por modo tão luminoso, que perfeitamente revéla sua origem: os ataques violentos, que nos ultimos tempos se lhes tem dirigido, não bastarão para diminuir sua authoridade: as sciencias, que se invocam para destrui-los, são aquellas, que concorrem a dar-lhes victoria: um illustre Sacerdote da Diocese de Bayeux, o Abbade Carlos Maria André, tomou o empenho de fazer a comparação de sua doutrina relativamente á idéa de Deos com a dos escriptos dos philosophos antigos e modernos, e dos cultos da Persia, India, e China: a meu juizo, este escripto basta para desconcertar as pretenções exaggeradas dos impios do nosso e do passado seculo; e quando mesmo elle fôsse o unico defensor da authoridade dessa obra celestial, devia fazer recuar um qualquer adversario sincero; e isto me parece sufficiente para o elogio deste escriptor. Um exame detido e imparcial leva o verdadeiro philosopho a encontrar nos livros de Moysés o, que se não acha nas obras dos homens: embora a similhança em alguns artigos, a identidade não existe, e essa mesma similhança, com que se alardea, poderá um dia ser muito prejudicial ao conceito, que se fórma dos philosophos antigos, como já o vai sendo aos cultos da Asia; mas dêmos, que Moysés não teve mais auxilio, que o da rasão, do mesmo modo que qualquer outro sabio, a sua doutrina apresentava a esperança, o com ella se alimenta ainda hoje um povo, que tem soffrido, vai em dezenove seculos, o ludibrio de todos os povos da terra; em quanto que a doutrina dos outros sabios, nem melhorava os costumes, nem deixava de levar á desesperação: é isso o, que essencialmente caracterisa os escriptos de Moysés, o os torna sublimes, ainda mesmo que delles se não tire senão a só esperança: entretanto eu tenho uma pretenção, que está posta na chronologia, o me persuado, que Moysés ha de obter por ella uma victoria completa Nós já hoje temos alguns meios de saber as doutrinas dos cultos idolatras mais antigos: estes revelam as tradições dos povos, como os escriptos, que nos restam dos philosophos antigos nos ensinam suas doutrinas: se o exame se fizer escrupulosamente nestes monumentos talvez adeantemos alguma cousa. As relações de Israel com os outros povos não eram tão pequenas, que se não conhecessem os seus livros; comtudo

uma questão grave se agita sôbre a autenticidade delles, mas para sua solução basta só, que esses livros não levassem de antecedencia á nossa era mais de cinco seculos, que eu julgo ninguem ousará negar-lhes: admittido isto, era preciso mais um seculo, ao menos, para se formar um systema de culto e leis tal, que no fim delle o povo o receba como uma tradição antiga; porque não se necessita mais para levar de Israel á Grecia, e fazer lá ensinar corrompidas as doutrinas, que se nega serem de Moysés: suposta a authenticidade, vem outra questão: o legislador dos Hebreos aprendeu com os Sacerdotes Egypcios: esta quartada e um pouco mais valente; mas terá resposta, quando nós soubermos, quaes eram as doutrinas do Egypto, quinze seculos antes da nossa era. Talvez queiram, que o Egypto tivesse nesse tempo um corpo de doutrina como os Vedas, o Zend-Avesta, ou os Kings, e não seria impossivel, uma vez que aos seus Zodiacos se deu tanta antiguidade; mas hoje igual credito se dá á antiguidade dos livros sagrados do oriente, como á dos Zodiacos; supposto que Moysés apreudeu no Egypto, ha tanta desparidade em seu systema, que parece como infinita; e embora se deva ponderar, que nos mais antigos cultos existem pontos de identidade absoluta, apesar, como já disse, difficeis de perceber, essa identidade é o, que mais prejudica a opposição feita á doutrina de Moysés. Na propria existencia do Povo Hebreo ha alguma cousa de maravilhoso, comparem-o embora aos ciganos, quando nunca tiveram existencia politica, adoptaram sempre a religião do paiz, que os recebeu, e nunca deixaram de ser barbaros e só conhecidos em poucas Nações. Os Hebreos formavam em Canaan, depois de Abrahão, uma sociedade especial, no Egypto eram um grande Povo, entrando outra vez em Canaan se tornaram uma Nação respeitavel, que durou unida até ao seculo segundo da nossa era, por espaço de uns vinte e dois seculos, dispersos por toda a face da terra não perderam até hoje suas tradições, como referi, e odiados de todos os povos, odeam a todos: senhores de riquesas consideraveis em todas as Nações, e illustrados pela sciencia em todos os seculos, ainda não poderam reunir-se; os esforços de Julianno o *apostata* tiveram o resultado infeliz, que deixou escripto Amiano Marcelino; e quasi nos nossos dias não valeu o empenho de toda a impiedade, que pela penna de Voltaire solicitava de Frederico o *grande* a *riedificação do Templo de Jerusalem, e o restabelecimento dos Judeos*, a fim de destruir uma das prephecias de *Jesus-Christo*. A época de Juliano e a de Frederico eram as mais proprias ao intento, porque foram as mais prósperas do reinado do philosophismo e da impiedade; porêm os Judeos nada conseguiram. Mão devia ser o exito, porque o Deos, de quem os auxiliava, não era o Deos, que elles adoravam; não era por outra parte uma crença, era a descrença, era a raiva cruel, que se professava ao Christianismo; por isso os planos se transtornaram, e não foi consumada a iniquidade.

14. Quaes são as tradições fundamentaes nos primeiros systemas de cada culto pagão? Eis-ahi o, que eu julgo preciso estabelecer antes de tudo, e sôbre que talvez não se tenha feito o melhor uso da critica: é esta uma questão muito importante, e a respeito de que se necessitam ainda livros volumosos; e como eu não sei se algum dia me será possivel resolve-la, vou fazer aqui um ensaio, expondo simplesmente o, que me parece poder-se obter. Estou persuadido, que apesar das sombras, que obscurecem os factos verdadeiros, nós acharemos nesses primitivos systemas estas idéas: « *Deos unico = Creador = Conservador = Justo = e Misericordioso = Adorado por milhares de espiritos = immortalidade da alma humana = quéda do homem. ou peccado de origem = e por consequencia a necessidade de um reparador;* » se ellas lá não estão, desejo que se me declare, a rasão porque? Começarei pela nossa terra peninsular: os Asturianos e os Povos continantes, até aos dias de Augusto viveram absolutamente isolados do trato com todo o resto dos homens; isso basta para suppormos primitivo o seu culto, e de caminho com as noticias, que nos ficam das conquistas dos Povos estrangeiros nas outras provincias d'áquem Pyreneos, é sufficiente para conhecermos o culto primitivo de toda a Hespanha: Strabão disse, que *adoravam um Deos inominado, e lhe rendiam culto na Lua cheia, de noite dançando fóra das casas*; Santo Agostinho sôbre os ligitimos testimunhos, em que sempre se soube apoiar, accrescentou, que este *Deos* era *author de todo o creado, incorporeo, incorruptivel, nosso principio e nosso bem;* comtudo dando o motivo, attribuiu o pensamento á instrução dos philosophos de Hespanha; mas é isto, em que eu não posso concordar com o Santo Padre, porque a parte de nossa peninsula, onde existia de tempos remotos a cultura das sciencias, é a meridional devassada pelos Phenicios, que para lá trouxeram o conhecimento das letras, e onde fixaram principalmente sua residencia; os Phenicios no seculo 16.º antes da nossa era, em que pela primeira vez conheceram as costas de Hespanha, já haviam admittido o systema de culto mais absurdo pela mistura de sabeismo e feticismo, e a idéa *incorporeo* é repugnante com esse systema, se o não é com a propria doutrina de seus philosophos: era pois essa idéa um resto das primitivas tradições, que os conquistadores não tinham podido destruir; nisto me conformo absolutamente com o sentir do Abbade Masdeu, attribuindo á revelação, e não a conceitos humanos, aquellas idéas; o, se eu não estou muito enganado, o altar, que em satisfação de voto levantou Lucio Pomponio Fundano, em Valencia, a *Deos Eterno*, e que é o primeiro monumento da collecção lapidar do Historiador critico, importa um testimunho do culto público dos antigos Celtiboros, que chegou, de mistura com as profanações estrangeiras, até aos dias da conquista Romana. Um systema, que attribue a Deos as qualidades mencionadas por Strabão e Santo Agostinho, exclue toda a idolatria, e encerra, como naturalmente connexas, as idéas da immortalidade da alma, por isso, dos premios e castigos na vida futura; e póde bem ser, que em cultos identicos as vamos encontrar. Strabão referiu um costume como geral dos Povos barbaros de Hespanha, que era envenenar-se com o sumo de uma herva, por duas rasões, uma de grandes calamidades proprias, e outra pelas dos amigos: este costume no fundo importa a falta absoluta de esperança no remedio; porque nada ha tão natural, como no centro da corrupção selvagem perder a esperança de um Salvador, e optar pela morte: todos os actos da vida guerreira dos antigos Lusitanos podem auxiliar o meu empenho: já cançados de esperar um Libertador promettido nas suas tradições, atormentados por estrangeiros inquietos e ambiciosos, aceitaram por sua rudez, como lenitivo a seus males, o veneno: por tudo isto, longe de se excluir do primeiro systema a idéa de um Reparador, esse mesmo costume é uma prova, de que a houve. Não vejo, que se possa oppôr alguma cousa ao estado primittivo da nossa peninsula, segundo acabo de o estabelecer, pelo que procurarei um similhante

fóra do velhomundo. O Sabio Jarvis, referido por Malte Brun, provou, que todas as Nações Americanas, desde a bahia de Hudson até ao golfo do Mexico, posto que sem relações, e fallando linguas differentes, adoram um Ser Supremo, Creador de todas as cousas, que se communica a certas creaturas escolhidas, mas não o representam com alguma forma; reconhecem espiritos subalternos, e lhe fazem imagens; tem crença na immortalidade da alma o nos penas e recompensas da outra vida; e não desconhecem o diluvio universal: isto mesmo tem confirmado os Missionarios do Christianismo: não cabe mais om seu systema religioso; por isso temos de recorrer á mais alta antiguidade, quer consideremos todos esses povos uma colonia, quo passou unida áquella região, quer differentes em diversas épocas: em ambos os casos é necessario retardar a emigração até depois de se haver admittido o primeira base do feticismo: entretanto não devemos aceitar uma só colonia, nem me parece, quo nm só tempo; porque, entre alguns desses Povos, em quanto oxiste clara a tradição das idéas do diluvio universal e da longa vida dos primeiros homons, que sabemos por Moysés, se pensa, que o Creador tem a figura de uma ave, o protendem descender de um cão, por isso o consideram animal sagrodo: este absurdo se oncontra com formas mais ou menos variadas em cultos do antigo mundo. É, pois, necessario admittir differentes colonias, que em tempos muito remotos lá se foram confundir com as primeiras, corrompendo-as, e dar a estas um systemo mais simples e mais accommodado á rasão, quo encerre em seus limites o conhecimento de um Deos tal, como Santo Agostinho o attribuiu aos Platonicos e a differentes Povos, como aos Hespanhoes primitivos, do mais da dependencia do homem, da sua queda, e reparação. Temos necessidade de observar attentamento om todas as Nações o phenomeno, que se encontra; por exemplo, no Perú, ondo se tem divinisado, como escreveu Malte Brun, as árvores, que dão lenho para a fogueira; os animaes timidos, que se comom; o mar, que dá peixes para nosso sustento; os rios e as fontes, que regam a terra; quondo ao lado do tudo isto, existe um templo consagrado a um Deos desconhecido e supremo, e nem tal prostituição é das primitivas colonias, ainda qoe sem contacto com outros gentes podiam chegar a ella, nem aquelle templo é obra sua, mas sim a idéa do nm Deos supremo, que se não vê, em quanto suas maravilhas se admiram; posto quo a idéa do lhe fazer morada na terra seja obra de colouias, que posteriormente alli entraram. Na vasta oxtenção, quo occupa a Diocese de S. Luiz, adoram os indegenas um Ente Supremo, origem do todo o bem, por isso unico digno de nosso culto, creador do tudo quanto existe, que regula com sua providencia os principaes acontecimentos da vida, castigando com sua justiça a preversidado dos homons, por meio das calamidades, que nos cercam em toda a vida; o que depois da morte premiará os bons, e punirá os máos: tudo isto póde ser olhado como primitivo, e eu não vejo cousa, que seja capaz de destruir esto pensamento. Em toda a Oceania existe a crença da immortalidade do alma, dos premios, e castigos na vida futura, muito embora estas idéas estejam bastantemonte corrompidas em alguns Povos: oxiste tambem a do um Deos Supremo, Creador, Conservador, Justo, o ainda Misericordioso, de mistura com a do espiritos subalternos; porém não ha aqui menos corrupção, que ácêrca da immortalidade da almo em algumas partes, como entre os Battas do archipelago de Andaman é viva a tradição do diluvio universal. O Deos dos Novos Zelandezes é Omnipotente, Immaterial, Eterno, Conservador do mundo, o habita nos Ceos: sacrificam entretanto aos genios, mas não adoram simulacros. O homem, segundo elles, foi creado pelo concurso de tres divindades; mas o Ser Supremo tevo nesse concurso a maior parte; a mulher foi formoda de uma das costas do homem: a almo humana é espiritual o immortal, destincta do corpo, como Deos é distincto da materia. Os Carolinos, intendem, quo uma divindado desceu do céo, e, achando a terra deserta, ordenou, que se cobrisse de arvores e verdura, e fôsse povoada de entes racionaes; que no principio os homens não morriam; mas que o espirito malfazejo lançado do ceo lhe procurou um genero do morte, contra o quo se não póde descobrir remedio; admittem espiritos bemfazejos, e amigos dos homens; ao mesmo tempo suppõe, que o sol, a lua e as estrellas tem uma alma similhante á nossa, e são habitadas pelas nações celestes; facil era passar, entre os Carolinos, a corrupção a ponto de suppôr espiritualidade nos astros, e dar-lhes habitantes; mas não são elles os primitivos authores destas idéas; o, não adorando os astros, porque é tão simples o seu culto, que os viajantes bem o não perceberam, essas idéas não são propriamente suas, não lho convem sendo o primeiro grão de sabeismo: se em fim a necessidade de um reparador não é absolutamente expressa, esses males causados pelo espirito inimigo, que desceu do céo, as calamidades constantes da vida, o o sacrificio, do qualquer modo que se apresente, não podem deixar do involver um sentimento commum a todos os homens, isto é, que existiu uma desgraça fatal ao seu ser desdo o principio, e affecton a origem transmittindo-se a todos sem remedio (ou para o dizer na phrase do Platão, *a natureza e as faculdades do homem se transtornaram e corromperam no progenitor desde a origem*), o quo depois della veio, como effeito da Divina promessa, a crença n'um Reparador do classe superiormente mais elevada, que a do homem.

15. Santo Agostinho concedeu essas idéas sublimes da Divindade, referidas no número antecedente não so aos nossos Peninsulares, mas nos Athlanticos, Libicos, Egypcios, Indos, Persas, Chaldeos, Scytas, e Gallos. Os primeiros dois Povos subjugados pelos Phenicios abroçaram toda a sua mythologia, os Egypcios tão religiosos, como os quis considerar Macrobio antes da conquista de Alexandre, ja então eram acerrimos propagadores do feticismo; os Indos admittiram as theorias absurdas dos Egypcios e dos Persas; estes desenvolveram o systema do sabeismo, de que os Chaldeos lançaram os primeiros traços, como se disse; os Scytas em tempo de Herodoto estavam corrompidos por um grosseiro polyteismo, o pela adoração do fogo se vê, quo os Phenicios foram os apostolos de seus erros; de mais disso, segundo Justino, suppunham, que o fogo era o principio do universo, e sustentavam contra os Egypcios, que o temperamento do ar não era argumento algum de antiguidade: os Gallos finalmente viram confundir suas tradições, já corrompidas, pelas doutrinas da India. A relação, que o Santo Padre nos fez, deve ser do tempos muito remotos áquelles, em que todos estes Povos cairam na mais absurda idolatria; porque os attributos so pertencentes á Divindade, que apparecem nessa relação, com o polyteismo foram applicados ao que não era Deos; e meu sentir é, que Santo Agostinho fallando dos sabios o philosophos destes Povos, não intendeu homens applicados ao desenvolvimento da rasão, separando-se completamente das

primitivas tradições, mas aquelles, que muito cuidadosamente as conservavam. No caso presente eu estabeleço tres generos de culto: o primitivo, embora corrupto, de que já fallei; outro mais lato e organisado dos principios de uma philosophia imperfeita; finalmente, um terceiro, que recebendo muito dos livros sagrados dos Hebreos e do Christianismo, se tem querido oppôr a este, dando-se-lhe uma antiguidade repugnante com a historia: fallarei do segundo genero, em relação a Deos e á immortalidade da alma. O Ser Supremo pareceu aos Chaldeos tão sublime, tão concentrado em si mesmo, tão deproporcionado aos homens para se occupar delles directamente, que aceitaram o ministerio dos Anjos, como de seres entre Deos e os homens, para lhe elevarem as súpplicas destes, e trazerem as graças da Infinita Misericordia, suppondo tres classes desses seres — Anjos, genios, e demonios — estabelecendo, que a morada do Infinito tem luz para e original, que se não pode apagar, e que os genios habitam o sol, a lua, e as estrellas, as quaes não tendo luz propria a recebem daquelle centro. Está já dado o primeiro passo para a idolatria, porque faltando as relações immediatas com Deos, e suppondo-se nos corpos celestes uma natureza superior á do homem, dar-lhes o culto era a consequencia immediata: admittidos os genios, não vae d'ahi muito a introduzi-los em qualquer ente vivo, ou inanimado, suppondo-lhe uma virtude Divina; e passar d'aqui a venerar simulacros, é da mais curta distancia; por isso na adoração das columnas seguiu a Phenicia, curvando o joelho deante da representação, dada que foi a existencia da esculptura: entretanto nada d'isto se fez de salto, pelo que nesses Povos ultimamente conquistados pela navegação encontrámos o culto primitivo, embora corrompido, logo a crença nos genios e nos astros, depois a adoração destes seres, conforme a existencia ou falta de relações maior ou menor com o velho mundo. Deos foi a alma do universo, seguiram-se os deoses subalternos seus ministros, e depois os demonios, ou genios espalhados pelos astros e por todas as partes do universo: d'isto vieram o bom e o máo principio: a um tal pantheismo deu occasião a philosophia imperfeita: foi elle tomando grosseiramente corpo, e se organisou em systema, conforme as idéas mais ou menos esclarecidas dos sabios de cada povo; este genero de culto transferia-se da Chaldea á Persia, de lá ao oriente da Asia, e da Chaldea á Phenicia, desta ao Egypto; na India se confundiu o systema Persa com o do Egypto; da India passou ao norte da Europa, como se disse, e fez assento na Gaula; da India penetrou na America, de que dão testimunho os monumentos do typo Indico, e na Oceania, onde os idolos postos sôbre os tumulos da Nova Guiné apresentam a idea de antigas relações com o Egypto. Passando do Deos a alma humana, se confundiu a idea da immortalidade com a metempsicose, attribuindo ao espirito o, que era proprio da materia, e estabelecendo um systema extravagante sôbre a doutrina Phenicia dos numeros, que depois de passar pelas mãos de Pythagoras levaram o seu nome. Esta doutrina, aprendida pelos Egypcios, fez passar a alma successivamente do homem ao jumento, e do jumento ao homem; dos Egypcios foi parar a India, onde fez principal assento, e se derramou por toda a parte, em que o Brahmenismo entrou: não foi só essa phase, por que se fez passar a alma, pois o culto Druidico lhe suppôz uma mudança de corpo n'um outro mundo: sem corpo se persuadem os Australianos, que depois de mergulhada em um lago passa a outro hemispherio; e, segundo os indigenas das Marquesas, depois de occupar por longo espaço certas regiões, torna a animar o corpo. O terceiro genero de culto é aquello, que admittindo uma theoria mais ou menos desenvolvida pela sciencia, mostra o typo apparente das doutrinas do Pentateuco e do Evangelho, e recorda alguns de seus dogmas particulares, com os Mysterios da Trindade, da Encarnação, do Baptismo e da Eucharistia, as tradições Christãs, segundo referi, da árvore da vida, de uma virgem mãe do Salvador, e dos tormentos da paixão de *Jesus-Christo*; alguns de nossos ritos, cerimonias e jerarchia encontram-se mais ou menos nos famosos cultos da Persia, India, Tibet, China, Japão, Sião e Ceilão, e com quanto se conheçam duas grandes verdades — a maior antiguidade dos escriptos de Moyses, dos Prophetas, Apostolos e Evangelistas em competencia com o lado contrario; e por outra parte a nenhuma importancia da similhança —, os inimigos do Christianismo amontoam argumentos sôbre argumentos para destruir o, que os incommóda. Bastava a estirilidade desses cultos, presumidos exemplares, bastavam alguns factos exteriores, a que se não póde negar muito de sobrenatural, examinados á luz da critica mais severa, para fazerem calar pretenções exaggeradas; mas não acontece assim, e certamente nada ha mais facil, que subir a escada mais alta e mais empinada, chegar ao último degrão della, quando o primeiro é a ingratidão, e esse se saltou de um pullo! deixando todas as theorias desses cultos, tratarei só disso, em que apresentam similhança (similhança não importa identidade) com a doutrina do Velho e Novo Testamento. Na Persia encontrámos os Mysterios da Trindade, do Baptismo, e da Eucharistia, e a tradição da árvore da vida, ordenados em um systema, pensou-se, de data anterior ao Christianismo; porém Zoroastro, que se diz organisador desse systema nasceu ao fim do seculo sexto, antes da nossa era, e a sua obra é do comêço do quinto; demais disto os livros de Zend-Avesta, em que sua doutrina se contém, são muito posteriores: a doutrina da Trindade, como a tradição da árvore da vida, são muito mais antigas nos livros Judaicos, e a época destes livros é mais alta, sem questão, que a dos livros de todas as crenças da Asia: o Baptismo e a Presença Real entre Persas e Indios, são de data mais recente, como o são todos os livros desses cultos; porque S. Justino disse claramente, ácêrca do Mysterio Eucharistico, que no systema de Mithra existia uma pratica, que é imitação deste Sacramento, e essa tinham elles nos livros Judaicos, clara e terminantemente expressa: os Indus, como os Persas, tiveram relações com os Sacerdotes Christãos, que lhes annunciaram o Evangelho, logo depois da morte de *Jesus-Christo*; e todos os livros, em que se acham as idéas da Encarnação, tem uma data posterior a essa época; a Encarnação, a Confissão auricular, e outros Mysterios e Ritos Christãos do Tibet, são posteriores ao Nestorianismo, isto é, ao seculo quarto da nossa era; porque está provado, que foi desta seita Christã a sua origem, como de outros Mysterios, Ritos e tradições na China e Japão; e a sciencia deu ao Christianismo o triumpho mais completo, porque foi ella, quem fez os calculos, que anniquillaram antiguidades sonhadas. Uma unica dessas idéas sublimes, embora corrompida, póde ser primitiva na India, pode não ter saido do Christianismo, pode mesmo não dever a sua origem aos livros de Moyses; a sua existencia reputa-se da mais alta antiguidade: — *os Budhos apparecem em differentes épocas no mundo, para salvação das almas, que não alcançam a mesma perfeição, que elles* —; eis-ahi corrompida a idea da *Razão*

Suprema (de Deos), que descerá do Céo para livrar o homem do peccado original; porém a idéa da reunião do podêr civil e ecclesiastico na pessoa d'um deos encarnado, que os Indios levaram aos Incas e no Zeques da America, é uma absurda prostituição das ideas do Messias do Pentateuco e do Christo do Evangelho: não julgo entretanto o mesmo ácêrca do systema existente na Tartaria sôbre a glória do Burham=*cercado de espiritos luminosos attendendo suas orações libertadoras e seus sacrificios, que expiom os peccados e fecham as portas do inferno, e perdoando os peccodos commettidos antes de nascer, e que sáem pelas tres portas da olma, áquelles, que imitarem esses espiritos luminosos, fazendo prostrações, e immolando-se, como elles se immolom a todo o instante pela glório de Burham.*=Ha aqui no fundo alguma cousa primitiva, porém o resto é uma muito má parodia de doutrina do Christianisma; do mesmo modo que o é a crença dos Birmans no *Jova* Senhor Eterno, e em seu filho unico e de Phi-nanla, o reparador do genero humano, não porquo tenha efficazmente libertado os homens da tyrannia do demonio, mas porque pela sua prégação confirmada por milagres conduziu grande número do homens pelo caminho da justiça, o, preenchida esta sua missão, *parece*, quo resuscitou, porque todos concordam em o dar desapparecido para o lado do occidente: em tudo isto se encontra mão India adulterando os livros do Christianismo. Os Siameses estabelecendo o céo para os justos e os infernos para os máos; affirmando, quo desde o principio do mundo a naturesa está dando gemidos; que os justos não podem entrar no céo. e suas almas vivom nos corpos de animaes, cada uma segundo seu merecimento, esperando um libertador, que desça do ceo a terra para salvar a humanidade; prostituindo as tradições da paixão de *Jesus-Christo*, como eu já disse; admittindo a guarda do sabbado, os jejuns, a prégação, o celibato, o Monastico; e do egual modo os Chingalas, adoptando uma similhança da Jerarchia Catholica, não tem feito mais, que adoptar a seus usos quanto ouviram aos Apostolos do Christianismo, que prégaram entre elles, ou quanto lhes viram praticar.

16. Passando ás tradições philosophicas: é absolutamente necessario reconhecer duas cousas: primeira, um estado de degradação intellectual, unido a corrupção do coração; segunda, um progressivo aperfeiçoamento da sciencia estribado absolutamente nas doutrinas recebidas daquelle principio, ou despido mais ou menos dello. Da primeira vieram as cosmogonias e theogonias absurdas de envolta com umas práticas, pouco ou nada conformes á naturesa e dignidade do homem; da segunda o dualismo, o pantheismo, o scepticismo, o atheismo, o sensualismo, ao lado d'uma austeridade espantosa; ou um systema theorico, mais aproximado á religião primitiva, e uma moral mais pura; porém aqui mesmo, pouco a pouco, entrou a degeneração, porque os philosophos ensoberbecidos com as luzes recebidas, e despresando toda a revelação se tornaram deistas, em quanto os depositarios de suppostas revelações, ou muito posteriormente da verdadeira revelação, negaram tudo á rasão, como lamentou Degerando, e do quo ha pouco se queixou Saisset; mas eu intendo, que tudo se remedeia, em se aprendendo mais philosophia nas escólas Ecclesiasticas, e mais temor de Deos nas outras. Temos de procurar as primeiras tradições philosophicas na Chaldea, Phenicia, e Egypto; em quanto á primeira destas regiões: os astros expostos á contemplação do homem lhe deram a mais alta idéa do Creador; comtudo, pretendendo entrar no exame da geração do mundo, suppozeram, como deixou escripto Berozo no seculo 3.° antes da nossa era, que o universo era composto de trevas, agua, e monstros; que a este genero de seres presidia uma mulher; e que Belo ou o Senhor, partindo pelo meio esta mulher, formou o céo e a terra; e collocou naquelle o sol e a lua e os astros; e fecundando esta com o sangue d'um deos inferior, produziu homens e brutos. Da admiração da maravilhosa ordem do universo passou-se á adoração do fogo, como emblema do principio activo da creação; e dos astros, como de ministros do Creador: é porém necessario advirtir, quo o culto das creaturas não é originariamente Chaldeo, mas que importado ao Eufrates foi estabelecido com intolerancia: o do fogo teve a prioridade, o já no seculo 20.°, antes da nossa era, os Chaldeos forçavam as consciencias em relação a elle; por isso Deos ordenou a Abrahão, que saisse de sua terra para não prevaricar. Com o volver do tempo se foi organisando na Persia um systema, que ao fim do seculo 6.°, antes da nossa era, passando pelas mãos do unico Zoroastro, reconhecia a Deos como cousa primeira, e estabelecia dois principios—do bem, o do mal—subordinados o emanados daquella, isto é, o triplece podêr da producção, conservação e destruição: seus discipulos explicaram este systema ensinando a emanação progressiva da substancia divina por meio de attributos personificados com o nome de genios; o hymeneo mystico; o verbo ou sabedoria instrumento da creação; e considerando a alma humana como parte da intelligencia suprema: uma rigorosa logica mostra qual póde ser a moral estabelecida em consequencia do dualismo o do pantheismo, quo formam a base deste systema. O Ser Supremo, no systema Indico, não creou, nem rege immediatamente, mas encarregou os genios d'uma e outra cousa; um desses genios creou a materia, outro produziu a forma, o outro é a destruição dos seres particulares: os genios máos como os bons são aqui admittidos. Pelo seculo 11.°, antes da nossa era (se tanta antiguidade não é sonho), Chakia-Mouni, que parece ter-se querido confundir com Boudha, admittiu o vacuo, como principio o fim de todas as cousas, uma só substancia, que nos seres particulares só diversifica quanto ás formas: o genero humano, os elementos, e todas as creaturas, sairam do vacuo, a elle voltam; e assim o vacuo sucessiva o eternamente se metamorphosea: similhante systema exclue uma cousa primeira, e admitte o fatalismo mais desgraçado: muito mais tarde. sôbre esse se formou outro mais vasto, divinisando tudo, e estabelecendo ao mesmo tempo o culto do Tibet e cercado de pomposas exterioridades, que visivelmente o tem sustentado. Láo-Kinn no seculo 8.°, antes da nossa era, ensinou aos Chinas a existencia d'um ser incomprehensivel, muito sabio, e sem nome, principio do céo e da terra, a mãe de todos os seres: que produziu *um*, este *dois*, este *tres*, e este todas as cousas; explicou *um* pela agua, *dois* polo fogo, e *tres* pelo páo: admittiu os genios; e sua doutrina moral é absolutamente opposta ao principio da sociedade, *rejeitar tudo e occupar-se de nada.* Depois do meado do seculo 5.° antes da nossa era, Confucio ensinou aos Chinas o primeiro principio ou grande termo, que produziu dois secundarios o pae ou o macho, isto é, o céo, o fogo, o dia, o perfeito; o a mãe ou a femea, isto e, a terra, a lua, a obscuridado, o o imperfeito: estes dois principios produziram quatro, e assim successivamente. Os Druidas, que tiveram origem na India, como se tem dito, admittiram a dissolução do mundo por agua e fogo, mas uma successiva regeneração. Todos estes systemas vão reunir-se,

nas theorias, com o Chaldaico e Persa, aperfeiçoando-as ou corrompendo-as: sua origem é filha da contemplação nas revoluções dos seres visiveis do universo, resultando della, ou mundo creado por uma causa intelligente, ou mundo eterno e sujeito a revoluções successivas, destruição, e regeneração; mas em ambos os casos subsiste o pantheismo. Outro genero vamos achar na Phenicia outhora do sabeismo e do feticismo, que acolá se encontro; mas que, segundo bem disse o Abbade Masdeu, foi tolerante: Sanchoniaton, que escreveu a sua historia depois do meado do seculo 11.°, antes da nossa era, affirmou ser crença Phenicia a eternidade da materia, mas não a da forma do mundo: existia um ar denso e cheio de espirito impetuoso, e um cahos nublado e tenebroso, que muito tempo estiveram indeterminados e sem alguns limites; porém, quando o espirito se captivou de amor pelos seus proprios principios, resultou uma mistura, esta se chamou desejo, e este foi o comêço da formação de todas as cousas; entretanto o espirito não conheceu a sua produção; da conjuncção do espirito se engendrou o limo, deste as sementes de todas as creaturas, e d'aqui a geração do universo: segundo Eusebio de Cesarea temos aqui um bom caminho para o atheismo, porque Sanchoniaton excluiu a mão de Deos e o ministerio dos anjos: é exacto, mas tambem o é o, que, segundo os authores da historia universal, disse o Bispo de Cumberland, e vem a ser, que isso se dirigiu a uma apologia do paganismo esquecendo-se do verdadeiro Deos na formação do mundo, porque o author primitivo deste systema, seja elle o Taaut dos Phenicios, ou o Hermes dos Egypcios, não teve em vista, senão estabelecer a extravagante religião, de uns e outros, e fazer adorar as creaturas em logar do Creador. Mosco, natural de Sidonia, que viveu mais de 12 seculos antes da nossa era, sem excluir, bem se pódo dizer, um principio intelligente ou uma causa estranha á materia, ensinou a progressão successiva na creação por meio das suas monades; mas esta doutrina foi corrompida depois excluindo-se aquella causa primeira, e não se admittindo senão mudança de fórmas, como se viu sôbre a India, e depois se verá na Grecia, ou admittindo a geração, como se disse na Phenicia, e se vê no Egypto: neste paiz se ensinava, que o céo e a terra estavam confundidos, e depois se separaram tomando o ar um movimento constante, que por effeito desta impulsão as partes igneas subiram levadas naturalmente pela sua ligeirosa, de que nasceu o movimento circular do sol e dos astros, esse ovo do mundo, que se encontrou na Chaldea, Persia, India, China e Grecia, em quanto a materia lodosa, misturando-se com a outra mais humida, caiu juntamente por seu proprio pêso, e por effeito d'um movimento interior se separaram as partes aquosas, e as molles pela acção do sol fermentaram, d'onde a terra e os seres, que nella habitam e no mar, que tanto disse Maneton Egypcio no comêço do seculo 3.°, antes da nossa era. Finalmente aconteceu o, de que temos testemunho em Dionizio de Alicarnaso, sôbre a mythologia Grega, que era um emblema imaginado para explicar as revoluções do universo, e se compunha de allegorias, em que os podêres da naturesa se personificaram, os bosques se dedicaram a pan, as ilhas aos deuses maritimos. « *Ut erat cuique deorum et geniorum congruum* » e assim está em Homero, Hesiodo e Ovidio, e o vemos entre os Egypcios, como de Maneton o tirou Eusebio, porque adoravam jupiter ou o espirito, que passa por todas as cousas, vulcano ou o fogo, ceres ou terra, e oceano ou humidade: obrando deste modo os Athlantides deram esses nomes a seus reis e heroes, como ao céo, que seu rei fôra, fizeram pae dos deoses; e é o, que tambem fez Homero chamando ao oceano pae dos deoses e origem de todas as cousas: conclue-se, pois, que todo o systema moral destes povos nascido do tão absurdo pantheismo importava divinisar as acções mais torpes, os proprios crimes.

17. Vimos até aqui uma philosophia imperfeita, mais ou menos desenvolvida, originar a theologia pagã mais ou menos rude; do, que agora se segue, veremos a influencia dessa mesma theologia nos systemas d'uma philosophia mais avançada, assim como não custará a encontrar nella restos das tradições primitivas expostas por Moysés, como Flavio José affirmou ácêrca da doutrina de Pythagoras; e tambem é certo, que sem difficuldade no segundo periodo philosophico apparecem mais desenvolvidas, posto que a causa esteja em grande parte na tendencia mutua da rasão e da revelação, porque no fundo tem a mesma origem: entretanto tambem é certo, que os limites d'uma foram reciprocamente invadidos pela outra, e nas escolas não se separaram bem, do que, como fica ponderado, resultaram males incalculaveis. A primeira escola Grega foi a da Jonia começada por Thales, que nasceu 640, antes da nossa era, e nella se encontram duas seitas, de physicos dynamicos e mechanicos: os primeiros faziam partir a explicação da naturesa, da idéa d'uma fôrça vivente, que varia nas suas propriedades e nas fórmas de seus desenvolvimentos; tudo, que acontece na naturesa, se explicou por uma mudança de fôrça: os outros não admittiam algum nascimento propriamente dito, alguma mudança de propriedades, nem de fórmas na naturesa e pretenderam explicar tudo pela mudança de relações exteriores no espaço; neste systema a materia é permanente, mudando de logar, por um movimento, que nella sobrevem naturalmente, ou que se lhe imprime de fora. Dos primeiros: Thales poz o principio das cousas na agua, e olhou o mundo como um ser vivente, animado e cheio de demonios e genios; Anaximenes considerou principio o ar infinito; Diogenes de Apolonia disse, que o mundo era um ser animado, que a alma era o ar, e que o ar era o principio de todas as cousas; para Heraclito, o principio era o fogo: em tudo isto temos pantheismo. Dos segundos: o principio de Anaximandro é o infinito, porque o desenvolvimento do mundo é infinito, e o infinito é a fôrça matriz e eterna do universo, immortal e imperessivel, fôrça, que cria eternamente, até aqui como os dynamicos; mas fez differença dizendo, que o infinito não muda nas suas propriedades, nem se transforma; que as qualidades sensiveis das cousas preexistem no seio do infinito, e os elementos, de que se compõe apenas tem o cuidado de se separar, porque as cousas apparecem como phenomenos isolados da naturesa; que o movimento eterno separa as cousas contrárias, e dispõe os elementos calidos na circumferencia, e os frios no centro; que a terra era lodo, e aquecida pela acção do sol produziu bolhas humidas, de que vieram os animaes; e que o infinito é principio de todo o nascimento, e encerra o principio de toda a destruição: neste systema, ou desapparece a unidade do todo, o que seguiram os atomistas, ou conservando-se, se exclue de todo a fôrça motriz em a fazendo derivar d'outro principio, como pensou Anaxagoras: este philosopho fez intervir o espirito no universo; o espirito, segundo elle, é infinito e dotado de podêr proprio, não se mistura a alguma cousa, mas existe por si; comtudo seu podêr

é limitado pela naturesa das cousas, de que não póde mudar as qualidades: sua actividade se limita a coordenar elementos de differentes especies pelo movimento; esse se propaga pelo choque dos elementos; o espirito isola tudo o, que é movido, e separa o, que põe em movimento; a formação do mundo começou pela separação de massas oppostas, convergindo as cousas pesadas, frias e obscuras a um centro, isto é terra; e ao contrário as ligeiras, sêccas e calidas para a região superior do ar: Archelão o *physico* disse, que no comêço a acção do fogo fez saír do limo a terra e todos os viventes; mas estes, nascidos de lodo, viveram pouco, e só mais tarde é, que se poderam reproduzir: foi o primeiro desta escóla, que fallou da moral, comtudo o justo e injusto não vem, segundo elle, da naturesa, mas da lei de convenção: para Empedocles tudo, que é verdadeiro é unico; o mundo é unico e similhante a uma esphera, esta esphera é Deos, que satisfeito do seu reposo, que ama, fica immovel no centro da harmonia, isto é, a unidade perfeita, a obra do amor, que o dirige, e que se identifica com elle; o amor está no centro do mundo, donde rege tudo; nenhum mortal sabe a ligação de todas as cousas pelo amor; elle não se assimilha a nenhum homem, não tem membros; é espirito santo, ineffavel; sua naturesa necessaria, penetra, envolve o universo em seu pensamento rapido; não é conhecido na sua unidade absoluta senão por si mesmo; o homem deve fazer todos os esforços para chegar ao conhecimento deste Ser Divino; mas esse conhecimento nunca será perfeito; «o *amor e a discordia*, segundo elle, *são as duas fôrças, que presidem á aggregação e dissolução;*» e aos tres elementos, agua, ar e fogo, da escóla juntou elle a terra. Seguiram-se mais adeante os atomistas: Leucipe e Democrito, aquelle pouco conhecido, e este muito soberbo, e de que já vimos o sentimento: na physica de Democrito o dos mais antigos atomistas tudo é subordinado ás idéas mathematicas: Schwartz disse, que de Leucipo so se sabe ter sido pae dos atomistas, por isso tudo se reduz a Democrito; e Degerando escreveu, que Leucipo suppoz o movimento inherente a cada atomo, e que este movimento produz uma sorte de turbilhão, segundo testimunhou Diogenes Laercio: ha dois principios neste systema, positivo e privativo; a realidade no espaço, e no vacuo; e assim o curso de todas as cousas está submettido á necessidade; os atomos são infinitamente numerosos, porque são infinitos os phenomenos; só tem uma propriedade physica, o pêso, porque enchem o espaço d'uma maneira absoluta; todas as mudanças das cousas se operam pelas transformações dos atomos; o movimento é indispensavel e eterno; e os atomos não tem vida interior; admitte-se um movimento de oscilação e circular dos atomos, e no acaso; a alma é um corpo, mas uma outra especie de corpo no corpo visivel: o primeiro daquelles historiadores notou ser este o primeiro systema, em que o materialismo se acha estabelecido d'uma maneira scientifica, e se não reconhece Deos; e accrescentou Degerando, que Democrito só assignou á intelligencia humana um papel inteiramente passivo, dando tudo aos sentidos. A escola de Italia fundada por Pythagoras admittiu o instituto hierarchico e religioso, e os principaes objectos de suas indagações foram as mathematicas e a musica: a époce de sua existencia é contestada, e Schwartz suppoz, com rasão, viver Pythagoras pela idade, em que existie a poesia gnomica e um espirito religioso na Grecia, quando se procurava ser santo pelas praticas religiosas, e, com as mesmas idéas de piedade. Empedocles se seguia a Epemenides, o author famoso dos altares *a um deos desconhecido*, ou ainda mais tarde: o principio supremo é aqui expresso por formulas mathematicas; nesta escola o número, ou a essencia do número, ou os elementos do número são principio de todas as cousas; estes elementos são par e impar, limitado e illimitado; a actividade da causa primitiva, que contém em si a rasão da possibilidade e da realidade de toda a existencia, não consiste senão em limitar e ordenar harmonicamente os seres por meio do número, e a multidão sáe da unidade pela separação dos elementos della; Deos é um, principio de tudo, que governa e rege tudo, ser determinado, eterno, permanente, immutavel, similhante a si, o differente de todas as cousas; assim mesmo como o mundo não é um ser puro por causa da intervenção do vacuo na sua formação, Deos não o póde tornar todo perfeito, porém o mundo deve tender a este resultado com todas as suas fôrças; a unidade do mundo é composta de elementos contrarios. Passando a outros systemas: Xenofanes, fundador da escóla de Elea, mais de cinco seculos, anterior á nossa era, disse, que o absoluto existe só, e os phenomenos sensiveis são apenas illusões, que Deos eterno não póde nascer, nem morrer, e que não existe senão um ser, que é Deos; negou o nascimento em geral, e toda a contingencia; accrescentou, que Deos é todo poderoso, e o mais perfeito ser; negou a existencia de dois deoses revoltando-se contra o polyteismo de Homero e Hesiodo, em seu systema, Deos abraça tudo; está presente a tudo; em tudo é similhante a si mesmo; espherico, intelligente, e governa tudo pelo pensamento; contra Jonicos e Pythagoricos estabeleceu, que Deos não é nem limitado nem illimitado, nem movimento nem reposo, porque estas qualidades são dos seres particulares: admittiu os quatro elementos, como base do mundo, e explicou o universo pela physica: Parmenides do calor e do frio formou todas as coisas; e pensou, que no centro do mundo ha um demonio, que dirige as misturas e separações dos elementos, e lhe subordinou o amor e a discordia; na formação do homem foi conforme ás opiniões de Anaximandro, que o antecedeu, e a Empedocles que o seguiu. Zenon de Elea requereu a unidade, negou a possibilidade do movimento, adoptou a cosmologia dos seus antecessores: finalmente, Milisso de Samos adoptou a immobilidade e immaterialidade do ser. Protagoras, 440 annos antes de *Jesus-Christo*, que passou por discipulo de Democrito e foi o primeiro sophista de profissão, fez da eloquencia a base do seu systema, com que transtornou tudo; accusado de atheo em Athenas soffreu o destêrro da patria, e sua obra se queimou publicamente: confundiu o bem e o mal, e negou a existencia de Deos e a immortalidade da alma: Gorgias, que se lhe seguiu, intendeu, que nada existe, nada póde ser conhecido, nenhuma cousa se póde communicar a outra. Uma tal serie de contradições acabou o primeiro periodo da philosophia Grega: quando parecia caminhar-se á perfeição, de um mal se tropeçava n'outro! d'aqui atomistas, d'alli sophistas! Longe da verdade, o espirito humano é sempre uma aberração!

18. Socrates abriu uma nova estrada á philosophia Grega, e principalmente se empregou em combater os atheos; mas foi accusado superstícioso, e sua condemnação teve logar em 404, antes da nossa era: redigiram-se contra elle aos seguintes capitulos: «não crer nos deoses do estado, introduzir novas

divindades, e corromper a mocidade Atheniense; » os accusadores foram, Milito o *moço* poeta, Anyto demagogo, e Lycon rhethorico: tal accusação, e por tal gente, e muito mais causando sua morte, prova o estado de anarchia de Athenas por então, ou maior, o estado excepcional depois da expulsão dos trinta tyrannos: no systema de Socrates os deoses sabem tudo, são presentes a tudo, e governam tudo segundo as leis do bem, por isso admittiu a providencia; o caracter distinctivo do Divino é a racionalidade ou a sabedoria, que deve ser o fim supremo das tendencias humanas; o Divino é a rasão pura, que se deve olhar como primeiro principio de todas as realidades e de todos os phenomenos, e como termo de toda a actividade; admittiu portanto no fundo um só Deos, e é isto, que indicam os nomes, por que o designou, em quanto creador; aceitou a immortalidade da alma, o culto e a prece, e reputou pouco preferivel ao nada a vida actual sem a futura; suppoz a idea do Divino primitiva no espirito humano, e que a idéa do corporal não tem valor, senão em quanto se une á rasão; a sua doutrina fundou-se nos principios moraes, e estes no testimunho da consciencia; disse, que o homem devia procurar fazer-se similhante aos deoses; que a virtude é uma no fundo, e se manifesta de quatro modos differentes, sabedoria, temperança, coragem e justiça; e que o máo não o é, senão por ignorancia ou involuntariamente: o seu genio ou demonio familiar, que o advertia, poderá inculcar alguma idéa de dualismo em sua doutrina, se não se attender, que esse demonio era a sciencia ou a consciencia, como inspiração immediata de Deos. Entre seus Discipulos: Aristipo foi fundador da escóla Cyrinaica; na parte moral seguiu as traças de Socrates, e na physica a Protogoras: Antisthenes e os Cynicos, que eram pobres, reputavam o summo bem na virtude, e no vicio o mal; desdenhavam as riquesas, a glória e a nobresa, e restringiam os cuidados da vida ao indispensavelmente necessario; o ideal do homem virtuoso, do sabio, estava, segundo elles, na independencia; daqui resultaram os paradoxos, que se lhes reprovam, sendo um delles a exclusão da temperança verdadeiramente Socratica. Euclides fundador da escóla de Megara, começou pela doutrina de Elea, e depois, sendo discipulo de Socrates apropriou aquella doutrina á do mestre; deu-se ás investigações subtis e contenciosas, como ás especulações sophisticas, porem de caracter moderado e consiliador; pensou, que fora do Ser Unico e do Bom Deos, Intelligencia Suprema, nada mais existe; pos a verdadeira moralidade, e a verdadeira existencia na sua unidade, e identidade constantes; o espirito negativo desta escóla cresceu depois: Alexino de Elea atacou o principio Stoico dizendo, que se não póde dar ao mundo uma energia vital: Eubulides, successor de Euclides, occupou-se mais da existencia, que do pensamento; e fez a escóla de Euclides mais negativa: Stilpon de Megara não conheceu algum ser particular fóra do ser geral; negou a realidade das idéas geraes; o summo bem para elle consistiu em elevar-se pela sabedoria acima de todos os movimentos e de todas as perturbações da alma: e a idéa que fez do sabio está posta na apathia mais completa e mais profunda: Phedon mestre da escóla de Elea, e Menedeme da de Eritrea estavam de accôrdo com os Megaros, e não admittiam, senão um bem, uma virtude com muitas denominações: esta virtude consistia na convicção, que dá o conhecimento da verdade. Platão foi discipulo de Socrates, e por morte delle se retirou á escóla de Euclides em Megara: cultivou seus talentos transcendentes pelo estudo, pelas viagens, e pelas relações com os sabios mais distinctos do seu tempo; e, *desse modo*, disse Tennemann, *se formou este grande e possante philosopho, unico talvez, que pela extensão e profundidade de suas vistas, ao mesmo tempo que pelo seu caracter, se possa dignamente collocar* no *lado de Socrates*: quanto a mim, suppostos os erros, de que o accusaram, suppostas as contradicções, que se encontram em seus escriptos, não me parece, que deva ser preferido por algum philosopho, a quem a luz da revelação não allumiou; eis-ahi a sua doutrina: ha duas classes de seres, um que esiste por sua naturesa sem ter principio, e outro que tem começo; o primeiro similhante a si, indivisivel, invariavel, summamente perfeito, e que não póde ser conhecido senão pela rasão; e o segundo mudavel, sujeito a continuas transformações, e que não póde ser percebido senão pelos sentidos; aquelle se reserva a verdade, e contém em si as fórmas immutaveis de todas as cousas; e este só póde conceber opiniões e verosimilhanças; assim distinguiu elle entre o Creador e a creatura, entre Deos e o homem, ou o fim da naturesa terreste: Deos é absoluto, só, e unico, o primeiro e o ultimo, muito alto, infinito, immenso e todo poderoso; que por sua bondade formou o mundo sôbre a materia; mas não originou sua substencia, porque é eterna como elle; ornou o universo com todas as perfeições possiveis, collocou a alma no seu centro, d'onde se communica a todas as suas partes, e o fez sua imagem sensivel; depois da creação do mundo, procedeu á dos astros, que brilham como raios despedidos delle, e á dos anjos e dos demonios ou genios, para ministros de sua vontade e interpretes da sua palavra: entretanto Deos não póde imprimir o sêllo Divino em todas as partes do universo, por causa do caracter defeituoso da materia, ou do destino; e disso vem os males, que nelle se dão no universo; a idea sublime que este philosopho teve da Divindade, e a que concebeu da imperfeição da materia, foi a causa, segundo creio, de estabelecer o dualismo, o que destroe em Deos a noção de ser unico necessario, e por outra parte tira a liberdade ao homem; mas ao author da famosa escóla da Academia faltou a luz da revelação, e posto que tivesse presentes os livros de Moysés, como eu intendo contra Deslandes [1], a sua licção não lhe bastava sem aquella luz para organisar um systema perfeito: não é possivel assim mesmo negar, que Platão deu uma idea maravilhosa da Trindade Santissima: « *O Deos Supremo, Um*, o *Primeiro*, o *Rei de tudo*, o *Pai da intelligencia, e do Almo*; o *Verbo*, o *Filho do Rei, a Intelligencia*; o *Espirito ou a Alma do Universo, formando estes tres* o *Ser Perfeito, e* o *Unico*; » embora esta noção seja insufficientissima e erronea, considerada em todas as relações, que lhe deu o philosopho, ella apresenta uma theoria, que eleva seu author acima de quantos sabios teve a antiguidade; e póde no fundo similhar-se á idéa do *Poder, Intelligencia*, e *Amor*, que, segundo disse muito bem o sabio Theologo Maupied, se nos apresentam na concepção do *Padre*, do *Filho*, e do *Espirito Santo*, formando um só Deos em tres Pessoas, procedendo a ultima da primeira e segunda, e que constitue a Santissima Trindade: na systema de Platão, final-

[1] O argumento deste sabio fundou-se, em que José e alguns Padres da Igreja affirmando, que Pythagoras, Platão e Aristoteles tiveram presentes os Livros Santos, não lhe assistiam outras provas, senão escriptos suppostos: se só estas provas existissem, o author da *Historia Critica da Philosophia* não andava longe da verdade.

mente, o homem tende para o bem por meio da rasão; nós devemos procurar ser analogos e não similhantes o Deos, porque não podêmos realisar todo o bem, mas é nossa obrigação faze-lo; o summo bem não consiste no prazer, mas o prazer é o meio de chegar ao verdadeiro bem, com tanto que seja regulado conforme os fins da rasão; a virtude perfeita é a vida dos seres mortaes, ordenada no desejo, coração e rasão; e como todos os Gregos este philosopho nada conheceu na vida activa, que se não devesse ligar á sociedade, a que é necessario sacrificar tudo: pode, nesta parte, a virtude ser esteril por não ter ligação com Deos pelo amor; entretanto esse principio e utilissimo nos estados, porque assim serão felizes: a isto se oppõe os modernos anarchistas, requerendo a liberdade individual em toda a plenitude, o que importa um grande absurdo; porem absurdo é todo o systema desses, que impudentemente se arrogam hoje o titulo de sabios e de regeneradores da humanidade. Aristoteles, discipulo deste illustre philosopho, e mestre de Alexandre o *grande*, nasceu 384 antes de *Jesus-Christo*, e organisou o seu systema pelo modo seguinte: a existencia dos seres depende da materia ou do possivel, da formo ou da realidade, e do movimento, com que a natnresa obra sôbre a materia produzindo a fórma; a naturesa é que produz eternamente no universo as reuniões e divisões, e todos os phenomenos: nesta hypothese a naturesa, a materia, a forma e o movimento, são coeternas, mas Deos e excluido, segundo a doutrina deste sabio, de concorrer á existencia e ao govêrno do universo, no que dessentiu do mestre; o seu sentimento ácêrca da alma humana está longe da immortalidade e do futuro gôso de Deos, porque embora affirmasse, que o intendimento activo ou parte sublime da alma não morre com o corpo, depois da dissolução o privou de todas as faculdades, suppoz, que não pertencia a cada homem individualmente, e se lhe concedeu alguma cousa de divino e de immortal, tambem constituiu um quinto elemento, o ether, que compõe a esphera celeste participando da naturesa divina, do mesmo modo que os astros, a seu juizo, são seres animados, immortaes, dotados da rasão e vontade: no meio de tudo isto imaginou um Deos satisfeito de suas perfeições, contemplando-se a si mesmo, estranho ao universo, sem podêr premiar nem castigar os homens, e sem ter o menor cuidado delles: depois desta exposição não é possivel ignorar, que a moral do Aristoteles deve ter uma importancia toda humana, por isso escusa dizer-se della alguma cousa: o Cardeal de Ailly, segundo escreveu Deslandes, era de parecer, que este philosopho não servia para cousa alguma, senão para provar a existencia de Deos contra os incredulos; mas, com licença de todos os seus apologistas, eu direi, que Aristoteles não tem esse mesmo prestimo, que lhe julgava o sabio Prelado: em se afastando o homem da dependencia de Deos, já não pode ter temor, nem esperança; e na falta do temor e da esperança o homem e o mais miseravel de todos os seres. Dos Peripateticos discipulos de Aristoteles, e que depois delle ensinaram no lyceu de Athenas, o mais sobresaliente foi Straton de Lampsaco: este philosopho não reconheceu outra divindade senão a naturesa, que suppoz uma certa fôrça espalhada por todo o universo e essencial a materia, uma especie de sympathia, que liga todos os corpos, e os sustenta em equilibrio, um podêr, que sem se decompôr, faz variar os seres até ao infinito, e um principio de ordem e de regularidade, que produz quanto se pode produzir no universo; e pensou, que, se existia um Ser Intelligente, não tinha podêr de crear o mundo, e que era limitado: evita-se dizer, quaes seriam as doutrinas de tal escola sôbre a alma humana e sôbre a moral: uns despresando os laços de familia e adoptando o mais absurdo egoismo; outros negando a realidade da rasão e da alma; e outros entregando-se mais aos ornatos da rhetorica, que ao estudo da sciencia. A par destas tooterias produziu a Grecia outra escóla famosa, a dos Scepticos, de que Pyrrho, soldado de Alexandre, foi o author, ensinando a duvidar de tudo, e a portar-se indifferente a tudo: depois delle, seu discipulo Timon intendeu, que nada havia de real. Mais notavel foi entretanto a de Epicuro, que nasceu em Athenas, 347 annos antes da nossa era, e ensinou philosophia n'um jardim ás portas dessa cidade: para este homem o universo era uma composição de vacuo e atmos, que desde toda a eternidade, por uma fôrca eterna e ao acaso, uns se separam, e outros se reunem: neste systema não existe um Ser Supremo creador e providente, e a alma humana acaba com o corpo; por isso a sua moral consistindo no prazer, e em tudo, que pode levar aos commodos da vida, e conseguir as attenções públicas, é a mais consequente, apresentando uma torpe mestura de voluptuosidade, impiedade e superstição [1]. Contra essas torpesas protestaram os Stoicos, á frente dos quaes appareceu Zenon um homem de temperamento duro e de moral severissima: no seu systema Deos ou a naturesa e a materia são um todo, esta é um elemento variavel e aquelle a unidade da fôrça, que abraça e forma todas as cousas, ou a intelligencia; Deos está disperso pelo universo, que é perfeito no todo, mas não em todas as suas partes, de que resulta o bem e o mal; o universo é cheio de harmonia e cimetria e da mais bella fórma, porque Deos e o seu author; todos os seres tem a mesma origem, e tanto os deoses como as almas humanas são uma parte de Deos ou da naturesa universal; o bem esta em obrar com sabedoria, e so a virtude ou a perfeição o consegue; a virtude consiste na potencia da alma, que tem principio na rasão e na direcção invariavel do caracter, e comprehende o conhecimento do bem, que devemos seguir, e do mal, que devemos evitar, a temperança para regular os apetites, a fôrça para soffrer o, que é inevitavel, e a justiça, que nos ensina a dar a cada um o, que é seu. Contra os Stoicos se levantaram os novos Academicos, dos quaes Arcilas de Pitane, que nasceu 316 antes de *Jesus-Christo*, foi o primeiro, e, em quanto pretendeu restabelecer as doutrinas de Socrates e Platão, não fez mais, que embrenhar-se n'um scepticismo completo: de igual modo aberrando mais ou menos da sua origem foram variando as outras escólas Gregas. Todas essas opiniões desparatadas se encontram na philosophia transportada da Grecia á côrte dos Ptolomeos, a Judea, e a Roma: Demetrio de Phalerea, um dos homens de mais raro merito, levou a Alexandria a doutrina de Aristoteles, depois delle discipulos das outras escolas passaram alli; e por muito tempo, guardaram a maior fidelidade a seus mestres: o captiveiro de Babylonia fez, que os Israelitas gostassem das doutrinas orientaes, e pelas relações contraidas no Egypto, a que deu motivo a famosa versão Biblica, chamada dos *Setenta*, aprendessem a philosophia Grega; por isso a Judea viu em seu seio Essenos, Terapeutas, Phariseos, e Saduceos, e gerou Aristobulo, que

[1] Esta doutrina foi e é bem recebida, porque a questão está em gosar pacificamente, e para isso nega-se a Deos, se tanto se exigir.

D

pretendeu identificar do modo possivel as tradições dos livros sagrados com a philosophia o litteratura dos Gregos, como disse o sabio Schwartz: Roma enviando seus filhos á Grecia recebeu as lições dos seus professores, e não tardou a ser sua rival, dividindo-se em quatro seitas, porque os devassos e os naturalistas se submetteram a Epicuro, os homens do estado adoptaram o Scepticismo da nova Academia, os jurisconsultos votaram pelo Stoicismo, e um pequeno número do sugeitos reflectidos preferia Pythagoras e Platão; Catão, apesar de adversario de toda a cultura estrangeira, quiz saber a lingua Grega em idade avançada, e Lucrecio foi o pae do materialismo em Roma, em quanto Sextio se propoz attrair pela abstinencia á pratica das virtudes, e o grande Cicero que so pode ser comparado a Socrates e Platão, procurou elevar o homem ao coohecimento da propria dignidade e ao conhecimento de Deos e da immortalidade da alma, condemnou as superstições, os agouros e o destino, reconheceu o dever de amarmos os amigos, a patria e a humanidade inteira, mas encontrou em si proprio alguma cousa de Divino, e recommendou o polyteismo patrio. As contradições, quo vemos na propria epoca de uma philosophia mais adulta, professadas pelos homens mais judiciosos, a pretenção de dar intelligencia á materia, de fazer do finito infinito, e de considerar a perfeição no imperfeito, o despotismo, que alguns pregaram, a licença e a indiferença, que outros seguiram, são, a meu juizo, provas bem determinadas da corrupção humana, como da necessidado da revelação.

19. Em presença de quanto expuz, e segundo as luzes do uma philosophia sensata, os caracteres manifestamente Divinos de um systema de doutrina consistem, em que nos apresente a *Deos, como Senhor, Todo Poderoso, Creador, Providente, Justo, Bom, Misericordioso, Sapientissimo, Perfeitissimo, Eterno, Unico na essencia e na eternidade, e Trino nas pessoas* [1]; *e ao homem, ser creado, composto de puro espirito, á similhança de Deos, immortal, livre em suas acções para receber premio ou castigo, e de materia sujeita á corrupção e á destruição* [2]: neste systema Deos é digno de homenagens e de sacrificios, ouve as preces, e quer ser adorado em rasão do homem, e não de si; o homem deve adorar e rogar a Deos não só pelos beneficios da creação e conservação, pela dependencia, mas por ser Deos, e por corresponder com affecto ao affecto, com que Elle se digna honra-lo: deve amar os outros homens, não so por serem seus iguaes, pela dependencia, mas por corresponder ao affecto, com que por elles deve ser amado; deve finalmente conservar a vida apesar das tribulações e das enfermidades para melhor bem, e porque é da vontade de Deos: é isto o, que se encontra no systema de Moysés, por isso elle apresenta o dedo de Deos. Posto quo nas doutrinas philosophicas e nas dos cultos pagãos apparecem algumas traças desse systema sublime, a differença é patente, pois que nas primeiras faltava, como se tem dito, a luz da revelação, e nas outras, porque estava reservado esclusivamente a esse systema, e depois ao Christianismo, identificar a moral com o culto religioso, fazendo alliança intima, conforme sabiamente escreveu Degerando, entre as cerimonias exteriores e os sentimentos da alma; entre a crença e as acções da vida: tudo quo ha de commum no fundo é so para notar a origem dos conhecimentos humanos e dos cultos, e a corrupção daquelles e destes entre o paganismo, em que a rasão andou absolutamente livre para estabelecer a distancia entre as concepções humanas e a revelação, embora para tanto bastasse o amor puro e a esperança, que vemos exclusivamente no systema de Moysés, desenvolvimento ajustado das tradições primitivas, e depois no do Christianismo, aperfeiçoamento Divino desse systema. Ainda que o Santo Propheta, conductor dos Israelitas, aprendesse as sciencias no Egypto, suas doutrinas vão tão longe dessas, como das de todos os Povos da antiguidade, e para isso bastariam so os ritos do culto a Deos unico; mas os caracteres Divinos, quo acabo de referir a seu systema, fallam mais alto: fora disto, segundo elle, Deos creou o universo do nada [3], e não pensaram assim os Egypcios; admittiu a existencia dos Anjos com o fim de adorarem a Deos [4] e serem ministros de suas vontades [5], e a dos demonios, que tendo iguaes perfeições, as perderam por sua soberba, mas dessentindo das doutrinas orientaes, porque sua natureza e sua historia é differente do, que, segundo essas doutrinas, se lhes attribuia, como affirmaram Job [6], e Isaias [7]; expressou terminantemente a causa da decadencia do homem [8], que os philosophos ignoravam; propoz o remedio a esse mal [9], sem quo delle esses sabios tivessem conhecimento algum. A arvore da vida, que apresentam alguns cultos, a da sciencia do bem e do mal, cujo fructo Deos vedou ao primeiro homem, é expressa nos escriptos do grande Propheta [10], bem como a desobediencia ao Divino preceito [11], a maldição da serpente, que instigou a mulher a comer o fruto probibido e a seduzir seu marido [12], a promessa do Salvador subintendida na sentença, porque o Senhor ordenou, que *uma mulher calcaria a cabeça da serpente* [13]; essa mulher havia de ser uma virgem, que conceberia e pariria um filho [14] medianeiro entre Deos e o homem, e que satisfaria condignamente pelo homem a offensa a Deos, porque havia de ser homem e Deos [15]; e esse grande facto se havia de dar por meio de determinadas cir-

[1] Genesis 1—1 e 26; 17—1; 18—25. Exodo 33—20; 34—6. Deutronomio 4—35; 31—21. Job 36—26. Ps. 32—6, 88—12; 102—13. Sapientia 12—13. Isaias 8 3; 86—18.
[2] Genesis 1—26, e 27; 2—7; 9—6. Ps. 118—73. Sapientia 8—23. Ecclesiastico 15—14; 15 e 16.
[3] Genesis 1—1. Isaias 44—24.
[4] Ps. 90—11; 102—20; 103—4; 148—2.
[5] Genesis 16—7; 88—18.
[6] 4—18; 15—15.
[7] 14—4.
[8] Genesis 8—16 e 17, 3—13 a 19.
[9] Genesis 3—15.
[10] Genesis 2—16.
[11] Genesis 3—6.
[12] Genesis 3—1 a 5.
[13] Genesis 3—18.
[14] Isaias 7—14.
[15] Isaias 9—16.

cumstancias, e em certo tempo [1]: eis-ahi o, que finalmente caracterisa de Divino o systema ensinado por Moysés e desenvolvido pelos Prophetas, que se lhe seguiram, e o, que o distinguiu maravilhosamente de todos os systemas concebidos pelos philosophos o pelos apostolos de todos os cultos do paganismo.

20. O Salvador promettido ao primeiro homem, e annunciado pelos Prophetas de Israel, foi o objecto constante da esperança dos Patriarchas, e desse Povo escolhido de Deos, por largo espaço de muitos seculos: desde Adão até ao grande cataclysmo, que extinguiu a raça humana, á excepção de uma so familia, decorreram mil seiscentos cincoenta e seis annos, durante os quaes as orações e as lagrimas dos Santos requereram a brevidade do resgate de nossa especie; os crimes se amontoaram, e a Justiça Divina mandou á terra o castigo terrivel, de que, mais ou menos corruptas, dão testimunho as tradições de todo o orbe [2]: Noe perseverado do exterminio por grandes virtudes, de que encontrára exemplo em todos os seus ascendentes, e tão favorecido da Bondade Divina, cerrou os olhos esperando [3]: quatrocentos vinte e seis annos depois Abrahão pela sua fe mereceu, que o Senhor lhe renovasse as promessas [4]: Isaac, Jacob o sua descendencia até á saida do captiveiro do Egypto, n'um periodo do quatrocentos e trinta annos, se estiveram dispondo para receber o *Messias* a todo o instante [5]: mais quatrocentos setenta e nove annos se passaram desde essa epoca á fundação do Templo do Jerusalem, durante os quaes Moysés conduzindo os filhos de Israel nos desertos da Arabia, por ordem expressa de Deos, ao promulgar o decalogo, o desenho dos tabernaculos, os ritos sagrados, o a instituição do Sacerdocio, apresentou o symbolo da Igreja, que o *Salvador* havia fundar, o relatou a seus irmãos, como em termos claros Balaam predissera, que o *Messias* havia de nascer da casa de Jacob, e como o Senhor lh'o promettêra [6]; durante os quaes, repito, David cantou ao som de sua harpa celestial a naturesa, o ministerio, a paixão, a morte, a gloria do *Desejado* e a redempção do genero humano por elle operada [7]; e Salomão, erigindo a fabrica do Templo com ajuda dos pagãos, manifestou, que a obra do *Redemptor* não era exclusiva para os filhos do Israel, mas que seus beneficios se estenderiam a todos os homens [8]; finalmente passaram ainda mil o oito annos, nos quaes os Santos Prophetas pozeram seus esforços em dispôr com a eloquencia mais sublime da palavra e do exemplo a recepção *do que havia de vir em nome do Senhor*; assim Nathan, Elias, Elizeu, Jonas, Ozeas, Amos, Joel, Isaias, Abdias, Micheas, Nahum, Jeremias, Sophonias, Baruch, Holda, Habacuc, Daniel, Ezechiel, Aggeo, Zacharias, Nehemias e Malachias [9]; mas apenas o Baptista pôde aponta-lo com o dedo na hora, em que ia dar começo a Sua alta missão. Promettido, annunciado e suspirado o *Salvador* do mundo, so depois do quatro mil annos appareceu sôbre a terra; e o seu nascimento foi acompanhado do quatro circumstancias as mais extraordinarias: depois de Malachias, anterior á nossa era quasi seculo e meio, nenhum outro Propheta, antes desse grande facto, viu Israel, o so depois encontrou um, o filho de Zacharias, para testimunhar a presença; por outra parte os oraculos da gentilidade, quando estava proximo o anno 4000, immudeceram, conforme sabemos por Strabão, Plutarco o Porfirio, deixando apenas rasto de suas predicções em um ou outro paro annunciar o castigo de crimes, como pouco adeante a Pythia de Delfos, consultada por Nero, lhe lançou em rosto suas atrocidades emprasando-o para soffrer uma desastrosa morte, a que o parricidio e maldades do especie nova o haviam de levar: algumas vezes estes oraculos de um certo modo patentearam a vinda do *Messias*, como sabemos por Virgilio e por outros; e, embora se mantivessem á sombra de mysterio, respondendo com obscuridade, sem dúvida Deos permittiu, que predissessem claramente, para confusão de quem os consultava, o futuro, a que as verdades annunciadas pelos Prophetas de Israel fôssem por elles repetidas para conhecimento da gentilidade, que dava credito á sua voz, porque não só aos descendentes de Jacob, mas a todos os homens interessava o grande acontecimento, que fez a época mais famosa na historia: entretanto a sua precisão cessava de existir com a realidade desse grande acontecimento, por isso se foram desbaratando pouco a pouco. Mais uma circumstancia, não menos maravilhosa, foi cessarem as guerras em toda a terra, o que teve logar na proximidade do nascimento do *Christo* do Evangelho, e de que sabemos por Dião Cassio o por outros escriptores pagãos, porque o *Principe da Paz* não devia apparecer entre os homens na hora das batalhas. A terceira deu-se no decreto de Augusto para se fazer relação de todos os individuos sujeitos ao orbe Romano, porque d'ahi veio o cumprimento da notavel prophecia de Micheas, que se cumpriu nascendo o *Salvador* em Belem [10], para onde a Virgem, acompanhada de seu espôso, caminhára em obediencia ao mandato imperial. A última, mais famosa, e de que bastante se disso já, encontra-se na corrupção levada ao auge em toda a terra; e nos encontraremos facilmente a causa, se se meditar um pouco na grande Missão de *Christo*: porque, quando urgisse mais a sua vinda, era então, que isso devia ter logar: quanto admiravel e Deos em seus conselhos! O paganismo acreditava, que o melhor meio de expiar os crimes e applacar a colera de seus deoses estava nos sacrificios humanos; e a philosophia degenerada e degeneradora, que dera incremento a essa corrupção, que se lastima, o estabelecêra o materialismo o o indifferentismo, essa mesma concorreu para dar cabo desses sacrificios, porque devia ser o último um operado de modo bem differente, porque o sacrificio da Cruz devia ser por uma sentença, que condemnasse o innocente para expiação de crimes iniquamente imputados a elle, e executado pelas mãos dos algozes, em quanto os outros se destinavam á expiação de peccados

[1] Isaias 53—6 a 11. Daniel 9—24 a 27.
[2] Genesis 1 a 6.
[3] Genesis 7 a 9.
[4] Genesis 10 e 11: 12—1, 2, e 3.
[5] Genesis 12 a 50.
[6] Exodo 19, 20, 24 a 40. Levitico 1 a 9, 16, 17, 23, 24, 26, 27. Numeros 3, 4, 8 a 10, 17, 18, 24—17. Deuteronomio 4 a 7, 10, 12, 16, 17, 18—1 a 15.
[7] Psalmos.
[8] Liver 3 dos Reis 6 e 7.
[9] Livr. 2, 3, e 4 dos Reis, 2 de Esdras, e os dos Profetas.
[10] Micheas 5—1. Lucas 2—1, 6, e 7.

alheios, e se faziam pelo cutello sacerdotal! Inuteis estes, mas cridos pela superstição gentilica; e proficuo aquelle, mas descrido por Israel e pela ingratidão pagãa! A 25 de Março do anno do mundo 3999 Maria Santissima Virgem descendeote de David, como predisse Isaias, e historiaram os Evangelistos [1], concebeu do Espirito Santo, e na noite de 25 de Dezembro segninte deu á luz o *Messias* da antiga lei, o *Christo* do Evangelho, homom o Deos, como predisse Isaias e historiaram os Evangelistas [2]: desde o berço até á Cruz o *Promettido*, o *Desejado*, o *Verbo de Deos*, *Deos* vestindo a carne humana, *Jesus-Christo* se sujeitou a nossa infermidades, e por fim soffreu a morte para nos resgatar do captiveiro do demooio, para expinr o peccado de origem, a que não foi sujeito por impeccavel, e para nos fazer participantes da gloria do Reino dos Céos: é assim, qne Deos obron comnosco, e o, que levou o Apostolo das gentes a declarar, que dopois do um tão grande milagre de amor da parte de Deos, não perdoando a Seu Proprio Filho por nos salvar, não nos deve separar de *Christo* nem a tribulação, nem a sngústia, nem a fome, nem a nudez, nem o perigo, nem a perseguição, nem ainda a espada [3]: *Jesus-Christo* ensinou e pregou a dontrina celestial, que deve tornar melbor nossa condição, fazer-nos felizes na presente e futura vida, obrou portentosos milagres para confirma-la, concluin Sua alta missão subindo á morte da Cruz, e offerecendo-se om holocausto pelos homens [4]. A iniqnidade Judaica, qoe derramara o sangue do *Justo*, viu, desdo o instante, em qne ollc pedira perdão para seus proprios algoaes, e *entregara seu espirito nas mãos de seu Pai*, prodigios espantosos, porque o véu do Templo se rasgou de alto a baixo, o sol eclipsou-se, a terra se cobriu de escuridão, o tremeu horrivelmente, as pedras se despedaçaram, os tumulos se abriram, os mortos resuscitaram, e appareceram em Jerusalem a muitos: o centurião da cohorte Romana, que presidiu á execução du supplicio, reconheceu a mão de Deos em todos esses acontecimentos, e depois delle seus soldados declararam, que só Deos poderia obrar tanto; mas os Judeos endurecidos presistiram tenazes em seus crimes, qnando Pilatos mesmo, que lavrara a sentença, protestou contra a injustiça della [5]: não foi, porém, só na cidade de David, que similhantes prodigios se presencearam, nem só ahi, que se deu pleno testimunho do Sacrificio do Homem-Deos, porque em Athenas Dionisio, um dos juizes do areopago, nessa hora clamon: « *Ou o Deos da natureza soffre, ou a maquina do mundo se deroca* »; Tiberio informado de tantas maravilhas, quiz levantar altares a *Jesus-Christo*, e o mesmo pretenderam fazer posteriormente Adriano o Alexandre, mas não lhes foi permittido para não se confundir a verdadeira Divindade com os deoses falsos do paganismo; Tacito, Suetonio, Plinio, e Flegonte, bem como todos os philosophos, dos primeiros seculos da nossa era, quo se recusaram á profissão do Christianismo, não poderão negar, que em seu Anthor havia alguma cousa de extraordiuario, e que attraía seriamente us attenções.

21. *Não vim destruir a lei, mas aprefeiçoa-la*, disse o *Salvador* [6]: segue-se, que a Religião revelada ao primeiro homem, se explicou com mais claresa em seu systema prodigioso oo Sinai, se desenvolvon completamente, e se sellou com todos os caracteres expressos da sua origem Divina pelo Homem-Deos: isto é o, que um grande Padre, Santo Epiphanio, nos annunciou escrevendo, qne « *a Igreja Catholica formada com Adam, annunciada nos Patriarchas, acreditada em Abrahão, revelada por Moyses, prophetisada por Isaias, manifestado em Christo, e unida a Elle, como sua unica espósa, existe antes e depois de todos os erros.* » Deos Um na esseocia e Trino nas pessoas, Pae, Filho consubstancial ao Pae, que d'Ello procede, que encarnon por obra do Espirito Santo no ventre purissimo da Virgem Santissima, se fez homom, com sua morte oxpiou os peccados dos homons, resuscitou ao terceiro dia, subiu ao Céo e está sentado á direita do Pae; e Espirito Santo, que procede do Pae o do Filho, nossa santificação, e o Paracleto mandado pelo filho: o Pae, qno por amor para com os homons mandou o Filho a resgata-los; o Filho, que por amor para com os homons os remiu do peccado o satisfez por elles a offensa, porque tinham incorrido no desagrado do Deos, e os exaltou á dignidade de filhos de Deos; e o Espirito Santo, quo por amor para com os homens os enche dos beneficios da graça, com a qnal absolvidos do peccado estão unidos a Deos: Deos, que se nos revela pela sua palavra; quo se nos manifesta em suas obras; que exigo de nós a prece e adoração por nossa causa e não por Sua; quo creou o homem á Sua imagem, immortal; quo premeia suas virtudes nesta vida, e na futura com o gôso da Bemaventurança celestial; que castiga seus crimes n'esta vida, o no inferno depois della; quo purifica no purgatorio depois da morte suas imperfeições; qoe lhe deu a liberdade para seguir o bem e evitar o mal; que procura arreda-lo do crime, o traze-lo a emenda; que a toda a hora, om que se arrepende, lhe perdoa; que julgará depois da morte, e no dia último da existencia do mundo, faeendu apparecer deante de si os corpos mortaes resuscitados o unidos ás almas immortaes: eis-ahi o systema do Christianismo. A esta theoria sublime se reuno um complexo de dontrinas moraes conformes absolutamente a ella, disposto com maravilha a guiar o homem ao seu fim, quo é Deos mesmo, por meio de todas as virtudes, quo podem em realidade constituir a perfeição para tornar o homem similhanto a Deos, quo é perfeitissimo: referem-se essas doutrinas ao, que devemos obrar para com Aquelle, que nos creou, remin, e santificon, para comnosco e para com os homens; mas para que a pratica de todas ellas aproveite ao homem na causa de sua justificação e santificação, requer-se a fé em Deos, a esperança na sua misericordia, e a caridade, o amor de Deos por ser Deos, e aos homens por serem seus filhos, ou a abnegação de si proprio para seguir a Deos, e para fazer beneficio aos homens, porque isso é da vontado do Deos: esta só nota caracteristisca de origem Divina bastava ao Christianismo, se outras não tivesse! A abnegação de si proprio, disse eu! comtudo as tendencias do homem são ao revés e com tanta fôrça, que o homem precisa auxilio, e deficiente seria este syste-

[1] Isaias 7—14; 11—1. Matheus 1. Lucas 1 e 3.
[2] Isaias 7—14, 9—6. Matheus 1—20 e 25. Marcos 1—11. Lucas 1—31. João 1—1 a 14.
[3] Aos Romanos 8—32 e 35.
[4] Dão disso testimunho os Patriarchas e os Prophetas da antiga lei, os Apostolos e Discipulos, que presencearam estes grandes factos, e a tradição constante de dezenove seculos.
[5] Os Apostolos e Discipulos, e a tradição.
[6] Matheus 5—16.

ma maravilhoso, se delle carecesse: não o é, porque o author do Christianismo é Deos, e as obras de Deos são perfeitas: esse auxilio está na graça, com que o Espirito Santo santifica o homem; e *Jesus-Christo* estabeleceu o modo de conseguir, por meio de signaes sensiveis, tão grande beneficio espiritual, desde o berço até ao sepulchro, e em todos os estados da vida; esses signaes sensiveis, os *Sacramentos*, produzem um tal effeito, e outros não menos sublimes: o *Baptismo*, ablução da agua, ou derramamento de sangue, que apaga todos os peccados do homem, e lhe abre as portas do Reino de Deos, e tal é a bondade do Senhor, que permittiu bastarem ao homem ardentes desejos de o receber, se não póde consegui-lo, mas por outra parte não quer, que se repita; a *Confirmação*, pela qual o homem recebe o dom da fortalesa celestial, ou, como disse S. Hilario de Arles, o *argumento para a graça*, do mesmo modo que pelo Baptismo o *complemento para a innocencia*, mas a sua naturesa exige, que uma só vez se confira; a *Santissima Eucharistia*, por que se opéra o augusto mysterio da Transubstanciação, ou a conversão do pão e vinho no Corpo, Sangue, Alma e Divindade de *Jesus-Christo;* a *Penitencia dos vivos*, por que se apagam os peccados confessados expressamente, com sincero pezame e firme protesto de emenda; a *Penitencia dos moribundos* ou a *Extrema-unção*, por que se apagam os peccados, se os ha, e as reliquias dos peccados; a *Ordem*, por que o homem se separa do commum dos fieis para exercer o Ministerio Sagrado; e o *Matrimonio*, por que se santifica o casamento ou o laço mais indissoluvel da sociedade humana. Depois de estabelecidas as doutrinas theoricas e práticas necessarias á salvação, e os meios de conseguir esta pela graça do Espirito Santo, devemos attender ao modo de venerar a Deos, expresso no systema ordenado por *Jesus-Christo:* a parte mais sublime do Culto é a *Missa*, em que se celebra a *Santissima Eucharistia*, se recordam os mysterios da salvação, e que comprehende propriamente todas as partes integrantes do Culto, *louvor*, *adoração*, *prece* e *sacrificio*, porque nella se offerece em holocausto a Deos Seu Proprio Filho; seguem-se outras fórmulas, com que se adora a Deos por um modo especial e unicamente digno de ser-Lhe consagrado; e com que se tributam á Virgem Santissima honras como Mãe de Deos, Mãe e Protectora dos homens, e aos Anjos e Santos em gráo inferior, como intercessores e medianeiros dos homens para com Deos; conforme esta regra se dobra o joelho á Cruz, aos Instrumentos da Paixão do Salvador, e aos Logares da Redempção, ás Reliquias dos Santos, e ás Imagens, porque representam a *Jesus-Christo*, a Santissima Virgem, e aos Anjos e Santos; e tão extremadas estão as differentes especies de culto, que nem se confundem entre si, nem com o, que só á Divindade pertence: celebra-se o Domingo, cessando de todo o trabalho em memoria da Resurreição, substituindo o Sabbado, que guardava Israel por estar nesse dia perfeita a obra do Creador; solemnisam-se outros dias, e n'outros se recordam os Mysterios da vida terrena de *Jesus-Christo*, e os que se seguiram depois da Sua morte; observa-se o jejum mais ou menos rigoroso n'outros; tem-se por Logar Sagrado o dos sepulchros dos mortos, e fazem-se preces por sua salvação, porque estabelecida a communicação das bôas obras, ellas aproveitam não só a vivos, mas a finados; e, conforme essa doutrina, os suffragios e as indulgencias, que aproveitam aos vivos, tem a efficacia para com os mortos, que acabaram na communhão da grande sociedade formada pelo Homem-Deos, a sua Igreja. Esta é a espôsa de *Christo*; visivel; unica, porque Unico é seu Author, por isso fora della não ha salvação; Santa, porque Elle é Santo; Catholica, porque é universal; Apostolica, porque os seus fundadores foram os Discipulos especiaes do Salvador; Romana, porque em Roma se erigiu o centro de unidade; indefectivel, porque Deos está com ella até á consummação dos seculos, e porque é incapaz de êrro, por isso não institue novos dogmas, mas os declara, quando mão impia os quer atacar; e perfeita, porque tem em si os meios de permanencia e conservação, e os põe em prática por modo sobrenatural regulando-se na parte interna invariavelmente, e modificando suas leis no externo, conforme as circumstancias externas o exigem; porém não é ao todo, que o privilegio da inerrancia e a authoridade pertencem, porque nessa hypothese, em logar da perfeição, apresentava o typo da anarchia, mas dividindo-a seu Divino Author em docente e ouvinte, áquella pertence o ensino e o mando, e a esta aprender e obedecer: esta comprehende a universalidade dos fieis, e aquella o Sacerdocio, em que o está constituida a Jerarchia Ecclesiastica; e posto que certas instituições da Igreja não pertençam ao Sacerdocio, os seus individuos reputam-se estranhos ao commum dos fieis, propriamente consagrados ao Senhor, e ligados ao serviço do Altar e a glorificar a Deos, por um modo especial no Claustro, como sem formar parte do corpo docente, mas em estado superior a essa porção, se contam as pessoas insignes pelo caracter sagrado da *Ordem Sacramental*, dedicadas umas a ministrar no Sacrificio, outras a opera-lo, em quanto da superioridade gosam os Pastores, aos quaes o Senhor entregou o thesouro de suas graças no mais subido ponto, concedeu o privilegio da inerrancia, e fez absolutamente depositarios de todo o podêr; assim mesmo a unidade exigiu, que a jurisdicção de cada um se contraisse a certo número de fieis, e que aquelle privilegio não fôsse de cada um em especial, mas de todos dirigidos por um, como centro, a quem legou sua authoridade mais em especial, como a Vigario Seu a respeito dos outros; porque «*embora*, disse S. Jeronymo, *a fôrça da Igreja se apoie egualmente sôbre os dôse Apostolos, um entre elles foi escolhido, para que, constituida a cabeça, não haja occasião de scisma;* e foi isso o, que com muito saber e glória sua, depois de grandissimo número de escriptores, mostrou ha poucos annos contra os Anglicanos o illustre Zeloni. Em confirmação da verdade deste systema e sua origem Divina estão d'um lado as prophecias, os milagres, a historia de seus proprios factos, e d'outro a perfeição de suas theorias e a conformidade absoluta de sua moral com o verdadeiro bem: não é preciso mais para estabelecer a sua excellencia sôbre todas as concepções humanas: tratarei agora de constituição da Igreja por aquelles, a quem o Homem-Deos a encarregou. Havia *Jesus-Christo* escolhido entre Seus Discipulos dôse, a quem commetteu essa constituição, e lhes deu a suprema direcção e govêrno d'ella: um destes, Judas Escariotes, o entregou á morte, e se assassinou; e outro, Pedro, foi elevado pelo Divino Mestre á dignidade de Summo Pastor não só de todos os fieis, mas de todos os Pastores: unidos a Pedro os dez restantes adoraram o Homem-Deos, quando delles se despediu para subir o seio de Seu Pae, e Se Sentar á Sua Direita: nesta hora tremenda, depois de lhes declarar, que era Omnipotente no céo e na terra, os encarregou de ensinarem todas as gentes, baptisando-as em nome do Padre, do Filho e do Espirito Santo, e dirigindo-as no caminho da Bemaventurança; e lhes fez a promessa solemne de estar com elles até á consummação

dos seculos.[1] Antes de Sua Ascenção lhes prometteu *Jesus-Christo* enviar o Espirito Saoto para os encher de dons celestiaes; e elles tendo eleito entre os Discipulos do Divino Mestre a Mathias, para perfazer o número de dôse, esperaram pelo cnmprimento da promessa reunidos em Jerosalem no Cenaculo, onde *Jesus-Christo* instituiu o *Santissmo Sacramento da Eucharistia:* não tardaram a vê-la realisada; e desde então abundantes de graça e sciencia celestial, deram principio ao seu alto Ministerio na Cidade Santa; porém moveu-se-lhes perseguição (que trouae a gloria do primeiro Martyr, o Deacono Estevão) até ao anno 36, em que Tiberio a fez de tode cessar; pooco depois, havendo começado de novo suas prégações e o exercicio da virtude de obrar milagres em *Jerusalem* e na Jndea, se despersaram (para dar testimunho de seu Divino Mestre ate aos confins da terra, como alli haviam dado) cada qual aos logares, que lhe couberam em sorte por disposição do Espirito Santo, ficando perpetuamente naquella Cidade Thiago chamado irmão do Senhor, que della constituiram Bispo, e por algum tempo Pedro, que mais adeante, tendo fundado a Igreja de Antiochia, passou ao seu destino, que era a Italia, e principalmente *Roma*, onde estabeleceu a Sé Mãe[2], e obteve a palma do martyrio[3]: dos restantes (como desses) segundo apreodemos dos Padres Gregos, e entre elles de Dydimo Catechista da Igreja de Alexondria, dos Latinos, principalmente de S. Jeronymo, Santo Isidoro, S. Julião de Toledo, e do veneravel Beda, se retiraram Thiago o *maior* a *Hespanha*, que voltando a Jerusalem, foi martyrisado, e seus Discipulos vieram dar-lhe sepultura na Gallisa; Fillippe a *Gallia* e *de Nações limitadas pelo Oceano*, o que importa dizer, *Inglaterra* e *Germania*, e d'ahi, aos confins da Scythia, á *Alta Asia*, limitaodo com a missão de André; este a *Scythia*, ou os paizes ao norte do Ponto-Euxino e do Mar-Caspio, e voltando a annunciar o Evangelho na *Achaia*, ou no trato de terra, qoe corre do Mar Egeo eotre a Thessalia e o Pelopooeso ate ao Epiro, lá recebeu a palma; Judas á *Mesoptamia e Armenio;* Bartholomeu a *Lycaonia*, ou parte da Capadocia anstral ao poente da Armenia, dentro da sorte de João, e a *India;* João, o Discipulo amado (a quem o Senhor entregou a Santissima Virgem para della cuidar como filho, e na pessoa do qual do alto da Cruz symbolisou a humanidade inteira, dando-lhe por Mãe a Sua Propria) á *Asia menor*, isto é, aos paizes, que estão confinados pelo Eufrates, Ponto-Euxino, Mar-Egeo e Mar-Mediterraneo, sem que isso o impedisse de pregar aos *Parthos;* Thomé á *Parthia* até ás *Indias*, isto é, aos paizes austraes e orientaes da Asia, como divididos por uma linha tirada do Caspio a limitar com a missão de Filippe nessa região; Matheus aos *paizes orientaes e meredionaes da Africa*, depois de prégar na *Macedonia*, e antes disso na *Judeo;* onde escreveu o seu Evangelho; Simão ao *norte e poente da Africa;* Mathias ás terras da *Judea*, e pregou tambem na *Colchida*: conclue-se disto, que não foi impedido levarem a luz do Evangelho uns aos paizes dos outros; e que a Pedro, posto que coubesse em sorte uma região da Europa, tocou as fundação das Igrejas Mães, erigindo elle mesmo a de Antiochia, por Marcos seu Discipulo a de Alexandria, e fixando a Suprema, como se disse, em Roma: depois destes elegeu o Senhor para Apostolo regionario e Coadjutor de Pedro, ao motor da primeira perseguição da Igreja em Jerusalem, Saulo, que depois de sua maravilhosa conversão tomou o nome de Paulo, e foi companheiro de Pedro na gloria do martyrio[4]. Em seculos baixos tem-se escripto da prégação universal do Evangelho problematicamente, porque nas sortes, ou, melhor, nas regiões, em que se annunciou a palavra do Senhor, não são expressas a America e Oceania, isto é, que a doutrina da salvação *devia* ser ouvida de todos! não estamos em estado de dúvida sôbre o facto, nem ainda sôbre a epoca, embora se não saibam quaes os Missionarios dessas duas grandes regiões; por quanto S. Paulo na Epistola aos Romanos[5] disse terminantemente, que em toda a terra *fez* echo o som da voz dos Apostolos, e aos confins do orbe da terra chegaram as suas palavras; esta Epistola foi escripta em Corintho de volta da Macedonia para a Grecia com destino a Jerusalem para levar aos fieis as esmolas colhidas naquelle paiz e na Achaia, conforme o sentir de Origenes e S. João Chrysostomo, por isso no anno 55 da era vulgar, segundo a opinião dos melhores chronologos; e disto resulta, que estava então prégado o Evangelho em todos os logares povoados da America e Oceania, porque essas regiões são uma parte da terra, fôssem S. Thomé, S. Matheus, S. Simão, algum outro Apostolo, ou seus Discipulos os pregoeiros da nova celestial, pois é isso o, que prova o dito do Apostolo das gentes, e posteriormente a tradição expressa pelo veneravel Beda[6], dizendo: « *O som da pré-*

[1] Matheus 10, 16—15 a 19, 27—3 a 5, 28—16 a 20 Marcos 14—43 a 45, 16—14 e 18. Lucas 8—13 a 16, 24—28 a 53. João 15—18 a 27, 21—14 a 17.

[2] Alexandre Popovitski propoz um meio de pacificação, entre a Santa Igreja de Roma e a scismatica dos Gregos, no systema exposto em um folheto intitulado = *Clamor de Orthodoxia Catholica ao Catholicismo Romano* = que traduziu da lingua Russa na Franceza. O fundamento dessa pacificação está, em que o Summo Pontifece renuncie, ao Primado e ao dogma da Processão do Espirito Santo. Entre os seus argumentos ha grandissimas falsidades historicas, como, por exemplo, que o Primado de Roma nunca foi reconhecido no Oriente, que só depois do scisma appareceu o systema da Monarchia universal, de Roma, e que aos Patriarchas do Oriente precedia o Constantinopolitano. Quer por isso a união, mas com egualdade entre Roma e Constantinopla, e negando Roma o, que *Jesus-Christo* ensinou, se viu logo expresso, e posteriormente definido, quando disso houve urgencia. Declara-se sincero, mas faz accusações falsissimas a Roma, e indica, com muito louvor, a obra de Allies = *A Igreja Anglicana justificada da accusação de scysma pelos testimunhos de sete Concilios geraes.* = Esta obra é uma mentira em presença das doutrinas e dos factos, e seu proprio author depois o confessou abjurando o Anglicanismo. Não é desse modo, que se ha de fazer a pacificação, deixe Popovitski a Deos o cuidado de a fazer; a época não dista, porque vae decaindo muito de sua fôrça o scisma oriental, como o vão as seitas originadas de Luthero; e o author do folheto, como o traductor, seus parciaes, e todos os hereges e scismaticos, que fallam hoje na necessidade da pacificação, revelam o presentimento da morte instante de seus principios, por isso com sinceridade affectada propõe meios conciliadores, mas absolutamente desconvenientes á doutrina de *Jesus-Christo:* seus esforços são grandes para destruir o Catholicismo puro, a meio de velhacaria, e tanto maiores forem, mais proximo está o momento do pleno triampho da verdade orthodoxa.

[3] Actos dos Apostolos, 1 a 9—31. Eusebio, S. Jeronymo, e demais Historiadores Ecclesiasticos.

[4] Actos dos Apostolos 9 e seg. Eusebio, S. Jeronymo e demais Historiadores Ecclesiasticos.

[5] 10—18.

[6] Commentario aos Psalmos

gação dos Apostolos saiu da Judea, e chegou a toda a terra: isto é, a todas as partes da terra, e tambem a todos os angulos das partes, porque as suas palavras chegaram a todos os confins do orbe da terra: nenhum angulo da terra habitavel ha, onde não soasse a doutrina Apostolica, pelos Apostolos, por seus Discipulos ou successores.» A questão é pois de alguns annos, se foi antes de 55, como sentem, segundo fica escripto, os mais famosos chronologos, ou posteriormente antes de 58, como penson Vitre, além de outros; mas, embora se retarde ainda mais do que este expositor quiz, a época não poderá ser depois do anno 67, em que S. Paulo foi degolado, porque elle disse terminantemente, que estava prégado o Evangelho em toda a terra, sem exclusão de partes, na Epistola *Canonica* aos Romanos, que ninguem nega ser sua.

22. O Christianismo, que pelos seus dogmas desconcertava os planos dos philosophos, e punha em tortura os podêres da terra, e pela sua moral contrariava as torpesas, as ambições e as atrocidades de todos os homens, devia soffrer as últimas calamidades; e taes foram na verdade, que só a mão de Deos pôde salva-lo, manifestando vesivelmente o podêr do Céo no cumprimento da promessa de sua assistencia, e de triumphar das portas do inferno por todos os seculos até á consummação delles. A primeira perseguição, que padecou a Igreja nascente, foi motivada pelo furor judaico inspirado pela soberba philosophica do orientalismo dos Pontifices de Israel; mas a Igreja atravessou gloriosa essa época confessando sua fé no martyrio de Santo Estevão, o primeiro dos Deacanos, como é dito, adquirindo na pessoa de um dos seus maiores perseguidores um grande Apostolo de sua santa doutrina, S. Paulo; convertendo milhares de Israelitas e infieis a seu seio; e declarando formalmente no primeiro Synodo, ou reunião dos Supremos Pastores presidida por Pedro, o Vigario de *Jesus-Christo*, que ella gosava o dom da inerrancia, porque o Principe dos Apostolos, ouvidos os votos de seus irmãos no Pontificado da nova lei, deu sentença na questão dos legaes proposta por Paulo e Barnabé Discipulo do Senhor, declarando, que os Christãos [1] não eram obrigados ao seu eumprimento, pela fórmula *«pareceu ao Espirito Santo e a nós* [2]*»* isto é, a elle e aos outros Supremos Pastores.[3] A primeira lueta da pseudo-philosophia contra a Igreja de Deos, teve logar em Roma, sendo athleta Simão o *mago*, que fôra convertido na Samaria pelo Deacono Filippe, que exigira de Pedro a venda das graças do Senhor [4], e por que o Santo Apostolo severamente o reprehendêra: esse homem, que pretendia enganar os fieis com seus embustes, e chegou a ser adorado como um novo Deos na capital dos Cezares, foi conveneido por Pedro, e sua doutrina desacreditada; e além deste milagre, que operou Deos em beneficio do Christianismo, a vinda do famoso discipulo do inferno a Roma teve o resultado immediato da fundação da Igreja Mãe nesta cidade, porque o Principe dos Apostolos correndo desde Antiochia em demanda do monstro, fixou ahi a Séde Suprema do Christianismo, porque assim estava decretado nos Conselhos Eternos. Continuaram por um lado a propagação do Evangelho e a constituição da Igreja em toda a terra; e por outro os combates da impiedade e as victorias dos Missionarios do Reino dos Céos, quando Nero decretou a primeira perseguição aos Christãos imputando-lhe o incendio de Roma, de que elle proprio tinha sido o author: Pedro e Paulo com milhares de fieis, derramaram seu sangue em eonfirmação da verdade nas provincias sujeitas ao mando daquelle tyranno; mas em vez do exterminio desejado da *nova superstição*, como o paganismo inculcava a Religião de *Jesus-Christo*, o número dos fieis cresceu espantosa e incrivelmente em toda a parte; a Pedro succedeu Lino, e novos Pastores occuparam o logar daquelles, a quem a espada dos Cezares havia feito subir ao Céo: poucos annos adeante no septuagesimo da nossa era, se cumpriram as predicções do Salvador sôbre a sorte de Jerusalem [5], quando Tito se fez senhor della, arrasou e incendiou o Templo: não tardou uma nova perseguição movida por Domiciano, tão malvado como seu antecessor Nero, mas talvez mais preteneioso, que ello, e apenas foi modificada tempo depois por Trajano em rasão do testimunho das grandes virtudes dos Christãos, que lhe deu Plinio o *moço:* ao lado desse combate sanguinolento dava outro não menos horrivel a pseudo-philosophia pelos seus instrumentos Ebion, Menandro, Cerintho e Nicoláo; mas em quanto o Céo se foi povoando de Bemaventurados e multiplicando na terra os fieis, os contradictores da orthodoxia Christã viram contra si o triumpho adquirido pela sciencia mais sublime, quo encerram os Evangelhos, as Epistolas dos Apostolos, o Apocalypse e outros escriptos, e pela eloquencia prodigiosa do *Discipulo amado*, de Clemente successor de Cleto (que o fôra de Lino) no Summo Pontificado, de Hermas, e de outros: assim terminou o seculo 1.º Fica dito, que a perseguição contra os Christãos, decretada por Domiciano, se modificou em rasão do testimunho de Plinio a seu favor; mas não foi isso senão prohibir, que delles se inquerisse, deixando entretanto livre a delação, e perdoando só aos apostatas. Adriano successor de Trajano em fôrça das apologias de Quadrato e Aristydes, e sôbre tudo das eartas de Serenio Granio proconsul da Asia, que tratou de injusta simillhante perseguição na resposta á consulta do Soberano a tal respeito, aboliu-a, salvo se os Christãos fôssem accusados por outros motivos; porém embora isso a politica, o culto pagão, e pseudo-philosophia achavam sempre meio de continuar suas atrocidades pela calúmnia; assim teve logar no reinado de Antonino, até que elle, attendendo ás rasões de Justino e ás lagrimas dos outros fieis, mandou castigar os delatores por seus falsos testimunhos; e no de Mareo Aurelio, apesar das apologias daquelle Bemaventurado Justino, de Melitão e de Milciades, e da oração de Athenagoras progrediu; deste modo, com mais ou menos furor, se passou até ao raiar do seculo seguinte, alcançando a palma, entre grandissimo número, os Santos Bispos Semião de Jerusalem, Ignacio

[1] Este nome, que inculca sua origem e nossa dignidade como filhos do Evangelho, começou a usar-se em Anthiochia desde o anno 40 de nossa era, fundada já a Igreja dessa região, santificada ainda pelo govêrno de Pedro seu primeiro Pastor, e prégando lá Paulo e Barnabé.

[2] Actos dos Apostolos 15—1 a 29.

[3] Synodo typo de todos os Synodos geraes, de que, segundo o principio alli recebido, pertencem de direito Divino ao Summo Pontifice a convócação, a presidencia e a publicação.

[4] Este crime anathematisado constantemente pela Igreja, por desgraça, dura hoje, e se tem commettido com grandissimo escandalo.

[5] Matheus 24—2.

de Antiochia, Onesimo de Epheso, Polycarpo de Smyrna, e com elles o illustre Presbytero Justino: ao lado da espeda dos Cezares promovia o philosophismo a destruição da Christandnde pela lingua e pela penna de Carpocras, Velentino, Cerdon, Montano, Taciano, Theodoro, e outros; apesar disso o Senhor, que velava sôbre a sua Igreja, lhe deu triumpho assim pele constancia de seus Mertyres, pelo zêlo de seus Pastores isolados on reunidos em Synodos, como pela sebedoria desses veneraveis Sacerdotes, que nomeei, e de outros muitos, em que entram Papias, Hegesipo, Irenco de Leão, Dynis do Corintho, e Panteno, começaodo desde o rniar do seculo a propria philosophia a dnr poderoso nuxilio ao Christianismo; desse modo nada poderam as astncins do demonio por então, antes hem ao contrario Roma viu succeder sem interrupção, Anacleto ao grnode Clemente, e áquelle dez Vigarios de *Jesus-Christo* ate Victor I; foi assim, que as Nações, onde estava estabelecida delinitivamente a Jerarchin Ecclesiastica presenciaram e successão de seus Pastores através de tanta celamidade, em quanto outras receberam novos Missionarios, como a Inglaterra, onde por ordem de Santo Eleutherio foram dois desde a eapital do mundu Christão restaurar o aprisco do rebanho do Salvador, segundo escreveram Beda e muito depois Thomnz Eliense e Thomaz Rudbnrn. No enno 202 ao principio do seculo 3.º decretou Septimio Severo novns tribnlações prohibindo, que alguem se fizesse Jndeo on Christão; e principalmente em Alexnndria, onde se publicou o edito filho de ana crueldade: foi espantoso o número dos martyrios, segnindo incessaotes até Alexandre Severo, que se não fôsse a perfidia dos jnrisconsultos Ulpiano e Paulo talvez tivesse dado a paz á Igreja; mns npesar disso menos dura foi a sorte dos fieis; um pouco mais adeante Maximino, Decio, Vnleriano, Galieno, e Aurelinno renovaram n lei de Septimio, e toda a ferocidnde dos nlgozes não foi capaz de ohter nma victoria aos podêres da terra, aos adorndores das paixões humanas personificadas nos idolos, aos suppostos sabios; porqne resignadamente offereceram n vida por *Jesus-Christo* Leonidas, o grande Iraneo. Fabião e Estevão Summos Pontifices, o Deacono Lonrenço, Cypriano Bispo de Carthago, Fractnoso Bispo de Terragona, e Sebastião, com tão crescida multidão de Pastores, Sacerdotes, Fieis, Virgens e Matronas, qne é impossivel calcular: em qnanto de um lado os esforços dn falsa sciencia conspiravam em auxilio dos tyrannos por meio de Theodoro de Bysancio, Novato, Novaeiano, Sabellio, Paulo de Samosates, Manes, Fellecissimo, e aiuda alguns, como Porphirio; do outro e lingna e a penna de Clemente de Alexandria; de Tertnliano, qne depois errou; de Hypolito; de Origenes, epezar de seus grandes defeitos; de Minucio Felis; de Gregorio o *thaumaturgo*; de Cypriano; de Methodio; e de Diniz de Alexnndria, além de mnis, derem por terra com a fábrica, que o diabo levantára para conseguir triumphos, mantendo-se illesa a doutrina e unidade peln vigilencia dos Pnstores nos Synados de Roma, Africa, e Antiochia, e fora delles: na cadeira de S. Pedro não foi interrompida a successão desde Victor I a Marcellino, e pela mesma ordem continnon nas outras Igrejas a Jerarchia, e a missão se renovou, onde era nrgente: os Fieis cresciam, tanto no centro da sociedade, como no deserto, para onde a maldnde de Decio obrigou muitos a refuginr-se, como fez Paulo Thebano; mas não é d'aqui o comêço da vida ascetica, porque desde os tempos Apostolicos a luz do Evangelho chegou ao ermo, em que residiam muitos Therapeutas, entretanto pelo meado deste secnlo os Fieis começaram a procnrar a solidão, em quanto ate alli a doutrina celestiel in ter com elles; e isso mostrou em mnitos bons fundnmentos o Abbade Rohrbacher: as vexações sanguinarias quasi constantes deste seculo, ns heresias, e os scismas de Africa e de Roma affligiram por tal modo a Igreja de Deos, que a snn permanencia deve ser considerada comn nm grande milagre; atormentada pelos inimigos e por seus proprios filhos, e despedinçando-se elgumas de suas columnas, assim mesmo com e fortalesa, qae só póde dar a mão de Deos, ella se epresentou firme e inabalavel em uma época talvez mais terrivel, que a de Nero, Domeciano e Decio o peor dos tyrannos do terceiro seculo, tal foi a *era dos Martyres;* parecia, que as tribulações passadas a deviam fazer succumbir deante do Deocliciено, porem toda n ferocidade de Romn gentilica esmoreceu dennte de sua constancia e de seu valor; era o último combate, todas ns fôrças dos Cezares se empenharnm, mas a victoria pertencen a, quem vigorosamente, dnrante tres seculos, luctárn com as armns da paciencie e da resigneçãn contra os carceres, tormentos e morte, contra ns garras dos leões, e contra o ferro dos litores. No anno 302 foi declarado o exterminio de todos os Christãos; e o velho Deocleciano, posto que, desde sua accessão ao throno, nunca deixou de os perseguir, parecin hesitar sôbre a proposta de Galerio, que era a mais sanguinolenta, decidin-se finalmente por olla; a todos os governadores das provincias envinu ordeos tão terminentes, qne nada deixavam a desejar; mandou Dncinno a Hespanha com essa so commissão o podêres necessarios sôbre todos os delegados do podêr [1]; e depois se vangloriava com seu collega Maximiano Herculeo de ter acabado com os Fieis de *Jesus-Christo!* Até onde chega a loncara hnmana! Mas en não chego a saber, se este malvado tinha mais senso commum do, que Antonio Pereira de Figueiredo. com todos quantos nntes delle disseram, que *com um exemplo nunca antes visto* espontaneamente *deposeram a purpura e renunciarom* o *imperio os dois Augustos Jovio Deocleciano e Maximino Herculeo,* quando não podiam ignorar, que o Cesar Galerio, motor dn persegnição, e o bom Constnncin Chloro lhes fizeram depôr a authoridade: nesta famosa *era* subiram o mnrtyrio, regando com seu sangue todas as terras do dominio Romano, e tingindo as ngnas de sens rios e mares, entre e mais prodigiosa multidão, os Santos Bispos Anthimo de Nicomedia, Phileas de Thmovis, Narciso, Braz, Pedro de Alexandria, Methodio de Tyro; os Bemaventurados Sacerdotes Saturnino e Pnmphilio de Cesarea; os venernveis Deaconos Vicente de Ceragoça, Euplio de Catania, e Felix, o Exorcistn Procopio; n Leitor Polião; o centurião Marcello; o soldado Theodoro; os virtuosos irmãos Verissimo, Maxima e Julia de Lisboa, Theodoto de Ancyra, os illustres esposos Artemio e Candida com sna filhn Paulina virgem; os meninos Justo e Pastor de Alcalá de Henares; as eastas Virgens Eulalia de Merida, Theodora de Alexaudria e Pelagia de Antiochie; a virtnosa matrona Domina com es virgens Prosdoce e Berenin suns filhas tambem de Anthiochia; e o cathecumeno Victor de Bragn: não menns extenso é o cnthalago dos Santos Confessores, á frente dos quaes está o Summo Pontifece Marcello, e alem do qual referirei Valerio de Cera-

[1] Se isto não prova o maior número de Christãos nesta provincia do imperio, uma Jerarchia da Igreja numerosa, e maiores tendencias para o Christianismo, eu não sei bem o, que possa provar

goça e Osio de Cordova, tão recommendavel o primeiro pelas tribulações como pela constancia em edade extremamente avançada, e o segundo tão illustre pelos soffrimentos na era do paganismo e nos dias dos arianos, como pelo respeito, que lhe grangearam na Igreja de Deos a conversão de Constantino o *gronde*, a presidencia do Santo Synodo geral 1.° de Nycea em qualidade de Legado de S. Silvestre, que então occupava a Cadeira de S. Pedro, e pela firmesa em defender a Santo Athanasio o maior adversario dos hereges, e que então padecia dos podêres da terra por causa delles. Mais cruel do, que a espada dos Cesares e os tormentos, que a preversidade humana soube inventar nesta perseguição, foi um monstro filho do inferno a das escolas de sabedoria humana, quero dizer, Hierocles governador da Bythinia e depois do Egypto, e instrumento dos impios decretos de Deocleciano, que escreveu um livro chamado *O Amigo da Verdade*, no qual, a titulo de amor e compaixão, calumniou infamemente o Christianismo para attrahir os fieis à apostasia[1]; mas foi escarnecido pela perseverança recommendada por todos os Pastores e nomeadamente por S. Pedro Alexandrino, de quem eu já disse: a constancia dos Christãos era inabalavel, a sua extincção appetecida tornava-se impossivel aos podêres da terra, as suas virtudes edificavam todo o orbe[2], e o braço dos successores de Augusto estava cançado de assignar editos de exterminio e de morte, por isso Constantino o *gronde* attendeu a voz de Osio, que Deos pozera a seu lado, e firmou o decreto de paz: uma nova época appareceu nos dominios do imperio, mas nem por isso a Igreja deixou de padecer, porque a santidade de sua doutrina não se amolda a ambição e impuresa dos homens: entretanto na Persia, onde S. Milles em sua Missão viu estabelecida a jerarchia, e auxilion os Santos Pastores, Sapor imitava os senhores de Roma, destruindo os altares, e dando a palma a muitos fieis, como aos Bispos Sapor, Izaac, Semião, e Thiago, ao Presbytero Daniel, e aos outros Santos Jonas, Sabas, e Maria Virgem: outros tormentos padeceu tambem a Igreja de Deos pelos pseudo-philosophos, hereges e scismaticos, e de que não a salvou a paz de Constantino, nem a prohibição do paganismo decretada mais tarde por Theodosio o *grande*, porém a mão do Senhor obrou pelos seus Pastores reunidos ou dispersos, e pelos seus sabios: Celso author do *Discurso da Verdade*, Hierocles já referido, foram os primeiros chamados philosophos, que combateram o Christianismo; seguiram-se Donato herege e scismatico, Melecio, Ario o mais pestifero, Photino, Aecio e seus discipulos Eunomio e Macedonio, Massalianos, Apolinar, Colyridianos, Prisciliano, Helvidio, Joviniano hereges, Juliano impio apostata, Lucifer scismatico, e ainda mais. Do lado contrário estavam os Synodos de *Eliberi* na nossa Peninsula para manter a fé e a constancia na perseguição estrondosa de Deocleciano; de *Arles*, em que se condemnaram os Donatistas e a rebatisação; de *Nicea*, o 1.° geral, em que se declarou contra Ario, que *a Consubstancialidade do Verbo*, era dogma recebido dos Apostolos; de *Sardica*, em que presidiu Osio de Cordova em nome do Santo Padre S. Julio I, como em vez de S. Silvestre presidira àquelle *Niceno*, e em que se sentenciou a causa de Santo Athanasio desterrado pelos arianos, e se condemnou Paulo de Samosates; de *Roma* anteriores e posteriores a este; de *Sirmio* contra Photino promulgador da doutrina do Samosateno, que negava a Divindade de *Jesus-Christo* reconhecendo-o como puro homem; de *Arimino*, em que se confirmou a Orthodoxia Nicena; mas os arianos obrigaram alguns Bispos a sobscrever a uma formula; heretica, o *Alexandrino* convocado por Santo Athanasio contra todos os hereges; o *Constantinopolitano*, em que se condemnou o êrro de Photino, e se definiu ser doutrina da Igreja o Baptismo dado em nome da Trindade Santissima, expressa, contra Eunomio, o dogma da Encarnação do *Verbo* no ventre da purissima Virgem e da egualdade das Tres Pessoas Divinas contra Apolinar; e que, posto não ser geral na convocação e intenção, passou a sê-lo pela approvação do Summo Pontifice S. Damaso aos seus decretos dogmaticos; de *Ceragoça* contra os desatinos de Prisciliano; o de *Milão* convocado por Santo Ambrosio contra a egualdade dos meritos e crimes e contra a impuresa de Joviniano; além de muitos outros, em que avultou o *Toledano* 1.°, do anno 400, (talvez o mais notavel excepto o de *Elibri*, os dois geraes, e o *Sardicense*), convocado por ordem do Vigario de *Jesus-Christo* S. Leão o *grande* contra os priscilianistas, que fez a Regra de Fé tão famosa na historia da Igreja em Hespanha, e que confessou, como aquelle Santo Padre, que o Espirito Santo procedia do Pae e do Filho, muito antes dos dois Synodos geraes 7.° de *Nicea* e 18.° de *Florença*: de mais dos Santos Synodos estão os escriptos dos Padres, com que a Igreja egualmente triumphou; são os illustres nomes de Eusebio Vercelense, Basilio o *grande*, dois Gregorios Niceno e Nasianeno, Efrem, Cyrillo de Jerusalem, Epiphanio, Athanasio, Ambrosio, Damaso, Paciano, Amphiloquio, Optato, Jeronymo, e João Chrisostomo, que todos a Igreja venera sôbre os altares; Arnobio, Lactancio, Juvenco, Potamio de Lisboa, e embora errassem Eusebio de Cesarea e Didimo, alem de outros: por suas virtudes, firmesa e zêlo não adquiriram menos glória os Summos Pontifices, posto que só Damaso se conte entre os grandes escriptores; depois de Marcelino, que deixei no seculo antecedente, veio logo Marcello, e a este por successão nunca interrompida se seguiram outros até Anastacio I, que todos se veneram como Confessores de *Christo*; ao lado delles porei ao Bispo Martinho de Tours, que teve culto immediatamente ao seu transito, Hilario Pictavense e Eusebio de Cesarea na Capadocia differente pela santidade do referido Cesariense da Palestina; depois destes Pastores devem contar-se Antão, Macario, Pacomio, Hilarião, e outros, a quem devemos a regularidade e progressos da vida Monastica; e entre as

[1] Este methodo de seducção é mais iniquo do que a propria iniquidade: entretanto é assim, que nos convidam hoje para a união com Gregos; e do mesmo modo os descrentes alimentados com o leite do materialismo e do deismo das sociedades secretas pretendem corromper aquelles, que ainda tem fé, possuam ou não outras virtudes; para tal gente não ha mais que as conveniencias da carne, essas, que o Christianismo reprova, que combateu sempre, e pela condemnação das quaes soffreu em todos os seculos de sua existencia as maiores tribulações.

[2] *Em toda a parte da orbe, e em toda a sociedade*, porque lá havia Christãos, *as suas virtudes eram de todos presenciadas: na Parthia renunciaram elles a poligamia; na Media não lançavam aos cães os mortos; na Persia não casavam com as filhas; na Bactriana e na Gallia não adulteravam; no Egypto não adoravam o boi apis, o cão, o bode ou gato; em qualquer parte nenhuma lei ou costume estranho, nenhum motivo social seu, ou de algum principe, os podia obrigar ou impellir em occasião alguma, a fazer o, que seu Mestre reprovou: mas antes que isso soffriam a pobresa, as tribulações, a ignominia, e os mais duros tormentos*: é isto o, que refere Eusebio de Cesarea na sua *Preparação Evangelica*; e de que as provas para o contrário faltam absolutamente.

santas mulheres Helena, Lucis, e Monica. Ainda por agora a successão nas differentes Igrejas da Christandade passou como constaote, apesar das perseguições de Juliano o *apostata*, que morreu desesperado ua guerra dos Persas declarando vencedor a *Christo*; e fóra disso e necessario referir os progressos da Missão, especialmento na Armenia, começada por S. Gregorio *illuminador*, na Iberia, e de S. Frumencio enviado á Ethiopia por Santo Athanasio, por quem se renovou n semente Evangelica, e se estabeleceu a jerarchia nesse paiz, como escreveram Theodoreto e Rufino. Ao comêço do secule 5.° a Europa se viu innndsda de hordes barbaras vindas do norte para darem cabo de imperie ne occidente, e fazer substituir Roma pagã pela Christã; os Godos, que salram da Scandinavia para a Ilha de Gethlandia, pela Thracia e Illirico entraram na Italia, e pouco mais adeante vieram dominar desde o Rhodsno até á nossa terra, tornados arianos, porque assim o quiz o Imperador Valento, estabelecerom a heresia nos seus dominios; mas nem assim perigou a Fe Catholica, apesar de algumas perseguições; os Alanos, Vandalos e Suevos, que aetes appareceram em Hespanha, e lhe fizeram tão incriveis males, como escreveram Idacio e Sante Isidoro; destes os prilueiros, naturaes d'entre Volga e Don, e que eram idolstrss, como os nltimos, foram extintos, não tardou mnito; os segundos, cgualmente Scandinavos e arianos como os Godos, passaram pouco tempo depois a Africa, ende atormentaram os Catholicos tanto, quanto poderam, sendo primeiro Martyr Arcadio Hespanhol, a quem e veneravel Bispo de Cosantina Honerato Autonine exhortou á constancia na fé, e a quem se seguirsm outros com desolsção da Igrejs, qne muito lastimon, alem de muitos, e bom Vietor Tunonense; os nltimos visinhos do Baltico, e que se senhorearam de mnitas torras entre o Oder e o Dannbio posteriermente se converteram, por deligencia de Balconio Bispo de Braga; mas neste mesmo seculo sbraçaram o arianismo: os Borgonhões, um rsmo dos Vandales, atravessando pela Helvecis vieram tomsr assento no paiz dos Gallos; atraz delles entraram ahi os Sicambros da Scythia Europea, jó nomeados Francos, que por fim dominaram quasi todo esse paiz, e só no fim do seculo abraçaram o Christianismo muito depois, que os Borgonhões entraram no gremie da Igreja: depois de todos estes encontrâmos na historia os Hunos, idolatras, que de fundo da Tartaria abrindo caminho pela Thracia levaram a ferro e fogo a Italis, recuando, em Roma, deante de S. Leãe I e seu Rei Attila *açoute de Deos*, e, destroçados em França, se estabeleceram na Panonia, que de sen nome se disse Hangria; logo os Hernlos vindos de Thule pela Germania passaram á Italia com Odoacro, que den cabo do simulacro de imperio occidental existente na pessoa de Romulo Augustulo, fez-se senhor de Roma, e pretendeu intervir na eleição do Summo Pontifice S. Felix III [1], mas não o obteve, porque o Clero Romano se lhe oppoz com uma coustancia, de quem só reconhece superioridade em Deos; finslmente os Godos orientaes arisnos, que occupsvam uma porção de Dacia a da Mesia, capitaneados por Theodorico *amalo* destruiram o podèr de Odoacro, e dominaram a Italie: basta so esta narração para conhecer, quanto padeceris a Igreja de Deos, assoladas as terras dos Cathelicos por pagãos e hereges, em quanto por outra parte a perseguição continnava na Persia reinando Izedegerde I e seu successor do mesmo nome; mas não so d'ahi vieram tribnlações, a pseudo-philosophis trouxe e não poucas: Pelagio, e seus discipulos Celestie e Juliane, semiplagianos, Vigilaucie, Nestorio, Euthiques, Dioscoro, Pedro Cnapheo, e os predestinacianos levantaram a voz da rebellião contra a doutrina da Igreja, despedoçando ss entranhas de *Jesus-Christo*, ao lado dos Msnicheos e dos Donatistas, que perseveravam inimigos della, aquelles desde o seculo 3.°, e estes desde e 4.°; ao mesmo tempo qne scismaticos usurpavam a Cadeira de S. Pedro: entretanto a vigilancia da Santa Se e dos Pastores fieis do Rebsnho do Salvador reunidos nos Synodos de Africa, de Diospolis na Palestina, de Rema, de Alexandria, fez triomphsr os dogmss da necessidade da graça para a salvação, do peccado eriginal, e da validade dos Saeramentos dados por máes Ministres, e testimunhon, que o Virgem Santissima foi Mãe de Deos, e que em *Christo* havia uma só Pessoa; no gerol 3.° de Epheso presidido por S. Cyrillo Bispo de Alexandria em nome do Summo Peutifice S Celestine I, em que se deu mais amplo e mais firme testimunho dessas sagradas deutrinas; no geral 4.° de Calcedonia, em que se declarou contra Eotiques e seu apologista Dioscoro, que em *Christo* havis duas naturesas, que não a Divina, mas a humana padecen os tormentos e a morte para nos remir do peccado, e se canonisou a carta do Summo Pontifice S. Leão e *grande* (que nelle presidiu por seus Legados) dirigida a S. Flaviano Bispe de Constantinopla para ser regra de Fé do Mysterio da Encarnação do Filho de Deos; finalmente no Romane convecade por S. Gelasie I, qne occupava a Cadeira de S. Pedro desde 492, no qual se declararam os livros, que a Igrejo de Deos venera como canonicos: a par dos Synodos pelejaram os sabios, a quem o Espirito Santo dirigia, Agostinho, Cyrille já nomeade, Paulino, Isidoro Plusiota, Prospero Aqnitanico, Chrysologo, Nilo, Possidonio, Hilario de Arles, Basilio Seleuciense, Msxime, Remigio, Gennadio de Constantinopla, Vicente Lerinonse, que venerâmos sôbre es altares; Solpicio Severo, Orosie, e mais: por ontra parte notarei e zêle e piedade dos dòse Summos Pentifices, cnje cathslego começou por Innocencio I successor de Santo Anastacie I, (qne do secule antecedente chegou a este), continuou por Leão I e *grande*, e passon até Symaco, apresentando, em cada um destes Vigarios de *Jesus-Christo*, um Santo á veneração dos fieis; e de egusl modo a constancia daquelle Flaviane martyrisado pelos Euthiquianos, e dos outros Bispos Adbas, José, e Izaac, de Sacerdote Leoncio, que confessaram e Fé nas perseguições da Persia: em fim, posto qne de tantas desordens metivadas pelos pagãos, e heresiarchas resultou faltorem, algumss vezes, nss Igrejss bons Pastores, poncas deixaram de restaurar-se; e a Missão Sagrada foi exercida com particulares desvélos entre es Arabes e Francos; na Germania, onde e necessario reconhecer em S. Severino um Anjo do Ceo para fazer admirnr nelle as virtudes do Christianismo pelos barbaros, e te-lo como proctetor em snas necessidades; e na Irlanda no Bispe S. Patricio seu Apostolo. Entremos nu seculo 6.°: gemia a Italio debaixe de jugo dos Godos orientaes, do mesmo modo que Africa

[1] Eis-aqui a origem do padroado laical: os seus primeiros vestigios não remontam por isso além do anno 483, época desta eleição. Odoacro entrou em Roma á frente de uma tropa de Herulos, Rugos e Turcelingos, gente fera e barbara sem nenhum temor de Deos nem respeito á Igreja, por isso apta para tentar a usurpação mais injusta, mais violenta e mais opposta á doutrina de *Jesus-Christo*.

sujeita aoa Vandalos, uma parte da França e toda a Hespanha em podêr dos Suevos e dos Vesigodos, todos elles arianos, em quanto n'outras regiões era opprimido o Christianismo por esses e por outros hereges e pelos pagãos, e se lançaram sôbre a Italia, Africa, e uma pequena parte do meio dia da nossa peninsula os exercitos de Justiniano para affligir os Catholicos com a errada doutrina dos incorruptiveis, que sua vaidade e turpesa philosophica professava: atraz destas calamidades veio outra á famosa região do Lacio com os Lombardos capitaneados por ElRei Alboino, que Narses delegado da côrte imperial do oriente chamou da Panonia, substituindo assim outros arianos os Godos, e mais tarde o proprio dominio de Constantinopla: entretanto a estes tormentos seguiram-se ainda maiores, que por um modo novo atribularam a Igreja de Deos nos seculos seguintes, e ainda hoje, posto que na sua decadencia, fallo dos causados por Mohammed natural de Arabia Catholica, a qual corrompeu com sua perniciosa doutrina, que fez propagar de espada na mão por seus sectarios na Asia, Africa, Europa, e ainda Oceania; o seu nascimento e cultura pertencem a este seculo; e por isso no immediato abrira nova época a sua infernal conquista, porque de todos os factos externos é o mais estrondoso, e que não deu menos Martyres e menos gloria ao Christianismo do, que a tyrannia Romana: em quanto a fôrça bruta vexava a Igreja de Deos a pseudo-philosophia não a atormentava menos por interposto dos acephalos, jacobitas, aphthardocitas ou incorruptiveis, armenios, monothelitas, e scismaticos; mas tudo isso atravessou victoriosa nossa Santa Religião. Alem de muitos Synodos para regular a discipilina, o Arausicano 2.° contra os semiplagianos; os de Constantinopla e Jerusalem contra os impugnadores do geral Calcedonense; o geral 5.° de Constantinopla presidido por Santo Euthiquio Bispo desta cidade, e approvado depois pelo Summo Pontifice Vigilio [1], em que se condemnaram os tres capitulos Nestrianos, e se confirmaram os quatro Synodos Geraes antecedentes (e em especial o de Calcedonia); o I.° de Braga contra o priscilianismo, e em que os Suevos abjuraram o arianismo; e o 3.° de Toledo, em que os Godos tambem abjuraram esta última seita: combateram com denodo pela Fé os Summos Pontifices, que sem interrupção se seguiram a Santo Hormisdas successor immediato de S. Symaco, até S. Gregorio I o *grande*, e dos quaes apenas João II Vigilio e Pelagio II não são venerados sôbre os altares; auxiliaram seu desvélo os Santos Martinho Bracarense, Fulgencio Ruspense, João Climaco, Alcimo Avito, Enodio, Gregorio Turonense, e outros, aos quaes eu com prazer accrescento Dionysio o *pequeno* e Venacio Fortunato: aos triumphos obtidos pela penna accresceram os da santidade expressos nas virtudes dos Martyres Agostinho e Hermenegildo, dos Confessores Daniel Bispo de Galles, Thiago Bispo de Batué, Bento regulador do Monastico no occidente, Germanano Bispo de París, Leandro Bispo de Sevilha, João Bispo de Gerona, Colombo Sacerdote, e Simão Stelita, das Virgens Escolastica e Brigida, da penitente Maria Egypciaca, e da illustre Matrona Candida: finalmente a Missão Evangelica se exerceu com prosperidade convertendo-se os Suevos e Godos occidentaes, os Inglezes e outros povos, restabelecendo-se completamente e com explendor a jerarchia Catholica em Hespanha, sendo disso instrumentos S. Martinho de Braga entre os Suevos, e S. Leandro entre os Godos, e na Inglaterra Santo Agostinho illustre Martyr, de quem ja fallei, e que a esta região foi enviado pelo Summo Pontifice S. Gregorio o *grande*.

23. O poderoso elemento do politeismo, que foi o primeiro a levantar a espada contra a Igreja de Deos, depois de vencido em seis seculos [2] pela constancia dos Martyres, pela santidade dos Confessores, pelo zêlo dos Pontifices, e pela Divina eloquencia dos Missionarios, cobrindo o rosto com o manto da vergonha, retirou-se para admirar os triumphos, de quem combatia com esfôrço sôbre humano, onde e quando o chamassem á peleja; e na verdade como poderia ter fôrça para sobreviver a derrotas de seiscentos annos? a corrupção pagã importada da Persia a Jerusalem cortou os fios da vida a Estevão, o primeiro dos Martyres; estabelecida em Roma fez voar Pedro e Paulo ao Céo; assentada sôbre o throno de Sapor cortou os fios da vida de muitos, como Simão de Seleucia; e peregrinando das regiões do norte até Hespanha fez rolar a cabeça de Hermenegildo aos pés do algoz; porque abafára no coração de Israel os sentimentos puros do verdadeiro principio Religioso, do mesmo modo que não deixára repassar o de Leovegildo dos sentimentos puros do Christianismo, em quanto nada impedia os seus progressos na perversa alma de Nero ou de Sapor: quantos milhares de fieis luctaram ate a ponto de largar a vida terrena para sustentar a doutrina de *Jesus-Christo* em todos os logares da terra desde o grande periodo, que decorreu de Tiberio até subir ao throno de nossa peninsula o grande Recaredo I? Qual sabedor de arithmetica será capaz de contar o numero daquelles, que, sem obter a palma, confessaram a *Christo* desde o Eunuco da Rainha Candace baptisado pelo Deacono Filippe no caminho da Cidade Santa até ao illustre João Biclarense, atormentado pelo último Vesigodo ariano, o que chegou a ver firmemente venerada nas margens septentrionaes do Téjo, onde nascêra, a Orthodoxia Catholica? Que penna sublime não será a, do quem descreva dignamente os trabalhos incessantes para manter a puresa da Fé, com que se tornaram insignes Pedro e os Apostolos, e seus successores até Gregorio o *grande*, até aos Bispos, que com elle guardaram fieis o deposito confiado a seus desvelos pelo Homem-Deos? Qual será a crença, a seita, ou a nação, que apresente uma lista de sabios tão altamente recommendaveis pela virtude

[1] Que não quiz assistir a elle, mas recebeu os votos de submissão dos Padres, apesar das tramas iniquas e infames de Justiniano.

[2] Não é, que se pretenda haverem terminado completamente as perseguições do paganismo em toda a terra, porque ainda nos nossos dias tem tido logar, mas trata se apenas de sua existencia permanente, e de épocas, em que só delle se originavam: por outra parte não se ignora, que antes do islamismo e posteriores a Leovegildo houveram martyrios ordenados por testas coroadas, que de Christãos tinham só o nome, pelo philosophismo, sensualidade, e outros crimes, porque contra isso bastariam o massacre de S. Flaviano em 449, e o dos Monjes de S. Sabas em 615 na Palestina, o supplicio do illustre Anastacio na Persia em 628, o assassinio da Virgem Ignes pelos annos 646 na Lusitania, e do Bispo Leger em 678 na França: porém só o terceiro foi solemnemente decretado pelos podêres da terra na época da última perseguição dos successores de Sapor, e que apesar disso não produziu tão grande abalo na Christandade, como o de El-Rei Santo Hermenegildo, os dois ultimos não tiveram motivo em questões de Fé, em quanto o primeiro veio da maldade heretica, ou soberba philosophica, que é o mesmo.

e pela sciencia, como essa lista, que começa por João Evangelista o *Discipulo amado* até Gregorio o *grande?* O politeismo cedeu, porque suas armas eram fracas e impotentes contra esses exercitos, á frente dos quaes estava *Jesus-Christo*; e sua duração foi tão longa, porque era necessario, que mais numerosos fossem os triumphos do Christianismo á custa delle: uma nova época se abriu com o seculo 7.°, apresentando outro adversario poderoso, em frente da Igreja de Deos, o principio unitario, mas erroneo e impuro, o islamita; mais tarde veio outro, o trinitario, mas louco, o phociano, ambos combateram ao mesmo tempo, e, em quanto este dura, apesar de vencido por muitas vezes, aquelle foi destroçado pelas armas, porque seu dominio plantou-se pelo alfange, porque o ferro de Mohammed devia ser feito em pedaços pelo queijado dos Cruzados: vamos ver, por agora, as primeiras luctas do principio islamita: esse homem famoso nasceu em Meca na Arabia Petrea d'uma familia notavel da tribu Coraichetes illustre entre os Arabes, foi educado na Syria por um herege da seita nestoriana, e passou successivamente de soldado a commerciante, e deste genero de vida ao de apostolo d'uma nova relegião, inventada por elle mesmo, fingindo, que se lhe revelára pelo ministerio do Anjo Gabriel: um dos homens, que primeiro o reconheceram propheta foi seu primo Warrakah, antes Judeu, logo Christão, e depois pagão; seguiram outros, e Mohammed começou, debaixo da protecção de Abou-Taleb, seu tio, chefe dessa tribu dos Coraichetes, a prégar publicamente sua doutrina, a qual chamou *islam*; mas essa mesma protecção não bastou a sustenta-lo, porque, exceptuados poucos proselitos, a tribu se revoltou contra elle; entretanto socegada a primeira turbação o seguiram alguns peregrinos estrangeiros, e uns Judeus, que foram outros tantos apostolos de sua impiedade: esses e outros successos fizeram crescer sua audacia, por modo que no anno 621 ousou decedidamente tomar um caracter de mais superior authoridade declarando sem receio seus pretendidos favores do céo; prégando a unidade de Deos, sim, mas dando d'Elle idéas grosseiras e fazendo-o o author de todos os crimes; estabelecendo, como testimunha seu livro, uma religião toda carnal e um paraiso immundo; e obrigando todos a seguir sua doutrina por meio da violencia: —*crê ou morre*— esta foi a sua cifra; mas nem era preciso tanto, porque, onde falta a graça do Espirito Santo, nada ha mais facil do, que seguir as inclinações torpes da nossa naturesa corrupta: um systema, que santifica todos os praseres, e um paraiso de deleites em premio de o ter abraçado, não pareceram ao supposto propheta bastante para alcançar numerosos sectarios, pelo que tratou de forçar as consciencias; e na verdade tão abstruso era o seu dogma e tão torpe sua moral, que, apesar da nossa corrupção, o alfange se tornou urgente para as suas conquistas religiosas: disto se vê, qual inimigo nelle teve o Christianismo! Uma segunda e mais forte sublevação o obrigou a fugir de Meca para Medina em 622, época famosa de sua seita com o nome de *egira*; mas, posto que essa fuga só teve logar em 12 de Setembro, os islamitas a começam a contar desde 16 de Julho: sendo já numerosos seus seguidores fez guerra á sua patria, e de victoria em victoria se foi engrandecendo até ao ponto de ser senhor de toda a Arabia, e estabelecer sôbre os Arabes seu podêr espiritual e temporal: depois da sua morte os kalifas, que lhe succederam, alargaram os seus dominios, de modo que eram obdecidos em grande parte da Asia [1], Egypto e Africa septentrional até ao Oceano, pelo fim do seculo 7.°, que vou historiande: tal foi o rapido incremento de suas conquistas! Porém necessitâmos advertir, que, segundo a sentença Divina, *são necessarios os escandalos*, e que só por essa necessidade o podêr do *islam* se elevou a tão grande altura em tão breve tempo: não é dado ao homem fazer a conta dos, que padeceram por Christo no primeiro seculo da dominação mahometana em fôrça de sua absoluta intolerancia e animosidade contra o Christianismo! A par dessa grande calamidade o pseudo-philosophismo corrompeu os Bispos de Constantinopla Sergio, Pyrrho e Paulo, o de Alexandria Cyro, e o de Antiochia Macario, que se fizeram sequazes do monothelismo, assim como outros pregadores do êrro perderam os Christãos da Georgia, e os da Syria (que adoptaram o nome de Maronitas) ensinando-lhes e fazendo-os adoptar suas maldades; por outra parte o podêr temporal se arrojou sacrilegamente a tratar questões de Fé, decretando Heraclio a *ectese*, em que, condemnando o euthiquianismo, approvou a doutrina dos monothelitas; e impondo Constante II, pelo seu *typo*, silencio á questão d'uma ou duas operações, e de uma ou duas vontades em *Christo*; mas o peor foi, que o mal veio do Sacerdocio, pois nos Bispos de Constantinopla já ditos, Sergio e Paulo, ambos hereges, encontrâmos os authores e instigadores dessas atrocidades! Nem por isso a Igreja de Deos esmoreceu por causa destas tribalações: o Monje Maximo em contestando as doutrinas monothelitas, Leger Bispo d'Autum em se oppondo ás vistas ambiciosas e á tyrannia dos politicos, e a Virgem Ignez por querer salvar sua puresa contra o arrojo de um demonio revestido de habitos Monasticos, padeceram o martyrio: grande numero de Synodos fez regular a disciplina Ecclesiastica, e atraz destes o Lateranense condemnou a exposição de Fé proposta nos editos imperiaes, o de Milão e o de Roma se declararam expressamente contra os monothelitas, e isso fizeram o 6.° geral de Constantinopla presidido pelos Legados do Summo Pontifice Santo Agatão, e o 14.° de Toledo: não só reunidos, porem dispersos, mostraram seu zêlo os Pastores orthodoxos coadjuvando os seus successores de S. Pedro; entre estes deram testimunho o mais authentico de sua Fé João IV, Theodoro, S. Martinho, que considero

[1] A Persia, que depois da ruina da Babilonia dera leis ao mundo, e que viu seu podêr destruido por Alexandre, ao começo do seculo 7.° encontrou em Cosroes II, seu Rei, um imitador do Cyro, que destruiria o imperio Romano no oriente, como elle destruiu o de Balthasar, se o parricidio perpetrado na pessoa de Hormisdas não devesse ser punido por Siroes seu neto. O barbaro matador de seu pae, sob pretexto de vingar a morte do Imperador Mauricio, que o sustentára no throno invadiu, e se fez senhor desde a Armenia até á Palestina, no anno 615 levou á fôrça a Cidade Santa, e conduziu á sua côrte no meio de innumeraveis captivos a Cruz de *Jesus-Christo*: Heraclio successor de Phocas, contra quem o barbaro idólatra levantára armas, desde o anno 622 se pos á frente d'uma grande armada para restabelecer as provincias usurpadas, mas só depois de feita a paz com Siroes já, assassinado Cosroes em 628, pôde no anno seguinte conduzir a Cruz em triumpho á montanha do Calvario: apesar da desmembração dos estados, que o pae de Siroes unira a Persia, era esta ainda uma tão grande potencia, que competia com a de Constantinopla, e como egual se unia a ella pela alliança última; mas, os dois primeiros Kalifas não só a submetteram absolutamente ao seu dominio, mas conquistaram a Heraclio a Syria, Palestina, e Egypto, e levantaram sôbre as muralhas de Sião, em 636, o estandarte, que symbolisava o seu podêr.

Martyr, Domno, Santo Agatão, de quem disse, S. Bento II, que eximiu a Igreja da infamia de ver approvada a eleição do Vigario de *Jesus-Christo*, como pretendia. O doacro, ordenou depois Theodorico, e sustentaram os imperadores do oriente, e S. Sergio, que resistiu ás pestilentes novidades, que depois do pseudo-synodo de Trullo pretendia introduzir na Igreja Justiniano II, digno successor do primeiro deste nome sôbre o throno Bysantino[1]: a sciencia e as virtudes mais solidas combatiam na Igreja ao lado do zêlo, do que são evidente prova os escriptos de S. Sophronio Bispo de Jerusalem, de João Mosco, de Santo Anastacio Sinaita, de S. Maximo de Constantinopla, de Santo Isidoro Bispo de Sevilha, de Santo Ildefonso e de S. Julião Bispos de Toledo; e os actos de S. João o *esmoler* Bispo de Alexandria, de S. Columbano, que subiu á gloria do martyrio, e de S. Gallo Monjes, de S. Lourenço Bispo de Cantuaria, bem como d'ElRei Santo Oswaldo, de Santo Heladio e Santo Eugenio Bispos de Toledo, de S. Fructuoso Bispo de Braga, do Abbade S. Felisberto, de Santa Gertrudes Virgem, e de Santa Begga viuva e Monja: em quanto os hereges polluiam as Igrejas, e os professores do islamismo as derrocavam, a Missão Evangelica progredia com alta prosperidade no paiz de Northumberland, que o Bispo S. Paulino converteu, servindo-se Deos do casamento de ElRei Edwin com Edelburge princesa Catholica; e na Phrisia, onde prégaram o Bispo Santo Swidberto, e S. Willebrodo. Começou o seculo 8.º fatal para Hespanha pelas discordias civis, que a submetteram ao jugo mossulmano: depois d'um triumpho conseguido no sul, e invadida toda, excepto as montanhas do norte, os islamitas, senhoreando-se della e da França até ao Rhodano, derramaram tanto sangue Christão, que mal podia crer-se, se testimunhas da vista, como Isidoro Pacense, o não affirmassem! Ao mesmo tempo em todos os paizes, em que era lei o *islam*, a Christandade padecia os maiores males e mais violentamente em Africa, onde Edris I a forçou a abraçar a doutrina immunda de Mohammed: accresceram a estes desastres outros não menores, a impiedade do malvado Imperador do oriente Leão *isaurico* inimigo do culto das Sagradas Imagens, e por isso author da famosa heresia dos iconoclastas; atraz disto a pseudo-philosophia vomitou blasphemias pela bôcca de Elipando Bispo de Toledo e de Felix Bispo de Urgel, que renovaram a heresia de Nestorio, accrescentando, que *Jesus-Christo* só foi filho adoptivo de Deos, arrependendo-se depois o primeiro, mas acabando pertinaz o segundo; e para cúmulo de tantas desditas os scismas de Theophilato, Constantino a Filippe vieram ao centro da Igreja de Deos! Entre os muitos Christãos, que obtiveram a palma morrendo pela Fé ás mãos dos islamitas no occidente temos a S. Theofredo Abbade com os Monjes da Carmeri, e Santa Eusebia Abbadessa com as Monjas do Mosteiro de Marselha, além de muitos outros; no oriente a S. João Damasceno por escrever em favor do culto das Sagradas Imagens foi cortada a mão direita (que a Virgem Santissima lhe restituiu), por não querer firmar o impio decreto de *isauro*, como o Bispo da Constantinopla S. Germano, que havia sido desterrado, e por fim o Abbade Estevão de Auxence alcançou a gloria do martyrio por imitar esses dois grandes Santos: deste modo a Igreja de Deos se oppunha á maldade dos homens, expondo seus filhos a duros tratos; e manifestava o zêlo de seus Pastores reunindo Synodos para regular os costumes, e para manter pura a Fé, como o de Roma contra a iniqua pretenção do *isaurico;* o geral 7.º de Nicea, solicitado pelo Bispo Bysantino Tarasio e celebrado com approvação do Summo Pontifice Adriano I, que nelle foi respeitado como cabeça da Igreja de Deos, e em que se declarou ser o culto das Sagradas Imagens um dogma recebido dos Apostolos; e o de Francfort contra a heresia propalada por Elipando e Felix, e contra o êrro da má versão Latina do texto de Nicea sôbre aquelle culto, porque dizia *honror as Sagradas Imagens, segundo o adoração dada á Santissima Trindade*, quando o contrário absolutamente estava no texto Grego: na Santa Sé presidiram com zêlo e sem interrupção, embora os scismas, desde João VI successor de S. Sergio I Bispos veneraveis pelas virtudes, doçura, e constancia até Leão III, e delles venerâmos sôbre os altares a Zacharias e Paulo I; e nas outras Igrejas é forçoso lembrar S. Germano de Constantinopla, S. Roberto de Saltzburg, S. Bonifacio Apostolo dos Allemães, Santo Eucherio Bispo de Orleans, S. Frodoario Bispo de Guadis, e Etherio Bispo de Osma, além d'um grande número de outros: pelos seus escriptos deram memoraveis victorias ao Christianismo o Presbytero S. Beda, o Monje S. João Damasceno, Urbano e Evancio Ministros da Cathedral de Toledo, o grande Albino Alcuino, S. Bento Abbade e Bonoso Monje de Liebna com muitos; e pela santidade de sua vida, além dos referidos nomearei o solitario Fructuoso de Cordova, Rigoberto de Reims, Lamberto de Mastric, e Willibalde, que todos tem culto solemne: a desolação dos altares em muitos paizes era substituida pela prégação e constituição da hierarchia n'outros, porque foram admiraveis os progressos de S. Bonifacio enviado a Germania pelo Santo Padre Gregorio II, como é constante, e o pondoron Arnpekhio em seu *Chronicon;* e posto que não fôssem tão grandes os, que na China conseguiu a Missão de Olopen, de novo alli se ouviu doutrina do Evangelho, e bastantes fructos se tiraram dos trabalhos deste Apostolo, como se prova nos *Annaes da Philosophia Christã*. Na primeira metade do seculo 9.º, livre a França dos islamitas pelos esforços da casa Carlingia, restava a Hespanha, o Egypto, e o oriente, vivendo a Christandade na maior oppressão em todas as regiões do seu dominio, se se exceptuar o norte de Hespanha, salvo pelo brio de seus Cavalleiros, e Jerusalem, onde por medeania do Imperador Carlos o *grande* com o kalifa Haaraon-al-Raschid era licito aos Fieis verter lagrimas e orar sôbre o Sepulcro de *Jesus-Christo:* por outra parte a soberba das escolas poz a duros tratos a Orthodoxia Catholica com desterros e tribulações de todo o genero entre os orientaes sujeitos ao mando de Constantinopla, arvorando-se em podêr o manicheismo na pessoa de Nicephoro *logotheta*, e a impiedade iconoclasta com Leão *armenio*, Theophilo, e Miguel *porphyrogenito*, do mesmo modo que a tyrannia e a impuresa com Miguel *balbo*, que reinou antes dos dois ultimos; em quanto na Armenia

[1] Desde S. Gregorio o *grande* até S. Sergio I, que occupou a cadeira de S. Pedro até ao começo d › seculo 8.º, a successão não se interrompeu nem no acto, nem na Fé, nem na piedade, porque o proprio Sabiniano, que veio logo do para de S. Gregorio talvez não mereça a grave accusação de avaro, que se lhe fez, a Honorio I estava tão longe de commungar com os monothelitas, que poderá ser accusado de inconsideração, mas só a maldade poderá tirar de suas cartas apoio á heresia: em quanto Roma triumphava, segundo a sentença de *Christo*, muitas Igrejas se destruiam, e n'outras a successão era interrompida por erros anticrthodoxos.

tão bem os manicheos faziam proselytos, e no occidente Godescalco vomitava erros contra a sã doutrina da predestinação, Claudio Bispo de Turim em desabono do culto das Sagradas Imagens, e novos acephalos pretenderam corromper o meio-dia da Hespanha, e outros perdidos com os scismaticos Zinzino, João, e Anastacio punham seus esforços em arrancar os fieis do seio da Igreja com suas loucuras. Por outro lado a Esposa de *Christo* obtinha grandes triumphos contra o *islam* pela constancia de Adolfo e João de Sivilha, de Perfeito Sacerdote e de outro João de Cordova, do Presbytero Pedro e de Guistremundo Monje de Echija, do moço Sancho Francez e illustre discipulo de Santo Eulogio, de Sisenando de Béja e do Deacono Paulo de Cordova, de Gualabonso Deacono de Niebla, dos Monjes Theodomiro, Sabiniano, Habencio, Isaac e Jeremias, das Virgens Flora e Maria educadas pelos conselhos daquelle grande Eulogio, das irmãs Nubilona e Alodia, de Gumesindo Presbytero de Toledo, dos illustres Emilia e Jeremias, de Aurelio e Felix e suas esposas Sabighotona e Liliosa, do Monje Christovão, que nascêra d'uma familia mossulmana, dos dois Monjes chamados Servo Dei, dos outros tres Leovegildo, Rogel e Jorge, do moço Fandila Sacerdote e Monje, do sabio Anastacio Sacerdote Cordovez, do Monje Felix, e da santa mulher Benilde, das Virgens Digna, Comba e Pomposa Monjas, do Presbytero Abundio, de Gundesindo de Cabra, do Sacerdote Amador, do Luiz de Cordova e do Monje Pedro, de Elias Presbytero Lusitano, dos Monjes Paulo, Isidoro e Argimiro, da veneravel Aurea, de Rodrigo e Salomão, que todos enviou ao Céo o alfange arabe em Hespanha[1] desde o anno 824 até ao anno 857, em que acaba esta época: o zêlo dos Pastores foi notavel, porque, além dos Synodos sôbre a disciplina, em que o Romano de 853 tem o primeiro logar, o de Cordova de 839 para sustentar a doutrina Catholica contra os acephalos merece particular veneração; e entre os Summos Pontifices, de que se não interrompeu a serie, se contam desde Estevão V successor de Leão III, que já referi, oito até S. Nicoláo I, uns insignes pela caridade como Eugenio II; outros pela piedade como Gregorio IV; outros pela constancia, com que resistiram ás brutaes exigencias do podêr temporal, como Leão IV; e outros pela humildade como Bento III: ao lado dos Summos Pastores combateram, com valor Apostolico, S. Niceforo Bispo de Constantinopla, desterrado por Leão *armenio;* S. Methodio Bispo da mesma cidade; o Beato Rabano Mauro Bispo de Mayence; e grandissimo número de outros; pelos seus estudos contribuiram para a glória da Igreja de Deos e sua propria, S. Guestrimiro Bispo de Toledo; S. Theodolfo Bispo de Orleans, um dos mais angelicos cantores, que eu conheço, e dos mais sabios theologos de sua edade, e que padeceu perseguições por causa da injustiça dos podêres da terra; S. Theodoro Studita, que pelas suas virtudes e pela constancia em defender o culto das Sagradas Imagens soffreu o desterro e as prisões; o *grande* Eulogio de Cordova Presbytero e eleito para a Metropole de Toledo, que na seguinte época recebeu a palma do martyrio, e que venerâmos sôbre os altares; e pela piedade S. Bento de Aniana, S. Joanico e S. Vintila solitarios, e o veneravel Odoario Abbade do Mosteiro de S. Zacharias dos Perynéos, com innumeraveis: finalmente a Missão do Christianismo se renovava, pelas diligencias de Santo Anscario Metropolitano de Hamburg, na Dinamarca e Suecia, e d'ahi á Groenlandia na America septentrional, até onde se estenderam os podêres da Legacia, que lhe conferiu o Santo Padre S. Nicoláo I, logo que subiu á Cadeira de S. Pedro.

24. Inimigos externos combateram até aqui violentamente a Igreja de Deos, vamos agora encontrar um alimentado com o seu leite, *Phocio:* em 842, aos quatorze annos da sua edade, havia subido ao throno imperial de Constantinopla um novo Sarnadapalo ou Nero do seu seculo, que assim chamou Flores a Miguel *porphirogenito*, debaixo da tutéla da illustre Theodora; porém não tardaram as grandes maldades do filho a enfadar-se com as altas virtudes da mãe, e a substituir-lhe um principe mais conforme a seu coração, o impio Miguel *barbas* seu tio: regía por então a Cadeira Pontifical de *Bysancio* Santo Ignacio, que levado de zêlo verdadeiramente Apostolico, em cumprimento de seu mais sagrado dever excommungou o regente do imperio por suas infames e escandalosas torpesas; mas em vingança o tyranno lhe fez as maiores violencias, desterrou-o, e de sua propria authoridade o depoz, e lhe substituiu *Phocio* filho de Sergio Patricio Romano e de Ignez irmã da Imperatriz (já lançada do mando), ainda então leigo, poderoso pelas suas riquesas e authoridade, um dos homens mais sabios nas sciencias profanas talvez até alli conhecido, que fôra embaixador na Persia, e que, segundo disse Fleuri, era *um perfeito hypocrita com obras de scelerado e palavras de santo:* chamou *bardas* aos Bispos para o sagrarem, e depois de repulsa, ganhou-os a todos excepto cinco, á cabeça dos quaes estava Metrophanes Metropolitano de Smyrna; porém, vendo estes a decisão dos outros, subscreveram, se *Phocio* reconhecesse a Santo Ignacio, e o tratasse como pae: jurou o perverso tudo, quanto delle se exigiu, e foi consagrado em dia de Natal de 857 Bispo e coadjutor do Santo; e apesar disso ainda não eram passados dois mezes, quando calcou a pés o nome de Deos, que invocára em suas promessas, se revoltou contra seu Pastor, promoveu-lhe tribulações e padecimentos horrorosos no proprio logar do seu destêrro, a ilha de Terebintho, e auxiliado de *bardas* n'um pseudo-synodo depôz e excommungou a Santo Ignacio com os Bispos da Provincia, que a elle *Phocio* por tanta execração haviam disposto, fe-lo encerrar nas masmorras do pretorio carregado de ferros, em 859 o mandou relegado para Mitlene na ilha de Lesbos, e poz a duros tratos seus amigos: ainda neste tempo importava ao perfido a supremacia da Santa Sé, por isso tratou com a côrte Bysantina de pedir ao Summo Pontifice S. Nicoláo, que *désse sentença difinitiva na questão*, e acabasse com os restos da heresia dos iconoclastas, em quanto elle proprio lhe escreveu uma carta mentirosa nos factos, mas altamente submissa na apparencia, protestando a mais profunda humildade, e confessando por inteiro a Fé Catholica: os receios, de que o grande nome do ligitimo Prelado podesse malograr o negocio em Roma, determinaram o Imperador a enviar riquissimos presentes a S. Pedro, e os oradores a exaltar a virtude de Santo Ignacio, e os respeitos para com elle, dizendo a S. Nicoláo, como o malvado *Phocio*, que tudo se havia passado canonicamente, renunciando de bôa von-

[1] Perdoe-se-me fazer um cathalogo só dos, que padeceram em Hespanha: aproveitei o, que estava ordenado, e para o caso do triumpho tanto valem os Martyres da minha terra, como da Siberia, porque os dominios da Igreja não são limitados.

tade o, que tinha sido expulso, desterrado, e atormentado; mas a velhacaria foi descoberta, por isso de nada valeram as dadivas, com que *porphirogenito* pretendia corromper a santidade do Successor de S. Pedro, que declarou a ordenação de *Phocio* anticanonica, e segundo isso absolutamente nulla: em chegando a Constantinopla os oradores ficaram incommunicaveis para nada respirar, e depois foram ameaçados de morte para mentir; a Santo Ignacio se deram novas tribulações, e o conduziram outra vez entre uma tropa á ilha de Terebintho; *Phocio* reuniu outro pseudo-synodo, e o mandou comparecer, como por ordem do Summo Pontifice; caminhava o Santo Bispo revestido de Pontifical a pé acompanhado de outros, e de Sacerdotes, Monjes e leigos, mas, em elle se aproximando, o diabo encerrado na alma do imperador lhe ordenou, que comparecesse em habito simples com pena de morte; á entrada da reunião se lhe lançou em rosto o uso de habitos Sacerdotaes, quando estava accusado de muitos crimes; porém o Santo Confessor apenas respondeu, que *as injurias erom mais doces, que os tormentos*, e concedendo-se-lhe questionar os oradores, que foram a Roma, todas as tramas appareceram: tremendo pelo resultado os amigos de *Phocio* insistiram com promessas e ameaças, para que o veneravel Pontifice renunciasse, e o adultero se conservasse em paz, mas elle resistiu: a causa de *Phocio* estava mal parada pela justiça e constancia de seu adversario, que citado novamente para comparecer, recusou, mas, por fim apresentando-se, appellou para o Summo Pastor, conforme o direito estabelecido, segundo a doutrina da Igreja, no Synodo de Sardica; um processo iniquo se ordenou então, e o veneravel servo de Deos requereu á Santa Sé expondo os factos, em quanto o usurpador obteve da côrte, que elle comparecesse de novo a fim de o cumular de injurias, mas não o conseguiu, subtraindo-se o Santo Confessor; e mandando o pseudo-bispo procura-lo com ordem para lhe arrancarem a vida, as suas diligencias se frustaram: entretanto o Successor de S. Pedro fez um manifesto a todos os Bispos orientaes e nomeadamente aos de Antiochia, Alexandria, e Jerusalem, e declarou n'uma reunião do Clero Romano, em presença do orador imperial, que era mentiroso tudo, quanto se disse no conciliabulo Bysantino, porque elle não concorrêra para a deposição de Santo Ignacio, nem para a elevação de *Phocio*, antes dera por irrita a ordenação deste, como agora fazia; ao mesmo tempo na célebre Bysancio, Miguel e *bardás* seu tio se entregavam aos maiores deboxes, e o usurpador os favorecia, por isso augmentava em podêr em quanto o veneravel sócião Basilio Bispo de Thessalonica, que os não tolerava, foi exposto a tormentos de morte; por outro lado S. Nicoláo, depois de se lhe apresentar a carta de Ignacio reuniu um Synodo em Latrão, no qual lançou da Igreja a *Phocio*, renovou anathema contra Gregorio de Syracusa, que o ordenára, e interdisse as funcções ecclesiasticas aos ordenados pelo intruso, declarando, que Santo Ignacio não estava deposto nem excommungado: apenas a sentença foi ouvida na capital de *porphirogenito* logo um grandissimo número se separou de *Phocio*, a perseguição appareceu, e não perdoando a condição, sexo, ou edade augmentou prodigiosamente o número dos Santos: assim se passou até 865, em que o Summo Pontifice pelos meios da maior doçura fez diligencia para chamar ao bom caminho o desvairado Imperador; mas nenhum feliz resultado se seguiu; pelo contrário *bardás* fez opprimir ainda mais o servo de Deos; entretanto, no anno immediato, foi castigado pela mão de Basilio *macedonio*, que lhe succedeu no podêr, e o fez despedaçar: *Phocio* com essa perda não decaiu de ânimo, antes, por um novo caminho de perfidia, quiz ganhar Basilio desacreditando *bardas*, e tornando-se mais audacioso depoz quantos se separaram de sua communhão, fez prende-los, atormenta-los, e enterra-los até ao meio do corpo; e não houve preversa indústria, que não empregasse para os attraír á sua communhão, porque talvez não encontrou egual na mentira e na impostura em todos os seculos, senão em Luthero e nos impios de nosso tempo! Pensou ir muito longe concebendo o projecto da convocação de um Synodo geral para excommungar e depôr o Summo Pontifice, para o que tratou de desacreditar a Santa Igreja Romana principalmente na Bulgaria convertida de novo, preparou d'ante-mão as actas synodaes, onde se viu, que em elle dizendo, *não se dever condemnar o ausente sem ser ouvido*, os legados dos tres Patriarchas do oriente, todos os Bispos, senadores e grandes do imperio, responderam, que pronunciasse a sentença contra o Summo Pontifice Nicoláo, porque os seus crimes eram notorios, e escusavam provas; e accrescentou a esse texto uma synodica de excommunhão e deposição! Não se pejou d'isto o infame, porque de nada se peja um monstro carregado de enormes crimes; e para cúmulo da impiedade declarou contra a Orthodoxia Catholica, que o Espirito Santo procede do Pae, mas não do Filho!!! Eis-ahi *Phocio*, a sua maldade e a sua doutrina!!! Depois isto, tudo é pouco, mas esse pouco não lhe faltou! Entretanto o malvado *porphyrogenito*, querendo desfazer-se de Basilio por não tomar parte em suas torpezas, e o querer dellas afastar, recebeu a morte por sua ordem no anno 867: elevado Basilio ao maximo grao de podêr, no dia 25 de Setembro, o segundo do seu imperio, lançou *Phocio* da Cadeira, desterrou-o, e restituiu Santo Ignacio: encoberta estava a maldade do usurpador por inteiro, mas os papeis, que se lhe surprehenderam, foram delatores de todas as tramas do impio nos suppostos synodo e synodica, que dispunha a seus impios fins: entrando em Constantinopla Santo Ignacio, o novo Imperador lhe fez as maiores honras, e se deu parte a Roma de quanto havia passado, mas S. Nicoláo já não presenciou essas novas, porque falleceu em 13 de Novembro, antes da chegada do orador: *Phocio*, deposto solemnemente por toda a Igreja Catholica, perseverou no scisma; porém depois da morte de Santo Ignacio, todo o oriente supplicou sua restituição ao Santo Padre João VIII, que cedeu debaixo da condição precisa; e elle auxiliado pelo proprio Imperador Basilio abusou dos Legados da Santa Sé e das determinações do Summo Pastor, rasgou as actas do Santo Synodo geral, que o condemnára, e persistiu firme na impiedade, até que Leão o *sabio* o desterrou: terminando por então as desordens para mais tarde fazer reviver seu systema detestavel outro impio, como elle, Miguel Cerulario: ao lado de tanta tribulação soffria a Igreja de Deos o scisma de Sergio em Roma; a tyrannia dos islamitas no oriente e em Hespanha; a barbaridade dos Normandos na França, Escocia, e n'outros paizes, onde fizeram incursões; e dos Dinamarquezes em Inglaterra. Apezar disso triumphou como sempre, dando ao Céo na perseguição de nossa terra o sabio Presbytero Eulogio de Cordova, de quem já disse, e a Virgem Leocrisia; e ás mãos dos barbaros em Inglaterra ElRei Edmundo, e os Monjes de Croylond com seu Abbade Theodoro: deste modo tambem adquiriu grandissimo numero de Confessores, como se tem escripto, em fôrça das tribulações de *Phocio*, sendo um delles o

Bemaventurado Monje S. Nicoláo Studita, que partilhou os soffrimentos de Santo Ignacio: o zêlo dos Pastores foi extremo em differentes Synodos por causa do usurpador da Igreja de Constantinopla, em que teve o primeiro logar no anno 869 o geral 8.º desta eidade presidido pelos Legados de Santo Padre Adriano II, em que se definio a Doutrina Catholica contra os erros de tão grande impio, e se depoz, como merecia: isolados deram os Summos Pontifices não menor testimunho desse zêlo, e bastaria S. Nicoláo I anathematisando *Phocio* do alto da Cadeira de S. Pedro; Adriano II seu successor immediato, que continuou esse fervor, com que elle tanto se distinguiu na causa de Deos, e fez excommungar o monstro naquelle santo Synodo geral; João VIII, que se seguiu, e de quem inventaram ridiculas fabulas hereges modernos, e a quem accusaram alguns Catholicos injustamente de frouxidão; Martinho II, que apresentou a constancia de Apostolo contra o tyranno da Igreja Bysantina, e contra o podêr de Basilio seu protector; Adriano III, que veio logo, e teve egual firmesa; Estevão V, que esteve longe de desdizer da conducta de seus antecessores; Formoso, que, apesar do scisma do pretencioso Sergio, tratou com desvélo as cousas da Igreja; Romano e Theodoro II, ambos bons, mas de curta duração; seguiu-se lucta entre dois competidores, mas João IX prevaleceu contra Sergio, e se votou a salvar a memoria de Formoso; Bento IV, a favor de quem deram excellente testimunho os contemporaneos; e se anteriormente Estevão VI foi introduzido á fôrça pelo podêr laical, e o reconheceram por evitar maiores males, revoltando-se um pouco injustamente contra o nome e cinzas de Formoso soffreu a prisão e a morte: ligados ao centro de unidade pelejaram valorosamente Ignacio, o Santo Confessor de *Christo* de quem fallei, e com elle grandissimo número de Prelados no oriente, sendo necessario contar entre elles o Bemaventurado Antonio de Bysancio, que, se foi o último do seculo, não mereceu o último logar entre os Bispos mais zelosos; e no occidente, Anscario de Hambourg, referido, e que n'este tempo subiu á patria dos Santos; Fulcon Bispo de Reims, e outros; pelos seus estudos se tornaram dignos de memoria, Santo Addon Bispo de Vienna; Hincmaro, que precedeu ao Pontificado a S. Fulcon, e apesar de seus defeitos tornou seu nome notavel entre os escriptores Ecclesiasticos; João Bispo de Sevilha, e Sesinando Bispo de Compostella; Aimonio; Usardo; Anastacio Bibliothecario da Santa Igreja de Roma com o illustre Alvaro de Cordova; pelas virtudes, finalmente, S. Reimberto successor da Santo Anscario; Santo Athanasio de Napoles; o Abbade Néot; e a Imperatriz Santa Theodora: a Missão Evangelica, por outra parte se renovava com progressos, sendo instrumento na Bulgaria o Monje Theodoro, e depois os Bispos Paulo e Formoso; na Servia e Moravia os Santos Cyrillo e Methodio; entre os Slavos e Russos Santo Adelberto Bispo de Magdebourg. Entremos no seculo 10.º, em que, socegadas as cousas da maldade *phociana*, a Igreja de Deos teve bastante a luctar com inimigos externos, e ainda mais com os de casa; as perseguições dos islamitas e de outros barbaros não egualaram as torturas, a que alguns de seus Pastores a levaram: a Hespanha, que dera no tempo Romano o mais alto testimunho de sua fé, expresso no proprio facto da missão especial de Daciano, na oppressão mossulmana não devia esmorecer, e assim o quiz Deos, porque embora encerrada dentro dos mares e das serranias dos Pyreneos, sem ter refugio, nem auxiliares, opprimida toda inteira, se se exceptuarem alguns logares, mais dispostos a habitação de feras, que de homens, conseguia no seculo 8.º adorar a seu Deos contra os oppressores, a levantar a cabeça a ponto de conseguir triumphos a Cruz pelo esfôrço de seus Cavalleiros, nos seguintes resistiu pelos martyrios como pelas armas, e no 10.º, de que agora trato, não decaíu de ânimo, embora os grandes desastres da divisão e da assolação, que della se originou; e a França desde as margens do Rheno pelo Lorena, na Bergonha, na Gocia, e na Provença, onde o Senhor era venerado com muita piedade entre as pompas de um Culto sublime e devoto, viu seus Templos devastados, e os Fieis perseguidos pelos Hungaros: mas nada disso póde comparar-se ao sentimento e ás lagrimas da Igreja de Deos pela corrupção levada ao centro da unidade Catholica, porque embora a successão dos Summos Pastores se não interrompesse desde Bento IV até Silvestre II, embora elles não errassem na Fé, os escandalos de suas eleições e de sua vida miseravel, e os scismas atribularam cruelmente a Esposa de *Christo* [1]; as desordens dessa época chegaram a ponto de pretenderem os escriptores introduzir entre os legitimos successores de S. Pedro a João eleito depois de João XIV, que não chegou a ser consagrado; apezar dessa situação deploravel é necessario confessar, que nem todos foram maos, como Christovão, Sergio III, João X, João XI, Bento V, Bento VI, João XIV, e que entre os bons tiveram logar Leão VI, Estevão VII, Leão VII, Martinho III, Agapito II, João XIII, e Gregorio V: ao tempo que isto acontecia na capital do mundo Christão, em Bysancio o Imperador Romano introduzia na Cadeira Pontifical dessa cidade a Theophilato irmão seu de edade de 16 annos, dos Ecclesiasticos mais torpes, que até alli vira a Christandade, e bem pode ser, que todas as torpesas, que a Roma sobrevieram neste seculo, elle as contasse por inteiro. Ao revés de tudo isto Deos não permittiu, que a

[1] Um Sacerdote, a quem eu consagro o maior respeito, Fr. Henrique Flores, escreveu desta lastimosa época na sua *Clave Historial* do seguinte modo: « *Aqui debo bolver á prevenir lo que alfin de los Papas precedentes. Es este infeliz siglo plana muy principal del de hierro, de plomo, y aun de escoria. Reynó en él la discordia en el imperio, el desorden en los Ministros de la Iglesia y la ignorancia en tantos, que casi no sabian latin, ni que cosa eran letras, sino los que habitaban en los claustros. Los libros eran tambien rarissimos, por haver-se quemado con los Pueblos, á que Marte puso fuego; y como no havia el arte de la imprenta, solo se dedicaban á aumentar exemplares los que estaban retirados en sus celdas. El infeliz desorden de los Papas provino del poder temerario, y ambiciosas sediciones de los principes, con que cada uno queria introducir á quien queria: y turbada la libertad del Clero para sus elecciones, se veian precisados á addimitir-la, que sino ocasionara el mal mayor del cisma. Reynaba sobre la fuerza de Marte la de Venus: y mandando las Theodoras, y Marozias á los Sumos, se desmoadaron los medios hasta lo infimo. Las madres malas engendraban unas hijas peores, y mezcladas madres y hijos con unos Padres, que solo debian ser lo del espiritu, llegou á profanar-se tanto la integridad del canon, que se casaban con publicas amoestaciones los Canonicos. O' tiempos! O' costumbres! Pero, ó Divino Numen! Posto el timon de la Iglesia en tales manos, y combatida la Nave de tan furiosas ondas, entre semejantes syrtes, y baxios, non solo no fué al fondo, sino se vió el incontrastavel en que navega, sin perder jamas el norte de la Fé. Es un alto Sacramento el de la Iglesia, que no falta con las personales faltas del Ministro. Es un sol, que no afea sus rayos, aun con las fealdades de la tierra á que alumbra.*

Igreja fôsse atormentada por novas heresias, mas sim, que pela constancia dos Martyres, virtude dos Confessores, zêlo dos Pastores, e trabalhos dos sabios, se cerrassem as portas do inferno, e se impedissem os triumphos da impiedade. O alfange sarraceno na Hespanha decepou em odio da Fé as cabeças de Victor, Eurosia, Eugenia, e Psio menino de trese annos, em quanto o paganismo levou a palma ás mãos do Adalberto Bispo de Praga e Apostolo do norte; em quanto a puresa de uma vida inculpavel, ou de uma penitencia austerissima, quando não ambas as cousas, povoaram o Céo de Bemaventurados, e adquiriram para a Christandade grandissimo número de medianeiros nos Bispos Adalberon de Ausbourg, Ansurio de Orense, Prudencio de Tarasona, Gerardo de Toul, Genadio de Astorga, Bruno de Colonia, Atilano de Camora, Endo de Cantuaria, Ethelwold de Vincester, Uldarico de Ausbourg, e S. Rozendo de Dume; nos Abbades Bernon, Mayûl, que rejeitou o Summo Pontificado, ambos do Mosteiro de Cluni, e João de Parma, em Paio Arcediago de Tarasona, nos Monjes Hugo e Meginrade, nos Anachoretas Lucas o *moço* e Paulo de Latre orientaes, Franquila e Pastor occidentaes, nas Monjas Edith Princesa de Inglaterra, e Senhorinha de Basto; em Venceslao Duque de Bohemia, Eduardo Rei de Inglaterra, que se venera por Martyr, Valdomiro Czar de Moscovia, e na viuva Mathilde Imperatriz; como typo do zêlo dos Pastores apresentarei os Bispos Elias de Antiochia, Christovão de Alexandria, Adalberon de Metz, Rathiro de Verona illustre por suas tribulações, e S. Dunstad de Cantuaria; e posto que este seculo não possa apresentar um grande catalogo de trabalhos litterarios gloriosos á Religião, não esteve comtudo a Igreja de Deos destituida de escriptores, porque o foram com merito Simão Metaphraste Patricio Bysantino, Santo Odon Monje de Cluni, Salva Abbade, Vigila o Sarracino Monjes todos tres do Mosteiro de Albelda; Pedro de Mosoncio Bispo de Iria e author do hymno *Salve Rainha*, Aton Bispo de Verseil, Roswintha Monja do Mosteiro de Gandersheim, e S. João de Gorcia além de outros: não cessára em muitas Igrejas do oriente a Jerarchia Sacerdotal, como acima vimos em dois Prelados das duas Patriarchaes de Antiochia e Alexandria, apesar de opprimidas pelos sarracenos, entretanto em Africa até o nome Christão estava extincto; mas o Senhor fez estender os dominios da sua Igreja, neste seculo desditoso, convertendo os ferozes Normandos, estabelecidos em uma parte da França, pela voz de Franco Bispo de Rohão; e no norte em fôrça dos cuidados dos Bispos de Hamburgo Adalgario e S. Libencio ácêrca da Dinamarca e todo o paiz Scandinavo, de Santo Adalberto Bispo de Magdebourg, que continuou a Missão aos Slavos; do Bispo Jordão, enviado aos Polacos pelo Summo Pontifice João III, com feliz successo; do Santo Adalberto de Praga Apostolo dos Prussos, Bohemos, Polacos, e Hungaros, que subiu ao martyrio; e de S. Nicon que regou com seus suores e grande fructo Creta, Athenas, Thebas, Argos, e Lacedemonia, e confirmou a Missão com prodigios; finalmente os Hungaros senhores pacificos da Panonia abraçaram o Christianismo sendo Apostolo seu proprio chefe Estevão, a quem o Summo Pontifice Silvestre II fez Legado Apostolico, e deu o titulo de Rei, e nós venerâmos sôbre os altares: assim terminou o seculo 10.º, veremos o, que o 11.º apresenta. Ainda havia pouco, que S. Leão IX acabava de enxugar as lagrimas dos Santos, derramadas por mais de seculo e meio, com dôr pungente, sôbre as desgraças de Roma, quando *Miguel cerulario*, que succedêra ao Bispo Aleixo na Cadeira Pontifical de Constantinopla, renovava os impios erros de Phocio seu antecessor: ainda de pouco estava curada a molestia na cabeça, já um dos membros apodrecia! A sentença fatal da necessidade dos escandalos tem-se cumprido de um modo extraordinario! Toda a mansidão do successor de S. Pedro não bastou a conter o barbaro, porque cerrado o coração á verdade, nada ha, que aquiete o impio, em comparação do qual nem mesmo se podem dizer ferozes os animaes selvagens; n'um pseudo-synodo do anno 1054 excommungou elle os Legados da Santa Sé, mandou riscar das taboas sagradas o nome do Summo Pontifice, e usou com arrogancia o titulo de Patriarcha Ecumenico[1]; o seu caracter duplice e sedicioso, provado por actos e escriptos, era um penhor bastante seguro de taes attentados! Mas o peor é, que, excepto uma ou outra vez, a Igreja Bysantina não tornou a ver mais um Pontifice Catholico, e que veio a infeccionar com o scisma e com a heresia todas as do oriente, auxiliada pelo dominio dos Imperadores Gregos, ou kalifas mahometanos, adoptando umas o sentir de Phocio, e outras o de heresiarchas mais antigos, cada qual o, que mais lhe aprouve; porque, separadas do centro, emancipadas da authoridade de Pedro, deviam perder-se n'um insondavel abysmo de erros! em quanto por outra parte a victoria Calatanasor dava allivio aos Christãos em Hespanha, no Egypto soffriam elles o exterminio e a morte, porque o barbaro Hakem, em 1003, desembainhou contra elles o alfange para dar novos Martyres á Igreja de Deos; e de modo egual viviam opprimidos em Asia, porque elle decretou em 1009 perseguição geral, que se estendeu a Jerusalem, onde fez queimar o Templo da Resurreição; e augmentando de dia para dia sua crueldade, no anno 1012, deu-lhes algum allivio consentindo, que passassem as terras dos Gregos, Nubia, ou Abyssinia os, que recusassem abjurar o islamismo; mas apesar desse allivio os Fieis não deixaram de soffrer as maiores tribulações; e, para cúmulo dos males, os Turcos tambem islamitas, descendo da alta Asia, vieram assolando até ao braço de S. Jorge, ameaçando escravisar a Christandade da Europa; demais disso uma horda de barbaros Dinamarquezes assolou a Inglaterra, outras de Sarracenos e Normandos a Italia, e todos opprimiram os Fieis: a tantas calamidades accrescentou outras a pseudo-philosophia pela bôcca de Berengario, que vomitou blasphemias contra o Santissimo Sacramento da Eucharistia, tres vezes abjurou, porque recaiu duas, e por fim morreu penitente; de Leão Bispo de Acrida e Metropolitano de

[1] Bysancio, cidade Grega, restaurada por Constantino o *grande*, e que delle se chamou Constantinopla, contentou-se com um Bispo Suffraganeo até ao segundo Synodo geral nella celebrado, em que se deu a esse Bispo o titulo de Arcebispo isentando-o de todo o Superior, menos o Romano, e dando-lhe logar de honra depois dos Patriarchas. Sem outro fundamento mais do, que ser esta cidade capital do imperio no oriente, o Bysantino entendeu, que não podia contentar-se com o demais, que lhe deram, e procurando haver jurisdicção sôbre o Illirico, Asia e Ponto, a obteve mais tarde no Synodo geral de Calcedonia: pouco e pouco quiz amplia-la sôbre os outros Patriarchas do Oriente, e mais ainda se podesse, chamando-se Patriarcha Ecumenico, ou universal; entretanto os Summos Pontifices, a quem unicamente pertencia sanccionar esses decretos, resistiram principalmente aos de Calcedonia, e só pelo começo do seculo 13.º lhe approvaram a juridição Patriarchal, e permittiram, que precedesse aos outros Patriarchas: a origem da elevação vem disto, e podem, sem muito trabalho, conhecer-se os resultados. Sôbre os factos póde consultar-se o *Oriens Christianus* de Fr. Miguel le Quien.

F

Bulgaria, que aos erros de Phociu juntou os de Manes; de Vilgardo grammatico Italiano, que suppoz do Fé o, que escreveram Virgilio, Horacio o Juvenal, mas isso parece mais loucura escholastica de mestre do moninos, do que principio combinado pelo raciocinio, posto quo torpe, como os conceitos de Berengario o de Leão; o, para nada faltar, ate os scismas e a protenção impia das Investiduras opprimiram a Igreja de Deos. De tudo isto obtevo ella assignalada victoria: contando entre os seus Martyres Bruno Apostolo dos Bussos, Elphege Bispo do Cantuaria, a quem despedaçaram os Dinamarquezes, Gerardo Bispo do Chonad na Hungria, Godescalco principe dos Slavos e por elles morto, o Arialdo Deacono de Milão assassinado pelos simoniacos; o, dentre outros muitos Confessores, os Summos Pontifices Leão IX e Gregorio VII, os Bispos Ansfredo do Utreckt, Theodorico do Orleans, Vuldobe de Liego, Meinwerc de Paderbon, Ermengaudo de Urgel, Bardon de Maence, e Alvito de Leão, os Abbades Nilo, Leofrico de Santo Abbano, Leoderico de Crowland om Inglaterra, Romualdo, Poppon, Sisiberto de Cardena, Inigo de Ona, Domingos do Silos, Roberto da Casa do Deos, Gualter, e Roberto de Cister, o Sacerdote Vulsan, Trigida Abbadessa de Ona, o Anrea Monja de S. Millão, o Imperador Henrique I, e os Reis Olão de Nornega, Estevão do Hungria, Eduardo de Inglaterra, e Canuto de Dinamarca, Guilherme Duque de Aquitania, Simão Condo Crepi, Theobaldo Peregrino, e a Imperatriz Cunegundes: pelos seus estudos o pela sciencia concorreram a levantar padrões gloriosos ao Christianismo, os Summos Pontifices Silvestre II e S. Gregorio VII, os Bispos o Beato Fulberto de Chartres, Pedro de Antiochia, Oliva do Vique, o Beato Samonas de Gaza, o Beato Lanfranco de Cantuaria, Santo Alfano de Salerno, Santo Anselmo de Luca, e S. Pedro Damião de Ostia; os Abbades Santo Abbon do Flouri e Santo Odilon de Cluni; o Presbytero Vicente author do uma collecção do Canones do Hespanha, e o Monje Guitmondo: no Summo Pontificado até S. Leão IX, eleito em 1049, a Igreja lamentou as eleições forçadas e as compradas, e os scismas, bem como os escandalos de Bento IX; mas apesar disso, não se interrompeu a successão, e no meio desses males viu a Sergio pae dos pobres, Bento VIII, que foi bom, Clemento II, que se esforçou por extinguir a simonia, o nunca houvo defeito na crença desde Silvestre II, que abriu o seculo, ate Urbano II eleito em 1087, e qua dou comêço ao grande facto das Cruzadas, de que aquelle seu predecessor Silvestre II se lembrara, como meio de resgatar os Logares Santos e a Christandade do oriente; S. Leão IX promoveu a reforma de um modo espantoso, apresentando-se, como luz refulgente no candelabro da Igreja de Deos pela vigilancia, modestia, e por todas as virtudes, e seguiram essas traças Victor, Estevão, Nicolao, e Alexandre, luctando contra as desordens do seculo, contra os erros do oriente, e contra os scismas Romanos; mas depois deste último, appareceu um prodigio, S. Gregorio VII, que estendou seu zêlo a toda a terra, e a todos os negocios da Igreja, esse homem extraordinario, que Deos enviou ao Christianismo, quando o necessitava, prevaleceu, sem embargo da facção dos podêres da terra, em lho oppôr Guilberto com o nome de Clamente III; entrou logo Victor III, que excommungou o supposto Clemonto, e o Imperador Henrique III, que o protegia; e, embora as tribulações, quo lho causaram, enviou uma armada contra os sarracenos d'Africa, que delles alcançou victoria, salvando com ella a Christandade das algemas; o o último no catalogo foi Urbano II, como eu disse, porem delle se ha de tratar mais tarde; ao lado dos Summos Pastores combateram seus irmãos no Pontificado, como Pedro do Antiochia vigoroso defensor da Igreja contra *Cerulario*, Maurilio de Rohão, Santo Annon do Colonia, e Osmando de Salisburi, o com elles os Cardeaes Humberto o S. Pedro Damião, alem do Abbade S. João Gualberto: não só o zêlo Apostolico se manifestou em combates parciaes; mas nos Synodos para manter illesa a doutrina santa contra os hereges e scismaticos, e delles o de Sutre se conta pelo mais famoso: a Missão Evangelica tevo logar com fructo na Hungria, onde trabalhou S. Gerardo; na Noruega e Suecia á custa dos esforços de S. Sigifrido; entre os Slavos por diligencia de Adalberto Bispo do Magdebourg, o de S. Godescalco principe desta Nação; na Russia e Prussia, de que deram testimunho o sangue de S. Bruno, e os suores de S. Bennon Bispo do Misnia.

25. Corria o anno 1095, quando o Summo Pontifice Urbano II no Synodo de Clermont declarava á Christandade inteira, quo os Turcos batiam as portas de Constantinopla com um formidavel podêr, o quo era preciso ir em soccorro dos Christãos do oriente, que o pediam, e salvar os logares da Redempção, porque assim a Europa seria salva do dominio mossulmano, que a ameaçava no levante, era senhor da Africa, o no poente ainda affligia a Hespanha: a voz do Supremo Pastor, ouvida com respeito e anciedade, produziu um resultado maravilhoso, porque um clamor unisono soou em França, na Italia, Germania, Inglaterra e Hespanha=*Deos Quer*=; estas palavras foram o signal do rebate, com que do toda a parte se correu ás armas; e o Santo Padre levando a effeito o pensamento de S. Gregario VII, que se dispunha a marchar a frente dos exercitos Christãos, teve a consolação de ver em seus dias restaurada a Cidade de David: ao norte do Caucaso, da parte de lá da Tartaria, se creavam os Turcos, Hunos de origem, para serem o açonte da Christandade; barbaros e ferozes sairam de sua terra natal, barbaros o ferozes seriam elles ainda hoje, se não estivessem quebrados do forças; depois de assolar os paizes visinhos se lançaram sôbre a Armenia, fizeram-se senhores della, e tendo conseguido alguns triumphos do imperio oriental, em 1018 estabeleceram sua authoridade na Persia substituindo seus sultões aos Reis dessa Monarchia; desde então os successores do Constantino o *grande* viveram em continua tortura vendo-se obrigados a negociar a paz, o por fim a pedir socorro ás potencias occidentaes; Aleixo Comnene I, tão inimigo mais tarde das Cruzadas, que o sustentaram no throno Bysantino, porque assim fazem os ingratos, solicitou vivamente Roberto de Flandres para promover uma expedição; mas sôbre tudo a pia viagem de um homem de extrema virtude, Pedro Eremita da Diocese de Amiens, a Jerusalem, deu impulso á organisação dos exercitos Christãos, porque na volta apresentou cartas do Semião Bispo da Cidade Santa e dos Christãos, que lá viviam, ao Summo Pontifice, e lhe narrou fielmente o estado de cousas no levante: differentes exercitos se pozeram em marcha levando por Chefe Espiritual a Amaro Bispo de Pui, o por General um homem conforme ao coração do Senhor, o Duque de Lorena Godofredo de Bulhão[1];

[1] As perseguições, que se faziam aos devotos, apenas armados de bordão e alforge, lembraram o princípio da reunião, e emprêgo de fôrça: isso teve logar pela primeira vez em 1045 passando á Palestina uns setecentos peregrinos em es-

depois de muita gento perdida, não so por causa dos trabalhos da jornada, mas pela opposição do Imperador de Bysancio, a grande armada chegou ao seu destino: o resultado immediato deste movimento, que leva ne historia o nome de *primeira Cruzada*, foi o termo da guerra civil em França, originado da má constituição organica (porque as más leis são causa dos males das sociedades), e que para cessar temporariamente era necessaria por muitas vezes a influencia do Clero determinando a *tregoa de Deos*, durante a qual se necessitava viver quieto, se não se queria incorrer na pena fatal da excommunhão: entrados os exercitos na Thracia foram destruindo o podêr dos Turcos, tomaram Niza, a Asia menor, e Antiochia; e cobertos de louros pozeram cêrco á Cidade Santa, e a renderam em 15 de Julho de 1099; passaram depois mais alem com egual successo; e deste modo fundaram uma Monarchia, composta do Reino de Jerusalem, e dos Principados de Antiochia, Tripoli e Edessa, ficando a Palestina, Syria, e Mesoptamia recuperadas; e elegeram Rei ao illustre General, que os conduziu á victoria, mas por sua piedade recusou elle a corôa e o sceptro, contentando-se de governar em nome de Deos: uma segunda expedição motivada das desgraças, que ia causando o novo engrandecimento dos infieis, e solicitada por S. Bernardo, em 1146, se poz em marcha, no anno seguinte, levando á sua frento Luiz VII de França, e Conrado III Imperador da Allemanha; mas a perfidia dos Gregos apenas consentiu, que se obrassem prodigios de valor, e se suspende-se, por um pouco, o curso das victorias dos islamitas: entretanto, crescendo de dia para dia o podêr infiel e descuidando-se o occidento, o sultão Salah-Eddin, havendo obtido triumphos da Christandade lhe ganhou em 1187 a famosa batalha de Teberiades, e se fez Senhor de Jerusalem; levantada em rasão desses males passou terceira *Cruzada* ao oriente em 1089, debaixo do commando de tres poderosos Monarchas, Filippe II de França, Ricardo de Inglaterra, e Frederico I de Allemanha, porem não deu cabo do podêr de Salah-Eddin, como era necessario: assim se passou até ao fim do seculo 12.°, durante o qual o oriente viu quanto valor tinha a Europa, em a Fé abrasando seu coração, e a Cruz guiando seus passos, e quanto ella era debil em as ambições sendo o seu norte, em attendendo pouco áquelle, que tem as vezes de *Christo* sôbre a terra. Em todo o intervallo, de que estou tratando, a Igreja de Deos padeceu furiosas borrascas por meio dos mossulmanos no oriente e na Hespanha, onde o podêr de Africa por vezes atormentou os Fieis; mas assim mesmo, áquem Pyreneos, os illustres Soberanos Affonso VI de Leão, o I de Aragão, e o VII e VIII de Castella, o I de Portugal, e Sancho seu filho, abateram suas fôrças, o pozeram a Christandade ao abrigo dos tormentos: a pseudo-philosophia, por outro lado, secundou o arrôjo dos mahometanos, fazendo espalhar heresias, originadas do manicheismo, do sabilianismo, e dos sacramentarios pela bôcca de Basilio da Bulgaria, Pedro de Bruis, Abaylardo, que morreu arrependido, Gilberto de Poitiers, Valdenses, Albigenses, o Abbado Joaquim, posto que sujeitou seus escriptos ao juiso da Igreja, Arnaldo de Bresce um dos principaes mestres da seita dos politicos, sem contar outros; e a par delles, as escholas de direito foram elevando novamente a principio o systeme pagão do dominio dos podêres da terra na Igreja, de que deu alto testimunho Julião chanceler de ElRei Sancho I de Portugal; por outro lado extinctos em Bysancio, Aleixo Comnene, que, apesar da sua perfidia com os *Cruzados*, não merece a taxa de inimigo da Igreja, do bom e pio João seu filho, e de Manoel seu neto, embora imitador do avô na traição com os soldados da Cruz, d'ahi em deante com o exterminio do menino Aleixo e de sua Mae, se sentou sôbre o throno o deboche com a maldade heretica; ao que é necessario juntar os impios actos dos dois Imperadores de Allemanha Henrique III e IV fautores de scismas e propugnadores da supremacia do seculo contra a Igreja, do mesmo modo, que as violencias contra o Altar praticadas por outro Henrique, o II de Inglaterra; e fóra disso os scismas no meio de Roma atribularam a Esposa de *Jesus-Christo*. Nada disto bastou contra a Igreja, antes, bem pelo contrário, ella sahiu de todas as lutas carregada de triumphos, oppondo a constancia de seus illustres Martyres, Canuto o *moço*, Henrique Bispo de Upsal, Enrico Rei da Suecia, e Thomaz Bispo de Cantuaris, além de outros, que receberam morte gloriosa da mão dos infieis, ou dos principes Christãos arvorados em tyrannos e inimigos de Deos; a santidade de seus Confessores Bruno pae dos Carthusianos, Hildemaro Abbade de Harouaise, Hugo Abbade de Cluni, Bruno Bispo de Segni e Abbade do Monte Cassino, Geraldo Bispo de Braga, Godofredo Bispo de Amiens, Oldegario Bispo de Terragona, Bertrando Bispo de Cominges, Isidoro lavrador, Leopoldo Marquez de Austria, Guilherme Duque de Aquitania, Alberto penitente, Ditmar Deão de Breme, o grande Bernardo Abbade de Claraval, cuja falta chorou o universo Christão, porque o reputava um pae carinhoso, Vicelin Bispo de Oldembourg, Tello fundador de Santa Cruz de Coimbra, Theotonio primeiro Prior deste famoso Mosteiro, Anthelmo Bispo Beley, Godinho Bispo de Braga, Pedro Bispo de Tarantasia, Alberto Bispo da Liege, Homem Bom mercador de Cremona, e Maria de Oignies verdadeira filha do Evangelho pela humildade e caridade, que desde tenros annos manifestou o ardente amor de Deos, em que se abrasava, e que ao fim deste seculo se tornou notavel pela pratica de todas as virtudes Christãs; o zêlo de seus Pastores reunidos em Synodos para regular a disciplina e manter illesa a doutrina, de que foram os mais notaveis o de Clermont, que abriu a época, o IX geral de Latrão presidido pela Santidade de Calixto II, em que se deu fim á questão odiosa das investiduras [1], e se declararam nullas as ordenações feitas pelo antipapa Mauricio Burdino, que de Bispo de Coimbra subira á Metropole Bracarense, e de lá aspirou á Cadeira de S. Pedro, onde o intrusou a maldade do podêr temporal; o 10.° geral de Latrão presidido pelo Santo Padre Innocencio II, em que se reprimiram os scismas, e se condemnaram os hereges, que por então affligiam a Christandade; e o 11.° geral tambem de Latrão, a que presidiu a Santidade de Alexandre III,

tado de defesa debaixo de conducta do Abbade de S. Victor; depois se seguiu uma expedição mais numerosa, em 1050, guiada por Luitberto Bispo de Cambray; e finalmente em 1064 outra de uns sete mil, que se chamou o *armada do Senhor*, a qual foi conduzida por Sigifredo Metropolitano de Mayence, a quem acompanhavam outros Prelados e Senhores de França e Allemanha.

[1] Os Imperadores de Allemanha quizeram dar posse dos bens temporaes aos Bispos por meio do *Anel e Bago*, insignias de jurisdicção Ecclesiastica: contra isto pronunciou sentença S. Gregorio VII; e os dois Henriques se tornaram desobedientes e contumazes; porém o último viu-se precisado a ceder, e presenceou o anathema do Santo-Synodo contra o escandalo, que praticava.

e em quo se condemnaram as heresias, quo nessa hora vexavam a Christaodade, se regolou o modo da eleição dos Summos Pontifices, e se estabeleceram rigorosas leis contra a simonia o usura: o zêlo de seus Pastores fóra dos Synodos, começando pelos Summos Pontifices, a contar do Urbano II ao grande Innocencio III, em cuja serio são tantos os varões illustres quantos os, que a formam começando e acabando por esses dois grandes homens; o tão bem o dos outros Pastores o dos restantes Ministros do Senhor, que combateram valorosamente ao lado dos Successores de S. Pedro, como os Bispos, Pedro de Poitiers, Beato Yvo de Chartres, Santo Anselmo de Cantuaria, S. Norberto de Magdebourg, S. Malaquias de Armach, Hartwic de Breme, Santo Eberhardo de Salzbourg, S. Pedro de Tarantasio, e Thomaz do Cantuaria, o os illustres Sacerdotes, S. Bernardo de Claraval, e Lamberto de Liege; finalmente a eloquencia celestial do seus escriptores os Bispos S. Bruno de Segni, Beato Yvo de Chartres, Hildeberto de Touya, S. Anselmo de Cantuaria, Anselmo de Havolberg, Pedro Lombardo de París, João Salisburense de Chartres, os illustres Sacerdotes, S. Bruno fundador do Monastico Carthusiano, Roberto do Duitz, Alges do Liege, Hugo des Victor, Guilhermo de Reims, S. Bernardo de Claraval, e Pedro *veneravel*, com as bemditas Abbadessas Santa Isabel de Schoenaog a Santa Hildegarde: não cessava por outra parte de espalhar-se a semente do Evangelho na Filandio por S. Henrique Bispo de Upsal, quo regou essa terra com seu sanguo, na Pomerancia pelos suores do Santo Oton Bispo de Bamberg, na Ilho do Rogen pelos esforços dos veneraveis Bispos Absalam de Rotschild e Bernon de Mecklemburg, como pelas diligoncias do Valdomero I Rei do Dinamarca, e na Livonia, de que foi Prégador o bom Meinard; finalmente á pia abnegação Claustral se reunin um novo instituto, o das Milicias Religiosas, originado da primeira *Cruzada*, quo moitos serviços fez as sociedades Christãas, e que não foi mesquinho em produzir homens notaveis pela piedade, humildade o caridade. Entremos no secolo 13.°: os desvelos do grando Innocencio III, e as prégações dos bons Sacerdotes Folques Cura de Nevilly em Fraoça, e Martinho Abbade Cisterciense na Alçacia e outras provincias de Allomanha, produziram uma quarta expedição ao oriente commandada por Bonifacio Marquez de Monforro, que se poz em marcha no anno 1202 em direcção a Constantinopla, levando o principe Aleixo Angelo, filho do Imperador Isaac, com destino de o collocar no throno depondo a seu tio do mesmo nomo, que o occupava por tyrannia, privando da vista o da liberdade seu irmão Izaac; no anno seguinte elevaram o filho e restabeleceram o pae, fugindo o tio; mas não tardou, que o moço Aleixo fôsse encarcerado, e Isaac morto com veneno por um novo tyranno, Aloixo Ducas; pelo quo irritados os Cavalleiros da *Cruzada* doram-lho batalha, venceram-o, o entregaram o sceptro a Balduino Conde de Flandres, evadindo-se Aleixo Comnene para Trebisonda no Ponto, de que se fez senhor com o titulo de Principe, e seus successores com o de Imperador, quo conservaram por mais de dois seculos ato a tomada da capital do Imperio Romano no Oriente pelos Turcos; e ao mesmo tempo, que elle, Theodoro Lascaris, se refugiou em Adrianopoli, onde se disse Augusto e successor dos Imperadores do oriente; emquanto Bonifacio Marquez de Monferrato se fez senhor da Morea com o titulo de Rei, o os Venecianos tomaram differentes ilhas de archipelago: desde 25 de Janeiro de 1204 governaram os Latinos em constantinopla, mas levantando-se Miguel Paleologo contra João filho de Lascaris em Adrianopoli lhe arrancou a vida e a corôa, e logo o imperio aos Latinos, que o poderam sustentar até 1260; eis-ahi a quarta expedição e seu resultado; mas depois della he necessario não omittir um facto extraordinario, que teve logar em França o Allemanha, a Cruzada dos meninos do anno 1213, que reunidos em differentes pontos tomaram a Cruz, o, sendo perguntados declaravam, que por ordem de Deos passariam a Jerusalem; muitos foram detidos por seus paes, o outros, podendo ovadir-se, pozeram-se a caminho acompanhados do muitos moços e mulheres, e tão bem de alguns malvados, quo os roubaram, e passando os Alpes os, quo não morreram de cançaço, fome e sede pelos bosques, foram despojados de quanto lhe haviam dado, o obrigados a voltar pelos Lombardos; sua confusão foi grande, porém maior devia ser a dos homens, que desamparavam a Terra Santa, como lastimou o veneravel Innocencio III; uma quinta Cruzada se decretou no Santo Synodo geral 12.° de Latrão em 1215, o exercito se organisou, e partiu em 1217, levando á sua frente André Rei de Hungria; Damieta passou ao dominio Christão, por suas gentilesas, é verdade, entretanto o Imperador Fredorico II, que pela perfidia merece ser comparado a Judas, o pelas atrocidades a Nero, faltando a tudo, quo jurára, e quanto era obrigado polos mais sagrados deveres, arruinou tudo pela demora na viagem, e pela alliança secreta, que tratou com o Sultão do Egypto; pondo-se mais tarde em marcha, no anno 1228, não fez mais, que despojar Henrique de Lusignan do Reino de Chypre, o favorecer a causa do islamismo; similhantes desastres, contra os quaes a Santa Se podia unicamente oppôr lagrimas e orações, obrigaram o Summo Pontifice Innocencio IV a instar com a Christandade para reunir suas fôrças em beneficio dos Logares Santos; e um novo exercito commandado por S. Luiz Rei de França partiu em 1248; mas os grandes resultados, que podiam vir desta expedição, falleceram muito, lançando o demonio as algemas ao veneravel principe no Egypto, porque elle não era Frederico; apesar disso pôde, resgatado, fazer grandes serviços á Christandade na Palestina, tomando muitas cidades aos mossulmanos, o salvaria o oriente, se Frederico não fôsse estabelecido delegado do inferno para impedir a prosperidade completa da expedição do Santo Rei logo ao comêço; tendo este voltado a seus estados em 1254, os males da Igreja no oriente, que tomavam incremento, o moveram a uma segunda expedição, e para ella tomou de novo a Cruz em 1270, porem foi morrer no assedio, que poz a Tunes; depois da falta deste bom principe, todos os outros esmoreceram, o os prantos como a voz do Successor de S. Pedro em favor de Jerusalem o da Christandade afflicta não tocaram o coração de algum, porquo entretidos com suas ambições cerraram os ouvidos aos clamores do Pae consternado e dos filhos opprimidos: ato ao anno 1282 a heresia phociana esteve um pouco manietada no oriente, porque mesmo depois do entrar em Constantinopla no anno 1260, o Imperador Miguel Paleologo, a fim de se manter, contra os Latinos, tornou-se bom filho da Santa Sé, porem Andronico, que naquelle anno (1282) succedêra no throno paterno, restabeleceu quanto o malvado *Phocio* dogmatisára, comtudo no seculo seguinte seu proprio neto, do mesmo nome, o fez pagar cara a desobediencia ao Summo Pontifice, e o odio, que concebêra aos actos de seu pae: de outro lado a raiva dos islamistas

contra a Christandade exacerbou-se no oriente, e na Hespanha mesmo; e de mais disso o philosophismo por meio dos albigenses, de Guilhermo do Santo Amor, do Raymundo Lulo de Tarraga, dos flagelantes, fratricellos e outros perdidos, encommodaram não menos, que Frederico II de Allemanha, aos Sarracenos, Turcos e Tartaros, a Igreja de Deos. Entretanto ella triumphou pondo a constancia de seus Martyres, Pedro do Castello-novo Legado da Santa Sé, cujo sangue derramaram os albigenses; Engelberto Bispo de Colonia assassinado pelo barbaro Imperador Allemão, João Sacerdote e Pedro Converso Religiosos Menores, e S. Pedro Pascoal Bispo, degolados pelos mussulmanos em Hespanha; o menino Domingos do Valle crucificado pelos Judeos nesta região; Pedro de Verono Sacerdote despedaçado pelos manicheos na Italia; o Sadoc com trinta e nove companheiros em Sandomir pelos Tartaros além de outros: a Santidade de seus Confessores, Alberto Bispo de Jerusalem, Felix da Valois e João da Matta ambos Sacerdotes, Estevão Bispo de Die, Domingos de Gusmão Sacerdote, Verdiana e Zita Virgens, Conrado principe de Baviera, Francisco do Assis Deacono, Jacintho e Ceslos Sacerdotes, Margarida de Luca Virgem, Antonio de Lisboa Sacerdoto, Isabel de Hungria viuva, Pedro Nolasco Sacerdote, Guilherme Bispo de S. Brieue, Edemundo Bispo de Cantuaria, Raymundo *nonato* Sacerdote, Edwiges Duquesa de Silesia casada e Monja, Theobaldo de Montmorency Abbade, Clara Virgem e Abbadessa das Religiosas Menores, André de Sena Soldado e penitento, Fernando Rei de Castella, Rosa de Viterbo Virgem, Beatriz de Vicencia viuva e Monja, Simão Stock Sacerdoto, Salomé Abbadessa, Isabel Virgem Princesa de França e seu irmão ElRei Luiz, Bartholomeu Bispo de Vicencia, Margarida Princesa de Hungria Virgem e Monja, Ricardo Bispo de Chichester, Raymundo de Penaforte Sacerdote, Ambrosio de Sena penitente, Filippe Benicio Sacerdote, Luiz Bispo do Tolosa, Margarida de Cortona penitente: a sabedoria de seus escriptores o Summo Pontifice Innocencio III, Santo Antonio de Lisboa, Vicente de Beauvais, S. Thomaz de Aquino, S. Raymundo de Penaforte todos Sacerdotes, S. Pedro Pascoal Bispo, S. Boaventura, Rogero Bacon, Alexandre de Halés, e o Beato Alberto o *grande*, todos Sacerdotes: o zêlo de seus Pastores nos Synodos, entre os quaes são eminentes o geral 12.° de Latrão em 1215 presidido pela Santidade de Innocencio III contra os hereges da época e para restabelecimento da Terra Santa; o geral 13.° de Leão em 1245, presidido pela santidade de Innocencio IV, contra as atrocidades de Frederico II, para reforma de costumes e salvação dos Logares da Redempção; e o geral 14.° de Leão em 1274, presidido pelo Summo Pontifice S. Gregorio X, para extincção da heresia phocisna e para promover nova Cruzada; e fóra dessas santas reuniões, porque desde o grande Innocencio III ate Bonifacio VIII, que ainda presidiu no seculo seguinte não foi interrompida a successão na Cadeira de S. Pedro, nem quanto ás pessoas, nem quanto aos esforços para o engrandecimento da Christandade e exterminio dos erros, devendo especialmente nomear-se o proprio Innocencio III, Honorio III, Gregorio IX, Innocencio IV, Urbano IV, e Clemente IV por sua doutrina e trabalhos em beneficio da humanidade, Gregorio X, e Celestino V por sua piedade, o que ambos venerâmos sôbre os Altares; unidos á Santa Sé, e que com ella trabalharam de accôrdo os Bispos, Jacques de Lunden, João Vecco de Constantinopla, Santo Edemundo e João Peccam de Cantuaria, além de grandissimo número, e os veneraveis Sacerdotes Folque de Nevilly, Martinho Cisterciense, S. Francisco do Assis, S. Domingos de Gusmão, Santo Antonio do Lisboa, e outros, que formam extenso cathalogo; a Missão tomou alto incremento neste seculo pelos desvêlos de Innocencio III e os seus successores, e pelos trabalhos de muitos Apostolos entre os Cumanos, na Tartaria e China, sendo bem dignos de lembrar-se a par della, e por causa della, os novos institutos de S. Francisco e S. Domingos, a quem muito deveu, e entre os professores do último a S. Jacintho, que a Polonia passou até ao Kathay, e de lá tornou áquelle paiz, onde acabou seus dias; por último é preciso dizer, que foi principalmente n'este seculo, que a Europa deveu ao Claustro desbravar sua rudêz.

26. « *Em geral*, disse Rohrbacher, o *fundamento da politica, ou da arte de governar estados, na meia edade, era o sentimento religioso*[1] »; e, accrescentou elle: « Por então o estado se subordinava á Igreja e a fôrça á justiça »: é exacto, mas tambem o é, que se os Reis e os Povos seguiam essa marcha, ao lado de uns e outros estavam homens inquietos e ambiciosos, promovendo conflictos para tyrannisarem os Reis a os Povos com a restauração do despotismo de Roma pagã: na época das Cruzadas já esses homens haviam tirado a mascara, e lutavam corpo a corpo para arrancar a Igreja a influencia, e aos Povos a liberdade; mordendo-se de inveja presencearam esses homens erguer-se a Europa inteira como um só homem á voz do Summo Pastor em Clermont, e protestarem vingança; os Successores de Urbano II deviam ser por elles expostos a duras provas, como o tinha sido seu Predecessor S. Gregorio VII, e as Nações precisariam arrastar pesados ferros sem ter recurso ao Pae commum dos Fieis; essa a sentença, e não tardou a

[1] Este sabio Sacerdote, um dos escriptores mais eminentemente Catholicos e mais pios de nossa edade, em presença do sentir de Confucio, Platão e Cicero, e fundado na doutrina ensinada pela sabedoria Divina, proclamou os principios, sôbre que se devem basear as constituições das sociedades humanas e suas leis regulamentares para serem justas, e por esse modo conformes á vontade suprema do Author de todo o bem; são elles: « 1.° *Só Deos é propriamente Soberano*; — 2.° *O filho de Deos feito homem, o Christo ou Messias, foi investido por seu Pae de todo o podêr soberano*; — 3.° *Entre os homens não ha podêr, ou direito de mandar, sem que venha de Deos, e pelo Seu Verbo*; — 4.° *O podêr é de Deos, mas não o homem, que o exerce, e o uso, que delle faz*; — 5.° *A soberania, o Soberano, e o uso, que elle faz do podêr, e os homens, sôbre quem o exerce, são egualmente subordinados á lei de Deos*; — 6.° *O interprete infallivel da lei de Deos é a Igreja Catholica*. Não só os impios, mas alguns, que se apresentam como fieis devotos da Igreja, acharam nestes principios um motivo para me guerrear, porque admitto sem excepção o sentimento do historiador, e me persuado, que as sociedades não serão verdadeiramente felizes, em quanto o não adoptarem: pouco importa a guerra, eu me considero obrigado a dizer o, que penso. Se entretanto penso assim, não me conformo, absolutamente com a má origem, que o historiador dá no podêr real, porque intendo ser uma derivação do patriarchal, e que o texto sagrado, e os de Santo Agostinho e S. Gregorio VII se devem propria e naturalmente intender dos tyrannos e não dos Reis: a essencia do podêr real não me parece, que tenha nada com o abuso desse podêr; mas o historiador, que depois dos Padres da Igreja eu considero um dos mais insignes apologistas do Christianismo, aterrado com os males, que os Soberanos tem feito, e fazem, á *Esposa de Christo*, levantou seus brados contra a propria origem e essencia do podêr real.

cumprir-se, porque o diabo poz nas mãos de seus escolhidos o açoute, e lhes deu fôrça para atribular a Igreja e a humanidade; mas ai dos Soberanos, quo o consentiram, porque victimas tambem elles foram! As Cruzadas se proclamaram, não como baluartes para sustentar a Igreja, porque o ferro não é a sua arma, porém como fortalesas para salvar as sociedades Christãs da escravidão mossulmana; dellas podia resultar, além desse grande beneficio, o reconhecimento e a gratidão Áquelle, qee admoestára a Europa a emancipar-se d'um jugo pesado o vergonhoso; mas os seqeazes da doutrina dos jurisconsultos idolatras, aproveitando as tendencias perversas dos Imperadores de Allemanha Henrique III, Henrique IV, e Frederico I, motores de horrorosos scismas, o Frederico II, que fez causa commum com os inimigos da Christandade, vieram a obter o dominio estabeleceedo um systema, impio e absurdo, *de cutello em punho*, á feição de Mohammed: as Cruzadas terminaram com S. Luiz, porque os Soberanos do occidente no seculo 14.° preferiram dilacerar-se uns aos outros, e vor seus estados consumidos pela anarchia, a progredir no ietento de salvar o oriente dos inimigos da Cruz; e a Europa, que desde o raiar do seculo 12.° ouvia nas escholas proferir com descaramento=o *soberano é a lei viva*, *a lei soberana do mundo*, *de que emanam todos os direitos*=foi sentindo os resultados desta doutrina por todo o seculo 13.°, ate a ver sanccionada no seguinte, apesar da vigorosa opposição dos Pastores do rebanho de *Christo*; assim como em Portugal deverá ser sempre execrado o nome do Chanceller do filho do Affonso Henriques, que foi o primeiro no occidente a imitar as maldades dos jurisconsultos Allemães, em França é necessario, que não seja menos detestado o do procurador da corôa de Filippe *bello*, o famoso Pedro de Cugniers, que, om 15 de Dezembro de 1329, na famosa assembléa convocada expressamente para maniotar a Igreja e a humanidade ao carro triumphante do dispotismo, não se pejou de sophismar (porque a logica dos jurisconsultos e dos politicos é o sophisma) a Divina sentença=*dai a Deos* o, *que é de Deos*, *e a Cesar o*, *que é de Cesar*=para exigir a submissão e respeito dos *Prelados* ao Rei! Os Bispos responderam victoriosamente, mas a fôrça bruta pôde mais do, qee a verdade, e deixou de estar subordinada á justiça, porque desde então a seita do regalismo e a tyrannia foram a base de legislação da Europa; a heresia se casou com a politica mais ou menos encobertamente, sujeitando os depositarios da authoridade pública á sua obediencia os *Prelados* como *taes!* principio absolutamente contrário á doutrina de *Jesus-Christo*, mas admittido então o depois pelos politicos, para quem veio a ser texto sagrado o livro de Machiavel, e pelos protestantes, a quem o ensinou Luthero, como mais tarde veremos; por outra parte os foros sociaes se foram perdendo, e com esses os da propria corôa, usurpando tudo os legistas: o paganismo, uma religião tão sensual como elle, e um filho degenerado da Igreja Phocio, atribularam a Christandade; mas ninguem, até ao seculo 14.°, se havia lembrado de dar um golpe na authoridade dos Bispos, como essa damnada e perniciosissima seita! A par desse mal, d'um lado estavam as perseguições dos islamistas, e do outro opprimiram a Igreja de Deos neste seculo o scisma, e o philosophismo pelas loucuras hereticas dos Begardos, Beguinas, Marsilio de Padua, João de Janduu, terlupinos com outros (sem exceptuar os flagelantes), de que foram mais crueis João Viclef e seus sectarios. De tudo isto Deos salvou a Christandade dando fôrças á sua Igreja para resistir e triumphar pela constancia de seus Martyres, Raymundo Lullo de Malhorca, que acabou a carreira de sua vida cheia de zêlo Apostolico, trabalhos e piedade, aos golpes dos islamistas em Tenes; os famosos Missionarios Domingos de Hungria, e Guilherme de Inglaterra, o primeiro despedaçado pelos Tartaros, o segundo degolado pelo alfange mossulmano; outro Estevão de Hungria, que, depois de renegar do Evangelho, lavou com seu sangue essa nodoa, e sahiu com aquelles Santos á Bemaventnraeça; os irmãos Kucley, Mylhei e Nisilon despedaçados pelos idolatras na Lithuania; grande número de Fieis, que receberam a palma das mãos do Sultão do Egypto; e o illestre Sacerdote João Nepomnceno, primeira victima do sigillo sacramental, a quem a barbara impiedade do Rei de Allemanha Wenceslão assassinou, sem contar outros: pela santidade de seus Confessores o Summo Pontifice Bento XI, os Bispos Pedro Thomas de Constantinopla, Bertrando de Aquilea, André Cursino de Fiesoli, e Pedro Luxemburgense de Metez; os Sacerdotes Yvo admiravel pela sciencia, e modelo de piedade, humildade e caridade, Nicoláo de Tolentino, Odorico de Friul, Pedro Armengol notavel pela penitencia, os Monjes Herman e Oton; Eleasaro Conde de Sabran, o mercador Aleixo de Falconeri, o jornaleiro Henrique de Treviso, e o peregrino Roque; as Virgens Ignez de Montepulciano, Emilia Bicchieri, Clara de Monte Falco, Rosalina de Villa Nova, Gertrudes, Notheburge, Juliana de Falconeri, Catharina de Sena, Catharina de Suecia casada e Virgem; e as veneraveis Matronas Delfina Condessa de Sabran, Isabel Rainha de Portugal viuva, e Brigida tambem viuva; pela sabedoria de seus escriptores, Beato Raymundo Lullo Malhorquino, Fr. Raymundo Martins, Guilherme Durando Bispo de Mendo, Fr. André Antonio, Engelberto Abbade, Durando Bispo de Meaux, Fr. Agostinho Triumpho, Pedro Bertrando Bispo de Autun, Nicoláo de Lira, Pedro Aureolo Bispo de Ayx, Leopoldo Bispo de Bamberg, Fr. Alvaro Paes Bispo de Silves, Ricardo Filtz-Ralph Bispo de Armach, Fr. Roberto Holkot, Landulpho Cartuziano, Fr. João Taulere, Beato Henrique Suso, Santa Brigida viuva, Santa Catharina de Sena Virgem, João Rusbrock, e Fr. Roque de Thomar, que empregando seus profundos estudos em expôr a doutrina da Igreja, dirigir no caminho da perfeição, e combater os erros e os vicios, bem-mereceram ao Senhor; e sôbre tudo o zêlo dos Pontifices reunidos em Synodos para tratar da reforma de costumes, como do augmento do Culto, e proscrever as heresias da época; delles o geral 15.° celebrado em Vienna do Delfinado, o mais notavel de todos, e a que presidiu o Santo Padre Clemente V, condemnou os erros sensuaes dos quietistas chamados Begardos e Beguinas; e depois desse os de Londres, que lançaram o anathema contra Wiclef e suas más doutrinas; e fóra destas reuniões sagradas trabalharam desveladamente os Summos Pastores, S. Bento XI, que foi um exemplar da maior humildade e da mais alta piedade, Bento XII, qee o imitou em desprender-se de toda a vaidade, Innocencio VI, Gregorio XI, e Urbano VI, os qeaes todos souberam dirigir os destinos da Christandade com sabedoria e firmesa constante desde a Cadeira de S. Pedro, a que foram exaltados, e em que, apesar do horroroso scisma originado da mudança da Séde Apostolica para Avinhão (quando Deos a não quer fora de Roma), e da reforma intentada pelo último, não se interrompeu a successão desde aquelle S. Bento XI, qee succedêra a Bonifacio VIII, até Bonifacio IX; unidos ao Vigario de *Christo*

combateram com vigor os veneraveis Bispos, Fr. João de Mooto Corvino de Poking, Apostolo da Tartaria e da China, e quo por lá estabeleceo a jerarchia Ecclesiastica, Pedro Rogero Eleito de Sens, Pedro Bertrando de Antun, Durando de Meaux, Leopoldo de Bamberg, Fr. Alvaro Paes de Silves, que lutaram como Apostolos contra os excessos do podêr temporal, o o Beato Pedro Thomaz do Bysancio, que na qualidade de Legado da Santa Sé, poz todos os seus esforços para a reunião dos Gregos, foi oxemplar como Pastor, mostrou-se verdadeiro pae dos Cruzados, qoe se fizeram Senhores do Alexandria em 1365, o morren no anno seguinte com a morte dos justos; ao lado dos Pastores oncontramos o Beato Raymundo Lullo empregando passos, doutrina e livros na conversão dos mossulmanos, e qne delles recebeu a palma, Fr. Raymundo Martins, que nada poupou a fim de converter Judeos e Mouros, o Beato Odorico de Friul, que derramou a palavra do Senhor desde o Mar Negro pela Trebisonda, Armenia, Persia, Tartario, India, Java, Ceilão, China, Tibet, a depois de dezeseis annos de trabalhos incessantes com fructo prodigioso morren com *Christo* na Italia em 1331, a Fr. João Taulere, que encheu a Allemanha de admiração por suas prégações, e concorreu para a emenda de milhares de peccadores: deste modo terminou o seculo 14.° No seguinte, Ladislão de Napoles e Affonço V de Aragão otribularam a Santa Sé levando hostilmente suas armas á Italia, para assolarem essa região, attentando aquelle por sua maldado contra o Sagrado, dentro da propria Roma, e concorrendo ambos, por sua desobediencia, a dar fôrça ao systema já estabelecido de supremacia temporal a respeito da Igreja; mas sôbre tudo Carlos VII, Luiz XI de França, o João II de Portugal, o primeiro com a chamada *pragmatica sancção*, o segundo e terceiro por seus decretos o actos, ensaiaram o dispotismo mais feroz para opprimir a Igreja o a humanidado por tal modo, que deram completo triumpho aos jurisconsultos depositando de nma vez toda a authoridado nas suas mãos: a eschola de París, a maia célebro deste seculo, além d'outras, auxilioo efficazmente o principio em relação á Igrejo, porque, em quaoto d'um lado se professava a doutrina contrária ao dispotismo dos Principes, e se appellava para o julgado dos tribunaes sôbre sua responsabilidade para com as Nações, por outro se confundia a sociedade humana com a Igreja, e se admittia, quo o podêr do Successor de S. Pedro vioha desta o não de *Christo*, por isso quo podia depô-lo: é eminentemente verdade, que o Summo Pastor não recebe seu podêr da Igreja, pelo qoe, só quando é duvidoso, assisto á Igreja o direito de lança-lo da suprema Cadeira Apostolica; mas tambem o é, que Gerson o Jacques Almain proclamaram o principio da anarchia dentro do Christianismo; o julgado pelos tribunaes foi todo para os legistas de todas as épocas, com tanto que só elles fôssem os julgadores, porém se não attentassem contra a Igreja de Deos e contra a humanidade, e se não se arrogassem o exclusivo da sentença, a sna doutrina era bôa nesta parte, porqne esse seria o meio mois efficaz de dar cabo daa sedicções, o mais pernecioso e mais brutal de todos os conceitos humanos: entretidos em soas desavençaa e ambição os Soberanos da Europa esqueceram-se completamente das Cruzadas, e os Reis do França a Inglaterra preferiram guorrear-se ate á última extremidade, como o de Napoles e Aragão opprimir a Italia, antes qoo forrarem os logares da Redempção oo dominio mossulmano, e impedir os progressos do Turco feroz contra os restos do imperio do oriente, embora vissem terminar este aos golpes de Mohammed II, que tomou Constantinopla em 29 de Maio de 1453, como o Santo Padre Eugenio IV predissera a João Paleologo II em rasão de se esquecer do, qne promettêra no Santo Synodo do Florença; e se desembaraçar da Unidado Cotholica: com a extincção do imperio não terminou a heresia Phociana, antes perseverou pelo oriento, como as outras mais antigas, que chegaram a abjurar-se naquelle Santo Synodo; no occidento João Hus e Jeronymo do Praga renovaram a de Wiclef, o lho juntaram outros erros, bem como os lolardos, que pregavão a egnaldade original do genero humano o a tyrannia das distincções; finalmento a par destes males era opprimida a Igreja de Deos pela permanencia do scisma fatal, que principiára em 1378 pelo Cardeal Roberto de Genova, continuava pelo famoso Pedro de Luna o por Amadeo de Saboia, que o Synodo do Basileo degenerando em conciliabulo oppoz ao Santo Padre Eugenio IV, e qne em 1449 se homilhou oos pés da Santidado de Nicoláo V, permittindo Deos, qne a Igreja estivesse unida no occidente, antes que o islam dominasse em Constantinopla para evitar maiores males em tempos já de ponca fé, o om que os Soberanos Catholicos tinham mais a peito as vinganças o particulares ioteresses, quo a causa da Religião. A toda essa torrente do inimigos ferozes da Igreja do Deos, oppoz ella o sanguo de seus Martyres, Antonio Nayrot, Anna de Erizzo, Primaldi e oitocentos companheiros derramado pelos mossulmanos, e dos meninos André o Simão ambos massacrados pelos Judcos, aqnelle no Tyrol e este em Trento: a piedado de seus Confessores, os Santos Bispos Nicolao Albergato de Bolooha, Antonino do Florença, o Lourenço Justinisno do Venesa; os veneraveis Sacerdotes, Vicente Ferreira, Gonçalo do Lagos, Pedro do Palermo, Bernardino de Sena, João de Capistrano, Matheus Carrieri, João do Kenti, João de Sahagum, Jacob da Marca, Pacifico de Cedereno, Francisco do Paula, João de Dukla, Jacoh de Esclavooia, Bernardo do Scammaca, o Sebastião Maggi; o converso Diogo de Alcalá, o austerissimo Anachoreta Nicoláo de Flue; os illustres priocipes Bornardo de Bade, e Casimiro de Polonia; as castas virgens, Ludwina, Angelica de Corbara, Coleta, Catharina de Bolonha, Enstochio, e Joanno Scopello; e as virtuosas Motronas Rita de Cassia, Francisca Romana, Margarida de Saboia o Serafina: o zêlo dos Pastores reunidos nos Synodos de Piza 16.° geral, presidido pelo Cardeal do Pistoia Decano de um e outro Sacro Collegio, para terminar o scisma, o que elegou Snmmo Pontifice Alexandre V; de Constança, 17.° geral contra a dootrina preniciosa de Wiclef, Hus o Jeronymo de Praga, e para dar fim ao scisma com a eleição de Martinho V; o 18.°, começado em Sena, mudado a Basilea, onde principiou bem e acabon mal elovando Amadeo de Saboia a Cadeira de S. Pedro, depois de se snbtrair a obediencia do Eugenio IV legitimo Vigario do *Christo*, por isso trasladado a Ferrara, de lá a Florença, onde presidiu o proprio Eugenio IV, e em que se renniram Gregos, Armenios, e Jacohitas, abjurnodo sens orros, mas que pela perfidia de Marcos Bispo de Epheso digno imitador de Phocio, pouco depois perjuraram o, qne haviam jurado: dispersos cuidaram os Pastores de mantor illeso o depósito sagrado, com alta perseverança, a começar de Gregorio XII successor de Bonifocio IX, até Alexandro VI, sendo digno do veneravel memoria, por virtudes, sciencia, e coostancia de Apostolo, o grande Eugenio IV, de quem disse, e Pio II illustre pela sciencia,

e pelos esforços para uma nova Cruzada, devendo dizer-se, que nem a tenacidade de Gregorio XII, em se manter no Summo Pontificado contra as condições de sua eleição, lhe impediu a prática das mais excellentes virtudes, nem a falta de comprimento das promessas de João XXII recusando descer da Cadeira de S. Pedro podem deprimir o Summo Pontificado, nem os vicios escandalosos de Rodrigo de Borja tiveram fôrça bastante para desconceituar o velho Alexandre VI: ao lado do centro da unidade Catholica combateram pela causa de Deos, os Bispos Beato Nicoláo Albergato, José, Metrophanes e Gregorio de Bysancio, Constantino dos Armenios, Sbinko de Cracovia, Philoteo de Alexandria, Isidoro da Russia, Santo Antonino de Florença, S. Lourenço Justiniano de Venesa, e Besarião de Nicea; e com elles os Santos Sacerdotes Vicente Ferreira, Bernardino de Sena, e João de Capistrano: e os escriptos de seus sabios, alguns dos quaes ficam referidos, S. Vicente Ferreira, Paulo de Santa Maria Bispo de Burgos, que por sua admiravel doutrina trouxe grande número de Judeos ao Christianismo convencidos dos erros, em que viviam, como elle proprio se convencêra, S. Bernardino de Sena, Santo Antonino Bispo de Florença, Gregorio Bispo de Bysancio, Fr. Bernardo de Alcobaça, S. Lourenço Justiniano Bispo de Venesa, S. João de Capistrano, Santa Catharina de Bolonha, Dyonisio Cartusiano, Thomaz de Kempis, Besarião Bispo de Nicea, Beato Pacifico de Cedereno, e o Monje Deacono Fr. Carlos Fernando cego desde menino: finalmente a jerarchia restaurou-se ao norte da Africa depois de tomada de Ceuta pelos Portuguezes; a Santa Missão tomou alto incremento na Bohemia e outros paizes septentrionaes da Europa pelos esforços de S. João Capistrano e de S. Jacob da Marca, e na Polonia pelos trabalhos do Beato João de Dukla; e a Igreja recebia novos auxiliares na instituição do novo Monastico dos Conegos Seculares levantado em Venesa pelo Cardeal Antonio Corario, e em Portugal pelo veneravel João de S. Vicente Bispo de Viseu.

27. Entremos n'uma época desastrosa pelos erros da soberba heretica, no seculo 16.º que «*fue* escreveu Fr. Henrique Flores, *el mas infeliz en esta classe, por ser como un estanque, donde se recogieron todos las suciedades, que por los heresiarchas anteriores vomitaron las hidras infernales;*» e na verdade o paganismo, o islamismo, e o phocianismo, não foram tão prejudiciaes á Igreja de Deos, como a obra de *Martinho Luthero*, que se erigiu neste seculo, filha promogenita de casamento da pseudo-sciencia com a seita regalista: a humildade Christã havia fugido das escholas, e a audacia veio de novo tomar o assento, que por pouco tempo largára, mas com tanto furor de vingança, que ameaçava o mais alto sem disso se aperceber alguem: as doutrinas de João Hus e Jeronymo de Praga sustentadas com tenacidade e derramadas a todo o trance, e principalmente as discussões do conciliabulo de Basilea tão desregradas e tão estranhas ao espirito Evangelico, foram a causa immediata, que eu assigno á indifferença e escandalos da maior parte das Nações Christãs nos ultimos tempos do seculo antecedente e principios deste: essa indifferença e esses escandalos reflectiram nas escholas, lá se santificaram, e se elevaram ao caracter de systema; por outra parte a supremacia do podêr temporal, tomando cada vez maior vulto de caminho com essas maldades, produziram um estado ameaçador, e só faltava algum genio atrevido para se sentirem seus effeitos desgraçados; esse genio appareceu em *Martinho Luthero*, que nascêra em Isbele, condado de Mansfesd na Saxonia, pelo último quartel do seculo passado; fez seus primeiros estudos em Magdebourg e os maiores na universidade de Esford, onde recebeu o grão de bacharel em 1503, aos vinte annos de sua edade, e dois adeante o de mestre em artes; começou logo a fazer prelecções da philosophia de Aristoteles o a estudar o direito; mas aterrado com a morte de um de seus amigos, que um raio despedaçou, e sem consultar sua vocação, pelo meado do anno 1505 vestiu o habito dos Eremitas Augustinianos, emittindo os votos solemnes no seguinte, e passando a ser Fr. Agostinho; atravessou pelas duras provas do noviciado firme na intenção de permanecer no Claustro, apesar das claras provas de não ser chamado por Deos, expressas na repugnancia aos ministerios humildes, em que o faziam empregar, e da nenhuma doçura nesses pequenos tormentos, quando o contrário encontra sempre a vocação, chegando a persuadir-se, que por elles se aviltava, e compromettia sua saude; deu-se entretanto ao estudo da theologia escholastica, das obras de Santo Agostinho, e da Escriptura Santa, subiu ao Sacerdocio, exerceu o magisterio em a nova universidade de Wittemberg, nella se fez bacharel em theologia, e se entregou á prégação; em 1510 foi a Roma a negocios da sua Ordem, e o seu enthusiasmo pela capital do mundo Christão manifestou-se de um modo incrivel, parecendo-lhe tudo digno de elogio; dois annos depois recebeu o grão de doutor em theologia nessa universidade, debaixo da protecção do Eleitor de Saxe Frederico chamado o *sabio*, prometteu a Deos ensinar e defender a Fé Catholica contra todas as heresias, ainda a custo do seu sangue, e não tardou a calcar aos pés o seu juramento; apesar das inquietações interiores, que padecia no Mosteiro, o seu exterior não desdisse até ao anno 1516; mas lá estava a soberba escarnada em sua alma, que ia demonstrando pela acrimonia e liberdade nas argumentações pouco ajustadas uma e outra á humildade claustral, e bastou, que o Santo Padre Leão X mandasse prégar as indulgencias, a fim de se obterem esmolas para a fábrica da Igreja de S. Pedro, pelos Dominicos em Allemanha, quando até alli essa Missão pertencêra aos Augustinianos, para *Luthero* no anno seguinte romper todos os laços, que o prendiam á Igreja de Deos, chamando á discussão Dogmas Catholicos, negando a suprema authoridade das decisões canonicas, estabelecendo assim o juizo privado como regra de Fé nas suas famosas conclusões; atacado pelos verdadeiros Catholicos, mas protegido tenazmente pelo pseudo-sabio Eleitor de Saxe, foi de mal em peor defendendo na cadeira novas conclusões em confirmação daquellas, fazendo apparecer nestas novos erros, e protestando, que nada continham de hereticas; incerto do bom resultado de sua causa apparentemente se sujeitou *á Igreja;* mas póde, a meu juizo, tomar-se por bem sophistica a declaração ao Bispo de Brandbourg, de se lhe submetter, porque os factos anteriores, e sôbre tudo os posteriores, mostram, que nem o fez como a seu verdadeiro Pastor, nem com intenção de cumprir a promessa; examinada a causa em Roma, o Santo Padre, em 1518, condemnou os erros impios do falso theologo, no que respeitava á questão das indulgencias, declarando ser doutrina recebida na Igreja de Deos, que as indulgencias aproveitam a vivos e mortos; entretanto *Luthero* sabendo, que o exame da sua causa continuava, appellou para o Concilio geral, protestando, que por isso não queria affrouxar a authoridade do

Summo Pontifice, nem duvidar do Primado da Santa Igreja Romana; o continuou sustentando seus erros contra as indulgencias; guerreado vivamente por Sacerdotes Orthodoxos, respondia com ar de triumpho, e, calumniando a todos, declarava, que elle não reconhecia como regra de Fé senão a Escriptura Santa *interpetrada por elle mesmo*; negava a Tradição o o Primado, seguiu atacando os votos Religiosos, o Celibato Clerical, e a distincção entre Sacerdotes e leigos; por fim de tudo isto escreveu a Sua Santidade uma carta, que só póde ter, pelo sua velhacaria, exemplar na de Phocio, mas que foi tanto além quanto na maldade o excedeu; e ao mesmo tempo, que affectava submissão, ostentava de author da reforma religiosa: entretanto os seus escandalos já haviam revoltado as duas universidades de Colonia e Louvain, quasi todo o Clero, todos os Bispos, e o Santo Padre contra elle, por isso como o recurso estava no temporal, acolheu-se a Carlos V, exaltando-o segundo os seus principios, porque todo o Christão era Sacerdote, Bispo e Papa, d'onde vinha sua supremacia pelo podêr, e notando-lhe a necessidade de fazer entrar o Papa na rasão, ainda á ponta da espada! Um tal monstro, carregado de crimes, chamado reformador da doutrina de *Christo*, a tanto se streveu com auxilio dos homens da politica, para quem os interesses são o verdadeiro Deos! Fulminado pelos raios da Igreja, em 15 de Junho de 1520, não hesitou deante de torpesa alguma, appellou da Bulla para o Concilio Geral taxando o Summo Pontifice de juiz iniquo, herege, apostata, inimigo de toda a Escriptura Santa, e blosphemando da Igreja Catholica e dos Concilios; passou d'aqui a queimar na praça pública os livros de direito Canonico, a Bulla, a *Summo* de S. Thomaz, e os escriptos dos Catholicos, que o condemnavom; tocou a rebate contra o Pae commum dos Fieis e contra estes, e se declarou chefe de uma seita abominavel fundada sôbre a doutrina, que teve vontade do estabelecer! E os podêres do terra surdos a tudo isto! mais claro, pretegendo tudo isto, porque as suas vistas eram reunir, como no paganismo, o Sacerdocio ao imperio, que o Christianismo não comporta pela sua espiritualidade, mas que por isso mesmo se pretendeu sempre, visto que os politicos e os jurisconsultos, ha perto de dois mil annos, ainda não poderam conceber a naturesa da Religião do Crucificado, e ainda menos consentir, que alguem tenha qualquer genero de dominio sôbre elles! Com prazer incrivel foi recebido o seu livro abominavel do *Captiveiro de Babylonia*, não menos, que a carta insolente, escripta por elle mesmo, aos Bispos, na qual se chamou *Martinho Luthero por graça de Deos Ecclesiastico de Wittemberg*, declarando-lhes, que *havia tomado esse titulo com o mais alto desprêso delles e de satanaz: para que não allegassem*, dizia, *ignorancia de sua novo qualidade de Evangelista, e se não atrevessem a informar-se ou a julgar de sua doutrina, porque nem dava rasão della, nem permittia, que fôsse julgada por elles, nem mesmo pelos Anjos!* « *Os Barões Allemães*, escreveu o Abbade Rohrbacher [1], a quem sigo nesta narração, porque é fundada em legitimas provas, *creram no Monje de Wittemberg sôbre sua missão divina, como os Arabes creram em Mohammed sôbre suas entrevistas nocturnas com o Anjo Gabriel* »: deste modo *Luthero* caminhou a seu fim obedecido por elles, e secundado de Melanchton para escrever impiedades, de Ulrico para manejar a arma do ridiculo, porque a reforma de um monstro tão escandaloso não podia ser melhor plantada do que por um impio, e por um editor de caricaturas; mas o que parece impossivel é, que a seriedade e o temor de Deos, que deviam sentar-se ao lado dos Soberanos, os desamparassem o ponto de se submetterem a tudo quando deshonrava o espirito humano, que é isso o, que se apresenta no origem e progessos da seita de *Luthero!* Entretanto na dieta de Worms de 23 do Outubro de 1520, apesar das pomposas palavras do Imperador Carlos V sôbre a piedade de seus avos e sua, o impio sahiu são e salvo para semear seus erros; no anno seguinte a universidade de Paris condemnou esses erros (já um pouco tarde), e o Imperador, receando talvez as consequencias de sua condescendencia possada em relação aos dominios de Hespanha, por causa da puresa orthodoxa de seus habitantes, mandou queimar os livros do supposto reformador; porem *Luthero* zombou e progrediu depositando o Sacerdocio nas mãos dos leigos e das mulheres, isto é, extinguindo o Sacerdocio, tomou para manter Catharina de Bore Religiosa, que fugiu do seu Mosteiro com outras apostatas, e mudou a face das cousas, convertendo os Ecclesiasticos em operarios, e todos os homens e mulheres em pregadores; e fazendo apostatar Monjes e Monjas, para casar-se, sendo um dos principaes daquelles Fr. Alberto de Brandebourg Mestre de Cavallaria Teutonica, que roubou a Igreja e a essa Cavallaria o estado da Prussia, perjurando, arvorando-se em Soberano temporal, e casando-se: a doutrina de *Luthero*, posto que sensual como a de Muhammed, apesar dos muitos sequazes, precisou accender a rebellião, e servir-se das armas para se assentar com solidez, porque seus discipulos se guerrearam uns aos outros, assolando os paizes mais florescentes de Allemanha, perpetrando sacrilegios inauditos nos Templos e Mosteiros, o entregando-os á pilhagem, bem com os castellos: uma sociedade sem centro e puramente anarchica, que resultados devia ter? a scisão, separando-se Nicolao Storkio para ser patriorcha dos anabaptistas, que negaram o baptismo aos meninos, e persuadiram a egualdade e liberdode absoluta dos homens; André Carlostadio pae dos sacramentarios, que negaram a Presença Real Eucharistica, de que foram os principaes Zwinglio e João Calvino, estabelecendo cada qual seu systema e partido; atraz delles Miguel Serveto, que disputou com todos, dogmatisou contra os Mysterios da Trindade e da Consubstancialidade do Verbo, e foi suppliciado por ordem de Calvino; e os *Luthero-calvinos*, que fizeram um amalgama das duas seitas, hostilisando-se uns aos outros, e todos a Igreja de Deos, assolando

[1] Este sabio comparou perfeitamente a doutrina de *Luthero* á de Mohammed; e muito bem, porque o falso-propheta da Arabia, estabeleceu o fatalismo, e tirou a liberdade ao homem, por isso suppondo Deos author das bôas e más acções, o faz castigar nos máos os crimes, que elle proprio obra: *Luthero* desse modo aceitando o fatalismo, negou o livre arbitrio; d'ahi vem a impia idéa, que nos deu da Divindade, absolutamente identica á de Mohammed: todo o systema de *Luthero*, em se estudando e comparando, apresentará absurdos indignos do homem (e ainda mais de quem se diz Christão), e sua identidade com o do islam, pelo que Solimão II estimava o novador, porque ninguem mais que elle favorecia a sua causa. Sem agora lembrar os males espirituaes causados á Igreja de Deos por esse torpe systema, não posso eximir-me de fazer recordação do modo que a victoria de Lepanto, do anno 1571, impedia os desastres temporaes da Christandade, porque o novo engrandecimento do Turco, pelo favor de algumas côrtes da Europa e de similhante systema, era para causar serios cuidados. S. Pio V promoveu a expedição, que teve um tão feliz resultado, não só pela bôa direcção, que lhe fez dar, mas pelo alto merecimento de suas orações a Deos; penso assim.

muitos paizes Catholicos, principalmente a França, que soffreu muito dos lutheranos, e ainda mais dos calvinistas, e senhoreando-se de outros fóra da Allemanha, como a Hollanda, em que os ultimos assentaram seu throno. Por outro lado differentes Soberanos em Allemanha, o de Succia e outros se alistaram debaixo das bandeiras da heresia: protestando os Germanos, em 1529, contra as decisões da dieta de Spira (pouco favoraveis aos innovadores), donde lhe veio o nome de *protestantes*, como a todos os sectarios dessas malditas doutrinas, que preferiram a deshonra ao nome de bons Christãos. Por ordem de Carlos V os seus generaes assolaram Roma excedendo os de Alarico; sacrilegamente attentaram contra a liberdade do Summo Pastor; e elle mesmo mais adeante, pelo seu *interim* á moda dos imperadores do oriente, concedeu aos hereges de Allemanha a liberdade de religião; o famoso Francisco I de França, em virtude de suas desavenças com aquelle principe, convidou o Turco Solimão II para assolar as terras dos Christãos, e este veio contra a Hungria, e poz cêrco a Vienna; Henrique VIII de Inglaterra, que pelo seu livro contra *Luthero* mereceu do Santo Padre o nome de *defensor da Fé*[1], mas que depois, repudiando sua mulher, contra as leis da Igreja, para tomar outra, e sendo por isso excommungado, se constituiu pontifice da Inglaterra, e admittiu em seus estados o, que antes reprehendêra; mais adeante sua filha Maria restaurou quanto póde o Templo destruido; porém Isabel, a espuria, seguiu as traças do pae, e sem ser virgem nem casada reinou, e exerceu as maiores tyrannias com os Catholicos excedendo o pae, e não conhecendo egual senão em Nero e Deocleciano: em Hespanha já desde o seculo antecedente, debaixo do pretexto de Religião se havia estabelecido a Inquisição contra os Judeos e contra os hereges, porém mais naturalmente para se exercer uma influencia politica nos negocios da Igreja, como acontecia em França (ha mais tempo), e perseverou commettendo horrores em nome de *Jesus-Christo;* do mesmo modo se levantou neste seculo em Portugal, e debaixo de identicas bases contra os Catholicos em Allemanha, Hollanda, Succia, Noruega e Inglaterra, como no Japão; os ministros eram pela maior parte jurisconsultos, ou politicos, por isso os maiores e mais habeis instrumentos da politica e da supremacia temporal na Igreja; e os processos, como seu texto apresenta, provam a descrença e impiedade desses homens: finalmente, para cúmulo de todos os males, no anno 1515 publicou Machiavel um livro, em que reduziu a systema bem ordenado, para servir de lição aos principes e aos politicos, as doutrinas do despotismo propaladas pelos anteriores politicos e jurisconsultos, e em que se sanccionam, além de outros attentados: —1.° a falta de fé e de justiça nos Soberanos; — 2.° que a politica ou rasão do estado não é sobordinada á Religião nem á moral Christã, mas que o principe é o supremo juiz da explicação e da applicação dessa moral!!! Machiavel morreu em 1527 depois de ter feito os maiores males á Religião e á humanidade, e não tratou da restituição, até á hora extrema; porém acabou com demonstrações de Christão. recebendo os Sacramentos da Igreja, e dando o último suspiro nos braços dos Sacerdotes; mas seria tudo isso fingido para dar mais fôrça a seus erros? é o que se não sabe: appellemos entretanto para a Misericordia do Senhor, que teria compaixão de sua alma, e lhe faria graça, porque em qualquer hora, que o peccador se arrependa o recebe como pae carinhoso. A Igreja nunca teve seculo de tanta tribulação, mas venceu, e carregada dos triumphos, que nelle obteve, passou ávante gloriosa, porque Deos lhe assistiu auxiliando seus Martyres a derramar até á última gota de sangue para confirmação de Fé; em Inglaterra (nesse Reino até então modêlo de orthodoxia e piedade, e que só uma vez peccou!) Thomaz Moro chanceller do estado, João Fisher Bispo de Rochester e Cardeal da Santa Igreja de Roma, os Priores do Ermo Cartusiano de Londres, Axiholm, e Belval, com um Sacerdote secular, Reinaldo Monje de Sião e outros Religiosos da Ordem de S. Bruno, os Parci Conde de Northumberland e seu filho o Conde de Arundel, Cuthberto Sacerdote, e vinte outros Fieis, Edemundo Campeano, Roberto Persons, Rodolfo Sherwin, Lucas Kirby e Eduardo Risthon Sacerdotes, e Emerson Coadjutor temporal da Santa Companhia com outros Sacerdotes e leigos, foram suppliciados por ordem da Inquisição de Henrique VIII e de sua filha Isabel; na Hollanda dezenove Fieis, entre Sacerdotes e leigos (onze dos quaes eram filhos de S. Francisco), acabaram feitos em pedaços pelos calvinistas; no Japão, desde uma escrava até ao Sacerdote Baptista muitos obtiveram a palma das mãos dos idolatras: innumeraveis foram os Confessores, que por sua alta piedade deram testimunho contra todas as seitas, assim os Bispos Thomaz de Villa-Nova, Paulo de Arezo, e Carlos Borromeo; os Sacerdotes Ladisláo de Gielniow, João de Liccis, Jeronymo Emiliano, Caetano de Theanna, o *grande* Ignacio de Layola, Pedro de Alcantara, Francisco de Borja, o *novo Paulo* Francisco Xavier, Luiz Beltrão, Filippe Nery, Simão Lipnieza, Nicoláo Factor e João da Cruz; os Conversos Vicente de Aquila, João de Deos (Portuguez) modêlo de caridade e penitencia, Felix de Cantalicio, Reynero, Salvador, Bento de Philadelphia, Pascoal Bailão, e Felix de Apparicio (estes seis dos Menores); e as castas virgens Magdalena de Paratieri, Margarida de Ravenna, Stephania Quinzani, Catharina Mathei, Angela de Brescia, a *prodigiosa* Theresa de *Jesus*, e Catharina de Ricci; e as Santas Viuvas Catharina de Genova, Gentila de Ravenna e Catharina Albertoni: distinguiram-se por seus escriptos Santa Catharina de Genova, os illustres Sacerdotes Tetzel, Ecicio, Emser, e Prierias, que combateram contra *Luthero*, Fr. Gomes de Lisboa Bispo de Nazareth, Thomaz Moro, Thomaz de Villa-Nova, Santo Ignacio de Loyola, o Cardeal Polo, Luiz Lippomano, João Luiz Vives, Diogo de Paiva de Andrade, Fr. Jeronymo da Azambuja, Fr. Francisco Foreiro, os Bispos João Soares, Fr. Gaspar de Leão, Fr. Gaspar do Cazal, Fr. Bartholomeu dos Martyres, e Fr. Jeronymo Seripando, de quem mais tarde farei menção; os Sacerdotes João de Avila, Fr. Heitor Pinto, e Fr. Thomé de Jesus, a Virgem Santa Theresa de *Jesus*, S. Carlos Borromeu, Fr. Luiz de Granada, e S. João da Cruz: não foi inferior neste seculo o zêlo dos Pastores nos Synodos, de que, além de muitos contra *Luthero* e outros heresiarchas, merecem particular menção o de Constantinopla contra os erros de Calvino, o de Diamper no Malabar convocado e presidido pelo Metropolitano de Gôa Fr. Aleixo de Menezes para reforma de costumes; o penultimo geral Lateranense presidido pela Santidade de Julio II a fim de reprimir a audacia do conciliabulo de Piza tido ao raiar do seculo, e de reformar os costumes; porém o mais famoso é o Tridentino último geral até ao presente, presidido pelos Legados dos Summos Pontifices Paulo III, Julio III, e Pio IV contra todos os erros e heresias até então propa-

[1] Que apesar de ser um titulo dado pelo Summo Pontifice, delle usam seus Successores.

ladas pelo diabo; e fora dos Synodus se tornaram notaveis por seus esforços em beneficio da Religião os Vigarios de *Jesus-Christo* a começar de Pio III successor immediato de Alexandre VI, e que apenas duron vinte e seis dias, até Clemente VIII, dos quaes, se se exceptuarem esse Pio III, Urbano VII, e Innocencio IX, que viveram pouco, todos pelejaram com valor e constancia para manter o deposito sagrado contra os podêres da terra; e dignos de particular recommendação foram pelas sublimes virtudes S. Pio V, Marcello II e Innocencio IX pela integridade de vida; Leão X pela sciencia, de que deu prova na propria Bulla de condemoação de *Luthero*; Gregorio XIII pelos esforços na propagação da Fé em regiões as mais distantes; Julio III pelos de reconquistar á Igreja filhos errantes, como os Syros; Clemente VIII, pelos que empregou em attrahir á penitencia pelas graças Apostolicas, no augmento do Culto, e na diligencia de propagar os Livros Sagrados expurgados do êrro; Julio II pela efficacia, que poz em libertar a Igreja da dependencia dos principes Italianos, e em restabelecer a liberdade de Italia; e Xisto V pela inexoravel justiça, com que puniu crimes de toda a especie: unidos ao Centro de União pelejaram com valor os veneraveis Bispos Olão Magno de Upsal, João Fisher de Rochester, Gardiner de Winchester, Bonner de Londres, Heath de Worcester, e Day de Chichester, com muitos outros, contra as heresias; pela reforma de costumes S. Thomaz de Villa-Nova Valenciano, como por essa e contra as pretenções barbaras do regalismo o veneravel Bracarense Fr. Bartholomeu dos Martyres; ao lado delles foram valentes auxiliares S. Jeronymo Emiliano, os Religiosos Jesuitas e Cartusianos em Inglaterra, e fora do Sacerdocio o illustre Thomaz Moro; de mais desses S. Caetano de Theanna, S. Pedro de Alcantara, o veneravel João de Avila, Fr. Thome de *Jesus*, Manoel Viegas, Fr. Roque do Espirito Santo, e sôbre todos Santo Ignacio, que Deos enviou ao mundo, quando as lavas do inferno vomitaram *Martinho Luthero*, porque contra tão grande monstro era necessario um tão grande gigante como o fundador da Companhia de *Jesus*: a Ordem jerarchica se restabelecia, com a Fé, na Ethiopia, Africa occidental, Asia, America, onde as Quinas Portuguezas e os Leões de Hespanha haviam penetrado; e a Santa Missão progrediu na Polonia pelos trabalhos do Beato Ladislão de Gieluiow, na America pelos do S. Luiz Beltrão, e por todo o oriente desde a Africa até ao Japão, como pela Oceania, á custa dos suores de S. Francisco Xavier: finalmente neste seculo a Igreja recebeu, segundo era preciso, novos auxiliares no Clero Regular destinado á prégação, entre o qual avultou, como avulta, a Santa Companhia de *Jesus*. Vejamos o que se refere do seculo 17.º: as heresias estrondosas do seculo antecedente, os erros dos politicos e dos jurisconsultos, o phocianismo e o velho paganismo reinaram neste, o a seu lado nasceram e tomaram incremento a impiedade e o atheismo, originada aquella do mais torpe sensualismo, e este da falsa sciencia; taes foram os inimigos, que então offereceram combate sanguinolento á Igreja de Deos: os discipulos de Luthero, Zwinglio e Calvino progrediram ramificando-se, dividindo-se, e ainda perdendo terreno, mas sempre oppondo suas atrocidades, e produzindo uma seita, de que o apostata *de Dominis* foi o inventor, pretendendo congraçar elementos heterogeneos, o Catholicismo e o calvinismo; a par deste o Bispo de Ypres *Cornelio Jansen* escreveu um livro, a que deu o titulo de = *Augustinus* = e em que, como se encontrasse tal doutrina nas obras do grande Bispo de Hipona por inculcar have-las lido dez vezes e trinta as, que tratam do *livre arbitrio* e da *graça*, semeou erros detestaveis[1]; e *João du Verger de Hauranne*, que refundiu nas suas obras os perniciosos conceitos de João Hus, Wicef, Luthero, Calvino, *de Dominis* e outros: eis-ahi uns famosos authores apoiados pela familia *Porto Real*, por *Barcos* e pelos jurisconsultos Vigôr, Pithon, Dupuis, e por muitos, sem exceptuar o Abbade Fleury, posto que a esta seita chamasse *uma heresia a mais subtil*; finalmente outros perdidos engrossaram as fileiras de Luthero, por exemplo os *quokeres* ou tremedores, que estabeleceram a egualdade absoluta entre os homens, mais strictamente que no seculo passado alguns dos primeiros discipulos d'aquelle malvado heresiarcha: secundada pelo jansenismo a seita regalista dos politicos e jurisconsultos fez progressos incriveis, concorrendo o proprio Clero em França na sua assemblea de 1682, em que se estabeleceram quatro impios artigos condemnados pela Santidade de Alexandre VIII [2], e contra que se pronunciaram, entre muitos, os illustres Bispos de Alet e Pamieres, mas de que Bossuet enganado fez a apologia, por isso o castigou Deos no fim do vida, quando um magistrado leigo o forçou a submetter sua instrucção pastoral á censura de um simples Sacerdote! A heresia e o scisma de Phocio, que no seculo passado assentaram a cadeira da pestilencia em Moscow, continuaram neste, rasgando as entranhas de *Christo*, porque (segundo se tem affirmado) a nova dynastia Prussiana da Russia levantou a inquisição para queimar Catholicos[3] e ao mesmo tempo um governo dispotico a seu arbitrio e de seus ministros.[4] O paganismo, por outro lado, no Japão e Corea desde 1605 renovou as antigas perseguições contra os Catholicos, e continuou-as, apparecendo em 1614, a modo de Galerio motivando-as, os

[1] Nas cinco famosas proposições contra a doutrina da *graça e livre arbitrio*, e em que Deos apparece author de todos os peccados, pelo que a Santidade de Innocencio X as condemnou.

[2] O Padre Antonio Pereira de Figueiredo, que no seculo 18.º foi o apostolo do regalismo em Portugal, fallando velhacamente, como era seu costume, sôbre esta condemnação, disse: « *Mas a doutrina conteúda nos seus quatro artigos não deixa de se seguir e defender até hoje em quasi todos os estados Catholicos, fóra dos Pontificios;* » disse uma verdade expressando suas intenções; mas a recidão dellas é tão claramente demonstrada, como quando escreveu, que em França *unicamente* se oppozeram os dois veneraveis Prelados de Alet e Pamiers. O Padre José Morato respondeu a esse apostolo do êrro com um bom livro.

[3] Do estudo, que eu tenho feito sôbre as inquisições para chegar á sua origem, e que me fez encontra-la nas doutrinas dos jurisconsultos pagãos, resulta considera-las irmãs; lendo, ha pouco, o processo dos Templarios, publicado em França, entre muitos factos, que registei, um delles foi a identidade de fórmulas com as da inquisição de Portugal; e se em alguma cousa differe, é no aperfeiçoamento das desta para maior crueldade, mas todos em nome de *Christo*!!! Por isso até o nome do *bello Filippe* é para mim de mau agouro e de horror.

[4] Disse-se, que o principe Fedor Czar dessa dynastia, pelo facto de ser ella de origem pouco antiga, aboliu toda a Nobreza historica, e só admittiu a burocracia ou aristocracia dos empregos: e para illudir as questões dos legitimos e verdadeiros Nobres pediu-lhes seus titulos para os examinar: em os recebendo convocou uma assembléa composta do Clero e dos officiaes da corôa; fez um discurso contra a Nobreza do nascimento authorisando-o com textos torcidos da Escriptura Santa, e a questão foi decidida como elle queria, porque o Patriarcha de Moscow, depois de o apoiar com eguaes textos, e tão perfidamente torcidos, affirmou, que o despota estava inspirado pelo Espirito Santo: se isto assim foi, o Czar e o seu Patriarcha devem considerar-se impios.

hereges Holandezes e Inglezes, e um novo Deocleciano na pessoa da usurpador Guixasu, e na da seu perverso filho Xagun-Sama em 1616 e d'ahi por diante; mas não teve a cansolação de encontrar senão um apostata entre os milhares do perseguidos; em quanto, por outra parte, na desditosa Irlanda o monstro Cromwel author do parricidio, que o Inglaterra cammettêra na pessoa de Carlos I seu Rei e Senhor, exereau toda o genero de crueldade contra os Cathalicos, coma digna imitadar de Isabel em todo o genero de crimes: accresceram a todas estas calamidades os erros brutaes de *Molinos* e de *Sp nosa*, oquelle pretendendo introduzir na vida espiritual as mais obscenas sensualidades, e fazendo-se author da seita do *quietismo*[1], o esto tornando-se apostolo da atheisma em resuscitanda as velhos conceitos do *materiolismo*. Resistiu e triumphou a Igreja de Deos pela constancia de seus Martyres, que receberam a palma das mãos das idolutras no oriente, Miguel Faciemon, João Tingora, Thomaz filho do primeiro, e Pedro do segundo, Martha e seus filhos Thamaz, Mathias, Jacques e Justa, Adriano Tacafati, Jaanna sua mulher, Jacques e a Virgem Maria Magdalena seus filhos, Leão e Martha sua mulher, Leão e Paulo seu filho, as Missionarios Jeronymo de Angalis, Dioga de Carvalho e Jacques Yuki da Santa Campanhia, Tafie e sua mulher, o illustre Sacerdote Carlos Spiuolu, que na Japão e Corea subiram a patria dos justos, com um número grandissimo, entre Sacerdotes e Religiusos Jesuitas, Franciscanos, Dominicos, e Eremitas, Principes, Senhores, Plebeos, Virgens, Matronas, e meninos, em todas as perseguições, principalmenta nas de 1614, 1616, 1616, 1622, 1633, 1636, 1610 e 1552, sem mencionar as desterrados, que bzaram das desertos dessas regiões outras Thebaidas Egypcias; na India o bom Padre Antonio de Andrade; e no Maduré o veneravel Sacerdate João de Brito, que a Santidade de Pio IX ha pouco lançau no cathalogo dos Beatos; assassinados pelos Islomitas em Africa João do Padre Sacerdote, em Bysaucio André da Chia, alem de outros; pelos hereges na Ethyapia não paucos Fieis, demais daquelles, que soffreram a axpulsão e os horrores do miseria; pelos calviuistas Felix de Siogmariug; e com o farro dos hereges scismaticos uo Lithuania Josaphat Bispo de Poloczk: pela santidade de seus Confessores, os veneraveis Bispos Turibio de Lima, Froncisco de Salles da Genebra, João de Ribeira de Valancia, e Gregorio Luiz Barbadiga de Padua; os illustres Sacerdates Francisco Carocciola fundadar dos Clerigos Regulares Menores, Andro Avelino, Francisca Solano, José de Leonissa, João Baptista da Conceiçâa, Camilla da Lellis, Lourença de Brindes, que chegou aa termo da vida quanda estava Nuncia em Lisboa, Simão de Raxas, Miguel dos Santos, João Francisco Regis, Pedro Faurier, José Calasans fundadar das Eschnlas Pias, Pedro Claver, o *gronde* Vicente de Paula fundadar da Congregaçâa da Missâa, e José do Cupertino, os penitentes Conversos da ordem dos Menares André Hibernan, Seraphim de Montegranio e Bernardo de Corlcone, o bom Affonso Rodrigues Coadjutar temporal da Santa Companhia de *Jesus*, o pio Jacintho Galanti; as castas virgens Maria Magdalena de Pazzi, Rasa de Lima, Anna Maria de *Jesus*, Joanna Maria Banoni, Jacintha Mariscotti fundadora das Oblatas de Maria, e as virtuosas Matronas Maria Victoria Farnari fundadara da Annunciada Celeste, e a Baronesa do Chantal Joanna Francisca Fremiat fundadara da Ordem da Visitação: pela sciencia e escriptos dos Bispos Belarmino de Capua e Cardeal da Santa Igreja de Romo, Luiz de Cerqueira do Teberiades, S. Francisco de Salles de Genebra, Fr. Antonio de Gouvêa de Cyrene, Fr. Thamaz de Faria de Targa, Agostinho Barbosa de Ughento, e Fr. João Thomaz de Rocaberti de Valencia; dos Sacerdates Baranio Cardeal da Santa Igreja Romana, *Veneravel* Antonio da Conceição, Sebastião Barrados, Gabriel da Costa, Diago de Carvolha (Martyr no Japão), Casme de Magalhães, Fr. Affonso da Cruz, Fr. Gregorio das Chagas, Simâa Vaz Barbosa, João Roswide, Andre Duval, Cornelia Alapide, Fr. Abrabam Bzovia, Diniz Petavio, Francisco Hallier, Fr. Agostinhu Calmet, Fr. Lucas Wadinga, S. Vicente de Paulo, João Jose Surin, Filippe Labbe, João Bollanda, Odorico Reinaldo, Fr. Fernandu Ughello, Fr. Antonio de S. Vicente, Clemante Galano, João Bona Cordeal de Santa Igreja Romona, Carlos Cointe, Gabriel de Magalhães, V. Fr Antonio das Chagas, Luiz Thomazino, Fr. Francisco de Santa Agostinho de Macedo, V. Bartholomeu do Quental, Rance, e de muitos autros com os illustres seculares, Leãa Alacio e Carlos de Fresne senhor de Cange: assim triumphou tambem pelo zêla de seus Pastores, a frente dos quaes, como luz refulgente, appareceram os Summos Pontifices desde Leãa XI successor de Clemente VIII ate Innocencio XII, devendo entre elles recardor-se cam a mais saudosa memaria Paulo V, Gregoria XIV, Innocencio X, Alexandre VII, e Innocencio XI; ao lado dos quaes pelejaram com valor Apostolico os Bispos Theotonio de Evora, S. Turibia de Lima, Fr. Agostinho da Cruz de Braga, Luiz de Cerqueira no Japão, S. Josaphat Bispo de Poloczk, S. Francisco de Salles, Izaac Habert de Uabres, Affonso Mendes da Ethiopia, e Fr. João Thomaz de Rocaberti de Valencia; os Sacerdotes S. Francisco Salano, Jeronymo de Angelis, Diago de Carvolho, Jacques Yuki, Matheus Ricci, S. Falix de Sigmaring, Andre Duval, S. João do Prado, S. João Francisca Regis, Diogo de Mattos, Beato Pedro Fourier, Antonia Fernandes, o *gronde* S. Vicente de Paulo, S. José de Cupertino, Antonio de Gouvêa, Gabriel de Magalhães, e o Beato João de Brito: a Missão Santa progredia de um modo incrivel na Ethiapia, Japão, e Corea, danda aa Christianismo grande número de Martyres e Confessares; e, apesar da opposiçâa do paganismo e da heresia, que fizeram decretos de exterminio e de

[1] Aperfeiçoada com mais torpezas no seculo 19.° em Portugal pelo Bispo de Bragança Antonio da Veiga. O *quietismo* foi objecto de grandes questões em França; e o facto da condemnação do livro de Féné on é cousa, que me tem dado muito que pensar: em primeiro logar não posso crer, que um homem de espirito, sciencia e pieda le, como elle, podesse ainda remotamente escrever cousa, ainda remotamente assimilhada á doutrina de *Molinos*, e por outra parte a insistencia feroz dos janseoistas e regolistas em solicitar a condemnação de uma obra de Fénélon pelos tribunaes de Roma, são para mim de bastante suspeita: nas *Maximas dos Santos*, alguma proposição não era sua, e o mais sem dúvida não teve o desenvolvimento necessario, mas os inimigos suppozeram logo mal de um homem, que não adherio a heresia alguma, e foi dado por author de todo: o livro condemnou-se como estava, e Fénélon, com a humildade de um Santo, obedeceu á censura, e d'isso talvez não eram capazes de fazer esses, que o accusaram! Bossuet fez a apologia dos quatro famosos artigos da assembléa de 1602 e das *Reflexões Moraes* de Pascoal Quesnel, *enganado*, em quanto Fénélon se revoltou contra umas e outras; mas alguem *engenando-o* imprimiu o seu livro com affectos ao *amor da carne!* Fénélon defensor da legitima authoridade da Igreja teve inimigos entre os defensores da authoridade temporal sôbre a Igreja, mas Silvestro Pinheiro Ferreira, querendo estabelecer o deismo, á sombra do Evangelho, em Portugal no seculo 19.°, alcançou apologistas da sua obra entre os homens das doutrinas politicas

morte, os triamphos subsistiram, o a semente Evangelica ficou laoçada sôbre a terra para produzir bons fructos, quando aprouvesse á Divina Clemencia; na China, Paraguay, e outros pontos da America, ondo obtiveram muita gloria os filbos de Saoto Ignacio, dos quaes lembrarei o Padre Claver, quo se tornou bem notavel por seu zêlo, piedade, e bamildade; entre os islamitas em Africa, onde o fervor de S. João de Prado se elevoa so mais alto grão; no Madagascar o outros logares, em que os filhos de S. Vicente de Paulo deram a conhecer o espirito celestial, qaa os animava; entro os pagãos no Madure, a quem o Beato João de Brito devea sabir á glória do martyrio; o por último ontre os hereges, aos quaes S. Foliz de Sigmaring provoa, qao os Catholicos sabiam ter resignação para morrer por *Christo*. Passemos ao seculo 18.°: a obra do *Luthero* progrodiu accrescentando, dividindo e confundindo seus elementos: estendendo-se desde o Saxo para o nascento póde introdazir-se na Polestina e n'outros dominios do islam; para o sul chegou até á Oceania; para o poente levoa saas doutrinas á America; e para o norte estabelecea-se na Polonia, porqae depois da morte do João Sobieski, o salvador da Allemanba, ella admittiu por Soberano um ostrangeiro protestante, que se fez Catholico para domina-la, e com seus costames desregrados occasionou o licença e a heresia; mas om castigo da eleição este desgraçado paiz veio a desmembrar-se para ser prêsa de hereges e scismaticos; a obra de *Luthero*, senhora do podêr na Dinamarca, Suecia, Noruega, Hollanda e Inglaterra, em maitos estados Germanos o nas suas colonias do França, cada dia viamais possantes os fandomentos de sua existencis — *a anarchia e immoralidade* — porquo a par dos lutheranos propriamente taes, dos anabaptistas, calvinistas, zwinglianos, anglicanos, e quokeres, se foram alimentando n'amas partes, o nascendo em outras os pietistas, os mômos, os saltantes, os mergulhadores, os arianos, os unitarios, os latitadinarios, os socinianos, os episcopaes, os presbyterianns e maitos, que, a modo dos atmos de Epicuro, se separam, se chocam o se mistaram sem cessar, porquo as pedras angulares desse edificio são a vontade illimitada o a liberdado absoluta dos individuos: ao lado deste transtôrno de ideas, que prova ovidontemento a miseria do homem, estava a seita dos jurisconsultos e dos politicos decidindo dos destinos da religião e da bumanidade, decretando a desobediencia aos decretos da Igreja ou perseguindo, em nome de *Christo*, os dessidentes verdodeiros, senão suppostos; e em nomo dos Reis, senão de sua propria authoridade, os Catholicos, secnodando essas maldades Frederico II da Prussia, Jose II de Allemanho, ambos impios, Catharina da Russia adultera e regicida, e os ministros de outros tres Monarchas, licenciosos o fracos dois, e bem condescendente am [1]; fomentando o espirito superficial e irreligioso do secalo com saos obras Dupaty, Montesquiea, o o máo Bispo João Nicolao de Hontheim, discipalo de Van-Espen, debaixa do nomo de *Febronio*, e tendo fôrça de lei as doutrinas de Machiavol: por oatra parte o jansenismo fazendo caasa commum com essa depravada seita, qae passou sem ser combatido por Bassnet, e apoiado por Pascoal Quesnel, que se arvoroa em chefe de partido, e por muitos membros da Congregação do Oratorio (eotre os quaes não tem o último logar o Padre Antonio Pereira de Figueiredo), e de qae foram fautores os Bispos Montazet do Leão, Fitz-James de Soisons, Colbert de Montpellier, Bossaet (sobrinho) de Troyes, Caylo do Auxerre, perverteu a França, fez grando número do proselitos nos estados Catbolicos, quiz innovar ritos contra as determiuscões da Santa Sé, arredon da freqaencio dos Sacramentos, porqae o seu principio de porfoição é abster-se delles, e lovantou o desastroso scisma de Utreckt por am do seus membros o Oratoriann Pedro Codde: o phocianismo, de mistara com o impiedado do podêr temporal sentados sôbro o throno da Russia, continuou levando sua influencia perniciosa aos confins deste vasto imperio, ondo a jerarchia Ecclesiastica tem cessado de existir, interrompida a saccessão pela entrada de lobos em logar do Pastores legitimos [2]: o islam em Africa proseguia arvorado em pirata para fazer escravos Christãos, e no oriente persegoia a Igreja de Deos como em toda a parte; o o paganismo suppliciou atrozmente Sacerdotes e Fieis na Corea, China, e estados de Anam; mas nada d'isso é comparavel á sceno lastimosa, qae a pseado-philosophia trouxo ao meio da França e da Europa inteira, apresentando a degeneração completa da intelligencia bumana, e do quo so bouve exemplo oa proximidade da época, em que tevo logar o grande facto da Redempção do genero homano; e, se nessa não fôsse aniversal similhante degeneração, a do lim do seculo 19.° a teria excedido, porém Deos não quer outro egual, senão á vespora do julgamento de todos os bamens; na verdade os dilirios da França forom superiores aos do todo o mundo naquella época, comtado na França mesmo, o em toda a parte, apesar dos esforços da impiedade, universaes não forsm ss loucaras, e para o provar bastariam os martyrios, as perseguições, os desterros, o as desgraças não so de milhares de individnos, mas do milhares do familias [3]! Desdo o seculo 17.° o materialismo o o fatalismo om França, Inglaterra, Allemanha e n'outros paizes íam tendo aceitação, e começaram a declarar-se neste, de que ora trato, sem rebuço; Spinosa, e Baylo abriram o caminho, seguiram se por um lado Bolingbroke o Woorton com ootros muitos Inglezes; por outro, Rousseau, Maripaax, Mably, Fontenelle, Diderot, Alembert, Buffon, Voltaire com os incredolos do encyclopedia, por outro Frederico II, Maupertuis o o Marqnez de Argeos, quo depois se arrependeram, Toussaint, e la Met-

[1] Os acontecimentos da Bul'a de Canonisação de S. Viceote de Paulo o maior adversario dos jansenistas protegidos pelos tribunaes, das outras anteriores *Vineam Domini*, *Unigenitus*, e de posterior *Auctorem Fidei*; e os factos da inquisição e da ext ncção dos Jesoitas são prova bastante de arrogancia e impiedade, que no seculo 18.° dominavam os podêres da terra.

[2] Em 1588 Jeremias II, Patriarcha phociano de Constantinopla, foi expulso desta cidade pelos Turcos; e, acolhendo-se á benovolencia dos Czares, elevou a Metropole de Moscow a Patriarchal, collocando seu Prelado depois dos Prelados dos Patriarchaes do Oriente, e tornando-o independente do Byzantino: assim passaram as cousas até 1703, em que esta dignidade Patriarchal foi abolida, e a substituiu uma commissão imperial de negocios ecclesiasticos, presidida por um coronel de cavallaria ajudante de ordens do Czar, e chamada santo-synodo!!! É até onde póde chegar o escarnco do sagrado!!!

[3] O protestante Starck, segundo o Abbade Rohrbacher, disse, que a revolução Franceza mesmo so, que tinha de mais horrivel, era filha natural do philosophismo, como este o era do protestantismo, reconheceu, e contestou nos pseudo-philosophos modernos uma conjuração formada contra a Religião e contra o estado; e fez ver, que, para a executar, um dos principaes meios foi a extincção dos Jesuitas e a sua substituição pelas sociedades secretas, de *illuminados* em Allemanha e de *franc-mações* em Franca, concluindo com este notavel allocução aos Soberanos «*et nunc, reges, intelligite.*»

trie; a par destes conspiraram a *maçonaria* de Inglaterra *importada a Paris no tempo da regencia*, e o *illuminismo* Allemão, quo Weishaupt estabeleceu aproveitando os olementos maçonicos, e arvorando-se em chefo com o titolo de *commandante geral dos escravos, que tomam armas para reivindicar liberdade contra a republica Romana*; que Zwach coadjuvou poderosamente, e a que Knigge deu a última forma, adoptando todos estes perdidos a maxima dos dois grandes impios Diderot o Voltaire: «*enforcar o último Rei com as tripas do último Sacerdote*»; e finalmento o philosophismo de Volf, ou amolgama das doutrinas de Leibnitz e Descartes, o o de Kant, ou a conciliação do scepticismo de Hume com o fatalismo de Pryestley: as sociedades secretas estabelecidas por toda a parte, as escholas aceitando taes doutrinas e os escriptos propagando-as a todo o risco, auxiliando-se dos desvarios do podêr temporal, produziram os effeitos desastrosos da revolução Franceza, e do todas as posteriores, em quo so se tem tido mira na destruição do Christianismo[1] e de todo o principio Religioso positivo, como na abolição dos thronos; rebenton essa revolução em 1789, e não tardou a mostrar sua origem o fins, porque a constituição civil do Clero, redigida pelo advogado jansenista *Camo*, foi approvada pela assembléa constituinte, Luiz XVI a assignou em 24 do Agosto de 1790, e logo a França Catholica se recusou a aceita-la; mas a impiedado foi vencedo desde que o Cura Gregorio apostatou com os Bispos de Antun Talleyrand, e de Lydda Gobel; e obteve completo triumpho em 10 de Novembro de 1793, em que na propria Cathedral do París se escarneceu da Divindade, odorando-se a deusa da rasão!!! D'aqui em deante, quo se esperava dos loucos dominadores de França? a desconjuncção da ordem civil, a começar pelo parricidio de seu Soberano! E que mais? assassinarem-se uns aos ootros e levar a Nação ao estado mais anarchico, quo a terra ha visto, até que um homem poz termo a essas inauditas desordens[2]. Luctou a Igreja de Deos contra tantas perseguições oppondo, como suas proprias armas, a constancia dos Martyres, a piedade dos Confessores, o zêlo dos Pastores, a sabedoria dos Escriptores e o clamor dos Missionarios, quo em toda a terra, segundo o exemplo dos Apostolos, deram testimunho de *Christo* Deos e Redemptor do genero humano: derramaram puro sangue, confessando a Fé ás mãos dos idolatras na Corea os irmãos Paulo In e Jacques Kuan; na China Pedro-Martyr Sans Bispo de Mauricastro, os Sacerdotes Royo, Alcober, Serrano, Dias, Tristão de Attenis o Antonio Henriques, e o Catechista Ko-hocitgen; nos estados de Aoam o Sacerdote Buccharelli em companhia de novo fieis, e os outros Sacerdotes Bartholomeu Alvares, Manoel do Abreu, Vicente da Conha, João Gaspar Cratz, Matheus Affonso, Gil de Frederico além de outros; o ás mãos dos impios em París foram massacrados uns duzentos e vinte Ecclesiasticos, entre os quaes é necessario lembrar os Bispos de Arles João Maria Dulan, o de Saintes Francisco José de la Rochefoucauld e seu irmão Pedro Luiz de Beanvais, o o Sacerdote Francisco Luiz Hebert Superior dos Endistas; em Versailles o Senhor do Castellane Bispo de Mendo com grando multidão de prisioneiros; em Reims Estevão Carlos Pacquot Cura de S. João, o muitos outros; do mesmo modo que n'outros logares se foram multiplicando as cordas, e subiu ao Céo com a gloriosa palma exteoso número de Religiosas de diversas Ordens, entre as quaes as Madres Theresa de Santo Agostinho, Theresa Consolon, e Margarida Bonet; e, posto que não obtivessem o martyrio, soffreram com resignação as mais violentas perseguições dos hereges, os Bispos Jacques Gordon, o Alexandre Smit, e os Sacerdotes Gordnn, Cameron, e Maitland o dos podêres da terra e do jansenismo o veneravel Bispo de París Christovão do Beaumont, e muitissimos Jesuitas antes e depois de sua extincção, com outros Bispos, Sacerdotes e Ficis: entre os Confessores, que a Igreja colloca sôbre seus altares mencionarei o Bispo Affonso Liguori, e os Sacerdotes José Oriol, Boaventura de Potenza, José Maria de Thomaci, Francisco de Pozadas, Francisco Jeronymo, João José da Cruz, Angelo de Acri, Leonardo de Porto-Mauricio, o Converso Nicoláo de Longobardi, e a Virgem Verooica Juliani Abbadessa Seraphica: mostrou-se o zêlo dos Pastores nos Synodos, de que merecem particular memoria o Romano do 1725, e o do Baltimore de 1791 sôbre negocios disciplinares; e fóra destas Santas Reuniões devem contar-se tantos illustres Vigarios de *Jesus-Christo*, quantos em serie successiva occuparam a Cadeira de S. Pedro, como foram Clemente XI, que principiou no seculo antecedente, e mandou expedir as duas famosas Bullas *Uineam Domini* e *Unigenitus* contra os jansenistas; Innocencio XIII excellente por sua doutrina, integridade de costumes, o devoção ao Santissimo Nome de *Jesus*; Beoto XIII notavel pelo seu amor á rectidão o ao Culto; Clemente XII virtuoso e amigo da paz e da devoção; Bento XIV illostre pela sabedoria e escriptos; Clemente XIII, do quem a bondade e a moderação se tornam credoras de alto elogio; Clemente XIV, digno de piedade pela tortura, em que o pozeram os podêres da terra o os impios para extinguir os Jesuitas, o que deu exemplo de solicitudo pela Igreja nessa messa oxtinção, porquo previu, e bem, qoe Portugal, Hespanha,

[1] Ainda dura apesar de todos os esforços para o acabar: nem o atheismo, nem o deismo poderam contra elle; e essa religião nova, de que a politica necessita, e que a chamada philosophia tem pretendido estabelecer, ainda não o substituiu: o que existe, e se não ha de acabar, em quanto os Soberanos, attentando por seus verdadeiros interesses e dos Povos confiados a seu mando, não estabelecerem uma cruzada para salvação das sociedades, é a instabilidade absoluta, a que os innovadores tem sujeitado tudo; e esse é o castigo de suas miserias, porque nunca souberam acêrtar; e, se alguma cousa com o seu nome conseguiu a duração de annos, é porque os authores não foram elles.

[2] Napoleão. Estou bem longe de querer fazer a sua apologia, porque tambem elle perseguiu a Igreja de Deos; mas em castigo foi morrer desterrado sôbre um rochedo no meio do Oceano. Amo as antigas dynastias, e desejava ve-las restituidas, por isso não rendo homenagens áquelle famoso general; mas por outra parte o meu coração é muito mais atraído pela Santidade do Christianismo; por isso não duvido confessar, que as maldades de Filippe *bello*, Carlos VII e Luiz XI, a corrupção de Luiz XV, e a condemnação do Episcopado Francez pelos conselheiros de estado no tempo de Luiz Filippe bem poderam ser a causa da quéda fatal da dynastia de Hugo *cap to* em França, como a iniquidade de Napoleão para com o Chefe da Igreja de Deos foi a causa da extincção de sua descendencia. Pertence á sua familia o Soberano actual de França, é verdade, mas como tem estado longe de ser inimigo de Deos, se assim continuar, bem póde ser, que o Senhor lhe dê perpetuidade sôbre o throno. A dynastia Carlingia empunhou o sceptro despojando os Merovingios, os Capetos cingiram a corôa arrancando-a da cabeça do neto de Pipino o *menor*; Napoleão sanccionou a tyrannia dos impios Francezes da revolução; mas seu sobrinho Luiz foi chamado á França, depois que ella desthronou um principe, que levantára seu throno sôbre os despojos da sua propria familia, e que era filho de quem efficazmente concorrêra para se estabelecer a impiedade em França, e por ella subir Luiz XVI ao cadafalso.

França, e Napoles abraçavam os erros de *Luthero* sem rebuço, se não o fizesse; o veneravel Pio VI, que mandou expedir a Bulla *Auctorem Fidei* contra o jansenismo, e que muito soffreu da impiedade; e Pio VII, que mais tarde veio a ser desterrado e a padecer tribulações pela casa de Deos: ligados ao centro de união da Igreja Catholica pelejaram os Bispos, de Meaux Jacques Benigno de Bossuet, embora se illudisse com o jansenismo; de Cambrai, Francisco de Solignac de Lamothe Fénelon, que mereceu por sua piedade, sabedoria, constancia em defender o principio da authoridade do Summo Pontifice, e ainda mais pela humildade, com que ouviu a condemnação de uma de suas obras; de Marcopolis Witham; de Saltzbourg Leopoldo; do París Christovão de Beaumont; de Amiens Luiz Francisco de Orleans de la Motte; de Clermont Massillon; Santo Affonso Ligouri, que subiu ao Céo em 1788 coroado pelo merecimento da practica constante de todas as virtudes de um verdadeiro Apostolo; de Baltimore João Caroll; de Aix Boisgelin, que com cento vinte e nove Bispos das Igrejas de França protestou contra a constituição civil do Clero; de Agen Bonac de Poitiers e Saint-Alaire, que recusaram jurar essa constituição, e foram seguidos de todos os Bispos da Igreja de França, excepto os de Sens, Viviers, Orleans, e Autun; de Braga Fr. Caetano Brandão, um dos Pastores mais exemplares da sua edade; de Lisboa José Francisco de Mendonça; de Leiria Manoel de Aguiar, além de outros; os Sacerdotes Beato Francisco de Pozadas; os dois Paulos Segneri tio e sobrinho; Beato Francisco Jeronymo; Matheus Ripa; Miguel de Eden Abbade da Congregação de Santo Eliseu do Libano; Beato Angelo de Acri; Carlos Frei de Neufville; Beato Leonardo do Porto Mauricio; João Vatelot; Pedro Barbosa Canaes; Grayton; Fr. Balthasar da Encarnação fundador de Monjes reformados de S. Paulo das Covas de Monte-mór o *novo*; André White; Thayer, que de ministro presbyteriano passou ao seio da Igreja, recebeu a sagrada Ordem do Sacerdocio, e foi um dos mais ardentes prégadores do Evangelho na America; Fournet e Leclerc, que recusaram jurar a constituição civil do Clero de França com todos os Ecclesiasticos da direita da assembléa nacional, e foram seguidos dos Curas de S. Sulpicio e S. Roque e mais de seiscentos Sacerdotes dessa cidade; João Martinho Moye; Beauregard, e muitissimos: entre os que por seus escriptos bem-mereceram da Igreja de Deos mencionarei os Bispos, Luiz da Silva de Evora, Bossuet e Fénelon referidos, Daniel Huet de Abranches, João Fontanini de Ancira, Nuno Alvares Pereira de Lamego, João Claudio Somier de Cesarea, Carlos de Plessis de Argentre de Tulle, Massillon referido, Polignac de Auch, Luiz Antonio de Bellaga e Moncada de Cartagena, Ignacio de Santa Theresa de Gôa, Walmesley de Ramá, Ricardo Challoner de Debra, Fr. José Maria da Fonseca e Evora do Porto, Luiz Francisco de Orleans de la Motte, e Santo Affonso Ligouri referidos, João Domingos Mansi de Luca, Francisco de Pompignam de Vienna, do la Lucerne de Langres, Boisgelin referido, e outros; os Sacerdotes Manoel Bernardes, Fr. Luiz de Souto-maior, o veneravel Oratoriano José Vas, Fr. João de Mabillon, Beato Francisco de Pozadas, Paulo Segneri o *velho* referido, Fr. José Assemani, Fr. Diniz de Santa Martha, João Harduino com os differentes collectores dos monumentos da Igreja Cacalica, Fr. Manoel de Deos, Honorio Tournely, Manoel Caetano do Sousa, Fr. Martinho Pereira, Berthier, Balto, Fr. Matheus da Encarnação, João Evangelista, Bento de Santo Agostinho, Fr. Agostinho Calmet, Fr. José Caetano, José Barbosa, Luiz Antonio Muratori, José Agostinho Orsi, Pedro e Jeronymo Ballerini, Godescardi, Fr. João Lourenço Berti, Butler, Fr. Henrique Flores, Fr. Thomaz Maria Mamachi, Francisco Antonio Zacharias, Luiz Bailly, Nicoláo Silvestre Bergier, Claudio Francisco Nonnete, Brunel author da famosa obra o *Paralello das Religiões*, Affonso Mazzareti. Anbry, Pluquet, Fr. Martinho Gerbert, Jacintho Segismundo Gerdil Cardeal da S. J. R., Fr. Francisco de Jesus Maria Sarmento, Theodoro de Almeida, e José Marato [1], com grande número de outros; as Religiosas Maria Margarida de *Jesus*, Jacintha do Santissimo Sacramento, Maria da Gloria, Maria Magdalena do Sepulcro, Maria Michaela do Sacramento, Maria do Céo, e ainda mais; e os illustres seculares Marquez de Mondejar, Conde de Mestre, e Visconde de Bonald: finalmente é necessario dizer, que a Missão se dilatou prodigiosamente ouvindo-se o nome de *Jesus-Christo* em toda a terra, e chegando a eregir-se Cadeira Pontifical em Baltimore na America do norte, em 1789, e dando-se-lhe por primeiro Pastor ao veneravel Bispo João Caroll, que de muitos annos atraz era Vigario Apostolico em toda esse extensissimo paiz, onde os Padres Grayton e André Whitte renovaram a semente Evangelica, aquelle desde 1720 pela Persylvania, e este depois na colonia de Baltimore, como mais adiante o zeloso Padre Thayer; a China era então regada pelos suores do bom Sacerdote João Martinho Moye, e por outros; do mesmo modo que os differentes paizes do oriente infiel, não devendo esquecer os esforços de Li e Thomaz Kong ambos seculares na Corea, e na Inglaterra os dos Bispos de Marcopolis, de Taspia, e de Ramá, preparando-se assim, apesar das fôrças de gigante, com que a impiedade combatia (e combate), uma época de maior glória e mais estensos dominios da Igreja de Deos no seculo, em que vivemos.

28. Tal ha sido a marcha da humanidade desde o grande facto da nossa Redempção pelo Sacrificio da Cruz sôbre a montanha do Calvario: em todos os acontecimentos do longo periodo, que eu tenho historiado, mostra-se, até á evidencia, a Divindade do Christianismo; porque, se elle não fôsse obra de Deos, não podia resistir por tantos seculos aos ataques violentos da fôrça bruta do podêr temporal, nem da intelligencia humana corrompida, mas vaidosa e ousada, e ainda menos á infidelidade e ás desordens daquelles, a quem *Jesus-Christo* confiou o depósito sagrado da sua doutrina: prova-se de um modo, que nada deixa a desejar, que o Christianismo se vexa e se incommoda afflictivamente com o dominio externo dos podêres da terra, porque na sua rasão de espiritual não póde ser impunemente tocado por braço profano; manifesta-se com claresa, que nenhuma fórma de govêrno é contraria á sua existencia, porque todo o podêr vem de Deos na sua origem, como elle; porém que o máo uso do podêr e a anarchia são seus adversarios, porque elle no seu modo de ser, e em todas as circumstancias da vida, é guiado pela mão de

[1] Author da obra «*Exposição das Verdades Catholicas contra os fundamentos do systema anarchico*» Esta obra foi publicada posteriormente em 1812, mas o desembargo do paço revollou-se contra ella, e a prohibiu, porque attentava contra os erros dos regalistas e dos jansenistas, e assim foi bom, porque depois o seu author, quando houve liberdade da imprensa, sustentou ainda melhor sua doutrina.

Deos, o máo uso do podèr vem do homem, e a anarchia procede do diabo; e, se nos attendermos a estes principios, acharemos a verdadeira causa da prosperidade das nações pela influencia benefica do Christianismo em encontrando nos governantes uma verdadeira piedade filial para com a Igreja: reconhece-se finalmente, que bem longe de impedir os progressos da sciencia, se auxilia delles, e lhe presta luzes para seguir sem tropeços a senda da verdade, porque buscando ambos sua origem em Deos, elle adopta formulas externas e humanas para fazer intender as doutrinas sublimes do Ceo pela rasão obscurecida do homem, em quanto derrama sôbre ella, para não errar, as luzes Divinas, de que abunda. Passarei agora a expôr sôbre a Monarchia, a que tendem minhas affeições (é preciso dizel-o alto): não intendo eu, que se deva procurar a excellencia de uma fórma de govèrno em relação ao Christianismo, porque sendo para este indifferente a forma, mas não o uso do podèr, de modo nenhum se alcançará o pretendido: é sim em relação ao viver das sociedades, que se deve inquerir, e isso tentarei eu agora de examinar: a fórma de govèrno mais excellente è aquella, que dá maior somma de beneficios ás sociedades: eis-ahi o principio geral e absoluto, que não se póde negar, sem se querer passar por louco; por isso aquella fórma, que produzir a felicidade em grao mais elevado, será a preferivel. Extincto o govèrno Patriarchal appareceo a Monarchia, a republica, e depois a mistura de uma e outra, que não é tão nova como a pretendem fazer; são estas tres formas, mais ou menos variadas, que tem governado e governam actualmente as sociedades humanas: na Monarchia toda a acção parte de um só, como do centro, na republica de muitos, e na ordem mixta o podèr subsiste originariamente em a multidão, que constitue seus delegados, os quaes determinam o, que em nome de um se ha de obrar: esta última forma é perfeitamente uma degeneração da Monarchia, ou a rasão de seo ser degenerado, e o máo meio de coarctar os abusos de seu podèr, do mesmo modo que a republica o è; porque se as influencias na hora do escandalo da Monarchia tendem consideravelmente á destruição do nome real, como em Roma pelos dias de Tarquinio *soberbo*, a fórma republicana se ha de seguir necessariamente; se, pelo contrario, como em França, quando a desgraçada revolução da impiedade e da demagogia terminava, a forma mixta appareceu. Os primeiros vestigios mais salientes desta terceira forma, remontam quasi ao meado do seculo 7.º [1], em que na França de um lado as menoridades e do outro a educação afeminada produ-

[1] Gens Merovingiorum, de qua Franci reges sibi creare soliti erant, usque ad Childericum regem, qui jussu Stephani Romani Pontificis depositus ac detonsus, atque in Monasterium trusus est, durasse putatur: quae licet in illo finita possit videri, tamen jamdiu dum nullius vigoris erat, nec quicquam in se clarum, preter inane regis vocabulum, preferebat. Nam et opes et potencia regni penes palatii prefectos, qui majores domus dicebantur, et ad quos summa imperii pertinebat, tenebantur: neque regi aliquid relinquebatur, quam ut regio tantum nomine contentus, crine profuso, barba submissa solio resideret, ac speciem dominantis effingeret; legatos undecumque venientes audiret, eisque abeuntibus responsa, quae erat edoctus, vel etiam jussus, ex sua velut potestate redderet: cum preter inutile regis nomen, et precarium vite stipendium, quod ei prefectus aule, prout videbatur, exhibebat; nihil aliud proprii possideret, quam unam et eam perparvi reditus villam, in qua domum, ex qua famulos sibi necessaria ministrantes, atque obsequium exhibentes, pauce numerositatis habebat, quocumque eundum erat, carpento ibat, quod bubus junctis, et bubulco rustico more agente, trahebatur. Sic ad palatium, sic ad publicum populi sui conventum, qui annuatim ob regni utilitatem celebrabatur, ire, sic domum redire solebat, at regni administrationem, et omnia, que vel domi vel foris agenda, ac disponenda erant, prefectus aule procurabat: quo officio tum cum Childericus deponebatur Pippinus pater Karoli regis jam velut hereditario jure fungebatur nam pater ejus Karolus, qui tyrannos per totam Franciam dominatum sibi vindicantes oppressit, et Sarracenos Galliam occupare tentantes, duobus magnis preliis, uno in Aquitania apud Pictavium civitatem, altero juxta Narbonam apud Byrram fluvium ita devicit, ut in Hispaniam redire compelleret, eundem magistratum à patre Pippino sibi dimissum egregie administrarit. Qui honor non aliis à populo dari consueverat, quam his, qui et claritate generis et opum amplitudine ceteris eminebant (*Exordium Vitae Karoli Magni* no tomo 2.º dos *Historiae Francorum Scriptores* por André du Chesne pag. 94 et 95).

La famille des Mérovingiens, dans laquelle les Francs avaient coutume de se choisir des rois, passe pour avoir duré jusqu'à Childéric, déposé, rasé et confiné dans un monastère par l'ordre du Pontife Romain Étienne. On peut bien, il est vrai, la regarder comme n'ayant fini qu'en ce prince; mais depuis long-temps déjà elle ne faisait preuve d'aucune vigueur, et ne montrait en elle-même rien d'illustre, si ce n'est le vain titre de roi. Les trésors et les forces du royaume étaient passés aux mains des préfets du palais, qu'on appelait *maires du palais*, et à qui appartenait réellement le souverain pouvoir. Le prince était réduit à se contenter de porter le nom de roi, d'avoir les cheveux flottans et la barbe longue, de s'asseoir sur le trône, et de représenter l'image du monarque. Il donnait audience aux ambassadeurs de quelque lieu qu'ils vinssent, et leur faisait, à leur départ, comme de sa pleine puissance, les réponses qui lui étaient enseignées ou plutôt commandées. A l'exception du vain nom de roi et d'une pension alimentaire mal assurée, et que lui réglait le préfet du palais selon son bon plaisir, il ne possédait en propre qu'une seule maison de campagne d'un fort modique revenu, et c'est là qu'il tenait sa cour, composée d'un très-petit nombre de domestiques chargés du service le plus indispensable et soumis à ses ordres. S'il fallait qu'il allât quelque part, il voyageait monté sur un chariot traîné par des boeufs et qu'un bouvier conduisait à la manière des paysans; c'est ainsi qu'il avait coutume de se rendre au palais et à l'assemblée générale de la nation qui se réunissait une fois chaque année pour les besoins du royaume; c'est encore ainsi qu'il retournait d'ordinaire chez lui. Mais l'administration de l'État et tout ce qui devait se régler et se faire au dedans comme au dehors étaient remis aux soins du préfet du palais. Lors de la déposition de Childéric, Pepin, père du roi Charles, remplissait, pour ainsi dire, par droit héréditaire, les fonctions de préfet du palais etc. Guizot na *Tradacção* de Egleherdo a pag. 123 e 124 do tomo 3.º da *Collection des Mémoires relatifs à l'histoire de France*.

Desde los principios hubo (Abdu-r-rahman Al-ghâfeki vice-Rei de Cordova) *de salir á campaña para refrenar la osadia de un Mahometano de Marruecos llamado Munuz, à quien para sus ideas venian muy al caso las revoluciones de los franceses, que tenian entonces a su Soberano (por testemonio de Eginardo secretario de Carlo Magno) tan ebatido y sin autoridad, que no era Rey sino de nombre, no podia dar á los Embaxadores extrangeros, sino las respuestas que se le dictaban; no era dueno sino de su familia, y de la plaga que le daban para mantener-se; no tenia voz para mandar cosa alguna, y debia presentar-se una vez al año a la Asamblea ò Consejo nacional para ser testigo de loque sus subditos ordenaban. Con el favor de estas extravagancias de la Galia, Munuz, hombre rico y poderoso, havia logrado casar-se com la hija del Francez Eudon, que convino aunque Christiano, en tan indecoroso parentesco, para que los Moros con sus guerras no le estorbasen la que el tenia contra el Mayordomo de la Real, llamado Carlos Martel, ò Martillo.* Deste modo foi, que Masdeu extratou o exordio da vida do Imperador Carlos o *grande*, moralisando, com seu genio um pouco satyrico, o que a moral e *as* conveniencias sociaes reprovam, e de que a propria humanidade se envergonha: veja-se o tomo 12 da sua *Historia Critica de Espana* e pag. 38 e 39.

xiodo aquellas immediatamente a maior influencia dos estranhos, e esta a fraquesa dos Soberanos para logo se aviltarem, depositaram todo o podêr nas mãos dos seus ministros, os quaes, a fim de o conservar, repartiram com os estados a acção moral ou legislstiva, retiveram o mando, e deixaram aos Reis só o nome e ornamentos exteriores da Soberania: a ambição de dominar fez sustentar-se cada qual, durante o menoridade de um principe, e perverter a sua educação, para, quando chegasse ao estado de abrir os olhos, de um lado lhe obstasse a influencia adquirida pelos estados, e do outro o respeito, e ainda terror do mordomo do palacio, o fizesse viver qoieto, satisfeito ou não, debaixo da anthoridsde daquelle, por quem devia ser obedecido: uma similhante situação era violenta ainda para os proprios ministros, porque de hora para hora podia apparecer quem os derribasse do mando, por isso foram-se prevenindo até podêr derribar s dynastia Merovingia, substitnil-a, e subtrair-se á influencia dos estados: as menoridades e uma educação má, por acanhada, são o primeiro mal das Monarchias, porque as consequencias necessariamente devem ser, que, durante ellas, e depois, os reinos venham a ser governados por homens ambiciosos, como aconteceu na decadencia dessa primeira dynastia dos Francos; mas esse mal não é o unico, ha outros nada inferiores, se não peores, originados da educação licenciosa, e mesmo impia direi, que se tem dado muitas vezes aos principes, porque della resulta a tyrannia, faltando-lhes o temor de Deos e suppondo, que tudo foi creado para servir a seus appetites, quando ao contrario os principes, nasceram para se sacrificarem, sem reserva alguma, ao bem-estar dos povos: desta assim pessima educação, da auseneia do temor de Deos e do amor da humanidade, vieram as adorações e prostrações aos Soberanos na antiga e moderna Asia, donde passaram ao Christianismo, chegando a fazer-se escandalosamente dentro dos Templos com desacato da Divindade, dos Mysterios, e dos Ministros do Sacrificio, por se considerarem os Soberanos como divindades, segundo se fazia no alto imperio em dias do pagani mo; e tambem disso vieram os actos de deshumanidade practicados pelos reis idolatras, pelos kalifas e sultões mossulmanos, e pelos Monarchas Christãos, em arrancando vidas por suas proprias mãos, ou por alheias, só porque lhes desagradavam, e descuidando-se da administração do estados e de velar pela paz, pela mantença, e pela saude dos homens, que pela rasão do subditos deviam considerar tanto seus filho, como os proprios, que geraram; disso as sedições, e por ellas os governos mixtos ou as republicas. Mas, pergunto eu, não haverá outro remedio para evitar a tyrannia? desgraçada condição da humanidade! estas degenerações da vida chamada commum, nada tem com o ser ou vida monarchica: pois só havia meio de evitar um mal, caindo n'outro? independentemente de recurso ao Céo, e ao principio religioso, que inspira o temor de Deos, á sombra do qual nunca os povos seriam mal govornados, sem dúvida ainda temos recursos; mas estarão no principio electivo? esse é sujeito a todos os inconvenientes da ambição, a ponto de que devendo dar um Rei bom, nem sempre o fez, e traz comsigo outro mal, a supposição da egualdade de classes, que é outro dos grandes transtornos, que pódem vir á Monarchia e a toda a ordem social: a nomeação do Rei entre os membros da sua familia? essa está sujeita aos inconvenientes da affeição, e a estabilidade e prosperidade dos estados só podem subsistir, quando as entidades governativas não são dependentes do acaso para existir, mas da naturesa das cousas e necessariamente: os desejos de precaver a todos esses males, foram o, que lançou ao meio dos estados a successão hereditaria; e para se gosar de todas as vantagens, que esta deve trazer, não ha a meu juiso, abstraindo ainda de procurar os recursos efficacissimos da Religião, senão quatro meios, e com estes estou convencido, que ninguem terá vontade de governos mixtos, nem de republicas: —1.°, distinguir perfeitamente as tres classes, em que por fôrça das necessidades sociaes se divide a sociedade, e distinguir clara e precisamente as suas attribuições em relação aos podêres do estado, e o modo de as exercer; —2.°, obrigar com emprêgo, mesmo da violencia, cada qual a contribuir por meio do trabalho ao bem commum na linha social, em que está collocado; —3.°, desterrar para longe, fugindo-lhes como de peste, esses perniciosos livros, em que estão sanctificadas as doutrinas perversas dos jurisconsultos e dos impios, e aquelles em que estão as leis dos pagãos, as postillas juridicas, com as obras de Machiavel, Montesquieu e similhantes; estabelecer novos codigos, cuja base sejam as doutrinas do Christianismo, o amor da humanidade, e a justiça absoluta; fundar escholas, em que se aprendam todos os ramos da historia e da philosophia; e commetter exclusivamente aos alumnos dellas o depósito sagrado da authoridade pública; —4.°, e, finalmente, educar os principes com rigor, subjeitando-os a todos os incommodos da cultura do espirito, inspirando-lhes as idéas da justiça e da moral, costumando-os a supportar com resignação os trabalhos de qualquer ordem, a que a humanidade está sujeita, patenteando-lhes, sem reserva, as miserias dos familias pobres, inculcando-lhes a necessidade de remedial-as, concorrendo para que dellas se condoam, e fazendo-lhes, sôbre tudo, vêr, que por sua condição não differe do individuo mais humilde deante de Deos; que aquelle individuo, quando virtuoso, merece o amor da sociedade e os premios eternos, em quanto elle, se fôr perverso, a execração dos homens e os castigos do inferno; e que as primeiras qualidades do bom principe consistem, em ser humilde, justo, e prudente, porque só desse modo será respeitado, como imagem de Deos, amado, como os Anjos amam o Senhor, e como os filhos devem amar seus pais, porque assim constituira a si proprio um Rei verdadeiramente filho da vontade de Deos, como o podêr e obra de Deos. Os governos mixtos, do mesmo modo que as republicas encerram em si o germen da anarchia e o principio da instabilidade, a degeneram no dispotismo, tendo passado uma grande parte da vida na arbitrariedade: o exemplo de Roma, produzindo Sila, Nero, e Domiciano, devia estar tão presente, como o da França, onde um govêrno mixto terminou pelo absolutismo de Pipino e de Carlos o *grande*, que se não foram tyrannicamente despotas, devem-o seu povo a poderosa influencia do Christianismo, e ao zêlo e piedade de seus Bispos e Sacerdotes, digam em contrario quanto quizerem. O dominio de um só, que não tem mais a desejar, offerece a estabilidade e o bem, em quanto o de muitos, que muito tem a pretender, está sujeito á desordem e á instabilidade.

29. Entremos no vasto campo da historia da intelligencia humana. Anteriormente ao grande facto da nossa Redempção, todos os conhecimentos adquiridos pela naturesa corrupta, cifram-se no materialismo, pantheismo, scepticismo, sophisticismo duelismo e mysticismo; e depois desse grande facto, em se despresande a revelação, não adeantâmos mais, pois o desenvolvimento mais ou menos luminoso desses

principios e novos termos, por que tal desenvolvimento se explica, não tem novidade alguma; e as doutrinas moraes, deduzidas d'ahi, apresentam-se absolutamente conformes, como é necessario: apparece entretanto, uma contradição espantosa ácêrca de grande número de inventores e sequazes dos differentes systemas originados de taes principios, pois em quanto negam a existencia de Deos, ou excluem delle o podêr de crear e governar o mundo, a justiça, bondade e misericordia, uns confessam a sua existencia, e outros vivem uma vida sobria e exemplar, ou manifestam por seus actos o respeito, que se deve ás cousas sagradas. Em relação ao materialismo: Thales imputando a creação á agua, Anaximenes e Diogenes de Apolonia ao ar, Heraclito ao fogo, os physicos mechanicos a uma certa fôrça produzida pelas differentes partes do um todo, Democrito e seus discipulos chamando a essas differentes partes atomos, e estabelecendo a necessidade de se reunirem e separarem, e Epicuro deixando-lhes a reunião e separação ao acaso, todos elles excluiram em suas doutrinas a existencia de Deos, Ser Intelligente e Poderoso; mas para mim é notavel, que o fundador da eschola Jonica, com os seus sequazes, fazendo partir da idéa de uma fôrça vivente, que varia nas propriedades e fórmas de seus desenvolvimentos, a explicação dynamica da naturesa, se afastassem por tal modo de uma Causa Intelligente, ou sujeitassem a Divindade a mudanças, segundo aconteceu a Heraclito; e não menos admiração tenho, attendendo a que, se não todos, alguns, do mesmo modo que este último, crescem na Divindade, chegando muitas vezes a penetrar-se de um respeito altamente religioso: quanto aos physicos mechanicos não admittindo nascimento algum propriamente tal, ou mudança de propriedades nem de fórmas, segundo escreveu o sabio Schwartz, acontece o mesmo, porque, suppondo todos a existencia de um unico ser real=a materia=estes explicarão, ao contrário dos primeiros, a producção pelas relações exteriores apenas; mas apesar disso, um d'entre elles, por exemplo, Empedocles, não só dava culto aos deoses, mas era de costumes austerissimos: os atomistas, modificando a doutrina mais antiga do concurso de differentes partes da materia para composição e decomposição do mundo visivel, estabeleceram um novo systema, dando a essas differentes partes os meios necessarios da producção e destruição sem auxílio de agente externo; apesar disso, se me não engano, acharemos nos proprios clamores de Democrito contra a existencia dos deoses, o grito de sua consciencia ácêrca do Ente Supremo, porque a depravação dos outros homens o levou a proferir blasphemias, ao revez dos modernos incredulos, que o tem feito por sua propria depravação; e, com respeito ás prostrações de Epicuro nos templos, não intendo, que possam provar alguma cousa pelo motivo de sua hypocrisia [1]: até aqui sôbre materialismo antigo. Desde que a Grecia imaginou a eternidade da materia e a possibilidade da creação independentemente de uma Causa Intelligente, nunca mais deixou de apparecer alguma cousa de materialismo nas doutrinas philosophicas, exclua ella absolutamente a Deos de todo o concurso na formação e conservação do universo, ou o confunda com a materia; no primeiro systema convieram em geral os Jonicos e atomistas, e o segundo, admittido por alguns dos primeiros, foi a base da doutrina dos Stoicos: Zenon de Cittio, adversario de Epicuro pela austeridade de vida e principios moraes, e pae dos Stoicos, sentiu, que Deos é o elemento activo, e a materia o passivo, por isso reconheceu a Deos como author do universo, mas que Deos e o universo eram um todo á similhança do corpo humano, de que a alma era ser Intelligente e Creador, e de que todas as almas humanas eram uma parte integrante; eis-ahi o pantheismo, d'ahi a apathia ou fatalismo desta seita, e sua austeridade pela rasão de imitar o Ser Perfeitissimo, e não desdizer da perfeição do universo, que lhe provinha da perfeição do author. Xenophanes, author da eschola de Elea, com seus discipulos, ao contrário da eschola Jonica tendeu a um espiritualismo exclusivo, segundo Schwartz; e não reconhecendo realidade nos seres subalternos, se oppoz aos sectarios de Thales, que em seus systemas, negaram a existencia do Ser Soberano, como disse Rohrbacher ácêrca de Permenides; os Eleaticos considerando a Deos Ser Unico, negando á materia toda a realidade, suppondo, que os phenomenos eram apenas percepções do espirito, não admittindo no homem destino nem deveres, não podem escapar da nota de pantheistas. Póde conceber-se o motivo do materialismo de Thales, de sua eschola e dos atomistas, como do pantheismo dos stoicos, mas qual se dará do atheismo de Pyrrho e dos Scepticos? A superficialidade desta seita está demonstrada, porque, procurando seus professores a verdade, não a encontraram, e, perseverando na dúvida, recusaram principios fixos, por isso a realidade nada foi para elles, reprovando toda a distincção a não ser nominal; segundo elles a existencia real do universo era um problema, e nulla a differença entre a virtude e o vicio, como já tive occasião de expôr; mas que se dirá de Protagoras, Gorgias, Hippias, Prodico, Theodoro de Bysancio com seus discipulos mettendo tudo a ridiculo, fazendo, por outra parte, consistir a sciencia na mentira, e ensinuando-se por meio de uma enganosa eloquencia? os anteriores philosophos, embora seus caminhos errados, procuravam a verdade de bôa fé, e os proprios scepticos, posto que mais modernos, e podendo aceitar seus conceitos não foram tão torpes; nas mãos dos sophistas tudo se anniquillou: a existencia de Deos e do universo! o crime foi defendido e a innocencia accusada!=*Se alguma cousa existe, não se póde comprehender, e, se se comprehende, não se póde explicar!*=Tal foi sua doutrina; mas apesar disso haviam para elles duas cousas reaes, que vinham a ser a lei humana e o uso da palavra para fazer variar as opiniões sôbre direito, segundo suas conveniencias! Socrates, o homem mais sensato da Grecia, ensinou a existencia de um Deos Supremo, invisivel em si, visivel em suas obras, Soberana Intelligencia, que formando o universo, o conserva, e governa por meio de deoses subalternos egualmente invisiveis, e que creou o homem, o tracta com bondade de pae, e premiará ou castigará sua alma immortal; mas ao lado de tudo isto, aceitando a doutrina de Anaxagoras, em parte, sôbre a formação do mundo, resentiu-se da eternidade da

[1] Mais de uma vez tenho sido testimunha de contradicções semilhantes, que não merecem outra resposta, senão o silencio. «*Pelos principios da philosophia a rasão das cousas é esta, mas aos olhos da Religião passa-se tudo de outro modo*» dizem!!! Esta miseria é filha da mais supina ignorancia, ou de negra má fé: no Christianismo só os altos mysterios são superiores á rasão, posto que sua possibilidade por ella se prove; mas quanto aos factos da creação, leis, que regulam o universo, seres, que nelle habitam, decadencia do homem e seu destino, vae tão longe a sã philosophia, como o Christianismo, e andam de pleno accôrdo.

materia, por quanto a unidade, que reconheceu em Deos refere-se á qualidade de ser Puro e Intelligente, e nessa hypothese abraçou o dualismo: Platão, o homem mais sabio da antiguidade, partilhando bôas idéas, como seu mestre, creou na eternidade da materia com elle, mas considerou a Deos como Causa Primeira, formando a alma do mundo, principio de todas as fórmas corporaes e de todas as almas: das doutrinas precedentes da eschola Jonica e dos atomistas se conclue, que se attendeu á formação material do mundo por agentes do mesmo todo, dando-se ou não intelligencia a esses agentes, mas na hypothese de Socrates e Platão o agente differe, o operario é differente da obra, attendendo-se por isso não só á formação material, mas á concepção da idéa; entretanto que Aristoteles querendo dar outra fórma ao systema de seu mestre, estabeleceu um Deos só occupado de suas perfeições, e sem cuidado nos homens e no resto do universo, que foi creado, não porque Deos quizesse, mas pelo facto da existencia de Deos; nesta só hypothese suppoz a Deos primeiro motor, e deixou á *natureza* [1] o restante, considerando-a como fórma unida á materia desde toda a eternidade; de mais disso toda a sua moral se estribou nas conveniencias individuaes e sociaes; pelo que devemos reconhecer em Aristoteles o author do deismo. Mais antigo é o systema pythagorico, que não examinava os phenomenos physicos debaixo do ponto de vista material, porem, antes pelo contrario; e se destinava a indagar as leis e a harmonia nos principios do mundo debaixo do ponto de vista moral do bem e do mal: Pythagoras, segundo disse o Abbade Pluquet, admittiu ao universo uma Intelligencia Suprema, uma fôrça motriz sem intelligencia e uma materia sem intelligencia, sem fórma, e sem movimento; suppoz em todos os phenomenos estes tres principios, mas notou em todos uma ligação de relações e um fim geral, attribuiu o seu encadeamento, e a formação de todas as partes do mundo e suas relações á Intelligencia Suprema, que regulou a fôrça motriz, e tabeleceu as relações e ligações entre todas as partes do mundo; fez da alma humana uma porção da Intelligencia Suprema, separada della em quanto esta unida ao corpo; e suas doutrinas moraes produziram homens de uma vida regularissima: explicando tudo por numeros, deu a conhecer a Intelligencia Suprema pelo impar, indivisivel, absoluto, principio de todas as cousas, que rege tudo, Ser determinado, eterno, permanente, immutavel, similhante a si, e differente de todas as cousas, mas que não pôde fazer puro o mundo pela intervenção do vacuo na sua formação; mas esta intervenção colloca o fundador da eschola de Crotona entre os dualistas: de todas as doutrinas, de que eu até aqui tenho tractado neste §, a mais sensata é a do dualismo puro, porque despresadas e esquecidas as tradições primitivas, difficil era ao homem conceber, como o Ente Perfeitissimo e Indivisivel podia crear um ser imperfeito e divisivel, como a materia, posto que não lhe era impossivel intender e mesmo explicar, porque imprimiu fórma á materia. Conforme Degerando, o mysticismo oriental fundava-se nestes elementos: — Deos luz primeira — dois principios do bem e do mal — desenvolvimento da substancia divina, e sua emanação progressiva — hymeneo mystico — genios ou espiritos superiores, a attributos personificados — instrumento da creação distincto do creador, emanado delle, e verbo, a sabedoria, o homem primitivo e celeste — região intellectual, a communicação da alma pelo extase com a Intelligencia Suprema: na Persia *Zerouane Akérène* ou o Senhor de todas as cousas, o tempo sem limites, o eterno, que produziu *Ormuzd* o author do bem, o principe da luz, e *Ahriman* o author do mal, o principe das trevas; *Ormuzd* produziu seis entes para dirigir a creação, grande numero de chefes e soldados da armada celeste, e os genios tutelares ou anjos da guarda dos homens; *Ahriman* produziu demonios, de que sete se reconheceram os principaes: essas duas armadas deviam combater durante dôse mil annos, e o homem, que peccara, seduzido por *Ahriman* e pela mulher devia tomar parte na contenda ao lado de *Ormuzd* para não ser por elle punido: depois da lucta, o reinado de *Ahriman* passou, *Ormuzd* reinou só, e a luz appareceu em toda a parte; *Ormuzd* com o seu exército, e *Ahriman*, tornado bom, com suas legiões, offereceram sacrificio commum ao Eterno, e tudo se consummou; *Ormuzd* é o principio e centro de todas as cousas, o que é, que e tudo, e conserva tudo, ao mesmo tempo é o verbo da bondade, nascido da semente do Eterno, produzido pela mistura da agua primitiva com o fogo primitivo, primeiro dos seres, a sciencia, o dispensador da sciencia, e a rasão de tudo, a quem o Eterno propoz como Rei por dôse mil annos: segundo isto não parece bem definida a natureza de *Ormuzd*, porque, como bem notou o Abbade Rohrbacher, ora se identifica com o Eterno, ora não; entre os seres produzidos por *Ormuzd* o deos medeador dos Persas, Mithras, é o author do sol e seu guia, que levou o nome de demiurgo ou creador, porque disse expressamente haver formado o mundo, e ser author da creação. Na India *Brahm* é o Eterno, o ser por excellencia, o mundo e seu nome e a sua imagem; mas essa Existencia Primeira, que contem tudo em si, é só a realmente subsistente, todos os phenomenos tem sua causa em *Brahm*; este não é limitado nem pelo tempo, nem pelo espaço, imperecivel, a alma do mundo e a de cada ser em particular; o universo é *Brahm*, vem delle, subsiste nelle, e torna para elle; o ser existente por si, a fórma da sciencia e dos mundos sem fim; todos os mundos são um com elle, porque existem por sua vontade; esta vontade eterna é o começo em todas as cousas, revela-se na creação, na conservação e destruição, no movimento e nas formas do tempo e do espaço; *Brahm* é o ser supremo, que, revelando-se como creador é *Brahma*, como conservador é *Vichnou*, e como destruidor é *Siva*: a cada ser desta trindade supposta se attribuiu uma mulher, e dessas tres junções foram produzidas milhões de divindades subalternas; mas todos os mundos e todos os seres não fazem mais que um com o Ser Supremo, porque existem por sua vontade; Deos só tem realidade essencialmente subsistente, e o resto comparado a elle é como uma negação, a rasão, e a virtude querendo, que se destaque do todo e resto para se unir a Deos e fazer com elle um mesmo espirito: tudo isto attendendo á letra da prece Indica «*eu sou Deos*» importa um panteismo ainda mais absurdo, que o stoico: para praticar a vida mystica de modo o mais perfeito, os Brahmas se retiram á solidão para conhecerem a *Brahm*, que é a

[1] Em grande número de escriptos, nas escholas e conversação, apparece essa palavra como synonimo da Divindade, ou para substituir esta. Desde muito creança reflecti, que havia no emprêgo de similhante termo intento de retirar das mãos de Deos a obra da creação, hoje serve-me para conhecer os sentimentos religiosos ou a sciencia daquelles, que fazem uso de tal termo.

a

luz das luzes, e a sciencia das sciencias, porque só por meio da contemplação se conhece se ha união e com elle [1]. Na China o *Tão* (o verbo) é principio, meio e fim de todas as cousas, sem nome, porém existindo antes de todos os seres; antes do cahos, que tem precedido o nascimento do céo e da terra, existia elle só, Ser immenso, silencioso, e immutavel, agitando-se sem se alterar: o homem se regula segundo a medida da terra, a terra pela do céo, o céo pela de *Tão*, e este pela de si mesmo, regulando-se assim o universo inteiro por elle, que a rasão eterna; elle produziu um, este dois, este tres, e estes todas as cousas, isto é, o um mudou o nada em ser, os dois são as duas regras primordiaes, os tres essa mesma dualidade com a harmonia, finalmente a unidade dos tres constituiu tudo: as doutrinas prácticas, que acompanhavam estas theorias eram sãs, porque tendiam a formar o coração pela moral, e regulavam o sabio na contemplação, vivendo solitario, ao menos por certo tempo, applicando-se a conhecer a verdade e a purificar suas acções pela virtude, e empregando seu tempo a pensar neste *Tão*. No Egypto não deferiam as doutrinas das recebidas na India ácêrca da Divindade, estabelecendo, como lá, a metempsycose, as alegorias, as personificações dos seres, das estações, dos ventos, ou melhor, tranformando-se a Divindade, manifestando-se, e reproduzindo em tudo: « *Em uma palavra*, disse o Abbade Rohrbacher, *servindo todas as verdades de fundo a todos os erros.* » Eis-ahi como a corrupção, operando com toda a sua fôrça sôbre a intelligencia humana, despresadas ou esquecidas as primitivas tradições, estabeleceu, por meio do estudo e dos esforços do espirito, doutrinas mais ou menos absurdas, chegando-se ao resultado de excluir das suas obras a Deos, suppondo que elle não existia; de o identificar com o universo; de duvidar da sua existencia; de escarnecel-a! de considerar sua obra tão antiga como elle, reputando-a sem existencia real, ou com esta; de dar-lhe acção sôbre a materia, ou de negar-lh'a; de admittir o seu govêrno, ou de separal-o totalmente dos homens e do universo; e de explicar a sua existencia e a sua obra debaixo do só ponto de vista religioso, divinisando os seres creados, e fazendo-os parte integrante delle. Resta agora applicar essas doutrinas aos systemas, que vigoravam ao tempo do Sacrificio do Calvario, e aos que nasceram depois dessa época.

30. Não appareceram depois da Redempção do genero humano, por mais que o pretendam, idéas originaes; assim como nesses antigos systemas se encontram muitas reproducções, nos que seguiam essa época não ha outras novidades, senão modificações, se exceptuarmos em alguns dos chamados sabios inimigos do Christianismo, uma muito notavel pertinacia, uma muito mais refinada maldade, e uma muito mais subida corrupção; e n'outros mais ignorancia e mais superficialidade. Penso, que aos olhos desprevenidos de qualquer pensador, não se apresentarão conceitos differentes deste; e, como eu poder, entrarei nesse exame, quanto este escripto o comporte: sem grande trabalho se encontrará no fundo de todos os systemas, que vogavam, ou se crearam desde o primeiro seculo Christão, o materialismo, o sceptismo, a sophistica, o dualismo, e o mysticismo, eu os descrevendo: entremos na primeira época, que levarei até serem prohibidas as escholas da Grecia por Justiniano. Principiando pela Judea topâmos com os *saduceos*, cujo systema se fundava nos livros de Moysés mal interpretrados, e na doutrina dos atomistas, porque aceitando de um lado, que Deos creou o universo, o governa por sua providencia, e que favoreceu os Israelitas com grandissimo número de prodigios; de outro creram, que as penas por elle estabelecidas para castigar o homem, se referiam a esta vida, e eram puramente temporaes, porque suppozeram a alma humana apenas uma propriedade da organisação do corpo, e por isso, que com elle morre: com os *Phariseos*, que admittindo, além dos livros de Moysés, as tradições verdadeiras ao revés daquelles, lhes ajuntavam grande número de ridicularias; e do mesmo modo que interpretravam litteralmente os livros santos, o faziam á doutrina de Pythagoras reconhecendo a metempsycose, como os Egypcios e Indios: com os *Essenos*, que admittiam a immortalidade da alma contra os primeiros, e registavam as tradições contra os segundos, em quanto adoptavam as doutrinas stoicas sôbre a naturesa e espiritualidade da alma, porque sôlta esta das prisões do corpo se tornava pura como dantes e não era responsavel por crimes passados: os dominios desta seita estendiam-se desde a Judea por toda a Palestina, Syria e Egypto, vivendo seus professores na solidão, e tendo todos a morte por termo das nossas miserias; mas os deste último paiz apresentavam idéas mais sublimes sôbre a naturesa da alma; e com os *Therapeutas*, fracção dos *Essenos*, mas que delles se differençavam por absolutamente contemplativos, fanaticos e misantropos. Pela Grecia, Roma e Alexandria, eram então dominantes os systemas antigos da philosophia mais ou menos alterados, principalmente o dos *academicos*, que se modificou para duvidar de tudo como os scepticos; e dentre os quaes pelo lado scientifico o, que fez opposição ao Christianismo nascente foi o *pythagorico*, porque supondo os milagres effeito da magia, intendeu, com *Appollonio de Thiana* á frente, imitar por ella esses milagres, e viver uma vida mais perfeita, qual a dos Christãos, segundo disse Pluquet. Entre as novas creações, viu o primeiro seculo de nossa era uma mistura dos systemas orientaes, e do pythagorico e platonico, com os livros de Moysés, como no systema de *Philo*, Judeo de Alexandria, o um dos homens mais sabios do seu tempo, que seguiu as traças de Aristobulo, e principalmente se fundou nas doutrinas de Platão, dando-nos uma obra de merito, e de que podemos obter algumas luzes; e desses mesmos systemas com os livros de Moysés, e com a doutrina de *Jesus-Christo*, apresentando-se no campo da lucta seus authores e sectarios com o mais enthusiastico fanatismo, e considerando ao Salvador, uns como um genio, que desceu do céo, outros como um homem mais perfeito, que os outros e dirigido por um genio celeste: por exemplo, *Simão* o *mago*, pae dos *Gnosticos*, que fez de si mesmo o Verbo de Deos, o Paracleto, o Todo-Poderoso, o Creador de Intelligencias, uma das quaes, penetrou o seu designio da formação do mundo, e produziu os anjos e os outros espiritos, que formaram o mundo, e, por se fazerem considerar como deoses supremos, prenderam sua mãe, fizeram-lhe ultrajes, introduziram-a no corpo de uma mulher, e de seculo para seculo a fizeram passar a outro corpo; elle havia de acabar o mundo, e não dava salvação senão aos seus discipulos, que soltos das cadêas do corpo, gosavam da liberdade de puros espiritos: *Cerintho*, Judeo Anthiocheno, que ouviu os Apostolos em Jerusalem, estabeleceu um Ser Supremo, que foi origem da existencia, produziu espiritos, podêres ou ge-

[1] Não pertence aqui o systema das encarnações, porque é posterior ao mysterio do Calvario.

nios com differentes gráos de perfeição, e uma certa virtude ou fôrça motriz, que regulou a materia, formou o mundo, os anjos ou genios terrestes para governar o mundo e os homens; e acêrca do Salvador, elle o considerou, como filho de José e Maria, mas que foi um ente tão privilegiado, que no seu baptismo o *Christo*, o filho unico de Deos, desceu sôbre elle em figura de pomba, e lhe revelou o conhecimento do Pae, que elle annunciou aos homens, e por virtude do *Christo* obrou *Jesus* milagres: *Menandro*, discipulo de *Simão o mago*, depois da morte de seu mestre, estabeleceu novo systema, em que o reconheceu um ser eterno e necessario, accrescentando, que nada se sabia do Sêr Supremo, senão que era a fonte da existencia, e a fôrça porque tudo existe; o mondo deveu a sua existencia aos genios, que sahiram do Ser Supremo; uns desses por impotencia ou maldade encerraram a alma humana dentro de orgãos, em que soffre a alternativa contínua dos bens e dos males, e que os outros bemfazejos, tocados da desgraça dos homens, pozeram recursos contra esses males na terra; mas, como os homens os ignoram, elle *Menandro* foi enviado por esses genios bemfazejos para lh'os descobrir; o seu segredo consistiu n'uma especie de banho magico, que fazia tomar a seus discipulos, chamado verdadeira resurreição, porque, não envelheciam, segundo elle, os que o tomavam: *Basilides*, outro discipulo de *Simão o mago*, suppoz que o mundo, não foi immediatamente creado por Deos, mas por intelligencias, que elle produzio; do Ser Encreado sahio a Intelligencia, desta o verbo, deste a prudencia, desta a sabedoria e o podêr, destes os anjos de differentes ordens até tresentas sessenta e cinco, a primeira das quaes creou o céo, e assim progressivamente; o seu systema moral, como o de todos os *gnosticos*, fundava-se nessa theoria das emanações, considerando-se perfeito o Ser Supremo, de que os particulares sahiram; e um dos seus erros capitaes, acêrca do Salvador, era, que elle não morreu, porém Simão Cyrenêo, e que os martyres não morriam por *Jesus-Christo*, mas por Simão Cyrenêo: os *Nazareos*, que imputaram aos Judeos e aos Christãos interpretrar mal a doutrina dos livros santos; uns viviam uma vida pura, e outros reputando a alma incapaz de se corromper com o corpo, se entregavam, sem escrupulo, a todos os prazeres sensuaes; e os *Ebionitas*, que os seguiram, rejeitando ao contrário delles todo o Velho Testamento excepto o Pentateuco. No seculo 2.º os erros dos *gnosticos* do antecedente passaram a este divididos em seitas, porque uns como *Nicolaitas* do tempo dos Apostolos, e como ramo dos *Nazareos* se davam aos prazeres sensuaes, e só admittiam a resurreição espiritual, visto que o mysticismo oriental por elles adoptado devia levar a essas consequencias: tal foi com outros *Carpocrates*, addicionando ao systema geral, que as almas humanas estão unidas aos corpos, porque se esqueceram de Deos, e degradadas assim de sua primeira dignidade perderam o privilegio de puros espiritos, e ficaram obedientes aos anjos creadores dos corpos; que *Jesus-Christo* foi um ente mais favorecido de Deos com fôrça para resistir aos anjos, e subir ao céo, apesar da má vontade delles, e que Deos deu a mesma graça a todos os, que imitassem; por isso que todos os homens o podiam imitar e merecer a glória, de que elle gosou: ao contrario, antes delle, *Saturino* havia dito, que *Jesus-Christo* era filho de Deos e enviado pelo Pae para salvação dos homens porém attribuio a um corpo phantastico; e sua severidade de costomes o levou a querer impedir a geração humana: *Valentim*, desenvolveu uma producção de *eões* tão estranha, imaginou casamentos, desordens, e contrariedades ao Ser Supremo, que talvez ninguem soubesse corromper melhor os livros santos pretendendo applicar-lhes os conceitos mythicos do oriente; o espirito ou *demiurgo*, que habitava na região luminosa, e o creador, que residia na terra, compostos de parte animal e parte espiritual, não conheciam o Ser Supremo, e queriam ser considerados, como deos, cada qual em sua habitação; o Salvador, que foi enviado pela intelligencia para livrar Achamot das paixões; e o *Christo*, que reuniu a fórma a materia, separou a luz das outras paixões, e fez apparecer a terra; assim, sua formula de baptisar, como todas as noticias, que nos deu de *Jesus-Christo*, importam ainda muito maior extravagancia: *Cerdon* reconheceu o Ser Supremo, que produziu espiritos menos perfeitos que elle, mas que foram fecundos produsindo uma infinidade de gerações, formaram o mundo, e causaram todos os acontecimentos sôbre a terra; e como o mal repugna á natureza do Ser Supremo, para se livrar das difficoldades, admittiu, no principio do bem e do mal, o dualismo; por este modo, suppondo bôa a lei dos Christãos, a deu como obra do bom principio ou bom genio, e a *Jesus-Christo*, que a annunciou, fez passar por filho deste genio, e sem corpo verdadeiro, mas apparente; rejeitou o Velho Testamento, e do Novo so admittiu o Evangelho de S. Lucas: os *Ophitas*, pretendendo, que a sabedoria se communicava ao homem debaixo da figura de uma serpente, com verdade ou sem ella, passaram por idolatras; *Montano*, um dos grandes hypocritas, que tem apparecido sôbre a terra, e que se fez passar pelo Espirito Santo Paracleto, que *Jesus-Christo* prometteu aos Apostolos, e não fallava senão de martyrio, penitencia, continencia e jejum, intendeu que era necessario guardar mais duas quaresmas; disse que a Igreja não tinha podêr de perdoar todos os peccados; condemnou as segundas nupcias; e, apesar de suas suppostas austeridades, com que enganou o proprio Tertuliano, sua vida não se conformava com o, que por essas austeridades queria inculcar: *Theodoro de Bysancio* confessou, que *Jesus-Christo* nasceu de uma virgem por obra do Espirito Santo, mas sem alguma prerogativa além de uma vida santa e uma virtude mais eminente: por último terminarei ácêrca dos *gnosticos* com o, que delles escreveu Degerando: « *O primeiro principio*, segundo elles, *é a luz primordial, fonte de toda a luz*; o *cahos, a região das trevas, occupava os profundos abysmos; um hymeneo mysterioso e fecundo unio o Ser Supremo, a alma celeste mãe de todos os seres*, ao *principio da luz; um sequito de emanações transmittia gradualmente uma vida menos perfeita; a idéa emanada do Pae universal*, o *segundo homem*, o *homem mortal formou-se sôbre* o *typo do homem ideal ou celeste; os sete principaes podêres foram personificados em sete anjos ou intelligencias supremas, que correspondiam aos sete planetas, e os animavam; uma lucta dos dois primeiros principios se agitava incessantemente na região dos seres intermediarios.* » Quando este seculo estava a terminar, lançava *Ammonio-Saccas* em Alexandria os fundamentos *da eschola neo-platonica*, que, disse um sabio, depois de ter sympathisado com todas as doutrinas e todos os usos reputados barbaros, os venceu; mas o Christianismo lhe resistiu e a ameaçou, porque inflexivel em seus principios, e dominando a civilisação Grega, de mais em mais foi ganhando terreno sôbre essa eschola: o pensamento do fundador esteve em pôr de accordo Platão e Aristoteles nos pontos principaes; mas

nos seculos seguintes voremos o resultado do seus esforços. Entrando no 3.° seculo, deparamos com as seguintes novidades: o mysticismo oriental, reunido com a philosophia da Grecia ás doutrinas Judaicas a ao Christianismo, vigorava ainda neste: porque *Praxeas*, *Noet* o *Sabellio* não viram meio de se descartar da multiplicidade de deoses, senão admittindo exclusivamente a unidade; o disseram que toda a distincção das Tres Divinas Pessoas era nominal; segundo elles, Deos resolvendo salvar os homens, se chamava Pao, descendo sôbre a terra ao seio de uma virgem, e padecendo a morte de Cruz, se chamava Filho, e derramando suas graças sôbre os peccadores se chamava Espirito Santo; isto não foi mais, que accommodarom na essencia e nas circumstancias as doutrinas velhas ao Christianismo, quando eram muito alheias de seu espirito: *Paulo de Samosates* negou formalmente a divindado de *Jesus-Christo*, a quem segundo ollo, a sabedoria foi communicada extraordinariamente; e para dizer que na Trindade não havia tres deoses, serviu-se de outros termos novos o absurdos, tres attributos, pelos quaes a Divindade se tem manifestado ao homem suppondo uma só pessoa: *Manes*, que se quiz fazer passar pelo Espirito Santo Paracleto, atacou a bondado o unidado de Deos, estabelecendo os dois principios do bem e do mal, o velho dualismo; porquo, segundo ello, se o diabo fôsse creado por Deos, seria consubstancial a Deos (o quo podia ser verdado, se o systema das emanações fôsso tambem uma verdade); e, tirando a liberdade ao homem, dou a *Jesus-Christo* um corpo phantastico, reprovou as bodas, e o uso da carno e do vinho, como tendo por author ao diabo: a par destes, *Novato* o *Novaciano* recusavam absolver os peccadores, que haviam provaricado em artigo do Fé, condemnavam a Confirmação, as cerimonias precedentes ao Baptismo, e as segundas bodas: emfim, dois grandes homens, quo o Christianismo respeita no, que ensinaram do bom, *Tertuliano*, que se deixou arrastar á confissão dos erros de Montano, levado de suas suppostas severidades, porque para essas teudia muito; e *Origines*, ácêrca do quem houve questão sôbre differentes erros, principalmente sôbro a preexistencia das almas e da restauração do todas as cousas, quando *Jesus-Christo* ontregar o reino a seu Pae (porque isto não é senão orientalismo puro, sôbro as idêas da motempsycose, o do reino do dôse mil annos): o *neoplatonismo*, que protendia em resultado de seus esforços, reunir todas as religiões e todas as seitas philosophicas, para o combater o a seus discipulos suscitou Deos na eschola Ecclesiastica de Alexandria um sabio, que nada ignorava das doutrinas dessas seitas, S. Panteno, o mestre do illustre Clemente o do outros grandes homens, que se oppozeram a essa eschola temivel do paganismo, e explicaram os dogmas da Igreja pelos termos philosophicos, quanto podia ter logar: *Plotino* discipulo o successor de Ammonio, querendo levar as cousas por caminho differento do seu mestro, aprovoitou-se dos conceitos mythologicos, e admittiu o magismo, que esperou podêr justificar pela sympathia universal de todas as cousas do mundo sensivel, porque essas cousas, conformo ello, apresentam em tudo o amor e o odio em opposição um ao outro; o em relação á practica, a base desta eschola ora a identidade da perfeição intellectual com a moral: seguiu-se *Porphyrio*, quo se declarou o philosopho, o sacerdoto do Deos Supremo, em quanto os do culto antigo o eram das divindades inferiores; reconheceu a existencia o o podêr destas divindades; procurou domonstrar uma e outra, o estabelecer a relação dos deoses subalternos, quo compunham a numerosa gerarchia dos genios, com o Deos Supremo, Incorporeo, Immovel e Indivisivel; admittindo assim a ligação do culto antigo com as doutrinas philosophicas, justificou as cerimonias o sacrificios do paganismo, mas esteve sempre em opposição aberta com o systema theurgico de seu mestre e com o Christianismo: *Jambelico* aceitou contra Porphirio a thourgia, esforçou-se para estabelecer um systhema de theologia politeistico, a sustentou, quo as estatuas dos deoses eram dotadas de fôrça divina, porquo esta estava espalhada em tudo. No seculo 4.°, os erros começaram pelos *Donatistas*, quo negavam a validado dos Sacramontos dados pelos máos, o creram, que a Igreja não era composta senão do justos; no fundo podemos encontrar esses sentimentos em Montano: *Ario*, o mais prejudicial dos hereges antes de Phocio e Luthero, não querendo cahir no êrro de Sabellio, mas protendendo fazer-se notavel, negou a Divindado do Verbo e sua Consubstancialidade, tendo desse modo o *Jesus-Christo* por uma pura creatura, porquo ora repugnante a idêa da monade na triado, o da triade na monade, a seu juizo, no sentido em que eram tomadas essas idêas: *Macedonio*, Bispo Bysantino, negou, que o Espirito Santo fosse consubstancial ao Pae, o ao Filho, porque cuidou, que não estava expressa na Escriptura sua Divindade; como ariano não admittia a Divindade do Vorbo, por isso rejoitou egualmente a do Espirito Santo; e bem notavel se fez, não só pelo seu êrro, mas pelas notaveis perseguições a quem por esse o condomnava: *Apolinario* disse, que as tres Divinas Pessoas não eram eguaes, e quo o Vorbo tomou carne, mas não alma no seio da virgem: *Prisciliano* renovou os erros dos guosticos e manicheos: antes dello *Helvidio* negou a virgindade a Maria Santissima, em quanto os *Colyridianos* a adoravam como doosa, e faziam suas mulheres sacerdotisas do seu culto: *Joviniano*, que reproduziu os conceitos errados dos manicheos, negou a desegualdade dos meritos, penas e premios, pregou a egualdado do celibato e matrimonio, e juntou a tudo isto a vida mais desregrada, imitando os secretarios do seculo 3.°, e seguindo os traços do outros mais antigos, cujas doutrinas se tem patenteado: os *neoplatonicos* continuaram seu systema por *Edesio*, *Crysantho*, o *Maximo*; mas as doutrinas de Plotino o Porphyrio foram decahindo, e apparecendo tendencias para as formas oratorias. Polo seculo 5.° continuou, do mesmo modo que antes, a philosophia das antigas escholas, a servir do base aos erros, que vexaram o Christianismo: *Pelagio* negou a necessidade da graça para a salvação, o o peccado origical: *Nestorio* poz duas pessoas em *Christo*, dizondo que a Divindade habitava nelle como n'um templo pelo morecer, em rasão de sua vida inculpavel, e quo a virgem foi sua mão o não mão do Deos: *Euthiques*, oppondo-se a Nestorio, negou duas naturesas om *Christo*, affirmando, que a carne se converteu na substancia da Divindado desde o instante da Encarnação; foi seguido por *Dioscoro*, quo o defendeu com pertinacia; a por *Pedro Gnapheo*, invasor da Cadeira Patriarchal de Antiochia, o qual ao trisagio *Sanctus* accrestou *qui passus est pronobis* para declarar, que a Divindado padeceu e não a noturesa humana: *Vigilancio* finalmento condemnou os jejuns, as vigilias, o culto dos Santos, o o celibato, declarando-o fonte da impuresa; estes o outros erros desto sectario parecem argumentos de escarneo, o quando não tivessem outra origem mais directa, era bem facil achal-a na eschola dos sophistas; e por similhante modo encontramos o manancial de quantos o precederam neste

seculo, entre as doutrinas gregas, sem que seja necessario fazer confrontação especial de cada uma para ver quem lhe serviu de exemplar: pouco durou a eschola de Alexandria chegando á sua total decadencia; e se conhece o seu insignificante merito no *Commentario* de *Syro* mestre de *Proculo*, que plantou em Athenas o systema *neoplatonico*, e o perpetuou por seus discipulos, ate que prohibindo Justiniano o ensino da philosophia naquella cidade em 529, os mais celebres professores, Isidoro, Damascio e Simplicio se retiraram á Persia, onde não encontraram a protecção, que esperavam. Novos systemas encontraremos no periodo seguinte, mas que não serão mais que reproducções.

31. Duas escholas de philosophia predominaram na época, que acabo de historiar, a dos *gnosticos* e a dos *neoplatonicos*: na primeira quiz-se submetter o Christianismo ás doutrinas orientaes, negou-se pela maior parte a Divindade de *Jesus-Christo*, admittiu-se o *pantheismo* ou o *dualismo*, deu-se origem ás famosas heresias, *arianismo*, *nestorianismo*, e *eutychianismo*, vindo essa eschola a terra depois do *Christianismo* para sustentar contra elle dura guerra; na segunda pretendeu-se amalgamar a philosophia Grega, principalmente o platonismo e o pythagonismo, com as doutrinas orientaes, pondo-se de parte o Christianismo, embora Ammonio Saccas, primeiro mestre desta eschola, tivesse em vista attrahir-lhe os philosophos pagãos; mas, inspirando o *pensamento de seu electismo* a Plotino, as cousas tomaram outra direcção, lançando este outros fundementos a essa eschola: eis-ahi o, que muito bem disse um author recente, Maupied. O periodo, que terminou, foi decahindo pouco a pouco, tornando-se esteril em indagações originaes, mas fertil em combinações mais ou menos desgraçadas, e em commentarios infieis: tendo-se contraido o habito de não pensar, e de julgar so pela authoridade dos mestres, o resultado devia ser guiar a critica pelas comparações; entretanto o periodo, que se seguiu, foi o mais esteril para a historia do espirito humano: mas no meio desse espectaculo afflictivo, podem apparecer algumas instrucções uteis: deste modo fez Degerando a comparação entre as duas épocas philosophicas, a que descrevi, e aquelle em que vou entrar. Porem quaes serão as causas desta decedencia, que se encontra nos conhecimentos humanos, desde o começo do seculo 6.° até ao 15.°? Muito se tem dito sôbre as causas de degradação do espirito humano durante este longo espaço; e a mim me parece, que será facil encontral-as em se buscando debaixo de tres pontos de vista: —1.°, a corrupção das escholas, procedendo do aparato de phrases, que cada dia se augmentou com o desejo de levar tudo mais pelos proprios conceitos, que pela verdade, e preferindo a argumentação á contemplação; —2.°, a corrupção pela curiosidade inquieta de conhecer todos os objectos e formar systemas para explicar o, que a Religião não esclareceu (fallando com respeito ao Christianismo), intendendo; que os dogmas podiam ser explicados pelas preoccupações philosophicas, de que resultaram, como escreveu Pluquet, todas as heresias dos primeiros seculos; —3.°, a corrupção pela soberba, porque devendo o Christianismo receber-se com humildade, e sujeitar-lhe todas as concepções humanas, desde sua origem vemos, que faltaram as creações ou as idéas originaes, reduzindo-se tudo a comparações, e as escholas presistiram em sua soberba; por isso veio a degradação humana ao ponto, que se lamenta nesses seculos antoriores ao chamado renascimento das letras, mas depois delle, como nós veremos, a humanidade não melhorou: penso assim. Depois de se fecharem as escholas de Athenas, devemos considerar toda esta épocha chamada meia-idade, apesar da sua decadencia entre as differentes Nações, em que a civilisação mais ou menos adiantada dominava por este modo: no oriente Christão, o caracter pronunciado eram as discussões subtis, o abuso da dialectica, o abandono das sciencias positivas, e o desprêso do estudo dos phenomenos do universo, de modo que a philosophie, sem o apoio dos conhecimentos fundados na observação, ficou *privada egualmente da vida que deve receber das affecções generosas e das influencias moraes*, servindo de base a tudo isto o novo platanismo, a methaphysica e dialectica de Aristoteles, e as doutrinas orientaes da Persia misturadas com o Christianismo pelos manicheos: d'aqui sahiram os *aphthardocitas* ou incorruptiveis, que davam impassibilidade ao Corpo de *Jesus-Christo* desde sua concepção, a foi esta a heresia professada pelo Imperador Justiniano I, author do famoso edito, que mandou fechar as escholas pagãas, mas que foi um dos principes mais perniciosos á Igreja de Deos; os *armenios*, á frente dos quaes esteve *Jacob Syrio*, que ensinou aos que levavam seu nome superstições pueris, em quanto aquelles adoptaram o êrro, de que a naturesa do Verbo era mudavel, e que o Espirito Santo só procedia do Pae; os *monothelitas*, de quem foi mestre *Theodoro da Arabia*, e lhes ensinou, que em *Jesus-Christo* havia só a vontade Divina: deste modo passou o seculo 6.°, ao fim do qual appareceu um homem grande, *João Philopon*, inimigo declarado dos novos platonicos, porque encontrou em suas doutrinas a origem de graves damnos ao Christianismo, refutou Porphyrio, mas querendo calcular os Mysterios Divinos pelas ideas de Platão e Aristoteles, se tornou chefe de uma nova seita, a dos *tritheitas*, *suppondo na Santissima Trindade*, *trez naturezas particulares*, esquecendo *a naturesa commum*, e estabelecendo *tres deoses*; e pelo 7.° renovaram o *monothelismo Sergio* de Constantinopla, *Cyro* de Alexandria, e *Macorio* de Antiochia, os *Georgianos*, e *Marão* com sua seita, que excluiu de *Jesus-Christo* não so duas vontades, mas duas neturesas, e duas operações, e de que os sectarios passados quinhentos annos reconheceram os erros: entretanto para cúmulo dos males veio o unitario *Mohammed* tão torpe, como se representou já: no seculo 8.° appareceram os *iconomacos* ou *iconoclastas* (que não admittiam o culto das sagradas imagens) dos quaes foi o maior fautor Leão *isauro*, e o mais poderoso adversario o illustre Confessor de *Christo* S. João Damasceno; este bem aventurado Padre, sem questão o homem mais sabio do seu seculo, viu, como *Philopon*, os males, que do novo platonismo e de todos os erros philosophicos se seguiam á Igreja de Deos, e quiz dar-lhes remedio, porem seguiu uma vereda differente do famoso fundador do *tritheismo*, pondo antes de tudo por deante dos olhos a humildade Christã, applicando a philosophia ao ensino da theologia, e servindo-se della com rectidão e prudencia no desenvolvimento das verdades orthodoxas, em que mostrou não só a profundidade de seus conhecimentos, mas as luzes celestiaes, que o auxiliaram: no seculo 9.°, *Miguel Psello o velho*, deu vida á philosophia dos novos platonicos, e deixou por discipulos *Phocio*, de quem já se viram os erros, e o imperador Leão o *sabio*, que restaurou o ensino classico nos seus dominios, e que, apesar de seus cultivados talentos e da opposição a *Phocio*, não deixou de ser supersticioso e dedicado ás práticas mysteriosas das velhas escholas: no seculo 10.° a cegueira por Aristoteles, que já vi-

nha do antecedente, continuou apparecendo nos commentarios, compillações, e paraphrases, e de que foram apologistas *Nicetas David* discipulo de Leão o *sabio*, e outro *David*, como *Miguel Psello*, o *moço*, e *Eutrasto*: no 12.°, *Nicephoro Blemmides*, que soube fazer melhor uso de seus estudos, e confessou, que o Espirito Santo procedia do Filho: no 13.° *Gregorio de Chipre* e *Jorge Pachimeres* com outros, que se lhes seguiram mais ou menos illustres pelo seu saber. Entre Arabes a philosophia tomou o caminho, que permittia a obediencia passiva desta gente á sua regra de fé e á vontade de seus principes; os seus habitos formados sôbre as doutrinas do corão só lhe permittiam adoptar as doutrinas de Aristoteles, e na verdade o espirito de deismo da seita islamitica, que para fins puramente temporaes admitte as futuras recompensas e o culto externo, não podia admittir senão o systema de um philosopho deista, pelo que conduz ao fatalismo, que essa gente professa; os Arabes associaram o estudo das mathematicas e da medicina ao da philosophia; mas, alguns entregando-se ás especulações de um idealismo mystico, as amalgamaram com as doutrinas do corão, segundo Degerando; por isso (e o disse este sabio historiador) a philosophia entre os discipulos de Mohammed dividiu-se em dois ramos principaes, o primeiro comprehendendo a logica e a methaphysica de Aristoteles, e o segundo referindo-se á theologia mystica adoptada por diversas seitas, especialmente pelos que abraçaram o partido de Ali; o kalifas prepararam successivamente, conforme o mesmo historiador, essa educação intellectual dos Arabes, e fizeram apparecer entre elle as primeiras luzes das letras e das sciencias, como foram os sabios El-Mansour, Aroun-al-Rascid, e Almamoun, o primeiro associou o estudo da legislação ao da philosophia e astronomia, o segundo manifestou a sua tendencia para a poesia, e o último junton de toda a parte os escriptos, *que continham o depósito da antiga sabedoria dos Chaldeos, Persas e Gregos*, reuniu a si os homens capazes de ensinar as doutrinas contidas nesses livros, e em cada mesquita fez abrir uma eschola; e com relação á Hespanha, entrando no gôsto, que os antigos habitantes tinham pela instrucção, tornaram-se celebres pela cultura as cidades de Cordova e Granada, como fora da peninsula o eram Bagdad, Bassorá, Cairo, Tremes, Tripoli e Marrocos: João Philopon e S. João Damasceno começaram primeiro, que ninguem a desbravar a rudez selvagem dos mahometanos, e se lhes seguiram no oriente os medicos christãos, João Mesueh, que moveu Almamoun, o último desses kalifas, a erigir os estabelecimentos litterarios, e foi o director delles, e seu filho Gonain, que traduziu do grego em arabe os escriptos dos philosophos; em nossa terra os Bispos, os Sacerdotes e os Monjes, que viviam nos dominios do islam, inspiraram a esses conquistadores o gôsto pelas sciencias, e os ensinaram: o primeiro Arabe, que se mostrou cego amador de Aristoteles foi *Alkendi*, que escreveu differentes obras philosophicas, e alcançou os tempos de Mesueh e Gonain: seguiram-se no seculo 10.°, *Mahommed Ibn Tarkhan Abu Nars Al-farabi* author de dois pequenos tractados, segundo o espirito da philosophia do mestre de Alexandre o *grande*; *Ibnu Siná* (Avicenna), que se mostrou aos mossulmanos, como um prodigio de sciencia em differentes ramos de sua applicação escrevendo sôbre as traças de Aristoteles, e illustrando-o mesmo, porém não sahindo de modo algum das leis por elle impostas: veio no seculo 11.° *Al-ghazali* um dos mais Arabes distinctos, por seus estudos, que reproduziu o systema de Avicenna, e se tornou notavel pelo sceptismo critico: no 12.° (ou nos fins do antecedente) *Avicebron* foi author das doutrinas, que produziram mais tarde em dois Christãos Francezes o absurdo de identificar o universo com Deos, considerando-o a materia primeira, reconhecendo nella as Tres Pessoas da Santissima Trindade, dando a cada uma reinados differentes, e fazendo encarnar o Pae em Abrahaam, cujo reino acabou com a lei escripta, ó Filho em *Jesus-Christo*, cujo reino estava a passar, por isso os Sacramentos não tinham virtude, e ao Sacerdocio faltava jurisdicção e authoridade ligitima, visto que o reino do Espirito Santo era proximo, e a Religião devia ser toda interior; e que tambem deram origem aos conceitos do famoso Raymundo Lullo: *Abu-l-alwalid Ibn Roshd* (Averroes) natural de Cordova, refutou Al-ghazali, contribuiu poderosamente a consolidar a authoridade dispotica, que Aristoteles tem exercido nos tempos posteriores, e consummou a alliança do novo platonismo com o peripateticismo; e outros se seguiram escravos desse systema, apresentando ao menos uma circumstancia nova: devendo entre elles lembrar-se *Thophail* author do livro, dito na lingua latina, *Philosophus Autodidactus*, que não occultou a influencia exercida pelas doutrinas mysticas sôbre muitos dos Arabes, e a sympathia destes pelo neoplatonismo, attribuindo elle mesmo na introducção ás inspirações de extase as luzes, que manifestaram os sabios da sua gente; mas é necessario advirtir, que a doutrina da união intima da alma com Deos lançou mais raizes entre os *sofis* da Persia [1] segundo era necessario, tendo a vida comtemplativa como meio de se identificar com Deos, porque gradualmente por ella se chega ao último grão da absorpção perfeita: seguramente se ha dito bastante em differentes logares d'este escripto para se podêr remontar á origem de tudo isto, e ao conhecimento de seu resultado moral. O povo de Israel teve sabios mestres, que depois de sua dispersão ensinaram nas escholas de Nahardéa e de Sorá pelas vesinhanças do Euphrates, em Pombedita e Mehasiah na Babylonia, e na Persia, para onde de toda a terra ia esse povo apprender; porém todas essas escholas acabaram pela persegaição dos kalifas do oriente no começo do seculo 11.°, e principiou então a ser famosa eschola de Cordova, que por idéas de politica auxiliára poderosamente Hisham 2.°, conforme escreveu o academico Antonio Ribeiro dos Santos, e da qual fôra primeiro professor o Rebbi *Moseh*, um dos mais distinctos da eschola de Pombedita, que viera a Hespanha, e que aquelle principe não deixou voltar á sua patria: dividiam-se essas escholas em *textuolistos*, porque seu estudo se restringia á interpretação litteral do Texto Sagrado, d'onde veio, que nenhum subsidio externo procuravam; em *rebbanitas*, que reputando insufi-

[1] Um idealismo exaltado é, sôbre que se fundam doutrinas mysticas, que levam a comtemplação até ao extaze, e que fazem derivar da união intima com a Divindade a communicação de toda a luz; esse idealismo, e seus resultados, foram a base da sciencia da China e India, dos Magos, dos Gnosticos, e da religião do Tybet, cujo reino espiritual, recebeu muitas fórmas da seita nestoriana, como os restantes cultos da Asia as adquiriram do Judaismo e do Christianismo, segundo lembrei: esse idealismo, e seus resultados, viram-se entre os Judeus da Grecia, Alexandria e Roma, entre os Arabes, e sofis da Persia, como ponderou Degerando, e eu tenho feito ver.

ciente o Texto, Sagrado se davam ao estudo das tradições; e em *cabalistas*, que interpretavam o Texto Sagrado sôbro certas regras dos antigos mestres, e o explicavam por combinações de números e lettras; por isso estas duas últimas seitas tinham relação com as escholas philosophicas: entre os *rabbanitas* se professavam as doutrinas do Aristoteles, por quem havia grande veneração, mas não se despresava o neoplatonismo; e os *cabalistas* formaram um systema composto das doutrinas pythagoricas e platonicas, dessentindo da nova eschola de Platão, porque em quanto esta admittia a unidade absoluta e numerica do pantheismo, elles a recusavam: estas escholas produziram homens notaveis em todas as edades, mas eu apontarei tres distinctos do seculo 12.°, que, segundo escreveu o academico referido, mereceram contar-se entre os maiores homens, que teve a synagoga, os rabbinos *Moseh Bar Maimonides*, *Abraham ben Ezra*, e *David ben Joseph Kimchi*, e de que os primeiros dois com o rabbino *Chinania ben Isaac* receberam eguaes elogios de outros escriptores; mas sem questão *Maimonides* os excedeu, e todos elles, mais ou menos, encontravam o fundamento de suas doutrinas em as de Aristoteles, dos Arabes o de Alexandria. Veremos, entretanto, até que ponto chegou a degradação das escholas entre os Christãos Latinos: para me conformar aos principios recebidos, o segundo a disposição methodica do Degerando, direi, que os caracteres da *philosophia escholastica*, como chamam a das escholas occidentaes Christãs da meia-edade, fundavam-se n'um principio de emitação da philosophia antiga de todas as escholas precedentes; na submissão ao jugo da authoridade; na subordinação ao ensino religioso, porque concentrada nos Seminarios (como hoje dizemos) e nos Mosteiros, não podia ter outro destino; na adopção d'um methodo imperfeito, como preliminar de toda a doutrina positiva, que no volver dos tempos se resentiu de mais em mais dessa imperfeição, levando-se as cousas a um dogmatismo cego e absoluto, e esquecendo-se o estudo da naturesa physica e da historia moral; o novo platonismo, emfim, a eschola Arabe, e finalmente Aristoteles reinaram com podêr dispotico, nas escholas: as guerras violentas, que deram cabo do imperio occidental, e obrigaram a trocar o livro pela espada, bem como a barbaridade dos conquistadores, consumiram escriptos, e tiraram o socêgo, que os bons estudos requerem, de modo que os primeiros discipulos, que substituiram no ensino os mestres do seculo 5.° eram tão inferiores, que não podiam comparar-se-lhes e o mal foi progrediudo, até que a paz veio dar occasião á cultura dos espiritos, e o pensamento de aprender em Constantinopla, e onde quer que se abrisse uma eschola, appareceu, e durou muito tempo; mas no oriento as cousas passavam, como se tem visto, pelo que a instrucção do occidente não podia ser melhor que a dos mestres, de quem se ouviam lições; apezar d'isso o seculo 7.° produziu em Hespanha uma luz brilhantissima, além de outras, Santo *Isidoro* de Sevilha, que embora fôsse apenas um compilador, ainda que de bôa escolha, como disse Degerando, não será muito facil encontrar nesse seculo, em todo o mundo, quem conhecesse a sciencia e tão universalmente como elle, e ainda menos, quem fizesse melhor uso della, não se ligando a systema algum, nem tendo outro fim senão a verdade em suas indagações; no seculo 8.°, como que seguiram suas traças nas Ilhas Britannicas *Adheleno* e ainda mais o veneravel *Bedo*, posto que delle se diga, que foi só compilador; seguiram o célebre *Alcuino* seu compatriota, restaurador dos estudos em França, e o wesigodo *Theodulpho* Bispo de Orleans com o Deacono de Aquilea *Paulo* e o Bispo dessa Igreja *Paulino*, que promoveram na Italia essa restauração; mas em quanto os esforços destes grandes homens progrediam d'uma maneira incrivel, os Bispos *Felix* de Urgel e *Elipando* de Toledo imbuidos nas doutrinas dos gnosticos, e tomando por base a unidade de Deos, segundo se encontra no corão, a fim de attrairem os islamitas ao Christianismo affirmaram, como Nestorio, que em *Jesus-Christo* havia duas pessoas, e que em quanto homem era filho adoptivo de Deos, subsistindo o primeiro no êrro apesar da renúncia do segundo: no seculo 9.° *João Scoto* renovou o novo platonismo em França e Inglaterra, e foi propriamente o fundador do systema escholastico, que por muito tempo permaneceu nas escholas Christãs, e que eu estou bem longe de defender por causa das questões pueris e do máo caminho, que todos levaram; mas é necessario dizer, que, apesar disso, no geral a cega obediencia á authoridade dos mestres, e esse dogmatismo absoluto que se alardêa, só consistia no methodo da sciencia, como affirmou o sabio Rohrbacher; e na verdade não foi esse methodo, que perverteu *Claudio* Bispo de Torim para se fazer iconoclasta, mas o philosophismo oriental, nem os *Casionistas*, que atormentaram com suas loucuras e deboches a Andaluzia, nem o famoso Bispo *Hostigozio* para negar a immensidade de Deos, nem outros perdidos, mas as toleterias de Bysancio e as relações com os Arabes: no seculo 10.° o Santo Padre *Silvestre II*, *Fulberto de Chartres* e o Monje *Constantino* entregaram-se a todo o genero de estudos, sem se ligar especialmente a este ou áquelle systemo; e *Gunzo* de Verona apresentou opiniões contrárias a Platão e Aristoteles sôbro a realidade objectiva das noções geraes: no seculo 11.° *S. Pedro Damião* abandonando Aristoteles admittiu, quanto ao methodo, algumas ideas dos novos platonicos, mas *Berengario*, negando a Presença Real na Eucharistia, apresentou-se mais sequaz dos philosophos do paganismo, que justo apreciador de suas obras, porque oppondo á fé os sentidos e a imaginação, preferindo a soberba á humildade Christã, e occultando sua superficialidade com o abuso da dealectica, quiz antes imitar os erros das escholas peripateticas do que os sentimentos orthodoxos dos Padres da Igreja; não foi assim o Beato *Lanfranco*, que o combateu, e soube derramar grandes luzes nas doutrinas escholasticas guiado por uma judiciosa prudencia exclusiva dos doutores Christãos, e sobretudo daquelles, que preferiram a humildade Evangelica ao espirito faccioso e innovador: no seculo 12.°, do mesmo modo obrou seu discipulo Santo *Anselmo* de Cantuaria, que, seguindo as traças de *S. Pedro Damião*, tomou por guia de seus trabalhos a Santo Agostinho, e por egual modo *João de Solysburi* Bispo de Chartres; *Hildeberto* Bispo de Tours tão célebre por seu saber como por sua virtude, o que andou por caminho bem differente de Berengario seu mestre, e *Hugo de S. Victor*, que soube dar preferencia a Platão sobre Aristoteles, foi o primeiro deste longo periodo, que fez estudo sôbre a psycologia, e obrou como Santo *Anselmo* em seus estudos: differente caminho seguiu *Roscelin*, que levantou a scisão na eschola instituindo uma nova sciencia de palavras, e uma nova philosophia, attribuindo tudo á fôrça dos termos, e envolvendo a rasão em imagens materiaes, mas Santo *Anselmo* e *João de Salysburi* combateram esse principio, e d'ahi veio a distincção entre *nominaes* e *realistas*, dando-se a eschola do *Roscelin* o primeiro nome, e aos seus contrarios o segundo; *Pedro Lombardo* Bispo de Paris e

outhor do *Mestre das Sentenças* foi propriamente o fundador da *eschola realista*; em quanto aquella de Roscelin produziu *Abailardo*, que ensinou a deseguualdade das Pessoas na Trindade Santissima, porém retratou-se; *Arnaldo de Brescia*, que por um lado sentiu mal da Eucharistia e por outro levou o espiritualismo a recusar a posse dos bens temporaes ao Clero; mas isso não foi senão por adular o podêr temporal interpretando maliciosamente a Sagrada Escriptura; *Gilberto* Bispo de Poitiers, que delirou, segundo sua eschola, a ponto de considerar a Trindade Santissima não um Deos, mas uma deidade, que não era Deos; e o Abbade *Joaquim*, que, pretendendo combater Pedro Lombardo, tambem sentiu mal da Trindade Santissima; fóra destes o seculo 12.° ainda viu *Pedro de Bruis* inimigo da Eucharistia, do Culto, das preces, e das bôas obras; os *albigenses*, que se oppozeram, com os *waldenses* ás indulgencias, á invocação dos Santos, e ao podêr Ecclesiastico, e adoptaram expressamente erros dos manicheos; e *David de Dinant* com outros, os quaes todos se fundavam nas doutrinas dos gnosticos, que por esse tempo subsistiam em França: o seculo 13.°, disse Degerando, se caracterisa debaixo de uma relação duplice, porque recolheu os effeitos da cultura, que começou a tornar-se geral, e porque os estudos dos homens instruidos principiaram a abraçar uma esphera mais extensa, encontrando-se, segundo esse historiador, o segundo caracter especial deste seculo em dois factos positivos: o conhecimento dos escriptos dos Arabes e das obras de Aristoteles; e isso veio determinar o espirito e a fórma da philosophia da sua epocha: os escriptos de Aristoteles entraram então por inteiro na Europa, e com os de Averroes foram recebidos com grandissimo enthusiasmo na Allemanha e França, sendo principalmente o celebre Frederico *barba-roxa* quem procurou vulgarisar aquelle philosopho, fazendo traduzir o original grego de suas obras por Miguel Scot (foi isto cousa natural, porque o amigo de Mohammed não podia deixar de querer, que as theorias do deismo e do despotismo fossem cultivadas por seus vassallos para ter mais auxiliares contra a Igreja e a humanidade); entretanto a academia de Paris condemnava a lição das obras de Aristoteles, e a Santa Sé os erros do pantheismo mixto dos novos platonicos reproduzido em França, e que se intendia originado das doutrinas do célebre fundador da eschola do Lycêo; mas, como disse aquelle historiador, o nome do Beato *Alberto* o *grande* e a authoridade de *S. Thomaz* deram outra direcção ás cousas fazendo admittir Aristoteles todo inteiro, porque servindo-se delle não prevaricaram; por outro lado estabeleceram uma nova senda á philosophia escholastica *Hales* introduzindo as formas syllogisticas no ensino da theologia; *Guilherme de Auvergne* estudando todos os Gregos, Arabes e Judeus, ordenou um corpo da sciencia philosophica, em que apparecem alguns traços de Platão, mas como theologo se mostrou fiel á doutrina da Igreja; *Rogero Bacon*, que primorosamente soube as sciencias physicas e mathematicas; *Vicente de Beauvais*, que procurou conciliar a Platão com Aristoteles; *Gil Colona*, *S. Boaventura*, *Pedro Julião*, que depois subiu á Cadeira de S. Pedro, *Henrique* e *Ricardo de Medeavilla* foram outros tantos doutores que bem mereceram por seus trabalhos litterarios; mas *Duns Scot* sem dúvida adquiriu na eschola maior distincção, elevando seus estudos a uma esphera mais alta, combatendo frente a frente com os discipulos de S. Thomaz, e dando principio á famosa lucta escholastica entre a ordem de S. Francisco, a que pertencia, e a de S. Domingos, de que S. Thomaz fôra filho, porque affirmava contra a outra parcialidade não terem as faculdades da alma existencia distincta entre si, nem existencia separada da alma: e sôbre estes principios se elevaram questões theologicas entre uns e outros, sem comtudo de um ou outro lado haver nessas questões excessos em relação á Fé; porém isso não aconteceu com *Raymundo Lullo* de Terraga, que se enlodou no mixticismo, e, como alguns outros, suas applicações o levaram a errar no caminho do justo: os *nominaes*, que haviam terminado no seculo, que os viu nascer, resuscitaram no 14.° para entrarem em lucta contra os *realistas*, que os haviam destruido; *Guilherme Ockam* discipulo de *Scot*, que havia defendido o *realismo* com grande valentia, oppoz-se ao mestre, combateu os argumentos, em que elle pretendeu fundar o seu triumpho, e tentou uma reforma difficil adoptando um systema simples e indicado pela natureza das cousas, e apresentando independencia e originalidade, segundo parece do sentir do historiador, que principalmente sigo neste periodo: contra elle e em favor de *Scot* se levantou *Burleigh*, que defendeu a realidade objectiva das noções geraes; mas o *realismo* teve adversarios em *Julabert*, *Masilio de Inghen*, *Suisset*, *Buridan*, o Cardeal de *Ailly*, e outros a quem senão póde negar muito merecimento: *Gerson*, sequaz da seita *nominal*, intendeu congraçar o *realismo* com ella, dar uma nova direcção ás escholas, e assignar os limites ao mixticismo: nota-se entretanto uma differença neste seculo acêrca do 12.°: lá as heresias sairam dos *nominaes*, e neste dos *realistas*, sendo bem para ponderar, que os primeiros, apezar de se opporem com todas as fôrças aos *hussitas*, defenderam o podêr temporal contra a Santa Sé, e justamente fulminados com excommunhões do Successor de S. Pedro, por sua adhesão aos Soberanos em despeito delle, foram com uma barbaridade selvagem proscriptos e desterrados por Luiz XI no seculo seguinte, talvez por haverem combatido victoriosamente os hereges Hungaros, porque de todo o mal era capaz o filho de Carlos de França; mas a sua defesa foi tão vigorosa, que obtiveram completo triumpho: o *nominalismo*, que conservava as formas exteriores da philosophia escholastica, a combatia na sua essencia, e provocando uma investigação mais seria do fundamento dos conhecimentos humanos, revelou a pouca duração deste periodo philosophico: reconheceu-se por outra parte o pensamento de tratar na eschola a philosophia corpuscular já então mais dominante, que no seculo 12.°, quando *Guilherme de Conches*, um dos novos platonicos desse seculo, tentou dar triumphos a Democrito e Epicuro, pois *Nicoláo de Outricourt* poz todos os seus esforços para conseguir a restauração das sciencias physicas, desacreditando os escholasticos, ao mesmo tempo que o precioso livro da *Imitação de Jesus-Christo* aterrou as escholas insupportaveis pela sua soberba; da eschola de Oxford, onde dominava o *realismo*, saiu *Wiclef*, que vomitou erros os mais absurdos contra o dogma, e mentiu tanto sôbre os factos (o que me faz crer o abandono da historia por taes escholas, ou a má fé, principal escora de todos os hereges); atacou os Sacramentos e a authoridade dos Bispos, considerando seu podêr imaginario; chamou aos Papas vigarios do demonio, e concedeu a todos absoluta independencia para adquirir os meios de salvação estabelecidos por *Christo*; e eram tambem *realistas* os *hussitas*, que adoptaram esses e outros atormentando o corpo de *Jesus-Christo* neste e no seguinte seculo, bem como outros por um mixticismo exaltado:

a origem destas doutrinas e facil de achar pelos meios, propostos neste escripto, e do mesmo modo seus fins.

32. Vejamos agora o, que se tem chamado até hoje restauração, e acêrca de que os seculos futuros necessariamente hão de emittir seu juizo, que talvez será o mesmo de hoje em respeito da época da escholastica: seja como fôr, direi do periodo, que ora se apresenta, fazendo antes umas provenções; e consistem ellas na rasão da utilidade da scieocia: eu considero a philosophia do mesmo modo, que as formas do govêrno, cuja bondade é rolativa á maior somma de bens, que traxem ao homem e ao todo social: se a philosophia, em logar de adoçar os costumes, do coocorrer para a felicidade do homem e do todo social, e de lhes conseguir ao menos uma vida menos atribalada, promovo suas desgraças, deixa de corresponder ao seu nome e ao seu fim, porque em logar de indagar a verdade, sobre que se firma todo o bem, produx a mentira. O caracter geral deste periodo é a investigação, mas os seus resultados não são de algum modo o, que se inculca, porque a soberba inchou os sappostos sahios, que, sem attenderem ao estado corrupto do genero humano, e despresando absolutamente a humildade Christã, ousam proferir, que pelos caminhos da sciencia humana se pode chegar a um estado de perfeição intellectual repugnante á nossa naturesa; e, sem provar a bondade do seus systemas, á fôrça pretendem valer mais, que os antigos, e ohrigar-nos a crer cegamente em suas dontrioas: não ha nada novo, idéas originaes apenas so poderão encontrar nos methodos; e sôbre tudo isto não se arranca uma confissão de pouca valia, se essa confissão não é uma dessas ociosidades, que a convivencia social apresenta a toda a hora: nisto é, que eu acho muita originalidade á chamada restauração; porque os apologistas de tantos beoeficios esquecem-se, de quo em todas as edades, e na passada mesmo, que elles confondem com a da ignorancia, houve muitos varões illustres, qoe pensaram rectissimamente em todos os ramos de scioncia, e muito mais, na moral, quo é a, que tem ligações mais intimas com a humanidade, chegaram até ondo se podia desejar: argumenta-se com ousadia sôbre a perfeição dos conhecimentos physicos, chimicos, e outros: em relação aos primeiros o systema atomistico, exclnindo a Deos do todo o concurso na obra do aniverso, e dando-se uma certa virtude á materia é o mais a que se tem ohegado; acêrca da chimica, deviamos primeiro indagar, se antigamente uma judiciosa politica impedira ou não seus progressos; e isso me parece necessario aotes de apregoar a excellencia do dia do hoje a respeito de todas as applicações da philosophia o das mathematicos: seriam barbaros os governos, que impedissem certos inventos, mas não esta provado, quo elles eram ponco amigos dos homens, e ainda menos o está, que taos inventos sejam absolntamente bons: um govêrno providente e justo calcula primeiro as conveniencias; mas quaodo certos interêsses dominam uns poucos do poderosos, estes não se pejam de taxar os governos do ineptos e ignorantes; os governos, pretendendo repellir do si o labeo, condescendem, e as nações vão, pouco a pouco, decahindo, porque falton, a quem mandava, a virtude moral, a sciencia, e a fôrça de que necessita: basta de considerações, sigamos os historiadores apologistas da restauração. Tres cousas, segundo Deslandes, concorreram para esta: *a primeiea foi o exemplo de algumas pessoas de espirito e de gôsto, que no seculo 14.° começaram a eeflectie sôbre si, e a sacudir o jugo da barbaridade, como Dante, Petearcha e Boccacio; a seguoda foi a protecção esclarecida (e que se tornou em familiaridade), que a maior parte dos principes de então deu aos homens de lettras; e a terceira foi a vinda de alguns Gregos, que se expatriaram voluntariamente e passaeam a Veneza:* conforme o mesmo author, outra se segniu a isto, a fuga de muitos Gregos para Italia, depois da tomada de Constantinopla pelos Turcos: posso ou concordar, quo na generalidado havia grande corrupção nas escholas, o que a reunião desses factos pôde produzir uma reforma; porem não intendo, que se vá mais adeante, muito menos, que por essa reforma so chegasse ao complemento dos bons desejos; o sôbre tudo, com que eu nunca convirei, é com o pensamento abstruso, de que a chamada reforma da Igreja fôsse util para a emenda da philosophia, como pretendeu Brucker, porque nem vi ate hoje, quo a Orthodoxia Catholica impedisse os progressos do sciencia, nem encontro philosophos mais sensatos e mais sabios, do quo (sem fallar nos que os precederam) S. Clemente Romano, S. Justino Martyr, S. Panteno, Origenes, Clemente do Alexandria, S. Gregorio Nazianzeno, Santo Efrem, Santo Epiphanio, S. João Chrysostomo, Santo Agostinho, S. Cyrillo de Aloxandria, Santo Isidoro de Sevilha, S. João Damasceno, e muitos outros, quo todos foram Catholicos Romanos. Existia nas escholas o espirito do partido, e com ello o defeito do conhecimento das linguas e a ponca vontade do se esclarecer para consultar nos originaes os escriptos dos philosophos antigos: tudo isto acabou no seculo 15.°, ontretanto eu desejava, que a emenda do sioilhaotes defeitos não viesse acompanbada de outros; mas tal é a sorte da intelligencia humana! Brucker escreveu, que o primeiro reformador da philosophia (porque com a sua *Graode Arte* pareceu guiar o espirito humano a noções universalissimas e a combinação dellas, como á invenção e amplificação do todas as verdades de qualquer genero) foi o Beato *Raymundo Lullo*; mas toda essa sua arte era mais engenhosa do, que apta ao fim proposto, porque se reduz propriamente a uma sorte menonica ou caballa: nem esta, nem a *Demonstrativa*, nem a *Geral* (se tudo isto é seu) lhe deram merito, porque esse ganhou-o, por outras obras, e por suas grandes virtudes. Seguiu o author da *Historia Ceitica* (Lotion) da philosophia com o poeta Dante, qoe caracterisou como primeiro reformador da litteratura mais elegante e da philosophia; continuou com Petrarcha, e Boccacio, que concorreram com suas luzes, no seculo 14.°, para a reforma do seguinte; e certamente não cahiram nas loucuras dos *leguaedos* e outros perdidos, que pretenderam imitar os antigos *nazareos*, e foram imitados pelos *quietistas* modernos, nem nas do *Wiclef* e *Lolaedo*, de cuja philosophia muito aproveitou Luthero: assim mesmo as livres concepções de nns e outros serviram de base á famosa restauração do seculo 15.°: vejamos os systemas deste seculo: Platão foi o primeiro philosopho da aotiguidade, que estudou seriamente, restaurando sua eschola na Italia o Grego *Jorge Gemisto*, que assistira ao Santo Syoodo do Florença; mas, seguodo se dix, com bastante immoderação; seguiram-se-lhe o illustre Prelado *Besarião*, que levou as cousas a modo de indagador prudente, porque, além de pio e ortodoxo, era um homem muito profundo; a familia *Medicis*, como estudiosa e fautora desse systema, para cujo ensino estabeleceu escholas em Florença; *Marsilio Ficino* o primeiro professor de taes escholas; e *João Pico de Miraodula*, que um pouco se inclioou á astrologia e a ca-

balla, mas na sua apologia se submetteu ás decisões da Igreja: é bem custoso caminhar com rectidão por esta philosophia, sem se prender um pouco com as doutrinas da eschola pagã Alexandrina, por isso mesmo que na epoca, de que ora trato, se quiz ser mais indagador, não se isolando absolutamente das tradições dos platonicos, veio logo Aristoteles, que o Grego *Theodoro de Gaza* cuidou em restaurar, do mesmo modo que *Jorge de Trebizonda*, os quaes a modô da eschola antecedente ácêrca de Platão quizeram levar Aristoteles acima de tudo, mas elle havia passado pelas mãos dos Arabes e dos escholasticos, e sua doutrina era mais erronea, que a de seu mestre: a soberba appareceu como no periodo antecedente, e as contendas entre esta e aquella eschola, escandalisaram um pouco: ao lado desses systemas vingava o de *João Hus* e seu discipulo *Jeronymo de Praga*, que sustentavam os erros antigos reproduzidos por Wiclef, compunham a seu modo as doutrinas, que propalavam, fundando-se na audacia philosophica; e para se evadir a pena merecida por seus crimes recusaram toda a authoridade; porque, por exemplo, considerando a Igreja um corpo mystico exclusivamente composto de justos e predestinados, e não reconhecendo no Santo Padre e nos Bispos mais podêr, que o simplesmente ministerial, a salvo estavam para vomitar quantas blasphemias quizessem. No seculo 16.° renovaram-se as velhas seitas de Pythogoras por *Nicolao Cupernico*, sôbre cujos trabalhos cuidaram de reformar a astronomia *Tycho Brohe*, *João Kepler*, e *Galileo*; de Parmenides por *Bernardino Telesio*; de Aristoteles por *Nicolao Leoncio Thomaeo*, *Nicolão Machiavel*, *Pedro Pomponecco*, *Paulo Jovio*, *Julio Cesar Vonini*, *Alexandre e Francisco Picolimini*; de Platão e dos stoicos por *Pedro Ramos*, reformador da philosophia nacional, e um dos maiores adversarios, ou para melhor dizer, inimigos, que tem tido Aristoteles, embora alguma cousa se apreveitasse delle; dos scolasticos por *Fr. Domingos Soto*, e muitos outros: com estes seguiram alguns uma philosophia de imaginação, raciocinando de má sorte sôbre certas doutrinas antigas, como o visionario *Theophrato Paracelso;* outros um syncretismo ou reconciliação do inconciliavel, isto é, das Sagradas Lettras com as seitas philosophicas, de que deram exemplo *Guilherme Postel*, *Mucio Pansa*, *Eugubino* e ainda mais; certos oppondo-se aos conceitos philosophicos, mas baseando suas doutrinas sôbre as dos philosophos, como *Luthero* pae dos heresiarchas modernos, *Hofman*, e differentes: entre os electicos pozeram *João Bruno*, que pôde ser um bom pantheista; *Jeronymo Cardon* obscuro e supersticioso; porém assim me faltam fôrças para ter nesta conta outro, que não seja o doutissimo *João Luiz Vives* pelo caminho recto, que seguiu. No seculo 17.° continuaram os scolasticos; e appareceram de novo os scepticos, das quaes mencionarei o Portuguez *Francisco Sanches*, *Jeronymo Hirnhaym*, o Bispo *Huet*, e *Pedro Boyle*, que andou por ma estrada, e foi tido por atheu: ao lado destes restauraram a eschola Jonica *Claudio Berigardo*, que não pôde tambem passar sem ser accusado de atheu; as doutrinas pantheistas, *Bento Spinoza;* as materialistas, *Daniel Sennerto*, *João Chrysostomo Magneno*, *Hobes* e *Pedro Gassendi*, que dobraram o joelho deante dos velhos atomos; de Aristoteles o Padre *Malebronches*, que pretendendo accordar a philosophia de Descartes com a Religião, entre outros erros tirou a liberdade a Deos; *João Locke* tão confuso, que talvez elle mesmo se não intendesse sôbre a naturesa da materia, e do qual disse um sabio moderno, que não era mais Christão, que Mohammed ou o Grão-Turco: entre os electicos notaram-se o chanceller *Bacon* pae da philosophia experimental; *Izaac Newton* restaurador das sciencias exactas, o notavel pela sua theoria da luz, sôbre que reproduziu as ideas de um Padre da Igreja, *Descartes*, creador de nova eschola de raciocinar; *Leibnitz*, espirito prodigioso, que profundou as doutrinas de todos os philosophos; *Hugo Grocio*, que cuidou de restaurar a philosophia moral; e ainda outros, a cujo número se devo juntar o veneravel *Fenelon*, se eu devo intender por electicismo uma liberdade regrada de aceitar o, que convém a rasão pura e a verdade: de outro lado progrediam os erros detestaveis dos discipulos de Machiavel; se renovavam por *Miguel de Molinos* os do velho quietismo; e da amalgama de differentes seitas appareceu o jansenismo propagado por *Marco Antonio de Dominis* e *Haurame;* bem como o systema de egualdade entre os homens e da liberdade de julgar sôbre o Texto Sagrado, ainda mais lata do que o pretendeu Luthero, propaladas pelos *Quakeres* ou visionarios Inglezes, que no fundo não é senão o deismo revestido de certas formulas Christãs. Seculo 18.° *a heresia collectiva*, disse um sabio historiador, *conhecida debaixo do nome de philosophia do seculo* 18.° *herdou as heresias de Jansenio*, *Luthero*, *Calvino*, *assim como de todas as heresias anteriores comprehendidos* o *mahometismo e o paganismo;* e, a respeito do qual, um philosopho recente accrescentou =que um materialismo audacioso e um scepticismo cego nascido dos principios do seculo 17.° se tornaram toda a sabedoria do seguinte seculo, frivolo, egoista e sensual, que começou pelo deboche, e veio a acabar pelo sangue=d'aqui passou-se, segundo elle, ao racionalismo, caracterisco do seculo actual, que para escapar ao scepticismo vae cahir no pantheismo [1]: outro escriptor (Amando Saintes), depois de dizer, que Fortalage, tratando de Kant, escrevêra « *a philosophia contemporanea assimilha-se a um immenso edificio composto todo de pequenas cosinhas, cada uma das quaes era occupada por um philosopho, sendo Kant* o *fundamento do edificio* » ac-

[1] *La philosophie française, fondée par Descartes* (não é sôbre a sua dúvida methodica, que o author quiz fallar), *fût developpée par Malebranche dans le sens du plus haut spiritualisme. Déjà elle se mettait en harmonie avec le christianisme; la voie ouverte; le temps devait amener les perfectionnements necessaires à la constitution d'une philosophie complète. Mais ces developpements furent arrêtés et violamment interrompus par l'introdution des doctrines de Locke. La philosophie de la sensation, qui avait eu des precurseurs en France dans l'école de Gassendi, s'etablit parmi nous, et devint dominante vers le milieu du* 18.*me siècle. Ce siècle frivole, égoiste et sensuel, ne pouvait avoir d'autre philosophie. Il trouvait dans le systeme du philosophe anglais, commenté et perfectionné par Condillac, toute la science dont il sentait le besoin. Un materialisme audacieux et un scepticisme aveugle naquirent des principes adoptés et devinrent toute la sagesse d'une époque qui plaçait le bonheur dans les jouissances materielles. Des voix éloquentes sans doute protestèrent contre des tendences aussi abjectes; mais ces voix furent impuissantes; la foi ne les animait pas; elles proclamaient un vague et inutil deisme incapable de régénerer la raison affaiblie. Cependant les loix éternelles de l'ordre de conservation des sociétés avaient été violées; rois et peuples s'étaient laissé seduire et enivrer par les leçons de l'erreur parée des agrements de l'esprit, aux appâts d'une corruption elegante; le clergé lui-même dans un trop grand nombre de ses membres, était profondement dechu de la foi chretienne, et de l'esprit chretien. Tant de violations ne pouvaient rester impunies*, et le siècle, qui avait commencé dans la debauche, vint finir dans le sang. MARET. —*Essai sur le Pantheisme dans les Sociétés Modernes*, chap. 1.°

crescentou, que era mais exacto substituir Spinosa ao nome de Kant, e representar o edificio fluctuando nos ares: tal é a moderna philosophia, quero dizer, é o que não podia deixar de ser com elementos do seculo passado, como a desse fôra com os do seculo anterior; mas vejamos o, que desse seculo 18.º se póde affirmar. Resume-se em pouco toda a sua historia: materialismo representado por *Diderod;* scepticismo, inconsequencia e contradicção representada por *João Jacques Rosseau*; sophisticismo e libertinagem representados por *Voltaire*; superficialidade representada por *Wolf*; e obscurantismo representado por *Kant*: tudo isto poz em acção as almas damnadas de *Weishaupt, Zwnch, Knigge, Lanz*, e de todos seus associados occultos, e produziu o espantoso facto da revolução desastrosa da França no fim do seculo, com suas consequencias, que em todas as relações estamos sentindo.

33. A Igreja de Deos fundada sôbre doutrinas absolutamente conformes á rasão e á dignidade do homem, e dirigida pela moral mais pura, apezar da lucta feroz, que contra ella empenham a politica, a falsa sciencia e a corrupção mantida por uma e outra, caminha triumphante pelo tempo á eternidade, que é o seu destino! A ambição de dominio, a impiedade e o sensualismo concorrem, sem o quererem, para suas victorias! O despotismo elevado á condição de podêr, sem muitas vezes ser percebido pelos proprios tyrannos, o êrro usurpando com audacia o assento da sabedoria, e a materia subjugando com todas as suas fôrças o espirito, em quanto procuram anniquilla-la, precisam cobrir o rosto e voltar as costas ao campo da batalha, onde a desfeita lhes cabe em sorte! Eis-ahi a historia do Christianismo durante dezenove seculos, direi melhor, desde a origem do mundo, porque o Christianismo foi revelado a Adão, promettido a Abrahão, e manifestado no Homem-Deos, no Filho da Virgem! O primeiro inimigo da Igreja de Deos, que disputa sôbre a authoridade espiritual, de que ella é a unica depositária, a politica, por outro nome, a ambição de dominio, ou o despotismo, apresenta-se na lide á frente dos outros inimigos, e exige obediencia ou morte! Os fundamentos dessa lucta pendem, de que os Soberanos esquecendo-se, que são Christãos, ou não o sendo, pretendem, como os imperadores romanos do tempo do paganismo, reter o titulo de Summos Pontifices, segundo disse um sabio Dominicano, ainda não ha muitos annos, e que eu contemplo no número dos mais valentes soldados do exército Christão, o Padre Fr. Henrique Domingos Lacordaire [1]! Os combates tem sido muito violentos, mas os podêres da terra não venceram ate hoje, embora empenhem a palavra, os grilhões, a espada, o cutello, e...! Conforme o illustre Sacerdote, o espirito de dominio, que persegue constantemente a Igreja de Deos, aceita o protestantismo, porque desse modo fica o unico senhor da sociedade: é isto o, que se encontra no volver dos seculos, durante os quaes os podêres da terra deram provas nada equivocas de sua tendencia para emancipar-se da authoridade da Igreja, sobordina-la a seu braço, e não so isso... muitas vezes tem authorisado a licença, porque com ella se afrouxam os deveres da obediencia áquella authoridade! Os vicios de Nero, monstro coroado, e o interesse dos ministros do culto idólatra, seriam a unica causa da primeira perseguição, que soffreu a Christandade? A mim me parece, que não: sem dúvida que a raiva sacerdotal foi um dos motivos de perseguição, bem como a perversidade do author do incendio de Roma foi o motor das horriveis atrocidades praticadas nessa perseguição, segundo Tacito as referiu; mas intendo, que alguma cousa mais deu impulso aos decretos de exterminio e morte, aquillo mesmo que mais tarde teve fôrça para obrigar Alexandre Severo a consentir no martyrio de alguns Christãos, isto é, a ambição de dominio dos jurisconsultos Ulpiano e Paulo, porque desde o estabelecimento da Igreja se annunciaram não só os Mysterios, os Preceitos, a fórma de Culto, mas a Jerarchia e seus podêres, e estes contrastavam a constituição da authoridade temporal, como unica no estado, ao mesmo tempo que o número dos Christãos dentro e fóra de Roma, no tempo de Nero, era tão avultado, como do proprio número dos Martyres se deduz. A Jerarchia e os seus podêres não eram um segredo desde o momento da prégação e escriptos dos Apostolos e seus discipulos, por isso assignar ás perseguições o só motivo de opposição ao culto recebido a professado por lei no imperio, parece um grande absurdo: como era possivel, que homens illustrados ignorassem até onde podia elavar-se a obediencia passiva dos Christãos aos seus Sacerdotes? não ouviam esses homens as prégações, não liam os escriptos, não presenceavam a submissão dos Martyres á voz dos Pastores? Diga-se o, que se quizer, mas não me convencerão, de que entre os idolatras Romanos e não Romanos as perseguições se originaram apenas da reprovação do culto do paganismo pelos Christãos, salvo em paizes selvagens: fallo das perseguições decretadas pela authoridade civil. Depois de se dar no imperio a paz á Igreja, que e o, que se encontra da parte dos governos? O proprio Constantino e seus filhos não repelliram a apellação dos arianos, e se arvoraram em juizes do, que lhes não pertencia, desterrando e perseguindo Catholicos, apezar da opposição do grande Ozio de Cordova e de outros Bispos; e, para o dizer de uma vez, de todos os Imperadores Romanos apenas Theodosio I conheceu toda a extensão dos seus devêres para com aquelles, em cujas mãos o Salvador depositou o podêr sôbre essa sociedade, de que elle é a cabeça: mas quem era Theodosio? o melhor principe, que tem governado povos, e que, se uma vez peccou, soube emendar-se, como outro não fez. Em quanto na Italia os barbaros, que dilaceraram o imperio Romano, levantavam os primeiros vestigios do padroado, no oriente Justiniano I o elevou á cathegoria de principio, introduzindo forçosamente Anthimo na Santa Igreja Apostolica, e, estendendo seu dominio mais longe, desterrou o servo de Deos S. Silverio, por não querer obedecer a seus mandados, como depois perseguiu a Vigilio seu sucessor, em rasão de não satisfazer as pretenções hereticas da Imperatriz Theodora: desde essa epoca ora um ora outro Soberano, movido por instigações dos politicos, mais ou menos se esforçou em tirar a liberdade á Igreja nas suas eleições, como principalmente aconteceu durante o seculo

1 « *Lors que l'Eglise catholique vint s'établir dans l'empire romain, elle n'y trouva qu'une seule autorité, l'autorité civile. Les empereurs, héritiers de la république, avaient ajouté à leurs titres de Césars et d'Augustes celui de Souverains Pontifes, et l'Eglise, en s'établissant, n'eut pas une prétencion moindre que celle-ci: de leur ôter ce titre de Souverains Pontifes, et d'élever à côté de la puissance civile une puissance spirituelle. Elle le fit, et dès lors ces deux puissances ont marché côté à côté, tantôt s'appuiant, tantôt se combattant, tantôt se delaissant.* » Sixième Conférence *sur les Rapports de l'Eglise avec l'ordre temporel* no tom. 1.º das. que teve na Santa Igreja Metropolitana de Paris.

10.°, em que os escandalos dos principes de Italia chegaram nessa parte ao maior auge, ou cuidou do ingerir-se tyrannicamente em seus negocios, ácêrca dos quaes Deos lhes não deu podêr algum, e isso se viu nos factos de Heraclio, Constante I, Leão *isauro*, Miguel *porfirogenito*; e porque os máos exemplos produzem o augmento de torpesas, uma nova era mais desastrosa abriu nos fins do seculo 11.° o notavel Henrique de Allemanha, que foi continuada por seu filho do mesmo nome no segeinte, e por Frederico II seu sucessor no 13.°, e na qual se distinguiu Filippe *bello* de França no 14.° consummendo a iniquidade, porque desde essa época nunca mais os politicos deixaram de apregoar, como doutrina, a sujeição da Igreja ao podêr temporal fazendo apparecer mais ou menos claro nas leis e nos actos publicos esse horrivel crime, oe, conforme dizemos, peccado contra a palavra de Deos espressa pela bôcca do Salvador e dos Apostolos: foi o espirito de dominio, o nada mais, ainda o repito, que poz nas mãos dos politicos o latego contra aquelles, a quem Deos entregou exclusivamente o govêrno da sua Igreja; mas o peor de tudo isto é a perversidade altamente traiçoeira, com que esses famosos discipulos de Aristoteles pretenderam queimar homens em nome de *Jesus-Christo*, involvendo-se no mento sacerdotal para lhes não serem imputadas similhantes atrocidades, e servindo-se da ignorancia on do zêlo mal entendido de muitos Sacerdotes até ao ponto de os fazerem instrumentos dessa sua inaudita perversidade! E tempo de se levantar um clamor ao pé de quem iniquamente clama contra a Igreja, é tempo de dizer bem elto: « *Vos, que em Hespanha e Portugal queimaveis hereges e Judeos, em Inglaterra, na Hollanda, na Russia e outros paizes estrangolaveis os Catholicos, com a mesma hypocrisia e por meio de formulas identicas!* » [1] Outro exercito não menos poderoso combateu e combate ao lado da politica anhelando a destruição do Christianismo: nesse estão alistados os, que presumem saber tudo, ignorando toda a verdade, oe aquelles, que pretendem tê-la achedo procurando-a prevenidos pelo espirito do êrro em seguindo sem criterio e com paixão systemas antigos, ou consultando simplesment a sue rasão obscurecida em preconceitos ou por interêsses: felizmente o Christianismo entre taes inimigos encontrou Simão o *mago*, Vilgardo, ou os Turlupinos, que apenes souberam vomitar tonterias; Plotino, Porfirio, Felix e Elipando, ou Viclef, que pozeram seus esforços em destruir abertamento a Religião de *Jesus-Christo*, ou vicia-la com as sentenças das escholas philosophicas; Valentim, Mohammed, Phocio, Luthero com seus sequazes, Machiavel, Baile, Helvecio, Diderot, Volney, Alembert com quantos no passado seculu se presaram de espiritos fortes, e que por interêsses ou por maldade se apresentaram na lucta: estas tres classes, em que entram todos quantos inimigos conta a Igreja de Deos, não tem sido menos perigosas do que a politica, porque além do crua guerra, que ellas fizeram, e que estão dispostos a fazer os, qee seguem suas doutrinas e sentimentos, produziram aqui a divisão e acolá a indifferença, que eu reputo o peor de quantos males podem vir ás sociededes. A par de tudo isto tem combatido a corrupção, originada da perversidade, com quo os podêres atacam o Santuario á vive fôrça, afagando e instigando secretamente os pseudophilosophos, ou provinde dessa indifferença, que a contrariedade de systemas das escholas, os doboches e prégações livres e insidiosas dos presumidos sabios, necessariamente deviam produzir: e legislação de todas as nações resente-se da impiedade ou da injustiça; o julgado ligado ás formulas deixa levantar a cabeça com ar de triumpho ao juiz, que condemne o innocente; o crime deixa-se impune, porque o culpado póde evadir-se; *emfim o subdito não tem direitos, mas esta ligado a devêres*, como ainda ha bem poueo tempo eu li! é isto o, que o moral do Christianismo reprova, mas o, que a politica intendo, quo precisa pare conter na obediencia: eis-aqui a corrupção combatendo pelo braço da authoridade pública contra as leis mais santas, que o Salvador estabelecee; e se dessa corrupção querem provas, nada ha mais facil, eu as darei, porque ellas estão ao alcance de todas as intelligencias. Não e possivel doixar de lançar um stygma sôbre as causas da miseria das classes desvalidas nas sociedades, porque em quanto concorrem a satisfazer ambições particulares por favor da politica e dos suppostos sabios, a lei de *Christo* é espesinhada de um modo o mais infame! A olhos enchutos se encontra o Sacerdote, que deu consolações no meio da dôr, o soldado, que defendeu o seu paia, o magistrado, que soube ser recto, quando lhe faltam as fôrças e arrimo, esmollando de porta em porta, ao mesmo tempo que rios de dinheiro correm para es elgibeiras de uma mulher de theatro, porqee entreteve um sarao cantando e dançando, ou de quem negoceia com o suor dos desgraçados e com a vida de milhares de infelizes! Não será isto opposto á lei, que professa a Igreja de Deus? quereis saber os factos? e bem pouco custoso topar com elles! Não será isto a corrupção, combateedo as leis santas do Evangelho pelo braço da politica e pelas taes concepções de pseudophilosophos? esses e outros grandes males filhos da corrupção, de involta com os, quo ella está produsindo pele impiedade, se encontram neste desgraçado seculo em toda a parte; mas se percorrermos os paizes, onde a civilisação tem assento, encontraremos a Moral Evangelica luctando contra a corrupção em todas as nações, sem exceptnar uma só fura de nós, indo adeante a França, essa França, que tantos escandalos deu no seculo passado, o eo raiar do presente! Entre uma infinidade de factos, que provam o da existencia dessa lucta, apresentou olla, nas desordens da última transição da Monarchia para a republica, o typo de um verdadeiro Pastor, o Metropolitano de Paris, que apparecendo no meio do sen Povo, pediu a paa, e se offereceu em holocausto pelo termo das desavenças! e já antes se haviam exposto ás iras da podêr temporal os Bispos de todas es suas Igrejas pelejando em columaa cerreda em defesa do sagrado direitu de liberdade do on-

[1] Entre os factos, que provam as teudencais do podêr temporal, para dominar a Igreja, e que a inquisição, ao menos em Portugal, se governava pelas regras da célebre eschola, que tem procurado arrancar o podêr ao Summo Pontifice e aos Bispos, não tem último logar os, que se incalcam a *revolução de 21 de Junho de 1617, porque se reduzia a escripto o costume sôbre o modo, que se ha de ter na occupação das temporalidades dos Prelados Ordinarios, que* não obedecem *ao desembargo do paço, e a carta régia dirigida ao cabido de Coimbra em 9 de Novembro de 1768; o decreto de 10 de Dezembro de* 1600, *por que se* prohibiram os recursos *na curia romana* contra as decisões *do tribunal* da inquisição, e a *carta régia de 12 de Janeiro de 1633 dirigida ao inquisidor geral de Portugal* reservando á corôa, sôbre consulta da inquisição, todos os negocios *deste tribunal*. Muitas são as provas dadas nesta obra ácêrca de taes factos, e quanto á inquisição, em especial, na nota da pag. 157 vão outros documentos, a que agora addiciono os dous ultimos desta.

sino![1] Mas que é o que vemos em Portugal? indifferença, indifferença, indifferença! e é isto o, que punge o meu pobre coração, e me faz derramar lagrimas sôbre esta princesa das Nações, que tão gloriosa foi já... que dominava sôbre os mares e sôbro as terras mais longiqnas... e que plantou o Symbolo Augusto da Redempção da humanidade em grande parte da Africa, da Asia, da America e da Oceania!... Deixemos essas considerações para ver, de que modo a Igreja de Deos saiu a campo apresentando batalba face a face aos seus inimigos. No estabelecimento ou restauração do Reino de Deos, a Igreja enviou seus Missionarios a essa grande empresa, sem outras armas, que a palavra e a austeridade de costumes, expostos aos rigores dos climas e des estações, á pobresa e á tyrannia dos podêres da terra: eis-ahi os soldados de seu exercito e a provocação ao combate! principia a lucta, e a defesa como o ataque consistem na doçura de uma eloquencia celestial, com que se procuram attrahir os inimigos; na paciencia, com que se soffrem as injúrias; na caridade, com que, pela conversão delles, se dobra o joelho para orar ao Senhor, que tenha piedade delles, e se abaixa o pescoço offerecendo a vida em holocausto pela salvação dos proprios algozes! Podereis negar isto, espiritos fortes? negae embore, que a historia vos desmente: negae-o, mas negareis a existencia dos Martyres e dos Confessores! negae-o, mas negareis a existencia dos Apostolos, dos Discipulos do Salvador, e dessa cadêa de Santos, que prende o Sacerdocio do seculo actual ao Sacerdocio de *Jesus-Christo!* negae-o, mas negareis os factos, que se passam no dia presente em toda a terra! Visitae as cidades, as aldêas, as selvas da Asia, da Africa, da Oceania o da America, ide ás nações da Europa, onde o Catholicismo é vedado, e lá encontrareis o Ministro do Sanctuario, que não pertence ao Claustro, ao lado de Religiosos de quantas Ordens a Igreja de Deos tem approvado desde o grande *Antão* ao Abbado *Rosmini*: procurae, se quereis saber o, que é a caridade ensinada por aquelle, que na montanha do Calvario pediu ao Pae Celestial por quem o crucificava! O zêlo, paciencia, abnegação de si proprio, e amor da humanidade por amor de Deos, que se encontron no principio, seguiu por todas as gerações, de modo que um so resume todos os factos! E se quizerdes allegar tyrannias, já vos disse, que não pertencem á Igreja, porque são factos externos, de que a maldade dos individuos, os podêres da terra, ou as seitas, que se tem acobertado iniquamente com o manto do sagrado, tiveram e tem toda a culpa. Na conservação pacifica do Reino de Deos, a Igreja põe á cabeceira do infermo, leva no centro das mesmorras, fez apparecer junto dos patibulos, nos campos da batalha, lá onde quer que a humanidade padece, os seus Ministros para dar consolações e todos quantos soccorros a humanidade precisa: podeis negar isto, espiritos fortes? Excepções apresenta a historia, é verdade, mas a Igreja será culpada? Se quereis ver milagres, deixae-lhe livre a escolha dos Bispos e dos Parochos, retirae a opposição feroz a sua plena liberdade, e não morrereis desesperados! Podereis negar, que a Igreja recebe os votos solemnes de muitos dos seus filhos, que voluntariamente querem expôr a liberdade e a vida pela redempção dos captivos, pela civilisação dos selvagens, e na assistencia aos que gemem no leito da morte sem soccorros, ou com soccorros prestados por mão interessada? negae-o, mas negae primeiro a existencia de João da Matta, Francisco de Assis, Ignacio de Loyola, Vicente de Paulo, e muitissimos outros homens, que nunca poderão ser imitados em sua ardentissima caridade senão pelos Santos. Na lucta contra os podêres da terra e contra o philosophismo, a Igreja de Deos para conservar o deposito sagrado, que o Divino Fundador lhe confiou, combate pela voz de seus Pastores, de seus Sacerdotes, e dos outros Ministros do Sanctuario, e pelos escriptos não so desses, mas dos Fieis; pelas congregações dos Pastores entre si, ou com o Summo Pontifice; e, finalmente, reunindo se este com o maior número daquelles em nome de todos, faz expressa confissão, de que recebeu dos Apostolos o ponto de doutrina combatido, e que esses o receberam de *Jesus-Christo*, por isso lança fóra de seu seio aquelle, que não emitte egual confissão; este Tribunal não reconhece superior sôbre a terra, e o Espirito Santo assiste para salvar do êrro homens, que não são impeccaveis, no acto solemnissimo de similhante confissão, do mesmo modo que está sempre com elles no ensino e direcção dos Fieis; a este Tribunal Supremo serviu de exemplar o Proto-Synodo de Jerusalem, em que reunidos os Apostolos e Bispos, que lá se achavam, Pedro exortou seus irmãos a ouvir e a dicidir questões, que Paulo e Barnabé lhe haviam proposto, estes fizeram a exposição, e depois de ouvidos todos, a voz de todos resoou na santa assemblêa, declarando estar decidida e questão conforme o parecer do Espirito Santo e delles; e ninguem mais se atreveu a sentir o contrário: este tribunal foi, quem declaron a Divindade de *Jesus-Christo* e sua consubstancialidade com todos os dogmas, que a Igreja Catholica tem hoje, e professa desde sua instituição, porque os não propoz nem propõe novos; esse Tribunal, isto é, os Bispos com o Summo Pastor, algum ou alguns Prelados em nome deste, supposto-se presente, e approvando as decisões de todos quantos concorreram ao logar, se reuniram em nome de todos os ausentes, e discutiram livremente, porque assim declararam a crença Catholica em Nicea, Constantinopla, Epheso, Calcedonia, Latrão, Leão de França, Vienna do Delfinado, Constança, Florença e Trento; esse Tribunal, emfim, em que toda a Igreja docente reunida não só testimunha as suas mais gloriosas tradições, e recorda as suas mais assignaladas victorias, mas estreita os vinculos sagrados, que unem ao Homem-Deos toda a Igreja, que elle adquiriu com o seu sangue, e estreita os vinculos sagrados, que ligam os Apostolos entre si, que os ligam com Pedro, e Pedro e os Apostolos com *Christo* Summo Sacerdote, e author de todo o ligitimo Sacerdocio[2]; eis-ahi como a

[1] Na questão famosa, que coroou de glória os Bispos das Igrejas de França na célebre lucta da liberdade de ensino, que o podêr temporal pretendia tolher, um desses Prelados, *Bonald*, fez uma *Instrucção Pastoral* (aos fieis da Diocese de Leão), que é para mim, sem controversia, um dos melhores escriptos sôbre a liberdade da Igreja. « *Ego veni, ut vitam habeant, et abundantius habeant* » disse o illustre Metropolitano com o Discipulo Amado; e, na verdade, se o Filho de Deos veio á terra para tal fim, com que direito se tolhe a liberdade da Igreja? . . . « *Tanquam Deo hortante per nos* » repetiu com S. Paulo aos Corinthos, pois se o podêr da palavra do Sacerdote é tal, quem ha no mundo com authoridade para lhe embargar a voz? « *Euntes docete omnes gentes* » accrescentou com o Evangelista S. Matheus; se o Salvador as mandou ensinar, onde a authoridade dos podêres da terra para os fazer calar? « *Spiritus sanctus posuit Episcopos regere Ecclesiam Dei* » ainda elle com o Apostolo das gentes: se assim é, que tem a politica a fazer com o govêrno da Igreja?

[2] Não houve em tempo algum tanta necessidade de um Synodo Geral, como desde as desordens da França no fim do seculo passado até ao presente, e persuadido estou eu de que poucas vezes se tem apresentado tanta opportunidade

Igreja combate estabelecendo-se, conservando-se, e defendendo as doutrinas da Salvação. Encontraes, vós espiritos fortes, alguma cousa na historia, que contradiga essas asserções? reparae, que talvez as apparencias vos enganem; e tende cuidado em não confundir a maldade dos homens com a santidade da Religião: se as vossas indagações forem profundas, e se inquerirdes sem prevenções os factos, achareis o espirito da Igreja puro, santo, livre do peccado, e de todo o êrro: o sacrificio dos Martyres não é esteril, porque todo elle é amor; a tribulação dos Confessores não é esteril, porque o seu fim é o amor; o zêlo dos Pastores não é esteril, porque sua base é a salvação do proximo; o esforço de todos os soldados da Cruz não é esteril, porque não é interessado, não pretende exclusivamente os despojos da batalha, mas que todos recebam egual parte dos meritos do sangue derramado na Cruz: militam, porque creem nas promessas de Deos; militam, porque esperam o cumprimento dellas; militam, porque amam a Deos, pretendendo, que todos os homens cream, esperem e amem a Deos, e, desse modo, amam os homens por amor de Deos, porque amando a Deos amam os homens como irmãos, reconhecem a Deos como pae commum, que os creou, remiu, o sanctificou: eis-ahi como o Christianismo se funda na caridade, que exprime as relações mutuas dos filhos para com o pae; e faz, que, amando-se o pae, se amem todos os irmãos por amor delle. Como se amava a Deos, ensinou Deos a Adão e a todos os Patriarchas; e como Deos amava os homens ensinou o filho de Deos aos homens offerecendo-se em holocausto pelos homens, para que soubessem, como se amavam os homens amando a Deos. Eis-ahi o Christianismo, as suas tribulações e os seus inimigos! Eis-ahi o Christianismo, os seus triumphos e os seus amigos! Eis-ahi, finalmente, o Christianismo estabelecido para guiar o homem desde o berço até á sepultura pelo caminho da eternidade, para fazer o homem feliz nesta e na outra vida, para ensinar ao homem a sciencia pela humildade, para lhe dar um govêrno, cujas bases sejam a tranquillidade e a justiça, mas que o homem despresa pela soberba, e porque prefere a desventura á felicidade em todas as suas relações.

como hoje. A urgencia prova-se, em razão de que nunca a Igreja foi tão universalmente atacada, e tão fortemente, pretendendo-se abala-la pelos seus fundamentos: —1.°, porque nunca o materialismo teve tantos creditos, e o deismo tão extensos dominios; —2.°, por causa da adopção ainda mais geral do indifferentismo, que tem feito obliterar as disposições disciplinares de um modo nunca visto, chegado ao summo o abuso nos, que devem mandar, e nos que devem obedecer, u'ns por desleixo e n'outros por ignorancia ou maldade; — 4.°, pela precisão de substituir algumas dessas disposições e pôr outras em pleno vigôr; —5.° pela má interpretação, que se está dando, mesmo entre os Catholicos, á Santa Escriptura, principalmente nos textos da creação, esquecendo-se todas as tradições, e torcendo-se o sentido genuino da crença orthodoxa. A opportunidade prova-se: —1.°, pelas tendencias dos protestantes á unidade; —2.°, pela expectação geral de todos os Christãos, que reconhecem a precisão de se cortarem os abusos por uma vez; — 3.°, pela liberdade, que geralmente ao momento, os governos da Europa parecem querer dar á Igreja, ao menos em algumas Nações mais poderosas. Peço a Deos, que inspire o Santo Padre Pio IX para a convocação, e a todos os Soberanos, que para sua propria estabilidade e paz das nações de bom grado convenham nu, que é altamente util a toda a Christandade.

ESTUDOS BIOGRAPHICOS.

Memoria justi cum laudibus, et nomen impiorum putrescet.
Parab. Salom. 10 — 7.

PARTE PRIMEIRA.

I.

BEMAVENTURADOS.

Um dos dogmas do Christianismo é o culto dos mortos. Venerâmos e invocâmos nossos mortos, porque intercedem a Deos por nós; mas a adoração, que se lhes presta, as preces, que se lhes dirigem, não tem paridade com a adoração, que dâmos a Deos, nem com as preces, que lho fazemos. *Não levantâmos altares aos Martyres, mas sacrificâmos a Deos offerecendo o sacrificio em sua memoria. Costumâmos celebrar seus sepulchros, e enviar-lhes orações e votos... para que Deos pelas suas supplicas se digne receber as nossas. Aquelle, que passou desta vida attende do céo ás nossas cousas... lá, offerecenda sacrificios por nós, e rogando pelo povo, não nos deixou em total desamparo*, porque apesar do morto faz com os vivos parte da Igreja de Christo, tão maravilhosamente unida pela caridade, que os merecimentos de um aproveitam a todos.

O culto, que se rende no Christianismo aos mortos, não é similhante ao culto, que o paganismo dava aos mortos por elle contados no numero dos Deoses. *Não reconhecemos por nossos Deoses os Martyres, mas venerâmos um só Deos tanto nosso como dos Martyres... não lhes chamâmos Deoses, nem os venerâmos com o culto Divino, mas de affecto e honra. Não adorâmos os demonios... mas as virtudes e o ministeria do grande Deos.* Não inscrevemos no catalogo dos nossos santos, homens perversos, que os gentios não escrupulisavam divinisar, mas pessoas de virtude provada e de vida inculpavel. Só a essas fazemos nossas supplicas, porque só essas reputâmos amigas de Deos, so essas nos podem favorecer na presença de Deos, e so essas se comprazem de remediar nossas necessidades.

Não é por isso ás superstições gentilicas, que devemos ir buscar a origem deste dogma do Christianismo: um pouco mais atrás nas primitivas tradições do genero humano ella se encontrará. O homem desde tempos, além dos quaes a historia só apresenta uma grande catastrophe, que elle padecêra, julgou-se fraco diante do Deos, e pensou ter necessidade de auxiliares, que lhe servissem de medianeiros com o Todo-Poderoso. Esta é a fonte donde manou o respeito consagrado depois da morte a certos homens, que em vida conciliaram attenções pela sua virtude austera, ou por acções extraordinarias, ao parecer dos outros homens filhas da mão de Deos, que obrava nelles. Tem, pois, este dogma o seu fundamento no peccado de origem e na revelação.

Os podêres da terra, sempre dispostos a abusar de tudo em seu proveito, viram nesse sentimento geral da humanidade um bom meio de se engrandecerem; por isso procuraram pouco a pouco corromper aquellas trodições, inventaram systemas de religião os mais absurdos, e por fim decretaram as apotheoses ou deificações. *Jesus-Christo* nosso Salvador e nosso Deos veio dizer aos podêres da terra, que era preciso humilhar-se, e afastar a mão sacrilega da arca santa. Ensinou um culto, que por sua natureza Divina não comporta outro dominio, que o do Sacerdote. Todo espiritual esse culto, como tendento á

felicidade da vida futura, sem abandonar o homem na presente, cessa de existir em sua puresa, onde quer que os podêres da terra intentam usurpar a auctoridade do Sacerdote; mas esses podêres comprazem-se da usurpação! O culto dado a Deos é uma necessidade do homem, uma idéa inspirada por Deos ao homem para seu maior bem; mas os poderes da terra converteram o, que era de Deos, em instrumento de suas paixões, com o fim de opprimir o homem. Dessa impiedade nasceu o atheismo, modificado pelo auxílio da sciencia em deismo; della teve principio a outra de se considerar o culto dado a Deos em um paiz como necessario a manter os governos; e por consequencia necessaria o intento de dominarem no santuario, a sujeição e abjecção da Religião e do Sacerdocio. *Jesus-Christo* estabeleceu as raias legitimas dos podêres da terra, posto que alguns máos Sacerdotes subservientes desses podêres as tenham confundido a pretexto de distinguir com claresa o, que estava luminosamente distincto.

Tres Imperadores de Roma pretenderam divinisar *Jesus-Christo:* Tiberio propondo ao Senado, que o contasse no numero dos deoses; Adriano e Alexandre querendo levantar-lhe templos; mas nem aquelle, nem estes conseguiram o intento, porque não é dos podêres da terra, que depende a sentença; e deste modo a sua intervenção para declarar Bemaventurado um homem morto é completamente nulla, porque pertence só a Deos pelo ministerio de seus Sacerdotes. Allega-se, com tudo, um texto de Theodoreto para dizer, que Honorio inscreveu entre os Bemaventurados o Santo Almachio. Ainda que um dos motivos da perseguição do Christianismo fôsse a lei suprema, que impunha aos podêres da terra largar o Pontificado; ainda que depois da liberdade da Igreja esta lei foi uma pedra de escandalo para esses podêres; os Pastores da Igreja, nem antes de Constantino consentiram a violação de sua auctoridade a meio de abrandar a furia dos inimigos do Christianismo, nem depois daquelle grande Monarcha por gratidão aos beneficios recebidos. A Igreja de *Jesus-Christo* nunca admittiu como juizes de suas questões os poderes da terra: uma dessas questões, e das mais importantes, é propôr á veneração dos fieis um morto. As mais remotas tradições dão aos Bispos o direito de mandar fazer memoria dos Martyres e dos Confessores, e de pôr seus nomes no catalogo, que os Deaconos liam ao tempo da Missa, isto é, de *canonisar.* Muito antes de Constantino o Synodo de Eliberi no can. 60 deu pleno testimunho, de que era esta a doutrina do Christianismo: não é pois a lettra do texto de Theodoreto, que devemos seguir, mas temos precisão de entender, que Honorio concorreu para a *canonisação* do Martyr Almachio, do mesmo modo que qualquer principe Christão promove hoje a de um veneravel, porque d'outra sorte Almachio nunca teria culto.

Começou com a Igreja de *Jesus-Christo* o costume de se propôr aos fieis o nome do, que mereceu o titulo de Bemaventurado, de se venerar, e de se escrever suas actas. Era este facto dependente da auctoridade dos Prelados Ordinarios; porém, isso não destroe o facto de *canonisações* pelo Summo Pontifice em tal qualidade, antes da reserva desse direito á Santa Sé, declarando Bemaventurados os Martyres e Confessores de diocese alheia: em quanto depois da constituição *Audivimus* da santidade de Alexandre III foi prohibida a *canonisação* aos Bispos, posto que a sua intervenção se julga de muita urgencia nos processos.

Nesses processos exigem-se provas de virtude em gráo heroico e de milagres, não bastando virtudes sem milagres, nem milagres sem virtudes; e tratando-se de martyrio torna-se necessario saber a causa delle. São duas as especies de *canonisação*, segundo expôz a santidade de Bento XIV, «Beatificação» como *acto precedente e preparatorio*, e «Canonisação» propriamente tal, como *acto preparado e extremo;* mas para uma e outra especie se precisa o mesmo genero de provas. Pela primeira se permitte o culto a uma diocese, familia religiosa, provincia, ou cidade, e pela segunda ordena-se o culto universal: este, pois, tem por base o mais alto gráo de meritos. Se a sentença versa sôbre uma materia de facto, em que a Igreja não tem o privilegio da inerrancia, forçoso é confessar, que ella possue assim mesmo mais auctoridade em relação á certesa das provas, que outro qualquer juiz humano; e o mesmo devemos dizer a respeito de *canonisações* anteriores á constituição *Audivimus*, porque foram e são recebidas na Igreja.

INSCRIPTOS NO CATALOGO DOS BEMAVENTURADOS ANTES E DEPOIS DA CONSTITUIÇÃO «AUDIVIMUS.»

SANTOS.

1.°

• S. LUCIO, MARTYR.—Ao comêço do Summo Pontificado de Santo Eleuterio estava sem esplendor o Christianismo na Inglaterra, posto que os seus dominios fôssem nesta região muito mais dilatados, que os do Imperio Romano, o qual não havia penetrado ao norte para a parte da Escocia, nem ao poente para o lado da Irlanda. Em um desses districtos isentos da dominação Romana governava então um principe, que nós conhecemos pelo nome de *Lucio*. Inspirando Deos o seu coração para abraçar o Christianismo, enviou uma embaixada a Santo Eleuterio pedindo Ministros do Evangelho, que nelle o instruissem. O Santo Padre lhe mandou Fugace e Damião, que não só o trouxeram ao gremio da Igreja, mas a outros muitos. Tomou d'ahi tal incremento nossa Santa Religião, que no principio do seculo III havia grande número de templos naquelle paiz, e á entrada do IV lá chegaram os editos de Diocleciano para a perseguição dos Christãos, como em todo o orbe Romano, que por ser a maior deixou firmado na historia uma epocha famosa com o nome de *Era dos Martyres*. *Lucio* foi o primeiro Rei

Christão da Europa, e delle referiu Usser ter visto medalhas de prata com as letras LUC e uma cruz. *Lucio* renunciou a corôa, e tomando o empenho de dilatar o Evangelho fora do seu paiz entrou na Germania, annunciou a *Jesus Christo* em differentes povos, levantou um templo em Coira, e foi martyrisado no castello do Marciola nos fins do seculo II. Em Augsbourg se venera uma parte de suas reliquias; em Coira se fundou um Mosteiro dedicado á sua santa memoria; e em toda a diocese desta cidade se celebra com grandissimas solemnidades a sua festa no dia 3 de Dezembro, quando a Igreja recorda seu nome aos fieis.[1]

2.°

SANTO ANTÃO, Confessor. — Correndo o anno do Senhor 250 nasceu este bemaventurado no Egypto de paes illustres e religiosos, que pozeram todo o disvello em educal-o, segundo as maximas do Evangelho, no mais completo retiro: em quanto pela sua parte não manifestava outros desejos, que de servir a Deos sem reserva alguma. Na idade da adolescencia, mortos os paes, por seis mezes attendeu ao amparo de uma unica irmã e ao governo da sua casa, empregando a maior parte do tempo na Igreja. Este genero de vida não era conforme as suas inclinações, por isso, vendendo quanto possuia, reservou o necessario para sustento da irmã, e a entregou a umas virgens altamente recommendaveis por suas virtudes; deu o resto de sua fortuna aos pobres; e procurou o ermo para se entregar de todo a Deos. Applicado incessantemente á oração e ao trabalho, do producto de suas obras tirava so o indispensavel para a vida, repartindo o mais com os pobres. Entregava-se com tanto affecto á lição das divinas Escripturas, e observava de tal modo os preceitos do Senhor, que a sua memoria lhe servia de livro. Assim crescia em todo o genero de virtudes. Obedecendo a todos pelo desejo de aprender, era ternamente amado de todos pela mansidão, paciencia, continencia, vigilancia e caridade, merecendo dos proprios solitarios o nome de *servo de Deos*. Provava o Senhor com tribulações o seu servo, mas elle venceu-as pela penitencia, abstinencia, vigilias e oração. Com este triumpho, desejando imitar a Elias, se encerrou em um cemiterio, determinando que lhe levassem o alimento so em certos dias. Novamente exposto ás provas, conseguiu nova victoria. Contava nessa epocha trinta e cinco annos.

Novamente voltou ao deserto, e propôz a vida commum; mas não agradando a novidade procurou elle só um castello deserto, e introduziu-se dentro depois de lhe tapar a entrada. Aqui esteve retirado de toda a communicação, e recebendo apenas pelo tecto, duas vezes no anno, o alimento. Assim viveu por vinte annos. Esta maravilha attrahiu muitos com o desejo de o verem e imitarem. Deos que o havia destinado para uma grande obra, depois de lhe formar o coração segundo sua vontade, infundiu-lhe o dom de operar milagres, livrando uns dos espiritos immundos, e outros de doenças corporaes; attrahiu muitos á vida monastica, e em breve tempo levantou grande numero de Mosteiros, que governava como bom pae. Todos os seus cuidados, desde então, foram a educação monastica e a regularidade de vida commum na lettra dos conselhos evangelicos.

Chegou a epocha da perseguição de Maximino, e com ella ao Santo Abbade vehementes desejos do martyrio. Deixou tudo e partiu para Alexandria atrás dos Santos, que lá iam padecer por Christo. Exhortava diante do juiz, com grande liberdade, os Confessores para se não aterrarem com medo dos impios, e acompanhava ao logar do martyrio os que iam receber a palma, congratulando-os por sua ventura. O juiz, attendendo á constancia de *Antonio* e de seus Companheiros, mandou sair da cidade todos os Monges; mas o Santo Abbade despresou a iniqua ordem, apparecendo diante do juiz sem temor e cheio de constancia; entretanto era da vontade de Deos perseveral-o. *Antonio* se humilhou, e, depois que S. Pedro Bispo de Alexandria subiu ao céo gloriosamente corôado, saíu da cidade com direcção ao Mosteiro Pispiritano. Seguiram-se novas provas, novas victorias, e com ellas novos prodigios.

Visitou os seus primeiros Mosteiros, consolando os Monges, e confirmando-os em santa doutrina; e por essa occasião lhe proporcionou Deos o grande prazer de encontrar sua irmã virgem e mestra de outras, em quem resplandeciam as mais solidas virtudes. Incansavel no serviço do Senhor passou a Alexandria para condemnar os Arianos, chamado pelos Bispos, que de sua santidade e doutrina muito confiavam. A sua prégação aproveitou muito aos christãos confirmando-os na fé: e os gentios, desejosos de vêr o *homem de Deos*, como lhe chamavam, attrahidos pela sua eloquencia celestial e pelos milagres, se converteram em grande numero. Disputou ali publicamente com os philosophos, destruiu seus systemas, e provocou os sophistas a obrar milagres, como elle por virtude da mão de Deos fazia.

A fama de sua virtude prodigiosa corria veloz, e chegava ao palacio dos principes em tal opinião, que lhe pediam sua correspondencia incessantemente Constantino e seus filhos; porém elle se escusava, dizendo ser ignorante das relações entre os Monges e os Reis: assim mesmo procurava solicitamente a protecção dos grandes em beneficio dos afflictos. Tão rico de merecimentos para com Deos, e de serviços á Igreja e á humanidade, favorecido de Deos com os dons da sciencia, da prophecia, e dos milagres, respeitado dos homens pela austeridade de vida, pelas consolações, e beneficios, que delles recebiam, viu aproximar-se o termo de sua carreira portentosa. Depois de exhortar os discipulos, beijando-os e abençoando-os, estendeu pouco a pouco os pes, e cheio de alegria deu o ultimo suspiro na idade de 105 annos, no de Christo 356, a 17 de Janeiro.

Tal foi o auctor dos Monges no Christianismo, o inventor desse genero de vida detestada pela impiedade; mas que os homens e as sociedades so pela mais negra e torpe ingratidão podem odiar.[2]

[1] *Martyrol. Rom. ad diem* 3. *Dec.* — Baron. *Annal. Eccl. ad an.* 183. — Dollinger, *Origines du Christianisme.* — Moroni. *Dizionario di Erudizioni Storico-Ecclesiastica.* Um retrato de meio corpo em habito de Conego Regular de Santa Cruz de Coimbra.

[2] *Martyrol. Rom. ad diem* 17. *Jan.* — Bolland. *ex Sancto Athanasio et aliis ad eandem diem.* Um retrato em corpo inteiro.

3.º

SANTO AGOSTINHO, Confessor e Doutor da Igreja. — Em Tagaste, cidade da Africa septentrional, a 13 de Novembro do anno 354, nasceu este grande homem de *Patricio*, natural de Carthago, um dos varões curiaes de Togaste, que morreu no seio da Igreja, e de *Santa Monica*, auctora da conversão do marido e do filho. Chamou-se *Aurelio Agostinho*, e foi dotado de raro engenho e de feliz memoria. Sua mãe o fez alistar entre os catechumenos desde a infancia, e procurou diligentemente instrui-lo na Religião Christã. Devendo applicar-se ás bôas letras foi entregue a um mestre tal, que lh'as podesse ensinar; mas elle cuidava mais das distracções proprias da idade infantil, que de aprender, e manifestava sobre tudo grande repugnancia a lingoa grega: entretanto, obrigado a aprende-la, aproveitou em seu estudo, como no da hebraica, punica e latina. Passou depois em Carthago a frequentar Rhetorica; mas a lição dos poetas, que o recreava muito, o perverteu de modo, que todo o seu tempo empregava nos espectaculos obscenos, e n'uma vida licenciosa.

Aos dezenove annos de sua idade, depois de ler o *Hortensio* de Cicero, já o estilo das Escriptoras Santas lhe parecia baixo. Encantado das bellezas da Philosophia, illudido com as fraudes dos hereges, e soberbo pela fama de seus progressos, desprezou os livros sagrados, procurando a verdade nos systemas absurdos dos ethnicos. Quando todo o seu saber consistia no talento, de que Deos o dotára, e o seu merecimento não era mais que o de um rapaz estouvado e perdido nas delicias carnaes, julgava-se homem transcendente; por isso, indo atraz de cavilosos elogios, se lançou na seita dos Manicheos, e attrahiu a ella alguns de seus amigos. Não quiz entretanto passar do grão de *ouvinte*, em que se ignoravam os mysterios reconditos, as maldades occultas dessa perniciosa seita, por ter advertido que os professores punham mais cuidado em refutar doutrinas alheias, que em provar as suas. A esta desconfiança accresceram outras, o desprezo da celebração da Pascoa annoalmente, e a perplexidade, em que o deixou Fausto (Manicheo de grande nome) ao propôr-lhe suas duvidas.

Perseverava em Carthago no emprego de professor publico, e lá publicou a sua obra do *Bello e do Elegante:* desgostoso, porem, das turbulencias de seus discipulos, evadiu-se para Roma em 383, com destino de ensinar Rhetorica pacificamente nesta capital. Apesar das suas suspeitas ácêrca da falsidade da doutrina dos Manicheos se hospedou em Roma na casa de um, e tratava com familiaridade os *ouvintes* e *eleitos* dessa seita: entretanto foi então, que se desenganou perfeitamente da corrupção e maldade de seus correligionarios; por isso, desembaraçando-se delles deu nome aos Academicos, que de tudo duvidavam. Não tardou a inquietar-se, porque tratando de indagar a verdade pelo uso desta escola, hesitava em tudo. D'ahi concebeu o pensamento da necessidade de submetter-se a alguma auctoridade divina, mas a questão era saber qual. Apesar disso continuou abraçado aos sophismas dos Academicos: ainda dois annos depois, quando já era mestre de eloquencia em Milão. Presidia na cadeira Pontifical desta cidade Santo Ambrosio, insigne por sua piedade e doutrina. A celebridade de sua fama levou *Agostinho* a propôr-lhe as duvidas, em que andava enleado; e o fez mais pelo amor paternal, com que o santo Prelado o tratava, do que pelo persoasão de encontrar a verdade na Igreja Catholica. Sollicitado por sua mãe, que de Africa passára a Milão, ouvia o veneravel Bispo prégando ou disputando publicamente; e seus discursos o iam guiando á conversão pela força das provas, com que sustentava sua doutrina.

Abalado por este impulso entregou-se ao estudo da verdade por meio dos livros profanos e sagrados. Já a este tempo não era elle o mancebo sem conhecimentos, que pela vangloria de seu subido talento decidia de tudo sem sciencia; mas o philosopho adulto sériamente desejoso de descubrir a verdade, e que imparcial e humildemente a procurava; não tardou por isso a reconhecer como infallivel a Sagrada Escriptura. Encontrou depois a pratica das mais sublimes virtudes entre os catholicos; e maravilhado com o exemplo de Santo Antão, e de outros Monges, ardia em desejos de imita-los.

Abdicou o magisterio, e com alguns discipulos se retirou de Milão para dar-se a vida contemplativa: fóra do bulicio do mundo os instruiu na piedade, quanto elle aproveitava no conhecimento e amor de Deos. Applicando-se como elles incessantemente ao estudo da philosophia christã, e vivendo religiosamento, escreveu contra os Academicos, e o livro *da Vida feliz*, sobre que fazia questões. Assistiam a estas sua mãe, de quem louvava a sentença, Navigio seu irmão, Trigecio e Licencio seus discipulos, Lastidiano e Rustico seus primos, e Adeodato seu filho natural, os quaes com Alypio, outro discipulo, se haviam retirado em sua companhia para a herdade de Verecundo. Seguiu ainda escrevendo da *Ordem* e a obra dos *Soliloquios*.

No anno 387, á entrada da quaresma, os catechistas determinaram, que *Agostinho*, Adeodato Alypio se inscrevessem para receber o baptismo; por isso se apresentaram em Milão na qualidade de *competentes*. No intervallo até á recepção do Sacramento o santo catechumeno escreveu os livros de *Immortalidade da alma*, da *Grammatica*, e da *Musica*, e deixou começados outros da *Dialetica*, *Rhetorica*, da *Geometria*, *Arithmetica*, e *Philosophia*. Depois, no sabbado santo, 24 d'Abril deste anno, foi baptisado por Santo Ambrosio com o filho e o discipolo.

Instado por sua mãe passou a Ostia o santo neophito com destino de se transportar a Africa; porém, fallecendo ella nessa cidade, tomou o caminho de Roma, onde escreveu contra os Manicheos as obras dos *Costumes da Igreja Catholica*, dos *Costumes daquelles sectarios*, da *Qualidade da alma*, e deixou começado o outro do *Livre Arbitrio*. Depois de residir alguns mezes na capital do mundo, voltou no ultimo quartel do anno 388 a Carthago. Esta cidade, que antes o vira ethnico, o encontrou não so defensor acerrimo do Christianismo, mas admirou nelle a bondade do Senhor, que por virtude de suas orações obrava prodigios. Algum tempo passado, tornou a Tagaste; lá viveu por tres annos piamente com alguns companheiros em communidade, entregue ao jejum, oração, e contemplações; e redigiu a obra de *Oitenta e tres diversas questões*, os dois livros do *Genesis* contra os Manicheos, aperfeiçoou os da *Musica*, e compôz os *Dialogos do Mestre*, e obra da *Verdadeira Religião*. Zeloso da salvação do proximo correu a Hippona em 391, ao chamado de um varão illustre, que pensou deixar o mundo para se con-

verter a Deos segundo seu conselho. Este foi o meio, de que o Senhor se serviu para elevar o maior homem do seculo IV ás dignidades da Igreja, para ser uma das suas mais refulgentes luzes. S. Valerio, Bispo daquella cidade, tratava de fazer eleger um Presbitero, e procurando o consentimento dos fieis em um sermão, a que elle assistiu, o elegeu com assenso unanime do Clero e povo. Não lhe valendo a recusa fundada na humildade, foi ordenado Sacerdote naquelle anno; e o veneravel Prelado, annuindo a suas supplicas, lhe deu um campo para fundar Mosteiro, e viver nelle em commum com seus discipulos. O principal fim de S. Valerio na ordenação do bemaventurado *Agostinho* foi constitui-lo em seu logar para prégar ao povo, porque sendo grego estava menos apto para este ministerio. D'ahi veio, que apenas ordenado logo o auctorisou para annunciar por elle a palavra de Deos, e depois o constituiu seu vigario no governo da Diocese: entretanto, o novo cargo não o impediu de cuidar do seu Mosteiro, que com um seminario de virtudes e letras floresceu em varões santos e insignes ornamentos do Sacerdocio e do Episcopado.

Na sua nova dignidade mostrou zêlo ardente pela causa do Senhor contra os Manicheos e Donatistas, de que havia grande numero na cidade, e pelos quaes a Igreja de Deos era igualmente vexada. Para debellar os primeiros escreveu os livros da *Utilidade da crença*, e das *Duas Almas;* disputou publicamente com Fortunato, que, obrigado a ceder á luz da verdade, prometteu converter-se, sem o fazer; e refutou os escriptos, que Adimanto redigira contra a Lei e Prophetas pretendendo, que se lhes oppunham os escriptos dos Evangelistas e Apostolos. Lançando os olhos para o scisma de Donato, e procurando convencer e attrahir os scismaticos, escreveu um livro contra a Epistola de outro Donato, Bispo das Casas Negras, partidario daquelle, de quem elles haviam tomado o nome, e contra Maximino, Bispo Sinitense, procurando a sua conversão. Em Outubro de 393, no synodo geral de Africa celebrado em Hippona, por ordem dos Prelados disputou sobre a fé e symbolo. Depois aperfeiçoou os livros do *Genesis*, escreveu dois volumes do *Sermão da Montanha* segundo S. Matheus, outro de commentarios á Epistola aos *Romanos*, que emendou no livro 1.º da *Predestinação*, outro de commentarios á Epistola aos *Galatas*, outros da *Mentira* e contra a *Mentira*. Nesta ultima obra fez uma reprehensão tacita a S. Jeronymo; porem, quando mal o pensava foi corregido por este veneravel Doutor com a acrimonia do seu ardente genio: entretanto, porém, o santo Presbitero de Hippona o aplacou com palavras amigaveis, e refutou modestamente e com energia o haver S. Paulo reprehendido a S. Pedro, como o grande solitario da Palestina pretendêra. O zêlo do santo Doutor não parava nas questões de doutrina, descia aos costumes, e por ello desterrou da Igreja de Hippona o sacrilego abuso dos banquetes nos cemiterios dos Martyres e nos templos em algumas festividades. Este abuso era geral em Africa, e para lhe dar fim já tinha escripto em 392 a Aurelio Bispo de Carthago, de pouco eleito, para dar fim á profanação dos logares santos, servindo-se da auctoridade dos Concilios e com o exemplo da sua Igreja; escreveu tambem a Alypio, Bispo de Tagaste, para este fim, e escolheu o dia de S. Leoncio, Bispo de Hippona, quando os fieis desta Igreja se preparavam, segundo o costume, a solemnisar com grande apparato de banquete a sua festa, para mandar executar os canones Africanos, que prohibiam essas torpezas. Em logar delles a Igreja de Hippona d'ahi em diante cantou hymnos em honra de Deos, e dos seus Santos. S. Valerio desejava por successor o santo Presbitero, e o amor, que elle tinha ás suas ovelhas, o fazia recear, que outra Igreja o escolhesse para seu Prelado; porém, a humildade de *Agostinho*, a falta de uso de dois Bispos n'uma Igreja, auctorisada por um canon do Niceno (ignorado então por S. Valerio e pelo santo Doutor) eram dois graves impedimentos; porém venceram-se pelos rogos do veneravel Bispo de Hippona, e pelo commum desejo de todo o Clero e povo: entretanto um falso testemunho levantado a *Agostinho* pelos Donatistas obrigou Megalio, Bispo Metropolitano da Numidia, a resistir á ordenação; comtudo, a calumnia se desvaneceu, e Megaliu o consagrou no anno de 395.

Elevado a suprema dignidade do Episcopado perseverou vivendo, a modo dos antigos Bispos, com os Clerigos, que eram obrigados a viver em communidade, orando, cantando os officios Divinos, comendo juntos, fugindo a todos os tumultos do mundo, e entregando-se, sem reserva, ao estudo das letras e contemplação da sciencia de Deos. O santo Bispo adoptou esta regra, e estabeleceu no seu Mosteiro o rigor da pobresa evangelica. Exercia o ministerio pastoral com os maiores disvellos, pregava, ensinava, corregia os vicios publicos em publico, e secretamente os occultos, procurava o alivio do pobre, instigava o rico a ser misericordioso, consolava os afflictos, e tinha particular cuidado das viuvas e orfãos, que no Christianismo pertencem á tutela dos Bispos, e não do poder temporal. Querendo promover, quanto possivel fosse, a vida commum, como a mais perfeita, reuniu em Mosteiros todas as mulheres pias, que habitavam em separado, e deu a sua irmã o governo delle; assim perseveravam em muita paz, e augmentavam em virtude; porem, querendo mudar do Proposita toda a ordem se perturbou. Com o fim de pôr termo a esse mal lhe deu regra, e conseguiu o intento.

Desde moço o santo Prelado se havia instruido nos escriptos dos poetas, philosophos, e historiadores; e tendo adquirido vastos conhecimentos de todas as sciencias, desses se servia para credito e gloria do Christianismo. Juntava a estes uma eloquencia rara, bondade de alma, e virtudes insignes, por isso era ello o adversario mais para temer. Se a sua constituição debil, e quasi habituaes molestias, que com o estudo lhe debilitavam diariamente as forças, o impediam de grandes trabalhos corporaes, elle não faltou aos deveres do santo ministerio, nem aos de defensor da Igreja: nunca as suas ovelhas padeceram fome, nem o corpo de *Jesus Christo* foi impunemente atacado em quanto respirou na terra. As suas armas contra o peccador, contra o scismatico, herege, ou ethnico, nunca deixaram de obter a victoria. No louvor fazia respirar a modestia, no ataque a moderação, na consulta a humildade, no soccorro do pobre a compaixão, na consolação do afflicto entranhas de pae, na defesa da doutrina o zêlo de Apostolo: casto, despresador das honras mundanas, inimigo irreconciliavel da avareza, tal foi Santo *Agostinho*, o tal e o verdadeiro e unico typo do Bispo do Christianismo.

Continuando a dar rasão de seus escriptos apresentarei, como filhos de sua humildade, os livros das *Confissões*, que publicou no Episcopado. Incansavel na defesa do sagrado deposito escreveu as obras do *Consenso dos Evangelistas*, a *Cidade de Deos*, da *Adivinhação dos Demonios*, *Seis questões contra*

pagãos; todas ellas para debellar os ethnicos. Publicou outras contra a *Epistola* de *Manicheo*, da *Natureza do Bem* contra Secundino *ouvinte* desta seita, sem contar muitos outros opusculos contra os professores della. Instituiu disputas publicas contra Felix *eleito* e presbitero da mesma seita, e o converteu. Descubrindo um Manicheo, que se occultava debaixo do exteriores de Subdiacono Catholico, o denunciou a Demetrio Metropolitano do Cesarea seu Prelado, e o fez lançar da Igreja. Convidava á união constantemento com amor e bondade os Donatistas, e soffria paciente as suas calumnias, e exhortava os catholicos, que procurassem evitar toda a occasião do offensa. Não se aquietando os scismaticos, antes promovendo turbações, tornando-se malfeitores, assaltando armados as casas dos catholicos, e ferindo de morte a S. Maximiano, Bispo Bagaiense, recorreu o santo Doutor á côrte para dar a paz, a quem vivia atribulado; e o mesmo fez S. Maximiano, havendo escapado milagrosamente do estado em que o deixaram. Honorio tratou do conter em respeito os Donatistas, e alguns dolles, perdendo as esperanças de levar a sua ao cabo, se arrependeram, e entraram no gremio da Igrejo. Mas os Santos Prelados julgaram, que era mais conveniente chamar os scismaticos a uma conferencia em Carthago. Teve logar a reunião no anno 411. Santo *Agostinho* foi escolhido, da parte dos catholicos, um dos sete arguentes. Nestas conferencias entenderam os Donatistas, que o sophisma era o melhor arma; porém constituindo-se juiz da disputa o conde Morcelino, marcou o logar, tempo, e ordem dello; e vendo que elles não queriam responder aos capitulos da controversia, os expelliu das Igrejas, e o Imperador confirmou seu decreto: entretanto isto concorreu para depois Heraclino por maldade delles o mandor matar innocentemente. Apesar disso, depois desta polemica, cresceu o numero dos convertidos. O santo Doutor escreveu sobre a questão dois livros contra o *partido de Donato*, tres contra a *Epistola de Parmeniano*, sete do *Baptismo*, e ainda ootro opusculo, tres livros contra *Petiliana*, quatro contra *Cresconio*, outros opusculos de *Um so Baptismo*, e ainda o *Summario da Conferencia* ácerca da controversia de Carthago; um livro *a Emerito Bispo dos Donatistas*, dois contra *Gaudencio*, além de outros. Tambem resultou destes escriptos bom numero de convertidos.

Ainda não acobado totalmente a guerra contra os Donatistas começou Pelagio a espalhar os seus erros as escondidas em Romo, e depois abertamente. Santo *Agostinho* os refutou, calando o nome do auctor, em quanto elle se encobria, e advertiu deste monstro ao Bispo S. Paulino. Pelogio escreveu ao santo Doutor louvando-o muito, e querendo attrahil-o; mas elle, conhecendo o dolo, lhe enviou uma carta de mera formalidode. Pelagio pertendeu fazer uso desta carta, procurando insinuar-se, e captando a amisade de pessoas illustres, em quanto por seus discipulos Celestio e Juliano propagava sua perniciosa seita. Santo *Agostinho* apresentou-se em campo guerreando-a em seus sermões e por seus escriptos; e publicou as seguintes obras, tres livros dos *Merecimentos e da Remissão dos peccados*, da *Graça do Novo testamento*, do *Espirito e da Letra*, da *Natureza e da Graça*, da *Graça de Christo e do Peccado Original*, das *Nupcias e da Concupiscencia*, da *Graça e do Livre Arbitrio*, da *Correcção e da Graça contra Juliano*, e varias epistolas a differentes pessoas de um e outro sexo, aos Padres dos Concilios Provinciaes do Africa, e aos Summos Pontifices. Examinoda maduramente a questão os Pelaginos foram condemnados por alguns synodos provinciaes, e pela Santa Sé, e principalmente refutados pelos escriptos do santo Doutor. Nova batalha se lhe offereceu com a seita Semipelagiana, que muito depois da sua morte foi condemnada, a qual então se originou nas Gallias de *seus escriptos mal entendidos*, ou *mal explicados*, como muito posteriormente aconteceu, *entendendo-os* tambem *mal* o Bispo Cornelio Jansenio; e disso veio a condemnação do suas proposições. Santo *Agostinho* refutou os Semipelagianos nos seus livros da *Predestinação dos Santos e do dom da Perseverança*. Contra os Arianos se levantou o Santo Padre disputando com Pascencio e Maximino, escrevendo contra este em forma de dialogo; e diversas epistolas contra outros esforçando-se na sua conversão; os cinco livros da *Trindade e Unidade de Deos*. Seguiu escrevendo dois livros contra o *Adversario da Lei e dos Prophetas*. Depois estabeleceu a doutrina da Igreja com relação a outros hereges: contra Priscilianistas, Apolinaristas e Originistas, e nos livros do *Bem conjugal e da Santa Virgindade* contra Joviano.

Além destas obras escreveu outras, a *Corôa da victoria*, da *Doutrina Christã*, *Questões dos Evangelhos*, *Annotações a Job*, da *Catechese dos rudes*, ás *Perguntas de Januario*, do *Trabalho dos Monges*, do *Genesis a letra*, *Exposição da Epistola de S. Thiago*, da *Fé e das Obras*, da *Vista de Deos*, a epistola da *Oração a Deos*, o livro do *Bem de viuvas*, a *Exposição dos Psalmos*, o tratado do *Evangelho de S. João*, o da *Epistola primeira deste Apostolo*, o livro *da Presença de Deos*, as *Locuções das Escripturas*, sete livros *de Questões sobre ellas*, da *Origem das almas*, dois livros dos *Matrimonios adulterinos*, o *Enchiridion*, da *Blasfemia contra o Espirito Santo*, do *Cuidado dos mortos*, de *Oito questões de Dulcedio*, o *Espelho das Retratações*, e além de muitos outros do vario doutrina, um das *Heresias*. Difficilmente se encontrára materia, sobre quo o homem tenha feito estudo, sem que della tratasse santo *Agostinho* muito e perfeitamente.

Esta somma de escriptos importa um verdadeiro milagre, attendendo-se oo estylo, materia, e execução, ao trabalhoso ministerio do auctor, o ao seu zêlo pela salvação das olmas e pelo causa do Religião, que o obrigavam não só a escrever, mas a obrar. Para mim o facto é prodigioso, sem contar a sua correspondencia com S. Paulino, Simpliciano, successor de Santo Ambrosio, S Jeronymo, nosso Orozio, Optato, Hesychio, o muitos outros, o que importa volumes. Não deixou por isso, como jó se viu, de ir a Carthago á conferencia dos Donatistas depois de collocado na Cadeira Pontifical, e aos diversos Synodos de 397, de 401, de 404, de 407, e de 419, e ao de Cesarea na Mauritania em 418 contra Emerito Bispo Donatista.

Extremamente delicado em tudo, que dizia respeito á dignidado Sacerdotal, privou da honra o Presbitero Abundancio, por cuidar pouco da propria. Reprehendeu com severidade o Bispo Paulo seu discipulo por se intrometter em negocios do seculo, a que renunciára; e manifestando a mais pungente dôr pela situação desgraçada, em que ello se collocou, deu fim á carta por estas memoraveis palavros: «*Imo propterea dico, ne ipse non possim eatis Deo facere de paccatis meis, si haec tibi tacuero.*» Do mesmo modo, zeloso pela dignidade do sua Igreja, sem olterar as relações de pura affeição, contendeu com Se-

vero, Bispo Milevitano, ácêrca dn um leitor de sua obediencia, que sem elle ser ouvido fôra ordenado Subdiacono, e jurára a Severo não se apartar delle. O Milevitano pedia o clerigo, e o Hipponense exigia, qne elle o absolvesse do juramento. Para evitar uma ruptura Santo *Agostinho* lh'o enviou, exhortando-o a que não o retivesse contra a disciplina da Igreja. O Santo Padre com seus suores tinha conquistado aos donatistas o districto de Fussala no territorio Hipponense, e, promovendo erigir ali cadeira Pontifical em rasão da distancia do logar, foi consagrado nella Antonio seu discipulo; mas tornando-se indigno do Episcopado, n gravnmnte escandaloso, se lhe tirou parte da Diocese: queixou-se elle á Santidade de Bonifacio I, que o mandou restituir, se as suas rasões fôssem verdadeiras; porém, os Bispos de Africa recusando, expozeram a causa ao Summo Pontifice Celestino I; e Santo *Agostinho*, pela sua parte, lhe pediu, qne não cedesse á pretensão de Antonio, com tanta vehemencia, que mostrava qnerer antes largar o Episcopado do, qun restituir seu discipulo.

Em 426, receiando perturbações depois da sua morte, na presença dos Bispos Religiano e Martiniano, e de algans Presbyteros, pediu ao Clero e povo, que lhe dessem successor, e propôz o Presbytero Eradio, que foi aceito por acclamação. Pouco a pouco se ia debilitando o Santo Doutor, e já se conhecia proximo da morte, quando Deos quiz proval-o com uma nova tribulação. Invadiram Africa os Vandalos, n a assolaram: o conde Bonifacio rebelde do imperio, e amigo dn Santo *Agostinho*, foi o anctor de tão execravel maldade: grande foi sua dôr vendo a patria dilacerada pelas mãos dn um amigo! Como os barbaros não perdoavam, principalmente ao Clero, foi o Santo Padre consultado, se era licito aos Bispos desamperar suas ovelhas; mas a resposta foi negativa. Consternado pelas desgraças do seu povo, acabou placidamente no Senhor a 28 de Agosto de 430, sitiando os Vandalos a sua cidade.[1]

4.º

S. JODOCO, Confessor—Era irmão de Judicael, Rui da Bretanha Gallica, e filho do principe Judael, da familia Riovali, qun obtivera o mando na Inglaterra, e conquistara no continente aquelln estado. Judicael pretendeu abraçar a vida monastica n renunciar a corôa em *Jodoco;* mas este principe, determinando evadir-se ao irmão e ao reino, entrou n'um Mosteiro, em que fôra educado, e pôz-se a caminho secretamente para Roma com onze peregrinos: entretanto, receiando ser descoberto, os deixou depois de algumas jornadas, e foi procnrar os confins de Ponthien, onde haviam antigos bosques e desertos inaccessiveis. Nestes logares ermos, só habitados das feras e das aves, entendeu *Jodoco* fazer sua mansão; mas por disposição Divina lhe sain ao encontro o Duque Aymon senhor do districto, que retardou seu proposito, e concorren para qun elln se entregasse ao estudo das letras sagradas, e se ordenasse.

Feito Sacerdote baptisou o filho de sen protector, e lhe deu o nome de Ursino. Depois de sete annos deixou o hospede, que o respeitava como santo, n passou ao sitio de Ray com seu discipulo e companheiro Vulmaro, para ahi fazer vida solitaria. Nesto logar, cercado dn pequenos rios, levantou uma Igreja e um Dormitorio, ondn permaneceu em pleno retiro e contemplação, mantendo-se do trabalho dn suas mãos, e repartindo delle com os pobres. A fama dn sua santidadn e prodigios attrahia peregrinos para o admirarem, n por sua intercessão obterem os favores do Ceo. A humildade de *Jodoco* não podia comportar as attenções; por isso depois de oito annos sain d'aqui, n foi com Vulmaro a Runiac, ondn nrigiu uma capella a S. Martinho. Deos o provou nesta paragem com muitas tribalações, que não cessaram por quatorze annos.

Mordido por uma serpente cuidou *Jodoco* transferir sua residencia, em companhia de Aymon percorrnu o bosqnn para encontrar sitio apto ao seu intento, e junto a um pequeno rio fundou duas Ermidas, de que fez dedicação a S. Pedro de uma, e a S. Paulo de outra. Depois foi a Roma por ordem do Papa S. Martinho I, que ha muito tempo desejava tratar com elln, e voltou, depois dn alguma demora, ao ermo de Runiac. Saiu-lhe Aymon ao encontro acompanhado de immensa multidão; e *Jodoco*, em presença desta, depositou solemnemente na nova Igreja de S. Martinho, restaurada pelo Duque, as santas reliquias, que de Roma trouxera. Neste dia, estando a celebrar o Santo Sacrificio da Missa, recebeu altos favores do céo, que foram presenceados pelos assistentes, e desde então cada vez se patenteava mais sua virtude, e a devoção do povo. Assim passou ate 13 dn Dezembro de 653, em que acabou santamente a vida terrena. Sessenta annos depois da morte seu corpo se achou inteiro e sem o menor signal de corrupção, como indicio da castidade, que sempre guardára. Suas santas reliquias descançam no Mosteiro de Villiers-Saint-Josse-sur-mar, levantado no logar do antigo Dormitorio de Runiac. A Igreja celebra sua festividade a 13 de Dezembro.[2]

5.º

S. HENRIQUE, Confessor.—Nascea este principe em segunda-feira 6 de Maio do anno 972 no Castello dn Abunda sôbre o Danubio, filho dos Duques de Baviera Henrique de Saxonia, o *rixozo*, e de Gizela, de quem foram paes Conrado Rei de Borgonha e a Rainha Mathilde de França: era neto do Duque Henrique, irmão do Imperador Otton I, o *grande*, avô do Imperador Otton III, que o precedeu no Imperio, e ambos descendentes de Carlos, o *grande*, restaurador do throno dos Cesares no Occidente.

[1] *Martyrol. Rom. ad diem 28 Febr., 5 Mai. et ad diem 28 Aug.* — Bolland. *ad diem 28 Aug. ex ipso Sancto Patre, Beato Possidio, Beato Prospero et aliis.* Um retrato de meio corpo, em moço, com a sigla D por S., expressando Divo usado em seculos baixos, e que apresenta uma idéa pouco christã.

[2] *Martyrol. Rom. ad diem 13 Dec.* — *Martyrol. Surii ad eandem diem* — Hieronymo Roman. *Chron. de la Ord. de los Erem. de Sancto Augustin anno 855* — Moroni *Dizionario.* Um retrato de meio corpo em habito de Conego Regular de Santa Cruz de Coimbra.

Teve irmãos Bruno Bispo de Augusta, e a Rainha Gizela mulher de Santo Estevão Rei de Hungria. Succedeu a seu pae no ducado de Baviera, que governava pia justa e pacificamente, quando em 1002, por morte do Otton III, foi coroado Rei om Moguncia no dia 6 de Junho.

O Duque Hermano, que já havia procurado impedir-lhe o passo para Mogoncia, se declarou rebelde, e o Rei, para evitar a profanação dos Templos e a devastação dos povos, entenden abster-se de de o perseguir. Entretanto se apresentou Hezelo, pedindo-lhe o Ducado de Baviera; e porque *Henrique* fez o negocio dependente da eleição dos Bavaros, quando ali passasse, elle entrou em projectos de rebellião, e se convencionou com Boleslao Duque dos Slavos, o qual desde o dia, em que jurara fé ao Soberano, cuidou em faltar a ella. Hermano não tardou a conhecer e a pedir a graça, que obteve; porem, os outros ficaram urdindo tramas. Sabida a morte do Imperador Otton, os Lombardos elegeram Arduino, que não hesitou dar uma batalha aos Teutonicos commandados pelo General de *Henrique*, e a venceu apesar de grande destruição do seu exercito. Nesse meio tempo Boleslão, com a noticia da morte de Bladeimario Duque de Bohemia, invadiu Praga, sujeitou Milzavia, que devide a Saxonia da Polonia, e despresou, de accôrdo com Hezelo, os Embaixadores do Rei, que o convidavam a melhor partido. Aggregaram-se-lhes Ernesto e Bruno irmão do Rei. Hezelo e os dois ultimos foram debellados pelo exército de *Henrique* em França, onde terminou esta facção. Ernesto foi condemnado á morte, da qual o Metropolitano de Moguncia o salvou: Hezelo e Bruno fugiram para Boleslão.

Com bôa tropa de Saxonios e Toringios partiu *Henrique* para Milzavia com intento do combater a Boleslao nas suas fortalesas; mas o inverno lh'o impediu: devaston por isso a terra, e deixou um exército para defender a Saxonia, e hostilisar Boleslão. Perdidas as esperanças, Hezelo e Bruno se submetteram ao Rei, que lhes perdoou. D'aqui seguiu o Rei para Italia contra os Lombardos; mas, sendo desamparado por elles Arduino, *Henrique* foi reconhecido Rei de Italia, o coroado pelo Prelado de Milão. Isto passado, moveram os Lombardos uma horrivel sedição; o Rei o os seus se prepararam para a defesa; Gilberto, irmão da Rainha Cunegundes, sua mulher, foi ferido; os Teutonicos irritados combatiam com ferocidade; o palacio, unico refugio delles, foi incendiado, e a peleja se travou com a furia de desesperados; os Lombardos pediram venia, e as Cidades de Italia se entregaram ao Rei. Terminada a contenda nesta região, *Henrique* passou á Bohemia contra Boleslão, onde depois d'uma guerra cruel levou a victoria, morto pelos colligados em Praga Boleslão, e triumphando o Rei de Polacos, Bohemios e Slavos.

Em 1006, em cumprimento do voto, que fizera aos Santos Martyres Lourenço, Jorge e Adriano, procurou, que os Padres do Synodo de Francfort erigissem Igreja Cathedral em Bamberg; e obtido o consenso a fundou, dotou, e fez dedicar, no anno 1012, a S. Pedro e S. Paulo e aos Martyres, por cuja intercessão obtivera aquella victoria: seguiu a esta piedosa fundação a do Mosteiro de Monges dedicado a S. Miguel na nova Diocese de Bamberg: despendeu *Henrique* com mão larga n'essas e o'outras casas santas, do que lhe ganharam odio os irmãos da Rainha, Adalberto Clerigo, rebellando-se e tomando Treveris, e Theodorico, Bispo de Metz, quo igualmente se rebellou pedindo o dote da irmã.

A 14 de Fevereiro de 1014 foi corôado com a Rainha sua mulher, em Roma, Imperador do Occidente, pela Santidade de Bento VIII. Mais a diante se compoz com o Bispo de Metz, e com seu irmão o Duque Henrique, dois seus cunhados. Em 1018 admittiu as preces de Boleslão Duque de Polonia, que pedia a paz depois de alguns annos de guerra pouco interrompida, e contra o qual o proprio *Henrique* marchára em 1010 sem effeito, porque sabendo estar elle enfermo voltou a meio caminho. No anno seguinte (1019) recebeu em Bamberg com toda a magnificencia e respeito filial o Santo Padre Bento VIII, que havendo ali passado a Semana Santa e Paschoa, e consagrado a Igreja de Santo Estevão, foi por elle acompanhado a Roma. Neste anno fez a guerra de Flandres, e no seguinte ao Conde Otton nas margens do Rheno. Em 1022 voltou a Italia, a chamado do Santo Padre, contra os Gregos, e no anno 1023 contra os Arabes, de que triumphou. Finalmente no anno 1024 morreu com signaes de piedade em Bamberg na noite de 13 para 14 de Julho.

Este illustre principe foi um dos mais virtuosos, mais justos, e de mais bondade, que tem subido ao throno. Bemfeitor da Igreja respeitava o Sacerdocio, e lhe offerecia dons, como retribuição do que Deos lhe dava. Amigo dos povos procurava a paz, e fazia a guerra so para obter a tranquillidade. Apesar de generoso, póde ser que em demasia, poucos soberanos contaram talvez tantos ingratos. Taes foram os seus esforços pela conversão da Hungria, que se lhe attribue, como a de El-Rei Santo Estevão seu cunhado. Na hora da morte, entregando a Imperatriz a seus parentes, disse, que lh'a restituia virgem. Fiel companheira e participante de seus altos merecimentos a venerâmos sôbre os altares, como a elle, cuja canonisação foi promovida por Egilberto Bispo de Bamberg, decretada por Eugenio III em 1145, e celebrada solemnemente com a elevação o trasladação do sagrado corpo pelo Bispo Eberardo successor daquelle em 1147. A Igreja recorda suas virtudes em 15 de Julho.[1]

6.º

S. THEOTONIO, Confessor. — Nasceu este bemaventurado em 1082 na Quinta da Tardinhade, Freguezia de Ganfei, perto de Valença do Minho (então Diocese de Tui). Foram seus paes D. Oveco Mogueimes e D. Eugenia, ambos de familias muito illustres, e elle descendente dos senhores do Baião, de cuja nobresa temos claro testimunho em nossos antigos documentos. Veio este servo de Deos para Coimbra em 1091 com seu tio paterno Cresconio, que, sendo Abbade de S. Bartholomeu de Tui, foi neste anno consagrado Bispo daquella cidade. Até 1098, em que morreu o veneravel Prelado, o educou em santa doutrina o Beato Tello Arcediago da Igreja de Coimbra; e depois ficou debaixo da tutela de Tedonio, outro seu tio e Prior da Sé de Santa Maria de Vizeu, na qual se deu ao estudo das sciencias ecclesias-

[1] *Martyrol. Rom. ad diem* 15 *Jul.* — Bolland. *ad* 14 *diem.* Um retrato de meio corpo em habito de Conego Regular de Santa Cruz de Coimbra.

ticas, e effectuou sua ordenação até ao Sacerdocio. Morto Theodonio foi eleito seu successor, e o conformou por Gonçalo Bispo de Coimbra, a quem por então estava sujeiata a Igreja de Vizeu. A austeridade de vida, a prática constante das mais sublimes virtudes, e o zêlo pela Casa do Senhor, que lhe conseguiram suffragio, o vieram a tornar mais célebre no exercicio de um ministerio, que aceitou constrangido. Poz então seus esforços em estabelecer com desvelado interesse a honestidade de costumes em todos os fieis da sua jurisdicção; e promoveu o augmento dos bens temporaes da Cathedral com respeito ao maior explendor do Culto Divino.

Pouco tardou, que, para evitar attenções, renunciasse no Presbitero Odorio, seu companheiro, a dignidade, e peregrinasse aos logares da Redempção. Na volta recusou aceitar o Priorado e ainda o Episcopado, a que o principe D. Henrique e a Rainha e senhora D. Theresa pretendiam, que fôsse elevado. Entregue todo ao ministerio do pulpito reprehendia com incrivel severidade os vicios, sem consideração a respeitos humanos, principalmente quando dos escandalos não havia emenda: entretanto pode ser, que alguma vez se illudisse com os rumores populares. O seu ardente zêlo pela salvação do proximo e uma piedade eminente, alimentada ao abrigo do Claustro, levaram este homem de Deos a crer, como verdadeiros, os boatos espalhados ácêrca de uma virtuosa princeza: esses boatos não tinham mais fundamento que o capricho da côrte da Rainha D. Urraca irmã della, e por outra parte a má vontade dos Senhores Portuguezes ao Conde D. Fernando Pires, para quem, com detrimento e humiliação delles, eram poucos todos os mais elevados cargos do estado; apesar disso conseguiram o fim desejado, uma revolução feliz; mas não existem, porque nunca as houve, provas legitimas, que possam dar a esses boatos caracter de verdadeiros. Apesar disso temos grandissimas rasões de admiração e louvor para com estas tres personagens. *Theotonio* reprehendia sem susto do podèr, porque possuia o verdadeiro espirito do seu estado, e não cessava de fazel-o, porque o Conde só largou o mando, quando a Rainha foi obrigada a sair de Portugal. A illustre princeza e o seu ministro, certos de que Deos lhes faria justiça, manifestaram humiliação com o Prégador Evangelico, porque sua piedade era grande, e não dominava por então o *Lutheranismo* disfarçado no, que chamam *rega ia*, e só foi seculos mais tarde, que se escreveu o livro chamado *Deducção Chronologica* e outros dessa ordem.

Em quanto se demorou em Vizeu, todas as sextas-feiras attrahia o Santo Sacerdote immenso concurso de povo á Igreja de S. Miguel no Cemiterio fóra da cidade, em que parochiava, a orar pelos fieis defunctos. Lá celebrava o sacrificio da Missa, e fazia procissão sôbre os sepulchros. A concorrencia era grande, e avultadas as ablatas, de que *Theotonio* era dispensador, como pae dos pobres. Esto dia era com ancia esperado pelos necessitados, porque nelle obtinham o remedio bastante a suas precisões, que não podiam satisfazer nos outros as faculdades do pae. A humildade do filho do illustre Oveco não supportava as distinções, que estes actos de piedade lhe grangeavam; tomou por isso segunda vez o caminho de Jerusalem, e o concluiu com muitos descommodos. Feita a visita dos Logares Santos, foi convidado pelos Conegos Regulares do Santo Sepulchro a permanecer em sua companhia na guarda delle: entendendo, porém, que sem dispôr de seus bens o não podia fazer, e ainda mais sem entregar ao Deão de Vizeu a Parochia, se preparou a voltar a Portugal com esse destino; e poria em execução o intento, se Deos não tivesse ordenado o contrário.

No anno 1131, quando se dispunha a tornar á Palestina, soube que o Beato Tello, seu mestre, tratava de fundar um Mosteiro em Coimbra, no qual perseverasse observando a clausura canonical; dirigiu-se a elle, e desvanecidos os escrupulos da nova peregrinação, se lhe associou, distribuindo seus bens pelos pobres e pela Igreja de Vizeu. Com santa e louvavel intenção o veneravel Paterno primeiro Bispo de Coimbra depois de restaurada a cidade por ElRei D. Fernando I, o *grande*, em 1064, introduziu na Cathedral a vida commum segundo a regra de Santo Agostinho, e conforme o antigo uso; mas o Bispo Gonçalo em 1116 se separou dos Conegos, e d'ahi em diante decaiu com a communidade a virtude. O Beato Tello, que fôra alimentado com o leite da rigorosa clausura, vivia desgostoso; e querendo imitar a austeridade dos dias primitivos da Igreja de Deos, ardeu em desejos de levantar um Mosteiro, no qual perpetuasse o santo instituto, que aprendêra desde moço. Communicando seu pensamento com alguns varões doutos e pios, se lhes reuniram João *Peculiar*, Mestre Escola da Cathedral de Coimbra e depois Arcebispo de Braga; Honorio Proposito da Igreja de S. Thiago daquella cidade; Sesnando Prior de Santa Maria do Castello de Monte-mór-o-velho; Ayres, Oveco, e Pedro Conegos daquella Cathedral; Mendo, que depois foi Bispo de Lamego; Pedro Alarde, que os documentos publicos apresentam Chanceller da Curia; Zalame Parocho de S. Thomé de Mira; e João Theotonio, que foi o segundo Prior do novo Mosteiro. Faltava apenas um para com o instituidor completar o apetecido número do Apostulado. Appareceu *Theotonio*, e, não havendo mais que desejar, a 28 de Junho daquelle anno (1131) o Bispo Bernardo benzeu a primeira pedra, que se lançou nos alicerces da Santa Casa, em terrenos, que o Beato Tello adquirira por compra feita ao Prelado, e por graça de ElRei D. Affonso I, o qual por sua munificencia concorreu muito para a fábrica e dotação. Em dia de S. Mathias no anno seguinte, dedicado o Mosteiro á Santa Cruz e á Virgem Santissima, entraram nelle os fundadores; professaram viver em commum a modo dos Apostolos, e segundo a regra de Santo Agostinho; e elegeram Prior a *Theotonio* por votos unanimes.

Por maior que foi sua repugnancia não conseguiu allivio do ministerio. Resignado a levar a pesada cruz, pensou, que devia preferir a todos na gravidade, abstinencia, e exercicio continuo da oração, porque não era o primeiro senão para dar exemplo. Os seus cuidados eram a mansidão, a mortificação, o silencio, a paz, a concordia, e o mutuo affecto, como de necessidade urgente para o Claustro, e de si proprio se esforçava na practica da humildade tão austera, quanto entendia, que ella era a propria virtude de um superior: a caridade e prudencia, com que mandava, lhe davam fôrças para corrigir com justiça: sempre providente, poucas vezes teve necessidade de remediar males, e nunca sentiu as faltas, que sobrevem do descuido na administração. Desejando por todos os meios levar ao grão mais perféito a instituição, que professára, enviou subditos aos Mosteiros Canonicaes de Compostella e de S. Rufo em França para apredêrem a disciplina e constituições, com que se podessem melhor encaminhar aquelles

que com sua doutrina dirigia. A fama da insigne observancia religiosa levou a Santa Cruz innumeraveis sujeitos, que pretendiam o habito; mas elle fixando o número de setenta e dois, destinado ao Sacerdocio no Claustro, instituiu differentes classes de profissão; além desses « Obedienciaes, que viviam nas Igrejas ou residencias fora do Mosteiro; Terceiros, que faziam voto de castidade conjugal; Conversos; Irmãos da Ordem; Confessos; e Confrades: » e para o sexo femenino estabeleceu as « Claustraes ou Inclusas, Terceiras, e Irmãs do Hospital. » Esse sentimento pio de devoção para com o veneravel *Theotonio*, em que abundavam os fieis reduzindo-se á sua obediencia para gosarem das graças e dos suffragios da ordem, deu motivo, por abusos posteriores, a desavenças com os Prelados Ordinarios pela subtracção á sua auctoridade; e estas, sem que se possa tornar culpa ao santo Prior, em sua propria vida, começaram com o Bispo Bernardo; por isso, em consequencia de queixas do mesmo Bispo, foi reprehendido pela Santidade de Innocencio II nas lettras Apostolicas « *Et litteris et nuntio.* » Talvez que por então ainda essas queixas (e eu o creio) não tivessem fundamento, que no futuro foi gravissimo, depois que a Santidade de Lucio II, para evitar as inquietações do Mosteiro, segundo a disciplina já entre nos recebida, pelas suas lettras « *Ad hoc universalis Ecclesiæ* » o isentou da jurisdicção Episcopal.

O respeito, que o Monarcha lhe consagrava, era tão edificante como a santa liberdade, com que elle reprehendia os vassallos e o Principe. Na volta de Ourique entre a multidão dos captivos trazia D. Affonso I bom número de Muzarabes: o Prior de Santa Cruz, tomando isto por desattenção ao Christianismo, rompeu a clausura, e cheio de zêlo saiu ao encontro do exercito vencedor, lançou em cara ao Rei e aos Senhores o delicto, e arrancou das prisões os Christãos, que traziam manietados com os mesmos ferros, com que os pulsos dos infieis se haviam ligado. Bem longe de se offender o principe deu-lhes prompta liberdade, e o piedoso *Theotonio* cuidou de alimenta-los. Crescia de dia para dia a affeição mutua entre o Santo Varão e o Rei; e á porfia aquelle lhe procurava dons celestes, e este cumulava de liberalidades o Mosteiro: entretanto nada continha o bom Prior, quando julgava necessario admoestar ou corregir o Soberano, que procurava evitar motivos de incorrer em sua santa indignação, governando com justiça o Reino, e cuidando arredar da Igreja quaesquer violencias.

Premiou Deos o seu servo com o dom da prophecia e dos milagres e com outros celestiaes favores; e quiz que elle visse florescer em heroicas virtudes esse Mosteiro insigne, a que presidia, e que tão ligado estava com as mais gloriosas tradições deste paiz. Essas graças, que elle recebia do céo com prodigalidade, não as ignorava a Europa, porque sua fama corria de bôcca em bôcca: dellas quiz dar um testimunho nada equivoco o grande Padre da Igreja S. Bernardo, ligando estreitamente o seu Mosteiro de Claraval com o de Santa Cruz, e enviando Monges de sua obediencia a *S. Theotonio* para a meio delles entreter essa affeição, que os Santos sabem consagrar mutuamente. Noticioso do dia da sua passagem para a eternidade, preparou-se com os Sacramentos da Igreja, e acabou, como vivêra, pacificamente nos braços de seus irmãos, consolando-os: nenhum signal de morte appareceu em sua face, e desde logo se ouviu o clamor universal, de que reinava com Deos na gloria: seu passamento foi a 18 de Fevereiro de 1166; e no dia seguinte o Bispo da Diocese Miguel seu discipulo e os Conegos de Santa Cruz o sepultaram no capitulo do Mosteiro, não a modo funebre, mas cantando-se, nos coros, psalmos e hymnos festivos. Teve desde logo culto, e a Santidade de Bento XIV concedeu em 1750, que todas as Igrejas de Portugal resassem delle com officio proprio. [1]

7.°

SANTO ANTHELMO, Confessor. — De uma familia muito nobre da Saboia nasceu este Bemaventurado, filho de Arduino de Chignin senhor do castello deste nome, no começo do seculo XII; e desde menino o applicaram ao estudo das lettras sagradas. Aproveitando muito nellas se fez amado de todos por seus dotes naturaes, e porque punha todo o cuidado em viver exemplarmente. Em breve tempo se tornou abundante de bens Ecclesiasticos, foi cumulado de honras nas Igrejas de Genova e de Belley, e pouco depois o elevaram ás dignidades de Preposito e Secretario daquella. Despendia suas riquesas, attrahindo em hospedagem honorifica pessoas illustres religiosas e seculares, dando liberalmente aos pobres e enxugando as lagrimas dos afflictos: deste modo adquiria bons amigos na terra, e ganhava pela caridade outros mais poderosos no céo; e, posto que se desvanecia com as attenções mundanas, procurava cautelosamente fugir a tudo quanto era desonesto. Aos vinte e cinco annos da sua idade começou a visitar os Mosteiros, principalmente da Cartuxa, onde ja tinha um irmão, e a ouvir com prazer o modo de vida monastica: a principio foi curiosidade, mas depois entraram os desejos da conversão; e o santo ermo das Portas teve a principal parte na sua mudança. O veneravel Bernardo Prior, os Monges, e entre elles Bozono seu parente, foram os instrumentos, de que Deos se serviu para o retirar do seculo. O exemplo vivo do amor de Deos e do desprêso do mundo, que nelles encontrou, o fez pedir o habito; e o recebeu com incrivel prazer. O fervor, com que abraçara o santo instituto, concorreu para ser perfeito sem demora na disciplina regular. Enviado em 1133 a grande Cartuxa, serviu de exemplo aos outros Monges; e por suas virtudes começou a merecer favores de Deos. Não tardou, que o elegessem procurador; e pouco mais a diante, em 1139, Prior. Collocado neste arduo ministerio tratou da reforma do costumes antes de tudo; e tanto aproveitou, que a Ordem florescia, crescia, e se santificava; estendeu, e demarcou os limites do ermo, prohibindo entrada de mulheres dentro delles; augmentou, restaurou, e modificou o Mosteiro; fez um aqueducto, e por elle levou agua a todas as cellas e a todas as officinas. Por seus conselhos guiou á Cartuxa um irmão, que tinha no seculo, seu proprio pae, e Guilherme Conde de Nevers. No fim de doze annos de governo, em 1151, renunciou o Priorado querendo antes obedecer, do que governar; mas nem por isso deixou de ser, em quanto vivo, o corrector, guarda, protector, e defensor da Ordem

[1] *Martyrol. Sanct. pro Canon. Regul. ad diem 18 Febr.* — Bolland. *ad eandem diem ex Anonimo coetaneo et aliis.* — D. Ignacio de Nossa Senhora da Boa Morte *ao mesmo dia.* — *Livro preto da Sé de Coimbra* fl. 3. v., 234 v., 241, 245 v., e 246 v. Um retrato de meio corpo sem nome.

Bernardo Prior das Portas, que lhe lançara o habito, querendo tambem renunciar a direcção desse Mosteiro por elle edificado, requereu por isso, que se lhe desse por successor *Anthelmo*, e o conseguiu. Forçado da obediencia acceitou o veneravel Monge o novo ministerio. Neste santo ermo exerceu a caridade avangelica com o maior louvor, porque sobrevindo uma horrivel fome distribuiu pelos lavradores necessitados o muito dinheiro, que encontrou, abriu os celeiros da casa, e vendeu todas as alfaias superfluas para remediar suas precisões; e na tomada de Leão recebeu e alimentou Heraclio Arcebispo desta cidade, e muitas outras personagens, que se abrigaram no Mosteiro. Passados dois annos, demittido do Priorado, voltou á grande Cartuxa.

Em 1159, por morte do Adriano IV foi eleito Summo Pontifice Alexandre III, e logo levantou scismo o Cardeal Octaviano, um dos primeiros eleitores, declarando-se Papa. Pelos esforços do veneravel *Anthelmo* a Ordem da Cartuxa reconheceu Alexandre, e foi ella, com a de Cister, que mais concorreram para lhe darem obediencia França, Inglaterra e Hespanha. Ainda não estavam compostas essas differenças, quando vagou a Igreja de Belley. O Cabido se dividiu em votos, elegendo uns certo mancebo nobre, e outros um Monge: enviando cada partido ao Santo Padre a Tours, onde se achava, para confirmar o seu escolhido, sua santidade rejeitou uma e outra eleição. Perseveravam ainda na teima, quando alguns mais moderados do Clero lembraram *Anthelmo*, e com praser todos o acclamaram. Folgou muito desta eleição a santidade de Alexandre III, e logo a approvou. Resistia o santo Anacoreta; mas admoestado pelo Chefe da Igreja se resignou: e no dia 8 de Setembro de 1163 recebeu das mãos do Summo Pontifice a unção sagrada.

Exaltado a sublime dignidade de successor dos Apostolos, vivia na austeridade de Monge: tinha em grande veneração os Sacerdotes dignos do santo ministerio; e para punir os que se manchavam com impurezas, convocou Synodo logo no primeiro anno do seu governo, admoestou, arguiu com severidade, e procurou depois castigar os obstinados com rigor. Distinguiu-se na defesa da liberdade da Igreja e immunidade ecclesiastica com grande zêlo, segundo se vê do facto de Humberto III, Conde de Saboia. Este Principe capturou um Sacerdote da sua obediencia; e como recusasse entregar-lh'o, excommungou-o, e nada houve, que podesse obter delle a absolvição, em quanto não satisfizesse, como devia; desligando-o, porem, das censuras o Summo Pontifice, renunciou *Anthelmo* a sua Igreja, e se retirou para o ermo. Obrigado pela Santa Sé a voltar á Diocese, procurou por meios brandos, que o Conde désse satisfação, e o absolveu fiado em suas promessas: entretanto continuando na impoenitencia o arguiu, e emprasou para a presença de Deos. Entre os cuidados pastoraes não deixou a Cartuxa, procurando no centro dos Monges, como um delles, algumas horas de alivio, não para proprio recreio, mas para os exhortar á perfeição. Tão austero, como se tem visto, diante do penitente se compungia, como se fosse elle o proprio, que tivesse abandonado o ermo, e lhe abria com amor os thesouros da misericordia de Deos. O pobre, o afflicto, e o enfermo recebiam sempre alivio de sua ardente caridade: essa manifestou no ultimo anno da sua vida na cruel fome, que então houve. De toda a parte corriam a elle para remediar suas necessidades, e a todos proveu. Nesta vida elle gosou o dom da prophecia e dos milagres, e teve a consolação de abençoar Humberto muito contricto, e em premio da obediencia lhe conseguiu de Deos um successor varão. Proximo ao termo recommendou ao Clero a caridade e a concordia, e acabou placidamente de uma febre aguda a 26 de Junho de 1178 com mais de setenta annos de idade, e quatorze annos, nove mezes e quatorze dias de Episcopado. A Igreja celebra sua festa a 26 de Junho no dia do seu transito.[1]

8.º

SANTO HUGO, Confessor.—Nasceu este veneravel ornamento da Igreja de Deos de paes illustres, no castello de Avalon na Borgonha, de que eram senhores. Aos oito annos de idade seu pae o entregou aos Conegos Regulares para o instruirem em santa doutrina; e não tardou elle mesmo a dedicar-se ao serviço de Deos em sua companhia. Havendo feito profissão da santa regra, foi depois ordenado de Diacono, e se lhe cometteu uma Parochia, que administrou com admiravel exemplo de prudencia e santidade. Passados tempos foi á Cartuxa com o Prior do seu Mosteiro, que por devoção a visitava. Nesta santa casa pensou em mudar de habito, persuadido de que só a austeridade da vida deste monastico lhe conseguiria a salvação. Nada houve, que o distrahisse de seu proposito; e para o levar ao cabo fugiu para o ermo, e lá mudou de habito, para viver debaixo da regra de S. Bruno. Entregou-se com assiduidade á oração e ás mais asperas penitencias, manifestando em todos os actos da vida a mais profunda abnegação de si. Por taes virtudes subiu ao Sacerdocio, com o qual resplandeceu em ardente caridade. Depois de dez annos de residencia foi encarregado do ministerio de Procurador. Fez-se amado de todos os Monges, e respeitado fóra do Mosteiro, por onde corria já a fama de suas grandes virtudes e discrição. Chegou esta aos ouvidos de Henrique II, illustre Monarcha de Inglaterra, que tinha a peito estabelecer o instituto Cartusiano no Mosteiro Batoniense, no qual dois Priores nada poderam conseguir por causa da maldade dos visinhos. Mandou elle pedir da Cartuxa, que lh'o enviassem para reger aquella casa: affligiram-se os Monges ouvindo tal noticia, e o Prior o negou aos Embaixadores logo na primeira entrevista; mas depois de muitas luctas, em que todos manifestavam dôr pela ausencia de *Hugo*, um veneravel ancião os preveniu, que se acautelassem de resistir á vontade de Deos. Consultado então o santo Monge se declarou indigno do cargo, para que o escolhiam; porém disso mesmo tiraram seus irmãos documento para o prover no ministerio, e por unanimidade o elegeram. Curvando a cabeça, obedeceu, e partiu para Inglaterra.

Procurou instruir os Monges e dirigil-os em sua doutrina, e não tardou assim o Mosteiro a engrandecer-se espiritual e temporalmente; por isso era estimado de todos. O Rei quiz experimentar por si a verdade,

[1] *Martyrol. Roman. ad diem 26 Jun.*—Bolland. *ad eandem diem*—Morotius *Theatrum Chronol. sacri Cartusiensis Ord.*—Moroni, *Dizionario.* Um retrato de corpo inteiro.

do que ouvia; e, travando conversação com elle a tal fim, o resultado foi dar-lhe quanto lhe pedin para a restauração do Mosteiro, amal-o, e respeital-o, como todo o povo. Concluida magestosamente a fabrica, grande numero de individuos pediu e recebeu o habito, e com elle a mais saudavel doutrina. De suas boas e santas obras crescin a famn, e por causa della os Conegos da Igreja de Lincolnia, vaga havia já dezoito annos, o elegeram seu Bispo por votos unanimes, consentindo o Metropolitano, e com grande prazer o Rei. Apresentando-se-lhe os legados do cabido declarou *Hugo*, que a eleição era nulla por intervir o favor do Arcebispo e do Principe, por causa da indignidade da sua pessoa, e por não ser onvido o Priur da Cartuxa. Procedeu-se de novo á eleição, outra vez teve votos unanimes, e para ello não allegar escusas recorren o Cabido ao Prior da Cartuxa. Apesar de toda a sua resistencia era forçoso ceder, resignou-se, foi consagrado Bispo, e partin para a Diocese em habito monastico e sem apparato, como verdadeiro pobre de *Christo*. Conta-se, que, entrando n'um castello do Bispado, pela primeira vez apparecêra ahi um cysne maior que os outros, do quo havia abundancia, e os matou a todos dentro de poucos dias, reservando só uma femea; que fugindo de todo o mundo se tornára familiar ao santo Bispo, recebia das suas mãos sustento, e mettia o bico o pescoço pelas mangas do seu habito; que saia ao seu oncontro, e de dia e de noite estava sempre junto delle, guardando-o e defendendo-o, e se retirava para o tanque, quando elle se ausentava; finalmente que deste modo succedia todas as vezes, que o Prelado ia ao castello, menos da ultima vez antes da sua morte, sendo necessario mandal-o buscar, mas que todo o tempo esteve de collo caido e muito triste.

Tomando conta do governo da Igreja da Lincolnia, seu primeiro cuidado foi procurar varões eminentes na sciencia e temor de Deos, e pôl-os a sen lado para o auxiliarem nos cuidados pastoraes. Amava ternamente os Clerigos virtuosos, e os constituia Pastores para servirem de exemplo aos fieis: e não tardou a olhar pelos vexames do povo praticados pelos Couteiros tão poderosos, que nenhum inferior ao Rei se atrevia contra elles; e procurou fazel-os emendar. D'aqui veio, que attentassem contra a liberdade da Igreja, hostilisando os seus subditos; mas o santo Prelado cuidou punil-os, excommungando o principal delles. Disto se indignou muito o Rei; porem havendo vagado uma prebenda na Igreja Lincolniense por conselho dos aulicos, que desejavam evitar um rompimento, dissimulou, e lh'a pediu para uma pessoa, *de quem recebia serviço;* e por esse motivo abertas as cartas do Principe respondeu, que os *beneficios Ecclesiasticos eram destinados a pessoas sagradas, que faziam serviços a Igreja, e não para cortezãos*. Acceso em colera o Principe mandou vir á sua presença o veneravel Prelado, e lhe lançou em rosto os beneficios, que recebêra das suas mãos, e a ingratidão com que agora se partava. *Hugo* respondeu como verdadeiro Apostolo: o Principe confuso encommendou-se ás suas orações; e o Couteiro excommungado pediu perdão arrependido. Estudiosissimo da concordia procurava não so mantel-a, mas aconselhal-a· como succedeu com o Metropolitano Cantuariense, que o consultou se devia fundar a Igreja de Santo Estevão no logar, em que lhe indicara S. Thomaz seu Predecessor, ou desistir da empresa, oppondo-se o seu Cabido: respondeu a veneravel *Hugo*, que lhe bastava acompanhar na intenção o santo Martyr, e que era melhor não tratar desse negocio podendo d'ahi resultar o scysma. Louvavam os seculares o instituto Cartusiano, e se queixavam dos impedimentos da vida do mundo: entretanto elle oppunha, que não eram so os Monges ou os Eremitas, que conseguiam o reino do céo; e que Deos, quando julgar os homens, não lhes perguntará se foram Monges ou Eremitas, porém, que os condemnara, se forem máos Christãos.

Era alegre, mas grave e modesto: ignorava todos os prazeres do mundo, e todos os jogos: nunca comeu carne, porem, muitas vezes peixe, e usava moderadamente do vinho: e em consequencia de graves trabalhos do Episcopado relaxou um pouco a severidade dos jejuns e abstinencia. Padecia gravissimas dores de colica, que muito o impediam do exercicio pastoral; mas apesar disso admirava a todos ver, que excedia ás forças de todos, quando consagrava Igrejas, dava Ordens, e fazia outras funcções sagradas do ministerio. Attrahia todos os meninos, e com elles conversava familiarmente: prestava soccorros espirituaes e temporaes aos afflictos e aos infermos, sem exceptuar os leprozos, que beijava. O Chanceller de Lincolnia, admirando tanta humildade, começou a duvidar della, e o questionou, de que S. Martinho beijando os leprozos os sarava, e elle não; respondeu-lhe simplesmente: o *beijo de S. Martinho dava saude aos leprozos, e o beijo dos leprozos dá saude á minha alma*. Lavava sempre occultamente os pés a treze pobres, se tantos encontrava; e por tal modo exercia todos estes actos, que com justo motivo se lho chamava o *homem das compaixões*. Tinha grande cuidado em sepultar os mortos, e muitas vezes aconteceu, quo lançando os cadaveres tão máo cheiro, que todos tapavam o nariz, e recusavam aproximar-se, nada lhe obstava, chegava-se ao cadaver mais horrendo, e prestava-lhe os serviços, de que necessitava até o entregar á sepultura. Receiando alguns, que disso se molestasse, perguntavam-lhe depois como se sentia, e a sua resposta era, que *julgava terem-se enganado, porque não sentira máo cheiro, nem alguma molestia*. Era tal a sua humanidade e benevolencia com os subditos, que nem lhes impunha contribuição alguma, nem soffria que outros lh'a impozessem. Acabou com as multas e exacções, que debaixo de qualquer pretexto se faziam ao povo; e por causa disso teve graves contendas com o Metropolitano, com o Rei, e outros poderosos; e a mim me não admira, que apesar disso lhe sobejasse, e de mais para dar aos necessitados. Abria sempre compassivo os braços aos peccadores arrependidos, e mesmo aos criminosos, como aconteceu uma vez, que, indo de jornada, das mãos dos conductores se evadiu um ladrão, que ia para a forca, a pretexto de pedir a benção, e lançando as mãos ao freio do cavallo, lhe pediu soccorro: o bom *Hugo* mandou, que o soltassem, *porque, onde estava o Bispo com os fieis era a Igreja, e que a immunidade das pedras vivas não era menor, que das mortas*. Deixaram-o solto, mas protestaram contra o Prelado por medo do Rei, e seus cortezãos.

Reinava então depois de Henrique, que o venerava muito, Ricardo, quo não podia levar á paciencia a constancia do santo, disposto a morrer antes que a consentir injustiças. Mandou confiscar-lhe os bens; porém nenhum dos executores se atreveu. Disseram deste Principe, que fazia ao Prelado todos os males possiveis, mas que em sua presença era docil e respeitoso. Na guerra contra os Francezes mandou, que o Metropolitano e os Suffraganeos reunidos indicassem, com que o podiam auxiliar: o veneravel

Bispo sabendo, que disto deviam resultar vexames ao povo, responden, que, *embora todos os Prelados consentissem, elle havia de resistir*. Um dos outros Bispos entrou nos seus conselbos, porem o Metropolitano tomou isto como affronta, e se queixon ao Rei. Sendo confiscado e desterrado da Diocese e do Reino aquelle, que o seguira, foi lançar-se aos pés do Principe, e lhe prometten obedecer-lhe em tudo; porém não aconteceu ontro tanto na Igrejo de Lincolnia; porque, quando os officiaes do Bei entraram, mandou denuncial-os a toque de sino, como excommungados, em todas as Parochias visinhas, e fugiram cheios de terror; receando, comtudo, que uma novo accusação podesse recaír em maior prejnizo dos fieis da sua Diocese, apresentou-se ao Rei para se offerecer em holocausto, e como estava fresca a memorio do martyrio de S. Thomaz, quando *Hugo* se aproximou do palacio do Principe, lhe sairam ao encontro mnitos varões illustres pedindo, qne se submettesse, e evitasse a presença do Rei: não conveio, e progrediu no caminho: e estando o Soberano á Missa, entron na Igreja, chegon-se junto delle, e pediu-lhe o osculo de paz: Ricardo respondeo, que o não merecio: agarrou-se-lhe á capa, e disse, *mereço, porque venho de longe ter comtigo*. Não houve mais resistencia; pois qne a não ha para a virtude e constaocia Apostolica: acabada a Missa, o santo Bispo o conduziu junto do altar, e lá o reprehendeu com incrivel liberdade. Retirado elle da côrte proferin o Rei esta grave sentenço, *se todos os Bispos fôssem assim, nem Reis, nem Principes teriam fôrça contra elles*. Perseverou depois com a mesma constancia, defendendo a immunidade da Igreja, e perseguindo com grande zêlo todos os violadores della. Mais de nma vez desamparado dos seus em Lincolnia, na Hollonda Anglicano, e em Normandia, resistiu elle so com a constancia da fé aos tyrannos armados; e tal era a sua contianço em Deos, que nem um so instante temen a morte.

Entre todos os grandes negocios do Summo Sacerdocio não deixon de resar o Officio Divioo a certas horas: todos os onnos visitava a Cartuxo Bateniense; e nem uma só vez teve occupações, que o impedissem de consolor e remediar o afflicto. O ceo premiou as suas virtudes e innocencia de vida com o dom de prophecia e milagres. Cheio de merecimentos para com Deos e para com a humaoidade acabon suo vida a 17 de Novembro de 1194. Oitenta e seis annos depois da sua morte, a 6 de Outubro, foi elevado e traslndado seu corpo, quando já a Santidade de Honorio III o tinba inscripto no catalogo dos Bemaventurados. [1]

9.°

S. JOÃO Confessor—De nma familia illostre de Provença, nasceo este servo de Deos filho de Eufemio de *Motta-Plana* e de Martha de Fonellet, elle dos senhores de *Matta-Plana*, e ella dos Viscondes de Fonellet. Sua patria foi a cidade de Falcon, onde seus paes tinbam habitual residencia, a 23 de Junho de 1160. Desde menino começou a maoifestar suas inclinações devotas, assistindo com reverencio e prazer ás solemnidades da Igreja; e se apresentava abstineote, humilde, caritativo, e estudioso. Passoo da casa paterna a aprender as bôas letras em Aix e Arles, oode por suas virtudes e applicação foi estimado e applaudido: pensaram depois seus paes em estabelecel-o convenientemente para continuar a snccessão; e, fazendo-lhe proposta de casamento, onviu-a com desgôsto, mas submissamente. A fim de subtrahir-se a um jugo para elle pesado, o contrário oo sentimento da puresa do celibato, a que ospiravo, rogou a seus paes licença de passar alguna dias em Marselha com parentes seus; e, obtendo-a, se pôz a caminho; mas no progresso da jornada illudiu as pessoas do sen sequito, evadindo-se dissimuladamente para o deserto. Em quanto seus poes debalde faziam as possiveis diligencias em bosca d'elle, vivia no êrmo segundo a austeridade dos antigos anacoretas, e se alimentava de fructos silvestres. Passados quatro annos voltou ao seio de sua familia, onde foi recebido como bom filho; porém, visto que o seu projecto era habilitar-se por meio da sciencia para segnir o carreira, que a Providencia lhe destinava, se dirigiu á universidode de París. Alli teve por companheiros uns viote mil estndantes, aos qnaes sobresaía pelo talento e applicação; e obtendo o magisterio e o grão de doutor, entrou a reger uma cadeira de Theologia. Por espaço de nove annos a occupou dignamente, contando entre seus discipulos o illustrado mancebo *de Conti*, que por seus grandes merecimentos foi elevado á cadeira de S. Pedro com o oome de Innocencio III. Aotes de Scoto defendeu em conclusões públicas o Mysterio da Conceição Immaculada; escreveu nma apologia contra os ereges waldenses, e alem de outras obras uns commentarios ao mestre das sentenças; pelo que aquello celebre universidade lhe conferio o titulo de *doutor eminente*.

Attrahido por seu saber e virtudes Mauricio de Sully Bispo de París o fez Conego da sua Igreja; e o elevou ao Sacerdocio, que recebeu em 25 de Novembro de 1192. Havendo dito a primeira Missa a 28 de Janeiro do anno seguinte, partiu para Falcon a orar sôbre a sepultura de seus paes, fallecidos de pouco rempo, repartiu toda a sua berança com os pobres, e voltou a París. Ja por este tempo elle havia recebido alguns favores do céo, e procurava merecel-os pelo seu zêlo no santo Ministerio do Pulpito, em que era assiduo; porém, aproximando-se a epocha, em que devia preparar-se para a sua missão, obteve licença do Bispo, e se retiron a nm aspero deserto na montauba de Bordelia do territorio Meldense, onde fizera penitencia S. Tiacrio Principe de Escocia. Encontrou ali algumas grutas, e procurou para habitoção a mais aspera e medonha. Neste sitio morou sete mezes soffrendo grandes tribulações: passou delle a outro, onde fazia vida eremitica S. Felix de Valois: e ambos viveram em santa união por tres annos: findos elles, e sabendo um do outro as mysteriosas revelações, com que Deos lhes inspirava a fundação de uma nova Ordem Religiosa para redempção dos captivos, partiram para Roma em 1197, e se opresentaram a Santidade de Innocencio III no anno seguinte com recommendação do Bispo e Prelados de Paris. Approvou o Santo Padre a Ordem com o titulo da *Santissima Trindode*, e lançou o habito aos fundadores em 2 de Fevereiro desse anno. Voltaram a França, e, no Mosteiro de S. Victor de Poris de Conegos Regrantes de Santo Agostinho, deram começo á fundação, vivendo conforme seu

[1] *Martyrol. Rom. ad diem 17 Nov.*—*Surius ad eandem diem.*—Richardus Smiteus *Florum Hist. Eccl. Gentis Anglorum Libri.*—Morotius *Theatrum Chron. sacri Cartusiensis Ordinis.* Um retrato de corpo inteiro.

particular instituto, e admittindo individuos a recebel-o, dos quaes S. João *Angelico*, doutor e cathedratico daquella universidade, foi um dos primeiros. Passaram depois á montanha de Bordelia, nella fundaram um dormitorio, e estabeleceram a regra, que foi approvada pelo Sommo Pontifice. Augmentando o numero dos Religiosos, os fundadores auxiliados pela piedade do condestavel de França, da Condeça Joanna sua mulher, o de Margarida Condeça de Borgonha, origiram no Monte Frio perto do ermo, onde S. Felix vivia, o grande Mosteiro de *Cervo Frigido*. Concluida a fabrica o veneravel *doutor eminente* partiu para Roma a eu dar da confirmação da regra, que não só alcançou da Santidade de Innocencio III, mas a casa de S. Thomé de *Formis* na capital do Mundo Christão. Applaudindo o Santo Padre os desejos, que o fundador lhe manifestou, de dar principio ao resgate dos captivos, conveio escrevendo ao Rei de Marrocos para esse fim. Os nomeados para esta commissão foram S. João *Angelico* e o Beato Guilherme *Scoto*, que sairam do Tibre em 31 de Março do 1199; o depois do cinco mezes de trabalhos e riscos trouxeram cento oitenta e seis Christãos restituidos á sua antiga liberdade.

Nesse mesmo anno Sua Santidade nomeou Capellão Pontificio ao veneravel servo de Deos, e o mandou legado ao Reino da Dalmacia para compôr a desordem, em que ali vivia a Christandade, pola mais escandolosa simonia, divorcio, casamento do Clerigos, nullidade do matrimonios por falta de dispensa, e alteração da disciplina. O legado com seu companheiro e discipulo Fr. Simão Mario Subdiacono e depois Cardeal apresentou a carta do Summo Pontifico ao Soberano, que o recebeu como bom Christão, e respeitou a legacia humildemente. Lançou o Pallio ao Arcebispo de Dioclia, e depois de algumas conferencias com os Bispos e com o Rei celebrou Synodo na cidade de Antivari. Nelle propôz a reforma, que foi recebida depois de poucas sessões. Prégou, o foi ouvido com admiração e sinceridode; e concluida com fructo a missão voltou a Roma. O Santo Padre approvou os Canones do Concilio, e permittiu, que mandasse fundadores da sua Ordem áquelle paiz, como pedira o Rei. Desde esta epocha se foi dilatando o Ordem com a fundação dos Mosteiros por diversas partes da Europa. No anno seguinte 1200 visitou a casa de *Cervo Frigido*, onde S. Felix mantinha a disciplina Monastica com grande exemplo; e elle passando a Hespanha foi recebido com respeito por seus principes, fundou varios Mosteiros, e reconciliou ElRei do Aragão com a Rainha D. Sancha sua mãe. Em 1201 fez um resgate em Valencia, que por então era terra de mouros, prégou em Lerida, e de sua eloquencia celestial aproveitaram Christãos e islamitas: do ministerio da Cadeira sagrada desceu ao da enfermaria, servindo o alliviando os doentes com suas palavras do consolação o com o fructo de suas orações.

Em 1203 chamado a Roma recebeu aviso da Santidade de Innocencio III para escolher da sua Ordem Religiosos, quo acompanhassem o exército da Cruzada, o qual se preparava então para recuperar os Logares Santos. Acceitando elle este novo encargo, determinou o Santo Padre, quo todos os soldados desta expedição, excepto os das Ordens Militares, levassem sôbre o peito a Cruz do monastico Trinitario; e daqui teve a Ordem meio do se dilitar no Oriente. Entretanto o venerovel fundador com o Beato Guilhermo *Scoto* passou a Tunes a fazer uma redempção, o, tendo escolhido mais captivos do que podia resgatar, foi injuriado, despedçaram-lhe o habito, lançaram-o por terra, e depois o açoutaram, feriram, e encerraram n'uma dura masmorra com o Beato Guilherme, onde os quizeram persuadir ao islamismo. Deos por mediania da Virgem auxiliou-os neste horrivel transe, de modo que não so poderam sair do carcero, mas fazer o resgate. No onno seguinte o Papa o enviou legado e inquisidor Apostolico a França contra os Albigenses protegidos pelo Conde de Tolosa: acompanhado de Operarios Evangelicos de sua obediencia partiu para o seu destino, e procurou fallar ao Conde para o dirigir por meios brandos a abjurar o êrro; e não podendo consegui-lo, entendeu preencher a legacia pregando nas praças, ensinando, e disputando nas aulas: as conversões, que Deos por elle obrava, e ao mesmo tempo a pertinacia do maior numero, obrigaram o Santo Padre a dar-lhe mais auxiliares, entre os quaes foram S. Paulo de Castro-Novo, martyrisado pelo Conde de Tolosa, o veneraval Fr. Rodulfo Cisterciense, Diogo de Arbues Bispo do Osma, e S. Domingos. Juntos os ministros da legacia na cidade de Montpellier com os Bispos do Provincia do Languedoc assentaram em certos capitulos para reduzirem os hereges. Repartiram-se pelas cidades o evangelisar, pregando com a palavra e com o exemplo. Passado um anno doixou em seu logar a Fr. Simão Mario, que então o acompanhava, e jó estivera com elle na Dalmacia, e foi a Roma dar parte dos seus trabalhos.

No anno 1206 visitou os Mosteiros de Hespanha em companhia de S. João *Angelico* e do Beato Guilherme *Scoto*: no progresso da visita foi chamado pela Rainha D. Sancha de Aragão para reconciliar os Soberanos de Hesponho, que andavam todos desavindos entre si, excepto o de Portugal: a piedade destes Principes e o respeito, que consagravam ao Varão Santo, obraram em pouco a concordia. Voltou depois a Roma, e occupou-se no ministerio da redempção, e em estabelecer a sua Ordem na Escocia, onde não havia ainda entrado: passou novamente a empreza da conversão dos Albigenses; e, tendo trazido muitos ao seio da Igreja, acompanhou em 1212 ElRei de Castella á batalha dos Navos de Tolosa, onde muitos soldados appareceram com a Cruz da Ordem. Depois da victoria, chegando a noticia da gloriosa morte de seu com-fundador S. Felix no Mosteiro de *Cervo Frigido*, apressou a jornada para Roma: nomeou S. João *Angelico* Ministro daquelle Mosteiro; e pouco adeante chamou a capitulo geral os seus Religiosos. Nesta assembléa se determinou, que em todos os Mosteiros da Ordem se venerasse a Virgem Santissima com o titulo dos *Remedios*: destinaram-se casas especiaes, em que se fizessem estudos regolares das Sciencias Divinas; e estabeleceu-se, quaes condições deviam ter, e quaes observariam os Religiosos destinados á Missão Evangelica e ao resgate dos captivos. Cheio finalmente de virtudes e merecimentos, favorecido com o dom da prophecia e dos milagres, passou desta vida terrena a 17 de Dezembro de 1213 nos braços dos seus discipulos; e a Igreja de Deos por decreto do Santo Padre Innocencio XI celebra com solemnes cultos a sua festa a 8 de Fevereiro. [1]

[1] *Martyrol. Roman. ad diem 8 Feb. et 17 Dezemb.* — Fr. Jeronymo de S. José *Historia Chronologica da Ordem da Santissima Trindade da Provincia de Portugal*. Um quadro representando o Santo no magisterio da Universidade

10.°

SANTO ANTONIO, Confessor. — De D. Martinho Martins de *Bulhão* e D. Theresa Taveira nasceu na Freguezia da Se de Lisboa a 15 de Agosto de 1195 o bemaventurado Thaumaturgo Portuguez, illustre pelo berço e muito maia pela sna vida prodigiosa. No baptismo lhe pozeram o nome de *Fernando*, que depois mudou para o de *Antonio*, quando trocon o habito de Conego Regular de Santo Agostinho pelo dos Menores. De menino foi entregue por seus virtuosos paes na Cathedral para ser educado om santos costumes e instruido nas bôas lettras, como então lá se praticava. O exemplo de seus paes, dos Conegos, e dos Ministros da Igreja, auxiliado pela bôa indole formon de tal modo o seu coração, que vein a ser pelo auxilio da graça um complexo portentoso de virtudes. Aos 15 annos, no de 1210, receben em S. Vicente da sua patria o habito do Conego Regular de Santo Agostinho das mãos do v. Padre Gonçalo Mendes Prior deste Mosteiro, e, quasi dois annos depois, passon ao de Santa Crus de Coimbra. Com difficuldade obteve licença dos superiores, que por seus merecimentos o amavam ternamente; comtudo foi preciso ceder á justa causa de sua súpplica, que era evadir-se a continua importunidade dos amigos, e viver em pleno retiro. Livre das prisões, que o tolhiam da contemplação, se entregou ao estudo severo des Scieocias Ecclesiasticas sem reserva; succedeu, porem, que o Infante D. Pedro, irmão de ElRei D. Affonso II, levasse a Santa Cruz as reliquias dos Santos Berardo, Otto, Pedro, Acurcio, e Adjuto, Religiosos Menores, que por odio da fe tinham sido no anno de 1220 martyrisados em Marrocos, donde as trouxera. Eram seus conhecidos, porque haviam estado no Mosteiro antes da ida para Barberia; e os servira na hospedagem. Abrazou-se em desejos de obter, como elles, a palma; pediu por isso licença para vestir o borel ao Prelado, que lh'a deu com grande ropugnancia; passou logo ao Mosteiro de Santo Antão d s Olivaes nos suburbios da cidade, e lhe lançaram o hobito dos Menores. Voltando depois a Santa Cruz acompanhado do outros Religiosos daquelle Instituto, um dos Conegos lhe disse na despedida: « *Vae, vae, que talves sejas santo;* » e o novo *Antonio* respondeu com estas memoraveis palavras: « *Quondo ouvires isso, louva a Deos por suas obras.* » Retirado ao ermo de Santo Antão, de quem tomára o nome na Ordem Serafica, ahi esperou opportunidade do executar seus santos designios.

Lançado sôbre as vagas do Oceano para conquistar o reino do Céo á custa do proprio sangue nas regiões da Mauritania, por disposição do Senhor, que o reservava para outras, adoeceu gravemente, e lhe foi necessario voltar para a patria; mas a Italia, que devia ser o theatro de seus prodigios, preferiu a Hespanha, e lá o levou a vontade de Deos, obrigando-o, por uma tempestade, a procurar abrigo na Sicilia. Estava proximo então o capitulo geral dos Menores, e não tardava a celebrar-se em Assis; para ali dirigiu seus passos, como a gravidade da molestia lh'o permittiu: terminado o capitulo, e partindo os Religiosos a seus destinos, viu-se como ao desamparo sem ser procurado por alguem. Com esta tribulação, que durou pouco, quiz Deos provar sua paciencia depois de lhe tornar impossivel a satisfação de seus desejos acêrca do martyrio: procurou então Fr. Graciano, eleito Prelado da Provincia da Romandiola, rogando-lhe humildemente, que o pedisse ao Geral, e o instruisse nas disciplinas regulares; a petição foi acceita; e *Antonio* partiu com o Provincial para o ermo do Monte de S. Paulo. Aqui fez vida solitaria entregue á oração, á meditação, ás vigilias, e á mais rigorosa abstinencia, de modo que chegou a uma debilidade extrema: apesar do dote da sciencia quiz viver como ignorante, porque receiava decair da humildade; e posto que foi ardentissimo o seu zêlo pela casa de Deos, frustrados os desejos de perecer por *Christo* aos golpes do alfange mossulmano, recusava tomar sobre si o pêso da gloria mundana, e regosijava-se em passar por idiota, entretanto o Senhor havia disposto o contrario. Mandado a Forly com outros Religiosos da sua Ordem o da Dominicana para se Ordenar: Alberto Bispo dessa Igreja provocou na hora da comida aos Religiosos Pregadores para algum expôr o quer, que fôsse de pia edificação; mas todos se recusaram respondondo, que não tinham licença para o fazer: dirigiu-se então o Prelado *Antonio*, de cuja sciencia se não sabia; convidou-o a fazer o que os outros recusavam; o v. Religioso disse, que não era idoneo por se haver empregado a limpar os utensilios da cosinha e n'outros ministerios humildes: não se attendeu a escusa; e foi intimado a obedecer: todos o ouviram com assombro fallar do temor de Deos com uma eloquencia celestial e sabedoria profunda! Espalhou-se logo a nova, e com alegria chegou aos seus superiores: pelo que, ordenado de Sacerdote, o Geral o nomeou immediatamente Prégador.

Começou a exercer logo este santo ministerio com grande fervor e espantosos proveitos; insinuava-se com graça e reprehendia com liberdade; accommodava-se ao auditorio, fazendo-se entender de todos como um homem divinamente inspirado: tanto procurava ate agora o retiro; incançavel na contemplação, quanto depois não parava um instante correndo cidades e castellos para annunciar o reino dos Ceos. Na conversão dos hereges em Arimini se viu, que a mão de Deos obrava nelle, principalmente com um desses, Bonovillo de nome, cego, e indurecido no êrro por mais de trinta annos, fazendo-o retractar, e obrigando-o a perseverar ate á morte na communhão da Igreja; mas por que meios conseguiu elle a salvação desses homens perdidos? Prégava contra suas perniciosas doutrinas, e elles insistiam em não querer ouvil-o por mais quo procurasse attrahil-os: lançou-se as praias do mar, e chamou os viventes das aguas, convidando-os a ouvir a palavra de Deos, que os hereges despresavam: cardumes de grandes e pequenos peixes appareceram então deixando vêr as cabeças e dispostos em bôa ordem attenderam e applaudiram a seu modo o Apostolo, que unicamente a elles se dirigia, e so delles fallava para reprehender os vicios dos homens, e com sua benção desappareceram sumindo-se nas aguas: depois deste milagre os seus sermões produziram todos os dias a conversão de muitos hereges. Seguindo o exemplo do *Christo* com os publicanos não rejeitava convite daquelles procurando a emenda de seus erros: chamado um dia por elles a comer, lhe revelou o Espirito Santo, que tinham envenenado os guisados; e, arguindo-os da malicia com pias e moderadas exhortações, responderam, quo nada pretendiam senão experimentar a verdade do Evangelho, quando dis: « *Ainda que bebam veneno, não lhes fará mal;* » persuadiram-o a comer, não hesitou, depois de abençoar o que lhe apresentavam, e foi salvo; disso

veio a conversão daquelles perversos. Em Tolosa, havendo disputado sôbre a *Presença real* com o herege Guialdo, exigiu este um prodigio, e não teve o Bemaventurado dúvida: presente grande concurso, fez trazer diante de um jumento, com fome de tres dias, bôa ração; e aproximando-se com o *Santissimo Sacramento*, ordenou-lhe que o adorasse: com grande confusão do herege obedeceu o animal. Um similhante milagre operou em Forli. Em Milão disputou igualmente com os hereges em público, e os convenceu.

Sendo Prelado da Custodia de Limoges, por elle tambem obrou Deos muitos prodigios. Pertencia-lhe uma das lições do officio da Quinta-Feira Santa, e, estando a hora de matinas a prégar na Igreja de S. Pedro, appareceu no momento, em que devia estar no côro do Mosteiro, e cantou nelle, em quanto prégava naquella Igreja: igual successo teve logar em Montepellier, porque em quanto lia na cadeira, prégava fora do Mosteiro n'uma festividade solemne; e ainda outro em Lisboa: andavam de rixa nesta cidade dois homens: um delles matou de noite o filho do outro, quando passava na praça, e o lançou para o jardim da casa, onde o Santo nascêra; sendo ali encontrado o cadaver, foi prêso, com toda a familia, seu pae; teve elle disto revelação em Padua; e pedindo de tarde licença ao Prelado para sair, no dia seguinte pela manhã estava em Lisboa a solicitar do juiz a soltura dos innocentes: recusou o magistrado; porém elle, depois de trazerem o cadaver do moço, como requerêra, levantou-o pegando-lhe pela mão, e o conjurou para declarar se o accusado o havia morto? com a resposta negativa teve seu pae e os seus liberdade.

Estando naquella Prelazia de Limoges, um noviço da sua obediencia era cruelmente tentado a sair da Ordem, o Santo aproximando-se delle abriu-lhe a bôcca com sua mão, e soprou dizendo: « *Recebe o espirito;* » o noviço caiu morto; porem elle levantou-o resuscitado diante dos Religiosos: desde então não teve o noviço similhantes tentações. Um Monge da Abbadia de Soleuniaco, que era attribulado pelas vexações da carne, e nada lhe bastava para se ver livre dellas, confessando-se com o Santo pediu-lhe remedio; e elle despiu a tunica, e lh'a deu para a vestir: foi salvo. Uma mulher vivia atormentada pelos zelos do marido, que chegou um dia a maltratal-a, por forma, que lhe arrancou os cabellos: chamou o Santo para a soccorrer, e na volta do marido lhe mostrou ella os cabellos pegados: foram-se zelos, e de inimigo dos Religiosos se converteu elle em seu bemfeitor. Visitando um Mosteiro da sua obediencia, no qual fez cella para estar algum tempo na solidão entregue aos rigores da penitencia, em certo dia o cosinheiro não tinha hortaliça, nem a podia obter por ser longe de povoado, e chover muito: pediu então a uma senhora sua devota, que o provesse da sua quinta: conseguiu ella de uma serva, que tratasse de soccorrer os Religiosos; e, com quanto não cessasse um momento a tempestade, a serva chegou a casa com os vestidos enxutos, sem a menor humidade. N'outro dia, saindo os Religiosos de completas, viram grande número de homens devastando o campo de um seu amigo: correndo ao Santo lhe pediram remedio, e elle lhes disse, que era obra do diabo para os inquietar na oração aquella noite, que por isso orassem: no dia seguinte reconheceram, que seu Prelado tinha rasão, encontrando o campo como d'antes. Estando para pregar em S Juniano da Diocese de Limoges e tanto ao concurso, que foi necessario levantarlhe o pulpito n'uma praça: subindo a elle disse aos fieis, não vos assusteis, porque o demonio nos ha de incommodar durante o sermão; mas sairemos daqui todos sem molestia, e sua malicia será enganada: não tardou muito que o Pregador e o pulpito caissem por terra, no meio da multidão: apesar disso, succedeu como o Santo predissera. Um similhante prodigio teve logar em Limoges, onde, por ser immenso o número de ouvintes, pregou na praça: pouco tempo passado começou uma tempestade medonha de raios e trovões; mas o Santo advertiu, que ninguem se retirasse com medo da chuva, porque ella não incommodaria alguem, conforme esperava em Deos: choveu horrivelmente á roda da praça, mas dentro della nada.

A esses milagres juntava outros na cura dos enfermos, na resurreição dos mortos, e na conversão dos peccadores; e Deos lhe dava fôrças por meio de consolações celestiaes, da sciencia do futuro, e do pleno conhecimento dos arcanos do coração humano, para melhor obrar taes prodigios, e oppôr-se ás maldades dos homens. Em um sermão levantou-se um louco, e perturbou o auditorio; ordenou-lhe que se calasse, e elle respondeu, que o não fazia sem lhe dar a sua corda: o Santo atirou-lhe com ella, e o louco abraçando-a e beijando-a, recuperou o uso da rasão. Apressando-se uma mulher a ouvir um de seus sermões, descuidou-se de um filhinho deixando-o junto a uma caldeira de agua fervente: quando voltava lembrou-se delle, e, não o vendo, se reprehendia no maior accesso de loucura, pensando que estaria queimado; porem ao entrar com os visinhos o viu dentro da caldeira brincando com a agua e sem lesão alguma. Indo prégar a certo castello, foi ouvi-lo uma mulher devota, que deixara um filho no leito da morte: voltando depois o achou morto, e correu depressa a buscar o Santo para o resuscitar: respondeu elle por tres vezes—que se fôsse, porque Deos lhe faria bem: encontrou-o vivo quando chegou a casa. Em uma cidade, onde foi prégar, hospedou-se em casa de um burguez, que lhe deu um quarto retirado para se entregar á contemplação: procurou o hospede em certa hora vê-lo a orar, e descobriu por uma janella, que elle tinha nos braços um menino formosissimo e alegre, o que o abraçava e beijava, contemplando sem cessar a sua face: o burguez estava pasmado da bellesa do menino, e pela circumstancia de não saber como ali viera: entretanto o menino disse ao Santo, que o seu hospede os espreitava: finda a oração chamou-o, e lhe prohibiu contar em sua vida o que vira. Sendo Guardião do Convento de Anicio do Podio visitou uma senhora, que se achava gravida, e lhe predisse que teria um filho, o qual havia de ser Religioso Menor e Martyr: isso se verificou. Destes e de muitissimos outros milagres, e de innumeraveis conversões, que Deos obrou por seu ministerio, deram testimunha a Italia e a França, theatros de suas maravilhas. Pregando n'um Synodo da cidade de Bourges reprehendeu vivamente e com incrivel liberdade certos vicios detestaveis, fallando directamente ao Metropolitano Simão de Soliaco; e elle, sentindo gravada a consciencia: experimentou tal dôr, que, terminado o Synodo, lhe abriu seu coração com humildade e lagrimas, desde essa hora perseverou diligentemente no serviço do Senhor, e se tornou mais devoto das cousas de Deos e dos Religiosos. Com o mesmo zêlo, em presença do Santo Padre Gregorio IX, convenceu o Geral Fr. Elias de pretender introduzir abusos, relaxando o Instituto Serafico, e

lhe resistiu intrepidamente. Com zêlo proprio de um Apostolo, por amor da religião e da humanidade, se apresentou em Verona a Eselino General do Imperador Frederico II, que vexava com extrema tyrannia a Italia, e com atrocidade incrivel havia já assassinado muitas mil pessoas; lançou-lhe em rosto esses horrendos crimes, o conjurou-o de cessar as hostilidades. Eselino desistiu da malvada empresa.

No Capitulo Geral de Arles foi nomeado leitor; e ensinou por mandado do fundador da Ordem desde 1226: porem não teve cadeira fixa, passando de Mosteiro a Mosteiro, leu em Montepellier, Bolonha, Padua, Tolosa, e outros logares: reunia o magisterio com o pulpito, a ambos a controversia, o a todos tres o exercicio continuo dos prodigios. Esta era a sua vida e o seu officio, e em proveito da Igreja e do proximo andou de terra em terra sem descançar nos dez annos ultimos de sua existencia. Possuiu todas as virtudes em grão eminente este grande homem, casto porque foi virgem, humildo, obediente, sobrio, abstinente, penitente, pacifico, manso, misericordioso, justo, compassivo, abundante de caridade ardentissima, despresador do mundo, e de todos os respeitos humanos, zeloso por extremo da Casa do Senhor, e firmissima columna da Igreja Catholica: honrado pelos homens com os nomes de *martello das heresias*, *lucerna ardente e luzente*, *e arca da alliança*, o ora por Deus com a presciencia do futuro, e com o poder de obrar milagres. Eis-ahi não só o typo do verdadeiro Sacerdote do Christianismo, porém de um Santo, a quem o Senhor quiz preseverar desde o berço até á sepultura, e enriquecer com o privilegio dos mais subidos dotes da graça, em todos os dias de sua vida terrena.

No anno 1231 tendo por toda a quaresma, e della ao Espirito Santo, apascentado com a palavra de Deos os Paduanos, passou em companhia de Fr. Lucas e Fr. Rogero ao campo de S. Pedro, para lá se entregar á oração e estudo das Sagradas Escripturas no tempo das ferias. De repente começou a debilitar-se de tal modo, que pediu o levassem ao Mosteiro de Padua; mas concorrendo muita gente, preferiu recolher-se ao hospicio dos Capellães de um Mosteiro de Religiosas pobres; cresceu a molestia e o Santo, em 13 de Junho, depois de algumas palavras de edificação o devoção, expirou placidamente, aos 36 annos de idade, vivendo 15 em casa de seus paes, 2 em S. Vicente, 9 em Santa Cruz, o 10 na Ordem Serafica; eum anno depois, no mesmo dia 13 de Junho, foi solemnemente canonisado pelo Santo Padre Gregorio IX. Operou o Senhor, depois da sua morte, grandissimo número de milagres para confirmação de sua santidade; e as cidades de Lisboa e Padua com toda a Christandade solemnisaram em todo o tempo a sua festa com grandes cultos, recordando a primeira o nascimento, e a segunda a morte, que testimunharam. Tão grande pêso tiveram os prodigios anteriores á *canonisação*, que o Santo Padre, no acto della, lhe chamou *Doutor e Lus da Igreja*. S. Boaventura, em 8 de Abril de 1263, procedeu á trasladação de suas reliquias para Capella propria da Igreja nova, que em sua honra fizeram os Paduanos. Neste acto achou-se toda a carne do corpo reduzida a cinza, porém a lingua estava inteira, aguda a vermelha, como em vida; e desse modo se conserva. Ao sepulchro concorrem fieis de toda a Christandade, o é universal a devoção, com que se implora o seu patrocinio.

Restam de seus escriptos os seguintes: *Sermões dos Santos*; *Sermões Quadragesimaes e Dominicaes sôbre Evangelhos de todo o anno*; *Sermões de Quaresma e do Tempo*; *Concordancias Mores da Sagrada Escriptura*; *Interpetração Mystica a Sagrada Escriptura*: em todos elles respira saber, amor de Deos, zêlo pela salvação do proximo e pela Casa do Senhor.[1]

11.°

S. LUIZ Confessor.—Correndo o anno 1214, a 25 de Abril, nasceu, filho do Luiz VIII Rei de França e da Rainha o Senhora D. Branca Infante de Castella, outro *Luix*, que succedeu na Monarchia Franceza, e por seus grandes merecimentos venerâmos sôbre os altares. Na Parochia de Santa Maria Pisciacense da Diocese de Chartres, ondo viu a primeira luz, foi regenerado com o baptismo: a illustre e piedosa Rainha dirigiu com o maior desvêlo a sua infancia, procurando sôbre tudo inclinar-lho o coração á piedade e ao amor do proximo, e instruir sua alma nas lettras Divinas e humanas, como convinha a um principe destinado pelo Senhor a governar homens. As altas virtudes desta mulher forte, os cuidados, que punha na educação do primogenito da França, e o terno carinho, com que amava todos os seus filhos, determinaram seu espôso a nomea-la regente do reino, e commetter-lhe a tutela do moço *Luiz* e dos irmãos, estando proximo á morte, que teve logar pouco depois a 7 de Novembro de 1226. *Luiz* foi ungido Rei de França na Igreja Cathedral do Santa Maria da cidade de Reims em 26 do Novembro desse anno, estando vaga a Metropole Remense, por Jacob de Bazoches Bispo de Soissons. Aproveitando a menoridade se levantaram para guerrear o novo Monarcha, debaixo de diversos pretextos, mas com o verdadeiro de diminuir-lhe o podêr, arrancando-lhe possessões, que haviam perdido, o Rei do Inglaterra, e os Condes de Bretanha e Champanha, Hugo de Luzignan, e o Conde do Barri. *Luiz* e sua bôa mãe pediram a protecção da Santa Sé, e a alcançaram: a presença do Legado Apostolico e do exército real trouxeram os Principes Francezes a conciliação, em quanto foram illudidos os esforços do Soberano Inglez, desvanecendo-se em breve a tormenta. No seguinte anno (1227) *Luiz* renovou com o Imperador Frederico II, o com Henrique seu filho Rei dos Romanos, uma alliança, para evitar, que dessem as mãos ao Rei de Inglaterra contra elle. Nova conspiração lhe moveram os Senhores do Reino, levados por Filippe Conde de Bolonha, com o fim de tirar a regencia e a tutéla das mãos da Rainha; e quando se preparavam a prendê-lo, a trama foi descoberta, e elle entrou em Paris livre das machinações.

Em 1228 renegou as tregoas, que havia feito com Henrique III de Inglaterra, o tratou de fazer a guerra aos Albigenses, para a qual no anno antecedente obtivera da Santa Sé as decimas Ecclesiasticas com repugnancia dos contribuintes. Tentando dar fim á heresia assolou as terras do Conde de

[1] *Martyrol. Rom. ad diem* 13. *Jun.*—Lipomanus, Surius et Bolland. *ad eandem diem*.—Diogo Barbosa Machado *Bibliotheca Lusitana*.—Um retrato de meio corpo sem nome.

Tolosa, e invadiu as do Conde de Fox, ambos fautores d'ella: entretanto procurando a paz, que anciosamente se desejava, por meio do Abbade Elias Guarino, quo fazia as vezes do Legado Cardeald e Santo Angelo, a obteve, havendo-se já submettido Raymundo do Tolosa aos mandados da Igreja. Pactuou com este, entro ontras cousas, a restituição dos Catholicos aos seus cargos, a entrega dos bens Ecclesiasticos, e a observancia dos direitos da Igreja e das pessoas della; que obrigaria os excommungados a dar satisfação; que em penitencia tomaria a Cruz para fazer a guerra aos Mouros; que daria sua filha em casamento a Affonso irmão delle Rei. Rectificado o tratado, Raymundo e os seus se reconciliaram com a Igreja; o Conde de Fox se submeteu; e o Rei publicou leis para extirpação da heresia, e a favor da liberdade Ecclesiastica. Em 1229 houve na Universidado de Paris um gravissimo o escandaloso arruido, pelo que o veneravel Rei aboliu esta corporação; mas depois, a instancia do Santo Padre Gregorio IX, a restaurou vantajosamente. Confederados com o Rei de Inglaterra e com o Conde de Bretanha faziam a guerra na Champaghe aos Condes deste Estado e ao de Flandres, o Duque de Borgonha, o Conde de Hollanda e outros Principes, em quanto o Conde de Flandres assolava a Bolonha; *Luiz* para terminar essas desavenças se poz em campo; porém elles fizeram tregoa e desampararam a Champagne: entretanto o Rei levou suas armas contra o Condo de Bretanha alliado de Inglaterra, e proseguiu no anno seguinte a guerra; o Conde, julgado rebelde e esbulhado do suas terras pelos Barões do Reino, foi desamparado da mais alta Nobreza de seus estados, que juravam fidelidade ao Rei, o qual teve de retirar-se pela perfidia dos principes, em quanto dois Senhores da Normandia passaram a dar homenagem a Henrique de Inglaterra, e o moveram a partir da Bretanha com o exercito para se apossar de Mirabel: entretanto de novo começaram as discordias dos principes, e a Champagne tornou a ser assolada; mas o Rei procurou attrahi-los a Melun, e lá os congrasson. No anno 1231 ardia a guerra contra Henrique de Inglaterra na Bretanha, que se suspendeu por uma tregoa de tres annos. Theobaldo Conde de Champagne havia enviuvado, e como era amigo do Rei pretenderam os Principes, que só por medo desampararam o Conde de Bretanha, que elle casasse com Jolanda sua filha; porém *Luiz* lh'o prohibiu, e disso vieram novos odios contra Theobaldo.

Não eram só estas contendas, que affligiam o moço Rei, comtudo outras, mais graves por se darem com Prelados da Igreja: a primeira havia principiado em 1227 com Theobaldo Arcebispo de Rohão, e continuava com seu successor Mauricio, porque tendo aquelle Prelado mandado buscar madeira a sua floresta de Loviers, lh'a arestou o juiz de Vau-de-Revel; e sabendo isso o Ordinario do logar o excommungou: queixava-se o Rei, de que a excommunhão fôra lançada sem sua audiencia, e demais, porque o Metropolitano recebia censo daquelle logar de Loviers, que era feudo da corôa, e porque excommungara o Deão e Conegos de Gonrnay, que estavam debaixo de sua protecção, e esta Igreja pertencia a seu padroado. Mandou por isso, que comparecesse para responder na sua presença em Vernon: recusou o Prelado allegando, que não era obrigado a responder na curia, porque não so se tratava de cousas espirituaes, mas porque não tinha feudo secular. Irado o Soberano, por conselho dos Barões fe-lo citar segunda vez, e comparecendo respondeu deante dos Barões, que de quanto ouvira não havia de que dar rasão. Disso resulton ser confiscado em todos os bens seculares: entretanto o Legado Apostolico lhe fez restituir tudo, ficando a causa indecisa: de novo rebenton mais grave a controversia, e por fim veiu a terminar por deligencia da Santidade de Gregorio IX. A segunda contenda foi com o Bispo de Beauvais Milou em 1233, porque acontecendo uma sedição na cidade entre nobres e plebeos, muitos daquelles foram mortos, e o Rei como juiz supremo apresentou-se em Beauvais, prendeu muitos do povo em diversos logares do Reino, e os multou com penas pecuniarias: o Bispo no Synodo de Noyon accusou o Rei aos Prelados por ter attentado contra sua jurisdicção temporal, constituindo-se juiz quando elle se dispunha a tomar conhecimento da causa: *Luiz* affirmou, que esta controversia devia ser tratada na curia real, e debalde por alguns Prelados foi admoestado: entretanto o Bispo lançou interdicto em Beauvais, partiu para Roma, e morreu no caminho: Gaufrido seu successor insistiu tenasmente na questão, sustentou o interdicto, e appellou para a Santa Sé, e igualmente o Rei: o Santo Padre Gregorio IX procurou applacar o Soberano, e enviou para compôr a questão a Pedro de Collemedio; e sendo eleito, em logar da Gaufrido, Roberto de Cressonsart, fez composição com o Rei, e levanton o interdicto. A base de ambas estas controversias foi desgraçadamente injuriosa para o Clero; por que não era o reino de Deos porque pelejava, mas o reino deste mundo: um abysmo chama outro abysmo: se o Clero não quizesse defender, o que não era seu, o veneravel Rei não attentaria um pouco sem rasão contra o Sacerdocio, desacatando a dignidade Episcopal. O aresto de uma pouca do madeira em qualquer circumstancia nunca foi motivo real para censuras espirituaes; do mesmo modo, que o exercicio da auctoridade soberana em despeito da feudal estava bem longe de o ser para um interdicto: por outra parte a protecção e padroado real não podiam ser impedimento para o exercicio da auctoridade Episcopal; nem um facto de qualquer ordem era sufficiente para levar um Bispo a ser julgado por juizes leigos. Ha comtudo uma cousa maravilhosa no meio destas querélas, e é o espirito de justiça e mansidão, com que se houve o Santo Padre Gregorio IX para termina-las

No anno 1234 estava pendente entro Theobaldo e a Rainha de Chypre sua tia grave contenda acêrca do Condado de Champagne: o bom Rei tenton decidi-la, e o conseguiu: por sua mediania lovou á concordia com este Principe outros seus adversarios: foi além disso causa, para que o Santo Padro restituisse a Raymundo de Tolosa o Marquezado de Provença, que o Conde havia abdicado. Por este tempo, dedicado o veneravel Rei cada vez mais á piedade, aproveitava no bom governo do seu povo regendo-a em paz e com amor, porque não tinha diversões perigosas, principalmente de incontinencia, bastante por si so para transtornar a ordem publica: estava de vinte annos, e era necessario, que procurasse dar successor ao Reino; por essa causa lançou os olhos sôbre Margarida filha dos Condes do Provença, na qual concorriam os dotes da naturesa, da vi tude, da nobresa e fortuna: celebron as suas nupcias no 1.º de Novembro deste anno Gualter Arcebispo de Sens na propria Cathedral, presentes Eudo Abbade de S. Diniz, e o grande Jayme I Rei de Aragão. Esta alliança foi feliz logo em seu comêço, por quanto a diligencias da Santidade do Gregorio IX o Conde de Provença se congrassou com o bom Rei *Luiz* o Soberano de Aragão, sôbre as questões do dominio de Carcassona; e o proprio Monarcha da França reduziu a

perfeita amizade seu sogro e o Conde de Tolosa, que andavam desavindos por causa da defeza dos Marselhezes, que o Tolosano havia tomado contra o da Provença.

Em 1235 estavam acabadas as tregoas com Inglaterra; por isso *Luiz* poz em campo o seu exercito contra o Conde de Bretanha aleado d'aquella corôa, devastando suas terras; mas o Conde faltando-lhe Henrique III submetteu-se ao Francez, e obteve a paz. Amigo do seu povo por desejos de alivia-lo, publicou a lei, que extinguiu o tributo das exacções chamadas *bondades*. Neste anno o Imperador Frederico pretendeu casar com uma irmã do Soberano Inglez, e tratou de se aliar com elle para fazer guerra a *Luiz*: porém este tratou de impedir as nupcias, e depois conseguiu o parentesco de Henrique unindo-o em matrimonio com Leonor irmã de sua mulher. Neste anno crescendo as discordias entre os Bispos da Provincia Remense e o Soberano em virtude das contendas passadas com o Arcebispo, que os cidadãos de Reims então lançaram da cidade: os Prelados reuniram-se em Santo Quintino por ordem da Santa Sé, e pediram ao Rei, que obrigasse os criminosos a dar satisfação; e admoestando-o até á terceira vez pozeram interdicto na provincia, excommungando os Bispos, que não obedecessem; mas esta questão terminou a pedido do Rei pelo Abbade de S. Diniz e Pedro de Collemedio. Peior foi o erro do Principe em consentir na carta, que os principaes Senhores escreveram em sua presença ao summo Pontifice, expondo entre outras queixas contra os Prelados, que elles recusavam responder nos Tribunaes civis, e levavam todas as causas aos Ecclesiasticos; requerendo por isso, que tratasse de conservar as suas cousas e as do Reino, e ameaçando, de que se assim não fizesse, nem elles, nem o Rei continuariam a soffrer *este despreso de direito*. Vê-se claro donde emanou esta perfida sentença, e, não se occulta, quem enganou os Principes para esta má obra, e o Rei para consentir nella. O illustre Pontifice Gregorio IX percebeu a malicia, e descobriu seus auctores; por isso tratou de ordenar, que, por bem da paz, salva a propria dignidade, se concordassem com o Soberano.

No anno 1236 tomou *Luis* conta do governo do Reino, acabada a regencia; porém usou sempre dos prudentes conselhos de sua virtuosa mãe. Um dos seus primeiros actos foi impedir o casamento de Joanna Condessa de Flandres, viuva do Principe Fernando Infante de Portugal, com Simão de Monforte, e o de Mathilde, viuva de Filippe Conde de Bolonha, com o mesmo Conde; e applacar por meio da força o gravissimo tumulto de Orleans, originado de uma má mulher, que foi a causa de horriveis assassinatos perpetrados em estudantes da mais elevada nobresa por homens do povo. Neste anno houve querela entre Theobaldo de Champanhe, que no throno de Navarra succedêra a El-Rei D. Sancho seu tio, e o veneravel *Luiz*, porque exigia uns feudos, que dera em caução de certas sommas, que não pagára, e este Soberano por isso recusava entregar-lhos: accresceu, que havendo promettido sua filha ao filho do Rei de Castella, a deu a João da Bretanha, sem consultar El-Rei de França, o que para este era escandalo. Theobaldo tratou de fazer a guerra por causa dos feudos, e para isso se aliou com aquelle Conde de Bretanha e com o de Marche: pela sua parte *Luis* poz o exercito em campo; mas não tardou Theobaldo a pedir graça, e a obteve. Neste mesmo anno o salvou Deus das mãos dos assassinos enviados para o matar pelo famoso *Velho da Montanha*, pae das doutrinas maçonicas, que tão grandes damnos tem causado á desgraçada Europa. No seguinte o Senhor o inspirou para se livrar das ciladas do Imperador Frederico II. No anno 1238 auxiliou a Balduino II Imperador do Oriente, a quem dera favor na sua vinda a França, e de quem recebêra um Espinho da Corôa de J. C.; e, dissipado por industria de Frederico o exercito, que enviára, mandou segundo. Em quanto esta expedição marchava para a Grecia, outra composta de grandes personagens da França partiu para a terra Santa auxiliada pelo veneravel Rei. No anno 1239, sendo mandados aprehender pela santidade de Gregorio IX todos os exemplares do Thalmud, o Veneravel Rei ordenou, que se recolhessem a Paris, e os fez queimar. O Imperador Frederico II assolava então a Italia fazendo guerra ao Summo Pontifice, e moveu o Conde de Tolosa para de accôrdo hostilisar a Raymundo de Provança sogro de *Luiz*, a quem o scismatico odiava pela sua piedade, e tratava insidiosamente de perder; mas o bom Rei procurou conciliar o sogro com o Imperador e com o Conde de Tolosa, e o conseguiu: entretanto alguns fautores dos Albigenses se rebelaram contra *Luiz*; porém foram subjugados pelo exercito, que contra elles enviou. Nesse anno 1239 excommungou o Santo Padre Gregorio IX, e privou do Imperio a Frederico, e o offereceu ao Principe Roberto irmão do Soberano Francez, mas elle não acceitou. O Santo Padre no anno seguinte convocou os Prelados a Concilio geral para Roma, Frederico pretendeu impedi-lo, e *Luiz* o promoveu. Os Prelados Francezes partindo de suas Igrejas foram prezos na jornada, porém o Monarcha Francez obteve com ameaças a restituição delles. Em 1241 o Tartaros assolavam toda a Hungria até aos limites da Austria e da Bohemia: este facto aterrou a Europa, e encheu de consternação a Rainha D. Branca, mas o bom Principe respondeu a sua mãe, que o questionava, como um homem livre de temores pela grande confiança em Deos. Neste mesmo anno recebeu de Balduino Imperador do Oriente uma parte da Cruz do Salvador, a esponja e o ferro da lança; e com grandes despezas fabricou uma sumptuosa capella para deposito das sagradas reliquias, proveu-a de ministros, e dotou-a com liberalidade estabelecendo nella o culto perpetuamente. No anno seguinte Hugo Conde de Marche recusou dar obediencia a Affonso irmão do Rei pelas terras, que havia do Condado de Poitiers, de que *Luiz* o havia investido, e tratou com o Rei de Inglaterra, a quem pertencia aquelle Condado, e com Raymundo de Tolosa sogro de Affonso, para fazer a guerra ao Soberano Francez: este pela sua parte se poz em campo, e recusando o Rei de Inglaterra boas condições de paz, alcançou duas victorias dos aliados, e tomou-lhes algumas cidades: Hugo de Marche e outros Senhores se submetteram, deu *Luiz* a paz ao Conde de Tolosa, que a pedira, triumphou no mar dos Inglezes, e, feita com elles uma tregoa, poz todo o cuidado em chamar á paz os Cardeaes na eleição de successor de Gregorio IX, que pela maldade de Frederico II andavam desavindos. No anno de 1244 fez a paz com Inglaterra, e a firmou no Perigord, onde o Conde Elias Talairand a perturbava. Indo com sua familia e outros Principes ao Capitulo Geral dos Cistercienses, lá deu uma prova de submissão e respeito ás leis especiaes da Igreja recusando comer carne sem licença do Capitulo Geral; e manifestou sua piedade requerendo suffragios para depois da morte, e promettendo defender o successor de Gregorio IX contra o celebre Frederico II. Esta promessa, que lançado por terra deante dos Monges fez com a

maior humildade, por instigações dos aulicos recuson comprir não permitindo á santidado de Innocencio IV refugiar-se em Reims; porém Deos em pena o lauçon no leito do morte experimentando sua paciencia com osta tribulo ção. Foi tão grave a molestia, que a Igreja, receiando perder um tal defensor, ordenou preces publicas por sua saude: entretanto o Senhor, que apenas quiz atribula-lo para usar de melhor conselho, o restitniu á vida e elle em agradecimento, e para oxpiação, apesar da repugnacia de sua mãe e de muitos Sonhores preparon-se a tomar a Cruz, e commandar uma expedição aos logares Santos.

Correndo o onno 1245 den as necessarias providencios para se armar o exercito. O Synodo Geral de Leão depoz Frederico por suas maldades; mas o Rei de França, não o levando a bem, procnrou conciliar Frederico com o Popa, e requeren a Sua Santidode, que lhe desse uma audiencia em Cluni. Depois destas vistas, em que *Luiz* se porton como bom filho da Igreja, peregrinou á Virgem da Roca de Amador, e poz em pratica todos os esforços para a reconciliação de Fredorico. Este mesmo, aterrado agora com as censuras e tumnltos, que dellos se deviam seguir, insistia com o bom Rei para tratar sua causa. Pela sua parte o Santo Padre não recusava a mediania de *Luiz*, e ainda menos receber Frederico; porém oste não era sincero, nem o mostrava em sua submissão. O Rei antes da sna partida procurou delongar os tregoas com Inglaterra; terminar a questão do Condado de Flandres, que se originon depois da morte de Joanuo; fazer os preparativos de comestiveis necessarios paro a expedição sagrada: e diligenciou com precanção evitar a impunidade dos crimes na Cruzada. O demonio, que tinha a peito impedir o soccorro de *Luiz* a Palestina, instigou o preverso coração de Frederico para fazer reviver a contenda dos senhores Francezes contra o Clero, mas não levou o intento ao cabo, porque o Santo Padre e *Luiz* reprimiram os audaciosos. O bom Rei, declarado o dia da expedição, e compondo os negocios do Reino em Córtes, auxiliou o Conde do Tolosa para a guerra sagrada, e convidou para ella Hacon Rei de Noruega, deu soccorro a Innocencio IV contra Frederico, satisfez o exigencias de alguns queixosos, e entre elles os Inglezes; e depois de assistir com sua piedade proverbial á trasladação de Santo Edmundo Metropolitano de Cantuaria, no Mosteiro Cisterciense de Pontigny, se dispunha a jornada no anno 1248; mas Deos quiz então provar a suo paciencia com a morte de João seu filho. Nem esta, nem os rogos da mãe puderam demora-lo: entregon-lhe o regencia do Reino: e havendo intercedido por Frederico ao Padre Santo, se despojou de suas vestes preciosas, e tomando umas simplices com o olforge as costas e o cajado na mão, na sexta feira depois do Pentecostes, caminhou á Terra Santa, acompanhado de seus dois irmãos Roberto e Carlos, e do Veneravel Legado da Santa Se Eudo Bispo Tusculano, depois de passar por Leão a receber a benção do Innocencio IV. Debaixo do falso pretexto de amor da humanidade os impios modernos tem clamado com sua voz infernal contra as Cruzadas, que, segundo têem querido inculcar, não eram senão um pretexto para engrandecer o poder do Clero, o principalmente do Chefo da Igreja, nem tivoram ontro resnltado. Com o mais alto sentimento lastimam o disperdicio de gente o dinheiro, que com ellas houve; e sem mais exame clamam contra o Sacerdocio, e contra a piedode dos Cruzados o modo de possessos. Ora pois: tambem eu levantarei a minha voz, e não sera contra o principio, que era justissimo e santo, mas contra a indalencia dos Principes Christãos, quo deixaram, e deixam permanecer os logares de nossa Redempção na mão de infieis; contra uma pesteleucial e malvada seita, que desde o fim do seculo XII tomou grando incremento na Europa, e aproveitando dos Cruzados o abatimento completo da Aristocracia pela perdo do suas riquezas nessas expedições, imaginon o dominio absoluto dos Reis para sujeitar os Reis aos ditames de sua vontade, e com ella esmagar o Clero, a Nobreza, o Povo, e os proprios Reis; o por meio de sedições internas distrahil-os para sempre dessas guerras, que fizeram a gloria do Europa em dois seculos continuos, e inspiravam a fe mais viva, o valor o o heroismo de seus habitantes. E um facto, que a Christandade da Europa seria submettida ao jugo Mussulmano, se a maior parte della não obdecesse aos mandados de Urbano II, para salvar a suo honra, a sua dignidado o o sua liberdade, ameaçada pelos Turcos ao oriente desde o caual de Constantinopola, e oo meio dia pelos Mouros, quando a Hespanha gemia opprimida com o jugo dos Arabes. E nm facto, que essas expedições enriqueceram a Europa, e lhe deram extensos dominios na Asia, que perdeu todos por aleivosia daquella infame seita. E verdade, que as Cruzadas trouxeram grandes males a Europa, mas com esses aproveitou a impiedade: dellas veiu o estobelecimento das perniciosas sociedades secretas, que em luta rom aquella seita para estabelecer um despotismo de outra especie debaixo das falsas apparencias de liberdade. D'onde vierão ellas, senão das visinhanças de Damasco, onde tiuham assento os mais horrendos mysterios de tyrannia e desumanidade? Donde veiu a incrudulidade moderna, que tanto tem assolado a Europa nos ultimos tempos, senão do contacto dos Cruzados com os Haschischins da Syria? A ingratidão de nossos impios revolta-se contra si mesmo, e contra quem lhes deu o ser, porque está nos seus principios rasgar, como o filho de Agrippina, as entranhas de sua mãe. Porém voltemos ao veneravel Rei de França.

Em setembro de 1248 aportou *Luiz* em Chypre, e se demoron nesta ilha ate Maio do anno seguinte, fazendo o sen officio de pacificador. De lá passou ao Egypto, e declarada a guerra ao Soldão tomon Damieta á força de armas. Entrada a cidade procurou restaurar o culto, e logo se estabeleceu nella Pastor e Cathedral. Desafiado pelo Soldão a logar, onde era auxiliado pelas aguas do Nilo, percebeu dolo, e offereceu a paz, ficando Damieta aos Christãos. Augmentado o exercito com reforço de Francezes e Inglezes, passou em direcção a Babylonia, vencendo quantos Sarracenos lhe impediram a passagem. Da outra parte do Tanais levou uma grande victoria dos inimigos, que se lhe oppunham, e perto de Massoro conseguiu outra, ainda que ombas com perda de gente; porém o exercito podeceu muito aqui pelas molestias e pela fome, de modo que o bom Rei necessitou voltar a Damieta. No caminho foi captivo com o exercito; soffreu este golpe com muita paciencia; e Damieta serviu de preço ao sen resgate. Partiu para o Palestina, e depois da peregrinação aos logares Santos, restaurou Cesarea, e pediu soccorros. No anno 1252 pactuou com o Egypto contra o Soldão de Alepo, restituindo-se-lhe todos os Christãos captivos no Cairo: fundon uma cidade junto ao Castello do Jaffa; e procuron a conversão dos Tartaros enviando-lhes para isso embaixadores. Entretanto no anno seguinte morreu piamente a Rainha Branca sua mãe, o que augmentou as tribulações do Rei em moximo grão. Novamente envion Legados aos

Tartaros por causa da sua conversão, e mandou expellir de França os Judeos usurarios. Entretanto o Soldão de Alepo fez a paz com o Egypcio (e este, contra o que ajustára, se lhe reuniu), devastou a cidade de Sidonia, e fez nella grande mortandade. *Luiz* a restaurou cercando-a de bons muros; e ajudou elle mesmo a enterrar os mortos com uma caridade pasmosa, em quanto o seu exército devastava os arrabaldes de Cesarea, sem perigo. Os cuidados do Reino o chamaram a França, onde, depois de cumprir o, que a piedade ordenava levando oblatas a S. Diniz, visitou seus estados, esforçou-se a estabelecer a paz, fez a concordia entre o Rei de Navarra o Conde de Bretanha, e recebeu magnificamente Henrique de Inglaterra em hospedagem. No anno seguinte (1254) promulgou leis para o bom govêrno do Reino: em 1255 procurou extirpar as heresias, e que se restaurasse a disciplina Monastica; e renovou as tregoas com o Soberano Inglez. Em 1256 visitou a Normandia, passou á Picardia, onde devotamente assistiu a trasladação de S. Furseo; obteve a paz em Flandres ha muito desejada; e poz termo á guerra entre a Condessa de Flandres e o Conde de Hollanda, bem como entre outros principes. No anno seguinte se preparou contra as maquinações de Henrique de Inglaterra, havendo Ricardo irmão deste, eleito Imperador em competencia de Affonso X de Castella, pertendido, que se lhe restituissem as provincias, que perdêra em França; e para isso visitou a Normandia e os confins do Reino, e tratou allieança com Henrique Duque de Barbante, promettendo sua filha Margarida ao primogenito delle. No seguinte (1258) prohibiu com severissimas penas o costume de guerras privadas dos senhores do Reino, e á similhança disto, mais tarde, os duellos; e depois abrogou na cidade de Tournaes o escandaloso abuso de remissão da pena do homicidio por dinheiro: alliou-se com o Rei de Aragão, e pediu, para seu filho Filippe, Isabel filha daquelle Monarcha. Em 1259 fez a paz com Henrique de Inglaterra e com o Imperador seu irmão. Deste modo pelos caminhos da Religião, da justiça, e do bom govêrno, engrandeceu o podêr da corôa reinando no coração dos vassallos. Já por esse tempo a sua piedade havia chegado a elevado grão, satisfazendo ás Igrejas, tratando de compôr as desavenças dos subditos com seus Prelados, e retirando-se de tratar por si questões, que não eram da competencia do podêr temporal, como succedeu á famosa controversia da universidade de Paris começada em 1253, em que os doutores seculares lançaram os doutores Dominicanos o Franciscanos, appellando para a Santa Sé, que fez desterrar ente outros o celebre Guilherme do Santo Amor; e obtendo em 1260, que o Santo Padre mandasse proceder rigorosamente contra os Clerigos perversos e negociantes. Zeloso do bem da Christandade consultou os Prelados e os principes, em 1261, para pôr obstaculos aos progressos dos Tartaros. No anno seguinte recusou o Reino de Sicilia, que se offerecia a seu filho, e effectuou as nupcias de Filippe com Isabel de Aragão, dadas cauções de que o Rei Jayme não casaria seu filho com a filha de Manfredo perseguidor da Igreja. Em 1263 obteve a centesima dos reditos Ecclesiasticos para subsidio da Palestina; e em 1264 foi eleito arbitro nas desavenças dos Inglezes com seu Rei. Em premio de seus serviços á Igreja a Santidade de Urbano IV deu então a investidura de Sicilia a Carlos de França seu irmão, e Clemente IV, no anno seguinte, o declarou *unico refugio da Igreja afflicta*. Em 1266 por sua mediania se fizeram tregoas entre os Reis de Inglaterra o Navarra; e no seguinte procurou a concordia entre Venezianos e Genovezes, obteve do Santo Padre as decimas Ecclesiasticas por tres annos, pediu subsidio á França para a guerra sagrada, e soccorreu o Rei de Inglaterra.

Em 1268, promulgadas severas Leis contra os blasphemos e compostas algumas differenças, que sobrevieram com o Santo Padre, ambos pozeram esforços em promover a guerra santa. No seguinte, *Luiz* convidou o Rei de Inglaterra para ella, fez testamento, tomou a Cruz, e partiu para a Terra Santa. Miguel Paleologo Imperador do oriente lhe enviou legados para ser arbitro na concordia com a Igreja, recusou o arbitrio, como incompetente na causa, mas prometteu officios. Desviou-se da primeira tenção, e tomou o caminho de Tunes para conquistar esta cidade, e na expugnação della, sobrevindo peste ao exército, morreu santamente a 25 de Agosto no anno 1270 deixando a Igreja lastimada, e a França coberta de luto. Casto, justo, misericordioso e compassivo, acabou este grande homem, que Deos elevou ao throno para servir de exemplo aos Reis. Difficilmente se encontrará Igreja, Ordem Religiosa, familia, ou povo de seu Reino, que não recebesse delle, com grande liberalidade os beneficios da consolação, da paz, do engrandecimento das riquezas temporaes, ou de algum remedio em qualquer necessidade. Foi gosar no Céo do premio do justo, e seus restos mortaes foram trazidos a Paris, e sepultados na Igreja de S. Diniz. O Santo Padre Bonifacio VIII, em 6 de Agosto de 1297, inscreveu no catalogo dos Santos o seu nome, e a 11 lhe fez o panigirico, e publicou Bulla de canonisação. Todo o universo Catholico lhe dirige pios cultos para interceder por elle ante o Eterno. [1]

12.º

SANTA ISABEL Viuva. — Nasceu esta Bemaventurada em Ceragoça no anno 1271 filha de D. Pedro III, o *grande*, Rei de Aragão, e da Rainha D. Constança Princesa de Sicilia. A desavença, que existia entre ElRei D. Jayme I, e seu filho D. Pedro, acabou pelo nascimento desta feliz creatura, de quem o avô teve logo particular cuidado; e principalmente por sua causa se lhe deu no baptismo o nome de Isabel, por contemplação de Santa Isabel de Hungria Landgravesa de Lotharingia meia irmã da Rainha D. Violante mulher de D. Jayme, e avó paterna da nova *Isabel*. Não tardou a mostrar suas inclinações para a virtude e para a piedade; rejeitava todas as gallas e toda a diversão, que a podessem distrahir do estudo e da prece, a que se applicava com assiduidade; e tendo apenas oito annos resava todo o Officio Divino, o que praticou em toda a sua vida. Estas bellas qualidades, e os dotes da naturesa, com que Deos a enriqueceu em maximo grão, captivaram D. Diniz Rei de Portugal para solicitar de seus paes, que lh'a dessem por mulher. A pretensão de um tão grande principe foi

[1] *Martyrol. Roman. ad diem 25 Aug.* — Bolland. *ex diversis auctoribus ad eundem diem.* — Um retrato de corpo inteiro sem nome.

ouvida com agrado, e o tratado matrimonial se effectuou na côrte de Barcelona, procedendo-se em 11 de Fevereiro de 1282 á celebração das nupcias com grande pompa, e juntando-se os reaes esposos em 24 de Junho seguinte. Não lhe pôz algum impedimento ás devoções ElRei seu marido; por isso ella vivia no palacio uma vida tão regular, como se estivesse no Claustro, gastando todas as horas do dia na oração, meditação, leituras devotas, exercicios pios, e cuidados domesticos: quasi todos os dias commungava á Missa, e jejuava a maior parte do anno. Occupava-se incessantemente em cuidar dos pobres, e na doença os visitava, consolava e favorecia: d'onde veiu, que em vida lhe chamavam *Rainha Santa*. Nem por isso esteve a coberto da malicia de um calumniador, que fez desconfiar ElRei de sua virtude por causa de um pagem, por quem remediava os necessitados; mas este teve o premio, que merecia sua maldade; porque o principe ordenou a um forneiro de Alcantara, para onde em certo dia estenden desde Lisboa o passeio, que no seguinte mettesse no forno o pagem, que da sua parte lhe fôsse perguntar se cumprira suas ordens: chamou para isso o moço calumniado, e o enviou ao forneiro com essa mensagem: entretanto demorando-se elle a ouvir Missa, o calumniador, que o vira partir, dirigiu-se ao forneiro, fazendo-lhe a pergunta, que áquelle ordenara ElRei, morreu assado no forno: foi depois o devoto moço a Alcantara, e não tardou a dar conta da sua mensagem, o que surprehendeu ElRei, e o convenceu da virtude de sua mulher.

Todos os cuidados da piedosa Rainha eram affastar seu marido da desordem, em que vivia, e incessantemente o pedia a Deos. Esquecendo a pessoal injúria com humildade, descia a cuidar zelosamente dos filhos illegitimos, que elle tinha, como se seus fôssem. Nas differenças de D. Affonso Diniz com ElRei seu irmão, ella procurou a concordia, chegando a ceder algumas de suas terras, para se effectuar; e sobrevindo dessas contendas um levantamento em Lisboa, a veneravel Rainha appareceu a cavallo no meio dos dois partidos, applacou os animos, e terminou o escandalo. Com maiores tribulações provou Deos sua virtude na sublevação do Infante D. Affonso seu filho, que por maos conselhos se rebelára contra ElRei, seu senhor e pae: orações, penitencias, súpplicas e lagrimas, tudo pôz em acção para evitar o procedimento impio do filho; mas, a perversidade dos aulicos lhe levantou nova calumnia, persuadindo a ElRei, que *Izabel* favorecia os planos rebeldes do Infante; por isso a privou de suas rendas e a desterrou para Alemquer. Muitos senhores do Reino lhe offereceram então seus serviços, porem ella rejeitou, instando com elles para se manterem fieis, e com a paciencia de um Anjo supportou o exilio, até que desenganado seu marido a chamou á côrte, e se escusou com ella de seu injusto e escandalosissimo procedimento. Toda a offensa esqueceu; mas aproveitou-se da occasião para recordar a ElRei seus desvarios, e attender pelo bem do Reino, e tanto trabalhou, que veio a congraçar os Principes, obtendo do pae a benção, e do filho a obediencia. Chegado ElRei á hora extrema, que foi a 7 de Janeiro de 1325, teve *Izabel* a consolação de o vêr acabar contricto, depois de receber os Sacramentos com piedade.

Ainda ElRei estava vivo, mas sem esperanças, declarou a Santa Rainha por um acto de 2 desse mez de Janeiro, que viviria e morreria no habito de Terceira de S. Francisco; e assim o cumpriu logo que elle falleceu vestindo o sayal, cingindo a corda, e pondo na cabeça um véu branco. D'ahi em diante occupou-se em obras pias pela salvação de seu marido, e peregrinou a S. Thiago com pequeno acompanhamento, e a maior parte do tempo a pé, pedindo esmola por humildade, e dando-a por caridade. Deixou memorias de sua Religião e amor do proximo, em differentes fundações; porque foram obra sua o Mosteiro de Religiosas de Santa Clara de Coimbra, onde residiu a maior parte do tempo da viuvez; o Mosteiro de Religiosas Cistercienses de Almoster, que D. Berengueira Eanes principiou, e lhe pediu que o acabasse; o Hospital dos Innocentes de Santarem para engeitados e enfermos, principiado por Martinho Bispo da Guarda, e acabado por ella; o Hospital de Leiria, e a Igreja do Espirito Santo de Alemquer, além de outras casas e obras de piedade. Devotissima da Immaculada Conceição, nas desavenças entre seu marido e seu filho, tomou por protectora a Maria Santissima debaixo daquelle titulo, e o Bispo de Coimbra Raymundo, por sua súpplica, decretou a festividade deste sagrado Mysterio, a 8 de Dezembro. Depois desse Decreto estando em Lisboa, quando se fundava o Mosteiro da Santissima Trindade, a veneravel Rainha concorreu para elle com mão larga, e mandou fundar lá a capella de Nossa Senhora da Conceição. Referiu-se, que andando defronte de Santarem, á margem do Tejo, as aguas lhe deram franca passagem para o tumulo de Santa Iria, que ahi jaz no meio do rio; e que depois restituiu a vida a um menino, que inconsideradamente se precipitára naquelle rio e na mesma paragem. Estes e outros favores do Céo conseguiu *Isabel*, portento de caridade, paciencia e resignação até a sua morte, que teve logar voltando da peregrinação de S. Thiago, e pondo-se a caminho para reconciliar ElRei de Portugal seu filho com ElRei de Castella seu neto. Na viagem adoeceu em Estremoz, e passou a melhor vida em 4 de Julho de 1336.

No seu primeiro testamento de 19 de Abril de 1314, ordenou que a sepultassem junto de seu marido nos degráos d'ante o Altar-mór do Mosteiro de Alcobaça; porém, mandando-se posteriormente ElRei enterrar no Mosteiro de Odivellas, que fundára, dispôz ella, pelo segundo testamento, que fez proximamente á morte em Estremoz, que a levassem a Santa Clara de Coimbra. Por Breve de 1516 foi beatificada pela Santidade de Leão X, concedendo seu culto em Coimbra: estendeu-se este até ao logar, onde estivesse a côrte de Portugal, por Breve do Nuncio Pompeo Zambicario passado em 1552: logo depois a todo o Reino por graça da Santidade de Paulo IV, que pôz sua festa a 4 de Julho: por último foi canonisada com grandissima solemnidade pelo Santo Padre Urbano VIII a 25 de Maio de 1625; e a sua trasladação se fez com a maior pompa em 3 de Julho de 1696 do antigo Mosteiro, que ella fundára, e estava arruinado pelo Mondego, para o que começou ElRei D. João IV, e acabou ElRei D. Pedre II, no alto da montanha fronteira á cidade.[1]

[1] *Martyrol. Rom. ad diem 4 Jul.* — Bolland. *ad eundem diem.* — Sousa *Historia Genealogica da Casa Real Portugueza.* — Sarmento *Santuario Doutrinal* ao dia 4 de Julho. Um retrato de corpo inteiro sem nome.

13.°

SANTO IGNACIO Confessor.—Este veneravel servo de Deos nasceu em 1491 no castello de Loyola da Provincia de Guipuscoa, e foi baptisado na Igreja Parochial de S. Sebastião de Sorezazo. Seus paes D. Beltrão Ennes de Onaz e Loyola e D. Marinha Sanches de Licona e Baldn eram senhores dos castellos de Onaz e Loyola; e ambos de illustre sangue. *Ignacio*[1] serviu de menino no paço dos Reis Catholicos, e passou na idade competente á profissão das armas, debaixo das vistas do General D. Antonio Manrique de Lara. Militou com distincção até 1521, sendo theatros de suas proezas o campo de Naxera e praça de Pamplona atacada pelos Francezes. Distinguiu-se tanto na expugnação de Naxera, que se lhe confiou o commando dos defensores de Pamplona. No dia 20 de Maio foi ferido por um casco de pedra na perna esquerda, e por uma balla na direita; e levado ao castello de Loyola para se tratar. Permittiu Deos este golpe para elle conhecer o estado de sua alma, e se preparar dignamente ao alto fim, a que o Senhor o havia escolhido. Lançado á discrição em todo o genero de vicios, tinha passado até então a sua vida esquecido completamente dos deveres de Christão: entretanto no meio de todos os desvarios era como cavaleiro delicado em pontos de honra, e abominava as torpezas do lucro e da avareza, reunindo a estas bellas qualidades, que inspira uma educação nobre, o mais profundo respeito pelas cousas da Religião, que aquella não desdenha. Quando era proximo ás portas da morte e do inferno, a Misericordia Divina operou nelle o milagre da resurreição do corpo e da alma, e appareceu são e convertido. Chegado a este estado salutar mudou completamente de vida, e, sem attender aos rogos da sua familia, dispoz-se a tomar o caminho da penitencia mais rigorosa.

Partiu para o Sanctuario de Monserrate na Catalunha em 1522, e lá na vigilia da Encarnação depoz aos pés da Mãe de Deos as armas, e abriu sua alma ao confessor por tres dias. Cravando sobre a carne o cilicio, e pondo sobre elle um vestido humilde, tomou a estrada de Manresa, onde por quasi um anno viveu em uma cova, e teve os seus famosos exercicios, de que muitos lucros ha tirado a Christandade. Embarcou em Barcelona para os logares sagrados de Jerusalem, e depois de fazer humilde e devotamente a visita da Cidade Santa, voltou á Europa aportando a Veneza pelo meado de Janeiro de 1524. Restituido á capital da Catalunha, donde partira, estudou por dous annos grammatica, e trocou o habito humilde pelas roupas talares do Ecclesiastico. Crescia nesta cidade a fama de suas virtudes; era visitado e favorecido das pessoas principaes, que o respeitavam como varão santo; e o Senhor, que em premio de seus merecimentos o honrou com o dom da prophecia, quiz, que desde então gosasse delle predizendo a um varão illustre os futuros acontecimentos da sua vida. Procurando evitar escandalos no Mosteiro Dominicano dos Anjos, pretendeu induzir as Religiosas á verdadeira piedade, e a não attenderem a certos mancebos estouvados, que as distrahião. Obedeceram ellas ao prudente aviso: porém *Ignacio* foi tão gravemente espancado pelos sedutores, que o deixaram por morto. Soffreu com paciencia incrivel os máos tratos, e vingou-se do principal auctor do crime, pedindo incessantemente a Deos, que o convertesse, e as suas supplicas foram ouvidas. O modo admiravel de vida, que ia seguindo concorreu para desejarem viver com elle em sociedade quatro homens illustres, admittiu tres, e negou-se ao quarto respondendo, que o não admittia, porem que um filho seu entraria na ordem, que elle havia de fundar. Com estes tres companheiros partiu para Alcalá de Henares, e lá se entregou aos estudos philosophicos e theologicos, e se deu aos exercicios espirituaes, que lhe attrahiram muita gente: entre tanto pouco aproveitava nos estudos, porque não levava ordem alguma na lição.

Mantinha-se de esmollas, e dessas soccorria os pobres; a sua alma compassiva era refugio em todas as necessidades da enfermidade e da miseria. Estas santas virtudes unidas á mais profunda humildade e despreso de si proprio, em quanto lhe attrahiam a benção de uns, fizeram recair sobre elle o odio de outros. Pareceu a alguns suspeito na fé, e foi accusado de observar os ritos judaicos, e abusar dos sacramentos pela frequencia a miudo: chegando depois até a negar-se-lhe e a seus companheiros a communhão. Lançado por ordem da Inquisição n'um duro carcere, foi perguntado como réo de delictos atrozes contra o Christianismo; mas por fim elle e seus companheiros obtiveram sentença, que os dava por innocentes, impondo-lhes, que vestissem como os outros estudantes, e não fallassem ao povo, durante quatro annos, dos Mysterios sagrados, em quanto não obtinham a instrucção conveniente. Passou depois a Salamanca, onde novamente o condemnaram ao carcere, que soffreu com a maior resignação; porém examinado o caso foi maior o triumpho de sua innocencia e de seus companheiros; por que se lhes deu plena liberdade de instruirem o povo acerca das cousas Divinas, excepto quanto á distincção entre peccado mortal e venial, antes de passados quatro annos. De Salamanca voltou a Barcelona, e de lá a Paris, onde chegou ao começo de Fevereiro de 1528. Ahi frequentou de novo grammatica ao Collegio de Monte Agudo, depois se alojou ao Hospital de S. Thiago destinado aos peregrinos, e delle passou a ouvir as lições de maiores disciplinas. Neste meio tempo se entregava sem reserva aos exercicios de piedade; entretanto que a sua pobresa augmentava, e com ella o impedimento para seria applicação: por isso determinou ir todos os annos a Flandres obter soccorros dos mercadores Hespanhoes. Em Bruges o admirou, e apregoou homem Santo, o illustre e sabio Vives, de que nossa Peninsula se gloria. Nessa cidade, como em Anvers conseguiu o affecto de devotos Hespanhoes, que muito o coadjuvaram em seus estudos. Voltando a Paris continuou em seus habitos de devoção e conversações espirituaes, e attrahiu a si tres individuos das escollas, que deram tudo para viverem de esmollas, como elle. Um destes pertencia ao Collegio de Santa Barbara, e era discipulo do famoso Diogo de Gouvea, que levou muito a mal a mudança e accusou publicamente a *Ignacio* de seductor dos estudantes, e o mandou açoutar, quando fosse ao Collegio: não tardou, porém, a mostrar-se arrependido conhecendo a innocencia do Santo; porque conduzindo-o á aula, em presença de todos o elogiou, e prostrado a seus pés com lagrimas nos olhos lhe pedia perdão. Salvo desta nova tribulação, sendo já estudante de Theologia, permittiu Deos, que obtivesse uma victoria reduzindo á communhão

[1] O proprio nome *Inigo*, com que o Santo se chamou em Hespanha, addicionando-lhe o patronimo *Lopez*.

da Igreja muitos herejes, convencidos por suas admoestações e opportunas disputas. Tomou *Ignacio* o gráo do Mestra em Artes em 1534, a frequentou depois Theologia na Universidade por anno o meio.

Posto que acabados os estudos viveram piamento os tres companheiros, quo levára de Hespanha, e os que se lhe uniram em França, não perseveraram em sua sociedade; mas outros se lhe agregaram, dos quaes a Igreja de Deos recebeu grando serviço: Pedro Fabro, Francisco Xavior, Diogo Laiuez, Affonso Salmeirão, Simão Rodrigues, Nicoláo de Bobadilha. N'uma cova junto á Igreja de Montmartre passou Ignacio muitas noites em vigilias, preparando-se para a sua grando missão, e terminado o negocio, que o levára a Paris, volton para Hespanha, onde appareceu como exemplar de virtude, euja fama passava do bocca em bocca com grande louvor. Tres mezes esteve n'um Hospital mendigando o sustento de porta em porta, servindo os pobres, e acreditado pela mão do Senhor no vaticinio e nos prodigios. Passou a Segobriga a consultar com o Padre João de Castro, que em Paria fôra seu Mestre, o então era Monge da Cartuxa no Mosteiro de Valle de Christo, «se passaria a Italia, e de lá á Palestina, o se estabeleceria ali, ou ondo Deos se dignasse mostrar-lhe, uma Ordem quo se empregasse tanto na virtude e salvação alheia como na propria.» Animadu com o bom conselho do veneravel Religioso, partiu para Venesa: em quanto a Pedro Fabro se reuniram, no anno 1536, Pascasio Broet Sacerdote, e João Codnrio, ambos Mestres em Theologia, e antes delles Claudio Jaio, praticando os mesmos actos do piedado o modo do vida, que *Ignacio* prescrevêra. Reunidos os companheiros em Venesa, depois de algum tempo do exercicios devotos, ficou ello em Venesa, e mandon os outros a Roma pedir a benção do Santo Padre, e licença para a visita dos Logares Santos. Sua Santidado os recebeu com caridado paternal; mas impedin a navegação, e mandou ordenar os Leigos, que eram 8, accrescendo Miguel Ladinar. *Ignacio* no anno do 1537, em fôrça do mandado Apostolico, tomou Ordens menores a 10 de Junho, de Subdeacono a 15, de Deacono a 17, e de Sacerdote a 24, e lh'as couferiu o Bispo de Arba. Em Venesa se espalharam calumuias coutra o voneravel fundador, com que de novo Deos provou sua pacieneia; mas um decreto do Legado Apostolico justificou sua integridade. Passou a Roma, e disse a primeira Missa no Prezepio da Igreja de Santa Maria das Neves.

Entraram depois a concordar sohro as hases da sua ohra, estabeleceram o voto de obedieneia na Ordom e ao Papa ácêrca das missões, do cathequixar o instruir os meniuos, e de defender e propagar o Christianismo, soffrendo os tormentos o a morte, se neccessarin fosse; e a accordaram na forma da admissão pelos exercieios espirituaes o experieneias, o na perpetuidado do Prelado, deixando a deeisão dos negocios á pluralidado de votos. No anuo seguinte, 1538, em 3 de Maio *Ignacio* e os companheiros, uo numero dos quaes entrava Lourenço Garcia, om virtnde de seu merecimento, e do zelo com quo se empregava no serviço de Deos, recebêram faculdado da prégar o confessar em Roma o seu destricto. O Cardeal Contareno em 1539 interpunha as suas rogativas ao Santo Padre, em favor da nova Ordem para que fosse aprovada, em quauto seus memhros se espalhavão pela Italia promovendo a salvação das almas. Chegou finalmente o dia 22 do Abril de 1541, em qua emettidos os votos solemnes dos com-fundadores, o eleito *Ignacio* Proposito Geral, começon a ter existencia legal a Congregação do Sacerdotes Regulsres, intitulada *Companhia de Jesus*, elevada canonicamente á cathegoria do Ordem Religiosa, já desde 27 de Setembro de 1540, pela Bulla *Rigimini militantis Ecclesiae* da sautidade de Paulo III.; e se propagou de um modo admiravel enviando Provineiaes para a estabelecerem em differentes Nações: Simão Rodrigues a Portugal, Antonio Araoz a Hespanha, Diogo Loinez pela Italia, Francisco Xavier á India, Pedro Canizio á Germauia, Pascasio Broet a França, e depois outros a outras. No anno 1543 começou estreita correspondencia de amor fraternal entre a veneravel Ordem Mouastica da Cartuxa e a Companhia, sollicitada por Gerardo Hammontano Prior do Ermo de Colnnia, e acceita por Pedro do Leydis Geral e Prior da Cartuxa maior: o Padre Fahro primeiro companheiro do Santo Ignacio, e varão eminente em piedade, foi escolhido para introduzir os exercicios do novo instituto entre os Monges.

O incremento com que progrediam os anxiliares mandados por Deos á sua Igreja, o conceito, em que os tinham as pessoas verdadeiramento catholicas e pias, e o zlêo incançavel, com quo trabalhavam na salvação das almas, aterrou a impiedado, e den causa a serem calumniados como perpetradores dos mais horrorosos erimes: foi instrumento dessa atrocidade em 1546 Mathias de S. Cassiano mestre de postas. Ainda quo os nomes de *Ignacio*, Pedro Fahro, Francisco Xavier o seus companheiros, erão supperiores a toda a diffamação, o Santo Padre Paulo III, para evitar novos escandalos deste genero, mandou conhecer da causa pelo Governador e pelo Vigario de Roma, com um escrupulo, que o caso em relação a taes pessoas não merecia: examinaram desdo Junho de 1546 a quarolla os dois Delegados Apostolicos, e, porque ainda então os poderes da terra não exigiam, que a Companhia fosse abolida, ella triumphou obtendo justiça. Os fundamentos porqne estes servos de Deos foram accusados de prostituir as Roligiosas do Mosteiro do Santa Martha do Roma, do terem fugido do Paris perseguidos por suspeitos de heresia, e de outros attentados, foram os mesmos, que posteriormente houve para se formular um processo de exterminio aos seus successores. A Companhia de Jesus foi desde sua origem um obstaculo insuperavel aos inimigos occultos da Igreja, e tambem dos Soberanos, e estava ligada por um voto solemne a estahelecer á eusta dos tormantos e da morte em toda a parte o nome de Salvador do mundo. Porém voltemos ao seu fundador.

Para evitar de futuro novas accusações do genero similhantes a uma das gravissimas do mestre de postas, o veneravel Proposito requereu a aua Santidado, qno fosse servido dispensar a sua Ordem do cuidar de pessoas religiosas do sexo femenino, porquo não era compativel esse ministerio com os ontros, a que se tinha votado; e o Santo Padra dispensou, em Novembro do dito anno 1546, da sua obedieneia Izabel Rozer e Francisca Cruilles, que a haviam jurado em auas mãos, e posteriormente em 1549 izentou o institnto da eura de todos os Mosteiros de Freiras. Fallecendo Paulo III bemfeitor da Companhia, foi eleito Julio III, que a priviligiou, dando muitas graças espirituaes e temporaes. No anno 1551, satisfeito com as concessões, que obtivera, chamon *Ignacio* das diversas provincias os Padres professos a capitulo na casa de Santa Maria da estrada de Roma, apresenton a sua renuncia, qua se lhe não

admittiu, e submetteu ao exame as constituições por elle ordenadas, que lhe approvaram. Instituiu collegios do catechumenos na India e casas de estudo em Roma e diversas partes de Italia, e empregou particular cuidado ácerca daquella, que a santidade de Julio III creára em Roma para os Alemães. No anno 1552 S. Thomaz de Villa Nova Arcebispo de Valencia escreveu ao veneravel servo de Deos, pedindo, que provesse no augmento do collegio da capital de sua Metropole, e dotou generosamente por sua morte este pio estabelecimento. No anno seguinte El-Rei D. Filippe II de Hespanha, sendo ainda Principe, escreveu a Suo Santidode requerendo, que attendesse pelo collegio de Gondia e pela prosperidade da Companbia de Jesus, encommendando-lhe particularmente seu instituidor; e a Republica de Genova pediu ao servo de Deos para fundar no sua cidade um collegio: o mesmo em 1551 haviam feito o Principe Duque de Ferrara para lhe enviar oito Religiosos a esta cidade com destino á erecção de collegio, no anno 1552 o Cardeol Bispo de Trento, e em 1553 o Bispo de Clermont. Em 1550 o Imperador Fernando I lhe pediu dois Padres para fundar um collegio em Vienna de Austria, nomeando expressamente a Claudio Jaio; em 1551 rogou a este Padre, que ordenasse um cathecismo; em 1554, deu credencial ao Padre Canizio ante Sua Santidade, a quem participou ter commettido negocios de sua consciencia ao veneravel *Ignacio;* e escreveu a este para mandar fazer pelos Padres da sua obediencia um compendio de Theologia contra os hereges, e posteriormente para que mandasse fazer um collegio em Praga: em 1551 o Duque Alberto de Baviera lhe pediu o Padre Canizio para vice-Chanceller da sua Universidade, e para fundar um Collegio nella. Outros Principes da maior grandeza, sem exceptuar El-Rei D. João III de Portugal, tiveram a mesma attenção com a Companhia. Apesar disso as tribulações não haviam passado, era necessario mais uma: pedindo-se o privilegio do estabelecimento em França ao Rei, este enviou o negocio ao Senado, e este para decidir ouviu os Theologos da Sorbono: um desses estava escandalisado por se haver admittido na Companhia um parente contra sua vontade, e póde tanto, que fez dar um voto negativo, calumniando de novo o santo instituto. O veneravel servo de Deos recorreu então oos Bispos, Principes, Academios, Cidades e Mogistrados, onde viviam seus filhos, para darem testemunho de sua vida; e a Italia, a Sicilia, a Alemanha, a Belgica, a Hespanha e Portugal se levantaram em defesa de sua justa causa; e em Hespanha foi proscripto o decreto da Sorbona com pena de excommunhão maior pelo Santo Officio, dando por suspeitos e detractores da Santa Sé os que o conservassem.

Serenoda a tempestade com glorioso triumpho para a Companhia, e estabelecida pelo Padre Ribadaneira e graça de Filippe II em Flandres, continuou o servo de Deos, regendo com summa prudencia a ordem, que todos os dias tomavo um incremento espantoso, e recebendo os maiores signaes de pura affeição dos Santos Padres Marcello II e Paulo IV, que respeitavom nelle as mais solidos virtudes. Entretanto aproximava-se o termo de sua passagem sobre a terra; e a Divina Misericordia o chamou ao seu seio no dia 31 de Julho de 1556 por meio de umo febre, que lhe consumia as intranhas sem dar o menor signal exterior de morte. Assim foi gosar do céo este grande homem, cujo coração o Senhor havia conformado á sua vontade para obrar uma gronde maravilho na alta missão, que elle cumprira. Calumniado de hypocrita e de falso propheta, do mesmo modo que seus companheiros, soffreu resignado, esperando em Deos, que para sua maior gloria o justificasse. Em premio de suas virtudes gosou do dõ das lagrimas, da prophecia, e dos milogres além de outros fovores do céo. No 1.º de Agosto foi sepultado na Igreja de Santa Mario da Estrada á hora de vesperas com grande concurso e veneração: desde 31 de Julho de 1568 se lhe fizeram successivamente seis trasladações até 7 de Outubro de 1699. Depois da morte se tratou logo do sua canonisação; em 31 de Julho de 1599 começou o seu culto particular pelos dois Cardeaes Baronio e Belarmino; a sua beatificação foi decretada em 27 de Julho de 1609; e a solemnidade da canonisação teve logar em 15 de Março de 1622.[1]

14.º

S. PEDRO Confessor.—Este bemaventurado nasceu no villa de Alcantara em 1499 da nossa Redempção, e teve por illustres progenitores ao Jurisconsulto D. Pedro Garavito e D. Maria Vilhela de Senabria e Maldonado. A par de um entendimento perspicaz manifestou, desde menino, grando inclinação á piedade, intertendo-se em fazer oltares, ornar imagens, e cantar as orações que sabia: recusava outros divertimentos. Com facilidade incrivel aprendeu a ler e escrever, e depois de assim instruido empregava toda a sua attenção nos livros espirituaes, de que copiava algumas sentenças em um, que para isso mandou fazer: e nelle escrevio alguns pontos de doutrina, que ouvia nos sermões para lhe servirem de guia, e não se offastar do caminho da virtude. Orava incessantemente, e em tardando o encontravam no oratorio de sua casa, ou na Igreja. De 7 annos ficou orphão de pae, e por padrasto lhe deu sua mãe a D. Affonso de Barrantes, que com amor e desvelo cuidou de sua educação. Depois de estudar grammatica o mondaram ó Universidade de Salamanca, onde aprendeu philosophia e direito canonico. Em 1515 tomou o hobito no Mosteiro de S. Francisco de Manxerretes da Custodia Recoleta do Santo Evangelho: ahi se deu todo á contemplação, á correcção dos costumes, e a asperesa de vida: pouco adiante foi mandado para o Mosteiro de S. Francisco de Belvis, e depois em 1519, erecta a Custodia de S. Gabriel, lhe encarregaram a fabrica do novo, que se fundou em Badajoz; e sendo de vinte e um annos de idade recaiu em sua pessoa o ministerio de Guardião delle: o que é argumento da virtude e prudencia deste servo de Deos. Violentada suo humildade pelos superiores, recebeu a Ordem Sacerdotal, e celebrou a primeira Missa com evidentes signaes de uma adulta piedade, e esta lhe attrahia grande concurso a celebração do Sacrificio. Assistindo no Mosteiro de Pedroso, o Parocho o convidou para officiar por elle em uma solemnidade: começou a festa com incrivel prazer de todos no campo, porque não cabia a gente na Igreja: mas, terminado o *Credo*, se turbaram os ares, que estavam puros e claros, e logo se seguiu uma horrorosa tempestade: acudirom ao altar para o segurar, e não haver desacato, porem o servo de

[1] *Martyrol. Rom. ad diem 31 Jul.*—Bolland. *ad eandem diem.*—Um retrato de meio corpo sem nome

Deos continuava o *Prefacio*, como se tal caso desastroso não acontecesse: perturbou-o então o Parocho notando-lhe o que havia, e elle respondeu, que socegasse o povo, porque nada tinha que receiar; e nem as luzes se apagaram, nem os ouvintes se molharam, quando as arvores se despedaçavam com o furacão, e a agua corria em chorros fóra do logar, onde estavam.

Assistindo ás conferencias usuaes do Convento, lhe ordenou o Provincial, que dissesse o que lhe parecesse: respondeu, que não estudára theologia escolastica, por isso não estava habilitado para questionar: não se lho acceitando a escusa, em virtude da obediencia propôz uma these, e a discutiu com tanta erudição e força logica, buscando as rasões nas Divinas Letras, que assombrou a todos, e o Prelado lhe deu a patente de Prégador, sem attender ás lagrimas de sua humildade. Os seus sermões não tinham mais fonte, que a Sagrada Escriptura, nem mais auxiliares a sua composição, quo a propria intelligencia; e a sua subida ao pulpito era sempre seguida de conversões. Incançavel nesse santo ministerio, unia-lhe outro dependente delle, ensinando Doutrina Christã, ler e escrever aos meninos, e aos pastores nas aldêas, que percorria com esse destino, em quanto residiu no Mosteiro de Pedroso. Era tal a sua devoção á Cruz, que não só a venerava com muita devoção em qualquer sitio, onde a encontrasse, mas a plantava em logares eminentes ou solitarios: pedia aos visinhos, que lhe fabricassem o estandarte da nossa Redempção, e o conduzia ás costas acompanhado delles, e cantando o hymno *vexilla* até ao ponto, em que havia de ser levantado: na serra de Gata pôz a primeira, que foi feita do dois grossos madeiros, pesada para que doze homens a levantassem, mas não para ser conduzida ás costas de Fr. *Pedro*: indo prégar ao logar de Arroyo na Serra Morena, pediu aos principaes delle, quo fizessem uma para se collocar na visinha eminencia; todos approvaram, mas disseram, que era impossivel subir até lá com o sagrado Lenho, respondeu-lhes «*fazei-o vós, que eu o levarei lá*»; convieram, e elle cumpriu a promessa. Chegava a parecer louco pelas mortificações e penitencias, com quo asperamente se castigava; e quem se compadecia delle tinha prompta resposta, e era a d'um concerto entre elle e seu corpo, que havia de padecer em quanto vivo, porque em chegando ao céo o deixava em descanço. Na observancia dos votos religiosos era austerissimo; nunca perguntou, se a ordem dos superiores era justa, nem teve que oppôr a ella; sua pobresa era tal, que quando levava o habito se cobria com o manto; e para ser perfeito na castidade atormentava-se, de modo que affligia a todos.

Depois de exercer a Prelasia de Badajoz, quando ainda era corista, apesar da resistencia de sua humildade, poucos annos esteve sem governos: um triennio foi Guardião no Mosteiro de Nossa Senhora dos Anjos, dois no de S. Miguel de Palencia, outro no de Santo Onofre da Lapa. Os Religiosos o desejavam por sua prudencia, zêlo da observancia, docilidade de coração, e extrema caridade. Apesar deste quasi continuo ministerio, satisfazia religiosamente as suas obrigações, e lhe sobejava tempo para o confessionario, pulpito, oração, e penitencias. Em 1535 foi eleito primeiro Definidor da Provincia; e se empregou na missão por differentes partes com grande proveito. Sendo chamado a Lisboa por El-Rei D. João III, entrou primeiro no Mosteiro de S. Francisco a tomar a benção ao Guardião, e depois foi ao Paço, onde Sua Alteza o recebeu com alvoroço, e as Infantes D. Isabel e D. Maria lhe pediram, que acceitasse a direcção de suas consciencias. El-Rei quiz que elle se alojasse no Paço, porém, como a casa de um Religioso é unicamente o claustro, recusou. Em 1538 o elegeram Provincial da sua Provincia de S. Gabriel, e depois de presidir a ella como devia, se lhe acabou o tempo; e elle passou, com licença do novo Provincial, e a rogo do Duque de Aveiro, á Serra da Arrabida, a fazer vida solitaria com o veneravel Fr. Martinho, e ajudal-o em sua santa empresa. Occupou-se em dirigir a fabrica do Mosteirinho de Palhaes, e nelle foi o primeiro Guardião e Mestre de noviços.

Passados assim pouco mais de dois annos, voltou á sua Provincia, e no immediato capitulo foi eleito Definidor. No outro capitulo de 1548, presidindo o Geral Fr. André da Insoa, dividiram-se os votos, o servo de Deos com uma parte votava no veneravel Fr. João de Aguila, e este com a outra nelle. Para decidir a contenda renunciou a voz passiva, e Fr. João o imitou. Comprommettendo-se então os vogaes na vontade do Geral, elle nomeou Fr. Garcia de Castilho Recoleto da Provincia da Conceição de Castella com sentimento de todos. Voltou depois á Custodia da Arrabida, e assistiu no Mosteiro de Palhaes, donde vinha a Lisboa confessar as Infantes D. Maria e D. Isabel, e prégar á Capella Real. Tornando á sua Provincia quando ella celebrava o capitulo em Palencia, lhe offereceram os vogaes o Provincialato, mas elle o recusou; assim mesmo foi eleito, e acceitou com destino de se oppôr em beneficio della aos Padres da Provincia de S. Thiago no capitulo geral de Salamanca, ondo a sua presença bastou para os conter. Entrando nas pretensões de fundar uma Provincia em honra de S. José, recorreu a D. Rodrigo de Chaves seu confessado para lhe obter o Breve da Santa Sé: em quanto este negocio se tratava, procedeu-se a capitulo para eleger Provincial, presidindo Fr. André da Insoa, então Commissario Geral cismontano, e por mais empenho que mostrou pelo veneravel Fr. *Pedro*, saiu eleito Fr. João de Espinhosa, que logo renunciou, e apesar de demonstrar de novo sua vontade o Commissario Geral, foi segunda vez eleito no mesmo capitulo o proprio Fr. João de Espinhosa.

Chegou depois o Breve, porque a santidade de Julio III lhe concedia fazer vida eremitica com um companheiro, no logar de sua escolha: Fr. *Pedro*, depois de obter do Provincial o cumpra-se, partiu com Fr. Miguel da Cadeia para Coria, onde foi bem recebido do Bispo Diogo Henriques de Almança, que era um dos admiradores de suas virtudes. Communicando o seu projecto ao Prelado, elle lhe deu a Ermida do Santa Cruz junto á villa de Santa Cruz das Cebolas, e lhe mandou fazer duas cellinhas, e uma pequena cêrca: aqui esteve algum tempo entregue á contemplação, tratando simplesmente com o Prelado e com seu companheiro. Para levar ao cabo sua pretensão foi a Roma, onde obteve do Santo Padre isenção do Geral dos Observantes, ficando sujeito ao dos conventuaes, que então era Fr. Julio Magnano: assim pareceu ao veneravel servo do Deos evitar as contradicções, que se lhe poderiam oppôr. Deu obediencia ao novo Prelado, e conseguiu delle patente para fundar Conventos, encorporar os Religiosos de outras Provincias á nova, e acceitar noviços: com tal auctoridade chegou á sua Ermida. Fr. André da Insoa, irritado disto, o mandou comparecer: soffreu com resignação e paciencia, quanto lhe quiz dizer o Commissario Geral para lhe estorvar a nova reforma: despedindo-se dos seus

Religiosos lhes disse: «*Padres, attendam ao meu bom zêlo, e se vêem não ser conveniente procurem estorval-o.*» Approveitando-se da offerta do D. Rodrigo do Chaves, que lhe deu uma herdade junto ao logar do Pedroso da Diocese do Coria, pediu licença ao Bispo para lá fundar, e partindo com seu companheiro o mandou esperar fora da cidade, e foi pedir para elle esmola ao seu Mosteiro. Recebeu-o o Guardião e a Communidade asperamente, chamando-lhe apostata, ameaçando-o com o carcere, e querendo despir-lhe o habito a pretexto de não ser o de S. Francisco: com santa indignação, e com o habito nas mãos lhe disse: «*Este, Padres, é o habito que trazem os filhos de S. Francisco meu Padre, como elle trazia, e eu indigno trago o que trazem seus verdadeiros filhos;*» e ao mesmo tempo offereceu as costas nùas ao castigo, que lhe quizessem dar: a vista das carnes despedaçadas dos açoites e comidas do cilicio encheu de tal confusão os accusadores, que todos fugiram. Saiu Fr. *Pedro* sem encontrar alguem em todo o Mosteiro, e foi prover-se do mantimento para o companheiro em casa de um devoto seu.

Dispôz a fabrica do novo Mosteiro, e para ella conduziu aos hombros a maior parte dos materiaes com os companheiros, que se foram aggregando. Muito pequena era esta santa casa, tão pobre e apertada, que lh'o estranharam: «*Irmãos*, respondeu, *bem basta isto para Frades pobres: não mais, não mais: ai dos que adiante buscarem mais, e se quizerem melhorar em edificios, que acharão muito menos do que vieram buscar!*» O Commissario Geral dos Conventuaes, Fr. Antonio Paulino de S. Quiricio, para evitar os disturbios praticados pelos Religiosos da Provincia de S. Thiago em quatro Mosteiros da Recoleta de Fr. João Paschoal, os entregou a Fr. *Pedro* para levantar a sua Custodia, a que como desejava deu o nome de S. José, e nomeou Prelado della ao portuguez Fr. Antonio da Conceição. Passou este a Pavia a dar obediencia ao Commissario Geral, que nomeou Fr. *Pedro* seu immediato com o titulo de Commissario em Hespanha, e poderes de dilatar a Custodia, e erigil-a a cathegoria de Provincia, contendo os Mosteiros necessarios. Saiu o servo de Deos a visitar as casas da sua obediencia, e na de Loriana celebrou congregação, distribuindo as Guardianias por seus discipulos, para dirigirem os outros Religiosos como os ensinára, em quanto lha não dava os proprios estatutos, que o veneravel Fr. Martinho ordenara para a Custodia da Arrabida; por mais contradicções, que se lhe oppozeram, foi por diante vencendo-as. A fama da santidade do servo de Deos em breve tempo augmentou a sua Custodia, porque os povos solicitavam á porfia receberem a doutrina de Religiosos instruidos por elle. Acabado o triennio solicitou do Geral, que o absolvesse da Prelasia; porém em logar disso o reintegrou nella. Os seus emulos de novo procuravam impedir-lhe os progressos com requerimento de queixa aos Ordinarios, mas elle recorreu pessoalmente á Santa Sé, deixando encommendado o governo ao Custodio, a quem unicamente deu parte da jornada. Apresentou-se ao Geral, que lhe obteve uma audiencia do Santo Padre Paulo IV; sua Santidade o tratou como mereciam suas virtudes, que lhe eram conhecidas, e o despachou conforme seus desejos. Chegado ao Mosteiro de Pedroso, o mandou chamar o Imperador Carlos V a S. Justo para seu Confessor: escusou-se, replicou o Principe, e elle não tendo desculpa lhe pediu licença de voltar a Pedroso, dizendo-lhe na despedida, que entendesse não ser do agrado de Deos sua pretensão, se elle não voltasse; e se escusou tambem á Princeza D. Isabel, filha daquelle Monarcha, que delle requeria igual favor. No retiro de Pedroso continuou no trato da reforma, que progredia, e nos costumados exercicios de piedade, até que chegou o capitulo de 1561, que elle convocou para aquelle Mosteiro de Pedroso. No dia 2 de Fevereiro se reuniram os vogaes dos novo Mosteiros da Custodia, e a elevaram a Provincia, elegendo Prelado a Fr. Christovão Bravo. Reuniu-lhe o servo de Deos mais tres Mosteiros na Valencia, que mandou habitar e dirigir por seu discipulo Fr. Affonso de Lerena, então Definidor. Celebrou depois congregação geral na Ermida de S. João Baptista da herdade de Bobadilha, e dividiu a Provincia em duas Custodias, uma de S. Simão na Galliza, e outra de S. João Baptista na Valencia. Finalmente o Santo Padre Pio IV approvou a erecção em Provincia, e a sujeitou ao Geral dos Observantes.

Á grande influencia de suas heroicas virtudes e á fama de sua santidade deveu Santa Thereza salvar-se das injustas calumnias, de que o demonio se serviu para evitar a reforma da Ordem Carmelitana, e nesta a auxiliou muito o servo de Deos. As tribulações, com que o Senhor o experimentou, haviam passado; mas durante ellas o favoreceu com altissimos favores de extase, da prophecia, e dos milagres, que por mão delle operou para sua consolação, e para manifestar seus merecimentos. Chegou o termo da passagem deste servo de Deos para a eternidade estando de visita no Mosteiro de S. João Baptista de Vieiosa: visitou-o então a morte com uma febre aguda, e não bastaram os desvelos dos Religiosos e do illustre Conde de Oropesa, que lhe assistiram com o maior zêlo em sua propria casa para onde o levaram. No meio dos mais acerbos tormentos, com que o affligira uma inflammação n'uma perna, sem poder descançar dia e noite, mostrava paciencia incrivel: apesar deste estado, quiz ser conduzido ao Mosteiro de Santo Andre da villa de Areoss, e lá acabou com a morte dos justos pelas seis horas da manhã de Domingo 18 de Outubro de 1562. Quatro annos depois da sua morte se trasladaram suas reliquias, e o Santo Padre Gregorio XV, em 18 de Abril de 1621, lhe concedeu o titulo de Beato, confirmando o culto que já tinha, e a santidade de Clemente X mandou expedir a Bulla *Romanorum Pontificum* de 11 de Maio de 1670, por que mandou, que se lhe desse culto em toda a Igreja Catholica.[1]

15.°

S. FRANCISCO CONFESSOR. — No dia 28 de Outubro de 1510 nasceu este servo de Deos em Gandia, filho primogenito dos terceiros Duques deste logar D. João de Borja, segundo deste nome, e a sua primeira mulher D. Joanna de Aragão. Manifestou nos primeiros annos de sua vida muita candura, boa intelligencia, e notavel devoção: todos os seus entertenimentos erão adquirir santos, levantar altares e ajudar ás Missas: com facilidade aprendeu os primeiros rudimentos, a grammatica, a musica

[1] *Martyrol. Rom. ad diem 19 Oct.* — FR. ANTONIO DA PIEDADE Chronica da Provincia de Santa Maria da Arrabida. — Um retrato de corpo inteiro sem nome: além deste possue a Bibliotheca uma carta autographa do mesmo Bemaventurado para a Infante D. Isabel, filha dos Duques de Bragança, e mulher do Infante D. Duarte, filho d'El-Rei D. Manoel.

e a arithmetica; e delle se referiu, que tendo apenas dez annos, a rogos da Duqueza Soror Maria Henriques sua avó, e de Soror Isabel de Borja sua tia, subira ao pulpito da Igreja do Mosteiro de Santa Clara de Gandia, e lá declamára com tanto espirito, que fez arrancar lagrimas aos ouvintes: ainda mais, que adoecendo gravemente em 1520 sua mãe se encerrava orando, macerando seu tenro corpo, e pedindo com muitas lagrimas a Nossa Senhora, que lhe desse saude; e que fallecendo ella manifestara uma resignação superior. Por causa da sedição da plebe contra a nobreza, que se levantou na ausencia do Imperador Carlos V, perdida a batalha, que se deu em 1521 entre Palma e Gandia, o Duque seu pae se evadiu com sua mãe e irmã, para evitar a ultima calamidade; e o menino *Francisco*, e Luiza sua irmã, foram arrancados com custo a furia da democracia, e se refugiaram com seu pae na Peniscola. Entregue depois a João de Aragão Arcebispo de Saragoça, irmão de sua mãe, pelo Duque seu pae, debaixo dos auspicios deste Prelado continuou os seus estudos, e sem reserva se deu aos exercicios de piedade. Passou depois com aquella sua irmã Luiza, que veiu a ser Duqueza de Villa-Hermoza, e sempre se tornou recommendavel por suas virtudes, a Baesa de visita a sua bisavó D. Maria de Luna; em quanto reunida toda a familia Borgia na companhia desta illustre ascendente, agradecia com jubilo ao Senhor pela ter salvado das garras dos demagogos, adoeceu gravemente *Francisco*, e apenas convalescido necessitou pernoitar ao sereno por quarenta dias em consequencia do horrivel terramoto, que affligiu o Reino de Granada. Esteve depois dois annos em Trosedilhas no serviço da Infante D. Catharina, irmã do Imperador, e Rainha de Portugal mulher de ElRei D. João III: recusando seu pae deixa-lo vir a Lisboa para continuar o serviço na côrte deste Reino, foi de novo mandado a Saragoça para estudar as disciplinas maiores, e o Arcebispo seu tio lhe deu por mestre Gaspar Lasso, philosopho do grande nome por aquelle tempo, com quem fez por dois annos grandes progressos.

No anno 1527, quando completava dezesete, previu os perigos desta idade critica, pensou seriamente em afasta-los, dedicando-se inteiramente á oração e á frequencia dos sacramentos, ao uso de livros pios, e a humildade, e conseguiu o seu fim; porque similhantes meios applicados sinceramente nem uma só vez deixaram de o produzir. Com tal razão de vida esteve na côrte até ao decimo nono anno de sua idade sem nunca se escusar dos divertimentos honestos, estimado de Carlos V e de sua virtuosa esposa, a Imperatriz D. Isabel, filha de El-Rei D. Manoel de Portugal, que então lhe deram em casamento a illustre Portugueza D. Leonor de Castro dama querida da Soberana, a quem de Lisboa acompanhára, e filha de D. Alvaro de Castro, Senhor do Torrão, e de D. Isabel de Mello, da qual teve larga descendencia. Depois do matrimonio se tornou exemplar dos paes de familia, como o havia sido dos celibatarios: e entregando os cuidados domesticos a sua esposa, se deu aos da côrte e da milicia, e ao estudo da mathematica e da musica, com tanto ardor, que em 1533 adoeceu de uma febre maligna, o que concorreu para deixar aquelles estados, pela lição dos livros sagrados e pios. Depois de convalescido accompanhou o Imperador á expedição do Tunes, e na guerra de Italia: neste tempo praticou os deveres de bom amigo com Garcia Lasso, acompanhando-o ate ao ultimo suspiro, e concorrendo por suas exhortações para acabar com grande demonstração de piedade. Voltando á patria acompanhou o Cesar a Segovia, e lá adoeceu de uma angina em 1537; e continuou depois de restabelecido os seus officios na côrte em tão estreitas ligações com a familia real, que nos jogos publicos sempre se encontravam *Francisco* junto do Imperador, sua mulher com a Imperatriz, e seus filhos Carlos e João com o Principe D. Filippe: assim passaram as cousas até ao anno de 1539, em que Deos levou para si a virtuosa mulher de Carlos V. Por ordem deste Monarcha *Francisco* e D. Leonor sua esposa foram os encarregados da guarda do corpo da Imperatriz até Granada, onde se depositou junto dos Reis Catholicos seus avos. Chegado o funeral a Granada, no acto da entrega do corpo, se descobriu o rosto da Imperatriz para se reconhecer; e tão horrivel se apresentou e com tão máo cheiro, que excepto *Francisco* ninguem póde supportar a vista, nem o fedor: elle proprio se aterrou de tal modo, que protestou mudar de vida quanto antes. Voltando a Toledo para dar conta da sua commissão, todos os dias cogitou de se affastar da côrte; porem foi nomeado Vice-Rei da Catalunha, e, em quanto se dava a castigar com as leis severas da justiça os ladrões, que a infestavam, e se applicava ao bem publico della concorrendo por todos os meios honestos para a paz, guiado pelo conselho de homens prudentes, se entregava com fervor a oração e ao frequente uso dos Sacramentos, como as mais asperas penitencias. O Imperador o ouvia nos negocios mais arduos, e por elle foi distrahido de uma expedição a Africa no anno 1541: no seguinte recusou dar-lhe a demissão que pedira do cargo. Em 1543 por morte de seu pae succedeu *Francisco* no Estado de Gandia, e uniu ao titulo de Marquez Lombay, de que usava, o de Duque daquella terra, e foi o quarto em numero. Obtendo então licença de voltar á patria, para ella partiu com Fr. João de Texada Religioso menor de grande virtude, que fizera seu companheiro com licença dos superiores. Logo chegou a Gandia, restaurou o hospital e o dotou, cercou-a de boa muralha para defeza dos piratas Africanos, augmentou o seu dominio comprando aldêas visinhas, fundou o Mosteiro Dominicano de Lombay; tornou-se pae dos pobres por sua liberalidade e dos enfermos pelo cuidado especial, que delles teve; visitou os povos do seu Estado; acabou com os escandalos e vicios publicos; castigou os blasfemos; procurou attrahir pela mansidão evangelica os Mouros ao Christianismo; e promulgou as leis concernentes á felicidade pública. Foi a Valencia para fazer os exercicios de Santo Ignacio com o Padre Arooz em 1544: e continuou uma vida toda pia, zelosa do bem dos povos e humilde até 1546, em que Deos chamou para si a virtuosa Leonor sua mulher a 27 de Março. Firme no seu proposito de mudar de vida então, que os laços do matrimonio estavam rotos, se dispoz seriamente para este grande negocio. Depois de estabelecer a Academia e Collegio da Companhia em Gandia, e de promover os Collegios della em Alcalá de Henares e Saragoça, fez os votos nesta sagrada religião secretamente em 1548 por graça do Santo Padre Paulo III; e depois de se entregar ao estudo da theologia, dispoz as cousas da sua casa, que entregou a Carlos seu filho mais velho, e partiu para Roma em 1550, onde foi recebido com grande honra.

Augmentou logo a casa professa de Roma, e nella deu altos exemplos de humildade. A fama de seus altos merecimentos voou logo por toda a parte, e o Santo Padre Julio III intentou faze-lo Car-

deal: assim quo *Francisco* o soube, fugiu de Roma para Guipuscoa, e, renunciados os titulos e pompa de seculo, com licença do Monarcha vestiu em Oñato o habito da Companhia no dia da Santissima Trindade 24 de Maio de 1551: no 1.º do Agosto celebrou a primeira Missa na Capella do Castello de Loyola, e depois a primeira solemne em Vergara no campo por causa do grandissimo concurso, e outro vez em público, em virtude do Jubileu concedido pela santidade de Innocencio III; a quem assistisse ao seu primeiro sacrificio. Desde então appareceu como um Apostolo prégando a palavra do Senhor, attrahindo com seu exemplo e santidade varões eminentes á Companhia de Jesus, fazendo grandes fructos na conversão das almas, e acreditando Deos suas virtudes com o dom da prophecia e dos milagres. Recusou acceitar a Purpura, que segunda vez, a pedido do Cesar, lhe dava a santidade de Julio III. Depois de espalhar a doutrina do céo em differentes partes da Hespanha, passou a Portugal no exercicio do sagrado ministerio, e voltando a Hespanha lançou os fundamentos a differentes collegios em Leão, Castella e Andaluzia. Chamado pelo Principe Filippe para vêr sua avó em Trosedilhas, em sua presença esta illustre Princeza estava livre de todo o accesso de loucura.

Em 1555 Santo Ignacio o constituiu Commissario da Companhia em toda a Hespanha e India: o encargo desto ministerio o fez percorrer todas as casas da sua obediencia, trabalhando muito e comendo pouco, instruindo e dando exemplo, e provendo Deos por seus merecimentos os collegios necessitados. Guterre de Carvajal Bispo de Placencia, que mais se parecia no fausto com um Principe secular do que com um Bispo, tinha requerido um collegio na sua Diocese: e a creação desta casa demandou a presença de *Francisco*, e com ella e suas orações quiz Deos converter o Prelado, de modo que em 1556 na fome, quo atormentou a Diocese, distribuiu todos os seus rendimentos com os pobres. Disseminando-se a peçonha da heresia lutherana em Sevilha, o servo do Deos erigiu nesta cidade um collegio, e cessou a peste. Naquelle anno 1556 com o Imperador vieram de Alemanha muitos sujeitos infectados do lutheranismo e do calvinismo, inimigos jurados da Companhia, que procuraram destrui-la affectando ao principio amisade com ella: espalhou-se entretanto, que o Cesar e sua irmã Maria eram inimigos desta religião, e appareceu na côrte o Dominicano Fr. Melchior Cano para renovar as antigas calumnias contra a familia de Ignacio, como então fez, sendo causa do odio de Carlos V a ella. Grande tempestade se preparava, e o peor era, que o servo de Deos *Francisco de Borja* n'um leito de dor era vivamente atormentado por excessiva debilidade de estomago e de cabeça, motivada das vigilias. Contra as calumnias então apregoadas em Sevilha em desabono da Companhia se levantaram os dois Dominicanos Burgoa e Salla, em Simancas o Mestre Penna, e principalmente a defendeu o veneravel Fr. Luiz de Granada, vertendo na Côrte as Epistolas de S. Paulo em louvor della, quanto em contrario fizera o Mestre Cano: seguiram-se em sua defeza Fernando de Valdez Arcebispo de Sevilha e Inquisidor Geral de Hespanha, e o Abbade Cisterciense Fr. Luiz Estrada: a tormenta pouco a pouco se aplacou com a chegada das Bullas de confirmação da Companhia. Restabelecido o servo de Deos passou a S. Justo para onde Carlos V já ahi recolhido o mandára chamar pelo Conde de Oropeza: lá defenden tão bem a Companhia, que indispoz o Cesar contra seus detractores. Por tres dias esteve em S. Justo, onde recebeu do Principe todas as demonstrações do respeito, que merecia: passou á visita dos collegios, e depois por ordem do Cesar veiu a Portugal trazer consolações á Rainha D. Catharina sua irmã, quando enviuvára de El-Rei D. João III; e por fim chamado novamente a S. Justo para assistir á sua morte, o não póde fazer: entretanto foi por elle nomeado testamenteiro, e prégou em suas exequias. Zeloso da salvação das almas, enviou companheiros ás Indias orientaes, a Austria e a Sardenha. Em quanto Deos illustrava sua fama com varios prodigios, foi infamado com gravissimas calumnias, de que sentia mal da fé, e era fautor dos lutheranos: com paciencia de Anjo soffreu esta tribulação; porém affligiu-se, passando a infamia aos companheiros; porém no meio desta dôr Deos o consolava. Sabiam o Cardeal D. Henrique e a Rainha D. Catharina, pelas cartas da Princeza D. Joanna, os tormentos, quo padecia: o Cardeal lhe pediu, que viesse lançar os fundamentos da Universidade e Collegio de Evora, e quo lhe enviasse dois varões sabios e virtuosos para illustrarem a nova Academia. Mandou-lhe os Padres Pedro Paulo Ferrer e Fernão Pires, e os seguiu a Portugal. Neste Reino illustrou com sua doutrina e piedade Evora, Coimbra, Porto e Braga. Em Evora deu consolações aos enfermos e aos prezos, e por seu exemplo attrahiu aos carceres, para lavarem e tratarem os doentes, pessoas da primeira ordem, e de um e outro sexo. Chamado a Roma pela santidade de Pio IV, foi Vigario da Ordem na ausencia do Geral Diogo Laines, e por sua morte; no anno 1564 os membros do Capitulo de 28 de Junho o elegeram seu successor, com applauso universal.

Constituido terceiro Proposito Geral da Companhia de Jesus, procurou governar seus subditos com a suavidade Angelica, porém com a fortaleza e prudencia de um varão justo. Estabeleceu definitivamente a sua religião na Sardenha, Ilhas da Madeira e Terceira, no Brasil, Sicilia, Calabria, Germania, Moravia, em differentes logares da Italia, de França, Belgica e Portugal, na Brossia, Mozavia, Lithuania, e Polonia. Instituiu Missões na Florida, Canarias, Africa, Perú, Mexico; e ganhou a benevolencia de S. Pio V, de que muito lucrou a Companhia de Jesus pela santidade de seu Geral e pelo zêlo e virtudes de seus filhos. Em 1570 teve a consolação de poder dar á Igreja do Deos entre setenta filhos, que enviou ao Brasil, cincoenta e dois illustres Martyres, de que trinta e nove receberam a palma em companhia do veneravel Ignacio de Azevedo. Em 1571 foi dado por companheiro ao Legado de Hespanha e Portugal, o Cardeal Miguel Bonello, onde a auctoridade de sua pessoa aproveitou muito ao Enviado de S. Pio V. Chegando a Roma no dia 30 de Setembro de 1572, pouco depois da meia noite, acabou a vida terrena, com os mais evidentes signaes de santidade. Suas reliquias foram trasladadas de Roma a Madrid, e se depositaram na casa professa em 17 de Dezembro de 1617; o Santo Padre Urbano VIII lhe mandou dar o culto de Beato em 31 de Agosto de 1624; a santidade de Bento XIII pela Bulla *Rationi congruit* de 4 de Junho de 1724 o declarou inscripto no catalogo dos Santos; e a Santa Igreja venera sua memoria a 10 de Outubro.[1]

[1] *Martyrol. Roman. ad dies* 30 *Sep. et* 10 *Oct.* — Bolland. *ad diem* 10 *Oct.* — Um retrato de meio corpo sem nome.

16.°

S. CAMILLO Confessor — Nasceu este bemeventurade em Boqoianico da Provincie de Ahruzzo no Roino de Napoles, a 25 de Meio de 1550, filho de João de Lelis, capitão dos exercitos de Carlos V, e de Camilla Compellio, natural da villa de Loreto da mesma Provincia. Aos dezenove annos de sua idade apenas sabia ler e escrever, porqne deixando os bons estudos se entregava á lição de livros perniciosos e ao jogo. Neste tempo ietenton servir com seu pae e dois primos os Venesianos contra os Turcos; e dispondo-se para a jornada foram até S. Lupido pouco distante da santa casa do Loreto; porém, morrendo lá o pae, se lhe frustrou o inteoto por falta de meios. De uma leve ferida na perna direita se lhe originou nma grande chaga, qne por não ser tratada o teve como paralytico de cama, experimentando as dores e os dissabores dos enfermos nos hospitaes. Depois de algum tempo conseguiu melhoras, e voltou a Boquiaoico: chegando, porém, a Fermo lhe agradou a compostura e virtude de um Religioso menor, que oncontrou, e fez voto de eetrar nu Ordem Serafica: foi por isso a Aqoila, e pediu o habito no Mosteiro de S. Bernardino, onde era Guardião seu tio Fr. Paulo Lanretano; mas ello, não se fiando na mudança repentina da vida do sobrieho, recusou dar-lh'o, pelo que olle continuou na devassidão passada. Eevergonhando-se da sna pobresa neste sitio, passou a Roma com destino de eurar-se no hospital de S. Thiago: nelle obteve entrar por servente, porem um mez depois foi despedido por seo genio altivo. Senton então praça no exercito venosiano com destino é defesa de Chypre, e nelle servin por tres annos, correndo differentes terras do dominio da Republica, e soffrendo nudez, frio e fome em Zara, Corfu, e na Armada: em 1571 enfermou em Corfu perigosamente, e lá esteve abandoeado n'uma choça de palha, oede mal cahia: recorrendo a Deos com lagrimas obteve melhora. No etaqne de Castello Novo, qne era dos Turcos, padecee muito, e apesar da extrema necessidade não quiz como os oetros soldados comer os figados dos Turcos mortos. Esteve depois em Zara n'um grave perigo de vida por causa do jogo, desafiando-se com um soldade chamado Evangelista. Acabada a geerra dos Venesianos sentou praça a soldo de Hespanha, o estevo a ponto de perder-se nas gales do Napoles por causa do uma tempestade. Em 1574 elistou-se na Companhia de nm Capitão chamado Fabio por haver nella jogadores, e com ontros tres viciosos, como elle, embarcon em Napoles para a expedição de Tenes, qne não teve effeito, e tornando a Napoles escapon de nma horrorosa tormenta, invocando S. Simão e S. Judas por ser no seu dia; e fez de novo voto de entrar Religioso Seralico: chegeram as gales e Napoles absolutamente inuteis; e nesta eidade o reduziu o jogo á maior penuria, pelo qne, com um companheiro chamado Tiberio Senense, passou a Manfredoeia, e la esmolou. Por compaixão Antonio Nicastro o empregon na fabrica do Mosteiro dos Padres Capuchos, porém, recusaudo e companheiro, elle fez o mesmo, e sain de Manfredonia.

Lembrou-lhe então o voto, o deixando a Tiberio tornon a Antonio Nicastro, que lhe deu dois jumentos para conduzir agua e cal para a ohra: foi grende a sue repugnancia neste mister, mas os Religiosos o moveram e perseverar: entretanto soffria as apupadas do povo de Manfredonia, com tudo so lhe lembrava a sua desgraça, que o fazie esquecido de Deos: recusaodo acceitar nm ponco de sayal para cohrir sua nudez, pensou em fazer-se de novo soldedo. Uma pretica de nm Religioso Fr. Aegelo o fez tornar em si; e voltande um dia com uma carga de vinho, que foi huscar a quatro legoas de distancia de Maefredonia, veie com firme resolnção de tomar o habito. O Guardião vendo pedir-lh'o humildemente e com lagrimas, lh'o prometteu: desde então começou e frequentar os Sacrameotos, e a fazer rigorosa ponitencia: servia nas occupações mais vís, disciplinava-se com os Religiosos, jejuava, e orava com tal fervor, que o Guardião o advertia da necessidade da moderação, porém elle insistia. Informado o Provincial de Apulia da sua justa preteesão lhe mandou patento para receber o habito e ter o noviciado em Trivento: entrou, e pelas virtudes, que já maeifestava, lhe chamaram Fr. Humilde. Passados alguns mezes de rigor do novieiado se lhe abriu a chaga da perna, foi despedido; mas o Provincial, condeendo-se de snas lagrimas lhe prometteu recehel-o logo que melhorasse. Em 1575 passon e Roma para alcançer indulgencias, e entrou outra vez no hospital de São Thiago: todos então o desejavam pelo bom exemplo, quanto em outro tempo o aborreceram pelo escandalo: assistia com grande caridado aos enfermos, o edificave a todos com sua virtude e peniteocias; e tomon por sen mestre de espirito S. Filippe Neri. Já são volton aos Capuchos contra o vote de seu veneravel confessor, que receou nova abertura da chaga: novamente o admittiram, e lhe chamavam Fr. Christovão pela altnra: tornando ao novicindo se lhe abrin de nevo a chaga, e de novo foi despedido. Volton ao hospital de S. Thiago, logo o fizeram administrador delle, e outra vez se aeolheu aos conselhos de S. Filippe Neri. Terceira vez insistiu entrar nos Capuchos, mas não foi admittido, e para lhe salvar os escrupulos o Procurador Geral lhe possou em 26 de Nevembro de 1580 certidão de incapacidade por coeta da chaga. Recorreu ainda ao Mosteiro de Ara-celi, porém recusando-se-lho a entrada ohteve certidão de incapacidade em 19 do Dezembro de 1581.

Um dos factos maravilhosos da ordem moral é sem duvida a rapida conversão de *Camillo*, e o espantoso o igualmente rapido incremento de suas virtndes. Depois de uma vida desastrosa o gniou Deos a perfeição, e lhe abrin o caminho para lançar os fundamentos de nma nova Ordem Religiosa, indicando o fim della nas suas proprias eofermidades, e no desamparo, qne muitas vezes soffreu. Repelliram-o da religião Serafica, porque o Senhor tinha determinado, qee fosse sem algum impedimento o creador de nm novo instituto, em que a caridade se menifestasse em toda a sua grandesa pela completa abnegação de si proprio. Continuava administraodo o hospital de S. Thiago, quaedo livre dos escrupulos do voto de ser filho de S. Francisco conceben o pensameeto do instituir eme Congregação secolar destinada ao serviço dos enfermos no proprio hospital de S. Thiago, e que se distinguisse por uma Cruz vermelha sobre o peito esquerdo; mas estava determinado nos Couselhos Eternos, que seria uma Congregação de Sacerdotes para remediar os enfermos em suas necessidades espirituaes e corporaes. Começou pela Congregação secular, e se lhe reoniram Francisco Propheta Sacerdote de Randoso, Bernardioo Norcino de Matrice, Curcio Lodi de

Aquila, Luiz Altobelli, e Benigno, que se offereceram a segui-lo em sua bôa e má fortuna. Escolheram uma casa do hospital para oratorio, e lá se juntavam todo o tempo livre do serviço dos enfermos, resavam ladainhas, tinham oração, tomavam disciplina, e faziam conferencias espirituaes, em que sempre se fallava da caridade, com que se deviam tratar os enfermos. Perseveraram assim dois annos conservando os seus habitos; porém o demonio invejoso entrou no coração de um máo homem do hospital, que accusou *Camillo* aos deputados de tratar nestas conferencias do apossar-se do govêrno da casa: foi *Camillo* reprehendido por elles, e lhe ordenaram, que desmanchasse o oratorio: ouviu-os com paciencia, mas, demorando-se em obedecer, uns serventes por ordem desses superiores lhe destruiram a sua casa de oração. Apesar destas contradicções, auxiliado por Deos, perseverou, e por conselho do seu amigo Marco Antonio Cortezelli deu-se a fundar a Congregação fora do hospital: tratou de aggregar a seu instituto o serviço dos empestados, e de estudar grammatica e as disciplinas necessarias para o Sacerdocio. Apesar de novas contradicções tomou Prima Tonsura em 2 de Fevereiro de 1583, e as Ordens Menores nos Domingos seguintes até as S. Mathias: Fermo Calvi lho fez um patrimonio de 500 escudos por escriptura de 16 de Janeiro de 1584: recebeu o Subdiaconado nas Temporas da Cinza deste anno, no Domingo immediato o Diaconado, e no Pentecostes o Presbiterado. Disse a primeira Missa no altar do Nossa Senhora do Hospital, e deo a communhão a seu bemfeitor Farmo Calvi, de quem recebeu um Calix, um Missal, tres casulas, e todos os ornamentos precisos para o Sacrificio.

Havendo fundado sua Congregação na Igreja da Magdalena deu a Fermo Calvi tres casas e um creado para o servir, pelo que em retribuição concorreu com bom soccorro para o Instituto; e se retirou do Hospital para dar começo á sua obra. Separaram-se então os companheiros para aviarem seus negocios peculiares; e, conforme o tratado, se reuniram na Igreja de Nossa Senhora dos Milagres no começo de Setembro deste anno (1584.) No dia 8 depozeram Bernardo e Cursio os habitos seculares; mas novas tribulações se apresentaram: *Camillo* as venceu deixando a Igreja dos Milagres, e estabelecendo-se por beneficio do seu amigo Pompeo Baratelli n'umas casas chamadas as Tendas Negras junto aos Religiosos da Companhia em Janeiro de 1585, e começou a admittir companheiros e a ajudar a bem morrer os enfermos fora do Hospital. Tendo já numero sufficiente de sujeitos a Santidade de Xisto V lha approvou, por Breve de 18 de Março de 1586, o seu Instituto com o titulo de *Congregação dos Padres Agonisantes Ministros dos Enfermos*; e por outro Breve lhe concedeu o uso da Cruz vermelha sôbre o lado direito, que todos puzeram em dia de S. Pedro e S. Paulo. Passaram então para a Igreja da Magdalena, que tomaram por Padroeira, por lhe ser dada pela confraria do Estandarte; e no Dezembro seguinte entrou a Congregação nas casas visinhas constituindo-as em residencia, que ficou sendo a capitular. Principiou depois a dilata-lo fundando primeiro a casa de Napoles, e os Cardeaes Paleoto e Mondovi procuravam fazer do Instituto uma verdadeira Ordem Religiosa: entretanto tomou elle ás sua conta os enfermos de Monte Quoirinal, os do hospital de S. Xisto, onde apertaram as febres, soccorreu os pobres na grande fome, que padeceu Roma, e os vestiu indo procura-los pelas grutas e curraes da cidade. Pela Bulla de 21 de Setembro de 1591 lhe concedeu a Santa Sé Profissão Religiosa, que fizeram todos solemnemente em 8 de Dezembro, ficando Geral o servo de Deos. No anno seguinte confirmou a graça o Santo Padre Clemente VIII, e depois a Santidade de Gregorio XIV.

Procedeu *Camillo* ás fundações de Milão e Genova. O Santo Padre enviou discipulos seus a Hungria, e lhe commetteu os enfermos do bairro de Santo Angelo infectado das epedimias, que houve na cidade em Julho e Agosto de 1596. Em 1599 erigiu a casa de Bolonha, e depois as de Florença, Messina, Ferrara e Palermo. No contagio de Nola retirando-se da cidade o Bispo instituiu a *Camillo* seu Vigario por carta de 19 de Agosto de 1600, onde procedeu com zêlo e caridade. Em 1601 fundou a casa de Mantua; e para dar incremento ao seu santo Instituto corria a toda a parte manifestando de modo admiravel a sua caridade e soccorrendo-o Deos em suas necessidades. Progrediu em novas fundações, até que em 2 de Outubro de 1607 renunciou o Generalato, apesar da repugnancia dos subditos, e para edificação, pela obediencia e misteres humildes, ficou servindo no Hospital do Espirito Santo de Roma. Era dotado de extrema compaixão pelos homens e pelos animaes; e a todos soccorria com seu auxilio ou procurando o do Senhor por meio de suas orações. Depois de uma vida tão trabalhosa, depois de passar do extremo do vicio á perfeição da virtude, Deos o honrou com o dom da prophecia e dos milagres. Foi a sua passagem desta vida, com todos os signaes de predestinado, hora e meia depois de anoitecer do dia 14 de Julho de 1614; e no seu funeral houve grandissimo concurso e veneração de suas virtudes, que foram declaradas em grão heroico em 24 de Julho de 1728. Examinados de novo os milagres se lhe concedeu o culto de Beato em 8 de Abril de 1742; e o Santo Padre Bento XIV o inscreveu no catalogo dos Santos em 29 de Junho de 1746. A Santa Igreja venera sua Santa memoria em 18 de Julho.[1]

BEATOS.

17.°

B. EUDO Confessor — Nasceu este servo de Deos em Novara, e professou a vida Monastica na Ordem da Cartuxa. Aproveitou tanto na perfeição das virtudes Christãs, que a fama de sua santidade se derramou por diversas regiões, onde seu nome era ouvido com religioso acatamento. Sendo eleito Abbade do Mosteiro de Zara na Sclavonia, o Ordinario do logar lhe fez taes affrontas, que elle attendendo á paz julgou prudente a renúncia: tomou por isso o caminho de Roma, e depositou nas mãos do Santo Padre Clemente III a dignidade.

[1] *Martyrol. Roman. ad diem 18 Jul.* — Benedicto 14 ᵐ *De Beatificatione Servorum Dei et Beatorum Canonisatione* — Traducção portugueza da *Vida do Glorioso S. Camillo de Lelis* escripta em Italiano por Sancho Cicatelli. Um retrato de meio corpo sem nome.

Saíndo da capital do Christianismo passou em Togliacozzo, onde pela necessidade de descanço aceitou a hospedagem de Aduhiza Abbadessa do Mosteiro de S. Cosme e Damião. Persuadida esta Religiosa Prelada, que muito aproveitaria o seu Mosteiro com a presença do veneravel ancião, lhe requereu, que ficasse n'elle Confessor; porém *Eudo* lhe oppoz a prohibição de seu instituto. Aduhiza supplicou então ao Santo Padre a dispensa, e lhe foi concedida.

Em uma cella, que se lhe preparou junto ao Mosteiro, viveu *Eudo* o reste de seus dias, fazendo asperrimas penitencias, dando altos exemplos de piedade, e sendo o refugio dos afflictos nas mais dolorosas molestias, que Deos sarava por virtude de suas orações. Na idade de cem annos cheio de merecimentos se aproximou ao termo de sua passagem sôbre a terra, e o predisse no dia 13 de Janeiro de 1200 por estas palavras: « *Amanhã morrerei nesta mesma hora.* » No dia seguinte se lhe ouviu: « *Esperae-me, Senhor, que eu vou.* » Perguntado pelos Ecclesiasticos, que lhe assistiam, a quem dizia aquellas palavras, respondeu: « *Já vejo o meu Rei, ja estou em sua presença.* » Nesse mesmo instante, levantado do estrado, ergueu as mãos, e espirou.

Depois da morte acreditou Deos sua vida prodigiosa com muitos milagres. Sendo trasladade, quasi quarenta annos depois, seu corpo foi achado incorrupto, com a côr de animade, e lançando cheiro suavissimo. Dahi veiu a rasão de seu culto, e essa moveu o Santo Padre Gregorio IX para mandar fazer o processo para a sua canonisação solemne em 10 de Dezembro de 1240.[1]

18.°

B. GUILHERME Confessor. — Em 1172, na aspera serra de Mondino, a sete leguas de Garregio do Piemonte, e dentro dos limites da Diocese de Viviers, eram frequentes as cellas dos Anacoretas, que lá viviam separados do commercio do mundo e entregues á contemplação de cousas Divinas e á penitencia; por isso teve o nome de montanha de *Casoto* ou de *Casulos*. Alguns desses Anacoretas pretenderam reunir-se para servirem a Deos em communidade; e para levarem ao cabo seu intento chamaram Monges da Cartuxa de Santo Estevão da Calabria, e com elles deram principio ao Mosteiro chamado das *Casulas* da Ordem de S. Bruno. Pelo mesmo tempo estava retirado neste santo ermo o veneravel *Guilherme*, natural de Garregio, e filho da familia *Fenolia*. Este servo de Deos, vendo os exemplos de santidade, com que começava este novo Mosteiro, professou entre os seus Leigos; e concorreu muito para o augmento espiritual e temporal delle pela fama de suas grandes virtudes.

Foi *Guilherme* varão de singular piedade, e Deos por elle obrou milagres. Passou desta vida em 19 de Dezembro de 1200. A sua fama posthuma foi tal, que já em 24 de Julho de 1233 Guilherme Mazoco, fazendo uma doação ao Mosteiro declarou, que dava *a Deos, a Santa Maria, e a S. Guilherme* dois pedaços de terra com arvores de castanha; e continuaram outros bemfeitores expressando o seu nome como de bemaventurado. Na Diocese de Viviers e n'outras partes se encontram imagens suas antiquissimas, junto das quaes se vê a coxa de um jumento para tradição do milagre, com que arrancando-a ao que do Mosteiro levavam furtado poz em fugida os ladrões ameaçando-os com ella. Seu corpo foi encontrado incorrupto; d'elle se fizeram varias trasladações; e a Santa Sé auctorisa o seu culto da Beato, havendo-se feito o processo para a sua solemne canonisação.[2]

19.°

B. ESTEVÃO Confessor. — Nasceu este bemaventurado em Leão filho dos senhores de *Castiglioni:* sendo ainda alimentado ao peito da ama, recusava o leite todas as sextas feiras: cheio de graça e engenho natural na infancia, levava vantagem aos outros meninos nas escolas, e mostrando-se docil, modesto, humilde, e amavel a todos, parecia quasi naturalmente começar a perfeição de sua vida futura. Cada dia aproveitava mais na sciencia da salvação; e, abstrahindo-se de todos os divertimentos poeris, servia de exemplo a seus proprios mestres. Na idade do adolescencia se privou totalmente da comida de carne, e progredia espontaneamente no caminho da virtude, tomando por norma de vida a doutrina, que aprendia nos livros sagrados: jejuava, orava, e se entregava sem reserva ás obras de misericordia; e desejando passar á vida contemplativa e penitente sem estorvos, aos vinte e seis annos de sua idade, procurou no Ermo Cartusiano das Portas o commercio com dois grandes homens, Bernardo, que por convite de S. Bernardo fez commentarios aos *Canticos*, e Anthelmo Bispo Bellicense, ambos tão eminentes em sciencia e conselho, como em santidade. Animado com seu exemplo vestiu o habito, e professou o instituto de S. Bruno.

Livre dos tomultos do mundo entrou na mais rigorosa abstinencia, alimentando-se unicamente de pão e agua, e fazendo vida do estudo e da contemplação. Nem um so instante deu a ociosidade, porque de dia e de noite, e quando mesmo se empregava nos trabalhos manuaes determinados pela regra, orava, meditava, e recitava os Psalmos; e dos seus olhos corriam sempre lagrimas de affecto e devoção quando commungava, ou punha os olhos n'um Crucifixo. Todos o apregoavam soldado de *Christo*, e o veneravam e admiravam como Santo, ao mesmo tempo que elle recebia altos favores do céo. Neste estado o encontrou a eleição para o ministerio de Prelado do Mosteiro, que aceitou com repugnancia, e satisfez com zêlo, prudencia e caridade. Todo entregue ao cuidado dos seus subditos, sem se descuidar da propria salvação punha todos os esforços no delles; e seu amor pelo proximo se estendia fóra do claustro, esforçando-se em trazer a uma sincera conversão os hospedes, que em grande con-

[1] Bolland. *ad diem* 14 *Jan.* — Morotius *Theatrum Chron. Sacri Carthusiensis Ordinis.* Um retrato de corpo inteiro.

[2] Morotius *Theatrum Chron. Sacri Cartusiensis Ordinis.* Um retrato de corpo inteiro.

curso visitavam o Mosteiro das Portas: do mais, suas palavras e seu exemplo attrahiram muitos á vida mais perfeita recebendo o habito de S. Bruno. Vagando a Cadeira Pontifical de Die no Delfinado, e divergindo em votos os Conegos eleitores, alguns poucos fizeram o elogio das virtudes de *Estevão*, o então por unanimidade foi acclamado Bispo. Sabendo, porém, quo infallivelmente recusaria, recorreram ao Summo Pontifice, que não só approvou a eleição, mas lhe ordenou, que acceitasse a alta dignidade a que Nosso Senhor o chamava. Os Conegos passaram logo ao Mosteiro das Portas, e lho leram os Mandados Apostolicos: poz em pratica quanto pôde para os persuadir a nova eleição, e, insistindo elles, lhes disse, que na sua qualidade de Monje não podia aceitar sem licença do Prior da Grande Cartuxa. Partiram logo a procurar Jacelino Prelado desta santa Casa, em quanto *Estevão* fugiu: Jacelino, ouvidas as letras do Santo Padre, procurou o eleito, e encontrando-o lho rogou, e mandou por obediencia, que executasse as ordens do Summo Pontifice. Levado então a Vienna foi consagrado em 1208 por tres Arcebispos; o passou á sua Igreja, onde o receberam com incrivel alegria e muita solemnidade.

Conservou no Episcopado os costumes Monasticos, a gravidade dos habitos, a constancia na virtude, e exercicios do piedade, o a estas santas praticas accrescentou outras. Não so resava o Officio Divino no Oratorio particular, mas na Cathedral com os Conegos, e todos os dias dizia Missa entre lagrimas o ternos affectos de devoção. Admirava a todos, como um prodigio, ter adiantado ainda mais agora na humildade e devoção: pregava, exhortava, visitava, e satisfazia as obrigações de sua dignidade, procurando com zêlo a salvação do seu povo. Cuidou de evitar a profanação do Domingo, mostrando em suas homilias com suaves admoestações e fortes argumentos o gravissimo peccado, que ella era. Tratou da reforma dos costumes, como verdadeiro Pastor, seguindo o exemplo do Divino Mestro, instando opportuna e importunamente, e corrigindo com entranhas de pae. Algumas vezes procurava solitario no Cartuxa recrear-se na contemplação das perfeições Divinas, e na asperesa da penitencia, mas sem se descuidar um instante do seu rebanho. Incançavel na salvação dos seus subditos, os procurava na ora estrema, e quando renitentes no peccado, os attrahia pelas lagrimas o pelas súpplicas, recorrendo pela oração ao Senhor: nestas occasiões se demonstrava sem reserva a sua humanidade, bondade, compaixão e misericordia: e algum houve, que não só adquiriu a salvação da alma, porém o saude do corpo pelo toque de suas mãos. Com o signal da Cruz suspendeu uma tempestade; visitando pessoalmente uma mulher morta, lhe referiram as circumstancias, com quo o demonio a privára do alento; e pedindo-se-lhe soccorro nesta necessidade, implorou a misericordia Divina, e a resuscitou. Os pobres sempre acharam nelle recursos, porque condoido lhes dava com mão liberal quanto possuia: nunca recusou benção, nem conselho, a quem lh'o pedia: emfim, sendo vexado o seu povo por certos inimigos, que por todos os modos o affligiam, lhe conseguiu a paz, e a obteve.

Chegado o termo de seus dias caiu enfermo, e desde logo todos os fieis da Igreja de Die se consternaram excessivamente: entre o temor de o perder o a esperança de o salvar, puzeram em prática todas as leis da medicina, porém nada lhes aproveitaram. Rogando-se-lhe, quo fizesse testamento, respondeu, que não tinha de que, porque tudo quanto possuia era da sua Igreja. Vendo aproximar-se a morte pediu os Sacramentos, e no meio de fervorosas orações expirou a 7 de Setembro do 1213, com cincoenta e oito annos de idade, o mais de cinco de Episcopado. Deos acreditou seus merecimentos com milagres depois da sua morte; e a Igreja de Die o venera a 9 de Septembro.[1]

20.°

B. BENTO Confessor. — Nasceu o servo de Deos *Nicoláo Bocasini* em 1240 da familia Bocasini na aldêa do S. Bartholomeu do Tarviso: seu pae Bocaxio notario público por authoridade Imperial era qualificado de *senhor*, o que só então se concedia a pessoas illustres. Com um tio paterno Parocho da Igreja de Santo André do logar aprendeu grammatica; e pela decadencia e pobresa de sua casa a ensinou em Veneza aos filhos de Patricios. Em 1257 fez profissão na Ordem dos Prégadores, onde estudou as lettras Divinas e humanas, e aproveitando nellas ensinou-as. Sua piedade, santidade de costumes, e eximia sciencia o tornavam cada vez mais recommendavel; por isso de Leitor da sua Ordem passou a Prior conventual della, depois a Provincial da Lombardia, e por último, em 1296, no capitulo de Strasbourg, foi eleito Ministro Geral. Neste cargo se portou com humildade raras vezes imitada; seguio os antigos rigores de abstinencia; e austero comsigo se mostrava compassivo com as faltas alheias. Dois annos e alguns mezes passados no governo superior da Ordem a Santidade de Bonifacio VIII o fez Cardeal na segunda creação em 4 de Dezembro do 1298, o lhe dirigiu um Breve de investidura tão honroso a toda a familia Dominicana, como a elle proprio. Teve na Ordem dos Presbyteros o titulo de *Santa Sabina;* porém chegando a Roma, depois de se dimittir do Generalato em 14 de Janeiro do anno seguinte, o Santo Padre o elevou á Cadeira Pontifical de *Ostia e Velitri* mudando-lhe o titulo Sacerdotal de *Santa Sabina* no Episcopal daquella santa Igreja.

Em 1301 estando Ladisláo Rei de Hungria proximo á morte, o Reino se dividiu em facções: alguns Senhores coroaram André sobrinho do Ladislao; o outros, não o querendo reconhecer, enviaram á Santa Se pedindo Rei. O Santo Padre Bonifacio VIII lhe enviou Carlos *martel* filho de Carlos 2.° Rei de Napoles e de Maria de Hongria irmãa do Ladislao. Sendo, porém, mais poderoso o partido de Andre, o Santo Padre despachou Legado á Hungria o Cardeal *Nicoláo* para sustentar Carlos o socegar as alterações. Não teve esta missão o desejado effeito, e por causa da insolencia de alguns burguezes o Legado poz interdicto na cidade de Buda: os Parochos o os Religiosos cumpriram inteiramente o mandado; porém alguns Sacerdotes scismaticos não escrupulisaram de administrar publicamente os Sacramentos, e levaram a temeridade a ponto de excommungar o Santo Podre e os Cardeaes com todos os Prelados da Hungria, que os haviam lançado da Igreja: mais tarde, por mediação da Santa Sé, Carlos foi restituido ao throno, e as

[1] Surius *ad diem 7 Septemb.* — Bolland *ad eandem diem* — Morotius *Theatrum Chron. Sacri Cartusiensis Ordinis.* Um retrato de corpo inteiro.

sublevações terminaram. Na volta da Legacia e v. *Bispo de Ostia* sagrou a Igreja Dominicana de Santo Agostinho de Padua, e deu vinte e cinco mil florins para a construcção da Igreja de S. Nicolau de Tarvizo. Antes desta missão tinha sido encarregado de fazer a paz entre França e Inglaterra; e depois satisfez outras na mesma qualidade de Legado Apostolico. Nesta epocha ja elle tinha elevado um monumento á sua memoria, que a par da santidade de uma vida inculpavel brilharia nos vindouros com mais gloria, que todas essas missões. Esse monumento eram os *Commentarios sôbre os Psalmos, a Job, ao Apocalypse*, e ao *Evangelho de S. Matheus*; o *tractado dos Ritos*; e os *Sermões sôbre o Evangelho de S. Matheus*. Entretanto Deos quiz, que a sua piedade e doutrina illustrassem a Igreja universal: para isso, morto Bonifacio VIII, o fez eleger Summo Pontifice por votos unanimes no primeiro escrutinio de 21 de Outubro de 1303, e a 27, com o nome de *Bento XI*, foi coroado na Igreja do Vaticano.

Exaltado á cadeira de S. Pedro chamou a juizo todos os complices na prisão de seu antecessor; e, recusando apparecer, os excommungou: restituiu os dois Cardeaes Colonas, que Bonifacio VIII perseguira, vedando-lhes unicamente o chapeo vermelho, de que elle os privara; reformou o edito do mesmo Santo Padre contra os Religiosos Menores. Examinada a causa de Filippe *formoso* Rei de França, em público consistorio e na presença de seus embaixadores o absolveu das censuras fulminadas por seu antecessor. Differentes graças com mão liberal fez a alguns Soberanos, Principes, e Senhores; e principalmente com ElRei de Napoles Carlos II foi generoso pela esperança, que delle concebêra em relação á guerra sagrada, que meditava fazer na Palestina e Syria. Posto que não veio a tirar bom fructo da Legacia enviada á Toscana para socegar as sedições, mandou outra á Servia e provincias visinhas para promover a extincção do scisma Grego; e por outras tratou de estabelecer a paz entre Venezianos e Paduanos, e entre Gerardo Arcebispo de Moguncia e o Imperador Alberto. No meio das contradicções, que se lhe promoviam, Deos lhe concedeu o prazer de ouvir os Embaixadores de Insibraimo Patriarcha da Caldêa, que em seu nome vieram reconhecê-lo como Vigario de *Jesus-Christo*, e a Santa Igreja Romana como Mãe e Mestra de todas as Igrejas.

Receioso dos Colonas saiu de Roma para Perugia, e lá morreu envenenado em 7 de Julho de 1304 com sessenta e quatro annos de idade, e só oito mezes e dezeseis dias de Pontificado: assim acabou desgraçadamente este grande homem, de quem a Igreja de Deos muito podia esperar. Manifestava no exterior a humildade, benignidade, simplicidade, gravidade e mansidão de uma alma pura: zeloso da salvação de seus filhos e do bem da Igreja acabou victima do dolo de pessoas, a quem escandalisava sua virtude. Deos fez acreditar sua memoria posthuma com milagres; a Santidade de Clemente XII em 1736 approvou seu culto na Ordem dos Prégadores, em Tarvizo e Perugia; e o Santo Padre Bento XIV em 1743 a 7 de Junho ampliou o seu culto com titulo de Beato a todo o dominio da Republica de Veneza.[1]

21.°

B. NICOLÁO CONFESSOR. — Nasceu este servo de Deus em Bolonha de uma das principaes familias desta cidade no anno de 1375: seus paes foram Pedro Nicoláo *Albergati*, varão insigne pelos cargos militares e civis, e Filippa Chiepetta: trataram elles de sua educação litteraria com o maior esmero, pelo que chegou com louvor a receber a borla doutoral na faculdade do direito da universidade da sua patria: entretanto Deos o chamava das pompas do seculo para o Claustro: por isso sentia grandes desejos de abraçar o Instituto de S. Bruno desde o momento, em que passando a meia noite pelo Mosteiro desta Ordem dedicado a S. Jeronymo, fora dos muros da cidade, foi obrigado pela chuva a pernoitar ali: depois de assistir a Matinas não pôde conter sua alma, e rogou, que o admittissem. No fim de alguns dias, contando vinte annos de idade, no de 1395, o receberam: elle pela assiduidade das vigilias, obediencia, humildade, e exacto cumprimento de todas as leis da severissima disciplina deste Monastico provou, que sua vocação era verdadeira, e que por inspiração do Senhor o abraçára. Passados assim os annos nestes santos exercicios foi successivamente Prior dos Ermos de Florença, Bolonha, Roma, e tambem da Santissima Trindade de Mantua, cujos fundamentos lançára chamado pelo zêlo do Duque Francisco Gonzaga em 1408: depois foi eleito procurador geral de toda a Ordem junto da Santa Sé, e, por voto unanime do Clero e pleno consenso do povo de Bolonha, exaltado á Cadeira Pontifical d'esta cidade em 4 de Janeiro de 1417. Não houve casta de opposição, que não fizesse: reprovadas as primeiras petições de escusa, resistiu dizendo, que não aceitava sem licença do Prior da Cartuxa Maior e do capitulo geral: malograda a pretensão em França, porque os Monjes ordenaram, que seguisse a vontade de Deos: oppôz então, que estando vaga a Santa Sé pela decisão do Synodo geral de Constança, não podia aceitar sem confirmação do Metropolitano de Ravena: chamado á presença deste Prelado, elle o tornou responsavel pelos perigos da viuvez da Santa Igreja de Bolonha, de que havia de dar conta no Tribunal Divino. Aterrado com esta prática cedeu Nicoláo submettendo-se; e foi consagrado no Mosteiro Cartusiano de S. Jeronymo, onde vestira o santo habito; e, caminhando processionalmente até a Cathedral, desde Santo Estevão por deante seguiu a pé e descalço. É digno do meu reparo, que os Santos procurem de tal modo subtrair-se ao Episcopado, e os, que o não são, ponham todos os meios, ainda illicitos, para lá chegar.

Tratou logo de convocar Synodo para reformação dos costumes, visitou a Diocese, instituiu Seminario, e procurou evitar os escandalos da sensualidade, fazendo retirar das ruas e praças as mulheres corrompidas, e estabelecendo dotes para as casar. Exaltado Martinho V á Cadeira de S. Pedro confirmou a sua eleição; e para o não distrahir do rebanho, que tanto segundo o Evangelho apascentava, dirigiu Breve aos Bispos de Modena e Imola para qualquer delles receber de *Nicoláo* o juramento de fidelidade.

[1] *Martyrol. Roman. ad diem 7 Jul.* — RAYNALDUS *Annales Eccl.* — CIACONIUS et OLDOINUS *Vitae et Res Gestae Pont. Rom. et S. R. E. Cardinalium* — AUBERY *Histoire Generalle des Cardinaux* — MORONI *Dizionario* — ROHRBACHER *Histoire Universelle de l'Eglise Catholique*. Dous retratos de corpo inteiro.

Não tardou a opresentar-se em Mantua a S. Santidade da sua parte, do Magistrado e de todos os habitantes de Bolonha: foi acolhido do Santo Padre como mereciam suas altas virtudes. Voltou logo aos trabalhos da cura pastoral com o zêlo, que sempre o distinguia: e tanto pôde, que reduziu o Clero á austeridade e honestidade de costumes, arredando-o da dissolução o da licença; separou os Judeos dos Christãos, que até ali viviam indistinctamente; fez observar a guarda dos dias santificados, e a abstinencia na Quaresma; e prohibiu a usura. Para concluir o reforma do Clero, que tomava grande incremento, restituiu os sabias constituições do Bispo Bernardo, e trouxe Conegos de S. Jorge da Alga, onde por então a disciplina estava em pleno vigor, para introduzirem os mais santos costumes cloustraes nos Mosteiros dos Conegos Regulares. Levando a reforma aos seculares, prohibiu os jogos de azar, que todos os dias e a toda a hora se faziam publicamente com inaudito escandalo, e ordenou, que o tributo delles havido se applicasse aos pobres ou á fabrica da Igreja de S. Petronio. Neste meio tempo chegou em Missão a Bolonha Bernardino de Sena varão Apostolico da Ordem dos Menores, auxiliou poderosamente o Santo Bispo em seus intentos, porque nos sermões reprehendeu com tal energia estes desastrosos passatempos, que o povo aterrado mandou publicamente queimar todos os instrumentos de taes jogos. Passando das necessidades espirituaes ás materiaes, restaurou a Cathedral e os paços da residencia dos Prelados, e ornou esta de grande Bibliotheca, de que por sua morte deixou quasi todos os livros ás Igrejas e Mosteiros para utilidado pública.

Não era só por este modo que o v. *Nicoláo* guiava o seu rebanho á salvação; mas pelo exemplo: apesar dos trabalhos do seu alto ministerio fazia vida de Monje e observava as austeridades do Claustro pelo uso da abstinencia das carnes, jejum, cilicio, assiduidade na oração e officio Divino, habitos grosseiros, compostura exterior, modestia e humildade no trato. Dispendia as rendas ecclesiasticas, tirando para si e para os seus a sufficiente sustentação, em reparar os edificios sagrados, nos soccorros publicos, e em dotes para casamentos: satisfazia as necessidades dos pobres, e não dava dos bens da Igreja alguma cousa a seus parentes. A sua liberalidade na distribuição dos beneficios não era igual á das rendas, que percebia: reputava indispensaveis os serviços á Igreja, principalmente no ensino público, e os talentos acompanhados da virtude, e preferia entre esses os quo viviam apoucados de fortuna. Sua casa era um Seminario, onde por meio das praticas da vida honesta, da severidade de costumes, e do estudo das boas doutrinas se habilitavam individuos eminentes: entre elles venerou a Igreja dois Summos Pontifices Nicoláo V, e Pio II, o illustre *Eneas Silvio* benemerito das letras. Dotado de singular humanidade tratava com amor a todos, manifestando a todos entranhas de pae ou de amigo; e chegou a tão subido conceito, que ninguem deixava de ajoelhar e curvar a cabeça em suo presença, e muitos o ocompanhavam descalços nas preces públicas. Apesar de fugir de todas estas attenções, o louvor e a honra o seguia por toda a parte; porque eram actos voluntarios de reconhecimento. Tanto pôde o só exemplo de suas eximias virtudes, que, desde a sua elevação ao Pontificado, o Clero e o povo totalmente mudou de costumes.

Passando o Santo Padre Martinho V de Mantua a Ferrara mandou chamar o v. Prelado de Bolonha para tratar da restituição desta cidade, que se havia subtraido ao dominio temporal da Igreja, e o fez seu Legado nesta demanda; mas os Bolonhezes recusaram outra submissão, que não fosse um tributo em dinheiro e gente de guerra; e dahi nasceu uma grave desordem entre os principaes da Bolonha lançando uns oos outros: ocolheram-se estes a S. Santidade; e aquelles supplicaram ao servo de Deos, que fosse a Ferrara tratar este negocio, e conseguisse do Summo Pontifice a acceitação do pacto, com que se submettiam. Instigado Martinho V por uns não cedia do dominio, e aos outros instava *Nicoláo* para o absolverem de tal commissão; mas tendo de ceder a suas reiteradas e importunas instancias pediu tres dos principaes da cidade para o acompanharem na embaixada, e partiu para Ferrara com elles. O Santo Padre não acquiesceu, e passando a Florença preparou as cousas para invadir com as armas espirituaes e temporaes a cidade, e despedindo os companheiros de *Nicolao* o reteve. Depois de poucos dias o obrigou com pena de excommunhão a partir logo para Bolonha, e publicar o interdicto. Forçado pela obediencia passou no outro dia á sua Cathedral e executou as ordens de Martinho V. A cidade, que até ali o venerava como santo e como pae, viu injustamente nelle o seu perseguidor, e pretendeu atentar contra a sua vido até agora tão amada. As armas espirituaes empregadas n'uma questão temporal deviam produzir o máo effeito de revoltar indignamente os Bolonhezes contra seu Pastor, chegando a levantar mão sacrilega contra elle. A sublevação tomou incremento e alguns entraram nos paços da residencia do Prelado com destino de o assassinarem, mas impedidos por uma fôrça occulta, e aterrados pela sua presença depozeram o furor; assim mesmo o Prelado para evitar as ciladas, que se lhe armavam, sahiu de Bolonha em habitos mudados, e se encerrou na Cartuxa de Florença por alguns mezes. Nesse meio tempo Martinho V enviou contra Bolonha um grande exercito commandado pelo general Bracio da cidade de Perugia, pelo que Antonio Bentivoglio supremo Magistrado, para não vêr a Cidade reduzida ao ultimo extremo, a entregou voluntariamente a S. Santidade. Voltando o servo de Deos á sua Igreja continuou como dantes o officio de pio e zeloso Pastor.

Querendo o Santo Padre dar fim á contendo, que existia entra Carlos VI Rei de França e Henrique V Rei de Inglaterra, enviou o v. *Nicolao* em qualidade de Nuncio para os compôr: passou elle a França acompanhado da flor da nobresa de Bolonha, e foi recebido com alta estimação pela fama de sua santidade: chegando porém a questão aos termos de se concluir, foi paralisada pela morte dos dois principes, e o santo Bispo havendo dado conta do exito de sua commissão voltou a Bolonha. Dois annos depois S. Santidade na quarta creação de Cardeaes, em 24 de Maio de 1426, o inscreveu entre os Padres Purpurados com o titulo Preshyteral de *Santa Cruz em Jerusalem;* mas para que aceitasse foi necessario impôr a pena de excommunhão pela negativa. Duas vezes foi legado para fazer a paz entre o Duque de Milão de uma parte, e os Venezianos e Florentinos alliados da outra: pela primeira vez conseguiu o tratado, e da segunda a execução. Terminado este negocio, e antes de ir dar conta a Roma de sua missão, passou á sua Igreja pora compôr alguns negocios; e levantando-se nesse tempo uma sedição, que poz fóra o Legado da Santa Sé, e converteu a cidade em Republica, o santo Bispo esforçou-se a reduzir os Bolonhezes a melhor conselho: entretanto a cegueira, mal que atormenta a todos os revolucionarios e politicos, os

fez olhar como suspeito e inimigo o v. *Nicolão*, o não faltou muito para o esmagarem no meio do tumulto: pouco adeante o citaram a comparecer no seu improvisado tribunal para restituir os passaes da sua Igreja, que desde a entrada para o Episcopado gosava pacificamente, o depois se lhe restituiram por ordem do Santo Padre: recusou, declorando, quo era contra a ordem da naturesa e do direito, que o pae fosse submettido ao juizo dos filhos e o Prelado ao dos cidadãos. Para evitar um desacato sanguinolento em sua pessoa, trocando os habitos Pontificaes pelos Monasticos evadiu-se apressadamente para Modena. Um abysmo chama outro: na ausencia expulsaram sua familia; e elegeram Bispo a Bartholomeu Zambeccario, à quem em logar do Cabido deu posse o Magistrado. Logo que S. Santidade o soube mandou lançar de novo interdicto, o fazer a guerra. Os Bolonhezes vencidos trataram da paz com o legado de Imola.

Submissos por fôrça, receberam o seu Pastor; mas renovando-se os odios entre França o Inglaterra, *Nicolão* como anjo da paz foi enviado pela Santa Sô para os attrair á concordia; e de caminho conciliar os Lombardos, que pelejavam com os Florentinos e Venezianos: entretanto apenas tinha subido os Alpes, quondo recebeu noticia de haver morrido Martinho V, e ter-lhe succedido Eugenio IV, com ordem deste Summo Pontifice para passar de prompto a França, onde ardia a guerro. Foram incriveis os seus trabalhos para a conciliação; porém, não a podendo obter do Rei de Inglaterra, se despediu de França por ordem do Santo Podro para o Synodo de Basilêa na qualidade de Legado *a latere*, e la se demorou por um anno inteiro, defendendo a auctoridade da Sé Apostolica e o Romano Pontifice; comtudo persistindo firmes os Padres em sua teima, os despresou como multidão insana e corpo acephalo; e passou dahi á assemblea de Norimberg para fozer a paz entre Eugenio IV e aquelles Padres, o se eleger um terceiro logar, em que os Padres de Basilea e os de Ferrara se reunissem com Eugenio IV e com os Gregos; porém não se decidindo cousa alguma passou á sua Igreja. Nesto meio tempo aconteceram alguns prodigios celestes, que aterraram muito, como um crudelissimo terramoto, que destruiu muitos edificios, um eclypse do sol depois do meio dia, que deixou tudo em trêvas, e tempestades horrorosas: o v. *Bispo* instituiu preces para applacar a colera Divina, e mandou vir da Igreja de Santa Mario junto de Bolonha para dentro dos muros da cidade a imagem da Virgem, que se dizia feita por S. Lucas, em solemne procissão; e a tormenta cessou. Deu-se emfim a restaurar olgumas casas religiosas, o restituir outras á antiga observancia, a approvar o pio instituto dos devotos de S. Jeronymo, e a restaurar o Hospital de Santa Maria do Monte.

O Santo Padre Eugenio IV, para pôr um freio aos excessos dos Padres Basilienses, lhes enviou dois legados, o v. *Bispo*, e o Cardeal João do S. Pedro *ad vincula*; mas elles os fizeram voltar com pretexto de tratarem da paz com S. Santidade. O Summo Pontifice tornou a mandar o v. *Nicolao* para presidir ou ser presente, com tanto que obstasse aos esforços dos facciosos; e havendo obrado neste negocio com muita prudencia e industria, foi terceira vez mondado a França para fazer a paz. Concluida com louvor esta missão passou a Florença a dar conta della ao Santo Podre; e oproveitando a opportuna occasião, porque do serviço se agradára o Chefe da Igreja, lhe pediu licença para se recolher á Cartuxo renunciando o Episcopado e a Purpura. Não só o não obteve, mas foi enviado de Ferrara a Allemanha para separar os Principes das ciladas, que lhes urdiam os Padres Basilienses; e concluida esta difficilimo legacia esteve no Concilio ao lado do Santo Padre em Ferrara e Florença. Naquella Cidade foi um dos seis Latinos nomeados para argumentar com seis Gregos em pleno Synodo sobre a *Processão do Espirito Santo*. Eugenio IV não perdia occasião de manifestar ao Prelado de Bolonha quanto o considerava, e o fez por morte do Cardeal Ursino, dando-lhe os logares do Arcipreste da Basilica Liberiana, de Penitenciario Mór da Igreja, e do Camareiro do Sacro Palacio Apostolico: em quanto elle se esmerava na boa applicação de suas rendas, porque levantou aos Cartusianos um grande e magnifico claustro para residencia junto da Igreja de Santa Cruz em Jerusalem na Capital do mundo christão, e instituio duas capellas na Cathedral de Bolonha. Acompanhando S. Santidado de Florença para Roma, adoeceu de molestia de pedra gravemente em Sena, onde o Santo Padre se demurou, e soccorros nenhuns da medicina bastaram para lhe dar saude. Succumbiu de uma violenta febre e intensas dores, em 9 de Moio de 1443, com todos os signaes de predestinado, deixando na mais profunda tristesa todos os verdadeiros amigos da piedade e do bem da Igreja. Seu corpo foi enterrado na Igreja de Santo Agostinho de Seno com grande pompa, celebrando com muitas lagrimas o Santo Padre Eugenio IV; e depois trasladado a S. Lourenço da Cartuxa de Florença. Bolonha cobriu-se de dó, e por então conheceu quonto fôra injusta, e quanto perdeu com a falta de tal pae. Desgraçadamente o desengano vem tarde!

Bastaria a paciencia e resignação, com que supportou os agudos golpes da ultima molestia, reunidos ás virtudes, que toda a sua vida praticou, para lhe grangearem santa fama posthuma; mas os grandissimas tribulações, com que Deos o visitou, o zêlo que poz na salvação do seu povo, e os serviços, que prestou á Igreja e á humanidode, tornoram gloriosa e pia essa fama. Pertencendo por titulos indisputaveis á republica das letras, lhe deixou boa memoria de seu nome em differentes escriptos de voria lição: e movido da santidade de sua vida, e dos louvores de suas altas virtudes, o Santo Padre Bento XIV permittiu o seu culto, concedendo-lhe o titulo de Beato.[1]

22.º

B. JOANNA Virgem — Irmã mais velha de El-Rei D. João II nasceu em Lisboa a 6 de Fevereiro de 1452 a Infante D. *Joanna* filha do illustre Sôberano D. Affonso V, o *africono*, e da Rainha e Senhora D. Isabel sua primeira mulher. Deos lhe concedeu singular bellesa, extremo bondade de coração, e as mais pias inclinações. Por falta de successor da corôa foi oinda nas mantilhas jurada herdeira do reino; donde veio, que os Portuguezes lhe deram sempre o titulo de *Princeso*, como por devoção a suas heroicas

[1] *Martyrol. Roman. ad diem 10 Mai.* — *Lectiones Officii B. Nicolai Ep. et Conf.* — BOLLAND. *ad diem 9 mai.* — CIACONIUS *Vitae et Res Gestae Rom. Pont. et S. R. Eccl. Cardinalium* — UGHELLO *Italia Sacra* — EGGS *Purpura Docta* — MOROTIUS *Theat. Chron. Sacri Cartusiensis Ordinis* — AUBERY *Hist. des Cardinaux* Um retrato de corpo inteiro

virtudes o de *Santa*, não tendo até hoje senão o de *Beata*. ElRei seu pae lhe ordenou casa com tanta grandesa, como sua propria mãe teve; porem ella, que desda a idade de cinco annos, aspirando a vida perfeita, eugmentava de dia para dia e rigor das penitencias, vivia no meio da pompa com total desprêso de mundo, e nsava liberalmente de snas riquesas em beneficio dos necessitados. Desde a virtude da caridade praticava todas sem reserva até á da humildade, lavando, na Quinta-Feira Maior de todos os annos, os pes a doze mulheres pobres e das epprimidas das mais asquerosas molestias. Distribnia ntilmente o seu tempo orando, e occupando-se em trabalhes manuaes para serviço do Santissimo Sacrificio, fazendo pallas, corporaes, e bolças, em que bordava de agulha a Coróa de Espinhos do Senhor, sua devota empresa, ou varios tecidos de disciplinas e cilicios para mortificação do corpo, de qne usava, e repartia com suas companheiras dos santos exercicios: exceptuava comtudo das occupações do estrado a Semana Santa, porqne toda ella era applicada ao silencio, ás lagrimas, ás preces fervorosas, e assistencia aos Divinos Officios, jejnande os nltimos dias a pão e agna.

Depois que ElRei sen pae, havende tomado em 1471 Arzila, voltou de Africa, se recolheu ae Mosteiro de Odivellas com a Senhera D. Filippa irmã de sua mãe; e deste, com destino de abraçar a vida religiosa, ao de Jesns de Aveire em 1475, pela fama da grande observancia, que se praticava nessa santa casa. Similhante resolução desagradou muito a ElRei sen pae, ao principe seu irmãe, aos grandes e aos povos; e para evitar o pretendido fim da serva de Deos passaram os procuradores das cidades e villas áquelle Mosteiro, e á portaria, chamada a v. Prioresa Brites Leitão, protestaram contra a futura profissãe da Infante, considerada a falta de successores da corôa. Pela sua parte e Principe D. João, em presença de Garcia de Menezes Bispo de Evora e de eutros Senhores, manifeston a sua irmã qnanto lhe desagradavam seus intentos, e, declarando, que lhe havis de arrancar o habito em pedaços, sain deixando-a cheia de confusão. Apesar disso continuou a Iofante o noviciado; e, não estando elle acabado, adoeceu tãe gravemente, que os medicos assentaram nãe podêr emittir os votos: peuco depois ella melhoren da febre, mas não da debilidade, qne lhe duron por toda a vida. Este estade não convinha aos rigores da profissão, e ella pelo voto do nma junta de Theologos foi violentada a rennncisr. Desistiu então do iotento, e na presença da Prioresa despin n habito, e, andando de secular algumas horas pelo Mosteiro, para se dar parte á côrte, que havia largado a vida Religiosa, o tornon a vestir por devoção, trazendo-o sempre, em qnanto viven. Em 1479 foi obrigada por causa da peste, que assolou o Reine, a saír para Aviz, onde a não havia: veltou a Aveiro no anno segninte com e dissabor de perder na ida para o Alemtejo a veneravel Prioresa, que com outra religiosa da sua comitiva passára a melhor vida, e não tardeu a sentir ontro maior com a merte da seu pae em 1481.

Afflicta constantemente desde seus primeiros annos acabava de soffrer nm golpe mnito doloroso para a sna compleição debil: resignada comtndo na vontade de Deos se dispoz a perseverar na Clansura, e para isso fez voto de castidade, promettendo guarda-lo, como se o emittisse solemnemente pela profissão religiosa: entretanto o Senhor quis prova-la em novos e mais fortes tormentos pela lucta, que teve com seu irmão para contrahir matrimonio com differentes monarchas. O nnve Rei, qne não conhecia limites ao seu podêr, nem á sna vontade, não hesitou faser contrstos, qne, embora vantajosos á corôa de Portugal, importavam grave injustiça por forçarem a cansciencia alheia: pela sna parte a Infante soube resistir com o heroismo de mulher forte, e conserven intacto seu voto. Desenganado D. Joãe II, de que nãe levava a melhor de sna irmã, porque ella tinha ne Céo defensor msis poderoso, que os Reis da terra, a deixon em paz; e pela sua parte a veneravel serva de Deos augmentava tanto na perfeiçãe, quanto sna vida pela asperesa das mortificações e das penitencias se aproximava ae seu fim.

Entregue á contemplação e observancia da regra Monastica, raras vezes comia carne, não deixava as disciplinas e o cilicie, servia no refeitorio todas as quintas-feiras, em memoria da ceia do Senhor, e ministrava as enfermas com incançaveis desvelos. Juntava-se a tudo isto outra cansa mais violenta pars uma grave enfermidade, que foi, segundo affirmaram, o veneno propinado por uma senhera illustre, a quem reprehendêra severamente por sua devassidão. Adoeceu emfim sem esperanças, com horriveis dôres uas juntas do corpo, e das quaes merecen pela paciencia: todos os soccorros da medicina se lhe applicaram sem fructo. Deos não envin as preces, que por sua sande se faziam, e ella veie a terminar nma vida de incriveis tormentos e de santidade em 17 de Maio de 1490. Antes da hora tremenda seo rosto, que estava macerado, ganhon côr, os olhos amortecidos receberam lns, e neste estado expirou. Algnns prodigios posteriormente vieram confirmar o pio conceito de suas virtudes snblimes, e approvon seu culte e resa em todo o Reino, com o titnlo de *Beata* a Santidade de Innocenria XII por Bulla de 14 de Ahril de 1693.[1]

23.º

B. JOÃO CONFESSOR.—Nasceu este servo de Deos a 10 de Junho de 1551 em Almodovar do Campo, Diocese de Tolede, filho de Marcos Garcia e Isabel Lopes, ambos de familias honestas. Muito cedo começou *João Baptisto Rico*, que fei este o seu nome no secule, a entregar-se a duras penitencias, de modo que por dois annos padeceo grave e perigosa debilidade. Estudou humanidades e philosophia com os Padres Carmelitas Descalços; e depois cursou as escolas da universidade de Baeza. Voltando á patria pensou em fazer-se Religiose, e, havendo escolhido a Ordem da Saotissima Trindade, entron, em 28 de Jonho de 1580, no Mosteiro da cidade de Toledo. Deu-se com fervor a todas sa provas do noviciado, e, terminando e anno, professou com o nome de Fr. *João Baptista da Conceição*, e depois o ordenaram de Sacerdote. O seu raro engenhe, as snas virtudes, e a sua piedade resplandeceram no Pulpito e no Tribunal da Penitencia, tornando-se em pouco tempo Prégador famoso e Confessor de grande nome pelss muitas conversões e frequentissime sequito de povo. Havia nesse tempo relaxação na maier parte dos Conventos

[1] *Officia propria pro Regno Portugaliae ad diem 12 Mai.* — BOLLAND. *ad eundem diem inter praetermissos.* — SOUSA *Hist. Geneal. da Casa Real Portug.* Um retrato de corpo inteiro

Trinitarios, e os principaes membros da Ordem no capitulo geral de Castella, Aragão e Andaluzia em 1594 tomaram a resolução de estabelecer em vigor a observancia em algumas casas. Fr. *João* foi um dos primeiros a abraçar a reforma, e o encarregaram de governar o novo Mosteiro de Val-de-Penhas da mesma Diocese de Toledo. Desgostoso, porque pouco prosperava a reforma, se dirigiu em 1598 a Roma, e lá obteve da Santidade de Clemente VIII a faculdade de introduzir naquelle e n'outros Mosteiros a Descalcez pela Bulla *Ad militantis Ecclesiae* de 20 de Agosto de 1599.

Voltando a Hespanha tratou de executar a Bulla, porem da parte dos Trinitarios e do governo soffreu toda a qualidade de perseguição e de insulto: assim mesmo Deos lhe deu fôrça e perseverança para debellar a opposição, e paciencia para vencer tribulações. A Descalcez foi estabelecida apesar do demonio e do mundo, e o veneravel Fr. *João* aproveitava cada vez mais na sciencia dos Santos. Com el a cheio de merecimentos viu o termo de sua passagem sôbre a terra, fallecendo em Cordova a 14 de Fevereiro de 1613. O Senhor illustrou sua fama posthuma com milagres; o Santo Padre Clemente XIII, em 10 de Agosto de 1760 declarou, que elle praticara virtudes em grão heroico; e a Santidade de Pio VII permittiu o seu culto com o titulo de *Beato* em 29 de Abril de 1819.[1]

II.

CLERO EM GERAL.

Jesus-Christo instituiu na Igreja uma classe estremada e privilegiada pelo caracter Sacramental e pelo seu fim: tal é o *Clero. Vós sois*, ensinava S. Pedro, *geração escolhida, Sacerdocio real, gente eleita, povo de acquisição; porque* o Clero, na phrase de S. Jeronymo, *ou é herança do Senhor*, ou o *Senhor é a sua herança, isto é, faz parte delle: havendo sido designados*, como ensinava Santo Ignacio Martyr, *pela sentença de Jesus-Christo, aquelles, que segundo sua propria vontade confirmou pelo Espirito Santo*: donde veio, que S. Paulo, escrevendo a Thimoteo, o admoestava *para resuscitar a graça, que estava nelle por imposição de suas mãos*. Quando *se impõe as mãos*, disia S. João Chrysostomo, *sobre um homem, Deos opéra tudo, e as suas mãos são as, que tocam a cabeça do Ordinando*: seguindo-se, conforme S. Gregorio Nisseno, uma transformação maravilhosa no individuo por causa de seu alto destino: *de repente se torna mestre, presidente, doutor de piedade, summo Sacerdote dos mysterios occultos*, o individuo, *que no tempo passado e ainda hontem fazia parte do povo; e tudo isto lhe succede sem haver mudança no corpo ou forma, ficando no exterior qual dantes era, mudada entretanto para melhor sua alma invisivel por uma certa fôrça e graça invisivel;* e essa fôrça e graça invisivel é tão grande, que, como escreveu Santo Agostinho, *apesar de algum ser removido do officio por crime, e estar sujeito a pena do juiz, nem por isso carece do Sacramento do Senhor, que uma vez recebeu*. Posto que nenhuma mudança na forma exterior do corpo opere este admiravel Sacramento, comtudo a Igreja entendeu sempre desde seu berço, que era precisa tonsura e habito, com que as pessoas consagradas a Deos pela Ordenação se distinguissem do commum do povo; e é isto, que nos aprendemos de Santo Aniceto, Tertuliano, S. Cipriano, Santo Optato, Sidonio Apolinar. Santo Izidoro, e outros, como de differentes Synodos.

Distinguem-se no *Clero* differentes Ordens destinadas a ministrar no Templo, annunciar a palavra do Senhor, dirigir os fieis no caminho da salvação, remittir-lhes os peccados, offerecer o Sacrificio, e governar a Igreja: parte dellas se dizem impropriamente Sacramento, e outras proprio e natural Sacramento: umas estranhas á jerarchia, e outras constituindo-a. Desde os tempos mais remotos, como se deduz de S. Cornelio, a Igreja reconheceu, além do *Episcopado*, plenitude do *Sacerdocio*, quatro ordens inferiores, e tres maiores, constituindo duas destas com o *Episcopado* a jerarchia; e de S. Cayo sabemos, que ninguem era instituido Bispo sem ter successivamente recebido todas as outras. Aquellas quatro inferiores, porque se conceda Abrir as portas do Templo, Exorcisar, Ler o Texto Sagrado e explica-lo em vulgar ao povo, e Preparar o Altar para o Sacrificio posto que não constem anteriormente ao seculo II, necessitamos considera-las como degráos na escalla do Sacramento da Ordem; porque, embora *Jesus-Christo* não as instituisse expressamente, elle exerceu os seus ministerios, como de todas as outras; e disso segue-se, que implicitamente estão incluidas no *Sacerdocio*. A estas se juntava a dos *Confessores* no occidente, a quem cumpria recitar e cantar os Psalmos, e era o termo entre o *Clero* e o povo; a dos *Laborantes* na Syria, e ainda outras; mas foram extinctas, do mesmo modo que o ministerio das Diaconissas, e a dignidade de Corepiscopos, porque como aquellas não faziam parte do *Sacerdocio* Sacramental, nem tinham origem do *Salvador*, nem a Igreja carecia a da sua existencia: entretanto é preciso notar, que, embora as primeiras quatro Ordens inferiores sejam degráos na escalla do *Sacerdocio*, não urge, que existam expressas, porque sem êrro no oriente os Gregos não têem dellas senão o *Lectorado*, os Syrios e Maronitas esta e a do *Cantor*, que é propriamente o nosso *Confessorado* antigo.

O Subdiaconado e o *Diaconado*, ainda que não foram expressamente instituidos por *Jesus-Christo*, e que não haja mais antiga menção da primeira, que das Ordens inferiores, a Igreja os reconhece como sagrados, e estabeleceu desde o segundo a sua jerarchia. Pelo *Subdiaconado* se recebe faculdade de tocar os vasos sagrados, de conduzi-los ao altar, e de ministrar ao *Sacerdote* mediante o *Diacono*. Desde os tempos Apostolicos temos noticia do *Diaconado* insigne pelo podêr de cantar o Evangelho, ministrar immediatamente ao *Bispo* e aos *Sacerdotes* no Sacrificio, prégar ao povo, conferir o Baptismo, e distribuir a Santissima Eucharistia; e por ter dado o primeiro Martyr ao Christianismo na pessoa de

[1] Miravel e Casadevante *Diccionario* de Moreri *traduzido y augmentado* — Fr. Jeronymo de S. José *Hist. Chron. da Ordem da Santissima Trindade* — Moreri *Disionario*. Um retrato de corpo inteiro.

Santo *Estevão*. *Ministro da Igreja de Deos* chamou Santo Ignacio Martyr ao *Diacono*: o Synodo Eliberitano e muitos outros nos instruem, de que se lhe commettia a direcção de Parochias, e porque modo as deviam administrar; e já muito antes, S. Lucas nos Actos tratando dos sete primeiros, como de homens illustrados pelo Espirito Santo e pela Sciencia, escreveu, que foram constituidos pelos Apostolos com a *imposições das mãos*. Do Santo *Presbyterado* diz o Evangelho com o testo de todos os Padres e Concilios, que fôra espressamente instituido por *Jesus-Christo* com o podêr de celebrar o Sacrosantissimo Sacrificio, e outros Sacramentos, prégar, ensinar, e administrar o rebanho do Salvador, *nosso Pontifice... que não necessita*, como advertio S. Paulo, *do mesmo modo que os Sacerdotes, offerecer todos os dias Sacrificio pelos seus peccodos, e pelos do povo, pois só uma vez sacrificou offerecendo-se a si mesmo*. Outro tanto nos consta do sagrado e venerando *Episcopado*, a que o nosso Redemptor ligou o podêr do esorcicio de todos os Sacramentos, reservou o do celebrar os da Confirmação e da Ordem, de governar por *si*, pelos *Presbyteros* e *Diaconos* os fieis, de escolher e nomear Doutores e Mestres, prohibindo, que sem espressão da soa vontade alguma cousa se fisesse na Igreja; porque, como ensinou S. Paulo, o *Espirito Santo os instituiu Bispos para reger a Igreja de Deos adquirida com seu sangue;* e porque, conforme Santo Ignacio Martyr, *tudo quanto* (o Bispo) *approvar, será agradavel a Deos*.

Posto que dependia e depende livremente das mãos dos *Bispos* a instituição de outros, como a distribuição das Parochias, e dos outros beneficios Ecclesiasticos, comtudo a eleição era feita pelo Clero em presença dos fieis: posteriormente a dos *Bispos* se reservou ao *Clero* das Cathedraes; e a dos Parochos, Abbades, e d'outros Beneficios Ecclesiasticos foi cedida a pessoas particulares, que *fundavam Templos e Mosteiros, dotavam, e mantinham* o seu culto. Os Synodos, entre os quaes não tem último logar o 9.° de Toledo, fizeram esta concessão por justo titulo, e estabeleceram regras para se acautelarem os abusos. Os Reis, como mais poderosos, se tornaram por esse modo bemfeitores das Igrejas, e reuniram assim grande número de padroados. Por muito tempo esta concessão se julgou o, que na verdade era, uma obrigação pessoal, o que estava ligada uma honra pessoal usufruida em fôrça daquella e por mera graça dos supremos Pastores. Os conselheiros dos Reis, arvorados em podêres da terra pela usurpação, que fazem de toda a auctoridade, so confiada pelo Senhor aquelles, e sempre dispostos para vexarem a Igreja de Deos, propalaram a impia doutrina das *absurdas regalias*, e por ella deram aos Reis o, que era dos individuos particulares. Não contentes com isto extorquiram da Santa Sé a faculdade de nomear Bispos, que para evitar maiores males lh'a concedeu para depois ser tambem, como devia succeder, reputada a graça um direito do supremo mundo temporal. Desde então se viram pela maior parte lobos devorar o rebanho de *Christo;* os serviços feitos á Igreja foram lançados em devasso; e a simonia apresentou-se sem pejo, e ainda como acto legal. A misericordia de Deos ha de, quando lhe aprouver, salvar a sua Igreja!

Duas instituições appareceram na Igreja para seu lustre, os *Conegos* e os *Regulares*. Os primeiros já em commum, já dispersos, auxiliando immediatamente os *Bispos* na direcção de seus rebanhos, orando pelo povo nas Igrejas Cathedraes, celebrando nellas com a maior pompa os Officios Divinos, e instruindo a mocidade destinada ao *Sacerdocio*, procuram sua origem nos tempos Apostolicos. Os segundos fazendo asperas penitencias por si e pelos fieis, vivendo do trabalho de suas mãos, entregues á contemplação das cousas Divinas, ou passando seus dias distribuindo regularmente as horas entre o estudo, em proveito da Igreja e da sciencia, e os canticos de louvor a Deos nos Templos, encontram em quanto dispersos nos desertos literalmente o seu começo nas primeiras tribulações do Christianismo, e, em quanto reunidos no Claustro, depois que ellas cessaram, principiando pelos esforços de um *Anacoreta*, que venerâmos sôbre os altares, e a quem eu já tributei neste escripto a devota homenagem de reconhecimento. Em tantos seculos de duração, que Deos tem concedido a estas santas Instituições, tantos louvores, que nessa longa serie lhes prodigalisaram varões eminentes em santidade e sciencia, foram considerados desde Luthero, e, principalmente, desde que o volcão do inferno lançou em França as lavas pestiferas do atheismo, como ridiculas concepções do entendimento humano! A comparação imparcial dos beneficios, que a sociedade tem recebido de seus novos reformadores, da honestidade, e mesmo dos seus tão apregoados talentos, com a sisudez, ânimo sincero, e sabedoria dos apologistas das duas instituições, por si só bastará para impelir a revolução, que de outra parte veio aos espiritos.

A caridade, como abnegação pessoal em honra de Deos e beneficio do proximo é uma das pedras fundamentaes, sôbre que está levantado o edificio do Christianismo: ella demanda essencialmente a união, porque por si a união é a caridade, e essa não podia dar-se sem um centro: esse centro existe, e não podia deixar de existir, porque era Deos o fundador do Christianismo, e quiz, que este durasse, em quanto a eternidade der logar ao tempo. Desde *Pedro*, primeiro annel da maravilhosa cadêa dos *Summos Pontifices*, nem uma só vez foi interrompida a successão dos Bispos de Roma no acto ou na fé, em quanto por todas as outras Igrejas no volver dos seculos ou tem faltado Pastores ou se inficionarem com o erro. Nisto se verifica a promessa de *Jesus-Christo*, quando disse a Pedro, e em a sua pessoa a todos os successores delle: «*Rogavi pro te, ut non deficiat fides tua: et tu aliquando conversus confirma fratres tuos... pasce agnos meos... pasce oves meas.*» Por este modo depois de constituir Bispo, como a todos os Apostolos, o elevou a Bispo da Igreja universal, dando-lhe o podêr não só de apascentar os fieis, mas os proprios Bispos, que unidos pelos laços da caridade ao successor do Santo Apostolo, dispersos ou reunidos, governam com elle o rebanho de *Jesus-Christo*, e com elle decidem por *auctoridade infallivel* das cousas tocantes a Religião; porque a seus accordos preside o Espirito Santo, como aprendemos de S. Pedro e de todos os Padres e Doutores da Igreja Catholica.

Mas para esses laços mais se estreitarem em distancias tão remotas, como as da redondesa da terra, e nada faltar á perfeita união, se dividia o orbe em provincias, em pequenas e grandes regiões, dando-se nas primeiras ao mais antigo dos *Bispos* o fôro de *Metropolitano* com uma certa jurisdicção sôbre os outros; e annexando-se posteriormente esse fôro ao *Prelado* da capital civil da mesma provincia, salva a excepção da maior parte de Africa: nas differentes provincias, de que se compunha uma extensa região, ligou-se de igual modo a um dos *Metropolitanos* a qualidade de *Primas* no occidente, e de *Exarcha* no oriente, estendendo-se a toda essa região sôbre *Metropolitanos* e *Diocesanos* a jurisdicção peculiar de tal

qualidade: finalmente se formaram tres grandes divisões em toda a terra com o nome de *Patriarchados*, sujeitando-se aos *Prelados* de *Roma*, *Antiochia*, e *Alexandria* todos os *Primazes* ou *Exarchas*, *Metropolitanos* e *Diocesanos*, com as excepções posteriores de *Jerusalem* e *Constantinopla*: comtudo pelas desgraças que padeceu o Christianismo no oriente acabaram os quatro *Patriarchados* dessa parte; e o *Summo Pontifice*, como *Pastor Universal e Vigario de Jesus-Christo*, tem por si mesmo supprido a falta dos *Patriarchas*.

Voltando aos *Conegos* é necessario dizer, que pela rasão do maior fôro dos *Bispos*, em cujas Cathedraes se dedicam ao serviço do Culto e ao ministerio dos Prelados, levam vantagem em honra os das *Metropoles* aos das *Dioceses*, e assim successivamente até chegar á Igreja Mãe e Mestra de todas. Deu-se aos desta, com rasão, o nome singular de *Cardeaes*, em quanto por seu conselho o *Summo Pontifice* governa a Igreja Universal. A superior excellencia de sua dignidade procede disso, e de que elegem de entre si o *Vigario de Jesus-Christo*: o nome, que os distinguia foi primeiro de *Coadjutores e Colateraes*, e successivamente de *Principaes*, *Conselheiros*, e *Cardeaes*. Com o andar dos tempos augmentaram em número, e, além de seu particular instituto, estavam commettidas aos *Presbyteros* as Igrejas Parochiaes de Roma; aos *Diaconos*, que depois se aggregaram áquelles em número de sete, se adjudicou a administração dos bens temporaes da Igreja nas sete regiões de Roma com o titulo de *Curadores*; e augmentando o número dos fieis se augmentou o seu dividindo-se essas regiões: posteriormente os sete *Bispos* das Igrejas suffraganeas da Santa Se tomaram o primeiro logar entre elles; porém foi extincto um, extinguindo-se uma dessas Igrejas. O Prelado de Ostia, ficou sendo o Deão do *Sacro Collegio* ou *Cabido* da Santa Igreja de Roma, o primeiro dos Presbyteros o Arcipreste, e o primeiro dos Diaconos o Arcediago della.

Actualmente por Divina disposição o Santo Padre Pio IX é Bispo de Roma, e *Prelado Ordinario* de grande número de vigariados Apostolicos nos differentes regiões do globo; *Metropolitano* das diversas *Dioceses* na sua antiga *Provincia*, e fóra della nos Ritos Romano-Grego; *Primaz* de Italia; *Patriarcha* do occidente; *Summo Pontifice* ou *Vigario de Jesus Christo* em toda a terra, como successor de S. Pedro, que de Antiochia trasladou a Roma a Sede do Summo Pontificado, e nella residiu desde 21 de Maio do anno 40 da nossa era. Conta em número de 257 entre seus Predecessores; e delles vou referir os grandes nomes dos illustres Martyres S. Clemente I, Santo Alexandre I, S. Pio I, Santo Eleuterio, Santo Urbano I, Santo Estevão I, S. Felix I, S. Cayo, e S. João I; dos veneraveis Confessores S. Silvestre I, S. Damaso I, S. Siricio, Santo Innocencio I, S. Leão I, S. Gregorio I, S. Bento II, S. Leão IX, S. Gregorio VII, e S. Pio V; e dos sabios e zelosos Apostolos Vigilio, Adriano I, Adriano II, Urbano II, Calisto II, Pio II, Bento XIV, Pio VI, e Pio VII. Além destes mais de espaço direi, como Nosso Senhor me auxiliar, ácêrca dos seguintes

SUMMOS PONTIFICES.

24.°

SANTO PADRE INNOCENCIO III. — Nasceu em Anagni cidade Episcopal suffraganea da Santa Sé nos Estados Pontificios o grande *João Lothario Conti* filho dos Condes de Segni Trasimundo *Conti* e Clarina Scolari, elle descendente de outro Trasimundo Conde de Capua e em 663 Duque de Sgoleto, e ella illustre Romana de familia Senatoria e irmã do Santo Padre Clemente III. Por ser hereditaria na familia de *João Lothario*, durante muitos seculos, a dignidade de Conde, tomaram os della o appellido *Conti*, e se chamaram Condes por excellencia. Entre os filhos de Trasimundo *Conti* e sua mulher Clarina, Thomaz e Ricardo foram os escolhidos para continuar no seculo o esplendor antigo desta nobre casa. Desde menino patenteou *João Lothario* sua vocação para o estado Ecclesiastico: não tardou por isso em ser collocado entre os Conegos da santa Igreja da sua patria; e depois entre os da Basilica do Vaticano, havendo estudado em Roma, Paris e Bolonha, onde tomou o grão de doutor. Dotado de felicissima memoria, de agudesa, penetração de engenho, e rara eloquencia em pouco tempo aproveitou tanto em seus estudos, que, ainda bem moço, era considerado insigne na theologia, na philosophia, e na jurisprudencia; e com seu discurso ameno, fluente e sabio attrahia profunda attenção do mais illustrado auditorio. Voltando de Bolonha a Roma foi ordenado de Subdiacono pela Santidade de Gregorio VIII; e o Santo Padre Clemente III o creou Cardeal Diacono do titulo dos *Santos Sergio e Bacco*. Entregue sem reserva ao estudo e á prática de todas as virtudes, que sempre cultivára, augmentava diariamente no conceito público Das suas producções os tres livros do *Desprêso do mundo*, que, sendo Diacono, e, com o simples nome de *Lothario*, dedicou ao Cardeal Bispo do Porto, merecem particular attenção por seguirem o homem nas suas miserias desde o berço ate ao esquife, e alem deste pela eternidade depois do terrivel juizo, que a precede; e embora seu auctor seguisse um estylo pomposo, esta obra é um grande testimunho da sua piedade, como a lição della conveniente para desengano da soberba. Progredia o *Cardeal de S. Sergio e Bacco* em um genero de vida irreprehensivel e utilmente empregada: severo nos costumes, simples nos habitos, pobre no centro das grandesas, excedia tanto o Sacro Collegio nos thesouros do espirito e riquesa do coração, quando era inferior a cada um dos collegas na idade: fazia-se amar de todos, posto que fôsse o censor mais inexoravel do luxo e dos praseres, e dava a mais alta esperança a todos aquelles, cujos desejos estavam postos no bem da Igreja de Deos: foi isto o, que o levou á Cadeira de S. Pedro. Na noite de 7 para 8 de Janeiro de 1198 foi Deus servido livrar das prisões desta vida o Santo Padre Celestino III pela manhã uma parte dos Cardeaes se fechou em conclave no Mosteiro de Sete Solios; e a outra parte com *João Lothario* se dirigiu a S. João de Latrão para assistir aos Officios do finado: acabados, que foram, tomou esta o caminho daquelle Mosteiro, onde se haviam acabado as Missas do Espirito Santo; e reunido assim todo o Sacro Collegio votou por unanimidade no illustre *Diacono de S. Sergio e Bacco*, quando apenas contava trinta e sete annos: resistiu, e implorou com lagrimas a escusa; porém insistindo os membros do conclave, o velho Graciano Cardeal de S. Cosme e Damião e primeiro dos Diaconos se aproximou delle lançou-lhe

o pluvial vermelho, e o saudou com o neme de *Innocencio*. No sabbado 21 de Fevereiro recebeu a Ordem de Presbytero, no domingo 22, em que a Igreja recorda o Pontificado de S. Pedro em Antiochia, foi consagrado Bispo, e depois revestido das insignias do Summo Pentificado no Vaticano pelo Cardeal Gerardo Diacono de S. Adrião.

Começou desde logo a tomar por si conhecimento dos negocios mais graves, decidindo-os com madura deliberação, e attendendo unicamente á justiça: o que deu motivo não só a ser escolhido para arbitro em todas as mais graves questões do seculo; mas a pretenderem receber delle instrucção os mais celebres jurisconsultos, passando a Roma. Poz todos os seus disvellos na recuperação da Terra Santa, do mesmo modo que na dos dominios temporaes da Igreja, e outro tanto procurou que fizessem os Prelados ácerca dos bens usurpados pelo poder temporal; mas todos estes negocios não o affastaram do principal do seu Apostolado, porque se apresentou constantemente zeloso na reforma dos costumes, na extirpação das heresias, e no augmento da Fé Catholica. Logo no dia seguinte ao da sua exaltação escreveu a todos os Bispos, dando-lhes parte della, e pedindo suas orações; e a El-Rei Filippe de França, rogando, que tivesse para com a Igreja Romana o mesmo affecto, que seu pae; aos Abbades, Priores e Religiosos deste reino, para se lembrarem delle deaote de Deos; e ao Prelado de Paris ordenando-lhe, que procurasse estabelecer a paz e a união entre Filippe e a Rainha Ingeburge sua mulher, que delle estava separada. Mandou ao Arcebispo de Strigonia, que desistisse da Cruzada, e permanecendo na sua Igreja se dedicasse todo a dar fim á guerra civil, que assolava a Hungria; e admoestou o Duque André para desistir das hostilidades, reprehendendo-o de haver tomado armas contra El-Rei seu irmão, e advertindo-o de que seria excommungado pelos Prelados de Strigonia e Colonia, se não viesse a bom accôrdo, e passase á Palestina. Debalde havia pretendido Celestino III a liberdade do Arcebispo de Salerno, que o Imperador Henrique havia feito prender, e quizera envenenar: *Innocencio* encarregou os Bispos de Spira, Strasburg e Wormes de tratar este negocio, pondo interdicto em toda a Allemanha, se o não conseguissem; e ao Bispo de Sutri e ao Abbade de Santa Anastacia mandou, que levantassem a excommunhão ao Duque Filippe de Suevia, se soltasse aquelle Prelado. Admittiu á graça o Duque Conrado de Spoleto; e, para o manter na reconciliação, saiu de Roma, deixando por Vigario a Octaviano Bispo de Oslia. Nesta viagem praticou quanto pôde para augmentar o culto: excommungou alguns Prelados, que se haviam trasladado de umas a outras Igrejas sem auctoridade da Santa Sé; reprehendeu ou privou outros do officio pelo pouco zêlo em affastar do corpo de Christo a peste da heresia; emprasou certos para dizerem de seus crimes em Roma; defendeu muitos, que estavam a braços com o poder temporal sobre a immunidade da Igreja; arrancou outros das prisões, onde os lançára seu zêlo; e honrou os, que o mereciam: voltando depois á Saota Sé tinha attrahido por todo o caminho o amor dos povos com seus beneficios. Desejoso da paz entre os Principes Christãos tratou de fazel-a entre os Reis de França e Inglaterra, de Castella e Navarra, de Castella e Leão, e destes com o de Portugal: entretanto mandou restituir o Prelado de Oviedo, que El-Rei de Leão por sua propria aucteridade expulsára da sua Igreja; e confirmando a El-Rei de Portugal as graças feitas a seu pae pelo Santo Padre Alexandre III, exigiu as condições, com que se pediram, isto é, o reconhecimento do feudo, e o censo, de que no mesmo escudo das armas do Reino o *gronde* Affonso havia deixado memoria, embora nem elle, nem seu filho ate então do censo tivessem curado. Neste ultimo negocio se ingeriu um inimigo da Igreja de Deus por nome Julião, Chanceller d'El-Rei D. Sancho I que desattendeu a Santa Sé, e foi origem das desavenças deste bom Monarcha com o Clero, mais tarde das da Nobresa com a corôa, e por fim do transtorno de toda a bella organisação de nossa sociedade, depositando-se o poder nas mãos dos jurisconsultos, e sujeitando-se o Rei, o Clero, a Nobresa e o Povo aos seus caprichos.

Rayneiro e Guido, do quem o Santo Padre se servira nestas legações, foram por elle mandados a França com encargo de extinguir os erros dos hereges Waldenses e Albigenses, excommungande os auctores e fautores destas maldades, em quanto elle punha todos os esforços na reforma da disciplina Monastica, tratando de restitui-la ao antigo estado de santidade. Ao mesmo tempo obrigou o Rei de Navarra, e o Duque de Suevia a restituir o, que haviam usurpado a Ricardo de Inglaterra; e confirmou á Imperatriz Constança e a seu filho Frederico II o Reino de Sicilia. Deu ordem ao Metropolitano e suffraganeos da Noruega para, com auxilio dos Principes da Suecia e Dinamarca, que para isso convocara, privarem o tyranno Suero da Monarchia, que usurpára, pondo interdicto em todas as suas terras, e o excommungarem, e a seus partidarios; e ordenou aos Noruegos e Islandios, que se desligassem da sua obediencia, encommendando particularmente aos segundos, que obedecessem aos Prelados, e se precatassem dos crimes, de que estavam inficionados. Acudiu a Boleslão de Polonia expulso por seu filho; e de novo lançou os olhos para a Hungria, procurando acabar as desavenças ainda não termiosdas. Auxiliou Aymerico de Chypre eleito Rei de Jerusalem: deu-lhe conselhos para bem administrar o Reino; e lhe prometteu tratar da recuperação delle. Diligenciou logo attrahir a nova Cruzada os Prelados e Principes do orbe Christão: enviou dous Cardeaes, um a Inglaterra e França para promever a expedição, e outro a Veneza para tratar do armamento da esquadra: cuidou em inscrever no numero dos Cruzados os dous Principes francezes mais inquictos e mais hostis á Igreja; e sobre a recuperação da terra Santa, como da união com a Santa Sé, escreveu ao Imperador Aleixo Angelo, que manifestou sua rebeldia; em quanto o Rei da Armenia não só se sujeitava ao Santo Padre, mas ao Imperio occidental, e antes delle entravam no seio da Igreja attrahidos por *Innocencio* o da Dalmacia e o seu povo, e o dos Bulgaros determinava, que seus successores recebessem da Santa Sé a corôa e a benção. Curou o Santo Padre de segurar o Reino de Sicilia ao moço Frederico contra as traições de Marcoaldo, que pelos meios mais vis pretendia usurpar-lhe a corôa: o estado foi posto em defeza e o tyranno excommungado; porém, chamando elle em seu favor os Sarracenos, e progredindo em suas maldades, ainda por algum tempo duraram as turbulencias. Neste meio tempo para cohibir o manicheismo, que infestava Viterbo, commetteu o seu governo a Pedro Parencio, que auxiliado pelos conselhos de Ricardo Bispo desta cidade procurou extirpar a perniciosa seita; mas em logar disso obteve pela sua constancia a palma do martyrio: *Innocencio* castigou então os hereges, como mereciam. Desde a Italia lançou os olhes para Allemanha, onde a favor das desordens do Imperio procuravam es-

ses innovadores disseminar suas doutrinas, principalmente em Metz: tratou por isso de cohibil-os, e de applacar as desordens, que do scisma imperial resultaram, dividindo-se por morte de Henrique V os Eleitores uns a favor de Othon de Saxonia, e outros de Filippe de Suevia. *Innocencio*, que havia approvado o eleição de Othon, vendo decaír suas cousas com a morte do bom Ricardo de Inglaterra, chamou em sua defeza João *sem-terra*, que ao principio mostrára querer abraçar o seu partido, e o promettêra, mas por fim recusava. Outra vez solicitou a cooperação do Imperador do Oriente para a guerra santa, reprehendendo-o do preferir o imperio ao Sacerdocio; e respondendo ás questões do Patriarcha de Constantinopla, a quem antes escrevêra, o convidou para vir o Synodo. Deu-se sem reserva aos preparativos da Cruzado, fazendo carregar uma nau de viveres para os pobres, o procurando haver dos fieis o subsidio necessario. Emfim absolveu das censuras a Balduino de Flandres; e ordenou, que os judeus não fossem constrangidos ao Baptismo, o que se voluntariamente o recebessem, de nenhuma sorte os maltratassem. Desto modo passarom os dous primeiros annos do governo deste grande homem.

Entre os innumeraveis actos, que honram o Summo Pontificado de *Innocencio* não tem o ultimo logar a constancia, com que protegeu a Rainha de França, chegando a lançar interdicto nos estados de seu esposo, e recusando ouvir os seus embaixadores; mas obrando como pae a respeito do Filippe *augusto*, não tardou este pela emenda a obter a benção. A tenacidade, com que defendeu de Marcoaldo a Frederico II em quanto orphão, apesar de prevêr, que virio o ser um perseguidor da Igreja, e a protecção, que deu a Othon contra seus inimigos até lhe segurar o imperio, não se podem passar em silencio. Mas em quanto estas cousas occupavam o successor de Celestino III, nem por isso estava menos vigilante ácerca dos negocios da Igreja: persuadido de que a heresia prosperava em França por causa dos crimes o da negligencia dos Prelados, que admittiam ao Sacerdocio meninos e indignos, mandou inquirir do Arcebispo de Norbono pelo Cardeal de Santo Prisca: restituiu o Bispo da Igreja Auxerre a sua Cadeira: privou do officio o de Hildeskeim, que por sua propria auctoridade se intrusara n'outra Dioceso: castigou severamente outros Prelados, que o mereciam: reprimiu com censuras os Novarienses, quo haviam expulsado o seu Pontifice. Applicou depois a quadragessima das rendas Ecclesiasticas para a Cruzada: pediu aos fieis orações pelo seu bom successo, e poz do sua parte todos os esforços para ella. Parece quo de dia para dio o seu zêlo augmentava pela restauração da disciplina Ecclesiastica e pela extirpação da heresia o do scisma, como provam os factos do anno 1202, em que passou ao Mosteiro de Sublaco para chamar os Monjes á observancia antiga, decaída em muitos logares, a respeito principalmente da pobreza Evangelica; e todos os meios poz em execução para mantel-a, e com ella a virtude da castidade: reprimiu com vigor a audacia do alguns Prelados monasticos, que appellavam para elle das censuras dos Bispos: tratou de evitar a escandalosa avarezo dos Padroeiros, que se apossavam das rendas da Igreja para seus usos e das suas familias: cohibiu a licença obusiva de fazer comparecer em todas as circumstancias os Clerigos em tribunaes leigos: não se poupou o manter pura a orthodoxia Catholica nos estados do Rei do Hungria, e em algumas Dioceses de França; e fez executar com grande rigor os antigos canones a respeito de ultrages praticados contra a humanidade em um veneravel Bispo, e em duas infelizes mãe e filho, que foram mortas e devoradas por marido e pae. Tantos disvellos foram coroados com a satisfação do vêr submettido á Santa Sé o Patriarcha da Armenia na qualidado do mois devoto filho, e no anno seguinte a firme adhesão e obediencia do Rei dos Bulgaros contra as pretenções do Patriarcha e do Imperador dos Gregos. Não se esqueceu entretanto de conciliar amigos a Othou, que uma vez julgára digno da corôa dos Cesares; nem de procurar a paz entre o França o Inglaterra, sem no mesmo tempo deixar de mostrar-se juiz severo contra João *sem-terro* pelas suas maldades, e contra o Rei de Castella por motivo das nupcias incestuosas de sua filha com o de Leão: comprimiu alem disso tumultos na Sardenha, fazendo reconhecer a auctoridado da Santa Sé pelos juizes temporaes, como subditos della na administração o governo, e na Sicilia accommodando as desordens causadas pelos sequazes de Marcoaldo.

Chegou o onno 1204, e com elle a submissão do Imperio do Oriente. No onterior havia tomado o caminho da terra Santa a expedição dos Cruzados solicitada por *Innocencio*, e atravessando por Constantinopla restituiu ao throno Aleixo Angelo, depondo o tyranno do mesmo nome, que lh'o usurpara. Faltando porém elle o todos os pactos, levou a perfidia a fazer-lhes guerra; mas a victoria perteuceu aos cavalleiros Latinos, quo tomaram a cidade, e elegeram Imperador a Balduino de Flandres, quo desde 1204 poude sustentar a corôa, e legal-a o Principes de origem occidental. Entretanto o Santo Padre se applicou a restabelecer os negocios do Patriarchado, ordenar os ritos e disciplina das Igrejas da Bulgaria, e converter em defeza da Christandade da Livonia a expedição de Allemanha destinada á Palestina, o que se demorava por diversas circumstancias: occupou-se além disso nos negocios Ecclesiasticos, em França privando do officio o Metropolitano de Bourges pelo motivo de não expellir os hereges da sua Provincia; nas Ilhas Britanicas promovendo o culto e a disciplina, obrigando o Soberano a restituir o Arcebispo de Dublin, que fizera expatriar depois de roubado, o restabelecendo o paz entre o Prelado Eboracense e os seus Conegos; na Italia ligando com censuras os Modeneses, que attentavam contra a liberdade Ecclesiastica, e os Placentinos, quo perseguiam o seu Prelado; na Hespanha porém recebia elle os votos da penitencia do Rei de Castella, e a submissão feudal do Rei de Aragão. Havendo-se sublevado Adrianopoli, Balduino lhe foi pôr cêrco no anno seguinte, mas desamparado dos Gregos caiu ferido nas mãos dos Bulgaros: o Santo Padre os reprehendeu severamente na pessoa de seu Rei, que satisfez como filho obediente da Igreja, e enviou mancebos o Roma para lo serem educados. Cuidou tambem *Innocencio* de compôr as differenças ontro o Conde de Tripoli o o Rei de Armenia sobre o Principado de Antiochio, em quanto o Potriarcha doquella se obrigou o enviar de cinco em cinco onnos legados a Roma em reconhecimento de suo submissão, e para manter os laços da caridade; e o Principe Rupino de Antiochia, neto daquelle Soberano, como de Bohemundo e seu successor, foi recebido na Syria, prestou juramento de obediencia ao Patriarcha Antiocheno, e recebeu delle o bandeira sagrada. Enviou o Santo Padre Legado a Provincia Narbonense para auxiliar o Bispo Fulcon contra os Albigenses,

que a assolavam; e solicitou d'El-Rei Filippe, quo mandasse fôrça paro defender os Catholicos, instando por outra parte com elle, com El-Rei de Castella, e ontros Principes, para cohibirem a audacia dos Judeus: reprimiu os hereges em Viterbo, e excommungou o Magistrado da cidade infectado ultimamento por elles: emfim não bastando ja todos os seus esforços para congraçar de novo Filippe de França com a Rainha sua esposa, traton de dar consolações a esta illustre Princesa na sua tribulação.

Entrou o anno 1206, e com elle as diligencias mais efficazes para soccorrer o Imperio de Constantinopla, ao quo convidou Othou do Saxonia; absolven das censuras e Filippe de Suevia, que se submettêra; o logo envion Nuncios a Allemanhs para restabelecer a paz: procurou manter em Inglaterra o costume de ser eleito pelos Monjes o Arcebispo do Cantuaria, rejeitando a eleição feita pelos Bispos, e approvando a daquelles: quanto a Hispanha mandou compôr as differenças entre o Rei do Castello o os Hospitalarios, e as que havia entre esse Principe o o Rei de Leão: no Aragão tratou de cohibir alguns excessos contra as leis da Igreja: e em Portugal reprehenden o Roi de lançar os Monjes benedictinos do Mosteiro do Lorvão, entregando-o a Monjas de Cister; e decidiu as questões propostas pelo Arcebispo de Braga e ontros Prelados Peninsulares sobre disciplina lithurgica. De nossa Peninsula dirigiu suas vistas para a do Lacio, o nella reprimiu os Waldenses e Patarenos, o mandou confiscar os bens desses hereges, que não tivessem herdeiros Catholicos. Desta região enviou o seu zêlo Missionarios á Polonia com o fim de converter os infieis, que lá viviam. No anno 1207 partiu para Viterbo com o fim de combater os Patarenos; porém elles desappareceram ó sua chegada: entretanto cuidou de os extinguir pela severidado de boas leis, que promulgou. Em sua viagem pela Toscana e pela Marca traton do restaurar a liberdade Ecclesiastica, e estabelecer a paz publica: em quanto na França os esforços dos Missionarios convertiam Albigenses, e na Livonia o cuidado dos Pastores levava pagãos ao baptismo. Sem diminuir em alguma cousa o favor prestado a Othon de Saxonia, recebeu o Santo Padre á graça Filippe de Suevia seu contendor; o havendo debalde por seus legados promovido a paz entre elles, intimou Othon para enviar oradores a Roma, onde esperava os do Filippe: de mais disso exhortou Ladislao de Polonia a emendar os seus excessos contra o Clero, e principalmente contra o Arcebispo de Gnesna.

Passando ao anno 1208 o tres seguintes vê-se, que *Innocencio III* se porton firme em adquirir o Imperio a Othon, muito mais depois da morte violenta de Filippo seu competidor, socegando as alterações de Allemanhs, soffrendo as de Roma por sua causa, procurando que fosse eleito com preferencia a outro, que Filippe de França se reconciliasse com elle, e que os Milanezes lhe obedecessem, coroando-o finalmente no Vaticano. Tantos disvellos não conseguiram de Othon a gratidão, porque não tardou a ser prejuro, violada a fé, com que invocando a Deos se ligára o obediencia do Santo Padre, e sem esperar mais que a sua saída de Roma para escarnecer todos os preceitos do Summo Pontifice, attentando contra o direito das Igrejas, e invadindo o Reino da Sicilia: tal procedimento lhe mereceu a excommunhão. Não tardou muito, que *Innocencio* começasse a receber similhante paga dos grandes serviços, que prestára a Frederico, como o pae mais disvellado: este soberano deu principio aos excessos da sua futura preversidade tratando indignamente o Prelado de Catania, quo o Santo Padre lhe dera para o educar, e defender com seus conselhos; por isso o reprehenden com severidade. Havendo querido o Santo Padre por todos os meios de brandura e ameaça fazer mudar João *sem-terra* da sua aversão contra o Arcebispo de Cantuaria, o não o podendo conseguir, lançou interdicto em Inglaterra: progredindo este Principe em seu frenesi não só contra aquelle Prelado, mas contra os Bispos desterrados em França, julgou *Innocencio* necessario desligar os seus vassallos do juramento de fidelidade. Para estabelecer a paz entre os povos da Noruega, que estava alterada pelo successor do tyranno Suero contra Filippe representante dos antigos Reis, antes de proferir sentença ordenou aos Prelados, que inquirissem dos factos. Em Hispanha tratou do advertir El-Rei de Portugal, que se abstivesse de attentar contra os direitos da Igreja; o convidou o Rei de Aragão para a Cruzada. Na França solicitou do Rei o dos Principes a guerra santa contra os Albigenses, e excommungou o Conde de Tolosa fautor delles, e seus cumplices na morte do Legado Pedro de Castello-Novo; e depois exigiu do Rei, que satisfizesse as injurias aos Prelados e cohibisse os seus Ministros dos attentados contra a liberdade e propriedade da Igreja. No Oriente obrigou o Imperador Henrique a restituir os bens Ecclesiasticos usurpados, e a precatar-se do attentar contra os direitos do Sacerdocio. Não procedeu só contra os poderes da terra, porque suspendeu do officio o Bispo de Bamberg em quanto se não justificasse das imputações, que se lhe faziam de cumplice na morte do Filippo do Suevia, perpetrada pelo Conde Palatino. Inimigo irreconciliavel dos abusos e dos crimes levantou-se com o zêlo, de que a sua grande piedade era susceptivel, contra as Abbadessas de Burgos o Palencia, que haviam levado a ousadia a ouvirem de confissão suas subditas, abençoal-as, o fazerem publicamente práticas religiosas; mandou exauctorar como parricidas os Conegos da Igreja de Celles em França: por outra parte não poupou meios de restituir a disciplina Monastica neste paiz. Levou por ultimo neste periodo o seu zêlo a exigir do Soldão, que se convertesse no Christianismo, o lhe requereu, que protegesse o Patriarcha do Antiochia.

No anno 1212 começou o vêr fructo dos seus trabalhos na conversão dos infieis na Prussia, que chegou a um incremento espantoso pelo fervor dos Prelados com auxilio dos Monges de Cister; e sabendo, que os cathecumenos eram vexados, exigiu dos Principes da Polonia e Pumerania, que se acautelassem de os maltratar. Instava Filippe de França pela dissolução do seu matrimonio, que lhe foi recusada por haver sido consummado, como se provava pelo juramento da Rainha. Cresciam as maldades dos Albigenses, e com ellas a pertinacia do Conde Raimundo: Tolosa foi expugnada, e elle fugiu para o Aragão; mas apesar do despreso de todas as admoestações, o Santo Padre quiz reiteral-as, recusando entregar o outro suas possessões, como se lhe exigia. Solicitou o auxilio do Rei de França em beneficio de Affonso de Castella contra os Sarracenos; procurou tambem, que fosse auxiliado por outros Principes visinhos, o instituiu preces pelo bom exito das suas armas: com esses soccorros Affonso triumphou dos inimigos da Cruz na batalha de Navas de Tolosa, posto que alguns dos combatentes o desampararam: e por gratidão e reconhecimento enviou o S. Pedro uma bandeira inimiga e as parcas da vi-

ctoria. Tomou *Innocencio* debaixo da protecção da Santa Sé Affonso de Portugal, e confirmon á sua corôa os privilegios outorgados pela saotidado do Alexandre III. Entrotanto as cousas iam cada vez a peior em Ioglaterra, onde o Rei João progredia cada vez mois em seos excessos contra a Igreja e contra os povos; foi por isso exauctorado; e pretendendo seus vassallos obedecer a Filippe do França, o Santo Padre o couvidou a fazer-se obedecer delles. No Oriento o Imperador Henrique attentava loocameote contra a liberdade Ecclesiastica: *Innocencio* o admoestou, e exigiu, que não só se cohibisse, mos castigasse os quo roubavam as Igrejas, e attentavam contra os seus direitos. Finalmente exhortou os dois Patriarchas de Jerusalem o Alexandria para obrigarem a fazer a permutação dos captivos infieis pelos Christãos, que viviam opprimidos no Egypto.

No anoo 1213 preparou nova expedição á Terra Santa: apertou com o Rei de Hungria para cumprir seo voto, fazendo com os seus parte do Cruzada; pediu soccorros em França; louvou o Doge de Veoeza pela esquadra, quo preparára para esta santa guerra; exigiu do Soldão da Syria, qoe entregasse a Palestina; commetteu aos Templarios a guardá do Reino de Jorusalem; reprehendou o Rei da Armenia pelos crueldades praticadas em Antiochia; o auxiliou o Bispo Estiense na conversão dos Livouios. Crescendo as maldades de Roimundo de Tolosa ordenou a seus subditos, que o desamparassem, o novamente o fez advertir paro abjurar a beresia, procurando por todos os meios a sua reconciliação. Mandou prégar nmo Cruzada em Fraoça contra os Sarracenos, que se preparavam para invadir a Europa. Não havendo meio do cohibir João *sem-terra*, estabeleceu uma Cruzada contca elle, e o commetteu a Filippe do França: aterrado das indulgencias, mais que das censuras, João prometteu submetter-se: o Santo Padre ordenou-lhe, qoe désse satisfação; o não só essa appareceu, mas declaron, que submettia com trihoto seos roinos á Santa Sé, offereceu a corôa com mil marcos esterlioos, e *Innocencio* em vista do sua submissão procurou-lhe o favor dos Reis de França o Escocia e dos seohores da Inglaterra, e fez levantar o interdicto. Como o, que sempre tivera mais a peito, foi a reforma da Igreja universal, e a recuperação da Palestioa, ao seu zêlo não esqueceo o graode meio de um Synodo geral; por isso declarou neste anno, qoe se abriria na Igreja de S. João de Latrão no mez de Novembro de 1215. Em 1214 publicou uma nova Cruzada em todo o Occidente, e tratou de lhe evitar todos os estorvos no caminbo da Syria: este facto e o do decreto da convocação do Coocilio atemorisou os Sarracenos, o os obrigou a prometter tributo á Christandade. Por esse tempo pediram graça os Tolosanos, e o Santo Padro mandon reconcilial-os, e restituir os Condes de Bearne e Cominges.

No anno seguinte (1215) pelos escandalos de Othoo rejeitoa suas promessas, e escolheu Frederico para cingir a corôa imperial: castigoo os facciosos de Inglaterra com censuras, que obedecerom, menos os do Loodres, ás admoestações Apostolicas, e abraçaram o partido de João *sem-terra*. Teodo exgotado todos os recursos sem fructo a favor de Raimunda de Tolosa, dividiu seus estados entre seu filho e o Condo do Monfort. Em 11 de Novembro se reuniu em Latrão com os Patriarchas de Jerusalem o Constantinopla, setenta o um Metropolitanos, quatrocentos e doze Bispos, Procuradores de Prelados auseotes, Abbades o Embaixadores dos Soberanos. Neste dia abriu a primeira sessão do duodecimo Concilio geral da Igreja Catholica e quarto Lateranense com um discurso pio, eloquente e ternissimo, em que se notam as tremendas palavras «*Desiderio desideravi hoc pascha manducare vobiscum, antequam morior.*» Procedendo com os Prelados á definição do Doutrina Catholica anathemotisou os Albigenses, e cootra elles foi confessada a fé da *Santissima Trindade*, da *creação do mundo*, da *Incarnação do Verbo*, da *presença real de Jesus Christo na Euchoristia*, o coodemnada a *especie de metempsycose* por elles admittida, uma *quarta pessoa em Deos*, sobro quo o Abbade Joaquim errava; e a *rebaptisação feita pelos Gregos aos baptisados pelos Romanos*: quanto á disciplina decretou-se a reforma de costumes principalmente das pessoas Ecclesiasticas, prohibindo-se, entre outras cousas, a instituição de novas Ordens Monasticos; e se reguloo a precedencia dos Patriarchos, dando-se o primeiro logar ao de Coostootinopla, o seguodo ao de Alexandria, o terceiro ao de Antiochia, e o quarto ao do Jerusalem: depois tratoo o Santo Padro com os Prelodos e Embaixodores dos Principes sobre a nova Cruzada para recuperar os logares santos, que se decretou com uma tregua de quatro aonos. No onno 1216 Luiz VIII de França, chamado pelos Ioglezes, invodiu os estados de João *sem-terra*, e entrou em Londres: excommongado pelo Nuncio Apostolico recorrou a Santa Sé; porém *Innocencio* declarou, que os decretos do Concilio ácerca da tregua estavam em vigor: desse facto concebeu uma profunda tristesa, vindo pouco depois a morrer em Perugia a 16 do Julho deste anao.

Canooisou *Wolstano* Bispo Wigorniense, *Homem bom*, e a Imperatriz *Cunegundes*: instituiu orações a S. Bernardo: approvou a festa do triompho da Cruz na Hispooha pela famosa batalha dos Navas de Tolosa: erigiu o hispado Kymense, o privilegiou outros: approvou as ordens Monasticas da Santissima Trindade, S. Domingos, o S. Francisco, dos Eremitas de S. Paulo no Hungria, e do Carmo, e as Militares do Sant'iago, e Calatrava. As questões das collectas o fizeram taxar de ovaro por Matheus de Paris, mas estava tão longe da avareza, como este escriptor da boa critica o de sinceridade para com o Santa Sé; porquo apesar da magnificencia exterior, usava de vasos de vidro e pao; olem da decimo das rendas, que applicava a obras de misericordia, tudo quanto tinha era despeodido em beneficio da Igreja. Acêrca da exigencia das collectas pensava, e muito bem, quo tanto direito tinha a Igrejo de exigir as suas dividas, como os Prelados, os Principes e o Povo do concorrerem em beneficio commum da Christandade, de que elle era o pae commum. De sua piedade e profondo saber deixou testimuoho exuberanto no citado livro do *Despreso do mundo*, no *Commentario ao Mestre das Sentenças*, nos livros do *Officio da Missa*, do *Baptismo*, da *Veneração dos Santos*, do *Purgatorio*, do *Claustro da alma*, das *Preces e Hymnos*, da *Esmola*, do *Louvor da caridade*, da *Instrucção dos Principes*, oas *Homilias*, nas *Actas e Decretos do Synodo Lateranense*, nas *Constituições Geraes*, no *Elogio de Jesus Christo e da Virgem*, nas *Epistolas*, e n'outras obras: sendo pela confissão de todos o seu trabalho mais primoroso o do *Mysterio da Euchoristia*. *Innocencio III* trabalhou disvelladamento pelo augmento da Religião, incremento e liberdado da Igreja; fez tremer os poderes da terra, quando tocavam a arca santa ou affligiam os povos: e mão grado do impio, do regalista, e do oppressor da humanidade, a sua memoria é saudosa para o verdadeiro Co-

tholico, que insensivelmente dobra o joelho quando recorda o seu nome. *Innocencio III* foi um desses homens raros na ordem dos tempos, famoso pela piedade, constancia, zêlo, sabedoria, e amor de Deos e dos homens.[1]

25.°

Santo Padre GREGORIO IX — Nasceu este Summo Pontifice em Capua, cidade da Campanha Feliz, da familia Conti e da casa dos Condes de Segni. Foram seus paes Tristenio, primo-irmão da santidade de Innocencio III, e uma senhora da gente mais illustre de Anagnî. No baptismo teve o nome de *Hugo*, e com esse professou o instituto dos Conegos Regulares de Santa Maria do Rheno, havendo sido educado em Roma no Mosteiro de Sete Solios. Innocencio III no mesmo anno da sua exaltação ao Summo Pontificado o tomou para Capellão e Sub-Diacono: pouco depois o creou Cardeal Diacono do titulo de *Santo Eustachio*, e em 1206 o promoveu a Bispo Cardeal com o titulo de *Ostia*. Em 1199 foi escolhido com Octaviano, seu antecessor naquella Diocese, e Guido Presbytero Cardeal de Santa Maria d'além do Tibre, para a legação da Sicilia contra Marcoaldo, na qual, em quanto seus collegas se íam deixando surprehender, elle resistia a todas as insinuações; e animando-os, com muita coragem declarava, que a ordem de Sua Santidade se havia de cumprir, resultando d'ahi jurar o rebelde de não inquietar o Reino e fazer restituir quanto usurpára. Em 1206, já Bispo de Ostia, partiu para Allemanha na qualidade de Legado com Leão Presbytero Cardeal de Santa Cruz para effectuar a paz entre Othon e Filippe; e tão habilmente se houve, que alcançou o fim desejado. Em 1217 Honorio III enviou-o a pacificar as discordias entre Genovezes e Pizanos, das quaes se seguia incrivel devastação na Toscana e Lombardia, e dessa grande prejuizo á Cruzada em toda a Italia: concordou-os sem demora. No meio da agitação causada por esses negocios patenteava as maiores inclinações á virtude e á piedade, e não escondia o seu zêlo pela causa da Religião: escolhido para Protector (foi o primeiro) da Ordem dos Menores esforçou-se pelo seu incremento; recebeu do santo Patriarcha della o habito de Terceiro, e se comprazia de viver na austeridade entre os Religiosos; nas solemnidades do Mosteiro de Assis com grande satisfação officiava o santo Sacrificio da Missa, quando prégava o veneravel Francisco, depois contado no numero dos Santos. Algum tempo antes da morte do Santo Padre Honorio III se retirou ao ermo de Camaldula para se entregar á contemplação e á penitencia com aquelle servo de Deos, onde o veneravel Religioso Frei Leonardo acabando de celebrar lhe beijou os pés, como a quem de proximo seria eleito Successor de S. Pedro; e isso mesmo lhe predizia em suas cartas o santo Fundador, escrevendo «*Ao Reverendo Padre e Sr. Hugo Bispo de todo o mundo e futuro pae das gentes.*» Com effeito, passando o Summo Pontifice Honorio III a melhor vida, foi eleito seu successor a 19 de Março de 1227 no conclave celebrado em Santa Luzia de Sete Solios: tomou então o nome de *Gregorio IX*, foi coroado no Vaticano a 21 desse mez, e no 1.° de Abril celebrou Missa em Santa Maria Maior. *Eloquentissimo, consummado nas sciencias sagradas, zelador da Fé, disciplina da virtude, rectidão da justiça, consolação dos miseraveis, verdadeiro Apostolo da Religião, amador da castidade, e exemplar de toda a santidade:* taes são os titulos, com que se honrou sua memoria posthuma: narrarei os factos.

Começou pela Encyclica do costume aos Prelados da Christandade, na qual expoz a historia de sua eleição, encommendou-lhes o cuidado especial de suas Igrejas, e que promovessem a Cruzada para liberdade da Terra Santa: este escripto respira saber, humildade e zêlo pela causa de Deos. Escreveu logo ao Imperador Frederico, exhortando-o a seguir os conselhos Evangelicos no governo dos povos, e a preparar-se para tomar o caminho da Palestina: de todos os outros Soberanos requereu auxilios para a expedição ultramarina, convidando-os á paz entre si, como fez aos Lombardos com o fim ostensivo de afastar os estorvos á prompta marcha dos libertadores do Santo Sepulcro. O exercito florentissimo, que de toda a Christandade se reuniu na Italia com destino ao resgate dos logares da Salvação, soffreu terrivel epidemia, detendo-se pelas más artes de Frederico; e a morte subita de Luiz de Thoringia, que trouxera os cruzados de Allemanha, foi obra sua: descobertas essas maldades, *Gregorio* fulminou censuras contra elle. Narrando as desgraças da Cruzada, e a perda de Jerusalem, que não era então recuperada por causa do ingrato e prejuro Frederico, todo entregue aos prazeres, convidou os fieis a lastimar estas infelicidades, e ordenou aos Bispos, que o declarassem excommungado. O Imperador mandou excusar-se a Roma; porém o Santo Padre, desprezando os seus enganos o exhortou a mudar de vida, lançando-lhe em rosto sua preversidade, e nomeadamente a falta de fé com alguns senhores, e a oppressão das Igrejas de Sicilia. Esquecido este Principe dos beneficios constantemente recebidos, e cego por suas torpezas, não só desprezou os conselhos de Sua Santidade, mas vociferou mentiras e calumnias contra elle. Em quanto Frederico se entregava á impenitencia, *Gregorio* encommendava a Deos a sua conversão, e lançando suas vistas para a Hungria, onde os Religiosos Prégadores acabavam de trazer á fé os Cumanos, deu os poderes de Legado ao Metropolitano de Strigonia para ordenar entre elles as cousas, que tendessem á perseverança. D'ali veiu entender sobre os negocios de França, exhortando Luiz a restituir ao Rei de Inglaterra as possessões usurpadas por seu pae; e mandou ao Clero, que pagasse as decimas por elle exigidas em obsequio dos esforços para extinguir a heresia Albigense: entretanto não se esqueceu de remediar a devassidão de costumes, que passava na Lombardia, e para isso escreveu aos Prelados, ordenando que procurassem estabelecer a santa moral. Descendo da reforma geral á particular da disciplina Monastica, relaxada em alguns Mosteiros de Italia, encarregou tres Religiosos Prégadores de a restabelecer; por fim exhortou com optimos documentos á mais alta piedade as Monjas de Sena.

[1] Platina *De Vitis et Gestis Summorum Pontificum* — Boronius et Raynaldus *Annales Ecclesiastici* — Ciaconius et Oldoinus *Vitae et Res Gestae Pontificum Romanorum et S. R. E. Cardinalium* — Crillier *Histoire Generale des Aucteurs Sacres et Ecclesiastiques* — Artand de Montor *Histoire de Souverains Pontifes Romains* — Hurter *Tableau des Institutions et des Moeures de l'Eglise au moyen age* — Rohrbacher *Histoire Universelle de l'Eglise Catholique* — Moroni *Dizionario*. Um retrato de corpo inteiro.

Em 1228 e nos dois annos seguintes foi o Santo Padre *Gregorio IX* experimentado com tribulações; porém a sua paciencia, exposta ás mais duras provas, não desistiu do empenho tomado pela honra de Deos, que o salvou. O primeiro acto desta época foi convocar a Synodo os Bispos de toda a Italia sobre a questão de Frederico, de que resultou um decreto de excommunhão; porém o Imperador com suas malvadas artes instigou os Romanos a exilar Sua Santidade, e ainda a expulsar de Roma sua sagrada pessoa. Acolheu-se *Gregorio* a Perugia, cujos habitantes andavam desavindos, e a quem foi dar a paz: enviou então dois Religiosos Menores ao seu perseguidor para o trazerem a melhor conselho; mas elle muito longe de seguir a boa parte, mandou-o guerrear por seus generaes; e o Santo Padre tratou de defender-se com armas e com censuras; soccorrido pelos Francezes, mandou exercito para a Sicilia com o fim de manter illesas as possessões da Igreja. Ao mesmo tempo excitou os fieis contra os Sarracenos da Sicilia, que Frederico deixava quietos, em quanto atormentava a Santa Sé; o desprezou a capciosa supplica de paz feita por elle: depois disso acolheu-se o Santo Padre aos Lombardos para lhe darem soccorro de gente; e pediu dinheiro ao Rei de Suecia: com taes auxilios pôz em campo tres exercitos contra o oppressor da Igreja. Posto que a questão do Cesar lhe desse muito que soffrer, não se descuidou de promover a extincção da heresia: mandou promulgar a Cruzada contra os Albigenses, e requereu ao bom Rei de França, que tratasse de acabar com as maldades desta perniciosa seita, procurando imitar o zêlo do seu pae. No anno 1229 o Imperador, que havia levado o exercito á Terra Santa, em logar de servir a causa do Christianismo tratou de pactuar alliança com o Soldão de Babylonia: o Patriarcha de Jerusalem enviou os capitulos dessa torpeza a *Gregorio*, que se doeu de tanta impiedade. Frederico com similhante alliança entrou em Jerusalem, onde enganou Christãos e Musulmanos; mas para contentar estes commetteu as mais loucas e desaforadas impiedades contra cousas e pessoas sagradas: entretanto sabendo que o exercito do Papa entrára na Sicilia, voltou da Palestina depois de ter commettido sacrilegios, prejuizos e roubos. Ao tempo da sua chegada João Rei de Jerusalem, general do Santo Padre, lhe havia tomado muitos logares; porém elle os recuperou, e pôz-se em campo contra o Vigario de Jesus Christo, como o homem mais perdido. *Gregorio* pediu novamente auxilio aos Lombardos e a muitos Principes: ordenou ao Arcebispo de Leão, e ao Bispo de Paris, que se preparassem em soccorro da Igreja com a gente que podessem: entretanto que em sua defeza corria Pedro Infante de Portugal e Conde de Urgel. Frederico e seus generaes foram então excommungados pelo mesmo rito, que os hereges e perseguidores da Igreja, e os vassallos do Imperio desligados do juramento de fidelidade, que lhe haviam prestado: cheio de dor Sua Santidade recommendava a Payo seu Legado na guerra, que procurasse todos os meios de evitar os horrores della, instigando-o á clemencia, e lastimando a mortandade, que os seus exercitos praticavam. Em quanto assim passavam as cousas na Italia, haviam serios tumultos em París, motivados pelos Doutores da Universidade, que por similhante facto se dissolveu: o Santo Padre, que já havia tratado de rebater sua audacia, e acabar com as subtilezas e absurdos Aristotelicos, mandando que se entregassem ao estudo da pura theologia, nesta occasião procurou e obteve a paz e o restabelecimento dessa Academia. Do mesmo modo cuidou e alcançou acabar a guerra civil, que assolava a França; e mandou Legado a Hispanha para mover seus Reis a guerrear os Sarracenos. Não só estes cuidados o occupavam, mas o incremento da Religião pelas conversões; para o que ordenou sobre consulta do Bispo de Strasburgo, que os filhos dos Judeus fossem educados no Christianismo por algum parente, que o abraçasse. No anno seguinte uma cheia do Tibre inundou Roma, causando desgraças e terrores sem medida: os Romanos afflictos lançaram-se arrependidos aos pes do Santo Padre, e o Senado e o povo na sua volta de Perugia o receberam em triumpho, e no maior excesso de alegria. Frederico pela sua parte tambem aterrado pediu a paz, e obrigou-se com juramento a obedecer aos mandados Apostolicos, restituindo quanto usurpara, dando liberdade ao Clero da Sicilia por elle opprimido, e mudando de vida; e *Gregorio* o recebeu com honra e bondade. Terminada esta contenda tratou da reforma de costumes do Clero, e castigou sua incontinencia e avareza: attrahiu os Religiosos Pregadores á conversão dos idolatras do norte da Germania, e defendeu os Christãos, que lá eram opprimidos pelos adoradores do paganismo: e por outra parte cuidou de excitar os filhos de S. Francisco a seguir as virtudes de seu fundador. Finalmente deu conta das victorias, alcançadas pelos Reis de Castella contra os Mouros, a todos os fieis, solicitando o seu auxilio em favor do illustre Fernando III, que hoje veneramos sobre os altares.

Em 1231, 1232 e 1233 o zêlo de *Gregorio IX* pela fé, pela liberdade da Igreja, pela paz e pela justiça continuavam a manifestar-se altamente, em quanto novas tribulações opprimiam seu coração. Para firmar os artigos de concordia com o Imperador, exigiu delle fiadores, e que restituisse aos Cavalleiros do Templo e do Hospital os bens, de que os despojára, e os tivesse em seu favor: demais disso procurou, que revogasse as leis contra o Clero, e perseguisse os hereges: exhortou-o á clemencia, á caridade sincera, e á pratica das virtudes, que manifestam a fé pura e a consciencia recta, porque são essas, que devem principalmente ornar o coração de um soberano; e esforçou-se para que recebesse em sua graça Reinaldo filho de Conrado de Spoletto; visto que elle lhe perdoava as gravissimas injurias contra a Igreja e contra a sua propria pessoa: ordenou aos Lombardos, que lhe dessem passo franco para poder celebrar em suas terras um congresso com El-Rei Henrique seu filho e com outros Principes Allemães a fim de evitar motivo de inquietação; e satisfez a todas as queixas, que elle pôz em sua presença. Por outro lado tratou de cohibir a audacia dos hereges Patarenos, Catharos, e Pobres de Leão, que em Roma eram nesse tempo bastantes: condemnou-os e a seus protectores: fez persegui-los em França; e recommendou aos filhos de Eselino III senhor de Padua, que tratassem de fazer abjurar a seu pae os erros, e quando não quizesse, lh'o levassem preso á sua presença, como tinham promettido. Este facto reprehensivel nos filhos [1] não o podia ser quanto ao Santo Padre, mandando comparecer Eselino em seu proprio tribunal, por

[1] Estes foram Eselino IV senhor de Padua, e Alberico senhor de Treviso. Deos os castigou, permittindo que este crime motivasse outros, e que por elles o primeiro morresse desesperado e sem descendencia; e o segundo acabasse de morte cruel com sua mulher e filhos

quanto o julgado devia ser mais conformo ao seu bom coração, que á justiça, até porque se o fosso no rigor desta, *Gregorio* auxiliava a dissolução dos primeiros laços da sociedade, e concorria para o parricidio, o que eu nunca hei de acreditar de sua piedade. Dos negocios da fé passou á reforma de costumes, apertando com o Clero e com as Familias Religiosas para a emenda, e ordenando ao Metropolitano de Strigonia, que cohibisse os abusos praticados geralmente na Hungria: quanto á liberdade e dignidade da Igreja tratou de restabelecer a primeira em Castella, e esta em Portugal e Inglaterra. Escreveu ao Soberano da Russia para abraçar o rito latino, como mostrava querer: excitou Frederico e a todos os fieis para uma Cruzada a fim de se repellirem os Persas da Terra Santa: prohibiu entretanto ao Mestre do Templo, que na guerra com esses barbaros offendesse os visinhos; e levantou seus clamores contra o Soldão de Babilonia, que retinha em prisões uns mercadores Christãos sem attenção ao direito das gentes. Finalmente tratou com Henriquo de Inglaterra de fazer a paz com os Francezes, e promover auxilios em beneficio do Imperio de Constantinopla, e de João Rei de Jerusalem, chamado a recebe-lo. No anno de 1232 os seus primeiros actos foram amplificar os dominios da Religião nas extremidades da Europa septentrional, enviando Legado Apostolico aos novos convertidos: excitar os fieis a tomar armas contra os idolatras, que incommodavam nos confins da Prussia a christandade: castigar os hereges na Allemanha; e reprehender os Prelados das Igrejas de Inglaterra por dissimularem os crimes de alguns malvados, que attentavam contra a auctoridade Ecclesiastica. Em quanto *Gregorio* na capital do mundo Christão se empregava nestes e n'outros similhantes negocios, os Romanos ingratos aos seus beneficios na restauração da cidade, depois das ruinas causadas pelo Tibre, se sublevaram por lhes haver frustrado os intentos da posse do Castello de Palliano: socegados entretanto pelo dinheiro, que lhes mandou distribuir, não tardaram a inquieta-lo: pediu então soccorro a Frederico; mas só delle conseguiu boas palavras; e, ao mesmo tempo que Ugocio fez uma ampla doação á Santa Sé, os ingratos Romanos tratavam de hostilisar os vassallos da Igreja em Viterbo: comtudo o Santo Padre trouxe uns e outros á paz, que Frederico procurou occultamente destruir, em quanto que no público manifestava as maiores attenções a sua Santidade, de quem recebia os melhores conselhos, e as maiores provas de affecto. Alguma cousa entretanto affligia por então a *Gregorio*, era a guerra civil entre os Christãos da Syria; porém cuidou de evita-la, chamando a Roma o Patriarcha de Jerusalem, que se dizia auctor della, e nomeando o de Antiochia Legado para conciliar os dissidentes. Premiava o Senhor o seu zêlo com alguns favores, porque em meio dessas afflicções recebeu de Germano Patriarcha dos Gregos os protestos de submissão em reconhecimento do Primado, e a supplica da união, a que elle correspondeu com disvellado affecto, provando com elegancia e força de argumentos a necessidade daquella pedida união. No anno seguinte já estavam mudadas as cousas a este respeito, porque se dissolveu o Synodo convocado por Germano, saindo delle os Nuncios Apostolicos, e os Gregos desesperados de se effeituar a união. Mandou o Santo Padre pela sua parte uma bella e sabia apologia do Christianismo ao Soldão de Damasco provocando-o á conversão; e outro tanto pretendeu obter do Califa e do chefe dos Musulmanos de Africa: enviou Missionarios á Georgia e aos proprios Sarracenos: a tanto chegou seu zêlo! Solicitou de Frederico protecção aos Religiosos Dominicanos, que enviára contra a seita de Mafoma: prometteu elle, mas faltou á promessa, apesar das boas palavras; e todos os seus actos foram tendentes a irritar mais os Romanos contra sua Santidade. *Gregorio*, apesar da contraria opinião do maior numero dos Cardeaes, se revestiu de coragem, e entrou em Roma: á chegada desvaneceram-se os odios, mas a concordia durou pouco. Sem embargo de conhecer a maldade de Frederico tratou ainda de conciliar-lhe os animos dos Lombardos altamente irritados contra elle, para mal lhe pagar accusando-o de nimia indulgencia com aquelles povos: não contente com isto attrahiu-lhe Sua Santidade os Cajetanos; porém Frederico sempre infiel nem cumpria as promessas, que então fizera a essa gente, nem deixava de se vingar della com perfidia e impiedade, pelo que foi reprehendido gravissimamente pelo Santo Padre. Nesse tempo fizeram entre si crua guerra os Florentinos e Senenes, mas *Gregorio* os applacou por obra de Fr. João Vicentino. Grassava neste tempo em Allemanha a horrivel e turpissima seita dos Stedinghos: sem demora o Santo Padre procurou destrui-la pelos meios suaves da palavra, e pelas armas, invocando o auxilio de Henrique Rei dos Romanos, e d'outros Principes: de mais disso exhortou os Prelados daquella região a cohibirem os Judeus, que não só mantinham escravos Christãos, e os circumcidavam, mas escravas, a quem contaminaram com seus erros: do mesmo modo procurou extinguir as reliquias dos Albigenses em França; e premuniu o Rei de Castella e Leão para reprimir as maldades dos Judeus, e obriga-los a usar de signaes distinctivos conforme os Decretos Ecumenicos. Para defender a immunidade Ecclesiastica enviou Legado a Hungria; e o Rei jurou satisfazer repondo as cousas no estado antigo: o mesmo fez com Portugal enviando Nuncios para ElRei se abster das offensas ao Bispo do Porto.

No anno 1234 e nos dois seguintes passaram os factos do seguinte modo. Os Romanos rebellaram-se novamente contra *Gregorio*: foi elle soccorrido por Frederico, que não tardou a desampara-lo. Entretanto auxiliado por alguns Allemães venceu os inimigos; e solicitou soccorro contra elles aos Prelados Transalpinos: queixou-se neste meio tempo ao bom Luiz de França da oppressão dos Prelados da Gallia Narboneuse; e lhe rogou, que puzesse todo o esforço na extincção da heresia Albigense. Por outra parte pôz diligencia em fazer a paz entre os Reis de Aragão e de França, deste com o de Inglaterra, e do primeiro com o de Navarra. Seguiu-se a convocação do Synodo para tratar de uma nova Cruzada; convidou a ella o Rei de França e todos os fieis; e para que pudesse ter logar em Março do anno seguinte sem estorvos, mandou Legado á Syria o Arcebispo de Ravena a fim de lá compôr as differenças com o Imperador; e procurou acabar as que com elle tinham os Lombardos. Apesar dessa grande Cruzada, que devia resgatar a Palestina, concedeu indulgencias para outra em Portugal contra os Mouros. No meio destes importantes negocios não se esqueceu de revindicar a immunidade da Igreja na Hungria e em Noruega, reprehendendo seus Reis dos excessos, que praticavam. Para salvar os fieis da Valaquia provocou Bella, filho de André de Hungria, para expulsar de lá os scismaticos: ao mesmo tempo que na Dalmacia Colomano irmão desse Principe guerreava os hereges, e na Allemanha o Prelado de Bremen

com os Cruzados derrotava os Stedinghos. Em 1235 excitavam os Romanos aovo rebellião guerreando cruelmente os vassallos mais fieis da Saata Sé; mas desta vez poude o Santo Padre com a publicação da boas leis fazel-os socegar. Henrique, filho de Frederico, levaatou-se na Allemanha contra o pae, e *Gregorio* sem fazer conta da ingratidão deste, o favorecen, e cuidon em odquirir-lhe o obediencia dos Allemães, do que resulton o de Henrique: domois disso pacificou-lho os Lombardos, e por meio do Patriarcha de Antiochia, qoe fôra auctor desta concordia, trouxe a mutuo affecto outros povos da Italia, que andavam inimigos. Cohibiu os hereges em Viterbo, o fez castigar severamente os assassinos do Bispo de Mantna; o aos do Bispo de Coira, qoo pediram perdão, obrigou a tomar armas contra os Sarracenos: ao mesmo tempo prohibiu com pena de oxcommunhão, que fossem de qualquer modo opprimidos os Judeus. Esforçon-se por trazer á paz o Rei de Escocia com o de Inglaterra, os Templarios e os Christãos da Syria com Frederico, e este Principe com o Rei de Chypre: exciton os fieis pelas indulgencias a lançar os Mouros das Baleares: poz toda a efficacia na graado expedição da Palestina: mandon Prelados, que nella auxiliassem os Cruzados dos vexames dos poderosos, e ao Rei de Navarra e a outros Principes, qoe defendessem Constantioopla de João Ducas e do Rei dos Bulgaros: em quanto asperamente reprehendia João Ibelino de provocar o Imperador, e de subtrahir á sua obedieacia os Acconenses. Finalmente manifeston o seu zèlo, procnrando attrahir ao Christianismo o Rei de Tunes, e o Sultão de Iconio, que lhe pedira paz e amisade com as expressões mais respeitosas. No anno seguiate, occendendo-se ontra vez a guerra entre os Lombardos e Frederico, tratou de estabelecer a paz; mas este Principe, ambicionando o dominio de toda a Italia, repelliu o Legado: o Santo Padre defeadeu os Lombardos, reprehendendo-o por seus excessos, e pela oppressão da Igreja na Sicilia, Frederico irritado escreveu desattentamente a Saa Saatidade: entretanto *Gregorio* por esta occasião defendeu energicamente os direitos da Santa Sé. Do Iaperio lonçou o Santo Padre suas vistas sobre a França, exigindo do Rei, que abolisse as leis, por que prohibia a seus vassallos comparecerem nos tribunaes Ecclesiasticos; e obrigou a Raimundo de Tolosa fautor dos hereges, a tomar o caminho da Terra Santa. Havendo El-Rei de Castella por então conquistado Cordova aos Monros, o Summo Pontifice solicitou-lhe soccorro dos fieis para outras expedições; e com o fim de manter as novas Christandades do extremo norte da Europa coatra os barbaros delle, publicon indulgencias, com que attrahisse ali uma Cruzada. Na Aquitania os soldados da grande expedição da Terra Saata expoliavam desaforadamente os Judeus: acudiu o Santo Padre mandando castigal-os: do novo se applicou a manter a paz entro o Imperador o os Lombardos; e antes disso a procnron fazer entre os Inglezes e Escocezes. Traton emfim de trazer á observancia da disciplina regular os Monjes Benedictinos, e os Cavalleiros de Calatrava, que se Iam relaxando.

No anno 1237 e nos dois seguintes continuava a maaifestar o sen zèlo; por isso mesmo o demonio encarnado na pessoa do Imperador Frederico o affligiu quanto poude. No principio desta época em quanto este malvado assolava a Italia, e por suo causa os Musulmanos otormentavam a Igreja na Syria, o Santo Padre tratava de concordar os Lombardos com ello; sempre ingrato quiz impedir o entrada de Sua Santidade em Roma, e uão o conseguiado, moveu-lhe rebelliões: os Viterbenses tontaram logo de subtrahir-se, o os Vercelences fizeram leis contrarias á dignidade Ecclesiastica; mas foram oppriuidos com censuras. Compostas os differeaças sobre o dominio temporal na Sardenha e Corsega, procurou o Santo Padre restabelecer a disciplina Ecclesiastica relaxada nesta nltima Ilha: na Inglaterra corton alguns abusos sobre lithurgio e discipliaa, poz termo a desavenças sobre precedencia entre os Prelados Cantnarinse e Eboracense, e fez renovar os bons costumes Monasticos: deu fim a gravissimos abusos em Noruega; e levaatou Cruzada ao norte contra os Tevestinos apostatas. Soccorreu entretanto o illustre Jaime 1.º de Aragão attrahindo-lhe anxiliares na tomada de Valencia aos Mouros: apertou com censuras Fernando Infante de Portngal, chamodo *de Serpa*, por se haver tornado perseguidor do Clero: procurou a immonidade do Igreja em França; o puniu os hereges em Montpellier. Esforçou-se em promover a paz entre os Reis de França e de Inglaterra, e a trazer á concordia com este os seus principaes vassallos; e com o Rei de Dinamarca os Cavalleiros do Templo: soliciton dos Hungaros a defeza do Constantinopla contra o scismatico Vataces, havendo coaseguido do Rei dos Bulgaros que se unisse aos Latinos: apertou com Frederico para tomar o Cruz, depois de ter exigido do illustre Luia de França, que tomasse o caminho da Palestina. Todos esses esforços do Santo Padre para a expedição da Asia eram motivados do dôr, que opprimia seu coração pelas tribulações da Christandade na Syria, e que elle manifestou por então em sua carta aos prisioneiros bem lastimosamente. No aano 1238 Constantinopla atacada por Vataces estava a ponto de se perder: *Gregorio*, para evitar a ruiua do Imperio Latino, ordenou a Pedro de Bretaoha, que pelo S. João partisse em seu soccorro com as tropas, que juntára: deu ao Imperador Balduino II o terça das rendas do Clero na Grecia para soccorro. Por este tempo Azanes favorecia a Vataces, unia-se aos scismaticos, e deixava aos hereges espalhar seus erros na Bulgaria: o Santo Padre ordenou a Bela de Hungria, que occupasse a Rulgaria, e a Balduino, que desistisse de quaesquer pretenções aesse Reino, porque só assim o Imperio Latino seria salvo. Negando a Bela a Legacia, permittiu-lhe a eleição de pessoa para ella: deu a Cruz ao sen exercito, e instituiu preces publicas pela expedição sagrada. Azaoes atterrado uniu-se a Balduino, e esto passou a Inglaterra para juntar maior exercito: o Santo Padre procurou ajndal-o com dinheiro e gento daquelle Reino e de França, pedindo a Frederico e ao Rei de Hungria, que desse livre passo a suas tropas. Tanto maiores eram os esforços de *Gregorio* em salvar o Oriente da heresia, do scisma e do dnmioio Musulmaao, quanto mais estorvos lhe punha o demonio. Balduino passon ao Oriento, e juntaado-se com Azaaes, venceu os Gregos scismaticos n'uma batalha naval; mas os Hospitalarios subornados por Vataces entregavam-se aos mais horriveis crimes: o mesmo faziam os Templarios e Teutonicos; e os proprios Conegos do Sepulchro cegos de avoresa eotretinham-se com o sacrilego meio de obter diaheiro, enganando a eredulidade com falsos milagres: uns e outros convencidos de atrocidade ou impostura castigou o Santo Padre. O Patriarcha da Armenia isentou-se da jurisdicção do Antiocheao, e o Principe de Antiochia recusou occeitar a jurisdicção do seu Patriarcha, e invadiu a Ecclesiastica: ao mesmo tempo que o Saato Padre procurava remediar estes males, dous foctos tiveram logar: o Patriarcha

Grego de Antiochia excommungou o Santo Padre!!! e o Soldão do Egypto marreu como bemfeitor dos Christãos! A andacia do primeiro só póde provocar o riso, em quanto ácerca do segundo devemos bemdizer a memoria posthuma de *Gregorio*. Frederico sempre máo retardava a Cruzada, e o Santo Padre procurava a paz entre a França e Inglaterra para apressa-la: em quanto, a súpplica de Eduardo, permittiu a Manfort, que com elle estava, a demora para terminar as desavenças entre os vassallos deste Principe. Reprimiu *Gregorio* a avaresa e escandalos do Clero nesse Reino: reprehendeu severamente o Prelado de Paris pelo despreso dos direitos da sua Igreja: aconselhou a Luiz de França, que se precatasse dos politicos, que distrahiam da Igreja suas boas inclinações[1]; e preveniu-o contra o proprio Frederico, que pretendia engana-lo: procurou emendar Sancho de Portugal ácerca das injurias feitas á Igreja e pessoas Ecclesiasticas, e quebrar as allianças dos senhores de Navarra e de Aragão contra seus Soberanos: tratou de extinguir a heresia na Bosnia, e defender a liberdado Ecclesiastica na Polonia: reconciliou, finalmente, os Vercelenses com a Igreja; e frustrando as insidias do Imperador voltou a Roma. No anno seguinte opprimiu de novo com censuras a Frederico por causa de seus crimes, que de dia para dia tomavam incremento espantoso ácerca da Igreja, da moral, e da fe pública; e, rompendo este Principe em ameaças crueis, na Quinta Feira Santa renovou a sentença contra elle, mandou publica-la pelos Prelados em toda a Christandade, o premuniu os fieis contra suas calumnias. O Imperador acceso em raiva não viu então limites a sua temeridade: pela sua parte *Gregorio* excommungou Encio, que elle enviára a fazer guerra na Marca, e Ezelino, que infestava a Italia: impoz novas penas a Frederico como violador da Igreja: reprehendeu o Prelado de Aquilea pelo seguir, e ameaçou os Hospitalarios e Teutonicos, se o não desamparassem. Deferiram entretanto por medo os Prelados de Allemanha publicar as censuras pedindo ser alliviados, e o Aquilense foi de novo reprehendido por communicar depois da sentença Apostolica com Frederico: solicitou soccorros de França o Inglaterra contra este Principe, e os obteve. Exautorou Fr. Elias, Geral dos Franciscanos, por haver relaxado os santos costumes da Ordem; defendeu a liberdade Ecclesiastica na Dinamarca e Inglaterra; apertou com censuras os fieis de Rheins pela rebelião movida contra o Metropolitano; e concedeu absolvição aa Infante Fernando de Portugal: por seus esforços, finalmente, Balduina levou a Constantinopla um exercito de França, e o Rei de Navarra passou com outro á Syria.

No anno 1240 e seguinte tiveram logar os factos por este modo. No começo da época mandou eleger novo Imperador: alguns Principes recusaram, mas o Santo Padre desvaneceu-lhes os escrupulos, com que pretextavam evadir-se á obediencia. Frederico poz-se em marcha para Roma, e *Gregorio* fez preces públicas contra a invasão, conduzindo pela cidade as cabeças de S. Pedro e S. Paulo: os Romanos irritados contra o Imperador levantaram uma Cruzada para o perseguir, e elle retirou-se para Napoles, assolando todas as povoações, que encontrou. Fez inquirir das maldades do Bispo de Vintimilia; procurou dar fim as alienações dos bens Ecclesiasticos pelos Padroeiros em Norwich; e condemnou os conventiculos de impostores na Gallia Legiononse. Preparou uma expedição contra os infieis em Esthland, que incommodavam as novas Christandades: solicitou outra dos Hungaros contra os scismaticos; e se escusou de dar auxilio contra os Tartaros á Rainha de Georgia, sem que se submettesse á Igreja Catholica. Convocou finalmente Synodo Ecumenico para Roma sôbre o scysma dos Gregos, e por causa dos outros males, que affligiam a Christandado; chamou a elle o Rei de França; entretanto que Frederico tratava do impedir pelo terror a convocação. Em 1241 cresciam as excursões dos Tartaros na Europa: o Santo Padre com o fim de atalhar grandes desastres á Christandade ordenou a Bela e Colomano, que tomassem armas contra elle; e mudou o voto da Palestina ao Rei de Nornega para receber a Cruz em defesa dos Christãos septentrionaes. Concedeu a Cruzada ao Rei de Portugal contra os Serracenos; o tratou de impedir o progresso das armas de Vataces contra a capital do Imperio do Oriente. Declarou, que recebia Frederico, se elle se emendasse; mas pelo contrario tenaz em sua maldade perseguiu os Prelados, que iam para o Synodo geral, tomou-os captivos, impedindo deste modo a reunião; lançou-se sôbre as cidades de Italia, que eram do dominio da Santa Sé, e houve-as á fôrça d'armas. *Gregorio*, vendo-se impotente a respeito deste novo perseguidor da Igreja, o atraiçoado por alguns Ecclesiasticos mais inclinados ás conveniencias do seculo, que á causa da Religião, depois de consolar os Prelados, a quem o monstro Siciliano lançára os ferros, morreu carregado de desgostos a 20 de Abril deste anno. O barbaro Frederico não lhe perdoou ainda depois de morto: sua lingua do satanaz e suas mãos parricidas se mancharam impiamente, propalando calumnias contra a memoria posthuma do Santo Padre; mas o seu testimunho é o testimunho do impio contra a virtude.

Restam alguns actos de *Gregorio*, que van descrever. Canonisou Vigilio Prelado de Salisbury, Antonio de Lisboa, Francisco de Assis, Domingos de Gusmão, e Isabel de Hungria; mandou inquirir das virtudes o milagres dos Prelados Bruno Herbipolense, Estevão Diense, Lucas Strigoniense, do Monje Cartusiano Eudo, o de outros servos de Deos: ordenou, que se fizesse a trasladação de S. Francisco em Assis, concedeu indulgencias para a de S. Izidoro de Sevilha, e mandou santificar o dia de S. Eduardo: poz Cadeira Pontifical na Bosnia, Recanati, Malhorca, Alexandria da Palha, Marrocos, em differentes cidades da Prussia, o no Mosteiro Culmtense da Diocese de Colocza: deu por suffraganeas ao Metropolitano Iriense as Igrejas de Merida e Badajoz; auctorisou com a primazia o Arcebispo de Guesna, com o pallio ao Catholico da Armenia, aos Metropolitanos Iriense, Lundense e a outros Prelados: ao Arcebispo Auxitano permittiu fazer levar a Cruz diante de si, e ao Abbade Oscense consentiu o uso da Mithra: confirmou os privilegios das Igrejas de Toledo, Strigonia, Valencia e outras: approvou a Ordem de Santa Maria das Mercês; dotou os Cavalleiros da Ordem de Christo na Livonia, e confirmou os privilegios do Monastico Benedictino: recebeu á protecção da Santa Se os Reis de Aragão, de França, dos Ruthenos, o Infante D. Pedro de Portugal, e o Landgrava de Thuringia, os Pomeranios, os Venezianos e os Marselheses: amplificou a Igreja de S. Pedro e o palacio Lateranense, e restaurou Roma depois da inundação do

[1] Esta casta de gente em todo o tempo foi a mesma: sua falta de crenças a torna por toda a parte a peste da sociedade.

Tibre, como se disse: offereceu preciosos ornamentos aos templos, e com os pobres foi liberalissimo, de que deu bôas provas nas desgraças supervenientes daquella inundação. Alem dos cinco livros das *Decretaes*, em que se serviu da penna de S. Raymundo de Penaforte, deixou outras *Epistolas*, que se compilaram nos sete livros do *Regesto;* nestas, principalmente, manifestou sua capacidade e estudo. Parece dos factos, que o Santo Padre *Gregorio IX* foi zelosissimo defensor da Fe, da Igreja, da immunidade e da liberdade Ecclesiastica; inimigo irreconciliavel da relaxação, da avaresa e da incontinencia do Clero e do Monastico; inexoravel a respeito dos máos costumes de todo o mundo, como austero comsigo proprio: não perdoou as injurias feitas a Deos e á Igreja; mas era facil em desculpar as, que se lhe faziam, e para o provar bastaria o, que se passou com Reinaldo de Spoleto, a quem, apesar de graves offensas pessoaes, tratou de restituir a graça do Imperador. Desejaria eu entretanto, que em seu tempo não se houvessem accendido fogueiras contra os hereges [1], porque com quanto se não possa provar, que foi auctor, é com tudo certo, que seu zêlo pelo Catholicismo o levou a permittil-as: assim mesmo não deve esquecer, que Frederico II, debaixo de pretexto de Religião, mandou queimar e arrancar a lingua a quem queria; por isso foi admoestado pelo Santo Padre a fim de discriminar os hereges dos, que o não eram, evitando-se, que estes soffressem uma pena immerecida: como quer que seja, se a minha alma não pode approvar a doutrina da pena ultima de qualquer modo inflingida aos hereges ou scismaticos, nem a de alguma pena corporal involuntariamente recebida, muitos ha, e com bôas rasões, que os tem defendido: e quanto a pessoa do Santo Padre *Gregorio IX* necessito dizer, que não ha monumento algum para provar, neste mesmo facto, maldade de coração, porque suas intenções eram santas.[2]

26.°

Santo Padre INNOCENCIO V. — Da familia *Campagniaco* em Moutier capital da Provincia de Tarantasia na Saboia nasceu este Summo Pontifice, e no baptismo lhe chamaram *Pedro.* Muito moço foi recebido entre os Conegos da Se Metropolitana da sua patria; porem tempo depois, em 1236, indo a capital de França continuar seus estudos, entrou na Ordem dos Pregadores, onde fez profissão com o nome de *Fr. Pedro da Tarantasia.* Na celebre Universidade de Paris recebeu o grão de doutor; e seu elevado talento e muito estudo concorreram para vir a ser um dos mais famosos Theologos da religião Dominicana, e o tornaram digno de succeder no Magisterio a S. Thomaz de Aquino. A fama de sua grande piedade moveu o Santo Padre Gregorio X para elege-lo Arcebispo de Leão em 1272, depois de haver sido Vigario Geral da sua Ordem e Provincial de França; e no mesmo anno, antes de consagrado nesta Igreja, o transferiu á *Episcopal Cardinalicia de Ostia e Velitri*, conferindo-lhe a dignidade de Penitenciario Maior da Santa Se. No Synodo Geral de Leão, em 1274, orou a 7 de Junho e 6 de Julho, e nas exequias de S. Boaventura, fallecido em 15 desse mez, celebrou e orou no meio do Sacrificio; a 16 baptisou solemnemente o embaixador do Rei dos Tartaros com dois companheiros; e por sua industria foram tambem dirigidos os argumentos com os Gregos, que abjurando a heresia e o scysma deram obediencia á Santa Se. A 10 de Janeiro de 1276 falleceu o Santo Padre Gregorio X em Arezzo, e no unico escrutinio do Conclave de 21 deste mez foi eleito seu successor *Fr. Pedro de Tarantasia*, e saudado com o nome de *Innocencio V.* Passou de Arezzo a Roma, e no primeiro Domingo de Quaresma, em 23 de Fevereiro, foi coroado no Vaticano.

Logo depois de sua eleição, estando ainda em Arezzo, escreveu ao Doge e Municipio da Genova attrahindo-os a paz com o Rei de Napoles e alguns senhores dessa cidade, com quem a Republica andava desavinda. Havendo cingido a santa Thiara immediatamente dirigiu a encyclica do costume aos Prelados e fieis da Christandade, implorando preces ao Altissimo em auxilio do seu Pontificado. Apertou com censuras os pertinazes da facção Gibelina, monumento vivo das maldades de Frederico II. Ao mesmo tempo procurou soccorrer, contra os Sarracenos, Affonso o *sabio* de Castella, impondo colectas, que mandou receber pelo Bispo de Oviedo, e dispondo uma Cruzada no Aragão, para que fez publicar as indulgencias pelo Metropolitano de Sevilha. Esforçou com o Imperador do Oriente Miguel VII para confirmar a união assentada no Synodo Legionense, e exortou os fieis para acudirem á Terra Santa. Restituiu os Florentinos ao seio da Igreja, fez conciliar os Pisanos e Luccenses, e empregou os mais prudentes e efficazes meios para dar fim áquelle bando Gibelino e ao dos Guelfos seu contrario. Quando a Igreja e a humanidade esperavam, que o Summo Pontificado de *Innocencio* lhes trouxesse dias de ventura, necessitaram cobrir-se de luto, porque foi Nosso Senhor servido coroar seus merecimentos, assaltando-o a morte em Latrão a 22 de Junho, havendo occupado a Cadeira de S. Pedro por so cinco mezes e dois dias.

Innocencio V, o primeiro que a Ordem Dominicana elevou ao Papado, antes deste havia testimunhado sciencia e piedade nos seus escriptos sôbre os *Cinco Livros do Pentateuco*, *Psalterio*, *Canticos*, *Evangelho de S. Lucas*, e *Epistolas de S. Paulo*, *Missus est Angelus*, *Magnificat*, e *Quatro Livros das Sentenças:* redigiu a *Compendio* a doutrina Theologica de S. Thomaz: ordenou os livros da *Materia do Ceo*, da *Eternidade do mundo*, do *Entendimento e da Vontade*, da *Unidade das formas*, da *Verdade Theologica*, uma *Chronica*, e outros opusculos. Não faltou quem reprehendesse suas proposições, porem S. Thomaz de Aquino, por ordem do Geral João Vercelense, defendeu n'uma obra especial em todas as relações seus trabalhos litterarios.[3]

[1] Pena, que, se eu não estou enganado, pela primeira vez se executou em França contra uns Manicheos, no começo do seculo XI, por ordem expressa de Roberto *o devoto*.

[2] Platina *De Vitis et Gestis Sum. Pontificum* — Aubery *Hist. Generale des Cardinaux* — Raynaldus *Annal. Eccl.* — Ughellus *Italia Sacra* — Ciaconius et Oldoinus *Vitae et Gestae Pontificum Rom. et S. R. E. Cardinal.* — Artaud de Montor *Hist. de Souverains Pontifes Romains* — Rohrbacher *Hist. Universelle de l'Eglise Catholique* — Moroni *Dizionario.* Um retrato de corpo inteiro.

[3] Platina *De Vitis et Gestis Sum. Pontificum* — Fr. Ambrosius de Altamura *Bibliotecae Dominicanae Incrementum ac Prosecutio* — Aubery *Hist. Generalle des Cardinaux* — Raynaldus *Annal. Eccl.* — Ciaconius et Oldoinus

27.°

Santo Padre JOÃO XX. — Nasceu em Lisboa na Freguezia de S. Julião este Summo Pontifice de uma familia illustre: seu pae foi Julião Rebello, e elle no baptismo teve o nome de *Pedro*, a que juntou o primeiro, de quem lhe dera o ser, como patronimico já usado com muita variedade no seu seculo, dando-se a conhecer por *Pedro Julião*, e fóra do Reino o nomeavam por *Pedro Hispano*. Seguiu a vida Ecclesiastica, e estudou todas as sciencias em Paris, pelo que obteve o grão de Mestre, e o honroso titulo de *Clerigo Universal*. Fez particularmente uso das sciencias philosophica e medica, e nellas compoz differentes obras com applauso dos sabios do seu tempo. Foi recebido entre os Capitulares da Igreja de Braga na dignidade de *Arcediago de Vermuim*; e estando ausente em Roma o elegeram elles Metropolitano em 1272: governou a Diocese desde logo, porque na qualidade de eleito o chamou ao Synodo geral Legionense no anno seguinte o Santo Padre Gregorio X. Os seus talentos e excellentes virtudes moveram o ânimo de Sua Santidade para o querer junto de si, recusando-lhe a confirmação na Archipiscopal de Braga, e trasladando-o á *Cardinalicia de Frascati* no proprio anno 1273. O seu amor á primeira destas Igrejas lhe dava motivo para ainda em 1275 usar cumulativamente o titulo de *Bispo Tusculano* com o de *Arcediago de Vermuim*. No anno antecedente votou como Prelado da Igreja de *Frascati* naquelle Synodo. Em 1276, por morte de Adriano V, no meio das turbações, com que o demonio intentou incommodar os Padres do Conclave, reunido em Viterbo a 13 de Setembro, foi *Pedro Julião* eleito successor daquelle Santo Padre, e tomou o nome de *João XX*. Passou a Roma, e recebeu a Theara em 20 daquelle mez, e logo suspendeu a constituição de Gregorio X publicada no Legionense sôbre a eleição do Summo Pontifice, que dera motivo ás inquietações de Viterbo pretendendo os Cardeaes aceitar a emenda, intentada pela santidade de Adrianno V: depois tratou de fazer castigar os auctores da sedição com o fim de evitar novas alterações em tão solemne época. Seguiu publicando a encyclica acêrca de sua exaltação pedindo por ella aos fieis, que orassem ao Senhor para o auxiliar; e differentes epistolas aos Soberanos attrahindo-os á devoção com a Santa Sé e com a Igreja em geral. Recebeu o juramento de fidelidade d'El-Rei Carlos de Sicilia pela investidura; e castigou com censuras a audacia dos Veronenses e Papienses inimigos deste Principe. Escreveu aos Prelados de França para affastarem da Cruzada, que se destinava á Terra Santa, quantos obstaculos encontrassem; e a El-Rei Filippe chamando-o á paz com o Rei de Castella, ponderando a necessidade della por causa da Cruzada, e porque eram escandalosas as dissensões entre os Principes Christãos. Filippe, entretanto, não fazendo caso das admoestações do Santo Padre, poz em campo um grande exercito, e quiz obrigar o Principe Eduardo de Inglaterra seu vassallo a encorporar-se nelle; mas este brioso Cavalheiro, que do illustro Affonso de Castella seu cunhado recebêra o cinto militar, duvidou tomar armas contra elle sem primeiro saber se rejeitava as leis da concordia.

No seguinte anno (1277) exacerbou-se a guerra entre França e Castella, que era originada da má vontade de Affonso a seu primogenito Fernando, mulher e filhos delle, pela qual pretendeu fazer recair a sua successão do Reino em Sancho seu filho segundo: por outra parte de nada valendo as insinuações de Eduardo, Affonso enviou sem dote e sem filhos aquella sua nora a Filippe seu irmão: o Santo Padre necessitou terminar por seus Legados a uma e outra Côrtes esta perigosa questão, obrigando a paz com censuras os dois Monarchas. Neste meio tempo os Mussulmanos de Africa intentaram infestar o Aragão; mas o Sua Santidade providenciou, dando a Pedro III as decimas do seu Reino para os guerrear; outro tanto fez em beneficio de Guido Conde de Flandres, que se preparava para a Cruzada da Palestina dando-lhe as dos seus estados. Disseminando-se erros contra a Fé na Universidade de Paris, e havendo-os condemnado o bom Estevão Bispo dessa cidade, acudiu *João* mandando inquerir de seus auctores para serem castigados. Ao mesmo tempo rebentava de novo a heresia em Italia; nos os Sermionenses, que haviam recebido os hereges, e por isso estavam excommungados, foram absolvidos pelo seu zêlo contra elles: não conseguiram comtudo a restituição ao seio da Igreja o Marquez de Monferrato e alguns Magistrados doutras cidades, porque o Santo Padre mandou subsistir as censuras, em quanto senão conhecia da causa. Sendo violada a liberdade Ecclesiastica em Portugal escreveu a Affonso III arguindo-o de intruzar Clerigos nas Igrejas, e admoestando-o á virtude e á guarda dos direitos Ecclesiasticos. Procurou com desvelo a reforma do Cabido do Vaticano; e preveniu o Imperador Rodolfo e o Rei de Sicilia para comporem suas desavenças por uma vez, a fim de que na vinda daquelle com o exercito a Italia se não accendessem de novo as questões dos Guelfos e Gibelinos. Havendo recebido embaixada de Abagha Grão-Kan das Tartaros cuidou logo de enviar Missionarios a seus estados; e preparou-se a unir a Igreja Grega com os mais firmes laços terminando as desavenças sobre o throno imperial do Oriente. Os Embaixadores de Abagha traziam ordem de requerer dos Reis de França e Inglaterra a Cruzada contra os Sarracenos, e esta era principalmente impedida pelas desavenças entre França e Hespanha: o Santo Padre desvelava-se em terminar essas desordens para attender á Palestina, onde nossas cousas não iam bem; porem Deos não quiz perpetuar-lhe uma vida cheia de esperanças permittindo, que desabasse sôbre elle o tecto de uma camara nova do palacio de Viterbo: ficou em tão miseravel estado, que morreu seis dias depois no Domingo do Espirito Santo, 16 de Maio deste anno, e foi sepultado na Igreja de S. Lorenço daquella Cidade.

Alguns o trataram como homem cheio de soberba e outros vicios; mas nem uma só prova existe, que abone similhantes libellos; em quanto as ha de sua affabilidade, benevolencia e caridade, como do seu zêlo pela immunidade Ecclesiastica, recuperação da Terra Santa, paz entre os Principes Christãos e orthodoxia. Deixou memoria de seus trabalhos litterarios em *Sermões*, e *Epistolas*, na *Logica*, e *Dialetica*,

Vitae et Res Gestae Pontificum Rom. et S. R. E. Cardinalium — Ughellus *Italia Sacra* — Sancta-Martha *Gallia Christiana* — *Art de Verifier les dates* — *Biographie Universelle* — Artaud de Montor *Hist. des Souverains Pontifes Romains* — Rohrbacher *Hist. Universelle de l'Eglise Catholique* — Moroni *Dizionario*. Um retrato de corpo inteiro.

nos *Problemas* e *Phisiognomio de Aristoteles*, no *Tratado dos olhos e formação do homem*, no *Thesouro dos Pobres*, no *Conselho de guardar a saude*, nos *Commentorios e conones Medicos*, nas *Glozas ocêrca da naturesa dos meninos sôbre Tegnis e Hippocrates*, e outros escriptos da sciencia medica.[1]

28.º

Santo Padre MARTINHO IV. — No castello de Montpensier na Tourene, e da familia Brion, nasceu este Summo Pontifice, que no Baptismo levou o nome de *Simão*. Do mesmo berço foi filho Gil de Brion illustre por suas acções militares, mas pouco afortunado com o exaltação do irmão illudindo-se-lhe as esperanças de grandesa, porque o Santo Padre não julgou podêr dispôr dos bens da Igreja: será daqui o primeiro elogio á virtude do successor de Nicolão III. Entrou *Simão de Brion* Conego Regular em S. Martinho de Tours, e dignamente exerceu o ministerio de Thesoureiro desta Igreja. Passou depois a Capellão da santidade de Urbano IV, que admirado da puresa de sua vida, havendo elle recusado a Codeira Episcopal de Anicio, o moveu por obediencia a aceitar a dignidade de Cardeal Preshytero do titulo de *Sonto Cicilio* em 1262. Duas vezes passou a França na qualidade de Legado da Santa Sé, a primeira no Summo Pontificado daquelle Popa, a offerecer a Corôa de Sicilia a Carlos de Anjuu contra Manfredo, que herdara todas as maldades de Frederico II seu pae; e a segunda no Summo Pontificado de Gregorio X, para attrahir ElRei Filippe á Cruzada. Por morte de Nicolao III seis mezes esteve vaga a Santa Sé, divididos os Cardeaes em duas parcialidades, até 22 de Fevereiro de 1281, em quo o *Cardeal de Santa Cicilio* foi eleito seu successor por unanimidade de votos, o com applauso universal pela integridade de costumes, grandesa de alma, excellento doutrina, e muita experiencia dos negocios, porém com absoluta repugnancia pessoal, que tornou necessario faze-lo aceitar á viva fôrça. Não quiz receber a sagrada Theara em Viterbo, onde fôra eleito, por causa das violencias praticadas com os Cardeaes da familia Ursina; e, passando a Orvieto, a 23 de Março o coroaram nesta Cidade. Viterbo ficou interdicta, os auctores das violencias praticadas na vacancia da Santa Se foram excommungados, e os Cardeaes presos obtiveram liberdade: entretanto enviou Legados a Roma para lhe prepararem o caminho da Cidade, e como Anjos de paz applacarem as desordens, que nella havia.

Com humildade proverbial, declarando-se indigno de Summo Pontificado, fez a encyclica dando parte da sua exaltação, e pedindo aos Prelados, que se lembrassem delle na presença do Senhor. Depois disto tratou de augmentar o Collegio Cardinalicio com varões eminentes; defender de seus inimigos os estados temporaes da Igreja; e para manter a concordia em Roma aceitou o logar de Senador, e o transferiu a ElRei Carlos do Sicilia. Cohibiu em França o abuso de subtrahir hereges e Judeos, recolhendo-se aos Templos, ás penas impostas por sua pertinacia debaixo do pretexto de immunidade; ordenou que novamente se inquerisse dos milagres do bom Rei Luiz do França, deu indulgencias a Filippe seu filho e a Magno Rei de Suecia, e excommungou o Imperador Miguel Paleologo pôr se separar da Igreja. No anno seguinte (1282) auxiliou Carlos de Sicilia com as decimas de seus estados por seis annos, da Sardenha e da Hungria para levar o Cruzada á Syria. Ordenou aos Principes Christãos, que se separassem da alliança com o Imperador do Oriente, contra quem renovou as censuras. A disposição de ElRei Carlos paro o Cruzada irritou Paleologo, que delle tinha motivo de receio; por outro lado João Porcida amigo da dynastia de Frederico II o instigava contra o illustro Principe de Anjou, chamava coutra elle ElRei de Aragão genro de Manfredo deposto do throno da Sicilia, e promovia entre os Sicilianos a rebellião: uma liga composta de todos estes elementos produziu a horrivel matança da tarde de 31 de Março, em que escaparam pouquissimos Francezes, e o Aragonez se acclamou defensor e senhor da Sicilia; o Santo Padre em dia da Ascenção, antes que o genro de Manfredo chegasse ao centro dos rebeldes, excommungou solemnemente todos os, que invadissem o Reino do Sicilia legitimamento dado a Carlos de França, como feudo da Santa Se; enviou Legado o Cardeal Sabinense para socegar os povos, e auxiliar o regresso do Soberano, e excommungou o Aragonez, e Paleologo por se alliar com elle. Estas questões fizeram echo em Roma, onde a familia Ursina inimiga de Carlos promoveu a rebellião; e por outra parte se aproveitava dellas Guido de Monferrato para exercer as suas maldades lançaudo mão de terras das Igrejas, mas foi excommungado com seus fautores: em outras Cidades os Magistrados Civis opprimiram a liberdade Ecclesiastica: o Santo Padre auctorisou os Prelados de Parma e Milão para cobibir estes excessos, e com o fim de desterrar a heresia estabeleceu Tribunal de Fé entre os Flormentinos o súpplica dos Magistrados da Cidade. Finalmente procurou neste anno com o amor de pae arrancar Ladislão de Hungria das torpesas, em quo se enlodova.

Em 1283 tudo se preparava para uma campanha horrivel entre os dois contendores da Sicilia: o Santo Padre chamou o auxilio de Eduardo de Inglaterra para impedir uma guerra desastrosa, procurou desviar della a Carlos descobrindo-lhe as tramas do Aragonez, e lhe prohibiu o duello, em que haviam convencionodo, sobre pena de excommunhão; mas o Siciliano com grande detrimento seu despresou todos os conselhos de Sua Santidade: entretanto *Mortinho* privou do Reino do Valencia, e antes disso do de Aragão, a Pedro: deu-os a Carlos de Valois, o concedeu as decimas por tres annos a ElRei Filippe seu pae com o fim de tomar a Cruzada contra Pedro. Este Principe tratou de pôr do seu lado os Venesianos; mas o Santo Padre o impediu, do mesmo modo que a expedição do Principe do Salerno á Sicilia, dando a Carlos seu pao uma pensão tirada das decimas. Socegadas novas alterações na Italia, *Mortinho* tratou do prover de mantimentos importados da Sicilio o povo Romano, que estava em penu-

[1] Platina *De Vitis et Gestis Summorum Pontificum* — Aubery *Hist. Generalle de Cardinaux* — Ciaconius et Oldoinus *Vitae et Res Gestae Pontificum Romanorum et S. R. E. Cardinalium* — Raynaldus *Annales Ecclesiastici* — Ughellus *Italia Sacra* — Fr. Antonio Brandão *Monarchia Lusitana* — Pereira de Figueiredo *Lusitania Sacra* — Artaud de Montor *Hist. des Souverains Pontifes Romains* — Rohrbacher *Hist. Universelle de l'Eglise Catholique* — Moroni *Dizionario* — Herculano *Historia de Portugal*. Um retrato de corpo inteiro.

ria; soccorreu lurgamente os pobres; procurou a paz entre Pisanos e Genovezes; ouxiliou Affonso de Castella contra o rebelde Sancho seu filho. Defendeu por meio de censuras o Bispo de Cracovia contra as tyranuias do malvado Dnque Lesko, que o privára da liberdade. Soliciton de Eduardo de Inglaterra, que não despresasse a expedição da Syria, e o reprehendeu pouco depois por haver lançado mão dos decimas destinodas á Cruzada violando um deposito sagrado, e lh'o mandnu restitnir.

Em 1284 renovou o Santo Padre as censuras contra Pedro de Aragão o contra os Sicilianos, que abraçavam sua causa; levantou contra elles Cruzada; e accrescendo oos males do rebellião a licença dos hereges solicitou dos Francezes, que tomassem a Cruz para os manter em respeito, dando novamente a Carlos de Valois os Reinos de Aragão, Valencia e Sicilia. Commetteu ao Prelado de Narbona fazer observar oos Aragonezes as censuras contra Pedro; e favoreceu o Principe Saleruo a levar uma expedição á Sicilia, á qual se incorporou o illnstre General Jnão de Epa; mas nāo teve effeito caiudo no porto de Napoles o Principe nas mãos dç seus inimigos. Novas turbações tiveram então logar em algumas partes de Italia, porem o Santo Padre os applacoo. Fez concessões a Magno de Suecia, e procurou restituir a liberdade Ecclesiastica offendida em Portngal, approvando em parte, e em parte reprovando a concordata do Clero com ElRei D. Diniz. Querendo Eduardo Rei de Inglaterro passar á Palestina contra os Serracenos lhe deu os decimas de seu Reino e de Escocia, consentindo o Rei. No anno seguinte (1285) ElRei Carlos de Sicilia morreu no meio dos preparativos da gnerra, e o Santo Padre deu podêr ao Cardeal Sabinense e ao Conde Roberto para compôr os negocios deste Reino: entretanto Conrado de Authiochia inimigo da Igreja passou a Apuliu; mas contra elle foi mandado João de Epa. No meio de tantas trihulações, qoe agitavam seu Pontificado, acabou santamente *Martinho* a 28 de Março deste anno: foi sepultado em S. Loorenço de Perugia, onde fallecêra, de lá trasladado á Igrejo de S. Francisco do Assis. Deos acreditou seus merecimentos com alguns prodigios depois da sua morte.[1]

29.°

Santo Padre NICOLÁO IV. —Em Alessiano do Bispado de Ascoli em Italia uasceu da familia Massia este Summo Pontifice, e no Baptismo tevo o nome de *Jeronymo*. Depois de fazer seus primeiros estudos em Perugia, professou ua Ordem dos Menores, onde tomou appellido da Diocese, em que viu a primeira luz; e coutinuando os estudos maiores saiu emiuente no philosophia e theologia, insigne Prégador, um dos mais illnstres doutores da sua idade, e S. Francisco sen Mestre o estimava muito por suas excellentes virtudes e letras. Foi *Jeronymo de Ascoli* Missionario na Tartaria com grande fructo, e exerceu o Magisterio no sua Ordem: no Capitulo de Pisa S. Boaventura o nomeou Provincial da Dalmacia; e o Sauto Podre Gregorio X com outros Varões illustres dos Menores o enviuu Legado ao Imperador Miguel para attrahil-o á communhão Catholica e ao Patriarcha de Constantinopola para vir ao Concilio ecumenico: entretanto, que estava ausente, no capitulo Legionense em 20 de Maio de 1274 foi eleito Geral da sua Ordem; e voltou depois de ter obtido o melhor successo de sua missão. Mandado com o Geral dos Dominicanos João de Vercelli a fazer a paz entre os Reis de França e Hespanha envion ao capitulo de Padua em 1277 a sua renuncia do Generalato; mas, em logar de lh'a aceitarem, o reelegeram por votos unauimes. Estando ainda nesta Legacia o Santo Padre Nicoláo III em 12 de Março de 1278 o creou Cardeal do titulo de *Santa Pudenciana*, e, por mais que allegou, teve necessidade de aceitar. Desta Legacia passou á Allemanha para compôr as differenças do Imperador Rodolfo com ElRei Carlos de Sicilio e Margarida viuva de S. Luiz. Depois, em 23 de Março de 1281, Martinho IV o promoveu a Igreja de *Palestrina*. Depois de uma vacante de oito mezes pela morte de Honorio IV, em rasão da epidemia, que affligiu us Purpurados do Conclave foi o veneravel *Bispo Prenestino* eleito unanimemente no primeiro escrutinio em 23 de Fevereiro de 1288, e em dia de S. Mathias recebeu a sagrada Theara no Vaticano, apesar da sua grande repugnancia. Foi elle o primeiro Summo Pontifice do sua religião, e na encyclica do costume mostrou o grande effecto, que o esta professava.

Logo que tomou conta dos negocios do Igreja traton das questões da Sicilia, que o bôa fortnna da casa de Aragão havia obtido, ficando Jayme segundo filho do invasor com a posse daquelle Reino. Joyme com os Sicilianos recusavo obedecer aos mandados da Santo Se; e por mediania de Eduardo de Inglaterro fez com ElRei Affonso seu irmão pactos ignominiosos ú Igreja e o Carlos Principe de Salerno, que Affonso retinha captivo: annullando aquelles pactos procurou o Sauto Padre aconselhar este Principe ao bom caminho; reprehendeu os Sicilionos, intimando-os o voltar a obediencia; e Jayme, a ceder de suas injustas pretensões: presistindo Affonso, apesar da affectada submissão, *Martinho* concedeu as decimas de Fronça a ElRei Filippe para introduzir seu irmão á fôrça de armas nos estados do Aragonez: entretanto que Affonso com medo soltou o Principe de Salerno de accôrdo com o Rei de Inglaterra a condição de obter de Sna Santidade, que as Ilhas de Sicilia ficassem o elle e a seu irmão Jayme. Deste negocio passou o Santo Padre a dar attenção aos, que não importavam menos, procurando mänter illesa a immunidade Ecclesiastica em França e na Inglaterra; esforçando-se para attrahir a concordia o Doge de Venesa sôbre os castellos, que recusava entregar ao Patriarcha de Aquilea; ordenando ao Metropolitano de Strigonia, que levantasse uma Cruzada em Hungria, Bohemia, Polonio, e Allemanha contra os Serracenos o outros infieis, que opprimiam a Terra Santa. A fim que o Culto Catholico não perigasse por causa da heresia Waldense, que iufestava algumas Provincias de França, escreveu aos senhores e magistrados de Arles, Aix, e Embrun confirmando as leis, que Frederico II, quando Catholico, fizera contra os hereges, e poz Inquisidores nestas Provincias os Religiosos Menores: o seu zêlo foi mais

[1] Platina *de Vitis et Gestis Summorum Pontificum* — Aubery *Hist. Generalle des Cardinaux* — Raynaldus *Ann. Eccl.* — Ciaconius et Oldoinus *Vitae et Res Gestae Romanorum Pontificum et S. R. E. Cardinalium* — Ughellus *Italia Sacra* — *Biographie Universelle* — Artaud de Motor *Hist. des Souverains Pontifes Romains* — Rohrbacher *Hist. Universelle de l'Eglise Catholique* — Moroni *Dizionario*. Um retrato de corpo inteiro.

longe, pretendeu acabar com os erros contra a Fé em toda a parte, escrevendo aos fieis de todo o orbe contra todos os hereges, declarando-lhes, que a Igreja os havia condemnado, e por isso estavam relaxados ao podêr temporal para os julgar, declarando, que seriam condemnados a carcere perpetuo os, que fizessem penitencia, e excommungando quantos não castigassem os outros. Dirigiu a Urosio, Estevão, o Helena sua mãe, Reis dos Slavos para attrahir seus vassallos á Igreja, e enviando-lhes dois Religiosos Menores para a conversão: o mesmo praticou com os Tartaros; porem o que maior louvor merece é a Missão desses Religiosos Menores e dos Dominicanos, que enviou aos Serracenos, Gregos, Bulgaros, Comanos, Valaquios, Colchidus, Syrios, Iberos, Alanos, Gazares, Godos, Cires, Ruthenes, Jacobitas, Nubios, Nestorianos, Georgianos, Armenios, Iudios, Moscelitas, Tartaros, Hungaros da grande Tartaria, Christãos captivos entre os Tartaros, e a outras Nações do Oriente separadas da communhão Catholica. Finalmente exigiu do Rei de Chypre soccorros á Palestina, consagrou Patriarcha do Jerusalem a Nicolão, deu-lhe o Pallio, e o constituiu Legado Apostolico na Syria, Jerusalem, Chypre, e Armenia.

Em 1289 coroou Rei de Sicilia a Carlos II recebendo delle o juramento de fidelidade; absolveu-o, como a Eduardo de Inglaterra, o aos Provençaes das promessas solemnes pactuadas com Affonso de Aragão. Recebeu oradores de Portugal sôbre as questões de D. Diniz com o Clero, deu podêr aos Prelados para as terminarem, absolveu das censuras os ministros Regios, e prescreveu a ElRei a forma do juramento nesta causa: deu o perabem a Sancho de Castella pela paz com Filippe de França; reprehenden este de não consentir procuradores aos Prelados em suas demandas; e defendeu o Arcebispo de Colonia das prepotencias, que soffria de alguns senhores, incumbindo ao de Treveris excommunga-los, e multa-los, se o não soltassem; e mais adiante adjudicou o Arcebispo de Moguncia a esta Legacia, e pediu auxilio de armas ao Imperador Rodolfo em beneficio do Coloniense afflicto. Abrogou a constituição de Gregorio X sôbre a eleição do Papa; mas o facto da diuturnidade da Se vaga por sua morte fez ver o prejuiso dessa medida. Promulgou lei severa contra os hereges, e concedeo aos Venesianos, que os bens delles revertessem em beneficio de sua Republica: esforçou-se em trazer ao seio da Igreja o Patriarcha dos Jacobitas e outros Prelados da Asia e da Africa, os Reis da Armenia, Georgia e Iberia, Argon dos Tartaros da Persia, o Grão-Kan da Tartaria, e o Imperador da Ethiopia: chamou os fieis á guerra santa por causa da devastação de Tripoli, e encarregou o Bispo desta Cidade de pregar a Cruzada: por ultimo concedeu as decimas a Eduardo de Inglaterra com a condição de tomar o caminho da Syria, reprehendendo-o entretanto de attentar contra a immunidade Ecclesiastica.

Em 1290 publicou a Cruzada, indulgenciou-a, deu as decimas aos Venesianos, solicitou do Rei de França soccorros para ella; a declarou a Eduardo do Inglaterra, que toda a armada havia partir pelo S. João, d'ahi a tres annos. Enviou Legados a Affonso de Aragão para a paz com o Rei Carlos de Sicilia, e chamou a juizo seu irmão Jaymo com os Sicilianos rebeldes; exhortou os de Gaeta á fidelidade a Carlos Rei ligitimo; vedou as cidades do dominio da Igreja fazer colligações, a abrogou as já feitas; excommungou Guido do Monferrato pelos damnos causados aos povos auxiliares da Santa Se; chamou a juizo o Duque de Carinthia a o Conde de Tyrol, por opprimirem o Bispo de Trento; mandou julgar pelos Prelados de Moguncia e Trento os, que affligiam o de Colonia; e admoestou os Reis de França o Inglaterra para respeitarem a immunidade Ecclesiastica.

Ladislão do Hungria continuava em suas maldades em prejuizo da Fé, e obrigando a André seu irmão a acolher-se á Duqueza Conegundes em Polonia: em virtude disso *Nicolao IV* solicitou o Imperador e os Principes visinhos para soccorrerem a Hungria, e nella procurarem manter o culto Catholico. A pedido dos Reis de Castella e Portugal creou Bispo de Marrocos a Fr. Rodrigo Religioso Menor, e pediu aos Christãos dos estados Barbarescos, que o auxiliassem na conversão dos Mouros: dau ordem para se castigarem os Judeos, que procuravam infeccionar os Christãos com suas superstições: obrigou os Prelados a esforçar-se para manter illesa da heresia a Fe; e condemnou os impostores, que ousavam invocar para sua seita o nome dos Apostolos.

Em 1291 adeantou a expedição da Syria, chamou os fieis para seguirem o caminho do Rei de Inglaterra, concedeu-lhes indulgencias e decimas, solicitou auxilio de El-Rei de França, dos Genovezes e Venesianos, prohibiu tregoas com os Serracenos, mandou celebrar Synodos Provinciaes para tratar do gravo negocio da Cruzada, e exhortou Argon Rei dos Tartaros e outros Principes orientaes, para que nella auxiliassem os occidentaes. Procurou attrahir Saron e Cassiano Principes Tartaros a Fe, e metteu nesto negocio a Rainha ja convertida: enviou uma Missão de Religiosos de S Francisco á Persia: chamou a união da Igreja o Arcebispo e o Imperador dos Bolgaros, e pediu a Helena Rainha da Servia, que para isso concorresse. Mandou consagrar pelo Arcebispo Antibarense a Pedro eleito Bispo da Igreja de Sava na Albania, então restaurada. Enviou Legado a Hungria para conhecer, se Ladislao incorrêra em heresia; declarou este Reino feudatario da Santa Se, prevenindo por isso o Imperador Rodolfo da nullidade da nomeação de seu filho Alberto; o mandou ao Arcebispo de Strigonia, que defendesse a Hungria em qualidade de feudo Apostolico. Quando Affonso de Aragão se preparava a submetter-se á Santa Se plenamente, e tratar com o Rei de França, morreu: Jaime seu irmão foi prevenido pelo Santo Padre para não tomar posse do Reino sem se compôr com a Igreja: em quanto Sua Santidade dissuadiu a El-Rei Filippe de desistir das pretensões de seu filho aquelle Reino. Procurou finalmente defender o Arcebispo de Salisbourg contra as invasões de Othon de Saxonia; e recorreu ao Rei dos Romanos contra o Duque de Carinthia e Conde do Tyrol, que não se aquietavam nas invasões contra a immunidade Ecclesiastica.

Em 1292 solicitou soccorro d'El-Rei de França em favor da Armenia invadida pelos Serracenos, e convidou por meio de indulgencias os fieis para soccorrerem aquelle Reino. Em obsequio da Cruzada tomou o Santo Padre debaixo da protecção da Santa Se os Estados d'El-Rei Eduardo, e as terras de todos os Cruzados; e, esforçando-se para que os Genovezes prestassem soccorro ao Rei de Sicilia contra os Aragonezes Jayme e Frederico seu irmão, acabou esta vida a 4 de Abril do corrente anno, e foi sepultado na Basilica de Santa Maria Maior. Bastaria só a paciencia, com que soffreu os Romanos, para ter grande merecimento com o Senhor: porque logo a principio do seu Pontificado necessitou passar a

Reate, e apenas no fim da vida pôde tornar á Cidade, que era da Igreja! A devoção para com a Santissima Virgem elle a manifestou bem claramente procurando augmentar seu culto: o seu zêlo acêrca do incremento da Religião ficou bem provado com as Missões e esforços para a abraçarem differentes potentados da Asia e Africa: o que teve pela santa moral patenteou-se nos intentos da reforma do Clero e do Monastico, e pela confirmação dada á Ordem Carmelitana: o augmento do Culto mostrou deseja-lo com as indulgencias concedidas á Igreja de Latrão e de S. Francisco em Assis, e com o templo, que mandou fundar em Orvieto. Querendo auxiliar a piedade dos Principes, concedeu ao Duque de Austria, que não pudesse ser excommungado sem consenso da Santa Sé; e tomou debaixo da protecção de S. Pedro a Estevão Rei da Servia. Amigo dos bons estudos fez instituir a Academia de Montpellier; deu permissão ao Arcebispo de Bezançon para fundar outra; e privilegiou a de Portugal. Deixou memoria de suas letras em *sermões da Virgem, dos Santos*, e *do Tempo*, *Postillas a Sagrada Escriptura*, *Commentarios aos quatro livros das Sentenças*, e *Summas*; e demais destas obras, muitas *Epistolas* e varias *Constituições*.[1]

30.°

Santo Padre GREGORIO XII. — Em Veneza da familia *Corario*, uma das patricias dessa famosa Republica, nasceu este Summo Pontifice filho de Nicolao e Polixena, e foi baptisado com o nome de *Angelo*: seguiu a vida Ecclesiastica, e estudou a faculdade da Sagrada Theologia, em que obteve grao de Doutor. Era venerado pela sciencia, puresa de costumes e prudencia, quando em 1379 por voto do Clero e suffragio do povo succedeu no Bispado de Veneza. Desta Igreja foi promovido em 1290 pela santidade de Bonifacio IX á Patriarchal de Constantinopla com a administração da Diocesana de Calcide na Ilha Eubea, por então sujeita no temporal a Veneza. Em 1299 o Santo Padre o enviou a Napoles em qualidade de Nuncio para attrahir esta cidade e sua provincia a Ladislao Rei de Sicilia, o governar o Arcebispado, que por esse tempo estava vago, provendo seus beneficios, e absolvendo os, que abjurassem o scisma negando-se ao Anti-Papa Bento XIII. Dando plena satisfação do encargo, teve a Legacia do Piceno, e o Santo Padre Innocencio VII o nomeou Cardeal Presbytero do titulo de *S. Marcos*. Havendo fallecido este ultimo Papa em 6 de Novembro de 1406, quando a Igreja de Deos era vexada pelo scisma de Avinhão, os Cardeaes da communhão Romana se reuniram em Conclave no dia 23 desse mez, e declararam solemnemente, usando do mais saudavel conselho, que aquelle sôbre quem recaisse a eleição se consideraria menos Summo Pontifice do, que procurador para abdicar o Papado, quando fôsse necessario a fim de terminar o scisma; procedendo a eleição recaiu ella sôbre o *Cardeal de S. Marcos*, que tomou o nome de *Gregorio XII*. Rectificou este, e approvou a declaração anteriormente feita, no dia 23 de Novembro, por todos os Membros do Sacro Collegio. A 5 de Dezembro seguinte recebeu a sagrada Theara no Vaticano, e no dia 11 escreveu ao Anti-Papa Bento XIII. dando-lhe parte do facto do Conclave, em que teve logar sua eleição, e declarando, que estava prompto a resignar, se elle, por bem da união, fizesse outro tanto para se eleger um terceiro. Por igual forma patenteou ao Collegio dos Anti-Cardeaes, aos Prelados, Reis, Principes e Povos da Christandade.

No anno seguinte a 30 de Janeiro o Anti-Papa respondeu de Marselha com uma carta bem alheia da sinceridade, com que havia sido escripta a do legitimo Papa. Manifestava disposição a tratar conjuntamente de extinguir o scisma, porem do modo que não entendia haver disso urgencia, segundo della se manifesta. Apenas os Prelados e fieis das Igrejas de França e Hespanha lhe obedeciam; e a sua carta era tão capciosa, que os Francezes entraram em desconfianças, sôbre se elle reservava alguma traição para o momento de se juntar com *Gregorio*. Neste negocio parece, que nada havia a fazer senão enviar cada um sua renuncia aos Cardeaes de ambas as communhões reunidos para elegerem novo Papa, mas não era isto, que o falso Bento XIII queria. El-Rei de França depois de reunir os Estados, e lhes manifestar os justos receios, de que nada aproveitaria á reunião o accesso de ambos os contendores n'um logar, deliberou, que a conveniencia era renunciar cada qual delles, em presença do seu Collegio, e para isso poz os meios: entretanto o Santo Padre nomeou Legados para proporem ao Anti-Papa uns vinte e tres capitulos de convenção sôbre o modo de se juntarem para tratar este importante negocio. Por este tempo os subditos da Igreja de Liege, que o Santo Padre Innocencio VII pôde trazer á communhão da Santa Sé fazendo permanecer o Eleito João contra o scismatico Theodorico, se subtrahiram á obediencia por sua morte: *Gregorio* nas letras Apostolicas a Eleito lastimou essa desgraça, declarou corpo acephalo os subditos de Liege, e o auctorisou para annular quanto fizesse Theodorico de novo intruso. O Anti-Papa aceitou as convenções propostas, e o Santo Padre immediatamente fez annunciar a proxima união da Igreja em França, Inglaterra, Bohemia, Hungria, Polonia e Portugal; mandou o Bispo de Bolonha a Marselha para exigir do contendor e do seu Collegio o juramento de guardar os Capitulos approvados, e protestou solemnemente, que não usaria de fraude com o Anti-Papa; applicou as decimas para as despesas: a este respeito escreveu aos Prelados de differentes Igrejas; e pediu subsidio ao Rei de Inglaterra. Savona no Genovezado era o ponto da reunião, porem differentes causas, entre ellas a repulsa dos Venezianos a prestarem embarcações, e a má vontade de Ladislao de Sicilia, que receava alguma disposição tomada ali a favor de Luiz de Anjou seu competidor, obrigaram *Gregorio* a declarar ao Anti-Papa a necessidade de mudança de local: não assentiu este; e o Santo Padre não tardou a receber embaixada dos Genovezes e Savoenses offerecendo bons officios, do Anti-Papa com quem fez novos pactos de sua segurança pessoal, e outra numerosa de Prelados e membros do Clero e outras pessoas de França em nome de El-Rei, para o mover a abdicação, emittindo a idea da urgencia de um Concilio

[1] Platina *De Vitis et Gestis Summorum Pontificum* — Aubery *Hist. Generalle des Cardinaux* — Raynaldus *Annal. Eccl.* — Ciaconius et Oldoinus *Vitae et Res Gestae Romanorum Pontificum et S. R. E. Cardinalium* — Ughellus *Italia Sacra* — Artaud de Montor *Hist. des Souverains Pontifes Romains* — Rohrbacher *Hist. Universelle de l'Eglise Catholique* — Moroni *Dizionario*. Um retrato de corpo inteiro,

geral. A má fé do Anti-Papa nada deixava esperar e por outra parte a ambição de Ladislão do Sicilia atomorisava o Santo Padre, e deu causa á sua hesitação: alem disto as sementes do regalismo, que já fructificavam nos enviados de França, não promettiam grandes esperanças a *Gregorio* de se terminar com um Synodo geral mesmo os prejuisos do scysma. Apesar disto tomou o caminho de Savona em 9 de Agosto, saindo de Roma para Vitorbo; mas Ladislão cuidou em invadir a Cidade, e o Anti-Papa tratou do preparar uma armadu para a tomar em sua ausencia. De Viterbo escreveu a Carlos de França declarando os justos receios de passar a Savona, o queixando-se com modestia da iasolencia de Simão de Cramaudo pseudo-Patriarcha Alexandrino, presidente da embaixada Franceza, que se portou com Sua Santidade de modo mais proprio á divisão, que á união. Escreveu sôbre a escusa de passar a Savona a outros Principes Francezes, o a Universidade de Paris: entretanto auctorisou o Marquez de Monferrato para exigir dos Savonenses juramento da segurança da sua pessoa, e de compôr as cousas com Venesianos e Genovezes, por forma que não houvesse perigo; e ao Senhor de Cremona para exigir do Dogo de Genova, que se lhe entregassem cento e cincoenta refeas a fim do que elle, o Collegio, e pessoas de seu sequito pudessem ir a Savona livres de receio: passou entretanto a Sena: e Ladislão rompeu as hostilidades tomando algumas possessões do estado Ecclesiastico, invadiu Roma depois do arrasar seus muros, e declarou guerra ao Santo Padro: queixou-se este, pediu a restituição, intentou castigar o Siciliano, e despojou-o do governo da Campanha. Desamparado de quem lhe devia ser fiel, e receando, com razão justificada, de se prepararem traições em Savona, por lho haverem faltado u pactos e promessas, expoz os causas gravissimas, que legitimamente o impediam de passar áquelle ponto, declarando ser temeridade expor-se ao inimigo. Apesar de tudo isto muitos o culparam, de que tudo quanto obrava eram evasivas para esquivar-se á renuncia, e levaram a cousa mais longe affirmando, que elle para effectua-la pactuara com os Cardeaes de sua communhão certas conveniencias para si e para os seus; mas isto esta bem longe de ser verdade: e comtudo certo, que procurou debalde chamar o falso Bento XIII a reunir-se, e que pelo contrario esta declarou, que nunca se sujeitaria. Em quanto estas cousas se passavam Sigismundo Rei de Hungria preparou uma expedição contra os Turcos, e o Santo Padre procurou attrahir os fieis a segui-lo.

No anno seguinte (1408) o Anti-Papa não perdia occasião de opprimir o Santo Padre, em quanto este informava a Christandade do estado da questão, e das traições, que lhe armava o competidor: entretanto Ladislão progredia na hostilidade, entrando pessoalmente em Roma, invadiado as cidades da Igreja, e escrevendo ao Rei de França, que desistisse da empresa tomada, porque, em logar de dois, teria tres Papas: ao mesmo tempo o Anti-Papa Bento se esforçava por tomar Roma. Para maior desgraça o Santo Padro intentou crear novos Cardeaes contra o que promettêra, resistindo-lhe os antigos no dia 3 de Maio; mas elle o fez investindo da Purpura seos sobrinhos Antonio Corario, varão eminento em santidade, Gabriel Condelmurio, que cingindo a Theara se chamou Eugenio IV, e depois destes João Utinense e Frei João Domingos, declarando os velhos Cardeaes, que nunca os reconheceriam. Resultou daqui ser desamparado no dia 4 deste mez pelo sacro-Collegio, cujos membros reunidos em Pisa a 14 do mesmo mez manifestaram á Christandade a justiça de sua causa, havendo no antecedente dia tratado da convocação de um Concilio geral, como unico meio de acabar o scisma. Estava demonstrado, que o Anti-Papa a pretexto da reunião queria occupar Roma, e por fôrça enthronar-se na Cadeira de S. Pedro, lançaado mão do Santo Padre *Gregorio*; mas tambem o estava, que este faltára á promessa solemne feita antes da sua eleição, e rectificada solemnemente depois della: por isso louvavel rasão de seu procedimento tinham os Cardeaes para reunir o Synodo geral, que effectivamente convocaram em Liorno, chamaodo os Prelados de ambas as communhões, e o proprio collegio do Anti-Papa para se reunirem em Pisa. Desde então até ao dia 25 de Março do anno seguinte (1409), em que so abriu a primeira sessão do Synodo geral, passaram as cousas tratando o Santo Padre de impedi-lo por se celebrar sem seu consentimento. Duro é ter de approvar, opesar das bôas rasões dos Cardeaes, o seu procedimento, o muitos com Santo Antonino o levaram a mal: as circumstancias, porém, eram extraordinarias, o a numerosa concorrencia dos Prelados de ambas as communhões, será talvez o meio legitimo da justificação: é entretanto certo que os actos do Concilio foram posteriormente reconhecidos pela Igreja, o Alexandre V nomeado para succeder a *Gregorio* reverenciado como Vigario de *Jesus Christo*. Reunido o Concilio debaixo da presidencia do Cardeal Decano do um e ootro sacro Collegio foram forçados a ceder do Summo Pontificado os dois contendores *Gregorio*, e o Anti-Papa Bento XIII, e eleito successor do primeiro e unico Papa Alexandre V.

Gregorio celebrou então um Synodo em Udine na provincia de Aquilea, em que declarou estar disposto a ceder, se outro tanto fizesse seu legitimo successor, e o falso Bento XIII, deu podêres para assignarem logar o tempo da renuncia ao Imperador Roberto, e aos Reis Ladislão da Sicilia, e Sigismundo de Hungria, ou ao caso do recusa de seus adversarios convocarem Concilio, a que promettêra assistir e obedecer: comtudo suas cousas foram cada vez peior desamparando-o aquelles, de quem tinha direito de esperar auxilio: escapando de uma cilada, que os Venezianos lhe preparavam, entrou em Abruzo, e passou a Gaêta debaixo da protecção de Ladislão; ate que não podendo já contar com o apoio deste Principe, enviou sua renuncia ao Synodo geral de Constança, que o nomeou Bispo do Porto, Deão do Sacro Collegio, e Legado perpetuo da Marca. Falleceu em Recanati com bôa opinião, em 4 de Julho de 1417, o abrindo-se o seu tumulo em 1623, se achou seu corpo incorrupto e revestido dos habitos Pontificaes.[1]

[1] PLATINA *De Vitis et Gestis Summorum Pontificum* — AUBERY *Hist. Generalle des Cardinaux* — RAYNALDUS *Annal. Eccl.* — CIACONIUS et OLDOINUS *Vitae et Res Gestae Pontificum Romanorum et S. R. E. Cardinalium* — UGHELLIUS et COLETI *Italia Sacra* — ARTAND DE MONTOR *Hist. des Souverains Pontifes Romains* — ROHRBACHER *Hist. Universelle de l'Eglise Catholique* — MORONI *Dizionario*. Um retrato de meio corpo

31.ª

Santo Padre ALEXANDRE V.—Na Ilha de Candia um Religioso Menor Italiano encontreu um menino pobre, de quo não póde saber a familia, nem a patria, mas apenas quo se chamava *Pedro Filargo:* este e o proprio, que depois a Igreja de Deos venerou seu Chefe debaixo do nome de *Alexandre V*, e que a hora da morte declarou ser natural de Bolonha, sepultando no esquecimento outra noticia de sua origem. Aquelle bom Religioso, compadecido da miseria *Pedro*, o levon ao Mosteiro para servir na Igreja, lançou-lhe o habito da sua Ordem, instruiu-o nos linguas grega o latina, e voltando a Italia o trouxe comsigo servindo-lhe de pae. Passon Fr. *Pedro Filargo* depois a estudar nas Universidades de Oxford e Paris, o nesta obteve o grão do dontor na sagrada Theologia: tornou-se depois celebre entre os Lombardos por suas virtndes, escriptos, prégações e magisterio na Universidade de Pavia, eem o nome de Fr. *Pedro de Candia*, e o titulo de *Doutor Refulgido;* e Jeão Caleazo Vesiconti, primeiro Duque de Milão, lhe abriu o caminho para a mais alta fortuna, chamando-o a seus conselhos, e deixando-o por ana morte tutor de seus filhos. Esto Principe lhe devou tambem muito nas pretensões de elevar o senhorio de Milão á cathegoria de ducado, servindo-se da sua grande capacidade para ohter do Imperador Venceslão em 1396, a meio de dinbeiro, esta graça. Por influencia de Galeazo e em fôrça de sen bom nome foi provido em 1386 na Cadoira Pontifical de Piacenza, em 1388 trasladado á de Vicenza, e logo á de Novara, da qual em 1402 o promoveram á Archiepiscopal de Milão, que regen até 11 de Julho de 1407, qoando o Santo Padre Innocencio VII o nomeou *Cardeal Presbytero do titulo dos Santos Apostolos;* e o enviou Legado a Aquilea, posteriormente a Lombardia e Liguria para applacar as sedições, que por morte do Duque João Galeazo tiveram logar nestas provineios, e por ultimo o constituiu Legado de Viterbo.

O Santo Padro Gregorio XII, contra a promessa mais solemne, ereon novos Cardeaes em 1408: este facto irritou os Purpurados de sua communhão, e os obrigon a desampara-lo, e a promulgarem o Concilio, que se reuniu em Pisa no anno seguinte, concorrendo Prelados de ambas as commnuhões com os Collegios ambos. Muito se allega em desabôno deste Synodo; e parece, que a rasão mois forte é a de se baver convocado sem audiencia do legitime Papa, e contra snn vontade; mas esta rasão nos circumstoncias da época póde não ter a fôrça, quo se lhe quer dar. Se o Cardeal Cessa, que posteriormente foi eleito summo Pontifice com o nome de João XXII, era hemem máo, e o anctor de quanto se obrou contra a Santidade de Gregorio XII, é eminentemente certo, que é um homem Santo, o Cardeal Colona, depois successor de S. Pedro com o nome de Martinho V, quando todo o Collegio do Gregorio XII repugnova a nova eleição do Cardeaes por causa dos males, quo d'ahi se deviam seguir, se lançon aos pés do Santo Padre, e prostrado por terra lhe pedin, que desistisse do intento. Não julgo por ontra parte, que do augmento e permanencia do scisma se devam tirar illações contra a legitimidade do Concilio, porque apesar das notas de precipitação o da influeneio de Cossa no Conclave temos necessidado de reflectir, qne chegando as cousas a um rompimento formal com Gregorio e com o Anti-Papa não era de modo algum possivel deixar de proceder á eleição como meio unico de fazer sair do ceutro do Concilio uma entidade em harmonia com elle. A unica rasão, qoe en tenho contra o Synodo é considerar Pedro de Luna verdadeiro Anti-Papa na mesma linha de conta, que Angolo Corario legitimo Popa, e de cuja commnnhão teve origem o proprio Synodo: como quer que seja, é preciso respeita-lo, porque a Igreja recebeu então e posteriormente *Alexandre V* como successor de S. Pedro.

Na sessão 15.ª do Synodo de quo se trata, havida no 1.º do Junho de 1309, se deu sentença definitiva contra o Santo Padre Gregorio XII e contra o folso Bento XIII, privando-os dos direitos, que cada qual tinha, e separande-os do communhão do Igreja. Na 16.ª sessão, em 10 deste mez, os Cardeaes de ambos os Collegios unidos se obrigaram a reconhecer como legitimo Papa o, que fosse eleito com opprovoção do Synodo. Na sessão 19.ª, de 15 do mesmo mez, se decreton, qno os Cardeaes se rennissem em Conclave para eleger Summo Pontifice. No dia 26 do mesmo mez os Cordeaes reunidos em Conclave elegeram ao *Cardeal dos Santos Apostolos Pedro de Candia*, que com o nome de *Alexandre V* recebeu a sagrada Theara em 7 de Julho, havende confirmado na sessão 20.ª do 1.º deste mez os actos do Concilio, e qnanto os Cardeaes tinham ohrado desde 3 de Maio do anno antecedente, e depois na sessão 21.ª, de 10 do mesmo mez, quanto se havio feito, o revogon todas as sentenças dadas na causa do scisma pelos Summos Pontifices, que durante ello presidiram: demais disso declarou convocado novo Synodo Geral para d'ahi a tres annos. Nem um nem outro dos contendores estiveram pelo decisão, sendo ambos conformes em declarar, que os Cardeaes não tinham ancteridodo para convocar Synodo Geral, e cada qual por seu lado tenton fazer valer os proprios direitos.

Alexandre favoreceu Luiz Anjon nas suas pretensões á Sicilia contra Ladislão, qne se apresentou hostil á Igreja; recenperou o Patrimonio, e a eidade de Roma por industria do General Paulo Ursino; e exigin de ElRei Ladislão as cidades tomadas. Ordenon ao Arcebispo de Praga, que procurasse acabar a heresia de Wicleff, qno infestava a Bohemia e a Moravia, e estabelecesse juiso contra os herejes, em cujo numero ora comprehendido o famoso João Hus. No anno seguinte (1410) decretou contra os dois contendores do Popado, sancionon de novo os actos do Synodo Pisano, o ereou Legado para Roma, que se lhe submettêra, o Cardeal de Santa Praxedes. No dia 3 de Maio estando em Bolonha sentiu-se proximo da morte; ehamou os Cardeaes, a quem exhorton á concordia e a manter a dignidade da Igreja; e declarou, quo os decretos do Concilio do Pisa foram sinceros. Depois se despediu delles com as palavros do Salvodor «*Pacem meam do vobis, pacem meam relinquo vobis;* e recebidos os Sacramentos, expirou cem demonstrações de piedade. Os Cardeaes elegeram então Summo Pontifico ao Cardeal Diacono de Santo Eustachio Balthazar Cossa, que tomou o nome de João XXII: entretanto dureu o scisma,

até que o Cardeal Diacono de S. Jorge Eudo Colona, com o nome de Martinho V, foi eleito por votos unanimes no Conclave da 41.ª sessão do Concilio de Constança em 1417.[1]

32.º

Santo Padre EUGENIO IV. — Nasceu este Summo Pontifice em Veneza a 25 de Março de 1383, filho de Angelo Condelmerio, Patricio da Republica, e de Beriola Corario irmã do Santo Padre Gregorio XII; e no baptismo teve o nome de *Gabriel*. Foram seus irmãos Marcos, que continuou a casa, e Polixena mulher de Nicolão Barbo, de que teve filho o Summo Pontifice Paulo II. Ficando orfão ainda menino tomou conta da sua pupilagem *Gregorio XII*, nesse tempo Bispo de Veneza; e posteriormente fundando seu primo Antonio Corario, com quem fôra educado, a congregação dos Conegos de S. Jorge da Alga o seguiu, e tomou com elle o habito dando aos pobres o que possuia. Elevado depois a Cadeira de S. Pedro o Bispo seu tio materno o chamou a Roma, e o fez Conego de Verona, e successivamente Protonatorio Apostolico, Camareiro, Thesoureira da Santa Sé, e Bispo de Sena, não tendo ainda idade legitima. Regeu esta Igreja desde 1407 ate ao anno seguinte, em que o Santo Padre, a 12 de Maio, contra o que havia jurado, o publicou *Cardeal Presbytero do titulo de S. Clemente;* mas não foi reconhecido senão depois que, no Synodo de Constança, seu tio apresentou a renuncia do Papado; e por esse facto assistiu em tal qualidade as ultimas sessões daquelle Synodo, e á eleição do Santo Padre Martinho V, que o nomeou em 1421 Legado do Piceno. Neste cargo attrahiu á obediencia da Santa Sé os povos, aterrou os que pretendiam mudanças politicas, restabeleceu a Igreja de Santa Ignez em Ancona, e restaurou o porto da Cidade destruido pelas violencias do mar. Seguiu occupando a Legacia de Bolonha, onde tratou de conter os sediciosos, que pretendiam subtrahir a cidade á obediencia da Santa Sé. No Cardinalato teve em commenda a Abbadia de S. Jorge maior, que conservou até á sua exaltação ao Summo Pontificado em 1431, e a deu então aos Monjes da Congregação de Santa Justina. Nesse anno (1431), havendo fallecido o Santo Padre Martinho V, foi elle eleito seu successor por votos unanimes, no terceiro dia do Conclave em 3 de Março, e solemnemente coroado com a sagrada Thiara a 11 do mesmo mez: deste modo se cumpriu a prophecia, que no Egypto um Eremita fizera a Angelo Condelmerio, de que seu filho *Gabriel*, então menino, seria elevado no mais alto grão do Sacerdocio. Ao entrar naquelle Conclave os Cardeaes prometteram, que aquelle sobre quem recaísse a eleição havia de entre outras cousas tratar efficazmente da reforma da Igreja na cabeça e membros; celebrar Concilio geral para esse fim, e não fazer mudança de séde nem crear novos membros do Sacro Collegio sem approvação da maior parte dos existentes em Roma: *Eugenio* depois de sua coroação rectificou a promessa na forma anteriormente ajustada por todos. Seguiu publicando a encyclica de participação aos Prelados, e aos Principes, exhortando muito estes á observancia dos direitos da Igreja; mas fazendo entregar os transumptos para elles aos embaixadores residentes em Roma, se queixou ElRei de Castella de os não haver mandado por seus Nuncios segundo o estilo: o Santo Padre respondeu, que desse modo obrára para evitar as exigencias desses Legados, porque era necessario affastar da Igreja toda a prática de extorções: elogiou-o por sua devoção a Santa Sé, como os de Aragão e Navarra, e particularmente a Rainha de Napoles.

A fim de terminar as graves differenças, que existiam entre os Florentinos e Senenses, enviou Legado para os trazer á paz, e depois necessitou apaziguar por bons termos estes ultimos, desconfiados de que favorecia mais os primeiros. Os da casa Colona roubaram os thesouros, que a Santidade de Martinho V seu tio havia juntado para as despesas da vinda dos Gregos ao Concilio e para a Cruzada contra os Turcos, e não cedendo aos meios brandos, com que *Eugenio* os quiz levar a restituição, se rebellaram, porem foram domados á fôrça de armas. Entre si contendiam em crua guerra a França e Inglaterra: para acabar o escandalo enviou Legado, exhortando a que voltassem antes as armas contra os inimigos da Christandade; e o mesmo fez em Hespanha, onde seus Principes andavam desavindos, pedindo, que debellassem os Mouros de Granada. Em Allemanha se havia alterado tambem a paz, como na Polonia e Hungria, por causa dos hereges, que infestavam a Bohemia: enviou o Santo Padre Legado a Julião Cardeal Diacono de Santo Angelo para promover a concordia entre os Catholicos, tratar da Cruzada contra os hereges, e presidir ao Synodo, que por então se celebrava em Basilea. Mal succedida Julião em sua Legacia, e perdida a victoria pelos Catholicos, procurou reunir o Synodo; mas a guerra por um lado, a impiedade dos Hussitas por outra, e a instancia do Imperador do Oriente para os Padres se trasladarem a Italia deram causa á pouca frequencia, e moveram o Santo Padre a transferi-la para Bolonha: recusaram os Padres de Basilea assentir, e por seu lado os instigou, contra *Eugenio*, Domingos Capranica, que Martinho V fizera Cardeal em Consistorio secreto, e elle não quiz reconhecer: o Synodo deu-se por auctorisado a obrar, e publicou um decreto, que o Santo Padre entendeu ser pouco conforme as decisões do Constanciense, dissolvendo por isso a reunião conciliar, a convocou para Bolonha: entretanto o Imperador Segismundo apertou com o Santo Padre para renovar o Synodo em Basilea pelas graves consequencias, que d'ahi podiam vir, e o mesmo fez o Legado Julião com gravissimas ponderações. O Principe senhor de Rimini Galeoto Malatesta descuidava-se da administração dos povos entregando-se todo aos exercicios de piedade: *Eugenio* lhe poz diante dos olhos a responsabilidade, que por isso tinha, e lhe declarou, que elle proprio sem largar a vida contemplativa, que abraçara, tratava dos negocios da Igreja. O excesso da devoção em prejuiso do emprego de cada qual e tão digno de censura como a falta absoluta do cumprimento dos deveres religiosos, por isso o Santo Padre advertiu Malatesta. Solicitou depois a clemencia do Gonfaloneiro do Flo-

[1] Platina *de Vitis et Gestis Summorum Pontificum* — Aubery *Hist. Generalle des Cardinaux* — Raynaldus *Ann. Eccl.* — Ciaconius et Oldoinus *Vitae et Res Gestae Romanorum Pontificum et S. R. E. Cardinalium* — Ughellus *Italia Sacra* — Artaud de Montor *Hist. des Souverains Pontifes Romains* — Rohrbacher *Hist. Universelle de l'Eglise Catholique* — Moroni *Dizionario*. Um retrato de corpo inteiro.

rença Cosmo de Medicis em favor de um desterrado. Em quanto os Padres de Basilea preparavam o scisma, a Christandade soffria do Turco na Grecia, e o Santo Padre procurava meios com que acudisse a maiores desastres, por via de impostos nas rendas Ecclesiasticas, e attrahia o Rei João de Chypre a tomar as armas contra os Mahometanos. No seguinte anno (1432) já começavo a dar sustos o scisma, e o Imperador Segismundo novamente pediu a Sua Santidade para reaovar o Synodo em Basilea: ao mesmo tempo os Padres delle escreveram aos Bohemos chamando-os á concordia, e solicitaram os Inglezes para os auxiliarem: pela sua parte o Rei de Inglaterra annuiou com a condição de se comprimir a heresia, e fez partir para Basilea os Prelados de seu Reino. O pseudo-Synodo augmentando cada dia foi de mal em peior: julgou-se superior ao legitimo Vigario de *Christo*, que o reprovava, ousou ordenar-lhe, que fosse o juizo, ou enviasse oradores, e obrava como se não existisse cabeça visivel da Igreja: o Santo Padre por bem da paz enviou Legados para os trazerem a melhor conselho: o pseudo-Synodo rejeitou as propostas de paz, e declarou-se superior ao Papa, fosse ou não duvidoso, entretanto que o motor destas desgraças Domingos Capranica, instigando cada vez mais os Padres, e revestido de habitos Cardinalicios, mofava de *Eugenio*. Muitos Prelados se esforçaram em fazer mudar da temeraria deliberação os seus companheiros no ajuntamento de Basilea; mas elles, e principalmente Capranica, se mostraram altivos e contumazes. O Santo Padre chamou a si alguns Bispos que lá se conservavam; e enviou Legados ao Imperador Segismundo para tratar da transferencia dos Basilienses: ao mesmo tempo novamente estes levaram a ousadia a admoesta-lo para no espaço do sessenta dias abrogar o decreto da dissolução, e comparecer em Basilea, ou mandar oradores, ameaçando-o com o julgado; declararam os Cardeaes depostos do proprio Sacerdocio; e proferiram sentença de excommunhão contra os, que fossem a Bolonha: entre tanto o Imperador, que tinha a peito a extincção dos Hussitas, e a esperava dos Padres do Basilea, tanto póde, que moveu Sua Santidade a instalar de novo ali o Synodo dando, ao mesmo tempo, provas de mansidão com os Senenses, que haviam obrado em despeito de sua vontade e conselho na guerra contra os Florentinos: castigou-os Deos, e o Santo Padre procurou assim mesmo dar-lhes a paz. Em Napoles se rebellavam os senhores contra a Rainha, que adoptara por successor a Luiz de Anjou, e para os auxiliar em seu proveito preparava esquadra o Rei de Aragão: *Eugenio* enviou Legado á concordio. Apesar de se rebellar em Avinhão o Cardeal Diacono de Santo Eustachio, depois de repellido, lhe perdoou. Defendeu o veneravel Fr. Bernardino do Sena, mais adiante inscripto no catalogo dos Santos, das calumnias contra elle levantadas; e anathematisou a perniciosa seita dos Fratricellos. No anno 1433 instaurou effectivamente o Synodo em Basilea, e mandou levantar as censuras aos Padres lá residentes; mas elles, que inflammados pelo demonio pretendiam a superioridade e com ella o scisma, rasgaram os decretos de *Eugenio*, e deram por nullo quanto fez ácêrca do Concilio, por não haver revogado a transferencia; e esforçando-se os Legados, com a paciencia de Job, á concordia, responderam um absurdo, isto é, que o Concilio não podia ser transferido pelo Papa sem sua propria audiencia: apesar disto o Santo Padre, manifestando as verdadeiras causas da transferencia renovou a instauração do Synodo com o fim unicamente de trazer os Bohemos ao seio da Igreja e effectuar a paz, e nomeou quatro Cardeaes para a presidencia. Os Basilienses insistiram na teima de se não poder fazer a mudança sem sua audiencia, e levantaram novas questões: o Saato Padre prohibiu-os entretanto de tratar outros negocios, mais que o da heresio; e á paz os admoestou o Imperador Segismundo, que deu por então em Roma o juramento de manter a liberdade Ecclesiastica: entretanto os Basilienses insistindo no, que já pretenderam, sôbre a approvação de quantu haviam feito pela Santa Se, enviaram Legados á Roma, para que *Eugenio* decretasse dentro de sessenta dias, que adheria a todos os actos, e que as novas sessões eram continuação das passadas: o Santo Padre tentou ainda traze-los ao bom caminho; mas olles insistiram na superioridade. Não havendo meio de concordia, declarou os octos do assembléa Basiliense irritos, e ella dissolvida: novos tumultos houve em Basilea, mas o Imperador os applacou[1]. Disso veiu alguma bem mal fundada esperança, que não tardou a illudir-se. *Eugenio* sempre inclinado á paz usou da maior clemeacia com os proprios Cardeaes rebellados pedindo aos Principes, que não os exasperassem; e declarando que approvaria quaesquer actos de paz obtidos delles e dos restantes Padres de Basilea, advertiu, que estivessem de prevenção coatra a má fé, porque em tudo se manifestava. O Imperador e o Doge de Venesa, que andavam mettidos na concordia não tardaram a ver realisada a suspeita de *Eugenio*, porque em breve ello teve de soffrer crua guerra do Nicolão Frontebrachio, dos da familia Colona, do Duque de Milão, e dos Basilienses: ao mesmo tempo o Santo Padre procurava attrahir com graças Apostolicas os Hespanhoes á guerra contra os Mouros de Granada; defender a Rainha do Napoles; e enviar Missionarios ás regiões do mar Caspio. Vamos aos factos do anno de 1434: o maior mal, que póde vir á Igreja do Deos, não me canso de o repetir, é a ingerencia dos Principes do seculo nos negocios della; o proprio favor lhe é prejudicial, porque ou encobre tenções sinistras, ou guiados pelo diabo pretendem sem o querer tudo, que desconvem ao Evangelho: nada ha mais perigoso do que esse direito, chamado *protecção* para o bem, unico, que, se pode dizer, gosam por concessão os Principes; mas eu, sem me custar muito, acharei entre os Visigodos mesmo actos, que provem manifestamente os males provindos desse direito; toda a ovelha tem podêr do balir diante do pastor, porém o Rei nunca dá balido como ovelha: seja o que fôr: as officiosas representações do Imperador Segismundo, do Rei de França e do outros Principes ácêrca do Synodo de Basilea desconcertaram o Santo Padre aterrando-o de tal modo, que julgou bom absolver e considerar membros ligitimos do Sacro-Collegio Hugo irmão do Rei de Chypre, João de Casa Nova, e o malvado Capranica, e de mais disso sanccionar o, que os Padres do Synodo pretendiam. Longe de produzir um bom effeito, esses decretos tiveram o, que deviam ter, porque os Basilienses não os queriam senão para abater a auctoridade da Santa Sé, e conseguiriam o estabelecimento de uma doutrina perniciosa, se a violencio não obrigasse a mão de *Eugenio*, que não tardou a mostrar-se arre-

[1] Este facto era bastante para mostrar, que em Basilea não se tratava a causa de Deos: quem se cala deante dos podêres da terra só cuida das conveniencias deste mundo.

pendido: entretanto o Duque de Milão se fingiu Legado dos Basilienses na Italia contra o Santo Padre, e com auxilio de Sforsa o Fontebrachio tratou de hostilisar os dominios da Santa Sé: os Romanos vexados por este ultimo se rebellaram contra *Eugenio*, injuriaram-o torpemente, e o Santo Padre se viu obrigado a sair de Roma, e a procurar abrigo fóra da sua cidade! Mas Florença o recebeu com os braços abertos. Os Romanos não tardaram em receber o castigo, sendo instrumento das iras do Senhor as tropas do Duque de Milão: alguns delles procuraram justificar-se com *Eugenio*, o outros enviaram no Synodo a declarar, que se uniam. Os disturbios de Italia fizeram tremer os Padres de Basilea; que procuraram attrahir os Romanos ao Santo Padre, como elle declarou enviando Legados para pacificar estes. Voltou Roma aos seus deveres, e os Basilienses continuaram no pessimo caminho, que tomaram: pela sua parte *Eugenio* lhes enviou Legados, que elles procuraram vilipendiar: já deliberavam sem Presidente, o publicavam seus actos contra vontade da Santa Sé! Novas questões se suscitaram reunindo-se os Gregos, que pretendiam levar o Synodo para Constantinopla, em quanto os Basilienses queriam que permanecesse, e se auctorisavam a fazer pactos sem consenso do Santo Padre. *Eugenio* ainda tentou adverti-los, exhortando-os com uma paciencia de Anjo: ao mesmo tempo recebeu do Imperador de Trebizonda a manifestação do que desejava unir-se condemnando seus inimigos; e enviou aos Armenios Legados para os attrahir á communhão. Deixondo por um pouco as questões de Basilea encontraremos o Santo Padre logo no começo deste anno requerendo soccorro a El-Rei do Castella em favor da Ilha do Rhodes, contra a qual preparava o Soldão do Egypto uma armada, em quanto, advertido este dos aprestes da Cavollaria de S. João, desistiu da empresa: ao mesmo tempo o Santo Padre publicou uma Cruzada contra os Turcos; acolheu á suo protecção os neophitos das Canarias, prohibindo que d'algum modo fossem vexodos; aconselhou o novo Rei do Polonia Ladisláo a seguir as virtudes de seu pae; e procurou affastar dos intentos guerreiros a Rainha de Napoles. No anno seguinte (1435) o Synodo Basiliense fez alguns decretos sôbre reforma de costumes, ritos e disciplina, louvaveis e pios: entretanto o Santo Padre enviou Legado o veneravel servo de Deos Nicoláo Albergato a França para effectuar a paz entre esta potencia e a Inglaterra; e solicitou do Prelado de Rheims, que procurasse com seus conselhos obter do Rei do França e do Duque do Borgonha a concordia. Juntou-se então o famoso congresso de Arrás, em quo estiveram embaixadores dos Reis de França, Inglaterra, Castella, Portugal, Navarra, Chypre, Sicilia, Dinamarca, Polonia, Noruega, e dos Duques de Borgonha, Bretanha e Milão, com os Legados do Santo Padre o do Synodo de Basilea, a fim de tratar a paz entre as duas corôas de França e Inglaterra, alterada pelas questões de territorio, e entre o Duque de Borgonha e o Rei de França por causa da morte de seu pae: concluido bem este negocio as actas do congresso foram approvadas pelo Synodo. Era vedado a este ingerir-se em taes negocios, porque seus limites estavam marcados, comtudo não só mofou disso, porém levou mais longe a prevaricação: de proposito moveu o Arcebispo de Tours questões do derroga dos privilegios da sua Igreja dados pela Santa Sé, e pela sua parte os Padres se intrometteram em tudo que era pessoal do Summo Pontifice, procurando os meios do o desgostar, e tambem o de o reduzir á nullidade. *Eugenio* advertiu o Arcebispo e os outros Padres do máo caminho, que levavam; e ainda procurou attrahi-los por meios suaves, captando, para os mover, a benevolencia de Amadeo de Saboio, quo por então gosava alta fama de santidade, e sem dúvida foi extremoso defensor da auctoridade do Santo Padre no Synodo, até quo perdeu a cabeça pensando na Theara: ao mesmo tempo os Padres Basilienses mandaram Legados a Constantinopla, mas o Imperador declarou, que viria ao Synodo em uma cidade do Italia, recusando ir a Basilea; e o Patriarcho requereu no Synodo a presença do Santo Padre: irritados disso os Padres, que já eram gravissimamente culpados da demora da união dos Gregos, despresando suas boas intenções, mais abertamente se pronunciaram. Em Roma o Bispo do Novarra embaixador do Duque de Milão para tratar da paz, em logar della procurou apoderar-se da pessoa do Santo Padre, e entrega-lo nas mãos do Duque; mas descoberta a negra trama, e espalhando-se, que o fizera por ordem do Milanes, elle se deu por auctor, e declarou a ignorancia do Duque: *Eugenio* perdoou-lhe de bôa vontade a instancia do servo de Deos Nicoláo Albergato: Filippe de Milão veiu ao bom accôrdo entregando o usurpado; e o Santo Padre cuidou de reivindicar os direitos da Sé Apostolica sôbre o Reino do Napoles por morte da Rainha Joanna contra Affonso de Aragão; mas despresando este os mandos da Santa Sé perdeu a sua armada, e com o Rei de Navarra a liberdade ás mãos do Duque de Milão o dos Genovezes. Por último, neste anno o Santo Padre reprehendeu ElRei de Inglaterra do invadir os direitos da Igreja, o advertiu seus ministros, que procurassem restituir a immunidade Ecclesiastica; e recusou provor em fôrça de defeito de idade na Igreja de Siguença Affonso Corrilho, por quem pedia ElRei de Castella.

No anno 1436 os Padres Basilienses continuavam obrando desaccordados de *Eugenio*. Não era já para se sustentar uma assemblea, que declarou *beijar o pé* ao *Santo Padre como successor de S. Pedro, e honra-lo como Vigario de Christo e cabeça do Synodo*, se elle restabelecesse o Basiliense, isto é, se approvasse, quando sem sua auctoridade e com menoscabo de seu Legado se fazia: a legitimidade de *Eugenio* era reconhecida pelas proprias instancias dos Basilienses acêrca da approvação do seus actos: neste caso elles, não podiam obrar alguma cousa sem intervenção da sua auctoridade, o aquellas só expressões bastavam para os declarar corpo acephalo, reunião de homens do má fé, auctores do scisma, e adversarios da doutrina do Primado. Pena realmente é, que se desvoirassem os Padres Basilienses por similhante modo, porém facil é ver em seus actos contra o Santo Padre quanta fôrço tem a cegueira dos interesses particulares, e por outra parte quanto estavam já disseminadas certas doutrinas da escola mais perniciosas á Religião e á humanidade, que as perseguições dos Pagãos e dos Musulmanos contra o Christianismo. *Eugenio* receiando os males da scisma expoz a questão de Basilea, e mandou por seus Legados dar conhecimento dos factos a toda a Christandade. Congratulou-se com os Bohemios pela união, e deu a rosa de ouro ao Imperador Segismundo por haver concorrido para a restauração da Igreja naquelle Reino: procurou restituir o de Sicilio e a liberdade a Renato, estabeleceu a paz na Italia, entre os Francezes e Inglezes, em que muito se empenhou o illustre e bom Rei de Portugal D. Duarte: cuidou de evitar futuras desavenças entre este Principe e o Rei de Castella sôbre a conquista de Africa:

removeu todas as difficuldades ao estabelecimento do Christianismo nas Canarias, em quanto tratava de affastar do scisma e trazer ao seio da Igreja os Valaquios, Bulgaros e Moldavos: advertiu ElRei de Portugal ácêrca da temeridade, com que seus ministros opprimiam a liberdade Ecclesiastica, e reprehendeu Jacob de Escocia por se haver intromettido a favor das maldades do Bispo de Glasgow em negocios, que não eram da competencia do podêr temporal; e pouco depois chorou a sacrilega morte deste bom Rei, enviando áquelle Reino um Legado para tranquilisar os povos. No seguinte anno (1437) moveu-se em Basilea a questão da mudança do Synodo, e procurou-se ainda tentar o ânimo dos Gregos ácêrca da permanencia nessa cidade, e que, recusando-se, fôsse em Avinhão, ou n'uma terra de Saboia: o Legado Julião insistia pela Italia, onde os Gregos não duvidavam ír; e isso não se admittiu por contradicção a *Eugenio*. O Santo Padre receiando o scisma, que estava eminente, escreveu aos Legados João de S. Pedro *ad vincula* e João de Santa Sabina para insistirem na escolha de logar, onde elle fôsse commodamente, o que não era possivel fazer em Avinhão; e lembrava, que se devia ter presente como necessidade a mudança para Italia, por causa dos Gregos; mas a paz não se queria, antes se cuidava em distrahir alguns Prelados da adhesão á Santa Sé. *Eugenio* publicou então um manifesto expondo novamente os factos, e escreveu a Carlos de França fazendo-lhe ver a urgencia da convocação em Italia: o Synodo se dividiu decretando uma parte a permanencia, e a outra a transferencia a Florença; e *Eugenio* fez outro manifesto sôbre este facto approvando a decisão por Florença, tratou de dispôr as cousas para a celebração nesta cidade, procurou dos Soberanos, que secundassem a união dando todo o favor aos Gregos, e enviou ao Patriarcha de Constantinopla, aos outros do Oriente e ao Imperador João Paleologo a plena liberdade da disputa no Synodo, e a caução da segurança para ida e volta: depois mandou, que viessem todos os Prelados Gregos; e, para se effectuar a recepção, enviou Nuncios com os oradores da parte sã de Basilea a Constantinopla, e uma armada para conduzir os Prelados e o Imperador a Italia. Separados os Padres da Basilea adherentes á Santa Sé com os Oradoros Gregos, a outra parte se arrogou o nome de Synodo, machinou o scysma, e enviou Legados a Constantinopla para a união com ella; e o Santo Padre ordenou ao Metropolitano de Tarantasia seu Legado ao oriente, que cohibisse esses Legados: exhortou os Basilienses para optarem melhor conselho; mas, longe disso, elles persistiram, e arrastaram pelos cabellos ás prisões os Legados Apostolicos: sôbre esse facto publicou *Eugenio* novo manifesto, e os Basilienses, que não podiam justificar-se de modo algum, atreveram-se a chamar a juizo o Santo Padre. Não sei eu como depois de taes acontecimentos houvesse pessoa com juizo, que emprehendesse a defesa do conciliabulo; mas houve! Tôdas as rasões contra *Eugenio* cifravam-se na má vontade e soberba de certos facciosos, empenhados em vingar-se do Santo Padre. Promulgou *Eugenio* o Synodo para Ferrara, e decretou a dissolução da assembléa revolucionaria, advertindo disso os habitantes de Basilea, e admoestando-os á paz: elles não cederam, e, dando favor aos sediciosos, estes declararam ser privativamente sua a trasladação do Synodo, accusaram de contumacia o Santo Padre, e declararam irrita a trasladação a Ferrara. Não faltaram malvados, que então machinassem contra *Eugenio*; mas Deos o salvou: entretanto os homens pios se lhe juntaram, e elle procurou de novo manifestar a justiça da sua causa, poz da sua parte todos os esforços, para que não tivessem execução os scelerados decretos pseudo-synodaes contra as pessoas, que o seguissem, e declarou ao Imperador Segismundo, que não incorrêra nas censuras impostas pelos Basilienses, e só para aquietar os escrupulos de sua consciencia o absolvia de algumas, se em algumas tinha incorrido. Por último resta advertir, que o Santo Padre ordenou aos Inquisidores da Fé, que procurassem cohibir as horriveis maldades praticadas contra a Religião e contra a humanidade pela pestilente seita dos magos.

No anno de 1438, em 8 de Janeiro, se abriu o Synodo geral em Ferrara debaixo da presidencia do bemaventurado Cardeal Albergato: seus primeiros actos foram a condemnação do conciliabulo Basiliense, approvando comtudo alguma cousa bôa, que elle fez, ácêrca da ques ão da Bohemia, e chamar a Ferrara os Prelados desligando-os dos vinculos de Basilea: entretanto chegou *Eugenio* a Ferrara, e reunido com os Padres queixou-se dos do Basilea, expondo os factos por elles praticados, pelo que o Synodo os chamou a juizo, e depois os condemnou, se persistissem em sua contumacia, resultando passar a Ferrara a mais sã parte dos Basilienses, e continuarem os outros em sua pertinacia. Não tardou o Imperador João Paleologo em reunir-se ao Santo Padre, e pouco depois chegou o Patriarcha de Constantinopla: exasperados com tudo isto os scismaticos de Basilea machinaram exautorar o Santo Padre por lhes não obedecer, romperam em calumnias, accusaram-o de auctor do scisma, e o ameaçaram. As portas do Synodo estavam patentes a todos: se os de Basilea fôssem sinceros e bons não perderiam occasião de concorrer para o grande beneficio, que a Igreja de Deos esperava nessa hora reunido submissamente o oriente á Santa Sé: não havia Papa duvidoso, era legitimo, e longe de prevaricar procurava a união e a reforma: como então era que esses desvairados podiam auctorisar seus actos á luz do Evangelho, arrogando-se a supremacia da Igreja, e obrando sem a presença de *Pedro?* O certo é, que se *Eugenio* fôsse um malvado, os seus procedimentos nem assim eram justificados, mas toda a sua perversão consistia em offender a susceptibilidade, de quem nada queria com *Pedro:* essa susceptibilidade tinha fundamento igual á pertinacia de Affonso de Aragão á Santa Sé, porque para elle o Reino de Sicilia, que se lhe negava justamente, valia mais que o Reino de Deos; e porque era competidor de Renato legitimo Monarcha deste estado, que se apressava como bom filho da Igreja a enviar seus embaixadores a Ferrara. Reunidos cento e sessenta Bispos entre Latinos e Gregos com o Santo Padre, no dia 8 de Abril foi solemnemente declarado Ecumenico o Santo Synodo de Ferrara, e se principiou a tratar da união dos Gregos, declarando estes aos de Basilea, que adheriam em Ferrara, e não em Basilea, porque em Ferrara estava *Pedro*. A irritação dos Basilienses foi ao excesso, e havendo dado todas as demonstrações de rompimento, pretendeu Carlos de França metter-se de permeio querendo fazer a paz, e pediu ao Santo Padre, que revogasse as sentenças contra os scismaticos: este facto, que cada qual poderá ver como quizer, e que alguns tem attribuido a piedado, é meu juizo, que foi uma nova tentativa urdida pelo diabo para dar mais fôrça aos Basilienses. Valha-me Deos com as pretensões do podêr temporal! *Eugenio* declarou, que elle não podia derogar cousa alguma; mas o legitimo Synodo, e admoestou

Carlos para seguir os exemplos de seus maiores na defesa da dignidade da Santa Sé; mas este Soberano probibiu, que os Prelados de França passassem a Ferrara; e, como um mal traz comsigo outro, publicou *pragmatica sancção*, pela qual recebeu os decretos de Basilea, declarando a Igreja de Deos um corpo acephalo: os Prelados de França aceitaram essas decisões, e se constituiram scismaticos! Não fez assim ElRei de Inglaterra, que adherio a Ferrara, e pedio a Sua Santidade, que curasse a peste Basiliense, condemnando os facciosos motores das desgraças da Igreja: o Santo Padre com exemplo de moderação, poucas vezes encontrado, procurou, que este principe fizesse a paz com o de França! Talvez que *Eugenio* conseguisse terminar de todo as desgraças da Igreja, mandando prégar em todas as cidades, aldêas e campos uma Cruzada contra os politicos, e contra os discipulos de Aristoteles e Justiniano: é esta a minha opinião, e tão firme estou nella, que me vejo obrigado a declarar, que em quanto a Santa Sé não seguir tal senda, a Igreja, os Soberanos, e as sociedades hão de viver em tribulação. O primeiro ponto, de que se occupou o Synodo para a união, foi o dogma do *Purgatorio:* ao mesmo tempo cuidou o Santo Padre de soccorrer Constantinopla ameaçada pelos Turcos: os Gregos mostravam pela sua parte muitos desejos de união, e se esmeraram por ella, versando a questão no Synodo sôbre a voz *Filioque:* approvada esta voltou-se á do *Purgatorio;* e o Santo Padre, para manter os Gregos, empenhou uma rica Theara, e cuidou de mudar o Synodo para Florença por causa da peste, que grassava em Ferrara. Deixando por agora o Synodo e a defesa dos Gregos, encontraremos *Eugenio* logo no principio do anno pedindo a Alberto de Austria successor das corôas de Segismundo, que levantasse exército na Hungria contra os Turcos: creando Inquisidor para rebater nesse Reino a heresia; e defendendo Renato de Sicilia contra Affonso de Aragão. No anno seguinte (1439) a Igreja de Deos foi grandemente vexada: em quanto no Synodo de Florença o oriente confessava todos os dogmas Catholicos sem exceptuar o Primado da Santa Sé, e com os laços mais estreitos Gregos, Armenios, Coftas, Syrios, e Georgios se uniam ao occidente; em quanto *Eugenio* procurava fazer duradoura essa união por todos os meios capazes de attrahir homens desconfiados, e conseguia os titulos mais indisputaveis ao maximo gráo de gloria por haver posto valiosos esforços para terminar um scisma horribilissimo, que durara por quasi quinhentos annos; em quanto o bom José Patriarcha de Constantinopla morria em Florença na obediencia do Santo Padre, confessando e subscrevendo todos os Dogmas Catholicos; em quanto João Paleologo rendia homenagens as mais respeitosas a Sua Santidade, a loucura pertinaz dos Basilienses rasgava o peito de *Jesus-Christo*, levantando altar contra altar, e elegendo Anti-Papa com o nome de Felix V a Amadeo de Saboia; o Cardeal de Arles presidente do conciliabulo tocava a rebate contra o Santo Padre, e abria os caminhos da divisão; o Imperador Alberto de Austria se apresentava fautor dos Basilienses; e o Rei de Aragão abertamente lhes adheria, e hostilisava por todos os modos a Igreja e o seu Chefe. *Eugenio* pela sua parte, sem embargo disso, em quanto dava auxilio aos Gregos contra os Turcos, esmerava-se trazer Alberto ao bom caminho, pacificar Allemanha e Polonia, estabelecer a concordia em Portugal e em Castella, e destruir as maldades dos hereges.

No anno 1440, consummada a iniquidade em Basilea, Amadeo foi proclamado, e Luiz de Arles em seu nome constituido presidente do pseudo-Synodo. O Concilio geral de Florença fulminou excommunhão contra Amadeo, seus eleitores e adherentes, como hereges e scismaticos, se dentro de sessenta dias não se retratassem: o Santo Padre mandou publicar por differentes Prelados a decisão do Synodo em toda a Christandade; e depoz aquelle Luiz de Arles como auctor principal do scisma, e Luiz do Amaral Bispo de Vizeu, pelo que obrára na Legacia dos Basilienses contra a Santa Sé aos Gregos: ElRei de Portugal levado por seus conselheiros rogou a *Eugenio* pelo scismatico Amaral, mas não acquiesceu o Santo Padre. Os Basilienses, porque era consequencia necessaria, condemnaram de heretica a Bulla, que os anniquilava, procuraram para si as annatas da Santa Sé, e exigiram uma quinta parte de todas as rendas Ecclesiasticas por cinco annos; porém a maior parte da Christandade os não ouvio. O Arcebispo de Tours, de quem já tive occasião de fallar, excitava a França contra *Eugenio* por meio de reuniões em beneficio dos Basilienses, pelo que o Santo Padre advertiu ElRei Carlos desse facto reclamando a dissolução desses conventiculos, e por outra parte a deroga da pragmatica sancção hostil aos direitos da Igreja. França, Inglaterra, e o proprio Duque de Milão genro do Anti-Papa desprezaram este, e o mesmo fizeram Portugal, Castella e a universidade de Salamanca, que publicou escriptos em favor do legitimo Papa. S. Santidade fez então um manifesto aos fieis sôbre o estado de cousas: estabeleceu-se entretanto em Francfort o principio do acephalismo determinando-se não seguir Eugenio, nem os Basilienses, que era o que justamente haviam assentado os principes Allemães no congresso de Moguncia do anno antecedente; e longe de que essas determinações prejudicassem os Basilienses, augmentavam sua loucura, que tomava o maior incremento. Por este tempo Frederico de Austria foi eleito Imperador de Allemanha á morte de Alberto: e, desejoso de acabar o acephalismo, e de dar a paz a Igreja, procurou celebrar um congresso em Moguncia, e attrahir a elle Carlos de França, que pela sua parte queria o mesmo, mas pelo caminho de novo Synodo celebrado em França, ao que com justificada rasão não assentia o Santo Padre: por outro lado o Rei de Aragão, desligando-se dos Basilienses, e enviando embaixadores ao Anti-Papa, solicitou do Rei de Navarra, do Mestre de S. Thiago, e da Rainha de Castella, seus irmãos, uma declaração a *Eugenio*, de que se não se abstivesse de favorecer Renato entrariam os interesses de familia; e, fazendo elles assim, o Santo Padre respondeu manifestando a injustiça de Affonso: este em vingança rompeu as hostilidades contra o Siciliano, rejeitando o mensageiro da paz, que *Eugenio* lhe enviara; e por causa de Alvaro de Luna aquelles tres principes irmãos do Aragonez com o herdeiro da corôa de Castella fizeram guerra a ElRei João seu marido, cunhado, e pae: o Santo Padre mandou castigar por suas armadas e pelas dos Genovezes a Affonso, em quanto procurava á custa de suaves meios estabelecer a paz. O valimento de Alvaro de Luna tornava-se talvez mais escandoloso aos principes por motivo das questões da Sicilia, que sem dúvida foram a primeira origem de uma sedição mais realmente escandalosa, que semilhante valimento. Neste tempo cuidava Marcos Bispo de Epheso em renovar com falsos argumentos o scisma Grego; mas o illustre Genadio successor de José no Patriarchado de Constantinopla, e o sabio Cardeal Besarião

Arcebispo de Nicea e Grego de familia e nascimento o refutaram. No seguinte enno 1441 recebeu *Eugenio* os votos de obediencia de João Patriarcha dos Jacobitas do Egypto, e de Constantino Imperador da Ethiopia, o procurou attrahir ao Christianismo Francardino Soldão da Assyria; mas os seus esforços pelo bem da Igreja encontravam tropêço no scisma de Basilea, porque a Cruzada contra os Turcos era por elle impedida, e Paleologo desconfiado esmoreceu ácêrca da união; e disso se lhe queixou o Santo Padre. Não tardaram os Gregos de Chypre em manifestar é Santa Sé, que os proprios Latinos não cumpriam o decreto Synodal da união recusando casamento e alliança com elles: *Eugenio* respondeu ordenendo a plena execução do Synodo. Antes disso havia enviado Fr. Antonio Trajano em missão á Tartaria, Assyria, Persia, aos Maronitas, Drusos, e Syrios: por outra parte lançou da Igreja os herejes Gazaros, Potharenos, Pobres de Leão, Arnaldistas, Speronistas, Passaginos, Widefitas, e Fratricellos, e quaesquer outros debaixo de qualquer denominação, e com elles o Anti-Papa, e os scismaticos seus adherentes, dando ordem o muitos Bispos para castigar os pertinezes, e receber ao gremio os, que se submettessem; e advertiu Affonso de Portugal para não dar favor a Luiz do Amaral, deixando-o reter o Bispado de Vizeu. Carlos de França conhecendo a hypocrisia das Basilienses declarou ao Sento Padre, que elle o reconhecia como Vigario de *Jesus-Christo*, em quanto *Eugenio* louvava os Reis de Castella e de Polonia pela sua adhesão á Santa Sé. O Imperader Frederico inclinado ao verdadeiro centro da Igreja supplicou ao Santo Padre, que tomasse debaixo da sua tutéla o menino Ladislão de Hungria: ao mesmo tempo que os Basilienses fovoreciam as desordens religiosas na Bohemia, o Santo Padre receiando das sublovações de Sicilia promovidas por Affonso de Aragão tratou com os Genovezes termina-las; e fez levantar tribunal contra este rebelde principe: procurou socegar os Lombardos e Florentinos: escreveu á Rainha de Castella e a seus irmãos, reprehendendo-os pelas novas atrocidades praticadas contra João II por causa do favor dado a Luna; e ao Rei não concedeu penas Ecclesiasticas contra os refractarios no pagamento dos tributos. No seguinte anno trasladou o Santo Padre o Synodo Geral de Florence a Roma, publicou os actos anteriores de Santo Concilio, e exauctorou a Luiz de Arles Presidente do conciliabulo Basiliense. Os scismaticos deste pseudo-Synodo cada vez mais irritados promoveram desordens em differentes provincias publicando decretos contrarios aos do Santo Padre: Sua Santidade enviou Nuncios a pacificar as alterações, e reprehender João de Bretanha por consentir, que em seus estados os Basilienses dessem beneficios Ecclesiasticos, e o admoestou pare se separar dos erros daquelles Padres. Affonso de Aragão se fez entretanto senhor de Napoles, e pediu a *Eugenio*, que lhe confirmasse o Reino, porque elle perseguiria Francisco Sforsa inimigo da Igreja; mas o Santo Padre por outros meios tratou de haver do ingrato Sforsa as cidades, que tinha tomado. Instava a necessidade da Cruzada contra os Turcos não só para evitar os damnos por elles feitos á Christandade, mas para conseguir a desejada união sincera e duradoura dos Gregos; por isso o Santo Padre recorrendo aos fieis para obter subsidio lhes encommendava particularmente, que implorassem auxilio da Mão de Deos: por seus esforços Jorge Principe da Servia recuperou seus estados: Ceuta restituida pelos Portuguezes ao dominio Christão foi tomada debaixo da tutela da Santa Sé, impostas gravissimas penas e quem a infestasse; e essas mesmas penas foram inflingidas a todos os Christãos, que em Castella tivessem commercio com os Judeos e Mouros, ou os admittissem. e outros taes a estes em abusando dos decretos da Santa Sé, com que eram tolerados.

No anno 1443 Affonso de Aragão solicitou o Reino do Sicilia ao mesmo tempo do Anti-Papa e de *Eugenio*. e para elle serlo legitimo Summo Pontifice o, que lh'o désse! *Eugenio* cedeu per dar a paz á Italia, que era da maior urgencia; e o Aragonez tratou de lhe jurar obediencia, recebendo a Sicilia debaixo de certas convenções, que o Santo Padre approvou. Querendo Affonso de Portugal fazer guerra aos Mouros em Africa, ordenou Sua Santidade aos Prelados deste Reino a publicação da Cruzada, que a indulgenciava. O podêr dos Turcos ía-se tornando cada vez mais temivel e mais hostil á Christandade: para salvar o oriente opprimido o Santo Padre concedeu indulgencia plenaria aos que tomassem a Cruz. Na Albania haviam consentido os Christãos, para se evadirem a total ruina, no tributo exigido por esses infieis dando filhos, que seriam educados no Islamismo; sendo por isto ligados com censuras, se irritaram contra a Santa Sé, e *Eugenio* para evitar maiores males deu podêr de os absolver ao Arcebispo de Arba. O principe da Servia, que fôra restituido pelas armas Hungaras, a diligencia do Santo Padre, como se disse, antes quiz alliança com Amurates, do que com a Christandade: o Turco prevenindo a chegada do exercito Latino, que esperava, levou suas armas contra o Epiro e Macedonia; porém Scanderbeg Principe do Epiro lhe ganhou uma batalha memoravel, e Ladislão de Polonia louvando-o procurou attrahi-lo á liga contra os Amurates, para lhes fazerem guerra com a armada do commando de Filippe de Borgonha, no que elle conveio: entretanto instava ao Santo Padre por soccorro o Imperador do oriente, e Sua Santidade o exhortou á união começada. Desta vez os Basilienses insistiam pela celebração do Synodo n'outro logar, mas a isso resistia *Eugenio*; e, solicitando elles os Genovezes para mandarem a similhante fim Embaixadores, o Doge Raphael respondeu ao Imperador (inclinado um pouco a similhante principio como adaptado a terminar o scisma, embora reconhecesse *Eugenio*), que em negocio de tanto momento era furçoso haver cuidado para não errar: Frederico mudou entretanto de opinião, e as cousas ficaram no mesmo estado. Em 1444 um exercito de Amurates havia causado grandes desgraças na Hungria, e a Ilha de Rhodes não acabava de soffrer menos dos Egypcios: por outra parte o incremento progressivo da potencia Turca eram motivos gravissimos para attribular o Santo Padre, que receiava uma invasão na Italia e grandes males á Christandade: com o fim de dar remedio procurou, que os Venesianos, Genovezes, e Filippe de Borgonha se reunissem a trinta mil Macedonios, que promettia Scanderbeg contra o podêr Mussulmano da Asia; ao mesmo tempo ordenou, que os subsidios da Sé Apostolica na Polonia se dessem a Ladislão para a guerra, e que as decimas das Igrejas do oriente se applicassem para este grande empenho. Os esforços de *Eugenio* não foram infructuosos; mas a guerra entre Francezes e Inglezes veiu perturbar um pouco sua grande alma: não hesitando assim mesmo no meio desta tormenta enviou legado não só a tratar da paz entre os Reis, mas procurar soccorros de toda a Christandade a favor da Cruzada. Fizeram tregoas esses Principes, e tambem Amurates se viu obrigado a pedi-las a Ladislão; mas aterrado pelo Legado da Santa Sé não tardou este a quebra-las, por

que Amurates levantou armas contra seu alliado o principe de Iconie. De toda a parte se meviam tropas Christãs pelos esforços do Santo Padre, e apesar das traições de ingrato Jorge da Servia a de alguns Christãos, que *Eugenio* fulminou com censuras, outros auxiliares enviou Deos. Depois de se haver pelejado entre Ladislao e Amurates com vária fortuna, aquelle Principe foi morto, e atraz delle o Legado da Santa Sé: os Egypcios de novo infestaram Rhodes, e o Santo Padre cuidou logo em soccorre-la. Ao mesmo tempo não deixava *Eugenio* de pôr seus esforços em recuperar a Corsega ao dominio da Igreja, a que pertencia, restabelecer a paz na Italia, e conciliar os Francezes á Santa Sé, para que nomeou e Delfim Luiz de França Alferes da Igreja, e lhe assignou subsidio. Este facto obrigou e principe a levar um exército contra os Basilienses e obter uma famosa victoria destes e dos Helvecios. Em quanto o Imperador Frederico no congresso de Nuremberg cuidava em procurar meios de extinguir o scisma, o conciliabulo permanecia debaixo da presidencia do Anti-Papa, e tratava de ganhar os Polacos; mas a isto acudiu Sua Santidade: seguiu depondo os Bispos scismaticos, e restituindo os que abjuravam o êrro. No dia 29 de Setembro abriu em Latrão o Santo Synodo Ecumenico a sessão 31.ª, e depois da trasladação de Florença, a primeira em que Aldala Arcebispo de Edessa, em seu nome e de Ignacio Patriarcha dos Syrios e de todas as nações da Mesopatamia sobscreveu a formula de Fé Catholica e reconheceu o Primade de S. Pedro; e insistindo então os Gregos em seus sophismas sôbre a *processão da Espirito Santo* foram confundidos. Desgraçadamente que tudo ha de entorpecer a soberba do podêr temporal! Quando neste Santo Synode a esperança de grandes bens da Igreja revivia, o diabo entrou na alma dos Embaixadores de Castella e Aragão sôbre precedencia de logares; mas o Santo Padre aquietou-os. Valha-me Deos! e verdadeiro logar dos Embaixadores dos Principes nos Synodos é fora das portas do Templo ou entre e commum dos fieis, porque assento nestas sagradas assembleas só e tem os Bispos e os seus Legados: aos Reis não assiste de direite Divino alguma ingerencia nos negocios da Igreja; e eu me vejo obrigado a confessar, em presença da historia, que essas concessões prodigalisadas tão largamente aos podêres da terra causaram, causam, e hão de causar as maiores desgraças a Christandade.

No anno 1445 confirmou *Eugenio* o Reino de Sicilia a Affonso de Aragão, e elle lhe jurou fidelidade obrigando-se como vassallo a não dar favor ao Anti-Papa, e a persegui-lo: entretanto procurou estabelecer a liberdade Ecclesiastica despresada pelos senhores da Polonia na pessoa do Bispo de Breslão: e em Chypre onde os máos conselheiros da Rei João o fizeram perseguir o Arcebispo de Nicezia. Preparando-se João Huniades Regente de Hungria a fazer a guerra ao Turco dirigiu o Santo Padre uma encyclica a todos os fieis para e seguirem; e de novo se prepararam outras armadas de França e de Italia para coadjuvar os esforços de Scanderbeg. O Metropolitano de Epheso Marcos punha todos os meios para restaurar o scisma, levantando calumnias contra os proprios Gregos; porém Deos o castigou com morte cruel. Maiores diligencias fizeram neste anno os Egypcios para tomar Rhodes: entretanto o Santo Synodo recebeu á communhão Thimotheo Metropolitano dos Caldeos, que veio pessoalmente a Roma, e Elias Bispo dos Maronitas, que enviou Legado, havendo ambos abjurado o Nestorianismo e outros erros, pelo zêlo de André Metropolitano Colocense, enviado pelo Santo Padre para chamar os scismaticos: em quanto Estevão Rei da Bosnia abjurando tambem o Manicheismo se submettia a Igreja. O Anti-Papa e os Basilienses trataram de recuperar Avinhão, mas e Santo Padre lh'o impediu; e mandou admoestar na Germania os Prelados, que lhes obedeciam, para voltarem á união sob pena de serem depostos, de que resultou pedirem venia e serem absolvidos e illustre Eneas Sylvio, e o Bispo de Tortosa Anti-Cardeal. Em França a seita da magia tomava algum incremento, e *Eugenio* para remediar os males, que ella causava, ordenou aos Inquisidores, que procurassem cohibi-la com severissimas censuras. No anno seguinte 1446 a deposição dos Arcebispos de Colonia e Treveris motivada de suas maldades trouxe comsigo graves desavenças da parte dos poderosos de Allemanha contra o Santo Padre, levantando a facção Basiliense contra elle as mais negras calumnias; porem os Legados, que então enviou áquelle paiz, as desfizeram de tal mode, que os Allemães não tardaram a submetter-se. Os Basilienses sem fazerem caso de seu Anti-Papa decretaram a trasladação do Conciliabulo: por este tempo e Duque de Borgonha procurou affastar delles todos os fieis do ducado de Luxembourg e condado de Cleves, e pediu ao Santo Padre, que os absolvesse, o que lhe foi concedido. Em algumas provincias de França grassava o scisma, e para e terminar com censuras deu podêr Sua Santidade a Roberto Arcebispo de Aix: condemnou como herege ao professor de arithmetica de Milão Amadeo; e procurou defender a fama posthema de veneravel Bernardino de Sena: em quanto por outra parte o celebre Lourenço Valla condemnado por herege lhe supplicou perdão. O Santo Padre tratou neste meio tempo de extinguir a heresia Hussita na Hungria e Moldavia; excommungou solemnemente em Quinta-Feira Maior a Francisco Sforsa; e ordenou ao novo Rei de Sicilia, que tratasse de castigar os Florentinos complices daquelle rebelde.

Em 1447 a Allemanha enviou Embaixadores a *Eugenio* manifestando sua plena obediencia, e e Santo Padre a petição do Imperador Frederico declarou, que, apesar de não haver necessidade da convocação de novo Synode nesse Paiz, elle para os satisfazer o convocaria, se os Soberanos conviessem: fóra disso restituiu os Arcebispos de Colonia e Treveris, porque o Cezar e os principes daquella Nação e instavam; e condemnou os erros de João de Poliaco. Prevendo o proximo fim da sua vida attribulada, para evitar gravissimos inconvenientes na eleição do successor, abrogou os decretos da Basilea nesta parte, e mandou aos Cardeaes, que a fizessem livre e licitamente, segundo Deos lhes inspirasse; e com e intento de evitar desordens no Conclave declarou, que em nome do Sacro Collegio seria governador geral das fortalezas, pontes e estações da cidade e dominios da Santa Se Luiz Cardeal Presbytero de S. Lourenço in *Domoso*, porque delle confiava, que mantivesse a paz. Chegando a hora extrema disse em alta voz por entre lagrimas e soluços: « *O Grabiel, quanto melhor aproveitaria a tua alma no caminho da salvação, se nunca fôsses Cardeal nem Papa! Se vivesses na observancia da disciplina religiosa em teu Mosteiro!* » Desses clamores voltou a ferverosas preces, e ao romper da manhã de dia 23 de Fevereiro deste anno, em perfeito juizo e com todos os sentidos, falleceu piamente. Devotissimo do culto promoveu o de Santissimo Sacramento, canonisou e Beato Nicolao Tolentino, e mandou inquerir das virtudes e

milagres do veneravel Bernardino de Sena. Guardon no Summo Pontificado os costumes e austeridade de nm claustral: com desejo de dar impulso ns letras privilegiou a academia de Romn, e instituiu a de Caen. O zêlo pela virtude da castidade o obrigou a declarar isenta deste voto a profissão da Ordem de Calatrava; e procurou com o exomplo a com a palavra, quo esta virtude se guardasse, como dovia ser. Não accrescentarei mais em seu elogio, porqne digno de lonvor é tudo quanto elle obrou principalmento para monter a puresa da Religião, augmentar a Igreja de Deos, e unir a Christandade. Poucos homens passaram nma vida tão dolorosa, e tem sido tão perseverantes. Todos os seus esforços para terminar o scisma Basilense deviam ser infructuosos, porque nosso Senhor tinha determinado opprimir com esta tribulação a Christandade, como a Beata Coleta prophetisou indicando ao raiar delle a sua existencia e fim. O pseudo-Synodo e a má fé dos Gregos inutilisaram os trabalbos do grande e veneravel *Eugenio* ácêrca da união; porém Deos castigou os Padres daqnolle conciliabulo com desavenças continuas e com a inutilidade da sua obra, e os Gregos destruindo sua nação pelas armas dos Turcos exactamente tres annos depoia, que o Santo Padre Nicoláo V, successor de *Eugenio*, lh'o predisse assignalando prefixamonte a data da tomada de Constantinopla, quando os instou para receberem por nma vez os decretos do Florença.[1]

33.°

Santo Padre XISTO IV.—Nasceu este Summo Pontifice no din 22 de Julho de 1414, em Celles aldêa da Diocese do Savona, filho de Leonardo de Rovere e do Lucrecia Munliano, e no baptismo se chamou *Francisco*. Teve irmão inteiro Raphael de Rovere, que de sua mulher Theodora Manerola houve quatro filhos, o Santo Padre Julio II, Bartholomeu Patriarcha de Antiochia e depois Bispo de Ferrara, Leonardo Duque de Sora o Perfeito de Roma, que falleceu sem posteridade, e João Maria Duque de Sora e Senigaglia com illustre descendoncia. Aos nove annos entrou no Mosteiro de S. Francisco de Savona, onde depois fez profissão e bons estndos: mais adiante tomou a grao de Doutor na Universidado de Padua, e ensinou Philosophia e Theologia em Bolonha, Pavia, Senna, Florença, e Perugia, o ontre seus ouvintes teve o illustre Cardeal Besarião: e não so no Magisterio, porém no Pulpito, a que subiu em quasi todas as cidades de Italia, se mostrou nm dos homens maia eloquentes e mais sabios do seu seculo. Em 1464 *Fr. Francisco de Rovere* foi eleito Geral dos Menores; e a Santidade de Paulo II, em 18 de Setembro de 1467, o nomeon Cardeol Presbytero do titulo de *S. Pedro ad vincula*. As obrigações do novo cargo não o distrahiam das letras, pelo contrario seus trabalhos eram assiduos, e delles deixou memoria nas obras, que compoz em utilidade da Igreja de Deos. Vagando a Santa Se, por fallecimento de Paulo II, foi eleito seu successor, em 9 de Agosto de 1471, o *Cardeal de S. Pedro ad vincula*, que tomou o nome de *Xisto IV*, e recebeu a Sagrada Theara em 23 do mesmo Agosto. Os primeiros cuidados deste Summo Pontifice foram pedir as orações dos fieis na encyclica do costume, e attrahi-los á guerra contra os Turcos, que haviam feito grandes progressos contra a Christandade. Receioso pelo futuro decretou a reunião de um Synodo geral na Basilica Lateranense; mas o Imperador Frederico moveu questão propondo, que tivesse logar em Udine: o Santa Padre lembrou Mantua ou Ancona, porque mais convenientes eram á causa da Igreja, e sobre isso enviou os Cardeaes Besarião, Borja, e Barbo, Legados á França, Inglaterra, Hespanha e Allemanha, e destinon para a direcção da armada contra o inimigo ao Cardeal Oliveiro Carrafa: dêu tambem commissão a Barbo de fazer a paz entre os Reis de Hungria e Polonia, que disputavam a Bohemia, e de move-los a levar seus exercitos a Cruzada: curou de pacificar a Italia; e dispenson a Fernando de Napoles o tributo annual, que pagava á Santa Se, em quanto enviasse auxiliares á expedição premeditada. No seguinte anno, (1472), publicou as indulgencins para a Cruzada: entretanto pediu subsidio para ella, e preparon a sua armada. ElRei Luiz de França recusou enviar gento, opprimindo assim de desgosto o insigne Besarião, que passou a esta legacin constrangido, e causando-lhe por isso a morte; o Cardeal Borja em Hespanha mais tratou de escandalisar com sua vaidade; e por outra parte os negocios da Bohemia se complicavam por causa da heresia dominanto e da ambição do Polaco: o Santo Padre desligando os Bohemos, Silesios e Moravos, do juramento de fidelidade dado a esse Principe, excommungando os hereges, favorecendo os Catholicos, e auxiliando Mathias de Hungria, fez que o Cardeal Barbo conseguisse desto Soberano a promessa de entrar na Cruzada; estendeu a legacia deste Prelado á Suecia e Noruega; e ordenou aos dois Principes, que se concordassem. Ainda que Matthias se porton com fraqueza, as armadas Pontificia, Napolitana e Venesiana, passaram triumphantes ao oriente, e fizeram crua guorra ao Turco, de accôrdo com Uzun-Kassan da Porsio. Pelo mesmo tempo o Duque de Moscovia enviou Embaixadores de obediencia ao Santo Padre e a sua submissão aos Decretos do Santo Concilio de Florença, requerendo, que se convidassem os Tartaros a fazer guerra aos Turcos. *Xisto* ardia em desejos de pacificar toda a Christandade, e começon pela Italia os seus esforços, exigindo a renovoção da alliança feita em Napoles no tempo do Santo Padre Nicoláo V; porém soffreu nisso contradicções, porqne desconvinha o accôrdo aos interesses particulares de alguns estados, e outros eram dissuadidos por eertos genios inquietos. O Rei do Napoles, que dispozera a sua armada, e a tinha enviado á Asia, requereu ao Santo Padre, que o absolvesse em sua vida do tributo feudal, e o conseguiu apesar da opposição de muitos Cardeaes, do mesmo modo que o Ducado de Sora, comprado pelo Santo Padre Pio II e unido á Santa Se. Desta concessão resultou o casamento de nma filha illegitima daquelle Soberano com Leonardo sobrinbo do Santo Padre, e o seu engrandecimento e dos irmãos, dotando-os Soa Santidade apesar de lh'o levarem a mal, com bons privilegios e estados: entretanto *Xisto* socegou as desordens, que a pragmatica sancção origi-

[1] Platina *De Vitis et Gestis Summorum Pontificum* — Aubery *Hist. Generale des Cardinaux* — Raynaldus *Annal. Ecclesiastici* — Ciaconius et Oldoinus *Vitae et Res Gestae Pontificum Romanorum et S. R. E. Cardinalium* — Ughellus *Italia Sacra* — *Biographie Universelle* — Artaud de Montor *Hist. des Souverains Pontifes Romains* — Rohrbacher *Hist. Universelle de l'Eglise Catholique* — Moroni *Dizionario*. Um retrato de corpo inteiro.

nava por esse tempo em França, e poz seus esforços para dar cabo da simonia. No anno 1473 progredia felizmente a guerra, e o Turco receiando a sua completa desgraça tratou de alliar-se, contra Uzun-Kassan, a Matthias de Hungria, que cedeu recebendo em premio a Bosnia ou a Servia: logo que o Santo Padre o soube, poz tudo em movimento contra similhante iniquidade. Era possivel a ruina dos Turcos, e a restauração de Constantinopla; mas em quanto Portugal se preparava a diminuir o poder do Islamismo em Africa, onde obtivera delle signalada victoria, a Hungria se entretinha nessa negociação, e a Polonia, Allemanha, Castella, Aragão, França e Borgonha, em dissensões perigosas á Christandade; por isso os novos Cruzados perderam então a esperança de restaurar Constantinopla. O Santo Padre pediu entretanto ao Imperador, que auxiliasse Mathias na guerra contra Victorino da Servia, ordenou a Barbo, que fizesse terminar aquella, em que se empenhavam o Hungaro e o Polaco, convertendo suas armas para o Turco; e procurou conciliar os Italianos discordes. Finalmente condemnou a impiedade magica assoalhada por alguns Carmelitas em Bolonha; e poz termo a controversias de certos membros da Universidade de Lovaina sobre os futuros contingentes.

No anno 1414 cresceram as desordens em Allemanha, originadas de uma contestação entre os Colonienses e o seu Prelado, que procurou o soccorro de Carlos de Borgonha: o piedoso Rei de Dinamarca, que peregrinava a Roma, na volta aos seus Estados tratou de applacar os animos; porém não o conseguiu, e as desordens tomaram maior incremento, entrando Carlos no territorio Allemão, de que resultou levantar Frederico contra elle todos os Principes do Imperio. O Cardeal Barbo conseguiu fazer a paz entre Mathias de Hungria e Casimiro de Polonia; mas este não tardou a viola-la; e o Hungaro a hostilisa-lo: fizeram entretanto umas tregoas, e ambos solicitaram Uzun-Kassan contra os Turcos. Estevão Principe de Moldavia obteve uma grande victoria daquelles infieis; e solicitou de Casimiro auxilio; mas os senhores da Polonia lh'o recusaram: por outra parte o Napolitano não se contentava com a isenção do feudo; pretendia as decimas: aquelles Principes surdos ás vozes do Persa e dos clamores do Moldavo, como do bem da Christandade, e Fernando mais ambicioso, que devoto, foram o verdadeiro apoio do Turco Mahomet: entretanto se fez a alliança desejada com os Principes de Italia, e *Xisto* continuou o empenho tomado do engrandecimento de sua famillia á custa dos bens temporaes da Igreja, e apesar de continuar a resistencia de alguns Cardeaes. No seguinte anno 1475, o do jubileu universal, em quanto o Santo Padre abria o thesouro da Santa Sé para manter a Rainha de Chypre esbulhada por Jayme seu irmão bastardo, Carlos de Borgonha, sem se importar com a santidade do anno, nem com os interesses communs da Christandade, fazia guerra com cem mil combatentes a Frederico para lhe usurpar o Imperio: ao mesmo tempo Renato o *moço* Duque de Lotharingia se levantava contra o Borgonhez para lhe arrancar o Ducado de Luxemburg; Segismundo de Austria para haver o condado de Ferreta; contra elle faziam liga o Imperador e Luiz de França, pondo logo aquelle em campo um exercito Allemão: com tudo *Xisto* enviou Legado para a paz, e a conseguiu. Eduardo de Inglaterra chamado pelo Duque de Borgonha contra França passou ao continente, porém não tardou em alliar-se com Luiz XI; Carlos receioso procurou fazer a paz com este Soberano: e ella não só teve logar com elle, mas se tornou geral entre quasi todos os Principes, e ainda que não tardou a ser violada. Em Hespanha Fernando de Aragão e Isabel de Castella, contenderam com o Rei de Portugal sobre a Castella por causa da Princeza D. Joanna, a quem aquelles queriam tirar o direito de successão, e este mantê-lo: o Santo Padre enviou Legado para exhortar á paz os Aragonezes; e Luiz de França enganou, como de costume, a Affonso de Portugal. A Santidade de Martinho V havia dado aos Reis de Castella a terça das decimas para a guerra de Granada, mas elles não cuidaram faze-la, por isso *Xisto* abrogou a concessão. Recebeu o Santo Padre embaixada dos Reis de Aragão, Hungria, e outros Principes sobre a necessidade de prover contra os Turcos, que iam cobrando animo, haviam tomado muitas praças, e entrado em Kaffa profanando e infestando. Sua Santidade, que no anno 1472 havia mandado Nuncio ás Canarias, Guiné, e outras partes da Africa Fr. Affonso Bolano, augmentando-se a Christandade, lhe deu e a seus successores para coadjuvar dezeseis Religiosos Menores; e para pôr termo ás dissensões de differentes Principes sobre successão d'estados renovou os decretos de Clemente V, João XXII e Pio II, sôbre o processso de recurso á Santa Sé. Ordenou finalmente aos Prelados, que attrahissem os fieis a pedir á Mãe de Deos soccorro contra o Turco. No anno seguinte 1476 enviou legações aos Principes com o fim de attrahi-los á grande Cruzada; esforçou-se em promove-la, indulgenciou e auxiliou com dinheiro a Estevão de Moldavia, que hostilisava com incrivel denodo e fortuna os Turcos: entretanto estes se lançavam sobre Allemanha, e faziam horriveis estragos; e sem que Mathias de Hungria os pudesse conter entraram na Dalmacia e Valachia: não lhe importando isto, Carlos de Borgonha tratava de fazer-se Rei, e infestava os Helvesios; mas Deos o castigou. Por ultimo o Santo Padre lançou os olhos para a missão das Canarias; absolveu da escravidão os Cathecumenos, que os Missionarios tratavam não só de converter, mas de tornar uteis á sociedade fazendo ensinar as artes necessarias á vida.

No anno 1477 *Xisto* empregou todos os esforços para dar a paz á Italia receoso, que o Turco se aproveitasse das dissensões para a invadir: mandou por isso um Legado a Milão, e outro a Aragão com destino de effectuar o casamento da Infante D. Joanna filha de El-Rei João com Fernando de Napoles, a meio de terminar a guerra, que neste Reino se tratava contra este em favor do Aragonez, por elle ser bastardo. O Imperador, que tinha vistas sobre a Hungria, ligou-se com o Rei de Polonia, e enviou tropas contra Mathias: não ha cegueira maior! Os Turcos assolavam a Dalmacia, mas a ambição preferia-se a tudo! O Rei de Hungria defendeu-se entretanto, o obrigou os colligados a arrependerem-se: por outra parte os Venezianos procuravam a concordia, e rompiam pelo exercito de Mahomet na Dalmacia com briosa coragem, e o venceram. Os Mouros de Granada invadiam a Murcia, e Fernando de Aragão em logar de os guerrear renovou as tregoas, e passou, na ausencia de Affonso de Portugal, a Castella a segurar lá seu dominio. Parece impossivel, que a Christandade assim se descuidasse dos interesses communs, apesar das instancias do Chefe da Igreja! No anno seguinte (1478) Lourenço de Medicis com intento de engrandecer os Florentinos e a si proprio á custa dos dominios da Santa Sé havia

procurado hostilisar os estados da Igreja com suas usurpações; e sendo disso advertido pelo Santo Padre nenhum caso fez dos mandados Apostolicos: entretanto havia chegado ao seu auge a rivalidade entre a sua familia e a de Pazzi, prendendo cada qual a supermacia da Republica, allegando aquollo o grande credito do sua casa, e esta a ontiguidade de raça, o prevalecendo os de Medicis conjuraram os outros de morte contra olles: os Medicis escaporam, e os conspiradores padeceram supplicio; e na luta foi compromettido e preso o moço Cardeal Sanzoni parente de Sua Santidade. *Xisto* lançou excommunhão e interdicto sobre a pessoa de Lourenço de Medicis e dos Florentinos do sua facção pelos factos antecedentes, pela prisão do Cardeal, e pela morte do Arcebispo de Piza; mas as censuras foram despresadas, ainda que ponco depois solto o Cardeal: de novo os separon da communhão, e ordenon ao Rei de Napoles o aos Senenses, qoe os castigassem. Os Florentinos em logar de virarem suas armas contra o Turco inimigo commum, trataram de roubar a Igreja; e para se desculparem de suas maldades lançaram a culpa da conjuração a Sua Santidade, por nella haver entrado o moço Cardeal Legado: não parou aqui a sua má fé: procuraram em virtude da ultima sentença do Santo Padre ottrahir á guerra contra olle os cidades livres de Italia, o Rei de França, os Duques de Milão e Ferrara, e nutros Principes: Luiz XI, que nunca se prestou o guerra contra os inficis, nas côrtes de Orleans, disposto a faze-la á Igreja, procurou restaurar a pragmatica sancção; mas havendo ahi bons Catholicos, que levantaram seus clamores contra os octos de um Principe sempre máo, desde que lhe faltou seu pae, dissolveu elle essas côrtes, o determinon tratar a demanda n'outras em Leão: não contente com isso enviou embaixado oo Milanes, para que soccoresse os Florentinos, e ameaçon ao Santo Padre, quo se lhes fizesse guerra, se appelava para um Concilio! Disto prevenio o Cardeal de Pavia a *Xisto*; e os oradores Francezes foram respondidos com dignidade, que nem os Florentinos deram satisfação ás offensas, nem estava no poder do Rei de França convocar Synodo: entretanto o Santo Padre foi rogado pelo Imperador e pelo Rei de Hungria para dar a paz; e os Venezianos para auziliarem os Florentinos a compraram aos Turcos! Estes factos bastam para ver até onde a loucura então chegou! O Santo Padre deu a paz, mas os Florentinos a quebraram logo, procuraram opprimir Perugia, e tomarom algumas povoações aos Senenses; o, tratando os Principes do separar da Santa Sé os Prelados, *Xisto* fulminou excommunhão contra elles, procuron affastor do Milanes os Helvecios; pelo que Genovo foi restituida á sua liberdade: o Milanes queixava-se então ao Rei de Napoles, de que em logor de se fazer guerra aos Turcos, se fomentavam divisões em Italia: não havio melhor occasião de mostrar piedade! Ao mesmo tempo batalhavam Maximiliano de Austria e Luiz XI sobre os limites da Belgica, a Inglaterra estava em estado anorchico, e os Reis de Hungria e Polonia andavam a braços; assim mesmo a paz não tardou restabelecer-se entre estes dois ultimos Principes na verdade excellentes Catholicos. Mathias lá estava om campo contra Mahomet II; mas ello enriquecendo á custa da Christandade, e em especial dos Venezianos, se preparava a invadir a Italia. Terminarei os factos deste anno dando conta de um decreto de Sua Santidade para dar fim a contraversias agitadas em Allemanha entre o Clero seculor e os Regulares Dominicanos e Franciscanos, ordenando áquelle, que se abstivesse de lançar em rosto a estes, quo eram origem da heresia, e a estes que não prégassem contra a assistencia devido dos fieis ao sacrificio nas Parochias oos Domingos e dias festivos. No anuo seguinte (1479) insistiu o Santo Padro pela renovação da guorra contra os Turcos, mandando Legados a Allemanha, Hungria, e Polonia: entretanto de toda a Christandade se lho enviaram oradores, pedindo paz aos Florentinos; porém elle fez publicar um manifesto allegando as causas, por que determinára a guerra; e com quanto fossem as mais legitimas, e dura por outra parte se manifestasse a ezigencia, porque os Florentinos não davam satisfação, e so pretendiam libertar-se para defrandar os estados da Santa Sé, em odio de *Xisto* alguns Principes Italianos maquinaram fraudo contra elle, pretendendo affostor por meio de dadivas os seus adherentes: o Santo Padro os excommungou; mos longe do se arrependerem, cuidaram em assolar os dominios da Santa Igreja e as terras dos Senenses. Os Florentinos estavam de má fo, essa tinham alguns de seus alliados, e ontros andavam illudidos, tudo isto e para mim incontroverso; mas seria, o meu juizo, melhor, que *Xisto* tivesso obrado antes como Sacerdote, do que como Rei, porque Deos o ajudaria. Continuando porém a narração: direi, que o diabo estava no coração de Frederico de Sicilia, porque, apresentando-se deante de Florença, deixou-se corromper por Lourenço de Medicis, obrigou desse modo *Xisto* ó paz, e despreson com a honra o juramento de obediencia, quo pela vassallagem dera. Entretanto a Sicilia estava aterroda com susto da invasão de Mahomet, que jó devastava a Hungrio: os Cavalleiros de S. Lazaro e do Santo Sepulchro se uniram aos do S. João para a guerra: os Turcos alliaram-se com os hereges da Bohemia, o maquinaram traições a El-Rei Ladislao: trinta mil Christãos foram reduzidos á escravidão: e a Transilvania foi invadida! Tonto poderam as desavenças dos Christãos! Mathias preparava um grande ezercito; solicitou debaldo soccorro de Allemanha! Os pobres Hungaros queixaram-se do desamparo, em que os deixaram os Christãos; o os inconsiderados Venezianos em odio do Santa Sé fizeram olliança com os Turcos! Mathias desesperado pelos onganos do Imperador virou suas armas contra elle; e o Duque de Moscovio augmentou seus estados á custa de Casimiro de Polonia, que se vio obrigado a fazer uma tregoa. Nestas ambições se ontretinho a Christandode, em quanto os Mahometanos faziam progressos, e para serem maiores os desastres, Pedro Osma infectava com o sua heresia a Universidade de Salamanca, vociferando contra as indulgencias, e affirmando que o Papa não era superior ao Concilio, mos o Prelado de Toledo do ordem do Santo Padre proferiu sentença contra elle e seus sectarios, e auxiliado por Fernando *Catholico* salvon a Hespanha dessa peste. Em Moguncia foram condemnados ontros heresiorcas, quo estendiam mais longo o veneno da impiedado, como João Ruchard Theologo de Vozel, quo aos erros dos Waldenses, Beguardos o Marsilio de Parma juuton outros, e foi o precursor dos famosos innovadores do seculo seguinte.

No anno 1480 as desgraças da Christandade tomavam incremento, porquo Mahomet procurava aproveitar-se das desavenças de nossos Principes; em quonto o Imperador se entrotinha com umo sordida avaresa, Luiz de França andava a broços com Maximiliano sobre os estados da Borgonha, Fernaudo de Aragão cuidava de adquirir a Castella por fôrça, os Venezianos tratavam de perturbar o Rei

de Hungria na posse da Goricia ha pouco adquirida, e para cumulo da infelicidade *Xisto* com o Principe Affonso de Sicilia insistia na guerra contra os Florentinos! O Turco mandava então exercitos contra Rhodes, porém o Mestre de S. João, auxiliado pelos soccorros enviados de Roma e de Aragão, defendeu a Ilha até o ultimo extremo, e conseguiu salva-la com incrivel perda dos inimigos. Mahomet entretanto conduziu outro exercito a Italia, sitiou Hydrunto cidade da Apulia, invadiu-a e martyrisou o Arcebispo com oitocentos Christãos. O Santo Padre mandou então fazer tregoas a todos os Principes da Italia para voltarem suas armas contra o inimigo commum, e solicitou de todos os Principes e Povos exteriores, que lhe dessem soccorro primeira e segunda vez; applicou as decimas dos dominios da Igreja por dois annos para defesa de Hydrunto e Rhodes; ordenou preces, e que por oito dias se celebrasse a festa de Todos os Santos; procurou acabar por meio de Legações as desavenças na Italia, França, Inglaterra, mas Luiz de França impediu o passo ao Cardeal Sabinense enviado á sua côrte e á de Maximiliano! Por ultimo os Florentinos pediram venia, e foram reconciliados. No anno seguinte (1481) *Xisto* enviou Legado a Allemanha para fazer a paz entre o Imperador e o Rei de Hungria; porém aquelle a não quiz pelos seus intentos de desvastar aquelle Reino: entretanto reunidos os oradores dos Reis e Principes com o Santo Padre em Roma se conseguiu a paz geral, e se decretou a Cruzada, estabelecendo-se reditos para ella, devendo dizer-se, que Luiz XI se empenhou seriamente na conclusão do tratado. Nesta famosa liga da Christandade só Veneza lançou sobre si o manto negro, havendo feito pazes com o Turco! Em Genova se preparou a armada; o Santo Padre a indulgenciou, e pôz debaixo da protecção dos Apostolos: entretanto se suscitaram algumas desavenças na Allemanha entre o Palatino do Rheno e o Imperador; mas o Santo Padre cuidou logo de applaca-los exigindo do Palatino a conservação das tregoas. No meio de todos estes preparativos morreu Mahomet II em 3 de Maio, dia de Santa Cruz, mas nem por isso a Christandade havia desistido dos seus intentos: comtudo para a perturbar enviou Satanaz a Ibleto Flisco, que tratou de dissuadir alguns Cruzados, e exerceu a pirataria contra os navios Portuguezes, que levavam provisões e armas para Rhodes; mas o Santo Padre o ligou a terriveis censuras Saiu finalmente a armada Pontificia, e atraz della a Portugueza: Hydrunto foi sitiada por mar e terra, e apesar da pertinaz resistencia veiu ao poder da Christandade, havendo sido já derrotado no Illyrico o Bachá Selima. Uma parte da Macedonia foi tambem recuperada; e as armas Christãs iriam mais longe, se o Santo Padre não receiasse com rasão da alliança de Fernando de Napoles com os Florentinos no meio da paz de Italia, e se os Milanezes se não eximissem de continuar a guerra. *Xisto* havia esgotado o thesouro papal, e contrahido empenhos: e a Sicilia exigindo, que a armada da Santa Sé fosse a Constantinopla, inculcava as sinistras intenções de se apossar dos estados da Igreja, que deviam ficar sem defesa, e expostos a um poderoso ingrato e perjuro. No seguinte anno (1482) Fernando de Napoles levou ao extremo a sua perfidia contra a Santa Sé retendo os Turcos captivos em Hydrunto para se servir delles contra a Christandade, fazendo novos pactos com os Florentinos inimigos do Santo Padre, subornando os vassallos da Igreja, e conduzindo sua armada contra os estados della ao Tybre; mas sua audacia foi abatida pelo exercito do commando de Malatesta, e pelos Genovezes e Venezianos: apesar da victoria *Xisto* solicitou do Imperador, que interviesse na paz: Fernando entretanto insistia em sua maldade, porém receioso dos Francezes, pediu venia, e a obteve. Applacou o Santo Padre outras dissensões na Italia, e conseguiu a paz entre Luiz de França e Maximiliano de Austria. Os Venezianos attacaram por mar e terra o Duque de Ferrara genro do Napolitano, pelo que Sua Santidade exigiu do Doge a paz, e como este recusou, induziu os Ferrarienses á constancia, e exigiu dos Bolonhezes e do Duque de Milão, que os soccorressem. Não podendo André Arcebispo de Gray conseguir o Cardinalato, irritado contra o Summo Pontifice se fez novador ordenando um conciliabulo em Basilea: o Santo Padre tratou logo de o exautorar, e instou com o Imperador para se prevenir do scisma. André foi preso; mas depois de solto a petição do Imperador tornou aos seus desgraçados intentos, e recusando os Basilienses entrega-lo para responder em Roma, *Xisto* declarou ao Imperador, que só pertencia á Santa Sé conhecer de taes delictos. Em quanto estas cousas se passavam, o Santo Padre ordenou uma Cruzada na Polonia contra os Tartaros: o Duque de Moscovia procurava estender seus dominios pela Lituania e Russia, fazia excursões pela Livonia, e encommodava o Polaco; mas o Santo Padre ordenou ao Arcebispo de Riga, que acabasse as controversias entre os dois Soberanos, e os movesse á alliança: ao mesmo tempo Paulo Knes Principe dos Slavos venceu os Turcos, que haviam entrado na Transilvania; e o Santo Padre ordenou a ElRei Mathias, dando-lhe elle parte da victoria, que fazendo a paz com o Imperador ambos procurassem resgatar as terras occupadas pelos infieis. Zizimo irmão de Bajacetho e pretensor do Imperio Turco, depois de vária fortuna, se recolheu a Rhodes: o Mestre de S. João participou ao Santo Padre, que o havia enviado para França, e Sua Santidade não só o louvou, mas pediu a Luiz de França, que bem tratasse aquelle Principe, entretanto que o Rei de Hungria o solicitava, e elle exigia dos Christãos a sua restituição ao throno. Antes deste auxiliou *Xisto* com subsidio e indulgencias a Fernando *Catholico* para a guerra de Granada; e, congratulando Eduardo de Inglaterra pela victoria alcançada do Rei de Escossia, lhe ordenou, que fizesse a paz com elle. No anno 1483 os Venezianos teimaram em fazer guerra ao Duque de Ferrara; e o Santo Padre mandou que se fizesse a elles, expondo a necessidade de se obrar assim para pacificar a Italia, ao Imperador e ao Duque de Saxonia. Parte da armada Veneziana foi tomada pela Pontificia; e Sua Santidade declarou a Fernando de Napoles, que era necessario combater aquelles soberbos ilhéos, e que, quando o não fizesse, toda a responsabilidade cairia sobre sua cabeça. Os Venezianos, levantando-se contra elles toda a Italia, reclamaram soccorros Transalpinos, e de Renato Duque de Lotharingia e neto de Renato Rei de Sicilia, que tomou o caminho de Napoles, mas foi impedido por Fernando de Austria. Entretanto se celebrou em Cremona um congresso para dar fim a guerra de Ferrara, e conseguir a paz de Italia, e o Santo Padre confirmou o decreto de excommunhão contra os Venezianos, se não se abstivessem da guerra, fez publicar um manifesto ácerca della, e pediu contra elles auxilio ao Imperador, aos Reis de França, Hespanha, Portugal, Inglaterra e Hungria, e aos Septemviros de Allemanha. Os Venezianos não desistiram, e Sua Santidade ordenou, que fossem tidos por hereges e scismaticos: entretanto elles procuraram attrahir os Reis de França e Hespanha aos

seus interesses, e os provocaram á decisão em Concilio geral; mas de neda lhes valeu a tentativa, porque o Santo Padre preveniu aquelles Soberanos de quanta impiedsde era o soccorro. Mutuamente se guerrearam Venezianos o Sicilianos, provocando aquelles; e em Sena se levantavam facções, que por meio de uma Legacia procurou o Santo Padre applacar. Tomando conta do governo Carlos VIII por morte de Luiz XI seu pae a liberdade Ecclesiastica perigou em França, porque pela sua parte o Clero se havia relexado muito: *Xisto* enviou Legado para terminar essas desordens, e prohibiu, quo alguem tomasse a iniciativa neste negocio por pertencer á Santa Se. Havendo os Reis *Catholicos* desvastado todos os campos de Granada, o Santo Padre os excitou a expulsarem do todo os Mouros, antes que lhes viessem soccorros de Africa, e determinou, que o nome de Mahomet nunca mais se proferisse do alto das torres, observando-se nesta materia o determinado pelo Synodo de Vienna: demais disso escreveu ao Soldão de Babilonia, que por muito tempo auxiliára os de Granada, e se queixára ao Santo Padre da demolição das mesquitas, com o fim de applacar suas iras, e recommendando-lho os Christãos de seus estados. Havia *Xisto* mandado estabelecer a Inquisição em Hespanha contra a perfidia Judaica: disso veiu, que alguns arguiram Fernando o Isabel (e talvez com rasão); mas o Santo Padre louvou (bem pode ser, que mal informado) a sua piedade; porem declarou-lhe, quo era necessario guardar e immunidade da ordem Ecclesiastica, e observar os mandados Apostolicos, isto e, deixar proceder livremente os Tribunaes da Igreja sem intervenção do poder temporal, porque não sendo assim se castigariam neophytos por cobiça de seus beus, o não apostatas com justiça. Chamou depois a attenção de Mathias, de Cazimiro e do Imperador contra a perversidade dos hereges, que medravam na Bohomia, o em Praga se haviam levantado contra os Catholicos; e antes disso concedeu uma Cruzada ao Polaco contra os Tartaros invasores. Finalmente mandou terminar as controversias sobre a Conceição da Virgem.

No anno 1484, vilipendiada em Portugal a liberdade e dignidade Ecclesiastica, reprehenden ElRei D. João II pelo desterro do Bispo do Algarve, proveniudo-o de que estava incurso nas penas do Synodo de Vienna; e ao Bispo de Coimbra por ter acceitado a Metropole Bracaronse, o se intrusar sem auctorisação da Santa Sé: ordenou aos Prelados da Escocia, que obedecessem aos mandados do Rei, quanto aos direitos da Corôa; o concedeu a este Principe o uso da carne nos dias prohibidos, segundo o voto do Confessor: esforçou-se por outra parte a estabelecer a paz entro a Allemanha e Hungria: procurou-a entre os Belgas e Maximiliano, que contendia por administrar os estados, que Filippe seu filho herdara por sua mãe, e elles recusavam. A Italia ardia em facções motivadas pelos da familia Colomna, que se haviam rebellado annos antes; por isso mandou o Santo Padre fazer-lhes a guerra: e para obter a paz com os Venezianos enviou-lhe Legado com amplos poderes o Cardeal da Costa; mas a esperança de Sua Santidade e dos Reis *Catholicos*, que muito confiavam daquelle Prelado, foi illudida. Finalmente tratou-se da paz, porque já aborrecia a guerra: e o Santo Padre, cançado tambem de trabalhos e atribulado de desgostos, passou desta vide a 13 de Agosto, de setenta annos de idade, e treze e quatro dias de Summo Pontificado. Resta dizer, que Sua Santidade canonisou os Martyres de Marrocos, Otto, Padro, Berardo, Acurso, e Adjuto, e o veneravel Cardeal Boaventura: augmentou o culto da Santissima Virgem instituindo o officio de sua immaculada Conceição: confirmou o decreto de Paulo II, quo estabeleceu o jubileo universal de 25 em 25 annos: approvou a Ordem dos Minimos instituida pelo veneravel Francisco de Paula, que venerâmos sobre os altares: erigiu em Metropolitana a Igreja de Avinhão: restaurou a Academia du Ingolstad na Baviera, e instituiu a de Tubinger na Diocese de Colonia: erigiu o Hospital do Espirito Santo de Roma, e deu seu nomo á confraria dolle. Do seus profundos talentos deixou memorias em diversos escriptos, de que lembrarei um *sobre o sangue de Jesus Christo*, outro *sobre o poder de Deos*; e tratava de compor uma obra utilissima ás escolas, na qual pretendia mostrar, que S. Thomaz de Aquino, posto differir de Scoto nas palavras, era conforme nas sentenças. A sua piedade o saber profundo o exaltaram á cadeira de S. Pedro; e se se exceptuar o nepotismo, e a insistencia na guerra contra os Florentinos, apesar de que justas fossem as causas, estou convencido que debalde se lhe procurarão culpas; mas estas estão bem absolvidas pelo grande zêlo, que sempre teve pela casa de Deos.[1]

34.°

SANTO PADRE PAULO IV. — Nasceu este Summo Pontifice na aldêa de Santo Angelo de Scala, districto de Benavento do Reino de Napoles, a 28 de Junho de 1476, e no baptismo teve o nome de *João Pedro*; pertenceu a familia *Carafo*, que derivava sua origem de Ricardo Rei de Sardenha pelos annos 1040. Deste Principe até correu uma serie de homens varões esclarecidos, de que se lembra a historia, até ao Conde João Antonio, que se alliou á casa *Camponesco* por sua mulher Victoria Condessa herdeira de Montorio, e filha de Pedro de Lelis *Camponesco* e de sua segunda mulher D. Maria de Noronha, filha de Rui Vaz Pereira e do D. Brites de Noronha illustres Portuguezes. Os Condes João Antonio e Victoria, tiveram filhos João Affonso Conde de Montorio, que continuou a casa, *João Pedro*, de quem se trata, e cinco filhas, das quaes se alliaram a familias illustrissimas quatro, e Maria, que foi a primeira, trocou as esperanças do seculo pelas austeridades do Claustro, recebendo o véo da Ordem de S. Domingos, fundou o Mosteiro da Sapiencia de Napoles, e nelle morreu Abbadessa com grande opinião de virtude. *João Pedro* desde moço se applicou aos estudos Ecclesiasticos, em que fez progressos, como nas linguas Hebraica, Grega e Latina; e depois recebeu o Sacerdocio. Sendo Conego da Santa Igreja do Napoles, Camareiro e Protonotario participante da Santidade de Julio II foi exaltado á Cadeira Pontifical de Thiati em 30 de Julho de 1505, e nomeado Nuncio a Fernando *Catholico* para Napoles. Tomou posse

[1] PLATINA *De Vitis et Gestis Summorum Pontificum* — AUBERY *Hist. Generalle des Cardinaux* — RAYNALDUS *Annal Eccl.* — CIACONIUS et OLDOINUS *Vitae et Res Gestae Pontificum Romanorum et S. R. E. Cardinalium* — UGHELLUS *Italia Sacra* — ARTAND DE MONTOR *Hist. des Souverains Pontifes Romains* — ROHRBACHER *Hist. Universelle de l'Eglise Catholique.* Um retrato de corpo inteiro

da sua Igreja em 20 daquelle mez, o não tardou a mostrar na administração della, quo era vigilante Pastor, procurando por seus exemplares costumes a reforma do Clero e dos fieis e o augmento do culto. Em 1512 esteve no Synodo Geral de Latrão; e do Roma passou a Inglaterra na qualidade do Colleitor do *dinheiro de S. Pedro,* e a Hespanha na de Nuncio posteriormente, onde foi nomeado primeiro Capellão de El-Rei, e seu conselheiro de Estado. Pouco depois, em 21 de Dezembro de 1518, o Santo Padre Leão X o promoveu á Sé Metropolitana de Brunduzi, retendo a Diocesana de Thiati. Passou a residir na sua nova Igreja; e sendo chamado a Roma por Adrianno VI, lá se conservou até que em 24 de Agosto de 1524 renunciou as duas Igrejas e todos os beneficios Ecclesiasticos nas mãos do Clemente VII, do mesmo modo que todas as dignidades do seculo, e com o veneravel Caetano de Thiana, Prelado domestico de Sua Santidade, que veneramos sôbre os altares, o outros varões eminentes em santidade e pelas dignidades Ecclesiasticas se retirou a fazer vida claustral, e instituiu com elles a Ordem dos Clerigos Regulares da Divina Providencia, approvada em 1528 pelo mesmo Santo Padre, e de que elle foi o primeiro Proposito: entretanto Paulo III, lembrado dos serviços, que elle fizera nas disputas com os Gregos em Venesa por ordem de Leão X, exigiu, que o aconselhasse na reforma da disciplina, e preparasse trabalhos para o Concilio geral, e não lhe valeram as escusas, que sua alta modestia apresentara, porque o Santo Padre o obrigou, e lhe deu a Purpura em 22 de Dezembro de 1536 na terceira creação, nomeando-o *Presbytero de S. Clemente,* que depois mudou para o titulo de *Santa Maria de além do Tybre.* Em 20 de Junho de 1537 voltou á sua primeira Igreja de Thiati já elevada a Metropole, de que foi o terceiro Arcebispo. Depois entrou *Cardeal Bispo na de Alba* em 17 de Outubro de 1543, desta passou á de *Sabina* em 1546, desta á Metropolitana de Napoles em 9 de Novembro de 1549, largando a de Thiati: mais adiante, em 28 de Fevereiro de 1550, largou a de *Sabina* pela de *Frascati*, e a 2 de Dezembro de 1553, deixando a de *Frascati* foi apresentado na de *Ostia*, e constituido Deão do Sacro Collegio. Finalmente, por morte do Santo Padre Marcello II, eleito seu successor em dia da Ascenção, 23 de Maio de 1555, tomou o nome de *Paulo IV*, recebeu a Sagrada Thiara a 26 desse mez, e tomou posse da Igreja de S. João de Latrão a 28 de Outubro.

Manifestou *Paulo* desde sua exaltação os mais vehementes desejos de acabar com o Lutheranismo, e para isso cuidou de estabelecer uma paz solida entre os Principes: este foi todo o seu empenho: com tudo os poderes da terra mais dispostos aos interesses deste mundo, que ao bem commum da Igreja, posto que alguma vez dessem mostras de o auxiliar, levados dessa vaidade de quem *não reconhece superior na terra*, segundo a doutrina dos Jurisconsultos pagãos, outras vezes obraram como quem no céo mesmo deixava de o reconhecer, porque taes são as consequencias daquella doutrina.[1] Dirigiu o Santo Padre logo suas letras a Carlos V para attrahi-lo á paz com França, a Fernando Rei dos Romanos para attender ao miseravel estado da Religião em Allemanha, a Filippe e Maria Reis de Inglaterra louvando-os pela restauração da Igreja Catholica nesse Reino, e promettendo, quo nada pouparia em dar-lhe bons Prelados, e em auxiliar o Legado Cardeal Polo na reforma. Condemnou, privando do officio e da dignidade, Thomaz Cramuero Arcebispo de Cantuaria; e os Reis o mandaram queimar de igual modo que a outros [2]; dando-se a administração da Igreja do Cantuaria ao Cardeal Polo, e provendo-se as restantes em Bispos Catholicos, a quem Sua Santidade escreveu ordenando, que procurassem a reforma dos costumes: entretanto o Cardeal juntou o Synodo nacional em Inglaterra sôbre a restauração da orthodoxia Catholica, e da disciplina Ecclesiastica; e o Santo Padre approvou seu zêlo, e o fez Legado á paz entre Carlos V e o Rei de França. O Principe Filippe de Hespanha Rei de Inglaterra mandou então prestar homenagem á Santa Sé pelo Reino do Napoles: Henrique II de França se levantou contra os Calvinistas, mandando-os entregar sem recurso as chammas; porém achando opposição affrouxou um pouco [3]; e requerendo ao Santo Padre, que lhe concedesse os privilegios dados por Leão X a Francisco I, Sua Santidade o fez com a condição de fazer executar o *concordato* [4] sôbre provimento de beneficios e fôro Ecclesiastico, que áquelles privilegios serviram de base, e de que os politicos haviam escarnecido. Em

[1] No conceito absoluto esta doutrina é um dos paradoxos mais ridiculos, que a loucura humana tem inventado. Se se attender ao principio Religioso o Ministro do Santuario só tem superior na escala da jerarchia Sacerdotal; mas o proprio Vigario de *Jesus Christo* é subordinado a quem lhe deu o ser, porque o Divino Salvador obedecia a sua Mãe, e ainda a José, que apenas era o guarda de sua infancia, e o protector delle e da Virgem; por isso com quanto o proprio Summo Pontifice seja a cabeça visivel da Igreja de Deos, como Vigario de *Jesus Christo*, tem superiores na terra por outra parte se se attender aos vinculos da lei natural, que Deos estabeleceu, os ascendentes são o primeiro e mais sabido anel dessa cadêa maravilhosa, que prende os homens pela existencia ao Eterno: entretanto os ascendentes tem deveres na Religião e na sociedade, e por ambas estão dependentes do Sacerdocio e dos podêres da terra: na ordem da sociedade, que os homens organisaram, e onde todo o podêr é derivação ou imitação do podêr paternal, quem ha, pois, que não tenha deveres a cumprir com a Religião e com ascendentes?

[2] Este meio, de que usou o podêr temporal para libertar da heresia, foi uma gravissima atrocidade, que não só fez grandes damnos á Religião, mas foi causa de uma represalia horrivel nos Catholicos da parte dos Reformados desde que Isabel subiu ao throno. O podêr temporal depositado por inteiro nas mãos dos jurisconsultos, obrando sempre contra o Evangelho, para manter sua auctoridade julgou bom accender fogueiras para queimar homens, debaixo do pretexto de Religião, quando ordinariamente as causas eram outras. Tenho graves rasões para desconfiar do zêlo, que por então mostrava Filippe, como em todo o tempo dos tribunaes, em que se deposita auctoridade soberana para obrar sem concurso directo e immediato da pessoa dos Principes.

[3] Subsistem as mesmas rasões de desconfiança, que tenho de Filippe, ácêrca de Henrique de França: por quanto Filippe queria dominar pelo terror, e Henrique sustentar-se. Os tribunaes em Inglaterra auxiliavam Filippe, em França negavam-se a obedecer á vontade de Henrique: examinem-se as rasões com espirito filosofico, e ver-se-ha, que n'uma e n'outra parte dominava o mesmo principio, não obstante serem differentes os actos.

[4] Só este nome *concordato* é para mim um escandalo, por ser um escripto público, em que os podêres da terra *concordam em acceitar*, o que como Catholicos eram obrigados a cumprir. É urgente a confissão, de que me faltam de todo as fôrças para tolerar a doutrina regalista sanccionada por similhantes tratados, e ao chamado *placeto*, que me causa mais horror do que o podêr de todos os tyrannos levantado contra a Igreja de Deos. Admitto *concordatas* e *placetos* feitos pelo Imperador da China, pelo Grão-Senhor ou pelo Kan da Tartaria com o Santo Padre, mas não os posso admittir celebrados por quem se diz filho da Igreja de Deos.

Allemanha Alberto de Brandebourg hostilisava Catholicos e lutheranos matando e roubando; em quanto o bom Adolfo Arcebispo de Colonia expellia da cidade o famoso Jodoco de Batavia, que interpretava como queria a Santa Biblia: os lutheranos em Dinamarca e Hamburg repelliam os sacramentarios e anabaptistas; e reunidos com os Catholicos em Ausbourg contra o Turco procuravam preverter estes; em quanto o Santo Padre procurava affastar o illustre Alberto de Baviera das traições dos protestnates, punha em acção todos os seus meios para que o Imperador e seu irmão Fernando não permittissem a oppressão da Igreja Catholica, já louvando, ja admoestando ou pedindo: entretanto a heresia tomava incremento, e dividindo-se e subdividindo-se os innovadores; e *Paulo* condemnava esses erros expondo a doutrina Catholica. Da Allemanha, onde o Cardeal Morono andava a braços com os turbulentos, que dividiam o corpo de Christo, lançou o Santo Padre suas vistas para a Polonia, onde grassava a peste do Calvinismo, e la enviou Nuncio a Luiz Lipomano Bispo Veronense para atalhar os progressos, e escreveu sôbre isso ao Primaz, Arcebispos, Bispos, e Prelados, Rei, Rainha, Palatinos, e Ministros; e tanto foi o zêlo do Primaz Gnesnense e dos outros Prelados, que a Polonia se via por então livre da heresia, e a Santidade de *Paulo* auctorisou aquelle Primaz com o poder de absolver das censuras os, que estavam nellas incursos. No meio destes cuidados o Duque de Montorio sobrinho do Santo Padre, de accôrdo com os das casas Sforsa e Colona, moveram a susceptibilidade de Filippe II contra *Paulo*; e o Cardeal Carafa, igualmente sobrinho de Sua Santidade, ainda complicou mais o negocio chamando Henrique de França em auxilio do tio contra Filippe: em quanto o Santo Padre tratava da paz assim era obrigado a soffrer a guerra!

No anno 1556 dedicado *Paulo* todo á reforma de costumes, e á extirpação da heresia procurou, que se celebrasse Synodo Geral em Latrão, a que podesse presidir pessoalmente, e enviou Legados, para antes de tudo se fazer a paz, ao Imperador, a Filippe de Hespanha, e a Henrique de França: prestou-se este logo; mas os Ministros de Filippe e os proprios Legados transtornavam tudo, aquelles por sua insolencia contra o Santo Padre, e destes Scipião Rebiba, porque nada fez com medo, e Carafa porque em logar de procurar a paz, ateou a discordia, movendo Henrique contra Filippe: Henrique e o Imperador, apesar das intrigas, prestaram-se á paz; mas o Vice-Rei de Napoles cuidava de fazer a guerra, e Filippe respondia, que estava prompto a restituir as praças tomadas ao dominio Ecclesiastico, logo que se fizesse a paz: o Santo Padre recorreu aos Venezianos para a auxiliarem, porém elles recusaram. No congresso de Ratisbona pretenderam os lutheranos fazer publicar novos decretos hostis ao Catholicismo; porem o Santo Padre preveniu Maximiliano de Bohemia, que reprimisse a sua audacia, e elle o fez. Secundavam a causa Catholica em Allemanha o Archiduque Fernando de Austria, e Alberto da Baviera, por isso mereceram os louvores de Sua Santidade, que os instava para continuarem: *Paulo* ao mesmo tempo apertava com os Prelados desta Nação, para se reunirem contra a pravidade heretica; e honra seja feita a Segismundo eleito de Magdebourg, que trabalhou até restituir o Culto Catholico nessa Diocese. Em Inglaterra o Cardeal Polo fechou o Synodo, e se promulgaram os artigos de restauração da disciplina Ecclesiastica: na Polonia em quanto o Rei manifestava sua devoção a *Paulo*, a heresia obtinha fautores, pelo que o Santo Padre recommendou a André Bispo de Cracovia benemerito da Igreja, que pozesse novos esforços para reprimir a maldade dos hereges; mas tomando incremento o erro, solicitou *Paulo* do Rei para expulsar João de Lasko e Pedro Vergerio, nefandissimos propagadores da impiedade, e que attendesse por seu Reino infectado dessa má peste: renovou as admoestações: escreveu ao Nuncio Lipomano, e ao Vice-Chanceller de Segysmundo; e logo ao Primaz Gnesnense, e a todos os Bispos para cuidarem antes de tudo deste importante negocio. Os desvelos de ElRei de Portugal para se plantar o Catholicismo na Ethiopia haviam obtido o desejado fim; o Santo Padre nomeou então João Nunes Barreto Patriarcha desta região, e lhe aggregou Missionarios da santa Companhia de *Jesus*, e os recommendou ao Imperador Claudio. No anno seguinte (1557) sendo o Santo Padre atacado pelas armas do Vice-Rei de Napoles, mandou proceder contra Carlos V e Filippe chamando-os a juizo; fez retirar os seus Ministros das Côrtes destes Principes; e na Quinta-feira Maior excommungou quaesquer invasores das terras do dominio da Igreja: entretanto o Duque de Guize entrou na Italia com tropas francezas, e o Duque de Alba aterrado, de accôrdo com Filippe, procurou interpôr o valimento de Joanna Carafa, irmã do Santo Padre, para obter a paz; mas este não cedeu, intendendo dar o Reino de Napoles ao segundo genito de Henrique, porque este Principe era melhor defensor da causa da Igreja. O Duque de Ferrara juntou auxiliares ás tropas de Guize seu genro, e *Paulo* lhe deu o supremo mando da Liga Italiana: mas quando Filippe na pessoa do Vice-Rei podia levar uma boa lição, os Principes Italianos obraram de tão má fé, que Henrique de França se viu obrigado a chamar Guize para defender seus Estados, que Filippe atacava com exercitos Hespanhoes, Belgas e Inglezes. Desses males vieram outros: o Duque de Alba levou o seu Exercito contra Roma com intento, dizia este General, de a salvar dos terrores de *Paulo*; receando porém do Duque de Guize e dos Helvecios, mudou de intento, em quanto os Venezianos e Florentinos tratavam da paz, e ElRei de Portugal pedia ao Santo Padre que a fizesse. *Paulo* recorrea a este Principe, que tratasse de trazer á concordia Filippe causa do mal: o Cardeal Polo rogou a Maria de Inglaterra, que movesse seu esposo; enviou á Belgica a Filippe, solicitando a paz, e o mesmo fez ao Santo Padre. Filippe do mesmo modo que o Imperador, como se fossem estranhos a todas as intrigas da guerra condemnavam o Duque de Alva por seus excessos, e inclinados então á paz mandaram faze-la; entretanto o Duque de Guize, em quanto se não concluiu, tratou de defender a pessoa do Santo Padre, que esquecendo o passado recebeu bem o Vice-Rei Alva. Depois disso poz Sua Santidade novos esforços com os principes para se effectuar a paz geral, e concedeu indulgencias a quem orasse a Deos por ella: Henrique de França aterrou os Calvinistas em França, e o Santo Padre deu aos Cardeaes desta Nação o poder de os cohibir; mas apesar disso elles faziam progressos, porque a piedade havia esfriado muito. Em Allemanha se dissolveu o Congresso de Wormes celebrado entre Catholicos e lutheranos pelas graves dissensões entre estes: o Santo Padre agradeceu a ElRei Fernando a dissolução, e ordenou ao Bispo de Lubek, de quem este Principe fazia muita conta, que insistisse para se evitarem reuniões de tal natureza, e isso mesmo solicitou Filippe de seu tio, pelo que o Santo Padre

o elogiou: entretanto Fernando pelas suas condescendencias tinha deixado ir a heresia muito longe. Neste meio tempo o Santo Padre e João Arcebispo de Treveris deram aos Soberanos um exemplo de amor paternal digno de ser imitado, não poupando cousa alguma para soccorrer na fome os povos da sua jurisdicção temporal, a quem ella atacou horrivelmente. *Paulo* chamou a Roma os Prelados mais distinctos para tratar de dispor as cousas para o Synodo Geral, e escreveu ao Rei de Polonia, reprehendendo-o, e intimando-o para prohibir a insolencia dos hereges sobre a communhão em ambas as especies; e o veneravel Hozio Bispo de Ermeland manifestou a este Principe o errado caminho que levava nas suas inclinações, contrarias ao espirito da Igroja. Motivos quaesquer haviam obrigado o Santo Padre a retirar da Legacia de Inglaterra o Cardeal Polo, e a enviar em logar delle Fr. Guilherme da ordem dos Menores: os Prelados desse Reino rogaram ao Santo Padre, que o conservasse pela necessidade de sua pessoa alli em tão criticas circumstancias: Sua Santidade declarou, que não o fizera sem madura deliberação, intendendo remover todos os Nuncios e Legados; mas apesar disso consentiu a Legacia de Polo até á morte delle: entretanto por ordem do Santo Padre foi preso o Cardeal João Morono, que muitos desvelos pozera durante a Legacia de Allemanha em guerrear os hereges. Não bastava, que os homens dessem tanto que fazer á Igreja, uma mulher Hespanhola, por nome Isabel, se arvorou por então em Apostolo pregando publicamente! Mas o Santo Padro a cohibiu.

No anno 1558 *Paulo* tratou outra vez da reunião do Synodo Geral, e para isso procurou a paz entre Hespanha e França escrevendo a seus Principes, que se mostravam inclinados á ella. Morto o Cardeal Polo e a Rainha Maria, o diabo encarnado na pessoa de Isabel irmã adulterina desta Princesa, subiu com heresia ao throno; e disso foi causa Filippe de Hespanha, que impediu a Rainha Maria de declarar Maria Stuard successora, que o era legitima, em rasão de sua alliança com um Principe da casa de França. Deixando as Ilhas Britanicas, onde vão começar horrores contra os Catholicos, passemos á Allemanha, e la encontraremos o bom eleito de Magdebourg continuando em suas diligencias em favor da puresa do Christianismo, e por outra parte o Santo Padre louvando e instando com elle e com todos os Prelados das Igrejas desta Nação para trabalharem na restituição do Catholicismo. Em França grassava a peste calvinista desde o mais baixo do povo até ao palacio dos Reis de Navarra, que eram causa de se relaxar a disciplina a respeito dos inferiores. Na Polonia a heresia dos sacramentarios tomava incremento, pelo que o Santo Padre apertou com os Prelados para se opporem; instava e reprehendia o Rei, em quanto o veneravel Hozio não poupava esforços para convencer este Principe da impiedade. Opprimindo o Turco os Christãos, que levára captivos das excursões feitas no Reino de Napoles, e não tendo *Paulo* meios de resgate, solicitou os do Clero: depois deu por vaga a Igreja Bergonense pelas maldades do seu Bispo implicado na heresia: coartou absolutamente a lição dos livros prohibidos, porque as excepções tinham feito graves males. No anno seguinte (1559) Isabel de Inglaterra auxiliava o incremento da heresia; Filippe II prometteu-lhe favor, se pelo contrario a cohibisse: louvou-o por isto o Santo Padre: ambos se enganaram com ella, a impiedade prosperava no seu Reino, como na Escossia fazia progressos espantosos o erro, depois que ella protegeu contra Maria Stuard os tumultuarios; o Santo Padre enviou alli Nuncios para reporem as cousas no antigo estado; mas a perseguição ao Catholicismo crescia espantosamente, e só havia recurso na fuga: alguma esperança entretanto concebiam os fieis das Ilhas Britanicas pela paz entre França e Hespanha, porém essa mesma foi illudida com a morte de Henrique de França, de saudosa memoria. O Santo Padre afflicto com os desastres da Christandade na Allemanha, onde os calvinistas viviam á sua vontade, na França, onde nada os continha, e em Inglaterra onde o Catholicismo era perseguido, publicou a Bulla *Cum ex Apostolatus*, exautorando e excommungando todos os hereges e scismaticos de qualquer ordem ou jerarchia, Bispos, Cardeaes, ou Reis: entrando a heresia em Hespanha, repetiu a prohibição dos livros perniciosos[1]; dotou com rendas das Cathedraes e Collegiadas a Inquisição, a que presidia o illustre Metropolitano de Sevilha; ordenou que os hereges, ainda mesmo não relapsos, fossem senteneeados[2] a pena ultima; deu poder ao Inquisidor Geral contra pessoas de qualquer ordem, ainda Bispos e Metropolitanos; por letras especiaes, a rogo de Filippe, o Prelado Toledano Bartholomeu Carrança foi lançado em prisões[3]: exhortou D. Joanna Princeza de Portugal e Governadora de Flandres, que não permittisse offuscar-se nesse paiz a Igreja com as maldades dos hereges; iguaes instrucções enviou ao Duque de Ferrara, porque a heresia chegava á Italia: e ntretanto mandava absolver os de Brescia, que se reconciliavam com a Igreja; e ao Duque de Brunswik, que bem se havia portado nas questões passadas, e que o solicitava para conceder a seu irmão, promovido ao Episcopado, a faculdade de possuir tres Dioceses, Sua Santidade lh'a negou justamente por ser contrario ao bem da Igreja. Na Polonia continuava o veneravel Hozio oppondo-se

[1] A restauração das letras (como lhe chamam) trouxe á Igreja e á Europa os maiores males; estabeleceu radicalmente o despotismu, e por outro cuidou de o arruinar: a oppressão exercida por aquelle deu favor ás sociedades secretas vindas do oriente: nellas se gerou um monstro tão cruel como o primeiro, mas que gemia algemado, apesar d'algumas vezes balir com horror, até que Luthero se arrojou a dar o grito de liberdade emancipando-se da obediencia da Santa Sé: a escóla pública guerreou a occulta, e ambas, cada qual por seu modo, o Christianismo puro n'uma época, em que a piedade havia esfriado muito, depois que das disputas academicas havia saido a indifferença. Um livro a *Imitação de Christo* fez emudecer por algumas horas questões frivolas; mas foi um só livro; e a falta de similhantes e a muito pouca piedade produziram então os grandissimos males da Igreja; como posteriormente quando a consciencia estava emancipada, Descartes veiu emancipar o intendimento: na época de que estou tratando, embora apagada, ainda não estava de todo extincta a fé: o podêr temporal optou por suas conveniencias, como meio urgente, as fogueiras; este facto irritou; e de um abuso, em que toda a culpa ora dos podêres da terra, se argumentou depois de Descartes contra a santidade da Religião e contra Deos mesmo! Em todo o caso a lição dos máos livros fez então damnos em Hespanha, como sempre os fez em toda a parte; e de ha muito a tal restauração era a origem delles.

[2] Apesar das circumstancias extraordinarias, em que se achava a Christandade, eu teria desejado, que o Santo Padre não procedesse deste modo instigado pelas conveniencias de alguem.

[3] Como eu creio pouco na piedade de Filippe II, estou convencido, que o Santo Padre foi enganado por este Principe a muitos respeitos, e principalmente ácerca do Arcebispo de Toledo, que, com espanto de todos, foi levado aos carceres, porque seus crimes só eram conhecidos do Rei.

contra o uso do calix ás pessoas leigas, e o Santo Padre insistia com o Rei para desterrar os hereges. Vendo *Paulo*, que a pretenção de sua familia era apossar-se dos dominios da Igreja, repeliu de si os sobrinhos, e dispoz ordenadamente o governo dos estados da Santa Sé. Attribulado cruelmente pelos desgostos mais proprios para levar um homem de piedade á sepultura, acabou seus dias a 18 de Agosto deste anno. O seu zêlo pela exaltação da fe e pela paz universal já se tem visto: quanto ao culto elle teve grandes desejos do seu augmento, canonisando o bemaventurado *Thomaz de Villa Nova;* indulgenciando e renovando a festa da Cadeira de S. Pedro em Roma no dia 18 de Janeiro contra a maldade lutherana, que negava a vinda do Santo Apostolo a esta cidade. Cheio de benevolencia para com os fieis quiz ouvir suas queixas pessoalmente, e para isso instituiu o tribunal chamado do *Terror dos Officiaes da Curia Romana*. Poder-se-hia notar a sua pompa no Summo Pontificado, se elle não a tivesse aborrecido em toda a vida; e crueldade com os hereges; mas esses actos mais podem ser a attribuidos a outrem: como quer que seja, uma vida toda exemplarissima, e zelosa pela Casa de Deos merecerá sempre elogio dos bons Catholicos. [1]

35.°

Santo Padre XISTO V.—Nasceu este Summo Pontifice em Grottes, aldêa proxima do castello de Montalto na Marca de Ancona, a 13 de Dezembro de 1521, filho de Francisco *Peretti* e de Marianna Gabane; e no baptismo lhe chamaram *Felix*. A familia *Peretti* gosou na Dalmacia as considerações da nobresa, porque a esta pertencia: levada á última ruina pela invasão de Amurates II mudou de residencia, e se estabeleceu em Montalto; posteriormente, na guerra de 1518, ficou reduzida ao extremo da pobresa, e por ella á classe infima da sociedade [2], e se refugiou em Grottes. Nesta situação infeliz appareceu no mundo *Felix Peretti*, a quem Deos ornou dos mais elevados talentos, e fez subir á mais alta dignidade da terra; nos sete annos começou os seus estudos no Mosteiro dos Eremitas Augustinianos da sua patria; aos dez tomou o habito dos Menores Conventuaes em Montalto, e continuou com incrivel aproveitamento nos estudos: recebeu o Sacerdocio em 1547; no anno seguinte tomou o grão de Doutor na sagrada Theologia, e exerceu o Magisterio da Cadeira e o Ministerio do Pulpito com muita gloria. O Santo Padre Pio IV o nomeou Theologo do Santo Concilio de Trento. e Consultor do Santo Officio; entretanto *Fr. Felix*, depois de haver sido Prelado de differentes Mosteiros da sua Ordem foi eleito Vigario Geral della. Subindo ao Papado S. Pio V seu discipulo o fez eleger Geral dos Menorés, escolheu-o para seu Confessor, elevou-o a Mitra de Santa Agueda em 15 de Dezembro de 1566; na terceira creação de Cardeaes, em 17 de Maio de 1570, lhe deu o titulo Presbyteral de *S. Simão*, mudado depois no de *S. Jeronymo de Slavos;* e o transferiu á Igreja de Fermo em 17 de Dezembro de 1571: finalmente, por morte do Santo Padre Gregorio XIII, em 1585, foi o *Cardeal de S. Jeronymo dos Slavos* eleito seu successor em 24 de Abril, e saudado com o nome de *Xisto V;* recebeu a sagrada Theara no dia 1 de Maio, e, logo que tomou posse da Igreja de S. João de Latrão, publicou jubileu para se pedir a Deos a paz da Republica Christã, seguiu despedindo os embaixadores Japonezes de obediencia á Santa Sé, depois de haver dito Missa diante delles, e de os honrar, por modo que em chegando á Asia tomaram a Roupeta do Santo Ignacio, e por seu zêlo foram perseguidos de ordem do Imperador Taicozama. *Xisto* sentado sôbre a cadeira de S. Pedro deu-se a conhecer pelo maior homem do seu seculo, dotado de elevada intelligencia e de um genio creador; amigo das sciencias, das letras, e das bellas artes, inimigo irreconciliavel dos vicios, e justo, embora severo e ainda constante na rigidez. Se o considerarmos pela qualidade de Monarcha, é forçoso dizer, que elle era digno de dominar não o pequeno Reino, que constituem os estados da Santa Sé, mas o orbe inteiro; e se se attender como Vigario de *Jesus Christo* só teremos a lastimar a curta duração de sua vida desde, que logrou a Theara. Os seus actos como Soberano temporal lhe grangearam o amor dos povos, de modo que tornou inabalavel o throno dos Romanos Pontifices: principiou pela confirmação das leis de seus antecessores contra toda a qualidade de criminosos, e as fez executar, de modo que em menos de um anno a Italia estava livre de malfeitores de toda a casta, dos quaes era infelizmente victima: puniu com a morte os adulteros: terminou as desordens do carnaval, que em Roma acabavam com mortes, incendios e roubos: quando o povo estava exposto á fome e á nudez, pelo rigoroso inverno de 1585 para 1586, fez vender por baixo preço o pão, e cohibiu com rigor os monopolistas: a fim de manter a dignidade do throno castigou rigorosamente Pepoli nobre Bolonhez e feudatario da Santa Sé por se haver rebelado declarando, que em relação ao dominio de seu estado só era sujeito a Deos: restaurou consideravelmente Roma, attendendo ás commodidades públicas e á belesa das praças, das ruas e dos edificios, vencendo incriveis difficuldades, e conseguindo acabar suas obras em pouco tempo: em fim a historia apresenta poucos Principes, que se desvelassem tanto pela salvação do povo, quer arredando delle a immoralidade e os malfeitores, quer procurando manter os direitos de todos, quer adquirindo o necessario para a conservação da vida e saude de todos.

No meio destes cuidados não esqueceu ao Santo Padre a qualidade sublime de Vigario de *Jesus Christo*, porque nos desta se empregou com a maior vigilancia e zêlo. Attendeu as viuvas, orfãos e pobres, creando uma commissão de Cardeaes para delles terem cuidado, impondo-lhes effectiva respon-

[1] Aubery *Hist. Generale des Cardinaux* — Raynaldus *Annal. Eccl.* — Ciaconius et Oldoinus *Vitae et Res Gestae Romanorum Pontificum et S. R. E. Cardinalium* — Ughellus *Italia Sacra* — Aldimari *Historia Genealogica della Famiglia Carafa* — Artaud de Montor *Hist. des Souverains Pontifes Romains* — Rohrbacher *Hist. Universelle de l'Eglise Catholique* — Moroni *Dizionario*. Dois retratos de meio corpo.

[2] Como nem ainda o crime priva da nobresa, que não tem origem ao favor ou nos titulos pomposos, mas se transmitte na familia de varão em varão, o pae de *Felix Peretti*, apesar do estado humilhante a que a levára a pobresa, era nobre porque recebêra de nobres o sangue, que alimentou a vida de quem soube merecer dos homens sacrificando-se por elles.

sabilidade.[1] Tomou a peito a sorte da desgraçada Mario Stuard, fazendo dirigir incessantes preces ao Altissimo para a salvar das mãos impias da impia Isabel de Inglaterra, o empregou humanamente sua influencia para e conseguir; mas Deos permitiu, que a bastarda de Henrique VIII levasse por deante as perversas intenções de um coração malvado. Tempo havia, que a Santa Se não enviava Nuncios á Suissa por causa das perseguições dos Calvinistas: *Xisto*, para consolar os Catholicos, não hesitou em enviar-lhes João Baptista Santorio revestido dos podêres necessarios. Fez estreitar os laços da caridade entre os Pastores do rebanho de *Christo*, ordenondo aos Bispos de todo o orbe o visita dos tumulos dos Apostolos, por si ou por seus procuradores com limite de tempo; e obrigou os Principes á devida obediencia para com a Igreja; porque prohibindo Henrique de França a publicação dos censuras contra o Rei de Navarra o o Principe de Condé, o não querendo receber o Nuncio Frangipani, porque pertencia a liga, mandon pôr fóra do Roma e dos estados da Igreja o embaixador de França, e não o tornon a admittir om quanto Frangipani não foi recebido na qualidade, quo tinha; e posteriormente depois do assasinato de Henrique III, havendo accordado Henrique IV enviar orador a Roma, respondeu com justa indignação ao de Hespanha, quo pretendia protestar (se aquelle fosse admittido), e mandou-o retirar; e ao da liga fez sentir, que a protegêra em quanto ella trabalhavo pelo Religião, mas quo lhe retirava esse favor, porque ja os seus fins erão ambiciosos: na Polonia conteve os tumultos, e restituiu a liberdade a Maximiliano, dando a paz ao Reino; e fez respeitar a Santa Se por todas as corôas. Prohibiu toda a qualidade de insulto aos Judeos; condemnou a astrologia judiciario; e com o maior desvelo tratou de restaurar a disciplino Ecclesiastica, publicando dentro de dois onnos setenta e duas bullas, e creando quinze Congregações do Cardeaes para este fim. Tal foi *Xisto*, que na idade de sessenta o nove annos, tendo governado a Igreja do Deos por cinco, quotro mezes e tres dias, morreu a 27 de Agosto de 1590.

Deixou este Summo Pontifice memoria de sua piedade na canonisação do servo de Deos Fr. *Diogo de S. Nicoldo* Religioso Leigo de Alcalá do Henores; dando a *S. Boaventura* a consideração de Doutor da Igreja, estabelecendo as festas da *Apresentação da Virgem*, *S. Francisco*, *Santo Antonio*, *S. Januario Bispo e Companheiros*, *S. Nicolão de Tolentino*, *S. Pedro Martyr*, e dos *Santos Placido*, *Eustachio*, *Victorino e Flavia*. Reformou o Collegio Cardinalicio; e para dar mais auxiliares a Igreja, e mais vigor á restauração da disciplina, approvou a Ordem do S. Camillo, e a Congregação recoleta Cisterciense de Fr. João de la Barriero. Em demonstração do seu omor pelo culto fundou a Capella do Santa Maria do Presepio, embelesou os Templos do Vaticano, Latrão, Santa Maria Maior, Santa Maria de Popalo e Santa Cruz, o levantou a famosa fobrica da *Escada Santa*. De sua caridade com os pobres ficou monumento no Hospital dos mendicantes. Finolmente, paro deixar testimunho do seu offecto com as sciencias, emprehendeu e levou com fortuna ao cabo a revisão das obras de Santo Ambrosio, o as fez publicar em cinco volumes desde 1579 até 1585; e levantou a magnifica e preciosa Bibliotheca do Vaticano, transportando a ella a de S. João de Latrão.[2]

36.°

Santo Padre GREGORIO XIV. — Nasceu este Summo Pontifice em Milão da familia *Sfrondato* em 11 de Fevereiro de 1535, e ao baptismo lhe puzeram o nome de *Nicolao*: seus paes foram Francisco I Conde de la Riviera, Barão de Vallasine, Senador de Milão e Conselheiro de estado do Imperador Carlos V, e a Condessa Anna Viziconti, do cujo ventre foi arrancado, morta ella: o Conde Francisco depois de viuvo seguiu a vida Ecclesiastica, e foi Bispo do Cremona e Cardeal Presbytero dos Santos Nereo e Aquileo: o mais velho de seus filhos Paulo continuou a casa, e *Nicolao* o segundo e de quem me vou occupar. Este, depois do fazer seus estudos em Perugia, Padua, e Pavia tomou a borlo doutoral em um e outro direitos, entrou Senador em Milão; mas depois abraçou o estado Ecclesiastico, fez parte da fomilia de S. Boaventura, e foi provido na Igreja do Cremona em 13 de Março de 1560. Esteve no Santo Synodo Tridentino, e nelle concorreu para o decreto, que veda a pluralidade de Beneficios; no dia 10 de Agosto de 1580 celebrou Synodo Diocesano para fazer observar as determinações daquelle Ecumenico; chamou os Theatinos á sua cidade, poz todo o seu cuidado no augmento do Culto, o no allivio dos infelizes; e o Santo Padre Gregorio XIII na setima creação de Cardeaes, em 12 de Dezembro de 1583, o investiu da purpura Presbyteral com o titulo de *Santa Cicilia*. A Santidade de Xisto V o enviou a Turim em 1587 para tocar como padrinho no baptismo do Filippe Manoel primogenito do Duquo reinante: em Roma pertenceu á Congregação dos Ritos; e se apresentou pela sua virtude eximia digno exemplar dos Sacerdotes, soccorreu os peregrinos do jubileu com allivios espirituaes, e nesse tempo de penitencia foi visto descalço pelas ruas. Por morte do Santo Padre Urbano VII no Conclave, em 5 de Dezembro de 1590, foi eleito seu successor por acclamação, resistiu, não lhe admittiram rasões, o com violencia foi adorado e acclamado com o nome de *Gregorio XIV*. No dia da Conceição recebeu a Sagrada Theara no Vaticano, e a 13 tomou posse do S. João de Latrão.

Os seus proprios actos foram de liberalidade com os Cardeaes e com os Mosteiros, e do caridado com os pobres; restituiu ao Senado e aos particulares os cargos, e officios, que o Santo Padre Xisto V

[1] Não se diga, que unicamente pela qualidade de Soberano temporal *Xisto* procedeu deste modo; porque o cuidado dessas pessoas e dos estabelecimentos pios, segundo o espirito do Christianismo, e a prática dos seus primeiros seculos, pertence com exclusão aos podêres da Igreja, e não aos da terra, que o tem usurpado com detrimento dos infelizes, a quem as leis sociaes, com deshonra da humanidade, bem pouco contemplam. Um dos direitos, que a meu juizo a Igreja devia reclamar com maior instancia era esse, para allivio de quem geme na desgraça, porque apesar de toda a poesia, que os jurisconsultos empregam em defender a sua obra, as leis sociaes, ao menos nessa parte, necessitam grandissima reforma operada pelo Sacerdote e pelo Philosopho, unicos amigos da humanidade, quando aquelle é pio, e este racional.

[2] Aubery *Hist. Generale des Cardinaux* — Ciaconius et Oldoinus *Vitae et Res Gestae Pontificum Romanorum et S. R. E. Cardinalium* — Ughellius *Italia Sacra* — Artaud de Montor *Histoire des Souverains Pontifes Romains* Rohrbacher *Hist. Universelle de l'Eglise Catholique*. Um retrato de corpo inteiro.

lhe havia tirado por conveniencia da epoca; e salvou o memoria posthuma deste Papa, que a ingratidão Romano havia ousado mauchar; trasladou seu corpo para a capella do Presepio em Santa Maria Maior, que elle fundára; cuidou de remediar as necessidades do povo, quo pela falta de pão havia soffrido o epidemia em quasi todas as cidades de Italia, e chegou a ponto de fazer morrer sessenta mil pessoas só em Roma. Parece, que o Santo Padre *Gregorio* so tres cousas julgou de gravissimo interesse no Summo Pontificodo, como em todo o decurso de sua existencia, porque todos os seus actos foram modulados pelo sentimento de as conseguir: «uma vida castissima e pura a todos os respeitos—olliviar os infelizes dos males, que padeciam—e a concordia entre todos os homens,» por causa desta, conservondo a Cadeira Metropolitana em Brindisi no Reino de Nopoles, separon do sua Diocese os Oritanos, deu-lhes Bispo, e o sujeitou ao Arcebispo de Taranto; e embora as contendas entre esses povos se podessem por outro modo terminar, *Gregorio* a bem da paz cedeu á vontade de Filippe II, como bem constrangido a instancias desto Principe mandou a França em beneficio da *liga* um exercito commandado por seu sobrinho o Duque de Montemarciano General da Igreja para lá ser desfeito com o do Duque do Saboia. Cheio de merecimentos para com Deos, o para com o humanidade, deixondo amplificada com privilegios a Ordem de S. Camillo, acabou no Senhor em 15 de Outubro de 1591, depois de horriveis padecimentos, victima da dôr de pedra.[1]

37.°

Santo Padre CLEMENTE XI. — Nasceu esto Summo Pontifice em Urbino a 22 de Julho de 1649 filho de Carlos *Albani*, nobre cavalleiro daquella cidade, e de Helena Mosca senhora illustre do Pesaro: chamou-se desde o baptismo *João Francisco*, foi o primugenito, e teve irmão Horacio *Albani*, que continuou a casa. *João Francisco* fez seus estudos em Romo com grande proveito, e ous dezesete annos de sua idade estava tão sabedor do Grego, do Latim e da Historia, que se deu a conhecer por insigne traductor da primeira daquellas linguas no segunda, e por excellente critico. Concluiu o curso de jurisprudencia na Universidade de Roma, tomou a borla doutoral nas escólas do Urbino, o em quasi todas as academias daquella cidade foi recebido com louvor pelo seu elevado merecimento litterario. Aos vinte e um onnos entrou Conego no Igreja de Lourenço *in Damaso;* o aos vinte e oito o Santidade de Innocencio XI o nomeou Prelodo do Curia Romona, Referendario de umo contra assignoturas, Consultor da Congregação Consistorial, e poucos mezes depois successivamente Governador das cidades do Reate e Orvietto, e da provincia de Sabina. Na volta foi escolhido para Vigario do Arcipreste do Voticano, mais adiante para Secretario dos Breves e Conego da Igreja de S. Pedro, e por fim na segunda creação em 13 de Fevereiro de 1690, Cordeal Diacono do titulo de *Santa Maria in Porticu*, que em 22 de Maio desse anno mudou para o de *Santo Adrião;* Protector dos Religiosos Minimos, Deputado das Congregações Consistorial, Indulgencias, Ritos, Propaganda, Exame dos Bispos, Immunidade Ecclesiastica, Visita Apostolica o Indice dos Livros prohibidos. Por seu conselho a Santidade de Alexandre VIII anullou a chamada constituição do Clero Galicano de 1682; e este só acto póde fazer o seu elogio. No morte do Santo Padre Innocencio XII em 27 do Setembro do 1700, ontes de entrar no Conclave foi ordenado Presbytero e tomou o titulo Sacerdotal de *S. Silvestre in capite*. Achando-se divergentes os Eleitores no escolha do successor do Papa fallecido, chegou em 23 de Novembro a noticia da morte de ElRei de Hespanha, e logo nesse dia por unanimidade do votos foi exaltado o Cadeira de S. Pedro o *Cardeal* de *S. Silvestre*, e tomou o nome de *Clemente XI:* a 30 do mesmo mez foi consagrado Bispo no Vaticano, e a 8 de Dezembro recebeu os insignios do Summo Pontificado. Fez preces oo Senhor, visitou muitas vezes os Templos, e os hospitaes de Roma, administrou os Sacramentos aos moribundos, lavou os pés oos peregrinos, e lhes deu esmolas: fechou a porta Santa do Vaticano, quando acabou o anno do jubileu, e no começo do seguinte tomou posse da Igrejo de S. João do Latrão.

Levado com repugnancia á Cadeira de S. Pedro este homem eminente pelo piedade e pelos talentos teve um Pontificado largo e espinhoso, porém cheio do gloria. Começou o reforma por sua casa, procurando, que todos os familiares seguissem o risco os exemplos de austera virtude, que lhes dava, e observára desde menino, e tirando aos parentes toda a influencia nos negocios e a esperança de exaltação á custa da Igreja. Eram muito grandes os males politicos da Europa nesta época, e não menos incommodos os, que elle soffrio por causa da asthma, das affecções do peito, e do debilidade de pernos; mas sua alma sempre vigilante, não lhe deixava sentir as proprias dôres para se occupor dos males alheios, como vamos ver pelos factos. Acabou o abuso dos asylos, e preveniu os Soberanos, de que obrossem do mesmo modo: permittiu por isso aos executores da justiça, que arrancassem os malfeitores de quolquer logar, a que se abrigassem, não desacatando o Santuario: estabeleceu junto ao Hospicio de S. Miguel de Ripa o primeira casa penitenciaria para a mocidade dos máos costumes, onde por meio da separação, do trabalho e das instrucções pias do Sacerdote ella se emendasse[2]. Prevendo os desastres e os escandalos da guerra enviou Legados a Austria e o França, pedindo a seus Principes, que se abstivessem das hostilidades sôbre a questão da successão de Hespanha; porém elles estiveram bem longe de o ouvir, e pela sua parte o Imperador respondou mandando tropos o Italia, que não só invodiram o Milanez e as regiões visinhas, mas os estados da Igreja: cado quol dos contendores pretendia exclusivamente a alliança da Santa Sé a meio de bôas condições: não acquiesceu *Clemente*, antes pelo contrario

[1] Ciaconius et Oldoinus *Vitae et Res Gestae Pontificum Romanorum et S. R. E. Cardinalium* — Ughelli *Italia Sacra* — Artaud de Montor *Hist. des Souverains Pontifes Romains* — Rohrbacher *Hist. Universelle de l'Eglise Catholique* — Moroni *Dizionario*. Um retrato de corpo inteiro sem nome.

[2] O systema destes estabelecimentos nos Estados-Unidos não foi uma idéa nova, porque, embora difira em algumas circumstancias, é baseado no que ordenou em 14 de Setembro de 1703 o Santo Padre Clemente XI. Não será difficil mostrar, que a maior parte dos inventos uteis, tanto á humanidade como á sociedade, pertence ao Sacerdocio, porque nelle teve origem. Isto di-lo a historia do modo que diz outras cousas, por isso é incommoda aos politicos e aos mentirosos

insistiu para se tratar da paz: Filippe de Anjou, entretanto, passando a Napoles mandou embaixada de obediencia ae Santo Padre, e elle enviou u sen encontro e Cardeal Barberine para lhe dar a benção: o Imperader levou isto a mal, e não quiz receber e Nuncie extraerdinarie: e *Clemente* fez guarnecer Parma e Placencia ceme fendos du Santa Sé, para assim evitar, que fossem victimas das tropas Francezas e Allemães, de que a Italia estava cheia; e applacou por meio de sua auctoridade as desavenças entre os embaixadores de Austria e França om Roma. Em quanto estas cousas passavam, Frederico de Brandebourg, se fazia acclamar Rei do Prussia sem e consenso da Santa Sé, e usurpando os direitos da Ordem Theutonica; pelo que o Santo Padre exhortou o Imperador e a todos os Principes Catholicos, que e não reconhecessem: por eutra parte acudiu Sua Santidade ás tribulações dos Catholicos na Armenia, Thracia e Syria, que eram vexados cruelmente pelos Islamitas, e alcançou e uso livre de sagrado Culto: na Italia empregou os termes inculcados pela justiça para exterminar os bandides, que a assolavam; e pelas orações ao Céo, como peles meios da prudencia humana, procurou remediar os males da inundação do Tybre, e de espantoso terramote, quo opprimiu toda a região.

Grandes tribulações se offereceram ao Santo Padre, porem Deos o auxiliou para triumphar. A heresia de Jansenie e Quesnel infestava a França, o ameaçava o orbe Catholico: tratou de extingui-la anathematisando-a por duas constituições *Vineam domini* e *Unigenitus*. Os Missionarios da Companhia de Jesus eram accusados de permittir aos sens neophytos da India o China ritos pagãos: para desterrar a impiedade, se existia, enviou Visitador Apostolico o illustre Tournon, e por sua informação anathematisou esses ritos. Cemo auxiliares da casa de Austria para estabelecerem ne throne de Hespanha o Archiduque Carlos, que Sua Santidado não quiz reconhecer, aportaram em Leorne Inglezes e Hollandezes, em quanto no districto de Ferrara procuravam abrir campanha Francezes e Allemães: e Santo Padre excommungou es Generaes de ambos estes exercitos, o póde assim conseguir, que lhe obedecessem. Em Vienna recusou e Nuncio assistir á festa da acclamação do Archiduque Carlos como Rei do Hespanha, o por isso foi lançade da Côrto: o Santo Padre cuidou de restabelecer a bôa harmonia pelos caminhos da prudencia. José I, que succedêra a Leopolde seu pae, publicou um decreto em materia de padroado contrário aos pactos feitos com a Santa Sé, *Clemente* do mesmo modo que havia reprovade as leis municipaes do Codigo Leopoldino por contrarias á liberdade Ecclesiastica, condemnou nquelle por ser offensivo da dignidade da Igreja, e declarou por iguaes razões nullos os actos do congresso de Ratisboua, que elevaram e Duque do Hanover á dignidade de Eleitor. Os contendores ae threne de Hespanha não cessavam, nem havia meie do obter a paz; Sua Santidade por isso mandou fortificar Ferrara, e procurou defender com armas os estados da Igreja; e com quanto o Imperador declarava em Vienna, que Parma e Placencia eram feudos do Imperie, teve necessidade de cuidar da paz; mas não agradande os artigos della a Filippe V expulsou o Nuncie: apesar disso não tardou a fazer-se entre todos, havende succedido Carlos ne Imperie a sen irmão José, de modo que estavam no anno 1713 compostas as differenças, e conciliados os Priucipes da Europa.

O zêlo de *Clemente* pelo incremento da Igreja de Deos, de que já eu disse alguma cousa, se manifestou por muitos factos: attendeu ás Christandades da Mezia e do Epiro, e ordenou para restauração da disciplina a celebração do Synode dos Bispos das duas provincias reunidas: promoveu a propagação de Christianismo no Egypto, na Ethiopia, no Congo e entre os Maronitas, enviando-lhes Missionarios, e procurande por todos os meios attrahir ao gremio da Religião nquelles Prelados, Religiosos e pessoas seculares, que vinham dar obediencia á Santa Sé: fora disso tratou da restauração do Catholicismo ne norte, procurando, que no meie de protestantisme houvessem Pastores Catholicos com sufficientes meios de exercer o sagrade Ministerio. Não curou menos da dignidade da Igreja; e bastaria só para e provar a extincção do tribunal de Sicilia chamado *Monarchia Siciliana*, que se arrogava o direito de examinar e revogar as sentenças dos Bispos; mas de mais della existe alguma cousa um pouco mais transcendente sôbre a questão da Bulla *Unigenitus* de anno 1713, pela qual condemnou as proposições de Quesnel, de que já fallei: e Arcebispo de Tours eppoz-se a esta constituição, do mesmo modo que o Cardeal Arcebispe de Paris, e a Sorbona, que a recebêra em vida de Luiz XIV, depois da sua merte recusou-a, em quante e Parisiense e quatro Bispos appellaram para e Synodo geral, espalhando-se por outra parto libellos injuriosos á Santa Sé, e disseminando-se falsos escrupulos: *Clemente* revogou os privilegios da Sorbona, e a appellação ao Concilio: o Regento de França depositario da auctoridade temporal impoz silencio a ambas as partes!!! O Santo Padre reprovou o acto regio, procurou attrahir á bôa parte o Parisiense, mas debalde: publicou então (1718) a Bulla *Pastoralis Officii*, porque depoz de qualquer dignidade ainda Episcopal ou Cardinalicia aquelles, que se oppozessem a primeira Constituição declarando-os separados da Igreja em caso de contumacia: o Regente Duque de Orleans quiz fazer a paz, o pediu explicações da Bulla ao Santo Padre; mas este com a constancia de Apostolo recusou ouvi-le; e alguns Prelados de França deram essas explicações sem especial approvação do Santo Padre: foi então recebida a Bulla pelo podêr temporal, e ficaram annulladas as provocações ao Concilie [1]. Por entra parte intentou Clemente salvar, como Urbano II, a Europa da escravidão: sabendo, que Achemetes Imperador dos Turcos preparava armadas contra a Christandade na Europa, Asia e Africa, procurou, com e seu conselho e ajuda, attrahir os Principes Catholicos a uma liga, e poz todo o cuidado em alcança-la; mas dividida a Christandade da Europa, e havendo esfriado muito a devoção, apesar do progresso dos infieis, elle só tinha recurso nas preces ao Senhor. Apesar disso não desistiu o Summo Pontifice, e trabalbando incessantemente conseguiu soccorro de Portugal, da Ordem de S. João, da Toscana, e de Genova aos Venesianos, e lh'e deu, em quante e Imperador fazendo alliança com elles contra o commum inimigo preparava um exercite, que enviou a Hungria debaixo do commande do Principe Eugenio. Os Venesianos apertaram os Turcos no Mar Egee, e es Imperiaes os venceram na Hungria; porem Carlos em defeza dos seus estados de Italia fez voltar seus exercitos.

[1] Deos Nosso Senhor pela sua infinita misericordia premiaria com a eterna Bemaventurança este Summo Pontifice tão illustre pela piedade, e que tão bem soube defender a sua Igreja do despotismo dos podêres da terra.

A disposição bellica da Europa poderia colhêr grandes fructos, mas desgraçadamonto os interesses familiares davam mais cuidado a nossos Principes, quo os geraes da Christandade. Filippe V invadiu a Sardenha, e o Imperador escandalisado, em logar do tornar a culpa a quem a tinha, voltou-se contra o Santo Padre, e lançou os Nuncios Apostolicos de Vienna e de Napoles. O Rei de Hespanha não contente com a sua obra levou o exercito da Sardenha á Sicilia; mas Sua Santidado, vendo nestes actos um meio de protrahir a guerra contra os infieis com grave prejuizo da Christandade, tratou de reduzir a bom conselho Filippo V, e não o podendo conseguir recusou dar a Metropolo de Sevilha ao Cardeal Alberoni seu primeiro Ministro, e principal auctor das questões com o Imperio; o procurou satisfazer o Cesar: entretanto ElRei de Hespanha não quiz admittir o Nuncio Pompeo Aldobrando, e mandou saír os Hespanhoes do Roma: por outra parte o Imperador declarou guerra a Filippe, mas este não tardou a procurar a paz com prejuizo do dominio temporal da Santa Sé. *Clemente* contentou-se de reprovar esses pactos para salvar os direitos da Igreja Romana, e depois attrahiu Filippe á sua graça, e o auxiliou com indulgencias e reditos para a guerra de Africa.

Ainda é forçoso lembrar alguns factos do zêlo de *Clemente* por bem da Christandade nol último quartel de sua vida. Auxilion com bôas esmolas os Catholicos na Hollanda, Irlanda e Escocia, e obteve que não fossem perseguidos, dando fim ás tramas dos ministros protestaotes: enviou Missionarios á Inglaterra: fez restaurar em Allemanha a disciplina Ecclesiastica e honestidade de costumes: por morte do Cardeal de Tournon enviou á India e China Carlos Mezzabarba por causa da questão dos ritos, na qualidade de Legado Apostolico, aondo foi bem recebido do Imperador da China, porém delle nada conseguiu: mandou celebrar Concilio Provincial dos Bispos Ruthenos na Sarmacia para reforma dos costumes: auxiliou os Catholicos Chaldeos, vexados pelos Turcos, com esmolas, e procurando-lhes o favor dos Principes Christãos. Em beneficio das sciencias e das artes, enviou duas expedições litterarias ao Egypto o Syria, para adquirir manuscriptos orientaes ao Vaticano; e instituiu no palacio Capitolino a academia de pintura, esculptura o architetura.

Depois de haver passado uma vida dolorosa, e sempre inquieta por causa dos cuidados, que incessantemonte empregava no serviço de Deos, no incremento da Religião, e na paz, tendo predito sua morte no último Consistorio da 28 do Novembro de 1720, acabou com todos os signaes de predestinado em 19 do Março do anno seguinte. Deixou memoria illustre na Igreja de Deos pela canonisação dos veneraveis *Pio V, André Avellino, Felix de Cantalicio*, e *Cathorina de Bolonha;* na beatificação de *João Francisco Regis;* na conversão do Antonio Ulric Duque de Bruswick-Wolfenbuttel, o de Frederico Augusto Eleitor de Saxonia ambos lutheranos; na piedade, com que na Semana Santa confessava e dava a communhão aos fieis, e n'outros tempos do anno lhes prégava a palavra do Senhor; na grande caridade com os pobres; nos esforços com quo promoveu o culto, o ornamento dos templos, e esplendor das Igrejas, de que é testimunha a do Lisboa. [1]

38.°

Santo Padre BENTO XIII.—De uma das mais illustres familias Italianas, nasceu este Summo Pontifice em Gravina terra de Bari do Reino de Napoles, a 2 de Fevereiro de 1649, filho primogenito de Fernando *Ursins*, 3.° de nome, 10.° Duquo de Gravina, Principe de Solafra e de Vallatra, e Conde de Muro, e da Duquesa Joanna Frangipani da Tolfa: no baptismo lhe chamaram *Pedro Francisco*, e por morte de seu pae succedeu na casa, e foi 11.° Duque de Gravina, que renunciou contra vontade de sua mãe, tomando o habito da Ordem dos Prégadores em 12 de Agosto de 1667 na cidade de Venesa com o nome de *Fr. Vicente Mario*; pelo que seu irmão segundo Domingos *Ursins* foi o 12.° Duque do Gravina, e continuou a casa: procurou-se dissuadi-lo, e se experimentou sua vocação; mas as provas foram taes, quo com louvor do Santo Padre Clemente IX professou em 13 de Fevoreiro do anno seguinte, apresentando-se um exemplar do fervor e humildade; estudou em Bolonha e Napoles: defendeu conclusões públicas em Venesa em 1672, quando já bem merecia pelos seus escriptos, e estava ordenado do Sacerdote: finalmente o Santo Padre Clemente X na terceira creação de Cardeaes em 22 de Fevereiro deste anno lho deu a Purpora com o titulo Presbyteral de *S. Xisto*, que aceitou forçado pelos mandados do Geral da Ordem e do proprio Papa. Apesar da sua repugnancia foi apresentado na Igreja Archiepiscopal de Manfredonia em 17 de Janeiro de 1675, onde appareceu como verdadeiro Pastor, reformou a casa da residencia, levantou Seminario, sagrou a Cathedral, e nella instituiu um Canonicato Theologal: depois o Santo Padre Innocencio XI o trasladou a Cezena em 22 de Janeiro de 1680, em que tambem sagrou a Cathedral, o a augmentou em rendas; o por último, em 18 de Março de 1686 o mesmo Santo Padre o desligou do vinculo desta Igreja, e o collocou na de Benevento: todos os seus cuidados nesto Apostolado foram combater pela immunidado Ecclesiastica, e tratar da reforma do Clero e dos fieis, erigir hospitaes, cemiterios e Templos, augmentar o culto, cuidar dos pobres, e exercer por si proprio a cura Pastoral; de mais disto tratou nesta Igreja de organisar os cartorios da Mitra, do Cabido e das Parochias, como tinha feito quando Prelado Sipentino: no terramoto do 5 de Junho de 1688 ficou envolvido nas ruinas, mas Deos o salvou: Benevento soffreu destruição, mas elle reparou a Sé, o Seminario e a casa Archiepiscopal, augmentando suas rendas, e poz a cidade debaixo da protecção da Virgem o do S. Filippe Nori: duas vezes por anno celebrava Synodo Diocesano, e convocou dois Provinciaes. Em 3 de Janeiro de 1701 entrou na Episcopal Cardinalicia de Frascati, em 18 de Março do 1715 na Portuense, e no dia 29 de Maio de 1724 por votos unanimes foi eleito successor do Summo Pontifice Innocencio XIII em consequencia de sua doutrina o piedade singular; violentado pelos membros do Conclave a obedecer á vontade do Deos, se resignou a ella, como um Santo, tomou

[1] Ughellius *Italia Sacra* — Guarnaci *Vitae et Res Gestae Pontificum Romanorum et S. R. E. Cardinalium* — Artaud de Montor *Hist. des Souverains Pontifes Romains* — Rohrbacher *Hist. Universelle de l'Eglise Catholique* — Moroni *Dizionario*. Um retrato de meio corpo.

o nome do *Bento XIII*, recebeu a sagrada Theara no Vaticano em 4 de Junho, e entrou na posse da Basilica Lateranense a 24 de Setembro.

No Summo Pontificado mereceu veneração pela piedade, que em toda a sua vida foi proverbial, pela devoção ao Culto e solemnidades Religiosas, e pelo modo, com que regeu a Igreja de Deos: principalmente sôbre objectos da mais alta transcendencia, e como «instrucção da mocidade, instracção do Clero, Orthodoxia Catholica, reforma de costumes, disciplina Ecclesiastica, e zêlo pela dignidade do Sacerdocio» adquirio direitos ao mais glorioso nome. Ordenou, que depois do meio dia nos Domingos e festas os Parochos fizessem catechese aos meninos dos dois sexos de sete a quatorze annos, reunindo-os na Igreja em logares separados; e declarou aos paes e mães de familia, que os enviassem á santa instrucção, porque a isso eram obrigados de preceito Divino: a ignorancia e os mãos habitos da mocidade, ainda por então não eram originados de um cálculo de impiedade, mas actualmente, que para os Parochos, com excepções em poucas Igrejas da Christandade, o Ministerio é um meio de haver dinheiro para viver, senão escandalosamente ao menos no descuido absoluto de seus deveres, e que para os paes de familia, com maiores excepções, é crime educar seus filhos na piedade, quo diria *Bento XIII*, se resuscitando, visse calcadas impiamente as suas leis? Estabeleceu o Santo Padre, que ninguem fôsse admittido á Ordenação uma vez que não soubesse a lingua latina o o cathecismo, isto é, o complexo das disciplinas Ecclesiasticas necessarias ao exercicio das funcções sagradas; que a recepção do Sacerdocio fôsse precedida de um severo exame da sciencia Theologica e de bons costumes; e que em todos os Cabidos houvesse uma cadeira Theologal, para que o provido abrisse um curso de interpretação das Sagradas Escripturas no menos quarenta vezes no anno: é para lastimar, que em despeito dos decretos dos Concilios e dos Papas, e nomeadamente do Synodo Tridentino, e das leis de *Bento XIII*, se admitta ao Episcopado mesmo quem ignore ainda os primeiros rudimentos das sciencias, o os proprios escandalos nada impeçam! A vida do Sacerdote é uma excepção na sociedade, elle não pode largar o Ministerio e o estudo, para se applicar a negocio algum qualquer que ello seja; mas como não se experimenta a vocação, e não se faz conta dos costumes, nem da instrucção, aquillo do quo o Sacerdote menos cuida, principalmente em Portugal, é dos seus deverés: dar-lhe-hei rasão, o Sacerdoto não foi chamado por Deos, esta a primeira causa do abandono do officio, o Sacerdote não foi educado com destino á santidade de sua vida futura, deve ser escandaloso, o Sacerdote não foi instruido na sciencia, não pôde estudar porque não sabe, nem estuda porque não tem amor ao trabalho litterario: em Portugal di-lo-hei outra vez, porque está mais ao meu alcance, é mais facil encontrar no Sacerdote um aguasil do podêr temporal do que um Ministro de Jesus Christo: a cadeira Theologal, que se destinou ao estudo pratico dos Conegos, Curas e Confessores, é verdade, quo se instituiu nas Igrejas deste paiz, mas com outros fins, o serviço na Universidade, o que não satisfaz a intenção da Igreja; e por outra parte os Conegos, os Curas e Confessores tivoram sempre outros negocios de quo occupar-se, e muito mais hoje.

Quanto á Orthodoxia Catholica *Bento XIII* ordenou, que a profissão de Fé do Santo Padre Pio IV, fôsse feita por todos os Bispos e Clerigos, no acto da ordenação, pelos Conegos, o Curas, Prégadores, e todos os funccionarios Ecclesiasticos, a pelos Mestres de todas as Sciencias; mas a theologia regalista *com aquella auctoridade, que no mundo não reconhece superior*, fez excepções á profissão de Fé, como na reforma da Universidade do Coimbra: seja o quo Deos quizer! O pobre Portugal não é protestante, porque está ainda ligado de direito ao Vigario de *Jesus Christo!* Sustentou além disso a Constituição *Unigenitus* em França, condemnou por causa della o Bispo da Senez e a sua consulta aos cincoenta advogados de Paris, e moveu o Cardeal de Noailles a subscrever ás determinações do Santo Padre Clemente XI. Ácêrca da reforma de costumes procurou a Santidade de *Bento XIII* pôr os necessarios meios, para que fôsse universal, e como um dos meios de instracção para ella mandou, quo nos Domingos e festas á Missa conventual os Curas fizessem práticas sôbre o Evangelho, explicando o cathecismo, e procurando desterrar o vicio, e trazer á prática das virtudes: esta salutar *lei* caiu em desuso nas Igrejas deste paiz, o ultimamente foi substituida pela leitura dos mandamentos do pôder temporal sôbre contribuições, e sôbre recenseamentos para eleição do cargos: é assim que se profana o logar santo, a casa onde so é permittido adorar a Deos, e implora-lo! O Clero deixou de ser Ministro de Deos, e a casa de Deos esta sacrilegamente obstruida por impiedades escandalosas! Zeloso *Bento XIII* pela santidade dos costumes do Christianismo, e pela manutenção da disciplina Ecclesiastica decretou que os Bispos, a exemplo de *Jesus Christo* e dos Apostolos, prégassem ao povo ao menos nos Domingos e festas, e velassem incessantemente pelo cumprimento dos deveres dos Curas: esta doutrina santa esqueceu em brevo, porque interesses da terra foram preferidos aos do Céo! Renovou a determinação do Santo Synodo de Trento para que os Bispos celebrassem annualmente Concilio Diocesano; e que os Metropolitanos de tres em tres annos com os seus suffraganeos celebrassem o Provincial, como meio de emendar os costumes o restaurar a disciplina Ecclesiastica: o não quizera aqui dizer, que taes Synodos se não convocam por medo dos podêres da terra, ou, porque quem presume saber mais do que *Bento XIII* os não julga orgentes! Deos acuda á sua Igreja e nos valha! O Santo Padro não devia ser isento de tribulações: seus predecessores tiveram-as, o a sua mesma virtude consummada era motivo, para que Deos lh'as desse: a primeira contestação foi motivada de recusar a Purpura a Bichio, de longo tempo Nuncio em Portugal, como lhe pedia ElRei D. João V; a segunda por causa do padroado com Victor Amadeo Rei de Sardenha; a terceira originou-se da abolição do escandaloso tribunal de Sicilia por Clemente XI: as concessões sem limites feitas aos podêres da terra deram motivo, porque o dão sempre, a estes illustres Principes de supporem ter direito ao que se lhes podia negar, e se lhes devia mesmo negar por essa supposição; mas ellos investidos da auctoridade soberana não viram se não a sua dignidade offendida! Por outra parte o Santo Padre inclinado á paz desejou, quo essas questões se acabassem sem quebrar da dignidade da Igreja. A nada attendeu João V; poz fóra da Côrte o novo Nuncio José Firrao, e mandou sair de Roma o Cardeal Pereira e outros Portuguezes: não cedeu o Rei de Sardenha, nem Carlos VI: *Bento XIII* resistiu a João V, e os outros Principes vieram a accôrdo, em que elle manteve a immunidade da Igreja. Cançado de trabalhos e soffrimentos entregou *Bento XIII* sua alma pura nas mãos do

Creador em 21 de Fevereiro do 1730, na idade de oitenta e um annos, com cinco de Summo Pontificado, oito mezes e viute e tres dias. O que delle tenho dito e sufficiente para este pequeno escripto; mas assim mesmo resta alguma cousa, que não omittirei. Todos us dias orava pelo povo Christão, e não deixon em tempu algum de visitar os enfermos e os peregrinos, e de alliviar os pobres. Como homem de olta previsão julgava, que para tratar da reforma dos costumes era necessario começar pelo exemplo, e esse o deu maravilhosamente. No jubileu universal se apresentou desde 24 de Dezembro de 1724, em quo abriu a porta Santa do Vaticano ate a fechar d'ahi a um anno completo, verdadeiro typo de virtude e penitencia oos peregrinos. Para augmento do culto expoz á veneração dos fieis e servos de Deos, *João do Prado*, e *Jacinta Marescoti*; escreveu no catalogo dos Santos *Venceslao Martyr*, *Gregorio VII*, e os Beatos *Toribio Arcebispo de Lima*, *Stanislao Kostka*, *Luiz Gonzaga*, *João da Cruz*, *Francisco Solono*, *Peregrino Lacioso*, *Jacob de Morca*, *João Nepomoceno*, *Ignez de Monte Pulciano*, e *Margarida de Cordona*; declarou, que a festa solemne de *S. Filippe Neri* se celebrasse no dio 26 de Maiu; e sagrou a Igreja de S. João de Latrão.[1]

39 *

Santo Padre BENTO XIV. — Nasceu este Summo Pontifice a 31 de Março de 1675 em Bolonha de uma familia illustre: seus paes foram Marcello *Lambertini*, um dos quarenta Senadores daquella cidade, e Lucrecia Bulgarini; e no baptismo se lhe poz o nome de *Prospero*. Estudou Theologia no Collegio Clementino de Roma, e depois se applicou á jurisprudencia: seus talentos e sua applicação o elevaram em pouco tempo a um subido credito, de modo que o Santo Padre Clemente XI ouvia o seu parecer em muitas questões difficeis. Foi successivamente Advogado Consistorial, Promotor da fé, Consultor do Santo Officio, Prelado Domestico, e Conego do Vaticano, Secretario da Congregação do Concilio, Reitor da Universidade de Roma e Canonista da Penitenciaria. A honestidade de costumes de *Prospero Lambertini* igualava o seu saber, do que tirou motivo o Santo Padre Bento XIII para o eleger Arcebispo titular de Theodosia no primeiro anno do seu Pontificado, sagrando-o elle mesmo na Capella Quirinal em 16 de Julho desse anno (1724), e pouco depois em 15 de Agosto o fez Bispo assistente ao Solio: no seguinte anno brilhou no famoso Synodo Romano ao lado dos homens mois celebres da Italio. Depois, em 29 de Janeiro de 1727, o nomeou o Santo Padre Bispo de Ancona, retendo os cargos Romanos, e em 31 de Abril de 1728 o declarou *Cardeal Presbytero de Santa Cruz em Jerusalem*, e Membro das Congregações do Santo Officio, do Concilio, dos Bispos e Regulares, e dos Ritos e Disciplinas; e o Santo Padre Clemente XII em 30 de Abril de 1731 o promoveu á Metropole de Bolonha. Em ambas as Igrejas se mostrou zelosissimo do bem da Religião e da humanidade, e continuava como verdadeiro Apostolo no governo desta ultima, quando por morte do Santo Padre Clemente XII, em 17 de Agosto de 1740, por voto unanime, foi eleito seu successor, e tomou o nome de *Bento XIV*. Por longo tempo durou o Conclave, e ainda no dia 16 de Agosto o *Cardeal de Santa Cruz* não tinha um só suffragio, mas no seguinte sôbre elle recairam todos, menos o seu. A 22 desse mez recebeu no Vaticano o Sagrada Theara, e em 30 tomou posse do Vaticano.

Os primeiros actos do Summo Pontificado de Bento XIV manifestarom o sua modestia, liberalidade, clemencia e piedade. Acabou com todas as despesas excessivas da sua casa e do exercito; e de suas particulares economias pagou as dividas do thesouro Pontifical: reformou o luxo das familias nobres, que viviam opulentas; e de sua mão bemfazeja houveram com que manter as que gemiam na pobresa: os Cardeaes experimentaram sua generosidade, que se estendeu prodigiosamente, menos a seus parentes, chegando a prohibir a seu sobrinho Egano *Lambertini* representante de quem lhe dera o ser, a ida a Roma: absolveu o Cardeal Coscia condemnado á prisão e outras penas por excessos praticados no tempo do Santo Padre Bento XIII, fazendo-o, porém, entrar em reclusão depois do Conclave, em que tivera voz activa por graça de Clemente XII: finalmente, segundo o costume de seus antecessores, publicou o jubileu universal para obter pelas orações dos fieis o auxilio do Senhor no governo da Igreja, concedendo, porem, as graças delle a quem prestasse obediencia interior e exterior á bulla *Unigenitus*. No decurso do seu Pontificado manifestou *Bento XIV* desejo da integridade dos dominios temporaes da Igreja, como fez ver protestando aos Cardeaes em Consistorio, que manteria os direitos da Santa Se no feudo de Placencia e Parma, o qual Maria Theresa de Austria pretendia usurpar; e exigindo antes disso o tributo do Reino de Napoles, e recebendo-o do Condestavel Colona em Santa Maria do *Populo*: regulou tambem a administração publica fazendo manter a paz no estado e a bôa ordem nos tribunaes; de mais, elle estabeleceu uma lei salutar, prescrevendo a ordem e numero das familias nobres de Roma, decretando o methodo de inscrever outras no futuro, se esse facto devesse ter logar, e declarando incluidas naquella classe as de todos os Papas.

Bento XIV procurou dar impulso ás letras por differentes modos: declarando, que não daria emprego a alguem, que o não merecesse havendo-se destinguido assim pelo zêlo e bons costumes, como por sciencia consumada: estabelecendo quatro Academias, uma de historia Romana e antiguidades profanas no Capitolio, segunda de Historia Sagrada e erudição Ecclesiastica no Mosteiro do Oratorio de S. Filippe Neri, terceira de historia dos Concilios no Collegio da Propaganda, e quarta de Liturgia na Casa de Nossa Senhora do Monte; e obrigando os academicos nas segundas feiras a dar successivamente conta de seus trabalhos no Palacio Quirinal, reunindo-se debaixo de sua presidencia, quando não estivesse impedido; instituindo na Universidade da Sapiencia uma Cadeira de Mathematica e outra de Chimica; finalmente louvando e premeando os sabios. Em beneficio da humanidade abençoava o Santo Padre os trabalhos dos filhos de Santo Ignacio no Peraguay, em quanto os inimigos da Religião desa-

[1] Guarnacci *Vitae et Res Gestae Pontificum Rom. et S. R. E. Cardinalium* — Artaud de Montor *Hist. des Souverains Pontifes Romains* — Rohrbacher *Hist. Universelle de l'Eglise Catholique* — Moroni *Dizionario*. Tres retratos de corpo inteiro.

creditavam esses trabalhos, porque a humanidade para os impios é cousa detestada; e ElRei de Hespanha eu logar de se confiar dos Bispos Fajardo e Peralta, despresando as accusações, aceitou-as, a posto que depois do inquerir lhes deu voto de reprovação, estabeleceu com tudo um precedente, que mais tarde se tornou fatal. Os seus cuidados pelo pobre e pelo doente eram incessantes e universaes; não se contentava de dar-lhes allivio por mão estranha, elle proprio como pae destribuia por sua mão a esmola o a consolação pela propria palavra[1]. Trabalhou excessivamente no augmento da Religião, e properidade da Igreja Catholica em todo o urbe; a America lhe deveu cuidados particulares, assim como a Inglaterra, ordenando, que os quatro Bispos della fossem tirados dos Benedictinos, que tinham a seu cargo com os Jesuitas esta Missão. Zeloso sôbre tudo pela Disciplina e Liturgia: cuidou em susteata-la em todo o rigor, como em toda a sua puresa o Dogma Catholico approvando o Synodo do Monte Libano em suas uteis disposições, mantendo a validade dos matrimonios, acabando com os abusos, sôbre que publicára letras Apostolicas, apesar da contrariedade dos podêres da terra em França, levantando-se contra a incredulidade moderna pela condemnação de muitos livros perneciosos, e sustentando a Bulla *Unigenitus*. Approvou os decretos de seus antecessores sôbre a questão dos ritos Sinenses e Malabares, reprovando os actos do Patriarcha Mezzabarba pelas informações, de que nesses ritos havia alguma cousa de paganismo contra a pretensão dos Jesuitas; mas sendo consultado especialmente pelo Bispo de Trabaca o Padres de Seminario das Missões Estrangeiras de Paris, a quem se confiára a Missão do Malabar, declarou, que se podia permittir o que era toleravel: concluindo a revisão do *Eucologio* ou ritual Grego, que ficou corregido dos erros: fazendo subsistir a obrigação da assistencia ao Santo Sacrificio em certos dias da preceito, mas consentindo que nesses se trabalhasse; e prohibindo toda a controversia sôbre o decreto de Urbano VIII quanto a suppressão do alguns dias Santos; supprimindo o Patriarchado de Aquilea, para acabar com as questões de entre a casa de Austria e a Republica de Venesa ácêrca da eleição de Prelado: concedendo ao Rei de Hespanha maior extensão no padroado a fim de que se observem os Canones quanto a applicação das rendas Ecclesiasticas nas vacantes, e para manter a concordia[2]. Para obter auxiliares á Igreja e attrahir-lhe por meio de graças o favor dos Principes, deu o titulo de *Fidelissimo* a ElRei D. João V de Portugal; approvou a Ordem Militar de S. Januario de Napoles a pedido de Carlos III; o na confirmação da de Santo Estevão de Toscana concedeu ao Imperador Francisco I a dignidade de Grão Mestre. Para finalmente obter a misericordia do Senhor sôbre todo o Povo Catholico abriu o grande jubileu universal do anno 1750, em que teve a consolação de ver em Roma cento quarenta e cinco mil peregrinos.

Este bom e sabio Papa, que era todo espirito de mansidão e de paz, experimentou as dôres da tribulação pelas perseguições da Christandade na China, em que padeceram martyrio o veneravel Bispo Mauricastro e seis Religiosos; porém mais pungente por ser originada de Catholicos foi a do Prelado de Paris, Chistovão de Beaumont, quo soffreu do podêr temporal por seu zêlo o desterro. Depois de um largo e trabalhoso Pontificado, em que este veneravel successor de S. Pedro não teve hora desoccupada, meditando, escrevendo, e examinando com seus proprios olhos, entregou sua alma pura nas mãos do Creador em 3 de Maio de 1758. Á sua memoria posthuma bastaria o testimunho insuspeito de um Inglez, que por baixo de seu busto poz a seguinte inscripção: «*João Pitt, que nunca disse bem de algum Principe da Igreja Romana, fez levantar este monumento em honra de Bento XIV Summo Pontifice;*» entretanto, além dos actos de uma vida sem mancha levaram seu nome com gloria a posteridade mais vantajosamente as suas obras, de que é sôbre tudo excellente a «*De Servorum Dei Beatificatione et Beatorum Canonisatione:*» e a intercessão dos servos de Deos a que mandou dar culto. «*Alexandre Sauli, Jeronimo Emiliano, José Colasons, José de Cupertino,* e *Joanna Francisca Fremiot de Chantol*» e dos Bemaventurados, que inscreveu no catalogo dos Santos, *Fiel de Sigmaringa, Camillo de Lellis, Pedro Regalado, José de Leonissa,* e *Catharina de Ricci*.[3]

40.°

Santo Padre CLEMENTE XIII. — Nasceu este Summo Pontifice em Venesa no dia 17 de Março de 1693 da familia *Rezzonico*, illustre pela sua antiguidade, e oriunda de Como cidade do Milanez, donde passou a Parma, depois a Genova, e daqui a Veneza na pessoa de Aurelio, quo foi inscripto no livro do ouro da Republica, e teve filho João Baptista, Barão livre do Imperio como seus ascendentes, o qual de sua mulher Victoria Barbadigo, que morreu na noite de 28 de Julho de 1758 (em sabendo da exaltação de seu filho ao Summo Pontificado), teve Aurelio, que continuou a casa, e *Carlos*, quo faz o objecto particular desta memoria. *Carlos Rezzonico* estudou philosophia e rhetorica no Collegio de S. Francisco Xavier de Bolonha, e voltando á Patria se applicou á Theologia Dogmatica e á jurisprudencia: tomou o grão do Doutor na Universidade de Padua, e de lá foi em 1714 con-

[1] É digno da mais pungente dôr o abandono, em que se encontram muitos Hospitaes da Christandade; e nada ha que possa causar tão grande indignação como a presença dos indifferentistas ou almas damnadas, que presidem e servem nesses estabelecimentos. Deos illumine e mova o coração desses, a quem o cuidado superior de todos os estabelecimentos pios, contra as leis do Christianismo, estão entregues, para os passarem ás filhas de S. Vicente de Paulo; porque ao menos não terão tanta responsabilidade perante o Supremo Juiz dos vivos e dos mortos, salvando das garras de monstros os pobres na infancia, na enfermidade e na decrepitude.

[2] Mais tarde essa e as antecedentes concessões deram occasião a uma usurpação universal, prostergando-se os direitos da Igreja, e considerando-se do podêr temporal o, que ella havia dado a particular, e só a elles por titulo honroso; e posto que em alguns estados se tem dado um tal ou qual remedio, a'outros não. Nunca deixará a Igreja de ser affligida e atacada séramente a Religião, em quanto não fôr extincto o padroado, e admittida a primitiva disciplina ácêrca della; porque da eleição do Pastor é que póde e deve a Christandade esperar tudo; e só por milagre, durando o Padroado, deixarão de haver lobos.

[3] Moroni *Diccionario* — Manoel de Azevedo *De Benedicto XIV P. O. M. atque ejus scriptis et vita commentarius* — Artaud de Montor *Hist. des Souverains Pontifes Romains* — *Biographie Universelle* — Moroni *Dizionario*. Dois retratos de meio corpo.

tinuar seus trabalhos litterarios na Academia Ecclesiastica de Roma: depois em 18 de Março do 1716 entrou, pelas suas virtudes e bons estudos, na Prelatura em qualidade de Protonotario Participante, e mereceu successivamente os governos do Rieti e Fano: em 1725 foi mandado voltar a Roma para tomar logar entre os Relatores da Congregação da Consulta: em 1729, e por oito annos occupou com distincção o cargo de Auditor da Rota: em 20 de Dezembro de 1737 recebeu a Purpura com o titulo Diaconal do *S. Nicolao no carcere*, de que mudou para o titulo Presbyteral de *S. Marcello na porto do Céo:* finalmente a Santidade de Bento XIV o elevou á Igreja de Padua, que governou como pae e verdadeiro pastor oito annos. Por morte daquelo Santo Padre, em 1758, depois de se recusar a candidatura de Cavalchini, que havia tido vinte o um votos no escrutinio do 19 de Junho, por causa de exclusão proposta da parte de França[1], em 6 de Julho foi o *Cardeal de S. Marcello* eleito Summo Pontifice, o, não lhe attendendo as escusas, o saudaram com o nome de *Clemente XIII:* a 16 deste mez recebeo a sagrada Theara no Vaticano; o a 12 de Novembro tomou posse da Igreja Lateranense.

A mansidão, justiça, bondade o amor paternal foram as virtudes, que mais sobresairam no Summo Pontificado de *Clemente XIII:* a primeira e terceira dessas virtudes o tiveram por muito tempo indeciso ácêrca do merecido castigo aos malvados, que devastavam os campos, o não davam segurança nas cidades; mas a ultima o le-ou a renovar os decretos severos de Xisto V, porque pensou com rasão, que não podia ser bom pae, esquecendo a justiça, com que se devem governar os estados. A mansidão o inclinou á paz, que procurava conseguir a todo o trance, e alguns factos o mostraram claramente: por exemplo, na questão dos Venezianos, que se haviam desavindo com o Santo Padre Bento XIV, por haver exigido a revogação do impio decreto, que prohibia aos subditos da republica tratar algum negocio com a Santa Sé, excepto no tocante á Penitenciaria, sem consenso do magistrado da mesma republica; o elle aproveitando-se da qualidade do natural solicitou do senado om melhor accôrdo, e o conseguiu; alem disso concedeu a Maria Theresa de Austria o titulo de Rainha *Apostolica*, que fôra antigamente dado a Santo Estevão do Hungria; o só uma excepção se notou, quanto a esta virtude, mas estava posta no cumprimento dos deveres Apostolicos; por isso o seu Pontificado foi talvez mais opprimido dos agentes do podêr temporal, que nenhum outro (logo se ha de ver a origem desses factos, o da sua morte): d'ahi vieram as impias turbulencias dos Genovezes por causa do Visitador, que enviou a Corsega para restabelecer as cousas religiosas nesta ilha, mas em despeito dessas turbulencias declarou ao Rei do Napoles, medianeiro officioso, que o Bispo de Segni Legado Apostolico se não havia de retirar emquanto se não cassassem os editos injuriosos. Seja este um dos seus primeiros louvaveis actos de resistencia aos podêres da terra, e pouco depois vieram outros mais subidos. Quanto a sua bondade e amor paternal temos uma prova segura, no que praticou em beneficio do povo contra os monopolistas, na fome dos annos 1764, 1765 e 1766, fazendo importar pão do estrangeiro, e comprando-o com dinheiro do thesouro da Santa Sé para remediar a miseria; e sôbre tudo nas conso-

[1] Atribula-se cruelmente a minha pobre alma com estas exaggerações dos podêres da terra: que terão os principes e os govêrnos com a eleição do Papa, dos Bispos e de todos os Ministros da Igreja? Não me foi possivel ainda encontrar nas Letras Divinas apoio a similhante exigencia, e a propria rasão lh'o nega! Um homem eminente em santidade, de quem depois me hei de lembrar, o Cardeal Guadagni, quando os seus collegas Francezes annunciaram uma tal exclusão, lhes disse: *Sempre vós resistis ao Espirito Santo!* Esta censura não a quereria eu, e ainda menos dita por tal lingoa. Pelo contrario o bom Cardeal Cavalchini, quando lhe participaram, que não podia ser Papa, porque os Francezes não queriam, respondeu: *Eis-ahi uma prova manifesta de que Deos me julga indigno de ser Vigario sôbre a terra.* Não cuido que este Prelado fallasse sincero nesta occasião, porque a prova de que era digno do Summo Pontificado estava no veto do podêr temporal. Isto, que chamam *Pradoado*, teve uma duplice origem, na precisão de esplendor de Culto e na piedade dos fieis de toda a ordem social: era urgente a fundação e dotação dos Templos e das casas de residencia das pessoas dedicadas ao Ministerio Sagrado: a Igreja não tinha meios de provêr; mas os seus bons filhos nos primeiros seculos davam ás mãos cheias sem condições algumas: entretanto os principes depois da paz de Constantino, porque suas liberalidades eram maiores, e pelo espirito de dominio em casa alheia, que haviam herdado dos Imperadores pagãos, se authorisaram a dispôr dos monumentos e terras consagradas, ainda que sem alienar aquelles e estas do seu fim; e a Igreja ora tolerou, ora não. Com o andar dos seculos, esfriando a devoção, intendeu-se ser necessario attrair por algumas graças: concederam-se indulgencias e appareceu a idéa do *Padroado:* o fiel que eregia uma Igreja, ou Mosteiro, e lhe legava a necessaria dotação para seu mantimento, tinha o direito de apresentar ao Bispo o nome de um Sacerdote para Cura, ou para Abbade, demais disso ficando com o dominio externo percebia certos proventos, e transmittia por doação ou venda esse dominio, e o direito da proposta ou apresentação do Pastor. Assim passaram muito tempo as cousas, e bem, não se reputando os Curas e os Monjes senão administradores, e considerando-se os *Padroeiros* sujeitos a todas as determinações da Igreja sem contravir por modo algum os Bispos, quando lhes recusavam aceitar os propostos, e por outra parte exercendo, como verdadeiros paes, o direito de protecção e defesa aos Curas e Monges: os factos contrarios fazem excepções e não regras. Vieram das escólas da Italia as doutrinas detestaveis, com que na Europa se gerou o monstro do despotismo e da licença, e as cousas foram mudando a ponto de se negar aos Bispos o direito, que Deos lhes deu sôbre o provimento das Igrejas: os Monjes pensaram no senhorio: os *Padroeiros* ficaram com um titulo de honra: mais tarde, os bens Ecclesiasticos se julgaram alienaveis á vontade do podêr temporal, e todo o *Padroado* sem audiencia da Igreja se depositou nas mãos dos governos! A nomeação dos Doutores e Mestres, a quem os Bispos entregavam a educação da mocidade dedicada ao Estado Ecclesiastico, bem como o ensino della, nem uma só vez deixaram de reputar-se como actos puramente do dominio daquelles, a quem *Jesus-Christo* commettêra a guarda do seu rebanho: depois não succedeu assim, a eleição dos Mestres, e a direcção do ensino considerando-se como parte do *Padroado*, ou não, se usurparam aos Bispos. As Cadeiras Canonicaes eram como os outros Beneficios Ecclesiasticos adjudicados ao *Padroado*, ou pendia sua apresentação dos Ordinarios, quando não da Santa Sé: lançado em devasso o *Padroado* dos particulares, não escaparam os Cabidos nem as Collegiadas. Vago um Bispado, o Cabido com o suffragio do Clero e povo da Diocese, elegia o successor do Prelado defunto; porém depois das novas doutrinas a Santa Sé foi obrigada a conceder esse direito aos governos! Respeito a disciplina da Igreja ácêrca de todos os tempos; por isso conceder-me-hão licença para aqui abrir a minha alma: dada a eleição pelo methodo anterior, parecia-me ter tanta fôrça ainda antes da confirmação, que quasi respeito como Bispos esses, que a historia só eleitos apresenta, quando pelo methodo posterior ainda depois de confirmados desconfio delles em rasão de defeito das premissas: por outra parte cuido, que dar-se o nome de *regalia* ao acto da apresentação dos Bispos pelo podêr temporal é absolutamente contrario á doutrina do Evangelho: a Igreja de Deos, e por ella a Santidade de Pio IX, a quem unicamente sujeito este escripto, o decidirá. Noutro logar se diz sobre a verdadeira origem da ingerencia nas eleições dos summos Pastores, que é bem má.

lações, que deu aos Jesuitas perseguidos, e ao veneravel Arcebispo de Paris, que pelos defender foi obrigado ao desterro.

Zeloso pelo bem da Igreja, pela disciplina Ecclesiastica e pela orthodoxia Catholica, elle procurou, que os Bispos mantivessem a paz, calcassem aos pés o orgulho, fôssem liberaes com os pobres, assiduos na oração e no Sacrificio, que instruissem o povo, curassem de escolher bons Curas, ordenassem unicamente aquelles, a quem se não podia negar a vocação, administrassem os Sacramentos, estabelecessem conferencias de theologia moral, e não se separassem dos seus rebanhos sem gravissimas causas, obrigou á effectiva residencia, e vedou por outra parte ás pessoas Ecclesiasticas assistir aos divertimentos profanos do theatro. Condemnou os livros impios do Helvecio, a terceira parte da Historia do Povo de Deos de Berruyer, a Emilia de Rousseau, e a Exposição da Doutrina Christã pelo Abbade Mesenguy; e ordenando a todos os Bispos Catholicos, que para instrucção dos fieis usassem do Cathecismo Romano, decretado por seus Predecessores, e particularmente por S. Pio V: demais disso, sôbre as representações do bom Bispo de Sarlat ácêrca do miseravel estado da Religião em França, o Santo Padre dirigiu aos Prelados das Igrejas desse paiz um monitorio, de que *a constituição Unigenitus é um escripto dogmatico, que deve ser inteiramente respeitado; que se recuse a Eucharistia aos refractarios publicos, oppostos aquella constituição; que todos os que affirmam ser o jansenismo um puro fantasma, e uma ficção simulada, são culpados de injuria contra a Igreja de Deos, e fazem essa opposição crendo, que os Summos Pontifices precedentes tem proscripto erros puramente imaginarios; e que as constituições, por que se condemnavam os erros de Bayo, Jansenio, e Quesnel exigem inteira e absoluta obediencia dos fieis.* Talvez em parte alguma o jansenismo não fizesse tantos progressos, como em Utreckt, desde que o famoso Oratoriano Codde Arcebispo de Sebaste tomou conta da Diocese em qualidade de Vigario Apostolico: pelo andar dos tempos Meindars eleito Metropolitano natural pelo supposto Cabido contra os direitos da Santa Sé, que o excommungava, restaurou o antigo Bispado de Harlem, erigiu nova Igreja em Deventer, convocou um pseudo-Synodo Provincial com os dois falsos Bispos e outros Ecclesiasticos, fez imprimir suas actas, e teve a ousadia de enviar a Roma para pedir a confirmação; mas o Santo Padre o declarou nullo, illegitimo e detestavel, e prohibiu a sua leitura, distribuição e venda.

Não encontro em todo o decurso dos seculos uma conspiração tão bem urdida contra a Igreja, como a que poz a duros tratos o veneravel *Clemente XIII*, servindo de pretexto a Companhia de Jesus: os podêres da terra, que se diziam filhos dilectos da Igreja de Deos, foram esses que descarregaram o golpe! Foram os ministros dos Braganças e dos Bourbons! Pobres principes, que não vistes o futuro! Mas foi tão grande a resistencia do successor de S. Pedro como a sua dôr: abriu o peito para lho rasgarem, porque o amor paternal aos infelizes filhos de Santo Ignacio, a justiça, que demandava a salvação dos innocentes[1], e a Igreja, que dava testemunho de seus altos serviços, assim o exigiam! Quem sabe se Deos quiz provar *Clemente* com essas tribulações, porque elle aceitou a Theara recusada pelos podêres da terra a Cavalchini! Em Portugal tocou-se a rebate contra os Jesuitas debaixo do pretexto de conspirações, que nunca existiram, nem podiam existir; proscriptos neste paiz, se declarou a Sua Santidade, para que os não recebesse nos estados Romanos: *Clemente* propoz uma reforma, exigiu-se a extincção, e se espalharam libellos infames contra os desgraçados, que haviam incorrido na indignação da escola dominante, e da occulta sua rival! Seguiu-se a França, que levantou brados contra a Companhia, calumniando o Padre Lavalette, e com elle toda a Ordem; e, apesar das promessas de Luiz XV ao Santo Padre, todas as Letras Apostolicas em favor da Instituição do Santo Ignacio foram cassadas como abusivas, proscreveram-se os seus Collegios, e prohibiu-se aos Francezes estudar nelles, e de dar o nome a essa Instituição! Fora disso o parlamento a declarou idolatra, quando Bento XIV de tal a não accusára na celebre questão dos ritos Sinenses! O exilio foi decretado por esse parlamento, e o Santo Padre pediu ao Rei, que o não consentisse, mas debalde: escreveu aos Bispos, que se preparassem para soffrer com paciencia as calamidades, que a Igreja esperava, calcadas aos pés as disposições do Santo Concilio de Trento; e n'um consistorio declarou nullos os actos daquelle tribunal: entretanto a oppressão da Igreja em França era a maior: tudo se poz em movimento da parte do parlamento para dar cabo da Ordem odiada; e se mandou, que os Prelados convidassem os fieis a não admittir umas maximas tiradas perfidamente dos escriptos da Companhia: o Bispo de Angers, que foi o primeiro em aceitar esses mandados, recebeu de S. Santidade um breve, em que declarou a sua pastoral como um escripto sanguinolento, e o mesmo fez o Santo Padre aos Bispos de Aleth e Soissons, que se mostraram sectarios do tribunal. *Clemente* resistiu de uma vez aos podêres, apresentando a Bulla *Apostolicum pascendi*, que approvava e louvava altamente a Companhia; e o primeiro acto de hostilidade foi a publicação de tres damnados escriptos em Napoles contra a Bulla, que logo foram condemnados: seguiu-se Carlos III a expulsar da Hespanha sem attenção a velhice ou doença os pobres Jesuitas, *o por bem da Religião*, disse elle ao Papa! O Santo Padre consternou-se devéras com este facto, e escreveu ao Rei do modo mais tocante, em que se dão estas dolorosas expressões: «*Tambem tu, meu filho;*» mas tudo foi baldado: o Rei de Napoles mandou pôr fóra os Jesuitas, e acompanha-los até aos estados da Igreja; e Sua Santidade implorou o soccorro dos Santos, porque já não havia outro a esperar! Finalmente o Duque de Parma expulsou a Ordem, e mandou executar as leis de seu pae contrárias á immunidade Ecclesiastica e auctoridade Episcopal: o Santo Padre declarou irritos os decretos, como partindo de authoridade leiga, fulminou censuras contra os authores e executores delles, e intimou aos Bispos do Ducado, que não permittissem tal execução: o Duque recorreu a França e Hespanha, que declararam nullas as Letras Apostolicas; e para fazerem esquecer a *Clemente* os direitos da Santa Sé ao Ducado, insistiram pela abolição dos Jesuitas, e a França mandou tomar posse do Condado de Avinhão e dependencias: tudo isso não moveu o Santo Padre á extincção, e respondia com a Bulla *in Coena Domini*; mas em nome do Imperador o governador de Milão declarou com arrogancia aos Bispos do Ducado, que a Bulla estava ali supprimida, como em Portugal; e as tropas de Napoles se apoderaram de

[1] A prova de que o eram, está na insistencia dos podêres da terra em os condemnar.

Ponte-Corvo feudo da Igreja, e do Ducado de Benavento, que lhe pertencia, e donde haviam tirado as preciosidades das casas da Companhia. O Santo Padre rogou infructuosamente á Imperatriz Maria Theresa, que intercedesse com a familia Bourbon para terminar as contendas: entretanto o Senado de Veneza declarou, que os Bispos da republica tinham direito de visitar os Regulares [1], e o Santo Padre fez a conveniente declaração aos Bispos: por último os oradores de Napoles, França e Hespanha reunidos instaram pela extincção da Companhia [2], quando a saude do Santo Padre estava tão alterada, que elle durou horas. Esta questão foi a, que mais atormentou o veneravel *Clemente;* mas outra hoove, que bastantes tribulações lhe troaxe, a perseguição da Religião na Polonia: as potencias estrangeiras accordaram protecção publica aos hereges e scismaticos, e os Bispos de Crocovia e de Kiovio soffreram inauditas violencias; o Santo Padre ordenou ao Nuncio Visiconti, que fizesse todos os esforços para adoçar a desgraça dos Catholicos, e para que se lhes permittisse o livre exercicio da santa Religião: felizmente isto se conseguiu.

Mais atribulado, que nenhum outro Summo Pontifice, passou desta vida ao seio de Deos *Clemente XIII* na noite de 2 para 3 de Fevereiro de 1769, deixando saudosa memoria pela sua resistencia aos podêres da terra; e duradouro monumento de sua piedade no Culto ao *Santissimo Coração de Jesus;* na canonisação dos beatos *João Cancio, José Calazans, José de Cupertino, Jeronymo Miani, Serafim d'Ascoli, e Joanna Francisca Fremyot de Chantal;* na beatificação, entre outros, *de Gregorio Barbadigo, Simão de Roxas, Benvenuto Bajoni, Matheo de Nazariis, Isabel Achin,* o *Angela Merici;* o no amor para com os pobres. [3]

41.°

Santo Padre CLEMENTE XIV. — Nasceu este Summo Pontifice em 31 de Outubro de 1705 na aldêa de Santo Archangelo, perto de Rimini, filho de Lourenço *Ganganelli,* Medico pensionario da cidade de Santo Angelo nos estados da Igreja, e de Angela Serafina de Mazza, natural de Pezaro: no baptismo levou o nome de *João Vicente Antonio;* e tevo tres irmãs, Alexandrina mulher do Jeronymo Fabri Cavalleiro do Veruchio; Porcia mulher de João Baptista Cavalleiro do Pezaro; e outra Religiosa em Fossembrone. A perda de uma demanda arruinou a sua familia, o lançou seu pae na sepultura; mas Deos lho deu um protector na pessoa do Conde Bernaldi, a quem elle correspondeu entregando-se com assiduidade e proveito aos estudos em Rimini. Aos dezoito annos da sua idade tomou o habito de S. Francisco, com o nome do *Fr. Lourenço,* no Mosteiro de Mondaino, respondendo aos seus amigos, que o Senhor o chamava para esse instituto, e não para o da Companhia de *Jesus,* a quem elles o convidavam: cursou a Philosophia e Theologia em Pezaro, Recanati, Fano e Roma; e subiu com louvor ao Magisterio em Ascoli, Milão e Bolonha: foi nomeado Regento do Collegio de S. Boaventura de Roma pelo Cardeal Albani protector delle; e lá, em 1743, presidiu a umas conclusões de theologia dedicadas a Santo Ignacio, em que se deram os maiores elogios á veneravel Ordem fundada por este servo de Deos. Estranho a todas as questões do govêrno do seu Instituto vivia retirado entregue ao estudo, e dando exemplos de honestidade, humildade e caridade: estas virtudes e os seus talentos determinaram o Santo Padre Bento XIV a fazê-lo consultor do tribunal do Santo Officio; e mais tarde a Santidade de Clemente XIII a escolhê-lo entre todos os Regulares para Membro do Sacro Collegio, nomeando-o na terceira promoção, em 24 de Setembro de 1759 Cardeal Presbytero do titulo *de S. Lourenço,* que depois mudou para o *dos Santos Apostolos.* Desejava Clemente XIII investir da Purpura um Regular, porque oem um o estava; e o Cardeal Spinelli, lho indicou *Fr. Lourenço,* porque satisfazia esses desejos, visto ser *um Jesuita sem habito desta Religião:* tal era o conceito de amor aos filhos de Santo Ignacio, de que gosava o illustro *Ganganelli.* O novo Cardeal continuou a viver, como até alli, no Mosteiro dos Santos Apostolos, não alterando no seu pessoal a modestia, com que se portára. Na noite de 2 para 3 de Fevereiro de 1769, depois de designar o dia seguinte para julgar definitivamente a questão dos Jesuitas em virtude da fôrça, que lhe faziam as côrtes Catholicas, o Santo Padre Clemente XIII foi chamado á presença de Deos; e no dia 15 do dito mez entraram em conclave vinte e sete Cardeaes, e a 30 de Abril estavam reunidos quarenta e seis. Até agora os Soberanos exigiam do Summo Pontifice, que extinguisse os Jesuitas; e a pretensão desta época versava em mover os Cardeaes a eleger um Papa, que executasse seus planos; mas não eram so estas ambições, porque o Imperador José II teve outras, apresentando-se pessoalmente em Roma, e procurando por seus actos mostrar, que a eleição estava dependente do favor do Imperio, e por isso de sua pessoa [4]: entretanto não era essa a questão, que mais cuidado dava; porque, apesar de indocente para a Igreja, apenas consistia nas fórmulas exteriores sem no menos apresentar signaes de

[1] E verdade, se a Igreja abrogasse a sua disciplina nesta parte.

[2] Hoje não é occulta a origem destas instancias em toda a parte, e em especial a alguns Estados.

[3] *Biographie Universelle* — Artaud de Montor *Histoire des Souverains Pontifes Romains* — Moroni *Dizzionario.* Cópia do Mausoleo, que levantou para deposito dos restos mortaes desta veneravel Papa seu sobrinho o Principe *D. Abundio Rezzonico.*

[4] O Christianismo nasceu dentro dos estados sujeitos a Roma, quando o governo das cousas sagradas, unido ao dominio temporal, estava depositado nas mãos dos Imperadores, que não conheciam limites ao seu podêr e á sua vontade: o Christianismo teve por inimigos, não só a devassidão de costumes, a tyrannia, e a interêsse dos sacerdotes do paganismo e dos philosophos, mas essa pretensão de reunir ao imperio o Pontificado: guerreou-se, e o triumpho com a paz coube aos fieis de *Christo:* entretanto desde logo Constantino e seus filhos, porque houve quem para elles appellasse, quizeram empregar sua influencia na Igreja, do mesmo modo que posteriormente todos os Soberanos do mundo, com grandes e honrosas excepções (a começar de *Theodosio o grande*); e por último depois de Luthero alguns ousaram mais, porque usurparam o mando da Igreja, reunindo-o ao imperio. Fallarei aqui da supremacia do Sacerdocio e das offensas que tem soffrido. Muitos homens, principalmente depois da existencia do jansenismo e do regalismo, participando de ambas estas seitas, ainda que apparentemente se cobriam com o manto do Catholicismo, apregoaram a necessidade da divisão dos podêres: eu teria louvado o seu pensamento, se não intentassem, a pretexto de abusos da curia Romana, arrancar o podêr legitimo da Santa Sé para o entregar todo aos Monarchas: não bastavam a esses homens os abusos do padroado e do placeto e essa influencia, que alguns Clerigos, bem longe do espirito do seu estado, deram e dão por interesse ou lisonja aos podêres da terra.

impôr á vontade dos Membros do conclave: mais grave era o mal, que viuha de outra parte! Os Soberanos da casa de Bourbon puzeram tudo em movimento por meio de seus oradores em Roma, para que no conclave saisse eleito um Cardeal, de quem esperassem a extincção dos Jesuitas. Não é isto um segredo, porque as provas são públicas: o Sacro Collegio por bem da paz, e para evitar mais duras violencias e males á Igreja de Deos, escolheu um Cardeal, que agradava ás côrtes; e o eleito, na realidade digno do Summo Pontificado por suas elevadas virtudes, apesar da persuasão dos principes, que delle esperavam o complemento de suas pretensões, nunca os satisfaria, se o não aterrasse o estado da Europa. Deos quiz a eleição do *Cardeal dos Santos Apostolos*, como um meio de applacar a colera das côrtes Catholicas; e permittiu, que elle extinguisse a Companhia de *Jesus* para castigar os principes, muito mais o da França, cujo throno não tardou a vacillar! Consumada a eleição por votos unanimes em 19 de Maio, o *Cardeal dos Apostolos* foi saudado com o nome de *Clemente XIV*: a 28 deste mez foi consagrado Bispo na Igreja do Vaticano; a 24 de Junho foi coroado com a sagrada Theara pelo Cardeal Albani Arcediago da Santa Sé; e a 26 de Novembro tomou posse da Igreja de S. João de Latrão.

Sentado sôbre a Cadeira de S. Pedro como um homem sabio e modesto declarou, que a sua conducta se resumia *em governar, com auxilio de Deos, a Igreja militante, de modo que não perdesse a triumphante*: nenhum de seus Predecessores foi eleito em tempos mais difficeis; mas elle procurou salvar a Religião dos golpes, que a esperavam; e se condescendeu pronunciando uma sentença fatal contra homens, que levaram o nome de *Jesus-Christo* com muita gloria ás terras mais distantes e ao globo inteiro, quem não encontra em suas proprias expressões a violencia feita ao coração? Persuado-me, que todas as palavras, que compõem o texto da Bulla *Dominus ac Redemptor*, nem uma só deixa de ser um raio despedido contra a cabeça de cada qual dos Soberanos, que entrou na liga maldita e nefanda para supplantar a Companhia de *Jesus*: perdôe-se-me, eu amo de todo o coração este Santo Instituto, e não posso maldizer a memoria de *Clemente XIV*, que o havia elogiado, embora pensasse, antes mesmo de governar a Igreja de Deos, ser necessario um sacrificio: póde ser, que a minha miseria não cedesse ao dispotismo temporal, mas de quantos males eu teria sido causa! Conspirada a Europa inteira, que podia fazer a Igreja no tempo, em que as crenças iam em decadencia progressiva! Deos o sabe, que ao homem não é dado prescrutar os Conselhos Eternos! Mas vamos aos factos. O seu primeiro cuidado foi escrever aos So-

quizeram dar-lhes mais! Bem preciso era, que se cortassem abusos; mas estabelecer doutrinas novas? Onde o fundamento para ellas? « *Deos te commetteu o Imperio*, dizia o grande Osio de Cordova a Constancio, *e a nós confiou as cousas sagradas; se algum de nós se intrometter no que te pertence, desobedecerá a Deos, e tu, se usurpares nossos direitos, commetterás um grande delicto.* » Eis-ahi descriminados os limites do Sacerdocio e do imperio: essa é a doutrina de *Jesus-Christo* nosso Salvador, ordenando, que *se dê a Deos o que é de Deos, e a Cesar o que é de Cesar*, e entregando a S. Pedro e aos Apostolos, por isso ao Papa e aos Bispos, o governo da sua Igreja, e não a Tiberio, nem aos outros Soberanos. Desejaria, que sem a menor restricção se observasse a doutrina contida nas tremendas palavras de *Jesus-Christo*: « *O Meu Reino não é deste mundo;* » inhibindo-se absolutamente o Clero de ingerencia em negocios do seculo, de aceitar graças, cargos, ou commissões de qualquer natureza ao podêr temporal, e ainda mais de os solicitar, porque desta fórma os Soberanos e os governos não teriam pretexto de pôr as mãos impias na Arca Santa. Allega-se, que era necessario um meio de reação aos excessos da côrte de Roma, dispondo dos thronos e dos estados, accendendo as fogueiras e inventando os tormentos da inquisição! Mas ha uma necessidade maior de que a allegada, e vem a ser, a indagação da origem desses factos e as circumstancias, de que foram revestidos. Dispozeram os Papas dos thronos e dos estados, depondo ou não Soberanos, é verdade; mas examinemos a questão: *Jesus-Christo* declarou a S. Pedro e aos Apostolos, e na pessoa delles ao Summo Pontifice e aos Bispos, *que todo o podêr lhes fôra dado no céo e na terra; mandou-os instruir todos os homens, do que elle mandava observar; deu-lhes podêr de ligar e desligar sôbre a terra, affirmando que esses actos seriam approvados no céo, porque estaria com elles até á consummação dos seculos; e lhes prometteu rogar ao Pae Celestial, que enviasse outro Paracleto para estar com elles eternamente o espirito de verdade, que permaneceria entre elles e residia nelles.* Se um Monarcha prevaricar peccando contra Deos e contra a Igreja, não poderá ser excommungado? Sendo o vinculo, que liga os Soberanos aos povos, e estes áquelles, um juramento prestado em nome de Deos, não poderá a Igreja absolver desse juramento? É forçoso negar a *Jesus-Christo*, ou a verdade do Evangelho, negando ao Summo Pontifice com os Bispos ou sem elles, e ainda aos Bispos, o direito de lançar fóra da Igreja qualquer Christão embora Soberano; e negando-se-lhes o direito de absolver de um juramento o Rei ou os vassallos, nega-se que *Jesus-Christo* lhes deu esse podêr universal, que tinha no céo e na terra. Se se lançar um golpe de vista pelos annaes da Igreja, ver-se-ha, que muito poucas vezes esses factos tiveram logar; com quanta razão os Summos Pontifices obraram; com quanta paciencia foram experimentados; com quantas tribulações foi primeiro a Igreja atormentada; com quanta dôr se lavrou a sentença; e com quanta misericordia e bondade se revogou! A historia de Frederico II e de João *sem terra* basta para fazer juizo imparcial a quem não está ainda corrompido com as theorias dessas differentes seitas, que tem lançado na carreira da perdição milhares de homens dignos de louvor por algumas virtudes: pela minha parte não só confesso esse direito, porém vou mais longe, porque eu entendo, que desde o facto da resistencia á auctoridade da Igreja, ou pelo defeito de cumprimento dos deveres recebidos pelo juramento, os vassallos estão delle desligados; mas respeito os decretos, que exigem sentença, e a considero urgentissima. Desgraçadamente repute-se legitimo, que um bando de facciosos lancem do throno um principe, que não tem outros crimes, senão oppôr-se aos interesses dos demagogos, e pensa-se, que é iniquo um acto praticado pela auctoridade mais legitima da terra! Mas, diz-se: os Papas deram thronos e estados a quem lhes pareceu. não é tanto assim, os factos tiveram logar de outro modo e bem differente: entretanto, quando o fizessem, nenhum direito se lhe oppunha, se o merecimento da parte dos agraciados o requeresse, e a justiça presidisse no acto, de quem deve. As sociedades precisam de um juiz, que pronuncie sôbre os actos dos governantes com e independencia e valor, de quem não é subordinado aos podêres da terra; e por toda a resposta a empenho contrário, dir-se-ha, que apesar das fraquesas annexas á condição do homem Sacerdote, as sociedades seriam mais felizes entregando o julgado de suas desavenças á auctoridade da Igreja. Uma questão e mais importante é a dos, que accusam o Sacerdocio de auctor das penas temporaes, desde o menor ao maximo grão, infligidas aos hereges e aos Judeus: eu não sei, se ha toda a bôa fé nesta accusação, mas sim que da parte de muitos ha ignorancia dos factos: confesso, que teria desejado ver fulminar os raios da Igreja contra muitas atrocidades, que se praticaram á sombra do Evangelho, como algumas vezes e não poucas se fez: comtudo nem por isso a Igreja foi culpada das, que se fizeram: não posso negar, que alguns dos Summos Pontifices permittiam a relaxação dos impenitentes. e mesmo a ordenaram: por isso muita dôr tenho lendo algumas Bullas Apostolicas! Porém, consolo-me de podêr affirmar: 1.° que a origem destas penas emanou do podêr temporal, e mais por interesses politicos, do que por zêlo religioso, com quanto este tambem tivesse parte; 2.° que a Santa Sé e os Prelados Ordinarios bastantes vezes ouviram com atenção justas queixas, e quizeram dar-lhes remedio. e o podêr temporal não o consentiu. 3.° que os relaxados recebiam instrucções e auctorisação dos podêres da terra.

beranos manifestando-lhes aoa alma pacifica, e interessando-os vivamente pelo affeição, que lhe testimunhava; e nomear seu secretario o Cardeal Palacivini, que era agradavel a todos os Principes, resolvido apesar disso a governar por si mesmo: por esta fórma conseguiu suspender as iras dos politicos; mas não tardou a ser importuoado pelos orodores das potencias para terminar o negocio, em que estavam empenhados, ainda mesmo antes da sua coroação: o Santo Padre entretanto guardava o maia profundo silencio ácêrca do suas intenções: expediu a Bulla do jnbileu para implorar o favor do Altissimo ao seu govorno, toda cheia de piedade e de amor pela paz; deixando comtudo de publicar a outra *in Cæna Domini*, com que attrahiu mais os ânimos dando esperanças ás côrtes, posto que a sua reserva dava occasião o desconfianças: continuou mostrando-se affectuoso aos Principes nomeadamente com ElRei de Portugal, interessando-se no seu restabelecimento, e com os Duques de Glocester e de Cumberland, prodigalisando-lhes todas as attenções na sua viagem a Italia, o que concorreu para receber uma mensagem honrosa do Rei de Inglaterro, e ser por elle acceito arbitro n'uma questão pessoal; o a mesma bondade manifestavo aos homens do todos os paizes o de todas as creoças, que o procuravam: deste modo o Santo Padre cuidava de se fazer amar de todoa, e couseguir o seu fim. Por outra parte attrahia seus subditos temporaes pelas providencias contra os monopolistas, pelos soccorros aos lavradores, e pelo amor decedido e demonstrado ao povo, em quanto tratavo com alguma duresa os senhorea, não exceptuando os Cardeaes.

O negocio, quo por então occupava os espiritos era o dos Jesuitas, e o Santo Padre ero atormentado incessantemente por uns orando em favor delles, e por ootros, exigindo com arrogancia a sua extincção, por isso dizia, quo *estava* no *Purgatorio*. A politica Hespanhola para fazer valer a sua causa continuava as instancias para a beatificação de João de Palafox Bispo de Aogeliopolis e depois de Osma, quo representava ao Santo Podre Innocencio X os Jesuitas debaixo das mais negras côres, mostrando-se apesar de snas virtudes inimigo destes Padres: *Clemente* mandou instruir com rigor o processo, mas não foi por diante, e a côrte de Hespanha depois da desgraça da Companbia de *Jesus* não curou mais da santidade de Palafox: eis-ahi o quo é o politica! No meio destas questões o Santo Padre tioha a peito as reformas do corpo Monastico, porque julgava, e bem, que froquesa homana as necessitava ao menos de cem em cem annos; deu-se por isso a algumoa e bem urgentes, e começou pela suo Ordem, sem se esquecer dellaa, quanto aos tribunaes e quanto á administração da justiça; e reprovou a espionagem e o delação. Não cessavam as importunidades contra os Jesuitas; mas o Santo Padre não querendo precepitar-se dizia, que lho dessem tempo para examinar a questão, porque necessitavo rasões do justificação perante Deos; entretanto publicou um Breve, por que concedia indulgencias aos Missionarios da Compaohia; porem logo o Hespanha o declarou obrepticio e aubrepticio! Estava perdida toda a esperança, e *Clemente* não tioha remedio senão justificar-se na presença do Senhor com a violencia do podêr temporal, porque nem os mais altos favores aquietavam os Ministros dos Braganças, dos Bourbons, e da casa de Austria: Portugal ameaçava seriamente a Santa Sé, a Hespanha não cessava de atormentar o Santo Padre, a França o aa outraa potencias faziam o mesmo: era forçoso ceder aos interesses da impiedade, da ombição, e da avaresa, que se encobriam com o manto da Religião e da segurança dos thronos! Deos salva a suo Igreja, pois os promessaa do Salvador não faltam! extinga-se a Companhia de *Jesus!* Cheio de horror o Santo Padre assignou a Bulla *Dominus ac Redemptor!* Já não ha Jesuitas, os seus bens, os bena da Igreja, desappareceram como o fumo; mas o castigo do céo não tardou ás casas de Bourbon, do Bragança, nem á de Anstria, posto que esta mais tarde o experimente!

Deixemos os Jesuitas offerecer como cordeiros o pescosso ao cutello selvagem dos podêres da terra, que se diziam filhos da Igreja, e vamos encontrar o Santo Padre *Clemente XIV* condemnando livros impios para sustentar a dontrina Cátholica, juntando á dôr, que lhe ralava o coração pela sorte dos Jesuitas outra bem vehemente pelas perseguições da Christaodade nos dominios da Porta, e como unica cousolação em todo o seu Pontificado recebeudo no seio da Igreja o Patriarcha do Kurdistan! Deixemo-lo publicar o jubileu universal do anno 1775, mas choremo-lo, porque nem abrirá a porta santa aos peregrinos! Effectivamente Deos o chamou a si no dia 22 do Setembro de 1774. Deixou *Clemente* memoria gloriosa de seu nome na beatificação dos servos da Deos *Paulo Aresio* Cardeal, *Francisco Caraciolo* instituidor *dos Clerigos Regulares Menores*, e *Boaventura Potencia* Religioso Menor; na piedado com que exercia coostantemente o santo Ministerio Sacerdotal; no omor para com os desgraçados; e na predilecção pelas letras, e favor aos homens sabios. [1]

III.

PATRIARCHAS.

A voz *Patriarcha* significa *principe* ou *primeiro entre os paes*. Na Igreja do Deos se tem applicado a voz *pae* ao Bispo, porquo é verdadeiro *pae* dos fieis de *Jesus Christo*: o Santo Synodo de Calcedonia (anno 451) empregou a voz *Patriarcha* nos Metropolitanos, por serem os primeiros entre os Bispos de cada provincia; mas não era novo seu uso na Christandode: entretanto mais propriamente a voz *Patriarcha* se contrahiu por distincção aos Bispos, a quem estavam sujeitos Metropolitanos o Primazes. Desses so tres houvo na Igreja desde o seu principio, *Romano*, *Antiochena*, e *Alexandrino*; qoe taes o reco-

[1] Caraccioli *Vie du Pape Clémente XIV* — *Biographie Universelle* — Artaud de Montor *Histoire des Souverains Pontifs Romains* — Moroni *Dizionario*. Um retrato de corpo inteiro, outro de meio corpo, e uma cópia do mausoleu, que encerra os despojos mortaes deste Summo Pontifice.

nheceu o santo Synodo, primeiro geral, do Nicea (anno 325), em cujas actas se encontram expressas a este respeito as palavras *Antiqua consuetudo*. Posteriormente se lhes juntaram dois o *Constantinopolitano* e o *Jerosolimitano*, dos quaes escreveu um auctor celebre *per rapinam et malas artes accesserunt*; o, com quanto em relação aos factos elle disse uma verdade, teria eu desejado, que as honras ao menos se tivessem dado ao *Jerosolimitano*, collocando-o depois do *Romano*; nunca, porém, ao *Constantinopolitano*, porque nem a sua Igreja era Apostolica, nem a Christandade deve mover-se por considerações ao podêr temporal, nem a Religião teria soffrido os golpes de um horroroso scisma. No santo Synodo, segundo geral, de *Constantinopola* (anno 381) se determinou, que esta Igreja fôsse a primeira depois de *Roma*, mas quanto em honra, e não em limites e jurisdicção, ficando ainda por esse tempo sem a propria qualidade de Metropolitana: naquelle santo Synodo geral, de Calcedonia, obrepticiamente os Gregos sujeitaram ao *Constantinopolitano* os Exarcados da Thracia, Ponto, e Asia, que eram primitivamente aquelle do *Romano* e os dois últimos do *Antiocheno*; mas o Legados da Santa Sé fizeram protesto, e o Papa S. Leão, *o grande*, declurou irrito similhante acôrdo: apesar disso a soberba dos Gregos foi por diante com auxilio do podêr temporal, até que por bem da paz se legalisou esse transtorno no santo Synodo duodecimo geral, de Latrão (anno 1215), dando o primeiro logar depois do *Romano* ao *Constantinopolitano*, o segundo ao *Alexandrino*, o terceiro ao *Antiocheno*, e o quarto ao *Jerosolimitano*. Este último, que havia começado por Metropolitano de Judea, abateu em honra ficando suffraganeo de Cesarea depois da destruição da sua cidade por Tito, voltou a gosar o fôro de Metropolitano honorario por disposição de Santo Synodo primeiro geral, sem prejuizo do Cesariense: no conciliabulo Ephesino obteve a jurisdicção *Patriarchal* sôbre as tres Palestinas, duas Phenicias, e Arabia; mas não a chegou a gosar pela opposição do Metropolitano da primeira Phenicia, e do Bispo de Beryto: no santo Synodo Calcedonense o *Antiocheno* conveio em deixar-lhe as tres Palestinas; porem, não sendo isto admittido pelo Papa S. Leão, o *grande*, não exercitou o *Jerosolimitano* a jurisdicção até ao santo Synodo quinto geral, de *Constantinopola* (anno 553), em que desmembraram do *Antiocheno* as duas Palestinas e do *Alexandrino* a terceira: entretanto a Santa Sé não reconheceu similhante jurisdicção até 1215 no santo Synodo geral duodecimo.

Parece, que na instituição dos tres primeiros *Patriarchados* houve o grande pensamento de conceito geographico, unico, a meu juizo, que a Igreja póde admittir nas divisões e subdivisões necessarias a bôa administração e unidade, e de nenhum modo interesses do podêr temporal. *Roma*, em quanto *Patriarchado* abrangia toda a Europa e Africa septentrional, *Antiochia* toda a parte oriental do Helesponto, e *Alexandria* a Africa oriental e Arabia; por isso entendo eu, que o fim era dividir todo o orbe por estes tres *Patriarchados*, e unindo a cada um as Dioceses, Metropoles, e Primazias, que se fôssem erigindo, por exemplo a *Roma* toda a Africa do norte e poente e toda a America do norte e sul; a *Antiochia* toda a Asia, e a *Alexandria* a Africa oriental e meridional e a Oceania. Deos permittiu, que isso não tivesse logar, e ainda maisque occupados os *Patriarcados* orientaes pelos scismaticos, e depois pelos infieies, a propria jurisdicção *Patriarchal* delles se unissem ao Romano; e bem pode ser, que para um dia sem estorvos nem consideracõse temporaes ordenar essas divisões, como se receberam dos Apostolos no pensamento e talvez no acto. Não é logar aqui de tratar da jurisdicção *Patriarchal*; por isso me limito ao que já disse, da presidencia a Bispos, Metropolitanos, e Primazes, deixando de fallar outra vez em *Roma*, porque della se tratou pela sublime qualidade do capital do orbe Christão. Extinctas, pela occupação dos infieis, as Igrejas de *Jerusalem*, *Antiochia*, *Alexandria*, e *Constantinopola*, os Summos Pontifices quizeram perpetuar a memoria de sua grandesa nos *Patriarchas titulares* do rito Latino, permittindo dentro dos limites do *Antiocheno* aos fieis nos ritos Maronita, Syrio, Melchita, Chaldeo e Armenio um Bispo com o titulo de *Patriarcha*, e jurisdicção Metropolitana, e auctorisaram o uso do *titulo Patriarchal* sem mais jurisdicção, que a Primacial, a alguns Bispos como ao de Venesa; com a só Metropolitana a outros, como ao de Lisboa; e puramento *titular* das Indias occidentaes a um Prelado, que elegessem os Principes da corôa Catholica. Conforme a distinção *titular*, que no rito Latino adoptou a Santa Sé (excepto quanto á Igreja de *Alexandria*), porei antes de todos dos Bispos [1] alguns dos venerandos Prelados, que recordam as quatro grandes *Matrises* orientaes; e advirto, que na relação quanto a estas, e a todas as mais Igrejas, seguirei pela perioridade da existencia, e, quando coevas, pela distinção, que merecem as virtudes dos seus Pastores.

A

Jerusalem.

Na direcção de nordeste contra os montes Oreb e Sinay da Arabia se ergue entre o mar do levante e o lago Tyberiades o maravilhoso Thabor, e voltando deste para o meio dia sôbre o rio Cedron, áquem do mar-môrto, se elevam o Olivete, o Sião, e o Calvario, onde tiveram logar os mais augustos mysterios do Christianismo. No alto do monte Sião está sentada a antiga *Jebus*, a *Jeruschalaim* dos Hebreos, a *Solyma* dos Gregos, a *Jerusalem* dos Latinos, a *Kods* dos Persas e dos Arabes, a *Chrif* dos Turcos, a *Cidade Santa* das Nações, o *Leão* de Isaias, a *Princesa das Provincias* de Jeremias, a *Helia* ou a *Cidade do Sol* do Adriano, a *Terra Santa* de S. Bernardo, o *Rainha dos Povos*, a *mais formosa das Cidades do Orbe*, que S. Jeronymo chamou *Berço do Christianismo*, o santo Synodo segundo geral declarou *Mãe de todas as Igrejas*, porque *Jesus Christo* ahi lançou os fundamentos da Igreja Universal. *Jerusalem* deve a sua fundação aos descendentes de *Jebus* filho do Patriarcha Chanaã; posteriormente passou aos

[1] Assim como não considero na Igreja de Deos alguma dignidade superior á Episcopal, tambem entre os Bispos não considero outra distincção mais que a *Patriarchal*, Primacial, ou Metropolitana, quando apresentam essa jurisdicção em acto; por isso distinguindo neste logar o mais abaixo, só por esses *titulos*, diversos Prelados, eu não tenho em vista senão recordar a memoria das Igrejas, que similhantes *titulos* representam.

Israelitas da Tribu Real de Juda, era a capital de Israel, e a séde do Templo do Senhor e do Pontifice da Lei escripta. Na Lei da graça foi arrasada sem ficar pedra sôbre pedra ás mãos dos Romanos em cumprimento da prophecia do Salvador. Os Apostolos erigiram Cadeira Pontifical nesta Santa Cidade, e puzeram nella primeiro Bispo um dentre si, *S. Thiago menor*, chamado irmão do Senhor, e filho de Alpheo e de Maria irmã da Santissima Virgem, que escreveu a Epistola Catholica a todos os Israelitas dispersos, e recebeu a palma do martyrio sendo apedrejado por ordem de Anano Pontifice dos Hebreus. Entre os seus successores contou o Santo Apostolo, além de outros varões insignes, os bemaventurados *Alexandre*, que foi martyrisado em 249; e *Cyrillo* illustre confessor, que passou ao céo em 398, deixando rica herança em seus escriptos á Igreja de Deos. De todos o primeiro reconhecido *Patriarcha* no santo Synodo Lateranense foi *Rodolfo*, que teve assento entre os Padres desta sacrosanta assembléa em qualidade de successor immediato do Santo *Alberto*. A este servo de Deos havia chamado para assistir ao Synodo o Papa Innocencio III; mas não permittiu Nosso Senhor a sua vinda, porque um malvado a quem reprehendêra por seus vicios, o assassinou em S. João de Acre, no acto solemne da procissão de 14 deSetembro de 1214: delle resam a 8 de Abril os Religiosos Carmelitas, a quem deu a regra. Actualmente é *Patriarcha* titular da Cidade Santa *José Valerga*, desde 4 de Outubro de 1847.

42.°

Venerando Fr. VICENTE LUIZ GOTTI.—Nasceu este Prelado em Bolonha a 7 de Setembro de 1664, filho de Jacob *Gotti*, Lente de Direito nos estudos universitarios daquella cidade, e de Clara Caparda. Ficando orfão de pae ainda menino, sua mãe o fez educar pelos Padres das Escólas Pias, e com elles aprendeu os primeiros rudimentos: aos treze annos ouviu lições de rhetorica aos Padres da Companhia de Jesus; e aos dezeseis recebeu o habito da Ordem de S. Domingos no Mosteiro da sua patria: fez o noviciado e professou no de Ancona: aprendeu philosophia em Forli e Bolonha, e com taes progressos, que determinou a Ordem envia-lo a Salamanca para obter os gráos academicos naquella sciencia e na theologia; e lá se distinguiu de modo que os Padres do Collegio Dominicano desta cidade pretenderam que ficasse, dando-lhe uma Cadeira; porém, elle recusou, e no anno 1688, já Sacerdote, voltou a Italia. Passou a ensinar philosophia em Mantua, depois no Collegio de Minerva em Roma, e por fim em Bolonha: promovido a Lente de theologia na sua Ordem, não tardou a ser recebido Professor desta sciencia na Universidade da sua patria, e começou o exercicio em 1695 com grande frequencia de ouvintes, que foi progressivamente tomando incremento. Em 1699 ensinou metaphysica no Collegio de Bolonha: pouco depois foi nomeado companheiro do Presidente das duas provincias Lombardas, em 1708 Prior do Mosteiro de S. Domingos da sua patria, em que o reelegeram segunda e terceira vez, e Provincial por duas. Em 1714 a Santidade de Clemente XI, o constituiu Inquisidor Geral de Milão, que recusou, mas foi obrigado a aceitar: neste cargo combateu com as armas da justiça as obras do calvinista Jacob Piccinini, e com as da sciencia, escrevendo o precioso livro da verdadeira *Igreja de Christo*: por instancias conseguiu voltar ao retiro da sua cella em Bolonha no anno 1717; e o Senado da cidade o chamou immediatamente a reger a Cadeira de controversia theologica, em que defendeu o celibato clerical por um bom livro, a que accrescentou um compendio de theologia.

Gotti passava já por um dos homens mais sabios do seu tempo, e Bento XIII, grande admirador de seus talentos, virtudes e austeridade de vida, em 30 de Abril de 1728, lhe deu a Purpura Presbyteral com o titulo de *S. Xisto*, e a dignidade de *Patriarcha de Jerusalem*, em que foi sagrado na propria terra de seu nascimento; passando a Roma o fez Membro das Congregações da Inquisição, dos Bispos e Regulares, do Concilio, do Indice, do Exame dos Bispos, da Disciplina dos Regulares, da Propaganda, das Indulgencias e das Reliquias; e o deu por companheiro aos Correctores dos livros orientaes. Dividia o seu tempo entre os exercicios de piedade, trabalho dos tribunaes e o estudo: era diligentissimo no serviço de Deos e zeloso por extremo da orthodoxia Catholica; e todos os seus trabalhos litterarios tinham por fim a Religião: além das obras mencionadas escreveu outras, de que a mais famosa é aquella, a que deu o nome de *Veritas Religionis Christianae*, contra atheus, polytheus, idolatras e Judeus, a que deu causa o livro impio de João Clerc. Foi um dos Eleitores Sagrados de Clemente XII e Bento XIV, e no conclave, em que este último foi eleito, teve bom numero de votos para o Summo Pontificado. As suas habituaes molestias se foram aggravando depois do anno 1740, até que em 17 de Setembro de 1742 sua alma pura largou os despojos mortaes para gosar de Deos na eternidade, e seu corpo foi sepultado na Igreja de *S. Xisto* de Roma. [1]

B

Antiochia.

Na Syria, que o Eufrates separa da Mesopotamia pelo Nordeste, e o Mediterraneo limita da Europa pelo Occidente, se ergue nas margens do Oronte a cidade, outr'ora famosa, que deveu sua grandesa e seu nome a Seleuco Nicanor, *Antiochia* a *Rainha do Oriente*, célebre nos fastos da Igreja de Deos, por que nella as Discipulos de *Jesus Christo* tomaram o nome de *Christãos*; *S. Pedro* o Principe dos Apostolos foi seu primeiro Bispo; e no seu seio recebeu os sagrados corpos de grande numero de Martyres e

[1] Fr. Jacobus Quetif et Fr. Jacobus Echard *Scriptores Ordinis Praedicatorum* — Guarnaci *Vitae et Res gestae Pontificum Romanorum et S. R. E. Cardinalium* — *Biographie Universelle* — Rohrbacher *Histoire Universelle de l'Eglise Catholique* — Moroni *Dizionario*. Um retrato de corpo inteiro.

Doutores; mas quiz o Senhor, que no primeiro seculo da hegyra passasse ás mãos dos infieis, e que resgatada e mantida pela Christandade em 1098, depois de 1269 tornasse ao podêr dos mussulmanos! Depois da dispersão dos Apostolos, *S. Pedro* fundoo a *Igreja Patriarchal* do oriente em *Antiochia*, governon-a por sete annos, e, deixando por successor a *Santo Evodio*, passon a Roma, e nella erigiu em 21 de Maio do anno 40 a *Igreja Patriarchal* do occidente, transferindo para esta a suprema dignidade do *Vigariado de Jesus Christo:* o grande *Santo Ignacio* martyr era no seculo II, em 107, o successor de *Santo Evodio:* mais adiante *S. Theophylo* em 168, depois delle S. *Babylas* em 250, *S. Cyrillo* até 300, *S. Melancio* em 381, *S. Floriono* em 404, *Santo Estevão* martyr em 479, outro *S. Floriano* em 512, *Santo Anastacio I* deposto em 570, e morto em 599, o *S. Anastocio* martyr em 610 regeram o *Patriarchado de Antiochio*. Muitos outros varões illustres em santidade o letras tiveram esta Igreja, mas tambem a occuparam arianos, apolinaristas, jacobitas e outros hereges. Actualmente gosa o titulo della, no rito latino, *João Nicolao* dos Marquezes de Tanara, desde 24 de Novembro de 1845; no rito Melchita *Maximo Mazlum* desde o 1.º de Fevereiro de 1836; no rito Maronita *José Gazeno* desde 19 de Janeiro de 1846; no rito Syro o era *Ignacio Pedro Giorve* desde 1828, hoje fallecido; em Babylonia no rito Chaldeu *José Audo* desde 11 de Setembro de 1848; na Cilicia e rito Armenio *Miguel Der-Asdnazadrian*, com o nome de *Gregorio Pedro VIII*, desde 25 de Janeiro de 1844.

43.ª

Veneravel CARLOS THOMAZ MAILLARD DE TOURNON.—Nasceu este Prelado na cidade de Turim da antiga familia *Maillard* em 21 de Dezembro de 1668; foi seu pae Victor Amadeo Conde de Tournon, e Marquez de Albi, Secretario de Estado e Governador do Castello e Condado de Nizza, e cavalleiro da Ordem da Annunciada na Sardenha: fez *Carlos* seus estudos no Collegio da Propaganda em Roma, recebeu a borla doutoral na sua patria, e abraçando a vida Ecclesiastica se distinguiu pela piedade, sciencia e devoção á Santa Se. Contrahindo em Nizza estreita amizade com Balthazar Cincio na volta do governo de Avinhão, quando este foi investido da Purpura, o tomou para assessor e companheiro de seus estudos: por este motivo conseguiu fazer sobresair nas Academias seus elevados talentos; e elles lhe grangearam o favor da santidade do Clemente XI, que o nomeou seu camareiro honorario, e depois Prefeito da Doutrina Christã. Agitava-se nesse tempo a questão dos ritos Malabares e Sinenses, [1] e o Santo Padre lançou os olhos para Maillard, com o fim de pôr termo ás desavenças, porque delle confiava, e em 5 de Dezembro de 1701 o nomeou Visitador Apostolico das Indias Orientaes, com podêres de Legado *a latere*, e com o titulo de *Patriarcha de Antiochia*, e o fez sagrar nesse mez. Deu parte da Legacia a ElRei de Portugal como Padroeiro, e outorgando este Soberano em 27 de Março do anno seguinte o seu consentimento (que para nada era urgente) com a condição de se lhe fazerem primeiro saber as faculdades do Legado, Clemente XI sem dar alguma satisfação (por que não era precisa) mandou sair o *Patriarcha* para o seu destino em 1703. Chegou elle depois de pequena viagem a Pondichery, e lá a 21 de Julho de 1704 publicou um Decreto contra os ritos Malabares: continuou sua viagem, e a 4 de Abril de 1705 entrou em Macáo, e de lá partiu para Pekim, tendo mandado avisar o Imperador da sua Legacia. Em 4 de Dezembro chegou á capital, e no dia 31 deste mez recebeu a primeira audiencia do Soberano; teve depois outras, e varias conferencias com seus Ministros: a 28 de Agosto do anno seguinte saiu para Nan-king, onde a 7 de Fevereiro de 1707 publicou um Decreto contra os ritos Sinenses, porque declarou illicito o uso das taboas nas Igrejas com a letra *adorae o céu*, e as cerimonias em honra de Confucio e dos mortos. Este Decreto irritou vivamente o Imperador, que depois da sua saida mandou intimar por dous mandarins o Senado de Macáo para o reter em custodia, não o deixando sair sem sua permissão. Logo que os trabalhos do *Patriarcha* chegaram aos ouvidos de Sua Santidade, lhe deo a Purpura Presbyteral no 1.º de Agosto de 1707. Sempre rodeado de soldados, obrigado a comer viandas nocivas e a matar a sede com agua salgada, morreu á fôrça de desgostos e padecimentos em 8 de Junho de 1710. Clemente XI, fez o seu elogio em consistorio secreto, e, dando-lhe por successor a Carlos Mezzabarba Patriarcha de Alexandria, mandou por elle conduzir a Roma seus despojos mortaes, que foram recolhidos em um tumulo magnifico na Igreja da Propaganda. [2]

[1] Esta questão é espinhosa, e entrou nella da parte dos queixosos de taes ritos bastante má vontade aos Jesuitas. Quanto á Santa Sé não ha nada que notar, por quanto ella condemnou sôbre a informação dos factos a superstição e idolatria, e permittiu o, que licitamente se podia permittir. Os proprios Jesuitas não accordavam do mesmo modo sôbre este negocio. Tratava-se das expressões empregadas para designar a Divindade, e de certas cerimonias estabelecidas em honra de Confucio e dos mortos: quanto ao primeiro caso, o melhor juiz parecia ser quem melhor soube a lingoa daquelles paizes; quanto ao segundo, posto que se affirmasse, que em taes cerimonias não havia culto religioso, não se accommoda muito a minha ignorancia a esse sentimento, por que se dava adoração nas *genuflexões* e sacrificio na *oblação do vinho, do cabrito e do porco*, havia *preces* e *sacerdote*. É comtudo necessario advertir, que, supposta a prohibição pela Santa Sé, não foram condemnados os Jesuitas por haverem permittido taes ritos, por supporem em bôa fé, que só havia nelles honras civis, mas os seus inimigos os taxaram de hereges, e ainda de pagãos, julgando-se auctorisados para tudo. Vejo nestes ritos o, que encontro em todos os paizes idolatras de toda a terra, depois da prégação do Christianismo; isto é, uma ridicula confusão de mysterios, doutrinas moraes, lithurgia, e ainda jerarchia da Lei da Graça, com as superstições gentilicas mais ou menos ostensivamente; e isto é uma prova da falta de ministros Evangelicos em taes paizes, depois de promulgado nelles o Christianismo. Quanto aos Jesuitas, mais tarde veremos, que se a atraiçoar a consciencia mudavam as fórmas exteriores, accommodavam-se aos costumes dos povos, e todos os meios licitos punham em prática com o fim de levar ao coração da gentilidade o nome de *Christo*, e guiar sua alma pelos caminhos do Evangelho á bemaventurança eterna. Seus inimigos, que sempre o foram do Christianismo e dos Reis, vestiram ao contrario as fórmas exteriores da piedade e zêlo Christão para darem cabo daquelle e destes, porque só desse modo, bem o sabiam, lhes era facil conseguir seus damnados intentos.

[2] Guarnaci *Vitae et Res gestae Pontificum Romanorum et S. R. E. Cardinalium.* — Pereira de Figueiredo *Lusitania Sacra.* — Artaud de Montor *Histoire des Souverains Pontifes Romains.* — Rohrbacher *Histoire Universelle de l'Eglise Catholique.* Um retrato de meio corpo sem nome.

C

Alexandria.

Sobrc a peuinsula ehamada ilha de Pharos, que separa o Mediterraneo da lagoa Marcotis, e se uue ao Baixo-Egypto pelo isthmo denominado machina du *Alexandre*, levantou este graude Priucipe, além de tres seculos antes da uossa era, nma das mnis famosas cidades da terra, e lhe deu o nome du *Alexandria:* depois da sua morte foi capital do Egypto, estabelecendo uella a côrte desto Reino Ptolomeo um dos Generaes desse famoso conquistador. Durante o dominio da raça Lagide, floresceu *Alexondria*. o com ella o Egypto, não desmentindo da civilisação da nra antiga até aos dias de Cleopatra, últioa descandente de Ptolomeo: pssando então ao dominio Romano, contou esta bella cidade no tempo du Augusto uns seiscentos mil habitautes, do que metade rojava os ferros da escravidão. A grandesa du *Alexandria* perseverou ainda debaixo do dominio dos Imperadores do oriente: subjugada ao alfange mussulmano por Aurou Geoeral do kalifa Omar em 642, apesar de não continuar u ser o que outr'ora fôra, assim mesmo na qualidade do intermedio do oriente e occidente conservava muito de sua antiga magnificencia, até quo se arruinou completamente dobrando os Portuguezes [1] o cabo da Boa Esperança; porém nos ultimos tempos Mahomet-Alli, depois de renovur, du 1819 a 1820, o canal de communicação com o Nilo, euidou em eleval-a ao ponto de ser hoje uma das mnis importantes cidades do litoral do Mediterraneo.

Os mais gloriosos monumentos de *Alexandria* quanto a mim são: 1.° A sua famosa Bibliotheca queimada por ordem de Omar; 2.° A sua escola *neoplotoniana* instituida por Ammonio Saccas ao começo do seculo III da nossa era, destinada a conformar nos pontos capitaes Platão e Aristoteles, e quo produziu Longino, Ereunio, Origennes, Plotino, Profirio, Jamblico e outros philosophos; a *theologica*, fundada um pouco antes por S. Panteno debaixo das vistas dos Bispos Julião e Demetrio, e que creou os grandes genios de Clemente o *Alexondrino* e Santo Alexandre Bispo de Jerusalem, e outros sabios da mais elevada ordem; 3.° A qualidade de Igreja mãe de todas as Igrojas do sul do orbe, para que foi escolhida pelo Principe dos Apostolos enviando, pelos annos 40 da era Christã, *S. Marcos* seu discipulo, para a fundar em seu nome.

A Igreja de *Alexondria*, elevada á dignidade *Patriarchal*, receben por soccessor do Sagrado Evangelista a *S. Anniano*, o desto o foram com interpollação os servos de Deos Santo *Eumenio*, *S. Julião* e *S. Demetrio*, de quem fallei, *S. Dionizio* o *grande*, *S. Moximo*, que combateram pela orthodoxia Catholica contra Paulo Samosateno u Manicheos, *S. Pedro* martyr na perseguição de Diocleciano, *Santo Alexandre*, u o graudu *Santo Athanazio*, que ambos defenderam a caosa de Deos contra Ario, e esse último se tornon pela sua constaneia, zêlo Apostolico, e tribulações, famoso nos annaes do Christianismo; *S. Cyrillo*, que em qualidade de Legado da Santa Sé presidiu ao Sauto Synodo Ecumenico de Epheso em 431; *S. Proterio* martyr, *Sonto Eulogio*, e *S. João* o *esmoler*. Outros varões eminentes regeram a Santa Igreja de *Alexandria*, porèm, du mais destes entraram na serie muitos hereges, entre os quaes não pódu esquecer o celebre *Dioscoro*. No volver dos seculos, estabelecida já a heresia, um ou outro foi Catholico, e delles mencionarei *Athonazio de Clermont* eleito pelos Latinos, que governou em 1219, *Simão* Arcebispo de Rheins o Cardeal eleito *Patriarcha* em 1407, e Gabriel, quo se submetten á Santa Sé em 1594. Actualmente tem o titulo desta Igreja *Daulo-Augusto Foscolo* desde 4 de Outubro de 1847.

44.°

VENERANDO MARCOS CONDELMERIO.—Nasceu este Prelado em Venesa da mesma familia do Santo Padre Eugenio IV, e seu proximo parente: foi um dos fundadores da Congregação de S. Jorge da Alga da sua patria; o mereceu por virtudes e sciencia ser elevado á Sé Primacial do Grão no anno 1439. Esteve no santo Synodo Geral de Florença; mais adiaote a Santidade de Eugenio IV, desligando-o duquella Igreja, o trasladou ao *Patriarchado Alexandrino*, antes do 1.° de Janeiro de 1444; porquo nesse, estando já investido da nova diguidade, o Santo Padre lhe inviou o acto da nomeação da Legacia Apostolica em Rhodes, Chypre, Egypto e Syria, com o mando da armada contra os Turcos.[2]

45.°

VENERANDO JOÃO BERMUDES.[3]—Era este Prelado natural de Galliza, o so conhecido pelo nome de *Mestre João* entrou na Ethiopia com o Padre Francisco Alvares, em companhia do embaixador Por-

[1] Tenho percebido um empenho gravissimo nos estrangeiros, em abater a nossa gloria passada pelas miserias do dia presente. Com respeito a esta questão é forçoso perguntar-lhe, onde encontram um homem como o Infante D. Henrique originario auctor de nossas descobertas, que dése tão grande impulso ás sciencias exactas estabelecendo a escóla de que saía mais tarde Pedro Nunes, o Mathematico por excellencia, e antes delle o famoso Vasco da Gama e Pedro Alvares Cabral? Em que época de historia desses, que mal nos conceituam, se encontra um Affonso de Albuquerque terror do Oriente? Digam embora que nada valemos, porém não escondam o que fômos.

[2] RAYNALDO *Annales Ecclesiastici* — UGHELLO *Italia Sacra* — FRANCISCO DA SANTA MARIA *Céo Aberto na Terra*. Um retrato de meio corpo.

[3] Talvez porque foi Hespanhol, e sua elevação ao Pontificado foi devida ao zêlo de ElRei de Portugal, se esquecera m delle os Bollandistas na sua Historia Chronologica e Appendice dos *Patriarchas de Alexandria*; e Odorico Reinaldo nos Annaes da Igreja : não sei dar outra razão, porque os primeiros souberem melhor, que ninguem, os factos da Missão da

tuguez D. Rodrigo de Lima, em 1520. Desde que se espalharam na Europa os escriptos de Marco-Pollo se fallou muito do *Preste-João*, um grande Soberano, que vivia na lei de Christo, e tinha extenso imperio na Asia; e tanto maior incremento tomava a novidade, quanto menos se sabia de tal Principe: ElRei D. João II de Portugal, para se illustrar sôbre o caso, e tirar disso, em beneficio de seus vassallos, os proventos, que podesse, como em outro tempo costumaram fazer os netos de Affonso Henriques, metteu nesta demanda dois homens illustres, Pedro de Covilhã e Affonso de Paiva, que tomaram o caminho da Asia por terra: depois de vária fortuna souberam no Cairo os dois aventureiros, que se tratava da Ethiopia, e qual era a estrada, por onde lá se ia ter: morto o companheiro, entrou Pedro de Covilhã em 1490 na capital da Abyssinia, onde recebeu as maiores attenções do *Preste-João*, e não voltou á patria, porque nem Alexandre, que ao tempo da sua chegada reinava, nem seu filho, nem a Imperatriz Helena, Regente na menoridade de David, neto daquelle primeiro Soberano, o deixaram saír; mas apesar disso enviou a Portugal o resultado da commissão em cartas, que foram recebidas por ElRei D. Manoel. A fama da grandesa deste Soberano e das victorias do grande Affonso de Albuquerque levou a Imperatriz a solicitar a amizade de Portugal: preparou, auxiliada de Pedro de Covilhã, uma embaixada a Lisboa, nomeando para trazer o seu recado a ElRei um Armenio chamado Matheus, que veio pela India a Portugal, onde D. Manoel o recebeu com todas as demonstrações de amor e generosidade em 1516. Retribuiu este Principe enviando outra com bons presentes, e por embaixadores o velho ministro Duarte Galvão, com o Padre Francisco Alvares e o Armenio; mas chegados ao Mar Roxo falleceu Galvão, e os companheiros voltaram á India; e mais adiante, embarcando na armada do Governador Diogo Lopes de Sequeira, aportaram á Ilha de Mazua, então sujeita ao imperio Abyssinio: de lá enviou o Governador a embaixada, substituindo o logar de Galvão por D. Rodrigo de Lima, e dando-lhe por companheiro o *Mestre João*. Chegaram em 1520 ao *arraial* côrte da Abyssinia, e foram bem tratados por David, que já então havia tomado as redeas do imperio: determinou este Principe mandar outra embaixada a Portugal, requerendo amizade e alliança; e para isso enviou logo a Lisboa um Monge Abyssinio chamado Zagaza em companhia do Padre Francisco Alvares, que o havia convertido ao Catholicismo, concorrendo muito Pedro de Covilhã: partiram em 1525 passando em Roma para dar obediencia á Santa Sé: entretanto receiava David do mussulmano Ahamed o *esquerdo*, que neste anno o vencêra em batalha, e lhe tinha destruido a povoação e tomado o reino de Fategar com ajuda do Rei de Adel, a quem David hostilisara; por isso este Principe determinou pedir soccorro a Portugal: nesse dia chamou *Mestre João*, a quem era affecto, e lhe propoz a vinda com um homem illustre d'entre seus vassallos por nome Marcos, e para o attrahir quiz, que o Abuná[1] o ordenasse seu successor, quando era leigo: nisso consentiu *Mestre João* em caso de lhe ser permittido pelo Summo Pontifice. Tomaram os oradores o caminho de Roma por terra, e depois de oito annos, tendo padecido gravissimas tribulações, alli entraram no anno de 1538: o Santo Padre Paulo III mandou consagrar a *Mestre João Patriarcha*, não so da Ethiopia, mas de *Alexandria*; e o enviou com o companheiro por embaixadores a Portugal, com presentes para ElRei e para David.

Chegando a Lisboa D. João III tratou o novo *Patriarcha de Alexandria* com as attenções devidas á sua alta dignidade, e a seu companheiro como merecia a sua elevada condição, e os despachou, mandando ordem ao Vice-Rei da India D. Garcia de Noronha para enviar a soccorro do *Preste-João* 450 soldados com um cabo de experiencia: chegados a Gôa no anno seguinte (1539), e demorada a expedição até ao fallecimento do Vice-Rei, que a preparava, D. Estevão da Gama ordenou o soccorro, e acompanhou o *Patriarcha* até á Ilha de Mazua, onde entregou a seu irmão D. Christovão os auxiliares, em cujo numero entrava o bravo Miguel de Castanhoso, que nos deixou em seus escriptos memoria dos feitos e morte do seu illustre capitão. Em 1541 entrou o Prelado nas terras, que eram commettidas a seus cuidados pastoraes, e desde Maaua em 9 de Julho foi acompanhado com o capitão e tropas, e pelos embaixadores do Imperador Claudio filho de David, que lá o esperavam: saiu ao encontro dos Portuguezes a Imperatriz mãe, e antes delle iam sendo recebidos pelos Monjes e povos com o sagrado estandarte da Cruz; e não tardaram a receber recado do Imperador, manifestando ao capitão os desejos de se aproximarem, porque não tardaria a recebel-os. Em Dezembro, na passagem de uma serra asperissima, ao cimo da qual havia uma ermida, encontrou a comitiva uns tresentos homens mirrados e sem outra molestia, que a falta das pontas dos narizes e cabeças dos dedos: diziam os naturaes, que eram cadaveres de conquistadores do tempo Romano: outros affirmavam, que eram corpos de Santos alli martyrisados; e esta foi a opinião do *Patriarcha*, referindo-se a noticias, que ouvira na sua primeira viagem a este paiz. No anno seguinte (1542) continuando seu caminho tomou D. Christovão á fôrça de armas a serra de Amba-Çanet, que por traição occupara o infiel Ahamed: na batalha que então deu o capitão Portuguez, e em todas até ao seu desbarate, em 28 de Agosto deste anno, sempre o *Patriarcha* assistiu abençoando os Christãos; convertendo em templos de Deos vivo as mesquitas, que, por suas gloriosas victorias até áquella época, tinham ganho ao mussulmano. Juntos os nossos com o Imperador venceram os capitães de Ahamed, e por fim a elle proprio, e o mataram.

Prometteram os Imperadores da Abyssinia, que sendo soccorridos por nossos Reis prestariam obediencia ao Summo Pontifice, e dariam a terça parte dos seus estados aos Portuguezes; e isso havia mandado dizer por seu embaixador Zagazá e pelo Padre Francisco Alvares: á côrte de Lisboa pagaram com negra ingratidão, faltando á palavra dada, cumprindo-se ella de tal modo, que salvou o throno dos netos da Rainha Sabá; e nos negocios da Religião foi o mesmo, por que o Imperador, logo que se viu livre dos seus inimigos, injuriou o *Patriarcha* a ponto de ser por elle excommungado: Claudio não fez caso das admoestações, nem dos raios da Igreja, até que os Portuguezes trataram de voltar á India: para os deter em consequencia do auxilio, que delles necessitava, fingiu-se arrependido, e pediu absolvição: confessou nessa

Ethiopia, e o segundo porque teve grande motivo para os saber. Não vejo desculpas, quando se trata de um *Patriarcha* não *titular*, e que exerceu jurisdicção conferida pela Santa Sé, ao menos, em uma parte dos limites da região destinada ao *Alexandrino*.

[1] Patriarcha da Ethiopia por delegação do Patriarcha *Alexandrino*, ou por *communição*, como lhe chamaram.

ora seus erros, e nas mãos do *Patriarcha* jurou professar a Fé Catholica e reconhecer como cabeça da Igreja e Vigario de *Jesus Christo* o Summo Pontifice. Não durou muito a hypocrisia de Claudio; porque pouco depois despresou o *Prelado*, mandou pedir um Abuná a *Alexandria*, e tratou do perseguir os Portuguezes: quanto a estes reduzidos apenas a duzentos puzeram em fuga vinte mil Abyssinios: dessimolou Claudio, aterrado, a desfeita dos seus; mas sabendo da vinda do Abuná o foi esperar, e atrás delle para convencer sua porfia partiu o *Patriarcho*, que foi immediatamente preso e encerrado n'uma montanha, donde o arrancaram os Portuguezes. Vendo, porém, o Prelado, que não era possivel de modo algum sustentar a dignidade, nem exercer a jurisdicção, partiu secretamente para Tigré, e de lá para Debaroá, onde esteve retirado por dois annos esperando embarcação para Gôa, onde aportou em 1556, e no anno seguinte fez viagem para Lisboa: nesta cidade foi alimentado a expensas da corôa até fallecer piamente em 1570. Foi sepultado em S. Sebastião da Pedreira; e deixou memoria sua nos estudos dos *Costumes e Ritos do Ethiopia e do Preste-João*, que dirigiu a ElRei D. Sebastião.[1]

D

Constantinopla.

Alguns seculos antes de *Jesus Christo*, uma Colonia de Gregos de Megara fundou a cidade de *Bysancio* á embocadura do Bosphoro no mar de Marmara, do lado occidental, ficando a última da Europa em frente de Chrysopulis, chamada depois Scutari, primeira da Asia. *Bysancio* foi destruida por Severo, e restaurada por Constantino, que lhe deu o seu nome, e a fez capital do Imperio no oriente. Substituida a antiga *Bysancio* pelo nova *Constantinopla* tomou alto incremento de podêr, riquesa, e magnificencia: no seculo XIII passou do dominio dos Gregos ao dos Latinos, e perdido para estes em 1283 entraram de novo aquelles depois de setenta e nove annos de sujeição a Principes occidentaes: finalmente em 1453 por *castigo de suas maldades, em dia do Espirito Santo*, a tomaram os Turcos; e estabelecendo nella côrte de seu Imperio, lhe chamaram *Stomboul*, com que até hoje permanece capital do Grão-Senhor. O primeiro Imperador, que dominou em Constantinopla, com independencia de Roma, foi Valente fautor dos arianos, e irmão do bom Valentiniano I, que repartiu com elle o Imperio: seguiu-se Theodozio I o *grande*, que lhe succedeu no oriente em 378, e no occidente a Valentiniano II em 392, e (permitta-se-me uma sympathia) que eu considero o melhor Principe, que tem governado homens: o Imperio Romano foi dividido por seus filhos, pertencendo a Horonio o occidente, e a Arcadio o oriente. Roma antiga deixou de reinar em 476 pelo seu luxo, fraquesa e immoralidade; mas *Constantinopla* obedeceu a tres Soberanos piedosos, Arcadio, Theodozio II, e Marceano, ao grande Leão I, ao illustre Justino, ao erudito, embora presumpçoso e soberbo Justiniano, e ao sabio Leão V; até que depois de uma serie de Soberanos bons e máos acabou com o Imperio dos Cezares nos dias de Constantino Paleologo, tendo principiado a dominar o oriente por outro Constantino.

Bysancio teve cadeira Pontifical nos tempos Apostolicos, e seu Prelado foi suffraganeo do Metropolitano do Heraclea. Quando, porem, Constantino a elevou com o seu nome a capital do oriente, concedeu-se-lhe isenção do Metropolitano, e tomou seu Prelado o titulo de *Arcebispo*; e mais tarde, como já se disse, conseguiu as honras e jurisdicção Patriarchal. Entre os Pastores desta Igreja contam-se Santos, varões illustres pela sua piedade e saber, herejes, scismaticos, e preversos: no numero destes ultimos se menciona o celebre *Phocio* introduzido contra os canones em 858 por influencia do podêr temporal, que não só escreveu contra o Primado da Santa Sé, mas ensinou contra o dogma Catholico, que o *Espirito Santo não procedia do Filho*, e foi author do grande scisma do oriente: expulso da Cadeira Pontifical com o auxilio do Imperador Leão o *sabio*, terminou a desgraçada scisão do Corpo de Christo, para se renovar em 1053 por *Miguel Cellulario*, successor de *Phocio* e imitador nas maldades. Dos Prelados, cuja memoria passou á posteridade com gloria, conto *S. Metrofanes*, e *Santo Alexandre*, illustres Confessores de Christo; *S. Paulo*, martyrisado pelos arianos, e *Santo Evagrio* expulso por elles; os dois grandes Padres da Igreja *S. Gregorio Nazianzeno*, e *S. João Chrysostomo*; *S. Genadio*; *Santo Eutychio* desterrado em 565; *S. Cyro* despojado em 712; *S. Germano*, que renunciou em 730; *S. Nicephoro* exilado em 815; *S. Methodio*; *S. Ignacio* expulso por *Phocio*, depois de restituido, e morto em 877; *S. Nicolao* o *mystico*, expulso em 906; *João Vecco* despejado em 1282; e o piedoso *José*, que morreu havendo tomado assento no santo Synodo geral de Florença e depois de confessar todos os dogmas Catholicos. Desde 21 de Abril de 1015 foi *Patriarcha titular de Constantinopla João José Conoli*, fallecido.

46.°

VENERANDO BENTO FENAJA.—Nasceu este Prelado em Roma a 22 de Fevereiro de 1736; entrou na Congregação da Missão de S. Vicente de Paulo, nella subiu ao Sacerdocio, e a dirigiu. Toda a Italia deu testemunho de sua eloquencia, caridade, prudencia, e doutrina, que manifestou no Pulpite, na Cadeira, como pelo exemplo; e tornando-se desse modo benemerito da Igreja de Deos, mereceu o Episcopado com o *titulo de Arcebispo de Philippi*, de que foi promovido *ao de Patriarcha de Constantinopla*.

[1] MIGUEL DE CASTANOZO *Historia das cousas, que o mui esforçado capitão D. Christovão da Gama fez no Reino do Preste-João com quatrocentos Portuguezes, que comsigo levou* — MANOEL DE ALMEIDA E BALTHAZAR TELLES *Historia Geral da Ethiopia a alta, ou Preste-João* — JOSEPH CASSANI *Gloria del segundo siglo de la Compañia de Jesus* — D. NICOLÁO ANTONIO *Bibliotheca Nova* — Lenda funeraria junto ao arco da Capella mór da Igreja de S. Sebastião da Pedreira de Lisboa em campa rasa com armas «*Sepultura do Patriarcha de Alexandria D. João Bermudes f. l. no anno de 1570. Trasladaram os ossos em 16 de Outubro de 1653.*» Um retrato de corpo inteiro sem nome.

Substituiu dignamente o Vigario de Sua Santidade no governo da Diocese de Roma; e do exercicio desse Ministerio foi deportado para Paris, quando em 1809 a cidade de S. Pedro soccumbiu ás armas Francezas, e o Santo Padre Pio VII soffreu o desterro. Na idade de setenta e oito annos passou desta vida em Paris, a 20 de Dezembro de 1811: seu corpo ficou na casa de S. Lazaro dessa cidade; e o coração levado a Roma foi depositado no Templo da sua Congregação, a Monte Citorio, em mausoléo, onde se escreveu esta lenda:

DEO O. M.

MEMORIÆ ET HONORI
BENEDICTI FÆNAJÆ ROMANI SACERDOTIS
CONGREGATIONIS VICENTINÆ
CUI, ET PRÆFUIT.
PATRIARCHÆ CPTÀNI VICI SACRÆ IN URBE GERENDÆ
QUOD SUMMA ELOQUENTIA, CARITATE, PRUDENTIA,
DOCTRINA OMNIUM ORDINUM PLURIMOS PER
TOTAM ITALIAM AD CHRISTIANAM SAPIENTIAM
EXCITAVIT, INSTRUXIT.
ANNO 1809: URBE CAPTA, PIO VII: P: M:
SUA SEDE ABREPTO LUTETIAM PARISIORUM DEPORTATUS
AGENS ANNUM 78: DECESSIT. 13.° KAL:
JANUARII ANNI 1812: CUJUS CORPUS ILLIC:
COR IN HAC ÆDE SACRA CONDITUM EST:
SODALES, AMICIQUE EJUS P. P.[1]

IV.

PRIMAZES.

Santo Isidoro de Sevilha escreveu, que na Igreja de Deos havia quatro ordens de Bispos; isto é, Patriarchas, de que eu já disse, *Arcebispos*, Metropolitanos, e Bispos. A voz *Arcebispo* é Grega, e como notou aquelle Santo Padre se empregava no Prelado, que presidia tanto aos Metropolitanos, como aos demais Bispos: posteriormente se deu a todos os Metropolitanos, do mesmo modo que hoje; mas no Santo Synodo de Epheso apenas foi consagrada aos tres grandes Patriarchas, Romano, Antiocheno, e Alexandrino, posto que já antes, como titulo de honra, o Prelado de Constantinopla, por não reconhecer Metropolitano usava deste ditado. O Bispo, que presidia a Metropolitanos, e que nos tempos antigos se chamava *Arcebispo*, tinha uma outra designação «de *Exarcha* no oriente e de *Primaz* no occidente;» necessario é comtodo distinguir duas classes de *Exarchas* uma especial e outra commum: aquella era só dos Prelados de Heraclea, Epheso, e Cesarea, de que o primeiro estendia sua jurisdicção sôbre toda a Thracia, o segundo sôbre a Asia Proconsular; e o terceiro sôbre toda a região do Ponto; e seus districtos se chamavam *antoceplalos*, por não reconhecerem [2] Patriarcha apesar de pertencer o primeiro ao Romano, e os outros ao Antiocheno, conforme se mencionou. O uso da voz *Exarcha* vem desdo o Santo Synodo de Calcedonia, e mais tarde appareceu a voz *Primaz*, tratando de Bispo superior a Metropolitano [3]. Isto posto, não se pode considerar verdadeiro *Exarcha* ou *Primaz* no sentido commum, senão aquelle Prelado, que exerce jurisdicção sôbre Metropolitanos, isto e, o *Arcebispo*, de que falloo Santo Isidoro, embora no sentido natural se empregasse a voz no Bispo isento da jurisdicção do algum Metropolitano, e sem que fôsse preciso exercer jurisdicção sôbre Metropolitanos ou Suffraganeos [4]:

[1] Esta inscripção foi enviada de Roma pelo Sr. Barão da Venda da Cruz ao Sr. Antonio José de Figueiredo. *Notizie di Roma per l'anno* 1806. Um retrato de meio corpo.

[2] Este facto não se deu por mero arbitrio, tase o consenso do Summo Pastor, a conveio o Antiocheno cedendo ao motivo da distancia dos logares nas questões de recurso, e salva a honra da sua Igreja.

[3] Depois que se publicou a *Collecção Izidarianna*, segundo o juizo de Marca. Uma guerra de exterminio se tem feito a esta collecção em bôa fé, e com má fé ea quanto que os seus defensores não apresentaram argumento convincente. Entre os inimigos, Fleuri é o mais poderoso; e do outro lado um moderno, Rohrbacher, que merece grande louvor pelos seus valiosos serviços litterarios á Igreja de Deos destruiu toda a sua fabrica: eu não sei bem, que judiciosa resposta se lhe dará. Apezar disto, quanto á collecção em si, ella padece gravissimos defeitos na parte relativa á execução de algumas disposições, e pelo lado historico; e sem fallar na origem de grande parte dessas disposições, que é legitima, ácêrca da fonte das outras são necessarias melhores provas. O jansenismo e o regalismo, que desgraçadamente vão tomando maior incremento, contra o que se devia esperar das novas luzes historicas, já não enganam com sua malvada hypocrisia, e disso vem a urgencia de tomarem outras armas; porque só a suspeita, de que a guerra é motivada de um principio de latteranismo, incommóda muito. Não está provado, que o collector fosse Santo Izidoro, porque este bemaventurado Padre sabia tambem historia como direito canonico: foi sim um jurisconsulto ignorante da historia do Christianismo: nem era isto muito, bastava ser dedicado á jurisprudencia para a ignorar, porque todos elles, com rarissimas excepções, a desconhecem tanto como a philosophia moral.

[4] Posto que eu, sem a menor reserva, me submetta a todas as decisões da Santa Sé, não posso occultar, que soffro demasiado, tanto com a isenção de alguem ácêrca do Bispo, como deste ácêrca do Metropolitano, porque d'ahi tem vindo grandes males á Igreja de Deos, e quasi sempre, ou sempre, o Summo Pastor tem sido enganado (trata-se de materia de facto) pela falsidade das premissas da postulação, ou violentado pela fôrça dos podêres da terra.

por outra parte é necessario não confundir a frequencia da voz *Primaz* applicada ao Metropolitano pelas regiões do occidente. Não poucas vezes os *Primazes* reuniram a Legacia Apostolica; não é dessa, que agora trato; porque outros Bispos foram honrados pelos Summos Pontifices com ella a respeito de maior ou menor numero de Igrejas, e porque não era annexa á sua jurisdicção natural. Pela fundação Apostolica se concedeu a algumas Sés o fôro de Metropole, como desde o Synodo Antiocheno (do anno 341) a outras por estarem collocadas nas capitaes, o que teve logo execução no oriente; e disso veio com o augmento da Christandade annexar-se a principaes cidades das regiões o fôro *Primacial;* mas ambas essas condições se deram muito mais tarde no occidente, apesar de não haver aqui menor incremento do Corpo de *Christo.* No Patriarchado Romano o mais antigo *Primaz* era o Carthagenense: em tempo dos Suevos o Bracarense o foi; e posteriormente se deu ao Toledano, no 12.º Synodo desta Metropole, a jurisdicção *Primacial* em certos casos; e, posto que lhe foi confirmada pela Santidade de Urbano II, acabou, como actualmente a de quasi todas as Igrejas, a que estava annexa. Porque tiveram essa dignidade, ou porque actualmente a conservam, mencionarei neste logar os Prelados de algumas.

E

Braga.

Em Hespanha a noroeste, na região de Galliza, áquem do famoso Lima, jaz *Augusta*, cidade dos *Bracaros.* Desde o Douro começavam as habitações destes povos, e corriam para o septemtrião separados dos Calaicos pelo Cavado ao sul daquelle primeiro rio. *Bracora* era a sua capital, a que o Imperador Octaviano deu o nome de *Augusta;* e nos chamamos *Braga.* Qualquer que seja a etymologia do nome desses povos e da sua cidade, é eminentemente certo, que elle não veio da lingua latina, porque existia antes dos Romanos entrarem na Peninsula, nem da Africana, ou da Hellenica, porque os Carthagenezes não subiram tanto ao norte, e são desconhecidas ao poente colonias Gregas; por isso chamem-lhe embora barbaro era Celta ou Phenicio, quero dizer da nação primitiva [1], ou daquells, que primeiro invadiu o meio dia e occidente de Hespanha. *Braga* no tempo Romano foi uma das tres cidades da Galliza sede de convento, ou junta civil, e ao mesmo tempo residencia do governador imperial, que estendia sua jurisdicção pela provincia, que ao sul confinava com a Lusitania pelo Douro, e ao nascente terminava em uma linha, que do porto de Santilhana corria ás fontes do Ebro, e destas até Çamora. Mais adiante, extincto o dominio de Roma, *Braga* foi capital do Reino dos Suevos, que se estendeu consideravelmente pela Lusitania: depois voltou, no tempo dos Godos, a ser unicamente a primeira cidade da Galliza: na invasão dos Arabes foi destruida; e por último, unida á Monarchia Portugueza, perdeu quanto lhe pertencia ao norte do Lima.

Em relação ao Christianismo as memorias de *Braga* são um pouco mais gloriosas. Depois do martyrio de Santo Estevão gosou a Igreja de Deos uma paz temporaria em fôrça do decreto de Tiberio, que prohibiu a perseguição dos Discipulos de *Jesus Christo:* aproveitando-se desta os Apostolos se dispersaram a pregar o Evangelho, como o Divino Salvador lhes ordenára, ficando por então em Jerusalem apenas S. Pedro e S. Thiago irmão do Senhor, porque foram esses os unicos lá encontrados por S. Paulo: cada qual dos outros procurou a região, que lhe coube em sorte. *S. Thiago* o *maior* passou a Hespanha, que foi sua partilha, e annunciou a palavra de Deos pelo norte até a Galliza; mas obedecendo á ordem de Deos, que o chamava a receber a palma das mãos de Herodes na Judea, legou a outros o complemento de sua missão; por isso depois delle veio S. Paulo satisfaze-la na linha do centro da Hespanha, e os sete Varões Apostolicos enviados por S. Pedro na do sul. *S. Thiago* erigiu Cadeira Pontifical em *Braga*, e consagrou Bispo desta cidade a *S. Pedro de Rates*, seu discipulo, e Martyr. Na Galliza escolheu o Santo Apostolo mais nove, e deixando dois para coadjuvar o novo *Prelado Bracarense*, com sete tomou o caminho de Jerusalem, e esses foram os, que trouxeram a Iria os sagrados restos de seu Mestre. Além da Cadeira Pontifical e dos Discipulos deixou *S. Thiago* memoria de seus trabalhos apostolicos em Hespanha na erecção do *Pilar de Ceragoça*, que levantou em honra da Santissima Virgem, e que talvez possa bem marcar os limites de sua pregação, tirando uma linha, que desde a Galliza passe neste logar ao oriente da Hespanha.

Enobrecida com o martyrio de seu primeiro *Pastor* e do Cathecumeno S. Victor, com a santidade de muitos Confessores de *Christo*, e pela sua devoção á Igreja de Deos, *Braga* passou no volver dos seculos com um nome illustre, dando á região peninsular do occidente o primeiro Metropolitano estavel na pessoa de *Balconia*, e elevando *S. Martinho* á cathegoria de *Primaz.* Este fôro lhe coube, porque adjudicando-se-lhe parte das Igrejas da Lusitania no tempo da conversão dos Suevos, e quando no dominio Godo os Prelados Catholicos das outras Igrejas de Hespanha eram opprimidos pelos Bispos arianos, foi levantada, dentro da propria Galliza, a Igreja de Lugo em Metropole com as de Iria, Orense, Tui, Astorga, e Britonia, em quanto nossa cidade alem de Magneto [2], e Dume, recebeu ao sul do Douro, Vizeu, Lamego, Guarda, e Coimbra. Ordenaram-se effectivamente duas provincias Ecclesiasticas dentro dos dominios Suevos, o que e incontestavel; mas Braga não ficou só com a dignidade anterior, porque Lugo teve a respeito della a sujeição, que um Metropolitano deve ao *Primaz.* Extincto o Reino Suevo, e convertidos os Godos ao Catholicismo, as cousas voltaram ao estado antigo; e, porque a perseverança na puresa e dignidade so foi permittida a Roma, *Braga*, como antes soffrêra da heresia presciliana e ainda

[1] A patria primitiva dos Celtas é o occidente de Hespanha, donde pelas revoluções, a que deu logar a invasão Phenicia, e pelas que se lhe seguiram, passaram algumas colonias delles e dos Iberos a França. Esta região nunca se póde chamar Celta, senão no conceito de Ephoro, que deu esse nome a toda a terra ao occidente da Grecia. Ella não nos enviou colonias, nem o druidismo, por mais que o pretendam.

[2] Donde a Séde foi mudada para o Porto.

da ariana, na invasão dos Arabes foi arrasada, e perdeu a propria dignidade Episcopal sujeitando-se completamente a Lugo. Restaurou-se a Igreja pelo decurso do tempo; mas ainda tardou a receber o fôro Metropolitano, que só teve em seu primeiro Arcebispo *S. Giraldo*, no seculo XI, e estendeu sua jurisdicção ao sul do Douro, porque da antiga região da Galliza apenas houve por suffraganea a Igreja do Porto, e mais tarde a de Miranda e Bragança.

Entre os Prelados de *Braga*, que merecem singular elogio, conto *S. Pedro de Rates* illustre martyr; *Paterno*, um dos Padres do Synodo Toledano I; *Balconio*[1] primeiro Metropolitano, por honra da sua Igreja, em Hespanha; *Profuturo*, que consultou a Santa Sé a respeito de alguns pontos de Liturgia; *Lucrecio*, que juntou e presidiu ao primeiro Synodo provincial de Galliza, de que nos resta memoria; *S. Martinho* Padre da Igreja, instrumento da conversão dos Suevos depois de se fazerem arianos, e primeiro *Primaz* das Metropoles *Bracarense* e Lucense; *Pantardo*, um dos Padres do Synodo Toledano III; *S. Fructuoso*, que deu prodigioso incremento a vida Monastica; *Felix*, que pôde ver e chorar a desgraça dos fieis da sua Igreja na invasão dos Arabes; *Flaviano*, que vivia em 881 suffraganeo de Lugo; *Pedro*, que nessa qualidade restaurou a Cathedral e a povoação pelos annos 1071; *S. Giraldo* primeiro *Arcebispo*, e primeiro Metropolitano depois da época Arabe, e que recebeu no Ceo o premio de suas grandes virtudes em 5 de Dezembro de 1108; *Mauricio*, que, embora fôsse depois Anti-Papa, não se lhe póde negar a superioridade dos seus talentos; o Beato *Godinho* nos fins do seculo XII; *Pedro Julião*, que governou esta Igreja, sendo so eleito, e depois subiu ao Summo Pontificado; *Fernando da Guerra*, que morreu em 1467; *Jorge da Costa*, que acabou Bispo Cardeal Portuense; *Fr. Agostinho de Castro*, que falleceu em 1609; o veneravel *Fr. Caetano Brandão*, que foi confirmado pela Santidade de Pio VI em 1790. Actualmente *Pedro Paulo de Figueiredo da Cunha e Mello*, Cardeal da S. I. R., é *Arcebispo* desta Metropole provido em 3 de Abril da 1843.

47.°

Venerando JOÃO PECULIAR. — Nasceu este Prelado em Coimbra pelos annos 1075, filho de D. Christovão Eanes e D. Maria Rabaldes Senhores de Mortede, que foram bemfeitores do Mosteiro de S. Christovão na sua terra de Lafões: dedicando-se ao estado Ecclesiastico, foi educado no Conclave Canonical daquella cidade, e passou á de Paris a fazer os estudos maiores em sua universidade: depois com alguns Clerigos se entregou no Mosteiro de S. Christovão á vida Eremitica debaixo da conducta do veneravel servo de Deos Fr. João Cerita: de la foi chamado para Mestre Escola da Cathedral da sua patria; e mais adiante se uniu com o Beato Tello para erigir a Congregação dos Conegos Regulares de Santa Cruz. Instituida ella, e havendo-se commettido a sua direcção a S. Theotonio, passou com o fundador a Roma, e em 1135, tendo obtido do Santo Padre Innocencio II, que fôsse isenta da jurisdicção Ordinaria, se fez de volta por França com seu companheiro, e trouxeram o Cerimonial e Ritual dos Conegos Regulares de S. Rufo. A austeridade chegou na Santa Congregação em pouco tempo ao mais alto incremento, e conseguiu um sem numero de devotos; por isso Paio Soares Abbade do Mosteiro de Grijo pretendendo reforma-lo, recorreu a S. Theotonio, e lhe foram enviados *João Peculiar*, e seu parente Pedro Rabaldes; mas não tiveram grande demora neste Claustro, porque fallecendo Hugo Bispo do Porto, *João Peculiar* foi seu successor, e ainda não consagrado governava ja essa Igreja em 3 de Fevereiro de 1137, tendo levado comsigo Pedro Rabaldes para Arcediago, e que depois lhe succedeu. Durou o Pontificado de *João Peculiar* no Porto até ao anno 1138, em que por morte do Metropolitano de *Braga* Paio Mendes foi promovido a esta Igreja, e nella regeu ate á sua morte em 3 de Dezembro de 1175.

Os factos mais importantes da vida deste Prelado são os contestações com o Bispo de Coimbra, e com o Arcebispo de Toledo. O Santo Padre Innocencio II isentou a Igreja de Coimbra da jurisdicção Metropolitana: este facto foi mal olhado pelo Arcebispo *João Peculiar;* e resultou dahi vexar o Bispo Bernardo atrozmente, e ir mais longe, porque despresou as letras Apostolicas, e commetteu horroroso desacato no templo de S. João de Almedina em presença de muitas pessoas leigas.[2] O Prelado offendido e os Abbades Monasticos da Diocese queixaram-se logo desses attentados á Santa Sé: o Arcebispo foi reprehendido, e de novo estabelecida a isenção da Igreja de Coimbra pelo mesmo Papa, e esta confirmada pela Santidade de Lucio II. Tudo quanto se affirma nos postulados, que serviram de premissas as letras Apostolicas é de maior gravidade; e penso eu, que a Santa Sé não o acreditou, porque a ser assim, *João Peculiar* seria infallivelmente deposto da dignidade: seja porem como fôr, a naturesa dos documentos protesta altamente contra as virtudes, que do Arcebispo quizeram escrever alguns auctores.

Mauricio Burdino, Paio Mendes, o seu successor, na Metropole *Bracarense*. *João Peculiar* disputaram vivamente ao Arcebispo de Toledo a *Primazia*. Uma das causas, que em tempo dos Godos deu occasião a ella, na verdade incommoda por ser nem mais nem menos, que a consideração pelo podêr temporal: posteriormente Urbano II concedeu aquelle fôro ao Prelado de Toledo; e os Metropolitanos *Bracarenses* tambem tiveram motivos temporaes para recusarem obedecer-lhe. Como eu só admitto rasão geographica nestas questões, não vejo, que os *Bracarenses*, por terem lingua e governo temporal differentes do Toledano, conseguissem justificado motivo para suas reclamações. Bem desejaria eu, que na Hespanha houvesse um *Primaz*, a quem estivessem sujeitos todos os Metropolitanos desta grande região; mas é indifferente, que a Séde esteja collocado em *Braga*, Toledano, Iria, Sevilha, Tarragona ou Caragoça: a primeira pela sua origem, a segunda pelos seus Concilios e pelo local, a terceira por ter recebido os despojos sagrados de *S. Thiago*, talvez merecessem a honra, em quanto as outras tam-

[1] De pagãos, que eram os Suevos quando entraram em Hespanha, se converteram ao Christianismo no Pontificado deste illustre Bispo em 448, subindo já catholico ao throno o bom Recciario, em quanto a conversão dos Francos, tambem pagãos, foi mais tarde, porque só teve logar no seculo seguinte pela conversão de Clodoveo.

[2] Essas e outras accusações fez posteriormente do Metropolitano o Bispo João successor do Prelado offendido.

bem podem allegar recordações gloriosas nos annaes Christãos. Oxala, que voltasse o disciplina primitiva e as cinco provincias dos antigos tempos, que o Bispo mais velho de cada uma destas fôsse o Metropolitano, e o mais velho de toda a região fosse o Primaz! Voltando a *João Peculiar* nas suas questões com o Toledano: o Santo Padre Lucio II confirmou a *Primasia* a este último Prelado, e a Santidade de Eugenio III fez outro taoto intimando o *Brocarense* para lhe obedecer, e o suspendeu pela recusa; mas não tardou em obsolvel-o, porquo elle não se demorou em pedir venia reconhecendo como *Primaz* o João de Toledo.[1]

48.º

VENERAVEL FR. BARTHOLOMEU DOS MARTYRES. — Nasceu este Prelado em Maio de 1514 na cidade de Lisboa, filho de Domingos Fernandes e Maria Corrêa, e foi baptisado na Parochio de Nossa Senhora dos *Mortyres*, onde elles mooravam, e de que posteriormente tomou appellido trocando-o pelo de *Valle*, que pelo sangue lhe provinha. Desde menino *Bartholomeu do Valle* manifestou as mais saotas inclinações e grandes desejos do oproveitar nas letras: em 11 de Novembro de 1528 com incrivel satisfação recebeu o habito da Ordem dos Pregadores, e no anno seguinte o 20 do dito mez fez os votos solemnes. Desde esse momeoto esqueceu quanto não eram os deveres religiosos, os exercicios de piedade, o o estudo: acabados com grande proveito os trabalhos de bobilitação scieotifica foi logo nomeado leitor de artes, o depois do Theologia: deu-se-lhe o grão de Presentado em 1512; c no capitulo geral de Salamonca de 1551 recebeu o de Doutor e Mestre em Theologia, e na provincia, que se celebrou esse anno em Lisboa, acceito o seu magisterio, o elegeram Delinidor, e mais adiante Prior do Mosteiro de Bemfica. Este cargo não o despensou da Cadeira e do Polpito, como dos actos de devoção, nem ainda dos desvelos, com quo attendia á educação do Principe D. Antonio, filho do Infante D. Luiz, e que depois foi Prior do Crato; e virtudes, que praticava serviam de exemplo o de edificação a todos, e de todos contra sua vontade recebia attenções. Tinha vagado a *Igreja de Braga* por morte de Fr. Balthasar Limpo, e a Rainha Regente D. Catharina desejando acertar na eleição do successor encarregou o veneravel Fr. Luiz de Granada, que a confessava, o era o Provincial da Ordem dos Pregadores, de lhe nomear pessoa, que fôsse do agrado de Deos: elle não tardou a expôr, que apenas *Fr. Bartholomeu dos Martyres* era digno daquella Mitra pelas virtudes, sciencia, zêlo e fortalesa de Apostolo: elegeu-o a Rainha, o não havendo meios de o fazer aceitar, o veneravel Granada o obrigou em virtude da santa obediencia; mas da fôrça lhe veiu a tristesa e desta uma febre, quo o poz as portas da morte: livro do perigo se resignou, foi confirmado em 7 de Janeiro de 1559, o consagrado no templo de S. Domingos de Lisboa a 3 de Setembro: lá recebeu o Pallio a 8 desse mez: partiu paro a *sua Igreja* em 22 do mesmo mez; e entrou nella a 4 de Outubro.

Deu principio ao seu Apostolado, como se devia esperar, a para norma de seu proceder compoz o excellente livro *Stimulus Postorum:* os seus cuidados se viram logo na bôa direcção do governo temporal e Ecclesiastico, na administração das rendas, e governo da sua casa; mas entendeu sôbro tudo na reforma de costumes, dando exemplo, prégando, visitando, exercitando todas as funcções do alto ministerio, e deixando ver nu Bispo o verdadeiro pae, que sabe ottrahir pelo amor, soccorrer pela caridade, premiar o castigar pela justiça. Tratou de reduzir o Clero a viver conforme os conselhos Evangelicos, de educar e instruir, como era necessario, para o Sacerdocio aquelles, que manifestavam legitima vocação: por outra parte deu-se a augmentar o Culto, o as familias Religiosas, a manter a paz entre os fieis, e a dar allivio ao pobre, ao afflicto, e ao enfermo. Fervoroso na piedade e incansavel no trabalho, se apresentava o veneravel *Arcebispo* vivendo, como um religioso pobre e humilde. Depois de anno e meio de residencia na *sua Igreja*, dispostas as cousas do governo della com as prevenções de um verdadeiro e zeloso Prelodo, acudiu ao chamomento do Summo Pontifice para se reunir ao Santo Synodo em Trento, e partiu em 24 de Março de 1561 com modesto sequito, e caminhando ja em mulla, já a pe, concluiu a suo jornada em cincoenta e seis dias. Durante ella, e em quanto esteve ausente nem um so instante se descuidou da *sua Igrejo;* por isso não cessava de escrever a Fr. João de Leiria, a quem encorregara da direcção della. Em 18 de Janeiro do anno seguinte abriu-se decima setima sessão do Santo Synodo, e primeira do Summo Pontificado de Pio IV, assistindo o veneravel *Bracorense:* grandes foram seus esforços pela reformação do Clero, e pelo bem geral da Igreja de Deos; e não menos glorioso paro elle o respeito, que nesta sagrada assemblea se lhe tributava decidindo-se os Padres por seu conselho.

Delirindo-se a sessão vigesima quarta do Santo Synodo para 11 de Novembro de 1563, partiu o *Arcebispo* para Roma em 18 de Setembro deste anno. Chegado a capital do mundo Christão foi recebido por Suo Santidade, como um homem santo e eminentemente Apostolico, procurando vêl-o e admiral-o todos os dias, ao mesmo tempo que o *veneravel Prelado* se queixava das offensas feitas á sua humildade, e se portava livremente com o Summo Pastor, porque era costumado tratar, com familiaridade de adulto na vida perfeita, a Deos. Não so o seu conselho ouvia o Papa, mas ainda a censura, o procurou remediar alguns abusos da Curia por causa das rasões de *Fr. Bortholomeu*, como tevo logar a respeito da desattenção, com que nella se tratavam os Bispos, sendo Apostolos como o Sommo Pontifice, e delirindo delle apenas tanto como os Apostolos de S. Pedro: nesta questão, apesar de o desenganarem com magoa os Cardeaes de Lorena e Alexandrino, que depois subiu á Cadeiro de S. Pedro com o nome de Pio V, e hoje venerâmos sôbre os altares, o *Bracarense* insistiu, e sem se importar com as desculpas do Santo Padre reiterou as instancias, e o arguiu com a doutrino de S. Pedro[2]: S. Santidade cedeu, e

[1] D. NICOLÁO DE SANTA MARIA *Chronica dos Conegos Regrantes de Santo Agostinho* — SANTA ROSA DE VITERBO *Elucidario* — D. IGNACIO DE NOSSA SENHORA DA BOA MORTE *Diario Historico dos Varões illustres em letras, virtudes, e santidade dos Conegos Regulares* — FLORES *España Sagrada* — PEREIRA DE FIGUEIREDO *Lusitania Sacra* — *Livro Preto da Sé de Coimbra* docum. a fl. 230, 230 v., 231, 234 v., 246, e 247 — MANSI *Sacrorum Conciliorum Nova et Amplissima Collectio in Eugenii Papae III epistolis* 72, 73, 76, e 81. Um retrato de corpo inteiro.

[2] *Prima Epistola* 5 — 3, et 4.

logo na junta de Bispos e Cardeaes, que teve depois da querella, mandou sentar e cobrir aquelles; e tratou com o Papa da reformação do Clero tão seriamente, que elle aceitou os seus Capitulos. Nada havia, que não conseguisse de Sua Santidade, e esperou disso, que lhe aceitasse a renuncia da Prelasia; porém enganou-se, ouviu um *não*, que o postulado merecia. Depois de ser buscado e admirado do Sacro Collegio, apesar do desafogo, com que declarava, que por elle devia começar a reformação, e despedindo-se de Sua Santidade, que o abraçou com ternura e sentimento da partida, em 16 de Outubro saiu de Roma para Trento. Como antes, se portou então no Santo Synodo, e terminado elle em 4 de Dezembro, havendo visitado os Santuarios de Roma e da Italia, e dizendo o último adeos aos Padres, se fez de volta para *Braga* a 8 desse mez, e entrando na Diocese a 23 de Fevereiro do anno seguinte foi fazendo visita e cumprindo seu santo Ministerio até á cidade.

Applaudido na Igreja Universal como homem santo e de grandes letras, e como verdadeiro Bispo no zêlo e fortalesa, depois de se recolher á sua Séde poz novos esforços para bem merecer do Senhor. deu principio á execução dos decretos do Santo Synodo pela fundação do Seminario, visitou as Igrejas da jurisdicção do Cabido apesar da repugnancia deste, examinou os estudos, e Hospitaes, cuidou da reformação de sua familia, e pediu conta das esmolas do tempo da sua ausencia. Depois visitou as suas Igrejas, e as das Ordens Militares, e sem embargo das contradicções foi por diante procurando emendar os costumes e evitar os escandalos, sem poupar os poderosos, nem os ministros do Rei (fossem os delictos pessoaes ou contra a immunidade Ecclesiastica[1]) nem os Clerigos[2]: a uns trazia pela humildade a outros pela caridade, e a outros pela justiça, ao bom caminho; porém não soube em toda a sua vida, que cousa fôssem respeitos humanos, nem appellação ao podêr temporal para perseguições, ou para o que não estivesse dentro dos verdadeiros limites do *protetorado*.

Havendo visitado toda a Diocese, em 1566 convocou a Synodo Provincial os Bispos suffraganeos com o fim de dar execução ás determinações de Trento; e enviando a Roma as suas actas para serem approvadas, soube, que foram mandadas examinar por um só Bispo; pelo que se amargurou bastante e fez grave queixa ao Santo Padre, que, depois de algumas contestações, as approvou. Em novos trabalhos entrou o santo Prelado em 1570 pela peste, que muito affligiu aquelle paiz: foi então, que elle manifestou até onde chegava o seu amor de bom Pae, correndo aos logares, em que havia maior perigo para dar as necessarias providencias, em beneficio dos infelizes, á custa de suas rendas, e de sua propria vida, assistia-lhes, confessava-os, e dava-lhes todo o allivio: o Cardeal Infante e ElRei o quizeram retirar de *Braga*, onde o mal se descobrira em Fevereiro; mas foi debalde, porque elle estava disposto a morrer junto das suas ovelhas; por isso Deos o salvou, e a peste por suas orações se extinguiu. Nesse mesmo anno apenas tinha passado a calamidade, teve de luctar sôbre as temporalidades da *sua Igreja* com os ministros da corôa: apesar de que no reinado de D. João II se estabeleceu a doutrina de acabar com todos os previlegios dos donatarios para fazer a vontade aos jurisconsultos, que pretendiam o dominio universal, ainda na época, de que trato, se conserva respeito á *Metropole Bracarense*, mas isto incommodava seriamente os homens, que estavam empenhados em dar cabo por uma vez da nossa antiga e bôa constituição; por isso se ordenaram duas alçadas para as terras do Reino, e D. Pedro da Cunha foi nomeado presidente da, que se destinava ao norte: *Fr. Bartholomeu* fulminou censuras contra elle e contra todos os, que entrassem no seu couto com o fim de devassar, e escreveu a ElRei declarando-lhe, que nos logares da jurisdicção temporal da *Igreja de Braga* a sua corôa não tinha mais alçada, que a appellação em casos crimes, porque todo o outro dominio pertencia a elle *Arcebispo* por titulo oneroso de troca e escambo de grossas rendas: ordenou ElRei a D. Pedro, que respeitasse a cidade e coutos de *Braga*, e fez saber ao *Prelado* haver assim obrado por lhe fazer mercê[3]; porém elle reclamou declarando, que recusava mercê e aceitava justiça. Como dessa querella não saíram bem os, que julgam por arbitrio de formulas, e preferem um texto de sua feitura ás leis da justiça, intentaram opprimir o *Arcebispo* nas demandas de exacção dos chamados votos de S. Thiago[4], mas tambem aqui ficaram mal.

Passando o Reino ao dominio de ElRei de Castella, e entrando este Principe em Portugal no anno 1581 por duas vezes se escusou o *Prelado* de vir ás côrtes de Thomar, como a negocio, que era pouco da sua competencia; mas não resistiu a terceira instancia pelas vistas de obter a resignação da *Igreja Bracarense*. Depois da, que fez pessoalmente em Roma tentou de novo com S. Pio V seu particular amigo, porém nada obteve: insistiu depois com o Santo Padre Gregorio XIII, não foi deferido: supplicou ao Cardeal Infante depois de Rei, e tomou por medeaneiro o veneravel Fr. Luiz de Granada, teve o mesmo resultado; porem aproveitando a occasião das côrtes de Thomar solicitou de ElRei D. Filippe I, que lhe acodisse neste aperto, e conseguiu: fez então o recurso a Roma, e, sendo despachado largou a *Igreja* em 20 de Fevereiro de 1582, e se recolheu ao Mosteiro de Santa Cruz de Vianna da sua Ordem,

[1] Assim aconteceu com o ouvidor de Chaves, que para prender um omisiado no templo desacatou o Santuario, soube o Santo Prelado andando em visita, transpoz logo o caminho, e depois de conhecer da verdade do facto, fez a procissão de luto, e na Igreja desacatada depois de prégar lançou excommunhão maior sôbre o impio magistrado, e a fez publicar em toda a Diocese: não se restituindo o preso á Igreja aggravou as censuras, e poz interdito: restituiu-se emfim o preso, e o ouvidor pediu perdão, e foi sujeito á penitencia pública. Quando ha Bispos, como *Fr. Bartholomeu dos Martyres*, todas as hordes de jurisconsultos, e todos os exercitos de soldados perdem a fôrça e a victoria!

[2] Havia sido comprehendido na visita um Dignatario da Cathedral, e como não tivesse emenda, advertiu-o o *Prelado* não o admittindo a cantar o Evangelho em uma noite do Natal: queixou-se elle desattento, foi reprehendido com mansidão, e saiu pedindo licença para citar o Pastor!! E com effeito, entrando o diabo em sua alma e na dos desembargadores do Paço pediu impiamente, e elles impiamente lhe deram citatoria para fazer comparecer o *Arcebispo* ante os corregedores da côrte!! O *Arcebispo* teve satisfação, porque ElRei mandou pôr fóra da Diocese o Padre á ordem do *Prelado*: mas os desembargadores ficaram impunes!

[3] As almas damnadas dos jurisconsultos têem distinções para tudo: viram ElRei inclinado a manter os foros temporaes de *Braga*, redigiram-lhe um documento, com que enganaram o Principe, mas não o *Prelado*, que tinha bons documentos na historia Ecclesiastica para conhecer as manhas destes tyrannos.

[4] Estes votos nem têem a origem, nem a extensão, que se lhes quer dar; mas estabelecidos uma vez na Diocese de *Braga*, posteriormente o Arcebispo de Compostella trocou-os por outras rendas, que o *Bracarense* havia na sua Igreja.

que elle fundara. Desde esta época não ha mais, que ver em *Fr. Bartholomeu dos Martyres*, que um santo, a cujas orações se recorria com muita fé: progrediu assim até acabar com a morte do justo em 16 de Julho de 1590, tendo sido visitado na molestia pelo seu digno successor Fr. Agostinho de Castro, e acompanhado em toda ella pelos Religiosos do Mosteiro e por Ecclesiasticos da *sua Igreja*. Deixou memoria na caridade, com que soccorria os pobres[1] e perdoava as injurias, chegando a suspender a acção do magisterado público; na austeridade, com que tratava sua pessoa; na humildade, com que recusava as dignidades e as attenções, que sériamente o incommodavam, ou o entristiciam, ou lhe causavam detrimento á saude; na piedade, com que exercia o santo Sacerdocio; no zêlo, com que pastoreava, e tratava as cousas da Igreja; na constancia, com que resistia aos podêres da terra; na generosidade, com que dotou o Seminario *Bracarense*, o Collegio dos Jesuitas, a Misericordia desta cidade, e o Mosteiro de Santa Cruz de Vianna; e na sciencia, com que escreveu o *Stimulus Pastorum*, o *Compendium Spiritualis Doctrinæ*, as *Collectiones Spirituales*, o *Tratado das praticas devotas*, o *Tratado das praticas espirituaes*, o *Cathecismo*, o *Compendio Geral das Historias de Hespanha*, o dos *Reis de Aragão e Condes de Barcellona*, o dos *Reis de Navarra com a successão dos Reis Mouros da Peninsula*, e o dos *Reis de Portugal*. Era o *Arcebispo* de genio brando, animo pacifico, e coração muito compassivo; foi homem extremosamente casto e religioso; apresentou o typo verdadeiro do Bispo e do Sacerdote do Christianismo; e Deos approvou suas eximias virtudes, do que deu bom testimunho grande numero de pessoas.[2]

F

Thessalonica.

Na Macedonia região da Grecia Europea do lado oriental do Axio[3] junto do golfo *Therma* está asseatada a cidade deste nome, que mais tarde se chamou *Thessalonica*, e por último *Salonica*, como actualmente. De la, conquistada a Grecia, Alexandre o *grande* saiu para destruir o Imperio dos Persas cumprindo, sem o saber, as predicções de Daniel; mas a gloria, que desse facto resultou á *Thessalonica*, não é comparavel á, que obteve nos annaes do Christianismo. *S. Paulo* annunciou o Evangelho nesta cidade; retirando-se a Corintho, enviou aos neophitos, que alli viviam afflictos, S. Thimotheo para os consolar; e depois lhe escreveu as duas Epistolas, que a Igreja de Deos respeita entre seus livros canonicos. *Thessalonica* foi cabeça da provincia Ecclesiastica da Macedonia contando por suffraganeas quatorze sédes, e uma isenta, que era Filippe, donde o Santo Apostolo escreveu aos Filippenses: além dessa honra lhe coube a de ser *Primaz* do Illirio oriental, reunida a outra da *Legacia Apostolica*, que lhe concedeu o Papa S. Damaso, e ella reteve confirmada por S. Siricio e outros Summos Pontifices: é entretanto necessario advertir, que estendendo sua jurisdicção sôbre a Thracia, Dacia e Mesias, a primeira se separou pouco depois do Santo Synodo primeiro geral para formar um *Exarcado* especial das quatro provincias Europa, Hieminonte, Rhodope e Thracia; e as outras com o Dardania e Prevalia tratou de adjudicar o Imperador Justiniano a Achrida, sua patria, e capital desta última provincia, procurando dar com ellas o titulo de Patriarcha a seu Metropolitano. Deste excesso do podêr temporal resultaram dois *Primazes* no Illirio oriental; por isso a diminuição da authoridade do *Thessalonicense*, quanto á *Primazia*: assim perseverou até ao reinado de Leão Isauro no Imperio do oriente e com elle o da heresia iconocolasta, porque então perdeu a Thessalia, Achaia, os dois Epyros, e Creta, ficando reduzido a só qualidade de Metropolitano da Macedonia. Mais tarde com a sujeição dessas provincias ao islamismo *Thessalonica* perdeu o proprio fôro Episcopal.

Era tão considerado o *Primaz de Thessalonica* pela dignidade de sua Igreja, que nos Santos Synodos geraes 3.º, 4.º e 6.º teve assento, e sobscreveu logo depois dos Patriarchas: por outra parte mereceram illustre recordação por honra de suas pessoas os Prelados, que regeram essa Igreja regada com os suores de *S. Paulo*; d'entre elles mencionarei *Santo Ascholo*, a quem S. Damaso conferiu as vezes Apostolicas no Illirico oriental; *Santo Anizio*, ao qual S. Siricio, Santo Anastacio e Santo Innocencio I as confirmaram; *Rufo*, que deste último Papa, de S. Bonifacio I, e de S. Celestino I recebeu essas vezes; e *Anastacio*, que as mereceu de S. Xisto III e de S. Leão I. Extincta a *Primazia* e com ella a Legacia Apostolica no volver dos seculos o Vigario de Christo entendeu recordar a memoria desta Santa Igreja conferindo o *titulo Archiepiscopal in partibus infidelium* com Bispados de Apollonia, Erisso, e Lita por suffraganeos titulares. Actualmente é *Arcebispo titular de Thessalonia* João Brunelli Consultor da Santa Romana e Universal Inquisição.

49.º

Venerando Fr. IGNACIO DE S. CAETANO. — Nasceu este Prelado em Chaves da Diocese Bracarense no dia 31 de Julho de 1719, filho de Pedro Alvares Teixeira e de Isabel Rodrigues; e foi baptisado em 7 de Agosto seguinte na Parochia de Nossa Senhora da Assumpção: o dia do nascimento lhe deu o nome, e o do baptismo o sobrenome, ainda no seculo, porque o primeiro é consagrado a S. Ignacio e o segundo a S. Caetano: apenas instruido nas primeiras letras, seu pae o fez sentar praça de soldado no regimento,

[1] Todos os dias a sua bôcca dava palavras de consolação, e as suas mãos distribuiam larguesas aos pobres; mas esses factos se manifestaram grandemente na peste do anno 1570, e na fome, que opprimiu a provincia de Além-Douro em 1574

[2] Fr. Luiz de Caceres e Fr. Luiz de Sousa *Vida do Arcebispo D. Fr. Bartholomeu dos Martyres* — Pereira de Figueiredo *Lusitania Sacra*. Dois retratos de corpo inteiro, e um de meio corpo.

[3] Vardar, o maior rio da Macedonia, que nasce das montanhas que a separam da Albania

que se aquartelava naquella villa; porém elle, renegando da profissão militar, ausentou-se para Salamanca, retirando-se da patria com intenção de estudar na Universidade, ainda á custa de esmolas: lá o mandou seu pae buscar, e necessitando condescender com suas inclinações, o deixou applicar ao estudo, e pouco depois dar seu nome á Descalcez Carmelitana, em que recebeu o habito a 5 de Janeiro de 1735; e professou com o nome de *Fr. Ignacio de S. Caetano* no Mosteiro de Nossa Senhora dos Remedios de Lisboa a 6 de Janeiro do anno seguinte: aprendeu philosophia no Collegio de Evora, e theologia no de Coimbra; e, havendo obtido o grao de Leitor e a dignidade Sacerdotal, passou a ensinar a sciencia sagrada no Collegio de Braga em 1745.

Distinguiu-se *Fr. Ignacio de S. Caetano* na Cadeira e no Pulpito, a não tardou a grangear bom nome pelas letras, piedade, e zêlo em toda a Diocese, pelo que o escolheu para seu Confessor o illustre e bom José de Bragança, que occupou a Cadeira Pontifical de S. Pedro de Rates, de S. Giraldo, e do Veneravel Fr. Bartholomeu dos Martyres: continuava o sagrado Ministerio, quando em 1754 foi eleito Prior do Collegio, em que louvavelmente guiava a mocidade do Carmello reformado; e, tendo preenchido com dignidade as funcções da Prelazia, passou do Capitulo geral de 1757 a satisfaze-las no Mosteiro de Carnide dos suburbios de Lisboa. Por morte do Mestre Doutor Fr. José Pereira de Santa Anna, Carmelita observante, o nomeou ElRei D. José I Confessor da Princesa e Infantes suas filhas em 1759, e bem satisfez ambos os encargos ate que o Capitulo geral do anno seguinte o alliviou da Prelazia, deixando-o em liberdade com a só condição de escrever a historia da reforma Carmelitana em Portugal: estabelecida em 1768 a Mesa Censoria, foi o Mestre *Fr. Ignacio de S. Caetano* nomeado nella Censor Regio extraordinario, e tomou posse a 29 de Abril desse anno: depois, a instancias daquelle Monarcha, e á custa da Igreja do Porto erecta a Diocese de *Penafiel*[1], pelo Papa Clemente XIV, este Santo Padre o apresentou nella por Bulla de 17 de Junho de 1771; e o sagrou na Capella Real de Nossa Senhora da Ajuda em 10 de Novembro desse anno o Cardeal Patriarcha de Lisboa Francisco de Saldanha.

Constituido Bispo *de Penafiel* não administrou pessoalmente[2] a sua *Igreja* pela necessidade de satisfazer as exigencias do podêr temporal, mas nem por isso deixou de prover na ausencia, como era urgente. Com a morte de ElRei D. José em 1777, ficou *Fr. Ignacio de S. Caetano* em liberdade, e expoz ao ânimo pio da Rainha sua filha espiritual, quanto era violenta a seu coração a falta de residencia, e por isso que era necessario resignar a *Igreja* ou o Confessionario: optou a illustre Soberana pelo arbitrio, de que largasse aquella: feito o Apostolado á Santa Sé, o Papa Pio VI de santa memoria aceitou a resignação do *Prelado*, e extinguiu a *Igreja*, unindo suas Parochias aquella, de que fôra desmembrada, por Bulla de 11 de Dezembro de 1788, e promoveu *Fr. Ignacio* ao Archiepiscopado titular de *Thessalonica* por outra de 13 desse mez. Quando morreu o Cardeal da Cunha foi o Arcebispo nomeado Inquisidor Geral, e confirmado por Bulla de 6 de Fevereiro de 1787, tomou posse a 16 de Março seguinte, e logo depois em 25 de Julho o nomeou a Rainha e Senhora D. Maria I seu ministro assistente ao despacho. Perseverou o Arcebispo, satisfazendo com zêlo e prudencia seu ministerio e cargos ate 29 de Novembro de 1788, em que falleceu pelas seis horas da tarde. Seu corpo foi depositado no Mosteiro de Carnide, e de la trasladado ao novo Claustro das Religiosas do Santissimo Coração de Jesus de Lisboa, onde jaz em mausoleo, que para elle mandára construir a Rainha illustre fundadora desta Santa Casa.[3]

C

Carthago.

Na Africa septemtrional contra o Mediterraneo se erguia a famosa *Carthago*, situada entre o cabo Hermeo e o rio Carthada d'aquem de Tunes, que eram seus limites orientaes, entre o cabo de Apollo e o rio Bagradas d'alem de Utica, que eram seus limites occidentaes. No seculo IX antes da nossa era, *Eliza*, por outro nome *Dido*, viuva de Sicheo, e irmã de Pigmaleão Rei de Tiro, evadiu-se com os thesouros de seu marido, aportou junto da antiga Byrsa, e la oitocentos oitenta e dous annos antes de Jesus Christo erigiu *Carthago*, a mais notavel cidade de toda a região, rival de Roma no seu podêr, riquesas e fôrça militar, e por ella subjugada depois de sanguinolentas batalhas e de victorias, que tornavam incerta a supremacia do Lacio. Homens Fenicios e mulheres Gregas deram origem a um povo, que se engrandeceu pelo commercio e pelas armas, estendendo suas relações pelos mares do norte e do sul, e que penetrou na America; mas, em que parou essa grandesa? Apenas actualmente se póde dizer, alli foi *Carthago!* Prégado o Evangelho em Africa nos tempos Apostolicos, por ordem de S. Pedro, se constituiram as Igrejas deste paiz, e em *Carthago* se levantou a primeira e principal, que desde o anno 200 da nossa era começou a dar illustres Martyres ao Christianismo, e mereceu illustre nome pelos Confessores, e pelos Prelados. *Carthago* foi desde o principio cabeça de provincia Ecclesiastica, na qual se chegaram a contar cento e tres Dioceses suffraganeas, e não so era unica Metropole estavel de Africa, porém ainda gosava os fôros *Primociaes* sôbre as outras provincias Bizancena, Tripolitana, Numidia, e Mauritania Sitifense e Cezariense. *Carthago* soffreu muito dos scysmas de Novato e Donato, dos Vandalos, e

[1] Nem havia motivo de erigir novas Dioceses, nem as premissas importavam no fundo, senão abater a dignidade Episcopal, além de outras causas.

[2] É tolerado isto, mas a falta de residencia dos Bispos é para mim absolutamente intoleravel, salvo quando se trata de Synodos, ou de negocios, que importam ao bem geral da Igreja: respeito as disposições, que o permittem; mas *Jesus Christo*, entregando aos Bispos os rebanhos para os apascentar, ordenou-lhes, que o fizessem pessoalmente, e não fez excepções favoraveis á vontade dos Principes, nem ácêrca de negocios do seculo: a tolerancia, espero em Deus, que acabará.

[3] Fr. Manuel de Santo Antonio *Epitome da Vida de D. Fr. Ignacio de S. Caetano Arcebispo de Thessalonica* — D. Ignacio de Nossa Senhora da Boa morte *Diario Historico dos Varões illustres em letras, virtudes, e santidade dos Conegos Regulares* — Pereira de Figueiredo *Lusitania Sacra* — Antonio de Almeida *Descripção Historica, Fisica e Economica da cidade de Penafiel*. Um retrato de corpo inteiro e outro de meio corpo.

por último dos Sarracenos; mas apesar disso até á sua destruição total procurou manter illesa a doutrina, o se tornou memoravel pelos seus Concilios.

Entre os *Prelados Carthagenes* o primeiro, de que fizeram menção, é *Agripino*, que no Summo Pontificado de S. Zeforino teve Synodo dos Bispos da sua provincia e da Numidia para reiterar o Baptismo conferido pelos hereges: depois delle veio *S. Cypriano*, grande Padre da Igreja, o o maior homem do seculo III, em que viveu, foi illustre Martyr de *Christo*, o que só por si era bastante para illustrar a *Primacial* do Africa: mais adiante occuparam a Cadeira Pontifical de *Carthago* no começo da perseguição de Diocleciano *S. Mensurio*, impiamente calumniado pelos donatistas; *Grato*, que foi um dos Padres do Synodo Sardicense; *Aurelio* contemporaneo de Santo Agostinho; *Eugenio* em 484 desterrado pelo podêr temporal; e *Primoso*, que esteve no Santo Synodo Geral quinto. Os Sommos Pontifices dão titulo Archiepiscopal de *Carthago in partibus infidelium*, e fôro Metropolitano sôbre vinte e quatro Igrejas, uma das quaes é Hippona, que apascentou Santo Agostinho, e outra Tagaste, em que nasceu; o actualmente gosa esse titulo *Miguel Viale Prela* assistente ao Solio Pontificio desde 20 de Julho de 1841.

50.º

Venerando Fr. SEBASTIÃO DE MENEZES.—Nasceu este Prelado na villa do Santarem da familia *Menezes*[1] illustre por sua antiguidade na corôa de Castella, o que neste reino levou as primeiras honras: pelos annos 1384 abraçou o Instituto Trinitario, e nas escólas da Universidade de Lisboa se habilitou na Sciencia Sagrada, em que recebeu a borla doutoral. ElRei D. João I o nomeou director de sua consciencia, e fez seu embaixador a ElRei de França Carlos VI logo em 1385, em que subiu ao throno, e julga-se que para o interessar na questão da paz com Castella. Por sua intervenção fundou o Principe seu confessado o Mosteiro da Santissima Trindade de Cintra, e em 25 de Outubro de 1410 o tomou debaixo da sua protecção. Mais adiante em 1415 *Fr. Sebastião* foi enviado orador á Santa Sé, e lá se lhe affeiçoou tanto a Santidade de João XXII, que o sagrou Arcebispo de *Carthago* e *Primaz de Africa:* eleito depois o Santo Padre Martinho V successor daquello Papa, lhe deu obediencia; e, preparando-se a voltar á patria, acabou piamente em Roma a 7 de Agosto de 1419, e o sepultaram ao lado direito da Capella do Mosteiro de S. Thomé de *Formis* da sua ordem, pondo sôbre sua sepultura a inscripção seguinte:

ILLUSTRISSIMUS AC REVERENDISSIMUS D. D. SEBASTIANUS A MENEZES LUSITANUS, ORATOR D. JOANN. PORTUG. REGIS IN HAC CURIA, A D. N. JOANN. XXIII.[2] P. M. CREATUS ET CONSECRATUS P. AFRICANUS, ARCHIEP. CARTHAG. SANCTITATE VEN. VIRTUTIBUS LAUDABILIS. IN SCIENTIA ET DOCTRINA MIRANDUS. ORD. SS. TRINIT. ORNAMENTUM. DIGNISSIMUS PRESBYTER RESPECTABILIS. HIC JACET TUMULATUM CORPUS. ANIMA PER MISERICORDIAM DEI REQUIESCAT IN PACE. AMEN.
SEPT. IDUS AUG. ANNO D. MCCCCXIX.[3]

II

Bourges.

Saindo de Hespanha para França d'além dos Pyrineos se encontram do lado esquerdo as provincias da Aquitania, onde se estabeleceram colonias de Iberos em tempos remotissimos, o do direito as da Narbona, que receberam um pouco mais tarde outras de Celtas, oriundos tanto aquelles como estes da nossa Peninsula. Duas eram as provincias Narbonenses, e tres as da Aquitania, de que direi o preciso ao assumpto: a primeira confinante dos Pyreneos se chamava Novempopularia, de que a capital foi Lanse, arrasada pelos Godos o substituida por Auch; a segunda, sem particular denominação, que se seguia para o norte até ao Loire, tinha por cidade principal Bourdeaux; o a terceira ao oriente, limitada por esta parte como ao norte por aquello grande rio, encontra-se com o nome de Aquitania primeira, e de que a capital era *Bourges* na confluencia do Auron. *Bourges*, antigamente *Avarico*, principal cidade dos *Biturigos*, existe desde remotissimos tempos, e na época Romana era florescente. Ouviu *Bourges* a prégação do Evangelho nos tempos Apostolicos, e não foi sua Igreja pobre de Martyres e Confessores de *Christo*, como não o foram as outras das Gallias: com o andar dos tempos a elevaram a Metropole da Aquitania primeira, em que teve oito suffraganeos até ao seculo XI, quando Albi se separou para constituir uma nova provincia, vindo a ficar naquella só seis Dioceses, como ate hoje. Erigindo em 781 Carlos o *grande* o Reino da Aquitania em beneficio de Luiz *pio* seu filho, deu-se ao Metropolitano de Bourges o fôro da *Primazia* sôbre as tres Aquitanicas e Narbonense primeira, *porque isso era conveniente á união dos povos ferozes da proximidade dos Pyreneos com os do interior das Gallias, e á nacionalidade commum:*

[1] Apesar das desordens na constituição do estado, produzidas pela escóla juridica na época, em que nasceu *Fr. Sebastião*, ainda por esse não era vexada a Nobreza com o roubo dos appellidos, isso deu-se mais tarde: appellido e armas são uma propriedade como qualquer outra; e não se usurpavam ainda no seculo XIV, nem no seguinte; por isso apesar de se não saberem os paes deste Prelado ha toda a certeza, que pertencia á familia *Menezes*.

[2] O Cardeal Cossa, depois eleito Summo Pontifice, é geralmente dito João XXIII, contando entre os Papas deste nome o Antipapa Philaghale, que tomou o nome de João XVI; por isso excluindo-o do cathalogo empreguei o n.º XXII, fallando do Santo Padre, que no Cardinalato se chamou Balthasar Cossa.

[3] D. Manuel Caetano de Sousa *Cathalogo Historico*—Fr. Manuel de Santa Luzia *Epitome Chronologico dos Varões illustres Trinitarios*—Fr. Jeronymo de S. José *Historia Chronologica de Ordem da SS. Trindade.*—Pedro José de Figueiredo *Retratos e Elogios dos Varões e Donas, que illustraram a Nação Portugueza*. Um retrato de corpo inteiro.

aqui temos um motivo temporal para creação, logo virão outros para destruição. Deste modo a *Primazia de Bourges* appareceu e durou inteira ate 1097, em que a Santidade de Urbano II separou a Narbonense primeira, o deu ao Metropolitano della o Bispo de Narbona esse mesmo foro *Primacial* sôbre a Narbonense segunda, isto é, sôbre o Metropolitano de Aix: não tardou o Metropolitano de Auch tambem a emancipar-se; por isso a Primazia de *Bourges* se reduziu á primeira e segunda Aquitanias, concorrendo a extincção do Reino Aquitanico, e a vontade da independencia dos Principes, quo receberam em feudo as terras do Narbona o da Novempopularia. Assim passaram as cousas ate quasi ao fim do seculo XII, reconhecida pela Santa Sé a *Primazia* do Bourgense sôbre as duas Aquitanias; passando entretanto o dominio temporal da segunda á casa de Inglaterra, o Metropolitano de Bourdeaux se absolveu da sujeição: o Santo Padre Gregorio IX ainda deu a visita na segunda Aquitania ao Metropolitano da primeira; mas a Santidade do Clemente V reduziu a jurisdicção deste último á sua provincia.

Entre os Prelados dignos de memoria, que occuparam a Cadeira Pontifical de *Bourges* conto os Servos de Deos *Ursino*, *Seneciano*, *Etherio*, *Marcello*, *Palladio Simplicio*, *Desiderato*, *Felix*, *Sulpicio*, *Apollinar*, *Austregezilo*, e *Sulpicio II:* seguiram-se-lhes *Hermeniario*, que esteve no Synodo Romano de 769, *S. David*, *Santo Agizelfo*, *S. Rodolfo*, a quem o Papa S. Nicolao I reconheceu a *Primazia*, e honrou com o titulo Patriarchal; Henrique I de Soliaco, ao qual confirmaram o fôro *Primacial* os Papas Lucio III, Urbano III, Clemente III, e Celestino III; *S. Guilherme*, illustre confessor de *Christo*, que se distinguiu pela piedade, amor da paz, e zêlo Apostolico; *B. Filippe*, que foi um dos Padres do Santo Synodo Geral de Leão (do anno 1245); *Jacob Regio*, illustre por seu zêlo no exercicio do sagrado Ministerio contra os lutheranos e calvinistas, e que morreu em 1572; e *Rolondo*, varão de exemplares virtudes e bom pastor, que morreu em 1638. Actualmente é Prelado desta Metropole Jacomo Maria Antonio Celestino Du-Pont, trasladado de Avinhão em 24 de Janeiro de 1842, e Cardeal Presbytero de Santa Maria do Populo.

51.°

Veneravel Fr. GIL ROMANO. — Nasceu este Prelado em Roma da nobilissima familia *Colona* em 1247; e vestiu o habito dos Eremitas de Santo Agostinho no Mosteiro do Santa Maria do Populo da capital do orbe Christão. Estudou na Universidade de Paris, em que foi discipulo de S. Thomaz do Aquino, recebeu a borla doutoral, e o honroso titulo de *doutor fundatissimo:* occupou nessa famosa escola com grande nome uma cadeira theologal; e bem depressa se fez admirar de todos pelo seu profundo saber: entretanto, por isso mesmo que excedia muito superiormente a todos os seus contemporaneos, teve invejosos, e esses descobriram alguma cousa digna de censura em suas obras, e as fizeram não só condemnar pelo Bispo de Paris, mas o accusaram á Santa Se: longe de resistir a seus inimigos, que assim o pretendiam manchar, elle se portou com a humildade o resignação de verdadeiro Catholico, e sujeitou sua pessoa e escriptos á decisão do Summo Pontifice; pelo que no 1.° de Junho de 1285 o Santo Padre Honorio IV depois de louvar sua piedade o mandou retractar as proposições, que offenderam os doutores da Sorbona, e que haviam sido condemnadas pelo Prelado Parisiense: obedeceu como devia; porem dahi mesmo tomou incremento espantoso a bôa fama de sua virtude e sciencia para confusão dos detractores. Em premio da tribulação Deos o ajudou, porque a Ordem Eremitica no anno 1287 em pleno Capitulo Geral celebrado em Florença, fez decreto para que os Mestres, Leitores, estudantes della seguissem as suas doutrinas; e depois lhe deu o cargo de Prior Geral: em 1295 o Santo Padre Bonifacio VIII o elevou á *Igreja de Bourges*[1], e no anno seguinte lhe confirmou a *Primazia*. Exaltado a esta alta dignidade se manifestou exemplarissimo e zelosissimo: foi um dos Padres do Santo Synodo Geral Vienense de 1311; e governou a sua Igreja ate ao anno 1316, em que falleceu na cidade de Avinhão a 22 de Dezembro: seu corpo foi levado ao Templo do Mosteiro da sua Ordem em Paris, e sôbre a campa sepulchral junto ao Altar-Mor se poz esta inscripção:

HIC. JACET. AULA. MORUM. VITÆ. MUNDITIA. ARCHIPHILOSOPHIÆ. ARISTOTELICÆ. PERSPICACISSIMUS. COMMENTATOR. CLAVIS. ET. DOCTOR. SACRÆ. THEOLOGIÆ. LUX. IN LUCEM. REDUCENS. DUBIA. FRATER. ÆGIDIUS. DE ROMA. ORDINIS. FRATRUM. EREMITARUM. SANCTI. AUGUSTINI. ARCHIEPISCOPUS. BITURICENSIS. QUI OBIIT. ANNO. DOM. MCCCXVI. DIE XXII MENSIS DECEMBRIS.

Deixou por testamento alfaias e vasos sagrados aos Mosteiros dos Eremitas de Roma e de Bourges, e livros á Bibliotheca de Paris. As suas virtudes tiveram tal grao de elevação, que muitos lhe deram o titulo de *Beato:* da sua sciencia dão testimunho as suas obras; e foram em tão grande numero, que mal pode conceber-se como escreveu tanto: versaram principalmente sôbre philosophia e theologia escolas-

[1] Esta nomeação não foi bem vista em França, porque *Fr. Gil* era *estrangeiro!!!* Eis-ahi o que me revolta, como muitos outros factos, sôbre os quaes tenho lançado stygma. No Christianismo não ha *estrangeiros*, porque todos fazemos uma Nação, de que o Soberano reina por toda a eternidade no ceo, e tem sôbre a terra um Vigario para fazer as suas vezes. Na condição civil ninguem mais do que eu repugna ao mando e ainda á influencia de *estrangeiros*, porque tem alguma cousa de atros; mas na Igreja de Deos para a eleição do Papa, dos Bispos, e dos restantes Ministros, que apascentam, ou instruem, ou servem o Altar de qualquer modo, não requer o Evangelho condições de nacionalidade, e os annaes da Igreja, principalmente nos seculos mais florescentes della, incommodam essa pretenção de nacionalidade, que fez, faz, e hade fazer gravissimos males: as unicas condições exigidas para as dignidades Ecclesiasticas são a virtude e a sciencia. Custa-me ouvir, que pessoas leigas sintam como os francezes dos dias de *Fr. Gil Romano:* entretanto poderei desculpa-las; mas que Ecclesiasticos pensem, e ainda obrem conforme este sentimento, é para mim muito estranhavel! Alguns factos praticados fóra do continente Europeo, e de que mais tarde heide fallar, arrepiam-me as carnes! Deos salva a sua Igreja, isso é o que me consola! Desejava comtudo na Igreja menos nacionalidade, menos ambições, menos gallicanismo, menos lutheranismo, e mais espirito Evangelico.

ties: tem merecido louvores o seu livro de *Regimine Principum*, que dedicou a ElRei Filippe o *bello* seu discipulo: talvez outros de seus trabalhos litterarios sejom mais excellentes, mas eu não quero com isto diminuir em alguma cousa o conceito, que aquelle gosa. Terminarei notando, que *Fr. Gil Romono* foi defensor acerrimo da doutrina de S. Thomaz como da de Santo Agostinho.[1]

13

Venesa.

Na costa oriental da Italia, ao fundo do Adriatico, um grupo de pequenas ilhas se ergue do lago, que uma cinta da terra divide do mar: desde a invasão dos Godos em 109 da nossa era, e mais em 452 pela dos Hunos, se refugiaram a estas ilhas os habitantes das costas, temerosos de uns e outros desses barbaros; e formaram ahi um pequeno estado independente, que chegava ao complemento de perfeição, quando em 810 o seu chefe estabeleceu a séde do governo na ilha de Reolto, fronteira ao canal de communicação do lago com o mar: como os fundadores eram da provincia Romana chamada *Venesa*, e dentro della ficavam suas habitações, contrahiram ao lago e á cidade, que em suas ilhas levantaram, esse nome; e á fôrça de trabalho e industria vieram a formar uma nação, que se tornou grande, poderosa, e rica debaixo da forma republicana, porém altamente aristocrata: seu commercio florescentissimo soffreu um golpe fatal na era, em que Vasco da Gama por ordem da corôa de Portugal dobrou o Cabo das Tormentas; porém apesar disso os *Venesianos* continuaram a ser respeitados no mundo, até que as malfadadas novidades do fim do seculo XVIII deram origem a reduzir-se esse monumento glorioso do esfôrço humano a total decadencia, e que, depois da restauração, a senhora dos mares do levante soffresse a sorte dura de ser uma provincia Austriaca.

O Papa Adriano I pelos annos 773 confirmou a erecção da Cadeira Pontifical, que entre os *Venesianos* fizera o Metropolitano de Grão em virtude dos suffragios do Clero e Povo: o titulo primeiro foi do *Olival*, depois do *Castello* em rasão da Ilha, em que se collocou a séde, e que se chamou successivamente com aquelles dois nomes, e por fim de *Venesa*. Por morte de Domingos Miguel Patriarcha de Grão e *Primaz* da Dalmacia em 1451, pela Bulla *Regis Æterni* de 8 de Outubro desse anno, o Santo Padre Nicoláo V extinguiu a dignidade e titulo daquella Igreja, trasladando uma e outro a *Venesa*, e investindo delles a *S. Lourenço Justiniano*, por então Bispo do *Castello*. Em qualidade de Metropole teve logo *Venesa* por suffraganeas só as tres Igrejas de Caorle, Chiozza, e Forcello, e hoje conta dez. Exercitou além disso os fóros de *Primacial* sôbre a Metropole de Zara na Dalmacia, que por disposição de Santo Adriano IV era sujeita a Grão.

Entre os muitos Prelados, que occuparam a Cadeira Pontifical dos *Venesianos*, dignos de memoria lembrarei os seguintes: *Obealto* primeiro Bispo consagrado pelos annos 773; *Domingos Gradonico*, que morreu em 1065; *Henrique Contoreno*, que foi o primeiro a tomar o titulo do *Castello*, esquecendo o do *Olival*, e se tornou altamente recommendavel pela sciencia e por todas as virtudes; *Vital Miguel*, excellente por muita piedade, que falleceu em 1181; *Nicoláo Mouroceno*, eleito em 1338, que deixou nome illustre pela sua prudencia e doutrina; *Angelo Corario*, que na Cadeira de S. Pedro se chamou *Gregorio XII*; *S. Lourenço Justiniano* primeiro Patriarcha, que foi gozar de Deos em 8 de Janeiro de 1455; *Fr. Henrique Quirino*, que morreu em 1554; *João Theopolo*, que de Primicerio de S. Marcos[2] subiu ao Pontificado *Venesiano* em 1619; e o Cardeal *Frederico Cornelio*, fallecido em 1647. Desde 9 de Abril de 1827 governava esta Igreja o Cardeal *Jacome Monico* já fallecido, mas o último, do que actualmente tenho noticia.

52.°

VENERAVEL MAFEU CONTARENO.—Nasceu este Prelado em Venesa de familia illustre e filho de Domingos *Contareno*. Entrou na Congregação de S. Jorge da Alga, onde foi discipulo de S. Lourenço Justiniano, e imitador de suas virtudes; tendo sido Geral da Congregação, e achando-se em 1445 Prelado do Mosteiro de S. Pedro de Brescia, falleceu o Servo de Deos, que o instruira na sciencia e piedade, e, como a fama de sua doutrina e exemplares costumes era de todos conhecida, foi eleito com applauso universal Patriarcha de *Venesa* em 23 de Janeiro desse anno ao decimo sexto dia da morte de seu mestre. Por maior, que foi a sua resistencia, teve necessidade de conformar-se, e receber o Santo Episcopado: governou a Santa Igreja de *Venesa* como um Santo até ao dia 26 de Março de 1460, em que foi gosar da Bemaventurança eterna: seu corpo teve sepultura na Capella do insigne Mosteiro da Alga, onde se depositou o de seu Santo Predecessor; e sôbre a campa pozeram esta inscripção:

HIC SITUS EST MAPHEUS CONTARENUS PER OBEDIENTIAM PATRIARCHA II. VENETIARUM. QUI CUM NON MINUS PAUPERTATIS, QUAM CONTINENTIÆ PROPOSITÆ, AUCTUS PATRIARCHALI DIGNITATE EGREGIUM SPECIMEN DEDISSET, ET ORDINE HOC SUO, ET LAVRENTIO JUSTINIANO PRÆCESSORE DIGNUS CONSESSIT AD SUPEROS. MCCCCLX DIE XXVI MARTII.[3]

[1] PAMPHILUS *Chronica Ordinis Fratrum Eremitarum Sancti Augustini*—CIACONIUS et OLDOINUS *Vitæ et Res Gestæ Pontificum Romanorum, et S. R. S. Cardinalium*—SAMMARTANUS *Gallia Christiana*—BOULAY *Historia Universitatis Parisiensis*—OSSINGER *Bibliotheca Augustiniana*—MORONI *Dizionario*. Um retrato de meio corpo.

[2] O Primicerio de S. Marcos foi, e creio, que ainda é, um Sacerdote Presidente da Igreja do Santo Evangelista, isento da jurisdicção Ordinaria, e que celebra como Bispo.

[3] UGHELLUS *Italia Sacra*—FRANCISCO DE SANTA MARIA *Ceo Aberto na terra*. Um retrato de meio corpo.

53.°

Venerando Fr. THOMAZ DONATI.—Nasceu este Prelado em 1445 na cidade de *Venesa* de uma familia illustre, e filho de Hermoláo *Donati*, Senador da Republica, e de Marinha de Laurete: entrou na Ordem dos Prégadores, e lá se tornou insigne pela virtude, pela sciencia, e pela eloquencia, e com justiça mereceu o elogio de bom Theologo, e famoso Prégador. No 1.° de Outubro de 1492 o elegeram Patriarcha de *Venesa:* evadiu-se para o territorio Vicentino com a tenção de viver occulto, e se forrar á dignidade; mas não tardou a ser descoberto, e confirmado pela Santa Sé, escusada toda a opposição: por isso foi consagrado em dia de Santo André; e começou logo com zêlo na cura Pastoral. Poz todos os seus esforços em restabelecer a disciplina Ecclesiastica ácêrca do Clero Regular e Secular, e as Constituições particulares da sua Igreja: manifestou a severidade de um Prelado justiceiro em arredar os escandalos, e o maior desvêlo em soccorrer os pobres, as viuvas e os orfãos: nada poupou a fim de restabelecer e manter a paz; e na vida privada foi excellente exemplar, dividindo o tempo entre a oração, a meditação dos livros Santos, e o trabalho. Deste modo fez sua passagem na terra este digno Pastor até 11 de Novembro de 1504, em que trocou a vida mortal pela eterna.[1]

54.°

Venerando Fr. ANTONIO SURIANO.—Nasceu de familia illustre em *Venesa*, e foi varão ornado de insignes virtudes nascidas de sua bôa indole, de pia educação na casa paterna, e dos santos exemplos recebidos no Monastico Cartusiano, em que professou, e em que viveu todo entregue a Deos. A 27 de Novembro de 1504, sem se attender ás suas lagrimas, foi arrancado do Claustro para a Cadeira Pontifical de *Venesa:* appareceu elle no candelabro da Igreja como luzerna ardente; e sem dúvida foi um dos Bispos mais piedosos da sua idade: teve o zêlo, que costuma empregar todo o verdadeiro Pastor Evangelico; mas todos quantos momentos podia forrar ao alto Ministerio, como por santa vingança, os empregava na solidão, e no estudo, que lhe produziu as excellentes obras *De Reformatione interiore*, *De Vita contemplativa*, e *De Solitudine*, as quaes manifestam a execução do grande pensamento de sua alma pura. Em 1508 morreu no Senhor, e seu corpo foi sepultado no Mosteiro de Santo André da Ordem da Cartuxa, onde seus sobrinhos pozeram esta inscripção:

D. O. M.
ANTONIO SURIANO PATRIARCHÆ VENETIARUM
ANTONIUS ÆQUES
ET AUGUSTINUS FRATRES MICHAELIS FILII
PATRUO BENEMERITO P.
VIXIT ANN. LII. M. V. D. XXIV. OBIIT M. D. VIII.
ANNO PATRIARCHATUS SUI IV.[2]

55.°

Venerando LUIZ CONTARENO.—Nasceu este Prelado em *Venesa* de familia patricia, filho de Moysés *Contareno*, e de Catharucia Mauroceno, e teve irmãos Leonardo Protonotario Apostolico, e Sebastião Cavalheiro, que continuou a casa. Recebeu aos dezeseis annos de sua idade o habito Canonical em S. Jorge d'Alga, em que por seus merecimentos subiu ás Prelazias, e, depois de ter sido Geral, achava-se Prior da Casa de Santa Maria do Horto, quando em 19 de Maio de 1508 foi eleito, com incrivel prazer de toda a cidade de *Venesa*, seu Patriarcha: confirmada a eleição pelo Summo Pontifice em 7 de Junho, recebeu a consagração a 15 de Agosto. Em cousa alguma deixou de seguir a regularidade Monastica, chegando mesmo a andar descalço: era observantissimo e muito abstinente: esmerou-se em afastar do Clero as pompas mundanas, e em promover a sua instrucção [3]; mas Deos quiz chama-lo a si prematuramente e com dôr dos bons, que tudo esperavam de sua piedade e sabedoria, não permittindo, que o seu Pontificado excedesse a dois mezes, porque falleceu com santa opinião em 16 de Novembro do mesmo anno 1508.[4]

V.

METROPOLITANOS.

Os Apostolos na constituição externa da Igreja tiveram em vista a só rasão geographica, como é dito, estabelecendo o centro da unidade a respeito de todo o orbe em Roma, formando os tres Patriarchados,

[1] Ughellus *Italia Sacra*—A. Touron *Histoire des Hommes illustres de l'Ordre de Saint Dominique*. Um retrato de corpo inteiro.

[2] Ughellus *Italia Sacra*—Morotius *Theatrum Chronologicum Sacri Cartuxiensis Ordinis*. Um retrato de corpo inteiro.

[3] Não esquecerei neste logar um tributo de homenagem ás virtudes da Santa Congregação de S. Jorge d'Alga, como á de S. João Evangelista desta terra, sua filha, porque della foi, que recebeu as constituições: se a relaxação veio nos últimos tempos, ninguem lhes póde tirar a gloria dos seus primeiros seculos.

[4] Ughellus *Italia Sacra*—Francisco de Santa Maria *Ceo Aberto na terra*. Um retrato de meio corpo.

o dessa cidade, o de Antiochia, e o do Alexandrio, separando a cado nma dessas Motrizes tres grandes regiões, o occidente, oriente, o sul, o dividindo estas em outras regiões meaores, o subdividindo-as primeira o seguada vez. Conformo este vasto plano a Igreja ropresentada por aquelles, a quem nosso Divino Salvador deu exclusivamente o direito de a governar, unidos com o Sommo Pontifice, estabeleceu nas regiões da terceira ordem a entidade já notada pela palavra Exarcha ou Primaz, escolhendo na maior parte a residencia d'algom Apostolo ou Padre Apostolico para sede; e antes disso havia collocado nessas ou n'outras a outra entidado *Metropolitana*, do que vou tratar. O plano Apostolico não foi posto om prática de salto, porque a primeira o última divisões foram as primeiras a ter execução ainda om vida dos Apostolos em todo o orbe, posto quo em remotissimas distancias, ficando só as tres primeiras Igrojas a ser consideradas *Matrizes:* com o augmonto progressivo dos fieis, appareceram outras *Matrizes*, e essas foram aquellas, a quo depois se deu o nomo do Primazes, finalmente outras, as *Metropoles*, sem alterar em cousa alguma o conceito regionario. Pelo decurso dos seculos se augmentaram as *Metropoles*, e ainda as Igrejas Episcopaes, quo ora poaho na quarta divisão; e por ultimo se mudaram ou augmentaram as *Matrizes* da terceira ordem, já por causas legitimas, já por outras, quo apesar do legitimadas pela doutrina do canon 9.° do Synodo Antiocheno, comtudo me fazem muita dór por se não haver attendido o motivo geographico, porem o caprieho do podèr temporal.[1]

Metropole não tem outra significação, que *Cidade Matriz*, e a Igreja empregou esse nome nas Sés ou residencias dos Prelados, que presidem aos Bispos das cidades da última divisão, e que são sojeitos aos Primazes ou directamente aos Patriarchas, pelo facto do estarem essas cidades dentro dos limites da sua jurisdicção Primacial. A voz *Metropolitano* é antiga na Igreja, ao menos desdo o Santo Synodo Geral primeiro; mas ella não foi geralmeote logo applicada a todos os Prelados da terceira divisão; porquo usavam o titulo de *Bispo da primeira Sé*, attendendo não a dignidado da Igreja, mas á de sua pessoa, om virtude de ser o mais velho na sagração: em Africa, exceptuando Carthago, era assim, e do mesmo modo em Hespanha, ondo o primeiro Prelado, que se encontra com a designação do *Metropolitano*, em attenção á dignidade da Igreja, e não á sua, foi Balconio desdo antes do meado do seculo v, como está escripto, ficando nas outras divisões de terceira ordem, ou provincias de oossa região, om vigor ate antes do Synodo Toledano 3.° do anno 589 só o ditado antigo.[2] Esse do *Bispo da primeira Sé*, e *Bispo mais velho*, que antigamente se usava, applicou-se ao Prelado das *Matrizes* da primeira ordem, depois da segunda, o finalmente da *terceira*. A estes Bispos da terceira divisão se dá hoje o titulo de *Arcebispo*, que é propriamente honorifico, segundo notei, e, apesar de o coutrahir a si o Constantinopolitano desde a conversão da cidade do Bizancio em Constantinopola, o Santo Synodo Geral primeiro o o Antiocheno só o deram aos Prelados das tres grandes Igrejas de Romo, Antiochia, o Alexandria, posteriormente o receberam os Primazes, e os *Metropolitanos:* entretanto muito tardo chegou a Hespanha, porque o primeiro Prelado, que nella o acceitou foi Bernardo de Toledo no último quartel do seculo xi, em rasão de ser natural de França, e já dantes lá estar introduzido. Alguns, ainda que poucos *Metropolitanos* gosam o titulo de Patriarchas, um numero maior o de Primazes, e todos o uso do Pallio.[3]

K

Aquilea.

No continento ao norte do mar Adriatico está *Aquilea*, capital da Istria, uma das mais famosas cidades no tempo Romano, emporio do Illyrico, o do tanta consideração, que a chamavam segunda Roma: com o destino de conter em respeito os barbaros, a Republica mandou funda-la por Scipião Nacica, Flaminio, e Acidino, expressamente creados Triumviros para isso: nella pozeram uma colonia do Lacio, o tiraram seu nome das aguias, que tremulavam nas suas legiões; depois mereceu affecto o desvelos aos Imperadores: entretanto Atyla Rei dos Hunnos a levou á última ruina em 452: procurou-se, é verdade, restaura-lo, mas nunca póde chegar ao estado antigo, e tornou a decahir a ponto de só vestigios existirem. *Aquilea* é uma das cidades mais gloriosas do Christianismo, porque *S. Marcos* nella pregou o nova do Reino dos Ceos, escreveu o seu Evangelho, levantou Cadeira Pontifical, o foi seu primeiro Bispo: perserverou a sede em *Aquilea* com esplendor até á desgraçada invasão dos Hunnos, reduzida a Christandade ao maior infortunio: respirou ainda um pouco depois da saida daquelles barbaros; porém no seculo seguinte, receiosos os fieis de novas calamidades, que estavam eminentes pela vinda dos Lombardos, se retiraram com o Prelado em 565 a Grão[4], e a trasladação da Igreja foi approvada em 580 pela Santi-

[1] Estou longe de reprovar, porque sou obediente, mas, e por isso mesmo, não hesito declarar o sentimento intimo da minha alma. Fique desde aqui notado, que, embora a protestação solemne posta ao começo deste escripto, eu não contravenho em cousa alguma o, que se acha disposto, e só clamo, segundo esse principio, contra o, que reputo fôrça ou abuso dos poderes da terra.

[2] Dos primeiros seculos do Christianismo, e por isso de instituição Apostolica, veio o santo costume de se annexar á dignidade do Bispo (não se trata dos tres Patriarchas), e não á da Igreja o titulo de *primeira Sé*; e é isto, a meu juizo, o que póde explicar a tenacidade dos Africanos e Hespanhoes no abandono do Canon, que fez remover ás capitaes das provincias civis as *Matrizes* da terceira classe, porque igual repugnancia tiveram elles em receber outras leis disciplinares. Haver nascido áquem dos Pyreneos é para mim uma rasão forte, quando não houvesse outra, da grande tendencia para o antigo costume.

[3] Hoje não passa de um colar de lã branca com algumas cruzes de vermelho: primitivamente era o, que significa a palavra, isto é, propriamente capa matizada de cruzes: usaram delle os Bispos desde os tempos mais remotos; mas depois pertenceu aos *Metropolitanos*, porque segundo o Santo Synodo Geral oitavo do anno 869, deviam receber do seu Patriarcha a confirmação *pela imposição de mãos ou entrega do Pallio*. O *Pallio* é pois um signal visivel da jurisdicção, e se recebeo sempre das mãos de quem o dava. Os Summos Pontifices o concederam não só aos *Metropolitanos*, mas antigamente aos seus Vigarios.

[4] Uma das maiores Ilhas do Adriatico proxima ao continente do lado do norte, foi começada a povoar em 565 da nossa era.

dade de Pelagio II. Em 605 Gisulfo Duque de Friul na corôa dos Lombardos, havendo abraçado o Christianismo, cuidou de restabelecer a Igreja *Aquilense* em *Udine*[1], e por consenso dos Bispos, se dividiu em duas essa illustre séde, ficando cada qual dos Prelados de Gráo e de *Udine* com o titulo Patriarchal, que desde o tempo dos Godos começaram a usar com alguns outros, mas estes o fizeram com a pretenção de autocephalia!

Aquilea pela rasão de capital civil da Istria recebeu o foro *Metropolitano*, que lhe competia segundo a disposição do Synodo Antiocheno, e por outra mais forte, a da sua origem, devia tê-lo; mas pela divisão da provincia em duas, ficou o Prelado de *Udine Metropolitano* dos Venesianos, e o de Gráo *Metropolitano* dos Istrios; e os Summos Pontifices, que logo ao comêço deram o Pallio a este último, vieram a concede-lo depois do anno 759 áquelle. A successão legitima de *Aquilea* estava em Gráo, mas contendia sobre ella o de *Udine*, e gravissimas questões houve entre ambos sobre jurisdicção: entretanto este último reteve o titulo de *Aquilea* constantemente até á sua extincção. O *Utinense* nunca obteve mais da Santa Sé, que o fôro *Metropolitano*, em quanto o de Gráo conseguiu a Primazia sôbre a *Metropole* de Zara na Dalmacia: apesar disso as pretenções exageradas de ambos incommodavam, bem como um pouco mais tarde as desavenças sôbre a eleição em *Udine* entre a casa de Austria e os Venesianos; pelo que a Cadeira Pontifical de Gráo foi extincta, e como se disse, em 1451, trasladando-se a jurisdicção e titulo ao Bispo do Castello em Venesa; e o Santo Padre Bento XIV em 5 de Julho de 1751 suprimiu a Metropole e titulo Patriarchal de *Udine*, dividindo em duas a sua Diocese.

Na Igreja de *Aquilea* presidiram depois de *S. Marcos, Santo Hermagoras, Santo Hilario, S. Quirino, S. Theodoro, S. Valeriano, S. Cromacio*, e *S. Nicetas:* depois destes Servos de Deos entrou *Elias* em 575, que havia sido infestado da peste do Manicheismo, e não quiz admittir os tres Capitulos do Santo Synodo Caludenense; porém advertido pelo Santo Padre Pelagio II se retractou, e usou dos titulos de *Aquilea* e Gráo por ser já approvada a trasladação da Sé a esta Ilha. Aqui teve por successores, entre outros dignos de memoria, *João Tergestino* desde 766, *Henrique Dandulo*, que obteve da Santa Sé em 1182 a confirmação dos privilegios da sua séde, e a Primazia sôbre a Igreja de Zara; *Fr. Angelo-Maltraverso*, que falleceu em 1271, e *Domingos Miguel*, que foi o último, e passou desta vida em 1451. Em *Udine* se seguiram *S. Paulino*, que morreu no Senhor em 803; *Raymundo Turriano* desde 1272; *Bertrando*, assassinado em 1350 por defender a liberdade Ecclesiastica contra o podêr temporal; o Cardeal *Marcos Barbo* desde 1465; *Agostinho Gradonico* desde 1628, e o Cardeal *João Delfino* desde 1658.

56.º

VENERANDO HERMOLÁO BARBARO. — Nasceu este Prelado em 1452 na cidade de Venesa de uma familia illustre: foi seu pae Zacharias *Barbaro* Procurador de S. Marcos: passou pelo homem mais estudioso, e por um dos mais sabios do seu seculo: depois de ter exercido na patria com dignidade alguns cargos, passou a Roma na qualidade de orador; e lá se lhe affeiçoou tanto o Papa Innocencio VIII, que o fez Patriarcha *Aquilense de Udine* logo depois da morte do Cardeal Barbo, que teve logar em 14 de Março de 1491; porém o Senado Venesiano o não quiz reconhecer, e desterrou por aceitar a dignidade sem sua authorisação[2], e, nomeando Nicoláo Donato, a Santa Sé lh'o não quiz confirmar em quanto Hermoláo Patriarcha legitimo viveu: quiz elle renunciar, mas o Santo Padre não consentiu. Desgostoso com o procedimento anti-catholico da Republica, morreu de desgosto em Roma no anno 1494. Parece ter sido designado Cardeal, mas não chegou a vestir a Purpura: é comtudo certo, que escreveu muito, que suas obras mereceram o louvor de profundos sabios, e que entre ellas não tem pequeno merito as emendas Mela e Plinio. O Patriarcha *Hermoláo* jaz na Igreja de Santa Maria do Populo de Roma, e sôbre a campa de sua sepultura se gravou esta inscripção:

BARBARIEM HERMOLAUS LATIO QUI DEPULIT OMNEM
BARBARUS HIC SITUS EST. UTRAQUE LINGUA GEMIT.
URBS VENETUM HUIC VITAM, MORTEM DEDIT INCLITA ROMA.
NON POTUIT NASCI NOBILIUSQUE MORI.
OBIIT ANNO MCDLXXXXIV.[3]

I.

Ceragoça.

Na margem direita do Ebro, um dos mais famosos rios de nossa Peninsula, houve uma povoação de Edetanos chamada *Salduba*: sôbre esta fundou o Imperador Octaviano pelos annos 27 antes de *Christo* a famosa cidade, a que deu seu nome; estabeleceu nella militares, elevou-a á ordem de colonia, deu-lhe o privilegio de immunidade, e a fez cabeça de Convento de cento cincoenta e dois povos: tal foi em seu

[1] O *Forum Julii* notavel em tempo de Cezar, que lá poz mercado: foi a capital do estado de Friul, que pelo oriente confina com a Istria, pelo norte com os Alpes Germanicos, do poente limita com a Marca Tarvezina, e do meio dia com o Adriatico.

[2] Que as nações estabeleçam esse principio, a respeito de cargos civis ou militares, é justo e tem a isso incontestaveis direitos; mas quanto aos Beneficios Ecclesiasticos, e muito mais com rasão ao provimento pela Santa Sé importa uma pouca de impiedade, por ser contrario ao espirito do Christianismo.

[3] AUBERY *Histoire Generale des Cardinaux* — UGHELLUS *Italia Sacra* — MORONI *Dizionario*. Um retrato de meio corpo.

principio *Caesar-Augusta*, que traduzimos *Ceragoça*. Perseverou com grandesa e estimação no tempo Romono, e mais tarde, que as ontras cidades de Hespanha, os invasores do norte a conquistaram, porque só em 452 o Suevo Recciario se apoderou della para a deixar em mãos de Eurico no anno 466: reduzida ao dominio Gothico, não perden a velha dignidade: mais tarde os proprios Arabes quizeram eleva-la ao maior esplendor, pondo nella um throno; e quando, resgatada no anno 1118 por ElRei D. Affonso I o *batalhador*, adquiriu grando authoridade, merecendo ser a capital do reino de Aragão. Não foi pobre de homens grandes na republica litteraria, o entre o grando numero de sabios, que produziu no decurso dos seculos, bastará lembrar Pedro orador profundo do seculo IV, louvado por S. Jeronymo, e o insigne poeta Prudencio, que floresceu nesse seculo o no immediato.

Ceragoça tem para alegar outros testimunhos mais excellentes de sua gloria, porque nella prégou *S. Thiago maior* o Evangelho, levonton o Pilar em honra da SS. Virgem; o doixou-lho uma semente, quo produziu os mais sazonados fructos no Martyrio em honra de *Jesus Christo*. A Cadeira Pontifical foi estabelecida no tempo dos Apostolos, e a men juizo, por *S. Paulo* em um de seus discipulos; porque sôbre o fundação das Igrejas mo parece ser necessario confessar, quo na região peninsular essa fundação pelo norte se deveu a *S. Thiago*, pelo sul aos *sete varões Apostolicos* enviados por *S. Pedro*, e por todo o centro de nascente a poente a *S. Paulo*. Na perseguição de Nero deu *Ceragoça* Martyres ao Christianismo; mas a que importa mais é a de Deocleciano, porque deu-se então a respeito de Hespanha um facto, quo não teve logar em provincia alguma do imperio, a missão especial de Daciano contra os fieis de *Jesus Christo:* nesta foram innumeravois os Martyres de *Ceragoça*, padecendo o Bispo *S. Valerio* os tormentos, em que obteve a gloria de Confessor, e recebendo S. Vicente, o primeiro de seus Diaconos, a palma. Esta cidade tambem se tornou celebre pelo seu primeiro Synodo, que foi o segundo conhecido de toda a nossa região, e teve logar contra a heresia priscilions em 380 da era Christã.

Sem outros foros, que os do Séde Pontifical, esteve *Ceragoça* nos tempos Romano, Gothico, Arabe, e da restauração até 1318, em que a Santa Sé, por súpplica de ElRei Jayme II, a elevou á dignidade de *Metropolitana*, que hoje conserva a respeito das Igrejas do Albarracim, Barbastro, Huesca, Jaca, Tarasona, e Teruel: passou de suffraganea de Tarragona a ser cabeça de uma provincia composta de Igrejas comvisinhas, e o exigiu assim uma rasão temporal, e não a geographica: de tal honra não precisava o *successor* de *S. Valerio*, e ainda menos a Igreja de Deos.

Occuparam a Cadeira Pontifical de *Ceragoça* entro outros Prelados *S. Valerio* na era dos Martyres, e ainda depois; *S. Braulio*, que por sua santidade o escriptos mereceu grando nomo; o sabio *Tajon* seu successor immediato; *Senior*, que presidia no dominio Arabe em 819; e *Paterno* na mesma época, o pelos annos 1040: o primeiro, que se isentou da jurisdicção de Tarragona, e exerceu essa sôbre Bispos comprovinciaes, com o titulo Archiepiscopal, foi *Pedro Lopes de Luna*; e actualmente é seu successor *Manoel Maria Gomes de las Rivas*, promovido de Jaca em 17 de Dezembro de 1847.

57.°

VENERANDO FRADIQUE DE PORTUGAL. — Nasceu este Prelado em Portugal, e foi educado em Castella ao obrigo dos Reis *Catholicos:* era terceiro filho de D. Affonso, Conde de Faro, e um dos mais briosos cavalleiros do illustre Monarcha D. Affonso V, e da Condessa D. Maria de Noronha; logo que ElRei D. João II, filho daquelle Principe, subiu ao throno, D. Affonso, prevendo as desgraças, de que foi victima o Duque de Bragança D. Fernando II seu irmão, passou com sua familia ao Reino visinho. De seus filhos D. Sancho de Noronha terceiro Conde de Odemira, D. Francisco de Faro, D. Fernando de Noronha Senhor do Vimieiro[1], D. Guiomar de Portugal mulher de D. Henrique de Aragão primeiro Duque de Segorbe, e D. Mecia Manoel mulher de D. João de Lacerda segundo Duque de Medina-Celi, descendem muitas das casas mais notaveis pela illustração historica, em Portugal e na Corôa *Catholica;* mos não resta hoje successão varonil dos Condes de Faro. Estudou *Fradique* em Salamanca, seguiu o vida Ecclesiastica, e pelo affecto, que lhe consagravam os Reis *Catholicos*, subiu á Cadeiro Pontifical de Calahorra, successor de Jayme Serra, quo morreu Bispo Cardeal Prenestino: dessa Igreja foi trasladado por fallecimento de João Rodrigues de Medina em 30 do Janeiro de 1507: desta á de Siguença, de quo tomou posse om 12 do Março de 1512; desta foi promovido á *Metropolitana de Ceragoça*, do quo tomou posse em 12 de Abril de 1532, e nella celebrou Synodo no 1.° de Julho do anno seguinte. Consta du *Arcebispo Fradique* ser homem de erudição; e de sua piedade deixou monumento na Capella magnifica de Santa Liberata, que mandou construir na Cathedral de Siguença, para a qual fez o traslodação da gloriosa Martyr em 15 de Julho de 1537, e lá se mandou sepultar, dotando-a para seu Culto e Missa diaria. O Imperador Carlos V lhe encarregou o governo da Catalunha com o titulo de Vice-Rei. Falleceu om 6 de Janeiro de 1539, e jaz no monumento, que sua devoção produziu.[2]

H

Benevento.

Na costa do Adriatico, cento e cincoenta mil passos ao oriente de Roma, entre os rios Calore e Sabato, sôbre uma collina se ergue a cidade de *Benevento*, no paiz dos antigos Samnites: sua fundação

[1] Tem sangue deste Cavalleiro o Conde de Barbacena, que administra o Morgado instituido pelo Venerando *Fradique de Portugal*, e é actualmente seu successor immediato o herdeiro da Casa de Lumiares, por descenderem ambos dos primeiros Condes da Ilha do Principe.

[2] GIL GONÇALVES DE AVILA *Theatro Ecclesiastico de las Iglesias Metropolitanas y Catedrales de los Reynos de las Castillas* — SOUSA *Historia Genealogica da Casa Real Portugueza*. Um retrato de meio corpo sem nome.

se elava a tres seculos antes de Roma; e crê-se, que, expulsos os Sabellos seus fundadores, e arrazada ella, Diomedes a reedificára no mesmo logar; que se chamára então *Milezia*, depois *Samnio;* e que por causa de soffrer muito do vento lhe pozeram o nome de *Molevento:* este comtudo lhe foi mudado pelos Romanos em *Benevento*, desde que a fizeram *Colonia;* e com varia fortuna passou do dominio desses ao dos Lombardos, Gregos, Normandos, e por fim ao do Summo Pontifice. S. Pedro enviou a esta cidade Prégadores Evangelicos, que por sua ordem collocaram nella Cadeira Pontifical, e se conservou Suffraganea; mas a Santa Sé em 668 lhe concedeu o privilegio de isenção, unindo-lhe cinco outras Igrejas, de que o *Beneventano* foi administrador: em 944 lhe confirmou essa isenção; e assim passaram as cousas até 969, em que elle por concessão Apostolica recebeu o foro *Metropolitano*, o titulo *Archiepiscopal*, e o Pallio com jurisdicção sôbre dez Igrejas: de presente gosa semelhante fôro sôbre onze Suffraganeos.

Benevento tem um logar distincto nos annaes do Christianismo pelo sangue dos Martyres, de que contarei *S. Januario Bispo*, *S. Festo Diacono*, *Euthyquio* e *Acacio*, que padeceram por *Christo* nas perseguições de Deocleciano; pela santidade de muitos Confessores, entre os quaes não tem último logar muitos de seus *Prelados*. Destes referirei alguns successores do glorioso *S. Januario*, como foram *Theofilo* um dos Padres do Synodo Romano de 313, *S. Doro*, *Santo Apolonio*, *S. Cassiono*, e *S. Januario II*, que esteve no Synodo Sardicense; *S. João*, *S. Thammaro*, *S. Sophias*, *S. Marciano*, *S. Zozimo*, que deixou esta vida em 563; *S. Barbato*, a quem a Santa Sé privilegiou em 668; *Urso*, que, governando esta Igreja, trasladou da cidade de Alifo os corpos dos Martyres Santa Felicidade e seus filhos pelos annos 833; *João III*, que em 944 alcançou a confirmação do privilegio da sua Sede; *Landolpho I Arcebispo*; *Uldarico* eleito em 1053; *S. Milo*, que celebrou Synodo em 1075 na sua Cathedral; *Lombardo*, companheiro de S. Thomaz de Cantuaria no desterro, eminente pelo seu zêlo e piedade, e peritissimo nos Sagrados Canones; *Pedro Pino*, que promulgou bôas constituições em 1352; *Donato de Aquino*, recommendavel pelas suas virtudes, que morreu em 1416; o Cardeal *Alexandre Fornese*, que na Cadeira de Pedro se chamou Paulo III; *Fr. Vicente Maculano* Cardeal do S. Clemente, insigne pelo seu zêlo e exemplo, eleito em 1641; e actualmente o Cardeal *Domingos Carafa* desde 22 do Julho de 1844.

58.°

VENERANDO FRANCISCO MARIA BANDITI.—Nasceu este Prelado de uma familia nobre em Rimini o 9 de Setembro de 1706: tomou a roupeta dos Clerigos Regulares Theatinos; e depois de fazer seus estudos e receber o Sacerdocio, aproveitou nas virtudes e em doutrina, de modo que foi elevado a Cadeira Pontifical de Montefiesconi; depois em 29 de Maio de 1775 o promoveu S. Santidade a *Metropole Beneventina*, e em 13 de Novembro desse anno lhe deu a Purpura com o titulo Presbyteral de S. Crysogono. Entrou deputado nos Congregações dos Bispos e Regulares, da Immunidade, Ritos, e Indulgencias; e havendo pastoreado por largos annos nas duas Igrejas, que Deos commetteu aos seus cuidados, morreu em 27 de Janeiro de 1796.[1]

X

Aix.

Na famosa região da França, ao oriente do Rhodano nas margens do Are, e pelo norte de Marselha está assentada a cidade de *Aix*, que o Consul Caio Sexto Calvino 123 annos antes de *Jesus Christo* fundou, depois de ter lá vencido os Salios, e haver levantado quarteis de inverno, e lhe chamou *Aquas Sextias*, pelas aguas quentes e frias, e do seu nome. Durante o imperio Romano foi capital da segunda Narbonense, e depois residencia dos Soberanos da Provença. *Aix* recebeu de *S. Maximino* um dos setenta e dois discipulos de *Jesus Christo*, e que foi seu primeiro Bispo, a luz do Evangelho: muito tempo foi suffraganea, ainda depois de se dividir em duas provincias a Narbonense ao comêço do seculo V, porque nem então gosou os foros de *Metropole:* separada no civil da Narbona, porque esta pertenceu aos Godos, o seu Prelado não reconheceu mais sujeição alguma ao daquella; mas pelo fim desse mesmo seculo o Papa S. Simaco a sujeitou ao Arlatense: entretanto era já cabeça de provincia Ecclesiastica em 794, e tinha seis suffraganeas, das quaes se diminuiu uma, a de Antibo, por se trasladar a Grace em outra provincia: actualmente das antigas conserva Frejus e Gap, e se lhe uniram Ajaccio, Digne, Marselha, Argel, e Tanger. Entre os Prelados desta *Igreja*, que merecem particular memoria, depois de *S. Maximino*, são os seguintes: *S. Basilio*, pelo meado do seculo V; *Pedro I*, na primeira metade do seculo XI; *Pedro II*, que no fim desse seculo se achou no Synodo do Clermont, no qual se decretou a primeira Cruzada; o Cardeal *Vicedomino*, morto em 1276; *Rostagno de Noeis*, que celebrou Synodo provincial em 1285 na cidade de Riez; o Cardeal *Pedro do Prado*, que morreu de peste em 1361; o sabio *Gilberto Genebrardo*, sagrado em 1592; *Paulo*, defensor da authoridade Ecclesiastica, que morreu piamente em 1624; *Jeronymo Grimaldi*, que foi um dos Pastores mais dignos, que teve *Aix;* e que morreu em cheiro de santidade em 1685. Actualmente governa esta Igreja *Pedro Maria José Darcimoles*, que da Episcopal de Puy a ella foi trasladado em 12 de Abril de 1847.

59.°

VENERANDO FR. PEDRO AUREOLO.—Nasceu este Prelado em França no logar de Verberia, sôbre o rio Izara da Diocese de Soissons: recebeu o habito da Ordem dos Menores: estudou na Universidade de Paris, em que tomou o grão de doutor; e obteve o nome de *fecundo:* foi dos homens do seu tempo o

[1] *Notizie di Roma per l'anno* 1780—MORONI *Dizionario*. Um retrato de corpo inteiro.

mais erudito nas sagradas Escripturas, e na Philosophia Aristotelica: na sua religião teve o cargo de Provincial da Aquitania, de que a Santa Sé o elevou á dignidade de *Arcebispo da Santa Igreja Metropolitana de Aix* em 27 de Fevereiro de 1321, dando-o por successor de Pedro IV, que investira da Purpura; e lhe enviou o Pallio a 20 de Junho seguinte. Não se diz o anno da sua morte, nem mesmo quando renunciou; porém é certo, que Jayme seu successor morreu em 1329, e elle ainda em 1345 publicava a sua excellente obra *Breviarum Bibliorum:* seja porém isto como fôr, *Aureolo* deixou nome illustre nos seus escriptos, de que aquella obra, o *Tractado da Conceição Immaculada da Santissima Virgem*, e o da *Exposição da Epistola de S. Bernardo aos Conegos de Leão*, sem dúvida não tem o menor logar.[1]

O

Lisboa.

Sôbre a margem septentrional do Tejo, proxima aos cabos Barbario e da Lua, por entre os quaes esse rio vai confundir-se no Oceano com setenta e quatro, que nelle desaguam, tem assento a última cidade da Europa, *Alis-Ubbo*, colonia Fenicia, que os Romanos disseram *Olissipo:* essa cidade, que já foi grande e ostentou um podêr extraordinario, quando Vasco da Gama dobrou o Cabo das Tormentas, Pedro Alvares Cabral descobriu o Brasil, e Affonso de Albuquerque fez tremer a Azia. Do mão dos Syrios passou á dos Carthaginezes, destes ao dominio Romano, que a fizeram Municipio de seus cidadãos, e juntaram a seu nome o de *Felicidade Julia:* extincto o imperio dos Cezares, entrou no senhorio dos Godos, e depois dobrou a cabeça diante do alfange do mussulmano, de que a corrupção veiu até ao nome « *Lisbona* » mas em 1147 permittiu Deos, que fôsse restituida aos Christãos por esfôrço do illustre Affonso Henriques, primeiro Rei de Portugal: um pouco mais tarde, no reinado de D. Diniz, foi levantada por cabeça desta Monarchia, e de presente gosa essa dignidade.

Mais insignes são as suas memorias em relação ao Christianismo, porque no tempo dos Apostolos recebeu a nova do Evangelho pelos discipulos de S. Paulo, que elle prégou na Hespanha central, e desde então teve Bispo, que apascentasse os seus fieis como bom pae; porque foi regada com o sangue dos veneraveis Martyres e Santos irmãos Verissimo, Maximo, e Julia, que na perseguição do Diocleciano padeceram por ordem do barbaro presidente Daciano, e de que os corpos se depositaram na Igreja de Santos, ao occidente da cidade, e lá perseveraram até ao fim do seculo xv, quando foram trasladados para o novo Mosteiro da Ordem de S. Thiago ao oriente; porque dentro dos limites da sua Diocese recebeu a palma a Santa Ignez em 653 por conservar intacta a puresa virginal; porque no anno 665 recolheu *Theodorico* seu Bispo os despojos sagrados do Martyr S. Felix no templo de Chellas, que tendo antes sido dedicado pelos Fenicios ao fogo, os Romanos pozeram nelle Vestaes: por fim se consagrou a Deos, e teve culto, do mesmo modo que o de Santos, no tempo Arabe: ahi houve Claustro de Regulares, e adiante, como hoje, de Virgens Conegas da Ordem de Santo Agostinho; porque depois da sua restauração veiu ao Téjo milagrosamente desde o promontorio sacro o corpo de S. Vicente Martyr, e se depositou em sua Cathedral; porque foi patria de Santo Antonio, e de muitos Confessores de *Christo;* e porque nella instituiu Fr. Miguel de Contreiras, auxiliado pela Rainha D. Leonor, e por ElRei D. Manuel seu irmão, a Confraria da Misericordia, que na prática da mais sublime virtude Christã só teve igual nas creações de S. Vicente de Paulo.

Em 1394 a Santidade de Bonifacio IX, separando esta Igreja da *Metropole Iriense*, a quem estava sujeita como antes á de Merida, a instancia de ElRei D. João I a elevou a cabeça de provincia Ecclesiastica, dando-lhe por suffragantes Lamego, Guarda e Evora, que tambem por esse tempo pertenciam aquella *Metropole*, e a de Silves, que então estava sujeita á de Sevilha: posteriormente largou aquellas do sul do Téjo, e adquiriu Leiria e Portalegre na sua erecção, e outras no Ultramar: hoje tem no continente aquellas de Lamego, Guarda, Leiria, e Portalegre, com a moderna de Castello Branco, e no Ultramar as do Funchal, Angra, Loanda, Cabo Verde, e S. Thomé. Parecia que a necessidade era restaurar Merida; mas não se fez assim: dentro de sua provincia se levantaram duas *Metropoles*, porque o podêr temporal o requereu; entretanto o mais é a erecção da Patriarchal! Os Santos Padres Clemente XI e XII condescenderam com a piedade de ElRei D. João V, que eu louvo de bom Rei, mas persuado-me, que lhe fizeram ter vontade de se divertir á custa das cousas da Igreja: primeiramente dividiu-se Lisboa em duas *Metropoles*, oriental e occidental, a Séde daquella seria a antiga Cathedral, e a desta a Capella Real de S. Thomé; aquella teria o titulo *Archiepiscopal*, e seria vacante, e esta o *Patriarchal!* O Patriarcha, dentro mesmo de qualquer Diocese, que pelo foro *Metropolitano* lhe não fôsse sujeita, preferiria a todos os *Arcebispos* e Bispos do Padroado da corôa de Portugal, por isso o proprio Bracarense seria Cardeal nato, e traria sobrehumeral debaixo do Pallio: o seu Cabido seria composto de Principaes, que dentro da Igreja vestissem de encarnado, divididos em tres classes, Primorios, Presbyteros, e Diaconos, e d'entre elles os Sacerdotes usariam Mitra; além disso haveria Monsenhores Prelados, a quem seria permittido, Protonotarios e Acolytos; e, fóra destes, Conegos e outros Ministros! Todas as Igrejas do reino foram quotisadas na terça de suas rendas, com detrimento de seu Culto, para augmentar o da Patriarchal! Posteriormente a Santidade de Bento XIV reuniu em uma as duas *Metropoles*, confirmando quanto se havia estabelecido.

Entre os Prelados mais illustres de *Lisboa* conto os seguintes: *Potamio*, companheiro do veneravel Ozio de Cordova, e que de nenhum modo se fez credor do máo nome, que Marcellino e Faustino lhe quizeram dar em seu memorial, antes foi defensor da doutrina da Igreja e de Santo Athanazio; *Paulo*, um dos Padres do terceiro Synodo Toledano; e *Theodorico*, que depositou em Chellas o corpo de S. Felix.

[1] Wadingo *Annales Minorum* — Boulay *Historia Universitatis Parisiensis* — Fr. Joannes a S. Antonio *Bibliotheca Universal Franciscana*. Um retrato de corpo inteiro.

Durante o captiveiro Arabe cessou a memoria dos Prelados, mas não a do Culto; e logo depois de conquistada a cidade pelos Christãos, *Gilberto* restaurou a Cadeira Pontifical, e se lhe seguiram, entre outros, *João Eanes*, último Bispo e primeiro *Arcebispo*, a quem a Santidade de Bonifacio IX deu o *Pallio* em 4 de Abril de 1393; o Cardeal da *Azambuja*, e *Jayme de Portugal*; o bom *Affonso* Infante; *Miguel de Castro*; *Rodrigo da Cunha*, e o piedoso *João de Sousa*; *Jose Manoel* 2.° Patriarcha; *Jose Francisco de Mendonça*, e *Carlos da Cunha*, que ambos se esforçaram por fazer tal ou qual resistencia ás exagerações do podêr temporal. Actualmente preside nesta *Metropole Guilherme Henriques de Carvalho* desde 24 de Novembro de 1845.

60.°

Veneravel AFFONSO NOGUEIRA. — Nasceu este Prelado em Lisboa filho de Affonso Eanes *Nogueira*, administrador do Padroado e Morgado de S. Lourenço desta cidade e Alcaide-mor della, e de sua mulher Joanna Vaz de Almada: teve irmã, Violante *Nogueira*, mulher de João Affonso de Brito[1]: estudou na Universidade de Lisboa, e depois na de Bolonha, em que recebeu o grao de doutor: ordenou-se Sacerdote, e, desejando aproveitar no caminho da piedade, seguiu o Mestre João, que depois foi Bispo de Lamego, e então reunin alguns Ecclesiasticos para fazerem vida austera e commum no Mosteiro de Villar de Frades: passou a S. Jorge da Alga em Venesa a instruir-se no modo de vida dos Conegos desta santa Casa, e della trouxe as constituições e forma de habito, que elle e seus companheiros professaram. Vagando, pela morte de Luiz Coutinho, o Bispado de Coimbra, a fama da virtude e letras de *Affonso Nogueira* o elevou a essa Igreja no anno 1453, e della foi promovido a *Metropole* Olisiponense, por morte do Cardeal *Jayme* e Bulla do Santo Padre Pio II de 17 de Setembro de 1459. Em ambas as Igrejas se manifeston um Prelado exemplar, e acabou a vida piamente em 16 de Setembro de 1764.[2]

61.°

Venerando THOMAZ DE ALMEIDA. — Nasceu este Prelado em Lisboa a 11 de Setembro de 1670 filho dos segundos Condes de Avintes D. Antonio de *Almeida* Portugal, e D. Maria Antonia de Bourbon: teve irmãos, D. Luiz de *Almeida* Portogal 3.° Conde d'Avintes, e D. João de *Almeida*, dos quaes ha illustre descendencia. Foi *Thomaz d'Almeida* Porcionista do Collegio de S. Paulo da Universidade de Coimbra, e tomou o grão de doutor em Canones: em 21 de Julho do 1695 entrou Deputado da Inquisição, depois foi Desembargador da Relação do Porto e de Agravos da Casa da Supplicação, Deputado e Procurador da casa da Rainha, Deputado da Mesa da Consciencia e Ordens, Chanceller-mor do Reino, Secretario das Mercês e Expediente, Secretario de Estado, e Provedor das Obras do Paço: na Ordem Ecclesiastica teve o Priorado de S. Lourenço do Lisboa, e, sendo eleito Bispo de Lamego o largando todos os cargos civis e aquella Parochia, foi sagrado a 3 de Abril do 1707, donde no anno 1709 a Santa Se o trasladou ao Porto, e no governo desta Igreja lhe deu ElRei D. João V o das Armas e das Justiças, que, a meu entender, são empregos pouco conformes ao Episcopado, posto que a Igreja por necessidade os tolere, e os agraciados, por ambição e espirito humano, os requeiram ou aceitem.

Mais adiante eleito Patriarcha de *Lisboa*, e confirmado pela Santa Sé, fez a sua entrada publica nesta *Metropole* a 13 de Fevereiro de 1717: foi o primeiro, que teve essa dignidade, e aceitou a de Capellão-mor: a 20 de Dezembro de 1737 o Santo Padre Clemente XII lhe deu a Purpura Presbyteral; e depois de governar esta Igreja, em 27 de Fevereiro de 1754 passou da vida terrena, e lhe deram sepultura na Capella-mór da Igreja da Casa Professa de S. Roque. Toda a sua vida se mostrou varão de bons costumes, e nas Igrejas a, que presidiu foi um Prelado exemplar.[3]

62.°

Venerando Fr. PATRICIO DA SILVA. — Nasceu este Prelado na Freguezia do Arrabalde de Leiria a 15 de Outubro de 1756, filho de Jacintho da Fonseca e Silva e de Theresa Ignacia de Sousa; e teve, entre outros irmãos, 1.° Joaquim Nicoláo da Silva da Fonseca Commendador da Ordem de Christo e Escrivão da Camara na Mesa do Desembargo do Paço, que não deixou posteridade; 2.° D. Ignacia Felicia da Fonseca e Silva mulher de Antonio da Cruz Ribeiro[5]: foi educado, e recebeu a primeira instrucção

[1] Destes descendeu por varonia D. Maria Xavier de Lima, 13.ª Viscondessa de Villa Nova da Cerveira, que em 1720 casou com Thomaz da Silva Telles filho dos segundos Marquezes de Alegrete; e deste casamento ha hoje descendencia varonil no actual Marquez de Ponte de Lima, representante desta Casa, e no actual Marquez de Niza, representante do grande Vasco da Gama. A Viscondessa D. Maria Xavier de Lima era filha de D. Thomaz de Lima Vasconcellos Brito e Nogueira, 12.° Visconde, e descendente de D. Diogo de Lima Brito e *Nogueira*, 8.° Visconde, irmão inteiro de D. Luiz de Lima, 1.° Conde dos Arcos, e ascendente de D. Manoel de Noronha e Brito, 9.° e actual Conde deste titulo.

[2] Paulo João *Novo Memorial do Estado Apostolico* (original do Archivo Nacional da Torre do Tombo) — Francisco da Santa Maria *Céo Aberto na Terra* — Pereira de Figueiredo *Lusitania Sacra*. Um retrato de corpo inteiro.

[3] Do 3.° Conde de Avintes descendem D. Antonio de *Almeida* Portugal Soares de Alarcão Mello Castro Athaide Eça Mascarenhas Silva e Lancastre 5.° e actual Marquez de Lavradio, e seu irmão D. Francisco de *Almeida* Portugal 2.° Conde de Lavradio: de D. João de *Almeida* descende hoje, e tem larga successão, D. João Francisco de Paula de *Almeida* e Silva Sanches de Baena Farinha Trinchante-mór.

[4] Guarnacci *Vitae et Res Regestae Pontificum Romanorum et S. R. E. Cardinalium* — Sousa *Memorias Historicas e Genealogicas dos Grandes de Portugal* — Pereira de Figueiredo *Lusitania Sacra* — Moroni *Dizionario*. Dois retratos de meio corpo.

[5] Estes tiveram filho Antonio Luiz Ribeiro da Silva da Fonseca Cavalleiro das Ordens de Christo e Conceição, con-

no Claustro dos Eremitas Calçados de Santo Agostinho da cidade natal; e o seu elevado talento, inclinação ao estudo, e muita docilidade no trato, moveram os Religiosos a quererem tê-lo por companheiro, em quanto elle, por sua parte, ardia em desejos de vestir o santo habito; por isso, em os manifestando, lhe foi concedido, e com muita consolação emittiu os votos solemnes. Em 21 de Dezembro de 1780 recebeu o Sacerdocio; a 20 de Julho de 1785 fez exame privado na faculdade de Theologia da Universidade; tomou o grão de doutor logo depois; e leu com applauso geral as cadeiras mais difficeis da sagrada sciencia. Teve os cargos de Reitor do Collegio da sua Ordem em Lisboa, de Pregador regio e da casa do Infantado, censor do Patriarchado, e deputado da junta do melhoramento: foi Socio da Academia Real das Sciencias, Professor de Theologia do Seminario de Santarem, e Inspector dos Estudos da Diocese Olisiponense pela Authoridade Ordinaria.

Sendo eleito Bispo de Castello Branco em 13 de Maio de 1818, se lhe fez o processo canonico em 27 de Abril de 1819; mas não teve effeito por ser apresentado na Igreja de Evora em 3 de Maio desse anno, pelo que se lhe fez novo processo em 2 de Dezembro, e Sua Santidade o confirmou depois a 21 de Fevereiro de 1820. Foi sagrado na Igreja de Nossa Senhora da Graça de Lisboa a 30 de Abril deste ultimo anno, e a 27 de Setembro de 1824 o Santo Padre Leão XII lhe deu a Purpura Presbyteral. Elevado á Metropole Eborense, teve no seculo as dignidades de ministro e secretario do estado dos negocios ecclesiasticos e de justiça, conselheiro de estado, e regedor das justiças. Havendo fallecido em 24 de Dezembro de 1825 o Cardeal Carlos da Cunha Patriarcha de *Lisboa*, e eleito seu successor *Fr. Patricio da Silva*, a Santa Sé, por Bulla de 13 de Março de 1826, o apresentou nesta *Metropole*, onde presidiu até 3 de Janeiro de 1840, em que passou desta vida, e jaz em S. Vicente de Fora. A honestidade de costumes, que o tornou exemplar em toda a sua vida, é digna do mais alto elogio: a prudencia, com que regeu as duas Igrejas em tempos difficilimos, e as tribulações, que n'uma idade provecta experimentou com resignação, fazem illustre sua memoria posthuma. De seus estudos conservam-se poucos escriptos, mas bastam a sua pastoral da entrada em Evora, e a ultima, em que elle se considerou proximo da eternidade, para o qualificar um varão sabio e pio.[1]

P

Evora.

Na Luzitania, ao sul do Tejo, em um monte elevado, jaz a antiga *Evora*, cercada, pelo oriente e norte da serra de Ossa: deveu sua origem aos Phenicios, que a chamaram, pela fertilidade de suas terras, *Ibura:* corrompeu-se essa voz em *Ebura, Ebora*, e por ultimo em nossa linguagem *Evora:* Sertorio, depois de levantar a Hespanha contra Roma, acceitando a divisão das duas provincias feita pela Republica, estabeleceu a capital da Ulterior nesta cidade; mas essa grandesa terminou com a sujeição a Roma; e pouco a diante, formando a Luzitania uma nova provincia, *Evora*, com todas as cidades della, ficou debaixo do dominio de Merida, que Augusto mandou fundar nas ribeiras do Guadiana. Foi *Evora* Municipio do direito Italico, e Cezar lhe deu o titulo de *Liberdade Julia:* com varia fortuna passou esta cidade até ser resgatada do podêr mussulmano em 1166 por ElRei D. Affonso Henriques, e encorporada a Monarchia Portugueza: como no tempo dos Romanos, e no dos Godos, em que deveu particulares cuidados aos Soberanos, posteriormente lhe mostraram desvêlos nossos Principes.

Em *Evora* raiou a luz do Evangelho em tempo dos Apostolos, e teve Cadeira Pontifical desde então, recebendo esses beneficios celestiaes de *S. Paulo*, ou de seus discipulos: na perseguição de Diocleciano deu ao Christianismo tres illustres Martyres, os irmãos *Vicente, Sabina*, e *Christeta*, que receberam a palma das mãos de Daciano; e mais tarde, no seculo v, senão no vi, a perfidia Judaica fez padecer por *Jesus Christo* a *S. Manços:* do mais destes tornou-se gloriosa esta cidade por outros servos de Deos, que nella tiveram seu berço, ou a illustraram com o exemplo de suas heroicas virtudes. O empenho de augmentar Dioceses e *Metropoles*, desnecessarias no conceito regionario, e com respeito á população, mas urgentes para augmentar o numero de vassallos do podêr temporal no Summo Sacerdocio, fez de *Evora* cabeça de uma provincia Ecclesiastica: depois, que a Hespanha se dividiu em differentes estados, retalharam-se Bispados, augmentaram-se, e constituiram-se *Metropoles*, com o unico fim de acommodar as Igrejas aos limites desses estados: nem da divisão, nem do augmento apparece outra rasão fundamental: com quanto da parte dos Soberanos no postolado não houvesse essa rasão, porque sua piedade lh'a impediria, similhante pensamento teve alguem; e, apesar de que o Summo Pontifice pode fazer na Igreja as mudanças disciplinares, que lhe aprouver, do mais disso não obra em tempo algum, senão com a intenção do maior bem do Christianismo, é comtudo certo, que as premissas de similhantes postolados teem sido enganosas (intenda-se, como outras vezes, que a questão é sôbre factos): deixando isto, direi, que a instancia de ElRei D. João III, o Santo Padre Paulo III isentou a Igreja de *Evora* da *Metropole* Olisiponense, e a constituiu cabeça de uma nova provincia Ecclesiastica, composta das Dioceses, de Faro e Ceuta, por Bulla de 24 de Setembro de 1540: depois se lhe reuniu Elvas; e actualmente suas suffraganeas, Faro, Elvas, e Beja.

decorado com a medalha de Monte-Video, Capitão do Exército, e Moço Fidalgo com exercicio no Paço, a quem ElRei fez mercê da sobrevivencia do Officio de seu tio Joaquim Nicoláo, do qual era herdeiro. Falleceu Antonio Luiz, deixando de sua mulher D. Carolina Albertina Gyryni, natural de Lisboa, os seguintes filhos: 1.º Eduardo Augusto Ribeiro da Silva representante da casa; Antonio Leopoldino Ribeiro da Silva, que serve no exército; D. Guilhermina Ribeiro da Silva, que vive solteira; D. Brisida Ernestina mulher de Antonio Corrêa da Silva; e D. Maria Eduwiges mulher de João Lucio de Gouvêa Alferes de caçadores.

[1] *Livro dos actos e grãos da Universidade do anno* 1785 — *Processos Canonicos* para Castello Branco e Evora — Archivo Nacional *Maço* 59 *de Bullas* n.º 9 — *Notizie di Roma*, annos 1825, 1826, 1845 — *Cartas* do Sr. Antonio Feliciano Muchos Barba de Vasconcellos *datadas de Leiria* a 22 *de Maio e* 18 *de Junho de* 1852. Um retrato de corpo inteiro.

Quinciano Bispo de *Evora* foi um dos Padres do Synodo de Eliberi ao raiar do seculo IV: seguiram-se, entre outros, *Julião*, que morreu piamente em 566; *Jozimo*, quo esteve no Synodo 3.º de Toledo; *Pedro*, um dos Padres do Synodo Provincial de Merida do 666; o *Arconcio*, que assistiu ao Synodo 16.º de Toledo. Cessa depois deste último a momoria dos Prelados *Eborenses*, até ser restaurada a cidade no seculo XII. Em 1166 apparece *Sueiro*: vieram depois interpoladamente *João Affonso de Brito*, trasladado a Lisboa em 1326; *Affonso*, que entron em 1348, e acudiu como verdadeiro Pastor ás suas ovelhas afflictas pelo terrivel flagello da peste; e *Vasco Perdigão*, fundador dos Mosteiros de Nossa Senhora do Espinheiro e de Santa Clara, que falleceu em 1463. Entre os *Arcebispos* mencionarei, como successores do Cardeal Rei, a *João de Mello*, quo celebron Synodo Provincial em 1574; ao Veneravel *Theotonio de Bragança*, que morren em 29 do Julho de 1602; á *Diogo de Sousa*, que celebrou Synodo Provincial, e falleceu om 1678; a *Fr. Domingos de Gosmão*, que morreu em 1689; e a *Joaquim Xavier Botelho de Lima*, sagrado na terceira Dominga da Quaresma de 1784. De presente é *Arcebispo de Evora* desde 24 de Novembro de 1845 *Francisco da Mãe dos Homens Annes de Carvalho*.

63.º

Veneravel HENRIQUE Infante e Rei de Portugal.—Nascen este Prelado em Lisboa a 31 de Janeiro de 1512, filho oitavo de ElRei D. Manuel e setimo de sua segunda mulher a Rainha a Senhora D. Maria: sua educação e estudos se regularam com destino no estado Ecclesiastico, em que entrou aos quatorze annos de idade, e foi logo provido no Priorado do Mosteiro do Santa Cruz de Coimbra, que mandou reformar por Fr. Braz de Barros. Vagando a *Metropole* Bracarense por morte do *Arcebispo* Diogo de Sousa, foi *Henrique* eleito seu successor, e confirmado por Bulla de 30 do Abril de 1533: tendo recebido o Santo Episcopado, se lhe lançou o Pallio, que o Summo Pontifice Clemente VII lho conferiu em 7 do Agosto desse anno: junton Synodo em 1537 a 14 de Setembro, e nelle foram publicadas as constituições, quo se imprimiram no anuo seguinte; o no anuo 1539 fez dar á luz um Sacramental em Portuguez, traduzido das obras de Clemente Sanches de Vercial Arcediago de Valdera na Igreja de Leão. Pela renúncia do cargo de Inquisidor Geral, que nelle fez o Bispo Fr. Diogo da Silva, entrou a servir em seu logar desde 3 de Junho de 1539; e erecta em *Metropole* a Igreja de *Evoro* no anno 1540, renuncion a de Braga, em quo entrava o Bispo Fr. Diogo da Silva seu antecessor na Inquisição, e passou a ser confirmado naquella. Estando já em *Evora*, a Santidade de Paulo III, na nova creação de Cardeaes a 16 de Dezembro de 1545, lhe deu a Purpura com o titulo dos *Santos Quatro Coroados*; e depois, em 1553, o nomeou Legado *a latere* em Portugal o Santo Padre Julio III, que por morte daquelle Summo Pontifice foi eleito no conclave de 1550, em quo *Henrique* teve muitos votos para a Theara.

Governou a *Metropole Eborese* até 1564, om quo por morte do *Arcebispo* de Lisboa Fernando de Vasconcellos, sendo eleito para esta Igreja, renunciou aquella, succedendo-lhe João de Mello. Esteve na Cadeira Pontifical de Lisboa até 1569, om quo a renunciou depois de haver celebrado nella Synodo Provincial em 1566. Era então Regente do Reino, na menoridade de ElRei D. Sebastião, e tinha em commenda a Abbadia de Alcobaça, o outras da Ordem de S. Bento; apesar disso, fallecendo seu successor em *Evora* no anuo 1574, S. Pio V o confirmou outra vez nessa *Metropole*.

Havendo nomeado Coadjutor a seu sobrinho Theotonio de Bragança, o Santo Padre lh'o confirmou com o titulo de Bispo de Fez, por Bulla de 28 de Junho de 1578; o, por succeder no Throno á morte de ElRei D. Sebastião filho do Principe D. João e neto de ElRei D. João III seu irmão, em 28 de Agosto desse anno, renuncion a *Igreja Eborense*, o depois morreu em 30 de Janeiro de 1580. Deixon este Prelado memória illustre nas Igrejas, em que presidiu, pela regidez, com que fazia observar os Canones; nos bons estudos, quo fundou em *Evora*; e no Seminario de Santa Catharina, que fez erigir em Lisboa. Comprazia-se de ser Sacerdote, celebrando todos os dias o Santo Sacrificio, e do ter commercio com os homons doutos do seu tempo. Algumas vezes o seu zêlo foi excessivo; e talvez mesmo empregou rigor, que não devêra, na Inquisição, onde mais se precisavam empregar penas espirituaes, que outras; mas como eu considero este tribunal propriamente um instrumento dos podéres da terra, e propriamonte politico, separarei aqui o Bispo do Inquisidor; louvarei aquello, porque louvor merece, o censurarei este par ter invocado o nome do *Jesus Christo* para dar sentenças, que os olhos de um Christão se horrorisam do ler. Maldicta seja a infernal escola juridica, a quem pertence o invento! O corpo de Henrique foi levado ao Mosteiro de Belem, e sôbre seu sepulchro se poz esta lenda:

HIC JACET HENRICUS GEMINO DIADEMATE CLARUS,
QUOD PATRIO SCEPTRO PURPURA JUNCTA FUIT.
CONDITUR, ET REGNUM PARITER CUM REGE SEPULTUM,
UT FORET IMPERII VITAQUE MORSQUE SUI.[1]

64.º

Veneravel Fr. LUIZ DA SILVA.—Nascen este Prelado em Lisboa a 27 de Outubro de 1626, filho illegitimo de Francisco da *Silva* Clerigo e Deputado da Inquisição de Lisboa, que era irmão legitimo

[1] Aubery *Histoire Generale des Cardinaux*—Ciaconius et Oldoinus *Vitae et Res Gestae Pontificum Romanorum et S. R. E. Cardinalium*—Eans *Purpura docta*—Sousa *Historia Genealogica da Casa Real Portugueza*—Manoel Fialho

de Fernando Telles da *Silva*, 1.º Conde de Villar-maior, e ascendente na varonia de outro do mesmo nome, actual Marquez de Penalva: entrou na Ordem da Santissima Trindade a 29 de Junho de 1641, e professou no anno seguinte em 31 de Outubro: estudou com assiduidade e proveito, pelo que o destinaram á vida do Magisterio, e nelle sabiu tão bom professor, como excellente no Pulpito, e disso deu provas em seus escriptos: havendo sido Reitor do Collegio Trinitario de Coimbra e Mestre Presentado na sua Religião, a 14 de Outubro de 1668 foi eleito Bispo Coadjutor de Braga sem effeito, porque, nomeado depois para Pontificaes da Capella Real, a Santa Sé lhe deu confirmação com titulo de Ticiopoli no 1.º de Julho de 1671, e o sagrou na Igreja do Mosteiro da Santissima Trindade Luiz de Sousa Bispo de Hippona Capellão-mór em 30 de Agosto desse anno: no 1.º de Março de 1673 passou a Deão da mesma Capella; e a 9 de Julho de 1674 tomou posse de um logar de deputado da junta dos tres estados, de que teve mercê: a 16 de Setembro de 1676, eleito Bispo de Lamego, obteve confirmação em 8 de Março do anno seguinte, e tomou posse a 29 de Maio: nesta Igreja susteutou além de mil pobres por mais de seis mezes na escassez dos fructos: visitou os logares mais remotos da Diocese, em que distribuiu esmolas com mão larga: fez uma nova Capella na Cathedral para o Santissimo Sacramento, que ornou com reliquias enviadas de Roma pelo Cardeal Vigario: portou-se como bom propugnador da liberdade Ecclesiastica, compoz um livro em defesa de sua jurisdicção Ordinaria, e mandou imprimir as Constituições do Bispado. Em 8 de Setembro de 1684 foi eleito para a Igreja da Guarda, e a Santa Sé o apresentou nella desligando-o do vinculo de Lamego em 9 de Abril de 1685: nesta Igreja continuou soccorrendo os pobres[1], e como bom Pastor exercitava o Santo Ministerio do Pulpito com assiduidade: zeloso pelo culto, concluiu o templo Parochial de S. Miguel, e mandou fazer o retabulo da Capella-mór e pintar o tecto da outra de Santa Maria do Castello, da então villa de Castello Branco.

Em 5 de Janeiro de 1691 ElRei o elegeu *Arcebispo de Evora*, em que foi confirmado a 27 de Agosto; e tomou posse a 7 de Novembro desse anno por seu Coadjutor o Bispo de Targa Fr. Bernardino de Santo Antonio: recebeu o Pallio a 13 de Janeiro do anno seguinte, e a 23 deste mez entrou na sua nova Igreja. Procurou reformar abusos e remediar escandalos, e para o fazer deu, como costumava, exemplos de virtude, fazendo vida regular e austera com os seus Clerigos a modo de um claustral: apresentou mansidão Evangelica, e assistia ou officiava com a maior devoção em todas as solemnidades da Cathedral e dos Mosteiros; visitou a Diocese, em que deu remedio e consolação aos afflictos. Assim chegou ao termo da vida como um justo em 13 de Janeiro de 1703: foi sepultado na sua séde, em que havia feito muitas obras.[2]

65.º

Venerando Fr. MIGUEL DE SOUSA.—Nasceu este Prelado em Lisboa a 9 de Novembro de 1683, filho dos segundos Marquezes de *Tavora* Antonio Luiz de *Tavora* e D. Leonor Maria Antonia de Mendonça: seguiu a vida Monastica, professando o Instituto Eremitico de Santo Agostinho no Mosteiro da Graça de Lisboa a 11 de Novembro de 1699: estudou na Universidade de Coimbra, recebeu a borla doutoral na faculdade de Theologia, e foi lente extraordinario igualado á Cadeira de vespera: a sua Ordem o proveu no cargo de Reitor do Collegio dessa cidade, e no de Provincial de Portugal, que desempenhou com prudencia e zêlo. Depois de uma longa vacante na Santa Igreja de Evora desde 1715[3], *Fr. Antonio de Tavora* (assim se chamava então este Prelado) foi eleito *Arcebispo* della, e o sagrou o Patriarcha Thomaz de Almeida em 19 de Fevereiro de 1741: governou, como bom Prelado, esta *Metropole* até 26

Evora Illustrada (ms. da Bibliotheca Nacional de Lisboa)—Pereira de Figueiredo *Lusitania Sacra*. Um retrato de corpo inteiro sem nome.

[1] Não ha cousa alguma, que tão dolorosa seja ao meu coração, como a miseria de alguem no meio de um povo, que se diz civilisado: quando d'um desastre, de que os homens não tem culpa, ella sobrevem, não merecem pena os governos; mas toda e grandissima responsabilidade tem esses para com Deos, deixando existir uma classe desvalida na sociedade. O homem vassallo, que tem deveres, tambem tem direitos, do mesmo modo que devêres tem os governos: entretanto se o pobre não tem protector é victima de mais horrorosa necessidade. Desejava, que em logar de attenderem a certas theorias loucas, os governos descessem até a casa do desvalido, para que a chamada civilisação não fôsse censurada pelo homem selvagem com justiça: «*tenho liberdade, e tenho alimento*, diz elle, *e tu homem, que te presas civilisado, queres arrancar-me deste estado feliz para me fazer escravo, dando-me por esmola as migalhas da tua mesa!*» Perdoem-me, se eu não gôsto de uma civilisação, em que ao grande número *só* se consideram deveres: ella é opposta ás leis do Christianismo, por isso só a chamarei *civilisação* por alcunha. Estou persuadido, que o primeiro dever dos governos é dar pão e trabalho: com isso evitariam a miseria, a ociosidade e o crime; e tenho absoluta convicção, de que todos os governos o podem fazer, querendo. Detesto o luxo e fausto, muito mais quando elle contrasta com a miseria. O Sacerdote e o bom Christão soccorrem os miseraveis, quando podem; mas os governos deviam sim deixar-lhes exercitar a caridade nas occasiões de desastres, que não vem da mão do homem; mas providenciar para que a miseria se não tornasse uma condição social. Advirta-se, que eu fallo em these, e não pretendo lançar culpa em especial a qualquer govêrno ou individuo.

[2] *Processo Canonico do Bispo Fr. Luiz da Silva para a Igreja de Evora em 3 de Abril de* 1691—Sousa *Historia Genealogica da Casa Real Portugueza*—Fr. Manoel de Santa Luzia *Epitome Chronologico dos Varões Illustres Trinitarios*—Fr. Simão de Brito *Compendio da Vida de Fr. Luiz da Silva Arcebispo de Evora* (ms. da Bibliotheca Nacional de Lisboa)—Pereira de Figueiredo *Lusitania Sacra*. Um retrato de corpo inteiro.

[3] A causa desta longa vacante, como de outras Igrejas, foi a pretenção de se applicarem as terças de suas rendas para a Patriarchal, que D. João V teve, e conseguiu em 1737 da Santidade de Clemente XII. Nunca é legitima a orfandade de uma Diocese, senão quando o maior bem da Igreja o exige: a instituição da Patriarchal está muito longe de ser um bem para a igreja; não direi, que foi um mal, porque a Santa Sé a approvou; mas não se póde negar, que era desnecessaria, e que fez gravissimo damno ao culto de outras Dioceses, o que se não disse para Roma. É o proveito, que o Christianismo tira da ingerencia dos podêres da terra nos negocios da Igreja.

de Setembro de 1759, em que passou desta vida ralado de desgosto pela desgraça de sua familia[1], que teve logar em 9 de Janeiro desse anno.[2]

66.°

Veneravel JOÃO COSME DA CUNHA.—Nasceu este Prelado em 27 de Setembro de 1715, foi baptisado na Freguezia de S. Christovão de Lisboa; e era filho de Manoel Carlos da *Cunha e Tavora* 4.° Conde de S. Vicente, e da Condessa D. Isabel de Noronha; e teve irmão mais velho Miguel Carlos da *Cunha* 5.° Conde de S. Vicente, que continuou a casa, hoje representada por Antonio da *Cunha* e Lorena seu descendente na varonia. Seguiu *João Cosme* a universidade de Coimbra sendo porcionista do Collegio de S. Pedro, tomou o grão de doutor em Leis, e foi deputado da inquisição; mas largando esta vida pela Claustral, recebeu em 14 de Maio de 1738 das mãos do Veneravel Miguel da Annunciação (depois Bispo dessa cidade) o habito de Conego Regular em Santa Cruz; professou no anno seguinte com o nome de *João de Nossa Senhora da Porta*; e foi um dos nomeados para plantarem a nova reforma daquelle insigne Mosteiro no do S. Vicente de Lisboa, onde esteve desde 1742 ate 1745. A 18 de Novembro deste anno foi eleito Coadjutor e futuro successor do Bispo de Leiria Alvaro de Abranches, e confirmado no consistorio de 29 de Março do 1746 com o titulo de Bispo do Olympo. Fallecendo aquelle Prelado em 8 de Abril, recebeu a Unção Sagrada em dia de S. Pedro, tomou posse em 23 de Julho, e fez a entrada a 5 de Outubro com assistencia de Fr. Gaspar da Encarnação Reformador dos Conegos Regulares, de alguns destes, o dos Principes Gaspar, José, o Antonio, filhos illegitimos de ElRei D. João V, que nesse tempo vestiam o santo habito daquella Congregação. No governo desta Diocese portou-se como bom e zeloso Pastor: andava em visita no dia do terramoto de 1755, e partindo logo para a cidade, apesar de chegar depois do sol posto, mandou convocar o Cabido e Communidades Religiosas para a Igreja dos Eremitas, donde fez sair uma procissão de penitencia, em que foi de tunica, corda ao pescoço, descalço, e com um pesado Crucifixo na mão: repetiu este acto de piedade por alguns dias, e nelle prégava como um verdadeiro Apostolo. Então ora penitente, e exercia a caridade de pae com todos os desvalidos e afflictos, a modo de um Prelado imitador das virtudes desses Pastores Evangelicos de outros tempos, que nunca hão de esquecer: pretendendo mais obreiros para a vinha do Senhor, determinou fundar na Diocese uma casa da Congregação da Missão, o que lhe louvou e approvou a Santidade de Bento XIV por Breve de 15 de Outubro de 1746; e para fazer essa fundação o educar o Clero, deu aos Padres a Quinta do Paraizo por escriptura de 5 de Setembro de 1756; mas, não se effectuando, ficaram elles obrigados a ir, quando os chamassem Por morte de Fr. Miguel de Sousa foi eleito para a *Metropole Eborense*, e confirmado *Arcebispo* della no consistorio de 24 de Março de 1760; recebeu o Pallio das mãos do Patriarcha Francisco de Saldanha; e neste anno, a 12 de Outubro, deu licença, por seu Vigario o Bispo de Hetalonia Vicente, para se pedirem esmolas para os logares santos. Não governou elle pessoalmente a Diocese, porque, chegando á côrte na volta de Leiria, foi nomeado conselheiro de estado, e regedor das justiças: em 1768 foi nomeado presidente da mesa censoria, e em 31 de Março de 1770 provido no cargo de inquisidor geral: em consistorio de 6 de Agosto deste anno se lhe deu a Purpura Presbyteral; o no anno seguinte passou a commissario da Bulla da Cruzada: por estes novos titulos tomou o antigo nome de *João Cosme da Cunha*, pelo que pareceu querer mudar do vida; e na qualidade de juiz da suppressão de nove Mosteiros dos Conegos Regulares em beneficio do Collegio de Mafra, para que fôra nomeado por Breve do 4 de Julho daquelle anno (1770), commetteu erros indesculpaveis, e pouco conformes ao sagrado caracter, de que estava revestido, obrando contra o disposto na auctorisação concedida pela Santa Se, como declarou formalmente em seu desabono um Conego Regular: differentes accusações, não menos graves, levantaram contra elle outras pessoas; eu so o culpo do pouco cuidado do seu rebanho *Eborense*, e de servir mais os podêres da terra, que a Deos. Poderá desde então ser considerado bom inquisidor[3], e bom regedor das justiças; mas foi verdadeiro lobo no rebanho do Senhor, pessimo Pastor, depois que foi promovido a *Evora*, mas Deos teria compaixão da sua alma! Morreu em 31 de Janeiro de 1783.[4]

67.°

Veneravel Fr. MANOEL DO CENACULO.—Nasceu este Prelado em Lisboa no 1.° de Março de 1724, foi baptisado na Freguezia de Santos o *Velho*, e era filho de José Martins, natural de Constantim, termo

[1] O Duque de Aveiro, e os Marquezes de *Tavora*, sobrinhos deste Prelado, com seus filhos e genros, foram accusados de conspirar contra a vida de ElRei D. *José*, em virtude de uns tiros, que o primeiro delles mandou dar em Pedro Teixeira, criado particular do Soberano, para saciar vinganças pessoaes: estes tiros feriram ElRei, que ia, contra a esperança de toda a côrte, na sege do criado: daqui se inventou uma conspiração, que fez despedaçar cruelissimamente em Belem a todos os suppostos conjurados, de que o crime não era outro mais que a soberba de todos elles, então usual da côrte de Lisboa (por isso na época presente Deos a castiga), e as instancias do Duque para adquirir toda a casa de Aveiro, em que succedêra. A fidelidade destas familias não tinha por então a menor mancha, apesar de certo aggravo recebido da corôa: é comtudo notavel, que julgando-se auctor a cabeça o Duque, os de *Tavora*, além das penas communs a todos, receberam a de se riscarem suas armas, e prohibir o appellido, de que resultou tomar este *Prelado*, e seu irmão o Bispo Portugalense, o de *Sousa*, que lhe vinha por sua mãe: esse mesmo excesso de pena é um dos, que mais facilitam a origem da supposta conspiração. De tudo são capazes os jurisconsultos!

[2] Sousa *Historia Genealogica da Casa Real Portugueza e Memorias Historicas dos Grandes de Portugal*. Um retrato de corpo inteiro.

[3] Considero, como já disse, o inquisidor um agente da politica do governo temporal.

[4] *Provisão deste Prelado de 12 de Outubro de 1780* (entre os ms. da Bibliotheca Nacional)—D. João de Nossa Senhora da Boa-morte *Diario Historico*—Pereira de Figueiredo *Lusitania Sacra*—Moroni *Dizionario*. Um retrato de corpo inteiro sem nome, e com a insignia de regedor.

de Villa Real, e de Antonia Maria, natural da Freguezia do Santa Catharina de Lisboa: professou o Instituto Regular da Ordem Terceira de S. Francisco: tomou o grão de doutor em Theologia na Universidade de Coimbra, e exerceu o Magisterio na sua Religião. Entrou Qualificador do Santo Officio em 20 de Setembro de 1765, para que foi habilitado por sentença de 12 desse mez; e teve os cargos de Examinador Synodal do Patriarchado e das Ordens Militares, de Consultor da Bulla da Cruzada, de Deputado da Junta da Providencia Litteraria, e de Deputado da Mesa Censoria: foi Socio da Academia Real das Sciencias, Capellão-mór das Armadas, Mestre e Confessor do Principe D. José; e em sua Religião Provincial de Portugal, e no capitulo geral de 1768, a que assistiu, Definidor de toda ella. Para se restaurar a Igreja de Beja, em 1770, foi confirmado seu Bispo por Bulla de 10 de Junho desse anno; e como estava, desde 7 de Março, Presidente da Mesa Censoria, mandou tomar posse e governar a Diocese pelo Arcediago de Olinda Francisco Guedes Cardozo de Menezes: em dia de S. Simão de 1773 fez a sua entrada publica, mas voltou á capital ao exercicio da Presidencia da Mesa Censoria[1]: logo depois da morte de El-Rei D. José se ausentou de Lisboa para onde devia residir, e se occupou da visita e da fabrica da Cathedral: entretanto apesar de se supprimirem alguns Beneficios applicados pela Bulla da restauração a este fim, e apesar de setenta mil cruzados, que a piedade da Rainha e Senhora D. Maria I mandou pagar do cofre da siza em quatro annos, e da pedra que deu dos muros antigos da cidade, este Prelado não pôde concluir a fabrica, servindo ainda agora de Cathedral (sem Cabido) o templo da Parochia do Salvador, e de residencia ao Bispo uma parte do Collegio dos Jesuitas. Vagando a *Metropole de Evora* por morte do *Arcebispo* Joaquim Xavier Botelho de Lima em 1802, foi o Bispo Pacense *Fr. Manoel do Cenaculo* eleito seu successor, em 7 de Abril se fez o seu processo Canonico, e em 9 de Agosto foi confirmado pela Santa Sé. Entregou-se á cura Pastoral, e a continuar o estudo, e deixou muita memoria de sua applicação nos escriptos, de que, apesar de alguns defeitos, não gosam o último logar os seus *Cuidados Litterarios*. Falleceu em 20 de Janeiro de 1814.[2]

Q

Salerno.

Entre os cabos de Minerva ao poente, e de Palinuro ao lado deste, avança pela Italia o Mediterraneo, formando o golpho de Agropoli, ao fundo do qual, em uma planicie cercada, pela parte do septemtrião, de agradaveis montanhas, está situada a cidade de *Salerno*, trinta mil passos ao norte de Napoles, e outros tantos ao sul de Benevento: a origem de seu nome, como a época e auctores de sua fundação, escondem-se debaixo do manto dos seculos, que não deixou até agora, segundo leio, descobrir tradições legitimas para se saberem; mas é certo, que no tempo da Republica Romana *Salerno* era uma cidade notavel. Do dominio da senhora do mundo passou ao dos Lombardos e ao dos Normandos, e depois de varia fortuna se encorporou na corôa de Hespanha, vindo actualmente a pertencer, na separação do reino de Napoles, a illustres Soberanos netos daquella: o primeiro, que a governou com o titulo de Principe, foi Siconulfo, irmão de Sicardo Principe de Benevento, ambos Lombardos; continuou sua posteridade no senhorio até 1075, em que o Normando Roberto Guiscard Duque de Apulia entrou na posse.

O Christianismo foi prégado em *Salerno* no tempo dos Apostolos, como em toda a terra; mas um pouco mais tarde, no seculo v, se erigiu a Cadeira Pontifical desta cidade, e o Santo Padre Bento VII, em 484, a elevou aos foros de *Metropolitana*, dando-lhe muitos Suffraganeos, de que dous passaram a ser isentos, alguns se uniram a outros, como posteriormente o de Acerno á cabeça da provincia, poucos se sujeitaram a outras, como Nola á de Napoles, e tres se constituiram *Metropolitanos*: actualmente tem só por Suffraganeos os Bispos de Capaccio, Nocera, Nusco, Potenza e Marsico unidos, e Palicastro: elevadas as Dioceses Cusentina, Compsana, e Acheruntina á cathegoria de *Metropoles*, o Santo Padre Urbano II ordenou aos *Arcebispos* das duas últimas, que reconhecessem ao de *Salerno* por seu Primaz: isto porém não perseverou.

É memoravel esta Santa Igreja pelos Santos e pelos varões illustres na virtude e na sciencia, que a ella presidiram: referirei alguns desses insignes Prelados. Entre os Bispos encontram-se *S. Bonosio*, que foi o primeiro, *S. Gromacio*, *S. Vero*, *Santo Eusterio*, *S. Valentiniano*, e *S. Gaudencio*, que se succederam sem interrupção até ao anno 500 de nossa era; *Asterio*, que o Summo Pontifice Santo Agapito enviou com outros Bispos e dous Diaconos da Igreja de Roma para presidir ao Synodo de Constantinopla, em que se depoz o Prelado desta cidade; *João*, um dos Padres do Synodo Romano presidido pelo Papa Santo Agatão; *S. Gaudioso* Confessor de Christo; o piedoso *Bernardo I*, que presidia em 940; *Amado* primeiro *Arcebispo; Santo Alfano*, que depois de Clerigo abraçou o Instituto de S. Bento no Mosteiro Cassinense, foi sagrado em 1058, e teve nome distincto pelas letras; *Alfano II*, a quem no anno 1099 se concedeu a supremacia nas duas Metropoles de Conza e Acerenza; *Romualdo II* bom historiador; *Nicoláo*, a quem injustamente o Imperador Henrique fez prender, e o Santo Padre Innocencio III mandou soltar, e que neste captiveiro soffreu incriveis males; o bom Cardeal *Frederico Fregoso* eleito em 1507;

[1] Não está no Evangelho, que devesse obrar assim; porém a Santa Sé permitte estas ausencias, obrigada da fôrça dos podêres da terra. Más doutrinas vogavam em Portugal nessa época, e eu não sei se as condescendencias deste Prelado áquelles podêres tinham por base a profissão dellas: é certo, que o seu nome, em qualidade de juiz, está na horrivel sentença contra a Pastoral do Santo Bispo de Coimbra Miguel da Annunciação.

[2] *Processo Canonico* deste Prelado para a Igreja de Evora — *Notizie di Roma per l'anno* 1806 — *Chancellarias dos Reis* no Archivo Nacional, *Liv. de ElRei D. José*, 31 fl. 171 v., e 58 fl. 846 — *Cartorio do Conselho Geral do Santo Officio*, maço 13 n.º 943 — Pereira de Figueiredo *Lusitania Sacra* — Francisco Manuel Trigoso de Aragão Morato *Elogio Historico* deste *Arcebispo*, recitado na Academia Real das Sciencias de Lisboa em sessão de 24 de Junho de 1814 — O Venerando Prelado actual de Beja na *Memoria das posses* de seus antecessores, que teve a bondade de enviar-me — José Silvestre Ribeiro na sua *Beja*. Um retrato de meio corpo.

e o sabio *Marco Antonio Colona* fallecido em 1589. Actualmente preside nesta Igreja desde 6 de Abril de 1835 a *Arcebispo Marino Paglia*.

68.°

Veneravel Fr. JERONYMO SERIPANDO.—Nasceu este Prelado em Troia, cidade do reino de Napoles, a 6 de Maio de 1493, de uma familia illustre: foram seus paes João Fernandes *Seripando* e Isabel Galcota, a quem deveu muito cuidadosa educação, e, auxiliada suo indole por ella, crescia mais em virtudes, que na idade: os seus desejos eram, desde menino, retirar-se ao Claustro; e, levado delles, aos treze annos, em 29 de Setembro de 1506, entrou no Mosteiro Dominicano de Santa Catharina de Formello, porem no dia seguinte seu irmão Antonio o arrancou desta santa casa: apesar disso não perdeu occasião de seguir o impulso de sua alma, porque em 6 de Maio do anno seguinte recebeu o habito dos Eremitas de Santo Agostinho das mãos do Veneravel Fr. Gil de Viterbo no Mosteiro de S. João de Carbonaria de Napoles. Desde logo se applicou tão desveladamente ás linguas Hebraica, Chaldaica, Grega e Latina, que se fez admirar de todos, por isso seu Confessor o Veneravel Fr. Gil, já Prelado de toda a Ordem, o chamou a Roma para continuar os estudos nas sciencias philosophica e theologica, e não tardou muito a ser eleito Secretario e Chanceller da sua Religião pelos progressos, que fez nas letras: seguiu occupando a Cadeira com louvor, recebendo a borla doutoral em Bolonha, e sendo ouvido com pasmo universal nos Pulpitos da Italia pela sua piedade e talentos. Em 1523 foi Vigario Geral da sua Congregação; a Santidade de Paulo III o nomeou Vigario Geral dos Agostinianos em 1538; e os Padres o elegeram Geral nos capitulos de 1539, 1543, e 1547; mas elle renunciou no anno 1551 em fôrça de um ataque de paralysia: pouco adiante, e voltando ao seu Mosteiro se entregou á devoção, ao estudo, e a colligir uma preciosa livraria. Na qualidade de Geral da sua Ordem havia estado no Santo Synodo do Trento, e os Padres, depois de terem ouvido a excellencia e orthodoxia de sua doutrina, o encarregaram de colhêr e corrigir os erros contra a Sagrada Escriptura. Houve quem affirmasse, que o Santo Padre Paulo III, convencido de quem elle era, infallivelmente o creára Cardeal na promoção de 1544, se não fosse a resistencia de alguns membros do Sacro Collegio, que, pensando na sua rigidez e austeridade, esperavam ter nelle um censor.

Estando elle em qualidade de orador do reino de Napoles junto de Carlos V. este Soberano, a quem tinha regeitado o Bispado de Aquila, o elegeu em 1554 para o *Arcebispado de Salerno*, que foi obrigado a aceitar, e a Santidade de Julio III o confirmou em 30 de Março, e foi sagrado na terça-feira depois do Espirito Santo em Roma a 13 de Maio do mesmo anno pelo Cardeal Miguel Saraceno: entrando na *sua Igreja* desde logo cuidou de corrigir os costumes do Clero, de reduzir pela palavra e exemplo á boa moral as suas ovelhas, de restaurar os edificios da Cathedral e casa de sua residencia, no que soffria ruina, e de enriquecer de bons ornamentos daquella; e por tudo é necessario dizer, que foi verdadeiro Pastor, um daquelles, que a mão de Deos escolhe para bem e consolação da Igreja. Isto teve presente o Santo Padre Pio IV, dando-lhe na segunda promoção de 26 de Fevereiro de 1561 a Purpura Presbyteral com o titulo de Santa Suzana, e nomeando-o Legado ao Santo Synodo Tridentino: recebeu para isso a Cruz em 17 de Março, e a 16 de Abril chegou a Trento, onde procurou corresponder ás piedosas intenções do Santo Padre na sua escolha; mas com sentimento da Christandade devota, aggravando-se as suas enfermidades com o trabalho, e havendo edificado na hora extrema a todos, em 17 de Março de 1563 acabou com a morte do justo.

Sua vida exemplarissima é o primeiro monumento de gloria, que deixou; e seus escriptos sôbre as Santas Escripturas, e em ascetica, farão bemdizer em todo o tempo o seu nome. O seu corpo foi sepultado no Mosteiro de S. Marcos daquella cidade, e a sua alma subiu a gosar de Deos.[1]

R

Strigonia.

Na Baixa-Hungria, sôbre a margem direita do Danubio, ao noroeste de Buda, está assentada *Strigonia*, vulgarmente chamada *Gran* do rio deste nome, que desagua naquelle em Parkam defronte desta cidade: a Hungria occupa a Panonia inferior, e a sua antiga capital era Sirmio na confluente do Savo com o Danubio, que dominava todo o Illyrico occidental, e foi famosa na historia da Igreja de Deos, mas que Atila arrasou. A Hungria apresenta um quadrado, limitado pelo septemtrião com a Polonia e a Russia, pelo oriente com a Transilvania, pelo meio-dia com a Servia e a Bosnia, e pelo occidente com a Moravia, Austria, e Stiria; e o Danubio no seu curso, para se confundir com o Mar-Negro, a divide deixando para o norte a alta e para o sul a baixa. A Panonia formava uma monarchia, que no tempo de Octaviano á fôrça de armas pagou tributo a Roma: ElRei Pinetes seu Soberano pretendeu recobrar a liberdade patria; mas depois de varia sorte ella cahiu em podêr do imperio: Constantino o *grande* permittiu aos Vandalos, que lá vivessem, mas não tardaram a ser repellidos pelos Godos, que por convenção tomaram posse della nos dias de Graciano: atraz destes vieram os Hunos, que á entrada do seculo v a conquistaram para seu Rei Atila, e lhe chamaram Hungria: seguiram-se-lhe os Godos, depois delles os Lombardos, e outra vez os Hunos; mas ao raiar do seculo vii passou ao dominio dos Imperadores do Oriente, tornou ao podêr dos Hunos, e a obteve Carlos o *grande* de França: arrancado o imperio a seus descendentes por Othon de Saxonia, voltaram quarta vez os Hunos a reivindica-la commandados

[1] Gaspar Musca *De Salernitanae Ecclesiae Episcopis et Archiepiscopis Cathalogus*—Aubery *Histoire Generale des Cardinaux*—Ciaconius et Oldoinus *Vitae et Rès Gestae Pontificum Romanorum et S. R. E. Cardinalium*—Ughellus *Italia Sacra*—Eggs *Purpura Docta*—Fr. Joannes Felix Ossinger *Bibliotheca Augustiniana*. Um retrato de meio corpo e outro de corpo inteiro.

por Toxis seu Principe, e a mantiveram: de Toxis foi neto ElRei Santo Estevão, depois do qual a Hungria obedeceu aos descendentes desta casa, e actualmente á de Austria, que o é.

Com a invasão do Atila ficaram destruidos os monumentos Christãos da nova Hungria; mas, quando por último a sua nação entrou em posse deste paiz, Deos permittiu, que por ella se restaurassem: o Duque Geiza, severo até a crueldade, foi humano e liberal com os Christãos; deu licença para entrarem Clerigos e Monjes; converteu-se ao Christianismo com a sua familia, recebeu o Baptismo, prometteu fazer abraçar todos os seus vassallos a Religião Santa do Crucificado, fundou um Mosteiro em honra de S. Martinho de Tours, e acabou em 997. Estevão seu filho, que nasceu em *Strigonia*, o que em honra do primeiro Martyr da Igreja de Deos levára este nome no Baptismo, foi por elle mandado jurar successor. Este Principe, que o Senhor suscitou para restaurar aqui a sua Igreja, cumpriu a missão com incrivel piedade e zêlo; e póde dizer-se o Apostolo da Hungria e da Transilvania, que uniu a seus dominios: em agradecimento da primeira victoria, que lhe segurou a successão, augmentou o Mosteiro, que seu pae fundára no Monte Sagrado, dotou-o, e concedeu-lhe os mesmos privilegios, que tinha o Cassinense; recebeu Monjes da Bohemia e da Polonia eminentes em santidade: levantou e dotou dez Dioceses em seus estados, e delles quiz que fosse Metropole *Strigonia*, depois de haver sujeitado a *Jesus Christo* todos os seus vassalos[1]; mas faltava á sua obra o sêllo Apostolico: enviou por isso ao Santo Padre Silvestre II no anno 1000 o Bispo Asterico na qualidade de orador para pedir a confirmação, e sujeitar seu Ducado á Santa Sé: a petição foi deferida mais vantajosamente, que o bom Rei esperava, porque o Papa o premiou com a Cruz de Legado Apostolico, deu-lhe o titulo de Roi, e lhe enviou a corôa, que elle e seus successores receberam da mão do *Arcebispo de Strigonia*: depois de um reinado feliz e triumphante acabou Estevão com a morte do justo em 1038; e, autenticadas suas virtudes e milagres, foi inscripto no cathalogo dos Santos.

Desde o anno 1000 *Strigonia* foi a *Metropole* das Igrejas da Hungria, e dando-se posteriormente a Colocza igual fôro, havendo sido sua Suffraganea, teve a Primazia de honra, e reteve o podêr de ungir e coroar o Rei, que lhe foi confirmado com todos os seus privilegios pelos Santos Padres Innocencio III, e Gregorio IX, accrescentando este a Legacio ao seu Prelado: mais tarde a honra Primacial e a jurisdicção de Legado se lhe deram para sempre em 1451 pelo Santo Padre Nicolão V; e esses perseveram apesar de se haver dado o fôro de Metropolo a Agria: os Suffraganeos actuaes são os Bispos de Alba-Real, Funfkirchen, Jawer, Neozolio, Nitria, Sabaria, Kuin, Waitgen, Wesprim, Crizio do Rito Grego, Fogaras e Grão-Varadino do mesmo Rito, Eperies e Munhats do Rito Grego Rutheno. De seus Prelados lembrarei *Domingos I*, que, em qualidade de Vice-Chanceller, referendou o privilegio do Mosteiro de S. Martinho do Monte Sagrado em 1001 no anno 2.º do reinado de Santo Estevão; *S. Lucas* illustre Confessor de *Christo*; *Roberto* Apostolo da Cumania e Legado da Santa Sé na Cumania e Brandinia pela Santidade de Gregorio IX; *Thomaz*, que em 1308 assistiu com o *Metropolitano* do Colocza, sete Bispos, e os personagens do reino na assemblêa, que no Mosteiro de S. Domingos de Buda tevo o Cardeal de Montefiori contra as pretenções de Othon do Baviera ao throno do Hungria; *Gregorio*, quo em 1431 se escusou com alguns Prelados de assistir ao Synodo Basiliense; *Dionysio* Cardeal Presbytero do S. Cyriaco, que em 1451 foi investido da Legacia perpetua sôbre todas as Igrejas do reino da Hungria; e *Paulo Vardulo*, que em 1542 se evadiu de *Strigonia* pela approximação das fôrças do Turco. Actualmente, desde 28 de Setembro de 1849, em que foi trasladado da Diocese de Funfkirchen, é *Arcebispo* desta Santa Igreja *João Scitowki*.

69.ª

Venerando Fr. JORGE MARTINUZIO.—Nasceu este Prolado em 1482 de uma familia illustre no castello de Namiesaz sôbre o rio Varieca na Dalmacia, filho de Gregorio *Utissenouich* senhor deste castello, e da uma senhora irmã de Jayme *Martinuzio* Bispo de Scardona, do quem *Jorge* tomou o appellido: seu pae era pobre, e disso veiu entrar elle no serviço da casa de João Corvino filho do ElRei de Hungria, Governador da Dalmacia, Croneia e Sclavonia por Ladislão successor daquelle Monarcha, que o fez intendente do seu castello de Hunniades na Transilvania: havendo os Turcos morto seu pae, quando *Jorge* contava vinte annos, largou o serviço do Corvino para entrar no de Edwiges viuva de Estevão Palatino de Hungria: nesta casa o seu emprêgo foi ainda mais humilde, pelo que entrou em desgostos, que se augmentaram pela morte de Jayme seu irmão mais velho; e foi isto, que o decidiu a tomar, em 1508, o habito no Mosteiro dos Eremitas de S. Paulo em Buda cidade do Hungria, onde deu exemplos de humildade, fervor e moderação. Eleito Abbade do Mosteiro de Cesto-Koniano na Polonia, *Fr. Jorge* neste cargo prestou os maiores favores a João Zapoly Vaivodo da Transilvania filho de Palatina Edwiges, que os Hungaros fizeram seu Rei, e que o Archiduque Fernando, ajudado das fôrças do Imperador Carlos V, lançára do throno: tendo conseguido a restauração desse Principe, em agradecimento foi nomeado Thesoureiro do reino, Conselheiro de Estado, primeiro Ministro, e Bispo de Varadin, a que começou a presidir em 1534. Apresentou então um modo do vida notavel, ora se entregava ao Sagrado Ministerio, á meditação e abstinencia; ora se apresentava no campo da batalha, commandando como valente o experi-

[1] Os elogios, que eu tenho sempre vontade de fazer a Theodosio o *grande*, não destroem de modo algum a mais subida admiração, que eu consagro a Santo Estevão como Rei. Aquelle, sem sair da orbita de um soldado, soube ter um coração de pae com os vassallos, e ser pio com a Igreja: ponderadas todas as circumstancias do seu systema de governo depois dos factos de Thessalonica, não teve quem o excedesse, segundo meu juizo. Santo Estevão seguiu outro caminho; o Evangelho era a fonte unica de suas leis, a obediencia á Igreja presidia em todos os actos de sua administração, e a humildade em relação ao Sacerdocio o fazia considerar-se o fiel submisso apesar da Legacia, e todas as suas obras respiravam o desejo da gloria de Deos, e do engrandecimento do Christianismo, como do bem de seus vassallos, por tal fórma, que se tornou superior a todo o homem Rei. A confusão de podêres em taes mãos não era perigosa, porque a sciencia e piedade sabiam distinguir: Silvestre II não se enganou dando-lhe a Legacia, mas seus successores tambem se não enganaram recusando-a a outros Soberanos.

mentado chefe; e ninguem melhor, que elle, administrava o estado e suas rendas; por isso o Rei João dizia, que lhe era devedor do reino, e o Archiduque Fernando, que não tinha outro competidor senão um Monja.[1] Por morte do Rei de Hungria em 1540 ficou *Fr. Jorge* tutor do seus filhos com a Rainha Isabel sua mulher e filha de Segismundo Rei de Polonia: esta Princesa queria ter só a regencia, e o Archiduque pretendeo distrahi-la de favorecer o filho do defuncto: no meio dessa intriga elle fez acclamar com o nome de Estevão o menino filho de João, e recolhendo-se a Buda com o novo Rei e sua mãe, pediu auxilio ao Turco contra Austria: Fernando vendo, que todos os esforços eram baldados para conquistar a Hungria, fez intrigar com a Rainha para se desfazer de *Fr. Jorge*, e chegando a um accordo com ella, depois de varia fortuna, o affastaram, conseguindo de Sua Santidade dar-lhe em 12 de Outubro de 1551 o Capello Presbyteral, e o *Arcebispado de Strigonia;* porém não durou muito nesta *Metropole*, porque foi assassinado em Dezembro desse anno traiçoeiramente, o implorando o soccorro de *Jesus* e *Maria:* seu corpo esteve insepulto até ao começo de Março do anno seguinte, em que se lhe deu sepultura na Igreja de S. Miguel de Alba-Real, e depois foi trasladado a Wisemburg com grande honra. Este parricidio recahiu sôbre a cabeça de Fernando, que o Santo Padre Julio III excommungou como auctor principal: qualquer que fôsse a politica incerta e a ambição deste Prelado, nada atenua as circumstancias aggravantissimas da sua morte. Desejaria eu, que elle tivesse menos cuidado do temporal, que da Igreja; mas em honra sua é forçoso dizer, que impediu a entrada das doutrinas hereticas na Hungria.[2]

70.º

VENERANDO EMERICO DE ESZTERHAZY.—Nasceu este Prelado em 1665 de uma familia illustre da Hungria, o que tomou logar entre as nobres da Austria inferior, sem perder até nossos dias a consideração naquelle reino: seus paes foram Emerico 3.º Conde de *Eszterhazy*, no ramo Hungaro chamado de Csesnek, e a Condessa Suzana Bucsani: entrou na Ordem dos Eremitas de S. Paulo em Wahrndorf: foi doutor em Theologia: no anno 1702 Geral do seu Monastico; e deste cargo subiu, em 1706, ao Episcopado, confiando-lhe a Santa Sé a Igreja de Waitzen[3]; della foi trasladado á de Zagrabia[4] em 1708; depois em 1723 á de Vesperim[5], e em fim promovido á *Metropolitana de Strigonia* no anno 1725: morreu em 6 de Dezembro de 1745.[6]

8

Goa.

Ao meio dia da grande região da Asia está o paiz, que chamâmos India oriental, banhado pelo mar, que leva o nome de Oceano Indico, e sôbre o qual vai correndo o Indo desde o Pequeno-Tibet e Himalaya ao norte até ao golpho d'Oman, em que confunde suas aguas com as daquelle mar: nesse paiz se encontra o Decan[7] ao sul entre os rios Nerbuddah e Mahomedy e o cabo Comorim: uma parte do Decan é o Bedjapour, em que vemos a ilha de Tiçuarii á embocadura do rio Mandova no golpho de Oman, e que do lado meridional tem um porto, o melhor de toda a India oriental. No paiz Indico povoaram os descendentes do *Ophir* um dos trese filhos de Jectan da raça Semitica, que deram a esses contornos, em memoria de seu avô, o nome de *Ophir:* de lá transportavam annualmente as náos de Salomão a somma de seiscentos e sessenta talentos de ouro, e conduziam marfim e pavões, saindo do porto de Esiongaber no Mar-rôxo, e carregando no porto do sul da ilha de Tiçuarii. A cidade de *Goa*[8] era a capital dessa ilha, e a tomou aos podêres Mussulmanos da Asia o grande Affonso de Albuquerque em 1510, quando Portugal era grande como esse homem extraordinario, que se tivesse dois successores iguaes a elle, e a patria não definhasse, desde a côrte de Lisboa se passariam ordens para serem cumpridas em todas as terras banhadas pelo Indico e pelo Athlantico; e a Asia, a Africa, a Occeania, e a America dobrariam a cabeça diante dos netos de Affonso Henriques. Nessa ilha encontrou o famoso conquistador a cidade deste nome, que fez capital dos estados, que adquiriu para seu Rei, os quaes tem successivamente diminuido, restando hoje com ella apenas alguns districtos no continente Indico, no paiz Sinense, e na Occeania.

Foi prégado na India oriental o Evangelho por *S. Thomé*, do que ainda hoje subsiste viva tradição

[1] Se Monje e Sacerdote não fosse, mereceria as minhas homenagens; porém não sei cohonestar as funcções do soldado e do politico com as do Ministro do Santuario.

[2] AUBERY *Histoire Generale des Cardinaux*—CIACONIUS ET OLDOINUS *Vitae et Res Gestae Romanorum Pontificum et S. R. E. Cardinalium*—MORONI *Dizionario*. Um retrato de corpo inteiro.

[3] Vacia na Hungria.

[4] Na Croacia.

[5] Na Hungria.

[6] O Reverendo Frederico Kunstmann *em carta datada de Munich* a 30 *de Julho de* 1852. Um retrato de corpo inteiro.

[7] Este nome, segundo João de Barros, deu ao antigo Canará, no seculo XIV, um mussulmano por ter reunido Christãos, Mouros e Gentios em seus estados. Pouco antes outro mussulmano tinha conquistado essas terras aos Gentios, e lhe havia dado o governo dellas, mas elle se emancipou do proprietario pagando apenas feudo a ElRei do Deli, de quem ambos eram vassallos. Á sua morte o successor tornou-se independente, dividiu suas possessões por desoito capitães, e estabeleceu a sua côrte em Bider. Pelo decurso do tempo foi o mais poderoso desses capitães um Persa natural de Saba, e por isso chamado Sabayo, que mandava sôbre *Goa*. Morrendo elle, ficou senhor desta cidade seu filho o Hidalcão, a quem a tomou Affonso de Albuquerque.

[8] Ella e seu territorio havia sido por Sabayo conquistada a outro Mouro, que com gente de sua crença, fugida do reino de Onor, se tinha senhoreado della. *Goa* era cidade antiga: nas excavações, que depois do anno 1510 se fizeram, encontraram-se um Crucifixo, e uma lamina de metal, em que estava escripta a doação de Montrazar Principe feudatario do Rei de Bisnaga a um pagode para mantimento de Sacerdotes: e neste acto, escripto em lingua Canarim pelos fins do seculo XIV, se manifesta a crença de um Deos Trino e Uno, e o Mysterio Augustissimo da Encarnação.

em um povo disperso por differentes logares do paiz, e que conserva o seu nome: prégou o bemaventurado Apostolo em todo o Malabar, e deixou em todo elle signaes evidentes de suas fadigas, e em Meliapor seus restos mortaes: perseverou a Christandade em orthodoxia até se corromper a bôa semente por falta de Pastores, e pela perfidia Nestoriana.[1] As conquistas dos Portuguezes fizeram começar os trabalhos dos Ministros Evangelicos, e sôbre tudo a Missão do grande Apostolo dos seculos modernos *S. Francisco Xavier*.

Na armada de Pedro Alvares Cabral passaram á India oito Religiosos de S. Francisco, e por Guardião delles Fr. Henrique, depois Bispo de Ceuta: este bom Sacerdote foi o primeiro Portuguez, que annunciou desde 1501 o Evangelho aos povos do Malabar: depois entraram successivamente na qualidade de Vigarios Apostolicos Fr. Gaspar Nunes Religioso da Ordem dos Pregadores e Bispo de Laodicea, que morreu no Claustro de S. Domingos de Aveiro em 1522, e Fr. Fernando Vaqueiro Religioso Capucho e Bispo de Auria, que chegou ao seu destino em 1532, e falleceu em Ormuz. Havendo o numero sufficiente de Christãos para no Malabar se constituir Séde Pontifical, o Santo Padre Paulo III, por Bulla de 3 de Novembro de 1534, a erigiu na Parochia de Santa Catharina de *Goa*, separada da Igreja do Funchal com toda a ilha de Tiçuarii, e todas as terras e ilhas desde o cabo de Boa-Esperança até á China, mas ficando Suffraganea della.[2] Morto o Arcebispo do Funchal D. Martinho em 15 de Novembro de 1547, a sua Igreja se reduziu a Suffraganea de Lisboa com todas as, que dello o eram, entrando *Goa* nesta conta; mas depois a Santidade de Paulo IV, por Bulla de 4 de Fevereiro de 1557, a elevou á dignidade de *Metropole*, fazendo-a succeder á do Funchal nas regalias honorificas da Primazia, que ella gosou[3], e dando-lhe por Suffragantes as Igrejas de Cochim e Malaca já fundadas, e posteriormente se lhe adjudicaram todas as que dentro de sua Diocese foram levantadas desde a India ao Japão inclusivamente, como Macáo, Meliapor, Malaca, Angamala, Moçambique, Japão, Peking e Nan-King, passando illeso o Padroado da corôa de Portugal. Quando os Principes da corôa Catholica dominaram neste paiz pretenderam um Patriarcha das Indias orientaes, como já o tinham das Indias occidentaes, porque em 6 de Setembro de 1630 escreveu ElRei D. Filippe III ao Secretario de Estado de Portugal dizendo ter-lhe ordenado em 22 de Agosto ultimo, que fizesse o postulado a Roma, servindo-lhe de norma as Bullas da outra graça, que lhe enviára, e então lhe communicava, que havia apresentado em Francisco de Bragança a nova dignidade.[4]

Foi primeiro Bispo de Goa *Francisco de Mello*, que falleceu antes de partir, em 1535: seguiu-se *Fr. João de Albuquerque* fallecido na Diocese em 1553: depois delle entrou primeiro *Arcebispo Gaspar de Leão*, que celebrou o primeiro Synodo, renunciou, tornou a entrar por morte do successor, e morreu piamente em 1576: succederam-lhe interpoladamente o Veneravel *Fr. Aleixo de Menezes* insigne pelo seu zêlo e doutrina, que a Santa Sé trasladou a Braga; e *Ignacio de Santa Theresa*, que foi sagrado a 30 de Março de 1721. Actualmente está vaga esta Igreja.

71.º

Venerando Fr. HENRIQUE DE S. JERONYMO. — Nasceu este Prelado em Santarem, filho de Fernando *Cardoso* e de D. Filippa de Brito; no baptismo lhe chamaram *Jeronymo*, e seus paes lhe accrescentaram o appellido de *Tavora:* serviu na qualidade de Moço da Camara o Cardeal Infante Henrique; por seu conselho tomou o habito da Ordem dos Prégadores no Mosteiro de Bemfica, onde já havia abraçado o Santo Instituto seu irmão mais moço Fr. Fernando de *Tavora:* professou em 14 de Agosto de 1557 nas mãos do Veneravel Fr. Bartholomeu dos Martyres, e tomou o nome de *Fr. Henrique de S. Jeronymo:* seguiu os estudos e os rigores Monasticos com exemplar procedimento debaixo das vistas de seu Mestre e Prelado, em cujas mãos emittira os votos; e quando elle foi elevado á *Metropole* de Braga o acompanhou. O discipulo correspondia ás vistas de quem o educára na virtude, crescendo na modestia, piedade, e sciencia todos os dias: companheiro do veneravel Arcebispo na sua jornada a Trento, conseguiu admirações dos Prelados do Santo Synodo, principalmente depois que prégou na primeira Dominga de Quaresma do anno 1562 com a liberdade de um verdadeiro Sacerdote do Christianismo. Voltando a patria foi eleito Prior do Mosteiro de S. Domingos de Evora; depois seus grandes merecimentos lhe conseguiram a Mitra de Cochim, em que S. Pio V o confirmou por Bulla de 13 de Janeiro de 1567; e pouco adiante, em 20 de Janeiro de 1578, á morte de Gaspar de Leão, o seu zêlo pela salvação das almas obrigou a Santidade de Gregorio XIII a promovê-lo á *Igreja Metropolitana de Goa*. Incansavel na reforma dos

[1] Segundo as relações, que Diogo do Couto achou nos livros daquelle paiz, se sabe, que pelos annos 817 um Armenio chamado Thomé Cananeo, muito rico, se foi estabelecer no Malabar, e que recebêra do Soberano desta terra o logar de Cranganor, onde elle fundou uma Igreja, em que depois se levantou a de S. Thomé; e ao illustre escriptor pareceu ser este Armenio de quem Santo Antonio referia mandar todos os annos um presente de pimenta a Sua Santidade: demais disso, que até á sua chegada ali enviava o *Metropolitano* de Edessa na Syria Missionarios; e que os Christãos da terra foram pervertidos por dous Chaldeos de Babylonia, ali chegados posteriormente, e muito venerados do Rei. Depois delles eram enviados Bispos da Chaldea, até que, estabelecida definitivamente a gerarchia Catholica, o *Arcebispo* Fr. Aleixo de Menezes deu cabo da pestilente heresia.

[2] Archivo Nacional maço 23 de Bullas n.º 28. Registo aqui uma clausula notavel destas letras Apostolicas, e é de não se alterar cousa alguma de suas disposições no futuro sem consentimento dos Prelados desta Igreja.

[3] Os Summos Pontifices Nicoláo V, Calixto III, e Xisto IV deram á corôa de Portugal os mares e terras conhecidas e desconhecidas desde os cabos do Bojador e Não até á India, e seus padroados, adjudicando o espiritual desses logares á Ordem de Christo, por attenção ao Infante D. Henrique Administrador daquella Ordem, e originario auctor das descobertas dos Portuguezes. O Santo Padre Leão X confirmou essa concessão, e erigio na cidade do Funchal da ilha da Madeira, com o assentimento do Vigario de Thomar da mesma Ordem, uma Diocese Suffraganea de Lisboa por Bulla de 12 de Julho de 1514: mais tarde o Papa Clemente VII, por Bulla de 8 de Julho de 1539, a elevou a *Metropole* dando-lhe por Suffraganeas as Igrejas de *Goa*, Angra, Cabo-Verde, e S. Thomé de Africa, concedendo-lhe as regalias honorificas de Primazia, e mantendo o Padroado, que em nenhuma posterior erecção dentro desses limites se coarctou.

[4] Minuta no corpo chronologico do Archivo Nacional part. 1.ª maço 118 doc. 73.

costumes, e no empenho de evitar escandalos, entrou na visita da Diocese como bom Pastor; mas um homem malvado, que pretendeu reduzir á penitencia em Chaul, o envenenou, e elle pereceu em 17 de Maio de 1581: em quanto sua alma pura recebia o premio do bom Ministro do Senhor, deram sepultura ao corpo na Capella de Nossa Senhora do Rozario do templo do Mosteiro da sua Ordem naquella cidade. Deixou memoria sua na judiciosa escolha de Parochos e Missionarios, de que a Igreja de Deos recebeu bom fructo; e nos seus escriptos, de que mencionarei as *Advertencias para o, que devem fazer os Confessores*, e a *Oratio de Calamitatibus Ecclesiae* prégada em Trento.[1]

T

Bahia.

Na America[2] Meridional, entre o rio das Amazonas ao norte e o da Prata ao sul, cercado pelo mar Athlantico ao oriente, e limitado pelo paiz das Amazonas ao poente está o Brasil, esquecido da Europa muitos seculos, como toda a America, que por isso, depois de sua descoberta, deu a esta vastissima região o nome de novo mundo. Não existiu sempre esse esquecimento, porque do antigo continente recebeu a America povoadores, e dos Phenicios e Carthaginezes partindo de Cadiz, sem contar outras gentes, que da Europa, da Asia, e da Africa passaram a visita-la em tempos remotissimos, sabemos, que lá traficaram; porém o dominio de Roma em toda a Europa, na melhor parte da Africa, e n'uma grande extensão da Asia, teve bastante fôrça para dar cabo de longas navegações, a que a republica e o imperio não tinham affeição: o desuso trouxe o esquecimento pela falta de commercio entre uns e outros povos; e foi elle tão grande, que chegou a contestar-se a existencia desse continente. O insigne capitão Pedro Alvares Cabral, que em 1500 ElRei D. Manoel enviára á India, foi arrojado por uma tempestade, em 24 de Abril desse anno, á costa oriental Brasiliense, e aportou á embocadura de um rio, entre os cabos de Santo Agostinho ao norte e o Frio ao sul: pondo pé em terra fez arvorar a bandeira da redempção, chamou a toda a terra *Santa Cruz*, que depois se mudou em *Brasil*, e ao logar *Porto-Seguro*, que persevera. No meio do cabo de Santo Agostinho e o Porto-Seguro está a cidade da *Bahia* sôbre o golpho, em que desaguam os rios Paraguassû, Sergipe, Jaguaripe, Matuim, Paramerim, e Pirajá: a este sitio foi ter alguns annos depois uma náo destinada á India, e, dando á costa, os indigenas comeram toda a gente, que nella ía, menos Diogo Alvares Corrêa, a quem chamaram *caramuru* ou homem de fogo, que lá casou com a filha de um potentado, e deixou geração: mais adiante Christovão Jacques penetrou no golpho da *Bahia*, e metteu duas náos Francezas a pique no rio Paraguassû: depois deu ElRei D. João III[3] esta terra da *Bahia* para povoar a Francisco Pereira Coutinho, que ali entrou; porém, rebellando-se os naturaes, o devoraram e a quantos com elle foram: ultimamente a essas partes enviou o mesmo Soberano a Thomé de Sousa por Governador de toda a terra de *Santa Cruz* ou *Brasil*, ordenando, que fôsse a *Bahia* cabeça della; e assim se conservou desde 1549 até 1807, em que ElRei D. João VI, com o fim de escapar com sua Familia aos invasores Francezes, se refugiou no Rio de Janeiro, ahi estabeleceu a côrte da Monarchia Portugueza, que por fim o veiu a ser de um imperio independente levantado nesse paiz em nossos dias.

Como na India, prégaram na America o Evangelho *S. Thomé* e seus discipulos; mas não sendo cultivada a bemdita semente da palavra do Senhor, como era necessario para dar bons fructos, aconteceu o, que em toda a parte, onde faltaram Sacerdotes, corrompeu-se deixando vestigios mais ou menos notaveis. Desgraçadamente a America foi abandonada por seculos, até que a Divina Providencia quiz pôr um termo a essa calamidade, fazendo começar pelo norte[4] as prégações, e mais tarde no sul. Ao mesmo tempo, que o illustre Thomé de Sousa levantava a cidade, que devia ser cabeça do Brasil, e lhe dava o nome de *S. Salvador da Bahia*, buscando a origem n'Aquelle, a quem tudo se deve, e no logar, em que a fundava, e onde erguia templos ao Deos vivo, os Veneraveis Manoel da Nobrega, José de Anchieta e seus irmãos da Santa Companhia de Jesus derramavam a palavra e a benção do Céo nessa terra inculta por largos tempos. A esperança do incremento do Christianismo fez, que a côrte de Portugal solicitasse da Santa Sé a erecção de uma Cadeira Pontifical naquelle paiz, e o Santo Padre Julio III a instituiu na cidade de *S. Salvador*, fazendo-a suffraganea da *Metropole* Olisiponense por Bulla de 11 de Março de 1550[5]: mais adiante, correspondendo os factos á esperança, a Santidade de Innocencio XI a

[1] Fr. Luiz de Cacegas e Fr. Luiz de Sousa *Vida de Fr. Bartholomeu dos Martyres*—Fr. Pedro Monteiro *Claustro Dominicano*—Barbosa Machado *Bibliotheca Lusitana*—Quetif *Scriptores Ordinis Praedicatorum*—Fr. Jacintho da Encarnação *Summaria Relação do, que obraram os Religiosos da Ordem dos Prégadores na conversão das almas e prégação do Evangelho no Estado da India, etc.* (ms. do Archivo Nacional)—Pereira de Figueiredo *Lusitania Sacra*. Um retrato de corpo inteiro.

[2] Este nome foi imposto aos dois continentes do Athlantico, em rasão do cosmographo Italiano *Americo Vespucio*, que ElRei D. Manoel enviou a examinar aquella região depois das noticias dadas por Cabral.

[3] Em consequencia das descobertas feitas por Christovão Colombo na grande região da America se moveram dúvidas entre as corôas de Portugal e Castella; mas vieram a terminar por Bullas de 1493 e 1494, em que o Santo Padre Alexandre VI, em confirmação das anteriores concessões, adjudicou o Brasil a Portugal.

[4] É neste logar, que eu julgo a proposito render um tributo de homenagem ao Venerando Episcopado da America do norte, principalmente ao dos Estados-Unidos, onde o Christianismo prodigiosamente floresce, porque todos os Bispos são verdadeiros Apostolos, e porque os podêres da terra não tem lá a menôr influencia na Igreja. Bemdigo o meu Deos por este milagre dos nossos dias, e pelo outro da obra da Propagação da Fé: louvores á Misericordia do Senhor! Permitta ella continuar os favores celestiaes a esse Santo Episcopado, aos Missionarios, que a Santa Sé tem hoje derramado pelas nações do orbe, aos fieis, que para seu mantimento concorrem, e ao Summo Pastor, que se desvéla em trazer ao aprisco tantas ovelhas desgarradas! As luzes celestiaes alumiem outros Prelados da Christandade, e imitem esses a quem succederam, porque desse modo não serão lobos no rebanho do Senhor.

[5] Maço 31 de Bullas do Archivo Nacional n.º 1.

elevou a *Metropole* dando-lhe por Suffraganeas Pernambuco e Rio de Janeiro erectas dentro de sua antiga Diocese, e as de S. Thomé e S. Paulo do Loanda em Africa, por Bulla do 16 de Novembro de 1676 [1]; e de presente o são as duas primeiras com as do Maranhão, Pará, Marianna, S. Paulo, Cuyaba, e Goyas, todas separadas anteriormente della. O primeiro Bispo de *S. Salvador da Bahia* foi *Pedro Fernandes Sardinha*, que, voltando á Europa, naufragou em 1556, e acabou devorado pelos indigenas da sua Diocese: depois delle, entre outros, se seguiram *Marcos Teixeira de Mendoça* fallecido em 1628; e *Estevão dos Santos*, quo foi o ultimo, e morreu em 1672; *Gaspar Barata de Mendoça* o primeiro Arcebispo, que renunciou, sem ter ido á *sua Igreja*; o dos successores lembrarei *Sebastião Monteiro da Vide*, que fez as constituições, e falleceu em 1722; *Fr. José Fialho* promovido de Pernambuco em 1738; e *Romualdo Antonio de Seixas* desde 21 do Maio de 1827, que é o ultimo, de quem tenho noticia.

72.º

Venerando Fr. JOÃO DA MADRE DE DEOS — Nasceu este Prelado em Lisboa, e foi baptisado na Freguezia do Nossa Senhora dos Martyres: entrou na Provincia do Portugal da Ordem dos Menores de S. Francisco, e nella professou: fez os seus estudos no Collegio de S. Boaventura de Coimbra, donde saiu Leitor e Prégador: foi depois Guardião daquelle Collegio, o do Mosteiro de S. Francisco de Lisboa, Definidor, e por fim Ministro Provincial eleito em 19 do Novembro de 1675. Fóra do Claustro teve o cargo de examinador das Ordens Militares por provisão de 27 de Agosto de 1664, de censor regio, e de Prégador dos Reis D. João IV, D. Affonso VI, e D. Pedro II. Distinguiu-se pelas letras, como pela sua devoção com o Santissimo Sacramento; por isso moreceu, que a Santa Sé confirmasse a eleição de sua pessoa para *Metropolitano da Igreja de S. Salvador da Bahia*, feita pela corôa de Portugal em 13 de Janeiro de 1682: foi sagrado na Igreja de S. Francisco de Lisboa em 23 de Setembro desse anno pelo *Arcebispo* do Calcedonia Marcello Durazzo Nuncio Apostolico: em 25 de Março do anno seguinte tevo alvará da mesa da consciencia e Ordens para nomear empregos e dignidades Ecclesiasticas, excepto a de Deão: fez a entrada publica na sua Igreja a 20 de Maio desse anno, sendo o primeiro *Arcebispo* que lá foi, porque seu antecessor Gaspar Barata de Mendoça renunciou antes de passar o Oceano. Começou no exercicio do seu augusto Ministerio com o zêlo e piedade de um verdadeiro Pastor; mas não tardou a ser victima de uma epidemia, quo o matou em 13 de Junho de 1686. Os seus escriptos *De Incarnatione*, de *Sacramentis in genere*, e a *Aguia de Esdras* manifestam o desenvolvimento de seu espirito e a bondade de seu coração. [2]

73.º

Venerando Fr. MANOEL DE IGNEZ. — Nasceu este Prelado em Cascaes, e vestiu o santo habito do Carmello Descalço. Ordenado de Sacerdote, o havendo obtido bom conceito pela fama de seus bons costumes e letras, ElRei D. João V o apresentou na Igreja do S. Paulo do Loanda, e a Santa Sé o confirmou por Bulla de 15 de Dezembro de 1745. Depois, em 8 de Maio do anno seguinte, se lhe facultou a nomeação de dignidades e empregos Ecclesiasticos da Diocese, que era da attribuição da mesa da consciencia e Ordens: vagando mais tarde, pela renuncia do José Botelho de Mattos, o *Arcebispado da Bahia*, a Santa Sé, a instancia de Portugal, o promoveu a essa Igreja em 1762: no govêrno della ganhou de tal modo a confiança da côrte, que lhe entregou a administração temporal da capitania, e obteve, como seu antecessor, a nomeação dos empregos e dignidades Ecclesiasticas, excepto a de Deão, por alvará de 25 de Abril de 1771: falleceu em Julho desse anno. [3]

VI.

SUFFRAGANEOS.

Ja vimos, que o Summo Pontifice, na qualidade de Successor do S. Pedro Cabeça do Apostolado, preside a toda a Igreja de Deos, porque Nosso Senhor *Jesus-Christo* lhe deu o podêr de apascentar as ovelhas e os cordeiros do seu rebanho, e porque foi elle a pedra angular, sôbre quo o Divino Salvador erigiu o edificio magnifico dessa Igreja, contra a qual nada valem as portas do inferno: fica exposto, de que modo o orbe se dividiu e subdividia de grandes até *menores regiões*, collocando-se por cabeças espirituaes dellas os Patriarchas, os Primazes ou Exarchas, os Metropolitanos, a que hoje está consagrado o titulo Archiepiscopal: resta dizer dessas *regiões menores*, a que actualmente damos o nome do *Dioceses*, e de seus Prelados, que usam geralmente o titulo de *Bispos*, e, pela submissão ao Metropolitano requerida pela unidade, de *Suffraganeos*. De poucas Dioceses, e de alguns Pastores, que nella tiveram cuidado do rebanho de *Jesus-Christo*, von fazer logo memoria: entretanto por agora referirei o, que baste para se conhecer ate onde sóbe a dignidade do Santo *Episcopado*, e quanta reverencia e sujeição lhe devemos.

[1] Archivo Nacional da *Torre do Tombo maço 39 das ditas* n.º 31.

[2] Archivo Nacional *Chanc. da Ordem de Christo* Liv. 18 fl. 175 v, e Liv. 73 fl. 479 v. — Fr. Fernando da Soledade *Historia Serafica* — Barbosa Machado *Bibliotheca Lusitana* — Sebastião da Rocha Pitta *Historia da America Portugueza* — Pereira de Figueiredo *Lusitania Sacra*. Um retrato de corpo inteiro.

[3] Archivo Nacional *maço 54 de Bullas* n.º 20, e *Chanc. da Ordem de Christo* Liv. 227 fl. 329 v, *e L.* r. 280 *fl.* 155 v. — Pereira de Figueiredo *Lusitania Sacra*. Dois retratos de meio corpo.

Jesus-Christo declarou s excellencia do *Episcopado* dizendo aos Apostolos: «*Sicut me misit Pater, ita ego mitto vos*» isto é, que O substituiriam: foi por isso, que Santo Ignacio Martyr escreveu aos Ephesinos, que o *Bispo presidio em logar de Deos;* o Auctor das Constituições Apostolicas ensinou, que *depois de Deos o Bispo era Deos na terra;* e o proprio Constantino o *grande* reconheceu, que os *Bispos*, havendo sido instituidos no Sacerdocio por Deos, *receberam d'Elle o podêr de julgar os Soberanos;* e que os *Bispos, sem poderem ser julgados pelos homens, eram legitimos juizes dos Imperadores e dos Reis.* Não é preciso mais para eterna confusão dos *Bispos* subservientes dos podêres da terra, e da seita juridica, que impiamente se constitue authorisada a submetter a Igreja de Deos a seus caprichos.

Antigamente, disse S. Paciano com Theodoreto, interpretando S. Paulo, *chamavam-se Apostolos aquelles, que hoje tem o nome de Bispos;* mas o *Apostolado* ou *Episcopado* e um, apesar do grande numero do Pastores, como admoestou S. Cypriano, porque *a Igreja é uma, embora dividida em muitos membros por todo o mundo*; porque, na phrase de S. Paciano, *o Senhor fallou a Pedro, a um só, para que em um fundasse a unidade*; e *para que*, segundo S. Jeronymo, *constituida a Cabeça se evitasse o scisma. Jesus-Christo* Nosso Salvador mandou, que a cada um dos *Bispos* se adjudicasse um rebanho particular, uma Igreja especial, uma *Diocese* como lhe chamâmos, e não do outro modo; por isso o Santo Synodo Tridentino, com S. Paulo, ordenou, que *os Bispos attendessem a si, e a todo o rebanho, em que os collocou o Espirito Santo para reger a Igreja de Deos, que adquiriu com o seu sangue, para que vigiassem, trabalhassem, e preenchessem o seu Ministerio*; e os Synodos Antiocheno e Sardicense vedaram a ingerencia do *Bispo* na *Diocese* alheia; porem advirtiu S. Cypriano, que *se algum Bispo se constituir hereje, e quizer dilacerar e assolar o rebanho de Christo, intervenham logo os outros.* Tal é a doutrina da Igreja Catholica; e desse modo se deram os factos em todos os seculos.

Santo Ignacio Martyr ensinou, que *era necessario respeitar o Bispo como ao Senhor, porque elle fazia as vezes de Deos*; e que a obediencia lhe era devida como *Aquelle em logar de quem mandava:* dizia S. Polycarpo ao *Bispo, que não consentisse algum acto sem expressa manifestação de sua vontade;* e aos do Smirna, *todo aquelle, que fazia alguma cousa sem consentimento do Bispo, prestava homenagem ao diabo.* Assim é, porque a Verdade Eterna pela bócca de S. Matheus proferiu as seguintes palavras ácêrca dos *Bispos:* «*aquelle, que vos recebe, recebe a mim, e recebe aquelle, que me mandou.*» Não devemos vêr no *Bispo* o peccador, mas o Enviado de Deos, porque dizia S. Paulo «*Sabei, irmãos... que eu não recebi nem aprendi* do *homem* o *Evangelho, mas pela revelação de Jesus-Christo*» e porque Nosso Salvador declarou aos Apostolos, que «o *Espirito lhes ensinaria todas as cousas, que Elle lhe havia dito.*» Aquelle, pois, que faz as vezes do Deos na terra, a quem o Senhor confiou o seu rebanho, e que pela qualidade de *ungido de Deos*, e não pela so doutrina d'um Monarcha, que deu a paz á Igreja, está a coberto do julgado dos homens, porque não tem podêr legitimo para o chamar a seu tribunal, merece os nossos respeitos mais submissos, e a obediencia mais sincera: se assim pensarmos teremos as benções do Nosso Senhor *Jesus-Christo.*

I.

Axo.

Em Africa esta a região da *Abyssinia*, confiando ao nascente com Mar-rôxo, pelo norte com a Nubia, pelo poente com o Nilo, e pelo sol com o paiz dos Gallas inimigos capitaes dos *Abexins:* o paiz destes é a *Abyssinia*, vulgarmente conhecida pelo nome de *Ethiopia*, oo imperio chamado n'outros seculos do *Preste-João*, e que se compõe de differentes Reinos, um dos quaes é o do Tigrè na parte oriental em frente da Arabia: ahi se encontram as ruinas da cidade de *Axo*, em que, apesar dessas, seus Imperadores lá se coroavam, porque foi antigamente capital, e de um delles (Aeizanas) se conserva ainda memoria em inscripção Grega do anno 330 de nossa era: existem hoje algumas outras cidades na *Abyssinia;* mas não vai muito longe, que suas povoações, incluindo a côrte imperial, eram propriamente *arraiaes* construidos em bôa ordem, e aquella sem logar fixo.

Ao noroeste de *Axo*, deixando-a no centro, se unem dois rios Astabora, que vem do oriente, e o Astapo, que nasce ao sul; e, correndo nessa direcção até confundir suas aguas com o Nilo, formam um angolo, no meio do qual estava a famosa cidade de Sabá antiga capital da *Abyssinia* antes de *Axo*, e a que, do nome de sua irmã, Cambizes chamou *Meroé:* desta cidade saiu a famosa Rainha do meio-dia para admirar Salomão na côrte de Israel; e, instruida por elle, levou ao seu paiz o conhecimento do verdadeiro Deos: mais tarde, um dos senhores da côrte e da Rainha Candace, que fôra a Jerusalem adorar o Senhor em seu Templo, na volta, caminhando para Gasa, foi instruido e baptisado por S. Filippe o segundo dos sete Diaconos ordenados com Santo Estevão primeiro Martyr do Christianismo, e passou á *Abissinia* como precursor do Santo Apostolo, a quem ella coube em sorte: por último, nos dias de Santo Athanasio, teve esta região Cadeira Pontifical em *Axo*, sendo seu primeiro *Bispo*, de que ha noticia, *S. Frumencio* [1], ordenado por aquelle bemaventurado Patriarcha de Alexandria, e que em 356 foi ator-

[1] As circumstancias, de que as Chronicas de *Axo* revestem a historia de seu *Bispo S. Frumencio* são as mesmas, que Rufino escreveu na de *S. Frumencio* Apostolo da India. Nós temos seguras provas da existencia de um *Bispo S. Frumencio* na *Ethiopia* em 356, e não succede o mesmo de outro desse nome fóra deste paiz; mas o Cardeal Baronio, e com elle o moderno Abbade Rohrbacher, ambos credores do meu respeito e admiração, interpretando a India de Rufino pela ulterior, de um só bemaventurado, de quem a Igreja de Deos no occidente faz memoria a 27 de Outubro, e no oriente a 30 de Novembro, fizeram dois. É pelo modo seguinte a narração: «Metrodoro philosopho de Tyro pretendeu vêr a India ulterior, para contemplar a natureza; e, depois de ter conseguido seu fim, ElRei da Persia o despojou das riquezas, que levava. Meropio quiz seguir os seus passos e com igual motivo: assim o fez, levando comsigo *Frumencio* e Edesa seus filhos, que educava com desvêlo, mas na volta para a patria, por falta de agua e mantimentos, foi obrigado a procurar

mentado pelos arianos em fôrça da ordem do Imperador Constancio aos magistrados da cidade para o fazerem instruir e ordenar por *Bispo* os herejes dessa seita. No seculo VI os Arabes do Yémen tinham por seu Rei Dimion, que era Judeu, e, como em vingança da proscripção de sua lei nos dominios de Roma, fez despedaçar uma caravana de mercadores, que atravessavam para a *Abyssinia*, e por essa causa cessou o commercio deste paiz: Elesbão, que lá reinava por esses dias, excitado pelo Imperador Justino, foi contra Dimion, venceu-o, e poz em seu logar um Rei Christão; e por seus embaixadores mandou a Constantinopla pedir Bispo e Sacerdotes, porque o Christianismo na *Abyssinia* havia decaído, e elle era pagão; e dando-lhe Justino a escolha, os ministros enviados se apresentaram a Asterio Patriarcha Orthodoxo de Alexandria, que elevou um Sacerdote, *João*, ao *Episcopado*, e lho enviou: o Principe *Abyssinio*, instruido e baptisado por elle, fundou grande número de templos, e suas virtudes o collocaram sôbre os altares. Prevalecendo em Alexandria os erros, a *Abyssinia* os recebeu, a Religião tornou a decaír; e no seculo XVI, pelos desvélos dos Portuguezes, cuidou-se em restaura-la enviando a Santa Sé, como fica dito, *João Bermudes* na qualidade de Patriarcha de Alexandria; mas sendo necessario dar Pastor natural á *Abyssinia* com maior número de Missionarios dispostos a morrer por *Christo*, veiu o luminoso pensamento de entregar este paiz aos cuidados da Companhia de *Jesus*, e esse negocio se tratou em Roma pelo orador de Portugal, intervindo João Alvares Arcebispo de Compostella e Cardeal Albanense, e o Padre Luiz Gonçalves da Camara, que ambos escreveram a ElRei D. João III em 1554, aquelle em 17, e este em 18 de Janeiro dando-lhe parte do bom resultado e do modo como se concluiu.[1]

Santo Ignacio poz só a condição de serem sagrados os novos *Bispos* da sua Ordem em Portugal, e, escolhidos *João Nunes Barreto* para Patriarcha, *André de Oviedo*, e *Belchior Carneiro* para Coadjutores e successores um depois do outro, o Santo Padre Julio III os confirmou dando ao primeiro destes *Bispos* o titulo de Hierapolis e ao segundo o de Nicea por Bulla de 17 de Fevereiro daquelle anno.[2] Nestas letras Apostolicas era o Patriarcha constituido verdadeiro Primaz daquella região com plenas faculdades de estabelecer Metropoles e *Dioceses*, confirmar seus Prelados, sagra-los, dar aos daquellas o Pallio, e governa-los com a verdadeira jurisdicção Primacial, ficando os instituidos apenas com a obrigação de dar conta no mais breve tempo á Santa Sé; porém ainda por então não quiz Deos, que se organisasse nesse paiz a Jerarchia Ecclesiastica, porque a heresia estava muito arraigada no coração dos *Abyssinios*, e o Prelado superior, a quem o Santo Padre deu tão grandes fóros com o titulo de Patriarcha da *Ethiopia*, não pôde em tempo algum estabelecer com firmesa nem uma só *Diocese*, e dessa rasão veiu não podêr exercitar ao menos a jurisdicção Metropolitana. Não é, a meu juizo, possivel interpretar de outro modo a inconstancia dos Principes e povos da *Abyssinia* «a hora da conversão ainda distava» quando o Patriarcha João Bermudes escolhido pelo Imperador David, confirmado e sagrado pela Santa Sé, estava na côrte de Clandio seu filho, este o fazia passar tormentos, pedia ao Patriarcha hereje de Alexandria um Abuná, e recorria a Roma sollicitando a união, que João Bermudes pretendia delle[3]: posteriormente se deu a essa região Pastor natural; mas se alguns de seus Principes o receberam e lhe obedeceram, outros manifestaram tendencias hereticas, e foram estas por diante a ponto de não só produzirem Martyres no veneravel *Bispo* Apolinario, em muitos membros da Santa Companhia, e em *Abyssinios* illustres e de toda a ordem, mas de ser necessario reduzir o Christianismo a ser apascentado por Missões occultas. Interviria aqui a politica pelos receios da corôa de Portugal? Mas os *Jesuitas*, que ali se conservaram, só tinham ambição pela gloria de Deos: seja como fôr, é certo, que nos seculos XVI e XVII na *Abyssinia* os Catholicos mereceram altamente do Senhor pelas tribulações, e ella deu grande número de Martyres e Confessores a *Jesus Christo*. A *Abyssinia* constitue actualmente um Vigariado Apostolico, de que é superior *Justino de Jacobis* Bispo de Nilopoli, e o governa desde 6 de Julho de 1847.

um porto de barbaros inimigos dos Romanos, e esses o roubaram e mataram como a todos do seu sequito, menos os dois meninos, que foram encontrar em terra debaixo de uma arvore estudando: compadecendo-se delles os levaram ao Rei, que os estimou muito, e fez a Edessa seu copeiro, e a *Frumencio* seu ministro. A capacidade deste último concorreu para que, á morte do Soberano, a Rainha viuva lhe confiasse os negocios; e, chegando o novo Rei á maioridade, obtiveram ambos licença para sairem: Edessa voitou a Tyro, onde ficou, e mais tarde se ordenou de Sacerdote: *Frumencio* fez caminho para Alexandria, e referiu a Santo Athanasio o estado daquelles povos, e as suas bons disposições para o Christianismo, em que elle os começára a educar, e lhe pediu, que enviasse *Bispo* para acabar a obra de Deos já começada: o Santo Patriarcha declarando, que ninguem melhor corresponderia ao santo fim, do que elle auctor dessa obra, o consagrou, e enviou.» Na chronica de *Axo* existe a differença de se dizer, que a morte de Meropio fôra um acontecimento fortuito, e não um homicidio perpetrado pelos naturaes; mas isso, como bem pensou Balthazar Telles, teve por fim esconder o odioso. Posto que as chronicas de *Axo* estejam cheias de fabulas, rejeitar-se-hão de todo, quando contém igualmente verdades, e em grande parte suas narrações no fundo se conformam ás de escriptores dignos de fé? De todas as provas do Abbade Rohrbacher a mais urgente é a, que tirou de Theodoreto ao tratar de *S. Frumencio*, dizendo «*qui et patria relicta et comtempto tanto pelago*» mas a verdade é, que nem Rufino nem Theodoreto pozeram a Missão de *S. Frumencio* na India ulterior, mas na citerior, que todos tomam pela *Abyssinia*, e não pela India d'além da Persia, como apresentam seus textos: de mais, os acontecimentos de Metrodoro deviam levar á India ulterior pelo Mar-rôxo o philosopho Meropio: ambos os historiadores, que delle fallaram, referiram a sua morte de volta da expedição no mar defronte de uns povos inimigos dos Romanos: não ha uma só noticia do Apostolado de *S. Frumencio* na India ulterior, quando a *Ethiopia* o declarou como seu: a Igreja não admitte mais de um *S. Frumencio Bispo*; a idade é a mesma; e a jurisdicção de Santo Athanasio não se estendia á India Asiatica: todos estes factos me obrigam a deixar as cousas como ellas estavam antes de Baronio, e aceita-las desse modo, porque as provas dadas em contrário não me convencem, e penso, que Theodoreto fallando dos mares, que *S. Frumencio* havia de passar, não o fez em relação a Alexandria, mas a Tyro sua patria, que elle abandonára.

[1] As suas cartas estão no maço 91 da parte 1.ª do Corpo Chronologico do Archivo Nacional, a do Prelado em n.º 83, e a do Padre Luiz Gonçalves em n.º 89.

[2] Se esta Igreja chegasse a constituir-se, segundo a Bulla do Santo Padre Julio III, eu a incluiria entre as Primazes, e, se os seus fóros não fossem superiores aos de qualquer *Episcopal*, teria logar depois de outras de maior antiguidade; porém não podendo collocar-se com aquellas, por honra de sua dignidade della escrevo como da primeira destas.

[3] Consta do Breve de 23 de Agosto de 1545, porque o Santo Padre Paulo III lhe respondeu, que mandaria Nuncio.

74.º

VENERAVEL JOÃO NUNES BARRETO. — Nasceu este Prelado na cidade do Porto filho de Fernando Nunes *Barreto*, senhor dos coitos de Freiris e Penagate, e de D. Isabel Ferraz: entre seus irmãos o mais velho foi Gaspar Nunes *Barreto*, que succedeu na casa e a continuou[1]: dedicou-se *João Nunes* á vida Ecclesiastica, e teve a Abbadia de Freiria, que era do padroado da sua familia; e depois de apresentado cursou a Universidade de Salamanca, onde o chamavam *Abbade Santo* pelas suas muitas virtudes. Voltando a curar a Parochia recebeu uma visita de outro irmão seu Bento Nunes, que tinha entrado na Companhia de *Jesus*, e procurava attrahi-lo a seguir seus passos: depois que este tornou ao Collegio de Coimbra, lhe escreveu rogando para vir a esta cidade tratar materias de espirito com o veneravel Pedro Fabro companheiro de Santo Ignacio: *João Nunes* cuidou de experimentar sua vocação pedindo a Deos, que o illuminasse; e não tardou a vestir a roupeta dando obediencia a nova Ordem em 11 de Novembro de 1544. No anno 1548 partiu com o Padre Luiz Gonçalves e o irmão Ignacio Vogado para missionar em Tetuão, e lá consolar os pobres captivos: com muito proveito esteve neste santo exercicio, e converteu alguns Judeos, com quem abriu palestra: voltando o Padre Luiz Gonçalves a Portugal ficou elle com o irmão Ignacio, e havendo, á custa de esmolas, resgatado mais de trinta captivos, veiu com elles á patria. A fama de sua santidade corria por toda a parte sem obstaculo, e por ella ElRei D. João III, com approvação de Santo Ignacio, o elegeu Patriarcha da *Ethiopia*, recusando-lhe licença para ir de novo a Tetuão. Escolhendo Santo Ignacio para seus coadjutores André de Oviedo e Belchior Carneiro, Sua Santidade os confirmou pela Bulla de 15 de Fevereiro de 1554, porque erigiu em Primacial a antiga Igreja de Axo com o titulo de Patriarchal da *Ethiopia*. Em 3 de Maio fez profissão dos quatro votos da Companhia, e a 4 foi sagrado na Igreja do Mosteiro da Santissima Trindade de Lisboa, e com elle o *Bispo* André de Oviedo. Recusou vestir roquete, mas a isso o moveram os Padres da Ordem para se conformar ao uso commum dos *Bispos*, e não quiz de modo algum pagem: exercitava com o mesmo fervor o Ministerio do Pulpito e do Confessionario; ía aos carceres consolar os presos, e andava sempre a pé, só acompanhado de um leigo da Ordem: em 15 de Março de 1556 partiu para a India, e, chegando a Gôa em 13 de Setembro, soube pelo Padre Gonçalo Rodrigues, mandado saber as intenções do Imperador *Abyssinio*, que elle não o recebia. Ficou por isso na India, e mandou seu coadjutor o *Bispo* Oviedo, que fez entrada na região, a que era destinado em Março de 1557. Cedeu *João Nunes* ao voto dos Padres de Gôa para ficar; mas não poderam acabar com elle, que se forrasse aos mais abjectos officios do Claustro, e de ser humildo a ponto de fallar ate aos leigos de barrete na mão: foram singulares os exemplos de assiduidade na oração e no trabalho do Santo Ministerio, de mortificação, observancia, modestia, obediencia, e caridade: assim viveu até que, indo passar algum tempo á ilha de Chorão, nella enfermou, e, sendo levado ao Collegio de Gôa, acabou com a morte do justo em 20 de Dezembro de 1562 abraçado a um Crucifixo, assistindo-lhe, entre os Padres, seu coadjutor o *Bispo* Belchior Carneiro. Depois de solemnes exequias, em que officiou o Arcebispo, foi sepultado na Capella-mór do Collegio de S. Paulo de Gôa, e sôbre a lage, que cobre seus restos mortaes, o Geral da Santa Companhia Everado Mercurio ordenou, que se abrisse esta inscripção:

OSSA REVERENDISSIMI IN CHRISTO PATRIS DOMINI JOANNIS NONIJ ETHIOPIAE PATRIARCHAE,
A JULIO III PONTIFICE MAXIMO, IPSO ETHIOPIAE REGE DAVID
PETENTE, MISSI.[2]

75.º

VENERAVEL ANDRÉ DE OVIEDO. — Nasceu este Prelado em Ylhescas na Castella Nova filho de Pedro Gonçalves de *Oviedo* e de D. Mayor de Avilla: estudou na Universidade de Alcalá de Henores, graduou-se Mestre em Artes, e passando a Roma, quando a Companhia de *Jesus* acabava de ter a sancção Apostolica, deu-lhe o nome e vestiu a roupeta: foi estudar Theologia á Universidade de Lovaine, e de lá o enviou Santo Ignacio a Colonia para entregar cartas ao Padre Fabro: no caminho o maltrataram e feriram uns ladrões, e, escapando por mercê de Deos, veiu a Coimbra de ordem dos Superiores, e desta cidade foi mandado para Gandea, onde ficou Reitor em 1547. Havendo exercido este cargo, como se podia esperar de um Sacerdote ornado de todas as virtudes, Santo Ignacio o elegeu coadjutor e futuro successor do Patriarcha João Nunes Barreto, e Sua Santidade o confirmou dando-lhe o titulo de *Episcopal* de Hierapolis. Com o seu condjuto foi *André de Oviedo* sagrado pelo *Bispo* de Portalegre Julião de Alva, assistindo os *Bispos* Gaspar Cão de S. Thomé, e Pedro de Hipona. Deixando o Patriarcha em Gôa passou o Hierapolitano á Ethiopia, e depois da sua chegada escreveu ao Imperador Claudio uma carta datada de Deboroá a 26 de Março de 1557, em que lhe participou a sua qualidade, e que o Patriarcha esperava na India ordem para se recolher á sua Diocese. Claudio principiou logo a mover questões sôbre as cousas da fé; e pedindo-lhe o *Bispo*, que o admittisse a disputar em sua presença com seus letrados, conveio elle,

[1] Por seu neto do mesmo nome, de quem descende o actual Visconde de Villa Nova de Souto de ElRei. Irmão deste segundo Gaspar Nunes era João Nunes *Barreto*, do qual descende João de Mosquita Pimentel e Pavia actual administrador do Morgado de S. Manços de Evora.

[2] MANOEL DE ALMEIDA e BALTHAZAR TELLES *Historia Geral da Ethiopia a Alta* — JOÃO EUSEBIO NIEREMBERG *Ideas de virtud en algunos claros varones de la Compañia de Jesus* — JOSÉ CASSANI *Glorias del segundo siglo de la Compañia de Jesus* — ANTONIO FRANCO *Anno Santo da Companhia em Portugal* — PEREIRA DE FIGUEIREDO *Lusitania Sacra*. Um retrato de corpo inteiro sem nome.

mas de nada valeu, porque o principe continuou em sua teima: como unico recurso o Prelado despediu os raios da Igreja contra os hereges da *Abyssinia*; e, morto Claudio, lhe succedeu Admas-Segued, que moveu perseguição atroz contra o *Bispo* e contra os outros Catholicos.

Em 20 de Dezembro de 1562, morto João Nunes Barreto, ficou, em rasão da Bulla do Santo Padre Julio III, desde logo *André de Oviedo* Patriarcha da *Ethiopia*. Nem seguia nem perseguia os Catholicos o Imperador Malac-Segued successor de Admás; porém nessa mesma paz apparente se tornavam inuteis pelas continuas guerras todos os esforços do bom Patriarcha, o qual demais disto por todo esse tempo esteve reduzido a extrema penuria: sabidos estes factos em Portugal se mandou pedir á Santa Sé ordem para o Patriarcha sair com destino ao oriente: pelo que o Santo Padre Pio V no 1.º de Fevereiro de 1566, attendendo á sua difficil posição, o exhortou a que fôsse empregar o seu zêlo no Japão e China; mas, posto que podia obrar assim em virtude da concessão do Summo Pastor, e ainda mais porque o Divino Mestre aconselhou aos Apostolos, que quando os não quizessem ouvir em uma povoação, a deixassem sem levar comsigo nem o pó dos çapatos, elle, em 15 de Junho do anno seguinte, se escusou a Sua Santidade pela urgencia, que a Christandade tinha de sua perseverança naquelle logar. O zêlo deste distincto Prelado igualava sua assiduidade no trabalho da conversão, escrevendo e pregando sem cessar, e desse modo aproveitou bastante: muitos annos passou elle sem receber soccorros da India nem de Portugal, sendo tanta a sua miseria, que chegou a cortar as proprias folhas do Breviario para escrever! Continuou em Fremona, deste modo, typo de caridade, bastando só o seu exemplo e a sua presença para converter os hereges, até que, succumbindo a uma febre ardente por causa da miseria e do trabalho, morreu, como morrem os Santos, em 9 de Junho de 1577, na idade de setenta annos, de que passou vinte na *Ethiopia*.[1]

76.º

Veneravel AFFONSO MENDES. — Nasceu este Prelado em Santo Aleixo termo da villa de Moura no Alemtéjo a 20 de Agosto de 1575, filho de Luiz Alvares e Catharina Mendes: quando estava na Universidade de Coimbra entrou na Companhia de *Jesus* a 13 de Fevereiro de 1593, e, depois de fazer seus estudos, recebeu o Santo Sacerdocio em 1606: ensinou rhetorica e por cinco annos Escriptura naquella cidade, e depois continuou o Magisterio na universidade de Evora, em que tomou o grao de doutor na sagrada Theologia a 6 de Maio de 1618, tendo feito a profissão solemne dos quatro votos em 11 de Maio de 1612: foi douto, bom orador, e um dos mais insignes varões, que por este tempo a sua Ordem tinha neste paiz. Desde 1607 gosava pacificamente o imperio da *Ethiopia* o Imperador Saltam-Segued, que não só começou a declarar-se Catholico, como se mostra das cartas, que nesse mesmo anno escreveu a Sua Santidade e a ElRei D. Filippe II, mas fez em um manifesto profissão pública da Fé Catholica: tratando-se por isso de enviar Patriarcha, ElRei nomeou *Affonso Mendes* para esta dignidade, e Diogo Secco e João da Rocha para coadjutores e successores, e o Santo Padre os confirmou dando a estes os titulos *Episcopaes* ao primeiro de Nicea, e ao segundo de Hierapolis; mas não chegando as Letras Apostolicas da instituição do último a tempo, o Patriarcha e o Niceno foram sagrados na Igreja de S. Roque de Lisboa em 12 de Março de 1623, e o terceiro na India. Partiram todos tres com os Missionarios em 25 desse mez, embarcando o Patriarcha na não capitania *S. Francisco Xavier* da armada do Capitão-mor D. Antonio Tello de Menezes; e, depois de trabalhosa viagem, aportaram a Gôa em 8 de Maio do anno seguinte, com a perda do *Bispo* de Nicea, que falleceu no mar em 23 de Junho do anno da partida. Saiu o Patriarcha em 17 de Novembro de 1624 de Gôa para o seu destino, e na viagem recebeu cartas do Imperador e de seu irmão Cela-Christós cheias de respeito e bondade: a 21 de Junho de 1625 chegou a Fremona, onde foi recebido do melhor modo, e celebrou Pontifical no dia de S. Pedro e S. Paulo, a que todos os Catholicos assistiram com devoção e admiração. Partiu depois para a côrte, e foi esperado e acolhido com grandes attenções.

No anno seguinte (1626) a 11 de Fevereiro prestou o Imperador e os grandes juramento de obediencia ao Summo Pontifice nas mãos do Patriarcha: dotou-o depois o Soberano com rendas para seu mantimento, e poz-lhe casa e aos, que o seguiam. Occupou-se o Prelado em extirpar os erros da lithurgia e crença, e fez um cathecismo, em que refutou esses erros e os de todos os hereges orientaes, outro, em que explicou os Santos Synodos; e esses escriptos foram approvados com louvor pela Congregação da Propaganda.[2] Depois da chegada do Patriarcha se elevou a Missão a dôze residencias, fóra a sua, em differentes pontos, em que haviam dezeseis Jesuitas auxiliados por Clerigos e Monjes do paiz, já por elle ordenados: mas julgou necessario dispensar outros Prégadores Evangelicos para lhe abrirem o caminho na visita, e estes converteram ao Catholicismo duzentas vinte e cinco mil almas, ainda que dois desses santos Missionarios, que eram *Abyssinios*, padeceram pela Fé no districto mais occidental de Tigré. Dedicou um templo em Gorgará, e outro em Collelá: fundou novas residencias, porque foi crescendo o número dos fieis; e seguiu visitando as Igrejas, e administrando a Santa Confirmação com bastantes incommodos nas jornadas. Todos estes beneficios da Providencia começaram a ser contrabalançados por desgraças: os Gallas entraram em Gojão, e mataram o Vice-Rei, que era bom Catholico: o Vice-Rei de Tigré rebellou-se contra o Imperador, tratou de perseguir os Padres, que entravam de novo, matou em odio da fé o seu Capellão, mas foi castigado com a morte; e quanto maior incremento tomava a Religião, mais impedimentos lhe punha o demonio inspirando traças aos herejes por meio da sublevação, e morte dos senhores mais Catholicos. Sendo nomeado successor ao *Bispo* Diogo Secco o Padre Apolinar de Almeida, foi confirmado e sagrado com o mesmo titulo, e chegou a Gôa em 1628, quando ainda não esteva sagrado o eleito

[1] Manoel de Almeida e Balthasar Telles *Historia Geral da Ethiopia e Alta* — José Cassani *Glorias del segundo siglo de la Compañia de Jesus* — Pereira de Figueiredo *Lusitania Sacra*. Um retrato de corpo inteiro sem nome.

[2] Depois destes livros escreveu uma Historia da *Ethiopia*.

João da Rocha, por isso partiu logo no anno seguinte para a *Ethiopia* a auxiliar o Patriarcha, que lhe saiu ao encontro em 1630; levava o *Bispo* a concessão de um jubileo, que o Patriarcha publicou, e ainda nas solemnidades delle appareceu o Imperador; mas seu irmão Cela-Christos era, ja nesses dias, talvez o unico membro de sua familia verdadeiro Catholico. Mais adeante sublevou-se o Vice-Rei de Gojão contra o Imperador, perseguiu os Catholicos, e martyrisou dois Confessores de *Christo*: por outra parte o desfavor do Soberano se ia manifestando, e o apoiavam os herejes fazendo-lhe crer, que as sublevações eram motivadas pelo estabelecimento do Catholicismo, e ameaçavam desampara-lo, se não lhes concedia os costumes antigos, que não fôssem contra a fé: a concessão fez-se, e elles a torceram tanto a seu modo, que o pregão foi para abolir o Catholicismo, quando ainda por então o Imperador, apesar de sua indifferença, não pensava, que se tratasse senão de pontos disciplinares. O Patriarcha, que sôbre estes tinha feito algumas graças, reprehendeu vivamente o Soberano por aquelle facto, e por esta vez, apesar de sentido, ainda elle revogou o decreto passado. Alcançando batalha dos sublevados, della mesmo os herejes pretenderam tirar partido para indisporem a Saltam-Segued, e o conseguiram: o Patriarcha, o *Bispo*, e os Jesuitas cuidaram em remediar o mal; porem o Imperador tornou-se surdo a suas vozes, e mandou lançar pregão contra a Fé Catholica: novos esforços, mas com igual resultado: juntou-se por auxiliar Cela-Christos em defesa da orthodoxia, e não ganhou senão a ma vontade do irmão: tiraram-se algumas Igrejas aos Catholicos, e começaram as perseguições.

Neste meio tempo, em 1632, morreu o Imperador, e lhe succedeu seu filho Faciladas cruel perseguidor dos Catholicos, e entre elles de seu tio Cela-Christos; estenderam-se as atrocidades ao Patriarcha, que escreveu ao novo Imperador pedindo disputar com todos os letrados da *Ethiopia*; mas os seus conselheiros concorreram, por medo, para a escusa. Não tardou em vir um Abuna de Alexandria, e logo se intimou ordem de desterro ao Patriarcha, ao *Bispo*, e aos Padres para Fremona. Depois de muitas vexações, sairam em 1634, e no caminho foram roubados por salteadores: chegados ao seu destino, em quanto por toda a parte eram perseguidos os Catholicos, os dois Prelados e os Padres foram intimados, de mandado do Imperador, para saír de seus Reinos: separaram-se o *Bispo* e alguns Padres, ficou o Patriarcha com outros, e tomou differente direcção, diligenciando ainda ficar dentro da *Ethiopia*; e não tardaram a reunir-se, para de novo se separarem: sabendo logo Faciladas a paragem do Patriarcha, o fez entregar com alguns dos Padres (podendo outros escapar-se) aos Turcos, de quem ficaram captivos, e de quem soffreram muito em Suaquem; mas Deos os salvou por meio de uns mercadores Baneanes, que os resgataram, e levaram á India. Chegado a Gôa relatou o Patriarcha ao Vice-Rei Pedro da Silva, que entrara, e ao Conde de Linhares, que fôra rendido, a sua sorte e a dos Catholicos na *Ethiopia*; mas nada disso moveu suas almas duras ao soccorro: o Patriarcha foi aconselhado para vir solicitar á patria o remedio, porém resistiu; e, como não podia soccorrer as suas ovelhas, que cada dia padeciam os tormentos e a morte, viveu nas mais duras attribulações ate 29 de Junho de 1656, em que acabou piamente esta vida. [1]

V

Tortosa.

Em Hespanha, á margem esquerda do Ebro, no territorio dos Ilercaões, que ao norte confinavam com os Edetanos, e se estendiam ate a costa do Mediterraneo, está levantada uma cidade, que, antes dos Romanos, se chamou *Tiriche*, e desses recebeu o nome *Dertosa*, que, posteriormente corrompido ficou *Tortosa*: gosou esta cidade dos foros de colonia e dos titulos honorificos de *Julia* e *Augusta*: passou ao dominio dos Godos, deste ao dos Arabes, e lhes foi conquistado em 1148 pelo illustre Raymundo Berengario Conde de Barcellona e Principe de Aragão.

Recebeu *Tortosa* as luzes do Evangelho na aurora do Christianismo, prégando nella *S. Paulo*; e teve logo Cadeira Pontifical, deixando-lhe o Apostolo por *Bispo* um de seus discipulos. Desde que se estabeleceu na peninsula o principio das Metropoles estaveis, esta cidade foi *Suffraganea* de Tarragona, como ainda hoje o e. Ao primeiro Prelado succederam, com intervallos, *Urso*, de quem restam memorias desde o anno 516, em que presidia; *Asello* um dos Padres do Synodo de Barcellona de 540; *Julião* atormentado em 580 pela impiedade de ElRei Leovegildo fautor dos hereges e perseguidor dos Catholicos, que o desterrou, e poz em seu logar *Froisclo* ariano; mas este, abjurando no Synodo 3.º de Toledo, subscreveu as actas delle depois do bom *Julião* com igual titulo, e ambos desse modo assignaram as do Synodo de Barcellona de 599: assim viveram unidos, considerando-se *Froisclo* coadjutor e futuro successor. Depois deste ultimo mencionarei *Cicilio*, que esteve nos Synodos Toledanos 13.º e 14.º; *Incolato*, que pastoreava em 693; *Paterno*, mais tarde, em 1064, durante a oppressão dos islamitas, e trasladado a Coimbra, onde presidia em 1080. *Goufredo* o primeiro, depois de restaurada a cidade, que foi consagrado em 1151: mais adeante occupou a Sede de Tortosa *Ponce de Torrellas*, que de Prior della subiu ao *Episcopado*, e falleceu em 29 de Agosto de 1254: seguiram-se immediatamente *Bernardo I*, que no anno de 1272 foi promovido a Metropole Tarragonense; e *Arnaldo I*, que foi grande bemfeitor da Se e *Diocese*, e morreu em 1306: pelo tempo adeante entraram *Jayme I* trasladado de Lerida, e que falleceu em 1351; *Pedro de Luna*, que em 1407 subiu ao Arcebispado de Toledo; *Adriano I*, que em 1522 foi com o mesmo nome exaltado á Cadeira de S. Pedro; *Fernando de Loazes*, que morreu Patriarcha de Antiochia em 1560; e o Cardeal *Agostinho Spinola*, que desta Igreja passou á de Granada, dessa a de *Compostella*, e morreu na de Sevilha em 1627. Actualmente, desde 3 de Julho de 1848, preside em *Tortosa* o Bispo *Damião Gordo e Saez*.

[1] MANOEL DE ALMEIDA e BALTHASAR TELLES *Historia Geral da Ethiopia a Alta* — JOSÉ CASSANI *Glorias del segundo siglo de la Compañia de Jesus* — ANTONIO FRANCO *Anno Santo da Companhia* — Um ms. da Bibliotheca Nacional A. C. 15 — PEREIRA DE FIGUEIREDO *Lusitania Sacra* (retrato de corpo inteiro sem nome).

77.°

Venerando Fr. BERNARDO OLIVARIO.—Nasceu este Prelado em Valencia cidade illustre de nossa Hespanha: entrou no ermo Agostiniano da sua patria, e fez os seus estudos na Universidade de Paris, onde mereceu a borla doutoral, e regeu Cadeira. Era varão de grande engenho, insigne em letras, prestantissimo na Sciencia Sagrada, e respeitavel pela bôa doutrina, e pela prudencia e outras virtudes; e essas qualidades lhe adquiriram a estimação geral: por ellas a sua Ordem o elevou ao Provincialato Valenciano em 1330, e o Rei D. Pedro IV de Aragão o chamou aos seus conselhos. Em 1336 foi confirmado *Bispo* de Huesca, tomou posse em 12 de Janeiro do anno seguinte; e em 1341 foi embaixador daquelle Soberano aos Reis de França e Maiorca para fazer entre elles a paz: em 1343 a Santidade de Clemente VI o deu por companheiro do Cardeal de S. Cyriaco na Legacia de Aragão e Maiorca, com o fim de compôr as differenças entre seus Principes: ao anno seguinte a Santa Sé o trasladou á Igreja de Barcellona; e dois annos depois, no de 1346, á de *Tortosa;* e todas tres regeu como bom Pastor. Em 1348 voltando da côrte, a que fôra por parte do Principado de Catalunha, falleceu em 14 de Julho. Deixou memoria de seus estudos nos livros *sôbre* o *Mestre das Sentenças*, em lithurgia, e no *Tratado contra os Judeos*.[1]

78.°

Venerando LUIZ MERCADER.—Nasceu este Prelado de uma familia das mais illustres da Catalunha[2], e professou o Instituto de S. Bruno, no qual o retiro e santos exemplos do Claustro o tornaram excellente pela piedade e sciencia. Foi Inquisidor e Visitador das Religiões no reino de Aragão, embaixador a ElRei Ladisláo de Hungria, e orador ao Santo Padre Alexandre VI. Suas virtudes o elevaram ao *Episcopado*, confirmando-o em 1513 a Santa Sé na Igreja de *Tortosa:* tomou posse no anno seguinte a 13 de Janeiro, e presidiu com zêlo até ao 1.° de Junho de 1516, quando deixou a vida mortal pela eterna, e lhe succedeu o Santo Padre *Adriano VI*, nesta Santa Igreja o primeiro do nome.[3]

W

Syracusa.

A ilha de Sicilia fórma uma especie de triangulo, de que o lado oriental é banhado pelo mar Adriatico, o de sudoeste pelo Libyco, e o de noroeste pelo Tirreno: na extremidade septentrional da parte de leste se communicam o Tirreno com o Adriatico por um estreito, que separa essa ilha da extremidade meridional da Italia; e deste modo lhe fica ao poente a Hespanha, do sul a Africa, do nascente a ilha de Rhodes, e do norte a bella peninsula do Lacio. É famosa a Sicilia pelo monte Ethna, e pelas muitas fabulas, que a imaginação Grega della referiu: povoou-a uma colonia de Iberos de nossa peninsula chamados Sicanos do rio deste nome, hoje denominado Segre, d'além do Ebro, que lá entraram saindo da Italia commandados por Siculo seu chefe: depois vieram os Gregos, e fundaram uma monarchia poderosa, que por fim decaiu cedendo ás armas de Roma: extincto o imperio, correu vária fortuna até passar aos Normandos, que se fizeram tributarios da Santa Sé; e mais tarde, havendo atravessado bem differentes acontecimentos, unida com o reino Napolitano fez parte dos dominios da corôa Catholica, e actualmente, separada com aquelle, obedece a um illustre Soberano da Casa Hispano-Bourbon.

Nas praias orientaes da Sicilia está situada *Syracusa* entre os Promontorios Pachino ao meio-dia e Tauro ao norte: grande, bella, populosa, e afamada na historia foi esta cidade, que se compunha de outras quatro, Neapoli, Acbradina, Tycha, e Ortygia, e que era em tempos antigos capital da ilha: são illustres suas memorias civis; porém mais subidas e veneraveis as tem ella nos annaes do Christianismo. Recebeu a luz do Evangelho por *S. Marciano*, quando o Principe dos Apostolos o consagrou *Bispo* e lá o enviou a pastorear. Antes da paz da Igreja era já *Syracusa* cabeça de provincia Ecclesiastica, e tinha por *Suffraganeas* quatorze *Dioceses* incluindo as das ilhas de Malta e Lipara; perdeu entretanto essa honra, sujeitando-se depois sem ello ao Patriarcha de Constantinopola: mais tarde, expulsos os Sarracenos da Sicilia, voltou ao Patriarchado Romano: um seculo adiante a Santidade de Lucio III deu esta Igreja por *Suffraganea* á de Monreal, que erigira em Metrapole: depois a Santa Sé a isentou; e por ultimo lhe deu o antigo fôro sôbre as *Dioceses* de Caltagirone, Noto, e Piazza, e delle gosa o Arcebispo *Miguel Manso* desde 21 de Abril de 1845; mas em qualidade de *Suffraganea* de Monreal é este o seu logar, quando della trato em relação ao seculo XIII.

Bastava a *Syracusa*, para monumento de gloria, haver nella posto Cadeira Pontifical *S. Marciano* enviado por S. Pedro, e que foi illustre Martyr de *Jesus Christo;* mas ella tem outros testimunhos insignes de sua Christandade em *S. Chresto* discipulo e successor daquelle bemaventurado, e que padeceu na perseguição de Domiciano; em *S. Benigno* e *Santo Eugario*, que receberam a palma em tempo de Severo; em *S. Bassiano*, a quem por odio da fé Claudio II fez dar a morte; em *Santo Euthyquio II*, outro

[1] Zurita *Annales de Aragon*—Tamayo de Salazar *Anamnensis sive commemoratio omnium Sanctorum Hispanorum*—D. Nicoláo Antonio *Bibliotheca Nova*—Diago *Historia de los Condes de Barcellona*—Ossinger *Bibliotheca Augustiniana*. Um retrato de meio corpo.

[2] Della é actualmente representante o Conde de Cervellon.

[3] Tamayo de Salazar *Anamnensis sive commemoratio omnium Sanctorum Hispanorum*—Morotius *Theatrum Chronologicum sacri Cartusiensis Ordinis*—Jayme de Villanueva *Viage literario a las Yglesias de España*—O Sr. D. Paschoal de Gayangos *em carta datada de Madrid a 20 de Fevereiro deste anno* 1853. Um retrato de corpo inteiro.

de sens *Bispos*, quo na era dos Martyres padecen por *Jesus Christo*; em *Santa Lucia* virgem, e nos dois esposos *S. Fancio* e *Sonta Deodata*, que nessa era subiram ao Céo pelos tormentos; em *S. Fantino* filho destes ultimos, que foi illustre Confessor; om *S. Rufino e Santa Marcia*, e nos irmãos *S. Calixto*, *Santo Evodio*, o *Santo Hermogenes*, que alcançaram na mesma perseguição o Martyrio; e por fim nos *Santos André*, *João*, *Pedro*, *Antonio*, e *Simeão*, martyrisados no seculo IX.

No cathalogo do sens Prelados *Syracusa* exibe varões eminentes em santidode e por ontros titulos igualmente dignos de memoria: entre elles lembrarei *Chresto* successor immediato de *Santo Euthyquio*, e que estevo no segundo Synodo de Arles; o veneravel *Eulalio* pelos annos 465; *S. Maximiano*, que presidin em 590; *S. Zosimo* em 640, e *Santo Elias* seu immediato auccessor; *Theodorico II*, exaltado a esta Igreja por Santo Ignacio de Constantinopla depois do haver deposto a *Gregorio Asbesta*, que tinha consagrado Phocio; *Rogero* restaurador da Cadeira Pontifical, extincto o dominio Sarraceno, e consagrado pelo Santo Padre Urbano II; *Ricardo* consagrado pela Santidado de Alexandre III, que lhe deu o Pallio, o sujeitou immediatamente á Se Apostolica; *Pedro de Moncada* celebre pela eloquencia, e insigne por virtudes, que morreu em 1336; o Cardeal *Antonio Jayme Venerio* eleito em 1460; *Paulo Pharaonio*, que celebrou Synodo em 1625; e *Fr. Thomaz Marinho*, que morreu em 1730.

79.°

Veneranoo Fr. CARLOS DO ESPIRITO SANTO.—Nasceu este Prelado em Roma, e tomon o habito da Ordem da Santissima Trindade da Redempção dos Captivos no Mosteiro do S. Thome de *Formis* daquella cidade: leu Theologia nesse Mosteiro, o nelle teve o cargo de Ministro, e depois o elegeram Provincial da sua Religião om Italia. Foi varão excellente pela houestidade de costumes, insigne pela bôa doutrina, e notavel pela prudencia no trato dos negocios; o deixon momoria de sua piedade e sciencia nos escriptos *Da Immaculada Conceição*, *Dos Perseguidores da Igreja*, e *Da Defesa da Igreja*. Satisfez differentes Legacias, governou Roma, obteve a Purpura, e mereceu o *Episcopado* de *Syracusa*. Tudo isto é constante não só nos Escriptores Trinitarios, porém n'outros: entretanto apparece differença na chronologia, e no titolo Cardinalicio mesmo: dos quo trataram expressamente sôbre os altos Prelados Romanos é esquecido; mas este facto não o prejudica, porquo do muitos se não lembraram. Uns pozeram a sua morte em 1251, e lhe não deram titulo, expressando simplesmente, que devêra o Capello a Innocencio IV, ou calando o Popa; o não lhe obsta isto: ontros appellaram para o bemaventurado Gregorio X, chamaram-lhe Presbytero do S. Marcello, ou Diacono dos Santos Cosmo o Damião, retardando-lhe a sua morte a 1274; e segundo os cathalogos dos Cardeaes, este Santo Padre lho podia dar qualquer dos dois titulos: seja disto o que fôr, o mais importante aqui é o *Episcopado*. Existiu Sé plena em *Syracusa* desde 1229 ate 1247, sendo Prelado *Gregorio II; Rinaldo* a occupon de 1248 a 1254; segniu-se *Matheus* já consagrado em 1557, e quo viveu até depois de 1267; e por último *Fr. Simão* desdo 1269 até depois de 1294: já se vê, quo durante o Summo Pontificado do Santo Padre Gregorio X não podia *Fr. Carlos* ser consagrado na Igreja de *Syracusa*; mas, sendo necessario dar-lho logar entre os successores de *S. Marciano*, póde tê-lo depois do *Gregorio II*, renunciando ponco tempo depois, como julgou Pyrro, se elle morreu om 1251 segundo Marracio e Oldoino, ou em qualquer das vacantes anteriores a *Fr. Simão*, se a vida lhe duroo até ao 1.° de Abril de 1274. Pyrro não viu entro os documentos de *Syracusa* o nome deste Prelado, mas aceiton-o de outros, como eu o aceito, em quanto não opparecer documento contrário; porque é possivol, que não chegasso a governar a Diocese apesar de consagrado nella, depositando-a antes nas mãos do Summo Pastor, do quem a recebêra, para mais livremente se empregar em negocios, que importavam á Santa Sé. O Padre Santa Luzia escreveu, quo elle morreu moço, gastou a vida, e perdeu a saude no serviço da Igreja.[1]

X

Coimbra.

Á parte do nordeste do Mondego, quarenta mil passos da velha Talabriga[2] sôbre a foz do Vacca[3], está assentada sôbre uma collina, o pelo declive occidental della até chegar á margem daquello rio, a famosa cidade de *Eminio*, celebre no tempo Romano, o que pódo dover sua origem aos senhores do Lacio, quando não a tenha de época mais remota procedendo dos Tirios. A dez mil passos para o lado do sudoeste existem os vestigios de *Conimbriga* cidade Celtica arrazada em 468, qae nunca mais se restaurou, e deu o seu nome com a Cadeira Pontifical a *Eminio*, quo apesar disso nos dias do Reccaredo o *grande* retevo no civil o antigo nome, e no secnlo IX ainda nma vez o expressou, para depois o perder, e vê-lo completamente esquecido por outro mais nobre. O verdadeiro nome daquella cidade era *Conimbriga*, os Romanos escreveram tambem *Conimbrica*, e nós corrompemos a voz em *Coimbra*. *Eminio*, de uma Parochia, que era no seculo VI, chegon a ser cabeça da extensa *Diocese*, que desdo o Douro corria para o sul até áquem do Collippo.[4] A nova *Coimbra* foi theatro das proezas do Affonso III o *grande*, quo a resgatoo aos Mouros, e do illustre Fernando I, qoo a tornou a conquistar em 1064, fez della cabeça de um districto, e lhe den por governador a Sesnando, de cuja piedade e valentia temos sobejos mo-

[1] Hippolytus Marraccius *Bibliotheca Mariana*—Oldoinus *Athenaeum Romanum*—Rocchus Pirrus *Sicilia Sacra*—Fr. Manoel de Santa Luzia *Epitome Chronologico das varões illustres Religiosos Trinitarios* (ms. do Archivo Nacional)—Fr. Jeronymo de S. José *Historia Chronologica da Ordem da Santissima Trindade*. Um retrato de corpo inteiro.

[2] Aveiro.

[3] Vouga.

[4] S. Sebastião de Leiria.

numentos: depois ElRei D. Affonso VI, ampliando esse districto aos confins da Galliza, ahi poz a côrte de seu genro D. Raymundo; e pouco adiante, separando-lhe o norte da Galliza para além do Minho, substituiu aquelle Principe por D. Henrique outro seu genro, que lançou os fundamentos da Monarchia Portugueza, de qne pelo seu brioso esforço D. Affonso I seu filho, sacudindo o jugo de Toledo, foi o primeiro Soberano: *Coimbra* teve a glória de ser a capital do novo Reino, e conservou esse fôro, até que ElRei D. Diniz o deu a Lisboa, deixando lá estabelecida a primeira universidade deste paiz.

Se não foi a S. Paulo, foi a seus discipulos, que deveu *Coimbra* as luzes do Evangelho e a Cadeira Pontifical, unica, além de Lisboa, de Téjo a Douro na parte maritima. Não nos restam noticias desta cidade, quanto aos tempos mais famosos do Christianismo, senão da existencia de Pontifice; porém eu me contento de podêr apresentar dois Confessores de *Christo* S. Theotonio e o Beato Tello, que illustraram *Coimbra* com exemplos de consummada virtnde; tres insignes Mosteiros, o Benedictino de Lorvão, um dos primeiros deste Instituto na peninsula, o de Conegos Regulares de Santa Cruz da Ordem de Santo Agostinho, e o moderno do Desaggravo do Santissimo Sacramento do Louriçal, que todos tres têem sido asylos de santidade, e de que o primeiro mudou de sexo, o segundo está profanado, e o terceiro ainda persevera em tanto fervor, como teve na sua origem; e uma serie de Prelados dignos de recordação. Foi esta Igreja *Suffraganea* de Merida na época dos Romanos, de Braga na dos Suevos, de Merida outra vez na dos Godos, de Lugo na dos Arabes, de Braga depois da sua restauração, da Sé Apostolica por alguns annos no seculo XII, e finalmente de Braga, apesar das pretenções do Iriense, que succedeu por aquelle seculo XII na dignidade de Metropolitano ao Emeritense.

Entre os Prelados farei menção de *Lucencio* um dos Padres do primeiro Synodo Bracarense de 561, e o primeiro, de que resta memoria; *Possidonio* [1], que esteve no terceiro Synodo Toledano, *Cantabro* natural da cidade, e de nma das mais notaveis familias della, que esteve no Synodo de Merida do anno 666; *Emila* o último, de que ha noticia do tempo dos Godos, e que assistiu ao Synodo decimo sexto de Toledo (em 693); *Nausto*, que vivia em 912; *Paterno*, que, auxiliado pelo Conde D. Sesnando, restaurou a Igreja e o Conclave Canonical, em que introdnziu a vida regular e a Regra Augustiniana; *Mauricio Burdino*, que desta Igreja foi promovido á Metropole Bracarense, e depois se intrusou na Cadeira de S. Pedro com o nome de Gregorio VIII, porém que morreu penitente e em habito Monachal; *João Anaia*, que viveu pelo meado do seculo XII; *Pedro Soares*, que morreu em 1233; *Egas Fafes*, que morreu em 1268 em Montpellier, estando promovido pela Santa Sé á Metropole Iriense; *Aymerico* de uma familia illustre da Aquitania, que em 1288 estava tratando sôbre as questões da corôa de Portugal com o Clero junto da Santa Sé [2]; *Pedro Tenorio*, que foi promovido á Metropole de Toledo pela Santidade do Gregorio XI; o Cardeal da *Azambuja; Alvaro Ferreira* sagrado em 1431; o Veneravel *Affonso Nogueira; João Galvão*, qne postergou a dignidade *Episcopal* aceitando um titulo de Conde, com que a escóla de direito entendeu honrar a Nobresa!! e que, sendo eleito Arcebispo de Braga, não foi confirmado por justo resentimento da Santa Sé proveniente de graves motivos; *Fr. João Soares* um dos Padres do Santo Synodo Tridentino; o Veneravel *Fr. Gaspar do Casal*, que tambem foi áquelle Santo Synodo, e morreu em 1584 com opinião de santidade; o Veneravel *João de Mello* fallecido em 1704; e o Veneravel *Miguel da Annunciação*, que muito padeceu pela causa de Deos. No 1.º de Setembro de 1851 morreu desterrado no Maranhão, para onde necessitou evadir-se, não tendo delicto canonico, que o podesse impedir de apascentar o rebanho de *Jesus-Christo*, o *Bispo Fr. Joaquim da Nazareth;* e a Igreja está já provida em *Manoel Bento Rodrigues*.

80.º

VENERANDO FR. ALVARO DE S. BOAVENTURA.—Nasceu este Prelado em Madrid filho de D. Manrique da *Silva*, 1.º Marquez de Gouvêa na corôa de Portngal, e da Marqueza D. Maria de *Lancaster* filha dos Duques de Aveiro D. Alvaro e D. Juliana de *Lancaster;* e teve irmãos, D. João da *Silva* 2.º Marquez de Gouvêa, que acabou sem geração, e D. Juliana de *Lancaster* mulher de D. Martinho de Mascarenhas 4.º Conde de Santa Cruz [3]. O Santo Padre Innocencio X deu a este Prelado um Canonicato na Sé de *Coimbra;* porém elle trocou a murça pelo saial da provincia de Santo Antonio, onde entrou em 28 de Maio de 1651, rennnciando totalmente a successão da casa apesar de estar habilitado para ella. Em 1670 a côrte o quiz arrancar do Claustro para o *Bispado* de Lamego, mas elle recnsou: entretanto, depois obrigado pelos snperiores, aceiton o da Guarda; e, obtida a confirmação da Santa Sé por Bulla de 11 de Maio desse mesmo anno, foi sagrado em 24 de Maio de 1671: recolheu-se á Diocese em 19 de Julho; mas sendo, pouco adiante, eleito para *Coimbra*, se lhe fez processo Canonico em 17 de Janeiro de 1672, a Santa Sé o trasladou em 27 de Junho, tomou posse por procurador em 16 de Agosto deste mesmo anno, e governou esta Igreja até 19 de Janeiro de 1683. Sendo *Bispo de Coimbra*, ElRei D. Pedro II, quando Regente, pediu ao Summo Pontifice, que o fizesse Cardeal da Santa Igreja de Roma, e deixou de ter effeito a súpplica por se lhe antecipar a morte. Não tenho, que depôr contra a virtude

[1] Foi o unico, que se chamou *Eminiense* pela trasladação a esta cidade; mas isso não continuou, porque os *Bispos* daquella época eram pouco affeiçoados a mudanças.

[2] Essas questões eram de anterior origem, e fazem pouca honra á escóla juridica.

[3] Deste casamento foram filhos D. João de Mascarenhas 5.º Conde de Santa Cruz, que da Condessa D. Theresa Osorio de Moscoso teve 1.º Fr. Gaspar da Encarnação, o qual foi o segundo, e, largando o Deado da Sé de Lisboa e o cargo de reitor da universidade de *Coimbra*, se recolheu a Varalojo, lá tomou o habito da Recoleta austera de S. Francisco, e depois foi Reformador da Congregação de Santa Cruz; 2.º D. Martinho de Mascarenhas 3.º Marquez de Gouvêa, que de sua mulher a Marqueza D. Ignacia Rosa de Tavora houve: 1.º D. José Mascarenhas, que veiu a succeder na casa de seu pae, teve por sentença a de Aveiro, e morreu infeliz como se fôsse um conspirador; 2.º D. Francisca das Chagas e Mascarenhas mulher de D. Antonio de Almeida Portugal 1.º Marquez de Lavradio, de quem descende por varonia o actual Marquez deste titulo.

deste Prelado; comtudo desejaria, que elle, pelo seu zêlo, não abatesse a dignidade Pontifical sendo assiduo nas sessões da Inquisição de Coimbra, o subscrevendo as suas actas depois do Inquisidor [1].

V

Ossonoba.

Ossonoba, *Silves* e *Faro* são tres cidades da Lusitania, em que successivamente teve assento a Cadeira Pontifical de uma *Diocese* limitada ao poente o sul pelo Athlantico, ao oriente pelo Guadiana, e ao norte pelas serras do Monchique e Caldeirão; e seu territorio constitue a provincia Portugueza do Algarve, com o titulo de Reino. A primeira destas cidades estava situada no logar da pequena povoação de *Estoi* sôbre a costa meridional em frente do cabo de Santa Maria: sua origem pode remontar aos Phenicios; e foi celebre no tempo Romano, mas no dos Arabes padeceu completa ruina. *Silves* está situada igualmente naquella costa para o lado do poente de *Ossonoba*: embora fôsse povoação antiga, na epoca Romana era pouco consideravel, mas na Arabe chegou a ser uma cidade poderosa o florescente: veiu ao podêr da Christandade pelo brioso esforço de ElRei D. Sancho I de Portugal, e caiu de novo em mãos dos Africanos: depois, com todos os povos do Algarve, se submetteu ao dominio de D. Affonso III neto daquelle illustre Soberano. *Faro* jaz entre *Estoi*, recordação da famosa *Ossonoba*, e o cabo de Santa Maria: do mesmo modo que a antecedente, não ha della vestigio de grandesa antes da invasão mussulmana; mas depois desta tomou grande incremento, chegou a ser cidade notavel, e hoje é a primeira em grandesa do Reino do Algarve.

Ossonoba, com as povoações d'entre Guadiana e mar, recebeu a luz do Evangelho nos tempos primitivos do Christianismo, e teve logo Cadeira Pontifical levantada por um dos sete varões Apostolicos enviados a Betica por S. Pedro, que nella poz *Bispo* um discipulo seu, posto que não chegasse até nossos dias a lembrança do seu nome, nem do anno. Um dos monumentos mais gloriosos desta Igreja é ter sido por seculos depositaria dos sagrados despojos do S. Vicente no promontorio sacro (que depois levou o nome deste insigne Martyr) em um Mosteiro, que perseverou no tempo Arabe conforme disse o geographo Edris [2]; e a esse segue logo outro, que eu ponho na muita piedade e letras de grande numero do seus Prelados. Esta Igreja durou nos tempos Romano o Gothico: não sôa memoria de seus Prelados desde a invasão Africana, em que, segundo disse, *Ossonoba* foi arrazada; restaurou-se depois no seculo XII a Cadeira Pontifical em *Silves*, e desta cidade foi trasladada á de Faro em 1577. Como Igreja da Lusitania foi *Suffraganea* do Merida: collocada a Sede em *Silves*, passou a fazer parte da Metropole Hispalense; na erecção do Arcebispado de Lisboa lhe ficou sujeita; o quando Evora gosou o fôro Metropolitano se lhe adjudicou; finalmente, pretendendo o podêr temporal reduzir os *Bispados* do Reino a tão estreitos limites como os de uma Parochia de outros tempos, quiz dividir esta Igreja em duas, estabelecendo em *Faro* uma Metropole, e em Villa-Nova de Portimão, ao lado do poente de *Silves*, uma *Suffraganea*; mas isto não teve effeito pleno, porque não podia, nem devia tê-lo; o as cousas estão hoje como anteriormente.

Entre os Prelados dignos de memoria lembrarei *Vicente* um dos Padres do Synodo Eliberitano; *Ithacio*, que falleceu em 392 desterrado por causa do excesso, com que se portou nas questões contra Prisciliano; *Pedro* um dos Padres do Synodo 3.° Toledano; o *Agripio*, que vivia em 693, e depois do qual cessa a noticia dos *Ossonobenses*; *Nicolao* primeiro *Bispo* em *Silves*; o sabio o piedoso *Alvaro Paes* auctor do famoso livro *De Planctu Ecclesiae*; o insigne *Jeronymo Osorio* um dos escriptores mais distinctos do seu seculo, foi o ultimo *Bispo* de *Silves* e o primeiro de *Faro*, e morreu em 1580; o piedoso *Francisco Cano*, que entrou em 1589; *Francisco Borrelo* segundo deste nome, quo fez as constituições sôbre as do anno 1554 no Synodo de 1673; e o bom *Fr. Lourenço de Santa Maria*, quo morreu em 1783. Actualmente é *Bispo* desta Diocese *Antonio Bernardo da Fonseca Moniz* instituido pela Santa Sé em 22 de Janeiro de 1844.

81.°

VENERAVEL FRANCISCO GOMES DO AVELAR.—Nasceu este Prelado no logar do Matto, Freguezia do S. Marcos de Calhandriz entre as villas de Alverca e Arruda, *Diocese* de Lisboa, a 17 de Janeiro de 1739, foi baptisado no 1.° de Fevereiro seguinte, o teve por paes a Francisco Gomes do *Avelar* e Maria Gomes: vestiu a roupeta de S. Filippe Neri a 17 de Setembro de 1757 na Casa de Nossa Senhora das Necessidades de Lisboa: distinguiu-se nas escólas pela honestidade de costumes, piedade, o applicação; e em pouco tempo aproveitou tanto na virtude e nas letras, que era reputado com justiça varão exemplarissimo, quanto ouvido com applauso na Cadeira, em que dignamente exerceu o Magisterio: seguindo o impulso do sua piedade entregou-se ao estudo dos Ritos Ecclesiasticos, e pelo perfeito conhecimento delles o escolheram para Mestre de Cerimonias: finalmente, havendo subido ao Santo Sacerdocio nas Temporas Quadragesimaes de 1763, quiz Deos orna-lo do todas as virtudes, e apresenta-lo para exemplo no meio da sua Igreja. Em 1784 acompanhou a Roma o Nuncio Ranuzzio, do quem era Confessor e particular

[1] Archivo Nacional *maço de Bullas* 38 n.° 25, e *maço* 39 *das ditas* n.° 4. — *Processo Canonico do Bispo Fr. Alvaro de S. Boaventura para a Igreja de Coimbra* – D. MANOEL CAETANO DE SOUSA *Cathalogo Historico* — D. ANTONIO CAETANO DE SOUSA *Memorias Historicas e Genealogicas dos Grandes de Portugal* — PEREIRA DE FIGUEIREDO *Lusitania Sacra*. Um retrato de meio corpo.

[2] Depois do meado do seculo VIII os Christãos de Valencia conduziram o corpo de S. Vicente áquelle promontorio, e de lá veiu depositar-se na Cathedral de Lisboa depois da restauração desta cidade no seculo XII. Uma parte da estola do Santo Diacono foi levada a Paris, e se guardou na Igreja de S. Germano, e a outra parte ficou em Caragoça, onde principiaram os tormentos do seu martyrio.

amigo, e, depois de ter visitado os Santuarios mais celebres da Italia e receber do Santo Padre Pio VI o acolhimento, que merecia, voltou á Casa das Necessidades em 3 de Setembro de 1788. Havendo renunciado o *Bispo Ossonobense* José Maria de Mello, que, como elle, abraçára o Instituto de S. Filippe Nery, o inculcou á Rainha e Senhora D. Maria I, como digno de ser proposto para aquella Igreja: a piedosa Soberana não se demorou em apresenta-lo, e lhe fez dar conhecimento de sua intenção por aviso em 16 de Janeiro do anno seguinte (1789), e ao Nuncio para se lhe fazer processo em 20 desse mez: depois de sentenciado este no dia 26, se fez o postolado á Santa Sé, e o veneravel Pio VI mandou logo, em 30 de Março de 1789, expedir a Bulla de sua apresentação, e a 26 do immediato Abril foi sagrado na Igreja de Nossa Senhora das Necessidades pelo *Bispo* seu antecessor, sendo assistentes o de Elvas João Teixeira de Carvalho e o de Pinhel José Antonio Pinto de Mendoça Arraes, e ministros do jarro e toalha por sua devoção quatro dos principaes senhores da côrte, os Marquezes de Angeja e do Abrantes, o Conde de Redondo, e D. Diogo de Noronha, que, por terem crença, se honraram de servir neste acto a Deos aproximando-se humildemente do seu escolhido: no dia 26 de Maio seguinte despediu-se de seus irmãos do Claustro, celebrando Pontifical, e fazendo uma devota humilia em louvor de S. Filippe Nery seu Patriarcha; e logo no outro dia partiu para o centro de suas ovelhas.

Chegado á Faro celebrou Pontifical na sua Sé em Domingo do Espirito Santo, e começou os trabalhos Apostolicos, que não é necessario referir miudamente neste logar, porque passaram com admiração dos proprios herejes e impios, bastando a nós Catholicos pela graça do Senhor dizer, que foi um *Bispo* digno dos tempos heroicos do Christianismo: foi um Santo, que, para consolar e para levar a benção e o pasto espiritual ao seu rebanho, não attendeu aos temporaes nem aos precipicios, despresou completamente os commodos e a saude, gastou seu tempo em cuidar da salvação dos fieis, em dar-lhes Sacerdotes exemplares, em honrar a Deos com as solemnidades de um Culto puro, e em procurar mesmo as commodidades temporaes daquelles, que Nosso Senhor confiou aos seus cuidados, á custa de seus proprios haveres: foi um Apostolo diante de quem os podêres da terra se calam, porque os protentos de uma virtude solida embargam a voz e quebram os braços, a quem manda em nome de Deos, e obra como Deos manda. Um tempo houve, em que se lhe commetteu o governo temporal n'uma crise dolorosa; aceitou, e proveu ao bem de seus filhos sem se levantar uma só vez da Cadeira Pontifical, sem trocar o Bago pela espada, o que augmentou sua gloria; mas desse modo só era capaz de obrar o homem de Deos *Francisco Gomes do Avelar*. Assim passou desta vida prevendo a morte, e morrendo como um justo em a noite de 15 para 16 de Dezembro de 1816.[1]

82.º

VENERANDO JOAQUIM DE SANTA ANNA CARVALHO.—Nasceu este Prelado em Setubal a 29 de Setembro de 1755, filho de Antonio João e de Maria Theresa de Carvalho, elle natural de Boa-Aldea *Bispado* de Vizeu, e ella daquella villa de Setubal; e foi baptisado na Freguezia de Nossa Senhora da Annunciada: entrou na Ordem dos Eremitas de S. Paulo da serra de Ossa no 1.º de Janeiro de 1776, e professou a 2 desse mez no anno seguinte: seguiu os estudos do Claustro, e depois os da Universidade de Coimbra, em que fez exame privado na Sagrada Theologia a 20 de Julho de 1786, e nella tomou o grão de doutor. Foi Censor e Qualificador do Santo Officio, Examinador Synodal do Patriarchado e das tres Ordens Militares: depois passou a Freire Conventual da Ordem de Christo; e mais adiante foi apresentado Prior na Parochia de Nossa Senhora das Virtudes, da Ventosa, no districto de Alemquer da mesma Ordem; mas pouco adiante se lhe commetteram os Estatutos da Capella Real de Villa-Viçosa dispensando-se-lhe a residencia Parochial, sem comtudo ficar desobrigado do serviço da Inquisição. Assim perseverou até que a côrte o elegeu *Bispo Ossonobense* em 13 de Maio de 1818, e o Santo Padre Pio VII o confirmou por Bulla de 17 de Janeiro de 1819: tomou posse da Igreja pelo Deão Francisco Xavier Pessanha Lobo no 1.º de Março de 1820, e foi sagrado a 16 de Abril em Lisboa; entrou na Diocese em 8 de Abril do anno seguinte. A época era de incredulidade, e o *Bispo* talvez pouco valoroso para resistir aos ataques do demonio encarnado na alma dos perseguidores da Igreja; por isso se retirou a uma quinta, e commetteu o governo da *Diocese* ao Chantre João José de Mattos no 1.º de Julho desse mesmo anno (1821); e em logar de perdoar, aos que o offendiam, requereu do podêr temporal um desforço, do que lhe resultou maior damno sendo reprehendido: o Clero procurou desmentir as accusações feitas contra elle defendendo-o ante o governo; mas os dissabores continuaram resistindo instruir os fieis dos chamados beneficios do systema politico de então, como se lhe mandava de Lisboa.

Apesar da descrença nesses beneficios, veiu, depois de se desculpar com doenças e falta de tempo, por medo, a fazer expedir uma Pastoral a esse respeito. Depois de ter publicado a concessão Apostolica do uso da carne nos dias de abstinencia, e extincto o systema politico de 1820, permittiu uma Missão no *Bispado;* mas prégando os Religiosos contra esse uso, o consultaram sôbre sua perplexidade os Parochos e Confessores, elle declarou, que a concessão era legitima e estava em vigor: isso não só produziu máo effeito ácêrca dos Prégadores, mas augmentou a indisposição dos seus inimigos. Havia-se prestado a jurar a constituição, que fizeram as côrtes; porém, apesar disso, entrando na conta dos suspeitos, foi mandado recolher ao Seminario do Varatojo, e obedeceu, mas recusou absolutamente nomear outro Vigario para o governo da *Diocese* na sua ausencia. Quando acabou aquelle systema de 1820, terminou o desterro do *Bispo*, e elle suspendeu alguns membros do Clero, deixou deportar outros, e fez devassar de alguns, que se haviam alistado na guarda civica. Nem o Prelado, repeti-lo-hei, possuia todo o zêlo e constancia, que devia ter, nem uma parte do Sacerdocio deixava de estar infectada das idéas desastrosas do tempo, apesar da bôa educação, que tivera: entretanto é necessario confessar em

[1] *Processo Canonico para Bispo do Algarve em 1789* — PEREIRA DE FIGUEIREDO *Lusitania Sacra* — JOÃO BAPTISTA DA SILVA LOPES *Memorias Ecclesiasticas da Igreja do Algarve*. Um retrato de meio corpo.

abono do *Bispo*, que estabeleceu na sua Sé uma catechese aos Domingos e dias Santos, e fez um cathecismo para os Parochos e para os Professores das escólas; que exigindo as rendas devidas a seu antecessor, e insistindo em have-las, apesar da opposição do Cabido, se compoz com os devedores, e não quiz que fôssem vexados; e que das recebidas repartiu com as Igrejas, Recolhimentos, Seminario, e necessitados, e estabeleceu um fundo para orphãos e viuvas pobres. Renunciou ao *Bispado* em 1823 sem reserva alguma; e, sendo instado, exigiu somente quatrocentos mil réis para seu patrimonio, mas o governo pediu á Santa Sé, que lhe arbitrasse seis mil cruzados das rendas da Igreja: havendo obtido da Santa Sé a aceitação da renuncia, dirigiu aos fieis da *Igreja Ossonobense* uma Pastoral de despedida em 15 de Fevereiro de 1824, em que se queixava com docilidade do quanto alguns o haviam feito soffrer, e supplicava a todos perdão dos erros, que dizia haver commettido. Foi este Prelado de honestos costumes, e passou por homem de bôas letras, pelo que a Academia Real das Sciencias de Lisboa o nomeou seu socio livre em sessão do 1.º de Julho de 1826, havendo entrado correspondente depois de provas, ao tempo rigorosas, em 1795. Falleceu de uma apoplexia em 2 de Janeiro de 1833.[1]

Z

Vizeu.

Na Lusitania, entre os rios Vouga e Mondego, ao oriente da foz daquelle e ao nordeste de Coimbra, está situada a cidade de *Vizeu*, a que se não póde negar uma origem anterior aos Romanos, apesar de apparecer na historia com esse nome só em tempos posteriores: foi sujeita aos Suevos, e successivamente passou do seu dominio ao dos Godos, e ao dos Sarracenos: reivindicou-a para sempre o piedoso e inclito Rei D. Fernando I o *grande;* e por último fez parte da Monarchia Portugueza: Rodrigo, último Rei dos Godos, refugiou-se em *Vizeu* depois da batalha do Crysso, e lá lhe deram sepultura, que foi descoberta, quando ElRei D. Affonso III *o grande* bateu os Mouros nestas paragens: ElRei D. Affonso V, pondo cêrco a esta cidade em 1027, foi morto por uma setta despedida de dentro dos muros. Em *Vizeu* prégaram o Evangelho os discipulos de S. Paulo, se não elle mesmo, e desde então houve Pastor e Cadeira Pontifical: estabelecidas as Metropoles estaveis na Hespanha, *Vizeu* foi *Suffraganea* de Merida; no dominio Suevo pertenceu a Braga; voltou no dos Godos a formar provincia Ecclesiastica com aquella Metropole da Lusitania; depois da sua primeira restauração na época Arabe obedeceu a Lugo; e mais tarde, restituindo-se a Braga os antigos foros, apesar das pretenções de Iria, que succedêra na dignidade a Merida, pertenceu á velha Metropole da Galiza: entretanto, assim como no tempo mussulmano esteve privada de Pastor, depois de pertencer á Christandade, e depois de restaurada a Cadeira Pontifical esteve do mesmo modo que Lamego, por ordem do Santo Padre Pascoal II, reduzida a Priorado sujeito á Igreja de Coimbra, até que, augmentando em população, se lhe deu *Bispo*. Entre os Prelados de Vizeu aponto como dignos de memoria *Remisol* um dos Padres do segundo Concilio de Braga de 572; *João* e *Sunila*, que estiveram no terceiro de Toledo, o último antes ariano, e por fim Catholico e Coadjutor do primeiro; *Firmo*, que subscreveu nos Concilios de Toledo de 638, e 646, isto é, no sexto e setimo; e *Theodofredo*, o último de que ha noticia do tempo dos Godos, e um dos Padres do Concilio decimo sexto de Toledo; *Gundemiro*, que viveu em 905; *Sesnando*, o primeiro depois de restaurada a cidade por ElRei D. Fernando; *Odorio*, que em 1144, depois de Prior sujeito a Coimbra, foi elevado á Cadeira Pontifical; *Nicoláo*, confirmado e sagrado pelo Santo Padre Innocencio III, havendo sido eleito pelo Clero e povo em 1193, e indo a Roma dar-lhe o parabem da sua exaltação ao Summo Pontificado; *João Homem*, que vivia em 1392, e foi padrinho, no baptismo, do Infante D. Henrique, a quem a Igreja, as letras, e Portugal deveram muito grandes serviços; o anti-Cardeal *Luiz do Amaral*, que foi deposto pelo Santo Padre Eugenio IV, e que, apesar de scismatico, foi varão de merecimento pelos seus talentos e grandes letras; o Cardeal *Jorge da Costa*, o grande Theologo e insigne Prégador *Diogo Ortiz*, e o virtuoso Cardeal Infante *Affonso* filho de ElRei D. Manoel; o Cardeal *Miguel da Silva*, que renunciou em 1547; o sabio *João de Portugal*, que morreu com opinião de Santo em 1629; o illustre Inglez *Ricardo Russel*, que convocou Synodo, reformou as constituições, e morreu em 1693; e *Francisco Alexandre Lobo*, insigne na sciencia Theologica e no Direito Canonico, distincto nas letras humanas, o varão Ecclesiastico de Portugal mais digno do nome de sabio em seus dias, e o Prelado, que mais saudade deixou aos homens deste paiz constantes na orthodoxia Catholica, e de quem por muito tempo hão de lamentar a falta!!! Actualmente é *Bispo* de Vizeu *José Joaquim de Moura* desde 19 de Janeiro de 1846.

83.º

VENERAVEL JOÃO VICENTE. — Nasceu este Prelado em 1380 de uma familia illustre[2] em Lisboa, sendo seus paes Estevão Rodrigues de *Maceira* e D. Mecia Ponce, e foi baptisado na Igreja Parochial de S. Julião: quando moço ouvia a bôa doutrina de um Ermitão estrangeiro chamado Vicente, que se encerrára no monte da Graça, e era tanta a sua devoção por este homem de Deos, que juntou o nome delle ao seu de baptismo: estudou na Universidade da patria, e foi mestre em philosophia, doutor em

[1] *Livro dos Noviços e dos Professos do Mosteiro do Santissimo Sacramento dos Paulistas de Lisboa* (originaes do Archivo Nacional) — *Processo Canonico para o Bispo do Algarve sentenciado em 21 de Maio de* 1719 — JOÃO BAPTISTA DA SILVA LOPES *Memorias Ecclesiasticas da Igreja do Algarve*. Um retrato de corpo inteiro.

[2] *Maceira*, que era o appellido do pae de Mestre *João Vicente*, designava uma gente nobre, de que descenderam por femea os Duques de Benavente em Hespanha, e os Condes da Cunha, S. Vicente, Povolide, Lumiares e outras casas em Portugal.

medicina, lente desta faculdade, e physico de ElRei D. Duarte; porém suas inclinações o moveram e seguir a vida Ecclesiastica e o Claustro; tretou de pôr em execução o seu projecto, e, reunindo successivamente Martinho Lourenço Prégador e Esmoler do Infante D. Fernando, João Eenes, dito depois *Mendolira*, Sacerdote, Affonso Nogueira, Martim Alho, Rodrigo Amado, e Lourenço Eanes Raçoeiro e Cura de S. Julião, se foi dispondo á vida Monastica, recebeu o Santo Sacerdocio, passou com elles á Igreja de Nossa Senhora dos Olivaes perto de Lisboa, depois se poz a caminho para tratar de novo Monastico com o Prelado Bracarense Fernando da Guerra; e, apesar de se separarem delle no Porto os companheiros, não desistiu da jornada de Braga: obtendo lá o Mosteiro de S. Salvador de Villar de Fredes naquella Diocese, passou logo a Lisboa a reunir os companheiros, e em voltando deu, em 1425, começo a uma religiosa Congregação de Sacerdotes de S. João Evangelista, que, embora algumas contestações externas, perseverou: de Villar foi chamado a Lisboa para acompanhar a Infante D. Isabel a Berges indo a receber-se com o Duque de Borgonha em 1429; e, havendo tomado conhecimento com o Cardeal Gabriel Condelmerio, um dos fundadores da Congregação Canonical de S. Jorge da Alga de Venesa, quando elle occupou a Cadeira de S. Pedro com o nome de Eugenio IV em 1431, obteve delle, estando em Roma, a approvação do seu Instituto, e mandou vir da Alga para o Mosteiro de Villar, por Affonso Nogueira, a constituição, ceremonial, e forma do habito: nesse mesmo anno começou, por Decreto Apostolico, a reger e nova Congregação, de que era o primeiro Conego, com o titulo de Reitor Geral.

Aquelle Santo Padre, reconhecendo es virtudes e letras do Mestre *João Vicente*, e querendo honrar o santo Instituto de novo plantado em Portugal, o consagrou *Bispo* de Lamego em 1434: e, voltando elle a governer a sua Diocese, por Bulla de 22 de Novembro deste anno foi encarregado de reforma da Ordem Militar de Nosso Senhor *Jesus Christo*, que sollicitára o Infante D. Henrique: no enno seguinte obteve para os seus Conegos de S. João Evangelista o Mosteiro de Recião; e continuam as suas memorias nessa Igreja até 1444, em que aquelle Santo Padre o trasladou á de *Vizeu*; porém, recusando a graça, einda perseverou em Lamego ate 13 de Agosto do enno seguinte, em que sagrou a Cathedral e o Altar-mor, e, não lhe valendo a escusa, saiu de Lamego em 1446. Na Igreja de *Vizeu* presidio até 30 de Agosto de 1463, em que Nosso Senhor foi servido chama-lo a receber o premio do suas virtudes. Concluiu a reforma da Ordem de Nosso Senhor *Jesus Christo*, e fez as suas constituições, que mais tarde approvou a Santidade de Julio III isentando-a da jurisdicção do Abbade de Alcobaça. Em qualidade do Confessor acompanhou a Castella a Infante D. Isabel para se receber com ElRei D. João II daquella corôa; e, como igualmente era sua filha espiritual D. Beatriz da Silve dama dessa Princesa, teve grande parte na instituição da Ordem das Religiosas de Nossa Senhora da Conceição, que ella fundou; mas sôbre tudo merece particular attenção o zêlo, com que cuidou de suas ovelhas, e o exemplo de virtude, que lhes dava, chegando a tal ponto o conceito de sue piedade, que era tratado pelo *Bispo Santo de azul*, alludindo-se á côr do habito de sua Congregação, que não despiu mais desde a hora, em que o tomou.[1]

84.°

Veneravel JORGE DE ATHAIDE.—Nasceo este Prelado em Lisboa filho dos primeiros Condes da Castanheira D. Antonio de *Athaide* e D. Anna de Tavora, e teve irmão D. Antonio de Athaide segundo Conde da Castanheira[2]: seguiu a vida Ecclesiastica, e foi Prior da Igreja Parochial do Bucellas: no capitulo geral dos Conegos Regulares do Santa Cruz de Coimbra, do anno 1558, foi recebido por Irmão da Congregação: acompanhou depois os *Bispos* e Theologos Portuguezes ao Santo Synodo Tridentino, e assistiu a sua terceira abertura sendo Summo Pontifice Pio IV, que lhe commetteu a reforma do Missal e Breviario Romano. Em voltando ao reino foi eleito *Bispo de Vizeu*; depois de confirmado recebeu a Unção Sagrada na Igreja do Mosteiro de Nossa Senhora da Graça de Lisboa, e entrou na Diocese em 14 de Março de 1569, depois de haver dedicado o Altar-mór do Templo Parochial do Bucellas levantado á sua custa; porém no anno 1578 renunciou a *Igreja de Vizeu*. Sendo provido no cargo do Inquisidor Geral, o renunciou tambem em 1602: foi além disso Abbade Commendatario de Alcobaça, Capellão-mor e Esmoler-mór do Cardeal Rei e de seu successor D. Filippe I, e no seculo presidente da Mesa da Consciencia, e conselheiro de estado: rejeitou as Mitras de Coimbra e Lisboa, morreu om 17 de Janeiro de 1610[3], e jaz no Mosteiro dos Capuchos da Castanheira. que sua familia erigiu.

85.°

Veneravel JULIO FRANCISCO DE OLIVEIRA.—Nasceu este Prelado a 12 de Abril do 1693 em Lisboa filho de Antonio Francisco da Olveira e de Lourença Vieira: entrou na Congregação do Oratorio em 16 de Julho de 1707, e entregando-se ás disciplinas escolasticas com assiduidade, aproveitou distin-

[1] Paulo João *Novo Memorial do Estado Apostolico* (ms. do Archivo Nacional)—Cardoso *Agiologio Lusitano*—Francisco de Santa Maria *Ceo Aberto na Terra*—João Mendes da Fonseca *Memoria Chronologica dos Prelados de Lamego*—Pereira de Figueiredo *Lusitania Sacra*. Um retrato de meio corpo.

[2] O segundo Conde da Castanheira teve neta D. Barbara Estefania de Lara, mulher de D. Alvaro Pires de Castro primeiro Marquez de Cascaes e sexto Conde de Monsanto, de que foi neta outra D. Barbara de Lara, mulher de D. Vasco da Gama terceiro Marquez de Niza, de quem procede o actual, que é o representante e successor dos Condes de Castanheira.

[3] Fr. Martinho do Amor Divino *Escála da Penitencia*—Sousa *Historia Genealogica da Casa Real Portugueza*—Pereira de Figueiredo *Lusitania Sacra*—D. Ignacio de Nossa Senhora da Boa Morte *Diario Historico*. Um retrato de meio corpo.

guindo-se tanto nas letras como na virtude, pelo que mereceu o affecto de ElRei D. João V, que no dia 11 de Fevereiro de 1739 o propoz á Santa Sé para *Bispo* do Funchal, e obtendo a confirmação Apostolica, o mesmo Soberano fez novo postolado para ser transferido a *Vizeu*: em 16 de Novembro de 1740 o Nuncio sentenciou o seu processo Canonico, e o Summo Pontifice o instituiu nesta Igreja por Bulla de 2 de Janeiro de 1741: consagrou-o o Patriarcha Thomaz de Almeida em 5 de Março deste anno; e elle partiu para o centro do seu rebanho sem demora. Tratou, como zeloso Pastor, das ovelhas, que Deos confiara a seus cuidados, procedendo á visita da Diocese, pregando quasi todos os Domingos e dias Santos, levando o Santissimo Viatico em qualquer hora da noite aos enfermos, consolando-os, e alliviando os pobres. Por duas vezes celebrou Synodo em Setembro de 1745, e em Setembro de 1748[1]: fez a Casa da Congregação do Oratorio da sua cidade, e a concluiu em 1759, havendo despendido uns sessenta mil cruzados na obra; e instituiu para sempre na sua Cathedral a festividade de S. Filippe Nery deixando para ella um legado ao Cabido: deu vinte mil cruzados á Misericordia, augmentou o edificio do Hospital, e forneceu-o de camas: distribuia com mão larga a todos os necessitados, sem deixar de acolher generosamente quantos procuravam sua hospitalidade; mas a respeito de sua pessoa era parco na mesa, no vestido, e moveis. Falleceu em 26 de Dezembro de 1765.[2]

86.°

Venerando Fr. JOSÉ DO MENINO JESUS. — Nasceu este Prelado pelos annos 1735 na villa da Jacobina, uma das ouvidorias da Bahia, filho de Domingos Ferreira *Corrêa Neto*, natural do Penso Freguezia de S. Martinho de Avidos termo de Barcellos, e de D. Marianna de Aragão e Bettencourt, natural do Passe Reconcavo da Bahia: abraçou a Descalces Carmelitana, e professou no Mosteiro dos Remedios de Lisboa no 1.° de Março de 1761, mudando o nome de *Jose Corrêa Neto* no de *Fr. Jose do Menino Jesus*. Ordenado Sacerdote, e sendo Mestre de casos naquelle Mosteiro, foi, no 1.° de Junho de 1680, eleito *Bispo* do Maranhão, para que se lhe fez processo Canonico em 5 do dito mez, e Sua Santidade o confirmou por Bulla de 20 de Setembro seguinte. Depois da sua sagração a côrte o elegeu para Vizeu, e o Summo Pontifice o trasladou a esta Igreja por Bulla de 18 de Janeiro de 1783. Passou ao centro do seu rebanho, e o dirigiu até ao anno 1791, em que falleceu a 14 de Janeiro.[3]

11

Beja.

Na Lusitania, ao norte da Igreja Ossonobense, ao oriente do Athlantico, ao poente do Guadiana, e ao meio-dia do Sado, está a Igreja de *Beja*, que assim chamamos á cidade, que os Latinos disseram *Pax Julia*. O nome e a dignidade de colonia Romana inculcam, se não a origem, ao menos uma restauração: foi uma das cinco colonias da Lusitania, e teve, alem disso, a honra de ser uma das tres cidades della, onde se faziam as reuniões de conventos, attrahindo a si os povos, que habitavam dentro do que hoje encerram, d'aquem do Guadiana, os limites das Igrejas Ossonobense, Eborense, e *Pacense*. No começo do Christianismo recebeo com a Lusitania a luz do Evangelho, e teve Cadeira Pontifical desde logo, como demandava a sua muita população nesses dias. Os discipulos de S. Paulo, em fôrça de que o centro e poente de Hespanha tocou á missão deste Santo Apostolo, foram a quem a cidade de *Pax Julia* deveu um e outro beneficio. Em quanto subsistiu nos seculos atrasados, foi esta Igreja *Suffraganea* de Merida, e quando erecta de novo em 1770, separando-se de Evora, lhe foi submettida como a Metropole.

Beja, além das muitas virtudes e grandes letras de seus antigos *Bispos*, apresenta outros monumentos gloriosos de sua Christandade; e conto, primeiro o Diacono S. Sesnando, illustre Martyr da Igreja de Deos, e natural desta cidade, que, indo fazer sua educação á Igreja de Santo Acisclo de Cordova, la, em odio da Fé, no anno 851, o alfange mussulmano lhe decepou a cabeça[4]; segundo, o Santo Presbytero Tiberino, igualmente nascido em Beja, que confessou a *Christo* no mesmo anno, soffrendo tormentos nos carceres daquella capital Sarracena, e por intercessão do Diacono S. Paulo Martyr, seu companheiro nas tribulações, foi salvo; terceiro, finalmente, o veneravel servo de Deos Severo Sacerdote, que passou ao Céo em tempos anteriores no anno 584. Entre seus Prelados são dignos de memoria o veneravel *Apringio*, illustre por sua virtude e sciencia, que presidiu em 531; *Palmacio*, um dos Padres do Synodo terceiro Toledano; *Adeodato*, um dos Padres do Synodo oitavo de Toledo; o veneravel *Izidoro*, que presenciou a catastrophe da patria na invasão dos Mouros, e de seu saber temos grande noticia, pelo que nos deixou escripto: depois delle cessa a memoria dos *Bispos Pacenses* ate 1770, em que entrou Fr. Manoel do Cenaculo, depois promovido á Metropole Eborense. Actualmente e *Bispo Pacense José Xavier da Cerveira e Sousa* desde 28 de Setembro de 1819.

[1] Foram impressas as actas de ambos em Lisboa em 1749.

[2] *Processo Canonico para a Igreja de Vizeu* — Pereira de Figueiredo *Lusitania Sacra*. Um retrato de corpo inteiro.

[3] *Processos Canonicos para o Maranhão em 1780, e para Vizeu em 1783* — Archivo Nacional maço 55 de Bullas n.° 23, e maço 57 n.° 8 — Pereira de Figueiredo *Lusitania Sacra* — O Reverendo Padre José Maria Coelho *em uma informação obtida dos Religiosos Carmelitas Descalços ácêrca deste Prelado*. Tres retratos de meio corpo.

[4] Por Breve do Santo Padre Clemente VIII esta Igreja reza de S. Sesnando com officio proprio, e a cidade o venera como Padroeiro seu.

87.°

VENERANDO FR. FRANCISCO LEITÃO.—Nasceu este Prelado de uma casa illustre em Lamego, filho de Antonio *Leitão* de Carvalho e de D. Maria Theresa Jacintha Rebello de Vasconcellos, e irmão de D. Francisca Theresa Jacintha de Vasconcellos, mulher de Antonio Corrêa Teixeira da Fonseca[1]: de moço entrou na Congregação Cisterciense de Santa Maria de Alcobaça, e professou no Mosteiro de Santa Maria de Salzedas: teve o grão de Mestre, e ensinou a Sagrada Theologia no Collegio deste último Mosteiro: foi depois Abbade de Nossa Senhora do Desterro de Lisboa, Procurador Geral da Ordem, e mais tarde Geral e Reformador della, e Esmoler-mor de ElRei. A corôa de Portugal o elegeu *Bispo Pacense* em 24 de Março de 1802, sendo Fr. Manoel do Cenaculo promovido á Metropole de Evora: em 5 de Maio de 1803 sentenciou o Nuncio o seu processo Canonico, Sua Santidade o confirmou, e, sendo sagrado, passou á sua *Diocese*, em que fez entrada publica a 21 de Dezembro deste anno (1803); mas pouco durou o seu Pontificado, porque falleceu a 21 de Setembro de 1806.[2]

BB

Ostia e Velitre.

Á bôca do Tibre, no logar em que esse famoso rio, a quotorze milhas de Roma, confunde suas aguas com o Mediterraneo, fundou Anco Marcio Rei dos Romanos uma cidade, chamando-lhe *Ostia*, em relação ao sitio, e poz nella colonia de vassallos seus. *Velitre*, antiga cidade dos Volscos, proxima de *Ostia*, que existia 520 annos antes da nossa era, e que foi elevado á ordem de colonia dos Romanos pelos consules Virginio e Vetustio. Uma e outra destas cidades tiveram a dita de ouvir de S. Pedro ou de seus discipulos a nova do Evangelho: ambas ellas receberam Cadeira Pontifical, quando a necessidade dos fieis o exigiu pelo seu incremento, *Ostia*, sem questão, já no seculo III, e *Velitre* depois da paz da Igreja: um pouco mais tarde, desprovendo-se *Ostia* de habitantes, o Santo Padre Eugenio III, em 1150, lhe uniu a Diocese de *Velitre*, que, a meu juizo, della se havia separado: o *Bispo* de *Ostia*, com os do Porto, Sabina, Palestrina, Frascati, Albano, e Santa Rufina[3], entrou, como já disse, a fazer a principal parte do Sacro Collegio, vindo elle a ser considerado o primeiro de todos. Bastaria a Igreja de *Ostia* o Deado da Santa Sé para gosar alta honra; mas a gloria de ter sido regada com os suores de quem viu a face do Salvador, e a que lhe provem de seus illustres Martyres, que logo direi com o primeiro *Bispo*, são o, que a constitue verdadeiramente celebre nos annaes do Christianismo.

Entre os Prelados de *Ostia* mencionarei *S. Quiriaco*, que recebeo a palma do Martyrio com o Presbytero Maximo, o Diacono Archelão, e companheiros no anno 229; *Maximo*, que consagrou o Papa S. Diniz, e foi o primeiro, de quem se sabe ter exercido estas sagradas funcções com o Summo Pontifice; *André*, um dos Padres, que condemnaram os Monothelitas no Synodo Romano de 680; o sabio *Donato*, que presidiu como legado Apostolico ao Santo Synodo Geral oitavo; o *B. Gregorio* desde 1037; e *S. Pedro Damião* desde 1058. De *Velitre* porei aqui *Adeodato*, que esteve no Synodo Romano de 464, e do qual começam a numerar-se os *Bispos* desta Igreja; *S. Gerardo* desde 596, que foi tomado para Protector da cidade; e *João Mincio*, que invadiu a Santa Sé com o nome de *Bento X*; mas em Janeiro de 1059, depois de dez mezes, se humilhou aos pés do Santo Padre Nicoláo II, e passou a fazer vida privada em Santa Maria Maior. Dos que occuparam as duas Igrejas reunidas, o primeiro foi *Hugo* desde 1150; e se lhe seguiram interpoladamente outro *Hugo*, que, exaltado á Cadeira de S. Pedro, se chamou Gregorio IX; *Fr. Pedro de Tarantasio*, que subiu ao Summo Pontificado com o nome de Innocencio V; o illustre *Guilherme de Estouteville*, que morreu octogenario em 1483; o sabio e piedoso *Francisco de Tournon* desde 1560; o penitente *Francisco Maria do Monte*, que foi gosar de Deos em 1626: e *Nicoláo Luiz*, insigne por sua modestia e amor dos pobres. Actualmente e *Bispo* destas Igrejas e Deão do Sacro Collegio *Vicente Macchi* desde 11 de Junho de 1847, em que foi trasladado das outras unidas, Porto, Santa Rufina, e *Civita-Vechia*.

88.°

VENERAVEL ANTONIO CORARIO.—Nasceu este Prelado em Veneza filho de Filippe *Corario* Procurador de S. Marcos, e irmão do Santo Padre Gregorio XII: desde menino se fez notar por sua insigne piedade, que o levou, desde o anno 1400, a instituir debaixo dos auspicios de seu tio, nesse tempo Bispo do Castello, a illustre Congregação de S. Jorge da Alga na sua patria, com seu primo Gabriel Condelmerio, que no Summo Pontificado se chamou Eugenio IV, e outros varões respeitaveis. O Santo Padre Gregorio XII em 1407 o arrancou, por obediencia, do Claustro para *Bispo* de Bolonha; e pouco depois o fez Patriarcha de uma das Igrejas orientaes, Camareiro da Romana, e Arcipreste do Vaticano: no anno seguinte, quando pela primeira vez creou Cardeaes, lhe deu a Purpura com o titulo Presbyteral de S. Pedro *ad vincula*; mas não foi reconhecido senão depois, que compareceu no Santo Synodo de Constança, a que foi citado. Resignou em 1412 o *Episcopado* de Bolonha, tendo sido delle expulso injustamente pelos subditos, quando recusaram obediencia a seu tio, como se a sua questão fôsse identica. A Santidade de Martinho V o enviou Legado aos Senenses e Perugianos, de que deu bôa satisfação, como havia feito nas

[1] Bernardo Pereira Leitão, seu neto, Fidalgo Cavalleiro da Casa Real, é o representante actual desta familia.

[2] *Processo Canonico para Beja em* 1802—O venerando Prelado actual *em memoria de seus antecessores*—O venerando *Bispo* actual de Lamego *em memoria da familia deste Prelado*. Um retrato de corpo inteiro.

[3] Este número se diminuiu unindo-se Santa Rufina ao Porto, e formando com esta Igreja uma só

de França e Allemaoha anteriormente: odministrou as Dioceses de Cidade Nova, e Cervia, e o Mosteiro de S. Zenon da outra de Verona, em que presidiu como bom Pastor, e em que deu alto exemplo de virtude.

Em 1430 foi apresentado na *Episcopal* Cardinalicia do Porto e Santa Rufina; e della passou a de *Ostia e Velitre* em 14 de Março do anno seguinte, e a governou até 19 de Janeiro de 1445, em que passou a gosar de Deos. Bastava para gloria sua a instituição dos Conegos da Alga, mas deixou outras memorias de piedade e sciencia nos seus escriptos asceticos e epistolas. Sôbre a campa de sua sepultura em S. Jorge da Alga escreveram o seguinte:

SEPULCRUM PIISSIMI PATRIS
DOMINI ANTONII CORARII
BEATAE MEMORIAE EPISCOPUS OSTIENSIS,
CARDINALIS BONONENSIS
FUNDATORIS HUJUS CONGREGATIONIS
QUI OBIIT ANNO A NATIVITATE DOMINI
MCCCCXLV. DIE XIX JANUARII.
ORATE PRO EO.[1]

CC

Porto e Santa Rufina.

Na Italia, sôbre a margem direita do Tibre, a doze mil passos de Roma, e pouca distancia de Ostia, fez o Imperador Claudio construir o *Porto*, que levou o seu nome, depois se chamou de Augusto, de Trajano, e de Roma, sendo finalmente conhecido pela denominação de *Porto Romano*. A dez mil passos de Roma, para o lado da Selva Negra estava a *Selva Branca*, que se chamou das *Santas Rufina e Secunda*, porque no anno 260 da nossa era estas bemaventuradas irmãs receberam neste logar a palma do Martyrio, accusadas de seguirem a *Christo* por seus proprios maridos: Plautilla, inspirada pelo Senhor, converteu-se, levantou um Templo em honra das Santas Martyres, recolhea nelle seus corpos, e os Summos Pontifices, em rasão da concorrencia e por honra do logar, erigiram nelle Cadeira Pontifical; mas antes disso haviam já constituido *Bispo* na cidade do *Porto Romano*.

Ambas estas Igrejas conseguiram nome distincto, esta última pelo martyrio de seu Prelado *Santo Hippolito* em 229, e a outra pelo das bemaventuradas matronas, que lhe deram origem: os Prelados de ambas foram investidos da Purpura Cardinalicia, e o de *Santa Rufina* tomava logar depois do Ostiense: mais tarde, em 900, foi arrazada pelos Sarracenos, e restaurada ao diante pela Santidade de Sergio III: o Santo Padre Calixto II em 1120 reunio ambas ellas, ficando a Sède no *Porto*, pelas frequentes incursões dos barbaros; e os Santos Padres Nicoláo IV e Gregorio IX confirmaram o accôrdo: depois o Santo Padre Nicoláo V as separou, dando a de *Santa Rufina* a *João Kempis* Arcebispo Cantuariense, perseverando na do *Porto Francisco Condelmerio*, para se reunirem no que sobrevivesse; mas, fallecendo este em 1453, aquelle se contentou com a que já administrava: por sua morte se reuniram para sempre em *Guilherme de Estouteville*, que as reteve até 1460, e depois delle seus successores. Ao presente se acha unida a estas a de Civita-Vechia; e que ha muito tempo perdeu seus foros reunindo-se com as de Bieda e Toscanella á de Viterbo, e por fim as do *Porto* e *Santa Rufina*.

Na Igreja do *Porto Romano* succederam a *Santo Hippolito* illustres Prelados, de que lembrarei *Herenio* pelos annos 487; *Valperto* pelos annos 878; *João*, que na Cadeira de S. Pedro se chamou Bento VIII; outro *João* dos annos 1066 em diante; e o piedoso *Mauricio*, que largou esta vida em 1106. Em *Santa Rufina*, o primeiro *Bispo*, de que ha noticia, foi *Adeodato*, um dos Padres dos Synodos Romanos de 501 e 504; *Hildebrando*, que obteve da Santidade de Sergio III a restauração e dotação de sua Igreja; *Humberto* desde 1051. *Bispos* de ambas: Pedro, que foi o *primeiro; Bernardo*, que morreu em 1176; *Conrado*, insigne pelo seu zêlo, até 1227; o veneravel *João*, que passou desta vida em 1274; o sabio *Fr. Matheus de Aquasparta* desde 1291; o nosso Portuguez *Jorge da Costa* fallecido em 1508; o illustre *Bento Justiniano* desde 1620; e *Fr. Vicente Mario Ursino*, que desta Igreja subiu á de Roma com o nome de Bento XIII. Actualmente é *Bispo* do *Porto*, *Santa Rufina*, e *Civita-Vechia*, desde 11 de Junho de 1847, o illustre *Luiz Lambruschini*.

89.°

VENERANDO JOÃO DO CARVAJAL. — Nasceu este Prelado de uma familia illustre[2] em Fruxillo da Andaluzia no anno 1399, filho de João de *Tomaio* e de D. Sara do *Carvajal*: estudou um e outro direitos na Universidade de Salamanca, em que com muito applauso tomou o grão de doutor: passando a Roma, foi admittido entre os Auditores da Rota, e nomeado governador da cidade. O Santo Padre Eugenio IV o enviou com outro a Basiea para dissolver a assembléa conciliar; e em 1446, trasladado Gonçalo de Santa Maria da Igreja de Placencia á de Sigueoça, o mesmo Santo Padre o elevou aquella, e pouco depois, na sexta creação de Cardeaes em 16 de Dezembro desse anno, lhe deu o Capêllo com o titulo de Diacono de Santo Angelo, que lhe foi mudado no Presbyteral de Santa Cruz em Jerusalem. Preen-

[1] PAULO JOÃO *Novo Memorial do Estado Apostolico* (original do Archivo Nacional) — AUBERY *Histoire General des Cardinaux* — CIACONIUS ET OLDOINUS *Vitae et Res Gestae Pontificum Romanorum et S. R. E. Cardinalium* — UGHELLI *Italia Sacra* — EGGS *Purpura Docta* — MORONI *Dizionario*. Um retrato de meio corpo.

[2] Do sangue distincto deste Prelado existe actualmente em Hespanha o Conde da União Duque de S. Carlos.

cheu com louvor differentes Legacias, a de Basilea por aquelle Santo Padre, em premio da qual mereceu o Cardinalato; a dos Principes de Allemanha pela Santidade de Nicoláo V; e a de Hungria pelo Santo Padre Calixto III, em que fez triumphar a Cruzada contra os Turcos no anno 1456, obtendo uma victoria famosa a 6 de Agosto pouquissimos Christãos commandados pela espada de João Huniades, escudados pela Cruz de S. João de Capistrano, e animados pelas graças, que elle (Carvajal) distribuia em nome da Santa Se. Em 1460, pela trasladação de *Guilherme de Estouteville* á Igreja de Ostia, passou elle á do *Porto e Santa Rufina*, que regeu até á sua morte em 6 de Dezembro de 1469.

João de Carvajal foi tão illustre na piedade e zêlo pela Fe, na caridade, e n'outras virtudes, como pela sciencia, de que deixou testimunho nas obras, que delle nos restam: *Defesa da Se Apostolica*, *Compendio de suas Legações*, *Cartas*, e *Orações sagradas e profanas*. Á sua custa, para commodidade pública, e por amor dos pobres, fez sôbre o Téjo a ponte chamada *do Cardeal*. Foi honrado pelos Summos Pontifices, e pelos homens grandes do seu tempo: o insigne Pio II tinha por elle a maior deferencia, e julgava seu conselho o melhor: S. João de Capistrano e o veneravel Cardeal Bezarião o amavam extremamente. Este último fez gravar na campa de seu sepulchro em S. Marcello dos Servitas esta lenda:

JOANNI CARVAJALI. GENERE IBERO. PONT. PORTUENSI. S. R. E. CARDINALI. PATRUM SPLENDORI.
VIRTUTUM DECORI. ATQUE OMNI. REIP. BENEMERITO. QUI VIXIT ANNIS LXX.
BESSARIO CARDINALIS NICAENUS. COLLEGAE PIENTISSIMO.[1]

DD

Nola.

Na famosa região da Italia, entre Benevento da parte do norte, e Salerno do lado do meio-dia, ao oriente de Napoles em distancia de doze mil passos, está assentada a cidade de *Nola*, que deveu sua origem aos antigos Tuscos: recebeu grandes honras de Roma em tempo da Republica e do Imperio; e, extincto este, soffreu pelas desastrosas invasões dos Vandalos e dos Sarracenos; passou depois ao dominio feudal da Casa Ursino; e por ultimo foi encorporada na corôa de Napoles.

S. Pedro, ou um seu discipulo, prégou o Evangelho em *Nola*, quando esteve na Campanha, de de que esta cidade era illustre ornamento; mais tarde, no seculo seguinte, se origiu nella Cadeira Pontifical, suscitando Deos um menino de quinze annos chamado *Felix*, verdadeiro prodigio de graça, que, com a sua pregação e milagres, fez espantosas conversões nesta terra; e, sendo desde então Confessor de *Christo*, aos vinte e tres annos de idade foi acclamado *Bispo* pelo povo, e consagrado pelos Prelados: alem de seus successores, que, como elle, subiram gloriosos ao Céo com a palma do Martyrio, em *Nola* padeceram pela Fe, nas primeiras perseguições do Igreja de Deos, os Santos Felix, Julia e Jocunda, e outro Felix *Bispo* Tabacolense na Africa: não menos digna do respeito é esta cidade pelos Confessores, que nella viram a primeira luz, ou a illustraram com a santidade de sua vida, de que lembrarei *S. Paulino*, e dois outros bemaventurados do nome Felix um *Bispo* e outro Preshytero. *Nola* foi uma das Igrejas Suffraganeas da provincia Ecclesiastica da Campanha; e posteriormente, depois de elevada a de Napoles ao fôro Metropolitano, lhe ficou sujeita, como hoje persevera.

Entre os seus Prelados successores de *S. Felix* porei aqui os gloriosos Martyres *S. Calionio* e *Santo Aureliano*, e os illustres Confessores *S. Maximo* e *S. Quinto*: seguiram-se mais tarde *S. Paulino*, que não so pela eximia piedade e pratica de todas as virtudes, mas pela excellencia dos escriptos, conseguiu um logar muito distincto entre os *Bispos* da Igreja de Deos, de quem recebeu o premio de seus altos merecimentos em 431; *S. Deodato*, discipulo daquelle grande Padre, eleito em 442; os *Santos Rufo*, *Lourenço*, *Felix*, o mais novo, e de que já fallei, e *Paulino* o menor, o último dos quaes succedeu *Leão I*, que o Papa Santo Agapito enviou Nuncio ao oriente: mais adiante vieram *Guilherme*, que presidiu em 1105; *Bernardo*, um dos Padres da Santa Synodo Lateranense terceiro; *Francisco Scaccano*, que falleceu em 1399; *João Francisco Bruno*, um dos Padres do Santo Synodo Lateranense quinto; *Fabricio Gallo*, um dos mais dignos Prelados, que teve esta Igreja, e deixou a vida terrena pela eterna em 1614; *Francisco Maria Carafa* instituido em 1704; *Filippe Lopes e Royo* instituido em 1768; e ultimamente *Januario Pasca* desde 23 de Junho de 1828 em que foi trasladado de Bojano.

90.°

VENERANDO FRANCISCO GONZAGA. — Nasceu este Prelado em Mantua, filho illegitimo de Vicente *Gonzaga* Duque de Mantua, e meio irmão 1.° de Francisco *Gonzaga* Duque de Mantua[2], 2.° de Margarida *Gonzaga* mulher de Henrique Duque de Lorena[3], o 3.° de Leonor *Gonzaga* mulher de Fernando II Im-

[1] AUBERY *Histoire Generale des Cardinaux* — CIACONIUS ET OLDOINUS *Vitae et Res Gestae Pontificum Romanorum et S. R. E. Cardinalium* — GIL GONZALES DAVILA *Theatro Ecclesiastico* — CONSELLUS *Lusitania Sacra* — MORONI *Dizionario* — O SR. D. PASCOAL DE GAYANGOS *em carta datada de Madrid a 20 de Fevereiro deste anno* 1853. Um retrato de meio corpo.

[2] Que teve uma unica filha, mulher de Carlos *Gonzaga* 2.° do nome, Duque de Mantua, pae de Carlos III, cuja descendencia acabou em breve, e da Imperatriz Leonor terceira mulher do Augusto Fernando III, da qual houve a Archiduqueza Leonor Maria, mulher primeiro de Miguel Koribut Wiesnovieski Rei de Polonia, e depois de Carlos Leopoldo Duque de Lorena, de quem veiu esta serenissima casa, que largando o ducado antigo pelo de Toscana, em que succedêra, deu varonia á de Austria.

[3] Dos quaes nasceu Claudia mulher de seu primo Francisco Nicoláo de Lorena, do qual houve Carlos Leopoldo mencionado na antecedente nota.

perador de Allomanha[1]; entrou na Ordem dos Clerigos Regulares Theatinos, em que por suas virtudes, talento, e applicação conseguiu o Magisterio e o Sacerdocio: frequenton a Cadeira e a Pulpito com lauvor e proveito dos auvintes; e tornaudo-se, de dia para dia, cada vez mais diguo de ser elevado u Cadrira Pontifical: em 21 de Fevereiro do 1633 foi instituido *Bispo* das Dioceses Geruntinense e Carintense anidas na Calabria; e mais tarde, em 18 do Novembro de 1657, a Santidade de Alexandre VII o trasladau á de *Nola*. Foi nm Prelado exemplar, amigo dos pobres, protector dos desvalidos, zelosissimo do culta e da bem das almas, que procurou desveladamente pelo ministerio da palavra e pelos actos de caridado, como um bom Pastor sabe praticar: na segunda Igreja bemfeitorisou muito a Cathedral, visitau os povos della, e, bavendu convocado Synodo, passou desta vido em 18 de Dezembro de 1673.[2]

EE

Saintes.

Em França, na margem occidental do Charente, vinte mil passos a leste du Oceano occidental, e sessenta mil ao norte de Bordeos, antiga capital da segunda Aquitania, jaz a cidade de *Saintes*[3] capital da paiz dos *Santoes:* sua origem se eleva a tempos anteriores á conquista Romana, e durante esta se tornau famosa pela grandesa e bellesa de seus edificios. Recebeu esta cidade o Evangelha dos varões Apostolicos enviados por S. Pedro as Gallias a derramar as luzes do Christianisma; e, posto que se não sabe a verdadeira época da erecção da sua Cadeira Pontifical, é certo, que não foi posteriar ás perseguições de Dacio, em que *Santo Eutropio* seu *Bispo* fui martyrisado. Desde a existencia das Metropoles fixas a Igreja de *Saintes* obedeceu na qualidade do *Suffraganea* a Bordeos; e assim se canservon, passando atraves dos seculos, trinmphante pela gloria dos bemaventurados, que a presidiram, ou que alimentou a sen seio, dos varões insignes em piedade e letras, que nella dirigiram o rebanho do Senhor, ou que a illustraram com seu nascimento, ate que deixou de existir nos fins do seculo passado, depois da revoluçãa, que assolon a terra de S. Laiz!

Succederam ao bemdito Martyr *Santo Eutropio*, pelo decurso do tempo e interpoladamente, *S. Bibiano; Santo Ambrosia; Pedro I*, um dos Padres du Concilia de Orleans de 511; *S. Troiano; Heraclia*, que pelos aunos 566 de Presbytero da Igreja *Santonense* fai elevado a Cadeira Pontifical della por Leoucia Metropolitano Burdigalense e pelos *Bispos* da provincia, deposto *Emerico*, que não fôra canonicamente eleito; *S. Palladio*, um dos Padres da Synoda de París em 577, de *Saintes* em 580, de Macon em 585; *S. Leoncia*, que esteve no Synodo de Rheims em 625; *Freculfa*, que esteve no Synodo de Soissons em 862; *Islo*, um dos Padres do Synoda de Poitiers em 1011; o piedoso *Godemaro*, que esteve nos Synodos de Tolosa o de Bordeos; *Admaro*, um dos Padres do Santo Synodo Geral undecimo de 1179; *Elias II* pelos aunos 1231; *Guida I*, que celebrou Synado em 1298, e nelle fez constituições para o bom governo de sua Igreja; *Tristanda de Bizet*, que via com profunda dôr a sna Cathedral e os outros Templos da cidade invadidos e destruidos pelos calvinistas em 1568, cessando os Officios Divinos desde Julbo até 22 de Outubro, em quo os Conegos se reuniram na Igreja desolada de S. Domingos; *Nicolaa*, seu successor immediato, que por Bulla de 1576 deu principio á restauração, e recebeu na sua cidade os Religiosos du Santa Companhia, os Menores Recoletas, e as Religiosas do Nossa Senbora da Monte da Carmo; o veneravel *Guilherme de la Brunetiere*, um dos mais zolosos Pastores desta Santa Igreja, que passou da vida terrena em 1702; *Leão de Beaumont*, consagrado em 1718; *Germano de Chateigner de la Chateignernye*, confirmado em 1764; e *Pedro Luiz de Rochefoucauld* desdo 1781.

91.°

VENERANDO RAYMUNDO PERAULD. — Nascea este Prelado em Surgeres nesta Diocese *Santonense* em 1435: dotado de grande talento e excellente inclinação, fez os seus estudos na Collegia de Navarra, la tomou o grão de Bacharel, e depois de occupar com applauso a Cadeira em Paris, foi a Roma, onde a fama do grande nome, que adquirira pelas letras, o tornou aceito aos Summos Pontifices Paula II, Xisto IV, e Innocencio VIII: onviado Nuncia extraordinaria a Allemanha em 1489 para recolher esmolas para a expediçãa da Terra Santa, nesse paiz se manifestou severo com os inimigos da Igreja e da Jerarchia Ecclesiastica, e benigna com os povos, que o ouviam com devoção nas prégações. Vagando o *Bispado* de Gurck[4] foi nelle provido, e logo na segunda promoçãa do Santo Padre Alexandre VI em 1493 creado Cardeal primeiro com o titulo de Diacono de Santa Maria *in Cosmedim*, depois foi Presbytero de S. Vital, logo de Santa Maria *a nova*, e por fim dos Santos João e Paula: em 1199 recebeu o governo da Peragia e Todi na Umbria: em 13 de Outubro de 1500, nameando a Santidade de Alexandre VI Legados para a paz geral a differentes estados, enviou a Allemanha o Cardeal *Perauld*, porque tinha grande influencia nesse paiz em fôrça da conceito, que seus costumes exemplares lá mereceram: partiu com duplice missão, o de fazer concluir nm accôrdo entre o Imperador e a corôa de França,

[1] Pai do Imperador Fernando III, que de sua primeira mulher D. Maria Anna Infante de Hespanha teve o Imperador Leopoldo I, cuja descendencia cinge a casa de Austria.

[2] SALAZAR DE CASTRO *Glorias de la Casa Farneze*—SOUSA *Historia Genealogica da Casa Real Portugueza*—UGHELLUS ET COLETI *Italia Sacra*. Um retrato de meio corpo.

[3] *Mediolanum Santonum, Santones* ou *Xantones*, por qualquer destes tres nomes costumaram designar *Saintes* na lingua Latina.

[4] Cidade da Baixa Corinthia sôbre o rio do Gurck, que deagua no Olcza: em 1073 foi elevada por Gebhard Arcebispo de Salzbourg á dignidade de cabeça de Diocese, constituindo nella Cadeira Pontifical suffraganea de sua Metropole.

e a de publicar outra vez indulgencias para a Guerra Santa; e o Santo Padre Julio II lhe confirmou esta Legacia, que abraçava as terras do Imperio, e da Dinamarca, Suecia e Noruega. Por morte de Pedro VII de Roche-Chovart em 1503 ficou vaga a Santa Igreja de *Saintes*, e nella foi provido o Cardeal *Perauld*, que reteve com ella a de Gurck: dispensado da residencia de ambas, foi governar neste mesmo anno o Patrimonio com o titulo de Legado: mais adiante, em 5 de Novembro de 1505, falleceu em idade de setenta annos na cidade de Viterbo, e lhe deram honrosa sepultura no Mosteiro dos Eremitas de Santo Agostinho. Deixou memoria de suas letras em differentes escriptos, de que não tem o último logar o, que intitulou *De Dignitate Sacerdotali supra omnes Reges*.[1]

FF

Rimini.

Sôbre as margens do Adriatico, entre as famosas cidades maritimas Ancona á parte oriental, e Ravena á do norte, no ponto em que se juntavam as estradas Emilia e Flaminia, jaz a leste do antigo Rubicon[2] a cidade de *Rimini*[3], outr'ora pertencente á Gallia Senonense, e depois á Italia, quando mais ao poente até áquelle rio se estenderam os limites desta: foi povoação de Umbrios, na qualidade de colonia passou ao dominio Romano duzentos oitenta e dois annos antes de *Jesus Christo*, e depois de Octaviano levou o sobrenome de Augusta, porque este Principe mandou fazer uma ponte sôbre o seu rio: Antonino o *pio* a ennobreceu com magnificos edificios: gosou muita estimação no tempo do Imperio; e, extincto elle, obedeceu aos Exarchas, depois aos Lombardos, e por fim aos Imperadores de Allemanha, que a deram á familia Malatesta: esta a possuiu até fazer parte dos dominios temporaes da Igreja desde o tempo do Santo Padre Julio II.

Santo Apolinar de ordem dos Apostolos prégou o Evangelho nesta cidade; e mais tarde, no meado do seculo III, quando presidia sôbre toda a Igreja de Deos o Papa S. Diniz, teve *Rimini* Cadeira Pontifical, que reteve o privilegio de isenção a Metropolitano, sendo desde sua origem immediata á Sé Apostolica, até que a Santidade de Clemente VIII a sujeitou ao Metropolitano de Ravena, e assim persevera. Foi tão prodigioso o número dos Martyres de *Rimini* no tempo de Diocleciano, que o Papa S. Damaso a collocou entre as sete palmas do Martyrio; mas assim como adquiriu celebridade pelos seus Santos, tambem nos annaes da Igreja é famosa pelo conciliabulo do anno 359, em que a perfidia ariana quiz triumphar da orthodoxia Catholica. Entre os seus Prelados farei menção de *Stemnio*, um dos Padres do Synodo Romano de 313, que levantou um templo depois consagrado a S. Gregorio, expurgou da immundicie pagã o de Hercules, estabeleceu nelle a sua Cathedral, e o dedicou á Virgem Martyr Santa Comba, depositando as Sagradas Reliquias desta Bemaventurada em seus altares.

S. Gaudencio, successor de *Stemnio*, illustre defensor da verdade Catholica contra os arianos, e firmissima columna da Igreja contra as pretenções do podêr temporal, rasgou as actas do conciliabulo *Ariminense*, a que esteve presente, e obteve a palma do Martyrio apedrejado fóra da cidade, que depois o tomou por Patrono: seguiram-se *Castorio*, eleito e consagrado por S. Gregorio *o grande*, e que, havendo soffrido muito dos *Ariminenses*, enfermou gravemente de cabeça, mas, apesar disso, não descançou em quanto o Summo Pontifice lhe não deu successor; *Wallono*, a quem o Santo Padre João VIII enviou legado com o *Bispo* Ticinense a Milão em 879 para, com os *Bispos* comprovinciaes e Clero da Diocese, eleger o Metropolitano desta cidade; *Humberto*, illustre por sua piedade, instituido em 1052; *Fr. Ambrosio* eleito em 1262, insigne pela devoção e zêlo na reforma de costumes; *Leal Malatesta*, que morreu em 1400; *Bartholomeu Malatesta*, eleito em 1445; *Angelo Cesio*, eleito em 1627; e o Cardeal *João Antonio*, que entrou em 1698. Actualmente, desde 20 de Janeiro de 1845, é *Bispo* desta Igreja *Salvador Lesiroli* trasladado de Montefeltre.

92.°

VENERANDO HUGO MALABRANCA. — Nasceu este Prelado em Orvieto, e entrou na Ordem dos Eremitas de Santo Agostinho em Civita-Vecchia: foi doutor em theologia, e tão grande era o seu talento, e tão assiduamente se applicou ao estudo, que foi um dos homens mais sabios do seu tempo: no seu Monastico chegou á superior dignidade de Prior Geral, e no *Episcopado* á de Patriarcha de Jerusalem, provido nesse titulo pela Santa Sé em 1370: no anno seguinte foi eleito e confirmado *Bispo* de *Rimini*, em que durou pouco tempo, porque em 1374 passou desta vida, quando voltava de Paris a Roma; e os seus restos mortaes se trasladaram ao Mosteiro de Santo Agostinho de Orvieto. A Santa Sé o empregou em differentes negocios de importancia para a Igreja de Deos, por isso algumas vezes esteve ausente da sua Sé, e nomeadamente por causa desses negocios o estava ao tempo da sua morte; mas nem por isso deixou de presidir ao rebanho, que Deos lhe confiou, como bom Pastor. Ficou memoria de seus estudos nos *Commentarios aos quatro livros das sentenças*, em seus livros de philosophia, e de theologia ascetica e dogmatica: foi tão pio, como eloquente orador, subtil controversista, e eminente interprete das Sagradas Escripturas.[4]

[1] AUBERY *Histoire Generale des Cardinaux* — CIACONIUS ET OLDOINUS *Vitae et Res Gestae Pontificum Romanorum et S. R. E. Cardinalium* — EGGS *Purpura Docta* — SAMMARTANUS *Gallia Christiana*. Um retrato de corpo inteiro.

[2] O rio Morechia.

[3] Os Romanos lhe chamaram *Ariminum*.

[4] UGHELLUS *Italia Sacra* — OSSINGER *Bibliotheca Augustiniana*. Um retrato de corpo inteiro.

GG

Frascati.

No monte *Tusculo*, uns doze mil passos para lesto de Roma, pela encosta fronteira a essa cidade, se ergue a de *Tusculo*, tão poderosa em riquesa e armas, que se tornou sua rival: era já antiga, quando o Rei Tarquinio o *soberbo* se amparou debaixo da protecção de seu genro Octavio Mamilio principe della, e intentou, com o auxilio por esse prestado, a guerra contra os Romanos, que se lhe haviam rebellado por suas tyrannias: apesar de sua grandesa veiu por fim, depois de uma viva resistencia, a curvar a cabeça diante de Roma; porém, quando esta caiu, tornou a ganhar fôrços, o muitas vezes se vingou do jugo, que lhe impozera, até que por fim do seculo XII foi arruinada pelas ormas della: seus moradores se dispersaram então pelos logares visinhos, e a propria Cadeira Pontifical se trasladou a um ponto dos suburbios, onde se juntára grande número de habitantes, e que do acontecimento foi chamado *Frascati*: desse tempo em dianto tomou incremento, ficou substituindo o ontigo *Tusculo*, erigindo o Santo Padre Paulo III em Cathedral a Parochia de Santa Maria, posteriormente dedicada a S. Pedro, e dando á povoação o fôro do cidade.

Aos discipulos de S. Pedro deveu *Tusculo* o luz do Evangelho; mas a Cadeira Pontifical não foi por elles erecta, porque não havia urgencia na proximidade de Roma: esse facto teve logar mais adiante pelo grande incremento da Christandade, e sem dúvida não foi mais cedo que no meado do seculo III, em que apparece na historia o *Bispo Tusculano Marcio*. O Prelado desta Igreja sempre reconheceu como Metropolitano o Summo Pontifice: foi ello, desde que os *Bispos* constituirom a principal parto do corpo Cardinalicio, um dos chamados para o lado do successor de S. Pedro; e assim persevera. *Marcio* presidiu na Codeira Pontifical de *Tusco* pelos ounos 269: cêssa depois a memoria dos Pastores até *Vitaliano*, que foi um dos Padres do Santo Synodo geral sexto; mais tarde veiu *Gil*, que em 964 o Santo Padre João XIII enviou Legado á Polonia, o Deos permittiu, que fôsse o Apostolo deste paiz, porque o reduziu todo á fe; depois lembrarei *Hugo de S. Victor*, que entrou em 1139, e mereceu illustre memoria pela sua eximia piedade e grande sciencia; o famoso escriptor *Jacob de Vitriaco*, que falleceu em 1244; o Summo Pontifice João XX, antes chamado *Pedro Julião*; *Fr. Guilherme*, sobrinho do Santo Padro Bento XII, que morreu em 1361; o insigne *Bessarion*, tão illustre pela sua devoção como pelas suas grandes letras, honra do oriente, e admiração do occidente, que foi gosar de Deos em 1473; Filippe de Luxembourg, que morreu em 1519; o bom *Duarte Farnese*, que entrou em 1624; e o Santo Padre Bento XIII. Ao presente, desde 17 de Junho de 1844, é *Bispo* Cardeal *Tusculano Mario Mathei*.

93.ª

VENERAVEL JOÃO ANTONIO DE S. BERNARDO.[1]—Nasceu este Prelado na cidade de Florença em 14 de Setembro de 1674, filho dos Marquezes de *Guadagni* Donato Maria e Maria Magdalena Corsino irmã do Santo Padre Clemento XII: educado cuidadosamente na casa paterna, aos dezeseis annos foi estudar philosophia a Roma no Collegio da Companhia, e dois annos adiante o apresentou em um Canonicato da Sé Metropolitana de Florença Cosme III Grão-Duque de Toscana: passou a fazer estudos maiores na patria, e depois aprendeu jurisprudencia na Universidade de Pizza, e lá tomou o grao de doutor: voltou o Roma, onde se instruiu na prática do fôro; mas pouco satisfeito do mundo, pensou em entregar-se, fóra do bulicio delle, a Deos; e, despresando as dignidades, que podia esperar, tornou a Florença, e de lá, contra vontade dos paes, a Arezzo para receber o habito do Carmello Descalço, que tomou com decidida vocação, e fez os votos solemnes em 11 de Novembro de 1700, largando o nome de *Bernardo Caetano Guadagni* pelo de *Fr. João Antonio de S. Bernardo*. Elegeram-o Mestre de noviços, depois Prior do Mosteiro de Florença, Definidor e Provincial na soa religião: procurou instituir um Mosteiro em Pizza, e conseguiu não só a fundação, mas a dotação; e levou comsigo para elle os rigores da mais austera disciplina. Corria a fama do sua grande piedade, extrema humildade, e severa penitencia a par de muita sciencia; e essas virtudes lhe trouxeram a tribulação pela necessidade de largar o Claustro, porque em 1725 foi obrigado pela Santidade de Beuto XIII a aceitar o *Bispado* de Arezzo. Os seus cuidados no Apostolado foram a reforma dos costumes do Clero o povo, e o incremento do culto Divino. Logo que seu tio materno foi elevado á Cadeira de S. Pedro, lhe enviou o Pallio, e na terceira creação de Cardeaes, em 24 de Setembro de 1731, lhe deu a Purpura Presbyteral com o titulo de S. Martinho *ad Montes*. Renunciou a Igreja em 1732, e Sua Santidade o fez seu Vigario: mais tarde, em Fevereiro de 1750, passou a *Bispo Tusculano*, e entrou nas Congregações do Santo Officio, Concilio Tridentino, *Bispos* e Regulares, Sagrados Ritos, Immunidade Ecclesiastica, Indulgencia, Assignatura de Graça, Visita Apostolica, e Indice dos livros prohibidos; e na qualidade de Prefeito dirigiu a Congregação da Disciplina Regular e Residencia dos *Bispos*: finalmente, em 1756, foi trasladado á Igreja do Porto Romano. Este Prelado era um dos mais insignes do seu seculo, e se tornou saudosa a sua memoria pela caridade, e pelo esforço, com que procurou restaurar a santa disciplina; mas ainda mais pela firmesa, com que pretendeu

[1] Alterei aqui a regra estabelecida de fazer menção dos *Bispos* na última Igreja, a que presidiram, ou naquella, em que primeiro entraram, e retiveram sempre, mas em obsequio do Santo Padre João XX, que fallou a mesma lingua, que eu fallo, e ainda mais pela veneração, que consagro ao Cardeal *Guardagni*, ao qual desejei apresentar isolado em uma Igreja, e para isso não tinha logar na do Porto Romano, fiz capitulo de *Frascati*. Esta alteração, e por similhante motivo, julgo ser-me permittida em uma obra deste genero.

affastar dos negocios da Igreja de Deos a perniciosa influencia dos podêres da terra: acabou com a morte do justo em 15 de Joneiro de 1759; e em Março de 1763 se começou o processo de sua Beatificação.[1]

HH

Palestrina.

Na região da Italia, a distancia de vinte e cinco mil passos de Roma para nordeste, jaz a eidade de *Palestrina*, nmo das mais antigas do Lacio, e a que se deu o nome de *Praeneste* anteriormente: sujeita ao dominio do Roma teve o fôro do colonia; e, extincto o imperio, foram della senhores os da familia Colona: teve vária fortuna por causa das contestações de seus desinquietos Principes com os Papas, soffrendo muito no tempo de Bonifacio VIII e Eugenio IV, até que entrou na obediencia pacifica da Santa Sé. Ao principio estava assentada no alto da montanha, o depois na raiz della junto ao rio Vetezin.

Teve esta cidado a gloria de receber as luzes do Evangelho de S. Pedro ou de seus discipulos; porém mais tarde nella se erigiu Cadeira Pontifical: aiuda que só um anno depois da paz da Igreja appareça o seu primeiro *Bispo*, concorrem todos as circumstancias na pessoa de *Secundo* para antepôr a sua sagração áquella época; e quando mesmo fôsse elle o primeiro, parece que a instituição da Cadeira Pontifical é ao menos dos fins do seculo antecedente. Desde sua origem foi esta Igreja *Suffroganea* da Santa Sé; e, quando os *Bispos* dos sete cidades visinhas do Roma entraram no Collegio Cardinalicio formando a principal parte delle, o de *Palestrina* foi desse número. Como seu Patrono venero esta cidade a Santo Agapito, que na perseguição de Aureliano, tendo openas quinze annos, obtevo a palma do Martyrio. Alem deste bemaventurado *Prenestino*, essa cidade se gloría, com moita rasão, da santidade, piedade, e letras de muitos seus Prelados, e de seus filhos.

Entre aquelles, a quem Nosso Senhor commetteu o cuidodo do rebanho Christão na *Palestrina*, lembrarei, depois de *Secundo* um dos Padres do Synodo Romano da 313 da nossa era, a *Gregorio*, que presidia em 766, quando consagrou anti-papa o Constantino, introduzido por violencia para succeder a S. Poulo I, por isso Deos lhe seccou a mão direita, e o fez morrer miseravelmente; o piedoso *João*, que deixou esta vida em 1010; *Bernardo*, eleito em 1101, Legado no Oriente, e que foi distincto por suas virtudes; o illustre *Conon*, instituido em 1111, de quem a Igreja de Deos recebeu serviços; *S. Guarino* Confessor de *Christo*, que subiu ao Céo em 1159; *Guido de Poré*, olevado a esta Santa Igreja em 1198, e que deixou memoria pela sua devoção oo Santissimo Sacramento, e pelo empenho do maior culto deste augustissimo Mysterio; o Santo Padre Nicolão IV; *Raymundo de Canilaco*, eleito em 1361, de quem restaram trabalhos litterarios; *Hugo de Lusignano* fallecido em 1452; *Antoniate Pollacivino*, que entrou em 1503; *Eudo de Trusches* fallecido em 1573; *Ascanio Colona*, insigne por seu amor ás letras o pela sciencia, que morreu em 1608; *Guido Bentivolo*, instituido em 1641, que odquiriu grande e merecido nome pelos seus escriptos na historia; e *Luiz Manoel Fernandes Portocarreiro*, que presidiu desde 1698. Actualmente é *Bispo* Cardeal *Prenestino* desde 15 de Abril de 1833 *Castrucio Castracane de Antelminelli*.

94.°

VENERANDO SIMÃO DE BEAU-LIEU.—Nasceu este Prelado de uma familia nobre em Brie na França: dedicou-se á vida Ecclesiastica e ás letras sem reserva: foi Arcediago do Chortres e Conego de Bourges e de S. Martinho de Tours; mas largou estes Beneficios pelo Claustro Cistersiense, para se entregar á contemplação das cousas Divinas livre do bulicio do mundo: entretanto não lhe permittiram os Monjes a satisfação plena de seus desejos, porque o elegeram Abbade do Mosteiro da Caridade da *Diocese* de Besançon, o Deos o chamou a mois alto destino collocando-o na Cadeira Metropolitana de Bourges, por que o fama de sua olta piedade e grande sciencia moveu a Santa Sé a declara-lo successor do Guido de Sully por Bulla de 29 de Dezembro do 1281. Mais adiante o Papa S. Celestino V, na creação de Cardeaes, que fez pelas temporas de Setembro de 1295, o trasladou á Santa Igreja da *Polestrina*: depois seu successor o Santo Podre Bonifacio VIII o enviou Legado o França com o Cardeal Albanense Berardo de Goth, para fazer a paz entre Filippe *bello* e Eduardo de Inglaterra: não podendo obter cousa alguma, voltou a Italia, morreu em Orvieto a 18 de Agosto de 1297, e foi sepultado na Igreja de S. Francisco desta cidade. Disse deste illustre Prelado o Santo Padre Martinho IV, que era grande sabio, louvavel no trato, e amavel pelos seus costumes; e a mim cumpre-me venerar a sua memoria, como de um *Bispo* exemplar, e de um varão, a quem a Igreja e as letras devem os excellentes livros *De Passione Domini*, *De Honestate vitae Clericalis*, os Sermões dos Santos, e o modo de bem fazer os testamentos.[2]

95.°

VENERANDO GUILHERME DE MANDAGOT.—Nasceo este Prelado de uma familia illustre em Lodeva na França: applicou-se a um e outro direitos, em que se tornou insigne: seguiu a vida Ecclesias-

[1] MORERI *Diccionario*—GUARNACI *Vitae et Res Gestae Pontificum Romanorum et S. R. E. Cardinalium*—MORONI *Dizionario*. Dois retratos de meio corpo.

[2] AUBERY *Histoire Generale des Cardinaux*—CIACONIUS ET OLDOINUS *Vitae et Res Gestae Pontificum Romanorum et S. R. E. Cardinalium*—UGHELLUS *Italia Sacra*—SAMMARTANUS *Gallia Christiana*—EGGS *Purpura Docta*. Um retrato de meio corpo.

tica, e foi Proposito da Igreja de Tolosa, Arcediago de Nimes, Notario de Nicoláo IV, e Capellão do Bonifacio VIII; e destas dignidades o elevou a Santa Sé, em 1295, á Metropole de Ambrun: depois den-lhe o *Bispado* de Avinhão em 1310, e o Arcebispado Aquense em 1311; e elle, retendo estas Igrejas, conseguiu, em 14 de Dezembro de 1312, a *Episcopal* Cardinalicia da *Palestrina*, obtendo ainda em 1316 a Lodovense.[1] Havendo deixado memoria de seus estudos no *Sexto livro das Decretaes*, para que com outros sabios foi escolhido pela Santidade de Bonifacio VIII, no livro *De electionibus Praelatorum*, e n'outros escriptos principalmente na materia de direito: passou desta vida em Novembro de 1321.[2]

96.°

Venerando Fr. GREGORIO PETROCHINO.—Nascen este Prelado em Monteparo do Piceno ao correr do seculo xvi em 1535, e aos quinze annos de sua idade abraçou o Instituto dos Eremitas Augustinianos: fez os seus estudos maiores na Academia de Macerata, e lá tomou o grão de mestre em artes, e depois a borla doutoral na Sagrada Theologia: havendo regido Cadeira naquella escóla, pela sua eloquencia foi adjudicado pela Ordem ao Pulpito, em que annunciou com grande proveito a palavra de Deos; e, depois de ter occupado differentes cargos no Claustro, em 1587 foi eleito, por suffragio universal, Prelado superior de todos os Eremitas; e nesta dignidade visitou os Mosteiros de sua obediencia na Italia e em Hespanha, onde veiu ganhar a affeição geral, e ElRei D. Filippo II não só lhe deu uma pensão annual, mas o recommendou muito á Santa Sé. A sciencia e a piedade de *Fr. Gregorio Petrochino* eram um facto, que não odmittia contestação, por isso, no volta a Roma, o Santo Podre Xisto V, na oitava creação de Cardeaes, em 14 do Dezembro de 1589, lhe den a Purpura com o titulo Presbyteral de Santo Agostinho, que depois lhe foi mudado no de Santa Maria d'além do Tibre; e por fim, em 17 de Agosto de 1611, a Santidade de Paulo V o elevou á Cadeira Pontifical da *Palestrina*, mas não a gosou por muito tempo, querendo Deos chama-lo o Si, para premiar suas virtudes, em 1612 a 18 de Junho. A liberdade Evangelica, com que fallava, e as virtudes de que era ornado, e por que servia de exemplo, tornam illustre a sua memoria posthuma, bem como os seus escriptos em ascetica.[3]

IJIJ

Nicea.

Na Mezia, que o rio Ciabro divide em duas partes, superior, hoje chamada Servia, oo occidente e inferior, ou Bulgaria, ao oriente, e separada ao norte da Dacia propria pelo Istro[4], e limita com a Macedonia e Thracia pelo meio-dia: na superior[5], confinante da Dalmacia pelo poente, está *Nicea*[6] sôbre o Nissava na distancia de cem mil passos da cidado do Sardica, que lhe fica para o nasconto, o é famosa por ter sido o berço de Constantino o *grande:* tevo a infelicidade de caír nas mãos dos mussulmanos, em podêr de quem andou ate 1689, quando foi tomada pelo Principe de Baden General do imperio de Allemonha; porem no anno seguinte tornou ao dominio dos Turcos, qae a haviam perdido, e a conservam hoje.

Havendo recebido a luz do Evangelho nos tempos Apostolicos, a sua Christandade soffreu, como a de todas as cidades do dominio Romano, a espada dos Cezares nas duras provas do martyrio; e teve Cadeira Pontifical, que perseverou até á tyrannia dos infieis; mas da época do seu estabelecimento não consta, nem me parece anterior á paz da Igreja: sendo comtudo certo, que seu *Bispo* foi um dos Padres do Synodo Sardicense, devemos suppo-la existente depois da paz da Igreja, e anterior ao anno 346: obedecen em qualidade de *Suffragonea* ao Metropolitano de Sardica, que se tornou memoravel nos annaes do Christianismo pelo Synodo, a que presidiu, em nome do Papa S. Julio, o veneravel Ozio de Cordova, e em que se sentenciou a causa de Santo Athanazio contra os arianos.

Entre os *Bispos* do *Nicea* lembrarei *Gaudencio*, que estevo naquelle Synodo de Sardica; *Dalmacio*, que subscreveu a Epistola Synodica ao Imperador Leão I, e *Gojano*, que presidia em 506. Depois que passou ás mãos dos infieis, a Santa Sé a den em titulo, e o tiveram *Melchior Carneiro*, com elle consagrado para coadjutor e futuro successor do Patriorcho da Ethiopia André de Oviedo em 1560; *Diogo Seco* com elle consagrado para coadjutor e futuro successor do Patriarcha da Ethiopia Affonso Mendes em 1623, porem que morreu na viagem, e foi substituido pelo seguinte.

97.°

Veneravel APOLINAR DE ALMEIDA.—Nascen este Prelado em Lisboa a 22 de Julho de 1587, filho de João Gomes de *Coimbra* e de Margarida Jorge: entrou noviço na Companhia de *Jesus* em 5 de

[1] Não posso perceber como pela doutrina de certos tempos se julgasse possivel a cura de mais de um rebanho: por fortuna quiz Nosso Senhor, que o Santo Synodo Tridentino, reprovando o principio, prohibisse similhante accumulação.

[2] Raynaldus *Annales Ecclesiastici*—Aubery *Histoire Generale des Cardinaux*—Ciaconius et Oldoinus *Vitae et Res Gestae Pontificum Romanorum et S. R. E. Cardinalium*—Ughellus *Italia Sacra*—Eggs *Purpura Docta*. Um retrato de meio corpo.

[3] Ciaconius et Oldoinus *Vitae et Res Gestae Pontificum Romanorum et S. R. E. Cardinalium*—Ughellus *Italia Sacra*—Eggs *Purpura Docta*. Um retrato de corpo inteiro e outro de meio corpo.

[4] Danubio.

[5] A Mesia superior continha as Dacia, Mediterranea e Ripense, naquella estava Nicea.

[6] Naysus, Nissus, e Nissum, que dizemos Nice e Nicea.

Novembro de 1601, e fez os seus estudos na Universidade do Evora: teve Cadeira de Artes nesta cidade, em Coimbra e Lisboa: leu Escriptura naquella Universidade do Evora, e la se doutorou na Sagrada Theologia em 19 de Junho de 1624. Era por este tempo um Sacerdote de exemplarissimas virtudes, e muito distincto no Pulpito, e por esses dotes foi eleito coadjutor e futuro successor do Patriarcha da Ethiopia Affonso Mendes, a quem succedêra na lição universitaria da Santa Escriptura, e confirmado com o titulo *Episcopal* de Nicea por morte de Diogo Seco: sagrou-o em Evora o Arcebispo José de Mello, assistindo os *Bispos* de Fez Fr. Manoel dos Anjos, e de Targa Fr. Thomé de Faria: embarcou para o seu destino em 20 do Abril de 1628; a 21 de Outubro chegou a Gôa, em 18 de Novembro partiu para a Ethiopia, e a 10 de Agosto do anno seguinte, depois de vencidas muitas difficuldades por causa dos Turcos, que tomaram os portos, entrou na Ethiopia. Começou o santo Ministerio junto do Patriarcha, e o continuou até que elle foi expulso com todos os Missionarios: o veneravel *Bispo* ficou escondido com alguns para conservar as reliquias da Christandade, e por não ser descoberto padeceu muito com um companheiro o Padre Jacintho Franco, sustentando-se da agua de um ribeiro em Defaló através de umas serranias, para onde o levaram refugiado: ahi esteve por tres mezes, correndo o boato de que era morto até que um Portuguez o descobriu ao Padre Francisco Rodrigues, quando os Mouros do logar tratavam de vende-lo aos Turcos: passou então para outro logar, onde viveu com alguma quietação; mas o senhor do districto, sollicitado pelo Imperador, lh'o levou e a seus companheiros: teve-os elle carregados de ferros debaixo do leito, em que dormia: depois desterrou o *Bispo* para os Aguaus; porém como soubesse, que alli vivia com Catholicos, o fez passar a uma pequena ilha do lagôa do Nilo, onde padeceu incriveis tribulações dos Monjes scysmaticos, que pediam ao Soberano incessantemente o sua morte: assim ia confessando a *Christo*, até que n'um tumulto popular, em 9 de Junho de 1638, sem esperar a resolução do côrte, o enforcaram em uma arvore e aos dois Padres seus companheiros, e lhes atiraram um chuveiro de pedras, de que uma fez saltar fora um olho ao Prelado. Os seus corpos foram lançados as feras, que os não tocaram.[1]

KK

Churco.

Entre a Cilicia segunda e a Isauria está a Cilicia primeiro, limitada ao norte pelo Tauro, e ao meiodia pelo mar de Chypre; e lá, junto do promontorio Coryco, defronte dessa ilha, jaz a cidade de *Coryco*, *Churco* ou *Curco*, na distancia de quarenta e seis mil passos das praias de Chypre para o norte: foi esta cidade famosa nos seculos do alto imperio por causa de seu porto, onde elle mantinha uma esquadra, e em rasão do privilegio de asylo de que gosava, como do outro de se governar por suas leis: do reinado de Valeriano e Galieno restam medalhas de *Coryco*, em que se alludiu ás nupcias de Plutão e Proserpina, que lá se fingiram celebradas.

S. Poulo, ou os seus discipulos, prégaram o Evangelho nestes contornos, o *Churco* mesmo talvez ouviu a novo do Reino dos Céos da bôca do Santo Apostolo; e se não se erigiu lá a Cadeira Pontifical em tempos mais remotos, não póde retardar-se do meado do seculo IV a fundação, pelo que a supponho desse tempo: obedeceu em qualidade de *Suffraganea* a Tarso, e com as tres provincias da Cilicia reconheceu por Patriarcha o Antiocheno. Tevo a desdita de cair em podêr dos infieis, e por essa causa viu desolados os Templos do Deos vivo, e deserta a Cadeira Pontifical; mas os Summos Pontifices, em memoria de sua grandesa, tem elevado á suprema dignidade *Episcopal* alguns Sacerdotes com o titulo desta cidade: entretanto Nosso Senhor permittirá ainda perdoar as maldades, que trouxeram o jugo mussolmano, e *Churco* ouvirá dentro de seus muros entoar hymnos de louvor ao Mysterio do Calvario.

No tempo de sua grandesa *Churco* se gloriou de respeitar, entre os cento e cincoenta Padres do Santo Synodo geral segundo, a *Germano* seu Pastor, que com seus irmãos confessou a Divindade do Espirito Santo contra Macedonio; e mais tarde ouviu pronunciar em Calcedonia, no Santo Synodo geral quarto, o nome de seu *Bispo Salustio*, subscrevendo por elle Theodoro seu Metropolitano a condemnação do impio Euthyques.

98.°

Veneravel Fr. HILARIO DE JESUS MARIA. — Era este Prelado natural de Italia, e Eremita Reformado de Santo Agostinho: alistou-se na Congregação da Propaganda para Missionario Apostolico, e foi assumpto ao Santo *Episcopado* com o titulo da Igreja de *Churco* pelos annos 1725, a fim de reger na qualidade de Vigario Apostolico as Christandades de Tunking[2]: fez-se para isso o seu processo Canonico

[1] Manoel de Almeida e Balthasar Telles *Historia Geral da Ethiopia a Alta* — José Cassani *Glorias del segundo siglo de la Compañia de Jesus* — D. Manoel Caetano de Sousa *Cathalogo Historico* — Antonio Franco *Anno Santo da Companhia de Jesus* (ms. do Archivo Nacional) — Pereira de Figueiredo *Lusitania Sacra*. Um retrato (sem nome) de corpo inteiro suspenso na arvore.

[2] O Tunking ao norte com a Cochinchina ao sul formam o paiz dos Annamitas na Asia, que da parte septemtrional limita com a China, da oriental e meridional com o mar Sinico, e da occidental com a Cambaya ao oriente do paiz Siamez: estes paizes, com a peninsula de Malaca e algumas ilhas da Oceania, formaram a Diocese de Malaca, erecta a instancias da corôa de Portugal pelo Santo Padre Paulo IV em 4 de Fevereiro de 1567, e por elle constituida *Suffraganea* de Gôa, dando o Padroado á corôa de Portugal; porém quando foi erecta em 1575 a Igreja de Macáo, se lhe adjudicou o Tunking. Não é para aqui dizer, que nestes paizes se encontram vestigios da prégação do Christianismo pelos tempos Apostolicos, e mesmo depois, em seus systemas religiosos; mas basta ponderar, que a Seara Evangelica, não sendo cultivada assidua e perennemente, não deu fructos até á Missão do grande Apostolo S. Francisco Xavier, promovida pela corôa Portugueza; mas as desgraças da nossa terra, pela infeliz batalha de Africa e por outras causas, originaram um certo abandono em relação ás Christandades do Oriente. Esse abandono moveu a Santa Sé a enviar ali, desde 1646, por meio da Congregação da Pro-

naquella Congregação, foi sagrado, e pastoreava como Delegado da Santa Sé as Missões Tunkinenses, quando em 4 de Dezembro de 1745, havendo sido eleito pela corôa de Portugal *Bispo* de Tunking, Tempi Nuncio destes Reinos senteuceou o seu processo para esta premeditada Igreja; mas, não a erigindo a Santa Sé, *Fr. Hilario* continuou, como até esse tempo, exercendo a jurisdicção delegada; e aquella Missão, depois de varios acontecimentos[1], foi dividida em quatro Vigariados Apostolicos pelo

paganda, Vigarios Apostolicos, e o primeiro com destino á China foi o Arcebispo de Mira, que em 1636 fôra enviado ao Japão, e lá não podéra entrar: depois em 1658 se mandaram outros tres, que, não podendo tambem entrar por causa de perseguição, se lhe assignaram as Missões de Tunking, Cochinchina, Cambaya, e Siam, pertencendo a primeira ao Bispo de Elio polis, que estava de volta em Roma no anno 1677 a pedir providencias para aquella Missão: abertas porém as relações de Portugal com a Santa Sé no anno seguinte, se reclamou contra os Vigarios Apostolicos, e, com resposta do *Bispo* de Eliopolis, foram examinados os titulos do Padroado Portuguez no Oriente; mas a Congregação da Propaganda continuou a enviar os Vigarios Apostolicos, sem se dar provimento ao postulado de Portugal, receando-se talvez um novo abandono das Christandades. Mais tarde, acordando Portugal do lethargo, e ainda do abatimento, em que a cruel guerra da independencia o deixára, entendeu, que era do seu dever dar satisfação aos encargos do Padroado para gosar os privilegios delle; por isso ElRei D. João V, desde 1716, começou a instar com a Santa Sé para extinguir os Vigarios Apostolicos de Tunking, Cochinchina, Cambaya, e Siam, e em 1745 pediu á Santa Sé, que erigisse em Dioceses estas Missões, confirmando-lhe o padroado, porque elle proveria na sua dotação, e propoz *Bispos* para ellas, e designadamente para Tunking *Fr. Hilario de Jesus Maria*; mas o Santo Padre Bento XIV sôbreesteve na erecção, louvando muito pela sua piedade e zêlo a ElRei em um Breve datado de 29 de Maio desse anno: não se contentando com isto o Soberano Portuguez, mandou encarregar o Abbade Sassi de uma allegação em favor dos privilegios da sua corôa, e tão fortes argumentos produziu, que o resultado foi conceder o Santo Padre ao illustre Principe e a seus successores o titulo de *Fidelissimo* pelo Breve de Abril de 1749, ficando comtudo a questão principal no seu antigo estado, e bem póde ser, que pelos mesmos receios de abandono, senão pelo presentimento da época, que ia começar em Portugal, e mesmo nos reinos visinhos.

[1] A extincção dos Jesuitas, que eu considero uma grande calamidade para a Igreja de Deos, foi causa de muitos desastres nas Christandades do oriente; e, com relação a Tunking, é forçoso dizer, que enviando-se para lá dous Vigarios Apostolicos um Francez e outro Hespanhol, bem alheios da mansidão e espirito Apostolico, pretenderam mais usurpar as propriedades da Missão Portugueza, do que levar as Christandades pelo caminho da salvação; e não podendo por isso obter o amor dos fieis, inventaram mentiras ácêrca dos Portuguezes com destino de os desacreditar: se estes Prelados se lembrassem, que em *Christo* não ha differença de nações, que o seu officio era o ministerio da caridade, e que nunca faltou pão ao servo do Senhor, que não cura de riquezas nem de commodidade, de certo não fariam levantar clamores em seu desabono, os quaes, embora exaggerados, têem no fundo alguma cousa de verdade. Actualmente Tunking, Cochinchina, Cambaya, e Siam, com todas as terras entre o Ganges e Macáo, estão divididas em Vigariados Apostolicos, que provê a Congregação da Propaganda; e ao fim do seculo passado a situação de Tunking era a, que se póde inferir do documento seguinte:

Muito Poderosa Rainha e Senhora de Portugal — Nós o Presbytero Filippe do Rozario, José do Rozario, Thomé Vicente, e Francisco do Rozario somos naturaes do reino de Tunking, e que tendo sido mandados por toda a Christandade do nosso paiz a entregar pessoalmente a Vossa Real Magestade a representação inclusa, chegâmos finalmente a esta côrte de Lisboa depois de muitos e grandes trabalhos, e de uma viagem longa e perigosa.

Primeiramente eu José do Rozario e Thomé Vicente saímos de Tunking em 4 de Agosto de 1793, e chegámos a Macáo em 10 de Outubro do mesmo anno. Depois sai eu Francisco do Rozario em 3 de Maio de 1794, e cheguei a Macáo em 7 de Julho do mesmo anno. Por último parti eu Presbytero Filippe do Rozario de Tunking com outro Christão, por nome Simão Xavier, no dia 9 de Setembro do mesmo anno, e cheguei a Macáo a 27 de Outubro seguinte.

Todos nós saímos do nosso reino para o mesmo fim mandados por toda a Christandade, e dirigindo-nos primeiramente a Macáo por terra, padecemos grandes trabalhos, porque sendo-nos necessario passar por terras da China, era muito arriscado matarem-nos, se nos conhecessem.

De Macáo parti para Gôa eu Thomé Vicente com Simão Xavier: saímos em 30 de Dezembro de 1794, e tendo chegado a Gôa em Maio de 1795, requeremos ao Arcebispo carta de favor para o Bispo de Macáo, pois que não achámos embarcação para Lisboa. Tendo conseguido a carta voltámos no mez de Junho, e tendo chegado a Bombaim oito dias depois, ahi nos demorámos vinte dias á espera de embarcação para Macáo, e partimos com effeito em um navio Inglez.

Tendo chegado á vista de Malaca em noventa dias, fomos ahi atacados por seis embarcações Francezas, que nos tomaram todo o nosso dinheiro, papeis, e um diamante grande, que traziamos para Vossa Real Magestade: desembarcados em Malaca depois de prisioneiros, passados vinte dias, que ahi nos demorámos, partimos para Macáo em uma embarcação Portugueza, em cuja viagem gastámos quarenta dias.

Em quanto meus companheiros fizeram toda esta viagem, parti eu Presbytero Filippe do Rozario por terra para Tunking, que assim foi necessario, e tendo chegado outra vez a Macáo em 17 de Dezembro de 1795, achei os meus companheiros que tinham ido a Gôa roubados pelos Francezes e desprovidos de tudo.

Tendo deixado em Macáo (onde esperava por nós) ao nosso companheiro Simão Xavier, partimos todos em 15 de Fevereiro deste presente anno em um navio Inglez, que navegava para a Europa, no qual tendo aportado á ilha de Santa Helena, ahi encontrámos o navio Portuguez por nome o Grão Pará, que vinha de Bengala, para o qual nos passámos porque vinha para Lisboa, aonde era o nosso destino.

Em ambos estes navios embarcámos com praça de marinheiros por ser assim mais facil a nossa passagem; mas em ambos estes navios Deos Nosso Senhor moveo o coração dos capitães, que não consentiram, em que nos servissemos de marinheiros; e ainda o capitão Inglez, quando nos despedimos delle em Santa Helena, quiz pagar-nos, o que não aceitámos, contentando-nos com a caridade, que nos tinha feito.

No navio Grão Pará fomos tambem muito bem tratados, e chegando a Lisboa a 24 de Julho passado, foi Vossa Real Magestade Servida mandar-nos recolher. Agora, depois de darmos a Vossa Real Magestade muitas graças pela beneficencia, com que nos recebeu, e pelo muito bem que estamos hospedados, entregâmos a Vossa Real Magestade, em nosso nome e no de todos os Christãos do reino de Tunking da Missão Portugueza, que para isto nos mandaram a Portugal, a representação inclusa: pedindo-lhe pelo amor de Deos, por Maria Santissima, e pelo Patriarcha S. José Patrono da Missão Portugueza de Tunking, se digne attender-nos com piedade, e nos mande contentes para o nosso reino: por cuja esmola e grande caridade nós e toda a Christandade, por quem somos aqui enviados, pediremos sempre a Nosso Senhor por Vossa Real Magestade, por seu Augusto Filho o Principe do Brasil, por toda a sua Real Familia, e por todo o reino de Portugal. —(Seguem da esquerda os nomes em letra Portugueza, e da direita, em quatro columnas de alto a baixo, esses nomes em letra oriental). = Assignados — O Presbytero *Filippe do Rozario* — *José do Rozario* — *Thomé Vicente* — *Francisco do Rozario*. — (Segue a representação):

Muito Poderosa Senhora Rainha de Portugal — Os Christãos do reino de Tunking, antiga Missão dos Portuguezes,

Summo Pontifice: assim persevera actualmente; e as Christandades desse paiz sem repugnancia obedecem a outros tantos *Bispos in partibus infidelium*, que a Congregação da Propaganda envia para

tendo rogado primeiramente a Deos Nosso Senhor, que assista a Vossa Real Magestade com a sua Divina Graça, viemos de tão longe, depois de tantos trabalhos, representar-lhe a desolação e desamparo espiritual, a que nos vemos reduzidos.

Este reino de Tunking foi antigamente dividido em tres Missões, duas pequenas, que são a Hespanhola e a Franceza, e outra muito maior e mais dilatada, que é a Portugueza, muito mais antiga que as outras duas. Mais de duzentos annos ha, que neste reino se professa a Lei de Christo, segundo antigas memorias e tradição de nossos pais devemos este beneficio ao Sr. D. João III. Por seu mandado é que entraram pela primeira vez neste reino Padres Santos, que nos ensinaram a verdadeira Religião e nos conquistaram para a Lei de Christo. Estes Padres foram Portuguezes, porque os Hespanhoes e Francezes não appareceram aqui senão passados quarenta annos, e só foram admittidos com licença dos Padres Portuguezes, e com o fim de os ajudar. Portanto, Senhora, se fomos alluminados com a luz da Fé, e somos Christãos, devemo-lo áquelle grande Rei D. João III, e aos Santos Padres Portuguezes, que elle nos mandou. Por isso nós tambem recorremos a Vossa Real Magestade, Rainha dos Portuguezes, para que nos mande soccorro de Padres Portuguezes, de que muito necessitamos.

Até agora, desde que pela Misericordia Divina entrou neste reino a Religião Catholica Romana, sempre a temos conservado, e ainda se augmenta todos os dias o número dos fieis, porque são muito frequentes as conversões de gentios, que de sua livre vontade vem pedir o Santo Baptismo e a salvação para suas almas. Porém, Senhora, muitos annos ha que não vindo, como antigamente, Padres Portuguezes, e tendo já fallecido e ido para o Céo aquelles, que aqui havia, são grandes os trabalhos, necessidade, e desamparo espiritual, em que nos achamos. Nesta Missão Portugueza ha mais de oitenta Igrejas grandes, e o número dos fieis passa de duzentos mil; porém Padres temos só dose, um Portuguez, que é o unico que nos resta de tantos, que aqui tinhamos (o qual se chama o Padre Agostinho Carneiro, e tem mais de oitenta annos), e os outros onze são todos filhos do paiz, dos quaes dois estão cegos, e os outros são muito poucos, e não bastam para acudir com os Sacramentos a tantas almas, que vivem espalhadas por um reino tão dilatado como este.

Já no anno de 1787 fizemos nós uma similhante representação a Vossa Real Magestade, mas não tivemos resposta, porque talvez lhe não foi entregue. Nesse mesmo tempo appareceram aqui dois Bispos, um Francez outro Hespanhol, dizendo que vinham mandados do Santo Padre de Roma com jurisdicção absoluta para governar todas as Igrejas, que antes eram administradas pelos Padres da extincta Companhia de Jesus, por este motivo, dividindo elles este reino em duas provincias, um tomou a do sul e outro a de leste, e para nos persuadirem que nós os Christãos da Missão Portugueza nos sujeitassemos a elles, diziam a toda a Christandade, que Portugal é um reino muito mais pequeno do que os de Hespanha e França, e que sendo muito pobre de gente e dinheiro, nada podiamos esperar delle. Comtudo nós não lhes demos ouvidos, e esperavamos sempre o soccorro Portuguez. Morreram estes dois Bispos dentro de um mez no anno 1789, e tendo ficado governando em seu logar dois Vigarios, um Francez, outro Hespanhol, appareceu em Janeiro de 1793 um Bispo Francez para a sua Missão, o qual trouxe ordem para sagrar Bispo o Vigario Hespanhol, que aqui estava por nome Feliciano Alonso.

Quando nós julgavamos, que vindo estes dois Bispos as cousas por algum modo melhorassem, tudo succedeu muito pelo contrario; porque então os nossos trabalhos se augmentaram muito mais, e nos vemos agora supportando as maiores calamidades. Os dois Bispos novos, com pretexto de que são successores daquelles dois acima ditos, que diziam que o Santo Padre de Roma os tinha encarregado absolutamente de todas as Freguezias, que antes governavam os Padres Jesuitas, não só intentaram administrar os districtos da Missão Hespanhola e Franceza, mas quizeram tambem apossar-se das oitenta Igrejas da Missão Portugueza (cada uma das quaes tem para seu Padre casas, terras, varzeas, hortas e tanques), e, dividindo-as entre si, um quiz tomar a provincia do sul, e outro a de leste.

Além disto, recorrendo nós a elles para que ordenassem alguns desta Missão Portugueza para nos acudirem, elles sim ordenaram logo cinco; mas destes o Bispo Francez levou dois para a sua Missão, e o Bispo Hespanhol quiz levar tres, e com effeito foram dois; porque o terceiro não quiz saír desta Missão Portugueza, donde era e para a qual se ordenára.

Como a Missão Portugueza é muito extensa, e os Padres que nella ha ao presente muito poucos, tem sido preciso pedir algumas vezes a um Padre Francez por nome Pedro, que confessasse alguns enfermos. Alguns de nós levaram em seus hombros a sua casa uma mulher pejada gravemente enferma; porém este Padre, tendo respondido que não confessava a ninguem se lhe não pagassem primeiro que tudo nove vintens de moeda Portugueza, viram-se obrigados a levar outra vez a enferma, a qual por pobre e não ter dinheiro, veiu a morrer sem se confessar nem receber o Sagrado Viatico.

A nossa perseguição ainda tem passado a mais, porquanto o Bispo Feliciano, para nos separar mais facilmente dos Padres da Missão Portugueza, prohibiu a todos os Christãos, quando rezassem a *Ave Maria* o dizer *cheia de graça*, mas que dissessem *gracia*, porquanto diz elle que a palavra Portugueza *graça* é indecente, e significa *comer gordura de porco*, por cujo motivo fôra prohibida em Roma; e para obrigar a todos a dizer *gracia* e não *graça*, mandou, que aos Christãos, que lhe desobedecessem, lhes negassem os Sacramentos, de maneira que, por esta causa, têem fallecido muitos Christãos sem confissão e communhão, e muitos meninos sem Baptismo por serem filhos de paes, que não quizeram estar por tal ordem.

Nós, vendo que esta novidade era muito contrária á doutrina antiga, que sempre nos tinham ensinado os Padres Portuguezes, começámos a desconfiar; e não querendo entregar, como elles pretendiam, áquelles dois Bispos, que não foram destinados para nós nem para a nossa Missão Portugueza, as nossas oitenta Igrejas e os bens dellas, as temos reservado todas com tudo que lhes pertence para os Padres Portuguezes, que Vossa Real Magestade nos mandar, porque a elles só tocam, e para elles são.

Esta é, Senhora, a perseguição e necessidade em que presentemente estamos. Por esta causa recorremos humildemente a Vossa Real Magestade, e lhe pedimos pelo amor de Deos e por esmola, que nos valha, e nos mande Bispos e Padres, que nos venham acudir, e tomem conta de nossas almas para as guiar para o Céo.

Sim, Senhora, todos nós Christãos do reino de Tunking da Missão Portugueza, prostrados humildemente na sua Real Presença, pedimos a Vossa Magestade pelas Chagas de Jesus Christo, que nos envie da abundancia do seu reino tres ou quatro Bispos e tambem Padres, que venham por caridade e por esmola instruir-nos na Lei de Christo e administrar-nos, pois estamos em grande necessidade dos Sacramentos da Santa Madre Igreja de quem somos filhos.

Não pedimos dinheiro, nem sustento para elles, porque temos quanto se necessita para isso, e queremos dar-lhes tudo em abundancia, como somos obrigados. Pedimos, que estes Bispos e Padres tragam ordem do Santo Padre de Roma para se lhes entregarem todas as Igrejas e bens desta Missão Portugueza, que lhes temos guardado, para não sermos perseguidos mais pelos Bispos Hespanhoes e Francezes. Pedimos que tanto os Bispos como os Padres sejam nomeados por Vossa Real Magestade a quem só esta nomeação pertence. Já em 1782 nós mandámos dois dos nossos a Roma a pedir Bispos; mas o Santo Padre respondeu, que sendo nossa Missão Portugueza, a Vossa Magestade só tocava nomea-los. Pedimos finalmente Ministros do Evangelho, Padres Santos, a quem entreguemos nossas almas para se não perderem, como a tantos de nossos irmãos tem acontecido por falta de Sacerdotes, que os absolvessem e restituissem á graça de Jesus Christo, que lhes foi dada pelo Santo Baptismo.

Esta é a nossa petição. Deos Nosso Senhor mova o coração de Vossa Real Magestade, como lhe ficamos pedindo em todas as nossas orações, para que nos ouça benignamente. Para este fim mandámos quatro dos nossos irmãos, um dos quaes é Sacerdote, o qual com os, que o acompanham, entregarão pessoalmente a Vossa Real Magestade esta supplica,

as governar, e dirigir no caminho da salvação, em que tem aproveitado ate oo ponto de produzir Martyres nas perseguições promovidas pela gentilidade.[1]

LL.
Novara.

Na antigo Insubria[2] região da Italia[3] sôbre o rio Gogna, em outro tempo chamado Novara, jaz a cidade deste nome[4] na distaocia de uns vinte e cinco mil passos ao occidente de Milão, e ao nordeste de Turim: a sua origem remonta aos ontigos povoadores: obedeceu aos Romanos, aos Lombardos, oos Francezes, aos Duques de Milão, á corôa Catholica, e actualmente aos illustres Soberanos do casa de Saboya. No tempo de Augusto produziu *Novara* a Caio Albucio, um dos mais insignes oradores Romanos, e mais tarde lá nasceu Pedro Lombardo, dito o *Mestre das sentenças*.

Em *Novara* foi prégado o Evongelho no tempo dos Apostolos, de que não é preciso fozer questão, embora se não saiba qual o Missionorio, porque então se prégou em todo o mundo; mas questão póde haver sôbre a época, em que lá se erigiu a Cadeira Pontifical: se porventura *Novara* foi uma Parochia de Vercelli até ao anno 397, ou se já era *Séde Episcopal*, é sôbre o que eu teoho muita dúvida: entretanto, como a não ha de que nesse onno e dahi por diante teve *Pontifice*, aceitarei tal época, em quanto melhores luzes não me illustrerem. O seu *Bispo* foi *Suffraganeo* do Metropolitano Mediolanense, ate que nos ultimos tempos, erecta Vercelli em Metropole, se lhe adjudicou. Pelo meado do seculo IV S. Lourenço Preshytero fez prodigiosas conversões em *Novara*, e recebeu a palma do Martyrio baptisando uns meninos fóra da cidade: continuou o Ministerio da prégação e cura seu discipulo *S. Gaudencio*, que fôra convertido da idolatria por Santo Euzebio *Bispo* de Vercelli, depois foi consagrado para *Novara*, e por fim esta cidade o tomou por seu Patrono. Alem destes Bemaventurados conta ella por seus filhos outros Confessores de Christo, e grande número de Prelados eminentes em piedade e sciencia.

Destes meucionarei, como successor immediato de *S. Gaudencio*, a *Santo Agapito*, e depois dello *Simplicio*, um dos Padres do Concilio de Milão de 452; *Graciano*, que viveu eoı 679; *Santo Adelgisio*, que edificava com suas virtudes sublimes os *Novarienses* em 840; *Aupoldo*, a quem o Imperador Othon o *grande* confirmou o dominio temporal da sua cidade, e que presidiu desde antes de 967 até depois de 985 por vinte e oito onnos; o piedoso *Litifredo*, que estabelecen o vida commum na suo Cathedral, procurou pelo exemplo, pela palavra, e pelos escriptos a salvação do seu povo, e passou desta vida em 1151; o Cardeal *Gerardo*, eleito em 1210, que em qualidade de Legado Apostolico na Lombardia obrigou os Conegos de Placencia a viver em Claustro; o Santo Padre Alexandre V; o bom e zeloso *Romulo Archinto*, instituido em 1571; o sabio e illustre escriptor *Carlos da Basilica de Pedro*, que morreu em 1615; e o Santo Padre Innocencio XI. Actualmente é *Bispo* desta cidade, desde 27 de Janeiro de 1843, *Jacome Filippe* dos Morquezes *Gentile*.

99.°

VENERANDO FR. GUILHERME AMIDANO. —Nasceu este Prelado em Cremona de uma familia illustre, do que veiu chamar-se-lhe *Fr. Guilherme Cremonense:* abraçou o Instituto Eremitico de Santo Agos-

em seu oome e de todos nós humildes, perseguidos e quasi desamparados Christãos do Reino de Tunking da Missão Portugueza.—1794.

Estou tão longe de approvar a conducta dos represeotantes, em quanto desobedieotes aos seus legitimos Prelados os Vigarios Apostolicos, quanto a destes, que, menos reflectidos, a por má vontade á Santa Companhia de Jesus, não procuraram ser obedecidos pela mansidão do Apostolo. Deu-se um scysma: eotretaoto foi extincto pelo *Bispo* de Macáo Fr. Manoel de S. Galdino, que a côrte de Portugal tinha antes eleito para Tunking; mas por fim, levada do respeito filial para com a Santa Sé, o propoz para Macáo: depois de ser lá collocado, em 29 de Abril de 1808 o encarregou de promover a obediencia aos Vigarios Apostolicos naquelle paiz; e elle procurou conseguir desde 7 de Setembro segoiote, em que deu entrada na sua Igreja. Ho em todo este processo Tunkinense alguma cousa, que me incommoda: é preciso, o meu juizo, attender: 1.° ao direito sagrado, que a Santa Sé tem de erigir e supprimir *Dioceses* e contra o qual é impotente toda a convenção ou auctoridade: 2.° que o *Bispo* deve governar o rebanho de *Christo* pela caridade: 3.° que esta exclue toda a conveniencia temporal, do mesmo modo que todo o odio: 4.° que em fôrça do Santo Ministerio, e não por insinuações ou ordens dos podêres da terra, elle ha de concorrer para terminarem escandalos; mas de tal processo se manifestam actos bem contrarios ao que a caridade demanda. Louvo o desejo da côrte de Portugal em ver acabado o scysma; não quizera, porém, que o ordenasse: louvo o procedimeoto do *Bispo* de Macáo, porém não a causa nem o modo, por que sem ordem o devia fazer, e para o conseguir não lhe era necessario auctorisar-se dessa ordem, nem criminar os membros da Companhia de *Jesus*, já dilacerados pelo podêr temporal. Por último, em relação ás questões do padroado do oriente direi, que se Portugal mantivesse dignamente o Culto e os Pastores, seria bom, que a Santa Sé lhe continuasse o privilegio deste padroado; mas, que dado mesmo esse facto, não havia causa para allegações, se lh'o tirasse: entretaoto, que para evitar os horrores do scysma e outros maiores, era e é necessario ter-se em vista, que em *Christo* não ha differença de nações (ainda o repito); porém que ao mesmo tempo, se eu não estou enganado, urge comprazer um tanto com povos ainda pouco firmes nas crenças, ou que tem contra si a barbaridade de idolatras ou infieis, a respeito do tudo, que não se oppõe á doutrina da Igreja.

[1] *Processo Canonico para a futura Igreja de Tunking* — *Bullarum Collectio, quibus Serenissimis Lusitaniae Algarbiorum que Regibus Terrarum omnium atque Insularum ultra mare transcurrentium, sive jam acquesitae sint, sive in posterum acquirentur, Jus Patronatus a Summis Pontificibus liberaliter conceditur* — *Discurso Historico e Juridico sôbre o direito do Padroado nas terras das conquistas da corôa de Portugal* (ms. do Archivo Nacional) — *Representação dos Tunkinenses á Rainha e Senhora D. Maria I* (ms. da Bibliotheca Nacional de Lisboa) — *Cartas de Fr. Manoel de S. Galdino Bispo de Maçâo e depois Coadjutor de Gôa*; *e extractos de outros documentos* — *Notizie di Roma per l'anno* 1852 — O Sr. Barão da Venda da Cruz *em carta ao* Sr. Antonio José de Figueiredo *em data de* 12 *de Novembro de* 1852. Um retrato de corpo inteiro e outro de meio corpo.

[2] Na divisão da Italia posterior a Constantino se denominou Liguria, e mais tarde Lombardia.

[3] Em tempos mais remotos fez parte da Gallia Cisalpina.

[4] Foi restaurada pelos Insubres, de que lhe veiu o nome de *Novara*, ou *Nova-ara*.

tinho, e sua applicação ao estudo foi tal, quo passou por um dos varões mais insignes do seu tempo, na sagrada Theologia o na jurisprudencia: os seus merecimentos o fizeram eleger Prelado superior da sua Ordem, e desta dignidade o elevou Clemente VI ao Pontificado da Igreja de *Novara* em 17 de Julho de 1341. Presidiu como bom Pastor, reformou o Clero, regulou a administração dos bens temporaes da Igreja, o tanto na sua cidade, como naquella em que nasceu, augmentou os Mosteiros do Ermo Augustiniano: no meio da famosa lide dos Guelphos e Gibelinos provou, que era indifferente a partidos, e, condoendo-se de uns e outros como pae, se esforçou por traze-los á paz. Falleceu em 29 de Janeiro de 1356 deixando memoria de suas letras, e ainda de sua piedade, nos livros sôbre a *Auctoridade Apostolica*, que escrevou por ordem da Santa Sé, nos *Commentarios aos quatro Evangelhos*, e *aos quatro livros das sentenças*, e em *ascetica*. Jaz em Pavia na Igreja de Santo Agostinho; e os Religiosos Eremitas mandaram lavrar sôbre sua sepultura este epitaphio:

D. O. M.
GUILLELMO AMIDANO VIRO NOBILI CREMONENSI
TUTIUS AUGUSTINIANORUM FAMIL.
PRIORI GENERALI,
NOVARIAE DEMUM EPISCOPO.
HIC SINE MEMORIA DORMIENTI,
QUI MEMORATU DIGNISS. HOC S. AUGUSTINI
MONASTERIUM
A JOANNE XXII PONT. MAX. JAM CONCESSUM
M. CCC. XXX. I.
PRIMUS AEDIFICABAT, PRIOR ET FRATRES
BENEFICENTIAE MEMORES
TANTO ANTISTITI MERITISSIMO
P. P.
ANNO M. DC. VIII.[1]

XX

Olba.

Ao occidente da Comagene ou Eufratesia na região da Syria esta a Cilicia[2], região da Natolia ou Asia-menor, quo pelo norte o monte Tauro separa da Galacia, Capadocia e Armenia-menor, ao poente confina com a Pamphilia, e pelo sul o Mediterraneo divide da ilha de Chypre: do oriente a poente formou a Cilicia tres provincias, ficando a Cilicia segunda limitrophe da Comagene, a primeira no centro, o a Isauria visinha da Pamphilia: da Isauria era capital no civil a cidade da Seleucia, na distancia do doze mil passos do Mediterraneo para o norte, e dominava sôbre as cidades da regiãn, entre as quaes se encontra *Olba*[3], á raiz do Tauro. Esta cidade foi celebre nos tempos mais remotos pelo famoso templo do Jupiter, de que o Sacerdocio era hereditario, o o imperio estava nas mãos do Pontifice: este modo de existir passou levantando-se differentes tyrannos no paiz; mas quando Antonio e Cleopatra estiveram na Cilicia, voltaram as cousas ao antigo estado, concedendo elles o principado a Aba filha de Zenophanes um daquelles tyrannos, e que se havia alliado á familia Pontifical: entretanto, depois da desfeita de Antonio, tudo mudou outra vez.

O sagrado livro de Judith menciona esse paiz ensinando-nos como Holofernes, general de Nabuco, recebeu oradores dos Reis e Principes da Syria, Mesopotamia, Lydia, o da Cilicia a pedir a paz, e offerecer vassallagem, para depois ser vencido pelo braço debil do uma mulher á frente da pequena cidade do Bethulia, porque essa mulher e essa cidade eram protegidas pela mão do Senhor! A Cilicia deveu a luz do Evangelho aos Discipulos de S. Paulo, e a elle mesmo, que regou esta terra com seus suores, o delles até *Olba* correram as gotas preciosas: não consta, entretanto, que por então essa cidade fôsse honrada com a Cadeira Pontifical; e talvez que, só depois da paz da Igreja, subisse a esta alta dignidade: no defeito de noticias, que só ha positivas desde o meado do seculo v, porei a sua existencia já ao comêço deste seculo; porque, contando do anno 378, era necessario maior número de *Bispos* augmentando a Christandade depois da maior somma de liberdade da parte do temporal. O seu Prelado foi um dos vinte e quatro *Suffraganeos*, que obedeceram ao Metropolitano de Seleucia, e com elle ao Patriarcha Antiocheno: neste estado progrediu até que os infieis destruiram a jerarchia e esplendor da Igreja na Cilicia; mas os Summos Pontifices, para memoria desta Santa Igreja, têem instituido *Bispos* com o titulo della. Dos que antigamente houve mencionarei *Diapheroncio*, um dos Padres do Santo Synodo de Calcedonia, e *Paulo*, que subscreveu a Epistola Synodica da Provincia Isariense ao Imperador Leão I.

100.°

Veneraando VASCO JOSE DE NOSSA SENHORA DA BOA MORTE LOBO. — Nasceu este Prelado a 31 de Maio de 1757 na Freguezia de S. Miguel da Faxa Arcebispado de Braga; foi baptisado a 6 de

[1] Ughellus *Italia Sacra* — Ossinger *Bibliotheca Augustiniana*. Um retrato de corpo inteiro.
[2] A Caramania moderna.
[3] *Olbus*, *Olbasa*, e *Olba*, com estes tres nomes se encontra nos geographos antigos, e depois se chamou *Albistaccrati*.

Junho seguinte, e teve por paes a Thomé Barbosa Lobo e D. Maria Rosa Ferreira: depois de receber o grao de bacharel na Universidade de Coimbra, vestiu a murça de Conego Regular de Santo Agostinho no insigne Mosteiro de Santa Cruz daquella cidade: seguiu depois os estudos da Sagrada Theologia, foi nomeado lente da Congregação em 25 de Maio de 1790, e exerceu por doze annos o Magisterio: havia subido ao Sacerdocio em 30 de Junho de 1782, e o Principe Regente de Portugal o elegeu Prelado de Moçambique em 1801[1]: sentenceado o seu processo, a Santa Sé o instituiu *Bispo de Olba*, dando-lhe a administração das Parochias da Africa oriental pertencente a este reino por Bulla de 26 de Junho de 1805: foi consagrado em 27 de Abril de 1806, e partiu para o seu destino pouco depois: achou a Christandade em grande abandono por falta de Sacerdotes, e do indispensavel para a decencia do Culto: instou vivamente com a côrte para obter remedio; mas os seus clamores foram baldados: governou a capitania no temporal, e a sua inteiresa lhe motivou descontentes, pelo que foi chamado ao Rio de Janeiro, e lá se achava em 1811: posteriormente o Santo Padre Pio VII o trasladou daquella Prelazia a do Escuto de Villa Viçosa.[2] Morreu em 1823.[3]

XX

Osimo e Cingoli.

Na Italia, sôbre uma montanha junto do Muzone, quarenta e quatro leguas a nordeste de Roma, esta a cidade de *Osimo*, a que os Latinos chamaram *Auximum*, fundada quasi seculo e meio antes da nossa era; gosou o fôro de municipio, e pela ruina do imperio passou as mãos de senhores particulares, que a tyrannisaram; mas depois, emancipada delles, passou, no tempo do Santo Padre Innocencio VIII, ao dominio da Santa Sé. Não longe de *Osimo*, e, como ella situada no Piceno sôbre uma collina, esta *Cingoli*, o latino *Cingulum*, que restaurou, se não erigiu desde os alicerces, Labieno Legado de Cezar, e lhe deu esse nome por causa do cinto, que traziam os soldados veteranos, para la enviados: na destruição do imperio foi prêsa dos barbaros, de quem soffreu muito, e no decurso do tempo obedeceu tambem a senhores particulares, como a sua visinha; e por fim, ao meado do seculo XV, se submetteu ao governo temporal do Summo Pontifice.

Osimo recebeu a luz do Evangelho pelos discipulos dos Apostolos: teve Cadeira Pontifical no principio do seculo V, que Santo Innocencio I lá mandou fundar; e, como dentro dos limites da provincia Romana, foi sempre seu Metropolitano o Papa. Teve *Osimo* a gloria de dar ao Christianismo tres illustres Martyres, na perseguição de Diocleciano, os servos de Deos Sizinio, Dioclecio, e Florencio; e o cathalogo de seus *Bispos* começa pelo illustre Confessor de Christo *S. Leopardo*, que destruiu os idolos ainda adorados nesta cidade, fez adorar em toda ella a *Jesus Christo*, e passou ao Céo no dia 7 de Novembro de 442: seguiram-se interpoladamente a este bemaventurado Pontifice, no governo da sua Igreja, *Vitaliano II*, que esteve no Synodo Romano celebrado pelo Santo Padre S. Zacharias; *Gentil*, um dos Padres do Santo Synodo geral undecimo, que levantou de novo sumptuosamente a sua Cathedral, onde levantou uma Capella denominando-a *Sancta Sanctorum*, consagrando o seu Altar-mór a Santissima Virgem, e depositando lá os corpos das Santas Victoria, Corona, e Filippa; *S. Benevenuto*, que foi gosar de Deos em 1286; o sabio *Fr. Lucas Mannello*, trasladado desta Igreja á de Fano em 1357; o piedoso *Andre de Monticulo*, que passou do Mosteiro de S. Florencio para a Cathedral os corpos dos tres Martyres da cidade, e deixou esta vida em 1451; e o bom Cardeal *Fr. Agostinho Galamino*, que morreu piamente em 1639.

Em *Cingoli* se estabeleceu igualmente Cadeira Pontifical Suffraganea desta Sé, bem pode ser, que muito depois da paz da Igreja, porque não ha vestigio de *Bispo* antes de *Theodosio*, cuja epoca se ignora, como a de seu successor *Santo Exuperancio*, constando apenas haverem precedido *Julião*, que era Pastor desta Igreja em 553: e possivel, que o primeiro o fôsse pelos ultimos annos do seculo V, quando se presume, que o segundo passou de Africa; mas so e licito assegurar, que *Julião* era contemporaneo do Santo Padre Vigilio, e expressamente naquelle anno. Mais adiante *Cingoli* se uniu a *Osimo*: em 1200 separou-se formando um isento, e reconhecendo por seu Prelado o Prior do Mosteiro de *Santo Exuperancio*: comtado não tardou em reunir-se a *Osimo*; e d'ambos e *Bispo*, desde 28 de Fevereiro de 1839, o Cardeal *João Soglia*, Presbytero dos Santos Quatro Coroados.

101.º

VENERANDO FR. AGOSTINHO PIPIA. — Nasceu este Prelado no 1.º de Outubro de 1660 em Orestaõ, da ilha de Sardenha, de paes honestos: abraçou o Instituto de S. Domingos, e fez grande progresso em seus estudos, pelo que obteve estimação dos superiores: foi Prelado do Collegio de Minerva em Roma: e a Santidade de Clemente XI o nomeou Secretario da Congregação do Indice, e Consultor da Congre-

[1] Por Bulla do Santo Padre Paulo V datada de 1612, foram separadas da Diocese de Gôa as Christandades da ilha e districto de Moçambique, Mombaça, Zansibar, Ampaça, Cabaceira, Sofala, Sanaiete, e territoria do rio Coama, formando uma Vigararia isenta da auctoridade Ordinaria; e mais tarde o Santo Padre Pio VI ordenou, que os Vigarios Administradores fôssem *Bispos Titulares*, e proveu nella Fr. Amaro de S. Thomaz, que instituiu *Bispo* de Pentacomia.

[2] Pelo Breve *Circa Curam* do Santo Padre Gregorio XIII do anno 1581 passou o Deão da Capella Ducal de Villa Viçosa a ser confirmado pela Santa Sé; mais tarde o Summo Pontifice elevou esse dignitario ao *Episcopado*, e foi o primeiro, desde 1743, João da Silva Ferreira *Bispo* de Tanger.

[3] SOUSA *Historia Genealogica da Casa Real Portugueza* — PEREIRA DE FIGUEIREDO *Lusitania Sacra* — *Processo Canonico para Moçambique sentenceado em 21 de Novembro de 1804* — Archivo Nacional maço 58 de Bullas n.º 6 — *Cartas do Bispo de Olba, uma datada de Moçambique de 20 de Novembro de 1809, e outra do Rio de Janeiro de 9 de Março de* 1811. Um retrato de corpo inteiro sem nome.

gação dos Ritos: em 31 de Maio de 1721, por suffragios quasi universaes, a sua Ordem o elevou ao Generalato; e pelo seu bom governo mereceu os louvores e a affeição dos subditos, pelo que o Summo Pontifice Bento XIII, na terceira creação de Cardeaes em 20 do Dezembro de 1724, lhe deu a Purpura com o titulo Presbyteral de S. Xisto, que depois mudou para o de Santa Maria sôbre Minerva, e o exaltou á Igreja de *Osimo* e *Cingoli*. Foi este Prelado bom, humilde, pio, zeloso, e amigo do trabalho, evitando toda a ociosidade, porque o seu tempo era dividido começando o dia pela oração e pelo Santo Sacrificio, depois expedindo os negocios da Diocese, e por fim entregando-se ao estudo sem reserva. Querendo retirar-se á vida privada do Claustro, renunciou o *Bispado*, e passando a Roma serviu nas Congregações do Santo Officio, *Bispos* e Regulares, Concilio Tridentino, Indulgencias, Immunidade, Ritos, e Visito Apostolica. Morreu piamente em 20 de Fevereiro de 1730, de 69 annos de idade.[1]

OO

Belley.

Na região da França, entre o Rhodano e o Ain está assentada a cidade de *Belley*, capital dos povos do Bugey, chamada *Bellica* e *Bellicum* pelos Latinos: sua origem remonta aos tempos anteriores ao dominio Romano, segundo creio: extincto o imperio do Lacio, teve differentes senhores, e entre elles os seus Prelados desde *Santo Anthelmo*, a quem a deu no anno 1175 o Imperador Barbaroxa, e por fim em 1601 passou do dominio dos Duques de Saboia ao dos Reis de França, por troca do Marquezado de Salnces.

Depois de ouvir a nova celestial do Evangelho prégada pelos varões Apostolicos, que ao paiz enviou o Principe dos Apostolos, *Belley* foi elevada á dignidade de cabeça de Diocese ao começo do seculo v, segundo se crê: obedeceu em qualidade de *Suffraganea* a *Besançon*, Metropole da quinta provincia Lugdanense, o assim se conserva hoje. Bastaria a esta cidade ter sido regada pelos suores do *Bispo Santo Anthelmo*, illustre Confessor de *Christo*, para exhibir um titulo glorioso de sua grandesa; mas não lhe faltaram entre seus filhos, como entre os Pontifices, que nella reinaram em nome de Deos, varões insignes em santidade e letras.

Conta *Belley* por *Bispo* a *Audax* pelos annos 412; e de seus successores lembrarei *Vicente*, um dos Padres do segundo Synodo de Paris; mais tarde *Nantelmo* pelos annos 1135; *Santo Anthelmo*, de quem fiz menção entre os bemaventurados, que venera a Igreja do Deos; *Rantaldo*, um dos Padres do Santo Synodo geral undecimo; *Rainaldo*, que morreu em 1194; *Bernardo* pelos annos 1204; *Pedro de Baulme* ao fim do seculo XIII; e actualmente, desde 10 de Março de 1823, *Alexandre Roymundo Davie*.

102.°

VENERAVEL BERNARDO DE PORTES. — Era este Prelado Monje da Cartuxa, e estava no Santo Ermo das Portas, quando em 1135 Ricardo de Benuncia lhe fez umo doação: por esso mesmo tempo foi eleito e consagrado successor de Nantelmo *Bispo* de *Belley*; porem renunciou, e pelos annos 1147 era Prior daquelle Ermo: o seu transito deste mundo foi em 16 do Dezembro de 1152. Tevo estreita ligação de affecto com S. Bernordo, a quem deveu não ser Arcebispo de Milão: foi varão de grande piedade, e muita sciencia; porém mais dedicado aos rigores monasticos e á oração, que ao trabalho de escriptura. Aqui terminam todas as memorias de fe indisputavel, que encontrei deste servo de Deos.[2]

PP

Tipassa.

Ao norte da Africa, a parte occidental banhada pelo Athlantico e pelo Mediterraneo esta a Mauritania, que pelo lado oriental limita com a Numidia: dividio-se em Sitifense e Cesariense, aquella ao nascente e esta ao poente, e em duas se subdividia a segunda Cesariense e Tingitana: todo o paiz foi celebre no tempo da Republica Romana, e basta-lho o grande nome do Juba seu Soberano para tornar celebre sua memoria: apesar disso dobrou a cobeça ao Lacio[3], aos Vandalos, a Constantinopla, a Toledo[4], e mais tarde ao Corão; a este reivindicou Portugal muitas praças no occidente, de que a Hespanha conconserva uma, a famosa Ceuta, em quanto elle, perdendo gradualmente sua gloria antiga, largou as outras aos mussulmanos; porém actualmente a França vai formando um imperio mais ao nascente, porque havendo tomado a peito vingar as affrontas da Christandade, levou suas armas, em 1830, a Argel antiga cabeça da Cesariense propria, tomou-a, o procurou desde então dilatar seu nome com o nome de *Christo* nesta terra, onde nem um nem outro se podia impunemente pronunciar: nesta mesma provincia, ao oriente de Argel, nas ribeiras do Mediterraneo, esteve *Tipassa*, que no tempo Romono era colonia a cidade notavel, e depois não foi mais que uma pequena aldêa com o nome de *Saza* ou *Saça*.

Recebidas as luzes do Evangelho nos tempos Apostolicos, não gosou *Tipassa* logo da dignidade de

[1] GUARNACI *Vitae et Res Gestae Pontificum Romanorum et S. R. E. Cardinalium* — MORONI *Dizionario*. Um retrato de corpo inteiro.

[2] MOROTIUS *Theatrum Chronologicum Sacri Cartusiensis Ordinis* — *Prado Cartusiano* (ms. do Archivo Nacional). Um retrato de corpo inteiro.

[3] No tempo do Imperio a Mauritania Tingitana foi adjudicada por Othon ao Vigariado de Hespanha.

[4] No tempo dos Godos a Mauritania Tingitana foi uma das provincias civis de Hespanha, e lh a roubaram os Arabes.

Cadeira Pontifical; e pelas expressões de Santo Optato, em relação aos males perpetrados pelos donatistas contra os Catholicos nesta cidade, não me parece, que no tempo dessas perseguições a houvesse; mas bem de crer é, quo na invasão dos Vandalos já a tivesse; porque S. Victor Vitense, referindo o milagre, que Deos obron pelos Martyres desta cidade, depois da intrusão do ariano Cyrilla, não insinuon novidade de ereção, mas simplesmente disse, que *vendo* (os moradores de *Tipassa*) *ordenado Bispo para perder suas almas a Cyrilla ariano, fugiram por mar, ficando poucos, que não tiveram meio de adquirir embarcação:* este facto importa, a meu ver, existencia anterior da Cadeira Pontifical; porém até que anno sóbe, não sei eu: talvez que a erecção seja do tempo médio, ontre a extincção do scysma de Donato a os horrores Vandalicos; como quer que seja, em quanto não fôr melhor instruido, á collocarei pouco adiante do começo do seculo v. *Tipassa* pertencia á provincia Ecclesiastica da Mauritania Cezariense, e com a entrada dos Arabes perdeu toda a gluria, que adquirira nos annaes do Christianismo, e viu polluido o Sanctuario.

Não podendo o intruso Cyrilla reduzir á perniciosa seita de Ario os fieis, que restavam em *Tipassa* por meios brandos, sollicitou de Carthago a perseguição, e o Rei Vandalo enviou um ministro, que, fazendo-os juntar na praça pública, mandou cortar-lhes a lingua, e a mão direita; mas nem por isso deixaram de fallar, de que foi a Constantinopla dar testimunho o veneravel Confessor de *Christo* Reparato Subdiacono, que pregava sem a menor difficuldade, sendo um daquelles, a quem se arrancou a lingua pela raiz. De seus Prelados lembrarei *Firmo*, um dos Padres do Santo Synodo geral quinto, em que foram condemnados os tres capitulos Nestorianos; e entre os titulares, porque debaixo do jugo infiel a esta qualidade passou a Igreja de *Tipassa*, *Joaquim de Sousa Saraiva* Coadjutor de Peking, depois *Bispo* desta Santa Igreja; e antes delle o, que segue.

103.°

Venerando Fr. JERONYMO DE S. JOSÉ.—Nasceu este Prelado em Lisboa a 21 de Novembro de 1701, e entrou no Ermo Observante de Santo Agostinho, em que mereceu por suas virtudes ser proposto pelo Arcebispo de Evora Fr. Miguel de Sousa a seu Coadjutor e Vigario; e a Santa Sé o confirmou com o titulo *Episcopal de Tipassa* em 15 de Maio de 1752. Morreu em 6 de Março de 1772.[1] Não obtive saber delle mais.

QQ

Massa.

Na Italia, uns trinta e cinco mil passos ao sudoeste de Senna sôbre o Mediterraneo, esta assentada a cidade de *Massa*, que se chamou *Verternense:* faz parte do paiz Toscano, e na sua proximidade foi a antiga Vetulonio, de quo so as ruinas por seculos inculcaram a grandesa. *Massa* existia já no tempo do imperio: della foi natural *Gallo* sobrinho de Constantino *o grande*, e elevado a dignidodo de Czar; e augmentou á costa de *Populonia*, que dizemos *Plumbino*, antiga colonia dos Volaterranos, destruida por Sylla a primeira vez, e a segunda pelo Imperador Carlos o *grande*.

Não se sabe quem foi o primeiro Missionario do Christianismo em *Plumbino* e *Massa*; mas não ha questão sôbre a época, em quo receberam as luzes do Evangelho: a Cadeira Pontifical esteve primeiro em *Plumbino*, e pela sua ruina passou a *Massa*, chamando-se por muito tempo *Bispo* de uma e outra o desta: quando aquella foi elevada á dignidade Pontifical não é liquido, mas as primeiras noticias de Prelado seu montam aos fins do seculo VII: nos primeiros tempos não reconheceu Metropolitano senão o Summo Pontifice, depois foi *Suffraganea* de Piza, e o Santo Padre Pio II a sujeitou ao Arcebispo de Sénna. Foi esta Santa Igreja regada com os suores de *S. Cebronio* illustre Confessor de *Christo*, que ficou sendo o seu Patrono, e pelos de S. Bernardino de Senna, que de *Massa* trazia origem pelo sangue.

O primeiro dos *Bispos* foi *Atello*, que em 501 assistiu ao Synodo celebrado pelo Papa S. Symaco d'entre seus successores contarei aqui *S. Cebronio*, que foi gosar de Deos em 575; *Mariniano*, um dos Padres do Synodo Lateranense de 649; *Paulo* Legado Apostolico dos Bulgaros pelo Papa S. Nicoláo I; *Henrique*, um dos Padres do Synodo Lateranense celebrado pelo Papa Bento VIII; *Rothlando*, que em 1126 subscreveu com o titulo de *Plumbino e Massa*; *Marzucco* eleito em 1211; *Antonio de Riparia*, que em 1375 reprimiu a heresia de Waldense no Delphinado, onde esteve Nuncio Apostolico; *Joãa Gabriel* pelos annos 1394, Legado Apostolico na Polonia, e insigne em letras; *Neonardo Dato* eleito em 1467, um dos homens mais eroditos do seu seculo; o sabio Cardeal *Bernardino Mafeu* morto em 1553; o bom *Alexandre Petrucio* eleito em 1601; *Nicaláo Ptolomeu* consagrado em 1715; e actualmente, desde 19 de Dezembro de 1825, *José Maria Traversi*.

104.°

Venerando Fr. JOÃO GRANDERONI.—Nasceu este Prelado em Senna de uma familia illustre, e professou o Instituto Eremitico Augustiniano: foi Sachristão do Summo Pontifice, e desta dignidade o elevou por seus merecimentos o Santo Padre Pio II á Cadeira Pontifical de Tipherno, na qual succedeu a seu tio materno Fr. Rodolpho em 15 de Julho de 1460; e havendo sido Referendeiro dos Papas Paulo II e Xisto IV, o trasladou este último á Igreja de *Massa* em 16 de Julho de 1474, que regeu ausente por

[1] *Notizie di Roma per l'anno 1762 — Aviso da nomeação do successor datado de 13 de Agosto de 1772* — Pereira de Figueiredo *Lusitania Sacra*. Um retrato de corpo inteiro.

dez annos completos: morreu em Roma em 1181, o foi sepultado na Capella de Santa Monica do Mosteiro de Santo Agostinho Era um Prelado de muita virtude, e por isso digno do Summo Sacerdocio.[1]

RR

Egitania.

Na antiga provincia Lusitana, e paia dos Vetoes, á margem septemtrional no rio Ponzul, que fazendo uma curva para o lado do occidente, corre ao meio-dia oté desaguar no Tejo, estavo ossentoda a cidade de *Egitania*, cuja origem sobe, pelo menos, ao tempo da Republica Romana: teve o fôro de Municipio, e foi um dos que concorreram para a obra da ponte de Alcantara: no tempo dos Godos conservou sua antiga grandesa; mas, destruida pelos Arabes, é hoje uma povoação de pouca monta com o nome de *Idanha*, corrompida a antiga voz Latina, e com distincção de *velha* por causa de outra povoação mais moderno, que por esse facto se diz *nova*. Caminhando deste ponto em direcção do norte está a cidade do *Guarda* no alto do Herminio ou Serra da Estrello a nordeste de Vizeu, fundada por ElRei D. Sancho I de Portugal, e quo succedeu uos antigos fóros á volbo Idanha. O districto, sôbre que dominou a *Egitania*, e posteriormente entende a *Guarda*, era de *Egiditanos* ou *Egitanenses* ao sul, *Lancienses* ao norte.

Receberam estes povos de S. Paulo, ou de seus discipulos, a luz do Evangelho; porém foi mais tarde, que tiveram Cadeira Pontifical, quo data do seculo VI pelos annos 569; foi esta *Suffraganea* de Braga, e depois do meado do seculo VII se sujeitou a Merida até se extinguir na *Egitania:* com a invasão Arabe, trasladada á *Guarda* por disposição do Santo Padre Innocencio III, ficou debaixo da obediencia de Iria, que succedêra no fôro Metropolitano a Merida, e depois reconheceu o presidencia de Lisboa, quando esta teve aquelle fôro, e aindo agora é sua Suffraganea.

Entre os Prelados desta Igreja recordarei *Aderico*, o primeiro de todos; *Commundo*, que esteve no terceiro Synodo Toledano; *Sulea*, o primeiro que deu obediencia ao Metropolitano de Merida; e *Argesindo* o ultimo om *Egitania:* cessou depois a memoria dos *Bispos Egitanenses* com a destruição da cidade até ao fim do seculo XII, em quo se restaurou a Igreja na *Guarda*, o foi o primeiro *Martinho Paes* Conego Regular de Santa Cruz de Coimbra; *Fr. Vasco* Legado Apostolico na Hungria, Bohemia, Aragão, Castella e Inglaterra, a depois, provido pela Santa Sé nesta *Diocese* em 1267, foi um dos Padres do Santo Synodo geral decimo quarto; *Vasco de Menezes* instituido em 1362; *Luiz da Guerra*, que entrou em 1427; *Garcia de Menezes*, que acabou encerrado no castello do Palmella por se dizer, que era conjurodo contra ElRei D. João II, sendo já *Bispo* de Evora, o de quem é mais facil provar o saber e eloquencia, do que rebeldia politica sonhada pelos homens da escóla de direito; *João de Portugal* confirmado pela Santa Se em 1556, que, sem deslustre da dignidade Pontifical, amou do coração a patria, e por isso acabou recluso em Castella e privado da sua Igreja por uma sentença, a que, segundo os principios daquello escóla, servia de base, não a justiça, mas a politica e a vontade de ElRei D. Filippe II, se não o medo; o bom e zeloso *Affonso Furtado de Mendoça*, que celebrou Synodo em 1615, o publicou nello as constituições, foi trasladado a Coimbra, e morreu Arcebispo da Braga; *Martim Affonso de Mello*, que escreveu em materio de direito Canonico, o morreu em 1684; *Fr. José Fialho* Monje Cisterciense da Congregação de Santa Maria de Alcobaça, que acabou a vida em 1741; e actualmente *Joaquim Jose Pacheco e Sousa* instituido em 2 de Julho de 1832, que desde os ocontecimentos politicos de 1831 está ausente.

103.º

VENERANDO FRANCISCO DE CASTRO. — Nasceu este Prelado em Lisboa por Agosto de 1570, filho de D. Alvaro de *Castro* e de D. Anna de Athaide, e neto paterno de D. João de *Castro*[2] 4.º Vice-Rei da India e de D. Leonor Coutinho: foi collegial de S. Pedro de Coimbro, seguiu as escolas do Universidade, teve em 1601 o cargo de Reitor dellas, e depois, em 1615, o de Presidente da Mesa da Consciencio e Ordens: abroçou o estado Ecclesiastico, em 18 de Setembro de 1617 o Santo Padre Paulo V o instituiu *Bispo Egitanense*, e tomou posse desta Igrejo em 13 de Setembro desse onno. Entrando no governo da *Diocese*, mandou imprimir as constituições acabadas por seu antecessor Affonso Furtado de Mendoça: fez parte do estado Ecclesiostico nas côrtes de Thomar em 1619, e depois foi um dos *Bispos* da Junta de 7 de Novembro de 1626, que ElRei convocou para essa villo o fim de se ajustarem certos negocios Ecclesiasticos. Tendo presidido com bom exemplo e zêlo, a côrte entendeu retira-lo apresentondo-o no cargo de Inquisidor, que oceitou, e lhe foi confirmado em Roma a 19 de Janeiro de 1630: desde então governou a *Diocese* até ao meado do anno 1632, em qua resignou. Demais disso foi conselheiro de estado do ElRei D. João IV; e estes cargos fizeram de um Prelado, que podia ser util á Igreja de Deos, um bom politico; mas, por credito seu, devo dizer, que elle, apesar de entregue ao seculo, procurava assiduamente forrar-se-lhe, applicando-se aos exercicios de piedade no Claustro de S. Domingos

[1] UGHELLUS te COLETI *Italia Sacra*. Um retrato de meio corpo.

[2] Era irmão de D. Fernando de *Castro* administrador do morgado do Paul de Boquilobo e Governador da casa do civel, com illustre descendencia, e ambos filhos de D. Garcia de *Castro* irmão de D. Alvoro de *Castro*, 1.º Conde de Monsanto (ascendente dos Marquezes de Cascaes, e por elles dos de Niza), netos de D. Fernando de *Castro* instituidor daquelle morgado, irmão de D. João de *Castro* ascendente da Serenissima Casa Reinante. Do Vice-Rei D. João de *Castro* não ha hoje descendentes senão por suas filhas: 1.ª D. Ignez de *Castro* mulher de D. Luiz de Albuquerque, e terceira avó de D. Maria Thereza de Albuquerque mulher de D. Manoel Saldanha de Tavora: 2.ª D. Joanna de *Castro* mulher de Pedro Leitão Freire e terceira avó do referido D. Manoel de Saldanha de Tavora: deste e sua mulher a dita D. Maria Thereza de Albuquerque é descendente por varonia o actual Conde de Penamacor, em quem recaiu a casa do dito Vice-Rei D. João de *Castro*.

de Bemfica, em que erigiu e dotou um Noviciado para incremento deste Santo Monastico, e uma famosa Capella dedicada ao Santissimo Sacramento, para seu jazigo e de sua familia, em 9 de Agosto de 1644, o que lhe foi confirmado por Alvará Regio de 2 de Setembro desse anno. Acabou com reputação de integridade no exercicio dos cargos, que exerceu, em o 1.° de Janeiro de 1653, e jaz em sepultura raza no Presbyterio da mencionada Capella da parte do Evangelho, onde se escreveu o seguinte epitaphio:

D. FRANCISCUS A CASTRO
EPISCOPUS OLIM EGITANENSIS,
HUJUSCE SANCTUARII
AC INTERIORIS CŒNOBII FUNDATOR,
HUNC SIBI, DUM VIVERET,
TUMULUM PARAVIT,
IN QUO ET REQUIESCIT POST MORTEM.[1]

88

Lamego.

Na antiga Lusitania, ao poente do rio Coa, e nas proximidades do Douro, que lhe fica a parte do norte, está a cidade de *Lamego*, em altas serranias do lado septemtrional de Vizeu, banhada pelo rio Balsemão: a sua origem remonta pelo menos ao tempo do imperio Romano, mas de que o nome é apenas conhecido desde os Suevos: no dominio Arabe foi opprimida pela superstição musulmana, de que a resgatou D. Affonso III o *grande;* e, succumbindo ao braço poderoso de El-Mansour, veio depois novamente ao podêr dos Christãos pelo esforço de ElRei D. Fernando I: por morte deste Principe foi uma das cidades do reino de Galliza, e, morto D. Garcia primeiro Soberano delle, com as terras d'aquem Minho pertenceu á Monarchia Portugueza.

Tendo *Lamego* recebido a luz do Evangelho dos discipulos de S. Paulo, como eu creio, por largo tempo se conservou Parochia da Igreja de Vizeu, segundo parece, em rasão da sua proximidade desta, maior que de outra qualquer da Lusitania: no seculo VI erigiu S. Martinho Bracarense com os seus *Suffragoneos* Cadeira Pontifical em *Lamego;* o Prelado obedeceu a Braga ate ao meado do seculo seguinte, e desde quando se sujeitou ao Emeritense Metropolitano da Lusitania: padeceu completa desolação á entrada dos Sarracenos; mas, como uma luz, que depressa se apagou, teve Pontifice nos fins do seculo IX e principios do immediato: foi Parochia de Coimbra do mesmo modo, que Vizeu; mas conseguiu, no meado do seculo XII, o seu restabelecimento, e Deos quiz a sua permanencia até hoje: foi *Suffraganea* de Lugo no intervallo até á restauração plena, logo de Iria, e por fim de Lisboa.

Dos seus Prelados referirei *Sardinario*, que foi o primeiro, e mandava nesta cidade em nome de Deos pelos annos 570; *Filippe*, que esteve no terceiro Synodo Toledano; *Theodiscolo*, que em 666 obedecia ao Metropolitano de Merida; *Fioncio* ultimo da época gothica; *Branderico* em 881; *Mendo* em 1144; *Egas Paes* em 1252; *Vasco de Alvellos* em 1297; *Lourenço*, que morreu em 1393; *Gonçalo Gonçalves*, seu successor immediato, o primeiro, que reconheceu Lisboa por Metropole; *Fernando de Vasconcellos*, que em 1540 foi promovido ao Arcebispado de Lisboa; *Simão de Sa Pereira* fallecido em 1580; *Fr. Luiz da Silva* promovido a Evora; *Fr. Manoel Coutinho* trasladado do Funchal, e fallecido em 1742; *João Antonio Binet Pincio* instituido em 1786; e actualmente, desde 22 de Janeiro de 1844, *José de Moura Coutinho*.

106.°

VENERANDO AGOSTINHO RIBEIRO.—Nasceu este Prelado em Lisboa filho de Martinho *Ribeiro* e de D. Maria de Carvalho, ambos illustres pelo nascimento: desde menino patenteou inclinações para o estado Ecclesiastico, e, apesar de ser o primogenito, não seguiu a vida do seculo: era edificante a modestia e devoção, com que se portava ainda em tenros annos; e ainda mais edificante era a caridade com o proximo, que deixou ver na morte de sua mãe, quando apenas contava uns quatorze annos, assistindo-lhe na hora extrema como um anjo para guia-la á Bemaventurança, e na ultima doença de seu pae, que, por asquerosa e maligna, afugentava a todos, menos a elle: serviu de arrimo a seus irmãos, e, depois de os estabelecer, tratou dos estranhos, segundo os deveres do santo Ministerio, que de Deos aceitára. Era já por esse tempo ordenado Sacerdote, e a assiduidade nos estudos, junta ao elevado talento de que Deos o enriqueceu, o constituiram insigne Theologo, e excellente orador: sabendo então do desamparo dos moradores da Ilha do Corvo, aceitou a cura de suas almas, passou para o centro delles, onde tratou de os instruir nas cousas de nossa santa Religião, porque de Christãos apenas tinham o nome, e depois de os ensinar na Fé, cuidou de os mover ás obras: o exemplo, a palavra, e ainda a severidade das censuras, foram as armas, com que combateu o demonio, que se apossára dos pobres ilheos pela corrupção; soffreu por isso a calumnia de alguns perversos, que não queriam mudar de costumes, e que o ameaçaram de morte, se não saisse da ilha: já não valiam os meios de brandura para aquella gente perdida, mas a gente sã dispunha-se a conter pela fôrça a outra; pelo que, a fim de evitar uma calamidade, voltou a Lisboa. Esforçou-se com a côrte para dar remedio ás miserias da ilha; porém,

[1] *Testamento do Bispo Francisco de Castro datado de 9 de Outubro de 1652 no cartorio da casa do Conde de Penamacor* — SOUSA *Historia Genealogica da Casa Real Portugueza* — PEREIRA DE FIGUEIREDO *Lusitania Sacra*. Um retrato de meio corpo sem nome

apesar da bôa vontade de ElRei D. Manoel, os seus ministros não a tinham, porque, salvas honrosas excepções, esses homens raras vezes a têem, quando se trata do bem dos povos, principalmente em relação á piedade e á moral, no que o diabo os ajuda a cavar a ruina dos estados e a sua propria. Desenganado, de que trabalhava inutilmente, recolheu-se ao Claustro dos Conegos Seculares de S. João Evangelista no Mosteiro do Recião, onde passados onze annos o elegeram Geral em 1529: tão zeloso se mostreu na Prelasia, e tão affectuoso com os subditos, que, findo o triennio, o tornaram a eleger: querendo ainda elege-lo uma terceira vez, pedio que o escusassem; e ElRei D. João III, de quem era Prégader, desejando rete-lo na côrte, solicitou dos Padres da Congregação, que o nomeassem provedor do Hospital de Lisboa: desse modo elles condescenderam.

Neste cargo se portou qual era, cheio de caridade como verdadeiro Ministro do Evangelho, administrando Sacramentos, assistindo aos moribundos, e servindo-os com o maior desvélo e carinho; perseverando deste modo, quiz ElRei que fôsse Reitor da Universidade de Lisboa. Erecta a Igreja de Angra em 1534, ElRei o apresentou nella; e, sendo confirmado por Sua Santidade, em Bulla de 3 de Novembro, constituiu essa Igreja, e a administrou ausente, porque, com permissão do Summo Pontifice, occupou o cargo de reitor da universidade em Coimbra; mas alcançando larga-lo, depois de cinco annos de exercicio, passou a Angra, visitou a *Diocese* por tres vezes, e fez quanto um *Bispo* deve fazer para estabelecer a moral no Clero e no povo, o culto e a piedade em todo o esplendor, e para remediar necessidades alheias a suas expensas. Desta Igreja passou á de *Lamego* por Bulla de 24 de Setembro de 1540, e obrou como em Angra. Quando o *Bispo* Fr. Balthazar Limpo foi ao Santo Synodo de Trento deixou-lhe encarregada a Igreja do Porto, que igualmente regeu, segundo seu espirito, durante a ausencia daquelle bom Prelado. Assim viveu até renunciar, e recolher-se ao Mosteiro de S. Bento de Enxabregas para ser como o mais humilde Religioso; e nessa santa casa falleceu em 27 de Março de 1554 com bôa opinião, que não destroem alguns excessos de zêlo praticados quando Inquisidor.[1]

TT

Porto.

A margem esquerda do Douro perto de sua embocadura, e a trinta e cinco mil passos de Braga, no logar, onde hoje é *Gaya*, esteve *Calem*, povoação Romana, se não se eleva a época anterior ao dominio de Lacio: em frente, da outra parte do rio, se ergue a cidade, que foi povoação dos Suevos, segundo crêio, e se chamou a *nova*, em quanto a outra, pela prioridade de existencia, teve o de *antiga*, particularmente lhe coube o nome *Portugal* ou *Porto de Cale*[2], e depois unicamente *Porto*, conforme hoje dizemos: a memoria mais antiga desta cidade refere-se ao anno 457, em que Recciario Rei dos Suevos, segundo Idacio, lá foi prêso: extincto o imperio passou successivamente dos Suevos aos Godos, caiu nas mãos dos Sarracenos, das quaes Affonso I o *Catholico* a trouxe, por fôrça de suas armas, ao dominio Christão, e soffreu a invasão de El-Mansour; mas desde então não provou mais o jugo infiel. No seculo v, como está acima, a povoação septentrional usava já o nome *Portugal*, no x este nome se estendia a todo um districto, no seguinte a uma provincia, que começava desde o rio Minho e corria até aquem do Douro, e no xii pertenceu a todo o Reino, que o braço forte de Affonso Henriques levantou para ser glorioso por alguns seculos, e mostrar hoje nas ruinas os vestigios de sua antiga grandesa.

Todas as povoações ao norte do Douro receberam a nova do Reino dos Céos da bôcca dos discipulos de S. Thiago, e como a prégação não teve limites em respeito a logares tão restrictos, como a jurisdicção Pontifical, é possivel, que elles fizessem ouvir sua voz em *Calem* ao sul do rio; mas não teve o *Porto* Cadeira *Episcopal* senão pelo seculo vi, nem sua jurisdicção se estendeu áquem do Douro senão pelo seculo xii: a Séde foi collocada primeiro em *Magneto*, e depois no *Porto*, ficando *Magneto* Parochia, que mais adiante foi Mosteiro, e hoje é Parochia com o titulo de Santa Maria de *Meinedo* na comarca Ecclesiastica de *Penafiel*: nesta Igreja cessou a memoria de Prelado desde a invasão Sarracena até pouco antes de 881: pelo fim do seculo xi teve larga vacante, e no seculo xviii se retalhou, apresentando-se á Santa Sé premissas falsas para estabelecimento de uma nova Igreja dentro dos seus limites, e constituindo-se em 1770 naquella comarca de *Penafiel*; mas não foi por diante a pretenção exaggerada de podêr temporal, renunciando em 1779 *Fr. Ignacio de S. Caetano* o unico *Bispo*, que essa *Diocese* teve, e pondo o Santo Padre Pio VI as cousas como antes estavam: e *Porto* foi sempre *Suffraganeo* de Braga.

Viator foi o primeiro *Bispo* desta Igreja com o titulo e residencia em *Meinedo*: no Synodo terceiro Toledano appareceu com o titulo *Portugalense Constancio*, e com elle subscreveu pondo igual titulo *Argiovito*, que então abjureu a heresia ariana, permaneceu Coadjutor do Catholico mais antigo, e lhe devia succeder, se sobrevivesse: depois seguiram-se interpoladamente *Felix*, que no Synodo decimo sexto Toledano foi promovido á Metropole Bracarense; *Justo*, que presidia em 881; *Ermogio* em 922; *Sesnando* de 1048 a 1075; *Hugo* desde 1112, que conseguiu ampliar os limites de sua Diocese ao sul; *Pedro Raboldes* desde 1138; *Fernando Martins* até 1185; *Martinho Rodrigues* até 1235; *Vicente Mendes* até 1296; *Vasco Moniz* até 1342, em que foi trasladado a Lisboa; o Cardeal da *Azambuja* até 1398; *Fernando da Guerra* promovido a Braga em 1418; o Cardeal de *Chaves* fallecido em 1448; *Fr. Balthazar Limpo* promovido a Braga em 1550; *Nicoláo Monteiro* desde 1670; *Fr. José Maria da Fonseca e Evora* consagrado em 1741; *Fr. Antonio de Sousa* fallecido em 1766; e actualmente, desde 19 de Junho de 1843, *Jeronymo José da Costa Rebello*.

[1] Archivo Nacional collecção de Bullas maço 23 n.º 27, e maço 24 n.º 17 — Francisco de Santa Maria *Ceo Aberto na terra*. — Fonseca *Memoria Chronologica dos Prelados de Lamego* — Pereira de Figueiredo *Lusitania Sacra*. Um retrato de meio corpo.

[2] *Portucale* é o seu nome Latino.

107.º

VENERANDO JOAO DE AZEVEDO. —Nasceu este Prelado em Lisboa filho de Luiz Gonçalves *Malafaia*[1] e de D. Filippa de *Azevedo* filha dos senhores de S. João de Rei: dedicou-se a vida Ecclesiastica, foi Deão da Cathedral da sua patria, Commendatario de Villa-Bôa do *Bispo;* e depois, instituido pela Santa Sé na *Igreja* do *Porto*, presidiu nella desde 1465, e o seu Pontificado se estendeu até 1493, em que renunciou, trocando o roquete pelo saial de Donato dos Conegos Seculares de S. João Evangelista, e falleceu com opinião de grande virtude no Mosteiro de S. Bento de Enxabregas de Lisboa a 27 de Julho de 1517.[2] Se a fragilidade da carne foi capaz de o reduzir ao estado de impuresa, essa mesma deu motivo aos duros tratos e asperas penitencias, com que *João de Azevedo* maceron seu corpo; e se este Prelado, apesar dessa impuresa, houvesse perdido a Fé, seria um lobo na casa de Deos; mas longe disso, o Senhor o auxiliou, fez delle um bom Pastor, e mais tarde um imitador desses homens eminentes em santidade, que passaram seus dias n'uma tribulação voluntaria, tão digna de admiração, como reputada impossivel pelo mundo descrente e corrupto. Jaz no desolado Mosteiro, onde acabou os dias; e sôbre a campa de sua sepultura lhe pozeram as armas gentilicas, e lavraram um epitaphio em Romano restaurado com letras inclusas e conjuntas, que diz assim.

S.ª DE D. JOÃO DE
AZEVEDO BISPO, QUE
FOI DO PORTO, O QUAL
RENUNCIANDO
O BISPADO SE RECOLHEO
NESTE MOSTEIRO TO-
MANDO O HABITO NO
QUAL VIVEU 25 ANNOS.
FALECEU A 27 DE JU-
LHO NO ANNO DE 1517

108.º

VENERANDO FR. MARCOS DE BETHANIA OU DE LISBOA.[3] —Nasceu em Lisboa filho de Salvador Luiz da Silva, que morreu na India: abraçou o Instituto dos Menores de S. Francisco, de que fez profissão no Mosteiro de Santa Christina da Provincia de Portugal, e em que cultivou seu talento entregando-se ao estudo sem reservs; por isso saiu Theologo e historiador distincto, e um dos mais famosos oradores do seu tempo: a Ordem o elevou ao Magisterio, e lhe encarregou a Chronica, de que publicou primeira, segunda, e terceira partes: seguiu a reforma, dando o nome á Custodia de Santo Antonio, de que, erecta em Provincia, foi o segundo Provincial: acompanhou ElRei D. Sebastião na primeira jornada de Africa, e, sendo nomeado *Bispo* de Miranda, não teve isso effeito, porque o não teve a renúncia, que dessa Igreja fizera o *Bispo* Antonio Pinheiro; mas sendo pouco mais adiante eleito para a do *Porto*, a Santa Sé o confirmou por Bulla de 12 de Novembro de 1581, e foi sagrado pelo *Bispo* de Vizeu D. Jorge do Athaide no Templo de S. Francisco de Lisboa em 21 de Janeiro do anno seguinte, assistindo os Prelados de Portalegre e Lamego. Foi bom Pastor, e entre suas obras se lembram a erecção das tres Parochias de S. Nicoláo, Nossa Senhora da Victoria, e S. João de Belmonte na cidade, e a reforma das constituições do Bispado: seus dias terminaram, deixando veneravel memoria, em 13 de Setembro de 1591. Alem das obras, que, em qualidade de Chronista Geral da Ordem, escreveu, e que mereceram ser tradusidas em Hespanhol, Francez, e Italiano, e das constituições da *Diocese* do Porto, deixou outros trabalhos em ascetica, que têem merecimento.[4]

109.º

VENERANDO FR. JOSÉ DE SANTA MARIA DE SALDANHA. —Nasceu este Prelado em Lisboa filho de Luiz de *Saldanha*[5], Commendador de Alcains e Salvaterra, e Mordomo-mor da Rainha e senhora D. Luiza, e de sua mulher D. Violante de Mendonça; e teve irmão de João de *Saldanha* da Gama, que continuou esta

[1] Gonçalo Pires *Malafaia* governador da casa do civel por ElRei D. João I, teve filhos: 1.º—Pedro Gonçalves *Malafaia*, de quem descende por femea o actual Marquez de Lavradio; 2.º o dito Luiz Gonçalves ascendente pelo mesmo modo do actual Conde da Lousã D. João de Lancaster, e bem assim de outros Cavalleiros, como D. Miguel Vaz de Athaide Pereira Pinto Guedes, que é o representante da linha oriunda do mesmo *Bispo*, e o actual Marquez de Pombal.

[2] FRANCISCO DE SANTA MARIA *Ceo Aberto na terra, e Anno Historico* — D. IGNACIO DE NOSSA SENHORA DA BOA MORTE *Diario Historico* — PEREIRA DE FIGUEIREDO *Lusitania Sacra*. Um retrato de corpo inteiro.

[3] Foi conhecido por estes dois nomes.

[4] FR. FERNANDO DA SOLEDADE *Historia Serafica* — BARBOSA *Bibliotheca Lusitana* — FLORES *España Sagrada* — PEREIRA DE FIGUEIREDO *Lusitania Sacra*. Um retrato de meio corpo.

[5] Descendente na varonia de João de *Saldanha*, irmão de Antonio de *Saldanha*, o da *aguada*, tronco das linhas de Rio Maior e Pennamacor, e ambos filhos de Diogo Lopes de *Saldanha*, originario de uma das casas mais antigas de Castella, e que passou a Portug l abraçando o partido da *Excelente Senhora*, e foi Trinchante de ElRei D. Affonso V.

rasa[1]: entrou na provincia recoleta de Santo Antonio de Portugal, em que foi leitor de philosophia e theologia: suas virtudes o letras lhe conseguiram a estima pública, e o affecto da côrte, que o elegeu *Bispo* do Funchal em 1689: a 23 de Agosto se lho fez processo, Sua Santidade o confirmou por Bulla de 16 de Março do anno seguinte, e foi sagrado em 25 de Julho immediato pelo Cardeal de Lancaster: depois, eleito para a Igreja do *Porto* em 1696, se lhe fez processo em 21 de Julho, Sua Santidade o traslадou em 17 de Dezembro, e nesta Igreja morreu com opinião de Santo em 26 de Setembro de 1708, tendo presidido em ambas como bom Pastor, e concorrendo na última para a fundação do Mosteiro das Descalças de Santa Theresa.[2]

UU

Chiozza.

Umas vinte e cinco milhas ao sul do golpho de Venesa sôbre o Adriatico, está situada a cidade de *Chiozza*, a que uns deram o nome Latino *Fossa Claudia*, e outros *Clugia:* deveu sua origem a Clodio Chefe dos Albanos: augmentou no tempo dos Hunnos, refugiando-se perto della muitas familias aterradas da crueldade destes barbaros, e decaiu um pouco depois da guerra Ligustica. Ao norte desta cidade e cinco milhas ao sul de Venesa, nos pantanos do golpho, ao termo do rio Medoaco, depois chamado Brenta, povoaram familias do continente afugentadas pelos invasores do norte, e á sua cidade nomearam *Methamauco*, que foi submergida ao fim do seculo XI. Ambas estas cidades foram occupadas por Pipino filho de Carlos o *grande:* ambas ellas pertenceram ao dominio Venesiano; e esta, depois de guerras civis e incendios, acabou victima de um terremoto, em quanto aquella permanece gosando os fóros Ecclesiasticos da sua visinha.

Chiozza recebeu a lus do Evangelho nos tempos primitivos do Christianismo, porque existia; mas não teve Cadeira Pontifical senão depois de extincta *Methamauco*. O primeiro *Bispo* desta foi *Berguordo*, que apascentou os Catholicos em Pavia, e, por não querer communicar com os arianos, trasladou sua Sede para *Methamauco* em 638; succederam-lhe interpoladamente *Felix*, que recusou obedecer ao Patriarcha de Grao, por isso foi excommungado pela Santa Sé; *Leão*, que o Santo Padre João VIII poz em logar daquelle; outro *Leão*, que presidia em 1005; *Henrique* pelos annos 1060; *Estevão*, que ainda foi eleito com o titulo desta Igreja, e prestou obediencia ao Patriarcha de Grão em 1107. Trasladada a Séde a *Chiozza*, continuou *Suffraganea* de Grão, como em *Methamauco*, e posteriormente de Venesa, quando esta Igreja recebeu os fóros Metropolitanos: o primeiro *Bispo* de *Chiozza* foi *Henrique Granciariola*, que entrou com o antigo titulo, e o substituiu desde 1110, em que effectuou a trasladação a esta cidade: seguiram-se-lhe, entre outros, *Marino*, um dos Padres do Santo Synodo Geral Lateranense de 1179; *Fr. Uberto* consagrado em 1284; *Fr. Othonello* desde 1314, illustre pela sciencia; *João* eleito em 1369; *Bento de Manfredis*, que morreu em 1414; *Fr. Jacob Naclonelo*, um dos Padres do Santo Synodo Tridentino, e illustre pelo seu zêlo; o piedoso *Gabriel Flama*; *Lourenço Prezzodo*, insigno defensor da immunidade Ecclesiastica, que morreu em 1610; o bom *Paschoal de Grassis* eleito em 1619; *João Sophietti* instituido em 1715; *João Bento Mario Ciuraa* desde 1775; e actualmente, desde 24 de Janeiro de 1842, *Jacomo* dos Condes *Foretti*.

110.°

Venerando PEDRO PAULO MILOTO.—Nasceu este Prelado em Vicencia, e abraçou o Santo Instituto dos Conegos Seculares de S. Jorge da Alga: seguiu a carreira do Magisterio: foi bom Prégador, e presidiu no Mosteiro de S. Salvador *in Lauro* de Roma: o Santo Padre Paulo V, considerando a innocencia de costumes, a piedade, e conhecimento das Divinas Letras, que o tornavam insigne, o elevou a Cadeira Pontifical de *Chiozza* em 9 de Fevereiro de 1615. Por tres annos regeu esta Igreja com o amor do pae mais desvelado, celebrou Synodo, e publicou constituições salutares para o Clero: finalmente passou desta vida no 1.° de Novembro de 1618.[3]

VV

Viterbo e Toscanella.

Na peninsula Italica, á rais do monte Cimino, umas quarenta milhas ao poente de Roma e dez ao oriente do lago Volsinio, entre Spoleto ao norte e Civita-Vechia sôbre o Mediterraneo ao sul, esta a cidade de *Viterbo*, uma das mais bellas da provincia do patrimonio de S. Pedro pela amenidade do local e pela frequencia de moradores; entretanto ainda no seculo VIII era uma povoação de pouca conta, que é isto quanto sei de seu principio. Mais subida é a origem de *Toscanello*, chamada antigamente pelos Latinos *Salumbrona*, e depois *Tyrrhenio*, *Tuscia*, *Tuscana*, e *Tuscania*, umas quinse milhas ao occidente de *Viterbo*, como ella cidade do patrimonio, e, embora pequena, em tempos modernos era famosa e rica, mas succumbiu á fôrça bruta de espadas inimigas: a sua origem pode, segundo alguns, encontrar-se antes da existencia de Roma; e pelo menos não se lhe póde negar a qualidade de grande nos dias primeiros do imperio.

Se não foi do Principe dos Apostolos, que as povoações contidas na Diocese de *Viterbo* e *Toscanello*

[1] Delle vem o actual Conde da Ponte, que o representa.

[2] *Processos Canonicos para o Funchal em 1689 e Porto em 1696*—Archivo Nacional maço 42 de Bullas n.os 3 e 39—Flores *España Sagrada*—Pereira de Figueiredo *Lusitania Sacra*. Um retrato de meio corpo.

[3] Ughellus et Coleti *Italia Sacra*. Um retrato de meio corpo.

receberam a luz do Evangelho, ellas ouviram de seus discipulos a nova do Reino dos Céos; e a segunda gosou desde logo, conforme a opinião commum, da Cadeira Pontifical, em quanto a primeira teve essa honra mais tardo pelo começo do seculo XI; e uma e outra reconheceram sempre por Metropolitano o Papa: ambas estas Dioceses foram berço de pessoas insignes pela santidade, e de varões eminentes nas letras; e a mim me basta recordar, que eram naturaes de *Toscanella* os Summos Pontifices S. João I Martyr, S. Leão I *o grande*, e S. Paschoal I ambos illustres Confessores de Christo. Pelos fins do seculo XI estavam unidas a *Toscanella* as Igrejas de *Bieda*[1] e *Civita-Vechia*[2], que por fim se adjudicou á do Porto Romano; mas ao meado do seculo XII, destruida pelos *Viterbenses* aquella cidade, e obrigada a maior parte de seus moradores a residir em *Viterbo*, foi decaíndo em quanto esta augmentava; por isso ao fim do seculo seguinte foi unida com as duas de *Bieda* e *Civita-Vechia* a *Viterbo*. O último Prelado de *Toscanella* antes da união foi *Cencio* pelos annos 1179; o primeiro conhecido *Urbano*, que esteve nos Synodos Romanos de 595 e 601; e o primeiro, que reuniu as tres Igrejas *Ricardo* pelos annos 1086.

Dos Prelados de *Viterbo* lembrarei os seguintes: *Rodolpho* pelos annos 1106; *Gentil*, que assistiu ao Santo Synodo geral undecimo; o Cardeal *João*, que reuniu a Igreja de *Toscanella* á sua, e morreu em 1210; *Pedro Copoccio*, a quem o Santo Padre Clemente V confirmou a união das duas Igrejas, e que morreu em 1311; *Angelo de Tincosis*, que celebrou Synodos, fez constituições, inquiriu dos milagres de S. Thomaz de Aquino, e morreu em 1343; *Pedro Francisco* eleito em 1460, que foi diligentissimo Pastor, e muito zeloso do Culto Divino; *Sebastião Gualter* consagrado em 1551, e que foi um dos Padres mais respeitaveis do Santo Synodo Tridentino pelo seu saber; o Cardeal *Tiberio*, insigne pela piedade, que morreu em 1636; *Estevão Brancaccio*, que morreu em 1682; o Cardeal *Jacomo Oddi* instituido em 1749; e actualmente, desde 5 de Julho de 1826, o Cardeal *Gaspar Bernardo Pianetti*.

111.º

VENERANDO FR. RAYNEIRO CAPOCCIO. — Nasceu este Prelado em *Viterbo* de uma familia illustre: vestiu a cogula Cisterciense, e, tornando-se varão insigne pelas virtudes e letras, o Santo Padre Innocencio III em 1213 lhe deu a Purpura com o titulo de Diacono de Santa Maria *in Comedin*, sendo Abbade do Mosteiro dos Santos Anastacio e Vicente das Tres Fontes em Roma: foi encarregado de differentes Legacias por aquelle Summo Pontifice, e por seus successores Honorio III, Gregorio IX e Innocencio IV, de que deu bôa conta; e nellas fez grandes serviços á Santa Sé, principalmente nas questões com o célebre Frederico II, trazendo á obediencia della os povos, que este Principe tornára rebeldes. Em 1243 o Santo Padre Innocencio IV o consagrou *Bispo de Viterbo*, em que fundou e dotou os Mosteiros Cistercienses de S. Martinho e de S. Pedro, o Benedictino de Santa Maria do Paraizo, e o Dominicano de Santa Maria *ad gradus* fóra da cidade, mais rico e sumptuoso do que os outros: pouco tempo regeu esta Igreja, porque já no anno seguinte (1244) tinha successor; mas nem por isso desamparou a cidade, porque nella acabou a vida, sendo Legado do Patrimonio e Arcediago da Santa Igreja Romana, a 25 de Maio de 1252. Teve singular devoção com a Santissima Virgem, e muito affecto a S. Domingos e a S. Francisco, e em honra deste último Patriarcha empregou sua penna escrevendo elegantemente os hymnos *Cælorum Candor* e *Plange turba pauperum*.[3]

112.º

VENERANDO GIL DE VITERBO. — Nasceu este Prelado em Canapina, aldêa proxima de Viterbo, de uma familia honesta: abraçou o Instituto Eremitico de Santo Agostinho, em que se tornou exemplar pela innocencia de costumes e muita piedade, insigne pela eloquencia e doutrina, o mais famoso Prégador deste Monastico, e o mais eminente Theologo da sua idade. Depois de ter sido Vigario desta Ordem, foi eleito Geral no Capitulo de Napoles de 1507: o Santo Padre Julio II o enviou Nuncio a Venesa e Napoles, e em 1512 o encarregou de fazer a oração de abertura do Santo Synodo ecumenico de Latrão, em que attrahiu as lagrimas e admiração desta sagrada Assemblea. O Santo Padre Leão X, na quinta creação de Cardeaes em 26 de Junho de 1517, depois de o haver enviado ao Imperador Maximiliano, lhe deu a Purpura com o titulo Presbyteral de S. Matheus, que depois trocou pelo de S. Marcello, elevou-o ao *Episcopado* com o titulo de Patriarcha de Constantinopla, e lhe commetteu a Legacia de Hespanha para mover Carlos V a uma Cruzada contra Solymão: e em 1523 o instituiu *Bispo de Viterbo*, e lhe confiou a administração das Igrejas de Castro, Lanciano, Sutri, Nepi, e Zara. Constantemente mereceu com justiça louvores por ser benemerito da Igreja e das letras, até que deixou esta vida em Roma a 12 de Novembro de 1532, e foi sepultado junto ao Altar-mór do Templo Augustiniano dessa cidade, onde tem esta lenda:

D. O. M.
AEGIDIO VITERBIENSI CARDINALI
GABRIEL VENETUS GENERALIS
POSUIT M. D. XXXVI.[4]

[1] Cujo nome Latino é *Blera*, de que foi último *Bispo* João pelos annos 1029, precedido por outros, dos quaes se contam pelo primeiro de tempo certo um *Maximo*, que pastoreou de 487 a 504, e antes delle *S. Vicencio* de tempo incerto.

[2] De que o nome Latino é *Centumcellae*, que tinha Pontifice em 314 na pessoa de *Epitelo*, e da qual, antes de se unir a *Toscanella*, foi último successor *Aso*, que presidia em 1037.

[3] AUBERY *Histoire Generale des Cardinaux* — RAYNALDUS *Annal. Eccl.* — CIACONIUS ET OLDOINUS *Vitae et Res Gestae Pontificum Romanorum et S. R. E. Cardinalium* — UGHELLUS *Italia Sacra* — EGGS *Purpura Docta* — MORONI *Dizionario*. Um retrato de corpo inteiro.

[4] AUBERY *Histoire Generale des Cardinaux* — CIACONIUS ET OLDOINUS *Vitae et Res Gestae Pontificum Romanorum et S. R. E. Cardinalium* — UGHELLUS *Italia Sacra* — EGGS *Purpura Docta*. Um retrato de meio corpo.

WW

Algher.

No Mediterraneo, ao oriente das Baleares e de Hespanha, ao norte de Africa, ao poente da Italia, e ao sul da Corsega, se estende do septemtrião ao meio-dia a ilha de Sardenha, que depois de haver entrado no dominio dos Carthaginezes, passou ao de Roma: depois de extincto o imperio foi occupada pelos Sarracenos; e, expulsos estes pelos Genovezes e Pisanos, o Imperador Frederico II a elevou á cathegoria de reino, quando estava dividida em quatro districtos governados por Principes com o titulo de Juizes: mais adiante a Santa Se o concedeu ao illustre Jayme II de Aragão, e actualmente é do dominio dos Serenissimos Duques de Saboia, que della tomam o titulo real. Ao poente desta ilha nas praias do mar levontaram em 1102 alguns senhores Genovezes da familia Aureo a cidade de *Algaria*, que os naturaes dizem *Algher*, cabendo-lhe tal denominação pelas algas, que lá havia. Dentro dos termos della esteve outra cidade chamada *Othana*, que caiu em ruinas, e de que no seculo XVII apenas se conservava para memoria o templo da Santissima Virgem, que antes fôra Cathedral.

Ambas estas cidades tiveram Cadeira Pontifical, e a primeira a conserva hoje: em *Othana* foi erecta pelo menos ao raiar do seculo XII, e se extinguiu depois de entrado o seculo XVI: em *Algher* começou nesta última época, e, seja nova erecção ou continuação, embora de *Othana* se não chamasse nenhum dos seus *Bispos*, segundo o costume das Igrejas de Sardenha nas trasladações, é certo que extincta a de *Othana*, dentro dos mesmos limites se levantou a de *Algher*; e esse facto me obriga a considerar esta continuação daquella. A mais antiga foi *Suffraganea* da Metropole Turritana, que se trasladou a Sassari, a que hoje está *Algher* sujeita.

Entre os Prelados de *Othana* lembrarei *Hugo I* pelos annos 1139; *Gregorio*, que presidiu em 1205; *Fr. Simão* instituido em 1429; *Fr. Luiz Camaynas* consagrado em 1481; e *João Pires*, que foi o último, instituido em 1501, e morreu dahi a tres annos. De *Algher* encontro o primeiro *Bispo* na pessoa de *Pedro I* um dos Padres do Santo Synodo geral de Latrão de 1512, que teve successores entre outros *João I* em 1514; o Cardeal *Durando*, que presidiu desde 1538; o sabio *Pedro Frago* desde 1563; o illustre *Fr. Valerio Ximenes* morto em 1634; *Fr. André Aznar* desde 1663; *Fr. Jeronymo Fernandes de Velasco e Mendoça* em 1686; *Fr. Dyonizio Joaquim de Belmont* morto em 1732; *Fr. Jose Agostinho* desde 1751; *Fr. Joaquim Miguel Radicati* desde 1772; e actualmente desde 1843 *Fr. Pedro Raphael Arduino*.

113.°

Venerando Fr. JOSÉ DE JESUS MARIA. — Foi este Prelado Religioso Eremita Descalço de Santo Agostinho: neste Santo Monastico exerceu com louvor as Prelazias; e pela fama de sua eloquencia foi escolhido para Prégador de ElRei Catholico, que edificado de suas virtudes o elegeu *Bispo* de *Algher*: obteve da Santa Se a instituição em 18 de Maio de 1693, quando contava quasi cincoenta annos de idade. Não estando ainda consagrado, passou ao Ceo a receber o galardão de sua piedade.[1]

XX

Nemesis.

A ilha de Cypre estendé-se de nascente a poente no Mediterraneo, dista da Syria, que lhe fica ao oriente uns setenta e cinco mil passos, e da parte do norte a Cilicia se afasta della uns cincoenta mil: ella foi uma das famosas ilhas da Grecia, os Phenicios pozeram nella colonias, e della sairam as donzellas, de quem descenderam os Carthaginezes: obedeceu ao imperio Romano, e quando elle se dividiu ficou sujeita a Constantinopla; mas roubaram-lh'a os Arabes: reivindicada pelos Gregos, a occupou á fôrça d'armas, em 1180, Ricardo Rei de Inglaterra, um dos mais illustres Cavalleiros das Cruzadas, que a deu a Guido Rei de Jerusalem e a seus successores depois da perda da Cidade Santa: esteve no dominio da casa Lusignano até 1472, em que os Venesianos tomaram posse della, e a retiveram por um seculo; mas, cedendo ao podêr dos Turcos, a largaram em 1571. Nas praias meridionaes desta ilha está a cidade de *Nemesis*, anteriormente chamada *Neapolis*, e de que a origem sobe aos tempos gloriosos da gente Hellenica; porém hoje é uma aldêa com o nome de *Lemise a nova*.

Cypre teve a dita de ser regada com os suores do Apostolo *S. Barnabé*, e de ser depositaria de seu corpo, que lá se encontrou com o Evangelho de S. Matheus sôbre o peito. Estabeleceu-se antigamente a Jerarchia Ecclesiastica nesta ilha, composta, ao raiar do seculo X, de trese Igrejas, de que era a primeira e Metropole de todas Constança, e de que o Prelado, em virtude da invenção do corpo de S. Barnabé, se isentou da jurisdicção do Patriarcha Antiocheno constituindo-se autocephalo[2]: devendo advertir-se, que na exposição daquellas Igrejas, feita em tempo de Phocio, apparecem Cirenia e Carpasia, em logar

[1] Fr. Antonio Felix Matheus *Sardinia Sacra*. Um retrato de corpo inteiro e outro de meio corpo.

[2] Um dos grandes males da Igreja de Deos foi a pretenção de isenções, para que concorreu bastante o podêr temporal: estas isenções, em maior número no oriente, talvez dessem em grande parte causa ao castigo da occupação dos infieis: no occidente tambem as houve e ha com respeito aos Metropolitanos; porém menos: seja porém como fôr, estou convencido da necessidade extrema de voltar por uma vez ao estado primitivo da realidade dos fóros Metropolitanos, Primaciaes, e Patriarchaes em todo o orbe, embora no meio de pagãos, infieis ou herejes, porque assim concorrerão todos harmonicamente para ouvir de um só, o successor de S. Pedro, a lei.

de Ledra ou Leucasia, mencionada por S. Jeronymo, e de Carteriopolis, de que tratam as octas do Santo Synodo Calcedonense; o se a differença, quanto á segunda, é só do nome, não me julgo eu habilitado para a resolver. Nessa lista não se encontra *Neapolis* ou *Nemesis*, nem ainda na Noticia Antiga, onde se dão quatorze *Suffraganeas* a Constança, porque em seu logar se poz Cirboe; porém mais tarde se acha preenchendo com as daquella exposição e a dita Leucasia, o numero de quatorze *Suffraganeas* de Constanço, e formando uma provincia na Igreja Grega, o com Hamacostas e Paphos (aquella até então desconhecida nos cathalogos) o número do tres *Suffraganeas* de *Leucosia* Metropole no rito Catholico[1]: no tempo actual Leucosia e *Nemesis* são apenas titulos, que a Santa Se da considerando aquella como Archiepiscopal, e esta como *Suffraganea* della. Em vista disto, quando *Nemesis* tevo Cadeira Pontifical não o sei eu, mas presumo, que não seria antes de se estabelecer o dominio Latino na ilha de Cypre; e por isso a colloco no fim do seculo XII.

114.°

VENERANDO FR. MANOEL DA ENCARNAÇÃO SOBRINHO. — Nasceu este Prelado em Monseraz da Provincia do Alemtejo, e foi baptisado na Igreja Parochial de Santa Maria da Alagoa a 6 de Abril de 1761, filho de José Antonio *Sobrinho* e de D. Michaela Ignacia Gallego: entrou na Congregação de S. Paulo 1.° Eremita, o, seguindo os estudos da sua Religião, foi elevado ao Sacerdocio em 2 de Maio de 1784: passou depois a frequentar a escola de theologia na Universidade de Coimbra, em que fez exame privado no dia 30 de Julho de 1793, e tomou o grao de doutor, de que se lhe passou carta em 2 de Abril de 1798. Seguiu o Magisterio no seu Monastico, e na qualidade de Definidor teve o governo delle. Mais tarde, em 1824, ElRei D. João VI o apresentou Deão de Villa Viçosa, e Prelado do seu Isento, de que se fez communicação official ao Nuncio em 29 de Outubro: obtendo confirmação de Sua Santidade com o titulo *Episcopal* de *Nemesis*, foi sagrado em 12 de Junho do 1825. Entrou ao governo das Parochias annexas a insigne Collegiada de Villa Viçosa, e perseverou ate 1834, em que o esbulharam por fôrça da auctoridade temporal. Veiu residir incognito em Lisboa, onde morreu, na Freguezia de Santa Catharina, a 15 de Dezembro de 1846.[2]

XY

Targa.

Ao sul da Mauritania e da Africa menor está a região dos Getulos, que se estende de poente a nascente, ficando-lhe daquelle lado o Athlantico e deste a Nubia, e quo o monte Athlas ao meio-dia separa da Nigricia: nesta região jaz o paiz de Zaara, que pela parto do norte é limitado pelo de Beled-el-Djerid; e nelle, entre o deserto de Lempta ao oriente, e o de Zuenziga ao occidente, teve assento o de *Targa* com a cidade deste nome junto a um lago: foi combatido pelos Romanos, depois passou ao dominio dos Arabes; e em 1490 o illustre Fernando de Menezes invadiu Zaara, e nella desolou e queimou a cidade do *Targa*; mas actualmente obedece ao Corão.

A situação de Zaara, alem das provincias Ecclesiasticas de Africa pertencentes ao Patriarchado Romano, não exclue o prégação do Evangelho nos tempos Apostolicos; mas póde fazer dúvida se teve Cadeira Pontifical nos antigos tempos, porque ao menos eu não encontrei memoria do *Bispo* algum sen dentro do Patriarchado Alexandrino, ao qual a região de Zaara pertence: bem póde ser que o tivesse, quando não se reduzisse a simples Missão, como n'outras partes; e actualmente, se eu não estou enganado, a uma Missão está ella reduzida, ou fazendo parte de outra: em quanto não fôr illustrado com melhores luzes hei de suppôr que a Santa Sé, a súpplica dos Reis de Portugal, erigiu uma Igreja titular em *Targa* em memoria das acções dos seus vassallos em Zaara.

Os *Bispos* titulares *Targenses*, de que ao presente tenho noticia, foram: 1.° *Francisco Barbosa* Vigario Geral do Arcebispado de Lisboa pelos fins do seculo XV; *Sebastião da Fonseca*, que vivia em 1500; *João do Porto*, de quem restam memorias do anno 1520; *Melchior Beliago* Vigario Gerol do Arcebispado de Lisboa pelos annos 1530; *Manoel dos Santos* Vigario Geral do mesmo Arcebispado, que morreu em 1570; *Sebastião II*, igualmente Vigario Geral deste Arcebispado, que vivia em 1581 e 1598; *Fr. Gaspar Soares* Vigario Geral do Arcebispado de Evora; *Fr. Thomé de Faria* Vigario Geral do Arcebispado de Lisboa, que morreu em 1628; *Gaspar do Rego da Fonseca*, que teve o mesmo cargo em 1635; *Francisco de Soutomaior*, que tevo o mesmo cargo, onze annos foi o unico *Bispo*, que houve em Portugal, e morreu em 1669; *Fr. Bernardino de Santo Antonio* Vigario Geral do Arcebispado de Evora, que morreu em 1699; e o seguinte.

115.°

VENERANDO NUNO DA CUNHA DE ATHAIDE. — Nasceu este Prelado em 8 de Dezembro de 1664 filho dos Senhores de Povolide Luiz da Cunha de Athaide e Mello e D. Guiomar de Lancaster, e irmão de Tristão da Cunha de Athaide e Mello 1.° Conde e Senhor de Povolide[3]: foi educado no Collegio de S.

[1] Estamos muito atrasados em materia de geographia Ecclesiastica, e, como é uma necessidade, levantarei a minha voz neste logar, pedindo ao Summo Pontifice com devota e reverentissima submissão, que mande ordenar a historica, e estabelecer de novo a divisão Ecclesiastica, attendendo só ao conceito regionario e ás necessidades da população, porque isto depende unicamente d'Aquelle, a quem Deos commetteu o governo geral da sua Igreja.

[2] *Livro dos actos e grãos da Universidade annos* 1793 — *Processo Canonico para a Deada e Isento de Villa Viçosa sentenceado em* 16 *de Novembro de* 1824. Um retrato de corpo inteiro.

[3] Por seu pae e ascendentes varões descendia o primeiro Conde de Povolide de um dos Capitães mais illustres de Affonso Henriques o valoroso Payo Guterres chamado o *Scipião Lusitano*, que foi Rico-homem de Portugal, e auxiliou

Paulo da Universidade de Coimbra, estudou nas escolas geraes dessa Academia, e obteve o grão de doutor em Canones: tomou assento entre os Conegos da Igreja daquella cidade, servio de Promotor e Deputado da Inquisição da mesma, d'onde passou á de Lisboa no dito cargo de Deputado, e depois de Inquisidor: ElRei D. Pedro II o fez seu Sumilher de Cortina, e Deputado da Junta dos Tres Estados em 7 de Março de 1702, e em 30 de Julho de 1705 o elegeu *Bispo* de Elvas, mas elle regeitou esta dignidade: depois, em 14 de Setembro do mesmo anno, o nomeou seu Capellão-mor, e o Santo Padre Clemente XI, confirmando-o naquelle Ministerio, o elevou ao *Episcopado* com o titulo de *Targa*, em que foi sagrado a 14 de Março do anno seguinte (1706).

Subindo ao throno ElRei D. João V o nomeou, em 10 de Março de 1707, conselheiro de estado, que exerceu com os cargos de ministro do despacho, e Inquisidor Geral[1], em que o proprio Soberano o apresentou, e de que elle tomou posse em 6 de Outubro seguinte. Mais adiante, em 18 de Maio de 1712,

briosamente aquelle Principe contra os infieis. Do primeiro Conde de Povolide é descendente e representante o actual Conde de Cintra.

[1] Havendo eu bradado nesta obra contra a Inquisição chamando-lhe tribunal politico, que se ingeria nas cousas da Igreja, cumpre mostrar aqui as provas, de que se oppunha ao Evangelho, para se saber até que ponto o podêr temporal abusou, em proveito seu, das faculdades concedidas pela Santa Sé ácerca do estabelecimento de um tribunal contra os herejes em Portugal.

1.º O Breve do Santo Padre Paulo III datado de 20 de Julho de 1535, contém uma determinação para se conceder defesa a todo o accusado, por haverem chegado á sua presença queixas fundadas, de que se negava, contra todas as regras da justiça, essa defesa: *unde*, expressou Sua Santidade, *succedit, quod de crimine haeresis hujusmodi accusati aut delati, etiam si innocentes sint, indefensi remanent.* (Symmitica Lusitanica, tom. 23 fol. 114, ms. da Bibliotheca Real).

2.º O Breve do mesmo Santo Padre, dirigido a ElRei D. João III em 7 de Fevereiro de 1537, é textualmente do seguinte modo: Regi Portugalliae. *Carissime, etiam superiori anno, sicut Magestas tua novit, ad ejus preces Inquisitionem generalem contra haereticos Regni tui concessimus, id que libenter fecimus sperantes inde absque justa alicujas querela Dei honorem ac Religionis nostrae propagationem subsecuturam. Verum assiduis querelis, seu potius lacrimis, nec non Christianorum dicti Regni tui moti non potuimus eos non audire, etc.* (ditos Symmitica e tom. fol. 65): são escusados commentarios.

3.º A informação, de que o Infante D. Henrique não podia ser Inquisidor Geral, contém as seguintes passagens: *Dicunt sustinentes electionem, seu nominationem ipsam* (daquelle Principe) *ab eodem Rege rite et recte ac etiam auctoritate Suae Sanctitatis factam fuisse; quod Rex ipse hoc potuit facere ex verbis Bullae ..... non cadit in mentem Sanctitatem Suam hoc sic concessisse...... Unde, Reverendissime et Illustrissime Domine, a non judice, non dispensato et suspecto ac contra juris formam, et etiam a Principe seculari nominato, tot processus, incarcerationes, condemnationes, executiones, damna, scandala, et inconvenientia sunt orta, et in dies magis orientur, si Sanctitatis Suae justitia et misericordia non providerit, ut ab eadem misericorditer operatur.* (ditos Symmitica e tom. fol. 154 v.)

4.º As Notas dos crimes e excessos dos Inquisidores por todo o reino de Portugal apontam algumas cousas, que me pareceu necessario mencionar: ...... *Qui plures comburit, credit majorem famam acquirere non minus et honorem, et in hoc se enervant putantes in eo praestare obsequium Deo et principibus, sperantes propterea majores honores, praemia, reditus, et Praelatias; et si qui ibi alterius fuere intentionis, quos ad idem propositum convertere nequiverunt, hi fuerunt expulsi et rejecti ab officia; quoniam si sunt bonae intentionis et pii zeli dicunt non esse idoneos pro Inquisitoribus...... Iste error nascitur ex deputatis, de quibus principes eis confiderunt, et quibus tradiderunt jurisdictionem, ac quibus committant clamores et gemitus ac gravamina patientium hujusmodi crudelitatis, quoniam illi elegerunt subdelegatos domorum et prius eos docuerunt, ac instruxerunt artem inquirendi et penes se multis diebus ad praticam retinuerunt, quam illos deputarent affirmantes principibus eos esse idoneos....., In omnibus domibus regni non servatur jus commune, nec Bulla Inquisitionis...... In toto Regno fuit denegata misericordia petentibus illam etiam nomine coram existente relapso, et hoc modo combusti sunt omnes usque ad hodie contra formam Bullae...... In omnibus Regni domibus sunt carceres contra formam Bullae, iique fiunt etiam secreti et privati in domibus aliquorum Inquisitorum, atque mulieres pulchras detineat in domibus sub propriis clavibus vel servitorum suorum...... In omnibus domibus regni reperietur fuisse aliquas personas sine culpa carceratas et postea sibi ordinatos quaesitos et traditos falsos libellos...... Justitiae seculares et similiter Inquisitores ordinant, ne Christiani novi possint requirere suam justitiam coram Sua Sanctitate, nec in hoc Sancta Sede Apostolica......* (ditos Symmitica e tom. fol. 257)

5.º A noticia dos excessos dos Inquisidores de Coimbra manifesta igualmente casos dignos de memoria, como, entre outros, o de obrigar uma menina de dez annos a dizer, que seus paes açoutavam um Crucifixo, ameaçando-a de queimar-lhe as mãos n'um braseiro, que tinha diante, e extorquiu-lhe desse modo a confissão de uma falsidade; e o de insultar o pudor de mulheres casadas e donzellas, que estavam presas, com ditos e actos não só impudicos, mas insultantes da desgraça. (ditos Symmitica e tom. fol. 332 v.)

6.º O Regimento do Conselho Geral da Inquisição feito pelo Cardeal Infante D. Henrique no 1.º de Março de 1570 em algumas de suas disposições revéla a verdadeira origem e espirito deste tribunal. — 1.º cap. 10. *Vindo algumas Bullas ou Breves dos Summos Pontifices, que sejam de graça aos novamente convertidos, ou de quaesquer outras cousas, que pertençam ao estado ou bom governo do Santo Officio da Inquisição, ou pareça que são em prejuizo seu, se darão no Conselho estando presente o Inquisidor Geral; e se tomará resolução no que se deve fazer, e se dará conta disso, sendo necessario, a Sua Alteza. E sendo as taes Bullas presentadas aos Inquisidores das Comarcas, elles mandarão ás partes que as tragam ao Conselho para se lhe dar o despacho, que mais convier ao serviço de Deos conforme a direito, sem lhe os Inquisidores darem mais outro despacho, porque neste caso lhes não damos jurisdicção, antes por nós queremos ver, se nas taes Bullas ha falsidade, ou alguma cousa, de que convenha dar conta a Sua Santidade.* — 2.º pelos cap. 13 e 14 o Conselho era authorisado a conhecer de appellações interpostas pelas partes ás sentenças dos Ordinarios. — 3.º pelo cap. 21 o Conselho era authorisado a reclamar dos Ordinarios os *processos e presos*, que tivessem *culpas pertencentes* á Inquisição; e se elles os não remettessem o Inquisidor Geral os avocaria, *conforme o Breve que tem de Sua Santidade* (as premissas falsas, como foram sempre as de qualquer pretenção do despotismo do podêr temporal encarnado nesta filha primogenita e predilecta da escóla brutal, tornavam nullas todas as concessões da Santa Sé). — 4.º cap. 25. *No Conselho se passarão as cartas em nome de ElRei para todos os Viso-Reis, Governadores, Capitães, Duques e mais Senhores, e justiças seculares fazerem tudo o que cumprir para o bom governo, e estado e favor do Santo Officio; e estas cartas fará o Secretario, e levando-as da mesa do Conselho para Sua Alteza assignar, etc.* — 5.º cap. 26. *O Inquisidor Geral terá super intendencia na administração e despacho dos bens confiscados, e em tudo que tocar a este negocio, e ordenará aos juizes e dará a fórma, que nisso lhe parecer, dando primeiro disso conta a ElRei; e no Conselho se passarão as cartas em nome de Sua Alteza para as justiças seculares se não intrometterem no conhecimento das cousas que pertencem ao fisco.* — 6.º pelo cap. 27 se estabeleceu, que os Juizes e Thesoureiros do fisco seriam providos pelo Inquisidor Geral, passando-se as cartas em nome de ElRei. Esses cap. 25, 26, e 27 expressam neste tribunal a qualidade de tribunal civil, do mesmo modo que o 1.º, porque se determinou a annuencia do Rei para a creação de todos os Officiaes, e a residencia do Conselho e Inquisidor Geral na côrte: demais

o mesmo Santo Padre Clemente XI, a súpplica deste último Principe, lhe deu a Purpura Presbyteral; e elle passando a Roma para assistir ao Conclave, em que foi eleito Innocencio XIII em 1721, por morte daquelle Summo Pontifice recebeu o titulo de Santa Anastacia, cuja Basilica renovou, e serviu nas Congregações dos *Bispos* e Regulares, Propaganda, Ritos, e Consistorial. Voltando a Lisboa continuou em seus cargos até que falleceu em 14 de Dezembro de 1750, e foi sepultado na casa do Capitulo do Mosteiro de S. Domingos.[1]

ZZ

Fez.

Do Mediterraneo ao norte, e do Oceano ao poente correm duas linhas, na distancia de cem mil passos cada uma, até se encontrarem nos pontos, em que está a cidade de *Fez* na Mauritania Tingitana: sua origem remonta ao anno 807, no qual Edris II Rei Mussulmano a fez levantar desde os fundamentos[2]: porque Velila, que Edris I seu pae escolhêra para capital, era demasiado acanhada a satisfazer o seu destino: muito tempo gosou *Fez* deste fôro até o ceder a Marrocos.

o provam a licença do Soberano para se fazer esse regimento, e sua confirmação pelos Reis D. Sebastião, D. Henrique, D. Filippe I, que é isso que se encontra nos subsequentes feitos por outros Inquisidores geraes.

7.° No processo de Manoel Travassos, natural de Lisboa, e accusado de Lutherano, ha certas notas á margem, e uma a fol. 36, quo diz: *esta culpa cresceu depois do réo estar preso neste carcere* (se prenderem por doido um homem em seu juiso, não tardará a perder a cabeça); e outra a fol. 36 v. sôbre a palavra do accusado: *que os Inquisidores eram tyrannos, porque apertavam muito com elle*. Travassos, como muitos outros presos, lançavam em rosto aos ministros do tribunal sua iniquidade, e isto bastava para vingança cruel da parte desses. Este homem, por seus escandalos, merecia aspero castigo; mas não queria eu ver, que por cabeças coroadas fôsse condemnado á morte nestes termos: *Christi Jesu nomine invocato. Declaram, que o réo Manoel Travassos foi e ao presente é hereje Lutherano, e, como tal, hereje impenitente, ficto e simulado, confitente e dogmatista, o condemnam; e que incorreu em sentença de excommunhão maior, e nas outras penas em direito contra os similhantes estabelecidas, e em confiscação de todos seus bens applicados para o fisco e corôa real, e o excluem do gremio e união da Santa Madre Igreja, e o relaxam á justiça secular, a quem pedem com muita instancia se haja com elle piedosamente, e não proceda a morte nem effusão de sangue* (este final, posto em todas as sentenças dos relaxados, era um grave insulto aos desgraçados réos, porque equivalia dizer *ao fogo*). Foi publicada esta sentença em 11 de Março de 1571 (os autos della estão entre os do tribunal de Lisboa no Archivo Nacional).

8.° No processo de Francisco Henriques, natural de Miranda do Douro, e accusado de culpas do judaismo, depozeram como testimunhas contra elle alguns Officiaes da Inquisição, por terem estado de vigia, como era costume fazer-se a todos os presos, em logares para isso accommodados: e de seus ditos, fundados em meras conjecturas, se fez carga ao accusado, auxiliando-se com elles suas proprias confissões contradictorias, e as denuncias por que fôra prêso: sôbre estes fundamentos recaiu uma sentença de relaxação! Foi executada a sentença deste infeliz no auto de fé de 1644 (os autos della estão entre os do tribunal de Lisboa no Archivo Nacional).

9.° No processo de Maria de Freites, natural de Buarcos, e accusada de culpas de judaismo, se lavrou a seguinte sentença: *Christi Jesu nomine invocato, julgam, pronunciam, e declaram a ré Maria de Freites por verdadeira relapsa ao crime de heresia e apostasia da nossa Santa Fé Catholica, e incorreu em sentença de excommunhão maior, e em confiscação de todos os seus bens applicados ao fisco e camara real, e nas mais penas em direito contra similhantes estabelecidas. E por se haver feito indigna de misericordia (posto que a pediu), como relapsa a relaxam (ainda que penitente), etc.* Não sei, que a perversidade possa chegar mais longe! Esta horrivel sentença foi executada no auto de fé de 1671 (os autos della estão entre os do tribunal de Coimbra no Archivo Nacional).

10.° O processo de Rosa Maria do Espirito Santo, natural de Soure, e accusada de feitiçeria, é um dos monstros mais hediondos, que produziu a Inquisição: não se trata aqui de crimes imputados em materia de Religião, e que se provassem ou deixassem de provar, mas da prostituição de uma depravadissima adultera, de perguntas e respostas indecentissimas, e de um desfecho tão ridiculamente indecente, que chega a ser revoltante: a complacencia, com que se faziam os interrogatorios á accusada, offende tanto a moral, quanto eram desaforadas as suas confissões: depois de uma serie inaudita de actos nauseantes e escandalosos, foi condemnada em um anno de reclusão nos carceres, e cinco de degredo para Angola; mas fazendo novas confissões a prazer dos Inquisidores, a declararam arrependida, e, por pedir misericordia, se lhe commutou o degredo em 17 de Outubro de 1730 (á pobre Maria de Freites, que não era adultera nem deshonesta, não lhe valeu o arrependimento, nem a súpplica de misericordia!!!), e em 9 de Novembro seguinte, por ordem dos Inquisidores de Evora, foi cumprir o degredo em Faro (os autos estão entre os do tribunal de Coimbra no Archivo Nacional).

Persuado-me, que nada mais é preciso para mostrar com evidencia não só os horrores praticados por esse tribunal de sangue, mas a maldade com que se quiz fazer de um tribunal politico um tribunal de uma Religião de amor, de paz, e de salvação: se isto não basta, apresentarei um sem número de autos crimes, em que se invocava o nome de *Christo* para condemnar homens *ao fogo!* e por outra parte Bullas e Breves de cassação de processos, de reprehenções da Santa Sé, e outros documentos de uma luta quasi continua dos Papas com a nossa côrte por causa dos procedimentos temerarios e iniquos da Inquisição. Este tribunal nefando para tudo invocava a authoridade Real; mas para dar tormentos dizia, que estava authorisado pela Santa Sé, e que o fazia por bem da Igreja de Deos; e o que é peior, depois dos arrasoados das sentenças, ora filhas do odio, ora da mais torpe ambição, e sempre injustas e iniquas, juntava o sacrilegio, antes de proferir o accordo terrivel da relaxação, por estas palavras: *Christi Jesu nomine invocato!!!* como se viu nos que acabo de lançar aqui.

A Inquisição é um argumento da pouca ou nenhuma fé naquelles, que a pediram e a exerceram; porque não admittiram o principio fundamental do instrumento da conversão *a palavra*, nem a promessa de Nosso Senhor *Jesus Christo*, de que *quanto se pedir a Seu Pae em Seu Nome será concedido*. A Inquisição é um argumento de torpeza brutal naquelles, que a pediram e a exerceram; porque é outro principio fundamental no Christianismo, *a conversão absolutamente voluntaria*, e deu o exemplo nosso Divino Salvador, que só essa admittia, dizendo: *Se alguem quizer vir atraz de mim, faça abnegação de si, tome sua cruz, e siga-me*. A Inquisição, finalmente, é um argumento de perfidia naquelles, que a pediram e exerceram; porque enganaram a Santa Sé, e persistiram tenazes em sua obra contra as reclamações do Chefe da Igreja de Deos.

[1] GUARNACCI *Vitae et Res Gestae Pontificum Romanorum et S. R. E. Cardinalium*—PEREIRA DE FIGUEIREDO *Lusitania Sacra*. Um retrato de meio corpo.

[2] Sôbre as memorias Arabes referiu Conde, que posteriormente, cavando ali um Judeo nos alicerces de uma casa, encontrára uma estatua de mulher, que tinha no peito a seguinte lenda: *Neste logar estavam os banhos, que duraram mil*

Depois das gloriosas conquistas dos Portoguezes em Africa, a cidade de *Fez* teve a honra de ser escolhida pela Santa Se, depois do meado do seculo XV, para titulo *Episcopal* de um Prelado[1], auxiliar de algum Metropolitano de Igreja deste Reino, sendo por isso *Suffraganeo* daquelle, a que elle coadjuvava. Restaoi memorias dos seguintes *Bispos de Fez:* 1.° *Francisco Fernandes*, Reitor da Universidade de Lisboa, e *Suffraganeo* de Evora, que morreu em 1521; 2.° *Melchior Corneiro*, *Suffraganeo* de Lisboa, fallecido em 1569; 3.° *Theotonio de Bragança* desde 1578, *Suffraganeo* de Evora, e depois Metropolitano desta Igreja; 4.° *Francisco de Santa Maria*, de quem logo se dira; 5.° *Jorge Queimado*, *Suffraganeo* de Braga, morto em 1618; 6.° *Fr. Manoel dos Anjos*, *Suffraganeo* de Evora, que passou desta vida em 1634; e 7.° *Gabriel da Annunciação*, que foi sagrado em 1638, e morreu em 1644.

116.°

VENERAVEL FRANCISCO DE SANTA MARIA.—Nasceu este Prelado em Villa do Conde filho de Alvaro Fernandes, Escudeiro da Casa de Bragança, e de Ignez de Seixas; e recebeu a murça dos Conegos Seculares de S. João Evangelista no Mosteiro de Villar: nesta Santa Congregação foi verdadeiro exemplar da observancia religiosa, pelo quo o escolheram para a Prelazia, e em 1574 subiu ao Ministerio de Reitor Geral. Tal era o conceito de piedade, austeridade, e sciencia, de que gosava, que S. Pio V o mandou reformar os Conegos de S. Jorge da Alga; o na volta a sua Congregação o Arcebispo de Braga João Affonso de Menezes o propoz seu Vigario: Sua Santidade o confirmou com o titulo *Episcopal de Fez*, pelo que recebeu a Unção Sagrada om 1583: na vacante o elegeu o Cabido Vigario Capitular, e depois de seis annos continuou Auxiliar do veneravel Arcebispo Fr. Agostinho de Castro. Recusou a eleição, que ElRei D. Filippe I fez de sua pessoa para Metropolitano Goanense; e morreu como um justo em Braga a 6 de Setembro de 1596. Em vida lhe chamavam o *Bispo Santo*, e depois da morte continuou a ser louvavel a fama de suas virtudes.[2]

AAA

S. Thiago de Cuba.

Na grande região da America ao sul da Florida, e a maior distancia para o norte do isthmo de Panamá, se estende por umas duzentas e cincoenta leguas de oriente a poente a ilha de *Cuba*, que para a corôa Catholica descobriu, em 1492, o grande Christovão Colombo, e conquistou em 1510 o illustre Diogo Velasques. Ao meio-dia de *Cuba*, duas leguas do mar, fundou este último capitão, em 1511, a cidade de *S. Thiago*, a mais famosa de soas povoações.

Deixando de ser cultivada a seara Evangelica na ilha de *Cuba*, deu máos fructos, até que passando ao dominio dos Reis de Hespanha, cuidaram estes Principes de promover com o maior desvelo, que de novo se plantasse a bemdita semente da palavra de Deos; e obtiveram da Santa Se a erecção de Cadeira Pontifical na cidade de *S. Thiago* em 28 de Abril de 1522, constituindo-se ahi um *Bispado*, que veiu a ser *Suffraganeo* do Arcebispado da ilha de S. Domingos; e por fim, depois de erecta, em 1789, na cidade de S. Christovão de *Cuba* outra Cadeira Pontifical, *S. Thiago* foi elevada, pouco tempo ha, aos foros de Metropolitana, com aquella por unica *Suffraganea*, e é seu Arcebispo, desde 20 de Maio de 1850, *Antonio Claret e Clará*. Mas no tempo a que me refiro era ella a Igreja de *S. Thiago Suffraganea*, e de seus Prelados lembrarei os seguintes:

Fr. Bernardo de Meza, que foi o primeiro, e depois delle *Fr. Sebastião de Salamanca*, *Fr. João Flander*, *Fr. Miguel Ramires*, e *Fr. Diogo Sarmento* até 1547: posteriormente com interpolação *Fr. Antonio Dias de Salzedo* até 1597; *Fr. Jeronymo Manrique de Lara* morto em 1645; *Manoel de Alday* instituido em 1753; *Francisco José de Maran*, trasladado da Conceição do Chili em 1794; *José Jacomo Rodrigues Zarrilha* confirmado em 1815; e *Fr. Cyrillo Alameda e Brea* desde 1831, e que depois teve os foros de Metropolitano.

117.°

VENERAVEL FR. GREGORIO DE SANTA CATHARINA.—Nasceu este Prelado no castello de Garcia-Munhos filho do Licenciado *Avila* e de D. Elvira de *Alarcão*, de quem elle tomou o apellido: entrou no Ermo Augustiniano em Salamanca a 22 de Setembro de 1576: foi um dos primeiros Religiosos, que abraçaram a Descalces, e della o elegeram Provincial: por negocios do seu Monastico entrou em Roma a pé, e desta fórma fazia todas as suas jornadas, por mais que lh'o quizeram impedir. Havendo sido eleito *Bispo* de Caseres nas Filipinas, depois de vaga a Igreja de *S. Thiago de Cuba*, pela trasladação do Leonel de Cervantes, em 20 de Setembro de 1625, á de Guazaca, a Santa Sé o transferiu para aquella. Depois de sua consagração, passando ao seu destino, morreu no mar. Foi varão insigne pela piedade.[3]

annos, e se destruiram para edificar um templo dedicado ao serviço de Deos. Pela qualidade do monumento o templo era Christão.

[1] Esse facto se deu a respeito de outras cidades, empregando-se o titulo dellas em *Bispos* auxiliares não só de Metropolitanos, mas de *Diocesanos*, quando não destinados aos Pontificaes da Capella Real, ou a cargo de Inquisidor geral, vindo ordinariamente a ser *Suffraganeos* dos Metropolitanos, em cuja provincia residiam.

[2] FRANCISCO DE SANTA MARIA *Ceo Aberto na terra*.—D. MANOEL CAETANO DE SOUSA *Cathalogo Historico*—PEREIRA DE FIGUEIREDO *Lusitania Sacra*. Um retrato de corpo inteiro e outro de meio corpo.

[3] GIL GONÇALVES DE AVILA *Theatro Eclesiastico de la Primitiva Iglesia de las Indias Occidentales*. Um retrato de meio corpo

BBB

S. Salvador de Angra.

No Athlantico, a parte occidontal do Cabo de S. Vicente, na distancia de umas novecentas milbas esta a ilha de Santa Maria, seguindo-se-lhe ao norte a de S. Miguel, e a noroeste a Terceira, que com as seis de S. Jorge, Graciosa, Fayal, Pico, Flòres, e Corvo, formam o archipelago dos *Açores* do lado septentrional do outro grupo do Cabo-Verde.

Enviado pelo Infante D. Henrique descobriu Fr. Gonçalo Velho, Commendador de Almourol na Ordem de Christo, em 1432, a ilba de Santa Maria, e successivamente elle e outros, debaixo dos auspicios do mesmo Principe, deram vista das restantes, e as fizeram povoar. Na Terceira, que o Infante dou a Jacome Bruges Cavalleiro Flamengo, por acto de 21 de Março de 1450, a margem meridional está assentada a cidade de *Angra*, que fundon aquelle donatario, e ElRei D. João III a elevou ao fôro de cidade em 22 de Agosto do 1533.

Os *Açores* foram povoados por Cathulicos, e ficaram na jurisdicção espiritual da Igreja da Madeira, até que o Santo Padre Paulo III ordenou dessas ilhas uma *Diocese* fundando a Sé Pontifical no templo de *S. Salvodor de Angra*, por Bulla de 3 de Navembro de 1534, sujeitando-a á Metropole do Fonchal, e depois, extincta esta, á de Lisboa; e além disso instituindo primeiro *Bispo* della *Agostinho Ribeiro*: seguiram-se *Rodrigo Pinheiro* desde 1548; *Fr. Jorge de S. Thiago* desde 1551; *João* desde 1562; *Manoel de Almada* desde 1564; *Nuno Alvares Pereira* desde 1568; *Gaspar de Faria* desde 1572; *Pedro de Castilho* ate 1585; *Monoel de Gouvêa* até 1597; *Jeronymo Teixeira Cabral* ate 1611; outro *Agostinho Ribeiro* até 1621; *Pedro da Costa* sagrado em 1623; *João Pimenta de Abreu*, que entron na *Diocese* em 1626; *Fr. Antonio da Resurreição* sagrado om 1635; *Fr. Laurenço de Castro* eleito em 1631; *Fr. João dos Prazeres*, de quem logo tratarei; *Fr. Clemente Vieiro* fallecido em 1692; *Antonio Vieira Leitão* sagrado em 1694; *João de Brito de Vasconcellos* fallecido em 1719; *Manoel Alvares da Costa* desde 1720; *Fr. Valerio do Sacromento*, o segundo de quem logo direi; *Antonio Caetano da Rocha* fallecido em 1761; *Joda Marcellino dos Santos Homem Aparicio* fallecido em 1782; *Fr. José da Ave Maria*, n terceiro de quem me occuparei; *José Pegado de Azevedo* desdo 1801; *Fr. Alexandre da Sacra Familia* e *Fr. Manoel Nicolaa*, dos quaes hei de fallar; *Fr. José Morio de Sonta Anna Noronha* desde 1823; e actualmente *Fr. Estevão de Jesus Mario* desde 28 de Janeiro de 1828, trasladado de Meliapor.

118.º

VENERANDO FR. JOÃO DOS PRAZERES.—Nasceu este Prelado na Guarda filho de Manoel da Costa de Valadares (a este tempo Corregedor da dita cidade), e de D. Paula de Lemos: estudandu na Universidado de Evora entron na Companhia de Jesus; mas sendo despedidu dois anuos depois, vestiu o habito de Religioso Menor da Provincia dos Algarves, e exercitando seu feliz engenbo o singular momoria com n estudo, foi julgado digno do Magisteriu: leu em Evora no anno 1659, o seguintes, e jubilou em 1672: exerceu os Ministerios de Guardião de Coimbra, e de Provincial, eleito por votos unanimes, em 2 de Novembro do 1675, Definidor, o Custodio: foi votar ao Capitulo Geral em Roma no anno 1676, e presidiu na Congregação celebrada no Mosteiro de S Francisco de Enxabregas de Lisboa em 1677. Era excellente Prégador, devotissimo da Virgem, o tão observante, que nenhum Ministerio o retirava do Confessionario, Pulpito, e Còro; por isso mereceu ser eleito *Bispo de Angro* por ElRei D. Pedro II, e confirmado pela Santidade de Innocencio XI em 8 de Março do 1682: foi sagrado no Mosteiro da Madre de Deos de Lisboa em 16 de Maio seguinte: entrou na sua Igreja, governou-a como bom Pastor, e falleceu no Collegio dos Jesuitas do Angra em o 1.º de Fevereiro de 1685.[1]

119.º

VENERANDO FR. VALERIO DO SACRAMENTO.—Nasceu este Prelado em Lisboa filho de Francisco Rodrigues e Josepha Maria: abraçou o Monastico reformado de S. Francisco na provincia de Santo Antonio de Portugal, e seguiu a vida do Magisterio, em que leu philosophia e theologia: foi Guardião do Collegio da Pedreira de Coimbra, Provincial da sua provincia, e Qualificador do Santo Officio desde 22 do Dezembro de 1724. A côrte o elegeu *Bispo de Angro* em 27 de Julho de 1738; confirmado e sagrado entrou na sua Igreja a 3 de Fevereiro de 1742, presidiu como bom Pastor, e, tendo voltadn a Lisboa, e renunciado em 1756, morreu no Mosteiro de Santo Antonio do Campo de Santa Anna a 6 de Novembro de 1760.[2]

120.º

VENERANDO FR. JOSE DA AVE MARIA.—Nasceu este Prelado em Evora a 10 de Fevereiro de 1727 filho de Manoel da Costa Leite, natural do logar de Fornos termo da villa da Feira, o de Barbara da Conceição, natural da Freguezia de Santo Antão de Evora: vestiu o habito da Ordem da Santissima

[1] FR. JERONYMO DE BELEM *Chronica Serafica e Memorias da Santa Provincia dos Algarves* (original do Archivo da Torre do Tombo)—PEREIRA DE FIGUEIREDO *Lusitania Sacra*. Um retrato de meio corpo.

[2] Archivo Nacional, maço 1.º de Inquirições do Secreto do Santo Officio n.º 18—*Processo Canonico para a Igreja de Angra sentenciado no 1.º de Agosto de 1738*—PEREIRA DE FIGUEIREDO *Lusitania Sacra*. Um retrato de meio corpo.

Trindade da Redempção dos Captivos no Mosteiro de Lisboa a 19 de Maio de 1742: estudou a sagrada theologia nas escolas da Universidade de Coimbra, e nella tomou o grão de doutor em 12 de Janeiro de 1755: exerceu o Magisterio na sua Ordem, nelle jubilou, e teve o grão de Presentado: foi Reitor do Collegio de Coimbra, Definidor, e Provincial em 1779; Qualificador do Santo Officio já desde 6 de Outubro de 1755, Examinador Synodal do Arcebispado de Evora, e das Tres Ordens Militares. A côrte de Portugal o elegeu *Bispo de Angra* em 24 de Agosto do 1782, e, obtendo a confirmação Apostolica em Dezembro desse anno, foi sagrado no Mosteiro da Santissima Trindade de Lisboa em 24 de Fevereiro de 1783, e a 16 de Agosto seguinte sagrou o Templo do Mosteiro da Santissima Trindade de Santarem: tomou posse da *Diocese* pelo Deão Matheus Homem em 25 de Maio desse anno, e entrou na sua Igreja em 10 de Setembro de 1785, em que presidiu até 1792.[1]

121.°

Venerando Fr. ALEXANDRE DA SACRA FAMILIA. — Nasceu este Prelado a 23 de Maio do 1736 na ilha do Fayal, filho de Jose da Silva Ferreira, natural desta ilha, e de D. Antonia Margarida Garrett natural da Freguezia de S. Martinho de Madrid: foi baptisado, a 2 do Junho daquelle anno, na Fregoezia do Salvador da villa da Horta; e teve irmão Antonio Bernardo da Silva Garrett, que deixou descendentes[2]: sendo já bacharel em philosophia na Universidade de Coimbra, largou o seculo, recolhendo-se, no dia 11 de Junho de 1761, ao Mosteiro de Nossa Senhora dos Anjos de Brancanes de Setubal, tomando nelle o habito pelas quatro horas da tarde, e fazendo no anno seguinte, em 13 de Junho, os votos solemnes, em que trocou o nome de *Alexandre José da Silva* pelo de *Fr. Alexandre da Sacra Familia*. Tratou de cultivar o seu talento pelo estudo na theologia, direito canonico e civil, geographia, e mathematica, pelo que depois foi recebido Socio da Academia Real das Sciencias do Lisboa, o deixou memoria de suas letras n'um livro da devoção das Dôres de Maria Santissima, que foi impresso anonymo, e póde ser que ainda n'outras composições. Foi observante, parco, e modesto, como bom filho de S. Francisco: esmolou de porta em porta nesta qualidade pelo Alemtejo o em Lisboa, mesmo depois de Sacerdote, e de Missionario Apostolico, peregrinando com uma canna na mão, e recusando prover-se de mantimento, confiado na Providencia, que nunca lhe faltaria.[3] Ordenado de Sacerdote, e instituido Missionario Apostolico, prégou com fructo em Lisboa, Beja e outros logares: foi a Roma a pé requerer de Sua Santidade, quo sujeitasse o seu Mosteiro immediatamente á Santa Se, isentando-o da jurisdicção dos Prelados da Provincia de S. Francisco dos Algarves; e obtida a graça voltou a Brancanes trazendo preciosas reliquias. A eloquencia, com que prégava, o a virtude e austeridade, com que se tornava exemplar, moveu a Rainha e Senhora D. Maria I a elege-lo *Bispo* de Malaca em 24 de Outubro do 1781, de que se fez aviso ao Nuncio em 19 de Abril do anno seguinte: sentenciado o processo em 4 de Junho, Sua Santidade o confirmou em 17 de Dezembro, e foi sagrado a 24 de Fevereiro de 1783. Não foi a esta Igreja; mas, sendo eleito para a de S. Paulo de Loanda, foi mandado governar esta *Diocese*, e lá esteve tres annos: o seu zêlo e piedade concorreram para que o Rei do Congo se reduzisse ao Christianismo, que abandonára, pedisse alliança, e offerecesse vassallagem a Portugal; mas, querendo o capitão general de Angola ingerir-se em questões de jurisdicção Ecclesiastica, o Prelado, depois do o combater com as armas de um bom Sacerdote, saiu da cidade sem dar conta a alguem, e veiu residir em Brancanes: entretanto se fez o postulado a Roma; e o Santidade de Pio VI, sem preceder informação de sua pessoa pelo Nuncio, o confirmou por Bulla de 15 de Fevereiro de 1782; mas a côrte, para satisfazer as reclamações do capitão general, impiamente recusou deixar executar aquella Bulla, e bem póde ser, que se desculpasse a Sua Santidade com os sophismas usados, por quem prefere o mundo a Deos. Estava no seu Mosteiro, quando Junot, governador do Portugal, lhe enviou um officio por dois ajudantes de ordens, mandando, quo viesse a Lisboa para ir a França pedir Rei a Napoleão; porém elle não abriu o officio, o respondeu aos emissarios, que o levassem o seu amo, porque só reconhecia o Principe Regente D. João; que mais dois ou tres annos eram o que podia viver; e que desses faria gostoso o sacrificio ao seu Principe e á sua patria: saindo para a Ilha Terceira seu irmão e cunhada, lá foi ter com elles, o dahi ao Rio de Janeiro sollicitar o favor da côrte em beneficio delles. Sua Alteza Real não só o attendeu na pretenção, mas o elegeu para a *Igreja de Angra*, que aceitou por não lho admittir o Principe escusa alguma: fez-se o processo para esta Igreja, como a *Bispo* titular de Malaca, em 7 de Janeiro de 1812, tendo-se communicado a eleição ao Nuncio em 12 de Outubro do anno antecedente; e a sua confirmação, pelas tribulações quo então soffria Sua Santidade, demorou-se até 1816. Presidiu nesta *Diocese* como bom Pastor até Março de 1818, em que, enfermando no dia 24 desse mez, depois de fazer a profissão de fé do Santo Padre Pio IV em presença do Cabido, foi sacramentado: falleceu a 22 de Abril seguinte, e foi sepultado no Mosteiro recoleto de Santo Antonio da dita cidade.[4]

122.°

Venerando Fr. MANOEL NICOLÃO DE ALMEIDA. — Nasceu este Prelado em Villa Franca de Xira a 25 de Dezembro de 1761, filho de Francisco Caetano de Almeida e de Caetana Ignacia da Conceição:

[1] Archivo Nacional, maço 42 de Inquirições do Secreto do Santo Officio n.° 684 — Fr. Jeronymo de S. José *Historia Chronologica da Ordem da Santissima Trindade* — Pereira ou Figueiredo *Lusitania Sacra*. Dois retratos de corpo inteiro, e um de meio corpo

[2] Em seus filhos Alexandre José da Silva de Almeida Garret, e o Visconde de Almeida Garrett.

[3] Quando o Religioso ou o Ecclesiastico secular tem o verdadeiro espirito do seu estado, e se abandona a si, curando dos outros como é seu dever, nada lhe falta, é rico a ponto de soccorrer o proximo.

[4] *Livro das entradas, e livro das Profissões dos Noviços do Seminario de Brancanes*, e *Obituario do Mosteiro de Brancanes* (originaes do Archivo Nacional) — *Processos Canonicos para as Igrejas de Malaca em 1782, e de Angra em 1812* — Archivo Nacional, maço 58 de Bullas n.os 43 a 48, e maço 57 n.° 13 — O Sr. Alexandre José da Silva de Almeida Garret, sobrinho deste Prelado, em memoria biographica, que delle me enviou. Um retrato de meio corpo.

vestiu o habito do Instituto Carmelita Observante, e professou em 22 de Novembro de 1779: seguiu a faculdade de theologia nas escólas geraes de Coimbra, e nella tomou o grão de doutor, havendo feito exame privado em 14 de Junho de 1790: foi Reitor do Collegio de Coimbra, e Professor de rhetorica, poetica, historia, e philosophia racional e moral do Collegio das Artes da Universidade, e lente de theologia na cidade do Funchal. Eleito *Bispo de Angra* em 3 de Maio de 1819, se lhe fez processo em 4 de Janeiro do anno seguinte: obteve a instituição Canonica por Bulla de 29 de Maio, e foi sagrado em 13 de Agosto: sendo depois, em 1823, eleito para Bragança, se lhe fez novo processo em 12 de Agosto; porém Sua Santidade o não confirmou por causa de uma publicação suspeita em materia de indulgencias. Foi Prelado douto, entretanto bem póde ser, que um pouco livre em doutrinas; e, se porventura o seu escripto o não mostra, ao menos quando devia empregar o seu talento em questões de gravissima importancia para a Igreja de Deos, moveu outras, que só podiam trazer males na época de sua publicação. Morreu em 1825, e Nosso Senhor teria compaixão de sua alma.[1]

CCC

S. Thiago de Cabo-Verde.

Ao sul do archipelago dos Açôres está, á parte occidental do *Cabo-Verde* em Africa, na distancia de umas cem legoas, outro archipelago, que, pela proximidade, se chamou *de Cabo-Verde:* compõe-se de ilhotes e rochedos, e das ilhas de *S. Thiago*, S. Filippe ou do Fogo, Maio, Sal, S. João ou Brava, S. Nicoláo, S. Vicente, Boavista, Santa Luzia, e Santo Antão. Descoberto o *Cabo-Verde* por Diniz Fernandes em 1443, o Infante D. Henrique, que delle houve a noticia, enviou depois Vicente de Lagos e Luiz Cadamosto com Antonio de Nolle, Bartholomeu e Raphael de Nolle seus irmão e sobrinho, cavalleiros Genovezes, que se offereciam á descoberta das ilhas visinhas, e a conseguiram em 1460: ElRei D. Affonso V fez mercê dellas ao Infante D. Fernando seu irmão, em 19 de Setembro de 1462; e, tratando-se de povoa-las, logo dahi a quatro annos receberam privilegio real os moradores de *S. Thiago*, que foi a primeira. onde se fixaram habitações, e ficou sendo a Metropole de todas.

O archipelago foi povoado por Christãos, e o primeiro varão Apostolico, que lá fez soar as palavras do Céo, Fr. Rogero recoleto do Mosteiro Franciscano da Atouguia, perdeu a vida nas mãos de um escandaloso a quem reprehendêra. Pela Bulla *Æquum reputamus*, de 3 de Novembro de 1534, a Santidade de Paulo III formou das ilhas de *Cabo-Verde* uma *Diocese*, collocando a Cadeira Pontifical na cidade da *Ribeira Grande* ou de *S. Thiago* da ilha deste nome, e fez seu *Bispo Suffraganeo* ao Arcebispo do Funchal; e, extincta a Metropole nesta cidade, o sujeitou ao de Lisboa, e assim persevera. O primeiro *Bispo* desta Igreja foi *Braz Neto*, a que se seguiram *João Parvi*, que morreu em 1546; *Fr. Francisco da Cruz* fallecido em 1574; *Bartholomeu Leitão* fallecido em 1587; *Fr. Pedro Brandão* fallecido em 1607; *Luiz Pereira de Miranda*, que entrou na *Diocese* em 1609; *Fr. Sebastião da Ascenção* sagrado em 1611; *Fr. Pedro Figuerio* em 1620; *Manoel Affonso da Guerra*, que apascentava em 1622; *Fr. Lourenço Garro* fallecido em 1646; *Fr. Fabião dos Reis* sagrado em 1672; *Fr. Francisco de S. Diogo* fallecido em 1674 estando já confirmado nesta Igreja, e trasladado á de Targa; *Fr. Antonio de S. Dionizio*, que morreu em 1685; *Fr. Victoriano de Basto*, que entrou na *Diocese* em 1688; *Fr. Francisco de Santo Agostinho* sagrado em 1709; *Fr. José de Santa Maria de Jesus* sagrado em 1721; *Fr. João de Faro*, que morreu no mar, de caminho para *S. Thiago de Cabo-Verde*, em 1741; *Fr. João de Moreira* sagrado em 1742; *Fr. Pedro Jacintho Valente* sagrado em 1753; *Fr. Francisco de S. Simão* de quem logo direi; *Fr. Christovão de S. Boaventura* sagrado em 1785; *Fr. Silvestre de Maria Santissima* confirmado em 1802; *Fr. Jeronymo do Barco* confirmado em 1820; *José Henriques Moniz* desde 1845; e actualmente, desde 11 de Dezembro de 1848, *Patricio Xavier de Moura*.

123.°

Venerando Fr. FRANCISCO DE S. SIMÃO.—Nasceu este Prelado no logar da Pena Freguezia de Agueda da *Diocese* de Coimbra, e nella foi baptisado a 21 de Outubro de 1726: eram seus paes Manoel Simões e Maria Freire: abraçou elle a vida Claustral, vestindo o habito da reforma dos Menores Observantes na provincia de Santo Antonio de Portugal: nella seguiu a carreira do Magisterio, e foi lente de philosophia e theologia no Collegio da Pedreira de Coimbra, até que a côrte o elegeu *Bispo de S. Thiago de Cabo-Verde*, de que deu parte ao Nuncio em 5 de Setembro de 1778 para lhe fazer processo, que foi sentenciado em 5 de Outubro seguinte. Confirmado por Sua Santidade, recebeu a Uncção Sagrada no Templo do Mosteiro da Convalescença de Lisboa; e, partindo para o centro de suas ovelhas, as apascentou; e no temporal governou com prudencia o acêrto. Falleceu a 10 de Agosto de 1783.[2]

DDD

S. Thomé.

Ao sul do Cabo Formoso, e ao noroeste do outro de Lopo Gonçalves no golpho de Guiné, e debaixo da zona torrida, umas sessenta legoas distante da costa, se levanta d'entre as ondas a ilha de *S. Thomé:*

[1] *Livro de Profissões do Mosteiro de Nossa Senhora do Carmo de Lisboa* (original do Archivo Nacional)—*Livro dos actos e grãos da Universidade, anno* 1790—*Processos Canonicos para Angra em* 1820, *e Bragança em* 1823—Archivo Nacional, maço 59 de Bullas n.° 19. Um retrato de corpo inteiro.

[2] *Processo Canonico para a Igreja de S. Thiago de Cabo-Verde em* 1778—Pereira de Figueiredo *Lusitania Sacra*. Um retrato de meio corpo.

a sua descoberta deveu-se ás expedições, que de Portugal se enviaram nos dias gloriosos de ElRoi D. Affonso V.

Do mesmo modo que se ignora o nomo do descobridor da ilha de *S. Thomé*, tambem não sei en o do sen primeiro Prégador Evangelico; mas sim que era tão numerosa a sua Christandade em 1534, que o Santo Padre Paulo III, em 5 de Novembro desse mesmo anno (1534), ordenon uma *Diocese* composta desta ilba, da do Principe, e das terras do continente visinbo da costa Africana, collocanda na cidade de *S. Thomé* da primeira ilba a Cathedral; o o mortiforo clima occasionou a Bulla de 29 de Maio de 1756, porqno a Cathedral e a residencia do Prelado se trasladaram para a cidade de Santo Antonio da ilha do Principe: na erecção a Santidade do Panlo III fez esta Igreja *Suffraganea* da Metropole Olisiponense; depois passou á obediencia do Prelado de S. Salvador da Bahia, quando esta Igreja foi elevada ao fôro de Metropole; mas pela Bulla de 10 de Janeiro de 1814 tornou outra vez a ser *Suffraganea* de Lisboa.

Foi primeiro *Bispo* desta Igreja *Diago Ortiz de Vilhegas*, que presidiu nella até 1540: seguiram-se *Fr. Bernardo da Cruz*, que foi confirmado no mesmo anno, e logo renunciou; *Fr. João Baptista*, que morreu em 1554 pastoreando o seu rebanho; *Fr. Gospar Cão* fallecido em 1572[1]; *Fr. Martinho Ulhoa* sagrado em 1577; *Fr. Francisco de Villa-Nova* fallecido em 1603; *Fr. Antonio Valente* desde 1604; *Fr. Jeronymo de Quintanilha*, quo morreu em 1614; *Fr. Pedro Figueira* desde 1615; *Francisco do Soveral* desdo 1623; *Fr. Domingos da Assumpção*, que entrou nesta Igreja em 1630; *Fr. Antonio Nogueira*, que morreu em 1640: *Fr. Monoel Seco de Macedo*, que morreu em 1675; *Bernardo de Santa Maria Zuzarte*, que morreu em 1685; *Fr. Sebastião de S. Paulo*, de quem logo direi; *Fr. Thimoteo do Sacromento*, que tomou posse em 1693; *Fr. Antonio da Penha de França*, *Fr. João de Sahagum*, *Fr. Leandro da Piedade*, *Fr. Luiz da Conceição*, *Fr. Luiz das Chagas*, dos quaes adiante farei menção; *Antonio Nogueira* em 1753; *Fr. Vicente do Espirito Santo*, o último de quom fallarei; *Fr. Domingos do Rozario* desde 1782; *Fr. Rophael de Castello de Vide* desde 1794; *Fr. Caetano de Nossa Senhora do Populo* eleito em 1802; *Fr. Custodio de Santa Anna* desde 1805; e *Fr. Bortholomeu dos Mortyres*, último *Bispo* desta Igreja desde 8 de Março de 1816.

124.º

VANERANDO FR. SEBASTIÃO DE S. PAULO.—Nasceu este Prelado em Vizen filbo de Francisco do Amaral Prego, natural de Santar, e de Joanna do Brito, natural do S. Pedro do Sul: abraçou o Instituto dos Menores Reformados na provincia do Santo Antonio de Portugal, em que seguiu a carreira do Magisterio, o foi leitor de philosophia e theologia no Collegio da Pedreira do Caimbra: occupou cargos Prelaticios no seu Monastico, e em 8 de Outobro de 1685 teve provisão de Qualificador do Santo Officio. ElRei D. Pedro II o elegeu *Bispo de S. Thomé*, fez-se processo na Nunciatura em 15 do Fevereiro de 1687, e Sua Santidade o confirmou por Bulla de 9 de Junho desse anno; mas não durou muito o seu Pontificado, porque morreu em 7 de Dezembro de 1690. Deixou memoria de suas letras no *Exame Theologico*.[2]

125.º

VENARANDO FR. ANTONIO DA PENHA DE FRANÇA.—Nasceu este Prelado a 29 de Outubro de 1649 na Freguezia do Nossa Senhora doa Martyres de Lisboa, filho de João Calmon o de D. Maria Malafaia de Brito: abraçou o Instituto Eremitico Reformado de Santo Agostinho, o professou no Mosteiro do Monto Olivete de Lisboa a 15 de Agosto do 1673: foi varão insigne em virtudes e piedado, mereceu por isso ser Vigaria Geral da sua Congregação, neste reino, eleito em 1690, e a governou como bom Prelado até 1693: passou a fundar as Missões della em S. Thomé e America: em 1795 ElRei D. Pedro II *a* elegeu *Bispo de S. Thomé*, e ainda em 20 de Maio de 1699 não tinha recebido a Bulla de confirmação, como participou ao Cabido da sua Igreja estando na Bahia; maa lá recebeu depois a Uncção Sagrada, logo que lhe chegaram as Letras Apostolicas, tendo-se expedido em Roma a 5 de Outubro desse anno 1699, e saiu a presidir na sua Igreja, em que morreu, no anno 1704, de peçonha, segundo se suspeitou.[3]

126.º

VENERAVEL FR. JOÃO DE SAHAGUM.—Nasceu este Prelado em Melres *Bispado* do Porto, filho de Pedro Pinto da Cunha o de D. Seraphina de Andrade: foi baptisado na Parochia de Nossa Senhora da dita villa de Melres; entrou no Ermo Augustiniano reformado, e professou no Mosteiro do Monte Olivete em 22 de Julho de 1693, mudando o name de *João Pinto Brandão* no de *Fr. João de Sahagum*; e se deu á prática da virtude tornando-se exemplarissimo: esteve Presidente do Hospicio da Missão de seu Instituto na ilha de *S. Thomé*, e, sendo eleito *Bispo* della, foi confirmado por Sua Santidade, o passou á Bahia a receber a Uncção Sagrada: voltando á sua Igreja exerceu o Apostolado como bom Pastor, e acabou com a morte do justo em 12 de Outubro de 1731.[4]

[1] Em 1576 Gaspar Dias, que por agora não colloco antes deste Prelado, por ignorar se chegou a ter no menos confirmação Apostolica, visto prover-se a Igreja no anno seguinte.

[2] *Processo Canonico para Bispo de S. Thomé em* 1687—Archivo Nacional, maço 40 de Bullas n.º 34—BARBOSA *Bibliotheca Lusitana*—PEREIRA DE FIGUEIREDO *Lusitania Sacra*. Dois retratos de meio corpo.

[3] *Livro de Profissões do Convento de Nossa Senhora da Conceição de Enxobregas* (original do Archivo Nacional)—Archivo Nacional, maço 42 de Bullas n.º 42—PEREIRA DE FIGUEIREDO *Lusitania Sacra*—*Alphabeto dos Religiosos Agostinhos Descalços* (original do Archivo Nacional. Um retrato de corpo inteiro e outro de meio corpo.

[4] *Livro das Profissões do Convento de Nossa Senhora da Conceição de Enxobregas* (original do Archivo Nacional)—

127.°

Venerando Fr. LEANDRO DA PIEDADE. — Nasceu este Prelado em Lisboa na Freguezia da Sé, filho de Manoel Vieira Garcia e de Clara Maria de Santo Antonio: entrou na Religião dos Eremitas Augustinianos Descalços, e fez profissão solemne em 18 de Setembro de 1706 no Mosteiro de Nossa Senhora do Monte Olivete, mudando o nome de *Leandro Vieira Garcia* no de *Fr. Leandro da Piedade*: seguiu na sua Congregação a carreira do Magisterio, e nelle jubilou; foi Prior do Mosteiro de Santarem, e presidente do capitulo geral de 1727: a côrte o elegeu *Bispo de S. Thomé* em 1738, e depois de confirmado e sagrado morreu em 1740.[1]

128.°

Venerando Fr. LUIZ DA CONCEIÇÃO. — Nasceu este Prelado em Belem, suburbio de Lisboa, filho de João Baptista e Vicencia Pereira, e foi baptisado na Freguezia de Nossa Senhora da Ajuda em 25 de Agosto de 1703. Entrou na Congregação dos Eremitas Descalços de Santo Agostinho, e nella professou em 22 de Janeiro de 1720: em 1742 ElRei D. João V o elegeu *Bispo de S. Thomé*, para que se lhe sentenciou o processo canonico em 7 de Julho desse anno, sendo feito aviso de communicação ao Nuncio em 21 de Junho: depois de confirmado e sagrado, presidiu por Breve Apostolico ao capitulo geral da sua Congregação em 1743: commetteu-se-lhe tambem o governo temporal da costa de Guiné; mas sua vida durou muito pouco, porque falleceu no anno seguinte em 1744.[2]

129.°

Venerando Fr. LUIZ DAS CHAGAS. — Nasceu este Prelado em Alcabideque *Bispado* de Coimbra, filho de Domingos Antunes e Maria dos Reis, e foi baptisado na Freguezia de S. Pedro de Condeixa *a velha*: tomou o habito de Eremita Descalço de Santo Agostinho em 13 de Dezembro de 1731; teve approvação para professar em 13 de Outubro do anno seguinte, e emittiu os votos solemnes no Mosteiro de Estremoz em 14 de Dezembro, largando o nome de *Luiz dos Reis* pelo de *Fr. Luiz das Chagas*. Em 1745 foi eleito *Bispo de S. Thomé*, e confirmado por Bulla de 15 de Dezembro desse anno: presidiu ao capitulo geral de 1746, e se lhe commetteu o cargo de capitão general da costa de Guiné; mas falleceu na viagem em 1746.[3]

130.°

Venerando Fr. VICENTE DO ESPIRITO SANTO. — Nasceu este Prelado em Belem, suburbio de Lisboa, a 15 de Setembro de 1730, e foi baptisado na Freguezia de Nossa Senhora da Ajuda a 29 do dito mez: seus paes chamaram-se Domingos Alves, que foi baptisado na Freguezia de S. Salvador de Canede Arcebispado de Braga, e Leonarda Francisca, baptisada em S. Sebastião da Serra de ElRei *Bispado* de Coimbra: entrou na Congregação dos Eremitas Descalços de Santo Agostinho, e professou na Boa Hora de Lisboa a 2 de Abril de 1750: seguiu a carreira do Magisterio, e foi Prior e Definidor Geral do seu Monastico: a Rainha e Senhora D. Maria I o elegeu *Bispo de S. Thomé* em 16 de Agosto de 1778; fez-se a communicação ao Nuncio em 5 de Setembro, e se lhe sentenciou o processo em 15 desse mez; e depois de confirmado recebeu a Uncção Sagrada em 20 de Junho de 1779; mas renunciou, do mesmo modo que depois não quiz aceitar a Prelazia de Goyazes, para que foi eleito em 12 de Fevereiro de 1781, quando já estava nomeado Reformador e Visitador Apostolico dos Eremitas Augustinianos Descalços, e governava nessa qualidade a Congregação: deu principio á reforma em 30 de Maio de 1783. Vivia ainda em 1791.[4]

EEE

Miranda e Bragança.

Na parte da antiga Galliza, que hoje constitue a provincia Portugueza de Traz-os-Montes, estão situadas as duas cidades *Miranda* e *Bragança*, a primeira sôbre uns penhascos, que o Douro cerca do nascente e sul; e a segunda em um valle nas margens do rio Fervença, oito legoas a noroeste daquella: *Miranda*, posto ser logar antigo, era de pouca consideração, quando ElRei D. Diniz lhe deu foral em 18

Fr. Luiz de Jesus *Historia Miscelanea* — Pereira de Figueiredo *Lusitania Sacra* — *Alphabeto dos Religiosos Agostinhos Descalços* (ms. do Archivo Nacional). Um retrato de corpo inteiro e outro de meio corpo.

[1] *Livro das Profissões do Convento de Nossa Senhora da Conceição de Enxabregas* (original do Archivo Nacional) — *Processo Canonico do successor em 1742* — Pereira de Figueiredo *Lusitania Sacra* — *Alphabeto dos Religiosos Agostinhos Descalços* (ms. do Archivo Nacional). Um retrato de corpo inteiro e outro de meio corpo.

[2] *Processo Canonico para Bispo de S. Thomé em 1742* — Pereira de Figueiredo *Lusitania Sacra* — *Alphabeto dos Religiosos Agostinhos Descalços* (ms. do Archivo Nacional). Um retrato de corpo inteiro, e outro de meio corpo.

[3] *Livro de entradas e profissões dos Religiosos Agostinhos Descalços* (original do Archivo Nacional) — Archivo Nacional, maço 45 de Bullas n.° 13 — Pereira de Figueiredo *Lusitania Sacra* — *Alphabeto dos Religiosos Agostinhos Descalços* (ms. do Archivo Nacional). Um retrato de corpo inteiro e outro de meio corpo.

[4] *Processo Canonico para Bispo de S. Thomé em 1778* — *Collecção de Inquirições dos Religiosos Agostinhos Descalços* (original da Bibliotheca Nacional) — Pereira de Figueiredo *Lusitania Sacra* — *Alphabeto dos Religiosos Agostinhos Descalços* (original do Archivo Nacional. Um retrato de corpo inteiro, e outro de meio corpo.

de Dezembro de 1286: depois augmentou, foi elevada á cathegoria de cidade por ElRei D. João III em 10 de Junho de 1545; e de uns quinhentos visinhos, que chegou a ter, foi diminuindo a ponto de contar, nos fins do seculo passado, apenas duzentos e cincoenta: *Bragança*, que contava seiscentos visinhos ha sessenta annos, de igual modo não remonta, com illustração, a seculos altos; mas em Junho de 1197 teve foral por ElRei D. Sancho I; em 20 de Fevereiro de 1464 lhe deu o nome de cidade ElRei D. Affonso V: antes, o Infante D. Pedro, na menoridade deste principe, a distinguiu com o titulo ducal a favor de seu irmão o Conde de Barcellos D. Affonso tronco da serenissima casa reinante; o ElRei D. João IV deu esse titulo ao successor da corôa.

O Santo Padre Paulo III, pela Bulla de 22 de Maio de 1545, erigiu Cadeira Pontifical em *Miranda*, constituindo-a cabeça de uma *Diocese* composta de Parochias desmembradas da Bracarense: o *Bispo* Fr. Aleixo de Miranda Henriques, parecendo-lhe *Bragança* mais central, e em consequencia de ser mais populosa, mediando apenas a authoridade temporal expressa em carta régia de 17 de Novembro de 1764, e apesar das reclamações da Camara, Nobreza e Povo de *Miranda*, transferiu sua residencia para aquella cidade: depois o Santo Padre Clemente XIV, a instancia da corôa de Portugal, dividiu a *Diocese*, ordenando nella duas, e pondo em *Bragança* Cadeira Pontifical; mas pela Bulla de 27 de Setembro de 1780 se uniram as duas *Dioceses*, dando-se *Bragança* para residencia do Prelado, que tomaria o titulo de ambas: unica, dividida, e reunida esta Igreja, foi desde sua erecção *Suffraganea* de Braga.

Toribio Lopes presidiu nesta Igreja desde o principio; e se lhe seguiram *Rodrigo de Carvalho* em 1554; *Julião de Alva* em 1559; *Antonio Pinheiro* em 1565; *Jeronymo de Menezes* em 1581; *Manoel de Seabra* em 1592; *Diogo de Souza* em 1597; *Jose de Mello* em 1608; *Jeronymo Teixeira Cabral* em 1611; *João da Gama* em 1615; *Fr. Francisco Pereira* em 1618; *Fr. João de Valladares em* 1621; *Jorge de Mello em* 1628; *André Furtado de Mendonça* em 1672; *Fr. José de Lancaster* em 1677; *Fr. Lourenço de Castro* em 1681; *Fr. Antonio de Santa Maria*, de quem logo direi; *Manoel de Moura Manoel* em 1689; *João Franco de Carvalho* em 1701; *João de Sousa de Carvalho* em 1716; *Diogo Marques Mourato* em 1740; *Fr. João da Cruz Salgado* em 1751; *Fr. Aleixo de Miranda Henriques* em 1757; *Manoel de Vasconcellos Pereira* em *Miranda* desde 1770; *Manoel Antonio Barreto de Menezes* em *Bragança* desde 1770; e em *Miranda* desde 1773; *Bernardo Antonio Ribeiro de Seixas* em *Bragança* desde 1773, e em ambas desde 1780; *Antonio Luiz da Veiga Cabral* em ambas desde 1792; *Fr. José Maria de Santa Anna Noronha*, de quem logo direi; *José Antonio da Silva Rebello* em ambas desde 1822; *Fr. Joaquim do Desterro Pereira Ferraz* em ambas desde 1849, e agora trasladado a Leiria, ficando esta Igreja sem Pastor.

131.°

VENERANDO Fr. ANTONIO DE SANTA MARIA. — Nasceu este Prelado em Bretiande: abraçou o Instituto dos Menores Reformados da Provincia de Santo Antonio de Portugal, e nella seguiu as Prelazias até a superior de Provincial desde 1669 até 1671: ElRei D. Pedro II o elegeu Deão da Capella Real, e a Santa Se, confirmando a eleição, o instituiu *Bispo* de Deocesarea [1] por Bulla de 18 de Julho de 1778: quando se erigiu Cadeira Pontifical em S. Luiz do Maranhão foi eleito para essa nova Igreja; mas não tardou a ser apresentado na de *Miranda*, em que o Santo Padre Innocencio XI o confirmou por Bulla de 9 de Abril de 1685: governou esta Igreja até ao 1.° de Setembro de 1688, em que falleceu. [2]

132.°

VENERANDO Fr. JOSÉ MARIA DE SANTA ANNA NORONHA. — Nasceu este Prelado em Lisboa a 5 de Fevereiro de 1761, filho de Manoel de *Noronha*, natural dos Vidaes de Obidos, e de Theresa Josepha da Conceição natural da Freguezia de S. Julião de Lisboa, e foi baptisado na de Santa Isabel desta cidade a 14 do dito mez de Fevereiro: vestiu o habito do Monastico do S. Paulo primeiro Eremita, e nelle professou em 1779: estudou nas escólas geraes da universidade de Coimbra, fez exame privado na sagrada theologia em 12 de Julho de 1792, e nella tomou o grão de doutor. Foi um Religioso observante, e teve grande credito pelas suas virtudes e letras, de que lhe resultou uma vida trabalhosissima, porque exerceu os Ministerios de Pré ador regio, examinador Synodal do Patriarchado e do Priorado do Crato, qualificador do Santo Officio, e censor regio; os cargos de deputado da Bulla da Cruzada, e da mesa do melhoramento; e as commissões de Visitador Apostolico das Religiosas Dominicas Irlandezas do Mosteiro do Bom Successo de Lisboa, do Visitador Apostolico e Presidente do capitulo dos Religiosos de S. João de Deos, das Religiosas de Nossa Senhora da Piedade da Esperança desta cidade, e de Presidente do capitulo dos Menores Observantes de S. Francisco da Provincia de Portugal. Em 1804 rejeitou o *Episcopado* de Malaca, em 1823 foi eleito para o de Angra, e se lhe fez processo em 13 de Agosto; mas sendo eleito posteriormente para a Igreja de *Miranda* e *Bragança* no anno seguinte 1824) se lhe ordenou outro processo em 11 de Março, e, confirmado por Bulla de 24 de Maio, foi sagrado na Capella Real em o 1.° de Agosto, e em 24 de Setembro entrou na *Diocese*. O estado miseravel, em que estavam os povos por causa dos escandalosos deboches de seu antecessor, a quem se não pejaram de chamar *Bispo Santo*, que não só era molinista, mas, se é possivel, ampliou esta torpe seita, moveram o zêlo do bom Prelado a arrancar as sementes da perdição: esforçou-se neste empenho; mas a hypocrisia, que tem as-

[1] *Suffraganea* titular de Cesarea na Palestina.

[2] *Collecção de Inquirições dos Religiosos da Provincia de Santo Antonio de Portugal* (original da Bibliotheca Nacional) — Archivo Nacional, *maço* 39 de *Bullas n.°* 39, *dito* 40 *n.°* 23 — ROCHA PITA *Historia da America Portugueza* — O venerando *Bispo* actual de Leiria em memoria de seus antecessores na Igreja de *Miranda* e *Bragança*, que me enviou — PEREIRA DE FIGUEIREDO *Lusitania Sacra*. Um retrato de meio corpo.

tocias diabolicas, o a protecção, que se costuma dar ao crime, não lhe permittiram acabar esta obra meritoria: incançavel oo Santo Ministerio, por tres vezes visitoa a *Diocese*, e na última, em 1829, pregoa einco vezes, fez trinta praticas, e chrismoo 13:113 pessoas: usualmente pregava no Advento, Quaresma, e Festas priocipaes: apresentava-se ao moribundo impenitente para leva-lo á Bemaventaraoça: consolava o pobre e o afflicto: oas crises politicas prégava a paz e a moderação: tres vezes em *Bragança* exigiu de generaes soberbos a paz para o povo; e, coovidado a emigrar para o reino visinho, respondeu firme: «*A minha obrigação é morrer com o meu povo, e salva-lo:*» fez lais uteis ao bom govêroo da *Diocese*: levantou um Seminario para a educação e iostrocção couveoiente do Clero, e estabeleceo-lhe rendas sufficientes. Em 24 do Ootubro de 1829, dirigindo-se para onde estavam os Missionarios fora da cidade, foi ferido de pedra n'uma perna: dois dias depois se lhe agravou a ferida, no seguinte mez sobrevoio-lhe nm ataque de gotta, e a 24 de Dezembro trocoa a vida temporal pela eteroa com todos os signaes de piedade. [1]

FFF

Porto-alegre.

Na Lusitania, entre o Téjo e Goadiana, dentro dos dominios da corôa de Portugal, a noroéste de Elvas, a nordeste de Evora, e omas daas legoas da raia de Castella está, oo alto de am monte, a cidade de *Porto-alegre*, cercada pela parte de leste de uma serra, prolongamento do famoso Herminio, qoe hoje dizemos serra da Estrella: substituiu *Porto-alegre* o mooicipio *Amaia*, cocvo pelo menos do anno 161 de oossa era, em que lovantoa ao Cesar Lucio Aurelio Vero oma memoria: os acontecimentos posteriores reduziram ao último oxtremo esta eidade, que ElRei D. Affonso III de Portugal mandou povoar; e mais tarde ElRei D. João III quiz elevar á condição de cidade *Episcopal*, para o que solicitou do Santo Padre Paulo III a concessão. Effectivamente por Bulla de 21 de Agosto de 1549 Sua Saotidade constitaia ama *Diocese* do algumas Parochias da Igreja da Guarda sitnadas ao sol do Téjo, e erigindo a Cadeira Pootifical em *Porto-alegre*, fazendo-a *Suffraganea* da Metropole Olisiponenso; e oo anno seguinte, em 2 de Abril, o Saoto Padre Julio III ordenoa aos *Bispos* de Angra e S. Thomé a execução daquellas Letras Apostolicas.

O primeiro *Bispo* de *Porto-alegre* foi *Julião de Alva* desde 1550; seguiram-se-lhe, depois de trasladado a Miranda, *André de Noronha*, qae tomoa posse em 1560; *Amador Arroes* confirmado em 1581; *Diogo Corrêa*, qae tomou posse em 1598; *Rodrigo da Cunha* trasladado ao Porto em 1619; *Fr. Lopo de Sequeira Pereira* trasladado a Igreja Egitaneuse em 1632; *Joanne Mendes de Tovora* confirmado nesse anno 1632; *Bernardo de Athaide* confirmado pelo Santo Padre Urbano VIII; *Ricardo Russel*, qac tomoa posse em 1671; *João Mascarenhas* confirmado pelo Santo Padre Innoceocio XI; *Antonio de Saldanha* confirmado em 1692; *Fr. Domingos Barata*, do qaem logo direi; *Alvaro Pires de Castro e Noronha*, qao celebroo Synodo em 1714; *Manoel Lopes Simões* sagrado em 1741; *João de Azevedo Freire* confirmado em 1748; *Jeronymo Rougado do Carvalhal e Silva* confirmado 1770; *Pedro de Mello e Brito do Silveira* fallecido em 1777; *Manoel Tavares Coutinho* fallecido em 1798; *José Valerio* fallecido em 1826; *José Francisco da Soledade Bravo* desdo 1832; e actualmente está vaga esta Igreja, e administrada pelo Metropolitano Olisiponense.

133.°

VENERANDO FR. DOMINGOS BARATA.— Nasceu este Prelado no logar da Erada, serra da Estrella e *Bispado* da Guarda, filho de Maooel Fernandes *Rombo* e Maria *Barata*: no anno 1640 entroo na Religião da Santissima Trindade, em qae fez seas estudos, e seguiu o Magisterio: eursoa tambem a sagrada theologia nas escolas geraes da noiversidade de Coimbra; lá tomou o grão de doutor, e foi lente da cadeira de Darando, de quo tomoa posse em 4 de Maio de 1696: e a Inquisição o oomoou seu qoalificador, aotes disso, por oma provisão do 23 de Novembro de 1681: no seu Monastico teve os cargos de secretario da Provincia e Reitor do Collegio daqaella universidade: o Arcebispo de Evora Fr. Luiz da Silva o elegeu seu Coadjotor, a Santa Sé o confirmou com titolo de Missene na Morea, e foi sagrado em 29 de Jnoho de 1699: mais adiante ElRei D. João V o propôz á Santa Sé para *Bispo* de *Porto-alegre* em 22 de Fevereiro de 1707, e a Saotidade de Clemente XI o trasladou a esta Igreja. Fallecou em 27 de Abril de 1713. [2]

GGG

Cochim.

No Indostão, quasi ao extremo da costa do Malabar, entre Gôa e o cabo Comorim ha uma ilha separada do continente por um canal, e na extremidade do oorte della está a cidade de *Cochim*, levantada por ordem de Affonso de Albuquerque em 1503, usurpada a Portugal pelos Hollandezes em 1663, e conqaistada pelos Inglezes em 1795: nesta cidade morreu Vasco da Gama, o primeiro Portuguez, qae lançou

[1] *Livro dos actos e grãos da Universidade do anno 1792* — *Processos Canonicos para Angra em 1823, e Miranda e Bragança em 1824* — Archivo Nacional, *maço 59 de Bullas n.° 4* — ANONYMO *Memoria Biographica de D. Fr. José Maria de Santa Anna Noronha Bispo de Bragança e Miranda*, *impressa em 1830*. Um retrato de corpo inteiro.

[2] Archivo Nacional, *maço 50 de Inquirições do Santo Officio n.° 218* — FR. MANOEL DA SANTA ... *Epitome Chronologico dos varões illustres Trinitarios* (ms. do Archivo Nacional) — FR. JERONYMO DE S. JOSÉ *Historia Chronologica da Ordem da Santissima Trindade* — PEREIRA DE FIGUEIREDO *Lusitania Sacra*. Um retrato de corpo inteiro.

os fundamentos do dominio de nossos Reis na Asia, e que depois do famoso capitão, a quem deveu *Cochim* sua existencia, tem o primeiro logar entre os grandes homens da patria de Affonso Henriques, em nada invejosa, quanto ao antigo, a outros paizes, por mais gloriosos que tenham sido.

Pela Bulla *Pro excellenti* do Santo Padre Paulo IV datada de 4 de Fevereiro de 1557, foram separadas da *Diocese* de Gôa algumas Christandades do sul della para constituir uma outra *Diocese* média entre essa e a de Malaca: a Cadeira Pontifical foi collocada então na cidade de *Cochim*, ficando seu *Bispo Suffraganeo* do Metropolitano Goanense; e posteriormente a Santidade de Gregorio XIII, pelo Breve de 13 de Dezembro de 1572, concedeu a esse Prelado, nas vacancias da Metropole, deixar Vigario em *Cochim*, e transferir-se a Gôa para administrar esta Igreja.

Foi primeiro *Bispo de Cochim Fr. Jorge Themudo*, que cessou de governar esta Igreja desde 1568, em que promovido a Gôa tomou posse da Metropole, como seu Arcebispo: seguiram-se-lhe *Fr. Henrique de S. Jeronymo*, de quem fiz memoria sôbre Gôa; *Fr. Matheus de Medina*, que presidiu até 1588, em que tomou posse de Gôa, como seu Prelado natural; *Fr. André de Santa Maria*, que, tendo sido eleito para esta Igreja naquelle anno 1588, veiu a renunciar depois de haver presidido nella; *Fr. Sebastião de S. Pedro*, transferido de Meliapor, e depois promovido a Gôa, onde morreu em 1629; *Fr. Luiz de Brito*, trasladado de Meliapor, e fallecido tambem em 1629; *Fr. Miguel Rangel*, que morreu em 1646; *Fr. Pedro da Silva*, que embarcou para a India em 1687; *Fr. Pedro Pacheco* confirmado em 1694; *Francisco de Vasconcellos* confirmado em 1721; *Clemente José Colaço Leitão* desde 1745; *Fr. Manoel de Santa Catharina*, promovido a Gôa em 1783; *Fr. José da Soledade*, de quem vou dizer; *Fr. Thomaz de Noronha*, instituido em 17 de Dezembro de 1819: em 18 de Março de 1833 fez-se processo Canonico a *Fr. José das Dôres;* e actualmente está supprimida esta Igreja pelo Breve *Multa praeclara*.

134.°

VENERANDO FR. JOSÉ DA SOLEDADE.—Nasceu este Prelado em Salrçu no *Bispado* de Vizeu filho de Francisco Marques da Silva e de Maria Valente, e foi baptisado na Parochia de S. Martinho desse logar a 12 de Agosto de 1745: abraçou a Descalces Carmelitana, e fez profissão solemne no Mosteiro de Nossa Senhora dos Remedios de Lisboa em 14 de Setembro de 1761: seguiu o Magisterio na sua Religião, tomou a Sagrada Ordem de Presbytero em 23 de Setembro de 1769, e em 1783 estava governando a *Diocese* de *Cochim*, quando para ella foi eleito *Bispo*, o que a côrte participou ao Nuncio em 3 de Fevereiro desse anno: feito o postolado á Santa Sé, foi expedida em 18 de Julho desse mesmo anno a Bulla de confirmação; e, depois de consagrado, presidiu nesta Igreja até que passou desta vida em tempo, que ignoro.[1]

XXIII

Elvas.

Na Lusitania, entre o Guadiana ao sul, e o Caya ao oriente, como em igual distancia, está assentada *Elvas*, cujo districto limita ao norte com o de Porto-alegre, ao poente com o de Evora, e ao nascente com o reino de Castella: posto que sua origem seja de seculos mais altos, não foi povoação de nome conhecido no antigo; por isso me contento de dizer, que foi restituida á Christandade por D. Affonso Henriques; que tornando ao senhorio mussulmano, lh'a arrancou o illustre D. Sancho I; que D. Sancho II a restaurou e privilegiou; que D. Manoel a elevou ao fôro de cidade em 31 de Abril de 1513, e ficou sendo memoravel na historia patria desde o dia 14 de Janeiro de 1659, em que o Conde de Cantanhede general dos Portuguezes ganhou em suas linhas uma memoravel batalha a D. Luiz Mendes de Haro general dos Castelhanos.

O Summo Pontifice S. Pio V ordenou, em 9 de Junho de 1570, das Parochias do districto da cidade de *Elvas* uma *Diocese*, separando-a da Igreja de Evora, collocando a Cadeira Pontifical naquella cidade, e fazendo-a *Suffraganea* do Metropolitano desta. O primeiro *Bispo de Elvas* foi *Antonio Mendes de Carvalho* sagrado em 1571; e se lhe seguiram *Antonio de Mattos de Noronha* sagrado em 1591; *Ruy Pires da Veiga* fallecido em 1616; *Fr. Lourenço da Piedade de Tavora*, de quem logo direi; *Sebastião de Mattos de Noronha*, que tomou posse da *Diocese* em 1626; *Manoel da Cunha*, de quem tratarei depois; *João de Mello* confirmado em 1668; *Alexandre da Silva* fallecido em 1687; *Fr. Valerio de S. Raymundo* fallecido em 1698; *Jeronymo Soares*, que tomou posse em 1690; *Bento de Beja*, que tomou posse em 1694; *Antonio Pereira da Silva*, que tomou posse em 1702; *Fr. Pedro de Lancaster* fallecido em 1713; *Fernando de Faro* sagrado em 1714; *João de Sousa Castello-Branco* fallecido em 1728; *Pedro de Villas-Bôas* fallecido em 1743; *Balthazar de Faria Villas-Bôas* sagrado em 1743; *Lourenço de Lancaster* trasladado a Leiria em 1780; *João Teixeira de Carvalho* fallecido em 1792; *Fr. Diogo do Jesus Maria Jardim*, de quem mais abaixo direi; *José da Costa Torres* promovido a Braga em 1806; *José Joaquim da Cunha de Azevedo Coutinho*, que tomou posse em 1807; *Fr. Joaquim de Menezes e Athaide*, que morreu em 1828; *Fr. Angelo de Nossa Senhora da Bôa Morte* confirmado em 27 de Dezembro de 1832, hoje fallecido e ainda sem successor.

135.°

VENERAVEL FR. LOURENÇO DA PIEDADE DE TAVORA.—Nasceu este Prelado na quinta de Alcube junto a Azeitão, filho de Alvaro de Sousa e de D. Francisca de *Tavora*[2]: abraçou a Recoleta dos

[1] *Processo Canonico para a Igreja de Cochim em* 1783—Archivo Nacional, maço 57 de Bullas n.° 10—*Notizie di Roma per l'anno* 1806—PEREIRA DE FIGUEIREDO *Lusitania Sacra*—O Reverendo JOSÉ MARIA COELHO *em uma informação obtida dos Padres Carmelitas Descalços.* Um retrato de meio corpo.

[2] Que tambem tiveram, além de outros, 1.° Simão de Sousa, de quem descendem o actual Conde de Sampaio, e

Menores na provincia de Santo Antonio do Portugal, e foi o primeiro Noviço, que ella teve no Mosteiro do Campo de Santa Anna de Lisboa: seguiu a carreira do Magisterio, e as suas virtudes o elevaram ao Provincialato: passou a Roma ao capitulo geral, e visitou a provincia de S. Gabriel em Castella, e a da Arrabida em Portugal; e mais adiante foi eleito *Bispo* do Funchal: confirmado por Sua Santidade, obteve a Uncção Sagrada em 6 de Junho de 1610 por mão do *Bispo* Inquisidor Geral Pedro de Castilho, e governou essa Igreja até 1617, em que o Santo Padre Paulo V o trasladou á de *Elvas*. Presidiu nesta até 1625, em que renunciou e se recolheu ao Mosteiro, de que era filho, e onde acabou com a morte do justo em 11 de Maio de 1629, sendo nelle sepultado.[1]

136.º

Venerando MANOEL DA CUNHA. — Nasceu este Prelado em Lisboa filho de Simão da *Cunha* e de D. Luzia de Almeida; e irmão de Pedro da Cunha[2] Trinchante da Casa Real, como seu pae o foi: entrou de moço no Collegio de S. Pedro da Universidade de Coimbra em 20 de Outubro de 1616: seguiu o curso de direito canonico, em que tomou o grão de bacharel: dahi a quatro annos, em 27 de Maio de 1620, teve logar entre os Deputados da Inquisição dessa cidade, e dois adiante entre os da de Lisboa, de que foi Inquisidor no anno seguinte; e em 12 de Novembro de 1632 deputado do conselho geral: desde 1633 occupou o cargo de Commissario Geral da Bulla da Cruzada, e no seu tempo se fez um regimento do tribunal della. Em 1637 a côrte o elegeu *Bispo* de *Elvas*; e, confirmado por Sua Santidade successor de Sebastião de Mattos de Noronha, quando desta Igreja foi promovido á de Braga, recebeu a Uncção Sagrada em 10 de Outubro de 1638. Teve parte no negocio da independencia de Portugal em 1640, que ElRei D. João IV lhe havia communicado: orou no acto do juramento deste Principe em 28 de Janeiro de 1641, e no dia seguinte fez a proposição ás Côrtes; novamente orou e fez a proposição nas de 1645 em 28 de Dezembro; e depois nas de 1653, em que orou a 22 de Outubro, e no dia seguinte fez a proposição. Por morte de Alvaro da Costa ElRei D. João IV o nomeou seu Capellão-mór, e em 1647 o fez conselheiro de estado, e o elegeu Arcebispo de Lisboa, em que não obteve confirmação pela rotura, que então houve: em 1648 fundou o Mosteiro de Nossa Senhora da Encarnação de Olhalvo para Religiosos Carmelitas Descalços; e em 30 de Novembro de 1658 passou desta vida havendo testado com piedade, e foi enterrado naquelle Mosteiro. Deixou memoria de suas letras na *Lusitania Vindicata*, e n'outros escriptos, e é digno de louvor pela integridade de vida, e pelo desvelo, com que amou a sua patria.[3]

137.º

Venerando Fr. DIOGO DE JESUS MARIA JARDIM. — Nasceu este Prelado na villa do Sabara da *Diocese* de Marianna na America do Sul em 1730: abraçou o Instituto Monastico de S. Jeronymo, e professou no Mosteiro de Santa Maria de Belem: seguiu a carreira litteraria; foi doutor em theologia na Universidade, e professor da sagrada sciencia na sua Congregação; Abbade dos Mosteiros de Penhalonga e de S. Marcos, e duas vezes Geral dos de Portugal. Em 11 de Maio de 1781 a corôa de Portugal o elegeu *Bispo* de Olinda, cidade capital da *Diocese* de Pernambuco, de que se deu conta ao Nuncio em 14 de Junho para lhe fazer processo, que foi sentenceado em 25 deste mez: feito o postolado, a Santa Sé o instituiu successor do ultimo *Bispo* Thomaz da Encarnação por Bulla de 15 de Fevereiro de 1785; e elle recebeu a Uncção Sagrada em 17 de Abril seguinte: vindo a Lisboa para tratar da sua saude arruinada pelas molestias adquiridas no governo daquella Igreja, resignou-a em 1793, e obteve a de *Elvas*, que estava vaga por obito de João Teixeira de Carvalho: sentenceado o processo em 7 de Agosto desse anno, a Santa Sé o trasladou em 21 de Fevereiro de 1794; mas pouco tempo durou a sua presidencia nesta Igreja, porque falleceu em Lisboa a 30 de Maio de 1796, e o sepultaram no carnairo defronte da porta do refeitorio do Mosteiro, em que professára.[4]

JIJIJI

S. Salvador do Congo.

A grande região da Africa divide-se em septentrional e meridional: esta parte começa desde a Abyssinia pelo oriente, e acaba na Guiné pelo occidente, cercada pelos mares Rôxo, Austral, e Athlantico:

Francisco Agostinho de Mello, administrador do Morgado de Corrêa em Sacavem; 2.º D. Magdalena de Tavora, mulher de D. Martim Affonso de Castro, de quem descende o actual Marquez de Niza.

[1] Fr. Martinho do Amor Divino *Escóla da Penitencia* — Pereira de Figueiredo *Lusitania Sacra* — O Reverendo Fr. Claudino Camolino França Beneficiado da Santa Igreja de Lisboa *em uma noticia summaria dos Prelados de Elvas*, com que me instruiu. Um retrato de meio corpo.

[2] Avô de outro do mesmo nome, que teve filha herdeira D. Briles Josepha da Cunha, mulher de D. Carlos José Bento de Menezes, de quem descende por varonia a familia dos Marquezes de Olhão, como por igual modo Pedro da Cunha descendia do grande Paio Guterres da Silva R. H. de Portugal, e um dos mais illustres Capitães de ElRei D. Affonso Henriques.

[3] Barbosa *Bibliotheca Lusitana* — Bibliotheca Nacional, ms. B, 2. 27 — Pereira de Figueiredo *Lusitania Sacra*. Um retrato de corpo inteiro, em que indevidamente o ornaram com o Pallio.

[4] *Processos Canonicos para as Igrejas de Olinda em 1784, e de Elvas em 1793* — Archivo Nacional, maço 57 de Bullas n.º 16 — *Sepulturas do Mosteiro de Santa Maria de Belem* (original do mesmo Archivo) — Pereira de Figueiredo *Lusitania Sacra* — Bibliotheca Nacional, ms. A. 2. 15, e 17 — O Reverendo Fr. Claudino Camolino França *na Memoria dos Prelados de Elvas*. Um retrato de meio corpo.

toda ella se chama Ethiopia; e deixando agorá a alta ou Abyssinia, de quo disse, o outros paizes, que do presente me não interessam, fallarei da *Baixa-Guiné*, que o rio Coanza atravessa de leste a oeste, que so estende pela margem do Oceano occidental até ao Cabo-Negro no sul, e quo o Zaire banha correndo ao norte do Coanza: ao meio-dia do Zaire entra no mar o Lolundo, que sobe na direcção do nordeste ate mais alem da cidade de *S. Salvador* capital do reino do *Congo:* caminhando pela costa além do Bengo, o da parte septentrional do Coanza, encontrâmosa cidade de *S. Paulo da Assumpção de Loanda*, capital dos dominios da corôa Portugueza no reino do Angola e Benguela. Diogo Cam descobriu o rio Zairo o o reino do Congo em 1181, e conseguiu de seu Rei vassallagem aos nossos Soberanos: Paulo Dias de Novaes estabeleceu *a* senhorio Portuguez no reino de Angola desde 1574; e Salvador Corrêa do Sá lançou desso reino os Hollandezes usurpadores, o o engrandeceu desde 15 de Agosto de 1618.

As sementes do Evangelho, lançadas a toda a Ethiopia pelos braços do Santo Apostolo, a quem coube por sorte, não foram regadas na *Boixa-Guiné*, como era necessario para fructificarem, até ao começo do seculo 16.°, em que uma segunda Missão, pelo zêlo da corôa de Portugal, partiu de Lisboa em 1508: já se haviam enviado em 1490 áquelle paiz varões Apostolicos, mas os seus esforços não conseguiram o desejado fim: o podér do Senhor, pelo ministerio do veneravel Padre João de Santa Maria, Conego Secular do Evangelista, obrou prodigiosas conversões nessa segunda Missão; e muito grande sería no futuro a seara do Evangelho, se o zêlo, que ainda no seculo 16.° durava, perseverasse. O Santo Padre Clemente VIII, pela Bulla de 20 do Maio do 1596, separou da *Diocese* de S. Thomé o continente Africano chamado *Baixa-Guiné*, estabeleceu nelle uma *Diocese*, e collocou a Cadeira Pontifical na cidade de *S. Salvador do Congo*, que mais adeante foi transferida para a do *S. Paulo do Assumpção de Loanda*, oude subsiste: foi fundada dentro da Metropole Olisiponense; na erecção da Bahia em Metropolo se lhe adjudicou na qualidade do *Suffraganea;* o posteriormente voltou á obediencia do Metropolitano do Lisboa. O primeiro *Bispo* da *Igreja de S. Salvador do Congo Fr. Antonio Rongel*, de quem logo direi, tevo successores *Fr. Ricardo Angelo*, que falleceu em 1601; *Fr. Antonio de Santo Estevão* instituido em 1604; *Fr. Manoel Baptista* em 1610; *Fr. Simão Mascarenhas* em 1622; *Fr. Francisco do Soveral* fallecido em 1642; *Fr. Pedro Sanches Farinho* sagrado em 1671; *Fr. Antonio do Espirito Santo* fallecido em 1674; *Fr. Manoel da Natividade*, de quem logo direi; *João Franco de Oliveira* eleito em 1688, e promovido á Bahia; *Fr. Manoel das Chagas*, que morreu depois de confirmado, o antes de tomar posse, em 1693; *Fr. José de Oliveira* eleito em 1693; *Luiz Simões Brondão* em 1717; *Fr. Manoel de Santo Catharina* sagrado em 1720; *Fr. Antonio da Desterro Malheiro* transladado para o Rio de Janeiro em 1745; *Fr. Manoel de Santa Ignez* promovido á Bahia em 1762; *Fr. Luiz da Annunciação e Azevedo*, de quem tratarei; *Fr. Alexandre da Sacra Familia*, que foi confirmado, mas não tomou posse nessa qualidade; *Luiz de Brito Homem* sagrado em 1792; *Joaquim Mario Mascarenhas* instituido em 1802; *Fr. João Damasceno Povoas* instituido em 1814; *Fr. Sebastião da Annunciação*, que foi confirmado em 1816, e renunciou; e actualmente, desde 28 de Setembro de 1849 *Fr. Joaquim Moreira Reis.*

138.°

VENERANDO FR. ANTONIO RONGEL.—Como se disse, a Igreja de *S. Salvador do Congo* erigiu-se em 1596, e *Fr. Ricardo Angelo* seu *Bispo* falleceu em 1601; mas não foi elle o primeiro, que nella presidiu, segundo todas as memorias, que tenho presentes: sendo nisso conformes, e em chamar *Rongel* ao *Bispo* fundador, separa-se dos mais o letreiro do retrato deste, que estava no Claustro do Mosteiro de Santo Antonio dos Capuchos do Campo de Santa Anna de Lisboa, dando-lhe o nome de *Antonio*, em quanto nos outros lugares se encontra o de *Miguel*, como em assignar-lhe o morte em 1609, e as restantes em 1602: em Cochim houve um *Bispo Fr. Miguel Rongel*, que não podêmos confundir com o da presente Igreja; porquo era Dominicano, e o do quo se trata Capucho da Provincia do Santo Antonio de Portugal: o porque a morte daquelle foi em 11 de Setembro de 1646, e a deste não podo retardar-se de 1609: ha ainda outra circumstancia a ponderar, e é, que a ambos estes Prelados se notam os mesmos paes. Não existindo documentos absolutamente seguros, senão o processo Canonico de *Fr. Antonio de Santo Estevão*, que dá seu antecessor por morto em 1601, e o consenso unanime, de que *Fr. Ricardo* não foi o primeiro *Bispo* desta Igreja, mas sim um Religioso Capucho da familia *Rongel* [1], julgo que se deve convir (e isto seguirei, em quanto não obtiver melhores documentos):—1.°, que o primeiro *Bispo de S. Salvador do Congo* resignou a Igreja, dando-se-lho por successor a *Fr. Ricardo*, e morreu em 1609, tendo sido instituido pelo Santo Padre Clemente VIII em 13 de Junho de 1597, como pretendeu o auctor do Agiologio;—2.°, quo elle se chamou *Antonio Rongel de Castello Branco;*—3.°, que em 20 de Março de 1559 era Deão, Provisor e Vigario Geral da Igreja de Goa;—e 4.°, quo largou estas dignidades, entrou na Recoleta de Santo Antonio de Portugal, e que della foi elevado á Cadeira Pontifical. [2]

[1] Muito illustre e descendente de D. Gonçalo Gonçalves governador do castello de Soure em tempo da Rainha a senhora D. Theresa, do qual procedeu em varonia, além de outros cavalleiros, Calixto *Rongel* Pereira de Sá senhor da casa de *Rongel* e dos direitos Reaes de Sam-Varão, e capitão general de Moçambique, de quem foi filha, entre outros, que morreram sem succesão, D. Caetana Maria *Rongel* mulher de Luis Vaz da Cunha de Sá e Mello senhor de Antanhol dos Cavalleiros, e avó paterna do Visconde de Maiorca.

[2] *Processo Canonico para a Igreja de S. Salvador do Congo feito em* 1602 — Archivo Nacional *Processo crime da Inquisição de Lisboa n.°* 12:373 — FR. LUIS DE SOUSA *Historia de S. Domingos* — JORGE CARDOSO *Agiologio Lusitano* — FR. ANTONIO ROUSADO *Pomar Genealogico* — PEREIRA DE FIGUEIREDO *Lusitania Sacra* — O Sr VISCONDE DE MAIORCA *em carta de 5 de Novembro de* 1852. Um retrato de meio corpo.

139.º

Venerando Fr. MANOEL DA NATIVIDADE. —Era este Prelado natural de Thomar, e abraçou o Instituto de S. Francisco na Provincia Observante de Portugal: foi Mestre na sagrada theologia, bom Prégador, Guardião de Alonquer em 1665, e Prelado maior do seu Monastico eleito em 10 de Setembro de 1672: por suas lettras e honestidade de vida mereceu o *Episcopado*, pelo qoe elegendo-o em 1675 a nossa côrte para a Igreja de *S. Salvador do Congo*, e feito seu processo em 2 de Setembro desse anno, Sua Santidade o confirmou: tendo sido sagrado cuidou de governar a *Diocese;* e nesse augusto Ministerio possoo da vida presente em 1688.[1]

140.º

Venerando Fr. LUIZ DA ANNUNCIAÇÃO E AZEVEDO.—Nasceu este Prelado em Lisboa filho de Alvaro Pinto de *Azevedo* e de Theresa Maria de Jesus: entrou na Ordem dos Pregadores, e, seguindo a carreira do Magisterio, foi lente de theologia da sua religião na universidade de Evora: a inquisição o nomeou seu qualificador em 7 de Agosto de 1761; teve tambem o cargo do deputado da mesa censoria, e ElRei D. Jose o elegeu *Bispo de S. Salvador do Congo*, de que se fez aviso no Nuncio em 5 de Setembro de 1770: depois de sua confirmação o sagrou no anno seguinte, em o Mosteiro do Nossa Senhora de Jesus, o *Bispo* de Beja Fr. Manoel do Canaculo: havendo residido na *Diocese* por dez annos, fez renúncia, e morreu em Lisboa a 19 do Abril de 1789.[2]

KKK

Peking.

A parte oriental da China, sôbre um golpho, cujas aguas se vão confundir no mar da Coréa, está situada do uma e outra margens do rio Iu-ho, que desagua no Pay-ho tributario do golpho, a cidade de *Peking* capital do grande imperio Sinense, o mais antigo dos existentes, qoe menos transformações tem soffrido, e de uma população numerosissima; foi esta cidade fundada em 1267 pelo principe Khoubilai neto de Tchinghia-khan, e desde 1421 e a capital do imperio.

Os discipulos de S. Thomé, se não foi elle mesmo, prégaram a nova do Reino dos Céos no paiz Sineuse; e depois no seculo 7.º, reinando Thait-Soung, restabeleceu os Altares do Christianismo um Sacerdote por nome *Olopen*, obtendo daquello principe, no anno 638, um edito em favor delles; mas a perseguição movida em 698 pelos sectarios de Boudha atormentou a Christandade, que pódo triumphar um pouco adeante em 712; e assim perseverou em todo esto seculo apesar das intrigas dos cortesãos. *Olopen* era, segundo creio, um Sacerdote de ordem superior, um *Bispo;* e egual dignidade tinha *Ninxou*, que em 781 presidiu a um grande número de Christãos do lado oriental da China: por outra parte cuido eu, que se deve suppôr a existencia de Cadeira Pontifical em Siganfou, cidade da provincia de Chensi, onde, em excavações feitas no anno 1625, se encontrou uma lapide do anno 781, que continha larga inscripção, testimunha dos factos do seculo 7.º o do seguinte, como se tem referido.[3]

No fim do seculo 13.º, havendo Chi-Tsou Imperador da China e Tartaria pedido Missionarios a Santa Sé, o Beato Gregorio X, Summo Pontifice, enviou os dois Duminicanos Fr. Nicolão e Fr. Guilherme, que foram recebidos com affecto por aquelle principe: depois no anno 1289 o Santo Padro Nicolão IV, ouvindo da bôcca de *Fr. João de Monte-Corvino* Religioso Menor, que voltava de pregar a Fe na Tartaria, os progressos do Christianismo nesse paiz, o mandou de novo solicitar dos principes dello, e de Chi-Tsou, que lhe dessem protecção e a seus companheiros: foi bem recebido; e um pouco mais tarde, quando Tching-Tsong havia succedido no imperio a Chi-Tsou, *Fr. João de Monte-Corvino* participava o novo incremento de nossa Santa Religião, nos dominios deste Soberano, em cartas de 1305 o 1307; e em vista dellas o Santo Padre Clemente V, pela Bulla de 23 de Junho desse último anno, elevou ao *Episcopodo* aquelle veneravel Missionario, dando-lhe a qualidade de Metropolitano da Persia Tartaria, e China, e o titulo de Arcebispo de todo o oriento, estabelecendo sua Cadeira Pantifical em *Peking*[4], e adjudicando-lhe por *Suffraganeos* os Padres Fr. André de Perugia, Fr. Nicolão de Apulia, Fr. Pedro do Castello, Fr. Andrucio de Assis, Fr. Guilherme de Villa-Longa, Fr. Gerardo e Fr. Peregrino, quo fez logo consagrar *Bispos*, para o irem consagrar e auxiliar; e pouco depois, em 1311, instituiu tambem Pontifices a Fr. Pedro de Florença, Fr. Thomaz o Fr. Jeronymo da mesma Ordem, e os enviou por auxiliares e *Suffraganeos* do novo Metropolitano. Este cuidou em levantar Igrejas, como foram a de Cayton[5], onde poz *Bispo* a Fr. Gerardo, entretanto que em 1322 subiram ao Céo, adornados com a palma do martyrio, na India, pelos sarracenos, Fr. Thamaz de Tolentino, que trouxera a segunda carta do Arcebispo em 1307 a Sua Santidade, Fr. Jacques do Padua, Fr. Pedro de Sena Sacerdotes e Fr. Demotrio Leigo: assim passaram as cousas ate ao anno de 1326, em que de todos os Apostolos desta missão restava apenas o *Bispo* Fr. André de Perugia; e a Santa Sé deu por successora *Fr. João de Monte-Corvino* em 1333 *Fr. Ni-*

[1] *Processo Canonico para a Igreja de S. Salvador do Congo em 1875* — Fr. Fernando da Soledade *Historia Seraphica* — Pereira de Figueiredo *Lusitania Sacra*. Um retrato de corpo inteiro.

[2] Archivo Nacional, *Secreta do Conselho Geral da Inquisição, maço 39 de inquirições n.º 625* — *Processo Canonico para a Igreja de S. Salvador do Congo em 1770* — Pereira de Figueiredo *Lusitania Sacra*. Um retrato de corpo inteiro.

[3] *Annales de la Philosophie Chrétienne.*

[4] Nomeada nas lettras Apostolicas *Cambalu*.

[5] Distante de Peking uma jornada de tres semanas.

colão da mesma Ordem, tendo já erigido novas Igrejas, e estabelecido em Sultania na Persia uma nova Metropole. Em 1370 o Santo Padro Urbano V instituiu *Fr. Guilherme do Prado* em Arcebispo de *Peking*: deste modo progredia a Igreja de Deos; mas differentes acontecimentos, principalmente as desordens da Europa, deram occasião a extinguir-se neste paiz a Jerarchia Ecclesiastica, e com isso ficarem abandonadas as Christandades em todo elle, até que, no seculo XVI, com o auxilio do Portugal a Santa Companhia de *Jesus* lá foi restabelecer a Missão Evangelica, e com seus progressos mais adiante se restabeleceu tambem a Jerarchia, porém do differente modo, erigindo-se primeiro a Igreja de Mação, depois a de Nanking, e com esta a de *Peking*.

O Santo Padro Alexandre VIII, por Bulla de 10 de Abril do 1690, formou uma *Diocese* so norte da China, separando seu territorio da Igreja de Macáo, e estabelecou a Cadeira Pontifical em *Peking*, dedicando a Se a Santa Maria, e constituindo seu Prelado *Suffraganeo* de Gôa. O primeiro *Bispo* desta Igreja, *Fr. Francisco da Purificação*, foi sagrado em Gôa no anno 1725; seguiram-se-lhe *Polycarpo de Sousa* instituido em 1740; *Fr. João Damasceno da Santissima Conceição* instituido em 1778; *Fr. Alexandre de Gouvêa* instituido em 1782; *Joaquim de Sousa Saraiva*, de quem logo direi. Entrando esta Igreja no número das do padroado Portuguez na Asia, que supprimiu o Breve *Multa Praeclara*, o Santo Padre Gregorio XVI nomeou a Luiz de Conti Basi, em 1840, *Bispo* de Canopo, Administrador do Vigariado Apostolico de Kantang, dentro de cujos limites esta *Peking*, que hoje tem successor Luiz de Castellazzo *Bispo* de Zenopoli.

Não e possivel entregar aqui ao silencio factos, quo deixariam de prodazir em men coração a mais pungente dôr, se eu não fôsse Catholico nem Portnguez: sôbre a Igreja do Churco fiz algumas ponderações ácêrca do estado da Missão do Tunking, e essas hei de amplia-las agora em relação á China; mas para qne se conheça o estado aetual das Christandades desta, ficará aqui registada em nota uma representação, qne ellas, por sen enviado, apresentaram a Sua Magestade a Rainha e Senhora D. Maria II no 1.º do Janeiro deste anno.[1] O estado actual da China é o mesmo de Tunking no fim do seculo passado,

[1] SENHORA! — O Christão Francisco Xavier Leu-in Cham, natural do Pei-che-li no Imperio da China, enviado a Portugal por seus compatriotas os Christãos de Pei-King, Nan-King e Quang-Tang, tem a honra de apresentar hoje submissamente, em nome delles e seu, ao Throno Portuguez o tributo de alto respeito e immensa gratidão, de qne sempre se reconhecerão, e eternamente se confessarão devedores aos Monarchas Portuguezes pelo extremoso desvélo, com que, ha tres seculos, favorecem na China a propagação do Catholicismo. Demais disso, Senhora, authorisado pelos Christãos seus patricios ousa, com rendida submissão, expôr a Vossa Magestade a angostia e desolação, que presentemente reina entre elles, por effeito de se verem privados completamente de Bispos a Pastores Portuguezes, e entregues a estrangeiros, que se dizem Enviados da Propaganda, sem que nem a Monarcha Portuguez, incontestavel Patrono daquellas Missões, nem os proprios Christãos, que desse Padroado se gloriam, fôssem em tal negocio ouvidos ou consultados.

Não é facil, Senhora, explicar o summo prazer, que os Christãos sentiram recebendo a noticia de que Vossa Magestade havia eleito Bispo de Pei-King o venerando Padre Castro, que ha largos annos governava aquellas Missões com amor de pai, e nunca desmentido credito de muito saber a virtude. Promettiam-se os Christãos possui-lo alé á morte, a alcançarem, por intervenção de Vossa Magestade, a segurança de successores e Coadjutores Portuguezes, que eternamente possuem aquellas Dioceses a salvo de qualqner estranho ataque. Mas qual não foi seu pasmo, quando viram entrar Vigarios Apostolicos enviados pela Propaganda a tomar o governo espiritual daquellas Missões, e desapossar delle o venerando Padre Castro, que com tanta gloria de Deos, e consolação de suas almas, por largos annos os dirigíra com celestial prudencia!

Tão viva foi a sua dôr vendo retirar para Macáo este antigo e amado pastor, e entrarem em seu logar Prelados estranhos (nunca pedidos, e com os quaes nunca podem sympathisar), que não podendo persuadir-se que tal facto fôsse conhecido, e com devido exame sanccionado pelo Supremo Pastor da Igreja o Santissimo Padre Pio IX, optaram pelo arbitrio doloroso de privar-se antes dos auxilios espirituaes, do que recorrer a esses Prelados e Missionarios estranhos, até levarem aos ouvidos de Vossa Magestade, como hoje fazem, por minha humilde voz, a noticia deste facto, a fim de que Vossa Magestade, compadecida dos immensos males, que por tal causa soffrem as Christandades do Real Padroado na China, se digne o apresse a entrevir com a Santa Sé Apostolica para o prompto remedio, que taes males exigem.

Foi da bocca dos Missionarios, enviados á China pelo zêlo a grandiosa munificencia dos Monarchas Portuguezes, que nós os Chinas ouvimos a lei e doutrina do Catholicismo, que a preço de trabalho a constancia invicta, elles propagaram entre nós, a ponto de se permittir o culto público no famoso reinado do Imperador Ham-hi. E se depois a cruel perseguição de seu successor Sun-chim, e a extincção dos Jesuitas, atenuou em nossa patria o progresso do Christianismo, nem por isso nos faltaram até estes ultimos annos Bispos e alguns Sacerdotes Portuguezes da Congregação da Missão, que com o Clero Indigena, por elles creado e educado nos collegios de Macáo e Pei-King, proviam ao remedio de nossas almas com tanta prudencia, que nunca por sua causa veiu ás Christandades perseguição ou molestia notavel da parte dos Mandarins; sendo todas que temos soffrido nascidas do genio boliçoso e entromettido dos Missionarios estranhos, que, possuidos de zêlo cego, ou não sei se de mesquinha inveja, mais parece precipitarem-se sôbre as Missões do Real Padroado, do que serem ás mesmas levados e conduzidos pelo manso espirito do Christianismo, sempre respeitador dos direitos alheios.

Que admira, pois, que nós os Chinas Catholicos de Pei-King, Nan-King e Quang-Tung, ao respeito, amor, e estima prefiramos aos estranhos os Portuguezes, que foram nossos paes na Fé, e que nunca nos abandonaram em fortuna prospera ou adversa.

Na verdade, Senhora, mal podemos comprehender, que um zêlo verdadeiro leve á China tantos Missionarios estranhos, não a lançar a semente do Evangelho no campo inculto do gentilismo, que bem largo a espaçoso é ainda na China, mas a colhêr as searas, que os Portuguezes semearam a regaram por quasi trezentos annos com fadiga immensa!

Para attrahirem os Christãos á sua obediencia, pretextam elles o lastimoso estado da Religião em Portugal, dizendo que não existe aqui bôa intelligencia com o Summo Pontifice, e que as Ordens e Congregações, que enviavam Missionarios á China e outros paizes, foram extinctas sem esperança de restauração; e que por tanto nem Bispos nem Padres Catholicos podêmos esperar do nosso antigo Patrono, que não acode hoje ás proprias Missões dos seus dominios, por isso menos acudirá ás Chinezas.

Triste a afflictivo foi sôbremaneira para os Christãos de Pei-King, Nan-King e Quan-Tung ouvir taes noticias, a que davam não pequeno vulto varias cartas de Macáo; e, no meio de sua amargura, tomaram a extraordinaria resolução, que não tem exemplo, de enviar um d'entre si aos pés de Vossa Magestade para lhe fazer ouvir um grito de *misericordia e compaixão*, que desde o centro da China lhe endereçam hoje por minha bocca cem mil Christãos!

Sim, Senhora, *misericordia e compaixão* é o que supplicamos a Vossa Magestade, como nossa Protectora natural: Que ampare e favoreça as Christandades da China, como sempre favoreceram e ampararam seus Augustos Avós! Não se diga no mundo, que as Missões Portuguezas da China, tendo florecido por perto de tres seculos á sombra da gloriosa protecção dos Monarchas Portuguezes, foram abandonadas no reinado de Vossa Magestade ao primeiro estranho, que foi

com uma só differença, e é quo os Missionarios, que agora estão na China, sôbre qualquer offensa recorrem a legação Franceza em *Peking*, que, por não ter ali importancia, pretende conseguí-la otormentaudo a côrte imperial com reclomações, de quc so pode resultar persegoição á Christandade: não era deste modo, qae obravam os Padres de Santo Ignacio e de S. Viceute de Paalo, qae para lá iam a expensas da corôa de Portugal: não vejo bem estes recursos ao podêr temporal, não so por isso, mas porque o Apostolo do Evangelho deve soffrer toda a injaria; e Nosso Senhor *Jesus Christo*, pela sua infinita misericordia, permitta, qao o Sammo Pontifice faça terminar estes procedimentos, que servem de aresto oo diabo para promover o descredito da obra do Propagação da Fe, que é o milagre vivo do nosso seculo, e, o que é peior, do Catholicismo, e ainda de todo o principio Christão! Em todas essas questões vê-se, que no fundo nada ha da parte dos Missionarios, senão uma poaca de leviandade, e alguma falta de espirito do sea estado; mas ollas, em verdade, tomam incremento, produzem o scysma, e podem trazer consequencias mais fataes.

Até aqui quanto á parte religiosa; mos ha outra, a que tambem ligo muita importancia: os Europeos de fora de nossa Peninsula (com algumas excepções) tomaram a peito desacreditar Portugal em toda a parte, principalmente na Asia, seja por iuveja, ou porqae é prejudicial a seus interesses, que, embora corrupta, a lingua Portugueza se falle ainda hoje nos paizes mais remotos de Hespanha: este acontecimento é acompanhado de outro, não menos desastroso, e vem a ser, que os Portuguezes (com raras, porém honrosas excepções), qae vão a Asia, seja por exercer cargo, negociar, oo por outra rasão, não se pejam de escandalos e injustiças, e sem terem algama virtude das muitas, que adornavam nossos antigos, esforçam-se por oltrapassar os seos excessos, porque tambem os praticaram; opesar de tudo isto, ainda os Portuguezes são amados na Asia! Serio pois muito para desejar, que um governo illustrado, qao teuha a peito a glória antiga, procurasse castigar severissimamente qaem assim concorre, em auxilio dos estraugeiros, para acabar esses restos do prestigio, que a memoria de S. Francisco Xavier, e do grande uome de Affonso de Albuquerqno, como de oatros homeus emineutes em santidade ou valor, pericia e honra, nos adqniriram.

141.°

Venerando JOAQUIM DE SOUSA SARAIVA.—Nascea este Prelado na Ribeira do Olivol termo de Ourem filho de Luiz Lopes de *Sousa* e de Maria de Sousa[1], e foi baptisado na Igreja de Nossa Senhora da Purificação do logar em 22 de Outubro de 1764: abraçoa o Iustituto de S. Viceute de Paulo, nelle fez seus estados, o se instruiu no prática das virtudes: recebeu a Sagrada Ordem de Presbytero a 22 de Dezembro de 1787, e, seguindo a carreira do Magisterio, ensinoa theologio moral, e depois philosophia o mathematica: a côrte de Portagal o elegea para Coadjator e successor de Fr. Alexaodro do Gouvêa *Bispo de Peking;* e, feito o processo em 22 de Março do 1801, foi confirmodo por Saa Santidade com o titulo de *Bispo* de Tipassa por Bulla de 20 do Agosto desse anuo, e recebeu a Unção Sagrada na terceira Dominga de Dezembro do anno seguinte em S. José de Macao. Tendo follecido o Coadjuto de oma apoplexia em 6 de Julho de 1808, entroa *Joaquim de Sousa Saraiva* a governar a Igreja de *Peking*, como sea Pastor natural, e nella presidia com zêlo guiando os fieis no caminho da salvação, posto que auseute em Mação ate 1819, em que passou desta vida no mencionado Collegio de S. José, deixando escriptos importautes pora a historia do Christianismo no China.[2]

lançar mão dellas em momento adverso! E isto quando os mesmos Christãos de Pei-King, Nan-King e Quang-Tung dão tão clara prova de amor e gratidão ao seu antigo Patrono; e, representados na minha humilde pessoa, vem erguer as mãos supplicantes perante o Throno de Vossa Magestade, para que os salve da ruina presente, e lhes segure, com os auxilios convenientes, um futuro bonançoso!

Não é possivel (eu o creio), que o Pae commum dos Fieis feche os ouvidos ás justas reclamações de Vossa Magestade ácêrca desta novissima violação do seu Real Padroado na China, se da parte do Governo de Vossa Magestade não faltarem as beneficas e efficazes providencias, que, aos olhos da rasão e do direito, podem tornar inviolavel tão alto e singular privilegio! Nesta persuasão os Christãos Chinezes, alentados com a antiga experiencia da muita piedade e munificencia dos Soberanos Portuguezes, imploram e esperam alcançar do Vossa Magestade sua poderosa intervenção: 1.° para que seja confirmado Bispo de Pei-King, e ao meio delles volte o venerando Padre D. João de França Castro e Moura, que hoje se acha Missionario em Timor; 2.° que outro Sacerdote Portuguez, apto a entrar e governar pessoalmente a Diocese de Nan-King, seja por Vossa Magestade nomeado, e pela Santa Sé Apostolica confirmado para este Bispado, annullando-se desta fórma a jurisdicção dos Vigarios Apostolicos que hoje ali existem; 3.° que o Governo de Vossa Magestade, palpadas e conhecidas as circumstancias, que levaram aquellas Missões, outr'ora tão florescentes, ao aperto e desolação presente, se apresse a lançar mão do unico alvitre, que póde segurar bons e abundantes Pastores Portuguezes, com os quaes fique o Real Padroado invulneravel á inveja estranha.

Tal é, Senhora, o objecto da missão, de que fui encarregado, e que por serviço do nosso bom Deos, e cordeal affecto aos Portuguezes, aceitei com prazer. O meu coração bateu agitado com incrivel alegria, quando, á entrada desta terra bemfazeja, lancei os olhos sôbre esse porto, donde, por diligencias do grande Rei D. João III, partiu para a Asia nosso bom pae S. Francisco Xavier!

Em quanto agora, penetrado de respeito ante a Magestade de uma Neta de tantos e tão magnanimos Reis, em meu nome, e dos Christãos que me enviaram, rendo homenagem á Rainha dos Portuguezes, e ouso pedir a Vossa Magestade, que me permitta apresentar-lhe uma pequena offerta em penhor da veneração e affecto, que lhe professam os Christãos Chinezes; e, esperando firmemente no poderoso auxilio de Vossa Magestade, não deixaremos passar um só dia sem dirigirmos a Deos, como é nosso dever, fervorosas súpplicas pela Augusta Pessoa de Vossa Magestade, de ElRei seu Augusto Esposo, da Real Familia, e do seu povo.

[1] A familia deste Prelado era a mais qualificada de seus visinhos; mas já no seu tempo estava em decadencia; teve elle um sobrinho chamado Manoel de *Sousa*, que foi Ecclesiastico; este houve outro, que ficou por seu herdeiro, e se chamou Manol *de Sousa Saraiva*, do qual entre outros é filho *João de Sousa* estudante no Seminario de Leiria.

[2] *Processo Canonico para a Igreja de Peking em* 1804—Archivo Nacional, maço 58 de Bullas n.° 3—Carlos José Caldeira *Apontamentos de uma viagem de Lisboa á China e da China a Lisboa*—O Sr. Antonio Feliciano Munhos Borba de Vasconcellos *em carta datada de Leiria a 21 de Julho de* 1852—O Sr. Antonio José da Figueiredo *em carta de* 20 *de Março deste anno*. Um retrato de meio corpo

LLL

Nanking.

Na China, da parte do oriente, ao sul de Peking, e sôbro a margem meridioual do rio Yang-tse-Kiang, quo desagua no mar da Corea, está situada a cidade de *Nanking*, que foi por muito tempo capital do grande imperio Chinez até 1421, em que Youn-lo, terceiro Imperador da dyuastia Ming, estabeleceu a sua capital em Peking: é *Nanking* uma das mais antigas e mais famosas cidades da China. Por vezes nella penetraram os Missionarios da Christandade; mas depois que S. Francisco Xavier regou com seus suores a terra Sinense, não deixou do ser la constantemente pregado o Evangelho: a côrte de Portugal procurou estabelecer Igreja nesta cidade, e os esforços de ElRei D. Pedro II o conseguiram do Santo Padre Alexandre VIII, que separou da outra de Macao as Christandades da parte oriental da China, e estabeleceu uma *Diocese* media entre aquella ao poente, e a de Peking ao norte, collocando a Cadeira Pontifical em *Nanking*, dedicando a Nossa Senhora a nova Igreja, e fazendo-a *Suffraganea* de Gôa por Bulla do 10 do Abril de 1690. O primeiro *Bispo* desta *Diocese* foi, segundo as memorias que tenho presentes, *Antonio Paes Godinho* sagrado em 21 de Setembro de 1717, que renunciou pouco depois; e se lhe seguiram *Fr. Manoel de Jesus Maria* sagrado em 1721; *Fr. Francisco de Santa Rosa* sagrado em 1743; *Godofredo Lambekowen* instituido em 1752; *Fr. Natanael Burger* instituido Coadjutor do antecedente em 1778, e que não chegou a succeder-lhe, mas governou em seu nome a Igreja; *Euzebio Luciano de Carvalho Gomes da Silva*, de quem logo direi; *Caetano Pereira Pires* desde 20 do Agosto de 1804, quo foi o ultimo *Bispo* desta *Diocese*, hoje reduzida a Vigariado Apostolico[1], que administra desde 1849 Francisco Xavier Maresca *Bispo* de Sodi.

142.°

Venerando EUZEBIO LUCIANO DE CARVALHO GOMES DA SILVA.—Nasceu este Prelado na Freguezia de Seruache do Bom Jardim a 8 de Dezembro de 1763, filho de Domingos da Silva o Anna Joaquina, e irmão de Manoel Joaquim da Silva Arcebispo de Adrianopoli, o de Marcellino Jose da Silva *Bispo* de Macáo: vestiu a roupeta da Santa Congregação da Missão na casa de Rilhafolles de Lisboa a 3 de Julho de 1779; e ordenado Sacerdote, passou a India a exercer o Santo Ministerio da catechese: o seu zêlo pela salvação das almas moveu a piedade da Rainha e Senhora D. Maria I para elegê-lo *Bispo* do *Nanking* em 14 de Julho de 1789, e o Santo Padre Pio VI a confirma-lo em 14 de Dezembro desse anno; mas todas as esperanças, que de seu Pontificado, por bem das almas, se conceberam, cortou-as Deus chamando-o para si em Gôa, antes de sagrado, no dia 30 do Março do 1790, do vinte e seis annos, tres mezes, e vinte e seis dias de idade.[2]

MMM

S. Sebastião do Rio de Janeiro.

Caminhando na direcção do sul desde S. Salvador da Bahia, se vai ter ao Cabo-frio, o, passando este para o Occidente, se encontra a cidade do *S. Sebastião do Rio de Janeiro*, levantada na costa meridional. Mendo do Sa governador do Brasil lhe lançou os fundamentos em 1568, e lhe deu o nome do bemaventurado Martyr, por haver aportado ali na ante-vespera da sua festividade, antepondo-o ao de *Rio de Janeiro*, quo Martim Affonso de Sousa lhe pozera, por descobrir essa terra no 1.° de Janeiro de 1532: desde 1807 foi esta cidade capital não só do Brasil, mas ainda de Portugal, acolhendo-se a ella, pela invasão Franceza, ElRei D. João VI: perdeu essa qualidade quando este Soberano veiu à Europa chamado pelos bandos de 1820; mas depois, em 1825, se constituiu côrte do imperio do Brasil.

O Santo Padre Innocencio XI, em 17 de Dezembro de 1676, separou da *Diocese* da Bahia as Parochias do sul, o formou com ellas uma Igreja, collocando a Cadeira Pontifical na cidade do *S. Sebastião do Rio de Janeiro*. O seu primeiro *Bispo Fr. Manoel Pereira*, quo entrou naquelle anno (1676), o resignou; seguiram-se-lhe *José de Barros de Alarcão*, e *Francisco de S. Jeronymo*, de quem logo direi; *Fr. Antonio de Guadelupe* trasladado a Vizeu em 1739; *Fr. João da Cruz Salgado* trasladado a Miranda om 1751; *Fr. Antonio do Desterro Malheiro*, do qual farei depois menção; *José Joaquim Justiniano Mascarenhas Castello Branco* desdo 1773; *José da Silva* instituido em 1806; e actualmente *Manoel do Monte Rodrigues de Araujo*[3] desde 13 de Dezembro de 1839.

143.°

Venerando FRANCISCO DE S. JERONYMO.—Nasceu este Prelado em Lisboa filho da Francisco de Andrade de Mello, natural da ilha de Santa Maria, e do sua primeira mulher Maria da Silva natural daquella eidade; e foi baptisado na Parochia dos Anjos da mesma: entrou na Congregação dos Conegos

[1] O Santo Padre Gregorio XVI, prohibindo o provimento desta Igreja, instituiu *Bispo* de Claudiopoli e Administrador Apostolico della o Reverendo João de França Moreira e Castro eleito *Bispo* de Peking pela côrte de Portugal, que recusou aceitar a jurisdicção delegada, e saiu da China para missionar em Timor.

[2] *Processo Canonico para a Igreja de Nanking, de 27 de Julho de* 1789—Pereira de Figueiredo *Lusitania Sacra*. Um retrato de meio corpo.

[3] Não sei agora se este Prelado é o successor immediato de *José Joaquim Justiniano Mascarenhas Castello Branco*.

Seculares de S. João Evangelista em 28 do Setembro de 1666, em que seguiu o Magisterio até Lente de prima, e a Prelazia até Geral, para que foi eleito no Capitulo do 27 da Junho de 1689, e segunda vez no de 14 de Maio de 1698: a Inquisição o nomeou anteriormaute seu Qualificador em 4 de Novembro de 1684; depois o côrte o elegeu *Bispo do Rio de Janeiro;* e a Santa Sé o instituiu nesta Igreja por Bulla de 8 de Agosto de 1701. Tomou posse da *Diocese* no anno seguinto, e nella presidiu como bom Pastor até 7 de Março de 1721, em quo passou desta vida na idade do 73 annos.[1]

144.°

Veneravdo Fr. ANTONIO DO DESTERRO MALHEIRO.—Nasceu este Prelado na quinta do Pomar-chão junto a Ponte de Lima, filho de Ventora *Malheiro Reimão*, homem fidalgo e senhor de casa herdada de seus ascendentes, e de D. Paschoa Pereira Ferraz, a irmão de Gaspar *Malheiro Reimão*[2]: de moço entron na Ordem Monastica de S. Bento, em que foi Abbade do Collegio da Estrella e seu bemfeitor: ElRei D. João V o elegeu *Bispo* de Angola em 1738, e, confirmado pela Santa Sé, presidiu nesta Igreja ate 15 de Dezembro de 1745, em que foi trasladodo á de *S. Sebastião do Rio de Janeiro:* durou-lhe a vida até 1773, em quo deu fim sua carreira mortal.[3]

NNN

Mariana.

Na America meridional, entre as *Dioceses* da Bahia ao norte, e do Rio de Janeiro ao sul, está a de *Mariana*, erecta em 15 de Dezembro de 1745 nas Parochias da capitauia de Minas Geraes, que antes pertenciam á Igreja de S. Sebastião do Rio de Janeiro, de que se separaram, collocando-se a Cadeira Pontifical em *Mariana*, o fazendo-se o seu Prelado *Suffraganeo* da Metropole de S. Salvador da Bahia.

Fr. Manoel da Cruz, trasladado em 1745 do Maranhão para fundar a Santa Igreja de *Mariana*, foi o primeiro *Bispo* della; e se lhe seguiram, depois do seu fallecimento em 1763, *Joaquim Borges de Figueiroa* confirmado em 1771, mas que antes de la passar foi promovido a Metropole de S. Salvador da Bahia; *Bartholomeu Mendes dos Reis* trasladado de Macao, tendo-se-lhe feito processo canonico para esta Igreja em 20 de Maio de 1772, e renunciou sem ir á *Diocese; Fr. Domingos da Encarnação Pontevel* instituido em 1779; *Fr. Cypriano de S. José*, de quem vou dizer; *Fr. José da Santissima Trindade* desde 1819; *Carlos Pereira Freire de Moura*[4] confirmado em 1840; e actualmente *Antonio Ferreira Viçoso* desde 22 de Janeiro de 1844.

145.°

Veneravdo Fr. CYPRIANO DE S. JOSÉ.—Nasceu este Prelado em Lisboa filho de Caetano Baptista, natural da Freguezia de S. Pedro de Porto de Moz, e de Rosa Mario natural da Freguezia de S. Thiago de Torres Novas; e foi baptisado em S. Sebastião da Pedreira a 5 de Janeiro de 1744: abraçon o Instituto dos Menores Reformados da Provincia da Arrabida, tomou a Sagrada Ordem de Presbytero em 21 de Dezembro de 1768, e seguiu o Magisterio, em que jubilou, e as Prelazias de sna Provincia, de que foi Visitador Geral por Brevo do Nuucio Bartholomeu Pacca, de 5 de Abril de 1796, e de outras, por isso se lhe deu o titulo de Padre das Provincias da Arrabida, Santo Antonio, e Algarve; e foi Commissario Delegado do Semiuario de Brancanes, e Prégador Regio da Capella da Bemposta. Nesse anno (1796) a côrto o elegeu *Bispo* de *Mariana*, de que se fez aviso ao Nuncio em 25 de Julho para ordenar o processo; e, sentenceado este em 22 de Agosto, Sua Santidade o confirmou em 24 de Julho do anno seguinte (1797): presidiu nesta Igreja até 14 de Agosto de 1817, em que morreu.[5]

OOO

Castello-Branco.

Na Lusitania, umas quatorze leguas ao sul da Guarda, e quatro no norte do Téjo, entre as ribeiras Ponsul e Liria, que desaguam naquelle famoso rio, se eleva um monte, sôbre o qual está aituada a cidade

[1] *Actos Capitulares da Congregação de S. João Evangelista de* 1677 *a* 1712, e *Ingresso da mesma desde* 1677 a 1715 (originaes do Archivo Nacional)—Archivo Nacional, no *Secreto do Conselho Geral do Santo Officio*, maço 17 de Inquirições n.° 491—e maço 43 de Bullas n.° 9—Pereira de Figueiredo *Lusitania Sacra*. Um retrato de corpo inteiro, e outro de meio corpo.

[2] Bisavô de Ventura *Malheiro Reimão*, que de sua mulher D. Thereza Victoria de Calheiros teve D. Clara Carolina *Malheiro* Lobato Telles, mulher de seu tio materno José Lopes de Calheiros e Menezes, e mãe de Ventura *Malheiro Reimão* Marinho Lobato Lobo, actual senhor desta casa.

[3] *Notizie di Roma per l'anno* 1788—Pereira de Figueiredo *Lusitania Sacra*—O venerando Bispo de Lamego *em carta de* 13 *de Julho do anno passado* 1852. Um retrato de corpo inteiro.

[4] É para mim incerto se foi o successor immediato de *Fr. José da Santissima Trindade*, mas de presente não tenho meio de obter documento, que me illucide.

[5] *Livro para se lançarem as Patentes dos Prelados da Provincia de Santa Maria da Arrabida, pertencente ao Convento de S. José de Ribamar* (original do Archivo Nacional)—*Processo Canonico para Marianna em* 1798—*Notizie di Roma per l'anno* 1806. Um retrato de meio corpo.

de *Castello-Bronco*: o nome de area era *Mancarche* ou *Moncarchino*, e o de seu districto *Cordoza*, que em 1214 ElRei D. Affonso III deu á Ordem Militar do Templo; esta fundou o castello e povoação, poz-lhe o oome de *Castello-Branco*, e deu foral aos seus moradores: da Cavallaria do Templo passou á de Nosso Senhor *Jesus Christo*; e, secularisada esta em 1492, as suas rendas foram pereebidas a titulo de Commendo por familias particulares, e a constituição do municipio foi reformada com novo foral por ElRei D. Maooel em 1510: mais tarde, em 20 de Março de 1771, foi a villa de *Castello-Bronco* elevada á cathegoria de cidade.

Pela Bulla *In Militontis Ecclesioe* de 15 de Junho de 1771, o Santo Padre Clemente XIV separon da *Diocese* Egitanense oitenta e duas Parochias, e com ellaa ordenou uma nova *Diocese*, constituindo a Sé em *Castello-Bronco*, e sujeitando-a, em qualidade de *Suffroganeo*, á Metropole Olisiponense. Esta Igreja até hoje não tem Cabido nem mesmo Templo proprio para Cathedral; e como foi uma das erectas sem outra rasão mais que a vontade de se abater a dignidade Pontifical, apresentando-se á Santa Sé premissas falsas, porque não eram baseadas na verdade com respeito á exteusão de limites, nem no incremeoto de população[1], oecessariamente se hn de extinguir; ha muito esta vaga, e hoje é administrada pelo Prelado Lisbonense. O primoiro *Bispo* de *Castello-Branco* foi *Fr. José de Jesus Moria Caetano* sagrado em 1772: seguiram-se-lhe *Fr. Vicente Ferrer da Rocho*, de quem vou dizer, e *Joaquim José de Mirando Coutinho*, que entron em 1820, e morreu em 1831: deste então ficou vaga esta Igreja.

146.°

Veneaando Fr. VICENTE FERRER DA ROCHA.—Nasceu este Prelado em Lisboa em 5 de Abril de 1737, filho de Antonio Rodrigues Lucas e de D. Joanna Paulina Theodora, e foi baptisado na Parochia do Santos o *Velho* a 13 do dito mez e anuo: abraçou o Instituto de S. Domingos, e seguiu a carreira do Magisterio occupando as Cadeiras de philosophia e theologia: a corôa o escolbeu para Prégador da Real Capella da Bemposta, e a Inquisição, em 18 de Março de 1777, o nomeou sen Qualificador, e por fim membro do tribunal na qualidade de deputado. A Rainha e Senhora D. Maria I o elegen *Bispo* de *Castello-Bronco*, e a Saotidade de Pio VI o coofirmou por Bulla de 25 de Julho de 1782: receben a Uoção Sagrada em 24 de Fevereiro de 1783; e em seu oome tomou posse da *Diocese* o Vigario Geral della José Francisco Pereira em 22 de Março seguinte: no dia de Santo Antonio partiu para o centro de suas ovelbas, o ns dirigiu até 27 do Agosto de 1814, am quo fallecau.[2]

[1] A parte occidental da Lusitania não precisa mais do que as Igrejas do tempo Romano, isto é, Vizeu, Coimbra, Lisboa, Evora, e Ossonoba (ou seja Faro): do que unicamente ha urgencia, é de ordenar seus limites com relação ao conceito regionario.

[2] Archivo Nacional *Secreto da Inquisição*, maço 2 de Inquirições n.° 42—*Processo Canonico para a Igreja de Castello Branco feito em 29 de Julho de* 1782—Archivo Nacional, maço 56 de Bullas n.° 15—Pereira de Figueiredo *Lusitania Sacra*—O Sr. Escrivão da Camara Ecclesiastica de *Castello Branco em informação remettida* ao Reverendo Prior de S. Julião de Lisboa *com data de* 25 *de Março de* 1851. Um retrato de corpo inteiro.

PARTE SEGUNDA.

I.

PRESBYTEROS.[1]

Jesus Christo deu o podêr de celebrar o Sacrosantissimo Sacrificio e outros Sacrameotos, prégar, ensinar, e administrar o seu rebanho a todos os *Preebyteros:* tão alta é a sua dignidade, que, como fica escripto, succederam no Ministerio sublime do *Sacerdocio* ao proprio Divino Fundador de nossa Santa Religião. O auctor das Constituições Apostolicas, expondo em que consistia esse Ministerio sublime, disse dos *Presbyteros* a todos os Christãos «elles *vos regeneraram pela agua, e vos santificaram com o Espirito Santo, vos alimentaram com a palavra, e vos educaram com o doutrina, vos absolveram dos peccadoe, vos tornaram dignos do Corpo salutar e Sangue precioso, e vos fizeram participantes do Santissima Eucharistia;*» e mais adiante accrescentou, «que ao *Presbytero estava commettido o povo do Senhor, e que de suas almas daria conta.*» Posto que inferior ao Bispo, S. Basilio chamou o Melecio *Compresbytero e consorte do trabalho Evangelico:* Santo Epiphanio, para marcar a inferioridade do *Sacerdote* em relação ao Bispo, trouxe a admoestação do Apostolo a Timotheo «*não reprehendae o Presbytero, mas admoesta-o como pae,*» e com esta mesma sentença o Santo Padre fez ver a excellencia da dignidade *Sacerdotal:* por último S. Jeronymo, com a vehemencia de seu caracter, tão altamente respeitavel, como sua profunda sabedoria, e louvavel zêlo pelas cousas de Deos, fez sentir, que *era um pessimo costume calarem-se os Presbyteros em certas Igrejas, e não fallarem diante dos Bispos, como se elles aborrecessem, ou se não dignassem ouvi-los.*

Mas tão alta dignidade requer no sujeito dotes eximios e grandes virtudes, não só pela santidado do caracter, mas porque, se não tiver aquelles nem estas, devorará o rebanho do Senhor, ou escandalisará os fieis conduzindo-os á perdição, em logar de guia-los no caminho do Céo. O Santo Synodo Tridentino admoeston os *Sacerdotee a entenderem, que nãa foram chamados pora tratar de eeus proprios commodos, nem das riquesas ou de luxo, mas para trobalhor pela gloria de Deos:* Santo Ambrosio com o Apostolo reprovou-lhes *toda a ingerencia em negocios temporoes, porque militavam para Deos:* entretanto nem uma só lei da Igreja os inhibe de alimentar-se com o trabalho de suas mãos no caso extremo da necessidade, antes Santo Agostinho, com alguns Padres e Concilios aconselhou esse expediente para adquirir a comida e o vestido; e na verdade, a mão do *Sacerdote*, que ha de operar o milagre da transubstanciação, não se pollue imitando a mão do çapateiro; mas o *Sacerdote* corrompe-se, e deshonra seu alto caracter exercendo outro acto quer politico, quer civil, quer militar, porque nenhum desses é annexo ao Ministerio sublime do Altar, e, seja qual fôr deste genero, envolve a qualidade de negociação secular; por isso,

[1] No Santo Episcopado attendi ás Igrejas e não ás pessoas dos Prelados; aqui é forçoso attender ás pessoas dos *Sacerdotes.*

o, que a ellas se entrega, não póde dizer com o Psalmista «*quoniam non cognovi negotiationes, introibo in potentias Domini*,» e incorre na indignação do Senhor, que expulsou os vendilhões do Templo dizendo-lhes «*Nolite facere domum Patris mei domum negotiationis.*» Mas o *Sacerdote* nunca teve, nem terá em tempo algum necessidade de descer a ministerios baixos, se se abandonar completamente a vontade de Deos, salvo no meio de uma vida torpe e negativa para os trabalhos do Evangelho, porque então nada lhe bastará, seja elle procurador, advogado ou juiz de grande fama, magistrado de qualquer ordem, soldado ou general; e nunca deixará de ser olhado como um escandalo: tal é a sorte do *Sacerdote* do Christianismo, que não tem o verdadeiro espirito do seu ministerio «*vive detestado, e morre amaldiçoado*,» em quanto que o verdadeiro discipulo de *Christo*, que enxuga as lagrimas dos desgraçados com palavras de amor, que só cuida das necessidades alheias, e sacrifica os seus proprios commodos, o seu socego mesmo em beneficio dos fieis, que o cercam, é o Anjo do Senhor, que desceu do Céo para receber as bençãos de todos durante a sua passagem na terra, o que, finalisada, ouve lá no seio de Deos os lamentos de saudade, e as preces de quem ainda peregrina por este valle de lagrimas.

147.º

Reverendo JOAS Conego Regular. — Em 25 de Julho de 1139 ElRei D. Affonso Henriques venceu, na batalha de Ourique, o exercito dos Sarracenos commandado por ElRei Ismael e mais quatro Principes: aquelle pôde evadir-se, e dois dos outros ficaram captivos, e, depois de instruidos em nossa santa Religião, se baptisaram, e receberam de S. Theotonio, em Santa Cruz de Coimbra, um a Murça de Conego Regular, e outro a Roupeta de Converso: este se chamou Giraldo de Cis, e aquelle *Joas*, que foi ordenado de *Sacerdote*, e falleceu em 27 de Novembro. Toda a noticia individual destes servos de Deos funda-se no antigo obituario de Santa Cruz, que lhes chama Reis, e, tratando do presente, expressa: *Quinto kalendas Decembris obiit Joas Rex Presbyter Canonicus Sancte Crucis.*[1]

148.º

Reverendo Fr. GONÇALO DE LISBOA ou HISPANO[2] Religioso da Ordem da Santissima Trindade. — Nasceu em Lisboa e foi estudar a Paris, onde teve por condiscipulo a S. João da Matta, de cujas mãos recebeu o Habito Trinitario no Mosteiro de Cervo-Frigido, em que perseverou fazendo vida Monastica, e cumprindo com devota dedicação o sagrado Ministerio *Sacerdotal*, a que fôra elevado; passou com o servo de Deos a Roma, onde levou estimações do Santo Padre Innocencio III, que lhe deu o encargo de seu Legado na Sicilia e Palestina: depois de satisfeito esse encargo, o mesmo Santo Padre o tomou por seu Capellão, e enviou, em 1210, Nuncio a Hespanha, e o fez Colleitor em Portugal para cobrar o censo promettido á Sé Apostolica pelo feudo do reino. Neste mesmo anno decidiu, com vantagem para ambas as partes, um litigio entre o Mosteiro da sua Ordem em Santarem e os Beneficiados da Igreja do Salvador dessa villa: depois, em Dezembro de 1213, recebeu de ElRei D. Affonso II, em Coimbra, o censo atrasado; pelo que este Principe obteve a absolvição imposta pelos Abbades de Spina e Osseira em virtude de não o haver querido pagar. No anno seguinte falleceu naquelle Mosteiro de Santarem, e lá jaz[3]: todas as suas memorias terminam aqui.

149.º

Veneravel NUNO SANCHES Conego Regular. — Era filho illegitimo de ElRei D. Sancho I havido em D. Maria Paes: vestiu a Murça Canonical no Mosteiro de Grijó da Ordem de Santo Agostinho; fez seus estudos, e subiu á dignidade *Sacerdotal*: sua vida foi exemplar, distribuindo elle o tempo pela oração, estudo das sagradas letras, cópia de monumentos antigos, assistencia aos enfermos, e ministerios mais inferiores do Claustro: sua devoção, humildade e caridade eram edificantes, e por taes virtudes mereceu a corôa no Céo desde 16 de Dezembro de 1216, em que largou esta vida: a mais preciosa memoria, que delle resta e a do antigo obituario de Santa Cruz, que expressa a sua morte deste modo: «*Decimo septimo kalendas Januarii obiit D. Nunius Sancii filius Domini Regis Sancii et D. Marie Pelagii Canonicus Ecclesiole.*[4]

150.º

Reverendo ANCHERIO PANTALEÃO Cardeal Presbytero da Santa Igreja de Roma. — Nasceu em Troyes da Champagne, filho de um irmão do Santo Padre Urbano IV: seguiu a vida Ecclesiastica, e foi Arcediago da Igreja de Laon, de que foi elevado por seu tio á Purpura *Sacerdotal* na primeira creação de Cardeaes do anno 1261, e recebeu o titulo de Santa Praxedes; logo depois o mesmo Santo

[1] *Chronicon Conimbricense sub era* 1177 — Anonymus *Vita S. Theotonii* — *Chronicon Gothorum sub era* 1177 — *Obituario antigo de Santa Cruz de Coimbra, referido por* D. Nicoláo de Santa Maria *na Chronica dos Conegos de Santo Agostinho* — D. Ignacio de Nossa Senhora da Boa Morte *Diario Historico*. Um retrato de meio corpo

[2] Foi conhecido por ambos estes nomes; em Portugal se lhe chamou *de Lisboa*, e em Roma *Hispano*.

[3] Fr. Jeronymo de S. José *Historia Chronologica da Ordem da Santissima Trindade* — Pereira de Figueiredo *Lusitania Sacra* — Herculano *Historia de Portugal*. Um retrato de corpo inteiro

[4] D. Nicoláo de Santa Maria *Chronica dos Conegos de Santo Agostinho* — D. Ignacio de Nossa Senhora da Boa Morte *Diario Historico*. Um retrato de meio corpo.

Padre o encarregou dos negocios da Curia; a Santidade de Clemente IV o fez seu Legado na coroação de Carlos de Anjou Rei de Napoles e Sicilia, e para socegar os povos sublevados pelo tyranno Manfredo; e o Santo Padre Nicoláo III lhe deu suas vezes para receber o juramento de fidelidade dos Bolonhezes. Foi *Ancherio Pantaleão* illustre pela honestidade de costumes, prudencia e doutrina, e deixou memoria sua no Templo de Santo Urbano levantado por seu tio em Troyes na casa paterna, instituindo nelle um capitulo de dôze Conegos, e nos seus escriptos em poesia sagrada e profana. Falleceu em Roma no 1.º de Novembro de 1286, e lhe deram sepultura na Basilica de Santa Praxedes, pondo sôbre a campa o seguinte epitaphio:

QUI LEGIS ANCHERUM DURO SUB MARMORE CLAUDI,
DICITO QUAM VERUM PERDIDIT ORBIS HERUM![1]
TRECA PARIT PUERUM, LAUDANUM DAT SIBI CLERUM,
CARDINE PRAXEDIS TITULATUR, ET ISTIUS AEDIS,
DEFUIT IN COELIS, LARGUS FUIT, ATQUE FIDELIS,
DAEMONIS A TELIS SERVA, DEUS OPTIME, COELIS[2]
AÑNO MILLENO, CENTUM BIS, OCTOCENO[3]
SEXTO, DECESSIT HIC PRIMA LUCIS NOVEMBRIS.[4]

151.º

Reverendo Fr. GUILHERME GARRÃO Religioso Menor.—Nasceu em Wara perto de Londres, e abraçou o Instituto de S. Francisco de Assis: seus estudos lhe conseguiram o Magisterio, e, elevado ao *Sacerdocio*, ensinou nas Universidades de Oxford e Paris, nas quaes teve por discipulo o famoso João Duns Scot. Foi de engenho agudissimo; as suas principaes applicações foram á theologia escolastica; e mereceu, pelos seus trabalhos litterarios da Cadeira, e escriptos, o pomposo titulo de *doctor fundatus*. Conta-se Fr. Guilherme em o número dos illustres alumnos da célebre escóla das subtilesas, a que deu comêço Pedro Lombardo, e na qual a par de muitas cousas uteis se gastou o tempo em muitas inutilissimas, e ás vezes prejudiciaes, até a época em que Deus permittiu, que apparecesse o livro celestial intitulado *Imitação de Christo:* a esse livro se deveu conhecerem os doutores, que, para saber alguma cousa, era necessario mais humildade, e mais profundo estudo nas applicações realmente uteis da sciencia. Entre outras obras deste Religioso não tem o menor logar os seus *Commentarios aos livros das sentenças* de Pedro Lombardo. O tempo, em que gosou maior nomeada, foi pelos annos 1290. Jaz em Colonia, onde, sôbre o sepulchro, o collocaram entre quinze doutores.[5]

152.º

Reverendo Fr. RICARDO MYDLETON ou MEDIA-VILLA Religioso Menor.—Foi Inglez de nascimento, alistou-se na Milicia Serafica, e por seus estudos subiu ao Magisterio e ao *Sacerdocio:* occupou com applauso Cadeira na Universidade de Oxford, e teve o grão de doutor na de Paris, onde disputou, e ensinou com dignidade: applicou-se principalmente ao direito Canonico; era de engenho agudo, e subtilissimo em destruir sophismas, por isso teve o titulo de *doutor solido, copioso, fundatissimo* e *auctorisado:* defendeu a Regra de S. Francisco, então impugnada por muitos, e condemnou os escriptos de Fr. Pedro João Olivi da sua Ordem, nos quaes chamava á Igreja de Roma synagoga do diabo: floresceu pelos annos 1290; deixou memoria de seus talentos nos *Commentarios aos quatro livros das sentenças; sôbre os quatro Evangelhos;* e *sôbre as Epistolas de S. Paulo; a favor da Regra de S. Francisco*, e *contra Fr. Pedro João Olivi*, além de outros escriptos; e acabou com opinião de bons costumes.[6]

153.º

Veneravel THOMAZ DE OCRA Cardeal Presbytero da Santa Igreja de Roma.—Nasceu em Theramo cidade do Abruzzo, filho dos senhores de *Ocra*, familia principal do reino Napolitano: desde menino se inclinou á vida Monastica attrahido pela fama de santidade de Pedro Moron, que no Summo Pontificado se chamou Celestino V: abraçou por isso a nova Ordem de Monjes Eremitas, por elle fundada debaixo da Regra de S. Bento, e que depois se chamou *dos Celestinos;* e nella teve progressivo incremento sua piedade, e sciencia nas cousas de Deos, pelo que se tornou altamente recommendavel. Com o andar do tempo, constituido um perfeito *Sacerdote*, foi eleito Abbade do Mosteiro de S. João *in plano* da Diocese de Lucera, de que o Santo Padre Celestino V o elevou á Purpura na creação de

[1] Em Aubery «Si nescis Aldi, quem nece perdis herum.»

[2] Em Aubery «Daemonis a telis serva Deus hunc quoque coelis.»

[3] Em Aubery «Anno milleno, centum bis et octogeno.»

[4] Aubery *Histoire Generale des Cardinaux*—Ciaconius et Olduinus *Vitae et Res Gestae Pontificum Romanorum et S. R. E. Cardinalium*—Egas *Purpura Docta*. Um retrato de meio corpo.

[5] Waddingus *Annales Minorum*—Boulay *Historia Universitatis Parisiensis*—Fr. Joannes a S. Antonio *Bibliotheca Universa Franciscana*. Um retrato de meio corpo.

[6] Waddingus *Annales Minorum*—Boulay *Historia Universitatis Parisiensis*—Fr. Joannes a S. Antonio *Bibliotheca Universa Franciscana*. Um retrato de meio corpo.

Cardeaes feita pelas temporas de Setembro de 1294, e lhe deu o titulo Presbyteral de Santa Cicilia: aceitando com verdadeira repugnancia e piedosa obediencia, ordenou sua casa a modo de Claustro, em que vivia retirado, e entregue á contemplação e ao estudo: assim viveu ate que, no dia 2 de Maio de 1300, foi receber na Eternidade o premio de suas eximias virtudes.[1]

154.°

REVERENDO RODRIGO AFFONSO CONEGO REGULAR.—Entre os filhos illegitimos de ElRei D. Affonso III de Portugal contamos este, que abraçou a Regra Augustiniana no Instituto Canonico de Santa Cruz de Coimbra; e, ordenado de *Sacerdote*, foi Prior de Santa Maria da Alcaçova de Santarem, onde observou a vida commum com os seus Clerigos, e falleceu a 10 de Setembro de 1302: delle se escreveu no antigo obituario daquelle insigne Mosteiro: «*Quarto Idus Septembris obiit D. Rodericus Alphonsi filius Domini Alphonsi Regis Portugallie et Algarbii, Canonicus S. Crucis, et Prior S. Marie de Alcaçova de Santarem, era* 1310.[2]

155.°

REVERENDO PEDRO AFFONSO CONEGO REGULAR.—Entre os filhos illegitimos de ElRei D. Affonso III se conta tambem este, de que so ha noticia pelo antigo obituario de Santa Cruz de Coimbro, que lhe dá tão illustre pae, colloca-o entre os Conegos Regulares desse Mosteiro, e, por não apresentar expressão contrária ao *Sacerdocio*, devemos considera-lo elevado a esta alta dignidade: eis-ahi o texto: «*Kalendas Aprilis obiit Domnus Petrus Alphonsi Domini Regis Portugallie et Algarbii filius, Canonicus S. Crucis.*»[3] Sabemos que falleceu no 1.° de Abril; mas, ignorando-se o anno, parece que podemos suppôr este facto nos ultimos tempos do seculo XIII ou comêço do seguinte, se elle com effeito era filho de ElRei D. Affonso III, que morreu em 1279. Que o foi de um Rei de Portugal, di-lo o texto; que seu pae era Affonso, expressa-o o patronimico mencionado no mesmo texto; qual Affonso, entre terceiro e quarto, porque dos outros não o foi, visto encontrar monumentos claros, eis-ahi a dúvida; mas essa dúvida résolve-se, porque só do terceiro se não sabem todos os filhos illegitimos.

156.°

VENERAVEL FR. JOÃO DUNS SCOTO RELIGIOSO MENOR.—Esses appellidos indicam o logar do seu nascimento, e a lingua que fallou: desde moço recebeu o saial da Ordem de S. Francisco no Mosteiro de Newcastle; e fez, com grande proveito, seus estudos na Universidade de Oxford: foi dotado de raro talento e de eximias virtudes, e essas o tornaram digno do *Sacerdocio*, que recebeu: passando a París, na sua Universidade tomou o grão de bacharel em 1305, e pouco depois o de doutor; e subiu a Cadeira no Mosteiro Serafico dessa cidade, em que leu com applauso, como antes lhe succedêra em Oxford, e depois em Colonia, para onde passou por ordem de seu Geral, e lá falleceu em 8 de Novembro de 1308. Teve a gloria de formar uma escola opposta a do *doutor Agelico*; e seus discipulos levaram o nome de *Scotitas*, como os deste Bemaventurado o de *Thomistas*; porém muito maior glória lhe coube por ser o primeiro doutor, que defendeu vigorosamente a opinião, já de ha muito admittida na Igreja sôbre o *Mysterio da Conceição immaculada da Santissima Virgem*. Ainda que não fôsse tão curta sua vida, como se pretendeu, é certo que parece ter vindo ao mundo só para escrever, em presença da extensão de suas obras sôbre a philosophia de Aristoteles, que era a questão da epoca: entre essas devem mencionar-se talvez como mais recommendaveis o *Tratado do principio das cousas*, e o do *primeiro principio; os Sermões do tempo, e dos Santos; as Leituras sôbre* o *Genesis e sôbre os Evangelhos; os Commentarios ao Evangelho de S. Matheus, as Epistolas de S. Paulo, e ao Apocalypse*. Foi e é conhecido pelo nome de *doutor subtil*, pela agudesa extrema de suas ideas; posto que em seus escriptos se notem ridicularias, essas apparecem nos de outros auctores muito louvados; e, com relação á licença de inventar palavras, disse um judicioso auctor, o Abbade Rohrbacher, que o fez com elementos latinos, em quanto os naturalistas e outros sabios modernos se authorisam a fazer todos os dias na lingua Franceza uma mistura de termos de outras vivas e mortas, que a tornam uma Babylonia. Seja como fôr, é eminentemente certo, que *Fr. João* mereceu, por seus serviços a Igreja de Deos, e por seu saber, a admiração dos coetaneos; e sua memoria posthuma merece respeito, porque sua vida foi exemplar: jaz a entrada da Sacristia do Mosteiro de Colonia, e em sua sepultura se pozeram muitos epitaphios, de que o seguinte dizem ser o primeiro:

CLAUDITUR HIC RIVUS, FONS ECCLESIAE, VIS, VIVUS
DOCTOR JUSTITIAE, STUDII FLOS ARCA SOPHIAE,
INGENIO SCANDENS, SCRIPTURAE QUE ARDITA PANDENS
IN TENERIS ANNIS FUIT; ERGO MEMENTO JOANNIS.
HUNC DEUS ORNATUM FAC COELITUS ESSE BEATUM.
PRO PATRE TRANSLATO MODULEMUR PECTORE GRATO.
DUX FIAT HIC CLERI, CLAUSTRI LUX ET TUBA VERI.[4]

[1] AUBERY *Histoire Generale des Cardinaux*—CIACONIUS et OLDOINUS *Vitae et Res Gestae Pontificum Romanorum et S. R. E. Cardinalium*—MORONI *Dizionario*. Um retrato de meio corpo.

[2] FR. FRANCISCO BRANDÃO *Monarchia Lusitana*—D. NICOLÁO DE SANTA MARIA *Chronica dos Conegos de Santo Agostinho*—D. IGNACIO DE NOSSA SENHORA DA BOA MORTE *Diario Historico*. Um retrato de meio corpo.

[3] D. NICOLÁO DE SANTA MARIA *Chronica dos Conegos de Santo Agostinho*. Um retrato de meio corpo.

[4] WADDINGUS *Annales Minorum*—BOULAY *Historia Universitatis Parisiensis*—MORERI *Diccionario*—*Biographie Universelle*—ROHRBACHER *Historia Ecclesiastica*. Dois retratos de corpo inteiro, e dois de meio corpo.

157.º

Reverendo Fr. FRANCISCO DE MARCHIA Religioso Menor. — Era natural do Piceno, e professou na Ordem Serafica: fez com muito credito seus estudos, recebeu o *Sacerdocio*, e na Universidade de Paris, onde obteve a borla, levou de alguns o nome de *doutor excellentemente subtil*: foi um dos defensores da Conceição Immaculada da Santissima Virgem, e deixou memoria de seus estudos nos *Commentarios aos quatro Evangelistas*, aos *quatro livros das Sentenças*, aos *physicos de Aristoteles*, e aos *methaphysicos*: ouviu as lições de Scoto, e é por isso que eu posso calcular ser a idade, em que floresceu, o primeiro quartel do seculo XIV, depois do anno 1308, no qual terminou a carreira desta vida seu mestre.[1]

158.º

Reverendo Fr. FRANCISCO MAYRONIO Religioso Menor. — Nasceu em Digne na Provença: abraçou o Instituto de S. Francisco, e foi discipulo de Scoto: aproveitou muito em seus escriptos, e, constituido *Sacerdote*, se tornou digno de louvor no Pulpito e na Cadeira: foi dos mais famosos theologos escolasticos do seu tempo, porque se lhe deu o nome de *doctor acutus* e de *doctor illuminatus*; porque instituiu na Universidade de Paris o famoso *acto Sorbonico*, e por motivo de suas obras em ascetica, parenetica e polemica, que foram em grande numero, e de que muitas se não imprimiram: das impressas recordarei as *Praticas do Advento*, e os *Sermões da Quaresma, dos Santos, e dos louvores da Santissima Virgem*; a *explicação do Decalogo*; os *Tratados do Corpo de Christo, dos Anjos, do Baptismo, da Penitencia*, e *do Jejum*, e muitas outras: das não impressas os *Tratados da Oração Mental*, e *da Jerarchia Celeste*; os *Commentarios á Mystica de S. Dionysio Areopagita, a Santo Anselmo, e ao Genesis*; as *Questões da Escriptura*, e das *Duvidas theologicas*; as *Flores da Escriptura, e de Santo Agostinho*, e muitas outras: a época mais brilhante de sua idade passou pelos annos 1323.[2]

159.º

Reverendo Fr. NICOLAO FABRIANO Eremita de Santo Agostinho. — Nasceu em Fabriano na Toscana: entrou no Ermo Augustiniano, em que foi elevado ao *Sacerdocio*; obteve credito pela sua erudição, e fecundia no Pulpito, e mereceu ser eleito Provincial do seu Monastico; porem elle abusou do talento na Cadeira da verdade, tornando-se atrevido, e apostata, pelo que no anno 1324 foi condemnado pelo capitulo geral a carcere perpetuo, de que se evadiu, e passou a dar auxilio ao Imperador Luiz de Baviera, que fomentava o scysma contra a Santidade de João XXI: conseguindo por isso o affecto daquelle Principe, o anti-Papa Pedro de Corbaria, que se havia dado o nome de Nicolão V, por ordem delle o fez anti-Cardeal *Presbytero* de Santo Eusebio, depois lhe deu o Episcopado Albanense, e a administração de Camerino, e o nomeou legado aos Paizes-Baixos e Allemanha, em Ancona e na Lombardia; reconciliado porem no anno 1330 o anti-Papa com a Santa Se, o anti-Cardeal se submetteu, foi absolvido pelo Cardeal de S. João e Paulo, e delle recebeu a penitencia: entretanto a vida lhe durou pouco depois de depôr o Bago e a Purpura.[3]

160.º

Veneravel JOÃO BIRELLO Monje Cartusiano. — Nasceu em Limoges, abraçou o Instituto de S. Bruno, e Deos lhe abriu os thesouros da sua graça por modo que foi um varão eximio em santidade, e um dos mais eminentes do seu seculo em sciencia e prudencia: elevado ao *Sacerdocio* se apresentou no candelabro da Igreja como lua refulgente; foi Prior de Glanderio, e no anno 1346 o elegeram Geral da Ordem, em que succedeu a Henrique Poletti 22.º no cathalogo delles. O seu empenho era zelar a gloria de Deos e a salvação das almas, pelo que escrevia a diversos Principes com o fim de move-los a penitencia; e a fama desse zêlo, de sua piedade, austeridade e rectidão poz em tortura o Cardeal Albanense Talairando de Perigord no conclave por morte do Santo Padre Clemente VI; porque, indicado *João Birello* para successor, e levando seu nome os suffragios da maior parte, procurou dissuadir os Padres Purpurados, manifestando-lhes com franqueza, que se expunham a uma reforma inevitavel: disso se seguiu a eleição de Innocencio VI. Exaltado este Santo Padre á Thiara de S. Pedro, quiz aggregar ao Sacro Collegio o Geral da Cartuxa, mas não bastaram para isso todos os rogos do Pae commum da Igreja de Deos. Em 6 de Janeiro de 1360 acabou com a morte do justo aquelle a quem se regeitara o Vigariado de *Jesus Christo*, e que regeitou a Purpura Cardinalicia: Taleirando chorou o seu

[1] Waddingus *Annales Minorum* — Fr. Joannes a S. Antonio *Bibliotheca Universa Franciscana*. Um retrato de meio corpo.

[2] Waddingus *Annales Minorum* — Boulay *Historia Universitatis Parisiensis* — Fr. Joannes a S. Antonio *Bibliotheca Universa Franciscana*. Um retrato de meio corpo.

[3] Aubery *Histoire Generale des Cardinaux* — Ciaconius et Oldoinus *Vitae et Res Gestae Pontificum Romanorum et S. R. E. Cardinalium*. Um retrato de meio corpo

érro, em quanto Innocencio VI lamentou a perda do Santo, e santamente invejou a gloria que no Ceo lhe estava preparada.[1]

161.°

Reverendo GUILHERME REINALDO Monje Cartusiano. — Por nascimento Arvernense, por vocação Religioso de S. Bruno, e por affecto austero observante da disciplina do Ermo foi este *Sacerdote*: suas virtudes o collocaram no Priorado de Vallebom, e mais tarde o fizeram eleger Prelado maior do seu Monastico, e no cathalogo apparece em n.° 25 desde 1367. O Santo Padre Urbano V desejou mitigar os rigores do Cartuxa, manifestando a *Guilherme*, que estava disposto a conceder-lhe, e a seus successores, o titulo e qualidade Abbacial, como era em Cluni; aos Monjes, que rezassem todas as Horas Canonicas na Igreja como faziam os outros Cenobitas; que tomassem refeição, ao menos uma vez cada dia, juntos, segundo praticavam os mais; e que na enfermidade ou queixa comessem carne em logar separado, como os Benedictinos: esta deliberação de Sua Santidade o atormentou um pouco, e, para se escusar, convocou o capitulo geral; todos os Vogaes, do mesmo modo que elle, viram nisso o destruição da disciplina do seu Ermo; por isso mandou João de Nonville, Prior da Cartuxa de Avinhão, requerer ao Pae commum dos fieis, que não fizesse tal dispensa. Posteriormente um incendio reduziu a cinzas a Cartuxa maior, e, quando elle vivia mais atribulado imputando esse mal a castigo de seus peccados e da sua Ordem, Deos lhe offereceu meios de restauração, concorrendo para ella o Santo Padre Gregorio XI, muitos Prelados, os Reis de França, Inglaterra e Navarra, e diversos senhores poderosos. Mais adiante teve votos no falso conclave de Avinhão, em que veiu a ser eleito pseudo-Papa Clemente VII, e, favorecendo suas partes, foi deposto e excommungado pela Santidade de Urbano VI em 1379; entretanto rejeitou o anti-Cardinalato, que lhe dava Pedro de Luna, o qual, com o nome de Bento XII, succedêra aquelle Clemente VII, e, tendo reconhecido o legitimo successor de S. Pedro, passou desta vida em 5 de Julho de 1402.[2]

162.°

Veneravel Fr. JOÃO FERNANDES Eremita de S. Paulo. — Nasceu na cidade do Porto, dotado de raro engenho, grande amor a virtude, e muita inclinação a purêsa do estado Ecclesiastico: fez os seus estudos na Universidade de Salamanca, depois na de Paris, e nesta recebeu a borla doutoral: voltando a patria, mal se dava no bulicio do mundo; por isso, entrando em desejos de se retirar delle, Deos guiou seus passos em 1350 ao Ermo da Serra d'Ossa, onde por esses tempos viviam os Eremitas *Pobres de Jesus Christo da pobre vida* uma vido exemplar: depois de visitar as grutas pediu o habito ao veneravel Fr. Hilarião, Regedor[3] daquelles servos de Deos na grande *Provença*[4], que o recebeu prophetisando seu destino futuro com as palavras, que o Discipulo amado empregou no Precursor de Nosso Senhor *Jesus Christo* «*fuit homo missus a Deo, cui nomen erat Joannes:*» em pouco tempo se mostrou varão exemplar em todas os virtudes de um verdadeiro Anacoreta, e o Superior o destinou para explicar a seus irmãos a doutrina das sagradas letras. a que satisfazia sem se furror ás outras obrigações de sua profissão, do mesmo modo que as do *Sacerdocio*[5] e da Prelazia, quando a essas dignidades foi elevado por ser varão perfeito na sciencia e nos costumes. Uns vinte e seis annos eram passados, desde que abraçara o santo Instituto, quando poz por obra os ardentes desejos de concorrer para a reforma do Clero, tomando o caminho de Avinhão, e supplicando á Santidade de Gregorio XI, que, por bem da Igreja de Deos, lançasse os olhos sôbre o Clero de Hespanha, que, na maior parte, andava arredado do verdadeiro caminho: reconhecendo o Santo Padre a verdade da exposição, mandou em 1376 proceder á pedida e necessaria reforma pelos Bispos de Coimbra Pedro Tenorio, e de Tui João de Castro, e pelo Chantre de Braga Vasco Rodrigues, sendo agentes o veneravel *Fr. João Fernandes*, e outros Eremitas do mesmo Instituto Fr. João Pires, Fr. Vasco Pires de Avis, e Fr. João Domingues: pelas letras Apostolicas ficou sujeito a essa reforma todo o Clero de Hespanha desde o Episcopado, salvos apenas os Monjes da Cartuxa e os Religiosos Mendicantes: voltando *Fr. João* a Portugal, deu parte da sua commissão aos Juizes nomeados pela Bulla; mas, ou fôsse pelo receio das consequencias da gravidade do negocio, ou porque esperassem tempo opportuno, elles protrohiram a execução; e o servo de Deos, não podendo admittir dilações, tornou a Avinhão dahi a dois annos, e moveu o Santo Padre a expedir novas letras Apostolicas: procederam então os Legados da Santa Sé á visita e reformo; e os Eremitas da Serra de Ossa, quando todos os outros de Hespanha foram extinctos, não so perseveraram, mas tal era a perfeição de sua vida, que o Prelado de Tui renunciou depois a sua Igreja, e acabou seus dias entre elles, depois de vestir o santo Hobito. Correndo os annos foi eleito, por morte de Fr. Rozendo, em 1386, o veneravel *Fr. João* Regedor de todos os Mosteiros do Ermo da Serra de Ossa; e tratou de augmentar a Congregação com muitas graças Apostolicas e privilegios do corôa; entretanto maiores desvélos poz em prática

[1] Raynaldus *Annales Ecclesiastici* — Ciaconius et Oldoinus *Vitae et Res Gestae Pontificum Romanorum et S. R. E. Cardinalium* — Morotius *Theatrum Chron. Sacri Cartusiensis Ordinis* — *Prado Cartusiano* (ms do Archivo Nacional). Um retrato de corpo inteiro.

[2] Morotius *Theatrum Chron. Sacri Cartusiensis Ordinis* — *Prado Cartusiano* (ms. do Archivo Nacional). Um retrato de corpo inteiro.

[3] Este nome e o de Maioral davam estes Eremitas aos seus Prelados.

[4] Assim se chamavam aos Mosteiros da Serra de Ossa naquella epoca.

[5] Não vendo texto claro sôbre a dignidade *Sacerdotal* deste servo de Deos, e tendo só tres circumstancias por que podesse inferi-las, consultei o Reverendo Padre Fr. Manoel de Santo Ignacio ex-Geral desta Sagrada Religião, que me mostrou algumas memorias sôbre a historia da Congregação onde essa dignidade era manifesta na pessoa do veneravel *Fr. João Fernandes*.

para dirigir os Eramitas com amor da bom paa, e zêlo du verdadeiro Pastor, tendeudu, na parte da disciplina, á uniformidada de costumes o regularidada da trabalhos: assim perseverou ate ao nuno 1428, em que morreu santamento.[1]

163.°

Ravanando Fr. GERARDO DE ARIMINO Ereuita Augustiniane.—Era de Italia natural de Arimino, e abraçou o Instituto da Santo Agostinho: fez os estndos regulares, e obtove o Magisterio na sagrada theologia, a o Santo *Sacerdocio:* mais tarde, em 1432, subindo á Cadeira Pontifical de Cezena Fr. Agostinho Romano Geral desta Ordem, foi constituido Vigario della *Fr. Gerordo*; e uo Capitulo da Mantua, celebrado em 16 de Maio de 1434, a que presidiu, o elegoram Geral: em 21 de Maio da 1438, no Capitulo que então houve, este Monastico na Umbria e confirmon na dignidade; mas em 9 da Junho de 1443[2] no Capitulo de Sena a resignou.[3] Não alcancei outras noticias deste Religioso; mas, se é possivel dizer della alguma cousa, não tenho dúvida em affirmar, que, só por si, os factos da reeleição em 1438, a da renúncia em 1443, abonam a sua prudencia no governe, do mesmo modo que a sua virtude; mas uão acoutece o mesmo ácêrca da Purpura, que se lhe quiz dar, porque disso não achei prova alguma.

164.°

Vanaravel MARTINHO LOURENÇO Coneoo Saculab do Evangelista.—Nasceu este servo da Deos em 1403, de uma familia illustre na Parochia de S. Theme de Lisboa, filho de Lourenço Vasques de Arvallo e de Beatriz de Horta; e foi irmão segunde de Gabriel Lourenço de Arvello, que seguiu a carreira das armas: os divertimentos pueris feram estranhos á sua primeira idade, entregando-se ao estudo e a prática das virtudes, principalmente da modestia, que brilhava nelle a par da innocencia: deste modo passon ate aos onze annos, em que enfermon gravemente, mas foi logo salvo por intercessão da Santissima Virgem. depois foi chamado ao Paço, e eutrou no serviço do Infante D. Duarte, qua depois reinon: entrando na graça do Principe deu exemplos de prudencia: porém receiando das intrigas pela privança, tratou de conseguir licença para se applicar á sciencia, como desejava, retirado da côrte: obtida a graça, se dedicon seriamente á lição da philosophia, e pouco adiante obteve o gráo de Mestre: depois applicon-se á theologia, em qua fez progressos e merecen o gráo de doutor: ja maduro na prática de todas as virtudes, o profundo na sciencia, subiu ao *Sacerdocio;* e na Igreja, onde foi regenerade com as aguas do Baptismo, disse a primeira Missa, e prégeu o primeiro Sermão diante de mais severo e luzido auditorio: em poucn tempo se tornnu tão distincto no Pulpito, que ElRei o nomeou seu Pregador, e o público o chamon *lingua de ouro* pela doutrina e eloquencia.

Assim passava, com uma vida exemplar, entregue tode ao Santo Ministerio da prégação; mas, induzido pelo seu particular amigo e companheiro da Universidade o veneravel fundador da Congregação do Evangelista, separou-se do mundo para fazer penitencia em uma Ermida, na proximidade de Lisboa. dedicada á Santissima Virgem; porem de sua austeridade e do retiro o tirou o Prelado Ordinario, porque entendeu, que a sua voz do alto da Cadeira Evangelica era uma necessidade: começou de novo com mais espirito as prégações, e tal era a concorrencia, que as fazia nas praças, ao mesmo tempo que as conversões tomavam grande incremento; embora esse santo exercicio, não desamparou a sua Ermida, qua lhe servia para as vigilias e para o reponso: neste estado progredia, quande o veneravel Fernando Infante de Portugal conseguiu faze-lo seu Confessor e esmoler: exerceu este neve ministerie sem se afastar de antigo; mas, intentaudo o Mestre João levar por diante a vida commum do Clero, se despediu do Infante, e se retiron com aquelle á Igreja dos Olivaes, e depois a Villar de Frades: na jornada de Borgonha, em 1429, acompanhou aquelle Principa e sua irmã, e de lá passou a Rema, enda se dan aos actos de piedade e deveção, cuidaudo de alcançar as graças concedidas aos peregrinos na visita dos seus Santuarios; e nessa apenas fez interrupção para copiar a *Catana Aureo* de S. Thomaz, de que muito se agradára. Voltou da Roma a Villar, em qua se havia alterado um pouco a disciplina pela ausencia dos fundaderes; mas logo que o servo de Deos chegou foi restabelecida: divulgando-se a noticia de ter sido approvada pela Santa Sé a Congregação, e appareceu *Mortinho Lourenço* como chefe da reforma Clerical no novo Claustro; a semeando a palavra de Deos com a unção de um Santo, não tardaram a humilhar-se a seus pes, rogando-lhe o habito, Ecclesiasticos, que, pela consideração a riquesa, viviam muito á vontade uo mundo. Em 1440 foi chamado a Lisboa pelo Infante Regente, que lhe pediu para continuar as prégações tão uteis na capital; condescenden, mas em pouca tempo caiu eufermo e tolhido, a assim esteve por tres annos magoado por não viver antre seus irmãos: o Infante deu então á Congregação a casa de Sante Eloy de Lisboa; e, conduzido a ella o servo de Deos, la viveu trese mezes, reduzida a Claustro pelos companheiros, e resplandecendo em virtudes pela sua presença a deutrina. Passon, com a morte do justo, em 17 de Março de 1446, a foi sepultado na Capella do Santissimo Sacramento.[4]

[1] Fr. Henrique de Santo Antonio *Chronicas dos Eremitas da Serra de Ossa*—Fr. Manoel de S. Caetano Damasio *Thebaida Portugueza*. Um retrato de corpo inteiro.

[2] Não me constando a data da sua morte, substituo essa pela da sua renúncia.

[3] Fr. Jeronymo Roman *Chronica de la Orden de Santo Augustin* sob os annos 1432, 1434, 1438, e 1443. Um retrato de meio corpo.

[4] Paulo João *Novo Memorial do Estado Apostolico* (ms. do Archivo Nacional) — Francisco de Santa Maria *Céo Aberto na terra*. Um retrato de meio corpo.

165.°

Veneravel VASCO RODRIGUES Conego Secular do Evangelista.—Nasceu em Braga; fez seus estudos na Universidade de Salamanca com grande distincção; lá tomou o grão de doutor em Canones, e regeu Cadeira: era reputado homem insigne nesse ramo de applicação da sciencia, a ponto de ser consultado, e ouvido o seu voto como de oraculo; mas nas guerras, que tiveram logar entre Castella e Portugal, depois da morte de ElRei D. Fernando I desta corôa, necessitou recolher-se á patria, onde o Arcebispo Lourenço o nomeou seu Vigario, porque, além da sciencia, concorria nelle a circumstancia de ser elevado ao *Sacerdocio;* e pouco depois foi apresentado na Cadeira de Chantre da Cathedral: em ausencia do illustre Prelado governou a Diocese, e lhe chamavam o *Arcebispo pequeno*, porque pelo exercicio da authoridade e pelo trato se parecia com o Metropolitano. O Santo Padre Bonifacio IX ouviu o seu parecer na questão entre o Arcebispo e a Collegiada de Guimarães, e sentenceou na forma de sua informação; e mais adiante o Santo Padre Gregorio XI, pelas Letras Apostolicas de 19 de Julho de 1378, por que mandou proceder a reforma do Clero Secular e Regular de toda a Hespanha, exceptuados apenas os Claustros Cartusianos, e os das Ordens Mendicantes, nomeou para juizes os Bispos de Coimbra e Tui com elle *Vasco Rodrigues:* cumpriu a commissão Apostolica a prazer do Chefe da Igreja de Deos, e com muita utilidade desta; e continuou a gosar a estimação dos Metropolitanos Martinho Affonso e Fernando da Guerra successores de Lourenço, que absolutamente depositaram nelle sua confiança. Neste estado de elevação se achava o *Chantre de Braga*, quando a esta cidade chegaram os fundadores da Congregação do Evangelista, Mestre João, Martinho Lourenço, e Affonso Nogueira: começou a trata-los bem por comprazer, e acabou venerando-os por suas elevadas virtudes: desde então entrou em pensamento de largar o mundo e suas vaidades para seguir com aquelles veneraveis o caminho do Céo: desabafou a sua consciencia com Martinho Lourenço, e fez voto de regar com suas lagrimas os santos logares de Jerusalem. Renunciando a Parochia de S. Salvador da Varsea nos *Bons Homens de Villar*, partiu para a Syria; e, cumprido seu voto, tornou a Braga, onde o Arcebispo Fernando da Guerra o recebeu com carinho, e lhe pediu, que entrasse de novo a exercer as antigas funcções de Vigario seu: as desculpas para a escusa irritaram o Prelado, que ja a esse tempo estava desconcordado da Congregação de Villar: tentou interceder por ella allegando sua innocencia; porem ainda aconteceu peor; Fernando da Guerra deu tantos escandalos nesta demanda, quantos exemplos de paciencia manifestou *Vasco Rodrigues*, que vendo nada ter a esperar, acommodou seus criados, deu o que tinha aos pobres, renunciou o Chantrado, e foi receber o habito de Conego Secular do Evangelista no Mosteiro de Villar: neste Claustro se entregou á meditação, á penitencia, e á mais estreita observancia da regularidade Monastica, em que perseverou piamente ate 16 de Fevereiro de 1458, quando, a modo dos justos, passou desta mundo com oitenta annos de idade, e nos dôze de retiro em Villar.[1]

166.°

Veneravel Fr. ALEXANDRE OLIVA Cardeal Presbytero da Santa Igreja de Roma.—Nasceu este Prelado em Saxo-ferrato da Diocese de Nocera no Piceno, filho de Alerencio e de Joanna: salvo milagrosamente de um desastre na idade de tres annos, foi educado com as vistas piedosas de se entregar a Deos no Claustro, segundo sua bôa mãe votara, implorando o soccorro da Virgem Santissima no lance horrivel, em que elle estivera nove horas sem signal de vida depois de cair n'uma fonte: entregue com effeito ainda menino aos Eremitas de Santo Agostinho, manifestou evidentes signaes de vocação, e professou com elles: fez seus estudos de philosophia em Rimini, de direito em Bolonha, e de theologia em Perugia, e delles saiu orador eloquentissimo, insigne theologo, altamente recommendavel por sua humildade, e um dos mais perfeitos *Sacerdotes* do seu seculo: foi professor de theologia, e prégou, com incrivel fructo, nos Pulpitos de Roma, Napoles, Venesa, Bolonha, Florença, Sena, Mantua, e Ferrara. Elegeram-o Provincial da Umbria, depois successivamente Procurador Geral em Roma, Vigario Geral da Ordem, e no Capitulo de Tolentino, em 1459, Mestre Geral della: havendo-a governado algum tempo com admiravel prudencia e zêlo, o Santo Padre Pio II de seu moto proprio, e com applauso geral do Sacro Collegio, lhe deu a Purpura Presbyteral com o titulo de Santa Suzana na primeira creação em 5 de Março de 1460, porque esperava delle grandes serviços a Igreja de Deos: mostrou-se admirado o Geral dos Eremitas da escolha do Santo Padre; mas, apesar da sua humildade, não poz obstaculos: todos entretanto admiraram o facto, porque todos sabiam, que elle estava longe de pretenções de similhante genero, e talvez de aceitar; mas ignoravam, que os homens como Eneas Silvio não procuram para os cargos os, que os pretendem, e os da esphera de *Fr. Alexandre Oliva* não os recusam de taes mãos, com tal origem, e para tal fim: eram duas almas, que se entenderam sem ter dado uma palavra. A nova dignidade não mudou em cousa alguma os habitos do novo Cardeal: continuou a ser, como até então, pio, humilde e pobre, porque o *Sacerdote* eminente em virtude e doutrina, como elle era, não muda de costumes com a mudança de fortuna; e desde então se impoz mais o preceito de visitar todos os sabbados as Basilicas de Santa Maria Maior e do Populo: escolhido para a Legacia do Piceno, com o fim de pôr termo a guerra entre os Anconitanos e Esinos, rejeitou os grandes presentes dos povos, e nem para o seu proprio sustento quiz alguma cousa; porque dizia, *que não fôra mandado aos Picenos para os roubar, mas para os não deixar roubar:* administrou o Bispado de Camerino por commissão de Sua Santidade em 1461: foi eleito Legado ao Despoto de Poloponeso para receber a cabeça do Apostolo Santo André, e a trouxe a Roma no anno seguinte. Tudo quanto adquiria era para os pobres, para restau-

[1] Paulo João *Novo Memorial do Estado Apostolico*—Jorge Cardoso *Agiologio Lusitano*—Francisco de Santa Maria *Céo Aberto na terra*—Fr. Manoel de S. Caetano Damasio *Thebaida Portugueza*. Um retrato de meio corpo.

ração e ornamento dos templos, e augmento do culto: assim caminhou este servo de Deos ao termo da sua passagem na terra, que teve logar a 21 de Agosto de 1463, em que acabou com a morte dos justos tendo-a predicto: seu finamento foi em Tivoli, donde o trasladaram á Igreja dos Agostinhos de Roma; e sôbre a sua sepultura escreveram:

ALEXANDRO OLIVAE SAXOFERRATENSI,
THEOLOGO CLARISSIMO, ERIMITARUM B. AUGUSTINI
AB INFANTIA SPEI MAXIMAE ALUMNO,
QUI CUM ESSET SUI ORDINIS GENERALIS,
OB SINGULAREM DOCTRINAM ET VITAE
SANCTIMONIAM, CARDINALIS A PIO II
IGNORANS CREATUS EST.
VIXIT ANNOS 55. OBIIT ANN. SALUTIS
MCCCCLXIII, XII K. SEPTEMB.

Conserva-se memoria da eximia piedade e alta sciencia deste bom Cardeal em seus escriptos, de que não tem o último logar o *Sermão da Céa.*[1]

167.°

Veneravel Fr. DIONISIO DE LEUWIS Monje Cartusiano.[2]—Nasceu este servo de Deos em Rickel na Diocese de Liege da familia de *Leuwis*, considerada por sua nobresa, e que em memoria de *Fr. Dionisio* frequentemente se chamava *Dionisia:* as suas incliuações lhe estorvaram as esperanças, com que o seculo o affagava; e o Ermo da Cartuxa era, onde punha os olhos para fugir das astucias do demonio e do seculo: não decaiu de ânimo recusando-se-lhe a entrada no Monte de S. João de Zeele e em Roermond pela sua pouca idade; deferiu, e, para satisfazer melhor seus desejos, passou a Colonia a estudar na Universidade as sagradas letras: foram incriveis os progressos de seu feliz engenho, e muito grandes os applausos, com que recebeu as insignias do Magisterio; mas nem as vantagens, que agora se lhe offereciam tiveram fôrça para o dissuadir do empenho tomado: esconden-se do mundo naquelle Ermo de Roermond com o destino de se entregar a Deos servindo-o pela meditação, oração, penitencia e escriptos, e em bôa hora começou a sua tarefa; porém a Ordem precisou emprega-lo; foi seu procurador, e exerceu o santo ministerio de Prior, e nem assim perdia muito tempo, porque Deos estava com elle: além disso o Cardeal de Cusa Legado em Allemanha precisando delle o chamou em serviço da Igreja; satisfez, e voltou ao retiro: toda a Allemanha o consultava, e muito tempo lhe era preciso para dar attenção e responder; mas parece que este lhe crescia, porque, apesar de todas essas distracções e das outras, que lhe vinham da obrigação do estado Religioso, escreveu cento e setenta e oito obras do mais alto merecimento; e isso obrigou o Abbade Spaenhenmense, que não as conheceu todas, a preferir-lhe unicamente Santo Agostinho. Principalmente se tornou célebre na Igreja de Deos este veneravel *Sacerdote* pela santidade de vida, e pelos escriptos: quanto áquella, Deos o favorecia na oração, de modo que mereceu o nome de *extatico*, pelos continuados extasis, com que era arrebatado; e parece, que só com tal auxilio poderia escrever o prodigioso número de obras, que sairam de sua penna: o homem por si não póde tanto, e ao menos eu não concebo esse grandissimo número de trahalhos litterarios sem milagre: para glória do Deos fez commentarios a todos os livros da Sagrada Escriptura, elevou-se á altura dos Mysterios, tratou com perfeição da moral, recreou-se nos campos amenos da ascetica, entrou como senhor nos dominios da philosophia, combateu com o maior vigor os herejes e os supersticiosos, reprehendeu os abusos contra a disciplina Ecclesiastica, explanou muitos pontos do direito canonico, desceu ás escólas e ás conveniencias da sociedade civil, não lhe escapando a direcção dos Principes e dos vassallos nas differentes condições; foi o mestre do homem em todos os estados e negocios da vida, com attenção á Bemaventurança no futuro e á felicidade no presente; pelo que, vendo um de seus escriptos o grande Eugenio IV, exclamou: «*Laetetur mater Ecclesiae, quae talem habet filium.*» Deos quiz acreditar os merecimentos do seu servo ainda durante a sua passagem na terra, quando elle, em qualidade de procurador, tratára mais de conquistar almas para o Céo, do que dinheiro para o Convento: o primeiro acto foi a famosa conversão de um judeu de Roermond, que elle conduziu ao centro da Igreja, e, para perpetuar a memoria de sua gratidão, o neophyto impoz á sua descendencia o nome de *Dionisio;* depois salvou duas mulheres das vexações do demonio, e as arrancou das maiores impuresas para a vida perfeita; terminou com a authoridade de seu conselho, por uma só carta, a guerra cruel de Adolpho contra seu pae Arnoldo Duque de Gueldres: como verdadeiro Apostolo não mediu a distancia entre elle e o Bispo de Liege João Heimberg, reprehendendo-o severamente dos excessos por que se entregava ás pompas do seculo descuidando-se do cuidado de Pastor, que unicamente lhe importava, e o ameaçou com a condemnação eterna; soffrendo com paciencia a reprehensão do Prelado, não se intimidou com suas ameaças; mas o Senhor chamou a contas o lobo, que invadira o seu rebanho e não ouvia a voz do seu servo.[3] Deste

[1] Aubery *Histoire Generale des Cardinaux*—Ughellus *Italia Sacra*—Ciaconius et Oldoinus *Vitae et Res Gestae Pontificum Romanorum et S. R. E. Cardinalium*—Fr. Cornelius Curtius *Virorum Illustrium ex Ordine Eremitarum D. Augustini Elogia*—Fr. José de Santo Antonio *Flos Sanctorum Augustiniano*—Moroni *Dizionario*. Um retrato de corpo inteiro.

[2] Geralmente conhecido por *Dionisio Cartusiano*.

[3] Não devemos pretender milagres: mas não me canço de o repetir: «ao *Sacerdote*, que procura ser qual deve,

modo se foi avisinhando o termo da passagem de *Dionizio* ate ao anno 1471, em que morreu no Senhor como um Santo, a foi gosar do premio de suas altas virtudes no seio de Deos, quando contava sessenta e sete annos: cento e trinta e sete depois, fazendo o Bispo de Roermond sua trasladação, achou inteiros, carnosos, e como no dia do entêrro, os dedos índice e polegar da mão direita.[1]

168.°

Veneravel Fr. THOMAZ DE HEMMERLEIN[2], Conego Regular. — Nasceu este servo de Deos em Kempen na Diocese de Colonia, pelos annos 1380, filho de João de *Hemmerlein*[3] e de sua mulher Gestrudes, e irmão de Fr. João de *Kempis* Prior dos Conegos Regulares[4] do Monte de Santa Ignez, junto a Zwoll no Bispado de Utreck: entrou em Deventer na Communidade dos Pobres seculares, instituida por Gerardo o *grande*, debaixo dos auspicios de Florencio Radewin Reitor della; efeitos seus primeiros estudos em 1399 entrou naquelle Mosteiro do Monte de Santa Ignez; seu irmão lhe lançou o habito em 1406; professou no anno seguinte; deu sua fortuna a esta santa casa para seu engrandecimento, como seu irmão fizera; e dahi por diante pôz em prática tudo quanto pôde para ser util ao novo Monastico pelas obras de seu engenho, e pelo traslado de outras: seus unicos cuidados foram aproveitar na sciencia e na piedade, e tão altamente o conseguiu, que em 1413, quando foi elevado ao *Sacerdocio*, era perfeito modêlo do verdadeiro Ministro do Santuario, sobresaindo nelle principalmente as virtudes da obediencia, da caridade, e do amor ao trabalho. Foi procurador do Mosteiro, e em 1448 Superior; e apesar de dar conta desses ministerios, como se devia esperar de um varão zeloso e consummado na prudencia, o retiro, a oração, a meditação, o trabalho e o estudo, eram a tarefa mais assidua do veneravel *Fr. Thomaz:* com grande perfeição traslodou dois *Missaes*, e os deu promptos, o primeiro em 1414, e o segundo dahi a tres annos; depois fez com igual diligencia um *volumoso extracto* das obras de S. Bernardo; e por meio de uma paciencia incrivel levou ao cabo a trasladação da *Santa Biblia* em quatro volumes, deixando concluido o primeiro em 1427, o segundo[5] em 1432, o terceiro em 1436, e o quarto em 1439[6]: finalmente copiou a *Imitação de Christo*, e a acabou em 1441[7]: de suas letras e piedade deixou memoria em muitos escriptos asceticos de merecimento, entre os quaes o *Dialogo dos Noviços sobre o desprêso do mundo*, que compôz em latim, não é inferior. Trabalhando incessantemente chegou ao termo de sua carreira mortal em 25 de Julho de 1471, quando morreu, como morrem os Santos. No último quartel do seculo XVII, seu corpo foi achado incorrupto, e pouco depois o trasladaram ao Templo dos Conegos Regulares de *Corpus Christi* de Colonia, onde jaz.[8]

169.°

Reverendo JOÃO RODRIGUES Conego Secular do Evangelista. — Nasceu na Pedreneira junto ao Sanctuario da Nazareth nas praias do oceano, filho de Bartholomeu Pires e de Brites Vicante: desde menino deu exemplos de muita piedade, e de uma grande inclinação ao estado ecclesiastico; e cuidou em dissuadir com respeito filial, ainda que com firmeza, as disposições de seus paes em relação ao matrimonio; porem talvez as provas fôssem maiores em sua pessoa pela tenacidade delles, se Deos não levasse para si aquella, com quem o queriam allar: veio fazer seus estudos a Lisboa, e aproveitou muito, ate que recolhendo-se o veneravel fundador da Congregação do Evangelista aos Olivaes o seguiu constantemente, ainda quando de todos os companheiros foi desamparado: debaixo de sua direcção continuou a aprender a Sciencia dos Santos, subiu ao *Sacerdocio*, e mais tarde foi o primeiro Reitor da casa de Santo Eloy desta cidade, quando por mediação do Infante D. Pedro o *justo* se deu á sua Congregação; neste ministerio foi observantissimo, e o primeiro, que introduziu o louvavel costume de rezarem os companheiros em côro as horas canonicas distribuidas pelo dia e noite: deu raros exemplos de humildade, e de todas as virtudes, que ornam o perfeito Claustral: procurava consolar os afflictos com extrema caridade, e alentar os tibios com grande fervor. Nesta estado de observancia o vieram encontrar os ministerios de Confessor e Capellão-mor da Rainha D. Isabel, e de Confessor de ElRei D. Affonso V seu marido: quiz mais esse Principe, que elle fôsse mestre da Infante D. Catharina sua irmã; mas não acei-

assiste Deos em tudo, nada lhe falta, e nem um só homem deixa de obedecer; e se o contrário succede, mais ditoso é, porque maior glória lhe está preparada. Infelizmente a descrença não deixa perceber esse alto privilegio!

[1] Bolland. *Acta Sanctorum ad diem 12. Martii ex Theodorico Loerio* — Morotius *Theatrum Chron. Sacri cartus. Ordinis.* Um retrato de corpo inteiro e outro de meio corpo.

[2] Mais conhecido pelo de *Thomaz de Kempis*, isto é, pela terra de sua naturalidade.

[3] *Hemmerlein* ou *Hemmerchin*, appellido desta familia, que em latim se diz *Malleolus*.

[4] Da Congregação de Windhsaim.

[5] Este volume foi interrompido por causa do interdicto posto na Diocese de Utreck em razão da ousadia do Cabido contra a Santa Sé, durante a qual os Conegos do Monte de Santa Ignez estiveram ausentes em Lunckerke ou Hullanda.

[6] Esta primorosa obra conserva-se no Mosteiro de *Corpus Christi* de Colonia.

[7] *Kempis* passou muito tempo por ser o author da *Imitação de Christo*, mas não o foi: essa noticia originou-se desse transumpto de 1441, que levou o seu nome; mas esta obra, que o Abbade Rahrbacher reputa a mais bella das mãos dos homens, no que de bôa vontade convenho, já existia em 1349, quando o servo de Deos não era nascido, e remonta ainda mais alto, ao segundo quartel do secolo antecedente, em que vivia o Abbade Fr. João Gersen seu verdadeiro author, que não é como se tem pretendido uma personagem ficticia. *Kempis* não foi o author da *Imitação de Christo*, é verdade, mas tambem o é, que ella se divulgou depois de lhe ter passado pelas mãos, e isto basta para ter feito um grande serviço á Igreja de Deos.

[8] D. Nicoláo de Santa Maria *Chronica dos Conegos Regulares* — Moreri *Diccionario* — *Biographie Universelle* — Moroni *Dizionario* — Rohrbacher *Historia Ecclesiastica*. Um retrato de meio corpo.

tando, nomeou Jorge da Costa, o qual a esse tempo era Capellão de Santo Eloy, e depois foi Cardeal. Por sua influencia teve a Congregação o Oratorio de S. Bento de Enxabregas, que Estevão de Aguiar Abbade de Alcobaça deu a ElRei, o se fez a restanração em Mosteiro, dando-se-lhe a nova invocação do S. João Evangelista, e constituindo-se cabeça da Congregação: deste modo concorreu *João Rodrigues*, para que os *Bons-Homens de Villar*, comu ate então se chamavam os Conegos Secnlares, se denominassem *Conegos do Evangelista*. Passando a Castella o Bispo fundador com a Rainha D. Isabel prima de ElRei, na qualidade de Geral nomeado por Sua Santidade, econstituiu Visitador o Reitor de Santo Eloy por acto de 4 de Julho de 1454 estando em Valladolid; e vendo, que debaixo de seu governo a Congregação tomava incremento, nelle renunciou o Generalato em 1460. Novo encargo lhe den ElRei fazendo-o mestre dos principes seus filhos, e nõo lhe admittindo escusas; e, posto que foi obrigado a aceitar esse, sendo apresentado no Bispado de Coimbra, elle rejeitou com ânimo constante. As obrigações de Confessor e mestre não o retiraram das, que tinha como Prelado, e nem umas nem outras o distraíram dos cuidados, que devia empregar na salvação de sua alma; por isso bem preparado o achou a morte em 15 de Maio de 1477. Foi sepultado em Santo Eloy, e sôbre sua sepultura pozeram esta lenda:

AQUI JAZ O P. JOÃO RODRIGUES, QUE POR SINCOENTA E TRES ANNOS SERVIU A DEUS NESTA CASA.

Depois o trasladaram ao Mosteiro de Enxabregas, e sôbre a lapide, que cobre seus restos mortaes, escreveram este epitaphio:

SEPULTURA DO P. JOÃO RODRIGUES SEGUNDO GERAL DESTA CONGREGAÇÃO, QUE NÃO QUIZ POR SUA MUITA VIRTUDE O BISPADO DE COIMBRA, EM QUE FOI NOMEADO POR ELREI D. AFFONSO V, DE QUEM ERA CONFESSOR E DA RAINHA D. ISABEL. FALLECEU NO ANNO DE 1477.[1]

170.º

Reverendo PEDRO GONÇALVES Conego Secular do Evangelista.—Era natural da Azambuja, e de moço deu grandes demonstrações de piedade e modestia: sendo estudante em Lisboa, procurou o abrigo da Religião no claustro de Santo Eloy, onde recebeu a murça da Congregação canonical de S. Salvador de Villar de Frades: desde essa época se deu sem reserva aos rigores da penitencia, aos exercicios da caridade com os onfermos, o á contemplação das cousas Divinas: prégava cheio de zêlo pela salvação das almas, e abrazado em amor de Deos: as solidas virtudes o elevaram ao *Sacerdocio*, e resplandeceram depois auxiliadas pelo sagrado da unção, de modo que no capitulo de 1465 foi eleito Geral, sendo o terceiro em número, e o primeiro, que por esse modo subiu a essa dignidade neste Santo Monastico Acabada a Prelazia recolheu-se ao Mosteiro de Villar, porem de lá o arrancou o Infante D. Pedro, sendo Regente, para Confessor de seu filho do mesmo nome: acompanhou este Principe nas suas pretenções á corôa de Aragão, e lhe assistiu na vida com prudentes conselhos e na morte com os soccorros espirituaes. Voltou depois a Lisboa e falleceu em bôa opinião no Mosteiro de S. Bento de Enxabregas em 2 de Outubro de 1480: jaz nesse Mosteiro, e sôbre a lapide, que encerra seus despojos mortaes, escreveram esta lenda:

SEPULTURA DO P. PEDRO GONÇALVES, TERCEIRO GERAL DA NOSSA CONGREGAÇÃO, E CAPELLÃO-MÓR DE ELREI D. PEDRO. FALLECEU NO ANNO DE 1480.[2]

171.º

Reverendo Fr. ESTEVÃO BRULIFER Religioso Menor.—Nasceu em França na cidade de S. Malo, e vestiu o habito da Ordem de S. Francisco no Mosteiro de Dinan: depois dos estudos elementares passou aos maiores na Universidade de Paris, o nella obteve a borla doutoral da sagrada theologia: elevado ao *Sacerdocio*, de que era digno pela sciencia e integridade da vida, se apresentou no Pulpito e na Cadeira como um dos oradores e dos professores mais celebres da sua idade: pelo motivo de maior perfeição se retirou dos Menores Claustraes para os Observantes; e no resto de seus dias passou o tempo prégando e ensinando em Moguncia, Metz e Brioco, e mostrando-se sempre sequaz de Scoto, ate que a morte o encontrou em 1484, deixando testimunho vivo de sua piedade e sciencia nos escriptos em ascetica e polemica, além de outros, no que intitulou *Reportata in quatuor Libros Sententiarum S. Bonaventurae*, e no outro de *SS. Trinitate*: neste levantou com rasão a voz contra os pintores pela impropriedade com que desenhavam o primeiro Mysterio de nossa santa Fé.[3]

[1] Paulo João *Novo Memorial do Estado Apostolico* (ms. do Archivo Nacional)—Jorge Cardoso *Agiologio Lusitano*—Francisco de Santa Maria *Céo Aberto na terra*. Um retrato de meio corpo.

[2] Paulo João *Novo Memorial do Estado Apostolico* (ms. do Archivo Nacional)—Francisco de Santa Maria *Céo Aberto na terra*. Um retrato de meio corpo.

[3] Waddingus *Annales Minorum*—Fr. Joannes a Sancto Antonio *Bibliotheca Universal Franciscana*. Um retrato de meio corpo.

172.°

Veneravel ISIDORO TRISTÃO Conego Secular do Evangelista. — Nasceu em Portalegre no anno de 1425, o no baptismo lhe pozeram o nome de *Isidoro* em memoria de Isidoro Alvares *Sacerdote* e irmão de sua mãe, que falleceu no mesmo dia, em que elle veio ao mundo: com o correr da idado se applicou as letras; fez os estudos do direito canonico na Universidade de Lisboa com credito; e subiu ao santo *Presbiterado*, de que era digno por suas virtudes e doutrina: pouco depois foi provido no Priorado do S. João de Rio-maior, no qual consumia as rendas com a Igreja e com os pobres, e repartia o tempo pela oração e exercicios de piedade. Levado da fama, que se espalhava dos Conegos Seculares da Congregação do Evangelista, conseguiu a renuncia da Parochia em favor daquella Congregação, e veio receber a murça no Mosteiro de Euxabregas em 1456: entrando no Claustro deu exemplos nada equivocos de devoção e humildade; eram rigorosas suas penitencias, e grande a frequencia no Côro, Pulpito, Confessionario e Altar: essas virtudes o fizeram eleger Vice-Reitor de Santo Eloy, sendo Reitor o veneravel Padre Baptista: depois foi Reitor do Villar, e por fim Geral, o quarto em numero successor de Pedro Gonçalves: estando nesta dignidade, introduziu reformas uteis na disciplina Monastica; e, apesar da resistencia, se portou com tanta firmesa, que para as levar ao cabo foi a Roma a fim de authorisa-las com a voz do Chefe da Igreja: na jornada se portou como varão Apostolico caminhando a pe, pedindo esmola, e dormindo nos hospitaes: depois de poucos mezes de dilação voltou com as necessarias faculdades, e as rebeldias sopradas pelos homens do seculo tiveram necessidade do ceder o passo á obediencia. Tornou a Roma da parte de Jorge da Costa, então Arcebispo de Lisboa, para lhe diligenciar a Purpura; o depois do alcançar para a Congregação algumas graças Apostolicas, voltou ao retiro de Enxabregas; mas desse o tirou o novo Cardeal renunciando nelle a Abbadia de Alcobaça. Os ultimos actos de sua vida, foram a reforma das Ordens Benidictina e Cisterciense em Portugal, que a Santidade de Innocencio VIII lhe encarregou; e conseguir da Santa Sé pelo Cardeal da Costa os despachos necessarios para a nova Ordem da Immaculada Conceição, que fundava a veneravel Beatriz da Silva, abraçar a regra e constituições de Cister: ainda depois de tres annos durava a reforma, quando por causa della chegou a Odivellas enfermo, e foi roubado pela morte em 7 de Maio de 1492.[1]

173.°

Veneravel Fr. MIGUEL DE CONTREIRAS Religioso da Ordem da Santissima Trindade. — Nasceu este servo de Deos em Valencia de uma familia illustre, no anno de 1431: suas inclinações eram para o estado religioso, por quanto a piedade, em que abundou desde menino, não comportava as distrações do seculo: escolheu a sagrada Ordem da Redempção dos captivos; nella tomou o habito, fez os votos solemnes, e os estudos severos, que o tornaram tão eminente na sciencia, como o era na prática de todas as virtudes, por isso bem mereceu o *Sacerdocio*, a que teve a dita de ser elevado: o seu zêlo pela salvação das almas, dirigiu seus passos á Cadeira da verdade, onde se apresentou incessantemente animado de fogo celestial, pregando com a palavra e com o exemplo de uma vida inculpavel, penitente, e só de Deos: depois de muitos annos, em que na patria do alto do Pulpito annunciou a palavra do Senhor com fructo, veio a Portugal em 1481, e se alistou entre os moradores da santa casa da Santissima Trindade de Lisboa: logo que sua voz Angelica foi ouvida, e seus costumes lançaram o cheiro ódorifero de santidade, attrahiu como varão Apostolico, um auditorio numerosissimo, em que diariamente se notavam as conversões: a virtuosa Rainha e senhora D. Leonor o escolheu para seu Confessor e Pregador, e auxiliado por esta illustre princeza soccorreu os pobres, e lançou os alicerces de monumentos os mais pios e mais santos, porque vinham da caridade, e tinham a mais alta origem nas inspirações do Ceo transmittidas por um tão santo Ministro do Senhor a uma tão insigne matrona, neta, mulher e irmã de nossos Reis. Tres factos illustram a memoria do servo de Deos *Fr. Miguel de Contreiras*, e de tal esphera são elles, que o levaram á posteridade com maior gloria do, que esses das façanhas dos maiores conquistadores; elle foi a causa primeira da instituição do Mosteiro da Madre de Deos de Lisboa, em que ate hoje se tem sacrificado ao Senhor com o puro insenso da oração ferverosa, da penitencia e da virtude; e da instituição do Hospital das Caldas, em que ate hoje tem tido allivio o enfermo pobre: com zêlo evangelico se apresentou na judiaria de Lisboa prégando na synagoga, e a sua voz produziu inumeraveis conversões entre o povo de Israel, e fez santificar esse logar, onde antes se attendiam os erros do thalmud, em Templo de Christianismo, dedicado á Immaculada Conceição da Santissima Virgem; e, sôbre tudo, erigiu em 1498 a piissima Irmandade da Misericordia[2] para soccorro dos pobres, dos enfermos e dos prêsos, e com o destino de honrar os mortos conduzindo-os por amor de Deos á sepultura. *Fr. Miguel de Contreiras* não conheceu outro meio de empregar o tempo, senão exercitando a caridade: ninguem o viu senão no Altar offerecendo o Santo Sacrificio, sentado no Tribunal da penitencia, levantado no Pulpito para an-

[1] Jorge Cardoso *Agiologio Lusitano* — Francisco de Santa Maria *Céo Aberto na terra*, *e Justa Defesa da invectivas de Fr. Manoel dos Santos*. Um retrato de corpo inteiro.

[2] *Fr. Miguel de Contreiras* ordenou o Estatuto geral, por que se devia governar a de Lisboa e todas as do reino, e nelle poz seu nome antes do Prelado da Diocese, e dos Principes. Este Instituto ainda hoje se recente de sua santa origem, apesar da pretenção constante de a secularisar, a reduzir a uma obra do dominio temporal, sendo toda ella pia, e em que o proprio Rei não póde arrogar-se mais, que o direito de protecção bem alheio do direito magestatico: como quer que seja Portugal todo admittiu esta instituição, estabeleceu-a em todas as suas cidades e villas, e se honrou com justiça de se lhe ter dado origem em seu seio: o Rei, a Nobreza e o Povo deste paiz, quando tinha fé, e era grande no mundo, desvaneceu-se de obedecer ao mandamento de um Frade, e com rasão, porque instituições tão uteis como estas só um Frade ou um Clerigo é capaz de imaginar, por mais, que a impiedade moderna, que ainda nada fez bom, nem é capaz disso, o conteste.

nunciar as verdades eternas, prostrado diante da Divindade orando pelos homens, andando a esmolar do porta om porta para soccorrer os necessitados, visitando os Hospitaes para alliviar os enfermos, os carceres para instruir e consolar os prêsos, advogando o sua causa ante os Principes, exhortando os padecentes a morrer conforme a Divina vontade, e acompanhando os mortos á sepultura; e nenhum homem, por mais elevada, que fôsse a sua esphera, a começar por ElRei D. Manoel, recusou obedecer á voz do bom *Sacerdote* do Senhor, quando ordenava, quo o seguissem conduzindo sôbre seus hombros aquelle, que havia passado desta vida. Assim fez o servo de Deos á sua passagem sôbre a terra, ote dormir uu Senhor em 29 de Janeiro de 1505. Depois da sua morte o seu retrato se poz, em reconhecimento, nas handeiras das Misericordias com as siglas *F. M. F.*, isto e, *Fr. Miguel Instituidor.*[1]

174.°

VENERAVEL PAULO DE PORTALEGRE[2] CONEGO SECULAR DO EVANGELISTA.—Nasceu em *Portalegre*, de que tomon o nome: desde menino patenteou intelligencia superior, e extrema docilidade, e com o crescer dos onnos amor ao estndo, tendencia para a piedade, e puresa Angelical: aos oito de idade foi confiado aos cuidados do voneravel Fr. João de Santa Maria Monje de S. Joronymo, qne vivia n'um Oratorio da sua Ordem junto a *Portalegre;* e por novo annos recebeu as lições deste servo de Deos, sendo por elle instruido nas sciencias e nas virtudes. Outro veneravel, o Padre Baptista, que foi Geral da Congregação de S. João Evangelista, tio de *Poulo*, não so por dó do tormento, com que elle era vexado no caminho da perfeição, mas, para dar oo seu Instituto um varão de singulares dotes, o trouxe para Santo Eloy de Lisboa, e o fez vestir o santo habito, com o qual augmenton os mortificações, e se tornou modêlo de perfeição. Elevado ao *Sacerdocio* continuou os seus estudos e santos exercicios, e no consideração do mais douto e mais exemplar Religioso o elegeram Geral da Cougregação (e foi o sexto) por quatro vezes, e resplandeceu *sempre nelle por modo eminente* o *omor de pae, a vigilancia de Pastor*, o *desvelo de mestre, e o zêlo de Prelado: ajuntou as constituições, e mundados capitulares, que havia, e de tudo fez um justo volume, que poz em lingua latina.* Foi á Roma a negocios da Ordem, e la mereceu o affecto do Chefe da Igreja de Deos: era consultado pela côrte em negocios graves, e o Duque de Bragança D. Fernando II o tomon para seu Confessor, pelo que na hora da sua infelicidade o consolou, e quando elle largava a cabeça aos pés do algoz, o veneravel *Paulo*, e seu companheiro o Padre Diogo Gonçalves, acompanhavam com fervorosa oração ao seio de Deos sua alma innocente. Na morte desastrosa do Principe D. Affonso filho de ElRei D. João II e da Rainha D. Leonor, assistiu *Paulo* a esta bôa e lastimada mãe com palavras de Anjo, que lhe mantiveram a vida nesse transe doloroso. Novamento passou a Romo a negocios de ElRei, que, recebendo bôa satisfação desses, o elegeu Bispo de Lamego; mas elle se escusou da dignidade, e tomou o caminho de Jerusalem: depois da piedosa perigrinação voltou o Portugal, e introduzin no Mosteiro de Villar as Procissões do Enterro na Sexta-feira Santa, e da Ressurreição uo Domingo de Paschoa, e de la se generalisaram por todas as Igrejas do reino. Queria este servo de Deos passar o resto de seus dias retirado no Mosteiro de Villar, mas os Prelados não o consentiram para condescender com a côrte, por isso veio para Santo Eloy: aqui se occupon no Confessionario, e em escrever a vida dos Santos, o seu itenerario a Terra Santa, e havia jo escripto por ordem dos Superiores o *Novo Memorial do Estado Apostolico.*[3] Assim passou a vida até contar quasi oitenta annos de idade, e sesenta de Claustro, em que morreu, como os justos, a 5 de Agosto de 1510.[4]

175.°

VENERAVEL JOÃO DE SANTA MARIA CONEGO SECULAR DO EVANGELISTA.—Nasceu este servo de Deos em Thomar, dedicou-se ao estudo Ecclesiastico, e depois de ter conhecimentos bastantes da sciencia, e se apresentar diguo pela integridade de vida, subiu a dignidade do *Sacerdocio:* tanto mais andava no caminho da perfeição, menor era o desejo de viver no seculo; por isso abraçou o Instituto dos Conegoa Seculares de S. João Evangelista, renunciando quanto possuia, o dedicando-se de nm modo raro a exercer a virtude da obediencia: foi observantissimo das constituições da Ordem, penitente e devoto; empregou-se na oração muito tempo, recebia nella grandes consolações, e teve o dom das lagrimas. Escolhido para Prelado da primeira Missão portugneza no Congo, apesar de ter só nove annos de Claustro, partiu para o sen destino com os Padres João de Portalegre, Antonio de Lisboa, Rodrigo de Deos, e Vicente dos Anjos, em 19 de Dezembro do 1490 na frota do capitão-mor Gonçalo de Sousa, e em companhia dos primeiros negros (já baptisados), que Diogo Cam trouxera daquella terra a pedir Ministros Evangelicos: em 29 de Março do anno seguinte chegaram au Congo, e com elles saiu de bordo Ruy de Sousa, que succedêro no commando da frota por morte do capitão-mor seu tio; dirigiram-se ao Rei, que com alvoroço os receben, e em quanto elles procuravam semear a palavra de Deos, o principe não so auxiliava seus esforços, mas tratava de levantar um Templo, em que se lançou a primeira pedra no dia 6 de Maio seguinte consagrado ao Evangelista S. João debaixo do titulo *ante portam latinam*, e se acabou no 1.° de Julho: depois receberam o Santo Baptismo o Rei, o successor da corôa, e grandis-

[1] JORGE CARDOSO *Agiologio Lusitano*—FR. JERONYMO DE S. JOSÉ *Historia Chronologica da Ordem da Santissima Trindade*—PEDRO JOSÉ DE FIGUEIREDO *Retratos e Elogios dos Varões e Donas.* Um retrato de corpo inteiro.

[2] PAULO DE S. JOÃO, e no *Novo Memorial do Estado Apostolico* se chamou *Paulo João.*

[3] Que se conserva ms. no Archivo Nacional da Torre do Tombo; começou a escreve-lo em 15 de Agosto de 1468, e acabou-o em 15 de Setembro do anno seguinte em Villar.

[4] JORGE CARDOSO *Agiologio Lusitano*—FRANCISCO DE SANTA MARIA *Céo Aberto na terra*, e *Anno Historico*—BARBOSA *Bibliotheca Lusitana.* Um retrato de corpo inteiro, e outro de meio corpo.

simo número de outros cathecumenos: mortos na missão os Padres João de Portalegre, o Antonio de Lisboa, voltou para o reino *João de Santa Maria* com os outros companheiros.

Em 1508 foi nova missão ao Congo composta do *Sacerdotes* da Santa Congregação do Evangelista: os dois, que já la estiveram, com Aleixo do Vizeu, Luiz de S. Miguel, João de Santo Estevão, Simão de Monte-mor, João de S. Vicente o *moço*, Antonio de Christo, Pedro dos Santos, Fernandes João, Sebastião do Salvador, o Antonio de S. Jeronymo, e na qualidade de Superior *João de Santa Maria;* porém nunca mais voltaram a Portugal, acabando todos na conversão dos gentios, e deixando muitas christandades, e grande número de Templos. Nesta segunda jornada o Prelado dispersou os companheiros, tomando com Luiz de S. Miguel por entre as brenhas, guiados por alguns negros, e, depois de alguns mezes de trabalho inutil pela differença da lingua, e ferocidade dos habitantes, querendo voltar, foram desamparados dos guias, pelo que se viram no mais lastimoso estado: o Superior animava o companheiro; mas elle mesmo decaíu de fôrças, e rendeu o espirito a Deos em 10 do Maio de 1518: Luiz de S. Miguel presenciou seu transito, e foi testimunha de alguns prodigios, que o Senhor obrou em manifestação das virtudes do seu servo; e, conforme elle lhe predissera, voltou ao sitio onde estavam Portuguezes, conduzido no dia seguinte por um dos seus antigos guias, e outros, que por alli passaram. Acabou *João de Santa Maria* honrado dos homens, porque ElRei D. Manoel pela fama universal de suas grandes virtudes o alegeu Bispo de Vizeu, e o mandára chamar para se promover sua instituição Canonica; mas já não pôde receber a noticia; e favorecido de Deos, porque em premio de suas penitencias, integridade de vida e zêlo Apostolico, o chamou a si nos trabalhos da Missão.[1]

176.°

Reverendo PEDRO DE S. JORGE Conego Secular do Evangelista.—Seguiu os estudos de Canones na Universidade de Paris, e obteve a borla doutoral nessa faculdade: mereceu a dignidade do *Sacerdote*, e na Congregação do S. João Evangelista foi Prelado, e reformou as constituições della: recebeu a murça em 1492, e havendo sido duas vezes Reitor do Mosteiro de Villar, o uma de Santo Eloy[2], parece ter manifestado os seus talentos no seculo seguinte, talvez até ao anno de 1530, e esta época lhe assigno por não ter outras noticias.

177.°

Reverendo MANOEL DE ELVAS Conego Secular do Evangelista.—Nasceu em Elvas, filho de João de *Elvas* e de D. Anna de Noronha: desde muito menino começou a mostrar a sua devoção ás cousas de Deos, muita caridade com os pobres, e excessiva modestia no trato: estudou na Universidade de Paris, e se graduou em um e outro direitos: voltando á patria recebeu o Santo *Sacerdocio*, e foi apresentado em uma Abbadia Parochial do Arcebispado de Braga; neste santo ministerio, em que obrava com zêlo, era amado de todos. Tinha na sua companhia um irmão, e desapparecendo elle de noite deixando mesmo os proprios vestidos, e sem se saber porque modo o fizera, podendo o caso ser attribuido mais a sobrenatural, que a humano, affligiu-se Manoel de Elvas por modo, que nunca mais o viram rir, o adoeceu gravemente, e sem esperança; porém conseguindo melhorar renunciou a Abbadia, applicou quanto tinha a obras pias, e se recolheu ao Mosteiro de Villar sem disso ser alguem sabedor: tomou o habito, e com elle principiou uma vida rigorosamente austera, que só a obediencia lhe fazia moderar: continuando assim foi eleito Geral da Congregação em 1509, e neste ministerio se portou como bom pae, reservando os castigos só para a obstinação: era proverbial a fama de sua virtude, e por ella venerado da côrte, a ponto de que ElRei D. Manoel, quando elle assistia em Lisboa, o chamava a conselho sempre que o reunia, e o elegeu Bispo da Guarda; mas a escusa seguiu a nomeação: vexava o Bispo do Evora os Conegos Seculares do Mosteiro da sua cidade, e não cedia a quantas representações lhe fizeram, escreveu-lhe o Geral submissamente, mas com energia, e ao mesmo tempo sobre o caso ao Duque D. Jayme, e passando a chamado deste principe a Villa Viçosa, onde estava o Bispo, acabou com elle, que declarasse isentos da jurisdição Ordinaria os seus subditos: estes e outros factos manifestam o conceito em que era tido; mas, o que prova a sua virtude consumada, é o apparecimento da Cruz de ouro dada por ElRei D. Affonso V ao Mosteiro de Xabregas: roubou-se, e todos se affligiam menos elle, dizendo, que Santo Antonio a havia de deparar; e com os outros pedia a Deos que lh'a fizesse restituir, até que um dia depois de resar *Tercia* chamou um de seus subditos, e o mandou a Setubal a inquerir na estalagem; e já o commissionado voltava, sem nada conseguir, quando um Religioso de S. Francisco o fez voltar áquelle logar, indicando-lhe onde acharia o roubo; encontrou-o, e isto augmentou o credito do Geral. Era tido não só por homem do consummada virtude, mas do grande saber, o nesta qualidade o Cardeal Infante Affonso, de quem era Confessor, lhe encommendou, que ordenasse as *Horas Menores do Officio de Nossa Senhora*, e elle as compoz: carregado de merecimentos passou desta vida ao seio de Deos em 8 de Junho de 1838, e foi sepultado em Santo Eloy, onde tinha sido Reitor.[3]

178.°

Reverendo JOÃO DE S. VICENTE Conego Secular do Evangelista.—Nasceu em Lisboa na Freguezia da Sé, e foi menino do Coro[4] no Cabido della: fez seus estudos na Universidade da Paris, e

[1] Jorge Cardoso *Agiologio Lusitano*—Francisco de Santa Maria *Céo Aberto na terra*. Um retrato de corpo inteiro.
[2] Francisco de Santa Maria *Céo Aberto na terra*—Barbosa *Bibliotheca Lusitana*. Um retrato de meio corpo.
[3] Francisco de Santa Maria *Céo Aberto na terra*.—Um retrato de meio corpo.
[4] Consta que antigamente só de familias nobres eram tirados os meninos do Coro das Cathedraes.

tornando ao Reino largou o seculo, e tomou o habito da Congregação do Evangelista; mereceu o Santo *Sacerdocio*, porque era exemplar na humildade, pobresa, temperança, e penitencia; e essas mesmas virtudes lhe conseguiram favores especiaes do Céo: no pulpito apresentava a maior modestia, e fazia sentir o zêlo do amor do proximo, em que ardia: tendo por muitos annos servido a Deos como um santo, o elegeram Geral em 1493; e neste ministerio manifestou uma nova virtude, a justiça, corrigindo defeitos e fazendo observar as constituições sem admittir outra excepção mais que a enfermidade e velhice: depois a Congregação fiando muito da sua prudencia o enviou a Roma, e voltou dando bôa conta dos negocios, que se lhe encarregaram: havendo com outros Conegos do Evangelista ido a Madrid, pelo assim requerer o primeiro Marquez de Ferreira, a buscar os ossos de D. Alvaro seu pae, quando tornava adoeceu gravemente em Villa Viçosa, e pediu que o levassem ao seu Mosteiro de Evora para morrer entre seus irmãos; porém a molestia só deu occasião a chegar a Serra de Ossa, onde acabou esta vida com as mais altas demonstrações de piedade em 11 de Novembro de 1539 [1]: e foi trasladado ao Mosteiro de Enxabregas, onde jaz.[2]

179.°

VENERAVEL DIOGO DE SANTA MARIA CONEGO SECULAR DO EVANGELISTA.—Nasceu em Coimbra, e se dispoz á vida Ecclesiastica pela austeridade de costumes, rigidez na observancia da disciplina da Igreja, e um raro zêlo pela casa de Deos; subindo á dignidade *Sacerdotal* se conservou como d'antes era, e para forrar-se ás questões do seculo entrou na Congregação do Evangelista em 1495: foi Mestre de Noviços, depois Reitor, por fim no anno 1520 Geral, e tres vezes exerceu, como se esperava de seu caracter, este ministerio; mas soffreu grandes tribulações por essa causa: Deos o dotou de espirito profetico, e vida tão longa como largas eram suas penitencias; porque não passou dia sem se macerar em noventa e dois annos, que durou sua passagem sobre a terra. Morreu, como morrem os Santos, esperando sem temor e com desejos a última hora, que foi em 20 de Junho de 1544. Jaz no claustro de Santo Eloy onde acabou, e sôbre sua sepultura gravaram siglas iniciaes do seu nome:

D. S. M.[3]

180.°

REVERENDO FRANCISCO DE SANTA MARIA LEITE CONEGO SECULAR DO EVANGELISTA.—Era natural do Porto: abraçou o Santo Instituto dos Bons-Homens de Villar de Frades em 1500: subiu á dignidade *Sacerdotal*; foi eleito Geral da Congregação no capitulo celebrado em Santo Eloy de Lisboa em Junho de 1538; e successivamente nos de Villar de Frades de Maio de 1539, e de S. João de Xabregas de Maio de 1540: era vivo em 1545 [4]; e com esta terminam todas as noticias, que delle alcancei.

181.°

VENERAVEL FR. MARTINHO DE SANTA MARIA RELIGIOSO MENOR.—Nasceu na Villa de Santo Estevão do Porto, Diocese de Jaen na Andaluzia, filho de D. Francisco de *Benevides*, 3.° Conde de Santo Estevão do Porto, e da Condeça D. Maria Carrilho de Cordova e Velasco, e irmão de D. Diogo de *Benevides*, 4.° Conde de Santo Estevão do Porto, que continuou a casa: as suas inclinações na infancia e na mocidade eram para a mais alta devoção, e para o estado Ecclesiastico; e, quando os annos o permittiram, mostrou o desejo de perseverar nessas entregando-se de todo a Deos no Claustro: abraçando o Instituto Serafico na Provincia de Cartagena, saiu um perfeito Religioso pela observancia da Regra, pela dedicação ao retiro, silencio, oração, e asperesa das penitencias: aproveitando assim na sciencia dos Santos foi elevado ao *Sacerdocio*, que exerceu com alta perfeição; e desejando maior austeridade do que a do Santo Monastico, onde estava alistado, foi em romaria a Nossa Senhora de Guadalupe pedindo ao Senhor, que o illustrasse sôbre os meios de se retirar ao ermo: na peregrinação encontrou-se com o Duque de Aveiro, que edificado pelas suas virtudes, procurava com elle trato; e, expressando-lhe o servo de Deos o pensamento, em que entrara de fazer vida solitaria, respondeu o Duque indicando-lhe a Serra da Arrabida, onde no interior havia uma Ermida dedicada á Santissima Virgem do Cabo, offereceu logo esse ermo á Ordem, e pediu *Fr. Martinho* para fundar nella a vida religiosa, e o Geral Fr. Vicente Lunel, aceitando, despachou o servo de Deus para com outro companheiro de sua escolha saitsfazer os desejos do Duque. Corria então o anno de 1539, quando o varão Apostolico em companhia do Leigo Fr. Martinho Navarro partiu para Azeitão, onde o Duque aneiosamenteos esperava, e lhe mandou dar posse da Serra em 29 de Setembro desse anno: começou aqui *Fr. Martinho de Santa Maria* a sua recoleição pelo descalces, nova fórma de habito mais estreito e de mais áspero burel, manto curto, e

[1] FRANCISCO DE SANTA MARIA *Ceo Aberto na terra*.—Um retrato de meio corpo.

[2] No *Ingresso*, quo termina em 1538, e está junto ás *Actas Capitulares* desse anno, não apparece o nome deste Padre: é comtudo possivel, que se fizesse posteriormente á sua morte, e o creio, porque Francisco de Santa Maria, assignando-a em 1539, teve documentos, em que se fundar.

[3] *Ingressos nas Actas Capitulares da Congregação de S. João Evangelista de* 1538 *a* 1545 (originaes do Archivo Nacional)—FRANCISCO DE SANTA MARIA *Ceo Aberto na terra*.—Um retrato de meio corpo.

[4] *Actas Capitulares da Congregação de S. João Evangelista de* 1538, 1539 *e* 1540, *e Ingressos ao fim dessas e das mais até* 1545 (originaes do Archivo Nacional).—Um retrato de meio corpo.

corda de esparto grosso, estabelecendo horas de dia e noite para a disciplina, e trazendo sempre o cilicio; deste modo perseverou um anno até que o companheiro, por não podêr supportar a asperesa das penitencias, se retirou á sua Provincia: sabido isto do Duque procurou companheiro para o seu solitario entre os Religiosos Xabreganos, e o Provincial lhe deu Fr. Diogo de Lisboa: não estando assim mesmo satisfeitos os desejos do Duque, porque queria vêr a Serra povoada de imitadores de *Fr. Martinho*, escreveu por isso a S. Pedro de Alcantara, de quem tinha conhecimento, e este servo de Deos obtendo licença dos Superiores veio em 1542 para a Arrabida trazendo Fr. João de Aquila, ambos eram da Provincia de S. Gabriel; e logo depois chegou Fr. Francisco de Pedraita da Provincia de Cartagena por saber da resolução do Navarro: reunidos todos começou neste santo Ermo a vida Cenobitica a elevar-se a par da solitaria pela communidade nos louvores do Senhor, nas penitencias, e no exercicio da maior devoção; e, para dar incremento ao Monastico, Fr. Martinho recebeu na classe de donato, para ajudar ás Missas e prover o pequeno convento de agua, a Pedro Lagarto, que depois foi um dos varões mais notaveis desta recoleição. Neste anno (1542) foi visitada a Arrabida pelo Geral da Ordem Fr. João Calvo, que para satisfazer a piedade do Duque, depois de observar as edificantes virtudes dos Anacoretas encorporou na Ordem a Ermida, deu-lhe o titulo de Custodia de Nossa Senhora da Arrabida, o aggregou-lhe os Mosteiros, que de futuro a ella se unissem, concedeu licença para se fundar alli um, nomeou Custodio a *Fr. Martinho*, e mandou lançar o habito a Pedro Lagarto: o Duque tratou de levantar o novo Mosteiro, e de edificar outro na Villa de Penella, que passou depois á Provincia de Santo Antonio de Portugal, em quanto o novo Prelado povoou o santo Ermo, admittindo ao noviciado Fr. Antonio Freire e Fr. Archangelo, que eram Castelhanos, Fr. Antonio de Coimbra da familia de Sá, Fr. Damião da Torre, Fr. Balthasar das Chagas, Fr. Salvador da Cruz, e Fr. Jacome Peregrino; aceitou o Mosteiro de Palhaes, que devia fazer D. Francisco da Gama, e o de Salvaterra de Magos edificado pelo Infante D. Luiz; deu alto impulso á observancia religiosa com seu exemplo; para a perseverança ordenou os Estatutos do nova Custodia; e no anno 1545 resignou o ministerio de Prelado fazendo intervir a authoridade da Provincial dos Algarves, a quem o Geral ordenára que recorresse, porque os companheiros não lhe quizeram aceitar a renúncia, e pelo pedir lhe foi nomeado successor Fr. André Varella dessa Provincia. Cheio de merecimentos acabou no Senhor por Agosto de 1546.[1]

182.º

REVERENDO FR. ANTONIO DE LISBOA[2] MONGE DE S. JERONYMO.—Nasceu em Lisboa, filho illegitimo de Diogo Gil Moniz Vêdor da fazenda do Infante D. Fernando (pae de ElRei D. Manoel), e neto de Gil Ayres Escrivão da puridade e Alferes do condestavel D. Nuno Alvares Pereira, do qual foi tambem filho Vasco Gil Moniz, Vêdor da fazenda do Infante D. Pedro, que teve descendencia[3]: abraçou a vida claustral no Mosteiro de Nossa Senhora de Guadelupe da Congregação de S. Jeronymo, e se habilitou pelo estudo da sciencia, e pela prática das virtudes para o *Sacerdocio*, que recebeu com piedade: mais adiante, com licença do Superior, veio emittir de novo os votos no Ermo das Berlengas; de lá foi tirado para Prior do Mosteiro de Belem, e sem acabar o triennio o elegeram Provincial de Portugal: por ser um Religioso exemplar, ElRei D. João III o propoz Reformador dos Freires da Ordem Militar de Nosso Senhor *Jesus Christo*, e o Santo Padre Clemente VII lhe deu as faculdades, e approvou o Instituto, que creasse no Mosteiro de Thomar pelas letras Apostolicas de *Exposcit debitum* de 30 de Junho de 1531: procedeu a reforma convertendo os Freires seculares em Monjes com a Regra Benedictina, constituições particulares, habito e escupulario branco com murça aberta, cordão preto e branco, e cruz vermelha sôbre o peito; isso teve sancção Apostolica em 1541: reteve o Priorado da Ordem em quanto viveu, e com elle a administração do Isento, e o cargo de Inquisidor de Thomar, com o qual celebrou auto de fe em 1544 assistido de quarenta Religiosos seus subditos. Foi observante e zeloso até concluir a sua passagem sôbre a terra, que teve logar em 21 de Junho de 1551, e foi sepultado em uma Capella particular da Charolla, e lhe perpetuaram a memoria com o seguinte epitaphio:

ESTA SEPULTURA É DE F. ANTONIO DE LISBOA, RELIGIOSO DA ORDEM DE S. JERONYMO, E REFORMADOR DESTE CONVENTO, E D. PRIOR DELLE. F. AOS 21 DE JUNHO DE 1551.[4]

183.º

REVERENDO RODRIGO DA MADRE DE DEOS CONEGO SECULAR DO EVANGELISTA.—Nasceu no castello da Villa da Feira: foram seus paes os 3.ºs Condes dessa Villa, D. Manoel *Pereira* e D. Isabel de Castro, e teve irmãos D. Diogo Pereira, 4.º Conde da Feira, e D. Manoel *Pereira*[5]: dedicou-se á vida Eccle-

[1] Fr. ANTONIO DA PIEDADE *Espelho de Penitentes*—Um retrato de meio corpo sem nome, e com os Estatutos da Arrabida.

[2] Encontra-se nomeado de *Lisboa*, pela naturalidade, *Moniz* pela familia, e de *Guadelupe* pela filiação neste Mosteiro.

[3] Por seu quarto neto Febus Moniz de Luzignagno pae de D. Luiza Coutinho mulher de Francisco José de Sampaio e Mello, Senhor de Villa-Flôr, e ascendente na varonia do actual Conde de Sampaio.

[4] Archivo Nacional gav. 7.ª, m. 4.º, n.º 3º—*Relação de quando se começou esta Ordem de Christo em Religiosos Regulares com regra do nosso Padre S. Bento, e foi no anno de 1529, e do primeiro Padre Prior o nosso reverendissimo Prior Fr. Antonio Moniz de Lisboa* (ms. do Archivo Nacional)—JORGE CARDOSO *Agiologio Lusitano*. Um retrato de meio corpo.

[5] Do primeiro descende o actual Conde de S. Lourenço, e do segundo o actual Conde da Taipa.

nastica; subiu ao *Sacerdocio*, e renunciando ás dignidades com todas as esperanças do seculo, tomou o habito de Conego Secular de S. João Evangelista no Mosteiro do Villar de Frades, om quo procedeu como o Claustral mais observante, principalmente na virtudo da humildade, da mansidão e da paciencia, om que contrastava com a vaidade dos primeiros dias, e com o genio arrebatado e violento de uma idade maior: foi um dos primeiros seis collegiaes que a sua Ordem enviou a Coimbra em 1548; e depois, em 1551, teve o cargo de Provedor do Hospital dessa Cidade. Pelo Cardeal Infante Henrique Inquisidor Geral foi nomeado para a mesa grande do Santo Officio de Lisboa; o mais adiante, sendo eleito Bispo do Angra e Inquisidor Geral pela renúncia, que aquelle Prelado fez, a morte se apressou a cortar-lhe o caminho destas dignidades, porque adoecendo gravemente á fôrça da trabalho, foi morrer á casa, onde nascêra, e nos braços de sua mão, saindo do Lisboa por conselho dos medicos, não para Villar, segundo elle desejava, mas para o castello da Feira, como Deos permittiu: finou-se dessa molestia com as disposições de bom Christão em 6 de Maio de 1553, foi sepultado no Cruzeiro da Igreja nova da casa da sua Congregação na dita Villa, o lhe pozeram este epitafio:

AQUI JAZ O MUITO REVERENDO P.
RODRIGO DA MADRE DE DEOS FILHO DO CONDE
D. MANOEL PEREIRA E DA CONDESSA D. ISABEL DE CASTRO,
O QUAL SENDO PRÉGADOR E DE MISSA SE RECOLHEU
EM VILLAR DE FRADES, E TOMOU O HABITO DOS PADRES
DE S. JOÃO EVANGELISTA, E NELLE MORREU
ESTANDO POR INQUESIDOR EM LISBOA: FALLECEU
NO CASTELLO DA FEIRA A 6 DE MAIO DE 1553.
O CONDE SEU IRMÃO LHE MANDOU FAZER ESTA
SEPULTURA.[1]

184.°

Reverendo JACOBINO MALAFOSSA Religioso Menor.—Nasceu em Barges dos Alpes, e abraçou o Instituto Serafico; fez os estudos nas Universidades de Padua e Turim, e obteve o *Sacerdocio* por se tornar digno delle: não so na sagrada sciencia, porém na metaphisica saiu eminente: teve na cadeira um estylo facil, e tão attractivo, que todos desejavam ouvi-lo; era dado a controversia, e nella porfiava muito; prégou no Santo Synodo de Trento; floresceu pelos annos 1560, terminou a sua passagem sobre a terra quando contava oitenta annos de idade, e deixou memoria de seus estudos nas *Illustrações ao primeiro, segundo, e terceiro Livros de Scoto*; *Exposição á Metaphisica de Aristoteles*, e na *Oração aos Padres do Concilio Tridentino.*[2]

185.°

Veneravel GONÇALO DA SILVEIRA Religioso da Companhia de Jesus.—Nasceu este servo de Deos em Almeirim a 23 de Fevereiro de 1526, filho de D. Luiz da *Silveira* primeiro Conde de Sortelha e da Condessa D. Brites de Noronha, e teve irmão de D. Diogo da *Silveira* terceiro Conde de Sortelha com posteridade[1]: desde tenros annos mostrou, o que sempre havia de ser, pio, abstinente, penitente, e caridoso, despresando todos os divertimentos proprios de sua idade e condição, e entregando-se á leitura de livros devotos, e á oração; não bebendo vinho, nem gostando de bons manjares, macerando seu corpo, e evitando quanto lhe podesse dar prazer aos sentidos; fazendo pazes entre os meninos, que pelejavam, visitando-os na enfermidade, e remediando os que eram pobres; e como em resultado de tão altas virtudes juntava a essas o recolhimento, a modestia, e tal amor da verdade, quo nem para se desculpar mentia; e quando já era experimentado no caminho da perfeição, Deos o favoreceu com especiaes graças de extasis, e do dom da prophecia: começou os seus ensaios da vida do Claustro no Mosteiro Serafico de Santa Margarida, onde aprendeu grammatica, e se aperfeiçoou na pratica das virtudes, causando admiração pelo exemplo: mandado estudar a Coimbra, vivia como um recoleto em Santa Cruz; e apparecendo nessa cidade os Religiosos da Companhia, vestiu a roupeta de Santo Ignacio em 9 de Junho de 1543, e, para evitar os rogos importunos de sua familia, com licença dos Superiores foi ter os exercicios de Santo Ignacio em um retiro a tres leguas do Porto: na volta combateu com vigorosas instancias dos parentes, e, sem se importar com as ordens do Rei, de que estavam munidos, resistiu, perseverou, e a todos respondeu, que se seus paes (já mortos) alli viessem os deixaria para seguir a *Christo*: procurava os officios mais humildes, e de maior mortificação, a ponto de ir com um jumento buscar arêa ao Mondego para as obras do Collegio; tão completamente despresador do mundo, chegou a sê-lo das proprias ligações da naturesa, porque so de ordem dos Superiores, e com violencia, visitava seus irmãos, e ainda mais da carne, porque quando era enfermeiro em Coimbra, assistindo á cura de um moço doente de uma perna, ao sentir nausea da materia, que escorria della em

[1] Francisco de Santa Maria *Céo Aberto na terra* — Joaquim da Silva Pereira *Coimbra Gloriosa* (ms. da Bibliotheca Nacional). Um retrato de corpo inteiro.

[2] Waddingus *Annales Minorum* — Fr. Joannes a Sancto Antonio *Bibliotheca Universa Franciscana* — Um retrato de meio corpo.

[1] Em D. José de Lancaster actual senhor da casa dos Marquezes de Abrantes.

o vaso, a bebeu: pela excellencia do seu talento o obrigaram os Superiores a ir a Gandia tomar o grao de doutor na Universidade, que S. Francisco do Borja fundára antes de entrar na Companhia de *Jesus*: d'alli voltou a Portugal, e como ja a esse tempo estava ordenado de *Sacerdote*, discorreu a pé diversos logares do reino, principalmente de alem-Douro, missionando, com fervor Apostolico, em grande austeridade e pobresa; por isso fazia muitas conversões. Erecta a casa professa de S. Roque de Lisboa, foi eleito seu Proposito em 1553; e neste ministerio não houve alguem, que deixasse de o venerar por Santo, tão alta era já sua virtude, chegando depois a escrever-se, que celebrando um dia Missa, ao levantar o Calix, lhe viram as mãos ensanguentadas: tomou-se isto por declaração do futuro martyrio, que elle prophetisou, quando em 1556 dovia passar no Ultramar na Missão do Patriarcha João Nunes Barreto, dizendo: «*Eu hei de ir a India, e hei de ser Martyr, e não hei de ser posto em Cathalogo de Santos*» e como o Provincial tentasse impedir a sua partida, respondeu: «*Debalde trabalham, porque não ha fôrça humana, que me pôssa impedir esta Missão, por estar ja confirmada e decretada pelo mesmo Deos*:» aplanadas todas as difficuldades, passou á India, onde o seu fervoroso zêlo pela salvação das almas o fez perfeito imitador de S. Francisco Xavier: constituido Missionario nessa região o elegeram Provincial; mas acabado o tempo deste ministerio, pensou quo dovia semear a palavra do Senhor em Africa entre os Cafres, porque tirando um mez em Coimbra o seu Santo, como usavam os filhos da Companhia, lhe saiu o verso do Psalmo 146 «*Qui dat jumentis escam ipsorum, et pullis corvorum invocantibus escam*:» logo então havia dito, que pregaria aos filhos dos Cafres, que eram os corvos pequenos, de que fallava o Propheta; e tão certo vivia disto, quo quando navegava para a India, em Moçambique lhe pediram para ficar missionando, o elle respondeu, quo ainda não era tempo: chegou este om 1560, partiu para o seu destino; e, ardendo em desejos de ser feito em pedaços, na Cafraria, por amor de Deos, como dizia com fervor, entrou em Moçambique, e de la passou ao reino de Tonga, ondo exerceu o officio do bom *Sacerdote*, e deixando neste ponto o companheiro, que levava para continuar a Missão, fazendo perseverar e augmentando a Christandade, quo plantara, voltou a Moçambique, o por Sofala passou ao Monomotopá, donde deu entrada no começo do anno de 1561. Pregou na capital, converteu o baptisou o Rei, e os principaes do sua côrte: este facto desorientou as cabeças dos mussulmanos, que alli viviam, e receiando perder a influencia, calumniaram o servo de Deos ante o Rei, fazendo persuadir, que ia para o matar, que era grande feiticeiro, e que a agua por elle lançada sôbre as cabeças tinha a fôrça de sujeitar á sua vontade quantos a recebessem; pervertido o Soberano com essas calumnias, mandou mata-lo por alguns Cafres: inspirou Deos ao seu servo, que estava proxima a sua hora na noite de 15 para 16 de Março daquelle anno (1561). Antonio Cayado, que então estava no paiz, e tinha levado o servo de Deos á côrte, porque cabia muito com o Rei, quiz dissuadir o santo *Sacerdote* de preversas intenções da parte daquelle principe; mas depois sabendo a realidade dellas, procurou justificar a innocencia, e chegou-se a persuadir, quo o havia feito; mas não creu *Gonçalo da Silveira*, e apesar disso recusou a companhia de Portuguezes para guarda: velou esperando pelos assassinos, passeando para não ser vencido do somno; e já não podendo resistir-lhe, lançou-se sôbre uma esteira: os Cafres, que isso esperavam, observando de logar occulto suas acções, o arremetteram pondo-se-lhe um sobre o peito, tomando-o quatro pelos pes e braços o levantaram ao ar, o lançando-lho outros uma corda ao pescoço o afogaram: expirou o Servo do Senhor lançando muito sangue pela bôcca: levaram-o então do rastos até ao rio Matale, om que o lançaram, e, sendo arrojado pelas aguas para o bosque, foi visto cercado de feras, como em cortejo, por muito tempo, até desapparecer. O Padre Nuno Mascarenhas, sendo Assistente om Roma, tratou com efficacia a sua beatificação, o chegou a espera-la, porém não se conseguiu.[1]

186.°

Venerável Fr. JACOMO Peregrino Religioso Menor.—Era natural de Piuhel e filho de paes illustres: om logar de satisfazer as vistas de sua familia entregando-se ao estudo, veio para Lisboa ostentar loucuras; e, depois de se fazer notavel por ellas, ouvindo fallar das ásperas penitencias dos Anacoretas da Arrabida, verdadeiro Seminario de heroicas virtudes, foi por curiosidade áquelle êrmo; porém Deos, que dessa loucura se servira para a conversão deste moço desleixado, fez que a presença do veneravel Fr. Martinho de Santa Maria e de seus companheiros lhe confundisse a vaidade, e aterrasse o espirito, que distrahido andava elle, mas não corrompido; e tão promptamente se convertou, que pediu logo o habito: Fr. Martinho lh'o negou não crendo a sinceridade da mudança; porem taes foram suas instancias, que o servo de Deos, depois de duras provas, o admittiu ao santo Instituto, de que foi o oitavo noviço; e posteriormente o enviaram com Fr. Pedro Lagarto a Salamanca para estudar a sagrada theologia: a perseverança durou, e entrando no caminho da perfeição, recebeu o santo *Sacerdocio* mostrando aproveitamento nos estudos, e muito conseguiu elle do proximo a meio de suas pregações e de exemplo de uma virtude consummada. Erecta a custodia da Arrabida em provincia, por breve do Santo Padre Pio IV, de 10 de Maio do 1560, foi eleito no capitulo de S. Jose de Ribamar primeiro Provincial do novo Monastico, com applauso o regosijo de todo elle, em 22 do Dezembro daquelle anno. Antes de concluir o triennio, achando-se em Lisboa, que n'outro tempo fôra o theatro de suas tonterias, o então o era de suas virtudes Apostolicas, o assaltou a morte em 20 de Janeiro de 1564, acabando como um Santo, carregado de merecimentos para com Deos, e para com os homens, a quem procurou converter com a palavra, com as mais fervorosas orações, e pelas mais asperas penitencias, com quo macerava seu corpo.[2]

[1] João Eusebio de Nieremberg *Claros Varones de la Compañia de Jesus*—Antonio Franco *Synopsis Annalium Societatis Jesu*, e *Anno Santo da Companhia de Jesus em Portugal* (orig. do Archivo Nacional). Um retrato de meio corpo.

[2] Fr. Antonio da Piedade *Espelho de Penitentes*. Um retrato de meio corpo.

187.°

Reverendo **PEDRO DE S. JOÃO**, o letrado, Conego Secular de S. João Evangelista. — Nasceu na Vidigueira, e entrou na Congregação do Evangelista em 1515: seguiu as escolas geraes, tomou o grão de doutor em theologia; foi tão eminente na sciencia, que lhe chamaram o *letrado*; e essa qualidade, e a sua muita virtude, o tornaram digno do *Sacerdocio*, a que foi elevado: em 1514 o elegeram Geral, e exerceu como bom Pastor este ministerio: era Provedor do Hospital de Coimbra em 1568, quando em obediencia do breve, por que Sua Santidade ordenou, que os Conegos do Evangelista fôssem reformar os da Congregação da Alga, em consideração de sua muita observação, o Geral Diogo da Resurreição o escolheu para em companhia dos Padres Antonio do Espirito Santo, que acabava de ser Geral, Francisco da Madre de Deos, Gil da Conceição, e Francisco de Santa Maria, que estava em Roma, executarem os mandados Apostolicos: com elles procedeu no Mosteiro de S. Salvador em Lauro á reforma: e foi esta do agrado do Summo Pastor: de seus talentos deixou memoria n'umas advertencias para o bem da Igreja, que ElRei D. João III, sendo elle Geral, lhe mandou pedir a fim de enviar por seu orador ao Santo Synodo Tridentino, e de que se conservava copia na Congregação.[1] Não me consta o anno de sua morte, nem alguma allegação contra sua fama posthuma.

188.°

Veneravel Fr. **LUIZ DE MONTOIA** Eremita Augustiniano. Era natural de Belmonte na Mancha do Aragão Bispado de Cuença, e nasceu a 15 de Maio de 1497, filho de Alvaro de *Leão* e de Ignez Alvares de *Montoia*: abraçou o Ermo Augustiniano em 1514 no Mosteiro de Salamanca, e professou em 28 de Abril do anno seguinte; feitos os estudos recebeu a sagrada Ordem *Sacerdotal*, e não tardou a manifestar-se luzeiro ardente no candelabro da Igreja de Deos pela sciencia, integridade de vida, e piedade: era Prelado na sua provincia, quando por morte de Fr. João Gallego foi dado por companheiro a Fr. Francisco de Villa Franca para visitar e reformar o Ermo Portuguez, pelo Geral, em 14 de Janeiro de 1535: por suas diligencias deu ElRei D. João III á Ordem o Collegio de Coimbra em 1542, foi-lhe commettida a fabrica, a que lançou a primeira pedra em 13 de Janeiro do anno seguinte, e nelle foi o primeiro leitor de theologia: o Geral Fr. Jeronymo Seripando em 1550 o nomeou com outros, para decidir a contenda da Provincia de Castella com o Mosteiro de Valhadolid, sôbre o Collegio de S. Gabriel; e no anno seguinte passou ao capitulo geral de Bolonha, e foi confirmado visitador e reformador da provincia Lusitana com o Padre Villa-Franca: voltando a Portugal quiz renunciar a commissão; mas o Geral, que ainda era o veneravel Seripando, não consentiu. Morto o companheiro, ficou elle Prelado Provincial desde 1555 ate 1565: algum tempo foi Confessor e mestre de ElRei D. Sebastião, mas renunciou este ministerio, e não quiz aceitar a Cadeira Episcopal de Vizeu para que suas virtudes eximias o fizeram eleger: carregado de merecimentos para com Deos, e tambem para com os homens, em 7 de Setembro de 1569 trocou a vida temporal pela eterna; e depois de morto Deos obrou alguns prodigios para confirmar a santidade do seu servo, que o Arcebispo de Lisboa fez authenticar: foi sepultado no Mosteiro da Graça desta cidade, e trasladado em 21 de Dezembro de 1573 para a Capella, que nelle mandou fazer D. Helena de Lancaster, e sôbre a lapide sepulchral se inscreveu este epitaphio:

MOLE. SUB. HAC. LAPIDUM. MONTOIAM. É. DETRIDE. TELLUS.
LUSITANA. TEGIT. SI. TAMEN. ILLA. TEGIT.
CUJUS. AB. EX. CULTU. STAT. NULLIS. DE. COLOR. ANNIS.
VIVIDA. RELIGIO. NON. JACET. ILLE. JACENS.

Escreveu as tres primeiras partes da *Vida de Christo*, deixando incompleta a obra por falta da quarta, que compoz o veneravel Fr. Thomé de Jesus: e alem d'outras obras *Sermões da Conceição*, e *Meditações*.[2]

189.°

Reverendo Fr. **FRANCISCO MACHADO** Monje da Santa Maria de Alcobaça. — Era natural de Soure e meio irmão de Fr. Gonçalo da Silva: ambos receberam o santo habito Cisterciense no Mosteiro de Santa Maria de Alcobaça; ambos foram escolhidos, em virtude de seus talentos, para estudarem na Universidade de Paris, e a seu mantimento concorreu ElRei D. Manoel, mandando-lhes abonar trinta e cinco cruzados, por tres annos, em 12 de Setembro de 1519: ambos aproveitaram, Fr. Gonçalo tomou o grão de licenciado, e Fr. *Francisco* conseguiu a borla doutoral na sagrada theologia. recebeu este a Or-

[1] *Ingressos nas Actas Capitulares da Congregação de S. João Evangelista de* 1538 *e* 1545 (orig. do Archivo Nacional) — Francisco de Santa Maria *Céo Aberto na terra* — Barbosa *Bibliotheca Lusitana* — Joaquim da Silva Pereira *Coimbra Gloriosa*. Um retrato de meio corpo.

[2] Fr. Thomé de Jesus *Historia da Vida do muito Religioso varão Fr. Luiz de Montoia*, que Fr. Jeronymo Roman traduziu em Castelhano, e publicou em seu nome — Jorge Cardoso *Agiologio Lusitano* — Barbosa *Bibliotheca Lusitana* — Fr. Manoel de Figueiredo *Flos Sanctorum Augustiniano* — Ossinger *Bibliotheca Augustiniana*. Um retrato de corpo inteiro

dem *Sacerdotal*, de quo pela sciencia e virtude se tornava credor: foi Abbade do Mosteiro de Santa Maria de Tamaraes, na Ribeira do Orem, pelos annos do 1545; o em 1559 fez renúncia do ministerio Abbacial para se annexar o Mosteiro ao Collegio de S. Bernardo de Coimbra; mas não tendo tido logar a união se não em 1570, tambem o não teve a renúncia; por isso continuou na Prelasia desta casa, e foi elle o ultimo Abbado della: o Cardoal Infante Henrique lhe ordenou, em 15 de Agosto do anno..., que fôsse a Lorvão inquerir sôbre os milagres das Santas Rainhas Thereza e Sancha, filhas de ElRei D. Sancho I, a quem respondeu em 19 de Outubro seguinte: ignora-se o anno da sua morte, porem conjectura-se, que seria pouco depois de 1570: foi varão sabio e exemplar, e deixou de seus estudos memoria, entre outros escriptos, na *Poraphrasis in septem Psalmos poenitentioles*, que dedicou ao Prior e Monjes de Alcobaça em 20 de Agosto de 1565.[1]

190.°

VENERAVEL BERNARDO DE CHRISTO CONEGO SECULAR DO EVANGELISTA.—Nasceu na Guarda; desdo menino se entreteve na piedade; mostrava-se grave no porte, devotissimo da Santissima Virgem, não gostava de fallar senão nas cousas de Deos, e deste modo se dispunha a ser varão perfeito: entrou na Congregação de S. João Evangelista[2], e foi humilde. obediente, observante, penitente, contemplativo, o do grande caridade: ornado do taes dotes subiu ao *Sacerdocio*, o frequentava com grande proveito do proximo o Pulpito e o Confessionario: a Ordem para conteniporisar com a côrte, que o venerava e desejava, o mandou para Santo Eloy de Lisboa; com fervor pregava nas praças desta cidade, e nellas ensinava a doutrina christã, ainda sendo velho; não perdoava vicio a alguem, porque não conhecia respeitos humanos; o como era homem de Deos, o a sua sinceridade manifesta a todos, as suas palavras tinham o dom de convencer: em 1538 era Reitor de Santo Eloy, em 1541 Definidor, em 1545 Provedor do Hospital de Lisboa, e Geral em 1547, e neste ministerio foi o, que devia ser, bom pae, e zeloso Pastor: teve particular trato com a Familia Real, e os Reis D. João III e D. Catharina se confessavam com elle; o era tal sua liberdade com os nossos Soberanos, que fazendo-lhe ElRei D. Sebastião cair o bordão, a que se encostava, lho chamou malcreado, caminhando para elle com passos mal seguros, o reprehendeu a Rainha sua avó, que como em satisfação ordenou ao Rei menino, quo abraçasse o veneravel velho: passando ja de oitenta annos trocou esta vida pela eterna em 8 de Novembro de 1570, e foi sepultado no claustro de Santo Eloy, onde lhe pozeram esta simples lenda:

O P. B. D. CHRISTO 1587.

De seus talentos e santa inclinação deixou memoria em *Varias Meditações da Vida, Morte e Paixão de Nosso Salvador.*[3]

191.°

VENERAVEL FR. JOÃO PORTUGUEZ RELIGIOSO MINIMO.—Era natural do Porto, e militou no reinado de D. Manoel: largando depois a occupação, quo abraçara, submetteu-se a obediencia Claustral tomando o habito da Ordem de S. Francisco de Paula no Mosteiro de Santa Helena de Andujar da provincia de Granada em o anno de 1512: applicou-se com desvelo ao estudo da sciencia o da perfeição Christã, e não tardou a ser um varão eminentemente exemplar, pelo que mereceu a dignidade *Sacerdotal*, a que foi elevado: no capitulo de Bolonha do 1538, quando dos Mosteiros de Castella e Andaluzia se fizeram duas provincias, foi eleito Prelado da primeira; e a governou com zêlo e amor de pae. Foi um dos Religiosos mais dedicados á oração e contemplação das cousas Divinas, gastando a maior parte do tempo neste santo exercicio, de noite no côro e de dia na cella; e fazendo assim vida de Santo, chegou já velho ao anno de 1570, em que o roubou a morte no Mosteiro de Valencia: seu corpo lá foi sepultado, em quanto sua alma subiu ao Ceo para receber o premio de seus merecimentos.[4]

192.°

REVERENDO FR. LUIZ DE ELNA RELIGIOSO MENOR.—Era natural de Elna na Catalunha; tomou o habito da Religião Seraphica na provincia daquelle Principado; subiu ao *Sacerdocio*, e exerceu com proveito o santo ministerio do Confessionario o do Pulpito: depois acompanhou o veneravel Fr. Martinho de Santa Maria no seu retiro do Ermo da Arrabida, ondo era um perfeito Anacoreta, e se mostroo sempre devotissimo da Santissima Virgem: occupou o ministerio de Guardeão, e por duas vezes o de Custodio desta santa Recoleição, do quo foi o quarto em número dos quo ella teve: quando da primeira

[1] Archivo Nacional *Corpo Chron. p. 1. m. 25, doc.* 33—D. NICOLAU ANTONIO *Bibliotheca Nova Hispanica*—BARBOSA *Bibliotheca Lusitana*—FR. FORTUNATO DE S. BOAVENTURA *Historia Chronologica e Critica da Real Abbadia de Alcobaça.* Um retrato de corpo inteiro.

[2] O ingresso junto ás Actas capitulares de 1538, aponta o anno de 1519, e Francisco de Santa Maria refere o anno de 1501: não se póde hoje bem saber, de que lado está a verdade, por faltarem os assentos de entrada; mas os ingressos nem sempre foram feitos com exactidão rigorosa, e Francisco de Santa Maria teve por diante aquelles assentos.

[3] *Actas Capitulares da Congregação de S. João Evangelista de* 1538 a 1545 (orig. do Archivo Nacional)—FRANCISCO DE SANTA MARIA *Céo Aberto na terra*—BARBOSA *Bibliotheca Lusitana.* Um retrato de meio corpo.

[4] FR. FRANCISCO DE PAULA BOSSIO *Vida Prodigiosa e Portentosos Milagres de S. Francisco de Paula.* Dois retratos de meio corpo.

vez a governou adquiriu para ella o Mosteiro, que o Aposentador-mor Lourenço de Sousa da Silva fundou na quinta de Mofassem de Caparica; o durante essa epoca, e posteriormente cuidou com desvelo no augmento espiritual e temporal do novo Monastico: na idade de noventa annos terminou a sua passagem na terra, e acabou penitente e com signaes de muita piedade em 23 de Outubro de 1571.[1]

193.°

VENERAVEL FR. GASPAR DOS ANJOS EREMITA AUGUSTINIANO.—Era natural de Lisboa, tomou o habito no Mosteiro de Nossa Senhora da Graça desta cidade, e recebeu o *Sacerdocio*, quando estava bastante instruido na sciencia dos Santos e na prática das virtudes: por ordem do Provincial Fr. Agostinho de Castro, que depois occupou a Sé Bracarense, foi com Fr. Pedro da Graça, Fr. José de Moraes e Fr. Jeronymo da Encarnação, á Costa de Mina na primeira Missão desta sagrada Ordem, que ElRei D. Sebastião sollicitara: depois de trabalhar com zêlo na salvação das almas, foi açontado com Fr. Athanazio da Cruz por hereges de Rochella, e com elle lançado ao mar na barra da Mina em odio do Catholecismo em 19 de Março de 1575.[2]

194.°

VENERAVEL FR. ATHANAZIO DA CRUZ EREMITA AUGUSTINIANO.—Era natural de Arronches e professou no Ermo Augustiniano de Villa Viçosa: olevado ao *Sacerdocio* foi com Fr. Domingos de Santa Maria prégar o Evangelho, e dar exemplo de suas raras virtudes na Costa da Mino em 1572, compondo a segunda Missão, que seu santo Instituto alli enviou por ordem do Provincial Fr. Sebastião Toscano: havendo annunciado a palavra de Deos, teve a mesma sorte de Fr. Gaspar dos Anjos, porque a ambos açoitaram e lançaram ao mar os hereges Rochelazes em 19 de Março de 1575.[3]

195.°

VENERAVEL FR. ANTONIO DE S. VICENTE RELIGIOSO MENOR.—Em 1553 era este servo de Deos um dos *Sacerdotes* mais exemplares do Instituto Serafico, e vivia no Mosteiro de Santo Antonio do Pinheiro, não longe da villa da Chamusca, no maior fervor da observancia Monastica, quando por ordem dos Superiores passou a povoar o da Casa Nova com Fr. Bartholomeu da Insua eleito Guardeão, e outros Religiosos: com o andar dos tempos occupou a Prelasia deste santo Ermo, ou purgatorio, como lhe chamava o veneravel Arcebispo Fr. Bartholomeu dos Martyres: mais adiante no capitulo geral de 1565, celebrado no Mosteiro de S. Francisco de Lisboa, foi eleito Custodio das casas reformadas da provincia observante de Portugal; e dando-se no 1.° de Novembro de 1568 á execução o breve *Sacrae Religionis*, porque essas casas de Recoleição foram elevadas de Custodia a Provincia com o titulo de Santo Antonio de Portugal, o veneravel *Fr. Antonio de S. Vicente*, passou de Custodio a Provincial. Era elle o varão escolhido para uma reforma desta classe, porque na pratica de todas as virtudes, no zêlo pela casa do Senhor, e na piedade contava iguaes, mas não superiores: prosperou a nova Provincia com o seu governo, não so com o augmento espiritual, mas com acquisição de novos Mosteiros; e apesar de sua idade maior de sessenta annos, visitou a todos os de sua jurisdicção a pé, reformando, dando novos documentos de piedade, e estimulando a perfeiçao Christã: em 1571 conseguiu do São Pio V o breve *Dilectis filiis* (que depois confirmou o Santo Padre Xisto V em 1587), para que em toda a Ordem Serafica nas quintas-feiras (exceptuadas os do Advento, e Quaresma, ou em que caissem oitava ou festa de nove lições) se resar do Santissimo Sacramento: cheio de merecimentos para com Deos, acabou, a modo do justo, no Mosteiro de S. Francisco do Monte de Vianna a 12 de Maio de 1575, e sôbre sua sepultura lhe pozeram a seguinte lenda:

AQUI JAZ FR. ANTONIO DE S. VICENTE PRIMEIRO PROVINCIAL DA PROVINCIA DE SANTO ANTONIO, HOMEM PIO.[4]

196.°

VENERAVEL FR. JOÃO DE AQUILA RELIGIOSO MENOR.—Era natural de Cordova, onde nasceu em 1470, filho de paes illustres: abraçou o Instituto Serafico na provincia de S. Thiago; nella subiu a dignidade *Sacerdotal*; e foi um perfeito Religioso: com Fr. Pedro do Melgar, Fr. João Pascoal, Fr. Angelo de Valhadolid, Fr. Antonio Ortis, e Fr. Pedro de Monte Celi, precedendo licença do Santo Padre Alexandre VI, e do Geral da Ordem, fundou um pequeno Mosteiro na cidade de Truxillo, e la fez vida penitente; mas as tribulações causadas pela Provincia de S. Thiago o obrigaram com seus companheiros a procurar em 1500 o amparo do Duque de Bragança D. Jayme, que lhes mandou fundar Mosteiro a

[1] FR. ANTONIO DA PIEDADE *Espelho de Penitentes*. Um retrato de corpo inteiro.

[2] JORGE CARDOSO *Agiologio Lusitano*—FR. JOSÉ DE SANTO ANTONIO *Flos Sanctorum Augustiniano*. Um quadro do martyrio de ambos.

[3] JORGE CARDOSO *Agiologio Lusitano*—FR. JOSÉ DE SANTO ANTONIO *Flos Sanctorum Augustiniano*. Um quadro, que represents o martyrio de umbos.

[4] JORGE CARDOSO *Agiologio Lusitano*—FR. FERNANDO DA SOLEDADE *Historia Serafica*—FR. MARTINHO DO AMOR DIVINO *Escola de Penitencia*. Um retrato de meio corpo.

meia legua de Villa-Viçosa em uma Ermida de Nossa Senhora da Piedade; e fundando-se outros em Portugal e Castella, se organisou delles a Congregação do Santo Evangelho, que se dissolveu pelas maiores tribulações movidas por aquella Provincia de S. Thiago, de que resultou levantar-se em Portugal a Provincia de Nossa Senhora da Piedade, e unirem-se os Mosteiros de Castella a quem os perseguia, para d'ahi a pouco formarem a Provincia de S. Gabriel: a esta pertenceu *Fr. João de Aquila*, que em 1525 passou ás Missões da America; fez grandissimo número de prodigiosas conversões, destruiu idolos e templos da gentilidade, e não podendo conseguir o martyrio, que desejava, voltou á Europa a viver no santo Ermo da Arrabida, por que o chamou S. Pedro de Alcantara em 1541: depois voltou para a sua Provincia de S. Gabriel, mas a pedido do Infante D. Luiz novamente se fez de caminho para a Arrabida, e foi eleito quinto Custodio em 1553: perseverou depois em Portugal dando exemplos da mais austera penitencia e de todo o genero de virtudes, até que em 5 de Fevereiro de 1580 no Mosteiro de S. José de Ribamar, em idade de cento e dez annos, passou ao seio de Deos.[1]

197.*

VENERAVEL FR. THOMÉ DE JESUS EREMITA AUGUSTINIANO.— Nasceu este grande servo de Deos em Lisboa pelos annos de 1529, filho de Fernando Alvares de *Andrade* e de D. Isabel de Paiva; e teve irmãos Alvaro Pires de *Andrade*[2], Diogo de Paiva de *Andrade Sacerdote* e theologo de Santo Synodo Tridentino, Francisco de *Andrade* chronista-mór do reino e illustre pelos seus escriptos, João Alvares de *Andrade*, valente soldado na India, Fr. Cosme da Apresentação *Sacerdote* e Eremita Augustiniano, que o Santo Padre Gregorio XIII enviou a Allemanha para prégar contra os hereges, e a Condessa D. Violante de *Andrade*, mulher de D. Francisco de Noronha segundo Conde de Linhares: retirou-se ao Ermo de Santo Agostinho, e professou no Mosteiro da Graça de Lisboa a 27 de Março de 1544; fez seus estudos no Collegio da sua Ordem em Coimbra, e subiu ao *Sacerdocio* já varão consummado na sciencia e na vida perfeita, um sabio e um santo; entregou-se ao trabalhoso ministerio do Pulpito como um verdadeiro Apostolo; foi o terceiro mestre de Noviços depois da reforma de Fr. Francisco de Villa-Franca e Fr. Luiz de Montoia: depois cuidou de procurar a solidão no Mosteiro de Pena-firme com o intuito de se unir com Deos pela oração e contemplação; alli a obediencia lhe deu a Prelasia; e em quanto meditava uma nova reforma na Descalces, já estabelecida em Italia, para mais rigorosa observancia dos conselhos Evangelicos, e maior perfeição no Monastico, o arrancou ElRei D. Sebastião do Ermo de Pena-firme, com o fim de ter junto a si na jornada de Africa um Anjo, que por elle orasse ao Senhor, e com o exemplo servisse de guia ao exercito, que levava a combater o Islam: embarcou por ordem dos Superiores na armada que saiu para a expedição infeliz no dia 24 de Junho de 1578. Em toda a viagem, até pôr pé em terra nas praias africanas, manifestou uma caridade ardentissima com o proximo, assistindo e consolando os enfermos; em Arzila por causa delles se abatia aos actos da mais extraordinaria humildade, conduzindo ás costas a carne e o mais, que lhe davam de esmola: deste modo perseverou até chegar ao logar e hora da batalha nos campos de Alcacer, porque então o seu zêlo pela honra de Deos e salvação das almas se inflammou de um modo maravilhoso, exhortando com um Crucifixo na mão a todos e em todos os pontos do combate, confessando os feridos, e dando-lhes todo o allivio, de que um homem animado de espirito celestial é capaz; porem elle mesmo caiu ferido de lança n'um hombro, e foi captivo, levado a Mequinez, e vendido a um marabuto, que desesperando de converte-lo, e temoroso de que podesse ser por elle convertido, o mandou, carregado de ferros, para uma masmorra, *onde padeceu largo tempo intoleraveis fomes, sêdes, miserias, affrontas e açoutes, com paciencia incrivel:* alli para mitigar a dôr, tendo alcançado papel e tinta, á escassa luz, que de dia lhe entrava pelas fendas da porta do carcere, escreveu o precioso livro dos *Trabalhos de Jesus.* Deste miseravel estado o tirou D. Francisco da Costa embaixador de Portugal, conseguindo, que o governador de Mequinez, por ordem do Xerife, o enviasse a Marrocos; mas ahi recusou ser tratado na doença, de que estava enfermo, em casa daquelle ministro, e quiz ser levado ao carcere dos captivos pobres para lá orar mais á vontade, e soccorrer com os auxilios espirituaes a seus irmãos: todos os dias celebrava na Capella do carcere, e quando se achou melhor prégava todos os Domingos e Dias Santos na do embaixador; e o seu principal officio era attrair á paz e ao amor de Deos, evitar os escandalos, prégar e disputar publicamente com os Mouros e Judeus, de que foram grandissimos os fructos de sua caridade na conversão: recusou aceitar o resgate, que lhe offereciam ElRei D. Filippe II e a Condessa de Linhares sua irmã, pedindo-lhes, que não tratassem de tal, e dizendo, *que tinha por mais ditosa sorte morrer captivo pelo bem das almas de seus irmãos, que viver em liberdade arriscando garantias tão certas.* Deste modo, trabalhando incançavel na salvação das almas, e opprimido pelo captiveiro e pelas penitencias, chegou ao termo de sua passagem sôbre a terra, morrendo, como os Santos costumam, em 17 de Abril de 1582, com cincoenta e tres annos de idade, trinta e oito de Religioso e quatro de captiveiro: de seu saber e piedade deixou monumentos, além dos *Trabalhos de Jesus*, n'outros bellos escriptos, de que mencionarei a *Vida de Christo*, parte 4.ª, para completar as tres primeiras, que compozera Fr. Luiz de Montoia; *Praxis verae fidei, qua justus vivit; De oratione Dominica; Oratorio Sacro de soliloquios do amor Divino e varias devoções a Nossa Senhora; Tratado dos principaes mysterios de nossa Santa Fé; Instrucção dos Confessores e penitentes; Vida do veneravel Padre Fr. Luiz de Montoia*, que Fr. Jeronymo Roman, como já se disse, publicou em seu nome; *Carta dirigida á Nação Portugueza, escripta do captiveiro de Marrocos em 8 de Novembro de* 1581.[3]

[1] JORGE CARDOSO *Agiologio Lusitano* — FR. ANTONIO DA PIEDADE *Espelho de Penitentes.* Um retrato de meio corpo.

[2] É seu descendente e representante desta casa José Manoel da Cunha e Menezes senhor das de Lumiares e Louriçal.

[3] FR. ALEIXO DE MENEZES *Vida do Veneravel Padre Fr. Thomé de Jesus* — JORGE CARDOSO *Agiologio Lusitano* — BARBOSA *Bibliotheca Lusitana* — OSSINGER *Bibliotheca Augustiniana* — PEDRO JOSÉ DE FIGUEIREDO *Retratos e Elogios dos Varões e Donas.* Um retrato de meio cordo.

198.°

Veneravel **EDEMUNDO CAMPEANO** Religioso da Companhia de Jesus.—Nasceu em Londres no anno de 1539, e feitos os primeiros estudos passou a Universidade de Oxford a seguir os maiores, e lá foi alumno do collegio de S. João, e muito estimado do Thomaz Uuht, que havia fundado e dotado esse collegio: recebidos os grãos academicos, se deixou arrastar por falsos amigos aos erros, que então grassavam, e recebeu o deaconado segundo o falso rito heretico; mas, como não se entregára de todo o coração aos erros, e Deos o alumiou, sôbre-esteve um pouco na carreira dos desvarios; e passando á Irlanda, continuou os estudos e tomou o grão de bacharel em theologia com grande applauso pelo seu merecimento litterario, o facundia de engenho: depois que tinha caido em si, abominou os hereges o suas tramas; porém desde que a sciencia lhe abriu os olhos, viveu em continua tribulação por se deixar arrastar até ao sacrilegio, e para dar socêgo á consciencia, foi a Roma e entrou na santa Companhia de *Jesus*; de la o mandaram para fazer o noviciado em Praga, e depois de dois annos de provas mereceu receber as sagradas Ordens, e ser elevado ao *Sacerdocio*. Erà por então já insigne pela sciencia, integridade de vida, e zêlo pela casa de Deos; e, como um Santo, passou oito annos nesse paiz admirado o venerado do todos no Confessionario, Pulpito e Cadeira do magisterio, e fazendo catechese pública; e desto modo havia perseverar, se a Providencia lhe não destinasse outras terras para regar com seus suores e seu saugno; por isso os Superiores o enviaram a Inglaterra para fazer de Londres o theatro do soas fadigas Apostolicas: gostoso porque obedecia á ordem de Deos, e porque se lhe predisse o Martyrio, se apresenton na sua patria, e la por uns treze mezes pregon e disputou pela palavra e por escripto com alto proveito da Igreja de Deos, e terror de inimigos da fé: o receio de sua doutrina obrigou os anglicanos a lançarem os ferros a seus pulsos innocentes: foi prêso em companhia dos Presbyteros Ford o Collingron; pergantado pelos juizes, processado, tido como *Jesuita e provocador de alvorotos*, ultrajado, calumniado e tentado; mas constante, porque Deos estava com elle, soffria com paciencia e resignação, repellindo com horror todas as seducções, e declarando que não temia nem o potro, nem ontro genero de tormento: depois de quasi morto á fôrça de torturas, o desafiaram a disputa pública, porque pensavam não ter fôrça para o argumento, enganaram-se, porque foi então, que o Senhor poz mais energia em seu coração, e o illuminou com maiores luzes de sciencia, pelo que destruiu todos os planos malevolos das diabolicas astucias: tal adversario era muito temivel para os hereges, por isso fizeram conselho para lho dar a morte, com testimunhas falsas obtiveram a sentença, com que no dia 14 de Novembro de 1581 pronunciou o juiz iniquo o voto de morte, dando-se-lhe amassadas as entrenhas e esquartejados os membros, e desse modo aos santos Sacerdotes Rodolpho Scheruino, Lucas Chirbeo, Jacob Bosgravio, Cotamo e Jonsono, e ao Cavalleiro Orton: para confusão dos inimigos da fe, a sentença foi ouvida com alegria pelos Martyres, que entoaram o *Te Deum*, agradeceram ao Senhor, para Elle appellaram em sua innocencia, e no dia 1.° de Dezembro seguinte furam receber no Ceo a palma. De seus estudos deixou o veneravel *Campeano* recordações nas seguintes obras: *Historia de Irlanda; Norração do Divorcio de Henrique VIII*; e no *Livro* contra os hereges, que Mureto chamou *de ouro e escripto com o dedo de Deos*.[1]

199.°

Veneravel Fr. **AFFONSO DA ASSUMPÇÃO** Religioso Menor.—Era de familia illustre e parente do grande Affonso de *Albuquerque*, cujo nome teve, e mudou com a profissão Monastica nesse, que leva de *Fr. Affonso da Assumpção*, havendo tomado o habito na Ordem Serafica ja em idade maior, e tendo segnido a vida militar: era morador no Convento do Pinheiro em 1553, e ja *Sacerdote*, quando delle passou ao de Nossa Senhora do Amparo da Casa Nova, do que foi o nono Prelado trinta annos depois de fundada: era varão de consummada virtude e singelesa, e tão pobre, que de seu uso não tinha senão om Crucifixo, um Breviario, umas contas, umas disciplinas, um habito, uma caroa dura, e uma pedra para cabeceira; e foi incontestavelmente um dos Religiosos mais penitentes, que abraçaram a Recoleta de Santo Antonio de Portugal: sendo Prelado, apesar do ser parecissimo comsigo, não o era com os subditos, e dizia ser devido pruvêr do necessario para o serviço de Deos aquelles, que por amor do mesmo Deos tudo haviam deixado: o seu principal ministerio foi o da santa Missão Evangelica, em que como verdadeiro Apostolo peregrinava a pé, de Breviario á cinta e bordão na mão, sem cuidar do mesmo indispensavel para a vida; por vezes assim fez a jornada de Lisboa ao Minho; e todo o logar, por onde passava, era theatro de suas fadigas Apostolicas, porque o seu fim estava na salvação do proximo: chegou ao termo de sua passagem na terra, que teve logar no Mosteiro do Campo de Santa Anna de Lisboa em o 1.° de Março de 1583, quando morreu no Senhor, de mais de oitenta annos.[2]

200.°

Veneravel **REDOLPHO AQUAVIVA** Religioso da Companhia de Jesus.—Nasceu em Napoles, filho dos Duques de Atri João Jeronymo *Aquaviva* de Aragão e Margarida Pia, e teve irmãos, 1.° Alberto Duque de Atri, que continuou a casa: 2.° Antonio Conde de Conversano e progenitor dos Duques de

[1] Natal Alexandre *Historia Ecclesiastica*—João Eusebio Nieremberg *Claros Varones de la Compañia de Jesus* Um retrato de meio corpo

[2] Jorge Cardoso *Agiologio Lusitano*—Fr. Fernando da Soledade *Historia Serafica*—Fr. Martinho do Amor Divino *Escola de Penitencia* Um retrato de meio corpo

Noci o Nardo, e 3.° os Cardeaes Julio o Octavio: entrou na santa Companhia; foi companheiro do Beato Estanislao Kostka, e aproveitando no estudo da sciencia e da perfeição em todas as virtudes, que observara desde menino, saiu um verdadeiro imitador dos grandes Santos da Igreja de Deos, e se tornou digno do *Sacerdocio*, a que foi elevado: passou Missionario Apostolico a India oriental, e, enviando a Gôa a pedir Religiosos o Grão-Mogor, foi escolhido o servo de Deos por Superior da Missão composta dos Padres Antonio do Monserrate e Francisco Henriques com destino a Pateful então capital do imperio daquelle Principe, e partiu para lá em 28 de Fevereiro de 1580. Pareciam estes tres Padres alumiados por Deos para fazer sentir a verdade da fe aquelles mussulmanos e aos pagãos, porque nas muitas disputas, que com os sabios do paiz tiveram, sempre os deixaram absolutamente confundidos, sobresaindo entre os tres por modo maravilhoso o Padre *Aquaviva:* bem os recebeu a principio o Monarcha, manifestando ao veneravel grande affeição; mas essa piedade, foi esfriando com receios politicos: por Anjo era tratado *Aquaviva*, e como homens de grande virtude seus companheiros: todos admiravam nelles o desprêso das cousas do mundo, a santidade e puresa de sua vida, as penitencias e constante oração, e a caridade, que exerciam com os infieis, muito mais depois que o Superior obteve licença para fundar um hospital para os enfermos, onde os curavam e serviam com o maior affecto, pelo que mouros e gentios pediam o baptismo, dando grandissimo trabalho na catechese: o Soberano tremia das disputas pela vergonha, porque passavam seus sabios, e de si proprio, mas não se podio escusar dellas: entretanto mandando o Provincial da India recolher o Padre *Aquaviva*, o Grão-Mogor descontente lhe declarou, que com permissão sua não iria; a esperança da conversão fez demorar o Superior, e disso mostrou contentar-se o Principe; continuou com os companheiros semeando a palavra do Senhor, mas tornando-se cada dia mais timidos pela persuasão, com que arrastavam, os grandes do imperio se desgotaram, e o Soberano o notou ao servo de Deos, que por toda a resposta lhe disse, que tendo recusado o vice-Rei da India deixa-los sair sem refens de sua segurança, elles se oppozeram, por que sua gloria era morrer pela verdade celestial, que annunciavam. Adoecendo então, e tendo depois de tres annos de trabalho pouca esperança de conversão do Principe, voltou *Aquaviva* a Gôa, e antes da sua partida recusou, como na entrada, os ricos presentes, que lhe dava o Grão-Mogor. Ainda convalescente foi deputado para a Missão da ilha de Salsete, onde a muita influencia dos bracmenes produzia entranhavel odio aos filhos de Santo Ignacio pelo zêlo na pregação da fe e destruição dos idolos; para la partiu no 1.° de Maio de 1583 com o Padre Affonso Pacheco, ja experimentado naquella Missão, com o fim de por alguns dias o instruir nas cousas della; na residencia de Cartamissi se reuniram todos os Padres e Irmãos da ilha, e assentando, que os dois visitassem as differentes residencias della, se pozeram estes a caminho para Coculim com os Padres Francisco Antonio, o Pedro Berno, o Irmão Francisco Aranha, e alguns Christãos. antes porem de lá chegar pensaram em erigir pouco longe da cidade um Templo; mas, avisados os ministros do paganismo, um gentio, que se fingira amigo dos Padres, fez grande alvoroto clamando, que era tempo de vingar as injurias de seus deuses na destruição dos templos, do que os Padres eram culpados, e que não contentes queriam de novo edificar Templo Christão e levantar a Cruz: depois dessa vozeria infernal, bracmenes o demais gentios procuraram os Padres, que bem descuidados se achavam, e confiando nas demonstrações de paz, que se lhes haviam dado, cairam sôbre elles gritando «*Mata, mata, que são os que destróem nossos templos e querem destruir nossos deuses:*» aos Padres se offereciam meios de evitar o perigo, e ainda de vingança, mas recusaram, porque a fuga era vergonhosa, e a so resistencia cobardia: os gentios, com atroz barbaridade, assassinaram os cinco Religiosos, que abraçaram com ância e prazer a palma do martyrio, sendo o primeiro que passou desta vida, o servo de Deos *Aquaviva*, pedindo ao Senhor perdão, a S. Francisco Xavier suffragio, e a *Jesus* tres vezes, que recebesse sua alma: foram coroados no Céo em 15 de Julho de 1583.[1]

201.°

Reverendo Fr. HEITOR PINTO Monje de S. Jeronymo.—Nasceu na villa da Covilhã filho de João *Homem* Pessoa e de D. Anna de Mello, e teve irmãos Pedro *Homem* de Castro[2] e D. Maria de Castro mulher de Pedro Gomes de Abreu[3]: dedicado á vida Claustral, abraçou o Instituto da Congregação Monastica de S. Jeronymo no Mosteiro de Santa Maria de Belem, e professou a 8 de Abril de 1543 nas mãos do Provincial Fr. Antonio do Trucifal com o nome de *Fr. Heitor da Covilhã*, tomando appellido da terra, que o viu nascer; e, depois trocou-o pelo de *Pinto*, que lhe provinha de seus ascendentes: fez os seus estudos no Mosteiro da Costa e em Coimbra, donde passou á Universidade de Siguença a cursar as escolas superiores, e la tomou a borla doutoral em theologia: a assiduidade no estudo auxiliou o seu raro talento, de modo que saiu um dos varões mais perfeitos da sua idade no conhecimento das santas Escripturas, da sagrada sciencia, e das linguas orientaes, e essa qualidade unida a prática das virtudes, o tornou digno do *Sacerdocio*, a que foi elevado: a sua Ordem o elegeu Reitor do Collegio de Coimbra em 1565, e Provincial de Portugal em 1571, e nestes ministerios se mostrou tão benevolo com os subditos, que mais parecia pae, do que chefe, e lhes deu os mais santos exemplos de piedade, amor ao trabalho, e assiduidade na oração e contemplação das cousas Divinas: ElRei D. Sebastião creou

[1] João Eusebio Nieremberg *Claros Varones de la Compañia de Jesus*—D. Francisco Zazzera *Nobiltà dell'Italia*—Sousa *Historia Genealogica da Casa Real Portugueza*. Dois retratos de meio corpo

[2] Quinto avô na varonia de Fr. Miguel Carlos Côrte Real Prior-mór da Ordem de *Christo*, e de seu irmão mais velho Heitor Felix da Cunha Côrte Real, que foi capitão-mór de Linhares no primeiro quartel do seculo passado, e teve descendencia por sua filha D. Anna Côrte Real, mulher de Miguel Cardoso de Carvalho, nos senhores do Poço de S. Martinho de Cêa.

[3] Bisavó de D. Joanna de Abreu de Mello, mulher de D. Francisco José de Mello, de quem são quartos netos o actual Conde de Murça, e seu primo D. Antonio José de Mello de Saldanha e Castro.

para elle a Cadeira de Escriptura na Universidade de Coimbra em 2 do Agosto de 1575, e mandou conta-lo no número dos doutores desta Universidade: collocado no magisterio foi um dos mais famosos professores, que se tem ouvido nos claustros academicos do Portugal, sem ter inveja aos de outras nações. ElRei D. Filippe II, desconfiando de um homem de tão grande esphera, que se manifestava parcial do Sr. D. Antonio, a titulo de o consultar em negocios graves, o levou comsigo para Castella, quando veio a Portugal receber o juramento de fidelidade; e era alludindo aos motivos dessa determinação, que elle dizia «*ElRei Filippe bem me podera metter em Castella, mas Castella em mim é impossivel.*» Logo que chegou ao seu destino foi recluso no Mosteiro de Sisla, fora dos muros de Toledo, onde bem depressa acabou a vida, e não sem suspeitas de veneno, em o anno de 1581: deram-lhe sepultura no Claustro dos Santos desse Mosteiro, e sôbre a campa, que encerrou os seus despojos mortaes, escreveram um epitaphio notavel pelo muito que diz em poucas palavras: talvez se mandasse escrever por irrisão, attendendo á circumstancia do facil triumpho obtido; mas que, apesar disso, expressa sem o quererem, uma idea sublime acêrca do sabio, a que allude: o epitaphio é o seguinte:

HIC JACET HECTOR ILLE LUSITANUS.

De seus estudos deixou memoria nos *Commentarios aos dez primeiros Psalmos, a Isaias, Esequiel, Daniel, Nahum*, e ás *Lamentações de Jeremias*, que são obra primorosa; comtudo, de mais subido preço reputam alguns a sua *Imagem da Vida Christã*.[1]

202.ª

REVERENDO MARTINHO DE AZPILCUETA[1] CONEGO REGULAR.—Nasceu em Varazoayu perto de Pamplona em 13 do Dezembro de 1492. de familia nobilissimo. filho de Martinho de *Azpilcueta* e D. Joanna de Xavier; e teve irmã D. Maria de *Azpilcueta* mulher de D. João de Iasso com posteridade[3]: abraçou o santo Instituto dos Conegos Regulares no Mosteiro de Santa Maria de Roncesvolles: foi estudor na Universidade Complutense artes e philosophia, e depois um e outro direitos em Cahurs e em Tolosa, onde recebeu o grão de doutor, e ensinou: de lá veio ler decretaes na Universidade de Salamanca por quatorze annos; e foi cathedratico do prima: e chamado a Coimbra, na reforma de ElRei D. João III, se incorporou na escóla de direito canonico; regeu cadeira por quasi vinte annos com grande credito, e jubilou na de prima. Em idade de oitenta annos figurou como o primeiro sabio no capital da mundo Christão, para onde fôra em defesa do Prelado do Toledo Bartholomeu Carranca o Miranda, accusado injustamente pela Inquisição: S. Pio V o fez seu Penitenciario; e mereceu iguaes attenções de seus successores Gregorio XIII e Xisto V, do mesmo modo que as havia recebido da Familia Real de Portugal, e de todos os Portuguezes, a quem era muito afeiçoado: foi um varão eminente em sabedoria, de conducta exemplar, e muito recommendavol pelas virtudes, que o haviam tornado digno do *Sacerdocio*, e pela observancia dos deveres do santo Miniaterio, nomeadamente da reza do Officio Divino, que nunca deixou de satisfazer, e preferia a todas as occupações litterarias: falleceu em Roma a 21 de Junho de 1586, deixando muitos escriptos, e o sepultaram na Igreja do Santo Antonio dos Portuguezes, escrevendo sôbre sua sepultura a lenda seguinte:

D. O. M.
MARTINUS. AB. AZPILCUETA. NAVARRUS. H. S. E.
DIVINI. HUMANIQUE. JURIS. CONSULTISS.
QUI. SALMANTICAE. PRIMUM. DEINDE. CONIMBRIENCAE.
FAVENT. PORTUGALIAE. REGIBUS. JUS. PONT. DOCUIT.
ROMAM. PROFECTUS. PIO V. GREG. XIII. XISTO V. PP. MM. CARUS.
OMNIB. NATIONIB. GRATUS. HUIC XENODOCHIO. BENEFICUS.
OBIIT. XI. KAL. JUL. CIƆ.IƆ.XXCVI. AETATIS. ANNO XCIV. M. VI D. VIII.
MULTIS. DOCTRINAE. SUAE. PERVULGATIS. MONUMENTIS.
MARTINUS. ZURIA. AVUNCULO. B. M. POS.

De seus talentos deixou bôa memoria em grande número de escriptos, principalmente em direito canonico.[4]

[1] *Livro de Profissões do Mosteiro de Santa Maria de Belem* (orig. do Archivo Nacional)—BARBOSA *Bibliotheca Lusitana*. Um retrato de corpo inteiro.
[2] Tambem conhecido pelo nome de *Doutor Navarro*.
[3] Em S. Francisco Xavier seu filho.
[4] D. NICOLÁO ANTONIO *Bibliotheca Nova*—PEDRO JOSÉ DE FIGUEIREDO *Retratos e Elogios dos Varões e Donas*. Um retrato de meio corpo.

203.°

Veneravel Fr. ANTONIO DE VIZEU[1] Eremita de S. Paulo. — Nasceu em Vizeu, e fugiu do tumulto do seculo abraçando o Instituto da Serra de Ossa, de que foi observantissimo, e um dos Religiosos de mais virtude e exemplo deste santo Monastico, pelo que mereceu a dignidade *Sacerdotal*: o Ermo de Nossa Senhora da Consolação de Alferrara, no termo de Setubal, em que occupou o ministerio do Regedor perpetuo, foi o theatro de suas duras penitencias, extrema pobreza na idade decadente, e continua meditação: desse modo passaram seus dias até acabar santamente a 10 de Março, pelos annos de 1573, expirando nos braços dos Eremitas: Deos, para credito de sua virtude, fez saír de seu rosto, depois de morto, um brilhante resplendor, e de todo o corpo um cheiro suavissimo, o que foi público em toda a villa, e se authenticou em 25 de Janeiro de 1587.[2]

204.°

Veneravel Fr. HENRIQUE DA CRUZ Religioso Menor. — Era nascido de berço illustre, *Sacerdote*, Conego Regular de Santo Agostinho, e tinha sido Prior nessa Congregação, quando abraçou o Instituto Serafico na Provincia de Santo Antonio de Portugal: nenhuma outra noticia tenho deste servo de Deos ate ao momento, em que trocou a murça pelo saial da penitencia, imitando, como disse o author do *Agiologio*, a Santo Antonio: desde esse momento se chamou por humildade *Fr. Henrique Peccador;* servia com a maior caridade aos doentes, que lhe chamavam pae; e pelo seu ardente zêlo se empregou na Missão pregando, confessando, e dando exemplo de varão Apostolico pela pratica das mais sublimes virtudes, pela asperesa das penitencias, pelas perigrinações, que fazia, derramando a palavra do Deos, descalço, com os pés gretados, e amortalhado n'um estreito habito de borel, tão cheio de boracos, como as suas proprias carnes andavam maceradas pelo cilicio: a provincia de Tras-os-Montes foi o principal theatro de suas fadigas, onde concorreu para as fundações de Moncórvo o Villa Real: de lá veio descançar ao Mosteiro de Santo Antonio de Lisboa, e nello falleceu com grande opinião de santidade a 3 de Março de 1589 na idade de setenta annos.[3]

205.°

Reverendo Fr. DIOGO Peregrino Religioso Menor. — Era no seculo cavalleiro da Ordem de Christo, e servia, no Paço de ElRei D. Manoel, as Infantes D. Isabel e D. Maria suas filhas: importa isto estar manifesta a nobresa do seu nascimento, porém não encontrei em soa patria e familia: como quer que seja, sabe-se, que despresando as vaidades do seculo, vestiu o saial no Mosteiro da Castanheira abraçando o Instituto de S. Francisco, e foi um dos Religiosos mais penitentes, exemplarissimo em todo o genero de virtudes, e dos mais ferverosos na oração: com taes dotes, e preparado com a necessaria instrucção, recebeu o santo *Sacerdocio;* e tendo seguido a reforma foi o primeiro Guardeão do Mosteiro de S. Francisco de Vianna: voltou depois ao Mosteiro da Castanhoira, em que professára, e que ficou pertencendo á Provincia de Santo Antonio de Portugal; o nelle perseverou santamente, e com tal fama, que ElRei D. Fillippo II, em 1582, quando veio a este reino, foi á Castanheira de preposito para o admirar: algumas vezes o elegeram Definidor, e elle se empregou na direcção das obras da reedificação do Mosteiro, ordenada a expensas do Bispo Jorge do Athaide: alli morreu, como um justo, em 16 de Janeiro de 1590, com uns noventa annos de idade e quasi sessenta de habito.[4]

206.°

Veneravel Fr. PEDRO LAGARTO Religioso Menor — Era natural de Setubal, e recebeu em 1540 o habito do Instituto Serafico no Ermo de Arrabida, sendo o primeiro noviço, a quem o lançou o servo de Deos Fr. Martinho de Santa Maria, fundador da Recoleição, que daquelle Ermo levou o nome: foi mandado pelos Superiores estudar a sagrada theologia com Fr. Jacomo Peregrino a Salamanca; o não tardou a mostrar-se digno da admiração universal pelos seus progressos na sciencia, a na pratica de todas as virtudes; deste modo o seu accesso ao santo *Sacerdocio*, e ao exercicio da sagrada Ordem no Confessionario e no Pulpito era o premio dos merecimentos, de que a graça celestial o tornava abundante; o veio a ser de grande proveito ao seu Monastico o á Igreja de Deos, porque sempre ella utilisa com as bôas obras de cada qual dos seus membros, quando a mão do Senhor opera nelles como em *Fr. Pedro Lagorto*. No capitulo de Janeiro de 1576 celebrado em S. Jose de Ribamar, foi eleito Provincial da nova Provincia da Arrabida, e foi o sexto Prelado maior della: vencidas tódas as difficuldades, que se oppunham á fundação do Mosteiro de Alferrara, pretendida por D. Estevão da Gama, lançou a primeira pedra da fábrica do Templo delle em 8 de Dezembro de 1578; e em todo o tempo de seu governo fez prosperar o Monastico, que Nosso Senhor confiára a seus cuidados, espiritualmente pelo exemplo e pa-

[1] *Fr. Antonio da Conceição* era o seu verdadeiro nome.

[2] Jorge Cardoso *Agiologio Lusitano*. Um retrato de corpo inteiro tirado depois de morto.

[3] Jorge Cardoso *Agiologio Lusitano* — Antonio de Carvalho da Costa *Corographia Portugueza* — Fr. Martinho do Amor Divino *Escóla de Penitencia*. Um retrato de meio corpo.

[4] Waddingus *Annales Minorum* — Jorge Cardoso *Agiologio Lusitano* — Esperança *Historia Serafica* — Fr. Martinho do Amor Divino *Escola de Penitencia* — Fr. Pedro de Jesus Maria José *Chronica da Provincia da Conceição de Portugal*. Um retrato de meio corpo.

lavra, e temporalmente pelo seu zêlo e esforços: sendo Visitador da Provincia da Piedade, achava-se no Mosteiro, que ella tinha no Cabo de S. Vicente, quando alli chegou ElRei D. Sebastião: as recordações do logar inspiraram o moço Principe para lá se alistar na Ordem de Nosso Senhor *Jesus Christo*, e as virtudes de *Fr. Pedro* lhe depararam o *Sacerdote*, que devia receber seus votos; pelo que ajoelhado o Monarcha aos pés deste servo de Deos, curvou a cabeça para elle lhe lançar o habito, e fez profissão em suas mãos: na idade de sessenta e seis annos passou *Fr. Pedro* desta vida, como um justo, a 28 de Julho de 1590 no Mosteiro da sua Recoleição em Alcobaça, onde estava desterrado por manifestar affeição ao Prior do Crato. De seus estudos deixou memoria na *Summa utilis omnium notabilium, quae in postillo Hugonis Cardinalis super utrumque testomentum continentur.*[1]

207.°

VENERAVEL FR. IGNACIO DE JESUS RELIGIOSO DA ORDEM DA SANTISSIMA TRINDADE.—Nasceu em Alvaiazere na Diocese de Coimbra filho de João Alvares e Brites *Tavores*; por morte de seu pae foi recebido como orfão no Collegio da villa de Thomar, onde lhe deram santa educação, e aprendeu a lingua latina no Mosteiro Capitular da Ordem de Nosso Senhor *Jesus Christo* daquella villa: desejando entrar no Claustro para servir a Deos fora do bulicio do mundo, pediu o habito da Ordem da Santissima Trindade no Mosteiro de Santarem, e os Religiosos o admittiram em 1556, captivos da grande vocação, que mostrava; professou depois com o nome de *Fr. Ignacio de Jesus*, que trocára pelo de *Ignacio Tavores*: foi fazer os estudos no Collegio do seu Monastico, e, auxiliando o talento com o trabalho, e as santas inclinações com a oração, veio em pouco tempo a conhecer a sciencia dos Santos, e a tornar-se insigne na prática de todas as virtudes, que constituem a perfeição do Religioso: por estes dotes mereceu a dignidade *Sacerdotal*, a que foi elevado, e começou a semear com proveito a palavra do Senhor: em 1570, por mandado dos Superiores, acompanhou o Redemptor Geral Fr. Roque do Espirito Santo a Marrocos, e com elle resgatou duzentos captivos: mais adiante o elegeram Ministro dos Mosteiros de Santarem e de Tangere, que dirigiu com zêlo, grande exemplo de observancia, e muita caridade; depois da infeliz perda de Alcacer, para tratar da redempção dos captivos na batalha, passou com aquelle Fr. Roque do Espirito Santo a Marrocos para pedir ao Xerife o corpo de ElRei D. Sebastião da parte do Cardeal Rei; havendo-o conseguido, o enviou a Masagão; esteve em Fez; voltou a Marrocos a pedir a abertura dos portos para o resgate, embaraçada pelo Alcaide de Tetuão, e resgatou sobre fiança de sua pessoa setenta e um captivos, que tambem enviou a Masagão; depois, auxiliado pela ida do Embaixador D. Francisco da Costa, resgatou mais cento e sessenta e um. Em 1579 no capitulo de Lisboa o elegeram Provincial por quasi todos os votos; mas não era *Fr. Ignacio* homem, que nas circumstancias de então abandonasse os que gemiam em ferros, expondo-os ao desamparo, e muitos delles a renegar, por isso resignou; conseguiu mais a liberdade de duzentos sessenta e seis captivos; e além destes resgates geraes fez outros, avaluando-se por todos o numero de infelizes, que salvou, em sete mil e quinhentos: era o verdadeiro Pastor dos desgraçados, que estavam opprimidos na cidade de Marrocos; levantou altar, dizia-lhes Missa, confessava-os, apascentava-os com o pão dos Anjos, instruia-os nos deveres de Catholicos, consolava-os em suas tribulações, e alentava-os com a esperança da liberdade e da vida eterna: para melhor os fazer perseverar e alentar na fé e no espirito da caridade, instituiu entre elles a Confraria da Misericordia, e para seu allivio nas enfermidades, levantou um hospital em que se curassem, sendo elle enfermeiro; e não bastando as esmolas, que lá adquiria, requereu á Misericordia de Lisboa auxilio em remedios e conservas, interessando os Superiores neste importante negocio: procurava evitar todo o escandalo entre os captivos, tratando de persuadi-los ao matrimonio; porém sobre tudo empregava o maior cuidado, em que não renegassem, e tudo punha em pratica para fazer abjurar os, que o haviam feito: por este motivo foi condemnado a perpétuo captiveiro, e de uma vez a ser queimado vivo, no que lhe valeu um mussulmano seu amigo, que era homem do conselho e influia com o Xerife: entre os, que reduziu, foram sete meninos captivos na batalha, a quem esse principe mandou pôr turbantes; mas que illustrados pelo servo de Deos, vieram a conseguir a palma do martyrio: assim exercitado na caridade Evangelica, na paciencia, e nos tormentos em beneficio dos homens por amor de Deos se avisinhou do termo de seus dias: depois de dar suas contas na Mesa da Consciencia, e de procurar todos os meios de satisfazer as dividas, que contrahira por cada um dos resgates, fortalecido com os soccorros da Religião, e pedindo perdão e orações a todos, acabou de uma febre aguda na idade de cincoenta e quatro annos, depois de trinta e cinco de Claustro, e treze de captiveiro voluntario, em 10 de Março de 1592, voando como um Santo ao seio de Deos.[2]

208.°

VENERAVEL FR. MIGUEL FALCÃO RELIGIOSO MENOR.—Era natural de Bezeite, Diocese de Tortosa, no Aragão: desde menino mostrou a maior tendencia para a piedade e para todo o genero de virtudes, e ao estado Ecclesiastico: passando á pratica daquellas sem reserva, obteve ser admittido a este; e mostrando aproveitamento nas sciencias, foi elevado á dignidade do *Sacerdocio*, em que chegou a ser perfeito merecendo por isso as attenções de todos; porém não lhe parecendo seguro para a eternidade o caminho do seculo, resolveu-se a buscar no Claustro um fiador á perseverança, abraçou o Instituto Serafico na Provincia Catalã, e não se dando ainda por seguro encorporou-se na Recoleição da Arrabida, que por esse

[1] BARBOSA *Bibliotheca Lusitana*—FR. ANTONIO DA PIEDADE *Espelho de Penitentes*—D. ANTONIO CAETANO DE SOUSA *Agiologio Lusitano*. Um retrato de meio corpo.

[2] FR. JERONYMO DE S. JOSÉ *Historia Chronologica da Ordem da Santissima Trindade*. Um retrato de corpo inteiro.

tempo ainda era Custodia, e por ordem do Superior foi viver para o santo Ermo da serra, onde a pia reforme teve principio: ahi se tornou famoso pela obediencia e pela asperesa das penitencias, vivendo por oito annos exposto a todos os rigores do tempo n'ume gruta de pouco mais de quatro palmos, em que so era abrigado pelo penedo, que na parte superior a tapava, e por uma elfarrobeira, que alli nascèra, dormindo em cama de urzes, e mantendo-se dia e noite, salvas as horas do côro e outros actos de communidade, neste logar tenebroso: na lapa deixou perpetuada e memoria do servo de Deos a mão de um homem piedoso, que la escreveu esta lenda «*Falconius iste octonis de saxo pervolat aethera;*» para dar certo testimunho do prodigio, que Deos obrou por suas orações, salvando do naufragio um navio de Galliza, que esteve a pique: nos outros Mosteiros a sue cama era uma cortiça; e já velho aceitou por preceito um cobertor dos meis usados da rouparia: foi exemplarissimo no cumprimento dos votos e dos preceitos ua regra, insigne pela caridade, notavel pelo amor á solidão, e pelos extasis na oração: esteve Prelado da Arrabida, e o elegeram Provincial, quarto no número, em 1571; passou a Roma ao capitulo, indo a pe e descalço pelos gêlos dos Alpes; mas na volta a Portugal renunciou: deste modo se foi aproximando ao termo desta vida, e morreu no Senhor em 22 de Merço de 1593, da idade de noventa annos no Mosteiro do Espirito Santo de Loures, havendo predito o momento, quando, depois de perguntar a um Religioso as horas que eram, e lhe responder, que onze, disse «*A la una nos tenemos de partir*» e assim succedeu.[1]

209.°

Reverendo JOÃO DE S. PEDRO Conego Secular do Evangelista.—Abraçou o santo Instituto dos Bons-homens de Viller de Frade; estudou theologia nos geraes da Universidade de Coimbra, recebeu nesta sagrada faculdade o grão de doutor, foi della cathodratico; subiu ao *Sacerdocio*, e escreveu um livro dos *Privilegios concedidos pelos Summos Pontifices a Congregação de S. João Evangelista, assim por concessão, como per commissão*, que se imprimiu em 1594: se a isto se accrescentar, que era habil no sciencia, gosava conceito de douto, e como tal era applaudido[2], não me restam outras noticias delle: e similhante falta deu motivo, a que presumindo viver, ainda quando se fez a publicação da sua obra, o collocasse no tempo da publicação dessa, por não ter outro aresto para estabelecer a sua chronologio.

210.°

Reverendo FERNANDO PIRES Religioso da Companhia de Jesus.—Era natural de Cordova e filho de paes abastados e pios: desde menino teve grande devoção a Virgem Santissima, e essa o salvou de ser afogado no Gualdalquivir, ondo caiu pela pouca cautélla da tenra idade, quando brincava em suas ribeiras: ao passo que ia crescendo em idade, adiantava-se em sentimentos religiosos, na virtude e piedade para com a Mãe de Deos, e quem fez votos de defender sua Conceição Immaculada: dotado de bom engenho, aproveitava nos estudos, e se alistou entre os discipulos do veneravel Mestre João da Avila, logo que elle chegou a Cordova, e depois, por seu conselho, frequentou a sagrada theologia, e nella tomou o grão de doutor; recebeu o santo *Sacerdocio*, e entregou-se ao ministerio do Pulpito com grande proveito das almas. Fundava o Cardeal Infante Henrique a Universidade de Evora, e para ella pediu Mestres a S. Francisco de Borja: este servo de Deos os requereu ao Padre Avila, que nomeou os seus melhores discipulos *Fernando Pires* e Pedro Paulo Ferrer; e posto que o pae daquelle o quiz impedir no caminho para Portugal, elle o convenceu, e entrando em Evora, começou o noviciado na Companhia em 29 de Dezembro de 1559: leu com applauso a Cadeira de vespora de theologia, e depois a de prima, que tambem regeu em Coimbra: foi grande professor da sciencia, insigne mestre de espirito, exemplarissimo, de costumes innocentes, e de grande caridade com os pobres, com os enfermos, e com as faltas do proximo, de modo que de todos julgava bem, a de ninguem dizia mal: sendo vice-Reitor do Collegio de Evora, dava aos pobres quanto podia, e Deos lhe augmentava os celeiros; e outro tanto fez sendo Reitor da de Coimbra, quando a fome açoutou em 1575 a Provincia do Minho, porque, correndo de lá a essa cidade grandissimo número de necessitados as portas da veneravel casa de Santo Ignacio, se proviam todos de pão e carne: a sua piedade chegou ao extremo de engolir as Sagradas Formas, que um enfermo lançou em um prato: deste modo chegou ao fim de sua carreira mortal, que acabou em 13 de Fevereiro de 1595, em que foi gosar de Deos, depois de fazer uma santa pratica, da qual foram as últimas palavras—«*caridade, caridade.*»[3]

211.°

Reverendo MIGUEL DO ESPIRITO SANTO Conego Secular do Evangelista.—Era natural do Porto, abraçou o Instituto dos Bons-homens de Villor de Frades; e depois de elevado ao *Sacerdocio*, foi o vigesimo oitavo Geral da Congregação eleito em 1592. No seguinte anno, em 5 de Julho escreveu ao Reitor do Mosteiro de S. Salvador *in Lauro* de Roma, manifestando o interesse, que professava aos fundadores da Alga, porque apesar de separadas as duas Congregações quanto é jurisdicção, daquelles aprenderam o modo de vida claustral, e pedindo por isso noticias ácerca do estado da memorie posthuma

[1] Jorge Cardoso *Agiologio Lusitano*—Fr. Antonio da Piedade *Espelho de Penitentes*. Um retrato de corpo inteiro.

[2] Francisco de Santa Maria *Céo Aberto na terra*—Barbosa *Bibliotheca Lusitana*. Um retrato de meio corpo.

[3] Affonso de Andrade *Varones ilustres en santidad, letras y zelo de las almas de la Compañia de Jesus*—Antonio Franco *Anno Santo da Companhia de Jesus em Portugal*. Um retrato de corpo inteiro sem nome.

de S. Lourenço Justiniano, se porventura tinha culto em Veneza authorisado pela Santa Sé, e do effeito da reforma, que os Conegos do Evangelista authorisados pelo Santo Pio V fizeram na Alga; ao que responden em 18 de Agosto do mesmo anno o Geral da Alga Daniel Rosa certificando-o, de que o Santo Patriarcha tinha culto público em Veneza, e que a sua Congregação desde 1569 fazia profissão solemne debaixo da Regra de Santo Agostinho, segundo o decreto de S. Pio V: em 1596 a 14 de Setembro, na fundação do novo Mosteiro de Santa Cruz de Lamego, que erigio o doutor Lourenço Monrão Homem, Commissario Geral da Bulla da Cruzada para a Congregação do Evangelista, depois de bentas com as solemnidades do costume as primeiras quatro pedras da edificação pelo Bispo Diocesano Antonio Telles, lançou o fundador a primeira vermelha no cunhal do lado do Evangelho em nome da Santa Cruz, o Geral *Miguel do Espirito Santo* da parte da Epistola a segunda branca em nome da Santissima Virgem, a terceira verde no arco do lado do Evangelho o Deão em nome do Evangelista Amado, e a quarta azul da parte fronteira o Secretario da Congregação.[1] Nem mais um só aresto para a sua biographia encontrei; pelo que ficará collocado neste último anno, faltando notícia da época da sua morte.

212.°

Veneravel Fr. MARTINHO DA INSUA Religioso Menor.— Era natural do Porto filho de paes nobres, e na mocidade serviu o Infante D. Luiz: chamou-se da *Insua*, quando vestiu o habito da recoleta Serafica no Mosteiro deste nome da Diocese, em que nascêra: permittiu Deos, que saisse exemplarissimo em todo genero de virtudes, sobresaindo mais uas da humildade e penitencia, e por outra parte auxiliou seus estudos, de modo que elle veio a ser perito na sciencia sagrada, e com taes dotes foi elevado ao *Sacerdocio*: a sua principal palestra foi em Lisboa na fundação e direcção do Mosteiro de Santo Antonio, a que fôra enviado pelo Provincial o veneravel Padre Fr. Antonio de S. Vicente: chegado a Lisboa, derramou-se por toda a parte a fama de sua virtude, e foi acolhido com geral veneração, pelo que interessou Diogo Botelho, D. Brites irmã do veneravel Fr. Diogo Peregrino, e D. Maria da Silva mulher de Francisco Tavares, no seu empenho, e conseguiu fundar no Campo do Curral em um sitio, onde os facinorosos se acoutavam, um bom edificio, a que lançou a primeira pedra em 15 de Fevereiro de 1570: para a construcção levava ás costas os materiaes, pelo que os Religiosos lhe chamavam mouro no serviço, e elle a si bêsta; e um dia, em que ElRei D. Sebastião o viu assim carregado, mandou que o alliviassem; porém resistiu dizendo «*Que não queria dar o seu merito a outrem:*» a camara de Lisboa tomou para si o Padroado, e acabada a fabrica assistiu á dedicação, que foi em 15 de Fevereiro de 1579: foi o primeiro Guardeão do novo Mosteiro, e nelle morreu santamente em 9 de Junho de 1598, deixando memoria de suas letras no tratado *Dos Tres Lumes da Alma*, que escreveu por ordem de Miguel de Castro Arcebispo de Lisboa.[2]

213.°

Veneravel Fr. JERONYMO DO ESPIRITO SANTO Religioso Menor.— Nasceu este servo de Deos em Barcellos filho de João Pires da *Fonseca* desembargador da casa da supplicação, e de Garcia Velho Tinoco, e teve irmã D. Luiza da Fonseca mulher de Rodrigo Sanches Secretario das Justiças[3]: estudou direito civil na Universidade de Coimbra, e obteve o grão de doutor; foi admittido no Collegio de S. Pedro, em que fez por alguns annos opposição ao magisterio, exerceu-o com grande credito, e por elle obteve ser despachado para o desembargo de ElRei; mas toda a esperança das vantagens do seculo elle cortou a si proprio, trocando-as pela pobreza Serafica; porque com decidida vocação tomou o habito no Mosteiro de S. José de Ribamar, e foi um dos mais dignos filhos de S. Francisco na santa Provincia da Arrabida: subiu ao *Sacerdocio*, e obtendo licença de pregar, se manifestou um verdadeiro Apostolo: ElRei D. Filippe I desejou, que elle passasse ás Missões da India Oriental, e os Superiores o enviaram com Fr. Francisco de Alcobaça, e Fr. Simão de Setubal, no anno de 1594, em qualidade de Custodio e Commissario Geral da Custodia de S. Thomé, que dirigiu com mansidão Evangelica e paciencia de Anjo, até que posto em grande tribulação, seguiu o caminho, que lhe estava signalado, partindo para Ormuz com o fim de vir por terra a Portugal; mas Deos havia determinado o contrario: foi em Ormuz, que o seu zêlo pela salvação das almas se manifestou mais ardente, e grandissimo era o fructo da sua prégação nas conversões; os mussulmanos, que mal soffriam os progressos do Christianismo, quando elle saia para a Persia, lhe deram a morte e a seu companheiro Fr. Miguel leigo de profissão, e a um veneziano, que os conduzia. Foi o seu martyrio a 24 de Fevereiro de 1599.[4]

214.°

Veneravel Fr. ANDRE DE SETUBAL Religioso Menor.— Nasceu em Setubal, e abraçou o Instituto Serafico na reforma da Provincia de Santo Antonio de Portugal: quando os Superiores o julgaram habilitado, subiu á dignidade do *Sacerdocio*, e o seu ardente zêlo pela fé, o dispoz a padecer por

[1] Tomasinus *Annales Canonicorum Secularium S. Georgii in Alga* — Francisco de Santa Maria *Céo Aberto na terra*. Um retrato de meio corpo.

[2] Jorge Cardoso *Agiologio Lusitano* — Barbosa *Bibliotheca Lusitana* — Fr. Martinho do Amor Divino *Escudo de Penitencia*. Um retrato de meio corpo.

[3] São seus descendentes o Duque da Terceira e a Senhora de Pancas.

[4] Jorge Cardoso *Agiologio Lusitano* — Fr. Antonio da Piedade *Espelho de Penitentes*. Um retrato de corpo inteiro e outro de meio corpo.

ella: sendo Geral Fr. Francisco de Sousa, e Provincial Fr. Diogo da Conceição, partiu *Fr. André* para a Missão da India com Fr. Luiz de Lisboa e Fr. Francisco da Encarnação: la deu o nome á Provincia de S. Thomé, e fez grande fructo pelas Pregações e Confissões; e pretendendo adquiri-lo maior, se dirigiu a Talapim no Ceilão, com designio de converter um potentado, grandissimo inimigo do nome Christão: arvorando em sua presença um Crucifixo, lhe annunciou a palavra do Senhor; mas o pagão aborrecido, o mandou crivar de settas, e degolar. Foi o seu martyrio a 22 de Junho de 1600 [1]

215.°

VENERAVEL FR. FRANCISCO DE JESUS RELIGIOSO CARMELITA DESCALÇO. — Era natural de Hinojosos aldêa de Castella-nova: desde moço foi de exemplares costumes, ferveroso na oração, e dotado de caridade ardente, e por esse modo chegou a ser um portento de virtude: tomou o santo habito da reforma de Santa Thereza, fez o noviciado em Sevilha, e depois da profissão em qualidade de leigo se chamou *Fr. Francisco Indigno*, por humildade: sendo destinado a coadjuvar os Missionarios do Congo, passou a Lisboa, e depois em 1584, em companhia e como auxiliar dos Padres Fr. Diogo do Sacramento, e Fr. Diogo da Encarnação, foi para Africa occidental; navegando de S. Thomé para Angola, caiu por descuido ao mar, e depois de estar meia hora submergido pelas ondas, voltou enxuto a embarcação. Naquella ilha pastoreava o Bispo Fr. Martinho de Ulhoa, que o quiz ordenar de *Sacerdote* por elle ter virtude necessaria, e vencida sua muita repugnancia o conseguiu por obediencia: Deos suppriu o estudo da sciencia, porque o seu servo não appareceu no candelabro da Igreja como ignorante, antes acreditou a sua Prégação com abundantissimos fructos, porque foram como innumeraveis as conversões de negros Zolofos, que alcançou: voltando a Portugal a pedir novos obreiros Evangelicos, não o quizeram ouvir os Prelados; e não podendo assim tornar, para aonde lhe ficára o coração, exercitou o santo Ministerio no Confessionario e no Pulpito com grande proveito das almas, e ate por ordem dos Superiores foi residir no Mosteiro de Santo Hermenigildo de Madrid, e lá continuou com grande espirito a Missão, pregando nas praças ao concurso quatro sermões no dia: assim passou até ao seu termo, que veio em 10 de Junho de 1601, acreditando Deos sua santidade com alguns prodigios na vida e na morte: na campa de sua sepultura lhe pozeram o seguinte epitaphio:

FRANCISCUS CARMELI CARMEN
HUMILITATE INDIGNUS, SED OPERE
ET SERMONE POTENS, SCIENTIA PO-
TIUS E COELO INDITA, QUAM LABORE
PARTA UBERRIMIS, QUOS DEDIT, AE-
THIOPIA FRUCTIBUS, ET DEO JAM
FRUITUR, H. S. E. OBIIT ANNO
1601. 10. JUNII.[2]

216.°

VENERAVEL ANTONIO DA CONCEIÇÃO CONEGO SECULAR DO EVANGELISTA. — Nasceu este servo de Deos em Pombal a 12 de Maio de 1522 filho de Jorge *Borges da Cunha*, e de Lucrecia Leitão; desde menino deu a conhecer pela gravidade do porte, modestia no trato, frequencia do Templo, e assiduidade na oração e no estudo, que Deos o destinava a ser um completo exemplar de todas as virtudes; era especial a sua devoção a Santissima Virgem, que de dia para dia nelle augmentava: estudou canones em os geraes da Universidade de Coimbra, e depois foi ordenado *Sacerdote*, manifestando pelo temor de Deos e pelo affecto, com que todos os dias celebrava o Santo Sacrificio a sua grande vocação; para fugir dos enganos do mundo abraçou o Instituto de S. João Evangelista no Mosteiro de Evora em 1550, livre assim das inquietações, que o seculo traz comsigo, gastava na oração sete e oito horas por dia; e nas acções, como nos vestidos, e cousas do seu uso mostrava a piedade e amor de Deos, em que o coração se lhe abrasava: do seu amado retiro o tiraram os Reis D. João III e D. Catharina, porque indo a Evora o procuraram e consultaram, no que mostrou sempre violencia; e os Superiores o mandaram para Enxabregas depois de estar vinte annos naquella cidade sem nunca ter saido fora do Mosteiro senão em acto de communidade, ou por expressa ordem do Prelado: foi tão vigilante na observancia dos preceitos da Religião, e dos deveres de seu estado, e obrou com tal exemplo, que os seus irmãos declararam não lhe ter visto acção, nem ouvido palavra, que parecesse peccado, nem ainda venial; mas antes bons testimunhos houve, em sua vida, da prática das mais sublimes virtudes, e nomeadamente da caridade para com o proximo, que é a que mais se faz patente; e na vida e depois da morte, Deos Nosso Senhor quiz dar a conhecer por alguns prodigios o valimento de suas orações, e a conta, em que tinha seu grande merecimento: fóra dos momentos, em que se empregava no santo ministerio e na contemplação, estava prestes ao serviço do proximo para dar-lhe allivio na molestia, e consolações na afflicção, interpôr seu valimento com todo o mundo, e remediar necessidades, chegando a ordenar aos, que se viam

[1] Jorge Cardoso *Agiologio Lusitano*. Um retrato de meio corpo
[2] Jorge Cardoso *Agiologio Lusitano*. Um retrato de meio corpo

opprimidos por falta de justiça, libellos, com que esta alcançassem: deveram-lhe particular cuidado as donzellas desamparadas, e nem uma so das, que elle teve noticia, deixou de ter estabelecimento em Mosteiro, ou no Matrimonio; e muitos dias deixou de jantar e ceiar para ter, com que repartir com os pobres: para procurar a paz, a quem andava desavindo, interpunha as promessas, as dadivas, as instancias, as lagrimas, e se nada disso bastava, recorria ao jejum, cilicio, disciplina e oração: pobre e humilde, paciente e prudente, obediente e casto até ao heroismo, mereceu de Nosso Senhor o dom de obrar maravilhas, sendo invocado ou tocado, e o de predizer o futuro, que são as provas da maior perfeição na virtude, e de ser esta agradavel a Deos: um dos seus maiores desejos estava posto no incremento do seu Monastico pela sciencia, e no augmento da Religião pelo culto; foi por isso, que herdando de sua familia em 1597 uma bôa propriedade em Pombal, a trocou logo por umas casas, que no largo da Feira de Coimbra tinha o doutor Francisco Vaz Pinto; com ellas se deu principio ao Collegio de S. João Evangelista, e nesse mesmo anno se mudaram para la os Collegiaes da residencia do Hospital, onde viviam desde 1548; e com sós 700 réis, que recebêra de esmola de umas Missas, começou, apesar das contradições, e de ser necessario romper uma montanha, a Igreja nova do Mosteiro de Enxabregas, e a viu acabada, sem pensar nos gastos, e respondendo a todos «*Aqui quer Deos ser louvado e glorificado.*» Dos monumentos, que restam da Congregação do Evangelista abolida pelo podêr temporal, um é a collecção de disposições capitulares e novos additamentos, ordenada no capitulo de Santo Eloy do anno de 1571, por mandado do Cardeal Infante Henrique, concluida e mandada observar em 28 de Maio de 1572, sendo Geral o Padre Gonçalo da Cruz, a quem em tal qualidade aquelle capitulo a commettêra; e nesta collecção é o servo de Deos *Antonio da Conceição* o terceiro dos capitulares, que assignou: disto se segue, segundo creio, que este venoravel com uns vinte e dois annos de habito tinha grande importancia na Congregação, posto que não encontrei os cargos, que nella teve; mas esses são de pouca importancia para servirem de monumento a suas virtudes; porque outros testimunhos de maior valia teve elle. Foi gosar de Deos em 11 de Maio de 1602; e logo acclamado Santo por todo o mundo: seus restos mortaes foram sepultados no Mosteiro de Enxabregas, onde o roubou a morte, e sôbre a campa de sua sepultura pozeram o seguinte epitaphio:

AQUI JAZ O PADRE ANTONIO DA CONCEIÇÃO, QUE POR ESPAÇO DE SINCOENTA ANNOS SERVIU A NOSSO SENHOR NESTA RELIGIÃO, E FALLECEU NA IDADE DE OITENTA AOS ONZE DIAS DE MAIO DE MIL SEISCENTOS E DOUS.[1]

Restam de seus escriptos os seguintes: «*Cartas Espirituaes a diversas pessoas; Protestação da Fé Catholica; Doutrina Espiritual dirigida á veneravel Madre Brigida de Santo Antonio; A verdadeira e principal Santidade; Deleites e Refrigerio do Espirito; Glorias a Deos.*» Tem-se tratado da sua beatificação talvez com pouco zêlo; mas Deos permittirá, que este negocio se trate ainda com grave interesse.

217.°

REVERENDO FR. CHRYSOSTIMO DA VISITAÇÃO MONJE DE SANTA MARIA DE ALCOBAÇA.— Era natural de Vizeu e filho de Pedro Affonso e Maria Mathens: abraçou o santo Instituto Cisterciense em 1562, seguiu os estudos da sagrada theologia nos geraes da Universidade de Coimbra, recebeu as insignias doutoraes, e foi elevado a dignidade *Sacerdotal*, que merecia pela sciencia e pela vida exemplar, que levava: a sua Congregação o escolheu para Procurador geral em Roma, com o fim de se emancipar dos Commendatarios; lá passou quinze annos, e conseguiu do Santo Padre Clemente VIII bom despacho do negocio, que o levou á capital do mundo Christão; mas, havendo-se mostrado affecto ao partido nacional contra Castella depois da morte do Cardeal Rei, D. Filippe I o perseguiu de modo, que elle necessitou buscar abrigo na Republica de Veneza: d'ahi, por mandado de Sua Santidade voltou a Roma; porem renovando-se com mais fôrça a perseguição, se refugiou no Mosteiro Cisterciense de S. Martinho de Parma: tinha ElRei exigido do Geral a procuração de *Fr. Chrysostomo*, e foi por isso revogada em difinitorio de 2 de Janeiro de 1592; mas o Santo Padre dispensou o subdito quanto a voltar a Portugal, que era o que se pretendia para dar cabo delle: não tendo por isso effeito a revogação, os da côrte pozeram em sequestro alguns Mosteiros da Congregação, e prohibiu os Monjes de eleger seus Prelados; e ao memorando do Geral Fr. Gerardo das Chagas responderam, que sem ser expulso de Roma *Fr. Chrysostomo*, tudo era inutil[2]: em 14 de Abril de 1597 intimaram os Ministros de ElRei Catholico ao Bispo de Coimbra Affonso de Castello Branco para aceitar a commissão de Coleitor Apostolico com o fim de fazer cassar a

[1] *Compendio das definições da Congregação do Evangelista, feitas e confirmadas no anno de mil e quatrocentos e setenta e oito até o anno de mil e quinhentos e setenta e um, com algumas declarações feitas no anno de mil quinhentos e setenta e dois*, e *Ingresso desde* 1573, posto ao fim do volume (orig. do Archivo Nacional)—JORGE CARDOSO *Agiologio Lusitano*—FR. LUIS DA MERTOLA *Vida do Padre Antonio da Conceição*—FRANCISCO DE SANTA MARIA *Jacintho Portuguez, Ceo aberto na terra*, e *Anno Historico*—BARBOSA *Bibliotheca Lusitana*. Cinco retratos, tres de corpo inteiro e dois de meio corpo.

[2] O regalismo era já muito poderoso, quando mesmo havia fé! Em que tempo permittirá Deos, que o Papa e os Bispos declarem formalmente ao podêr temporal, que nada têem com os negocios da Igreja? Quando lhes dará nosso Salvador forças para acabar por uma vez com o pêso de mão impia sôbre a arca santa! A Igreja soffre desses chamados Catholicos, que pretendam domina-la; mas a hora fatal, o quem escarnece de Deos e das Leis da sua Igreja, talvez não esteja longe!

procuração do bom Monje pelos votantes do capitulo de Alcobaça; assim se fez: outro Procurador foi nomeado, e *Fr. Chrysostomo* partiu então para Veneza: tornou ao Mosteiro de Parma e desse a Roma: os ministros da côrte poderam então lançar mão delle, e o trouxeram ao Mosteiro de Valle de Igrejas da sua Ordem em Hespanha: lá perseverou até 17 de Outubro de 1604, em que morreu piamente: de suas letras deixou memoria nos escriptos *De verbis Dominae ad Angelum et ad Elisabeth cognatam; De verbis Dominae ad Filium in Templo et in nuptiis, et administros in nupciis, Privilegia Congratulationis Sanctae Mariae de Alcobatia*, que foi o primeiro destes, que compoz.[1]

218.°

VENERAVEL HENRIQUE GARNETO RELIGIOSO DA COMPANHIA DE JESUS.—Nasceu em Notingam na Inglaterra, e sendo de vinte annos de idade abraçou o Instituto de Santo Ignacio no anno de 1575 em Roma; lá fez os seus estudos com grande proveito, manifestando por outra parte sua vocação pela pratica de todas as virtudes; desse modo não só se tornou digno do *Sacerdocio*, com que foi honrado, mas de ser escolhido para ler no Collegio de Roma a lingua hebraica, metaphysica e mathematica: levado entretanto do desejo da salvação das almas, obteve permissão dos Superiores para largar o magisterio, e na patria luctar com os hereges e com o demonio para resgate das almas; e principiou sua campanha em 1586: a suavidade no trato, a prudencia nas acções, a santidade nos costumes, o zêlo no ministerio, e a diligencia no trabalho, em breve tempo lhe adquiriram respeito e admiração com grande proveito da Igreja de Deos; por isso era elle o inimigo mais temivel dos hereges, que, mentindo a Deos, cuidaram aproveitar a primeira occasião para dar cabo delle: essa se lhes offereceu na conspiração, com que alguns Catholicos determinaram acabar as perseguições, fazendo descer por uma explosão ao inferno a tyrannia do Rei e das cortes: descoberta que foi similhante conspiração, a calumnia pôz logo os olhos na santa Companhia de *Jesus*, dando-a como authora[2]; cuidou-se logo de lançar mão do veneravel *Garneto*, do Padre Eduardo Oldcorno e outros; e sabendo-se onde estavam escondidos por um catholico, que pensou recobrar a liberdade com a denúncia, foi cercada a casa, e por alguns dias se empregaram operarios em destruir paredes, até que chegaram ao logar onde como enterrados em vida recebiam por um buraco o mantimento: foram conduzidos a Londres com os donos da casa, que eram pessoas principaes do reino, e levados aos tribunaes, os lançaram em dura prisão: não se dando os hereges por satisfeitos com a obra passada, entraram em receio, de que por si só a presença de *Garneto* fôsse capaz de obrigar os magistrados a declarar sua innocencia, ou a sentença executada em público causasse uma sublevação, por isso inventaram novas calumnias dizendo, que por medo do tormento elle havia revelado cousas de confissão, e era necessaria sua morte no carcere, porque sendo á luz do dia, elle pediria perdão e seria salvo: tanto póde a maldade! Outros pretendiam fazer acreditar, que estava doudo[3], porque em seis dias e seis noutes o não haviam deixado dormir, dando assim occasião de lhe fallar desconcertadamente; e tanto insistiam nisto, que o fizeram crêr a alguns Catholicos, pela debilidade de intendimento e falta de meio de indagar a verdade, porque *Garneto* estava incommunicavel para elles; tudo quanto a malicia humana póde suggerir, pozeram por obra, a fim de não chegar a ser perguntado em público, curando por outra parte levar a cabo seu depravado intento, íam atormentando o corpo do servo de Deos, e pondo sua paciencia ás mais duras provas: chegou finalmente o dia da sentença, e se fez a sessão em presença do Rei e da Rainha: não só fallou *Garneto*, de modo que os proprios juizes receiosos o interromperam, e confessou com firmesa a verdade Catholica, ácêrca da qual foi interrogado, mas destruiu todos os argumentos da heresia, como no carcere tinha feito; apesar de se descobrir, pelo que disse, a falsidade de todas as outras accusações, esses juizes o condemnaram a ser esquartejado, fazendo recair sôbre suas cabeças o sangue do innocente: executou-se em 3 de Maio de 1606 a sentença, e *Garneto* depois de fazer com rosto alegre a profissão da Fé Catholica, adorar a Cruz, e exhortar os Catholicos presentes á verdadeira piedade, levou a palma do triumpho ao Céo.[4]

219.°

VENERAVEL FR. GUILHERME DE SANTO AGOSTINHO EREMITA DE SANTO AGOSTINHO.—Nasceu na villa de Ancã Bispado de Coimbra filho de Roque Fernandes e Angela Gaspar, e entrou no Ermo Augustiniano de Santarem de idade de dezesete annos em 1598: feita a profissão se offereceu para missionar na Asia, e partiu para Gôa com Fr. Jeronymo Carneiro, tambem Eremita Augustiniano, Bispo de Salé Coadjutor do Arcebispo daquella Metropole Fr. Aleixo de Menezes, e outros sete Religiosos em 1599: lá estudou no Collegio de Nossa Senhora do Populo, e depois foi ordenado *Sacerdote:* chegando á India Luiz Pereira de Lacerda, que levava embaixada á Persia, e ordem para alli guiar dois Religiosos Augustinianos, o Prior de Gôa Fr. Antonio de Govêa, depois Bispo de Cirene, nomeou *Fr Guilherme* e Fr. Melchior dos Anjos, e ambos partiram com o embaixador em 1603: guerreava nesse tempo o Sobe-

[1] BARBOSA *Bibliotheca Lusitana*—FR. FORTUNATO DE S. BOAVENTURA *Historia Chronologica e Critica da Real Abbadia de Alcobaça*. Um retrato de corpo inteiro.

[2] Os impios tiveram sempre o maior rancor á Companhia, porque entre todas as Corporações Religiosas foi sempre o seu adversario mais temivel: o que nos seculos XVI e XVII seguiram os filhos perdidos de Luthero, obraram os malditos regalistas e os mações no seculo seguinte, e no presente, e continuam: deixá-los andar seu caminho, que a mão de Deos não é abrevinda!

[3] Este invento é o melhor do mundo, que podiam imaginar os impios, porque acaba todas as questões; e disso vem a urgente necessidade, que os Catholicos pios e fieis têem de medir sempre as suas acções e palavras, e de andar cautelosos.

[4] JOÃO EUSEBIO DE NIEREMBERG *Claros Varones de la Compañia de Jesus*. Um retrato de meio corpo.

rano da Persia e da Turquia, e lhe tinha tomado a Armenia maior, porem receioso de que o adversario a recobrasse outra vez, destruiu grande parte das cidades, arrasando muitos Templos, e convertendo outros em estrebarias, com que profanava não só o sagrado do Sanctuario, mas os corpos dos Santos, que la estavam enterrados: pensou *Fr. Guilherme* no resgate daquelles preciosos restos; por isso desde então tratou de pôr em obra seu projecto: voltando com Luiz Pereira de Lacerda á India, achou em Ormuz mandamento do Provincial para alli ficar assistindo aos enfermos, e por fortuna governava então a fortalesa desta cidade o Conde de Marialva D. Pedro Coutinho, e o interessou no seu empenho, de modo que este illustre capitão se promptificou a santa empresa por sua propria fortuna: *Fr. Guilherme* deu parte ao Provincial de Gôa, que era então Fr. Antonio de Govêa, e estava nomeado embaixador á Persia; e, dando o Conde mil cruzados e o credito necessario, elle foi recebido em Ormuz a bordo pelo Prelado, e ambos se fizeram de caminho para a Persia: o Soberano deste paiz, depois de requerer ao embaixador, que viesse logo a Portugal para daqui tratar com o Summo Pontifice e com o Rei Catholico liga contra o Turco, deu licença a *Fr. Guilherme* para executar sua pretenção em Naxivam cidade da Armenia: e este teve a consolação não só de se encontrar com Religiosos de S. Domingos, que tinham residencia em Baranier, mas de obter do Rei, que os Catholicos ficassem livres da sujeição do governador, e que não continuassem em captiveiro os Armenios prisioneiros nas guerras passadas: da mais disso achou em Erven a Melchizedech Patriarcha da região, que havia dado como Catholico obediencia ao Santo Padre Clemente VIII, ordenou a um de seus Bispos, que o auxiliasse na inquerição; pelo que obteve o veneravel *Fr. Guilherme* muitas Reliquias; mas, quando via coroados os seus esforços, lhe moveu perseguição com o Rei o Patriarcha David, herege, que tinha renunciado em Melchizedech, e não tardara a retractar-se: foi por isso perseguido e atormentado em Aspân; até que livre do carcere por ordem do Persa, á chegada do embaixador de ElRei Catholico, tratou logo de enviar as santas Reliquias a Gôa; e levantada nova perseguição saiu com os Christãos, que instruia, para Babilonia; e, quando outra vez tornou a Persia, onde lhe ficara o coração no amor dos corpos dos Santos, passou por Naxivam, o governador enviou em demanda contra elle, e de um so golpe o mourisco alfange lhe cortou a cabeça: desse modo subiu ao Ceo levando a gloriosa palma em 15 de Janeiro de 1612; e como reliquia o seu Breviario se depositou no Mosteiro de Gôa, onde se conservava.[1]

220.°

VENERAVEL SALVADOR FERRARI CLERIGO REGULAR DA DIVINA PROVIDENCIA. — Por nascimento e familia Italiano, e pela profissão discipulo de S. Caetano foi este servo de Deos: vivo imitador das virtudes de seu grande Patriarcha se apresentou no Claustro modêlo de castidade e de penitencia; recebeu o santo *Sacerdocio*, e com elle se deixou ver na direcção das almas grande mestre de espirito: Deos obrou por elle algumas maravilhas antes e depois da sua morte, que teve logar, como a de um justo, em Outubro de 1613.[2]

221.°

VENERAVEL FR. FRANCISCO BINANES RELIGIOSO MINIMO. — Era Inglez, procurou asylo em Avinhão contra a heresia, e la professou o Instituto de S. Francisco de Paula no Mosteiro de Nossa Senhora dos Milagres: eminente em todo o genero de virtudes não o foi menos no conhecimento das linguas latina, grega e hebraica, como na sagrada sciencia, pelo que mereceu o santo *Sacerdocio*: com elle se distinguiu na prégação decorrendo muitas terras de França por mais de vinte e seis annos, e na controversia, fazendo abjurar seus erros a muitos hereges e a alguns Judeus, e nomeadamente obtendo grande triumpho de um ministro calvinista chamado Juilla, em 1610, na presença de todo o corpo cathedratico da Universidade e da nobresa Avinhonense, obrigando-o a confessar a *Presença Real*, e outros dogmas, que a sua seita néga: nos ultimos tempos de sua vida retirou-se ao Mosteiro de Nossa Senhora dos Anjos de Marselha, e nelle morreu no Senhor em 1613.[3]

222.°

REVERENDO FR. BERNARDO DE BRITO MONJE DE SANTA MARIA DE ALCOBAÇA. — Nasceu em 20 de Agosto de 1569 em Almeida filho de Pedro *Cardoso de Andrade*, capitão que militou em Flandres e na Italia, e de Maria de *Brito*; estudou em Roma as linguas hebraica, grega, latina e italiana, oratoria e poesia; abraçou o Instituto Cisterciense no Mosteiro de Alcobaça em 1585; trocou o nome de *Bernardo de Brito de Andrade* pelo de *Fr. Bernardo de Brito*: estudando na Universidade de Coimbra obteve o grão de doutor em theologia no anno de 1606; era um varão sabio, dedicado a historia, grande conhecedor da lingua mãe, excellente poeta (de que se ressentiriam seus escriptos historicos) o primeiro lyrico e o mais insigne orador da sua idade; foi ordenado de *Sacerdote*, e nada ha, que inculque mancha a honestidade de sua vida: quando apenas contava vinte e sete annos de idade, publicou o primeiro tomo da *Monarchia Lusitana*; por que recebeu grande louvor de ElRei em Carta de 3 de Abril de 1597; depois imprimiu o segundo, e deixou inedito o terceiro: esta obra, em que elle pro-

[1] JORGE CARDOSO *Agiologio Lusitano* — FR. JOSÉ DE SANTO ANTONIO *Flos Sanctorum Augustiniano*. Um retrato de meio corpo.

[2] D. THOMAZ CAETANO DE BEM *Memorias Historicas e Chronologicas da sagrada Religião dos Clerigos Regulares*. Um retrato de meio corpo.

[3] FR. FRANCISCO DE PAULA BOSSIO *Vida Prodigiosa e Portentosos Milagres de S. Francisco de Paula*. Um retrato de meio corpo.

metteu desembaraçar-se do estylo, e seguir apenas a verdade, é um primor de engenho, em que não foi excedido por alguem, quanto ao estylo; mas, em quanto á verdade, está bem longe de ser o, que elle prometteu; por isso ou o havemos do taxar de absoluta falta de critica, abraçando todas as mentiras dos falsos chronicões, e quantas patranhas se inventaram antes delle, para fins pouco justificados, ou teremos de o considerar noveleiro, e não historiador: é comtudo certo, que apesar de todas as defesas, todos os seus escriptos estão em opposição manifesta com a verdade historica exposta por testimunhas superiores a toda a excepção: foi Chronista da Congregação, e do reino em 1616; e toda a vida gastou a escrever ate que a morte o assaltou em Almeida a 27 de Fevereiro de 1617: dessa villa o conduziram ao Mosteiro de Santa Maria de Aguiar, e sôbre suo sepultura se pôz a seguinte lenda:

AQUI JAZ O MUY DOUTO PADRE FR. BERNARDO DE BRITO CHRONISTA MÓR, QUE FOI DESTE REINO. MORREU NO ANNO 1617.

O Geral Fr. Luiz de Sousa fez trasladar seus ossos para Alcobaça em 1649, e lhe deu sepultura entre os Abbades desta santa casa, fazendo escrever sôbre a campa:

CONDITA LUSIADUM TUMULO, QUI GESTA REVELAT,
BERNARDUS BRITO, CONDITUS HOC TUMULO
INTER SCRIPTORES MAGNUS, CHRONISTA QUE MAJOR
REGIUS, ET STYLO MAXIMUS IPSE FUIT.
1617.

Deixou memorias de seu talento na citada *Monarchia Lusitana*, na *Chronica de Cister*, no livro *De Duabus Hebdomadibus*, e n'outros de historia, genealogia, poesia, etc.[1]

223.°

Reverendo PEDRO PAULO FERRER Religioso da Companhia de Jesus.—Era natural de Malaga, e foi em Cordova discipulo do veneravel Padre João do Avila, e por elle escolhido como Fernando Pires para lente da nova universidade do Evora: ambos vieram ao seu destino, e entraram noviços, segundo S. Francisco de Borja ordenara, no Collegio da nossa cidade em 29 de Dezembro do 1559: Pedro Paulo foi peritissimo nas linguas hebraica, grega o latina, nas Divinas letras, e em differentes ramos da sciencia, por isso havia merecido, como o seu bom companheiro, não so as insignias doutoraes, mas o *Sacerdocio*: todos o tinham por Anjo na virtude, por que o era, dando santos exemplos, e instruindo seus discipulos, como varão sabio e piedoso: os ultimos dois annos de sua vida passou entrevado com singular paciencia e conformidade; e acabou com a morte do justo em 2 de Junho de 1618.[2]

224.°

Reverendo PEDRO DA ASSUMPÇÃO Conego Secular do Evangelista.—Entre os varões eminentes em letras, que produziu a sagrada Congregação dos Bons-homens de Villar de Frades, foi um Pedro de Assumpção doutor em theologia e *Sacerdote*, quo a Inquisição nomeou seu Qualificador, e aquella Congregação seu Geral; occupou este ministerio em 1599, quando o capitulo celebrado em Villar de Frades nesse anno lhe ordenou, que com os Padres Melchior da Trindade e Bartholomeu da Conceição, examinassem todas as definições, cassando dellas as desnecessarias; e o capitulo de Santo Eloy de 1602 approvou seu processo: nesse mesmo anno assistiu ao transito do veneravel Padre Antonio da Conceição, ao qual mandou, por santa obediencia, que lho lançasse a benção e a toda a Communidade: segunda vez ora Geral em 1618, quando admittia alumnos á Congregação.[3] Aqui terminam as noticias, que delle encontrei.

225.°

Veneravel Fr. ANTONIO DA PAIXÃO Eremita de Santo Agostinho.—Era natural de Aldêa-gallega da Marciana, e entrou no Ermo Augustiniano em 1599, e depois de feitos seus estudos subiu ao *Sacerdocio*, e se exorcitou na santa Missão com grande proveito da Igreja de Deos: em 1631 estava morador

[1] Barbosa *Bibliotheca Lusitana*—Fr. Fortunato de S. Boaventura *Historia Chronologica e Critica da Real Abbadia de Alcobaça*. Um retrato de corpo inteiro.

[2] Affonso de Andrade *Varones ilustres en Santidad, letras y zelo de las almas de la Compañia de Jesus*—Antonio Franco *Anno santo da Companhia de Jesus em Portugal*. Um retrato de corpo inteiro sem nome.

[3] *Actae Capitulares da Congregação de S. João Evangelista de 1602 junio de de 1571*; *Collecção de Inquerições dessa Congregação* (orig. do Archivo Nacional)—Francisco de Santa Maria *Céo Aberto na terra*. Um retrato de meio corpo.

no Mosteiro de Santo Antonio da ilha de Mombaça com Fr. Domiagos do Nascimento, e era Prior Fr. Antonio da Natividade, todos tres filhos da Congregação da India, quando com elle padeceu martyrio por ordem do apostata D. Jeronymo Chiugoliat: este perverso tinha sido convertido e educado em santa doutrina pelos Religiosos do Santo Agostiuho, quo a piedade o bôas letras lhe ensinaram por intervenção de Fr. Leonardo da Graça; a meio de seotença e ausilio de ElRei do Portugal ora elle o Soberano de Mombaça e Melinde; em 1627, dando obediencia ao Santo Padre Urbano VIII, confessou as obrigações, que devia óquelles Padres; e o mesmo fez em carta desse anno ao Provincial e Definidores do Ermo da India: esquecido porem do tudo, que devia a Deos e oos Christãos, entrou em 16 de Agosto de 1631 na fortalesa com duzentos Cafres: degolou o governador Pedro Leitão de Gamboa, e, por não quererem abjurar, deu igual sentença contra sua mulher e nma lilha, fazendo acompanha-las no tormento pelo Padre André João: cento e cincoenta e dois Christãos se recolheram logo ao Mosteiro com os Padres; e no dia 21, querendo ello arrombar as portas, o Prior saiu com um Crucifiso, aoimaudo todos ao Martyrio, e todos o supportaram resignadamente, incluindo os tres Padres, o irmão Diogo da Madre de Deos mantelato e eremitão de Nossa Seuhora das Marcês, e D. Antonio natural de Melinde e primo do barbaro algoz.[1]

226 °

VENERAVEL FR. VICENTE DE SANTO ANTONIO ERMITA DE SANTO AGOSTINHO.—Nasceu em Lisboa no Bairro de Alfama de paes illustres, e com o nome, segundo penso, de *Fr. Manoel de Corvolho*, naturalidade da Freguezia de S. Vicente, e filiação de Pedro Alvares de *Corvalho* e do D. Paula Girão; professou em 1587 no Mosteiro de Nossa Senhora da Graça o Instituto do Ermo Augustiniano dos Observantes, que no Mexico trocou pelo dos Reformados, incorporando-se na Missão, dirigida pelo veneravel Fr. Andre do Espirito Santo, com o nome de *Fr. Vicente de Santo Antonio:* não ha porem duvida, que por uma vocação decidida subiu ao *Sacerdocio*, e trilbou a carreira dos Martyres. Em 1623 no imperio do Japão, disfarçado em babitos já dos costumes do paiz, ja de secular Portuguez, semeon a palavra do Senhor com zêlo ferveroso em Nangasaqui o Omura: assistiu ao martyrio de alguns Christãos, e a sua constancia lhe deu novas fôrças, consolando-se de ter bôa parte na gloria daquelles Confessores de *Christo:* até ao anno de 1629 cultivou *Fr. Vicente* a seara Evangelica nesses ásperos terrenos com outros Religiosos, padecendo, a fim de evitar a prisão, grandes calamidades em beneficio do proximo, por falta de socêgo, mantimeoto e vestido; e noite houve, que passou n'um lamaçal so com a cabeça de fora, sabindo delle tolhido de pes e mãos: apesar de todas estas cautelas foi prêso em 25 de Novembro desse auno no reino do Arima, para onde partira a dar soccorros espirituaes aos fieis; dahi o levaram a Nangasaqui, e depois com outros Religiosos a Omura, em que converteu e baptisou um Bonzo: outhorisado pelos Missionarios começou a pregor aos iufieis os verdades do Evangelho, e per ellas depois de haver confundido a côrte, recebeu a palma: a intrepidez deste illustre Coafessor produziu editos de morte á nova Christandado, que em logar de se aterrar cobrou ânimo: depois de longos tormentos e dura prisão *Fr. Vicente* foi queimado vivo com outros Religiosos nas lavas infernaes do lago de Ungen, em que arvorando um Crucifixo clamava: «*Viva a Fé de Christo; eia Soldados valorosos, Cavalleiros de Christo, viva sua santa Fé:*» seu martyrio succedeu em 3 de Setembro de 1632, e com elle subiram ao Ceo os Eremitas *Sacerdotes* Fr. Bartholomeu Gutterres e Fr. Francisco do *Jesus*, Antonio Pinto *Socerdote* da Santa Companhia de *Jesus* e Japonez de Nascimento, Fr. Gabriel da Magdalena leigo da Religião Serafica, e João Jeronymo da Cruz Terceiro de S. Francisco e Japão de Nascimento.[2]

227.°

VENERAVEL FR. FRANCISCO DA GRAÇA ERMITA DE SANTO AGOSTINHO.—Nasceu em Alonquer do paes nobres, e sendo menino deixou a casa paterno para seguir os impulsos de sua vocação, que o attraía ao Claustro: em 1611 entrou no Ermo Augustiniano de Gôa, e foi um dos onze noviços, que o veneravel Fr. Christovão do Espirito Santo levou ao Mosteiro de Taná, onde professou depois nas mãos do Prior Fr. Gaspar de Amorim: voltou a Gôa a fazer os seus estudos; e tornando-se opto pela sciencia e exemplo nos costumes, que bons e virtuosos sempre os tivera, foi elevado ao *Sacerdocio*, e subiu ao Pulpito com grande proveito das almas: era observante, cootemplativo, humilde, manso, mortificado, obediente e honestissimo, e repartia o tempo pela oração, estudo, e obrigações do santo Ministerio: entrando em desejos do martyrio, obteve licença de passar ao Japão, e o fez partindo com Fr. Miguel de S. José, com os Eremitas Descalços Fr. Melchior dos Santos e Fr. Martinho do S. Nicolão, o com os Dominiconos Fr. Jordão de Santo Estevão, e Fr. Jacob de Saota Maria, que eram naturaes do Japão: quando chegou a Nongasaqui em 4 de Agosto de 1632, a perseguição estavo em pé, e por isso elle com seu companheiro Fr. Miguel, fugiu para as montanhas, abi andou procurando ganhor almas para o Ceo, instruindo, e dando os Santos Sacramentos; mas, sabendo-se no côrte, foi perseguido e lançado em uma masmorra, onde encontrou Fr. Jacob do Santa Maria, e lá mesmo cada um delles deu o babito a dois dos quatro coadjutores da Missão, que estavam prêsos, e professaram na vespera do supplicio: foram solicitados para renegar; e frustado o perverso intento, foram senteneeados com dois dos seculares, que gemiam em ferros, ao horrivel tormento das covas: mais seis seculares participaram da sua prisão, e sendo um delles degolado, e cinco queimados vivos, se leu a sentença a *Fr. Francisco* e aos outros companheiros em 13 de Agosto de 1633: no dia 15 foram estes tirodos do carcere, caminharam alegres e abrasados em amor de Deos ate ao logar do suplicio, no meie do pasmo e confusão

[1] FR. J. SÁ DE SANTO ANTONIO *Flos Sanctorum Augustiniano*—SOUSA *Agiologio Lusitano*. Um retrato de meio corpo.
[2] FR. MANOEL DE FIGUEIREDO *Flos Sanctorum Augustiniano*. Um retrato de meio corpo.

dos gentios: o veneravel *Fr. Francisco*, foi o primeiro, que soffreu o martyrio, picando-lhe a cabeça em roda depois de pendurado pelos pés na fôrca, para que lentamente saisse o sangue: assim foi lançado até ao meio do corpo na cova, e a taparam com duas taboas para maior tormento: deste modo esteve por trinta horas, expirando no dia 16; Fr. Jacob cincoenta; um dos coadjutores tres dias e tres noites; e os outros menos tempo até levarem a palma ao Ceo.[1]

228.°

Veneravel JACOME DE STEFANO Clerigo Regular da Divina Providencia.—Era Napolitano, abraçou o santo Instituto Theatino, e tanto aproveitou em seus estudos e na piedade, que mereceu o *Sacerdocio*, e os louvores de Anjo na puresa: foi um varão perfeito e santo, e Deos obrou por elle alguns prodigios; e, quando Missionario na Grecia, Iberia, Armenia, Persia e Turquia, prégava em a lingua destes paizes, como se delles fôsse natural, e obtinha grande fructo: teve grandissimo zêlo pela salvação das almas, e a mais ardente caridade para com Deos: terminou com a morte do justo a sua passagem sôbre a terra a 16 de Dezembro de 1633.[2]

229.°

Reverendo VICENTE DA RESURREIÇÃO Conego Secular do Evangelista.—Era natural de Lisboa e filho de Antonio Fernandes e Leonor Nunes: estudou canones, e depois de receber os grãos academicos abraçou o Instituto de Villar de Frades em 1593, e nelle se entregou ao estudo de differentes applicações da sciencia, aproveitando principalmente na theologia, em que obteve a borla doutoral, e em que foi varão sabedor sem deixar de ser douto em mathematica, medicina, e em ambos os direitos: subiu á dignidade *Sacerdotal*, e exerceu os cargos de qualificador e deputado do Santo Officio, para que se habilitára em 1617, examinador das tres Ordens Militares, Protonotario Apostolico, juiz da Legacia, conservador das Religiões Benedictina, Cisterciense, Cartusiana, e da Redempção dos captivos, como de todas as Confrarias de Nossa Senhora do Rosario, que em seu tempo havia em Portugal: geralmente se lhe dava pelos seus talentos o nome de *Salomão Portuguez*, e, porque decidia todos os negocios da Legacia, o de *Pedagogo dos Nuncios:* possuiu uma rica e abundante livraria; mas disse-se, que era mais avultada a sua memoria, porque tinha presente quanto lêra, sem lhe esquecer, nem ainda as folhas do livro: foi o trigesimo oitavo Geral da Congregação eleito em 2 de Junho de 1636, e nesse ministerio deixou esta vida em 30 de Agosto seguinte.[3]

230.°

Reverendo PEDRO DE S. JOÃO GARCEZ Conego Secular do Evangelista.—Era natural de Arouca, e entrou na Congregação de Villar de Frades em 1594: fez com proveito seus estudos na Universidade de Coimbra e obteve a borla doutoral em theologia; foi elevado á dignidade do *Sacerdocio*, e com elle gosou o conceito de um varão sabio e piedoso, e a merecida fama de excellente Prégador; em Roma, onde esteve, entrou na graça da Santidade de Clemente VIII; deste Summo Pontifice conseguiu muitos privilegios para a Ordem, e depois recopilou-os com todos os, que ella tinha, em um volume: a Inquisição lhe deu os cargos de qualificador e deputado; e pela sua parte elle se esmerou no estudo, deixando de suas lucubrações memoria no livro, que intitulou *Vida espiritual do homem:* morreu em 1640.[4]

231.°

Veneravel Fr. MANOEL DOS ANJOS Religioso Menor.—Era natural do Porto, passou a Pernambuco a buscar fortuna do mundo, e desenganado de a obter, quando contava vinte e tres annos de idade encontrou a do Ceo no Claustro Serafico, recebendo o habito de S. Francisco no Mosteiro de Nossa Senhora das Neves de Olinda da Custodia Recoleta do Brasil, em 8 de Maio de 1594: foi eminente na virtude e austeridade religiosa, que manifestou na vocação, pelo que subiu á dignidade *Sacerdotal*, e com ella occupou o ministerio de Guardeão dos Mosteiros do Recife, de Paraiba, de Olinda em 1630 (quando pela occupação dos Hollandezes esteve com a Communidade no Oratorio do Arraial), e de Pojuca em 1635; passou depois desta Prelasia a Olinda com doze Religiosos; mas foi com elles prêso pelos herejes usurpadores em 1639, e lançados na ilha de Margarita, da qual passou á de Porto-Rico; pelos máos tratos e ultrajes, que lhe fizeram em odio da Igreja de Deos, adoeceu gravemente nesta ultima, que levou com paciencia; e o Senhor permittiu obrar por elle alguns prodigios em premio de suas virtudes e beneficio temporal do proximo: estando de viagem para Hespanha D. Fernando de Cabreira, quiz trazer comsigo o servo de Deos, e o conseguiu; mas em 1641 sobrevindo no mar uma tempestade, que poz o navio em risco, sollicitaram todos do veneravel, que interpozesse o seu valimento com o Senhor; e elle os socegou, e tirando o cordão mandou prende-lo ao costado do navio, de forma, que a ponta to-

[1] Fr. José de Santo Antonio *Flos Sanctorum Augustiniano*. Um retrato de meio corpo.

[2] D. Thomaz Caetano de Bem *Memorias Historicas e Chronologicas da Sagrada Religião dos Clerigos Regulares*. Um retrato de meio corpo.

[3] *Ingresso nas Actas Capitulares da Congregação de S. João Evangelista de* 1571 e *Secreto do Conselho Geral do Santo Officio* m. 1. n. 2 (orig. do Archivo Nacional)—Francisco de Santa Maria *Ceo Aberto na terra*, e *Anno Historico*. Um retrato de meio corpo.

[4] *Ingresso nas Actas Capitulares da Congregação de S. João Evangelista de* 1571 (orig. do Archivo Nacional)—Francisco de Santa Maria *Ceo Aberto na terra*—Barbosa *Bibliotheca Lusitana*. Um retrato de meio corpo.

casse a agua: com isso amainou a tormenta: poucos diasdepois se preparou para a morte, que veio como assalta-lo na hora por elle antes declorada; e, sendo lançado ao mar, se susteve em pé sôbre as aguas, e assim o viram por largo espaço.[1]

232.°

VENERAVEL FR. SEBASTIÃO DO ROSARIO RELIGIOSO MENOR.—Era natural de Villa-Franca de Xira: abraçou o Instituto Serafico na Provincia recoleta do Santo Antonio de Portugal, e depois de instruido com as letras convenientes, e de manifestar sua vocação pela virtude, foi ordenado de *Sacerdote:* a obediencia o levou com quatro companheiros, em 1617, a derramar a palovra do Senhor no Maranhão, onde obtove copioso fructo da seara Evangelica: na volta esteve treze annos no Mosteiro da Insua, o se entregou aos maiores rigores da solidão, da abstinencia, vigilias, mortificações, e disciplinas, a ponto de salpicar o chão com o sangue: orava com alto fervor, e celebrava com grande recolhimento; chegou finalmente, sendo Guardeão, a sua caridada a ponto de empenhar o Custodia do Mosteiro para favorecer os pobres, quando uma esmola não tinha, qoe dar; por isso o tinham todos os necessitados por bemfeitor, porque cuidava, não só de olimenta-los, mas de remediar-lhes outras necessidades: passou depois ao Mosteiro de Santo Antonio de Caminha, e là morreu no Senhor em 26 de Moio de 1642.[2]

233.°

REVERENDO FR. CHRISTOVÃO DE S. JOSE RELIGIOSO MENOR.—Era natural da Certã, e vistiu o habito da Religião Serafica na Provincia reformada de Santo Antonio de Portogal, e com elle adiantou no caminho da perfeição: quando teve as habilitações sufficientes, subiu á dignidade *Sacerdotal;* e hovendo a côrte em 22 de Julho de 1617 exigido daquella Provincia obreiros Evangelicos para o Maranhão, foram enviados *Fr. Christovão de S. Jose*, Fr. Sebastião do Rosario, o Fr. Filippe de S. Boaventura, e por Commissario Fr. Antonio da Marceana, que partiram em companhia de Monoel de Sousa de Eça, nomeado Provedor da fasenda daquella terra: lá coube em partilha a *Fr. Christovão de S. Jose* a Aldêa grande de Tamogica; nella fez prodozir a seara do Senhor; e com o custodio Fr. Christovão de Lisboa foi á descoberta do rio dos Tocantins: voltando ao reino por ordem dos Superiores, passou á Certã a vêr sua familia, e tanto pôde, que alcançou dos patricios o fundação de um Mosteiro da sua Recoleta nesse logar, e compromettendo-se pela sua parte a correr com as obras, tiron avultadas esmolas, e levou o santo edificio a ponto de recolher nelle seus irmãos, tendo posto a primeira pedra dos alicerces o Provincial Fr. Manoel de Santa Maria em 2 de Maio de 1635: foi pobre, observante, penitente, zeloso da casa do Senhor, e desvelado no bem das almas: quando já estava adiantado em annos, o mandaram para o Mosteiro de Nossa Senhora dos Anjus do Sobral, Diocese de Lisboa, com o fim de tomar algom vigor; porém não distou muito, quo a morte o roubasse por causa de uma inchação no ventre; acabou esta vida resando Completa, e depois de ter levado ao meio o Psalmo *In te, Domine, Speravi;* recebeu o premio de seus merecimentos no Céo em 10 de Moio do 1643.[3]

234.°

VENERAVEL FR. DIOGO DOS ANJOS RELIGIOSO MENOR.—Era natural de Leiria, e desde menino entrou no caminho da perfeição guiondo-o Deos e concedendo-lhe grandes virtudes: seguiu os estudos, que o podiam hobilitar ao estadu Ecclesiastico, e recebendo o santo *Sacerdocio*, de que era digno, distribuiu seu patrimonio pelos pobres, e abraçou o Instituto Serafico no Mosteiro de Santarem do Provincia da Arrabida: pobre, homilde, abstinente, penitente e obediente, se apresentou no Claustro verdadeiro imitador de S. Francisco; e para melhor o seguir se retirou ao Ermo da Arrabida, onde por quatorze annos guardou rigorosamente silencio, o se deu todo ó oração e contemplação: alli gosou algons favores celestiaes, e muitas vezes foi visto na Capella-mor do Templo, tão elevado do chão, quando orava, que o sachristão ponha e tirava sem impedimento as esteiras, que lhe ficavam por baixo, e tão absorto estava elle, que disso nada percebia pela alienação completa dos sentidos: assim passou a vida terrena ate ir gosar de Deos em 23 de Setembro de 1643 na enfermaria de Setubal.[4]

235.°

VENERAVEL FR. MIGUEL DE S. JERONYMO RELIGIOSO CARMELITA DESCALÇO.—Era natural de Montemór o novo, e filho de João Baptista e Innocencia Gomes: abraçou o Instituto Carmelitano em sua descalces no Mosteiro dos Remedios, e fez os votos solemnes em 7 de Dezembro de 1631, trocando o nome de *Miguel Gonçalves* no de *Fr. Miguel de S. Jeronymo:* sendo encarregado da enfermarin, deu provos de muita caridade em servir e alliviar seus irmãos; deste exercicio passou a estudar no Collegio de Figueiro, e con-

[1] FR. ANTONIO DE SANTA MARIA *Chronica dos Frades Menores do mais estreita e regular observancia da Provincia do Brasil.* Um retrato de corpo inteiro sôbre as aguas, e outro de meio corpo.

[2] JORGE CARDOSO *Agiologio Lusitano*—BERNARDO PEREIRA DE BERREDO *Annaes Historicos do Estado do Maranhão.* Um retrato de meio corpo.

[3] JORGE CARDOSO *Agiologio Lusitano*—BERNARDO PEREIRA DE BERREDO *Annaes Historicos do Estado do Maranhão.* Um retrato de meio corpo.

[4] FR. JOSÉ DE JESUS MARIA *Chronica da Provincia de Santa Maria da Arrabida.* Um retrato de meio corpo.

tinuou em Evora e Vianna; e foi tanta a sua applicação, mortificações e penitencias, que esteve ás portas da morte com uma phtysica, de que nunca mais pôde bem convalescer-se: elevado ao *Sacerdocio* continuou com alto fervor a vida, que dantes levava, de humilde, puro, obediente, pobrissimo, e contemplativo, gastando a maior parte do seu tempo em orar, como quem se preparava para deixar este mundo: já adulto na perfeição, edificava a todos com o exemplo e com a palavra; como um Anjo chegou ao termo de sua passagem na terra, sem nunca se permittir allivio dos cilicios, cadêas de ferro, e disciplinas, o desse modo o roubou a morte em 10 de Agosto de 1645.[1]

236.°

Reverendo ZACHARIAS PASCHOALIEGO Clerigo Regular da Divina Providencia. Nasceu em Verona, e tomou a roupeta do sagrado Instituto de S. Caetano; auxiliando o seu grande talento com muito estudo, veio a ser consummado na theologia, philosophia, jurisprudencia e linguas orientaes, e por sua vida exemplar mereceu a dignidade do *Sacerdocio*: foi professor da sciencia sagrada durante o summo Pontificado de Urbano VIII e Innocencio X; e a época mais florescente da sua vida passou em 1645: saiu deste mundo com credito de sabio e verdadeiro Claustral, deixando memoria de seus trabalhos litterarios nas *Questões Moraes*, na *Praxe do Jejum Ecclesiastico*, e no tratado do *Sacrificio da Nova Lei*, que é de certo a melhor de suas obras.[2]

237.°

Reverendo MELCHIOR DA GRAÇA Conego Secular de S. João Evangelista. — Era natural de Barcellos, e abraçou o santo Instituto de Villar de Frades em 1582: seguiu com proveito os estudos de theologia na universidade, tomou o grão de doutor nessa sciencia, e recebeu a sagrada Ordem do *Sacerdocio*, de quo as virtudes praticadas em toda a vida o fizeram digno: depois de ter ensinado muitos annos no Collegio de Coimbra, veio residir a Santo Eloy, onde se entregou á lição dos canones sem reserva, e foi neste ramo considerado oraculo: occupou o ministerio de Prelado maior da Congregação, e o era em 1610, em que admittia alumnos: mereceu o conceito do observante da disciplina Claustral, e de zeloso pela casa de Deos: morreu em 1646 com bôa opinião.[3]

238.°

Veneravel Fr. THOMAZ DE VILLA-NOVA Eremita de Santo Agostinho. — Era natural de Lisboa, e professou o Instituto Augustiniano na eidade de Cochim em 1635: depois das provas litterarias para o santo ministerio do Altar, subiu ao *Sacerdocio*; foi mandado para a Missão de Mascate; e lá padeceu martyrio com Fr. Luiz da Madre de Deos e outros em 31 de Outubro de 1647.[4]

239.°

Veneravel Fr. LUIZ DA MADRE DE DEOS Eremita de Santo Agostinho. — Era natural de Gôa, e professou no Ermo Augustiniano da India em 1636; feitos seus estudos recebeu o santo *Sacerdocio*: posteriormente foi eleito Prior do Mosteiro de Mascate; lá perseverava em santa doutrina, quando os Árabes arremetteram a praça; e quarenta e seis dias antes da total ruina della, em 31 de Outubro de 1647, entraram no Mosteiro, e lançando de uma janella um Religioso doente, a todos os mais, como a muitos Christãos, degollaram, em odio da fé, que confessavam: um anno depois seus corpos se acharam incorruptos, do mesmo modo, que na hora, em que confessando a Christo, receberam a palma do martyrio.[5]

240.°

Veneravel Fr. ANTONIO DAS CHAGAS Religioso Menor. — Nasceu na Villa de Freixiel da Provincia de Tras-os-montes em 1558 filho de Lopo Alvares *Borges* e Brites Coelho; e teve irmãos Fr. Diogo da Piedade (que tambem o foi no habito e na virtude), e Pedro *Borges* Rebello administrador do Morgado do Corpo Santo de Lisboa com descendencia[6]: desde menino mostrou tanto affecto á Mãe de Deos, e perseverou assim toda a vida, de modo que lhe chamaram o *Devoto da Virgem*: todas as suas tendencias eram para a piedade e para a perfeição na virtude: deste modo se foi creando, seguiu os primeiro estudos

[1] Fr. José de Jesus Maria *Chronica de Carmelitas Descalços*. Um retrato de corpo inteiro.

[2] Moreri *Diccionario* — D. Thomaz Caetano de Bem *Memorias Historicas e Chronologicas da Sagrada Religião dos Clerigos Regulares*. Um retrato de meio corpo.

[3] *Ingresso no fim do codice das Actas Capitulares da Congregação de S. João Evangelista de* 1571, e *Collecção de Inquerições* (orig. do Archivo Nacional) — Francisco de Santa Maria *Céo Aberto na terra*. Um retrato de meio corpo.

[4] *Relação entre os ms. da Bibliotheca Nacional de Lisboa* A — 2 — 37. Um retrato de meio corpo.

[5] *Relação entre os ms. da Bibliotheca Nacional de Lisboa* — A — 2 — 37. Um retrato de meio corpo.

[6] Em D. Antonia Borges Rebello de Alhaide e Vasconcellos, actual administradora deste morgado e do de Quintella de Lampaças, a viuva de Antonio Caetano de Sousa Pavão, de que entre outros filhos lhe ficou Francisco Borges Rebello de Sousa Pavão, senhor da casa de seu pae, e futuro successor da de sua mãe.

em Braga, e serviu no Paço a ElRei D. Sebastião: por falta deste Principe, a por insinuação de Fr. Antonio da Piedade seu tio o Provincial da Arrabida, quando contava vinte e seto annos tomoo o habito desta Recoleição no Mosteiro de Loures visinho do Lisboa; o como um Anjo na docilidade do trato e na caridude era venerado por todos: depois do erecta, em 1584, a Custodia de Santo Antonio do Brasil, foi por ordem dos Superiores enviado em 1590 aqoelle paiz em companhia do novo Custodio Fr. Melchior de Santa Catharina, Religioso da Provincia de Santo Antonio de Portugal; logo qae alli chegou mereceu a dignidade do *Sacerdocio;* empregou-se na capitania do Espirito Santo em derramar a palavra do Senhor com grande zêlo, e muito proveito da salvação das almas, e exerceu o ministerio do Guardeão do Mosteiro de S. Francisco da Villa da Victoria, augmentando o culto e a devoção da Santissima Virgem debaixo do titulo da Penha de França, com que alli era venerada: em 1604 voltou do Brasil ú Provincia da Arrabida em um navio de Hollandezes, tendo padecido grandes trabalhos na viagem, porque sendo, defronte do Algarve, prêsa de um navio de hereges, depois de o atormentarem, o entregaram ao furor das vagas n'uma lancha; mas Deos permittiu por suas orações, qua todos fôssem perseverados da morte deitundo-os o mar a uma praiu, e conduzindo-os no dia seguinte uns pescadores a Faro: de lá veio a Lisboa, e fez residencia em differentes Mosteiros, onde nãa so deu a conhecer a sua profunda humildade; mas o Senhor manifestou por ulguns prodigios a santidade de sua vida, e o enriqueceu com o dom da prophecia: sendo Prelado em S. José de Ribamar, instituiu o pio costume de cantar a ladainha de Nossa Senhora ao Sabbado depois da Completa, e desse Mosteiro passou a todos os da Provincia: pela asperesa das penitencias chegou a cegar, e nos ultimos dôze annos de sua vida o Senhor experimentou com esta terrivel enfermidade a sua paciencia: assim fez sua passagem na terra dando exemplo da mais alta edificação ate aa dia 2 do Agosto de 1648, em que morreu no Senhor.[1]

241.°

Reverendo LUIZ NOVARINO Clerigo Regular da Divina Providencia.—Era nutural de Verona, a professou o Instituto Theatino, conservando a puresa de costumes e mudando o nome de *Jeronymo*, que usava, pelo de *Luiz:* fez com tanto cuidado seus estudos, que saiu instruido na theologia, nas linguas orientaes, e n'oatras applicações da sciencia, e mereceu a dignidade *Sacerdotal:* depois de santificado com esta, foi um varão exemplarissimo, e gosou da benção do Céo o da admiração dos homens; e por esse modo viveu entregue ás letras e aos deveres do Claustro até 10 de Janeiro de 1650, em que morreu com bôa opinião, deixando de suas lucubrações memoria nos *Commentarios aos Quatro Evangelhos e aos Actos dos Apostolos;* nos *Arcanos da Theologia Mystica;* nos *Adagios dos Santos Padres;* e n'ontras abras.[2]

242.°

Veneravel PEDRO AVITABILE Clerigo Regular da Divina Providencia.—Nasceu em Napoles pelos annos de 1590: desde menino deu a conhecer o desejo do servir de instrumonto á conversão das ulmas, o mais se lhe avivou, quando aos dôze annos de sua idade ouviu pregar uns Missionarios: não era esteril esse desejo, porque o acompanhava de solida devoção, e de todas as virtudes, que se podem dar em tenros annos, principalmente da caridade, com que visitava e servia os enfermos nos hospitaes: constante no peosamento abraçou em 1607 o santo Instituto Theatino no Mosteiro do Bitonto; e desde então deixou ver u profunda humildade, extrema pobresa o obediencia céga, a modestia no trato, o rigor na observancia dos preceitos monasticos, na abstinencia e na penitencia, a paciencia no soffrimento, a frequencia na oração, o o amor ao silencio, ao retiro, ao estodo e á contemplação, que o caracterisaram toda a vida: passou a fazer os seus estudos em Napoles; mas tendo quasi finda a carreira escolar, foi atormentado de violentas dores de cabeça, pelo que o mandaram a Messinu para restabelecer-se: similhaute mudonça esteve bem longe de lhe dar melhoras, por isso largou os trubalhos litterarios para entregar-se á oração com maior fervor: recebeu o santo *Sacerdocio*, o se deu assiduamente a todos os exercicios de caridade paru com o proximo; mas sua alma não tinha satisfação sem passar á terra dos infieis; e o trato com Fr. Bernurdino de Siponto Observante reformado o inflammava ainda mais: pediu as orações deste santo varão o de outro veneravel da Ordem de S. Basilio, que por então se achava em Messina, para saber qual seria a vontade de Deos, e elle mesmo se deu ás asperas penitencias: certificado já desta, elle se propoz á Missão da Georgia, e em 1626 obtevo por mediania do Padre Siponto na Congregação du Propaganda ser nomeado para essa Missão com os seus companheiros de Claustro Francisco Aprili, Celso Nigri, Joãa Filomio, e Jacome de Stefano: com recommendação do Santo Padre Urbano VIII, em cartas dirigidas aos principes daquella terra, partiram *Avitabile* como Perfeito da Missão, com Aprili e Stefano por mar, e os outros dois por terra para Constantinopla, embarcando os primeiros em Malta a 6 de Juneiro de 1627: na capital da Turquia obtiveram pela protecção do embaixador de França u de um da Georgia, que la se achava; porem, não querendo largar os habitos, foram denunciados aos Turcos pelos sysmaticos como espias; e posto, que do perigo os livrasse o Francez, comtudo necessitaram voltar a Messina: novamente partiram *Avitabile* e Stefano por Malta, Alexandria, e Alepo á Georgia, e lá entraram a 14 de Dezembro: forão bem recebidos de Taimiraz, um dos Soberanos do paiz, que ainda não estava infeccionado pelos sysmaticos, permittiu-lhes não so a pregação, mas a residencia em Gori, e lho deu sitio para edificarem casa: estabelecida la a Religião Theatina, Taimiraz quiz responder a Sua Santidade, e para isso rogou ao *Padre Avitabile*, que servisse

[1] Fr. José de Jesus Maria *Chronica da Provincia de Santa Maria da Arrabida.* Um retrato de meio corpo.

[2] Moreri *Diccionario*—Ladvocat *Dictionnaire Historique-Portatif*—D. Thomaz Caetano de Bem *Memorias Historicas e Chronologicas da Sagrada Religião dos Clerigos Regulares.* Um retrato de meio corpo.

da seu orador: ficando Stefano, veio elle a Roma com um Armenio em 9 do Agosto de 1630, trazendo cartas do Patriarcha e do Soberano, em que pediam um pintor para retocar os Imagena destruidas pelos Turcos, e um medico para os tratar, sem dar resposta squellas, quo o Santo Padre por outra via mandára a Taimiraz sôbre fazer a profissão de Fe, e consentir om se lhe levantarem censuras: em Roma don conta du sua commissão, e obteve de Sua Santidade, que o Armenio fôsse um dos pobres do Lava-pes da Semana Santa proxima, com destino de rebater no oriente as calumaiosas osserções a respeito do fausto Romano: tendo recebido as ordens da Propaganda, embarcou em Messina com outros Missionarios om 9 de Outubro de 1631, e a 10 de Julho entrou em Gori depois de ter soffrido grandes tribulações na viagem: mal satisfeito se deu Taimiraz vendo, que o servo de Deos não levava dinheiro para lhe dar, e foi preciso muito para o trazer a accôrdo: distribuiu *Avitabile* os companheiros por differentes logarea para semearem o palavra do Senhor, e conseguiu fundar uma residencia em Gancia nas terras sujeitas ao Persa, e outra em Guriel nu Mingrelia: continuava com fructo a Missão; porém ao mesmo tempo Deos levou para si o veneravol Stefano e outros Religiosoa, e essa falta, sensivel bastante, se tornaria maior, se não chegassem oito Theatinos a Gori om 1637, com os quaes se remediou o mal: movido peloa Religiosos Augustinianos, que alli se achavam, quiz passar á India a estabelecer a Religião para augmento da cultura Evangelica, e por lhe offerecerem casa em Gôa, voltou o Europa, trazendo em sua companhia um dos muitos heregea e scismaticos, que convertêra, Cyrillo Metropolitano de Trebisonda, para dar pessoalmente obediencia á Santa Sé, e estava com elle em Roma no anno de 1639: o nome de *Avitabile* era então respeitado na capital do mundo Christão, como elle benemerito da Igrejo de Deos, e isso levou Monsenhor Vives, orador de Flandres, a fundar um Collegio em Roma o *da Propagação da Fe* (que veio a tomar o nome de *Urbano* do Summo Pastor, que então presidia na Igreja de Deos), e o entregou oos Clerigos Regulares: alem disso obteve em 11 de Julho desse anno, que se estabelecesse uma nova Missão na India, e que esta e a da Georgia se auxiliassem mutuamente; o ficou assignado o Decan para a Missão Theatina, dando-se ao Padre *Avitabile* o encargo de a fundar e dirigir na qualidade do Prefeito: entretanto para estar segura de ter operarios Evangelicos para os duas Missões da Geogia e Decan, a Congregação da Divina Providencio estabeleceu o voto de servir nellas por dez annos aos, que voluntariamente quizessem ir áquellas terras para tão santo fim; e esse fez logo o novo Perfeito: sairam *Avitabile*, Francisco Manco, e Antonio Ardizzone, com o loigo André Lippomano em Outubro desse mesmo anno em companhio do Arcebispo de Mira Fr. Francisco Antonio Franscellio do S. Felix, Vigario Apostolico na India, e em 25 de Outubro do anno seguinte (1640) chegaram a Gôa; e sendo bom recebidos pelo Arcebispo Fr. Francisco dos Martyres, e pelo vice-Rei Conde do Aveiras, o Prelado concedeu aos novos Operarios de sua seara as faculdades necessarias, e o vice-Rei lhes deu as licenças, *de que a politica impiamente tem feito dependentes os Ministros de Deos para prégar a palavra do Evangelho:* não se demoraram os Padres em dispersar-se, Manco para Golconda, Ardizzone para as ilhos do Gôa, ficando só *Avitabile*, que não cessava um instante de trabalhar pela salvação das almas: tres Religiosos lhe foram depois enviados Milzetti, Ferrarini, e Ponza, quando já hovia perdido Manco, o primeiro destes morreu logo depois da chegada, e com os outros se deteve, porque Ferrarini já não era para os rigores da Missão espinhosa, e Ponza não estova ainda capaz delles: perseveron aindo algum tempo nos exercicios do ministerio Apostolico, ate que avisado da proximidade do termo da vida, se preparon para elle, e acabou como um Santo no 1.º de Novembro de 1650.[1]

243.º

VENERAVEL FR. MANOEL DAS CHAGAS EREMITA DE SANTO AGOSTINHO. – Era natural de Moura, e professou no Ermo Augustiniano da India em 1626: applicando-se no Claustro ao estudo da sciencia e da perfeição Evangelica, foi elevado ao *Sacerdocio*, e depois nomeado Parocho da Christandade de Daça no territorio de Bengala; pôz toda a efficacia do seu zêlo em guiar o rebanho, que Deos confiara a seus cuidados; e, tratando de acudir a alguns Christãos prêsos pelos infieis para lhes evitar a apostasia nos tormentos, foi morto a páo em 5 de Dezembro de 1650.[2]

244.º

REVERENDO FR. JOÃO PONCE RELIGIOSO MENOR. — Nasceu em Corck na Irlanda, e professou o Instituto recoleta dos Menores Observantes da Provincia de Hybernia: applicou-se com desvelo á sciencia e á prática das virtudes, pelo que mereceu o respeito o attenção universal, e foi elevado ao *Sacerdocio:* depois de ter regido com dignidade as escólas da Ordem, foi professor de prima no Collegio de Santo Isidoro de Roma: floresceu pelos annos de 1650, e morreu com bôa opinião, deixando memoria de seus estudos no *Curso completo de Philosophia;* no de *Theologia segundo a mente de Scoto;* nos *Commentarios theologicos aos livros das Sentenças de Scoto*; no *Juiso da Doutrina de Santo Agostinho e de S. Thomaz*.[3]

245.º

VENERAVEL ALBERTO MARIA AMBIVERI CLERIGO REGULAR DA DIVINA PROVIDENCIA — Nasceu em Bergamo o 16 de Julho de 1618 de uma familia illustre filho de Francisco *Ambiveri* e de Maria Benedicta

[1] D. THOMAZ CAETANO DE BEM *Memorias Historicas e Chronologicas da Sagrada Religião dos Clerigos Regulares.* Um retrato de corpo inteiro.

[2] *Relação entre os ms. da Bibliotheca Nacional de Lisboa.* A—2—37. Um retrato de meio corpo.

[3] FR. JOANNES A SANCTO ANTONIO *Bibliotheca Universa Franciscana.* Um retrato de meio corpo.

Donesana; e no baptismo lhe deram o nome de ***Fernando***, glorioso na sua casa; mas, que na Religião trocou pelo de ***Alberto Maria***: a indole e a educação o tornaram um complexo de virtudes, e essas o levaram a abraçar o Instituto Theatioo em 1634; fez o noviciado em Cremona, e professou com decidida vocação: applicou-se assiduamente ao estudo das letras e da paciencia nas tribulações, que para prova de sua virtude Deos lhe quiz dar, e as venceu com auxilio du precioso livro da *Imitação de Christo*, aioda que com grandissima difficuldade, e com grave prejuiso do saudo corporal, por quo do applacar com o soffrimento os chammas da ira, lhe sobrevierom apertos de coração, vertigens e mortaes deliquios: subiu á dignidade ***Sacerdotal***, e sendo maiores as affrontas, e superior a pacieocia, que lhe oppunha, cresceu a molestia; e retirando-se então com licença dos Prelados para uma cosa de campo de Vailate em Gierra do Adda, lá passava o tempo em oração e contemplação das cousas Divinas, e dessas lhe veio a ardente caridado, em que se abrasou pela salvação das almas: confessava, eosioava doutrioa aos meuinos, prégava, compuuha desaveuças, acabava litigios, consolava os afflictos, e attrahia todos pela sua vida exemplar ao amor de Deos: já por então as suas preces tinham tanto valor na presença do Altissimo, que operou por meio dellas olgumas curas miraculosas; mas disso resultou, que o demonio invejoso o perseguiu por meio de instrumento humauo, que uutr'ora o injuriava e amaldiçoava; e por torpes accusações póde consegoir, que os Superiores o fizessem recolher ao Mosteiro de Santa Agatha de Bergamo, onde havia dado o nome á Congregação; não contente com isso, o denunciou ao Sauto Officio de Milão como foiticeiro; porém obedecendo ao chamado do tribuual, as suas respostas desfizeram o enredo maliguo: conhecido a sua iuooceocia, persevcrou no santo exercicio da caridade com o pruximo sem estorvos; e teudo o Padre Avitabile reclamado de Gôa Missionarios, e feito vêr aos Superiores da Congregação, que era melhor passarem esses por Lisboa, que fazerem a viagem pelo oriente, o Geral fez uma circular convidondo para o Missão; e ardeudo o servo de Deos em desejos de entrar oella, posto que seu pae o seu irmão José Ambiveri lh'o quizeram impedir, nem por meio dos Superiores, uem por elle proprio o consegoiram: de Florença partiu para Lisboa em 12 de Janoiro de 1650 na companhia dos Padres Cresconio Vivo, Onufre Cassia, e Andre Franco, e dos leigos André Bonino e Francisco Maria Milazzo, e chegaram a esta cidade, onde ja estava o Padre Antonio Ardizzone, Procurador das Missões Theatinas, que os distribuiu pelos Mosteiros da cidade, fazendo passar ao de Nossa Senhora da Graça o veneravel *Ambiveri*: a cidade se olvoroçou com a presença dos soldados de *Christo*, e não tardou a admirar suas virtudes: Ardizzone tratou do os fazer logo ombarcar na esquadra, que levava o Conde de Aveiras segunda vez governador a India; mas a Rainha e Senbora D. Luiza, que queria o servo de Deos paro director do sua consciencia, lhe impediu expressameute a viagem: resignado á sua sorte, tratou de fazer em Lisboa o, que se estivesse em Golconda obraria; e por isso não se poupou ao Pulpito, Confessionario, o as curas maravilhosas, quo pela benção e oração obrava em Italia; e fazendo vida Claustral no Hospicio, que Ardizzone dirigia; mas não durou muito tempo uo exercicio do ministerio Apostolico, porque com previo e pleno coubecimento da morte, passou desta vida, como Santo, ao seio de Deos em 6 de Agosto de 1651.[1]

246.°

REVERENDO FR. CHRISTOVÃO DE LISBOA RELIGIOSO MENOR.—Nasceu em Lisboa filho de Gaspar Gil *Severim* Executor-mor do Reino, e de sua segundo mulher Juliana de Faria, e teve irmãos, 1.° Manuel de Faria *Severim* Chantre de Evora e muito applicado á historia; 2.° Francisco de Faria *Severim*, que cuntinuou a casa[2]; 3.° D. Joanna de Faria mulher de D. Christovão Manoel com posteridade[3]: abraçou o sagrado Instituto Serafico na Provincia reformada da Piedade, do que se transferiu á de Santo Antonio de Portugal: e seguindo as escolas claustraes com muito proveito, veio o ser varão sabiu, e um dos melhores Pregadores do seu tempo: mereceu pela sua graude vocação o ***Sacerdocio***, e nelle foi exemplar: a Inquisição o nomeou seu qualificador, e a Recoleição o elegeu seu Commissario, tendo sido Prelado do Mosteiro do Campo de Saota Auna de Lisboa: passou a missiooar oo Brasil, e foi o primoiro Custodio do seu Monastico na capitania do Maranhão; ahi deixou ver sua grande caridade e muito zêlo pela salvação das almas nos campos, que se lhe deram para cultivar com a palavra do Seohor; delles colheu bons fructos, mas padeceu incriveis trabalhos: de lá voltou, o foi oleito Bispo de Angola; mas pela ruptura não chegou a receber o benção Apostolica e instituição canonica: amou a pobresa e castidade, e na pratica destas virtudes, e de todas as, que constituem o verdadeiro Religioso, deixou esta vida em 14 de Abril de 1652: ficaram de suas lucubrações differeotes escriptos em ascetica, paranetica, e outros generos de erudição, que se publicaram pela impreusa, e ontros, principalmeote a ***Historia natural e moral do Maranhão e Grão-Paro***, isso mereceriam, mas não o conseguiram.[4]

247.°

VENERAVEL FR. ANTONIO DA CONCEIÇÃO RELIGIOSO DA ORDEM DA SANTISSIMA TRINDADE.—Nasceu este servo de Deos em Lisboa o 8 de Dezembro de 1579, e a 15 do dito mez foi baptisado na Parochio

[1] D. THOMAZ CAETANO DE BEM *Memorias Historicas e Chronologicas da Sagrada Religião dos Clerigos Regulares*. Um retrato de corpo inteiro.

[2] Avô paterno de D. Anna de Mendonça mulher de D. Sancho Manoel de Vilhena primeiro Conde de Villa Flôr, e um dos mais illustres generaes da guerra da acclamação, de quem foram filhos, 1.° Fr. Antonio Manoel de Vilhena Grão Mestre da Ordem de S. João de Jerusalem, 2.° D. Christovão Manuel de Vilhena segundo Conde de Villa Flôr bisavô da actual senhora de Pancas; 3.° D. Marianna de Noronha mulher do copeiro-mór Luiz de Sousa de Menezes, de que é representante o actual Duque da Terceira.

[3] Em seus filhos o referido primeiro Conde de Villa Flôr, e D. Maria Manoel mulher de D. Antonio Alvares da Cunha chefe da familia do Cunha e senhor da Tabua, a quem hoje representa o actual Conde da Cunha.

[4] BARBOSA *Bibliotheca Lusitana*—FR. MARTINHO DO AMOR DIVINO *Escola de Penitencia*—BERNARDO PEREIRA DE BERREDO *Annaes Historicos do Estado do Maranhão*. Um retrato de meio corpo.

de S. Nicolão, e era filho de Antonio Dias de *Carvalho*, e Maria Dias; desde menino patenteou inclinações á devoção e ao estudo, e, tendo já conhecimento da lingua latina e da musica, o admittiram para menino da Capella Real, pela voz sonora e melodiosa, de que Deos o dotara: com os annos cresciam nelle as virtudes e a piedade, admirando a todos por humilde e modesto, e por decidida vocação vestiu o habito da Redempção dos captivos em 1594: não vivia senão para louvar ao Senhor na oração, nos canticos celestiaes, e no orgão, que aprendeu com esmero; e as virtudes sublimes, com que edificava a todos o elevaram ao *Sacerdocio*, de que se tornava muito digno, e o constituiram Mestre dos Noviços, para edificação da mocidade Claustral, que educou e guiou na observancia, como um Anjo: os Prelados quizeram dar-lhe estudos convenientes para fazer brilhar as letras com essa vida celestial, que levava; e, depois que penetrou com passo firme nas altas regiões da philosophia e da theologia, passou do Collegio de Coimbra a encerrar-se no Mosteiro de Cintra, e lá, com auxilio de D. Maria Manoel sua filha espiritual, fez uma Ermida, dedicada ao Santissimo Mysterio da Conceição, no mais recondito da cêrca; neste santo retiro passava o seu tempo na oração e contemplação, mortificando-se com cilicio, disciplinas, e abstinencia, comendo unicamente fructas suas, e, nas festividades, hervas cosidas por sua mão: separado de seus proprios irmãos, apenas se facilitava ao seu Confessor, e a um moço, que lhe ajudava á Missa; e deste modo renovava a pia memoria dos Santos Anacoretas, até que os Superiores ordenaram a sua volta ao Mosteiro de Lisboa para entrar de novo no antigo exercicio de Mestre de Noviços: depois, sendo pedido por João Furtado de Mendonça governador do Algarve para seu director, o mandaram residir em Lagos, a continuou no seu Mosteiro dessa cidade exercendo o mesmo encargo com o Conde do Prado, que succedeu a João Furtado de Mendonça: o respeito universal, com que era tratado, o fez eleger Ministro daquelle Mosteiro, e o obrigaram a aceitar pelo preceito da obediencia; acabado o triennio, foi eleito Definidor, e passou á sua Ermida de Cintra; mas de lá o arrancaram outra vez para Mestre de Noviços no Mosteiro de Lousa em Tras-os-montes: outras vezes a obediencia o fez Definidor, e ainda Visitador geral, de mais de o privar da asperesa das penitencias: na Ordem foi mestre de espirito de varões eminentes na sciencia e na piedade, e no seculo de pessoas exemplarissimas de um e de outro sexo; e, por virtude de seus conselhos, tiveram logar muitas conversões; finalmente em premio de suas virtudes Deos o enriqueceu com o dom da prophecia, e nem por isso deixou de experimentar as mais duras provas da calumnia e da afronta; mas a sua paciencia as soffreo com resignação, e lhe augmentou o premio: deste modo chegou ao termo de sua carreira mortal, e dormiu no Senhor em 9 de Julho de 1655, deixando de suas letras recordação em escriptos de ascetica.[1]

248.º

Reverendo Fr. JOÃO DE ANDRADE Religioso da Ordem da Santissima Trindade.—Nasceu em Ceuta a 27 de Janeiro de 1588 filho de Manoel de *Azevedo* almoxarife da cidade, e de Violante André; em 1603 abraçou o Instituto da Redempção dos captivos no Mosteiro da sua patria, e, depois de emittir os votos, o mandaram estudar em Lisboa, e tanto cuidado lhe deveu a sciencia, que veio a ser Mestre na sua Ordem e um dos primeiros theologos do reino; subiu á dignidade *Sacerdotal*, e exerceu com louvor o magisterio, em que mais tarde jubilou: em 1618 passou a Roma, com o Prégador geral Fr. Doarte Pacheco, para obter de Santidade de Paulo V a confirmação das addições á constituição Albertina da Provincia: depois foi Reitor do Collegio de Coimbra, Ministro do Mosteiro de Lisboa, em 1651 Provincial, e depois Visitador Geral; fóra do Claustro examinador das Ordens militares e do Priorado do Crato, e juiz da Legacia; e, eleito Bispo de Ceuta e Tanger em 25 de Outubro de 1655, em virtude da suspensão de relações com a Santa Sé não obteve ser confirmado: mereceu entretanto o conceito geral de varão douto e muito virtuoso; foi observante, zeloso, justo, e de muita caridade: e passou desta vida em 2 de Novembro de 1655, deixando de seus estudos bôa memoria nos livros *Quaestiones Selectae in universam theologiam* ms.; *Apologia pro vero et proprio martyrio per pestem*; e *Apologia Patriarchal Sagrada*.[2]

249.º

Reverendo Fr. BENTO DE S. JORGE Religioso Menor.—Era natural de S. Domingos de Camões termo de Torres Vedras e filho de Jorge *Pires* e Maria Cordeiro: nomeava-se no seculo *Bento Pires*, e professando o Instituto Serafico na Recoleição de Santo Antonio de Portugal, quiz chamar-se *Fr. Bento de S. Jorge*: tendo feito com fructo seus estudos, foi apresentado Professor de philosophia e theologia; e no *Sacerdocio*, a que o elevaram, se portou de modo, que alcançou reputação de virtude: no Claustro chegou a ser Prelado maior do seu Monastico, e o era em 1650: a côrte o elegeu Bispo de S. Thomé; porém a ruptura desse tempo não permittiu, que chegasse a ser confirmado: passou desta vida em 5 de Fevereiro de 1658.[3]

250.º

Reverendo FRANCISCO DA MADRE DE DEOS Conego Secular do Evangelista.—Era natural de Condeixa a *nova*, Diocese de Coimbra, e filho de Domingos Pires e Isabel Matheus: procurou abrigo das maldades do mundo no Claustro da Congregação de Villar de Frades, em que entrou no anno de 1618, tendo-se-lhe approvado as inquerições em 30 de Maio do anno antecedente: era no seculo *Francisco Saro*,

[1] Fr. Jeronymo de S. José *Historia Chronologica da Ordem da Santissima Trindade*. Um retrato de corpo inteiro.

[2] Barbosa *Bibliotheca Lusitana*—Fr. Manoel de Santa Luzia *Epitome Chronologico dos Varões illustres Trinitarios* (ms. do Archivo Nacional)—Fr. Jeronymo de S. José *Historia Chronologica da Ordem da Santissima Trindade*. Um retrato de corpo inteiro.

[3] Bibliotheca Nacional *Collecção de Inquerições da Ordem de Santo Antonio de Portugal*—Antonio de Carvalho da Costa *Chorographia Portugueza*—Fr. Martinho do Amor Divino *Escola de Penitencia*. Um retrato de meio corpo.

e mudou esse nome para *Francisco da Madre de Deos:* seguiu os estudos de theologia na Universidade; tomou o grão de doutor; e de suas lucubrações sahiu bom latino, bom poeta, bom humanista, e muito versado na sciencia dos Santos, pelo que recebeu o *Sacerdocio*, e com elle foi exemplar pelas virtudes e pela penitencia: leu philosophia e theologia com universal acceitação, e toda a sua vida se entregou ao estudo, até que já cançado se retirou ao Mosteiro de S. Bento de Enxabregas para tratar só da sciencia da salvação; mas lá o procuravam, porque era grande a fama de sua piedade e letras, e ElRei D. João IV o elegeu Bispo de Macáo, que elle não aceitou: morreu em Santo Eloy com bôa opinião a 25 de Fevereiro de 1658: na sua sepultura gravaram a seguinte inscripção:

O. D. F. DA M. DE D. B. NOME. DA CHINA POR EL REI D. J. IV. FAL. 1658.[1]

251.°

VENERAVEL FRANCISCO SOARES RELIGIOSO DA COMPANHIA DE JESUS.—Nasceu em Torres Vedras filho de D. João *Soares de Alarcão*, alcaide-mór desta villa, e mestre-sala da Casa Real, e de D. Isabel de Castro; teve irmãos D. João *Soares de Alarcão*, que continuou a casa em Hespanha, e D. Jeronyma de Castro mulher de D. João de Almeida o *sabio* em descendencia[2]; abraçou o Instituto de Santo Ignacio, tomando a roupeta na casa professa de S. Roque de Lisboa a 5 de Fevereiro de 1619: fez os estudos em Coimbra, e depois leu artes e philosophia em Lisboa, e theologia em Coimbra até á cadeira de prima, que tambem regeu em Evora, e lá tomou as insignias doutoraes na sagrada faculdade em 6 de Junho de 1655: foi varão sabio e venerado pelas suas virtudes, que já lhe haviam obtido o santo *Sacerdocio:* sendo ainda noviço recaiu nelle a successão da casa, mas renunciou a um seu irmão D. João *Soares*, que na elevação da Serenissima Casa de Bragança ao throno passou a Castella: por este facto, de que elle era innocente, o fez prender o podêr temporal duas vezes em um estreito cubiculo de S. Roque, donde saiu de cabellos brancos; e no tempo da sua soltura se prendeu e sentenciou á morte o secretario de estado Francisco de Lucena, que tramára sua prisão; mas em tempo nenhum se queixou de alguem: depois o Geral o mandou dirigir a universidade e collegio de Evora; e foi ahi que teve occasião de manifestar sua caridade com o proximo, porque, recolhendo-se ao hospital da universidade os soldados atacados da epidemia, que aconteceu ao exercito no sitio de Badajoz, elle lhes assistiu com os Religiosos, de que resultou a muitos perecerem, ficando elle reservado para outro genero de morte: no sitio posto pelos Castelhanos a Elvas, os estudantes da universidade foram mandados presidiar Jeromenha com os privilegiados; e com elles partiu o Reitor: vencido o inimigo, e estando já de caminho para Evora, depois de se preparar pela Confissão e Santo Sacrificio, ao tempo que assistia a um enfermo em casa do governador da praça, pegou o fogo n'uns barris de polvora, e voou pelos ares com perto de cem pessoas, entre as quaes eram os Padres Diogo de Alfaia e Diogo Cardoso: assim acabou em 19 de Janeiro de 1659: de seus estudos deixou memoria nos seguintes escriptos: *Cursos theologicos; Tratactus de Poenitencia; De Censuris Ecclesiasticis et Bullae Coenae: Commentaria in priman partem Sancti Thomae.*[3]

252.°

VENERAVEL JOÃO DE LUGO CARDEAL DA SANTA IGREJA ROMANA.—Nasceu em a cidade Madrid no anno de 1583 de uma familia illustre, filho de D. João de *Lugo* e de D. Thereza de Queiroga, dotado de grande engenho e de muita docilidade: entregou-se por tal modo ao estudo da sciencia e do temor de Deos, que aos vinte e dois annos podia ser contado entre os bons professores da philosophia e do direito, em que se exercitára nas Universidades de Salamanca e Sevilha; e era varão consummado na prática das virtudes: já habil para o magisterio por haver recebido os gráos academicos, trocou as esperanças do seculo e o respeito universal, de que gosava, pela roupeta de Santo Ignacio, e no Claustro se deu ao mais severo estudo da theologia e da perfeição religiosa, pelo que bem mereceu o *Sacerdocio*, a que foi, elevado: por uns trinta annos regeu Cadeira, quasi dez em Hespanha e vinte em França; e ao mesmo tempo subiu ao Pulpito, em que sempre foi admirado e ouvido com piedade e grande fructo: a Santa Sé o nomeou theologo da Penitenciaria, e elle dedicou ao Santo Padre Urbano VIII o seu livro de *Justicia et Jure:* cada dia lhe consagrava mais affeição este Summo Pontifice, até que em 4 de Dezembro de 1643 o ornou com a purpura *Presbiteral* e o titulo de Santo Estevão no Monte Celio, que recusou; mas foi por obediencia ao successor de S. Pedro, forçado a aceitar, e viver junto de sua sagrada pessoa: nomeado membro das Congregações do Concilio, da Inquisição, do Exame dos Bispos, e Protector da Ordem das Mercês, perseverou como o mais austero claustral, pio e contemplativo, pobre comsigo, servindo-se a si proprio, não molestando alguem, e educando sua familia, por meio dos exemplos e das admoestações, tão sábia e virtuosa como elle, até ao ponto de sairem della muitos Ecclesiasticos dignos, e principalmente tres Bispos: todas as suas riquesas eram applicadas ás viuvas e orphãos, pelas ordens Religiosas, pela nobresa pobre e pela mendicidade: teve particular cuidado, em que a miseria não fizesse perigar a virtude das donzellas, e estabeleceu censo perpetuo no Seminario Romano para educação e instrucção Ecclesiastica dos mancebos das familias illustres, a quem faltasse os meios: assim foi chegando ao termo de sua passagem sôbre a terra, na qual Deos experimentou sua paciencia com uma

[1] FRANCISCO DE SANTA MARIA *Céo Aberto na terra.* Um retrato de meio corpo.

[2] Em sua filha D. Isabel de Castro, que foi mulher de D. Luiz de Almeida Portugal primeiro Conde de Lavradio, dos quaes é quinto neto e representante o actual Marquez de Lavradio.

[3] BARBOSA *Bibliotheca Lusitana*—ANTONIO FRANCO *Anno Santo da Companhia de Jesus em Portugal.* Dois retratos de meio corpo.

horrivel dôr de pedra, e della saccumbiu pedindo perdão a toda a sua familia com notavel exemplo, e requerendo ser sepultado junto de Santo Ignacio: morreu no Senhor em 30 de Agosto de 1660; e foi sepultado na casa Professa da Companhia proximo ao altar do Santo Patriarcha, e la lhe pozeram esta inscripção:

D. O. M.

JOANNI CARDINALI DE LUGO
SACIETATIS JESU THEOLOGO EMINENTISSIMO
DOMUS PROFESSORUM ROMANA HAERES
UT UBI FUERAT THESAURUS EJUS, IBI ESSET COR EJUS
PROPE CORPUS S. IGNATII
EX EIUS SUPREMA VOLUNTATE
MONUMENTUM POSUIT
OBIIT ANNO SAL. MDCLX AETATIS LXXVII.

De suas grandes letras deixou memoria nos *Livros de Justitia et Jure; De Sacramento Poenitentiae; De fidei Divinas virtute*; nos *Conselhos Moraes*, e n'outros escriptos.[1]

253.°

REVERENDO THOMAZ DE S. JOÃO CONEGO SECULAR DO EVANGELISTA.—Nasceu na Athoguia da Balêa filho de Braz *Figueira* e de Brites *Delgado*, e teve irmãos João *Delgado Figueira* Inquisidor, Antonio *Delgado Figueira* Vigario da Parochia de S. Leonardo da Athoguia, Commissario do Santo Officio, e Manoel *Delgado Figueira* desembargador da relação do Porto, que teve descendencia[2]: entrou na Congregação de S. João Evangelista em 21 da Janeiro do 1619; e, fazendo seus estudos nos geraes da universidade de Evora, tomou a borla doatoral em theologia, sendo o primeiro deste Monastico, que lá recebeu esse grão: ordenado de *Sacerdote*, passou por oraculo na sciencia canonica, o teve os cargos de Protonotario Apostolico, examinador das ordens militares, e Qualificador do Santo Officio por provisão de 18 de Maio de 1656; e por lim o elegeram Geral, cujo ministerio exerceu em 9 de Novembro de 1660[3]: terminando aqui as noticias, que tenho desta respeitavel *Sacerdote*; e em rasão disso porei suas memorias neste ultimo anno.

254.°

REVERENDO FR. JOÃO DE LA HAYE RELIGIOSO MENOR.—Nasceu em 20 do Março do 1593 na cidade de Paris de uma familia illustre, e professou o Instituto serafico da Recoleição de S. Gabriel no Mosteiro de S. Diogo de Sevilha nas mãos do Beato João do Prado em 9 de Janeiro de 1613: Deus o dotou de raro talento, do grande eloquencia, e do muita facilidade para a locução e escriptora; pelo que applicandose ao estudo severamente, se tornou tão insigne pela sciencia, como o foi pela prática das virtudes: sôbre tudo se esmerou em adquirir conhecimento das linguas orientaes e do sentido das Santas Escripturas, em que se tornou o varão mais eminente do seu secolo: elevado ao *Sacerdocio* se constituiu verdadeiro Ministro do Senhor pelos exemplos de perfeição Evangelica, pela mansidão, pela caudura o docilidade no trato, o pela alegria, com que manifestava a puresa de sua alma, e attrahia á penitencia, tornando suava o caminho da Bemaventurança: passou a vida em contínuo trabalho exercitando o santo ministerio no Confessionario, no Pulpito e na Cadeira, e preparando-se para ello pelo estudo, contemplação e oração: na divisão da Provincia de S. Gabriel, ficou pertencendo á de S. Diogo, em que, exercendo o Magisterio na sagrada theologia, chegou a ser o primeiro professor, tendo lido philosophia por sete annos, com muito applauso: a Rainha de França Aona de Austria o chamou de Hespanha para seu Prégador, o depois ElRei Luis XIII o collocou entre os mais distinctos de sua Capella, e o fez seu conselheiro, cujas funcções exerceu cumulativamente com as de Procurador geral de toda a Ordem de S. Francisco na côrte deste Soberano: depois de jubilado no Magisterio, foi nomeado Visitador de algumas Provincias da Religião Serafica, o authorisado a nomear o Guardeão do grande Mosteiro Serafico de Paris: falleceu com bôa opinião nessa eidade em 15 de Outubro de 1661, deixando entre muitos escriptos de merecimento a *Biblia Maxima*.[4]

255.°

VENERAVEL FR. GONÇALO DA GRAÇA RELIGIOSO DE SANTO AGOSTINHO.—Era natural da Villa do Prado, e tomou o habito no Mosteiro Eremitico de Nossa Senhora da Graça de Gôa em 1651: habilitado

[1] CIACONIUS ET OLDONIUS *Vitae et Res Gestae Pontificum Romanorum Et S. R. Cardinalium*—*Ecce Purpura Docta*—AFFONSO DE ANDRADE *Varones ilustres en santidad, letras, y zelo de las almas de la Compañía de Jesus.* Um retrato representando a cabeça e os hombros.

[2] Por seu filho João *Delgado Figueira* pae de D. Maria Eugenia Cabral mulher de seu primo José Antonio de Carvalho Figueiro, avó paterna de D. Anna Luiza de Carvalho mulher de Francisco Cordeiro da Silva Feyo e Turres actualmente senhor da casa do Sanguinhal no districto de Torres-Vedras.

[3] *Ingresso no fim do livro das Actas Capitulares da Congregação de Evangelista de* 1571 *e Secreto do Conselho geral do Santo Officio Inquerições* m. 1. n. 7. (orig. do Archivo Nacional)—FRANCISCO DE SANTA MARIA *Céo Aberto na terra.* Um retrato de meio corpo.

[4] MORERI *Diccionario*—FR. JOANNES A SANCTO ANTONIO *Bibliotheca Universa Franciscana.* Um retrato de meio corpo.

com a sciencia e virtudes convenientes, subiu ao *Socerdocio*, e se destinou á santa Missão com vivo ardor; a esse fim partiu com o Prior Fr. Domingos de Santo Agostinho e o Padre Fr. André de S. João para Mombaça em um barco de Damão, que chegado ao porto sem saber a existencia dos Arabes, alli se aproximou de terra nos fins de Fevereiro de 1662, e, sendo por aquelles inimigos assaltado, elle e outros Religiosos foram mortos em odio da Fé.[1]

256.°

VENERAVEL FR. ANDRÉ DE S. JOÃO RELIGIOSO DE SANTO AGOSTINHO.—Era natural de Lisboa, e tomou o habito em Gôa em 1647: dignamente collocado entre os *Sacerdotes* do Senhor pela vocação, pela sciencia e pela piedade; e, obedecendo ao mandato dos Superiores, com prazer passou, em companhia de Fr. Gonçalo da Graça, á Missão de Mombaça, e lá teve a sorte ditosa deste servo de Deos sendo com elle morto em odio da Fé pelos últimos dias de Fevereiro de 1662.[2]

257.°

VENERAVEL FR. MELCHIOR DOS REIS RELIGIOSO MENOR.—Era natural dos Casaes perto de Lamego: abraçou o Instituto Serafico na Provincia reformada de Santo Antonio de Portugal, e nelle se preparou para o santo *Sacerdocio*, a que subiu pelo estudo das letras e das virtudes: foi varão austerissimo e de rara penitencia, andou sempre descalço, e disso veio chamarem-lhe o *descalço;* em 8 de Dezembro de 1629 o elegeram Guardeão de Mosteiró, e lá obrou Deos por elle alguns prodigios, de modo que nunca faltou pão no tempo da fome para sustentar os Religiosos e os pobres, que o pediam; e nem deixou de cobrar saude quem delle a solicitava por meio de suas orações, e da terra do sepulchro do veneravel Fr. João de Basto: em 10 de Fevereiro de 1636 passou a governar o Mosteiro de S. Francisco de Ponte de Lima, continuou, findo o capitulo de 15 de Janeiro de 1639, e depois veio a ser o primeiro Prelado de Santo Antonio de Vizeu eleito em 21 de Outubro de 1641; finalmente em 8 de Agosto de 1654 passou com o mesmo encargo ao de Santo Antonio de Vianna: nesta santa Casa o roubou a morte em 24 de Março de 1664, depois de haver dado edificantissimos exemplos de humanidade, obediencia, caridade, observancia, zêlo pela Casa do Senhor, e de todas as virtudes, que formam o bom Religioso.[3]

258.°

VENERAVEL FR. ANDRÉ DE S. BENTO RELIGIOSO MENOR.—Nasceu em Casal-Ventoso Freguezia de S. Sebastião de Sarnache do Bom-Jordim; e Deos o guiou ao Claustro Serafico para longe do mundo, e sem risco dos perigos delle, perseverar na virtude, que amára desde menino, e de que deu altos exemplos na idade adulta; fez os votos solemnes na Recoleição de Santo Antonio de Portugal, e os observou toda a vida com grande rigor: foi abstinente, mortificado, penitente e entregue á oração; e por tantos dotes mereceu o *Sacerdocio*, a que o elevaram para ser tocha refulgente pela santidade de sua vida no meio da Igreja de Deos: a obediencia lhe deu os ministerios de Sachristão para com seu fervoroso exemplo augmentar a piedade no culto, de Porteiro para remediar as necessidades do pobre pela mais ardente caridade, e de Prelado dos Mosteiros de Santo Antonio de Serem e de Vianna para manifestar o seu zêlo pela observancia Monastica e pela Casa de Deos, como para em fôrça dos prodigios, com que o Senhor acreditou essas virtudes, mover os subditos a imitar o Santo Patriarcha, de quem era vivo exemplar: estando nessa última Prelasia, o chamou Deos para lhe dar a corôa da immortalidade, entre os seus servos, no 1.° de Julho de 1664: a devoção dos fieis obrigou *Fr. André de Jesus Mario* Prelado desse Claustro, um seculo depois, a levantar-lhe tumulo á entrada da Igreja da parte da Epistola e por baixo do côro, em que se lhe pôz o seguinte epitaphio:

AQUI JAZEM OS OSSOS DO VENERAVEL PADRE FR. ANDRÉ DE S. BEN-
TO GUARDEÃO, QUE FOI DESTE CONUENTO. FALLECEU EM O PRIMEIRO DE
JULHO DE 1664. FORAM AQUI TRANSLADADOS EM O PRIMEIRO DE MAIO DE 1756[4]

259.°

REVERENDO MANOEL DE S. THOMAZ CONEGO SECULAR DO EVANGELISTA.—Foi doutor e lente jubilado da sagrada sciencia na universidade de Coimbra, *Sacerdote* e insigne theologo: em 24 de Agosto de 1664 lhe ordenou o Geral, que com o Padre Pedro da Madre de Deos examinasse a Domingos de Azevedo Tinoco, para ser recebido na Congregação[5]: nada mais sei de sua vida.

[1] *Relação entre os ms. da Bibliotheca Nacional de Lisboa A—3—2.* Um retrato de meio corpo.
[2] *Relação entre os ms. da Bibliotheca Nacional de Lisboa A—3—2.* Um retrato de meio corpo.
[3] FR. PEDRO DE JESUS MARIA JOSÉ *Chronica da Provincia da Conceição de Portugal.* Um retrato de meio corpo.
[4] FR. PEDRO DE JESUS MARIA JOSÉ *Chronica da Provincia da Conceição de Portugal.* Um retrato de meio corpo.
[5] *Collecção de Inquerições dos Conegos Seculares do Evangelista* (orig. do Archivo Nacional)—FRANCISCO DE SANTA MARIA *Céo Aberto na terra.* Um retrato de meio corpo.

260.°

Reverendo MANOEL DA MADRE DE DEOS Conego Secular do Evangelista. — Era natural de Lisboa, e abraçou o santo Instituto de Villar de Frades em 1612: seguiu as escolas do Claustro; e foi elevado ao *Sacerdocio:* pelo decurso do tempo mereceu a suprema Pralasia do seu Monastico, e o governou duas vezes, eleito a primeira em 1656, e a segunda em 1665, vindo a ser o quadragesimo segundo Geral delle: occupava este ministerio em 24 de Janeiro de 1667, quando admittiu ao habito o Padre Mestre Miguel da Visitação[1]; e com isto terminam as noticias, que delle alcancei.

261.°

Veneravel FRANCISCO MANCO Clerigo Regular da Divina Providencia. — Era natural de Lecce na Italia; e desde menino dau a conhecer as mais fortes inclinações para a devoção e desprêso do mundo: frequentava o Claustro Theatino de Santa Ignez da sua patria, e os exemplos de virtude dos Religiosos, augmentaram os desejos de aperfeiçoar a, que observava com rigor na tenra idade: vencidas as contradições, com que sua familia pretendia impedir-lhe a vocação, as dos Religiosos para o experimentarem, e as da Congregação dos Bispos e Regulares, que o mandaram pôr fóra da clausura, veio por fim a professar o Instituto de S. Caetano: já adulto nas letras e na piedade, ainda, qua não em annos, recebeu o santo *Sacerdocio:* mandado para o Mosteiro de Sorrento em 1630, se dedicou ao serviço dos infelizes, que a peste então atacou violentamente; e não perigou a sua vida apesar de caír enfermo, porque Deos quiz premiar sua ardente caridada: o Geral Estevão de Medices o envion ao novo Mosteiro de Madrid; e nesta cidade foram apreciadas suas virtudes, de modo que ElRei o nomeou Prefeito geral das Missões das Indias oriental e occidental, antretanto que a sua Religião o tinha eleito Proposito para o Mosteiro de Ceragoça: passando á patria, e achando-se o Padre Avitabile disposto a partir para a Missão da India oriental, tratou do o acompanhar, quando ainda não tinha noticia da nomeação de ElRei do Castella; não podendo levar-se a effeito essa nomeação, foi alle destinado ás Missões da America, como aquello o estava para as da India oriental; mas entendendo ser mais do agrado de Deos peregrinar na Asia, do qua no Novo Mundo, pediu e conseguiu acompanhar Avitabile. Depois de uma trabalhosa viagem por terra, am quo sua paciencia foi exposta a duras provas, fazendo de demonio o conductor Arabe, e em que elle foi o Anjo da Guarda dos companheiros, sendo instrumento, porque Deos quiz salva-los de morte inevitavel, chegou a Gôa: Golconda era então o ponto mais perigoso para os Obreiros Evangelicos pela condição feroz e pela obstinação dos mussulmanos e gentios, por isso o veneravel escolheo esse reino para theatro da suas fadigas Apostolicas; e tendo-se preparado pela oração e pela penitencia no Ermo, que possuiam na capital Portugueza do oriente os Religiosos Carmelitas Descalços, passou em 5 de Dezembro de 1640 ao seu destino, levando na jornada a Deos por guia, e a confiança na sua Providencia por soccorro temporal; e padeceu incriveis trabalhos até Biciolim, andando descalço pelo lôdo e pelos pantanos, com terror do proprio Clerigo Indio, qua levára em sua companhia: o Bispo de Crisopolis, que alli era Vigario Apostolico, mandou vir de Gôa o Padre Simão Alvares para seu auxiliar; e recebendo *Manco*, am 21 desse mez a benção do Prelado, se fez de caminho com o novo companheiro para Visapor, onde foi respeitado não so dos Christãos, mas dos infieis como um Anjo, porque havia em sua presença alguma cousa de superior, que ara a mão de Deos, que protegia o seu santo: apesar dos esforços dos Christãos e do Bispo Crisopolitano, não consentiu o Senhor, que elle se demorasse em Visapor; por isso depois de reger com grande zêlo esta Missão algum tempo, e de colhêr grande fructo, partiu para Galconda em 17 de Maio da 1641; e chegando a Bisnagar capital desse reino ja lá havia entrado a noticia de suas grandes virtudes praticadas em Visapor, porque de pressa se tinham ellas derramado por toda a parte: abriu a Missão, e declarou so valido do Rei, em cujas mãos estava o podêr, que o seu fim não era outro senão pregar a *Christo* Crucificado: os seus primeiros esforços tenderam á conversão de apostatas. e Deos lhe permittiu, que a conseguisse; reduziu gentios, e apascentou com exemplo e amor da pae os Catholicos: a todos remediava; e essa caridade praticou-a com quantos se acolheram a elle, o que aconteceu com os Padres Jacintho Brando e Antonio Velasco da Companhia, que em habito de soldados passavam ao Japão, e do segundo ouviu as palavras consoladoras: «*de que em um só anno, elle, e os outros dois Religiosos Theatinos* (Avitabile a Ardizzone) *haviam conseguido na India, mais que a Companhia no decurso de cem*[2];» ao ministro do Soberano pedia com larguesa para os outros, que com tão bôa vontade lhe liberalisava, quanto era para elle de admiração nada receber para si proprio o servo de Deos, sendo suas necessidades maiores, que as dos outros: era tão altamente digna de espanto a sua ardentissima caridade, rigorosa abstinencia, e total desprêso dos beus do mundo, que os gentios, desde o Rei até ao último vassallo, não podiam conter o seu pasmo; e disso se assombravam os proprios Christãos e scismaticos: por meio de grandes riscos percorria todo o reino, e costas de Carlandia a Gerlim, plantando e regando a seara do Evangelho; no meio das considerações, que lhe grangeavam almas para o Céo, tratou o diabo de o impedir, fazendo crer, ja que era judeu, já apostata e hypocrita; e a tudo isto oppôz o servo de Deos a paciencia; accresceu manda-lo prender outro ministro do Rei em vingança do bom acolhimento, quo lhe fazia o primeiro; mas Deos o salvou: assim perseverava no meio de incrivel trabalho e ásperas penitencias, ate que depois de ter

[1] *Ingresso no fim do Livro, que contém as Actas Capitulares da Congregação de S. João Evangelista de* 1571, *Collecção de Inquerições da mesma, e Ingresso feito em* 1704 *no volume das Actas Capitulares de* 1877 *a* 1712 (orig. do Archivo Nacional). Um retrato de meio corpo.

[2] Nem por isso diminue o merecimento da parte do que consegue menos, porque o merecimento está no zêlo e no trabalho por amor de Deos, e o fructo na mão de Deos.

recebido favores especiaes do Céo, depois de Nosso Senhor ter obrado por elle alguns prodigios, e depois de colhêr grande fructo da cultura Evangelica, passou no meio dos trabalhos Apostolicos, em Biblipatam, a gosar de Deos em 14 de Agosto de 1669: seus restos mortaes foram depois trasladados a Gôa.[1]

262.°

Veneravel CARLOS DE THOMACI Clerigo Regular da Divina Providencia.—Nasceu em Raguza na Sicilia a 17 de Outubro de 1614; estando destinado a continuar a successão de uma familia illustre, tendo dado principio á fundação de Palma em 3 de Maio de 1637, e tendo della recebido o titulo ducal por graça de ElRei D. Filippe IV em 10 de Dezembro do anno seguinte, renunciou a casa e os titulos seculares em seu irmão D. Julio de *Thomaci* (pae do bemaventurado Cardeal José Maria de *Thomaci*, que foi beatificado pela Santidade de Pio VII em 5 de Junho de 1803), abraçou o Instituto Theatino em Palermo com grande vocação em 9 de Abril de 1641, e professou no anno seguinte a 11 desse mez: seguiu com muita applicação os estudos da sagrada theologia, e recebeu o grão de doutor em 30 de Julho de 1649; foi ordenado de *Sacerdote*, e resplandeceu nelle por tal modo a virtude, que foi luz brilhantissima no candelabro da Igreja de Deos: em 1658 dirigiu a casa de Santa Maria da Cadêa de Palermo, e depois por ordem dos Superiores passou a Roma, onde levou o affecto do Santo Padre Clemente IX, e o respeito universal, pelo que a côrte de Hespanha o elegeu Bispo, o que recusou: conseguiu em 1674 do Santo Padre Clemente X, que o Colisseo regado com o sangue de tantos Martyres fôsse interdicto para sempre a jogos profanos, e dedicado em Templo do Altissimo; e depois de uma vida toda cheia de merecimentos, morreu no Senhor no 1.° de Janeiro do anno seguinte: deixou de suas lucubrações um grandissimo número de escriptos, principalmente em ascetica, em que mostrou a grande piedade de alma pura, e no resto, seguindo a doutrina de S. Thomaz, se constituiu um dos seus mais eminentes sectarios.[2]

263.°

Reverendo TROMAZ DEL BENE Clerigo Regular da Divina Providencia.—Nasceu em Maruggi Diocese de Taranto em Napoles; professou o Instituto Theatino a 7 de Março de 1623; seguiu com alto proveito as escólas da sciencia e virtude dessa santa Congregação; foi elevado ao *Sacerdocio* e ao magisterio, e exerceu as funcções daquelle com piedade, e deste com saber: teve fóra do Claustro os empregos de qualificador do Santo Officio, de examinador do Clero Romano, de deputado da Emenda do *Euchologio*, ou Ritual grego, de consultor do bom governo, e de examinador das proposições de Jansenio; morreu com bôa opinião em Janeiro de 1675, deixando illustre memoria de seus estudos em muitos escriptos, que o tornaram benemerito da Igreja e das letras; e delles mencionarei o tratado *De Immunitate et Jurisdictione Ecclesiastica.*[3]

264.°

Reverendo Fr. ANTONIO TELLES Eremita de S. Paulo.—Era natural de Elvas e filho de Ruy de Menezes e de Beatriz Alvares: abraçou o Instituto da Serra de Ossa; e, havendo mostrado pelos bons estudos e bons costumes tornar-se digno do *Sacerdocio*, conseguiu ser elevado á altura de Ministro do Sacrificio incruento: foi Reitor do Ermo da sua patria, e do principal do seu Monastico, e Secretario, Definidor, Visitador, e Geral delle: morreu como Religioso observante na idade de setenta e tres annos, tendo quarenta e seis de Ermo em 7 de Março de 1677, deixando de seus estudos memoria n'um livro de *Familias de Portugal*, que não se publicou.[4]

265.°

Veneravel PEDRO DA ANNUNCIAÇÃO DE PAIVA Conego Secular do Evangelista.—Era natural do Porto, abraçou o santo Instituto de Villar de Frades, subiu á dignidade *Sacerdotal*, e foi Prelado maior da sua Congregação eleito duas vezes, uma em 1661, e outra em 1674, vindo a ser o quadragesimo sexto Reitor Geral: o capitulo celebrado em Enxabregas, a 31 de Maio de 1677, mudou sua residencia desse Mosteiro para o de Santo Eloy de Lisboa[5]; e com estas terminam as noticias de sua pessoa.

266.°

Veneravel Fr. JACINTHO DOS ANJOS Religioso Menor.—Era natural de Serpa, e foi baptisado

[1] D. Thomaz Caetano de Bem *Memorias Historicas e Chronologicas da Sagrada Religião dos Clerigos Regulares.* Um quadro, que o representa de corpo inteiro prégando, e a Cruz visivel no Céo, alludindo ao famoso sermão da Santa Cruz, que prégou em Bisnagar, durante o qual, appareceu o signal da Redempção manifestando-se a todos.

[2] Antonio Mongitore *Bibliotheca Sicula*—Cajetanus Maria Cottono *De Scriptóribus venerabilis Domus Divi Josephi Clericorum Regularium Urbis Panormi*—Rohrbacher *Historia Ecclesiastica.* Um retrato de meio corpo.

[3] Conde Giammaria Muzzuchelli *Gli Scrittori d'Italia*—D. Thomaz Caetano de Bem *Memorias Historicas e Chronologicas da Sagrada Religião dos Clerigos Regulares.* Um retrato de meio corpo.

[4] *Livro de Obitos do Convento do Santissimo Sacramento dos Paulistas de Lisboa* (orig. do Archivo Nacional)—Barbosa *Bibliotheca Lusitana*—Sousa *Historia Genealogica da C. R. P.* Um retrato de corpo inteiro.

[5] *Actas Capitulares da Congregação de S. João Evangelista de 1677 a 1712*, e *Ingresso feito em 1704 encorporado nessas Actas* (orig. do Archivo Nacional). Um retrato de meio corpo.

na Parochia do Salvador desta villa a 19 de Maio de 1611: teve por paes a Manoel Quaresma de Almeida e Brites Vaz, e por irmãos, entro outros, a Fr. Francisco de S. Diogo Leitor jubilado da santa Provincia dos Algarves, qualificador do Santo Officio, e Bispo eleito de Cabo-Verde, e Sor Brazia da Conceição Religiosa em Sauta Clara de Evora: abraçou o Instituto Serafico com aquelle seu irmão, e vestiu o habito no Mosteiro de Tavira: todas as virtudes, que constituem um verdadeiro e perfeito Claustral concedeu Nosso Senhor a *Fr. Jacintho dos Anjos*, que principalmento se fez notar pela viva fé, humildade, abnegação de si, mortificação, obediencia, paciencia e caridade: dea-so á contemplação, oração o estudo; por isso mereceu a dignidade *Sacerdotal*, era ouvido na Cadeira da verdade como um Anjo, e universalmente reputado Santo: desse modo fez sua passagem sôbre a terra até adoecer perigosamente no Mosteiro de Enxabregas de Lisboa: a dôr mais profunda se manifestou em todas as pessoas de piedade, e entre o grandissimo concurso, que ía como om peregrinação áquelle Mosteiro informar-se de seu estado e pedir-lho protecção no Céo, se encontrou ElRei D. Podro II: a morte o ronbou em 11 de Novembro de 1679, em que subiu a gosar a corôa da immortalidade: como nas exequias de nm pae, que faltara, toda a capital em rigoroso dó lhe quiz prestar as últimas homenagens, assistindo com lagrimas a sua deposição; e, como grande honra, conduziram á terra seus despojos mortaes o Arcebispo de Evora Fr. Domingos de Gusmão, o Bispo do Coimbra Fr. Alvaro de S. Boaventura, o Duque da Cadaval, e o Marquez de Govêa: pensou-se depois em recorrer ao Chefe da Igreja de Deos expondo todos os factos de sna vida inculpavel, com o fim de pedir sua Beatificação; e para isso o Arcebispo de Evora Fr. Luiz da Silva mandou tirar inquerição juridica, em que depozeram cento noventa e quatro testimunhas; porem não progrediu este negocio, bem pode ser, que por desleixo dos Prelados da Ordem.[1]

267.°

Reverendo Fr. FRANCISCO DE SANTO AGOSTINHO DE MACEDO Religioso Menor.—Nasceu em 1596 na cidado de Coimbra, filho de João Rodrigues o Maria de *Macedo*, recebeu o santo baptismo em S. João de Santa Crux, e entron no Collegio da Companhia dessa eidade em 22 de Maio de 1610: contando de idade quatorze annos desenvolveu pelo estudo o sen talento, que foi sem contestação o mais extraordinario do seculo XVII, olh'o auxiliava uma mamoria prodigiosa: foi elevado á dignidade *Sacerdotal;* e tanto no Pulpito como na Cadeira deu a conhecer a sua vastidão na sciencia; saiu da Companhia, e entrou na Provincia de Santo Antonio de Portugal om 28 de Dezembro de 1642, professou com dispensa do quarto voto o so dois mezes do Noviciado, por Brava do Santo Padre Urbano VIII; e já na Congregação do 6 de Maio do seguinte anno foi eleito Prégador e Mestre da Provincia: depois de ensinar philosophia e theologia no Collegio da Pedreira da Coimbra, renunciou os ministerios e privilegios do Confessor, Pregador e Mestre, com pretexto da se retirar aos montes de Vianna on Vizeu, em 16 do Julho de 1645; mas om logar disso passon a Provincia Observante de S. Francisco de Portugal. Seria para desejar, que nma piedade igual á sciencia dominasse em sua alma; mas posto, que a universal estima lhe proveio não so da profundidade dos conhecimentos, mas da honestidade exterior, era mais babil para homem do seculo, do que para Ministro de Deos; entregando-se á politica, a côrte se serviu delle para acompanhar em França nas suas negociações os ombaixadores Francisco do Mello Monteiro-mór, e o Marqnez de Niza, e em Roma o Bispo de Lamego o o Conde do Penaguião: apesar da dedicação, com qoe serviu nessae n'ontras commissões sem exceptnar a de Inglaterra, de que o podêr temporal o encarregou, devendo com exclnsão empregar seus valiosos officios em negocios importantes á Religião, á sciencia e á humanidade, que unicamente importam ao *Sacerdote*, por sens escriptos bem mereceu da Igreja de Deos e das letras: em Portugal foi Prégador e chronista Latino de ElRei D. João IV; em França Prégador e conselheiro da Rainha Anna do Austria; em Padua Professor de philosophia moral; e em Roma consultor da Inquisição universal, Mestre de controversia no Collegio da Propaganda, e de Historia Ecclesiastica na Sapiencia: nesta cidade por tres dias successivos deu conelusões sôbre todos os ramos da sciencia no anno do 1658, e om Veneza por oito dias desde 26 de Setembro do 1667 amedronton o mnndo com os estrondosos rugidos do leão de S. Marcos, recitando mil versos Latinos extemporaneamente, e nm epigramma em louvor da Republica, por isso o alistaram entre os eidadãos della: escreveu prodigioso número de obras em theologia, historia, geneologia, poesia, controversia e politica: ate que a morte o assalton no Mosteiro Serafico de Padua, onde recebeu com granda devoção e temor do Deos os Sacramentos, o espirou no 1.° de Maio de 1681: os Religiosos mandaram abrir seu retrato, e colloca-lo sôbre uma pedra, em que fizeram gravar a seguinte lenda:

D. O. M.

P. FRANCISCO MACEDO LUSITANO: HUJUS DOMUS PATRES EXIMIO CONTUBERNALI SUO ISTAM EX AERE IMAGINEM PRO AUREA ILLA, QUAM IN PATAVINO GIMNASIO MORALIS PHILOSOPHIAE DOCTOR, ET UNDIQUE LINGUA ET CALAMO VIR DOCTISSIMUS PROTULIT UNANIMITER, DECREVERE. ABIIT AN. D. 1681 DIE. 1 MAIJ. AET. 90.

e em Roma no Mosteiro de Araceli perpetnaram sua memoria com o seguinte epitaphio:

[1] Fr. Jeronymo de Belem *Memorias para a vida do veneravel Padre Fr. Jacintho dos Anjos* (orig. do Archivo Nacional)—*Fragmentos de Memorias da Provincia Serafica dos Algarves* (ms. da Bibliotheca Nacional). Um retrato de corpo inteiro deitado e morto.

P. M. S.

VIRO OMNISCIO P. FR. FRANCISCO A S. AUGUSTINO
MACEDO,
PATRIA LUSITANO, VENETO CIVI, MINOR. OBSERVANTIUM
PROVINCIAE PORTUGALLIAE LECTORI JUBILATO. IN PATÁVINA
ACADEMIA ETHICO PROFESSORI. GALLIARUM REGINAE ANNAE
CONCIONATORI ET CONSILIARIO. REGIS LUSITANIAE JOANNIS
IV. CHRONOLOGO LATINO. SANCTI OFFICII ROMAE QUA-
LIFICATORI. IN COLLEGIO PROPAGANDAE FIDEI CONTROVER-
SIARUM LECTORI. IN ROMANA SAPIENTIA HISTORIAE ECCLE-
SIASTICAE MAGISTRO. POETAE EXTEMPORANEO CELEBERRIMO.
PLURIBUS IN CATHOLICAE ET LITTERARIAE REIPUBLICAE OB-
SEQUIUM LABORIBUS CLARO. ADVERSAE FORTUNAE ICTIBUS IN-
TREPIDO, INGENIO ACRI, MEMORIA INFALLIBILI: OCTUA-
GINTA VOLUMINUM PATRI, DIE 1 MAJ. 1681.
AETATIS SUAE ANNO 92[1] PADUAE AD SUPE-
ROS PROFECTO.
FR. MICHEL ANGELUS FAROLFUS DE CANDIA
S. PAL. APOST. PRAEDICATOR
CISMENT. FAMIL. MIN. OBS. ET REP. DISCRETUS PERPET.
ET IN ROM. CURIA COMMISS. GENERALIS
GRATI DISCIPULATUS M. P. C.
ANNO DNI. M.DC.XC.I.[2]

268.ª

Veneravel Fr. MANOEL DA CONCEIÇÃO Eremita de Santo Agostinho.—Era natural de Villa-Viçosa[3], e professou o santo Instituto Eremitico no Mosteiro de Nossa Senhora da Graça de Lisboa em 4 de Janeiro de 1651: estudou no Collegio de Santo Antão o *velho* de Lisboa, e de lá passou ao de Coimbra, onde em 1653 defendeu conclusões com geral applauso: não só Deos o doton de grande talento, mas conceden-lhe grande abundancia de graça, com que se mostrou verdadeiro complexo de virtudes; e por ellas mereceu o *Sacerdocio:* foi Confessor da Reinha e Senhora D. Luiza de Guamão, qoe o auxiliou na reforma do Ermo Augustiniano, e a quem deveu um Mosteiro de Religiosos, e ontro de Religiosas no sitio de Enxobregna: bavia concebido levar ao cabo aqoella reforma, e o conseguin, tomando em 21 de Fevereiro de 1664, o habito, que lhs lançoo Fr. José de Souto-maior Commissario Geral da Provincia Eremitica de Portogal, e depois delle o receberam seus Companheiros os Padres Fr. Bartholomen de Santa Maria primeiro Confessor das novas Religiosas Descalças, Fr. Ignacio dos Anjos, e Fr. Domingos da Madre de Deos, com o leigo tambem chamado Fr. Domingos da Madre de Deos, que naquelle dia sairam do Mosteiro da Graça para a nova Casa de Nossa Seohora da Conceição de Enxabregas; do mesmo modo, qne do Mosteiro de Santa Maria ae Religiosas Maria da Apresentação, Joanna da Trindade, Clara do Espirito Santo, Brites da Columna, e Joanoa da Paixão para o sen novo Mosteiro do mesmo logar[4], as quaes fez companhia, ate á morte, a illustre Soberana: o veneravel Padre ficon Commissario Geral da nova reforma, e desde 19 de Março de 1675 até á sua morte, os seus actos offerecem o titulo de Vigario Geral Apostolico, com o qoal reteve o ministerio de Vigario Prelado das Religiosas: em sua vida tomou incremento a reforma no pessoal, e com a acquisição de differentes Mosteiros; e a côrte fez escolha de sue pessoa para occupar a Cadeira Pontifical de Vizeu, mas elle a recuson; e, perseverando na maior authoridade, aspirava á conqoista do Céo, que obteve (e en piamente o creio), porque morreu, como um justo, em 23 de Fevereiro de 1682 no Mosteiro de Nossa Senhora do Monte Olivete, onde foi sepultado no meio do côro da Igreja, e lhe pozeram sôbre a campa, que encerrou seus ossos, o seguinte epitaphio.

[1] O epitaphio de Padua lhe deu um número de annos maior do que teve; este de Roma lh'os augmentou mais; porque se elle nasceu em 1596, andava em 1681 de oitenta e cinco para oitenta e seis annos.

[2] Barbosa *Bibliotheca Lusitana*—Fr. Fernando da Soledade *Historia Serafica*—Fr. Martinho do Amor Divino *Escola de Penitencia*—Fr. Joannes a Sancto Antonio *Bibliotheca Universa Franciscana*—Moroni *Dizionario*. Um retrato de côrpo inteiro.

[3] Sua mãe foi Maria de Oliveira, e no assento da profissão lhe deram por pae a Pedro Pueros *Sacerdote* theologo e mestre de D. Theodosio Duque de Bragança pelo haver creado como seu filho; porém o author do Alphabeto dos Religiosos Agostinhos Descalços alcançou a tradição de ser seu verdadeiro pae Elrei D. João IV.

[4] São chamadas vulgarmente estas servas de Deos as *Grillas:* sua primeira Prelada foi a Madre Maria da Apresentação, que dirigiu a Communidade desde aquelle dia 21 de Fevereiro de 1664. Persevera actualmente esta santa casa sendo um verdadeiro Seminario de virtude e santidade. Outras, como esta, existem por misericordia do Senhor em nossa terra, antes gloriosa, porque a Cruz era a bandeira, a que todos os Portuguezes se acolhiam. Entre ellas não tem o último logar as do Desaggravo do Louriçal, Lisboa e Villa Pouca da Beira, do Santissimo Coração de Jesus, Crucifixo e Madre de Deos de Lisboa, e de Santa Thereza de Coimbra

SARCOPHAGO HOC JACET
V. P. FR. EMMANUEL A CONCEPTIONE
TOTIUS MAGNI PARENTIS FAMILIAE SPLENDOR
ET HUJUS ALMAE CONGREGATIONIS INSTITUTOR.
IN QUEM
CONTRADICTIONIBUS SUPRA ADMIRATIONEM CONSTANTEM
REGIIS ET PONTIFICIIS PROTECTIONIBUS SUPRA CREDULITATEM MODESTUM
ADEO UNICE CONSPIRAVERE VIRTUTES,
UT
PRO MAYORATU DECERTANDO OMNES
NULLA MINOR EXTITERIT.
MAXIMO OMNIUM DESIDERIO
OBIIT DIE 25 FEBRUARII ANNO 1682.

Deixou recordações de seu talento em escriptos asceticos, peraneticos, historicos, genealogicos, alem dos estatutos e constituições de sua reforma.[1]

269.°

VENERAVEL FR. ANTONIO DAS CHAGAS RELIGIOSO MENOR.—Nasceu na Vidigueira em 25 do Junho de 1631 filho de Antonio *Soares de Figueiroa*, que seguiu a magistratura judicial, e de D. Helena de Mendonça e Zuniga, e teve irmã D. Maria Theresa de Zuniga mulher de Antonio Mendes de Carvalho com geração[2]: no seculo se chamou *Antonio da Fonseca Soares*, e esse nome reteve ate ao seu ingresso no Claustro: fez os primeiros estudos em Evora; porém morrendo-lhe o pae aos dezoito annos de sua idade, deixou as escólas, passou a viver na casa, que herdara, e, sendo provocado a um duello matou o aggressor, retirou-se a Moura, serviu algum tempo na guerra, e fazendo viagem ao Brasil ahi viveu entregue a seus appetites, até que já cançado delles, esteve a ponto de casar na Bahia: entretanto a leitura das obras do veneravel Fr. Luiz de Granada, a que se entregou por diversão, o fizeram conhecer os erros passados, e, voltando ao reino, apesar daquelle principio de nova vida, tornou ao estado antigo, frequentando as sociedades, de que se fez admirar pelo seu talento poetico, fazendo versos com elegancia, energia e propriedade: serviu ainda na campanha do Alem-téjo, e frequentes vezes vinha á capital; porém de novo lhe chegou o remorso, levando em Setubal um tiro á queima-roupa, de que Deos permittiu, que escapasse, e, entrando em Lisboa, por conselho de Religiosos doutos e de virtude, pediu o habito da Observancia Serafica ao Provincial dos Algarves Fr. Francisco do S. Paulo, que lh'o mandou lançar em Evora; e lá professou na casa dos Ossos em 19 de Maio de 1663, patenteando todos os signaes de uma verdadeira vocação: estudou com fructo philosophia em Beja, e theologia em Evora; e sendo já outro homem, porque em pouco tempo avançou muito na estrada do Céo, recebeu o santo *Sacerdocio*: algum tempo foi Commissario dos Terceiros de Evora; porém chamando-o Deos a mais alto destino, passou ao Mosteiro de Medelhim a instruir-se com Fr. Sebastião de la Chica no methodo, que usavam os Missionarios Apostolicos da Ordem Serafica; e tornando a Portugal, começou os trabalhos de prégação pela Diocese de Elvas, onde teve grande colheita da terra, que cultivava, e seguiu por outras havendo recebido do Geral Fr. José Ximenes Samaniego a patente de Missionario Apostolico em data do 1.° de Dezembro de 1678: os Prelados de Lisboa, Evora, Elvas, Algarve, Coimbra, Vizeu, Lamego, Porto e Miranda, reclamaram a sua assistencia, de que resultou uma continua peregrinação por quasi todo o paiz, prégando, confessando com grande fructo, empregando o mais ardente zêlo pela salvação das almas, e dando exemplos da mais austera virtude e penitencia: era grande o respeito que todos lhe tributavam, e a côrte pretendeu dar-lhe testimunho de sua consideração nomeando-o Bispo de Lamego, porem elle recusou: havia pensado em levantar um Seminario de Missões, e fez para elle estatutos, que aquelle Prelado Samaniego lhe approvou em Novembro daquelle anno (1678): no seguinte descançou pela Semana Santa em Varatojo[3], e a 6 de Março do immediato (1680) tomou posse desta Santa Casa, que Sua Santidade separára da Provincia dos Algarves com destino ao projectado Seminario: o Santo Padre Innocencio XII concedeu aos Religiosos delle todos os privilegios outhorgados

[1] BARBOSA *Bibliotheca Lusitana — Livro das Profissões do Convento de Nossa Senhora da Conceição de Enxobregas, e Alphabeto dos Religiosos Agostinhos Descalços.* Um retrato de corpo inteiro e outro de meio corpo.

[2] Por sua bisneta D. Aldonsa Joanna de Gusmão mulher de Bernardo Sanches Pereira alcaide-mór do Barreiro, de quem é bisneto Francisco Sanches Pereira de Gusmão actual senhor desta casa.

[3] ElRei D. Affonso V era uma propriedade de Varatojo junto a Torres Vedras, que comprára no anno de 1470 a Luis Gonçalves escudeiro de D. Pedro seu cunhado e Rei de Aragão, fundou o Mosteiro de Santo Antonio, e impetrou em 21 de Agosto de 1472 letras Apostolicas, para nelle entrarem os Padres da Observancia Serafica: tomaram estes posse em 4 de Outubro de 1474 por Diogo Gonçalves Lobo vedor da casa da Rainha D. Leonor mãe daquelle Soberano, e a quem a obra fôra encommendada: D. João II por consideração dos Religiosos diminuiu as jugadas aos moradores e lavradores do districto; e D. Manoel se constituiu padroeiro e protector. Em 1532 se encorporou este Mosteiro na Provincia dos Algarves, e em 1678, pelas letras Apostolicas *Ex injuncto Nobis*, foi constituido Seminario de Missões: ElRei D. Pedro II lhe deu 325$000 réis de esmola annual; mas os Religiosos ao capitulo de 29 de Maio de 1680, presidido pelo veneravel *Chagas*, recusaram, porque como era applicada para trese Religiosos dizerem Missas, e tanto estas, como os Sermões, deviam ser gratuitos, não poderam condescender com a vontade do Soberano. O sêllo do Seminario ficou sendo o rodisio de um moinho.

ans de Hespanha e aos Capuchinhos do ultramar pelas letras Apostolicas de 17 de Novembro de 1692. A caridade do veneravel *Chagas* não lhe permittia um momento de socêgo, e todos os seus cuidados eram a salvação das almas: para mover esta necessitava mais obreiros Evangelicos, o por isso cuidou em nova fundação em Brancanes, perto de Setubal, porque era mais accommodado o sitio, que o do Hospicio de Aldêa-gallega[1]: lançou a primeira pedra do novo Seminario o Arcebispo de Lisboa Luiz de Sousa em 27 de Junho de 1682, e lho deu a invocação de Nossa Senhora dos Anjos; mas esta fabrica não viu o servo de Deos acabada, porque já cançado das fadigas Apostolicas, das abstinencias e das penitencias, terminou com a morte do justo na santa Casa de Varatojo em 20 de Outubro daquelle anno (1682) Deixou monumento de suas letras em escriptos de ascetica, parenetica, historia e poesia, de que as *Cartas Espirituaes* não têem o último logar; porém ainda maior foi o, que restou de virtudes, que possuiu em grão heroico, e no dom da prophecia, como depois de sua morte attestaram Prelados, Sacerdotes, e outras pessoas de excepção, e nomeadamente o seu Confessor Fr. João dos Prazeres Bispo de Angra: de mais desses depôz grande número de individuos nos processos, que de sua piedade fizeram tirar os Guardeães de Enxabregas, Evora e Setubal.[2]

270.°

Reverendo Fr. SEBASTIÃO DA CRUZ Eremita de Santo Agostinho. — Era natural de Villa-nova de Portimão, e abraçou o Instituto Augustiniano em sua descalces, professando no Mosteiro de Monte Olivete de Lisboa a 27 de Junho de 1669: Deos lhe concedeu grandes virtudes, pelas quaes subiu ao *Sacerdocio*, e se tornou exemplar digno de imitação: foi o primeiro Prior dos Mosteiros de Monte-mor o *novo* em 1671, e da Sobreda em 1673, o Vigario Geral da Congregação desde 15 de Maio de 1682 até 26 de Março de 1690: naquelle anno (1682) a pedido do Conde da Ilha do Principe, enviou á de S. Thomé os Padres Bento da Coureição e Fr. João da Madre de Deos com o leigo Fr. Manoel da Assumpção, para dar la principio ao estabelecimento das Missões do seu Monastico[3]: não me consta o anno da sua morte, por isso attendo ao último, em que governou a Congregação, para delle fazer memoria.

271.°

Reverendo MANOEL RODRIGUES LEITÃO Clerigo Secular do Oratorio de Jesus Christo. — Era natural de Lisboa e filho de Francisco *Rodrigues* e Francisca Marques: estudou um e outro direitos nos geraes da universidade de Coimbra, recebeu a borla doutoral, entrou Collegial da S. Paulo em 24 de Julho de 1662, leu com applauso nas cadeiras de Clementina desde 1664, o do sexto igualado a do decreto desde 29 de Julho de 1666; passou ao julgado nas relações do Porto e de Lisboa, e nos aggravos, desde 11 de Fevereiro de 1668, foi deputado da casa das Rainhas, ouvidor geral de suas terras e do Priorado do Crato, provedor das Capellas de D. Affonso IV, vereador do senado da camara de Lisboa, deputatado da Mesa da Consciencia e secretario de estado; e serviu todos estes logares com inteiresa e muita piedade, renunciando os emolumentos dos tribunaes em beneficio dos pobres; mas Deos o chamava da vida pública do mundo para a do Claustro; por isso, cedendo aos impulsos da graça, abandonou todos os empregos seculares, e vestiu a roupeta da Congregação do Oratorio em 25 de Dezembro de 1675, e subiu ao *Sacerdocio*, com o qual celebron a primeira vez o Santo Sacrificio, quando cumpria um anno depois da entrada: a côrte o perseguia no seu retiro consultando-o em todos os negocios graves, e por fim elegendo-o já Arcebispo de Gôa, já da Bahia, já Bispo titular, com destino á educação litteraria da Infante D. Isabel Josepha, já Bispo do Porto; mas tudo recusou: as distracções, que tinha na capital, por causa das consultas, o obrigaram a tomar a resolução de deixar Lisboa para cuidar da vida eterna, e Deos lhe deparou o meio, vindo o Padre Balthasar Guedes, fundador da casa dos orphãos do Porto, pedir ao veneravel Bartholomeu do Quental alguns Congregados do Oratorio para dar começo á sua instituição, porque foi eleito com o Padre João Lobo: chegou ao Porto em 15 de Junho de 1680; e lá, com auxilio do Bispo Fernando Corrêa de Lacerda seu amigo, fundou no sitio da Ermida do Santo Antonio o Mosteiro da sua Congregação, dando principio a ella no dia 18 de Dezembro seguinte, em que lançou a roupeta a tres *Sacerdotes* e a um leigo na presença do Prelado, que assistiu á oração de abertura do novo Instituto: em quanto porem a obra se não acabou, fez elle o noviciado no Claustro da Santa Companhia, e, depois de terminada, o Bispo João de Sousa authorisou a mudança com sua pessoa, disse lá a primeira Missa, benzeu um cubiculo, e lhe deu faculdade para benzer os mais: achava-se ElRei D. Pedro II viuvo, e attenuada a sua successão do corôa; e, como era grande a sua repugnancia a outro matrimonio, a côrte se acolheu ao Padre *Manoel Rodrigues Leitão* para vir resolver o Soberano com essa authoridade, que sempre dão a virtude austera e o desprêso do mundo: cedeu, e, terminado felizmente o negocio, voltou ao Porto, havendo obtido a protecção do Soberano e 460$000 réis

[1] Em 18 de Março de 1735 o tribunal da Mesa da Consciencia e Ordens permittiu a D. Ignez Maria de Salazar e Moscoso, a fundação de um Recolhimento de mulheres virtuosas naquelle Hospicio de Aldêa-gallega (terra da Ordem de S. Thiago), que seus antepassados fundaram para o veneravel *Chagas* e seus companheiros.

[2] *Obituario do Convento de Nossa Senhora dos Anjos de Brancanes — Collecção de Bullas* m. 48 n.° 45 (orig. do Archivo Nacional) — Manoel Godinho *Vida virtudes e morte do veneravel Padre Fr. Antonio das Chagas*; *Memorias* ms. (de Bibliotheca Nacional) — Barbosa *Bibliotheca Lusitana* — Fr. Jeronymo de Belem *Chronica Serafica*. Um retrato de meio corpo.

[3] *Livro das Profissões do Convento de Nossa Senhora da Conceição de Enxabregas*. e *Alphabeto dos Religiosos Agostinhos Descalços* (orig. do Archivo Nacional) — *Memorias* ms. *A* — 3 — 2. (Bibliotheca Nacional). Um retrato de meio corpo

na alfandega daquella cidade para a sua fundação: occnpado em obras pias, como na prática das virtudes, de que sempre déra exemplo, passou á Bemaventurança em 10 de Julho de 1691 com todas as demonstrações de predestinado: de suas lucubrações deixou memorias em escriptos juridicos.[1]

272.°

REVERENDO BERNARDO DA MADRE DE DEOS CONEGO SECULAR DO EVANGELISTA.—Abraçou o santo Instituto dos Conegos Azues, fez os estudos da sagrada theologia na universidade, e lá recebeu a borla doutoral: subiu ao *Sacerdocio*, e foi insigne Prégador: no capitulo de 2 de Junho de 1683 o elegeram Reitor do Villar de Frades; e sua vida se dilatou até além do capitulo de 16 de Maio de 1695, em que entrou na conta dos votados para Reitor de Arrayolos[2]; mas não sei qual foi ainda a sua duração.

273.°

VENERAVEL FR. JERONYMO DA ANNUNCIAÇÃO EREMITA DE S. PAULO.—Era natural de Lisboa, e abraçou com verdadeira vocação o Instituto da Serra de Ossa: fez seus estudos de canones e theologia em Salamanca, o tornou-se nm varão illustre nas letras e na piedade, pelo que mereceu o santo *Sacerdocio;* e foi incançavel no Confessionario e no Pulpito, mostrando grande zêlo pela salvação das almas: assistiu no Mosteiro do Santissimo Sacramento de Lisboa desde 5 de Junho de 1654, em que se lançon a primeira pedra para a sua edificação até á morte; e recebeu com prazer o encargo da administração de suas obras, e do economico do Claustro, em que sempre foi conservado pelos Superiores, não só porque bem servia, mas porque Deos o auxiliava para acudir nos apertos, não parando desse modo as obras: por humildade rejeitou todos os cargos da Ordem, que tinham annexo algum honorifico ao trabalho; e fez-se notavel pela pobresa e pela penitencia: procurado de todos para o ouvirem nas cousas de sua consciencia, a todos satisfazia com amor de pae e conselho de mestre: assim perseverou, sem que em sessenta annos de habito se lhe notasse defeito, mais que em relação ao nimio zêlo e cuidado pelas obras do Mosteiro: viveu uns noventa annos, no fim dos quaes o assaltou a morte em 5 de Junho de 1695: por quatro dias esteve insepulto por causa da grande concorrencia, que o procurava para colhêr reliquias e beijar-lhe as mãos e os pés; e, nesse tempo, se conservou flexivel: deixou manuscripta a *Chronica da Ordem*, que se lhe encommendára.[3]

274.°

REVERENDO DIOGO DOS ANJOS CONEGO SECULAR DO EVANGELISTA.—Era natural do Porto, e abraçou o santo Instituto dos Conegos Azues: feitos os estudos preparatorios para o santo *Sacerdocio* o recebeu com vocação: mais tarde foi o quadragesimo nouo Geral da sua Congregação, eleito duas vezes, a primeira no capitulo de 2 de Jnnho de 1683, e a segunda em 29 de Maio de 1692: em 1698, depois do capitulo de 12 de Maio, passou a viver em Lamego[4]; e nisto param suas memorias.

275.°

VENERAVEL BARTHOLOMEU DO QUENTAL CLERIGO SECULAR DO ORATORIO DE JESUS CHRISTO.—Nasceu no logar dos Fenaes districto da cidade de Ponta-Delgada na Ilha de S. Miguel a 22 de Agosto de 1626 de uma familia illnstre, filho de Francisco de *Andrade Cabral* e de Anna do *Quental* de Novaes: desde menino foi inclinado á piedade, que observou toda a vida, e adiantando com os annos pelo caminho da perfeição, veio a ser um modêlo de virtudes: passou em 1643 a fazer seus estudos de philosophia em Evora, e como Nosso Senhor o doton de talento, com applauso geral recebeu o grão de mestre em artes em 30 de Junho de 1647; passou aos de theologia por tres annos, sendo alumno do Collegio da Purificação, e os foi continuar á universidade de Coimbra, onde adquiriu iguaes creditos: recebeu depois o santo *Sacerdocio*, e se lhe conferiu por opposição na Mesa da Consciencia a Vigararia de Nossa Senhora da Estrella da Ribeira-Grande da ilha, em que nascêra; mas, resignando a parochialidade, ElRei o elegeu em 1654 Confessor e Prégador da Capella real, e exercitou ambos os ministerios com grande edificação, passando no segundo por ser um dos melhores oradores sagrados da sua idade: o zêlo deste servo de Deos o levou a solicitar o exercicio perenne da virtude e da piedade por meio da instrucção e das práticas religiosas, e para isso se reuniu em uma casa da mesma Capella Real com alguns Ecclesiasticos de exemplar vida, dos quaes mencionarei os Padres João Duarte fundador do Oratorio de *Jesus Christo* em Pernambuco e Bispo eleito desta Diocese, e Nicoláo Menteiro, que depois subiu á Cadeira Pontifical do Porto; e nessa casa se empregou com elles na contemplação das consas Divinas,

[1] BARBOSA *Bibliotheca Lusitana*. Um quadro representando a cabeça.

[2] *Actas Capitulares da Congregação de S. João Evangelista de* 1677 *a* 1712 (orig. do Archivo Nacional). Um retrato de meio corpo.

[3] *Livros de Obitos do Convento do Santissimo Sacramento dos Paulistas de Lisboa* (orig. do Archivo Nacional)—ANTONIO DE CARVALHO DA COSTA *Chorographia Portugueza*. Dois retratos, um de corpo inteiro deitado e morto, e outro representando a cabeça.

[4] *Livro das Actas Capitulares da Congregação de S. João Evangelista de* 1677 *a* 1712 (orig. do Archivo Nacional). Um retrato de meio corpo.

oração e conferencias espirituaes, para mais tarde, com aoxilio da mão do Senhor, fazer em catechese publica: juntando-se maior número de obreiros Evangelicos, passaram depois de quatorze annos a outro local mais accommodado, e em 1668, precedendo faculdade do Ordinario, e a licença da côrte[1], lançou os fundamentos de uma Congregação, vestindo a roupeta com o veneravel Padre Francisco Gomes em 16 de Julho desse anno; o Ordinario confirmou os estatutos da nova Casa de Deos em o 1.º de Fevereiro de 1670, e o Santo Padre Clemente X os confirmou em 4 de Agosto de 1672, tendo no anno antecedente, em 6 de Maio approvado o novo modo de vida Claustral, á imitação do, que em Roma fundára S. Filippe Nery: crescendo diariamente o número de alumnos, a Irmandade dos Homens de negocio lhe deu a sua Igreja do Espirito Santo, e para lá se trasladaram a 14 de Agosto de 1674 em solemne procissão, na qual o Bispo Capellão-mór lhe levou o Santissimo Sacramento, e ElRei acompanhou com a Nobresa o Povo da cidade: perseverou o veneravel *Bartholomeu do Quental* em seus santos exercicios de Confessionario e Pulpito, fasendo conversões todos os dias, preferindo-os ao Episcopado, que por humildade recusou sendo eleito para a cadeira Pontifical de Lamego, obrando sem respeitos humanos quando do Soberano ora consultado, e promovendo na junta das Missões, em que aceitou um logar, o bem dellas: a sua piedade para com a Santissima Eucharistia foi grande, e não menor com o Mysterio da Conceição Immaculada, obrigando os Congregados a jura-lo, e a resar quotidianamente o rosario e a ladainha, e a encommendar nas Missões a sua devoção aos fieis: visitava os enfermos e afflictos, consolava-os e remediava suas necessidades, cuidou efficazmente de salvar da miseria e da prostituição as viuvas e as donzellas; e em premio de seus merecimentos viu em seus dias o Oratorio de *Jesus Christo* levantado em Freixo d'Espada-Cinta, Porto, Braga, Viseu, Extremos e Pernambuco: Deos alem desse favor o dotou com a prophecia, e elle morreu, como o justo, ás seis horas da noite de 20 de Dezembro de 1698, pronunciando com o Psalmista «*In Te, Domine, speravi, non confundar in aeternum:*» de suas vigilias deixou memoria em escriptos asceticos e em sermões.[2]

276.º

Reverendo Fr. ANTONIO DAS CHAGAS Eremita de Santo Agostinho.—Nasceu em Aviz, e professou no Ermo descalço de Extremoz em 25 de Junho de 1673: seguiu os estudos Claustraes, e foi elevado ao *Sacerdocio*: depois de ter occupado differentes Prelasias nos Mosteiros da Congregação o elegeram Vigario Geral della, e dos actos do seu governo ha noticia desde 21 de Maio de 1693 ate 19 de Abril de 1699: nenhuma outra noticia consegui deste *Sacerdote*.[3]

277.º

Veneravel Fr. JOSÉ DE SANTA MARIA Religioso Menor.—Abraçou o Instituto Serafico na Provincia Recoleta de Santo Antonio de Portugal; feitos os estudos do Claustro subiu ao *Sacerdocio*, e exerceu o santo Ministerio entre os Gentios Tapuyos Aruans da Ilha de Joanne no Brasil, e lá foi morto por elles em odio da fé, na idade de quarenta e dois annos, com seu companheiro Fr. Martinho da Conceição, em 1701: logo que este facto se soube na cidade de Belem do Grão-Pará, Fernando Carrilho formou uma tropa, e mandou com ella a Manoel Cordeiro Jordão para castigar aquelles barbaros, o que levou a effeito.[4]

278.º

Veneravel Fr. MARTINHO DA CONCEIÇÃO Religioso Menor.—Era natural do bairro de Alfama de Lisboa, e abraçou o Instituto Serafico na Provincia Recoleta de Santo Antonio de Portugal; feitos os estudos Claustraes, subiu ao *Sacerdocio*; e exerceu o santo ministerio entre os Gentios Tapuyos Aruans da Ilha de Joannes no Brasil, e lá foi morto por elles em odio da fé, na idade de trinta e tres annos, com seu companheiro Fr. José de Santa Maria em 1701.[5]

279.º

Reverendo ANTONIO DA CONCEIÇÃO Conego Secular do Evangelista.—Era natural de Condeixa da Diocese de Coimbra: abraçou o Instituto de Villar de Frades: seguiu as escalas do Claustro, foi elevado á dignidade do *Sacerdocio*, e os Padres da sua Congregação duas vezes o elegeram Reitor Geral, a primeira no capitulo de 3 de Junho de 1677, e a segunda no de 16 de Maio de 1695: as memorias do seu exercicio neste santo ministerio em ambas as épocas, correm seguras, nas actas capitu-

[1] Necessaria se o podêr temporal houvesse o direito de inspecção na Igreja; a graciosa, mas a proposito, quando os Principes manifestam piedade e desejam o augmento do Culto.

[2] Barbosa *Bibliotheca Lusitana* — Moreri *Diccionario*. Um retrato de meio corpo sem nome.

[3] *Livro das Profissões do Convento de Nossa Senhora da Conceição de Enxabregas*, o *Alphabeto dos Religiosos Agostinhos Descalços* (orig. do Archivo Nacional). Um retrato de meio corpo.

[4] Bernardo Pereira de Berredo *Annaes Historicos do Estado do Maranhão*. Um retrato de meio corpo.

[5] Bernardo Pereira de Berredo *Annaes Historicos do Estado do Maranhão*. Um retrato de meio corpo

lares, e nas inquirições dos alumnos da mesma Congregação pelos annos 1677, 1678, 1679, 1695, 1696, 1697, 1698; e posteriormente se encontra a sua assignatura nas actas do capitulo de 22 de Agosto de 1701; mas, faltando o seu nome no ingresso de 1704[1], entendo que passou desta vida entre aquelle e este annos.

280.°

Reverendo Fr. HENRIQUE NORIS Cardeal da Santa Igreja Romana.—Nasceu este Prelado em Verona a 29 de Agosto de 1631 filho de Alexandre *Noris*[2] e de Catharina Manzana; no baptismo lhe pozeram o nome de *Jeronymo*, que mudou pelo de *Henrique* á sua entrada no Claustro: dotou-o Nosso Senhor de alto engenho, e lhe inspirou a mais forte inclinação á virtude e ao estudo; aos quinze annos de idade foi mandado a Rimini estudar rhetorica e philosophia no Collegio dos Jesuitas; e ganhou tanta affeição a Santo Agostinho pela assidua leitura de suas obras, que abraçou o santo Instituto Eremitico deste Santo Padre: durante o noviciado mesmo, se fez tão admirado, pelo talento, a toda a Ordem, que o Geral o chamou a Roma, e lá concluiu seus estudos com tanto applauso, que o nomearam leitor de philosophia: depois de a ler por dois annos, na idade de vinte e sete, foi eleito professor de theologia, e a ensinou em Pezaro e Perugia: passou logo a Padua, onde tomou o grão de doutor, professou ahi philosophia e theologia, e defendeu a doutrina de Santo Agostinho, com a publicação dos escriptos *Historia Pelagiana; Dissertatio de Synodo quinta Aecomenica; Vindiciae Augustinianae;* porem como então era gôsto de certos espiritos dizer mal dos escriptos do Santo Bispo de Hippona, affectando piedade o denunciaram á Inquisição, e fizeram cassar suas obras pelo inquisidor de Padua, que o obrigou a defender-se em Roma da negra accusação de suspeito na fé; mas a defesa foi tal, que a Santidade de Clemente X lhe deu a nomeação de qualificador do Santo Officio: de volta a Padua, mais se irritaram os zelantes da fe com o seu triumpho, e elle se viu obrigado a passar a Florença, convidado pelo Grão-Duque Cosme III, que o fez seu theologo, mestre de seu filho e successor João Gastão, e professor de historia sagrada na universidade de Piza. Entre os seus inimigos contava elle Fr. Francisco de Santo Agostinho de Macedo, e o Padre Harduino, sem contestação dois grandes homens do tempo: ao primeiro fez emudecer a má vontade e indiscreto zêlo com a sua resposta a, que chamou *Adventoria;* e ao segundo a inveja e a fraquesa de anonymo com a *Poraenesis ad virum clar. Jo. Harduinum*. Tendo recusado a eleição de sua pessoa para a Cadeira Pontifical Pistoriense, que lhe offerecia Cosme III, e os cargos, que em Roma lhe queriam dar os Summos Pontifices Clemente X e Innocencio XI, logo que subiu a Cadeira de S. Pedro Innocencio XII não teve remedio senão passar a Roma, porque Sua Santidade o fez intimar, que o obrigaria não indo voluntariamente: não hesitou, e, em premio de sua obediencia, requereu ser escuso de empregos, e logo recusou a prefeitura do sacro Palacio: aceitou entretanto, em 1692, com prazer o cargo de Sub-Bibliothecario do Vaticano, porque era conforme ao seu modo de vida totalmente entregue ao estudo[3]: invejosos porem seus inimigos do favor, com que o tratava Innocencio XII, o intrigaram a ponto, que até por terceira vez seus livros foram á Inquisição accusando-os de jansenistas; mas saindo puros, Sua Santidade acabou com as hediondas accusações de um modo bem digno da justiça, dando-lhe o capello de Cardeal *Presbytero* com o titulo de *Santo Agostinho* em 12 de Dezembro de 1695; e logo o fez deputado de todas as congregações: o trabalho de um novo genero [4], e a necessidade de entrar nelle em jejum, por causa do rigor da observancia, alteraram um pouco a sua saude, e não lhe permittiram senão gosar pouco o prazer do estudo; por isso o Santo Padre Clemente XI modificou um pouco essa asperesa, dando-lhe o encargo (embora trabalhoso) da reforma do Calendario, e posteriormente, em 1700, a prefeitura da Bibliotheca do Vaticano; mas era tarde, porque desde 1699 havia começado a padecer dos olhos, e desde aquelle anno (1700) em diante viveu uma vida imbecil por causa da hydropesia, que o atacou severamente: resignoando-se com ânimo pio a vontade do Senhor, chegou ao termo de seus dias, depois de dez mezes da maior tribulação, e acabou a sua passagem sôbre a terra em 22 de Fevereiro de 1704; foi sepultado na Igreja de Santo Agostinho; e sôbre a campa de sua sepultura gravaram a seguinte lenda:

[1] *Actas Capitulares da Congregação de S. João Evangelista de 1677 a 1712. e Ingresso nellas incorporado — Collecção de Inquerições dos Conegos Seculares de S. João Evangelista* (aquellas e estas orig. do Archivo Nacional). Um retrato de meio corpo.

[2] Esta familia era originaria da Irlanda, que na pessoa de Jayme *Noris*, em 1570 defendeu Chypre contra os Turcos até no ultimo extremo, e se retirou depois para Verona: a elevação de *Fr. Henrique* ao Cardinalato, moveu a cidade de Verona a collocar sua familia entre os patricios della em 1696: seja licito dizer aqui, que este facto não deu nobresa á casa *Noris*, porque se a não tivesse ficava sem ella: mas habilitou-a para o gôso dos cargos, que só os nobres da cidade podiam exercer. Repita-se, que o favor ou os cargos não dão nobreza de qualidade alguma, porque essa depende de um acto de heroismo e da sancção dos seculos; por isso nem ainda o crime a faz perder, e posto que degrade o individuo, não avilta sua descendencia.

[3] A que applicava quatorze horas por dia.

[4] Essas necessidades creadas pela chicana juridica nos tribunaes, as multiformes variedades de tratar um só negocio, que se póde decidir pelos termos *sim*, *não*, e as multas questões, com que se complica um só objecto, tudo de uma só origem, são o vivo tormento de um homem verdadeiramente dedicado á contemplação, como era *Fr. Henriques Noris:* todas essas cousas importam a demora dos pleitos, e são o meio mais efficaz de embrulhar a justiça: o estudioso fóra do trabalho litterario, não emprega voluntariamente um instante fóra delle, senão em actos de piedade ou amor do proximo, amisade ou diversões necessarias para socegar o espirito. A titulo de uma decisão justa tomou assento em todos os tribunaes essa malfadada chicana, de que não tirou um só beneficio a pobre humanidade, como o não tiraram as letras: appello nesta questão para as sentenças, que restam, precedentes á introducção do direito Romano, e das *opiniões dos douteres*, donde vieram similhantes formulas de decidir da vida, honra e fazenda, e de outros mais importantes negocios do pobre individuo social; e ver-se ha, se se confrontarem com as posteriores, de que lado está a justiça; appello para as proprias obras dos jurisconsultos, principalmente praticos, porque do exame se concluirá quanto aelles a razão se chegou a embrutecer.

FRATRI HENRICO NORISIO VERONENSI
ORDINIS AC TITULI S. AUGUSTINI
PRAESBITERO CARDINALI
S. R. E. BIBLIOTHECARIO
AUGUSTINIANA EREMITARUM FAMILIA
THEOLOGO CHRONOLOGO HISTORICO
B. M. P.
HENRICO MONUMENTUM INGENS SE SE EXPLICAT ORBIS.
PHAENICUM AD LITTUS LITTORE AB HESPERIAE
INSCRIBUNT TUMULO QUIDQUID DUXERE PERENNI
AERE ARGENTO AURO SAECULA ET HISTORIA
NORISIO MINOR EST TITULUS TU GRANDIOR ESSE
AUGUSTINE POTES PAR TUMULO TITULUS
OBIIT VIII KAL. MARTII
ANNO AERAE CHRISTI MDCCIV
AETATIS LXXVIII
EX A. D. IV. KAL. SEPTEMBRIS.

De suas lucubrações deixou memoria em differentes escriptos, de que os historicos não têem o ultimo logar.[1]

281.°

Reverendo JOSE DO VALLE Clerigo Secular da Congregação do Oratorio de Jesus Christo.— Nasceo em Lisboa a 18 de Setembro de 1650, foi baptisado em S. Julião a 26 do dito mez, e era filho de Manoel Rodrigues do *Valle* e de Marianna Jorge: abraçou o Instituto Oratorio em 21 de Novembro de 1668: fez seus estudos nas escólas de S. Domingos de Lisboa, subiu ao *Sacerdocio* em 23 de Setembro de 1673, e disse a primeira Missa no 1.° de Outubro seguinte: o veneravel Bartholomeu do Quental queria emprega-lo no Magisterio, porêm, impedindo-lh'o as molestias, se entregou aos ministerios do Confessionario e do Pulpito quanto suas fôrças o permittiam: o seu caracter era pio, os seus costumes exemplares, e o seu zêlo pela salvação das almas excessivo. Pretendendo o Conego João de Meira Carrilho, em 1684, fundar uma Casa do Oratorio em Braga, e offerecendo para ella dez mil cruzados, o Padre *Jose do Valle* foi nomeado com o Padre Francisco Rodrigues para dar principio á nova Congregação, que effectuou apesar das contradições, que teve, como sempre têem dos homens as obras de Deos, porque as levou com paciencia de santo, como as proprias molestias: depois da morte do servo de Deos Quental foi nomeado Visitador de todas as Congregações Oratorianas do Reino por breve da Nonciatura a 28 de Setembro de 1701, e, não lhe valendo as escusas, partiu para Lisboa em 26 de Novembro deste anno: executou a commissão, e, voltando para a casa de Braga em 10 de Dezembro de 1704, falleceu em 21 desse mez e anno, depois de ter sido Proposito da nova fundação por nove annos.[2]

282.°

Reverendo Fr. MANOEL DO NASCIMENTO Religioso Menor.—Nasceu em Penella e foi baptisado na Igreja de Santa Eufemia a 26 de Setembro de 1643: era filho de Manoel *Neto Arnaut* e de Maria Feyo de Abreu; e teve irmão João *Neto Arnaut* capitão-mór da Louzã com posteridade[3]: abraçou o Instituto Serafico na Recoleição de Santo Antonio de Portugal, tendo sido admittido depois de sentenceadas suas inquirições de familia e costumes em 22 de Fevereiro de 1663: feitos os estudos do Claostro, foi elevado ao *Sacerdocio*, e nomeado Prégador; e pelos creditos, que obteve no seu Monastico, o elegeram Provincial delle, e correm suas memorias no exercicio desde 30 de Janeiro de 1694 até 3 de Junho de 1697: a côrte o apresentou Bispo para a nova Igreja do Grão-Pará; porém de tal modo impediu a erecção desta Igreja o Bispo do Maranhão Gregorio dos Anjos, que *Fr. Manoel do Nascimento* nunca foi confirmado; e morreu em 1704.[4]

[1] Moreri *Diccionario*—Guarnacci *Vitae et Res Gestae Pontificum Romanorum et S. R. E. Cardinalium*—Moroni *Dizionario*. Um retrato de meio corpo.

[2] *Memorias da Congregação do Oratorio da cidade de Braga* (ms. do Archivo Nacional)—Bento José *Memorias da Congregação do Oratorio do Porto* (ms. do mesmo Archivo)—O Reverendo Antonio José da Rosa Torres, em *memoria das entradas e obitos dos filhos desta santa Congregação*, que devo á sua amisade. Um retrato de meio corpo.

[3] Por sua filha D. Theodora Hygina *Arnaut* do Rio, mulher de Felix de Carvalho Pimentel capitão-mór de Pereira em seu quarto neto Francisco de Lemos de Faria Pereira Coutinho Ramalho da Fonseca e Azevedo, actualmente senhor da casa do Cardal em Condeixa a nova.

[4] *Collecção de Inquirições dos Religiosos de Santo Antonio dos Capuchos* (orig. da Bibliotheca Nacional)—Fr. Martinho do Amor Divino *Escóla de Penitencia*—Sebastião da Rocha Pita *Historia da America Portugueza*. Um retrato de meio corpo.

283.°

Ravarendo GONÇALO DA MADRE DE DEOS Conego Secular no Evangelista. — Nasceu no Porto filho de Antonio *Dias* e de Isabel do Amaral; e querendo abraçar o santo Instituto de Villar de Frades, se lho tiraram inquirições, foi aceito em 21 de Novembro de 1653, e entrou no anno seguinte em 24 de Maio: seguiu com louvor os estudos nos geraes da universidade de Coimbra, e lá tomou o grão de doutor em theologia: subiu ao *Sacerdocio*, no capitulo de 3 de Junho de 1677 foi eleito Reitor de Santo Eloy do Porto, no de 16 de Maio de 1695 o nomearam Provedor do Hospital das Caldas, e em 12 do Maio do 1698 se determinou a sua mudança para a casa de Santo Eloy de Lisboa, onde exerceu o ministerio de Prégador do ElRei D. Pedro II: ainda era vivo em 1704, porque delle se faz menção no ingresso escripto nesse anno.[1]

284.°

Ravarendo ANDRE NUNES DA SILVA Clerigo Secular. — Nasceu em Lisboa a 30 de Novembro de 1630, foi baptisado em S. Julião a 8 do Dezembro desse anno, o era filho de Francisco *Nunes da Silva* e de Marianna da Cruz: passando menino com seus paes ao Rio de Janeiro, lá estudou philosophia no Collegio dos Jesuitas com tanto proveito, que saiu mestre em artes, e recebeu em 30 de Maio de 1643 Prima Tonsura e o grão de Ostiario, que lhe conferiu o Abbade Provincial da Ordem Benedictina no Brasil Fr. Damaso da Silva na Igreja do Mosteiro de Nossa Senhora do Monserrate: querendo continuar os estudos na universidade de Coimbra, se embarcou em 12 de Julho de 1650, o, estando ja nos mares da nossa costa foi impedida a frota de vinte e dois navios, em que vinha, por uma armada Ingleza de trinta, que pretendia tirar desforço do se terem asylado em Lisboa os Principes Roberto e Mauricio, sobrinhos do infeliz Carlos I; o depois de um sanguinolento combate, procederam os Inglezes ao saque e tomada da frota, e elle caiu prisioneiro em suas mãos: conseguindo resgatar-se, a lançaram em Cadix, o entrando em Portugal, passou a ouvir as lições de direito canonico nas escolas geraes de Coimbra, e nellas tomou o grão de bacharel em 3 de Dezembro de 1656: continuando a Ordenação nesse anno, subiu ao *Sacerdocio*, e voltou ao Rio de Janeiro: do lá tornou trazendo sua mão e uma irmã o Lisboa, e fixou a sua residencia na Freguezia de S. José em 1658. Sempre amou a virtude, foi varão de exemplares costumes e grande piedade, distribuia o seu tempo entre os deveres do santo Ministerio, a oração o o estudo, o desse deu provas como distincto membro da academia dos Singulares: em 3 de Setembro de 1680 fez a Capella de Nossa Senhora da Conceição na Igreja das Mercês, com sepultura para si debaixo do estrado; mas deixando de todo o mundo, a 6 de Junho de 1684, se recolheu á Casa da Divina Providencia; em 25 do Fevereiro do anno seguinte foi filiado pelo Geral, em qualidade do Terceiro, na Congregação do S. Caetano; o por vinte annos, que viveu naquella Casa, se esforçou não so em ser benemerito della, mas do Santo Padroeiro, concorrendo para a manutenção temporal dos Padres e do Culto desse Bemaventurado: assim chegou ao termo desta vida, que teve logar em 3 de Maio de 1705, em que morreu, como um justo, deixando de seus estudos memoria em poesias sacras e profanas, e escriptos academicos.[2]

285.°

Veneravel Fr. MANOEL DE S. JOSÉ Eremita de Santo Agostinho. – Era natural da Freguezia da Sé de Lisboa, e professou no Mosteiro do Monte Olivete a Descalcez Augustiniana em 19 de Março de 1675: feitos os estudos do Claustro, subiu ao *Sacerdocio;* mais tarde foi eleito Vigario Geral da Congregação, e exerceu este ministerio desde 1700 ate 1705: neste mesmo anno a côrte o nomeou Bispo do S. Thomé e Congo, que não chegou a ser, sem que eu saiba a causa; e não encontrando o seu processo canonico para qualquer destas duas Igrejas, penso que recusou o Episcopado: além do que referi, nada mais sei deste Religioso, senão que acabou em cheiro de santidade, porque em toda a vida praticou as virtudes do justo.[3]

286.°

Reverendo MANOEL DE VASCONCELLOS Clerigo Secular da Congregação do Oratorio de Jesus Christo. — Nasceu em Lisboa, foi baptisado na Freguezia do Santissimo Sacramento a 9 de Fevereiro de 1644: seguiu a vida militar, em que o promoveram a tenente do cavallaria; mas desgostoso do seculo, largou essa vida, tomou por Confessor o veneravel Bartholomeu do Quental, e em 27 de Maio de 1673 vestiu a roupeta de S. Filippe Nery: estando ainda no noviciado, subiu ao *Sacerdocio* em 18 de Junho desse anno, o depois se entregou seriamente aos estudos de philosophia e theologia: foi Mestre do Noviços; mas o seu zêlo indiscreto perturbou um pouco a Casa do Espirito Santo: por morte do Padre Francisco Rodrigues, o nomearam Superior da Casa do Braga, e concorreu com o Padre José do Valle para se acabar a fundação dessa Casa: occupou lá os ministerios de Mestre de Noviços, Prefeito Espiritual e Pro-

[1] *Collecção de Inquirições dos Conegos Seculares do Evangelista. Actas Capitulares desta Congregação de 1677 a 1712, e Ingresso feito em 1704 encorporado nestas* (orig. do Archivo Nacional). Um retrato de meio corpo.

[2] D. Manoel Caetano de Sousa *Discurso Historico e Panegyrico da vida e acções do Doutor André Nunes da Silva* (orig. da Bibliotheca Nacional)—Barbosa *Bibliotheca Lusitana*—D. Thomaz Caetano de Bem *Memorias Historicas Chronologicas da Sagrada Religião dos Clerigos Regulares*. Um retrato de meio corpo.

[3] *Livro das Profissões do Convento de Nossa Senhora da Conceição de Enxobregas, e Alphabeto dos Religiosos Agostinhos Descalços* (ms. do Archivo Nacional, sendo o primeiro autographo). Um retrato de meio corpo.

posito: apesar da nota de excessivo rigor, era humilde, pio, dado a oração, e opresentou no Claustro raros exemplos de virtude: assim falleceu em 18 de Março de 1706, e seu corpo ficou flexivel como na vida.[1]

287.°

REVERENDO FR. CARLOS DE S. BOAVENTURA EREMITA DE S. PAULO.—Era natural de Penacova da Diocese de Coimbra, e filho de Gabriel *Galeão de Macedo*, Cavalleiro da Ordem de Christo, e de D. Isabel Baptista da Silva: abraçou o santo Instituto da Serra de Ossa, fez seus estudos de theologia na universidade de Coimbra, e lá recebeu a borla doutoral: subiu ao *Sacerdocio*, e leu no collegio de Evora, de que foi Reitor: a Inquisição o encarregou de rever escriptos desde 11 de Julho de 1681, e a Mesa da Consciencia de examinar o Clero das Ordens militares: por duas vezes os Eremitas de S. Paulo o elegeram Geral, e exerceu este ministerio como pae; mas recusou o Episcopado do Algarve, em que o côrte o apresentou: foi Religioso exemplar, nunca dormiu em cama, e passava a maior parte da noite em contemplação do Mysterio da Sagrada Paixão de Nosso Senhor *Jesus Christo*: deste modo fez a sue passagem sôbre o terra, que terminou em 3 de Outubro de 1707, morrendo como um justo, e deixonda de seus estudos memoria em escriptos polemicos e moraes, que não se publicaram.[2]

288.°

REVERENDO LUIZ DA ANNUNCIAÇÃO CONEGO SECULAR DO EVANGELISTA.—Era natural do Porto e filho de João Lopes e Paula de Lousada: recebeu a murça dos Conegos Azues em 7 de Junho de 1652: seguiu as escólas da universidade de Coimbra, e obteve a borla doutoral em theologia: foi ordenado de *Sacerdote*, e a Inquisição o nomeou seu qualificador em 22 de Maio de 1683: no capitulo do 5 de Maio de 1704 o elegeram Provedor do hospital das Caldas, declarando-se, que isso era vontade de ElRei; e no de 13 de Maio de 1709 teve dois votos para Geral, e se decretou a sua mudança para Santo Eloy do Porto[3]: não me consta mais.

289.°

VENERAVEL MANOEL BERNARDES CLERIGO SECULAR DA CONGREGAÇÃO DO ORATORIO DE JESUS CHRISTO.—Nasceu em Lisboa a 20 de Agosto de 1644, a 27 desse mez recebeu o Sacramento do baptismo na Igreja Parochial do Loreto, e era filho de João Antunes e Maria *Bernardes*: Deos o dotou de muito talento, de grande inclinação á virtude, e de uma doçura Angelica no trato: fez o curso de philosophia na universidade de Coimbra, e tendo-se graduado mestre em artes, frequentou a escóla de direito cauonico, em que recebeu o grão de bacharel: depois se entregou ao estudo de theologia, subiu ao santo *Sacerdocio*, e se apresentou como um varão Apostolico no meio da Igreja de Deos pela sua conducta exemplarissima e zêlo pela salvação das almas, pelo que o escolhen para seu Confessor o penitente e veneravel João de Mello Bispo então de Vizeu: aspirando á vida mais perfeita, vestiu a roupeta de S. Filippe Nery em 14 de Julho de 1674; e desde então repartiu o seu tempo entre a oração, estudo, deveres Claustraes e trabalho em beneficio espiritual e temporal do proximo, manifestondo a mais ardente caridade, paciencia, humildade e abnegação de si proprio em todos os seus actos: o Senhor o consolova nas tribulações, com que o inimigo commum do genero humano o affligia, dando-lhe altas consolações na contemplação; mas, dois annos antes da morte, provon a sua paciencia, enfraquecendo-lhe o intendimento até ao estado do infancia, pelo quo era tratado como um menino: a pouca luz, que lhe ficou, foi a sufficiente para se resignar á vontade do Todo-Poderoso; mas assim mesmo não foi sem copiosas lagrimas e grande afflicção, que ouviu a prohibição de celebrar o Santissimo Sacrificio da Missa: deste modo foram passando os dias até se reduzir a um total esquecimento de tudo, que havia no mundo: a tal estado chegou o homem dotado de extraordinario vivesa, e do profunda intelligencia! Seria o causa evitar-lhe uma quéda, seria para nem ainda levemente sentir o passamento, ou o muito trabalho de espirito produziria o desarranjo physico, e esse o mal moral? Deos o sabe! porque eu apenas posso dizer, que a sua hora extrema chegou em 17 de Agosto de 1710, saindo da terra, como um justo, para receber no Céo o premio de seus merecimentos: deixou de suas lucubrações grande número de obras asceticas, sermões, práticas, e entre as primeiras não tem o último logar os *Exercicios Espirituaes* e as *Meditações*.[4]

290.°

VENERAVEL JOSÉ VAZ CLERIGO SECULAR DA CONGREGAÇÃO DO ORATORIO DE JESUS CHRISTO.—Nasceu na aldêa de Sacoàle da provincia de Salsete na India oriental, a 21 de Abril de 1651, filho de Christovão *Vaz* e Maria de Miranda Bracamnes convertidos devotos e ricos: estudou philosophia e theologia com

[1] *Memorias da Congregação do Oratorio de Braga* (ms. do Archivo Nacional)—O reverendo ANTONIO JOSÉ DA ROSA TORRES, em *memoria*, que me deu, *das entradas e obitos dos filhos desta santa Congregação*. Um retrato de meio corpo.

[2] *Secreto do Conselho geral do Santo Officio*, *Inquirições* m. 4 n. 39 (orig. do Archivo Nacional)—JOAQUIM DA SILVA PEREIRA *Coimbra Gloriosa* (ms. da Bibliotheca Nacional). Um retrato de meio corpo.

[3] *Actas Capitulares da Congregação de S. João Evangelista de 1677 a 1712, e Ingresso escripto em 1704 nellas incorporado*, *Secreto do Conselho geral do Santo Officio. Inquirições* m. 5. n. 121 (orig. do Archivo Nacional). Um retrato de meio corpo.

[4] BARBOSA *Bibliotheca Lusitana*. Um retrato de meio corpo, e um quadro representando a cabeça e os hombros.

os Jesuitas no collegio de S. Thomaz de Gôa, subiu ao *Sacerdocio* em 1676, e, obtendo do Arcebispo Fr. Antonio Brandão faculdade de confessar e prégar, começou a exercer o santo Ministerio com extrema piedade, zêlo e amor de Deos; e com os annos cresciam as virtudes exemplares em sua pessoa, e o respeito, que todos lhe consagravam: estabeleceu no Canara o primeiro theatro de suas fadigas Apostolicas; lá erigiu uma Igreja em Barcelor e outra em Gongalym, ambas dedicadas á Virgem, e varias Ermidas, para fomentar a devoção dos fieis, missionou e exerceu as vezes do Prelado Ordinario: passados tres annos de trabalhos Evangelicos, saiu para se incorporar á nova Congregação de *Sacerdotes*, que perseverava com fervor na Igreja de Santa Cruz dos Milagres de Gôa[1], nella recebeu a roupeta em 25 de Setembro de 1685; e, terminadas as provas de sua vocação, tendo os companheiros em vista a santidade de sua vida, e disposições felizes para uma grande obra do serviço de Deos, o elegeram Superior: immediatamente pediu os estatutos do Oratorio de Lisboa ao veneravel Bartholomeu do Quental, porque não tinha outros senão os, que lhe déra Fr. Pedro da Silva Bispo de Cochim, nesse tempo governador da Diocese de Gôa: em 14 de Dezembro de 1698 approvou com modificações estes estatutos o Arcebispo Fr. Agostinho da Annunciação; em 22 de Março de 1703 o podêr temporal, porque assim era necessario (valha-nos Deos com estas necessidades) permittiu-lhe a forma Claustral; e, depois em 26 de Novembro de 1706, o Santo Padre Clemente XI erigiu em verdadeira Congregação Regular da Igreja Catholica, collocando entre as Oratorianas essa a, que presidia o Padre *José Vaz*. Posto que abraçara o novo Instituto, não se esqueceu este veneravel da sua antiga Missão, porque em 1686 voltou a ella, levando comsigo o Padre Paulo de Sequeira e o coadjutor Estevão: feita a visita com grande proveito, passou a Cananor, dahi a Tallacheri; e, em 3 de Janeiro de 1687, depois de enviar os companheiros a Canara, por ter noticia do miseravel estado da ilha de Ceilão[2], para lá foi disfarçado em habitos grosseiros, e sujeito a gravissimas molestias originadas das perseguições, que padeceu em Jafana: Deos o salvou, e quiz que, apesar da preversidade heretica, alcançasse fructo nessa ilha e na de Portulão, porque confirmou na Fé mais de mil Christãos, que só o eram no nome pelo trato com os hereges: entrou no reino de Candia, onde o accusaram de espia, mettendo-o em tenebrosa masmorra[3]; porém a sua innocencia foi justificada, e logo que o soltaram, levantou um Templo, dedicado a *Nossa Senhora da Conversão dos Fieis*, para reunir aquelles, que aggregara ao rebanho do Divino Pastor: na cidade de Colombo trouxe ao gremio da Igreja muitos hereges, compôz discordias, e celebrou matrimonios; e na de Candia assistiu com extremada caridade aos enfermos de uma epidemia de bixigas, de que salvou grandissimo número: apesar da confederação preversa dos hereges com os gentios, estabeleceu difinitivamente a Missão na ilha de Ceilão, com duas residencias, uma em Portulão, e outra em Candia, apenas acompanhado por um moço chamado João (que com elle saíra de Gôa para o Canara, e com quem esteve prêso no reino de Candia) ate 1696, em que chegaram os Padres José de Menezes e José Carvalho enviados de Gôa: continuando no santo Ministerio, e sentindo faltarem-lhe as fôrças pela doença, renunciou o cargo de Superior no Padre José de Menezes, e acabou, como um Santo, em 16 de Janeiro de 1711, depois de uma vida empregada toda no serviço de Deos, em que não passou um só dia sem orar, e sem fazer bem ao proximo: escreveu *Obras Espirituaes para instrucção dos Missionarios na lingua Tamul; Vocabulario da lingua Cingala*, manuscripto; e duas *Cartas*, que se imprimiram, ambas datadas de Candia, uma de 17 de Agosto de 1708 a seu sobrinho José Vaz, Diacono da Congregação do Oratorio de Gôa, e outra de 15 de Janeiro de 1711 ao Padre José de Menezes da mesma Congregação.[4]

291.º

REVERENDO FR. BENTO DO ESPIRITO SANTO EREMITA DE SANTO AGOSTINHO.—Era natural de Almada e professou o Instituto Augustiniano reformado no Ermo do Monte Oliveto a 4 de Julho de 1674: feitos os estudos Claustraes, subiu ao santo *Sacerdocio*, e foi o decimo sexto Prior do Mosteiro de Nossa Senhora da Piedade de Santarem, e mais tarde Vigario Geral da Congregação: estava no exercicio deste ministerio em 12 de Janeiro de 1706, e o desempenhou ate depois de 25 de Outubro de 1711: não sei delle mais cousa alguma, senão que passou desta vida com fama de virtude.[5]

[1] Em 28 de Outubro de 1682, quatro *Sacerdotes*, naturaes de Margão nas terras de Salsete, os Padres Paschoal da Costa Jeremias, José Cabral, Simão Vaz e José da Silva, se recolheram á Ermida de S. João do Deserto na Freguesia de Nossa Senhora de Guadelupe das Ilhas de Gôa, para viverem servindo a Deos retirados do seculo, e empregados na Missão do sul, que estava falta de Operarios Evangelicos; e lhes deu licença e norma de vida o Arcebispo Manoel de Sousa e Menezes; mas depois de alguns mezes se arrasou pela invernada a Ermida, e não havendo esperança de restauração pelas calamidades, que se seguiram em fôrça das guerras de Sambagy, passaram em 1684 para a Igreja de Santa Cruz dos Milagres com favor dos irmãos da Confraria do Bom Successo, e com faculdade do Cabido *Séde Vacante*: lá se lhes foram reunindo outros, e entre elles o Padre *José Vaz*, tendo voltado da Missão do Canará.

[2] Estava então opprimida pelo jugo idolatra, e pelo heretico lutherano, porque lá dominavam o Rei de Candia e os Hollandezes.

[3] Essa prisão, motivada pelos hereges, foi tão dura, que esteve cinco dias sem comer nem beber; mas Deos permittiu, que um Catholico do palacio, a quem o Rei devia serviços, obtivesse em premio delles entrar no callabouço, e sem mêdo do máo tratamento dos guardas, ahi ia com outros Catholicos, e lá recebiam os Santos Sacramentos; porém depois de obter a soltura, cresceu tanto a admiração de suas virtudes, que alcançou o favor do Soberano pela caridade, que exercitára em favor dos enfermos, servindo-lhes de cusinheiro e enfermeiro com assombro e confusão dos idolatras e hereges; e a tal ponto subiu o seu credito por esse amor do proximo, pela humildade e pelo zêlo, com que se portava, que o Principe requereu quatro *Sacerdotes* para o seu reino, tão bons como elle, e como os dois, que então o seguiam.

[4] BARBOSA *Bibliotheca Lusitana* — *Noticia Compendiosa da Fundação da Congregação de Santa Cruz dos Milagres de Gôa, e do Principio e Progressos da Missão de Ceilão Cultivada pelos Padres della* — FRANCISCO VAZ *Noticia da Congregação do Oratorio de Gôa* (mss. do Archivo Nacional). Um quadro representando a cabeça

[5] *Livro das Profissões do Convento de Nossa Senhora da Conceição de Enxabregas*, e *Alphabeto dos Religiosos Agostinhos Descalços* (mss. do Archivo Nacional, sendo aquelle autographo) — FR. LUIS DE JESUS *Historia Miscellanea*. Um retrato de meio corpo.

292.°

Reverendo FRANCISCO DE SANTA MARIA Conego Secular do Evangelista.—Nasceu em Lisboa a 11 de Dezembro de 1653 filho de Manoel *Corrêa* e de D. Maria da Silva de Azevedo: havendo estudado grammatica latina e artes no collegio de Santo Antão, se fez noviço da santa Companhia de *Jesus*, contra vontade de seus paes, e tantas súpplicas fez sua mãe aos Padres, que o deixaram saír; mas, não sendo possivel contrafazer-lhe a vocação Claustral, alcançou licença da authoridade paterna para seguir as pisadas do veneravel Padre Antonio da Conceição, de cuja memoria era devotissimo, e abraçou o santo Instituto de Villar de Frades em 28 de Abril de 1671: fez os estudos maiores no collegio de Coimbra, e com elles se habilitou para reger cadeira, em que, acabados esses, leu com grande applauso: suas inclinações desde menino eram pias, e crescendo essas com a idade se tornou um varão tão exemplar, que se fez digno do santo *Sacerdocio*; foi grande Prégador e fidelissimo escriptor, posto que quanto ao mais antigo não teve bastante critica; a sua Congregação o nomeou Chronista, chamando-o a Lisboa pelas molestias, que em Coimbra padecia; a Inquisição seu qualificador em 7 de Dezembro de 1687, quando já estava retirado da cadeira pela jubilação, e a Mesa da Consciencia o fez examinador das Ordens Militares: no capitulo de 16 de Maio de 1695 foi eleito Reitor de Santo Eloy de Lisboa, no de 5 de Maio de 1705 Geral da Congregação (e o contaram quinquagesima terceira entre esses), e no de 9 de Maio de 1712 Provedor do hospital das Caldas: já em 1692 havia recusado a cadeira Pontifical de Macáo, para que o elegeu ElRei D. Pedro II; mas aquelles ministerios, a que o chamou a obediencia, exerceu elle com zêlo, caridade e muita piedade, de que deu provas toda a vida: acabou a sua passagem sôbre a terra em 3 de Novembro de 1713 com bôa opinião: de suas vigilias ficaram a *Aguia do Empireo*; a *Saphira Veneziana*, e a *Jacintho Portuguez*, que são tres panegyricos de S. João Evangelista, de S. Lorenço Justiniano, e veneravel Padre Antonio da Conceição; *Sermões*; a *Céo Aberto na terra*, ou chronica da sua Ordem, e outros escriptos, em que não tem o último logar o *Anno Historico*, de que publicou o primeiro volume; e, deixando imperfeitos os dois seguintes, os completou e lhe addicionou a sua vida o Padre Lorenço Justiniano da Annunciação doutor em theologia e Geral da sua Congregação.[1]

293.°

Reverendo MIGUEL DA VISITAÇÃO Conego Secular do Evangelista.—Nasceu no Porto de uma familia illustre, filho de João de Almeida *Pitta*, e de Isabel Soares de Mattos: vestiu a murça da Congregação de Villar de Frades em 24 de Janeiro de 1667, tendo-se-lhe feito processo de habilitação a 28 de Outubro do anno antecedente: depois de seguir os estudos do Claustro, foi nomeado Professor de theologia, e elevado á dignidade *Sacerdotal*; havendo já ensinado a sagrada sciencia no capitulo de Enxabregas de 22 de Agosto de 1701, o elegeram Reitor de Santo Eloy do Porto, e, no de 9 de Maio de 1712, celebrado na mesma santa Casa; saiu Geral por duzentos vinte e dois votos, tendo sido eleito em 2 de Março do anno antecedente Vigario Geral por morte do Geral Nuno da Madre de Deos em 31 de Janeiro passado: a 29 de Abril de 1715 estava no exercicio de sua jurisdição[2]; e desde esta época terminam suas noticias.

294.°

Reverendo Fr. JOSÉ DO ROSARIO Eremita de Santo Agostinho.—Era natural da Freguezia de Santo André de Estremoz, onde nasceu em 16 de Março de 1643, e filho de Antonio *Godinho de Gusmão* e de Agueda da Fonseca Estaço: abraçou o Instituto Augustiniano reformado, professando no Ermo do Monte Olivete de Lisboa a 17 de Abril de 1678: havendo cursado com proveito as escólas do seu Monastico, subiu ao santo *Sacerdocio*: e já em 27 de Junho de 1684 estava nomeado Mestre de Noviços (segundo creio), desde 12 de Junho do anno seguinte o encontrei na qualidade de Definidor Geral, desde 29 de Maio de 1687 Prior do Mosteiro do Monte Olivete (e o foi até depois de 26 de Março de 1690), e desde 9 de Setembro de 1696 outra vez Mestre de Noviços, finalmente, um pouco mais tarde, depois do anno de 1715, Vigario Geral da Congregação; mas não sei a epoca certa, nem outra noticia de sua vida, senão que foi varão de costumes exemplares.[3]

295.°

Reverendo SEBASTIÃO RIBEIRO Clerigo Secular da Congregação do Oratorio de Jesus Christo.—Era natural de Evora, e filho de Francisco de *Faria Villa-nova*, Cavalleiro da Ordem de *Christo*, e de D. Juliana Pimentel de Vasconcellos: vestiu a roupeta de S. Filippe Nery em 29 de Janeiro de 1687: feitos os estudos Claustraes o nomearam Mestre, e subiu ao santo *Sacerdocio*; leu philosophia e theo-

[1] *Livro das Actas Capitulares da Congregação do Evangelista de 1677 a 1712*, *Ingresso feito em 1704 nellas incorporado*, e *Livro dos Obitos do Mosteiro de S. João de Enxabregas de 1755 a 1785*. *Secreto do Conselho Geral do Santo Officio, Inquirições* m. 18 n. 54 (orig. do Archivo Nacional)—Lourenço Justiniano da Annunciação *Anno Historico* —Manoel da Cunha de Andrade e Sousa *Elogio Encomiastico do Padre Mestre Francisco de Santa Maria*—Barbosa *Bibliotheca Lusitana*. Um retrato de corpo inteiro e outro de meio corpo.

[2] *Collecção de Inquirições da Congregação de S. João Evangelista*, *Livro das Actas Capitulares de 1677 a 1712*, e *Ingresso feito em 1704 incorporado nesse livro* (orig. do Archivo Nacional). Um retrato de meio corpo.

[3] *Livro das profissões do Convento de Nossa Senhora da Conceição de Enxabregas*, e *Alphabeto dos Religiosos Agostinhos Descalços* (ms. do Archivo Nacional, sendo aquelle autographo). Um retrato de meio corpo

logia, foi Regente dos Estudos da casa do Espirito Santo, qualificador do Santo Officio em 4 de Abril de 1707, e Proposito daquella mesma Casa, e neste ministerio se portou como verdadeiro pae no amor para com os seus subditos: acabou seus dias, venerado pela piedade e exemplar conducta, como merecia, em 6 de Setembro de 1717; e deixou memoria de suas locubrações nos seguintes escriptos, que se não imprimiram: *Jansenismus redivivus alterius tamen Alexandri gladio jugulatus ac recens Clementis XI anathemate fulguritus; Disceptatio Theologica de Deiparae ac Sanctorum Coelitum invocatione; Tractatus Theologicus de Beatitudine.*[1]

296.°

Reverendo **MANOEL DE SOUSA** Clerigo Secular da Congregação do Oratorio de Jesus Christo. —Nasceu em Lisboa a 2 de Dezembro do 1647 filho de João Lopes Brandão e de Isabel Nunes de *Sousa*: estudou na universidade de Coimbra, e nella obteve o grão de mestre em artes, e depois o de bacharel em ambos os direitos: leu no desembargo do paço, e foi provido no logar de juiz-de-fora do Leiria, e retirando-se a uma quinta, depois de fazer opposição a provedoria de Setubal, a leitura das obras do Santa Theresa o fez mudar de resolução, trocando o seculo pelo Claustro: para isso tomou a roupeta de S. Filippe Nery em 21 de Novembro do 1677; e feitas as provas de sciencia e virtude, subiu ao santo *Sacerdocio*, e mereceu ser eleito Proposito da Casa do Espirito Santo em 22 de Novembro do 1687, tendo por subdito o veneravel Bartholomeu do Quental fundador da Congregação; e foi reeleito em 1695: ja antes, em 19 de Novembro de 1684, a côrte o havia nomeado Arcebispo da Serra na Asia, e depois Bispo do Funchal em 25 de Outubro de 1696; mas ambas estas dignidades recusou aceitar: querendo o bom Fr. Luiz da Silva Arcebispo de Evora uma Casa do Congregados na sua Diocese, o escolheu para fundador della na villa de Estremoz: deu-lhe principio em 10 de Outubro de 1697; e vinte annos la passou sempre incançavel no santo Ministerio, pelo que fez grandes serviços á Religião, e muitos beneficios ao proximo, cuidando com extraordinario zêlo o extremada caridade da salvação das almas e do socêgo das consciencias: depois Nosso Senhor provou a sua paciencia, dando-lhe uma paralysia, com que apenas lhe ficou livre a cabeça, gosando o beneficio de podèr commungar, orar e ler: no principio do anno de 1716 ElRei D. João V com o Infante D. Antonio, e grande número de senhores da côrte, o visitou no seu cubiculo, e lhe pediu as suas orações: sobrevindo-lhe segundo ataque, morreu, como um justo, abraçado a *Christo* na Cruz em 17 de Novembro de 1717. de seus estudos deixou memorias em escriptos asceticos e polemicos.[2]

297.°

Reverendo **VICENTE DIAS** Clerigo Secular da Congregação do Oratorio de Jesus Christo.— Um dos varões mais pios, de que se preson a Congregação de S. Filippe Nery de Portugal, foi *Vicente Dias*, que nella entrou a 29 de Junho de 1678, e que subiu ao santo *Sacerdocio* depois de habilitado pelos estudos claustraes: os seus dias se passaram na oração, em que mereceu favores do Ceo, e no cumprimento dos deveres do santo Ministerio: falleceu, como um justo, em 27 de Novembro de 1720, em idade avançada.[3]

298.°

Reverendo **FRANCISCO DE S. BERNARDO DE MESQUITA** Conego Secular do Evangelista.— Era natural de Lisboa, e abraçou o santo Instituto de Villar de Frades em 19 de Julho de 1681: cursou as escolas de theologia na universidade de Coimbra, e nessas recebeu o grão de doutor; subiu á dignidade *Sacerdotal*, e foi examinador Synodal da Diocese de Lisboa, e no seu Monastico duas vezes successivamente Prelado maior, eleito em 1715 e em 1719; do exercicio deste ministerio encontrei memorias suas até 1721[4]; mas todas as noticias, que delle consegui terminam aqui.

299.°

Reverendo Fr. **DIOGO DA MADRE DE DEOS** Religioso Menor.—Era natural de Almada e filho de Manoel Francisco e Simôa Francisca: professou o Instituto Serafico no Mosteiro do Varatojo da provincia Observante dos Algarves em 3 de Maio de 1678: aprendeu philosophia e theologia no Claustro, subiu ao *Sacerdocio*, e o nomearam Prégador: foi successivamente Guardeão dos Mosteiros do Alvito, Loreto, Monte-mór o *novo*, e Enxabregas, Custodio e Secretario da Provincia, e Provincial no capitulo

[1] *Secreto do Conselho Geral do Santo Officio, Inquirições* m. 7 n. 136 (orig. do Archivo Nacional)—Barbosa *Bibliotheca Lusitana*—O reverendo Antonio José da Rosa Torres *em memoria das entradas e obitos dos filhos desta santa Congregação*, que devo á sua bondade. Um quadro representando a cabeça.

[2] D. José Barbosa *Elogio do Padre Antonio dos Reis*—Barbosa *Bibliotheca Lusitana*—O reverendo Antonio José da Rosa Torres *em memoria*, que me deu, *das entradas e obitos dos filhos desta santa Congregação*. Um retrato de meio corpo.

[3] Francisco de Santa Maria *Anno Historico*—D. José Barbosa *Elogio do Padre Antonio dos Reis*—O reverendo Antonio José da Rosa Torres *em memoria*, que me deu, *das entradas e obitos dos filhos desta santa Congregação* Um quadro representando a cabeça.

[4] *Visitações dos Prelados da Congregação de S. João Evangelista desde* 1699 a 1732; *Collecção de Inquirições e Ingressos incorporada nas Actas Capitulares desta santa Congregação de* 1577 *a* 1712 (orig. do Archivo Nacional)—O reverendo José Rodrigo da Silva Conego do Evangelista e Abbade de Lobrigos *em memoria*, que me enviou pelo reverendo Francisco José da Silva Costa igualmente Conego do Evangelista. Dois retratos de meio corpo

de Setubal de 1708: falleceu no Mosteiro de Enxabregas, com grande desengano do mundo e conhecimento da hora extrema, em Abril de 1722.[1]

300.°

Reverendo Fr. JOÃO DE S. LORENÇO Religioso Menor.—Era natural da Marmeleira termo da Lourinhã, e filho de João Filippe e Leonarda Francisca: deu o seu nome á Ordem Serafica na Observancia dos Algarves, professando em Enxabregas a 11 de Dezembro de 1667: depois de seguir as escólas do Claustro, recebeu o santo *Socerdocio*, e foi leitor de theologia, qualificador do Santo Officio, examinador das Ordens Militares, Custodio do seu Monastico, e Provincial por motu proprio do 1.° de Junho de 1698: em 1700 votou no capitulo geral de Roma, e presidiu a conclusões, que defendeu o Padre Fr. Antonio dos Archanjos filho da mesma provincia, e que mais tarde foi Prelado maior della: morreu *Fr. João de S. Lorenço* em Enxabregas a 24 de Junho de 1723.[2]

301.°

Veneravel JOSÉ GOMES DA COSTA Clerigo Secular da Congregação da Missão.—Era natural de Moncorvo, e, passando a Roma nos fins do seculo xvii, lá abraçou o santo Instituto, que deve sua existencia a S. Vicente de Paulo: depois de obter as habilitações litterarias, subiu ao *Sacerdocio*; e, exercitando-se continuamente na pratica das virtudes mais sublimes com os veneraveis filhos daquelle Bemaventurado, se apresentou sôbre a Cadeira da verdade, como um varão digno de ser imitado pela santidade de sua vida, e pela palavra do Senhor, que annunciava com a doçura de um Anjo: dando passos agigantados no caminho da perfeição, foi eleito Superior da Casa, onde se dedicára a Deos, e depois a Santidade de Clemente XI, querendo propagar a santa Congregação da Missão, o enviou a Portugal para lançar os fundamentos da melhor e mais salutar de todas as instituições modernas: em 1713 chegou a Lisboa, e ElRei D. João V, para quem trazia recommendação do Santo Padre, lhe deu tão bem fundadas esperanças de protecção, que no anno seguinte voltou á capital do mundo Christão a buscar companheiros; e com elles tornou em 1716: houve por compra uma quinta no sitio de Rilhafolles desta cidade para erigir Mosteiro (onde mais tarde foi Seminario de virtudes, e hoje é hospital de doidos!); porém suscitando-se difficuldades, que nas obras de Deos os governos costumam sempre levantar, sairam de Lisboa para Italia os companheiros, ficando apenas com elle o Padre José Jofreo Catalão e o irmão coadjutor Marquisio: o veneravel Padre *José Gomes da Costa* falleceu em 1725, ficando incompleta a sua obra: entretanto approvada a Santa Congregação pela Bulla *Solvetoris Nostri* do Santo Padre Urbano VIII, em data de 12 de Janeiro de 1632, e, tendo-se celebrado por diligencia do Padre Jofreo a festa da Canonisação do Santo Fundador em 1738, ElRei deo licença e auxilio para o estabelecimento, vindo Padres de Italia, França e Catalunha.[3]

302.°

Veneravel Fr. AGOSTINHO DE SANTA MARIA Eremita de Santo Agostinho.—Era natural de Estremoz, onde nasceo a 28 de Agosto de 1642 filho de Antonio *Freire* e de Catharina Gomes: abraçou o Instituto Augustiniano reformado, professando no Mosteiro do Monte Olivete de Lisboa a 19 de Dezembro de 1660, tendo recebido o habito a 18 daquelle mez do anno antecedente na Igreja das Religiosas da sua Recoleição em Enxabregas, assistindo a Rainha e Senhora D. Luiza fundadora desta santa Casa: fez os seus estudos em Evora com proveito, e adiantou muito na virtude, pelo que mereceu o santo *Sacerdocio*: foi Prior do Mosteiro de Evora, Secretario, Definidor (tres vezes), Chronista e Vigario Geral da Congregação; e exercia este ministerio em 1682: teve devoção especial á Santissima Virgem, e em seu obsequio dedicou a maior parte de suas lucubrações: depois de uma vida toda occupada utilmente no serviço da Religião e das letras, acabou piamente a 2 de Abril de 1728: de seus estudos deixou differentes escriptos em ascetica e em historia, de que lembrarei a *Celeste e Devota Filoteo*, e o *Sanctuario Mariano*.[4]

303.°

Reverendo ANTONIO DA CONCEIÇÃO Conego Secular do Evangelista.— Nasceu em Arrayolos filho de Christovão do *Soveral Neto*, procurador em côrtes por essa villa em 1668, e de sua mulher D. Marianna Mousinho do Valle: teve irmão Balthazar Mousinho do Valle, procurador em côrtes por Arrayolos em 1696 e capitão-mór desta villa desda 20 de Maio de 1718, que teve descendencia actual-

[1] Fr. Jeronymo de Belem *Memorias da Santa Provincia dos Algarves* (ms. do Archivo Nacional), e *Chronica Serafica*. Um retrato de meio corpo.

[2] Fr. Jeronymo de Belem *Memorias da Santa Provincia dos Algarves* (ms. do Archivo Nacional), e *Chronica Serafica*. Um retrato de meio corpo.

[3] D. Jeronymo da Cunha *Compendio da Vida, Virtudes, Milagres e Obras Prodigiosas de S. Vicente de Paulo*.— O reverendo Domingos José Henriques filho da santa Congregação da Missão *em carta de 26 de Abril deste anno* (1853). Um retrato de meio corpo.

[4] *Livro das Professões do Convento de Nossa Senhora da Conceição de Enxabregas*, e *Alphabeto dos Religiosos Agostinhos Descalços* (mss., e aquelle original, do Archivo Nacional)— Barbosa *Bibliotheca Lusitana*. Um retrato de meio corpo.

mente extincta: no seculo se chamou *Antonio do Casal Neto*, e pela profissão religiosa ficou sendo *Antonio da Conceição:* aceito na Congregação dos Bons-homens de Villar de Frades, se lhe tiraram inquerições, porque ficou admittido desde 28 de Fevereiro de 1678, e vestiu a murça em 28 de Maio seguinte: fez os estudos no seu Claustro com muito proveito, de modo que o receberam entre os professores delle; tomou a Sagrada Ordem *Sacerdotal*, e mais tarde foi eleito Prelado maior da sua Congregação em 1727, em que o contaram pelo quinquagesimo nono Geral: estava no exercicio deste ministerio, visitando, em 25 de Novembro do anno seguinte[1]: não me consta se sobreviveu muito a esta epoca.

304.°

REVERENDO FR. LOURENÇO DE S. LOURENÇO CARDEAL DA SANTA IGREJA ROMANA.—Nasceu em S. Lourenço de Grotta da Diocese de Monte Fiescone, junto ao lago Volsiniense na Italia, a 31 de Março de 1651, filho de Lourenço *Cozza* e de Luiza Valerio, e no baptismo lhe chamaram *Simão*, que com o appellido de seu pae substituiu no Claustro pelo nome do *Fr. Lourenço de S. Lourenço:* abraçou o Instituto Serafico no Mosteiro da Santissima Trindade de Orvieto, donde em 1671 passou a estudar philosophia no de Caprarola, e depois theologia no de *Aracœli* de Roma: desde 1675 ensinou philosophia no Mosteiro de S. Diogo de Napoles por tres annos, e ordenado de *Sacerdote* exerceu em Viterbo e em Roma o magisterio da sagrada theologia; por este tempo se apresentava um varão illustre na sciencia, piedade e virtudes, que sempre cultivára, e de que continuou dando salutar exemplo. Foi Guardeão de Viterbo, e passando em 1694 a Roma, foi eleito Definidor da Provincia Romana, e Visitador da Bosnia e da Dalmacia, donde estava de volta em 1696; um anno passou entregue sem estôrvo aos estudos severos, e ainda bem não estava acabado, o mandaram visitar a provincia de Milão; e logo depois deste ministerio o fizeram Prelado do Mosteiro de *Aracœli:* findo o triennio, voltou aos trabalhos litterarios, que lhe produziram as *Vindiciae Areopagiticae*, e os *Commentaria Historico-Dogmatica ad Librum de haeresibus Sancti Augustini:* depois da publicação do primeiro desses escriptos foi eleito consultor da congregação do Indice, e, no fim da do outro, Prelado da Provincia Romana em 1701, e qualificador da Inquisição: do Mosteiro de S. Bartholomeu da Insua de Roma, que escolhêra para residencia, o tiraram para Guardeão da Terra Santa; lá compoz as differenças, que havia entre os Catholicos do Monte Libano, e, na qualidade de Vigario Apostolico, restituiu a sua Igreja o Patriarcha Antiocheno Jacob Pedro, que os Maronitas haviam deposto; com a prudencia e caridade de um varão santo, pôde restabelecer a concordia, e tirar os menores receios de scisma; e conseguiu a união do Patriarcha Grego de Alexandria Samuel Capasulischio com a Santa Sé, depois de o levar á abjuração de seus erros: cada vez mais admirado pela Santidade de Clemente XI, e recebendo os maiores louvores da congregação de *Propaganda Fide*, por esta foi chamado a Roma; estando de volta em 2 de Agosto de 1715, o Santo Padre o nomeou Vice-Commissario Geral da Ordem Serafica da Observancia; e seu successor Ignacio XIII o fez examinador do Clero Romano, e concorreu para que em 1723 fôsse eleito Geral da Ordem: subindo á Cadeira de S. Pedro a Santidade de Bento XIII nomeou em 9 de Dezembro de 1726 a *Fr. Lourenço de S. Lourenço* Cardeal *Presbytero* de Santa Maria de *Aracœli*, e o adjudicou ás congregações do Santo Officio, Bispos e Regulares, Indice, Indulgencias, Ritos e Propaganda; pouco tempo gosou da nova dignidade, porque atormentado com molestias adquiridas no serviço da Igreja de Deos, passou desta vida com bôa opinião em 18 de Janeiro de 1729, e foi sepultado no Mosteiro de S. Bartholomeu da Insua: de suas lucubrações, além das mencionadas obras, deixou outras, entre as quaes não é inferior a *Historia Polemica Scismatis Graecorum.*[2]

305.°

REVERENDO FR. GREGORIO SELLERI CARDEAL DA SANTA IGREJA ROMANA.—Nasceu em Penicale, territorio de Perugia na Italia, a 12 de Julho de 1654: Deos o dotou de talento, que elle fez diligencia por cultivar, e de santas inclinações, com que amou e praticou a virtude desde menino: emittiu os votos solemnes na Religião Dominicana, e entregando-se ao estudo veio a ser um dos primeiros escolasticos de sua idade, habil nas subtilesas methaphisicas e sequaz da doutrina Thomistica; mereceu grande conceito de sciencia no seu Claustro, e pela virtude, mesmo fóra delle: subiu ao *Sacerdocio*, foi professor de theologia, secretario da congregação do Indice, consultor das outras de Indulgencias, da Beatificação e Canonisação dos servos de Deos, e da Inquisição, mestre do Sacro Palacio Apostolico, e Confessor do Santissimo Padre Clemente XI. Na sexta promoção Cardinalicia da Santidade de Bento XIII, em 9 de Dezembro de 1726, entrou com Fr. Lourenço de S. Lourenço no número dos *Presbyteros* Purpurados; mas só se publicou o seu nome nesta qualidade, e com o titulo de Santo Agostinho, em 30 de Abril de 1727: o mesmo Santo Padre o adjudicou ás congregações do Santo Officio, Bispos e Regulares, Concilio Tridentino, Indulgencias e Indice; mas ainda não passava um anno depois da declaração, quando o roubou a morte em 30 de Maio de 1729 com setenta e quatro annos, dez mezes e dezenove dias de idade; e se lhe deu sepultura no Mosteiro de Santa Maria sôbre Minerva.[3]

[1] *Collecção de Inquirições dos Conegos Seculares do Evangelista; Visitações dos Prelados desta Congregação de* 1699 a 1732; e *Ingresso feito em* 1704 *incorporado nas Actas Capitulares de* 1077 a 1718 (orig. do Archivo Nacional)—O Sr. João Boto Cavalleiro Lobo de Abreu *em carta de* 18 *de Outubro de* 1852. Um retrato de meio corpo.

[2] Moreri *Diccionario*—Guarnacci *Vitae et Res Gestae Pontificum Romanorum et S. R. E. Cardinalium.* Um retrato de meio corpo.

[3] Moreri *Diccionario*—Guarnacci *Vitae et Res Gestae Pontificum Romanorum et S. R. E. Cardinalium.* Um retrato de corpo inteiro.

306.°

REVERENDO FR. ANTONIO DE SANTA CLARA EREMITA DE SANTO AGOSTINHO.—Nasceu na Freguezia de Santo Estevão de Alfama em 12 de Agosto de 1676, filho de Luiz de *Goes* e Joanna Tavares: entrou no Ermo Augustiniano reformado em 14 de Abril de 1692, e emittiu os votos solemnes a 16 desse mez do anno seguinte no Mosteiro do Monte Olivete: feitos os estudos claustraes, foi nomeado Mestre, e, tendo lido philosophia e theologia, conseguiu a sua jubilação; antes disso tinha subido ao santo *Sacerdocio*, e depois foi Prior dos Ermos de Santarem em 1705, e do Monte Olivete anterior a 7 de Junho de 1708 até depois de 25 de Outubro de 1711: desde antes de 18 de Julho de 1713 exerceu o ministerio de Vice-Vigario Geral, e suas memorias continuam até 10 de Fevereiro de 1715: passando mais tarde a Roma, conseguiu graça dos Summos Pontifices Clemente XI, Innocencio XIII e Bento XIII, de quem foi theologo no Synodo Romano; e havia sido eleito Bispo de Tagaste, mas não chegou a ser consagrado: se essa eleição foi pela Santa Sé, e elle a recusou por caprichos nacionaes em fôrça das constestações, que então havia da parte de Portugal, não tenho motivos para o louvar; e se por causa dessas, e por ordem da côrte, como quiz o Abbade Barbosa, se separou da capital do mundo Christão, faltam as fôrças para me conter de lançar um stygma sôbre sua memoria, porque elle era *Sacerdote*, e como tal devia seguir a Pedro, e não a Cesar[1]: como quer que seja, saindo de Roma enfermou no Ermo Observante de Nossa Senhora do Populo de Sevilha, lá morreu em 1730, e Deos teria compaixão de sua alma: deixou memoria de seus estudos nas *Reflexões sôbre o juramento, que solemnemente se fez no Real Convento de Santa Cruz de Coimbra dos Conegos Regulares de Santo Agostinho em 8 de Abril de* 1720, *promettendo defender a Bulla* Unigetinus, *expedida pela Santidade de Clemente XI em Portuguez e Italiano.*[2]

307.°

REVERENDO FR. JOSÉ DA GRAÇA EREMITA DE SANTO AGOSTINHO.—Nasceu em 19 de Março de 1668 na Parochia de Nossa Senhora da Graça de Evora, filho de Manoel Fernandes e Maria Rodrigues: entrou no Ermo Augustiniano Descalço do Monte Olivete de Lisboa, e professou em 29 de Maio de 1689: depois de haver feito os estudos Monasticos, subiu ao *Sacerdocio*, e tendo consagrado seus dias ao serviço da Religião, e vivido exemplarmente, foi nomeado Definidor geral Apostolico; e do exercicio deste ministerio achei vestigios nos monumentos da Congregação pelos annos de 1713, 1714 e 1715, durante o governo de Fr. Antonio de Santa Clara como Vice-Vigario Geral: depois elle mesmo presidiu aos Augustinianos Descalços como Vigario Geral[3], sem que eu saiba o anno, nem outra noticia de sua vida; mas presumo, que talvez durasse até 1730.

308.°

REVERENDO FRANCISCO XAVIER CLERIGO SECULAR DA CONGREGAÇÃO DO ORATORIO DE JESUS CHRISTO.—Era natural de Lisboa e filho de Domingos João e Domingas Pedrosa: abraçou o Instituto Oratoriano em 26 de Abril de 1688, e feitos com proveito seus estudos, foi elevado á dignidade do *Sacerdocio*, leu philosophia e theologia, e se entregou com desvélo ao santo Ministerio do Pulpito: a Inquisição o tomou para seu qualificador, e seus irmãos o fizeram Proposito da Casa do Espirito Santo de Lisboa duas vezes, e uma na de Estremoz: e nesta morreu com bôa opinião em 6 de Novembro de 1732: de suas lucubrações deixou escriptos polemicos e paraneticos.[4]

309.°

REVERENDO MANOEL DE PINA CLERIGO SECULAR DA CONGREGAÇÃO DO ORATORIO DE JESUS CHRISTO.—Era natural de Lisboa e filho de João de *Pina* e Martha da Rosa: vestiu a roupeta de S. Filippe Nery em 19 de Março de 1674: feitos os necessarios estudos subiu ao santo *Sacerdocio;* foi varão exemplarissimo, dedicado á piedade e ao estudo da poesia e erudição sagrada: em 5 de Dezembro de 1723 o elegeram Proposito da casa do Espirito Santo; e nella acabou em 14 de Dezembro de 1732, passando

[1] Foi effectivamente em fôrça de resolução do desembargo do paço de 18 de Outubro de 1728, que declarou desnaturalisados os Regulares Portuguezes, que não saíssem de Roma, e dos dominios temporaes de Sua Santidade até 5 de Janeiro do anno seguinte. *Fr. Antonio de Santa Clara* era Catholico e Ministro da Religião do *Jesus Christo*, e nessa hypothese, devia antes soffrer o exilio, do que prestar obediencia ás impias doutrinas do regalismo, que já por então valiam muito nesta infeliz terra. O acto do governo de 5 de Julho desse anno, e aquella resolução, manifestam o alto incremento, que nesta época aquella infame seita havia tomado: em tal tempo, a meu juiso, a novidade dos factos (e o estrondo de similhantes documentos o inculca) importa mais alguma cousa, porque revéla a pretenção do deismo, que tentava guerrear as crenças; mas não se atrevia a largar a máscara, por isso se acobertava com o manto da heresia. A entidade *Summo Pontifice* é de tal ordem, segundo firmamente penso, que a separação della a respeito de quem recebeu o baptismo, não importa só o scisma e a heresia, porém mais alguma cousa, a descrença de todo o principio religioso positivo: talvez me não custe muito prova-lo.

[2] *Livro das profissões do Convento de Nossa Senhora da Conceição de Enxabregas*, e *Alphabeto dos Religiosos Agostinhos Descalços* (ms. do Archivo Nacional, sendo aquelle autographo)—BARBOSA *Bibliotheca Lusitana*—FR. LUIZ DE JESUS *Historia Miscellanea*. Um retrato de corpo inteiro, e outro de meio corpo.

[3] *Livro das Profissões do Convento de Nossa Senhora da Conceição de Enxabregas*, e *Alphabeto dos Religiosos Agostinhos Descalços* (ms. do Archivo Nacional, sendo autographo aquelle). Um retrato de meio corpo.

[4] BARBOSA *Bibliotheca Lusitana*—O Reverendo Padre ANTONIO JOSÉ DA ROSA TORRES *em memoria*, que me deu, *das entradas e obitos dos filhos desta santa Congregação*. Um retrato de meio corpo.

deste mundo com saudade de todos pelas suas virtudes, entre as quaes sobresahia a caridade: deixou de seus estudos o *Officium S. Philippi Nerii Confessoris;* e as *Concordantiae Breviarii Romani.*[1]

310.°

Reverendo Fr. FRANCISCO DO ROSARIO Religioso Menor.—Era natural de Veiros e filho de Manoel Fragoso e Maria Gomes: deu o nome á Ordem Serafica professando no Mosteiro de Portalegre da Provincia Observante dos Algarves em 31 de Março de 1675: seguiu os estudos Claustraes, recebeu o santo *Sacerdocio*, foi lente de theologia e jubilou: a Inquisição o fez seu qualificador em 3 de Agosto de 1706, a Mesa da Consciencia examinador das Ordens militares, e o Prelado Olisiponense lhe cometteu a approvação do Clero do seu Arcebispado: na Provincia teve os ministerios de Guardeão do collegio de Coimbra, de Custodio (duas vezes), e na última foi votar ao capitulo geral do Milão em 1729, tendo antes sido eleito Prelado maior da provincia em 19 de Fevereiro de 1718: falleceu no Mosteiro de Enxabregas em 24 de Janeiro de 1733.[2]

311.°

Reverendo MANOEL PEREIRA DA SILVA LEAL Clerigo Secular.—Nasceu em Lisboa a 6 de Abril de 1694 filho de *Manoel Pereira Leal* e de Filippa Baptista da Silva: recebeu o habito da Ordem Militar de *Christo* em 2 de Maio de 1708, da mão do Padre Fr. Bernardo Lobo Prior do Convento de Nossa Senhora da Luz; e, havendo estudado philosophia no collegio de Santo Antão de Lisboa, e defendido em todos os tres annos do curso conclusões públicas com applauso, a 4 de Abril de 1714 obtevo o grão de mestre em artes na universidade de Coimbra, e mais tarde, a 29 de Julho do 1717, a borla doutoral em Canones: seguiu a vida Ecclesiastica, para que sua vocação o levava, e tendo recebido a sagrada Ordem de *Presbytero*, a Santidade de Clemente XI o nomeou Protonotario Apostolico, e a Santidade de Innocencio XIII o proveu em beneficios das Igrejas de S. João de Abrantes, Santa Maria de Alcaçova, S. Thiago de Evora, Santo Estevão de Alonquer, S. João e Santa Justa de Coimbra, e S. Julião de Lisboa: foi deputado da Inquisição, e um dos cincoenta membros da Academia Real de Historia Portugueza em 1721, entre os quaes lhe coube escrever as *Memorias Ecclesiasticas da Diocese de Guarda:* em 31 de Janeiro de 1724 recebeu a becca do collegio de S. Pedro naquella universidade; e a 13 de Janeiro de 1730 começou a reger Cadeira nos geraes da mesma com grande credito: pouco lhe durou depois a vida porque falleceu em 22 de Outubro de 1733, depois de uma penosa enfermidade, que soffreu com muita paciencia: de suas vigilias deixou memoria em differentes escriptos academicos, de que não é inferior a *Dissertação Exigetica Critica,* na qual provou a falsidade do supposto primeiro Synodo Bracharense.[3]

312.°

Reverendo RAFAEL BLUTEAU Clerigo Regular da Divina Providencia.—Nasceu em Londres a 4 de Dezembro de 1640 de uma familia illustre de Dijon na Borgonha, filho de João *Bluteau de Bellombre*, trinchante da Rainha Henriqueta Maria de França mulher de Carlos I Rei de Inglaterra, e de sua mulher Maria Felix de Belloeil; e teve irmãs a Baroneza de Calonges mulher do Barão deste titulo, e Sor Augelica Monja Benedictina: quando a Rainha Henriqueta em 1644 saíu de Inglaterra pelas perseguições contra os Catholicos e desordens desse reino, voltaram seus paes com esta Princeza, e fixaram sua residencia em París: principiou elle seus estudos no collegio *de la Fleche;* e foi vestir a roupeta de S. Caetano á Casa de S. Miguel de Florença, onde professou a 29 de Agosto de 1661: cursou philosophia em Verona, theologia em Roma, e depois em París, e lá concluiu sua Ordenação, recebendo o santo *Sacerdocio:* em 1664 já era Prégador de bom nome, e conhecido pelas suas applicações em differentes ramos da sciencia, ainda nas exactas e naturaes; e por esse tempo a Rainha Henriqueta o nomeou Prégador ordinario da sua Capella. Veio depois a Portugal recommendado por aquella Princeza, e chegou a Lisboa em 26 de Junho de 1668: nesta capital exerceu com grande applauso o Ministerio do Pulpito, e a Inquisição o nomeou seu qualificador em 7 do Janeiro de 1676: escolbido pela nossa côrte para em companhia de Duarte Ribeiro de Macedo negociar o casamento da Princeza, então herdeira da corôa, D. Isabel Josepha, com o Principe Victor Amadeo de Saboia, foi com o ministro até Alicante, e por elle ahi morrer em 10 de Julho de 1680, continuou a viagem para Turim, e lá abriu os preliminares da negociação, desenvolvendo a sua grande capacidade; mas, sendo enviado para concluir o, que elle principiára, Francisco Pereira da Cunha, obteve licença para regressar: chegando a París foi eleito Proposito de Santa Anna a *Real* dessa cidade; donde posteriormente tornou á nossa capital, o os Padres da Divina Providencia o elegeram Procurador Geral: depois o governo o encarregou de explorar minas de prata, que se dizia existirem na provincia de Traz-os-montes; porém nada lá encontrou. Em 1715 recaiu nelle a escolha de Proposito dos Regulares de S. Caetano de Lisboa; e, mais tarde, creada a Academia Real de Historia, foi

[1] Barbosa *Bibliotheca Lusitana*—*Memorias da Congregação do Oratorio* (entre os mss. avulsos da Bibliotheca Nacional)—O Reverendo Antonio José da Rosa Torres *em memoria*, que me deu, *das entradas e obitos dos filhos desta santa Congregação*. Um retrato de meio corpo, e um quadro representando a cabeça.

[2] *Secreto do Conselho Geral do Santo Officio, Inquirições* m. 121 n. 1817—Fr. Jeronymo de Belem *Memorias da santa Provincia dos Algarves* (ms. do Archivo Nacional), e *Chronica Serafica*. Um retrato de meio corpo.

[3] Antonio da Silva Sampaio *Elogio Funebre do Doutor Manoel Pereira da Silva Leal*—Barbosa *Bibliotheca Lusitana*. Um retrato de meio corpo sem nome.

contado entre os seus membros do número: passou desta vida, acreditado por varão pio e estudioso, em 13 de Fevereiro de 1734, deixando entre outras obras de merecimento o *Vocabulario Portuguez-Latino*.[1]

313.°

Reverendo Fr. MANOEL DOS REMEDIOS Religioso Menor. — Era natural de Figueiro dos Vinhos e filho de Domingos Simões e Domingas Lopes: deu o seu nome ao Instituto Serafico professando no Mosteiro de Extremoz da santa Provincia dos Algarves em 11 de Setembro de 1684: seguiu as escolas da sua Religião, foi elevado ao *Sacerdocio*, e nomeado Prégador: occupou os ministerios de Guardeão dos Mosteiros do Crato, Estremoz e Enxabregas, de Secretario, e Provincial eleito no capitulo de Setubal a 24 de Janeiro de 1711; e, sendo depois Custodio, votou no capitulo geral em Roma, e nelle saiu Definidor Geral de toda a Ordem Serafica: foi além disso Visitador do Seminario do Varatojo, da Provincia de Portugal, e de outras de Castella: conclue-se disto, que elle era um Religioso de certa importancia na sua Ordem, mas talvez de genio inquieto, porque se lhe attribuiram desavenças no Monastico, a que pertencia: falleceu no Mosteiro de Enxabregas a 21 de Dezembro de 1734.[2]

314.°

Reverendo Fr. DOMINGOS DE S. THOMAZ Eremita de Santo Agostinho. — Era natural de Cascaes e filho de João de *Pontes* e de Isabel Martins: entrou no Ermo Augustiniano Descalço, e emittiu os votos solemnes no Mosteiro de Nossa Senhora do Monte Olivete em 29 de Dezembro de 1680: frequentou as escolas Monasticas, e depois de habilitado com ellas recebeu o santo *Sacerdocio*; exerceu com piedade o Augusto Ministerio do Altar, foi o decimo setimo Prior do Mosteiro de Nossa Senhora da Piedade em 1702, e, posteriormente, depois do anno de 1715, Vigario Geral da Congregação[3]; mas não sei fixar a época, nem me consta outra noticia de sua pessoa, senão, que entre os Prelados maiores dos Augustinianos Descalços de Portugal, foi um dos, que mereceram a fama posthuma de costumes exemplares, e me parece que sua morte não foi anterior ao anno de 1735.

315.°

Reverendo ANTONIO DE FARIA Clerigo Secular da Congregação do Oratorio de Jesus Christo. — Era natural de Lamego e filho de Manoel Cardoso de *Faria* e Isabel Monteiro: dotou-o Deos de grande inclinação para as letras e para a piedade: depois de fazer seus estudos com grande distincção, se recolheu á Serra da Arrabida para viver separado do mundo, e lá esteve alguns annos fazendo ásperas penitencias, e dando passos agigantados no caminho do Céo; mas Nosso Senhor o chamou da contemplação ao serviço activo da Igreja na Congregação do Oratorio, e nella entrou em 15 de Agosto de 1681: entregou-se com assiduidade aos exercicios escolasticos, lendo com applauso philosophia e theologia, e á salvação do proximo, porque se desvelava, tratando della por meio de santos conselhos no Tribunal da Penitencia, e junto do leito dos enfermos: foi um *Sacerdote* exemplar, e tão respeitado por suas letras e virtudes, que era geralmente consultado: a Congregação o escolhen tres vezes para Proposito da Casa do Espirito Santo, sendo a primeira em 5 de Dezembro de 1705; e fóra deste ministerio occupou dignamente o de deputado da junta das Missões, e examinador Synodal do Arcebispado de Lisboa: sua vida, toda cheia de merecimentos se dilatou até 21 de Janeiro de 1737, em que falleceu, deixando de suas vigilias memoria em differentes escriptos de poesia latina, e n'outras linguas, e fora desses no *Sermão* pregado pela morte da Rainha e Senhora D. Maria Sophia.[4]

316.°

Reverendo ANTONIO DOS REIS Clerigo Secular da Congregação do Oratorio de Jesus Christo. — Nasceu em Pernes a 23 de Setembro de 1690, filho de Antonio Cardoso e Anna dos *Reis*: Deos o dotou de prodigioso talento, que principiou a desenvolver nos primeiros estudos com admiração dos Padres da santa Companhia seus mestres: recebeu a roupeta de S. Filippe Nery em 31 de Julho de 1707, e no Claustro se entregou sem reserva ao estudo das sciencias e das letras, e a cultivar a virtude, que abraçára desde menino, por modo que saiu bom theologo e insigne em eloquencia, poesia e nas linguas Latina, Castelhana, Franceza, Italiana e Ingleza, e mereceu o santo *Sacerdocio*: em 22 de Maio de 1723 foi eleito professor de theologia moral, e leu com tão grande applauso, quanta admiração causava no

[1] *Secreto do Conselho Geral do Inquisição, Inquerições* m. 1. n.° 14 (orig. do Archivo Nacional) — D. Thomaz Caetano de Bem *Memorias Historicas Chronologicas da Sagrada Religião dos Clerigos Regulares*. Dois retratos de meio corpo, e um delles sem nome.

[2] Fr. Jeronymo de Belem *Memorias da Santa Provincia dos Algarves* (ms. do Archivo Nacional), e *Chronica Serafica*. Um retrato de meio corpo.

[3] *Livro das Profissões do Convento de Nossa Senhora da Conceição de Enxabregas*, e *Alphabeto dos Religiosos Agostinhos Descalços* (mss. do Archivo Nacional, sendo aquelle autographo) — Fr. Luiz de Jesus *Historia Miscellanea*. Um retrato de meio corpo.

[4] Barbosa *Bibliotheca Lusitana* — O Reverendo Antonio José da Rosa Torres *em memoria*, que me deu, *das entradas e obitos dos filhos desta santa Congregação*. Um quadro representando a cabeça.

Pulpito: recusou a Mitra de Peking, e o governo da Metropole Bracharense, por morte do Arcebispo Rodrigo de Moura Telles: era consultado em negocios graves pela corôa, que muito fiava de seu saber e virtude; exerceu com bom desempenho os empregos de qualificador do Santo Officio, examinador das Ordens Militares e Synodal do Patriarchado, consultor da Bulla da Cruzada, chronista geral de todas as Congregações do Oratorio, e do reino na lingua Latina; porém, mais se distinguiu nas palestras da Academia Real de Historia Portugueza, de que foi censor, e um dos mais dignos membros della: de sua piedade para com a Santissima Virgem, e do muito affecto á memoria de S. Filippe Nery, deu grandes mostras: acabou com signaes de predestinado em 19 de Maio de 1738, deixando de seus estudos bôa memoria em differentes escriptos, de que não tem o último logar os de ascetica e poesia.[1]

317.°

Reverendo MANOEL CAETANO DE SOUSA Clerigo Regular da Divina Providencia.—Nasceu em Lisboa a 25 de Dezembro de 1658, filho illegitimo de D. Francisco de *Sousa* capitão da guarda real Allemã, e irmão de D. Filippe de *Sousa*, que continuou a casa[2]: estudou philosophia no collegio de Santo Antão de Lisboa com o Padre Agostinho Lourenço; e, quando se preparava a frequentar a universidade, um sermão, que ouviu a seu mestre, o levou ao Claustro, deixando o mundo, vestindo a roupeta de S. Caetano no 1.° de Fevereiro de 1675, e emittindo com ella os votos solemnes em 13 de Junho do anno seguinte: continuou seus estudos, e mereceu por sua applicação ler philosophia desde 1685, e theologia desde 1689, do mesmo modo que pelas virtudes se tornou digno do santo *Sacerdocio*, que recebeu: foi depois nomeado examinador das Ordens Militares e do Priorado do Crato, consultor da Bulla da Cruzada, e assistiu, na qualidade de theologo, aos Nuncios Tanara, Cornaro (que ao diante foram Cardeaes), e ao bom Miguel Angelo Conti, que mais tarde a Igreja de Deos reconheceu successor de S. Pedro: a sua Congregação encontrando nelle um varão digno de a representar em Roma, porque era discreto, eloquente, e dotado de vasta erudicção sagrada e profana, o enviou ao capitulo geral de 1700: lá se deu a conhecer por um Ecclesiastico virtuoso e sabio, e tendo prégado de improviso na lingua Latina, conseguiu a admiração geral, e a Academia dos Arcades o recebeu em seu seio com o nome de *Telamo Anomio:* voltou á patria depois de ter visitado com piedade os Sanctuarios de Italia, e admirado os seus famosos monumentos em Roma, Assis, Florença, Veneza, Turim e Napoles: fez prelecções de philosophia moral com o titulo de *Academico Laborioso* na sociedade litteraria do Conde da Ericeira desde 2 de Junho de 1717, em que se erigiu; foi em 1720 eleito um dos primeiros socios da Academia Real de Historia, e em 15 de Novembro de 1721 Procommissario da Bulla da Cruzada: recusou a Mitra do Funchal, que ElRei D. João V lhe offereceu, por lhe consagrar tão grande estimação, como ElRei D. Pedro II seu pae, de quem o Padre *Sousa* foi visitado em sua propria cella. Devoto por extremo da Sacratissima Paixão de *Jesus Christo*, compoz um *Relogio* della; e, cheio de piedade para com a Santissima Virgem, lhe dirigia todos os dias fervorosas jaculatorias: com zêlo pela salvação das almas prégava e aconselhava, e com ardente caridade remediava os pobres, e assistia aos enfermos com pia dedicação: era paciente, parco e penitente, e deste modo se aproximou ao termo da vida mortal, passando no dia 18 de Novembro de 1738 á eternidade: deixou memoria de suas vigilias em grande número de escriptos, de que apenas referirei a *Expeditio Hispanica Apostoli S. Jacobi Majoris.*[3]

318.°

Reverendo MANOEL CONSCIENCIA Clerigo Secular da Congregação do Oratorio de Jesus Christo. —Era natural de Lisboa, e filho de João Soares *Consciencia* e de Barbara Soares: estudou direito civil na universidade de Coimbra, e lá tomou o grão de licenciado; e depois de receber o santo *Sacerdocio*, deixou o mundo entrando na Congregação do Oratorio em 2 de Fevereiro de 1698: todos os seus cuidados foram tratar da salvação do proximo, empregando nesse santo Ministerio grande zêlo já pelo Confessionario, já pelo Pulpito, e já pelas conferencias; e sua piedade, principalmente com a Santissima Virgem, não foi inferior a esse zêlo: o Prelado Olisiponense o nomeou examinador Synodal do Patriarchado, e a Inquisição seu qualificador; e elle exerceu com dignidade estes encargos: adiantando cada dia no caminho da perfeição, chegou ao termo da vida presente em 26 de Março de 1739, em que foi receber no Céo o premio de seus merecimentos: de seus estudos deixou memoria em differentes escriptos de que lembrarei, nos de ascetica, *A Mocidade Enganada e Desenganada; A Velhice Instruida e Destruida; Via Sacra;* e *Exercicio Affectuoso em obsequio de Christo Nosso Senhor como titulo de Bom Pastor;* e nos de historia, a *Vida de S. Filippe Nery.*[4]

319.°

Reverendo PEDRO ALVARES Clerigo Secular da Congregação do Oratorio de Jesus Christo.— Era natural de Lisboa, e filho de Domingos João e de Domingas Pedrosa, e irmão do Padre Francisco

[1] D. José Barbosa *Elogio do Padre Antonio dos Reis, recitado no paço em 3 de Junho de 1738* — Barbosa *Bibliotheca Lusitana*. Um retrato de meio corpo, e uma cabeça.

[2] Do qual é terceiro neto na varonia, e representante, o actual Duque de Palmella.

[3] Barbosa *Bibliotheca Lusitana* — D. Thomaz Caetano de Bem *Memorias Historicas Chronologicas da Sagrada Religião dos Clerigos Regulares*. Dois retratos de meio corpo, e um delles sem nome.

[4] Barbosa *Bibliotheca Lusitana* — O Reverendo Antonio José da Rosa Torres *em memoria*, que me deu, *da entrada e obitos dos filhos desta Santa Congregação*. Um quadro representando a cabeça.

Xavier, que tambem foi seu irmão no *Sacerdocio* e no habito: vestiu a roupeta de S. Filippe Nery em 4 de Dezembro de 1686: feitos os estudos Claustraes, foi eleito Mestre, e subiu ao *Sacerdocio:* regeu cadeira, occupou os cargos de qualificador da Inquisição, e examinador das Ordens Militares, e deu-se ao santo Ministerio do Pulpito, em que aproveitou pela eloquencia e piedade: falleceu em 29 de Dezembro de 1739, deixando de suas tarefas litterarias differentes escriptos polemicos, asceticos, paraneticos e historicos, de que lembrarei o *Chronicon Sacrum*, manuscripto[1], que talvez fôsse muito util publicar-se (existindo) pela sciencia e verdade, que caracterisaram o seu author.

320.°

Reverendo MANOEL RIBEIRO Clerigo Secular da Congregação do Oratorio do Jesus Christo. —Vestiu a roupeta de S. Filippe Nery em 26 de Maio de 1687; e depois dos estudos Claustraes foi eleito Mestre, e subiu ao santo *Sacerdocio:* regeu Cadeira, e exerceu com dignidade os cargos de qualificador do Santo Officio, para que a Inquisição o nomeou, de examinador Synodal do Arcebispado de Lisboa oriental, e das Ordens militares, deputado da Junta das Missões, e Proposito da Casa do Espirito Santo; e neste ministerio estava provido em 1738: sua vida se dilatou até 17 de Janeiro de 1740.[2]

321.°

Reverendo Fr. ANTONIO DA PURIFICAÇÃO Religioso Menor.—Era natural de Lagos e filho de Thomé Gonçalves de *Andrade* vedor geral do Algarve, e de Maria da Fonseca: estudou philosophia em Evora, e canones em Coimbra; abraçou o Instituto Serafico na Provincia Observante dos Algarves, e professou no Mosteiro de Enxabregas em 2 de Abril de 1695: depois de ter cursado com applauso as escolas do Claustro subiu á dignidade *Sacerdotal*, e foi eleito Prégador, e successivamente Commissario da Ordem Terceira de Enxabregas, Definidor, Visitador da Custodia de S. Thiago do Mosteiro da Ilha da Madeira, Visitador e Reformador Apostolico da Provincia Observante de Portugal: no capitulo de S. Francisco de Monte-mór o *novo* de 8 de Maio de 1728 o elegeram Prelado maior da sua Provincia; dahi a um anno foi votar ao capitulo geral de Milão; e em 13 de Fevereiro de 1742 passou desta vida com todos os signaes de predestinado, deixando com o nome supposto de *Fr. Jeronymo do Apocalypse* publicada sua defesa contra uma calumnia, levantada em nome de um secular.[3]

322.°

Reverendo Fr. ANTONIO DE S. THOMAZ Religioso Menor.—Era natural de Obidos e filho de Francisco da *Silva* e de Maria de Faria: abraçou o Instituto Serafico no Mosteiro recoleto do Bom *Jesus* de Peniche, pertencente a provincia Observante dos Algarves, professando em 13 de Junho de 1679: frequentou com proveito a philosophia e theologia, de modo que o escolheram para lente; subiu ao *Sacerdocio;* e foi qualificador do Santo Officio desde 18 de Dezembro de 1703, occupando por esse tempo o ministerio de Guardeão do collegio de S. Boaventura da sua Provincia em Coimbra, e regendo cadeira de theologia, em que jubilou: depois o nomearam examinador das Ordens militares e Synodal do Arcebispado de Lisboa, Custodio, e no capitulo de S. Francisco de Estremoz, de 30 de Novembro de 1720, Prelado maior da sua Provincia: falleceu no Mosteiro de Enxabregas a 10 de Abril de 1742, deixando de suas lucubrações: *Opusculum Syllogisticum Priorum; Posteriorum, Topicorum et Elenchorum Libros fideliter concludens, acutim que delucidans* manuscriptos).[4]

323.°

Reverendo IGNACIO DE SANTO ANTONIO Conego Secular do Evangelista.—Era natural de Braga e filho de Ignacio de *Sousa* e Magdalena da Silva: abraçou o santo Instituto de Villar de Frades entrando nelle em 28 de Abril de 1678, depois do se approvarem suas inquirições a 7 de Novembro do anno antecedente: seguiu as escolas do Claustro, e nellas se tornou digno da honra do Magisterio, que bem exerceu: foi elevado á dignidade *Sacerdotal*, e a Congregação o elegeu em 1740 Prelado maior, vindo a ser o Geral sexagesimo terceiro; os seus actos nessa qualidade correm nos monumentos deste Monastico ate 26 de Março de 1743[5]; mas desde então não encontrei noticias delle.

[1] Barbosa *Bibliotheca Lusitana*—O Reverendo Antonio José da Rosa Torres *em memoria*, que me deu, *das entradas e obitos dos filhos desta Santa Congregação*. Um quadro representando a cabeça.

[2] D. José Barbosa *Elogio do Padre Antonio dos Reis*—O Reverendo Antonio José da Rosa Torres *em memoria*, que me deu, *das entradas e obitos dos filhos desta Santa Congregação* Um quadro representando a cabeça.

[3] Fr. Jeronymo de Belem *Memorias da Santa Provincia dos Algarves* (ms. do Archivo Nacional), e *Chronica Serafica*—Barbosa *Bibliotheca Lusitana*. Um retrato de meio corpo.

[4] *Secreta do Conselho Geral do Santo Officio, Inquirições* m. 43 n. 1019 (orig. do Archivo Nacional)—Fr. Jeronymo de Belem *Memorias da Santa Provincia dos Algarves* (ms. do Archivo Nacional), e *Chronica Serafica*—Barbosa *Bibliotheca Lusitana*. Um retrato de meio corpo.

[5] *Collecção de Inquirições da Congregação de S. João Evangelista, e Livro de Visitações de* 1732 *até* 1780 (orig. do Archivo Nacional). Um retrato de meio corpo.

324.°

Reverendo Fr. FRANCISCO DE JESUS MARIA Religioso Menor.—Era natural de Peniche o filho de Manoel Martins *Figueira* e Mario *Figueiro*; professou o Instituto Serafico da Provincia Observante dos Algarves na Recoleição da sua potria a 30 de Julho de 1678: habilitado com os estudos convenientes subiu ao santo *Sacerdocio*, e o nomearam Prégador: foi Guardeão dos Mosteiros da Lourinhã, Villa-verdo e Castello de Vide, Mestre de Noviços, Visitador da Provincia de Portugal, Confessor das Religiosas do Mosteiro da Madre de Deos de Lisboa por vinte e oito annos, e Prelado maior da sua provincia duas veo aes, uma desde 21 da Setembro de 1724, e outra desdo 24 de Setombro de 1733: falleceu, no Hospicidaquello Mosteiro exercitando ainda o santo Ministerio de Confessor, em 25 do Abril de 1743, e foi sepultado no Igreja do mesmo Mosteiro am um carnoiro por baixo do Altar do Nossa Senhora.[1]

325.°

Reverendo Fr. DOMINGOS DA ESTRELLA Religioso Menor.—Era natural do Borba o filbo de Gaspar Rodrigues e Francisca da Silveira: abraçou o Instituto Serafico da Provincia Observante dos Algarves professando em 12 de Novembro do 1707 no Mosteiro de Portalegre: seguiu as escolas do seu Monastico, aprendendo e ensinando ate ser Leitor jubilado: recebeu o santo *Sacerdocio*, e fora do Claustro o nomearam qualificador do Santo Officio em 13 de Abril de 1731, examinador das Ordens Militares e consultor da Bulla da Cruzada; e na Provincia Guardeão do collegio do Coimbra, Custodio e Prelado maior desde 9 de Setembro de 1741: morreu em Euxabregas a 12 de Maio de 1745.[2]

326.°

Reverendo Fr. AGOSTINHO DE S. BOAVENTURA Eremita da S. Paulo.—Nasceu na villa da Alhandra da Diocese de Lisboa a 28 de Agosto de 1676, filho de Francisco de *Montoya e Araujo* o do Luiza de Sousa; professou o Instituto Eremitico na Serra de Ossa a 3 de Maio do 1696: feitos os estudos do Claustro com o proveito, que devia resultar de seu muito talento e applicação, subiu ao *Socerdocio*, leu philosophia e theologia, e prégou com eloquencia e piedade, de modo que se tornou um dos mais insignes Oradores Evangelicos: foi Reitor do seu Ermo de Evora, duas vezes Definidor, outras tontas Geral, eleito a primeira no capitulo de Lisboa de 20 do Maio de 1725, e a segunda no do Serra de Ossa do 13 de Junbo de 1734, o Chronista geral do toda o Ordem de S. Paulo; mas não pôde desempenhar este encargo: gosou o conceito do varão sabio, o praticou as virtudes com grande edificação; morreu em 9 de Julho de 1746, deixando de suas vigilias alguns escriptos.[3]

327.°

Reverendo JOSÉ BARBOSA Clerigo Regular da Divina Providencia.—Nasceu em Lisboa na Freguezia de Nossa Senhora da Conceição, a 23 de Novembro de 1674, e foi baptisado a 2 de Dezembro seguinte: era filho de João *Barbosa Machado* e de D. Catharina *Borboso*: aprendeu grammatica e lingua latina, poesia e rhetorica no collegio do Santo Antão; o abraçou o Instituto de S. Caetano, professando na Casa do Nossa Senhora da Divina Providencia em 8 de Dezembro de 1690, tendo vestido a roupeta em 6 desse mez do antecedente anno: concluidos os estudos Claustraes, subiu ao santo *Sacerdocio*, o desde logo começou a mostrar sua eloquencia e piedade, prégando as tardes da Quaresma do anno do 1702 em o Igreja do seu Mosteiro; continuando neste santo Ministerio veio a ser um dos melhores Oradores Sagrados do seu tempo, e o exerceu por quarenta o quatro annos: ElRei D. João V teve tanto prazer de ouvir o Sermão do Santo André Avelino na sua festividade do anno de 1713, que o nomeou logo chronista da casa de Bragança; e o Cabido de Lisboa, na célebre divisão das Dioceses em oriental e occidental, apesar da Casa de S. Caetano ficar dentro dos limites desta, a elle, e, por seu respeito, á sua Communidade, manteve na posse do subsidio, quo antes lhe dava pelos Sermões. Instituindo o Conde da Ericeira em sua casa a sociedade litteraria[4], a que se aggregaram os maiores talentos da capital, o Padre *Barbosa* foi escolhido para explicar *dendrologia*, e, apesar de estranha a seus estudos, se houve nos discursos de tal modo, quo fez a admiração dos consocios: creada a Academia Real de Historia Portugueza, entrou no número dos primeiros cincoenta socios, e na distribuição dos trabalhos lhe coube escrever a historia do Conde D. Henrique e de ElRei D. Affonso Henriques: desde essa era dividiu o seu tempo entre os deveres do *Sacerdocio*, do Pulpito e da Academia; e não foi elle dos meaos benemeritos desta. Não só pelas letras alcançou bom nome, mas pelas virtudes, porque se apresentou como um Religioso

[1] Fr. Jeronymo de Belem *Memorias da Santa Provincia dos Algarves* (ms. do Archivo Nacional), e *Chronica Serafica*. Um retrato de meio corpo.

[2] *Secreta do Conselho Geral do Santo Officio, Inquirições* m. 38 n. 077 (orig. do Archivo Nacional)—Fr. Jeronymo de Belem *Memorias da Santa Provincia dos Algarves* (ms. do mesmo Archivo), e *Chronica Serafica; Memorias do Mosteiro de Enxabregas* (entre os mss. avulsos do da Bibliotheca Nacional). Um retrato de meio corpo.

[3] Barbosa *Bibliotheca Lusitana*—*Livro de obitos do Convento do Santissimo Sacramento dos Paulistas de Lisboa, que servia em 1746* (orig. do Archivo Nacional). Um retrato de meio corpo.

[4] Terá tudo quanto quizerem de máo o reinado de D. João V, mas Portugal era feliz: a Nobreza não curava de regras politicas, desejava instruir, e *as suas associações eram litterarias*.

exemplar e pio; e, desse modo chegou ao termo da vida, tendo soffrido por tres annos uma palpitação de coração, em que so tinha algum allivio estudondo: falleceu em 6 de Abril de 1750 com a mais alta resignação, deixondo memoria de suas lucubrações em escriptos paraneticos, osceticos, historicos e poeticos, de que lembrarei o *Cathalogo Chronologico Historico Geneologico e Critico das Rainhas de Portugal e seus filhos*.[1]

328.°

Reverendo Fr. MANOEL DA EPIPHANIA Religioso Menor.—Era natural de Béja e filho de Thome Gonçalves *Arriscado* e do Catharina Carvalho: abraçou o Instituto Serafico na provincia dos Algarves; e, depois de ter seguido os estudos Claustraes, subiu ao santo *Sacerdocio*, foi leitor de theologia, Guardeão do collegio de Coimbra, e dos Mosteiros de Evora e Enxabregas, Definidor, Custodio da sua provincia, Visitador da de S. João Evangelista dos Açôres, e dos Religiosos da Terceira Ordem, e Prelado maior da Observancia dos Algarves eleito no capitulo de Monte-mór o *novo* em 19 de Agosto de 1747; e fóra do Claustro qualificador da Inquisição desde 11 de Maio de 1728, e examinador das Ordens Militares: em 1750 sendo Provincial foi votar ao capitulo geral de Roma celebrado em 16 de Maio desse anno; e é esta a ultima noticia, que delle tenho.[2]

329.°

Reverendo Fr. ANTONIO DOS ARCHANJOS Religioso Menor.—Era natural da Freguezia de Sant'Anna (hoje Nossa Senhora da Pena) de Lisboa e filho de Paschoal Dias e Domingas Antunes; professou o Instituto Serafico em Setubal no Mosteiro Observante da Provincia dos Algarves em 11 de Março de 1686; seguiu os estudos do Claustro, e mereceu o santo *Sacerdocio*: leu e obteve a jubilação: foi qualificador do Santo Officio, Definidor, Secretario da Provincia, Confessor dos Mosteiros de Religiosas de Santa Clara de Béja e de Evora, e das Flamengas de Lisboa, Guardeão do Mosteiro de Evora, e, por motu proprio da Santidade de Clemente XII, Provincial, de que se lhe passou patente em Madrid a 28 de Junho de 1737 publicada no Mosteiro capitular de Enxabregas a 14 de Setembro do mesmo anno: ainda vivia em 1750.[3]

330.°

Reverendo Fr. LOURENÇO DE S. THOMAZ Religioso Menor.—Era natural de S. Miguel do Machedo termo de Evora e filho de Pedro Marques e Brites Calado: abraçou o Instituto Serafico professando em 20 de Março de 1708 no Mosteiro da Messejana da Provincia Observante dos Algarves: seguiu com proveito os estudos Claustraes, recebeu o santo *Sacerdocio*, e o nomearam professor; regeu cadeira de theologia, e jubilou; a Inquisição o escolheu para seu qualificador, a sua Provincia o fez Prelado maior no capitulo de Enxabregas de 19 de Setembro de 1744, e a de Portugal lhe attribuiu os privilegios de seu ex-Provincial: ainda era vivo em 1750, e com isto terminam as noticias, que delle tenho.[4]

331.°

Reverendo Fr. JOSÉ DOS SERAFINS Religioso Menor.—Era natural de Palmella e filho de João Gomes *Cocho* e de Joanna Baptista: deu o seu nome ao Instituto Serafico professando no Mosteiro de S. Francisco de Sutubal da Observancia dos Algarves em 9 de Janeiro de 1702: seguiu as escolas do Claustro, foi elevado ao santo *Sacerdocio*, e nomeado Mestre em 1716: a Inquisição o escolheu para seu qualificador em 6 de Agosto de 1734, sendo lente de prima no collegio de S. Boaventura de Coimbra; a Mesa da Consciencia o chamou para examinador das Ordens Militares, e o tribunal da Bulla para seu theologo: em 19 de Outubro de 1737 obteve a sua jubilação no Magisterio, e em 16 de Janeiro de 1751 a sua Provincia o elegeu Prelado maior[5]: aqui terminam as noticias, que alcancei deste Religioso.

332.°

Reverendo MANOEL DE ALMEIDA DE CARVALHO Clerigo Secular.—Era natural da Freguezia de S. Jorge de Lisboa o filho de Antonio *de Almeida de Carvalho*: frequentou as escólas de direito na universidade de Coimbra, e nellas se graduou: levado pelos impulsos do suo inclinação recebeu o santo

[1] Barbosa *Bibliotheca Lusitana*—D. Thomaz Caetano de Bem *Memorias Historicas Chronologicas da Sagrada Religião dos Clerigos Regulares*. Um retrato de meio corpo.

[2] *Secreto do Conselho Geral do Santo Officio, Inquirições* m. 183 n. 1957 (orig. do Archivo Nacional)—Fr. Jeronymo de Belem *Chronica Serafica*. Um retrato de meio corpo.

[3] Fr. Jeronymo de Belem *Memorias da Santa Provincia dos Algarves* (ms. do Archivo Nacional), e *Chronica Serafica*. Um retrato de meio corpo

[4] Fr. Jeronymo de Belem *Memorias da Santa Provincia dos Algarves* (ms. do Archivo Nacional), e *Chronica Serafica*. Um retrato de meio corpo.

[5] *Secreto do Conselho Geral do Santo Officio, Inquirições* m. 88 n. 1309—Fr. Jeronymo de Belem *Memorias da Santa Provincia dos Algarves* (ms. do Archivo Nacional, sendo aquelle orig.); *Memorias do Mosteiro de Enxabregas* (entre os mss. avulsos da Bibliotheca Nacional). Um retrato de meio corpo.

Sacerdocio, e com elle seguiu a judicatura: havia entrado no serviço do Santo Officio em qualidade de familiar sendo estudante em 20 de Março de 1706, e mudou para deputado em 9 de Janeiro de 1720, depois de ter subido ao Altar: já, desde 20 de Outubro de 1715, era juiz geral das Ordens Militares, e, tendo entrado no desembargo de ElRei, chegou ao tribunal do paço, e foi membro da assembléa de Malta, do conselho da Rainha, e do geral da Inquisição: ultimamente Provisor-Vigario Geral do Isento do Priorado Portuguez da Ordem de S. João de Jerusalem [1], desde 1737 até 1752, em que morreu.[2]

333.°

REVERENDO FR. HENRIQUE DE SANTO ANTONIO EREMITA DE S. PAULO.—Nasceu em Cascaes a 11 de Setembro de 1682 filho de João *Armão* e de Marianna Marinho do Matta: abraçou o Instituto da Serra de Ossa entrando no Mosteiro do Santissimo Sacramento de Lisboa a 28 de Novembro de 1698, professando a 30 do dito mez no anno seguinte, e mudando o nome de *Manoel Armão* no de *Fr. Henrique de Santo Antonio*: frequentou os estudos Claustraes, subiu ao *Sacerdocio*, regeu cadeira de theologia até jubilar, pregou com acceitação, e foi qualificador do Santo Officio desde 15 de Janeiro de 1716, examinador Synodal do Patriarchado e das Ordens Militares, consultor da Bulla da Cruzada, Reitor do Mosteiro de Lisboa, chronista e duas vezes Geral da Congregação, uma eleito, e outra por *motu proprio* do Santo Padre Bento XIV: quando exercia pela segunda vez este ministerio, deu começo ao collegio de Coimbra, vencendo grandes difficuldades, e de ambas as vezes mostrou prudencia e zêlo: falleceu em 8 de Dezembro de 1753; e de seus estudos deixou memoria, além de outros escriptos, na *Chronica dos Eremitas da Serra de Ossa*[3] que não acabou.

334.°

REVERENDO FILIPPE NERY CLERIGO SECULAR DA CONGREGAÇÃO DO ORATORIO DE JESUS-CHRISTO.—Era natural de Lisboa e filho de Manoel *Ribeiro* e Josepha Maria: abraçou o Instituto Oratoriano em 15 de Agosto de 1700: tendo frequentado as escólas do Claustro com proveito, subiu ao santo *Sacerdocio*, e o escolheram para o Magisterio; e, mais tarde, em 5 de Dezembro de 1726, para Prefeito dos estudos da Casa do Espirito Santo: foi um dos bons Oradores Sagrados do seu tempo, e morreu no 1.° de Novembro de 1755, deixando memoria de suas vigilias em escriptos, do que a imprensa publicou o *Sermão* de acção de graças pela melhora de ElRei D. João V, prégado em 21 de Agosto de 1742.[4]

335.°

REVERENDO FR. ANTONIO DE S. JOÃO EREMITA DE S. PAULO.—Era filho illegitimo de ElRei D. Pedro II: abraçou o Instituto da serra de Ossa, e depois de feitos os estudos do Claustro subiu ao *Sacerdocio*: foi Religioso de exemplar vida e de costumes innocentissimos; e assim acabou na Casa capitular do seu Monastico em 22 de Abril de 1756: por descanço de sua alma se lhe cantou Missa e Officio, e se lhe rezaram cento e dez Missas.[5]

336.°

REVERENDO FR. MARTINHO DE S. JOSÉ RELIGIOSO MENOR.—Abraçou[6] o Instituto Seraphico na santa Provincia dos Algarves, e depois de habilitado pelos estudos Monasticos, subiu ao *Sacerdocio*, e

[1] As Ordens Militares conseguiram desde seu principio a jurisdicção Ecclesiastica nas terras, onde tinham a temporal, ficando immediatamente sujeitas a Sua Santidade como verdadeiro Prelado Ordinario dos fieis, que nellas habitavam. Estabelecida a de S. João de Jerusalem na Hespanha, formou todo este paiz, em rasão dessa Ordem, uma lingua, a que presidia um Prior; depois se fez uma divisão, em que Castella e Portugal fizeram Priorado á parte, e por fim se separaram, levantando-se aquella e este cada qual com seu Prior: no proprio seculo XII, em que ao principio se estabeleceu em Portugal esta Cavallaria Religiosa, houve um Prior Provincial, que mantinha a jurisdicção Ecclesiastica em todas as terras da obediencia temporal da mesma Cavallaria: assim continuou exercendo-se essa jurisdicção por Delegados, com o titulo de Provisores-Vigarios Geraes, até que o Santo Padre Pio VI lhes deu a dignidade Episcopal com o de Arcebispos *in partibus infidelium*. Tendo ElRei D. Sancho II dado á Ordem a villa do Crato com seu districto, lá se estabeleceu o Convento no Mosteiro de Nossa Senhora da Flor da Rosa, a residencia do Prior, e a cabeça do Isento; e dessa villa se chamaram os Priores e os Provisores-Vigarios Geraes. O primeiro Prior Provincial neste reino foi, em 1122, Fr. Martinho: no seculo passado, reinando D. Pedro II, a Santa Sé concedeu o Priorado, para apanagio dos filhos segundos, á serenissima casa Reinante; e foi entre esses primeiro Prior o Infante D. Francisco filho daquelle Monarcha: o último Provisor-Vigario Geral, simplesmente *Sacerdote*, foi Manoel Joaquim da Silva 1795, em que passou a ser o primeiro elevado á dignidade Pontifical com o titulo de Arcebispo de Adrianopoli por Benção Apostolica de 17 de Junho.

[2] *Secreto do Conselho Geral do Santo Officio, Inquirições* m. 62 n. 1274 e m. 85 das ditas n. 1817, e *Chanc. da Ordem de Christo*, liv. 99 fl. 91. (orig. do Archivo Nacional)—PEREIRA DE FIGUEIREDO *Luzitania Sacra*. Um retrato de meio corpo sem nome.

[3] *Secreto do Conselho Geral do Santo Officio, Inquirições* m. 1 n. 25—*Livro de obitos do Convento do Santissimo Sacramento dos Paulistas de Lisboa, que servia em 1753* (orig. do Archivo Nacional)—BARBOSA *Bibliotheca Luzitana*. Um retrato de corpo inteiro, e outro de meio corpo.

[4] BARBOSA *Bibliotheca Luzitana*—*Memorias da Congregação do Oratorio* (entre os mss. avulsos da Bibliotheca Nacional)—O Reverendo ANTONIO JOSÉ DA ROSA TORRES *em memoria*, que me deu, *das entradas e obitos dos filhos desta Santa Congregação*. Um quadro representando a cabeça.

[5] *Livro dos obitos do Convento do Santissimo Sacramento dos Paulistas de Lisboa* (orig. do Archivo Nacional). Um retrato de corpo inteiro.

[6] Supponho, que é o proprio *Martinho de Moura* natural de Alpalhão e filho de André de *Moura* e Catharina Dias, que recebeu o habito no Mosteiro de Enxobregas em 6 de Maio de 1695, mas não o affirmo.

o elegeram Prégador; jubilado no ministerio do Pulpito, era em 1739 Guardião do Mosteiro de Setubal, e o foi successivamente dos outros do Estromoz e Enxabregas: seguiu occupando os cargos de Secretario e Definidor; e, sendo Commissario Delegado do Provincial Fr. Domingos da Estrella em 1742, fez composição entre os Religiosos do Mosteiro de Santo Antonio do Serpa e os Terceiros, sôbre dúvidas, que tinham por causa das sepulturas da capella destes, o fez assignar um accôrdo em 9 de Agosto do dito anno: mais tardo o elegeram Prelado maior da sua Provincia em 17 de Novembro de 1753: no tempo do terremoto de 1755 andava do visita no Alemtejo, e voltando ao Mosteiro de Enxabregas, remediou os males, causados por aquelle desastre, com bôas providencias: do seu governo encontrei memorias até 14 de Setembro de 1756: era adornado de optimas qualidades, e sería mesmo um bom Religioso, se não tivesse o defeito de se embriagar algumas vezes; porém esse lhe relevaria Nosso Senhor no juiso, que seguiu a sua morte em a Casa da S. Francisco do Evora, sendo Padre immediato. [1]

337.º

Reverendo LUIZ CAETANO DE LIMA Clerigo Regular da Divina Providencia. — Nasceu na Freguezia das Mercês a 7 de Setembro de 1671 filho de Francisco Viegas de *Lima*, Cavalleiro da Ordem do Christo, o do D. Maria dos Santos Monteiro: vestiu a roupeta de S. Caetano a 29 de Setembro do 1687 na Casa de Nossa Senhora da Divina Providencia da sua patria: seguiu os estudos do Claustro com tanto proveito, que recebeu o grão de Mestre; mas não o chegou a exercer, porque foi empregado fora do Monastico: elevado á dignidado do *Sacerdocio*, se entregou aos deveres do santo Ministerio, o ao estudo; mas a côrte resolveu servir-se delle em commissões importantes no estrangeiro, para que sua capacidade o habilitava, e não menos a perfeição, com que dizia e escrevia nas linguas Latina e Franceza: desde 1695 até 1718 esteve ausente da patria, o separado dos seus irmãos, acompanhando primeiro o Marquez de Cascaes embaixador a Paris, o depois o Conde do Tarouca plenipotenciario á paz de Utrecht na qualidade do Confessor do primeiro, mas realmente na de seu secretario; e com este titulo ostensivo seguiu o segundo: em todo esse tempo cuidou o Padre *Lima* de bem empregar o talento, do que Deos o dotára, o não só alcançou bom nome para si, mas fez valiosos serviços a Portugal logrando, que se mantivesse com todo o esplendor o respeito á corôa do seus Soberanos. Voltando a Lisboa, ElRei D. João V o nomeou mestre do seus filhos os Infantes D. Antonio o D. Francisca, e seu secretario de linguas; o creada a Academia Real de Historia Portugueza em 8 de Dezembro de 1720, foi eleito para perfazer o número de cincoenta varões doutos, de que ella se compoz, e escolhido para escrever na lingua Latina as *Memorias dos Bispados de Vizeu e Portalegre*; mas não lhe durou muito o socêgo do seu estudo, porque a côrte o mandou na qualidade de regio conclavista em 9 de Maio de 1721 acompanhar a Roma o Cardeal Nuno da Cunha, que ia votar na eleição do successor do Santo Padre Clemente XI: tornando a Lisboa, aondo chegou em 22 de Outubro do anno seguinte, se deu sem reserva aos trabalhos litterarios, o á satisfação dos cargos, que tinha no paço, como dos ministerios de examinador Synodal do Patriarchado e das Ordens Militares, o de theologo da Nunciatura, a que se aggregou o Confessor dos Nuncios. Foi o Padre *Lima* um Ecclesiastico virtuoso e pio; conheceu as linguas Hebraica o Grega, a theologia, o direito canonico e a historia; e era dedicado á poesia Latina: deixou muitos escriptos, de que além da *Geographia Historica*, porque é mais conhecido, o talvez não seja a melhor de suas obras, mencionarei as *Exercitationes Haebraicae in Genesin*: depois de uma vida larga e cançada foi opprimido com tal debilidade de fôrças, que o obrigou a não saír da cama por quatorze mezes, no fim dos quaes, em 24 de Junho de 1757 falleceu com todos os signaes de resignação e piedade. [2]

338.º

Reverendo Fr. JOÃO DE NOSSA SENHORA Religioso Menor. — Nasceu, no Freixiel Freguezia de Santa Maria Magdalena da Aldêa Gavinha da Merceana do Patriarchado, em 12 de Junho de 1701, filho de Antonio Luix *Arelho* o do Maria Carvalho: abraçou o Instituto Serafico professando no Mosteiro de Villa Verdo da Provincia Observante dos Algarves a 2 de Maio de 1718: apesar da rudez, que mostrou nos primeiros annos seguiu com proveito os estudos da Religião, subiu em 1725 ao *Sacerdocio*, foi eleito Prégador, e a Inquisição o nomeou seu qualificador: era de costumes innocentissimos, e da maior simplicidade, inclinado á poesia, e, apesar de fazer máos versos, prégava e fazia censuras com muito juiso: em todas as suas acções manifestava humildade, extrema caridade, e tanta liberalidade, que dava quanto tinha, por isso tevo do soffrer dos Prelados: orava muito, fazia jaculatorias e colloquios devotos, e muitos epigrammas, em que respirava a sinceridade de seu coração. Pôz-se a caminho para Roma, e lá chegou a 19 de Fevereiro de 1732, duas vezes tevo audiencia do Santo Padre Clemente XII, que o nomeou Prégador Apostolico, deu-lhe um Crucifixo com indulgencia para a hora da morte, o concedeu outra a quem lhe ouvisse tres sermões; e, deste modo, saiu contente da capital do mundo Christão em 4 do Outubro desse anno. Foi particular devoto da Santissima Virgem, o poz todo o seu cuidado em propagar seu culto debaixo do titulo, milhões de vezes apreciavel, de *Mãe dos homens*; e, sendo nomeado Chronista da pro-

[1] *Livro das entradas do Convento de Santa Maria de Jesus de Enxabregas*, e *Livro dos assentos dos Noviços, que receberam o habito no Mosteiro de S. Francisco de Setubal* (orig. do Archivo Nacional)— *Escriptura do Mosteiro de Santo Antonio de Serpa* (entre os mss. avulsos da Bibliotheca Nacional)— Fr. Jeronymo de Belem *Memorias da Santa Provincia dos Algarves* (ms do Archivo Nacional). Um retrato de meio corpo.

[2] *Livro 3.º dos que professaram na Casa de Nossa Senhora da Divina Providencia* (orig. do Archivo Nacional)— Barbosa *Bibliotheca Luzitana* — D. Thomaz Caetano de Bem *Memorias Historicas Chronologicas da Sagrada Religião dos Clerigos Regulares*. Um retrato de meio corpo.

vincia em 1737, depois de ter colhido bastantes noticias, desistiu desta empresa para se occupar de tres negocios, quo julgou de maior gravidade; salvação das almas pelas Missões, devoção á Virgem pelo ministerio da palavra, e culto da Virgem pela fabrica de uma imagem representando a *Maternidade* em respeito dos homens, e de uma Capella, que principiou em 1743 e acabou em 1747: sem outros cuidados chegou ao termo da sua passagem sôbre a terra em 9 de Abril de 1758, em que morreu, como um justo, que nunca deixára de praticar a virtude: de suas lucubrações deixou memoria em escriptos de paranetica, ascetica e poesia, nas linguas Latina e Portugueza.[1]

339.°

REVERENDO **DOMINGOS PEREIRA** CLERIGO SECULAR DA CONGREGAÇÃO DO ORATORIO. — Abraçou o santo Instituto de S. Filippe Nery em 21 de Outubro de 1695; e, habilitado com a instrucção litteraria e com a pratica das virtudes, subiu ao *Sacerdocio:* foi depois Proposito da Casa do Espirito Santo quatro triennios, deputado da junta sôbre a separação dos bens da Congregação do Oratorio de Lisboa, primeiro Superior das Necessidades desde 7 de Maio de 1750, e Confessor de ElRei D. João V: passou desta vida na idade de setenta e oito annos em 18 de Novembro de 1758.[2]

340.°

REVERENDO FR. **JOSÉ PEREIRA DE SANTA ANNA** RELIGIOSO CARMELITA CALÇADO. — Nasceu na cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro a 4 de Fevereiro de 1696 filho de Simão *Pereira de Sá e Salinas* e de Anna Bocan: abraçou o Instituto do Carmelo Observante professando no Mosteiro da sua patria a 16 de Julho de 1716, havendo recebido o santo habito em 15 desse mez no anno antecedente: foi mandado estudar a sagrada theologia na universidade de Coimbra; e, concluido o curso, recebeu em 17 de Maio de 1725, a borla doutoral, que merecia pela sua muita distincção: tendo igualmente obtido o santo *Sacerdocio*, voltou á sua patria, e leu com applauso philosophia e theologia até jubilar: incorporando-se depois na Provincia de Portugal, regeu cadeira no collegio de Coimbra; foi nomeado chronista, Definidor, Presidente do capitulo de 11 de Janeiro de 1744, e fóra do Monastico qualificador do Santo Officio, examinador Synodal do Patriarchado, o das Ordens Militares, Confessor da Rainha e Senhora D. Maria I quando Princesa, e das Infantes suas irmãs: finalmente o elegeram Provincial, e neste ministerio, depois de reedificar o Mosteiro de Nossa Senhora do Monte do Carmo de Lisboa, falleceu a 30 de Janeiro de 1759, deixando de seus estudos memoria em differentes escriptos asceticos e historicos, de que lembrarei a *Chronica dos Carmelitas da Antiga e Regular Observancia neste Reino de Portugal, Algarve, e seus Dominios.*[3]

341.°

VENERAVEL **BALTHAZAR DA ENCARNAÇÃO** FUNDADOR DOS MONJ. S DESCALÇOS DE S. PAULO. — Nasceu em Serpa, foi baptisado em 24 de Agosto de 1684, era filho de Pedro Alvares e de Brites Corrêa, e se chamou *Balthazar Casqueiro;* educou-o uma tia nos santos exercicios de piedade e devoção; mas elle, sentando praça de soldado, e pondo depois loja de çapateiro em Lisboa, degenerou a ponto de ser um dos maiores libertinos do seu tempo com universal escandalo; assim andou desencaminhado, até que Deos o tocou para dobrar o joelho diante do veneravel Padre Oratoriano Antonio da Cruz, o qual Nosso Senhor quiz, que fôsse instrumento de sua prodigiosa conversão: em 1713 se retirou a fazer na vida solitaria e penitencia de suas culpas nas Covas do Monte Furado da Freguezia de S. Thiago do Escoiral, uma legua para o sul, distante de Monte-mór o *novo*[4]; lá com os conversos, que encontrou, e com os que se lhe aggregaram[5], fabricou algumas casinhas toscas para habitação, servindo-lhe de Oratorio a concavidade de uma lapa; vivia do trabalho manual, e de esmolas; e passava dias e noites em oração e mortificações corporaes. *Balthazar Casqueiro* era o chefe destes pobres do *Christo*, do quem formou uma Congregação, tomando por patrono a S. Paulo primeiro Eremita: em Fevereiro de 1722 o Geral da serra de Ossa mandou lançar-lhe, e aos companheiros, um grosseiro habito, porque lh'o pediram; e em 11 de Fevereiro de 1725 se benzeu a sua primeira Igreja, a que serviu de sachristia o antigo Oratorio: pouco depois *Balthazar Casqueiro* dictou uns estatutos tão ásperos, que só elle cumpria, porque aos mais não era possivel[6]; mas o Infante D. Antonio lhes mandou formular outros, que professaram

[1] FR. JERONYMO DA BELEM *Memorias da Santa Provincia dos Algarves* (ms. do Archivo Nacional), *Chronica Serafica, e Prégador Marianno.* Um retrato de corpo inteiro, e um quadro representando a cabeça.

[2] *Sustentação juridica do requerimento a ElRei, que fizeram os Padres do Espirito Santo contra a divisão de bens pretendida pelos das Necessidades,* e *Cartas de José Reycend ao Padre Domingos Pereira Superior das Necessidades, datadas de Turim em 29 de Julho e 13 de Outubro de* 1756 (mss. entre os soltos da Bibliotheca Nacional, sendo estas últimas originaes) — O Reverendo ANTONIO JOSÉ DA ROSA TORRES *em memoria,* que me deu, *das entradas e obitos dos filhos desta Santa Congregação.* Um retrato de meio corpo, e um quadro representando a cabeça.

[3] BARBOSA *Bibliotheca Lusitana* — FR. CLAUDIO DA CONCEIÇÃO *Gabinete Historico.* Um retrato de meio corpo.

[4] Chamadas *Côvas infernaes* pelo solitario, e horror, que inspiravam: mas que talvez n'outro tempo fôsse habitação de Monjes: em 1710 para lá se retirou a fazer penitencia um caldeireiro de Lisboa, levando comsigo uma imagem de Nossa Senhora, á qual deu invocação *do Castello*, e que ficou sendo o Orago do Mosteiro, que nessas Côvas se veio a fundar: ao caldeireiro se reuniram outros arrependidos, e por fim *Balthazar Casqueiro*

[5] Em 1717 chegara o número a vinte e cinco.

[6] Nelles ordenava para cada dia cinco horas de oração mental, duas de lição espiritual, duas disciplinas, tres jejuns a pão e agua cada semana, silicio, e outras mortificações superiores um pouco ás fôrças da natureza humana.

na Igreja das Cóvas em 18 de Janeiro de 1729, recebendo-lhes o juramento Simão José Silverio Lobo Provisor do Arcebispado de Evora, a quem os novos Monjes renderam obediencia; e no anno seguinte deu principio á fundação do Mosteiro do Senhor *Jesus* da Bôa Morte de Lisboa.[1] Era o intento de *Balthazar da Encarnação*, que assim se chamou depois, fundar uma Congregação de Monjes reformados: mas obstava-lhe a rudez para a execução desse vasto plano, porque nem ao menos sabia ler e escrever; entretanto aspirou ao *Sacerdocio*, e com os auxilios da graça começou na idade de quarenta e tres annos em 1727 a fazer applicação ás letras, e tanto Deos o ajudou, que conseguiu saber os primeiros rudimentos da grammatica, da lingua latina, de theologia, e da Escriptura Santa, por tal modo, que se ordenou e disse a primeira Missa no Altar da Madre de Deos das Religiosas desta invocação em 17 de Junho de 1732; começou logo a exercer com alto fructo o Ministerio do Pulpito; e, sendo nomeado por Sua Santidade Missionario Apostolico, dentro de quatro annos prégou mais de oitocentos sermões, percorrendo o Alémtejo, Estremadura, Beira e Minho, incançavel na salvação das almas: em 1737 fundou a Confraria da *Caridade Geral* para soccorro dos prêsos e remedio dos necessitados; estabeleceu-a em Lisboa, Setubal e Leiria, e levantou a Ermida dessa invocação junto á Sé de Lisboa para os Irmãos da mesma Confraria assistirem aos Officios Divinos, e exercerem a alta virtude, que promettiam cumprir. Em 18 de Agosto de 1743 lançou a primeira pedra da fundação da Igreja e Mosteiro das Cóvas, debaixo do patrocinio da Mãe de Deos, com o designado titulo de Nossa Senhora do Castello, para que, além das esmolas adqueridas no reino, concorreram as, que dois Monjes foram pedir ao Brasil[2]: com estas concluiu tambem o da Bôa Morte de Lisboa, a que elle impoz as seguintes obrigações: 1.ª ter Confessionario público com porta para a rua, e nelle um Monje de dia e noite, disposto a ouvir os penitentes, que não quizessem ser conhecidos; 2.ª missionar, dar exercicios espirituaes, e ajudar a bem morrer a quem o pedisse; 3.ª pedir esmola em communidade, cantando pelas ruas, em beneficio dos prêsos e necessitados; 4.ª dar sustento por cinco dias a quem o requeresse. O zêlo de *Balthazar da Encarnação* o trazia de terra em terra, ora estava no centro dos seus Monjes, ora prégando, ora exercendo essa *caridade*, que inspirava em beneficio dos pobres; e assim passou, até que as penitencias, o trabalho e a idade lhe definharam as fôrças, e acabou, como um Santo, no Mosteiro da Bôa Morte em Sexta-feira 26 de Setembro de 1760, e nelle foi sepultado: de seus escriptos se imprimiram em 1734 o *Sermão do Juiso* prégado na Igreja Parochial de S. Gens de Monte-mór o *novo*, e o *Sermão da Paixão* prégado na Igreja das Cóvas do Monte Furado; e de sua piedade deixou monumento na fundação da *Congregação dos Monjes Descalços de S. Paulo primeiro Eremita*[3], que foi approvada pela Santidade de Pio VI em 16 de Novembro de 1781.[4]

342.ª

Reverendo THEODOSIO DE SANTA MARTHA Conego Secular do Evangelista — Nasceu em Lisboa filho de João Rodrigues, natural do logar de Santa Martha concelho de Villa Pouca de Aguiar e familiar do Santo Officio, e de Theresa Bernarda Soares natural da Azambuja: abraçou o santo Instituto de Villar de Frades em 14 de Outubro de 1700, tendo-se-lhe approvado suas inquirições em 11 de Setembro antecedente: seguiu o curso de theologia na universidade de Coimbra, lá tomou o grão de doutor, e nessa sciencia veio a jubilar dentro do Claustro: tendo dado provas, e continuando a da-las, de muita pericia na controversia, na historia Ecclesiastica, e no direito canonico: e havendo recebido o santo *Sacerdocio*, a Inquisição, em 8 de Outubro de 1716 o tomou por seu qualificador, e o seu Monastico o elegeu Delinidor, Chronista, e duas vezes Geral em 1737, e em 1753: da primeira encontram-se memorias suas nas visitações desde 16 de Outubro de 1737 até 4 de Maio de 1740, e da segunda desde 27 de Setembro de 1752 até 18 de Outubro de 1754: neste último triennio conseguiu de Sua Santidade, que os Geraes da sua Congregação trouxessem habitos Prelaticios, e com dois annos e meio de govêrno renunciou o Ministerio: morreu em Enxabregas a 21 de Julho de 1761, deixando de suas lucubrações differentes escriptos: *De jure Canonicorum* em tres tomos, que se queimaram antes de impressos no terremoto de 1755; *Commentarios ao Psalmo Super Flumina Babilonis; Sermões; Elogio Historico da casa de Marialva; Dissertação sôbre não terem os Conegos Seculares do Evangelista impedimento para se doutorarem em canones*; e *Versos Latinos e Portuguezes*.[5]

[1] Antonio dos Santos Prazeres official de canteiro havia levantado uma Ermida ao Senhor *Jesus* no sitio, então deserto, da Bôa Morte, em 1728, com um cubiculo, em que vivia com quatro companheiros, e deu este edificio ao fundador do Monastico das Cóvas: depois da erecção nesse sitio, tomou Antonio dos Santos Prazeres o habito de converso, fundou em 1744 a Ermida do Senhor Roubado em Odivellas, e ainda vivia perseverante na Bôa Morte em 1786. Pelo terremoto de 1755 nada soffreu o Mosteiro da Bôa Morte, por isso lá foram fazer os Officios Divinos os Conegos da Basilica de Santa Maria Maior; porém, repetindo-se o abalo em 21 de Dezembro seguinte, o desampararam.

[2] Destruida toda a fábrica pelo terremoto de 1755, o Arcebispo de Evora Joaquim Xavier Botelho de Lima a mandou restaurar.

[3] Além do Mosteiro das Cóvas e da Bôa Morte, teve esta Congregação as pequenas Casas de Arronches o Pedroso, que duraram pouco, e um Hospicio em Evora. Esta Congregação acabou pela extincção temporal dos Regulares em 1834.

[4] Barbosa *Bibliotheca Lusitana — Vida, ultimas acções, e Morte do M. R. P. Balthazar da Encarnação, Missionario Apostolico e Fundador dos Monjes do Senhor* Jesus *da Bôa Morte* — O Sr. Antonio Joaquim Moreira *em memoria sôbre a origem da Congregação dos Monjes Descalços Barbadinhos de S. Paulo primeiro Eremita, que redigiu sôbre documentos e informações*, e que por sua bondade me confiou. Tres retratos de corpo inteiro.

[5] *Collecção de Inquirições dos Conegos Seculares do Evangelista; Ingresso no Livro das Actas Capitulares de* 1677 *a* 1712; *Livro de Visitações desta Congregação desde* 1732 *a* 1780; e *Livro de obitos do Mosteiro de S. João de Enxabregas de* 1755 *a* 1785; *Secreto do Conselho Geral do Santo Officio, Inquirições* m. 1 n. 11 (orig. do Archivo Nacional) — Barbosa *Bibliotheca Lusitana* — O Reverendo José Rodrigues da Silva Conego do Evangelista e Abbade de Lobrigos *em memoria*, que me enviou pelo Reverendo Francisco José da Silva Conta, igualmente Conego do Evangelista. Um retrato de meio corpo.

343.º

Reverendo JOÃO BAPTISTA Clerigo Secular da Congregação do Oratorio de Jesus Christo.—Era natural da villa de Setubal e filho de Balthazar da *Fonseca Lemos*, provedor dessa villa e corregedor do civel da côrte, e de D. Marianna Josepha Lobato: vestiu a roupeta de S. Filippe Nery em 8 de Setembro de 1724, e depois de frequentar com proveito os estudos, o dar provas de sua vocação, foi elevado a dignidade *Sacerdotal*: leu philosophia o theologia, e occupou as cadeiras de vespera e de prima no seu Monastico: por desagradar ao podêr temporal, soffreu delle tribulações; e passou desta vida em Moução a 7 de Abril de 1761, deixando memoria de suas lucubrações, entre ootros escriptos, no livro *Quaestiones Selectae*.[1]

344.º

Reverendo Fr. FRANCISCO DE S THOMAZ Religioso da Ordem dos Prégadores.—Nasceu em Abrantes, foi baptisado na Freguezia de S. Vicente dessa villa, e era filho de Manoel Themudo Caldeira e de Isabel Ferreira Cardoso: abraçou o Instituto Dominicano, fez com applauso os estudos do Claustro, e foi professor do theologia no Mosteiro de S. Domingos de Lisboa, havendo já subido á dignidade *Sacerdotal*: a Inquisição o nomeou seu qualificador em 6 de Novembro de 1676, o posteriormente foi deputado della: a côrte o elegeu Bispo de Angola em 17 de Abril de 1761 na idade de sessenta e cinco annos, e o mandou governar[2] a Diocese; mas pouco depois, em 13 de Agosto do anno seguinte, passou desta vida.[3]

345.º

Reverendo FRANCISCO MANOEL Clerigo Secular da Congregação do Oratorio de Jesus Christo.—Nasceu em Lisboa a 9 de Outubro de 1697 filho dos quartos Condes da Atalaya D. Luiz *Manoel* de Tavora e D. Francisca Leonor de Mendonça sua segunda mulher, e irmão de D. Pedro *Manoel* quinto Conde da Atalaya, de D. João *Manoel* primeiro Marquez de Tancos e sexto Conde da Atalaya, que continuou a casa[4], e de José *Manoel* Patriarcha de Lisboa e Cardeal da Santa Igreja Romana: foi collegial de S. Pedro da universidade de Coimbra, fez estudos em leis nos geraes della, o, depois de ser admittido entre os Conegos da Patriarchal, largou a prebenda em 4 do Outubro de 1722: dahi a dois annos, em 8 de Maio de 1724, vestiu a roupeta do S. Filippe Nery na Casa do Espirito Santo; foi um *Sacerdote* exemplarissimo, o exerceu no Claustro com piedade e zêlo os Ministerios de deputado, corrector, mestre de noviços, e por tres vezes a Propositura: falleceu com bôa opinião em 26 do Janeiro de 1763.[5]

346.º

Reverendo Fr. ANTONIO DA GRAÇA Religioso Menor.—Nasceu no logar de Maçarellos, arrabalde do Porto, filho de Francisco João e Custodia Martins: abraçou o Instituto Serafico no Mosteiro de Nossa Senhora da Conceição do logar de Mattosinhos da Provincia de Portugal em 17 de Outubro de 1716, estudou philosophia no Mosteiro de Guimarães, e theologia no collegio de S. Bôaventura de Coimbra, subiu ao *Sacerdocio*, foi eleito Prégador, e na qualidade de Missionario Apostolico derramou a palavra do Senhor pelas Dioceses de Lamego, Porto e Braga: depois o elegeram Commissario dos Terceiros de Lisboa, que exerceu trinta annos, e Custodio da sua Provincia: votou no capitulo geral de Mantua em 1762, e pouco adiante, em 15 de Maio de 1764, passou desta vida, deixando memoria de seus estudos em escriptos pareneticos.[6]

347.º

Reverendo IGNACIO BARBOSA MACHADO Clerigo Secular.—Nasceu em Lisboa a 23 do Novembro de 1686 filho de João *Barbosa Machado* e de D. Catharina *Barbosa*; e teve irmãos José *Barbosa* Clerigo Regular da Divina Providencia, e Diogo *Barbosa Machado* Abbade de Sever e author da *Bibliotheca Lusitana*: tendo ouvido as lições de philosophia na Congregação do Oratorio, passou á universidade de Coimbra a estudar direito civil, o nelle se formou em 1716: depois de se habilitar pelo desembargo do paço em 18 de Novembro desse anno, foi examinado neste tribunal, e despachado juiz

[1] Barbosa *Bibliotheca Lusitana*—O Reverendo Antonio José da Rosa Torres *em memoria*, que me deu, *dos filhos da Santa Congregação do Oratorio*. Um quadro representando a cabeça.

[2] Os eleitos pelo podêr temporal não têem, nem tiveram em tempo algum, jurisdicção de qualquer momento, o que bem senão póde dizer dos eleitos pelos Cabidos, ou Authoridades da Igreja, porque foi a essas, que Deos commetteu a cura do seu rebanho; por isso nem temporalmente os eleitos pelo podêr temporal estão habilitados para alguma cousa na Igreja: entretanto não foi por authoridade delegada pela corôa, mas pela que lhe deu o Cabido, que *Fr. Francisco de S. Thomaz* governou a Diocese de Angola.

[3] *Secreto do Conselho Geral do Santo Officio, Inquirições* m. 117 n. 1773 (Archivo Nacional)—Pereira de Figueiredo *Lusitana Sacra*. Um retrato de meio corpo.

[4] Que hoje representa o Conde da Atalaya seu descendente.

[5] Sousa *Historia Genealogica da C. R. P.*, e *Memorias Historicas e Genealogicas dos Grandes de Portugal*—O Reverendo Antonio José da Rosa Torres *em memoria das entradas e obitos dos filhos desta Santa Congregação*. que possuo por seu favor. Um retrato de meio corpo.

[6] Barbosa *Bibliotheca Lusitana*. Um retrato de meio corpo.

do fóra de Almada, donde passou a exercer este cargo na cidade da Bahia, o de lá veio para provedor do Setubal: por morte de sua mulher D. Marionna de Menezes e Aragão, abraçou o estado Ecclesiastico e subiu ao *Sacerdocio* em 21 de Dezembro de 1634: foi academico do número dos cincoenta da Academia Reol de Historia Portugueza, membro do tribunal da Legacia Apostolica, desembargador da relação do Porto por decrcto de 3 de Julho de 1748, cbronista das provincias ultramarinas desde 21 de Outubro de 1752, e collector dos regimentos, leis e ordens sôbre a fazenda daquellas provincias desde 9 de Outubro do anno seguinte: morreu em 28 de Março de 1766, deixando de suas vigilias differentes escriptos, de que mencionarei a *Historia Critica Chronologica da Instituição da Festa e Procissão e Officio do Corpo Santissimo de Christo no Veneravel Sacramento da Eucharistia, e das graças e privilegios, que os Romanos Pontifices concederam a esta grande e devotissima solemnidade; os Fastos Politicos e Militares da antiga e nova Lusitania*, e o *Theatro Historico Universal e Chronologico de todas as Provincias Ultramarinas*.[1]

348.°

Reverendo Fr. MANOEL DE S. DAMASO Religioso Menor.—Nasceu em Guimarães o 3 de Janeiro do 1688 filho de João de *Castro e Vasconcellos* e de Maria Vieira de Lima: abraçou o Instituto Serafico na Provincia de Portugal vestindo o habito no Mosteiro de S. Francisco da sua patria o 7 de Dezembro de 1708, e emittindo os votos solemnes em dia de Nossa Senhora da Conceição do anno seguinte: feitas as provas escolasticas subiu ao santo *Sacerdocio*, e foi nomeado Pregador no capitulo intermedio de 1715, e no seguinte escolbido para bibliothecario do Mosteiro de S. Francisco do Lisboa: depois o nomearam successivamente Secretario, Custodio e Chronista da Provincia, Visitador de Costodio de S. Thiago da Ilha da Madeira, e dos Seminarios de Voratojo e Brancanes, e fóra do Claustro consultor da Bulla da Cruzada o membro da Academia Real de Historia Portugueza: falleceu em 22 de Janeiro de 1767 com setenta e nove annos de idade, e cincoenta e nove de habito: de suas vigilias deixou memoria em differentes escriptos de ascetica, historia, e outras applicações da sciencia.[2]

349.°

Reverendo JOÃO COL Clerigo Secular da Congregação do Oratorio de Jesus Christo.—Era natural da Freguesia de Santa Justa de Lisboa e filho de Francisco Antunes e de Luiza Mario, moradores as portas de Santo Antão: abraçou o Instituto Oratoriano em 8 de Setembro de 1700: estudou as sciencias severas no Claustro, e habilitado por ellas, e por grandes virtudes, subiu ao *Sacerdocio*, e leu theologia: foi qualificador do Santo Officio desde 4 de Março de 1729, Membro da Academia Real de Historia Portugueza na sua creação, e della recebeu o encargo de escrever as *Memorias do Diocese de Visense*: ElRei D. João V o elegeu Bispo de Elvas em 11 de Fevereiro de 1739, e a Santa Sé o confirmou; mas elle não quiz tomar sôbre seus hombros o pêso do augustissimo Ministerio do Apostolado; e, continuando em seus estudos o exercicios pios, falleceu em 21 de Novembro do 1767 de oitenta o dois annos de idade.[3]

350.°

Reverendo LUIZ CARDOSO Clerigo Secular da Congregação do Oratorio de Jesus Christo.—Era natural de Pernes e irmão pelo berço e pelo habito do Padre Antonio dos Reis: vestiu a roupeta de S. Filippe Nery no Casa do Espirito Santo de Lisboa em 7 de Março de 1717: fez com proveito os estudos, e subiu ao santo *Sacerdocio*; applicou-se cuidadosamente aos deveres do Ministerio e ao estudo, e por suas bôas letras foi recebido na Academia Real de Historia Portugueza em 30 de Abril do 1736; emprehondeu o *Diccionario Geographico*, em que apresentou uma noticia clara e importante de todas as cidades, villas e aldêas dos reinos de Portugal e Algarve; e pena foi, que se não publicasse além da letra *C*, porque é obra de merecimento neste genero: afóra esta escreveu a *Receita Universal ou Breve Noticia dos Santos Especiaes Advogados contra os achaques, doenças, perigos e infortunios*; e a *Clovis Concionatorio*, que ficou manuscripto: acabou seus dias em 3 de Julho de 1769.[4]

351.°

Reverendo RODRIGO DA MADRE DE DEOS Conego Secular do Evangelista.—Nasceu em Mesãofrio de uma familia illustre, filho de Alvaro do Moura Coutinho e de D. Leonor Tavares, e teve irmão Diogo de Moura Coutinho, de quem ha posteridade[5]: abraçou o santo Instituto de Villar de Frades

[1] Nuno da Silva Telles *Collecção de Documentos e Memorias da Academia Real de Historia Portugueza*—Barbosa *Bibliotheca Lusitana*. Um retrato de meio corpo.

[2] Barbosa *Bibliotheca Lusitana*. Um retrato de corpo inteiro.

[3] *Secreto do Conselho Geral do Santo Officio, Inquirições* m. 59 n. 1126 (orig. do Archivo Nacional)—Barbosa *Bibliotheca Lusitana*—O Reverendo Antonio José da Rosa Torres *em memoria*, que me deu, *das entradas e obitos dos filhos desta Santa Congregação*. Um retrato de meio corpo.

[4] Barbosa *Bibliotheca Lusitana*—O Reverendo Antonio José da Rosa Torres *em memoria*, que me deu, *das entradas e obitos dos filhos desta Santa Congregação*. Um quadro representando a cabeça.

[5] Por femea nos administradores do morgado de S. Thiago do Mosteiro de S. Gonçalo de Amarante, e em Antonio Perfeito Pereira Pinto de Moura Coutinho actual administrador do morgado da Corredoura de Lamego.

em 22 de Janeiro do 1703, e, tendo cursado as escólas do seu Monastico, subiu ao *Sacerdocio*. Sua Santidade lhe concedeu os privilegios dos Ex-Geraes da sua Congregação: depois no capitulo de 1743 foi eleito sexagesimo quarto Geral della; e nas visitações correm suas memorias até 11 de Maio de 1746: durou-lho a vida, e com ella a observancia religiosa, ainda por muito tempo, vindo a fallecer no Mosteiro de Santa Cruz do Lamego, com todos os Sacramentos e signaes de predestinado, em 17 de Outubro de 1772: de sua piedade deixou memoria na Capellinha do dormitorio deste Mosteiro, que dotou com um legado para nella haver o Santissimo Sacramento o culto perpetuo; mas esto cessou pela extincção temporal dos Regulares, e a Capellinha foi indignamente profanada, servindo de secretaria de um corpo militar, que obstroe hoje todo o Mosteiro.[1]

352.º

Reverendo Fr. FRANCISCO XAVIER DE SANTA ANNA Religioso Menor.—Era natural de Lisboa o filho do João Baptista da *Fonseca* Cavalleiro da Ordem de *Christo*, e de D. Maria Luiza do Pilar Borges, e teve irmã D. Barbara Verediana da *Fonseca* mulher de João Bersane Leite com descendencia[2]; abraçou o Instituto Serafico na Observancia dos Algarves: seguiu as escolas de theologia na universidade de Coimbra, e nellas tomou o grão de doutor: subiu ao *Sacerdocio*, e foi Mestre jubilado na sua Religião, oppositor da universidade, qualificador do Santo Officio em 25 de Junho de 1755, examinador das Ordens Militares, do Bispado do Beja o do Patriarchado, theologo da Bulla da Cruzada, deputado da mesa censoria, Visitador do Seminario do Varatojo, duas vezes Commissario Visitador do Provincia de Portugal, Prelado maior da sua Provincia, eleito em 28 de Janeiro de 1766, que regeu por cinco annos sete mezes e vinte e tres dias, o Definidor Geral da Ordem: só me consta mais, que a vida se lhe dilatara com o governo até 1772.[3]

353.º

Reverendo FRANCISCO JOSÉ Clerigo Secular da Congregação do Oratorio de Jesus Christo. Nasceu em Lisboa em 3 do Setembro de 1719, e era filho de Joaquim *Freire* Bellas e Joanna Maria Joaquina Corsini: fez com grande louvor os seus estudos no collegio de Santo Antão e na Casa de Nossa Senhora da Divina Providencia; e, auxiliando o talento, do que Nosso Senhor o dotou, com severo estudo, veio a ser muito douto em todo o genero de erudição, principalmente sagrada: havia entrado no número dos familiares do Cardeal Patriarcha Thomaz de Almeida, de quem era querido; mas largou o serviço deste Prelado, e com elle as vantagens, que podia esperar de seu valimento, para seguir os impulsos da vocação, com que Deos o attrahia ao Claustro; e, vestiu a roupeta de S. Filippe Nery em 23 do Janeiro de 1752, largando então o appellido *Freire* por que dantes se déra a conhecer: foi um *Sacerdote* exemplar, e um escriptor distincto em historia, genealogia, poesia, philosophia e ascetica: de seus escriptos mencionarei, as *Memorias Historicas de Lisboa*; a *Vida do Infante D. Henrique*, que publicou com o nome de *Candido Lusitano*; o *Methodo Breve e Facil para estudar a Historia Portugueza*; as *Reflexões sôbre a lingua Portugueza*, e as *Reflexões ao Psalmo Miserere*: falleceu em Mafra do uma paralysia a 5 do Julho do 1773; o os Conegos Regulares de Santo Agostinho lhe deram sepultura no Claustro do Mosteiro daquella villa, que então occupavam.[4]

354.º

Reverendo ESTACIO DE ALMEIDA Clerigo Secular da Congregação do Oratorio de Jesus Christo.—Nasceu em Lisboa a 15 de Março de 1695, filho de Manoel de *Almeida* e Brito, Cavalleiro da Ordem de *Christo*, e de D. Theresa Maria da Costa: entrou na Congregação do Oratorio em 29 de Setembro de 1714: depois de ter cursado as escolas Claustraes, foi nomeado professor, e o mereceu, tanto pelas suas letras, como, pelas suas virtudes, o santo *Sacerdocio*, que recebêra: leu com distincção theologia; ElRei o escolheu para chronista latino por morte do Padre Antonio dos Reis; a Academia Real de Historia provendo-o no logar, que este deixou vago, lho deu posse em 3 de Junho de 1738, e a Inquisição o fez seu qualificador em 10 de Fevereiro de 1740: tendo vivido entregue ao estudo e à satisfação dos deveres do santo Ministerio, falleceu em 19 de Novembro de 1773.[5]

355.º

Reverendo MANOEL DE S. BERNARDO EVANGELISTA Conego Secular do Evangelista.—Era

[1] *Ingresso da Congregação de S. João Evangelista incorporado no livro das actas capitulares de 1677 a 1712*; *Livro das Visitações da mesma de 1732 a 1780*, e *Obituario do Mosteiro de S. João de Enxabregas de 1755 a 1785* (orig. do Archivo Nacional)—O Reverendo Conego do Evangelista José Rodrigo da Silva Abbade de Lobrigos *em carta de 29 de Setembro do anno passado* (1852). Um retrato de meio corpo

[2] Por seu filho José Xavier Bersane Leite official general de armada Portugueza.

[3] *Secreto de Conselho Geral do Santo Officio*, *Inquirições* m. 104 n. 1877—Fr. Jeronymo de Belem *Memorias da Santa Provincia dos Algarves* (mss. do Archivo Nacional, sendo aquelle orig.) Um retrato de meio corpo.

[4] Barbosa *Bibliotheca Lusitana*—O Reverendo Antonio José da Rosa Torres *em apontamento*, que me deu, *ácêrca deste Sacerdote*. Um quadro representando a cabeça.

[5] *Secreto do Conselho Geral do Santo Officio*, *Inquirições* m. 1 n. 1 (orig. do Archivo Nacional)—D. José Barbosa *Elogio do Padre Antonio dos Reis*—O Reverendo Antonio José da Rosa Torres *em memoria*, que me deu, *das entradas e obitos dos filhos desta Santa Congregação*. Um retrato de meio corpo.

natural do Porto, e abraçou o santo Instituto dos Conegos Azues: seguiu com proveito os estudos de theologia na universidade de Coimbra, em que tomou a borla doutoral, e foi professor da sagrada sciencia no seu Monastico, em que jubiloo, o naquella universidade: subiu ao *Sacerdocio*; no capitulo de 1746 o elegeram Prelado maior; e desde 3 do Julho deste anno até 17 de Abril de 1749 subsistem memorias suas no exercicio deste ministerio, vindo a ser o sexagesimo quinto Geral: mereceu respeitos pelos seus profundos conhecimentos, e pela vida exemplar, com que passou sôbre a terra: falleceu no collegio de Coimbra com todas as disposições, recebendo os Santos Sacramentos, e manifestando, que acabava como um justo: foi o seu passamento em Sabbado 8 de Abril de 1777.[1]

356.°

Reverendo Fr. JOAQUIM JOSÉ DE SANTA ANNA Eremita de S. Paulo. — Era natural de Olivença, e abraçou o Instituto da Serra de Ossa: seguiu os estudos da theologia na universidade de Coimbra, recebeu a borla doutoral, e regeu cadeira: tendo sido elevado ao *Sacerdocio*, entregou-se ao Ministerio do Pulpito, e passou por tão eloquente orador, como era eminente na sciencia: o seu Monastico o elegeu Geral, e o foi em 1774: passou sua vida praticando virtudes de um bom Religioso, e teve fim na patria, estando em ferias academicas, no 1.° de Agosto de 1776.[2]

357.°

Reverendo Fr. JOAQUIM DE SANTA ANNA E SILVA Eremita de S. Paulo. — Foi natural de Lisboa, e baptisado na Freguezia de S. Thomé a 11 de Agosto de 1720; e era filho de Jeronymo Thomaz *Pereira* e de Antonia da *Silva*: abraçou o Instituto da Serra de Ossa, seguiu as escólas de theologia, recebeu a borla doutoral, ensinou, e obteve a jobilação em ambas as universidades de Evora e Coimbra: havia recebido o santo *Socerdocio*, e com elle exerceu o Ministerio do Pulpito; a côrte o nomeou Prégador da Capella Real da Bemposta, e de deputado da Mesa censoria e do subsidio litterario; e a Inquisição seu qualificador desde 1749: em 30 de Janeiro de 1777 era Reitor Geral, Visitador Apostolico, e Reformador da sua Congregação, falleceu em 26 de Dezembro de 1783, e por descanço de sua alma se disseram cento vinte e seis Missas, e do producto do seu expolio seiscentas e treze.[3]

358.°

Reverendo Fr. FRANCISCO DE JESUS MARIA JOSÉ CASTELLO Religioso Menor. — Era natural da Freguezia de Santa Cruz do Castello de Lisboa, e filho de João Duarte da *Costa* e de Maria Rodrigues: abraçou o Instituto Serafico professando no Mosteiro do S. Francisco de Setubal da Observancia dos Algarves: seguiu as escolas Claustraes, foi elevado ao *Socerdocio*, nomeado leitor, examinador das Ordens Militares, e qualificador do Santo Officio em 3 de Julho de 1761; e, depois de jubilado em theologia, o elegeram Provincial, e as suas memorias neste ministerio correm desde 16 de Maio de 1786 até 8 de Maio de 1789: delle resta uma carta datada daquelle dia 16 de Maio ao Prelado Diocesano de Elvas, que então era Fr. Valerio de S. Raymundo da Ordem dos Pregadores, remettendo-lhe a pauta do capitulo, e pedindo, que o abençoasse o aos outros com elle eleitos, confirmasse as eleições, e os deixasse viver em paz; mas o Bispo, respondendo em 22 daquelle mez, se lhe queixou de não terem os seus Religiosos o respeito e devida sujeição aos Prelados da Igreja, e pretenderem, com idéas cavilosas, declinar a sua jurisdicção, arguiu de escandalosos dois dos antecessores delle Provincial, que nessa eleição foram contemplados, e o intimou para reparar as injúrias feitas á jurisdicção delle Ordinario, *a quem S. Francisco os mondou obedecer*[4]: nisto terminam as noticias, que encontrei de *Fr. Francisco de Jesus Maria José Castello*.

359.°

Reverendo BERNARDO LOPES Clerigo Secular da Congregação do Oratorio de Jesus Christo. — Vestiu a roupeta de S. Filippe Nery na Casa do Espirito Santo de Lisboa em 24 de Fevereiro de 1727; e, feitos os estudos de philosophia e theologia, subiu ao *Sacerdocio*: os seus costumes irreprehensiveis, moveram os Padres da sua Congregação a elege-lo mestre de noviços, e exerceu como verdadeiro pae este ministerio difficil; e com igual caridade, e não menos prudencia, regeu a sua Congregação por quatro vezes no espinhoso encargo de Proposito: sua vida durou até ao 1.° de Junho de 1790, em que falleceu avançado em annos.[5]

[1] *Collecção de Inquirições da Congregação de S João Evangelista; Livro de Visitas desde* 1732 *e* 1748; *e Livro de obitos do Mosteiro de S. João de Enxabregas de* 1755 *a* 1785 (orig. do Archivo Nacional). Um retrato de meio corpo.

[2] *Livro dos obitos do Convento do Santissimo Sacramento dos Paulistas de Lisboa* (orig. do Archivo Nacional). Um retrato de corpo inteiro.

[3] *Secreto do Conselho Geral do Santo Officio, Inquirições* m. 6 n. 80; *Livro dos Professos do Convento do Santissimo Sacramento dos Paulistas de Lisboa, e dos obitos do mesmo, que serviam áquelle em* 1777, *o este em* 1784 (orig. do Archivo Nacional). Um retrato de meio corpo.

[4] *Livro dos Profissões do Convento de S. Francisco de Setubal, que servia* 1739, *e Livro dos assentos dos Noviços do mesmo Convento, que servio em* 1789 (orig. do Archivo Nacional) — *Cartas do Provincial de Enxabregas ao Bispo de Elvas, e deste para aquelle* (entre os mss. avulsos da Bibliotheca Nacional). Um retrato de meio corpo.

[5] *Sustentação Juridica do Requerimento a ElRei, que os Padres do Espirito Santo fizeram contra a divisão de bens pretendida pelos do Hospicio das Necessidades* (ms. entre os avulsos da Bibliotheca Nacional) — O Reverendo Antonio José da Rosa Torres *em memoria*, que me deu, *das entradas e obitos dos filhos desta Santa Congregação*. Um retrato de meio corpo.

360.°

Reverendo Fr. DIONIZIO DE DEOS Eremita de S. Paulo.—Abraçou o Santo Instituto da Serro de Ossa; estudou theologia no universidade de Coimbra, lo recebeu a borla doutoral, regeu Cadeira da sagrada faculdade, e nella jubilou: subiu ao *Sacerdocio*, e foi duas vezes Geral do seu Monastico, e exerceu este Ministerio em 1777 e 1796: falleceu no Mosteiro do Santissimo Sacramento de Lisboa, com oitenta e dois annos e meio de idade, em 2 de Agosto de 1797, e a 25 deste mez se lhe fizeram exequias solomnes nesse Mosteiro, nas quaes officiou o Arcebispo de Lacedemonia.[1]

361.°

Reverendo Fr. MATHIAS DA CONCEIÇÃO Religioso Menor.—Nasceu na Freguezia de S. Romão de Carnachide a 21 de Fevereiro de 1717, filho de Antonio Mathens e de Maria Duarte da *Conceição*, e tevo irmã Maria Duarte mulher do Matheus Coelho com descendencia[2]: abraçou o Instituto Serafico na Recoleição da Arrobida vestindo o habito no Mosteiro de Mafra em 23 de Maio de 1733, e professon a 29 do dito mez no anno seguinte: seguiu os estudos do Claustro, por elles recebeu o santo *Sacerdocio*, e regeu cadeira do theologia: foi deputado da mesa censoria, o Confessor de ElRei D. José I, e de seus netos os Principes D. José, e D. João, que dopois roinou: morreu no palacio do Queluz o 13 de Setembro de 1797, e lhe deram sepultura no Claustro do Mosteiro de S. José de Ribamar.[3]

362.°

Reverendo Fr. JOSÉ DA ESTRELLA Religioso Menor.—Era natural de Lisboa e irmão de Fr. Francisco Xavier de Santa Anna, de quom bz menção: abraçou o Instituto Serafico professando na Observancio dos Algarves: estudou theologia nos geraes da universidade, o nella se doutorou: subiu ao *Sacerdocio*, e foi Mestre na sua Provincia, qualificador da Inquisição em 8 de Outubro de 1756, e examinador das Ordens Militares e do Patriarchado, consultor da Bulla da Cruzada; e tambem Missionario Apostolico, Padre do Seminario do Varatojo, o Provincial do sua Provincia eleito om 21 de Setembro de 1771, por breve do Nuncio em 26 de Setembro de 1775, e ainda terceira vez em 1797[4]: não encontrei noticia de sua morte.

363.°

Reverendo Fr. JOAQUIM FROJAZ PEREIRA COUTINHO Prior da Ordem Militar de S. Bento da Avia.—Era filho de D. Miguel Pereira Frojaz *Coutinho* e de D. Angela da Lancaster, e teve irmãos, 1.° de Fr. Antonio Frojaz *Pereira Coutinho*, que lho succedeu no Priorado de Aviz; 2.° de D. Diogo *Pereira Frojaz Coutinho* avô materno do actual Visconde do Villa-nova de Souto de ElRei, e 3.° do D. João *Pereira Frojaz* avô materno do actual Conde de Bretiandos: entrou no Ermo Augustiniano Observante; fez com provoito os estudos regulores, e subiu á diguidade *Sacerdotal:* leu theologia, e foi Prégador de ElRei D. Pedro III, o do Principe D. João, que veio a ser Rei, deputado da Bulla da Cruzada, chronista do seu Monastico, e socio das Academias Real de Historia Portugueza, das Sciencias de Lisboa, e da Arcadia Romana: em 10 de Março de 1795 ElRei, na qualidade de Grão-Mestre da Ordem de Avia, o apresentou no Priorado della em successão a Manoel de Noronha, e em 14 desse mez o anno lhe deu o encargo de Visitador Geral dessa Cavallaria: morreu em 30 de Outubro de 1798, e foi sepultado no ante-sachristia do Mosteiro de *Nossa Senhora da Graça de Lisboa*.[5]

364.°

Reverendo Fr. ANTONIO FROJAZ PEREIRA COUTINHO Prior da Ordem Militar de S. Bento da Aviz.—Foi irmão pelo nascimento, habito e dignidade de Fr. Joaquim *Frojaz Pereiro* Coutinho: entreu no Ermo Augustiniano Observante, seguiu as escólas do Claustro, recebeu o santo *Sacerdocio*, e depois occupou os ministerios de leitor do theologia, Provincial do seu Monastico, e fora dello o de

[1] *Livro das entradas dos noviços do Convento do Santissimo Sacramento de Lisboa, o livro dos obitos do mesmo, que serviam áquelle em 1777, e este no fim do último quartel do seculo* XVIII (orig. do Archivo Nacional)—Fr. Dionizio de Deos Reitor Geral da Ordem dos Eremitas de S. Paulo da Congregação da Serra de Ossa *Pastoral a seus subditos datada de 3 de Maio de* 1796 (entre os mss. avulsos da Bibliotheca Nacional). Um retrato de corpo inteiro.

[2] Em umas meninas netas de seu filho Francisco Duarte Coelho bacharel em canones, que seguiu a magistratura judicial, e foi depois secretario de estado dos negocios da fazenda de ElRei D. João VI.

[3] *Lenda sepulchral de Fr. Mathias da Conceição*, de que devo cópia ao Sr. Antonio Joaquim Moreira—Fr. José da Purificação *Abecedario dos Religiosos da Provincia da Arrabida* (ms. do Archivo Nacional). Um retrato de meio corpo.

[4] *Secreto do Conselho Geral do Santo Officio*, *Inquirições* m. 42 e. 028—*Livro dos assentos dos Noviços do Convento de S. Francisco de Setubal, que serviu em 1797*—Fr. Jeronymo de Belem *Memorias da Santa Provincia dos Algarves* (mss. do Archivo Nacional, sendo aquelles originaes). Um retrato de meio corpo.

[5] *Chancellaria da Ordem de Aviz* liv. 11 fol. 198, e 198 v.—D. Francisco Aranha *Genealogias* (ms. do Archivo Nacional, sendo aquelle orig.)—O Sr. Antonio Joaquim Moreira *em memoria*, que me deu, *dos ministerios e obito deste Religioso*. Um retrato de corpo inteiro.

Prégador de ElRei D. Pedro III, e do Principe D. João, que veio a ser Rei: a côrte o elegeu deputado da Bulla, e por opresentação do Soberano, como Grão-Mestre da Cavallaria de S. Bento de Aviz, passou s occupar a dignidade de Prior della em 4 de Novembro de 1798 com o encargo de Visitador Geral; mas passado pouco mais de um anno, falleceu em 5 de Dezembro de 1799, e foi sepultado na ante-sachristia do Mosteiro de Nossa Senhora da Graça do Lisboa com seu irmão e antecessor nu Prelasia daquella Ordem militar.[4]

365.°

REVERENDO DOMINGOS DE S. JOSÉ MACHADO CONEGO SECULAR DO EVANGELISTA.—Era uatural da Freguezia de S. Pedro de Britelo em Basto, e filbo do Domingos de Andrade *Mochado*, senhor da casa da Cruz dos Gagos, e de Anua Mariu Alvares; e teve irmão a José *Machado* de Andrade, Cavulleiro da Ordem de *Christo*, que succedeu na casa e contiuuou u familia[2]: entron na Congregação de Villar de Frades em 15 de Dezombro de 1741, e feitos os estudos Claustraes subin ao sauto *Sacerdocio*, o ulcançou o Magisterio nu sagruda theologia, em que veio a jubilar: foi Reitor de Villar, e duas vezes Geral, o septeutuagesimo ontre os Preludos maiores deste Monostico, eleito a primeira vez em 1780, e u segunda em 1795, e tambem mereceu o encargo de Visitador Geral: eru Religioso de costumes exemplures, dotado do virtudes, e de muito aêlo pela disciplinu regular, que severameute observou: falleceu na Casa de Santa Crua do Lamego em 7 do Setembro de 1801 com bôa opinião.[3]

366.°

REVERENDO THEODORO DE ALMEIDA CLERIGO SECULAR OA CONGREGAÇÃO DO ORATORIO OE JESUS CHRISTO.—Nasceu em Lisboa a 7 de Janeiro de 1722, filho de Ivo Francisco de *Almeida* e de Luiza Mario: Nosso Senhor o dotou do raro engenbo, o da mais alta inclinação para u piedade e todo o genero do virtudes; e ello aproveitou aquelle e seguiu esta, de modo que uão só pôde ter logar eutre os sabios, mas viveu como am Santo: havendo já merecido uas escólas bom nome pelas suas applicações, e provado sua vocação pela integridado de costumes, vestiu a roupeta de S. Filippe Nery em 15 de Abril de 1735, e depois do fazer severos estudos nos differeutes ramos da mothematica, da philosophia o da sagrada theologia com muito proveito, subiu ao *Sacerdocio*, em que Deos o constituiu luz brilbante pelo fervor da caridado e polo zêlo da salvação das almas: ontrou no emprêgo dos deveres do santo Ministerio pelo Pulpito e pela cadeira; uaquelle explicava as verdades do Evungelho com u unção de um verdadeiro enviodo do Ceo, o nesta era o professor iusigne, que sem se preuder com as pêas da escólu[4], conduzia seus discipulos ao perfeito conbecimento du verdade, tendo por fim n'um e n'outru, u gloria de Deos, e a mauifestação de Sua Omnipotencia: deu-se tambem uo exercicio do Confessionario e da escriptura, deixaudo-se ver no primeiro como juiz severo e pae clemeute, e nesta como um sabio, que pretende instruir, accommodando-se a todas as capacidades, e procurando com desvélo o bem-estar preseute e destino futuro do homem; e isso provam suas *Recreações Philosophicas:* os desejos deste varão Apostolico eram diffundir os conhecimentos humanos, procurando evitar, pelo destêrro du ignorancia, u aceitação de doatrinas perniciosas, que facilmente se adquirem, se a instrucção lhes não serve de obstaculo; por isso em 1755 inspirou uo Duque de Lafões a instituição da Academia Real das Sciencias, o posto que ElRei havia adoptado o plano, as calamidades, que sobrevieram, impediram u execução (disse um academico alludindo ao terromoto), mas eu entendo, quo não foi essa a verdadeira causa. Nesses trabalhos, em que se sabe occupar um perfeito Ministro de *Jesus Christo*, passou *Theodoro de Almeida* até ao anno de 1768, no qual foi obrigado a mendigar em terra estranha o pão, que a perseguição no patria lhe negava[5]: refugiou-se em França, e na eidade do Bayona ensinou philosophia por mais de seis aunos, depois em Anch, e naquellu primeira cidade foi tambem Coufessor de um Mosteiro de Religiosas Salezias: u sua reputação chegou a ponto de se lhe offerecer uma Cadeira em Brest, a regencia de um collegio em Bayoua, e Canonicatos em differentes Catbedraes; mas a esperança de voltar ú putria o fez rejeitar quanto em recoubecimento de suas letras e exemplares virtudes lhe davam alem dos Perynéos: estava de volta em Lisboa em Março de 1778, o tornou logo aos antigos exercicios, empregando seus desvélos a favor dos Recolhimentos do Rego e Casa Pia, e concorrendo para a fundação do Seminario de orphãos de ambos os sexos, que instituiu o Padre Autouio Luiz de Carvalho, e do Mosteiro da Visitação em Belem, em que no dia 26 de Juneiro de 1784 entraram as cinco fundadoras vindas de Aneci: mais tarde, na iustituição da Academia Real das Sciencias, que projectára (e talvez debaixo de outras bases) foi nomeado socio; e fez o discurso de abertura, sôbre que lhe levantaram falsos testimunbos, pondo-o em tribulação; mas pora a evitar, deixou ver o original, e o apresentou na

[1] D. FRANCISCO ARANHA *Genealogias* (ms. do Archivo Nacional)—O Sr. ANTONIO JOAQUIM MORREIRA *em memoria*, que me deu, *dos ministerios e obito deste Religioso*. Um retrato de corpo inteiro.

[2] Por seu filho José da Cunha de Andrade *Machado*, pae do actual senhor desta casa Narciso *Machado* de Andrade, que tem larga posteridade de sua mulher D. Joaquina Leocadia Leite de Asevedo.

[3] *Collecção de Inquirições dos Conegos Seculares do Evangelista* (orig. do Archivo Nacional)—O venerando Bispo de Lamego *em carta de 29 de Julho de* 1858—O Reverendo JOSÉ RODRIGO DA SILVA Conego do Evangelista e Abbade de *Lobrigos em memoria*, que por sua bondade me enviou. Um retrato de meio corpo.

[4] Desde o 1.° de Setembro de 1752, em que occupou o magisterio de philosophia na Congregação, seguiu o systema de Descartes e Newton.

[5] Ignoro o fundamento da voluntaria (se o foi) expatriação deste digno Ecclesiastico; mas em presença de suas virtudes, e dos factos da época, não tenho dúvida em declarar, que a causa esteve na opposição ao infame regalismo, que nesses dias attentava, com fôrças de gigante, contra a Igreja de Deos.

côrte; o por seus bons estudos em philosophia o mathematica, mereceu a qualidade de membro das Sociedades Reaes de Londres e de Biscaya. Querendo acabar entre seus irmãos, recolheu-se em Outubro de 1792 á Casa do Espirito Santo, e tomou conta da regencia da cadeira de philosophia, em que se empregou até á sua morte: depois de uma longa vida passada no estudo, em exercicios de amor de Deos e do proximo, foi gosar da vida eterna, morrendo, como um justo, em 18 de Abril de 1804: deixou de sua piedade e letras memoria em differentes escriptos pareneticos, asceticos, historicos, mathematicos e philosophia, de que lembrarei os *Sermões*; o *Pastor Evangelico*; as *Meditações sôbre os Attributos Divinos*; a *Harmonia da Razão com a Religião*; aquellas *Recreações Philosophicas*; o *Feliz Independente*; a *Historia do Convento da Visitação*; as *Cartas Physico-Mathematicas*, o o *Planetario*.[1]

367.°

REVERENDO FR. JOSÉ DE MORAES MONGE DA SANTA MARIA DE ALCOBAÇA.—Era natural de Tarouca na Diocese do Lamego, e filho de Francisco de *Moraes* Madureira e de D. Maria Josepha Caetana de Carvalho: teve irmão Bernardo de *Moraes* Madureira, por quem continuou a successão da casa[2]: abraçou o santo Instituto Cisterciense, e tendo seguido as escolas Monasticas, subiu ao *Sacerdocio*: mais tarde o elegeram Abbade do insigne Mosteiro de Santa Maria de Alcobaça e Geral da Congregação Cisterciense; e, depois de acabado o triennio deste Ministerio, foi nomeado substituto do esmoler-mor da corôa: nesta qualidade obteve para si e seus successores o uso-fructo da Capella de Antonio de Almeida e Silva, incorporada na fazenda real, por graça de 27 de Janeiro de 1801; e posteriormente em 15 de Janeiro de 1802 requereu ao Principe Regente, que em logar da consignação annual de 600$000 reis para esmolas de portas, audiencias, e outras da vontade de Sua Alteza Real, se lhe consignassem pelo erario 200$000 réis mensaes: depois em 1807 acompanhou a Familia Real para o Brasil, e lá morreu, sem que me conste quando.[3]

368.°

REVERENDO JOSÉ DE S. BERNARDO DE BRITO CONEGO SECULAR DO EVANGELISTA.—Era natural do Porto, filho de Felix Moreira de *Brito* e de Theresa Maria de S. Boaventura: entrou na Congregação de Villar do Frades em 22 de Junho de 1748, o, abraçando este santo Instituto, trocou o nome de *José Amaro* no de *José de S. Bernardo*: seguiu os estudos do Claustro, foi elevado ao *Sacerdocio*; mereceu reger Cadeira, e depois a jubilação no Magisterio: no Pulpito, a que se dedicou, foi ouvido com aceitação: depois de ter sido Definidor, exerceu duas vezes a Prelasia maior do seu Monastico por motu-proprio do Nuncio, começando om 1783; e, quando era Visitador Geral, falleceu na Casa do Santo Eloy do Porto a 5 de Dezembro de 1808.[4]

369.°

REVERENDO ANTONIO TAVARES CLERIGO SECULAR DA CONGREGAÇÃO DO ORATORIO DE JESUS CHRISTO.—Nasceu em Lisboa a 17 de Abril do 1732, foi baptisado na Freguezia de Santos o *velho*, e era filho de Faustino *Tavares* Doria e de D. Luiza Van-Ziter Emauz: abraçou a vida Ecclesiastica, e, habilitado com os necessarios estudos e provada sua vocação, subiu á dignidade *Sacerdotal*: aspirando á vida perfeita, se recolheu ao Claustro, vestindo na Casa do Espirito Santo desta cidade a roupeta de S. Filippe Nery em 16 de Julho de 1759: procurou ser util ao seu Monastico, e bem mereceu dello dirigindo-o como Proposito por tres vezes, e tratando zelosa e utilmente seus negocios na qualidade de procurador geral; mas nada disso o distrahiu do fim, que o levára a deixar o seculo, porque adiantando no caminho da virtude, de que sempre deu exemplo, veio a morrer, como um justo, em 28 de Maio de 1814.[5]

370.°

REVERENDO FR. FRANCISCO DE SANTA GERTRUDES RELIGIOSO CARMELITA DESCALÇO.—Era natural do Mangoalde na Provincia da Beira, filho de José *Rebello Castello Branco* e de Clara Maria do Couto: abraçou o santo Instituto do Carmello reformado, professando-o no 1.° de Dezembro de 1760: seguiu os estudos Monasticos, o habilitado por elles e por suas virtudes exemplares foi elevado ao *Sa-*

[1] BARBOSA *Bibliotheca Lusitana*—JOSÉ MARIA DANTAS PEREIRA *Elogio do Padre Theodoro de Almeida* (entre as *Memorias* da Academia Real das Sciencias de Lisboa)—O Reverendo ANTONIO JOSÉ DA ROSA TORRES *em memoria*, que me deu, *dos filhos da Santa Congregação do Oratorio*—O Sr. ANTONIO JOAQUIM MOREIRA *em uma noticia das sociedades litterarias, a que pertenceu este bom Sacerdote*. Um retrato de meio corpo.

[2] Deixando filho Martinho Corrêa de *Moraes* e Castro, primeiro Visconde de Azenha, e pae de *Bernardo Corrêa Leite de Castro* primeiro Conde do mesmo titulo.

[3] Liv. 0.° de *Chanc. de ElRei D. João VI*, fol. 134 v. (orig. do Archivo Nacional)—*Representação do esmoler-mór* (entre os mss. avulsos da Bibliotheca Nacional)—O Venerando Bispo de Lamego *em carta de 30 de Maio de 1852*. Um retrato de meio corpo sem nome.

[4] *Collecção de Inquirições dos Conegos Seculares do Evangelista* (orig. do Archivo Nacional)—O Reverendo JOSÉ RODRIGO DA SILVA Conego desta Santa Congregação e Abbade de Lobrigos, *em memoria*, que me enviou. Um retrato de meio corpo.

[5] O Reverendo ANTONIO JOSÉ DA ROSA TORRES *em informação especial*, que me deu, *ácêrca deste digno Ecclesiastico*. Um retrato de meio corpo sem nome.

cerdocio: mereceu, que o escolhessem para leitor; e ensinou com muito proveito do seu Claustro: tendo depois sido Prelado local, chegou ao Generalato de sua Religião em Portugal; e, neste Santo Ministerio se mostrou zeloso da observancia regular, promovendo-a não só com a voz de pae, mas com as obras do justo: morreu com bôa opinião em 1826 no Mosteiro dos Remedios de Lisboa, com oitenta e um annos de idade, e sessenta e seis de Religioso.[1]

371.°

Reverendo Fr. JOSÉ DE SANTA RITA Religioso Menor.—Era natural de Monte-mór o *velho*, e filho de Francisco Jorge *Pinto* e de Maria da Rocha: abraçou o Instituto Serafico na Recoleição de Santo Antonio de Portugal, e, depois de seguir as escolas do Claustro, o nomearam leitor de philosophia e theologia, que professou nessas escólas: tornou-se igualmente digno do santo *Sacerdocio*, a que subiu; a côrte, quando elle já havia jubilado no Magisterio, o elegeu, em 13 de Maio de 1825, Bispo de Meliapor; mas a sua humildade offereceu de prompto a resignação: sobreviveu á extincção temporal dos Regulares, para lamentar o peccado da geração passada e da presente, que trouxeram essa calamidade; e terminou a sua passagem sôbre a terra, morando na Freguezia de Santos o *velho* desta cidade, a 30 de Janeiro de 1841.[2] Conheci este bom *Sacerdote*, e algumas vezes tive occasião de admirar a sua pobreza, piedade, amor de Deos e do proximo, e mesmo as suas austeridades; pelo que me parece dever testimunhar o, que delle sempre ouvi a pessoas honradas e religiosas, isto é, que foi varão de exemplares virtudes e de costumes simplices: no trato ordinario não mostrava a elevação de seu espirito; e tempo houve, que eu fiz pouco conceito de seus conhecimentos, porém sendo convidado a assistir a umas conclusões de philosophia no Mosteiro de Santo Antonio do Campo de Santa Anna, a que elle presidiu, necessitei mudar completamente de opinião, encontrando-o não so eloquente, mas perfeitamente conhecedor das theorias mais sublimes da metaphisica.

372.°

Reverendo Fr. ANTONIO DA SILVEIRA Monje de Santa Maria de Alcobaça.—Foi natural da Quinta de Gandera Freguezia de Guilhufe termo de Penafiel; era filho de Joaquim José *Vieira de Queiroz*, senhor da dita quinta, e de D. Josepha Luiza da *Silveira* Pacheco e França, e irmão de Jose Teixeira Coelho *Vieira de Queiroz* Cavalleiro da Ordem de *Christo* e alcaide-mor de Alfezirão, que continuou a casa[3]: vestiu a Cogula Cisterciense na Congregação de Santa Maria de Alcobaça; e, feitos os estudos Monasticos, subiu á dignidade *Sacerdotal:* mais tarde mereceu aos seus irmãos do Claustro, que no capitulo de Maio de 1822 o elevassem ao ministerio de seu Prelado maior; foi por isso Abbade do insigne Mosteiro de Alcobaça, e Geral de toda a Congregação Cisterciense em Portugal; e, ElRei D. João VI, por decreto de 13 de Maio de 1825, ao tempo que acabava o triennio, quiz, que, como ate alli, se intitulasse seu esmoler-mór: sobreviveu este bom Religioso a catastrophe da extincção temporal dos Regulares; passou ao seio da sua familia a lastimar a perda da bôa e santa mãe, que o alimentára e fizera unir a Deos pelo *Sacerdocio;* e, depois de uns dezesete annos de lagrimas, terminou sua passagem sôbre a terra em 1851.[4]

II.

DEACONOS.

Do officio, tradição e excellencia do *Deaconodo*, já eu fallei; resta notar alguma cousa ácêrca de reconhecermos o Divino Mestre por seu author, e sôbre a necessidade de lhe tributarmos nosso respeito. S. Polycarpo considerou os *Deaconos* como Ministros de Deos, e não dos homens: Santo Ignacio affirmou, que elles eram Ministros da Igreja de Deos, e não de comidas e bebidas; e S. Jeronymo escreveu que lhes estava confiado o ministerio de *Jesus Christo*, e que elles eram Ministros dos mysterios de *Jesus Christo:* como seriam pois Ministros de *Jesus Christo*, se o nosso Salvador os não instituisse? Não exista, embora, texto que expressamente remonte a tanta altura sua instituição; mas a Igreja, unico juiz nesta demanda, sempre os apresentou como feitura de seu Divino Author; e, de sua propria constituição, em que tudo está disposto por um systema sôbre-humano, se deprehende com claresa similhante pensamento; porque *Jesus Christo*, estabeleceu a authoridade para regular, isto é, o Episcopado, e a authoridade para sacrificar, isto é, o *Sacerdocio;* e como deixaria elle de estabelecer a authoridade de ministrar, ou o *Deaconado?* A ordem maravilhosa da constituição da Igreja tambem exigia a consagração de uma entidade para o ministerio, e não para o sacrificio, que é, na frase de um Synodo de Carthago, aquella consagração, que recebem os *Deaconos:* o officio do Bispo, e o dos *Sacerdotes* na sua qualidade de es-

[1] O Reverendo Fr. José da Puresa Carmelita Descalço *em memoria*, que me enviou, solicitada pela bondade do Reverendo José Maria Coelho. Um retrato de meio corpo.

[2] O Reverendo Prior de Santo Estevão da Villa de Pereira na Diocese de Coimbra *em carta de 7 de Outubro deste anno* (1853)—*Livro de obitos da Parochial Igreja de Santos desta cidade*, que o Reverendo Cura teve a condescendencia de deixar-me ver. Um retrato de meio corpo.

[3] E teve posteridade em seu filho Antonio Teixeira Coelho *Vieira de Queiroz* Cavalleiro da Ordem de *Christo*, alcaide-mór de Alfezirão, capitam-mór de Bemviver, e actual senhor da casa de Gandera.

[4] O Venerando Bispo de Lamego *em carta do 1.° de Abril do anno passado* (1852). Um retrato de meio corpo.

pirituaes, não bastavam só para o andamento dos negocios da Igreja, que tem alguma cousa de economico e temporal: a sublimidade das funcções do Bispo e do Sacerdote, não devia descer, ao que propria e naturalmente se chama ministerio, e sem esse era incompleta a constituição da Igreja: «*Não nos é licito*—disseram os Apostolos congregados em Jerusalem, quando elegeram os primeiros *Deaconos*—*deixar a prégação da palavra de Deos e servir as mesas;*» e reconhecendo a necessidade deste ministerio, accrescentaram, dirigindo-se aos fieis: «*Escolhei d'entre vós sete varões, nos quaes abunde a graça do Espirito Santo e a sciencia, que nós constituamos para entender sôbre esta obra;*» e depois da eleição *impozeram sôbre os escolhidos as mãos, invocando o Senhor*. Este facto deu-se com o engrandecimento dos fieis, e por meio de uma cerimonia sagrada: segue-se pois, que a sua instituição remonta mais alto, porque os Apostolos não inventaram; mas estabeleceram o, que lhes havia determinado nosso Salvador: entretanto é necessario advertir, que o seu officio não foi ligado precisamente á distribuição das oblações, porque a causa do martyrio de *Santo Estevão* foi a prégação, e depois da sua consagração; e deste modo a Igreja apresentando ás tradições desse officio manifestou sua ampliação, qual a expuz n'outro logar.

O *Deaconado* é pois uma Ordem sagrada, parte integrante de um Sacramento da nova Lei, e instituida por *Jesus Christo:* isto basta, para que os *Deaconos* sejam crédores da submissão dos fieis; e, indignos seremos da misericordia de nosso Salvador, não os considerando como Ungidos do Senhor e Ministros de sua Igreja. Dois vou eu apresentar, que bem seguiram os conselhos Evangelicos, um confessando a Fé em presença do cutelo do algoz, e o outro dando-nos o salutar exemplo de uma vida toda cheia de merecimentos para com Deos.

373.º

VENERAVEL FR. MIGUEL ANGELO EREMITA AUGUSTINIANO.—Nasceu em S. Geminiano na Toscana de uma familia illustre, foi seu pae Rafael de *Gamuci*, e no baptismo lhe chamaram *Nicoláo:* entrou no Ermo Augustiniano, e recebeu o habito no Mosteiro de S. Leonardo de Iliceto, e no tempo opportuno fez a sua profissão com o nome de *Fr. Miguel Angelo:* feitos os estudos, e, aproveitando na pratica das virtudes, subiu ao *Deaconado*; e, pelo fervor de ganhar almas para o Céo, obteve licença para prégar: exercia o santo Ministerio com grande fervor, e muito beneficio dos ouvintes, quando se aggregou a Fr. José de S. Geminiano, que com outros Eremitas passava a semear a palavra do Senhor entre os Turcos: chegado com os companheiros ao seu destino, e separando-se cada qual a districto convencionado, *Fr. Miguel Angelo* no, que lhe coube em sorte, levantou a voz com a liberdade e zêlo de Apostolo, resistindo a todas as ameaças e ao terror, com que pretendiam amedronta-lo; foi prêso, e levado ao tribunal, que devia mandar-lhe cortar os fios da vida, appareceu imperturbavel, e desse modo ouviu a sentença, que o condemnava a ser empalado: agradeceu a Deos o beneficio da palma, e conduzido ao logar do martyrio, offereceu-se como um cordeiro ao sacrificio: coroou-o *Jesus Christo* no Ceo em Março de 1521, quando contava vinte e tres annos de idade e nove de habito.[1]

374.º

VENERAVEL FR. GONÇALO DE JESUS RELIGIOSO MENOR.—Abraçou o Instituto Serafico, e, tendo feito os estudos Claustraes, subiu ao santo *Deaconado*, e recusou por humildade extrema o *Sacerdocio:* esteve continuamente applicado ao serviço da Igreja e da Communidade, mostrando-se sempre zeloso e activo ainda depois de avançado em annos: foi devotissimo da Santissima Virgem, e um dos Religiosos mais perfeitos e mais exemplares, de que com rasão se póde presar a Recoleição de Santo Antonio de Portugal, em que se alistou: não deu motivo de escandalo a alguem, procedendo em tudo com grande quieteção e modestia, e apenas uma vez se alterou, incitado por palavras menos compostas, que ouviu no Templo: extremosamente dedicado á oração e á contemplação, procurava attrair a uma e outra seus companheiros, dizendo-lhes: «*Ah, irmãos! tomae o gôsto á conversação com Deos, e logo sabereis qual é sua inefavel suavidade:*» essas consolações, a que alludia, e que o ligavam estreitamente com o Céo, não eram impedimento para exercer em tudo a caridade com o proximo, porque a professou sem reserva: viveu e morreu, como um Santo; e Nosso Senhor o chamou a Si em 12 de Fevereiro de 1588, de idade de noventa annos, morando no Mosteiro de Santo Antonio de Ponte de Lima: quinze annos depois, abrindo-se a sepultura, seu corpo se encontrou inteiro, cheiroso e flexivel, como se estivesse vivo.[2]

III.

SUBDEACONOS.

Para ministrar ao *Sacerdote*, mediante o *Deacono*, foi instituido o *Subdeacono:* sua tradição remonta, com segurança, ao segundo seculo; e sua instituição, posto que não expressada nos Textos Sagrados, é Divina, apparecendo claramente, quando houve necessidade de fallar della: entretanto, assim

[1] Fr. JOSÉ DE SANTO ANTONIO *Flos Sanctorum Augustiniano*. Um retrato de meio corpo.

[2] Fr. MARTINHO DO AMOR DIVINO *Escola de Penitencia*—Fr. PEDRO DE JESUS MARIA *Chronica da Provincia da Conceição de Portugal*. Um retrato de meio corpo.

come entre os Gregos ainda hoje não é Ordem Sagrada, muitos seculos esteve sem o ser em toda a Igreja, que por aquella falta de expressão póde eleva-la, assim come pode supprimi-la, porque tão oxtensa é sua autheridade: deste mede o Santo Padre Urbane II, disse ne seculo XI, nemeadamente ácêrca desta Ordem: «*Subdeaconos vero, quia et ipsi altaribus ministrant, oportunitate exigente concedimus.*» A Igreja nãe inventou o officio; mas declaree pessoa para e exercer; e, supprimінde a pessoa, não supprime o eficie, porque este tevo comêço desde *Jesus Christo*, que estabelecendo, e ainda exercende todos es efficios da Ordem, não expressou a pessoa de *Subdeacono*, como notou aquello Summo Pentifice: «*Super his solis* (Sacerdotibus et Diaconibus) *praeceptum Apostolicum habemus.*» A Igreja reconhece actualmento, o de ha seculos, e *Subdeacono* como Ordem Sagrada, porque as pessoas della revestidas ministram ae Altar; e nesta censideraçãe o *Subdeacono*, apesar de nãe ser investido pela imposiçãe das mãos, é entre es fieis uma entidade superior, porque se nãe está inclnide na jerarchia, pódo tocar o Sanctuario sem o polluir.

375.°

ANTONIO RIBEIRO DOS SANTOS Conege Doutoral da Sé Metrepolitana de Evera.—Nasceu em Massarellos, Freguezia de Nossa Senhera da Bôa-Viagem fora dos muros de Porto, a 30 de Março de 1745, foi baptisade a 30 de Abril seguinte, era filho de Manoel *Ribeiro* de Sousa Guimarães, coronel do mineiros, e de Josepha Maria de *Jesus*: estudou philosophia e humanidades com os Jesuitas ne Seminario do Nossa Senhora da Lapa de Rie de Jaeeire, para ende passou na idade de onze annes, chamando-o do la seu avô André Jeãe Santhiage de Castoias: em 1764 veio frequentar a faculdado de canones na universidade de Ceimbra, em quo se distinguiu; recebee, a 7 de Fevereire de 1771, e grao de deuter[1], e fei admittide á epposiçãe; depois da referma de 1772 entreu ne cellegie des Militares, e recebeu e babito de Freire de S. Thiage; a 9 de Fevereiro de 1777 teve o cargo, de novo creado, de bibliothecario da livraria da universidade; depois, om 20 do Agoste do 1779, e de lente substituto da disciplina, que prefessava, merecendo igualmente ser recebide socio da Academia Real das Sciencias de Lisboa, quando nesse anne se instituiu; e, posteriormente, em 1780, da outra, que havia em casa de Conde de Vimieiro com o fim do escrever as biographias dos homens illustres Portuguezes: em 6 de Maio do 1782 foi igealado na procedencia e erdenade a lente da cadeira de direito natural da universidade, e alcançou a pensãn vitalicia de 50$000 reis annuaes pela oraçãe funebre, que recitara em linguagem latina nas exequias da Rainha e Senhora D. Marianna Victoria, celebradas pelo corpo Cathedratico da mesma universidade: tendo sido chamado á côrte para negocio de serviço em 1788, no anno seguinte entrou come deputade na junta da revisão e censura de novo codige; em 10 de Novembro deste anne ebteve um logar ordinarie de desembargader da casa da supplicaçãe; a 29 de Janeire de 1790 fei provide na primeira cadeira synthetica de decretaes, sende já desde e anne antecedente commissario geral des estudes da côrte e provincia da Extremadura; e a 14 de Nevembre desse mesmo anne, lhe deram assente entre os aggravistas daquella casa da supplicaçãe: a fertuna auxiliou um pouce a *Antonio Ribeiro dos Santos* na sua carreira, embora elle se tornasse digno de tão rapido incremento pelos seus talentos e serviços.

Tinha-se dedicado á vida Ecclesiastica, e havendo-a abraçade, recebeu a sagrada Ordem de *Subdeacono*[2] da mão de Barthelemeu Bispo de Marianna em 19 de Agosto de 1790, e successivamente fei

[1] No anno antecedente defendeu conclusões *De Sacerdotio et imperio*, e sôbre ellas publicou um livro com o titulo de *Selectae Dissertationes*. Destas dissertações a quinta tem pouca defesa, se attendermos ao principio constitutivo da Igreja de Deos, posto que alguns textos da historia interpretados litteralmente lhe dêem auxilio; mas essa interpretação é erronea, e deixa ver sua miseria nos olhos de uma critica racional. Sôbre a convocação dos Synodos nacionaes requereu a existencia dos Principes ou seus delegados, *seu ut illis procedendi ordinem praescribant*: nesta hypothese os Principes ou seus delegados seriam os presidentes dessas assembléas sagradas; e isto é alheio completamente da doutrina Catholica. O principio da alienação dos bens Ecclesiasticos pelo podêr temporal na latitude, que lhe quis dar, não só carece do fundamento, que propoz, mas tem contra si a lei do voto por que se consagraram: esses bens estão sujeitos ao tributo sem immediata resolução da authoridade da Igreja; e ainda á alienação, quando as calamidades públicas o exigirem, mas para este facto não basta só a vontade do podêr temporal, é necessario o consenso pleno dos Bispos e da Santa Sé para os absolver do voto. A sujeição tão absoluta das pessoas Ecclesiasticas ao podêr temporal, como se estabeleceu, fundado na Epistola *ad Romanos* 13—1, importa a sujeição do espirito á materia, se nós entendermos o *potestatibus sublimioribus* exclusivamente pelos principes ou governos temporaes: o proprio Vigario de *Jesus Christo* póde estar sujeito aos podêres da terra, mas essa sujeição não derogа o exercicio livre de sua authoridade, nem o alto privilegio de Sua Pessoa, similhante sujeição; e o respeito de todo o Clero, não se estende a mais, que ás considerações do filho para com o pae natural; porque o principe não é senão o pae de uma grande familia, assumindo a authoridade legitima em successão ao primeiro pae, em cujas mãos Deos entregou o direito de governar e dirigir a familia, supposto que em tal hypothese a monarchia é instituida por Deos, e a republica pelo diabo: entretanto na espiritualidade e deveres religiosos, o principe é tão sujeito ao proprio Bispo da sua Diocese, como o vassallo mais humilde: a sujeição pois do Clero ao podêr temporal está confinada em estreitos limites; e o direito dos principes sôbre a Igreja, em quanto se considera corpo mystico, é intoleravel, porque importa a *inspecção*, que se pretende confundir com o *protectorado*: a Igreja, como corpo mystico, é governada por *Jesus Christo*, e visivelmente por seus Vigarios; o contrario sabe mal, e só tem fundamento no lutheranismo.

[2] Sendo deficiente a noticia biographica, que devemos a Monsenhor Gordo, ácêrca das relações de *Antonio Ribeiro dos Santos* com o estado Ecclesiastico, e não me parecendo, que fôsse simplesmente *Subdeacono*, como está na outra noticia, escripta por Torres, cuidei de examinar o seu assento de obito na Igreja Parochial da Lapa. Por bondade do Reverendo Manoel de Santa Anna Noronha Cura desta Parochia, li com surpresa nesse assento, como unica classificação — *desembargador e conselheiro*: — isto escripto por um *Sacerdote*, ácêrca de pessoa Ecclesiastica, importa uma vilissima baixeza filha da mais torpe ignorancia; mas oxalá, que fôsse só essa miseria encontrada nos livros Parochiaes! O pensamento, que presidiu á sábia disposição da Igreja para se fazerem similhantes assentos, esqueceu, porque a propria letra de tal disposição não se tem cumprido, salvas algumas excepções, de que eu sou testimunha ocular; e, o peior é, que pela maior parte esses erros foram approvados pelos Visitadores: Deos illustre os venerandos Prelados para remediarem no futuro tão grande mal. Luctando com a incerteza, continuei minhas diligencias, e soube, pelo Sr. Ricardo Antonio dos Santos empregado da bibliotheca nacional, afilhado e familiar de *Antonio Ribeiro dos Santos*, que elle não subira da Ordem de *Subdeacono*

provido na Conesia doutoral da santa Igreja de Vizeu a 19 de Fevereiro de 1793; e no cargo de deputado da Inquisição de Coimbra em 3 de Abril do mesmo anno; no de 1795 se lhe confiou a guarda da livraria da mesa censoria; a 7 de Abril jubilou na cadeira synthetica, em que estava provido; em 28 de Agosto o desembargo do paço o nomeou censor regio; e a 4 de Dezembro entrou para chronista da serenissima casa de Bragança; no anno seguinte, em 4 de Março, foi nomeado bibliothecario maior[1] da bibliotheca pública[2] de Lisboa, que a sábia providencia de 29 de Fevereiro do mesmo anno havia creado, mandando-a organisar sôbre a livraria da mesa censoria: em 1797 passou a deputado do serenissimo estado e casa de Bragança por decreto de 21 de Março; em 1800 largou a Conesia doutoral de Vizeu pela de Faro em virtude da apresentação de 11 de Julho; e em 11 de Outubro teve mercê de um logar de deputado da junta da directoria geral dos estudos do reino; no anno de 1802, em 21 de Março, o fez a côrte membro da junta do codigo penal militar, creada de novo; e a 13 de Maio deputado da Mesa da Consciencia e Ordens: em 1804 a Academia Celtica de Paris o recebeu no número de seus membros, e lhe enviou carta datada de 24 de Abril; e pela régia apresentação de 9 de Agosto entrou elle em uma das tres Conesias doutoraes da Sé Metropolitana de Evora, deixando a de Faro, em que estava provido; no anno de 1810, desde 11 de Maio, entrou no número dos deputados da Bulla da Cruzada; e em 29 de Maio de 1816 foi aposentado no cargo de bibliothecario maior: finalmente em 16 de Janeiro de 1818, estando já quasi cégo, falleceu de uma apopolexia, e lhe deram sepultura na Igreja de Nossa Senhora da Lapa desta cidade.[3]

Debaixo de tres pontos havemos de considerar *Antonio Ribeiro dos Santos*, como Ecclesiastico, como magistrado, e como homem de letras: embora as opiniões regalistas, de que foi um dos mais acerrimos defensores, e posto mesmo, que ellas concorressem muito para lhe alcançar o favor da côrte nos dois reinados do seu tempo, porque eram da moda, não me céga a má vontade a taes opiniões para occultar a verdade, não dando um bom testimunho em favor de sua memoria posthuma; por isso direi, que elle foi um varão exemplar pela honestidade de costumes, podendo nesta parte dizer-se um bóm Ecclesiastico; e pela rectidão, com que decidiu todos os negocios, de que foi encarregado, merecendo por isso, em todos os respeitos, o elogio de magistrado integerrimo. Quanto ao terceiro ponto, é necessario confessar, que elle não só passou por um dos sabios do seu tempo, mas que escreveu muito no direito, nas antiguidades, na philologia, na bibliographia, e na poesia, em cujos escriptos se impoz o nome de *Elpino Duriense:* o juiso compendioso, que Monsenhor Gordo fez de algumas de suas obras, me parece acertado; e, se nessas obras encontrâmos defeitos, seguramente devemos releva-los, attendendo á falta de conhecimentos, principalmente nas antiguidades, e na philologia, que os progressos da sciencia trouxeram depois: relativamente ao que com justiça se póde criticar na materia de direito, isso não se imputa a defeito de sciencia, mas a espirito de seita: ácêrca da poesia, como eu acredito pouco na moderna, parece-me, que posso dizer sem errar, que elle foi um dos cantores de mais espirito, consciencia, e ainda o mais profundo, do seu tempo; e finalmente não mereceu menos pela bella organisação da bibliotheca pública de Lisboa, em que o auxiliou Agostinho José da Costa de Macedo, outro sabio dos seus dias, seu amigo, seu consocio na Academia, e immediato na direcção e governo da mesma bibliotheca. Monsenhor Gordo fez um extenso cathalogo das suas obras impressas, e das que deixou manuscriptas ao estabelecimento por elle creado.

IV.

MINORISTAS.

Como antigamente o *Confessorado*, hoje a *Tonsura*, é a raia entre o Estado Ecclesiastico e o laical, e propriamente a iniciação daquelles, que renunciando ao mundo para servir a Deos no Templo, aceitaram as prescripções da lei do *Sacerdocio*, daquelles a quem o santo Synodo Calcedonense prohibiu todo o trafico, ou ingerencia em negocios temporaes, e ainda as dignidades seculares; porque todos esses haveres largaram para possuir a herança do Senhor. Depois dessa iniciação seguem os quatro gráos *Menores* da Ordem *Ostiario*, de que se sóbe ao de *Leitor*, deste ao de *Exorcista*, e deste ao de *Acolito:* já fica referido o officio, que a cada um delles compete, bem como sua tradição, apoiada nos Padres da Igreja, e solemnemente declarada pelo santo Synodo Tridentino. Desde o *Tonsurado*, o *Clero inferior*, gosa, como o maior, a immunidade, e, segundo a doutrina da Igreja exposta nos Synodos Andegavense, e Venetense, não póde elle appellar para o juiso secular, sem authorisação dos Bispos, nem pela letra dos Agathense, Aurelianense, e Carthagenense, sem consentimento dos mesmos Prelados é licito constrange-lo a tal juiso, em quanto que, conforme as disposições do Matisconcase o *Clerigo* não póde ser chamado ou prêso pelo juiso secular senão em causas capitaes; donde parece, que só nestes casos é licita a authorisação dos Bispos, e depois da degradação: essa immunidade concedeu-a Deos ao *Clero*, como teve, e tem a Igreja, que o declarou expressamente quando reunida em Trento, e o reconheceram os Imperadores Constantino, Valentiniano, e Theodosio com outros illustres Soberanos. Classe distincta no meio dos fieis o *Clero inferior*, pela origem, pelo officio, e pelo privilegio, elle merece a

[1] Joaquim José Ferreira Gordo, que lhe succedeu, se chamou *bibliothecario-mór*.

[2] Pela reforma de 7 de Dezembro de 1837 se ficou denominando nos termos republicanos *bilbiotheca nacional*.

[3] Joaquim José Ferreira Gordo *Memorias do Doutor Antonio Ribeiro dos Santos* (ms. entre os sollos da Bibliotheca Nacional) — M. J. M. Torres *Memoria Biographica de Antonio Ribeiro dos Santos* (no Panorama). Um retrato de meio corpo.

consideração pelos fastos gloriosos, que sua historia apresenta; e não é de inferior conta aquelle, que esta narra tratando da vida de um de seus membros, o piedoso mancebo, que segue.

376.°

PEDRO DE ALPOIM CLERIGO SECULAR DA CONGREGAÇÃO DO ORATORIO DE JESUS CHRISTO.—Nasceu em Lisboa na Parochia de S. Julião, e nella foi baptisado: era filho de Manoel de *Alpoim* de Sousa e de Marianna Cardoso; teve irmãos os Padres Francisco Pedro Pedroso e Antonio de *Alpoim*, Clerigos seculares da Congregação do Oratorio de *Jesus Christo:* havendo feito os estudos preparatorios, alcançou sentença de habilitação em 23 de Dezembro de 1687, na Curia Diocesana Olisiponense, para entrar no Estado Ecclesiastico com destino á vida regular no Claustro do Espirito Santo desta cidade; e, recebendo *Prima-Tonsura* e Ordens Menores, vestiu a roupeta de S. Filippe Nery em 6 de Outubro do seguinte anno (1688): pouco se lhe dilatou a vida, porque Deos o chamou ao Céo em 23 de Fevereiro de 1690, antecipando o premio de suas virtudes eximias, e talvez de sua innocencia, ás dignidades da Igreja, de que aquellas e esta o faziam crédor.[1]

[1] *Collecção de Inquirições da Camara Ecclesiastica de Lisboa*, P. m. 6 n. 2—O Reverendo ANTONIO JOSÉ DA ROSA TORRES *em memoria*, que me deu, *das entradas e obitos dos filhos da Santa Congregação do Oratorio*. Um quadro representando a cabeça.

PARTE TERCEIRA.

ORDENS MONASTICAS.

I.

CLAUSTRAES.

§ 1.º

Em geral.

O acto de se subtrair voluntariamente á sociedade para empregar-se na meditação e n'uma vida austera, é um principio recebido em todos os seculos e em todas as crenças: a essa subtracção no Christianismo se dá em geral o nome de *Monastico*. Desde a mais alta antiguidade, em todos os paizes civilisados, se encontram homens celibatarios, isolados ou reunidos em certo número no *Ermo*, e tambem vagando de terra em terra, desligados do commum dos outros homens, mantendo-se de fructos silvestres, de alguns productos da terra por elles cultivados, ou da esmola; trabalhando incessantemente, ou não, porém sempre contemplativos: essa instituição revéla por isso a idéa de um direito individual, que a sociedade considerou sempre respeitavel, e formando a parte integrante daquelles, que ella não póde estorvar. O povo mais eminentemente ligado ao principio social e ao progresso da geração pelo esperançoso porvir a ella annexo, isto é, o Israelitico, venerava os filhos dos Prophetas, que nos seus retiros de Béthel, Jericó e Carmelo, formavam communidades de celibatarios, que não tinham outras relações com sua nação, mais que de ensinar os principios religiosos e da sciencia. Se se attender ao desprêso do mundo e suas pompas, como ao desprêso dos commodos da vida, que esses homens levàvam, nós encontraremos o seu retrato entre sabios da gentilidade desde os tempos mais remotos na China, na Persia e na Grecia, do mesmo modo, que hoje presenciàmos com admiração, o silencio profundo e o rigor de vida, que se observam em alguns pagodes da Asia; mas isso, que justifica o *Monastico* do Christianismo, não é comparavel a esta famosa instituição, que na lei da graça dependeu de inspirações mais sublimes.

Se *Jesus Christo* não foi o instituidor do *Monastico*, quem haverá ahi capaz de negar, que Elle lançou os seus fundamentos? Que são os conselhos Evangelicos? Qual norma de vida levou Elle com os Apostolos? Quem ensinou a *S. Paulo* retirado na Thebaida, a conducta que seguiu? Quem a *Santo Antão* a reunir os ascetas dispersos n'uma clausura? Quem a *S. Bento* a redacção de uma lei maravilhosa? Não foi senão *Jesus Christo* ensinando pela palavra e pelo exemplo: *Jesus Christo*, pois, deu origem á vida *Monastica*; e fez mais, deu-lhe incremento no milagre, com que a fez estabelecer e propagar de um modo sôbre-humano. Quaes foram os cabedaes com que *Santo Antão*, *S. Bento*, *S. Francisco*, *Santo Ignacio*, e tantos outros, edificaram centenares de *Mosteiros*, não tendo de seu uma moeda de cobre ao menos? Todos esses homens extraordinarios deram quanto possuiam antes de abraçar a vida do *Ermo*, ou nunca possuiram alguma cousa; mas, apesar disso, em sua propria vida povoaram o oriente e occidente de *Mosteiros*. Se *Jesus Christo*, pois, deu origem e incremento ao *Monastico*.

A Sociedade instituida por nosso Salvador reunia em si todas as perfeições, a que é possivel aspirar o *Monastico*: essa sociedade de dia para dia tomava incremento; e, em quanto a espada dos Cesares pretendia destrui-la, ella caminhava, dando exemplos sublimes de resignação diante da ferocidade

dos perseguidores; mas essa sociedade nasceu para occupar a face da terra substituindo a sociedada prevericadora e a sociedade pagã; devendo por isso cessar a perfeição absoluta na universalidade dos individuos, quando ella ainda subsistia, a crueldade dos tormentos, que a perfidia idolatra inventava para dar cabo dos filhos de *Jesus Christo*, inspirou o terror em algnas a ponto de abandonarem tudo, e seguir o Divino Mestre na solidão: um desses, e o mois notavel, foi *S. Paulo*, a que damos o nome de primeiro *Eremita*. Nasceu dolle o genero de vida dos solitarios Christãos, porque teve imitadores; mas a *Santo Antão*, que passou ao deserto só para alcançar maior perfeição, inspirou o Senhor a vida commum: *S. Basilio* deu a essa instituição o maior incremento no oriente; *Santo Athanazio* trouxe-a ao occidente; o *S. Martinho* a propagou por nossa terra; *S. Bento* deu-lhe sábias leis; *S. Bruno* estabeleceu dentro do *Ermo* a mais austera reforma; e *S. Francisco* levou essa austeridade aos *Mosteiros* do povoado: *Santo Ignacio* deu uma nova forma á instituição estabelecendo, como ponto capital, a prégação da palavra do Senhor entre Christãos e gentios; seguiram-o *S. Filippe Nery* e *S. Vicente de Paulo* sem impôr absolutamente a seus filhos os votos solemnes da Clausura, e adoptando cada qual um grande pensamento peculiar: finalmente com mais ou menos modificações, outras Ordens appareceram na Igreja, umas seguindo o principio de *Santo Antão*, addicionando maiores austeridades neste ou naquelle ponto, com rasão a um principio de utilidade geral do Christianismo e da humanidade; e outras, o sentimento de *Santo Ignacio*, *S. Filippe Nery*, ou de *S. Vicente de Paulo* por um modo igual.

§ 2.°

Benedictinos.

S. Bento nasceu pelos annos de 480 de uma familia muito illustre de Norsia na Umbria, e passou a estudar em Roma; porem escandalisado do corrupção da mocidade escolar, evadiu-se para uma caverna do monte *Sublaco*, a fazer penitencia, quando apenas contava por perto de quinze annos de idade, e la se demorou por tres annos entregue á contemplação e á penitencia, ignorado de todos, menos do *Monje* Romano, que lhe dava o pão para o seu alimento; até que sendo descoberto, muitos correram para o admirar e receber lições de perfeição, e elle se viu obrigado a aceitar o ministerio de *Abbade* de um *Mosteiro* visinho: entrando a governar, pretenden a reforma de costumes, e não agradando essa aos subditos, tentaram envenena-lo; mas Deos o salvou: retirando-se novamente ao seu *Ermo*, em 510 se lhe reuniram discipulos, com quem elle fundou dôze *Mosteiros* povoados cada um de dôze *Monjes*, debaixo da conducta de um *Abbade*: a fama de suo heroica virtude passou ás regiões mais distantes; o fervor dos discipulos igualava ao do Mestre; e Nosso Senhor lhes dava graça para a perseverança. Em 529 passou *S. Bento* ao monte Cassino; destruiu o idolo de Apollo, que lá se venerava, e o altar de seus idolos sacrilegios; cortou os bosques consagrados á supposta Divindade; levantou dois Templos, um o S. João, e outro a S. Martinho; o instruiu o povo da visinhança nos mysterios e deveres do Christianismo: o número de seus discipulos crescia diariamente, as fundações tomaram o mais alto incremento, e com o andar do tempo o seu santo Instituto foi recebido em todos os *Mosteiros* do occidente. No monte Cassino escreveu a sua famosa regra, a que nada é necessario accrescentar, nem mudar, e que foi não só approvado, mas louvada pelos Summos Pontifices, esmerando-se nisso mais S. Gregorio o *grande*. *S. Bento* admittiu todas os condições de pessoas, e todas as idades, ainda os meninos; ordenou o voto de estabilidade, da conversão de costumes, e de obediencia; obrigou seus discipulos não só a observar os preceitos, mas os conselhos Evangelicos, a *continencia perfeita*, a *pobreza voluntaria*, e a *obediencia religiosa*; e estabeleceu uma sociedade, que devia *praticar a perfeição Christã*, *civilisar as nações barbaras*, *ensinar-lhes a cultura da terra e a cultura da sciencia*. Os discipulos deste Santo Patriarcha, elevados, como elle, ao *Sacerdocio*, appareceram no meio da Igreja de Deos exercendo o santo Ministerio com zêlo e piedade, ensinando todos os conhecimentos humanos, e trabalhando incessantemente com todos aquelles, que abraçando este veneravel Instituto, não passaram do estado leigo, em tudo quanto póde ser util á vida social e á particular das familias. Outras Ordens *Claustraes* appareceram em seculos posteriores no meiu da Christandade, a ellas se devem grandissimos beneficios, mas a *Ordem Benedictina* gosou um privilegio unico, o de ser muitos tempos quasi universal no occidente, e unica algum tempo nesta parte do mundo.

377.°

Fr. LOTARIO Monja Benedictino.—Nasceu pelos annos do 795, filho de Luiz *pio* Imperador do occidente e da Rainha Ermengarde sua primeira mulher: em 31 de Julho de 817 seu pae, no congresso de Aix de la Chapelle, dividiu os estados entre os tres filhos *Lotario*, Pepino e Luiz; associou o primeiro, que era o mais velho, ao imperio; e em 821, na reunião de Nimegue, confirmon essa partilha, o fez jurar de novo a *Lotario* successor de Bernardo Rei de Italia, a Pepino Rei de Aquitania, e o Luiz Rei de Allemanha: em 823, por ordem de seu pae, *Lotario* passoa a Roma, e obteve do Summo Pontifico S. Paschoal I, na Igreja de S. Pedro, em 5 de Abril, dia de Paschoa, a corôa e o nome de Imperador: no anno seguinte, em consequencia das difficuldades, que se oppunham á Santidade de Eugenio II, depois de sua eleição em successor de S. Paschoal, voltou *Lotario*, por ordem de Luiz *pio* a Roma, e com ordenanças, que respiravam submissão á Santa Sé e piedade, manteve os animos inquietos. Viuvo de sua primeira mulher, o Imperador passou a segundas nupcias com Judith em 819, e em 823 teve della a Carlos o *calvo*, ao qual, por influencia da Imperatriz, deu em 829 a Allemanha, a Recia, e uma parte da Borgonha, quebrando assim o disposto em 817 e 821: disto se escandalisaram Pepino e Luiz, e *Lotario*, que havia promettido protecção a Carlos, se arrependeu, entrando nos planos daquelles irmãos, e

pretendendo annullar o ultimo acto de seu pae: entretanto o Imperador para se pôr a coberto dos filhos descontentes, chamou Bernardo Conde de Barcelona á côrte, e o collocou seu immediato no govêrno; mas este principe, longe de corresponder ás vistas de seu Soberano, e de reconcilia-lo com os filhos, votando-se aos interesses da Imperatriz poz as cousas em peior estado, e expoz o imperio á ruina: então Vala Abbade de Corbia, que estava viuvo de uma irmã de Bernardo, fôra um dos primeiros capitães do imperio, e era sobrinho de Carlos o *grande*, passou á côrte e forcejou por abrir os olhos ao Monarcha e ao cunhado; mas teve de retirar-se cheio de magoa. Depois os principaes senhores da côrte, esperando delle remedio, lhe noticiaram, que Bernardo queria fazer assassinar Luiz e seus filhos; e elle, ouvindo similhante nova, se poz á frente do partido, que desejava salva-los: uma sublevação geral teve logar na primavera de 830, e Pepino foi o primeiro, que appareceu em campo com um grande exército de sublevados; mas o Imperador, sentindo-se fraco, recolheu sua mulher no *Mosteiro* de Nossa Senhora de Laon, em quanto Bernardo se evadia para Barcelona; Pepino, apesar disto, prendeu sua madrasta, que não só lhe prometteu abraçar a vida religiosa, mas concorrer com seu marido para que fizesse outro tanto; e não contente o Rei de Aquitania com esse attentado, passou avante dirigindo-se contra seu pae, que se achava em Compiègne, e se viu obrigado a assegurar-lhe, que a Imperatriz tomaria o véo, o que elle depois de algum tempo respondoria sôbre sua propria sorte, porque o filho queria, que elle se fizesse *Monje*: em resultado, foi Judith encerrada no *Mosteiro* de Santa Cruz de Poitiers, *Lotario* e Luiz se foram reunir em Compiègne com o irmão; e o pae, que se mostrou satisfeito do, que se passava, lhes declarou nada fazer d'alli em diante senão por seu conselho: *Lotario* desde então assumiu todo o podêr, e pôz junto de seu pae alguns *Monjes* para o persuadirem á plena renuncia; porém estes vendo as cousas irem a peior, tendo obtido do Imperador a promessa de governar bem e proteger a Religião, cuidaram do seu restabelecimento, e fizeram secretamente entrar nos seus interesses Pepino e Luiz a titulo de um augmento de territorio: appellou-se para um congresso, que os partidarios de *Lotario* pretenderam ter em França, em quanto o Imperador, por confiar mais dos Allemães, que dos Francezes, o convocou para Nimegue, ordenando, que os Prelados, Principes e Senhores se apresentassem apenas com o sequito de honra: nesse congresso tudo se fez contra *Lotario* e seus partidarios, porque elle cedeu a fazer a paz, e se mandou restituir a Imperatriz, depois de se justificar, em Fevereiro de 831 em Aix de la Chapelle; logo depois nesse anno, em Thionville, succedeu outro tanto ao Conde Bernardo, ao mesmo tempo que o Abbade Vala foi desterrado, e os chefes da insurreição, condemnados á morte em Nimegue, estavam privados da liberdade, havendo-os já Luiz *pio* absolvido da pena última: este principe, já restituido, não admittiu Bernardo, que por esse facto se lançou no partido de Pepino; o *Monje* Godobaldo occupou o seu logar, os Allemães substituiram os Francezes no manejo dos negocios, e Judith tornou a ser a alma do govêrno. No anno seguinte (832) o Imperador se pôz em campo contra seus filhos Pepino e Loiz, partiu os estados entre *Lotario* e Carlos; em 833 tirou a Aquitania a Pepino, e a deu a Carlos; e a anarchia reinou em todo o imperio, rebelando-se cada qual para conservar o, que tinha: o Imperador era então considerado perjuro por uma parte sã do Clero, e a Santidade de Gregorio IV acompanhou *Lotario* a Allemanha com designio de restabelecer a paz, embora ostensivamente parecesse abraçar o partido dos filhos contra o pae; e, passando depois a França, obrigou o Abbade Vala a empregar sua influencia para se obter a paz: Vala e S. Pascazio atravessaram por meio dos exercitos acampados nas planicies de Rothfeld na Alsacia, e lá foram recebidos como Anjos pelo Santo Padre e pelos principes: entretanto que no exercito do Imperador os Bispos e os Senhores mofavam das ameaças que suppunham haver da parte de sua Santidade, e aquelles com perfidia impropria do caracter Sacerdotal lhe escreviam declarando-se desobedientes[1]; no campo dos principes o Santo Padre fazia esforços pela reconciliação; mas aquelles Prelados chegaram á ousadia de ameaçar o Summo Pontifice com a deposição, pelo que, attendidas as rasões de Vala e S. Pascazio, Sua Santidade lhes declarou e ao Imperador, quão errado era o caminho, que seguiam, accusando-os de perjuros e causadores dos males dessa hora: o Imperador enviou então o Bispo de Worms com outros Senhores ao exercito contrario, pretendendo attrair o Santo Padre, e lembrando a seus filhos, que não só o eram, mas seus vassallos; ao que *Lotario* respondeu com submissão, queixando-se, de que os quizesse condemnar injustamente, desthrona-los e desherda-los sem crime: o Imperador presistiu entretanto em não lhes perdoar, sem que o Santo Padre fôsse ao seu campo: cedeu elle, e não podendo obter a reconciliação, voltou para *Lotario*; porem na noite seguinte houve uma revolta no exercito de Luiz *pio*, e essa o deixou em abandono completo[2]: passou então para os filhos, Judith foi entregue ao Rei de Allemanha; o velho Imperador, e Carlos seu filho mais novo, ficaram no cuidado de *Lotario*: depois disto, confirmou-se partilha do anno 817; o imperio, contra o parecer de Vala e S. Pascazio, passou ás mãos de *Lotario*, o Santo Padre se recolheu cheio de dôr a Roma, Judith foi conduzida a Tortona, o Imperador ao Mosteiro de S. Medardo em Soissons, e Carlos ao de Prum em Ardenes: assim terminaram desta vez as contendas entre o pae e os filhos, originadas do

[1] A consequencia necessaria do facto da soberania temporal, dos feudos ou pequenos senhorios concedidos ao Clero, é a lucta por interesses mundanos; e assim não admira, que o Sacerdote vestido de saio, se esqueça completamente do, que deve a Deos, ao Chefe da Igreja, e a si proprio: a debilidade do coração humano não se fortalece com o caracter sagrado, mas com os auxilios da graça, se se procuram. Não é isto querer privar o Clero da propriedade, quero que elle a tenha; quero mesmo, que seja rico, mas que essa propriedade não seja revestida de circumstancias perniciosas, e que use e não abuse de suas riquesas. O que eu não quero ao Clero são titulos e honras temporaes de qualquer natureza, porque essas são mais perigosas, que todas as riquesas do mundo; e fazem esquecer o Clero, de que um simples tonsurado tem mais alta gradnação, que os Reis e Imperadores.

[2] Essa revolta e esse abandono teriam por motivo a resistencia aos conselhos salutares do successor de S. Pedro? Seria nessa hypothese, por ventura, um castigo visivel do Senhor, ou uma obra de fanatismo? Porque occultarei eu o, que sinto? Quem até aqui tem fallado com liberdade, não deve agora correr-se de um sentimento de franquesa. Todo o exame é inutil, se outra causa se busca, foi pois a desattenção de Luiz *pio* ao Vigario do Divino Mestre a origem, e não o fanatismo: esteve no principio invariavel da punição, que o Senhor reserva a quem menoscaba a pessoa do seu *Christo*.

espirito inquieto e ambicioso de uma mulher; entretanto os presentimentos, que levaram triste o Santo Padre á capital do mundo Christão, não tardaram a verificar-se. *Lotario*, subindo ao throno por este modo, cuidou em humilhar seu velho pae: obrigou-o a confessar publicamente seus crimes, e a pedir por elles a penitencia pública: se eu não posso desculpar os actos ate então praticados pelo novo Imperador, porque são do filho contra pae, eu não tenho fôrças para me eximir a condemna-lo de parrecida pelo último: os irmãos se revoltaram contra elle pelo duro tratamento, que dava ao author de seus dias, depois de repetidas instancias da parte de um delles, o Rei de Allemanha, em 834 se pozera em marcha para tirar um desforço e libertar o velho Soberano; e elle receioso, ou como quer quo fôsse, sain da côrte o deixon seu pao om liberdado no *Mosteiro* de S. Diniz: entretanto os qne estavam junto de Luis *pio* o instigaram a reconciliar-se com a Igreja, e a tomar de novo as insignias imperiaes; e, convindo nisto, se fez a ceremonia em o 1.º de Março, n no anno seguinto se repetiu com maior solemnidade em Motz, onde logo foi admittido á communhão, e coroado: poz então o exercito em campo contra o filho, mas esse soffreu derrota; e, quando se ia começar nova peleja, *Lotario* seguiu a voz de seu pae, que o chamou e lhe perdoou, ficando ambos satisfeitos por influencia de Vala, que foi como o Anjo da guarda do imperio, concorrendo para que nas luctas passadas se evitasse a effusão de sangne tão grande, como essas costumam trazer, como agora para a reconciliação. Restabelecido no podêr Luiz *pio* em 835 fez nova partilha dos estados entre Pepino, Luiz e Carlos, ficando de fóra a Italia nas mãos de *Lotario*; em 837 augmentou os estados do Carlos, no anno seguinte lho deu a corôa com mais accrescentamento, e em 839, morto Pepino, den a Aquitania a Carlos, esquecendo, por causa de Judith, a seu neto Pepino filho daquelle, quo a maior parte do reino elegêra: deste modo sempre incoostante e victima dos caprichos de sua mulher, morreu em 840 nos braços de seu irmão Drogo Bispo do Meta, perdoando aos filhos, o pedindo misericordia ao Senhor. Succeden-lho seu filho mais velho, a quem na hora extrema, interessou a favor de Judith e de Carlos, attraindo com um maior qninhão.

Lotario I, quo já vimos bom, desobediente, a cruz de seu pae, submisso, e sempre arrastado pela ambição, começou a reinar sôbre o imperio com máos auspicios em virtude do seu passado, o pretendendo sôbre os irmãos a supramacia, que lhe disputavam, além de intentarem uma nova partilha á frento de seus exercitos perto de Auxerre: em quanto elle tendia a protrair a questão, elles mostravam querer termina-la, e o emprasaram para vir a um accôrdo antes do 25 de Junho de 841; e não fazendo caso, soffren nesse dia uma cruel derrota, e com elle sen sobrinho Pepino, pretensor da Aquitania: aqui, se bem reflectirmos, se encontrará novo castigo dos attentados contra a suprema authoridade paternal; e do pouco caso, que fez das instancias do Santo Padre Gregorio IV para acabar as desavenças com seus irmãos: Luiz e Carlos queriam levar por diante a victoria, perseguindo depois da batalha a sen irmão; porem *Lotario* deveu nesse instante á piedade dos Bispos não ser completamente anniquillado, porque elles taxaram de injustiça o pensamento dos dois irmãos: a questão durou no mesmo pé, gastando-se o tempo em negociações, sem se largarem as armas, até que no anno seguinte (842) Luiz e Carlos se alliaram de novo contra o primogenito, quo de modo algum, apesar da desfeita passada, deixava de os hostilisar, levando a última ruina aos povos, que lhes eram sujeitos: marcharam eotão do Strasburgo contra *Lotario*, que fugin diante delles, e por este facto se preparam a dividir entre si a terra por elle abandonada; mas o Imperador lhes enviou embaixada, confessando seu êrro, e propondo nova divisão: chegou-se por fim a um accôrdo em 843, e desse a nma paz duravel entre os tres belligerantes. Subindo á Cadeira de S. Pedro o Santo Padre Sergio II por morte da Santidade de Gregorio IV, em 844, sem estar presente alguem da parto de *Lotario*, enviou este a Roma seu filho primogenito Luiz com destino de impedir no futnro a eleição do Vigario de *Jesus Christo* sem sua audiencia[1], o de fazer consagrar aquelle Principe na qualidade de Rei de Italia pelo Summo Pontifice; mas apesar das altercações movidas talvez pelo ambicioso Arcebispo do Ravena[2], não se conseguiu do grande Sergio a primeira, porque tinha bastanto fôrça para não deixar abater a dignidade do Vigario de *Jesus Christo;* e segunda, porque importava conceder a soberania de Roma a Luiz, que apesar do ditado do Rei de Italia, não era senão Rei da Lombardia, o porque a coroação como Imperador podia trazer comsigo as desordens passadas, que era necessario evitar: entretanto ainda em castigo das desavenças e dos attentados contra seu pae, soffreu *Lotario* invasões assoladoras de Normandos e Sarracenos; e nem por isso, quando n'outro tempo elle se honrava do ser guarda da pessoa do Santo Padre, então cuidou em salvar Roma, até que em 848 a Santidade de Leão IV lhe escreven, na maior afflicção, pedindo soccorro contra aquelles últimos inimigos do nome Christão, que batiam ás portas da cidade de S. Pedro, mas apenas se contentou de enviar-lhe dinheiro para a guarnecer do muralhas; e o mesmo fez ainda em 849, quando uma grande parte da Italia andava a braços com elles, contentando-se de dirigir ao Santo Padre cartas submissas pedindo-lhe graças: entretanto, em 850, envion novamento a Roma seu filho Luiz para a sua consagração; e por esta vez obteve a dignidade e nome Imperial. Chegou em fim o tempo de *Lotario* reconhecer, que era necessario fazer penitencia, por isso em 855, achando-se já viuvo da illustre Ermengarde de Hasbay, repartiu seus estados pelos filhos, dando a Luiz a Lombardia e a Lotharingia, e dividindo o, que lhe restava da parte de cá dos Alpes, entre Lotario[3] e Carlos, e vestiu o habito de *Converso* no *Mosteiro Benedictino* de Prum; mas apenas sobreviveu seis dias a esta santa resolução, porque falleceu arrependido na noite de 28 para 29 de Setembro desse anno.[4]

[1] Esta pretenção absurda veio dos Reis Ostrogodos, que eram arianos, e dos Imperadores do oriente, que tiveram outras tão ridiculas como esta: eu a considero bem pouco conforme á constituição da Igreja de Deos, porque embora todos os fieis possam ter direito a votar na eleição dos Bispos, de nenhum modo podem gosa-lo os principes pela qualidade da soberania.

[2] Disseram deste Prelado ter querido emancipar-se da Santa Sé: a accusação é gravissima, mas fez-se-lhe.

[3] Deste Principe descende a serenissima casa de Bragança, porque delle passou por femea o sangue a Alberto II Rei de Italia...

[4] Rohrbacher *Histoire Universelle de l'Eglise Catholique*. Um retrato de meio corpo em habito de Conego Regular.

§ 3.º

Cartusianos.

S. Bruno, sendo chanceller de Manasses Arcebispo de Reims, formou o designio de se retirar ao *Ermo* com alguns do seus amigos: os escandalos daquelle Prelado, quo dopois veio a ser deposto, e morreu fóra da communhão da Igreja, excitaram seu zêlo contra elle, o o obrigaram a procurar, que fôsse castigado; por isso sendo excluido por elle dos Beneficios Ecclesiasticos, passou a Colonia, sua patria, e lá o admittiram no seu seio os Conegos do S. Cuniberto; mas quiz ir por diante om seu desigoio, e apesar da eleição do Reioaldo para successor de Maoasses, não desistiu delle: reuniu seis companheiros, e passou com elles á Diocese de Grenoble, onde o Bispo *Santo Hugo* os recebeu com alegria, o lhes deu para morada as montanhas esterois e horriveis da *Cartuxa:* aqui fundon *S. Bruno* uma *Ermida* em honra da Santissima Virgem, o algumas cellas ao redor; e nesses logares inhospitos, começou a *vida Monastica* em 1084 com a mais extraordinaria abstinencia, mais rigorosa penitencia, e mais extrema pobresa. Gnilberto Conde de Nevers foi o primeiro bemfeitor da nova *Ordem*, e ao mesmo tempo o seu apologista, testimunhando-nos o graodissimo número de conversões, que os novos *solitarios* fizeram em França, o a propria admiração pela austeridade de sua vida: em verdade do exemplo salutar de *S. Bruno* e de seus companheiros, veio a dessiminação rapida do tão santo *Instituto* por aquelle reino. Os companheiros do Santo fundador eram *Landuino*, que lhe succedeu no govêrno do primeiro *Ermo* por elle levantado; dois Conegos de S. Rufo, ambos do nome *Estevão; Hugo*, unico *Sacerdote* por então entre todos os *Cartusianos*, e dois leigos *André* e *Garino;* o *Santo Hugo* mesmo passaria os seus dias com elles, se *S. Bruno* o não obrigasse a ter cuidado de suas ovelhas; apesar disso passou no *Ermo* algum tempo, e com rasão se considera por efficaz cooperador deste *Monastico*, bastando para isso a sua approvação, que por si é sufficiente a dar-lhe na Diocese de Grenoble existencia legitima. O trabalho e a meditação continua, a oração, a humildade, o obediencia, o silencio, a solidão, e a penitencia, são as bases sôbre que se levantou o edificio famoso do *Cartuxa;* o seus membros, quando professam, declaram submetter-se á *permanencia* na casa, em que estão; á *obediencia* e á *conversão de seus costumes:* elles se dividem em duas classes *coristas* o *leigos;* e essas se subdividem em duas, a primeira em *Sacerdotes* e *Clerigos*, e a segunda em *Conversos* e *Oblatos*, levando todos o nome do *Monjes*, do mesmo modo que ás *Religiosas* sujeitas ás mesmas constituições se dá o nome de *Monjas*. A Santa Sé approvou logo a principio este veneravel *Instituto*, e posteriormente o tem enriquecido de graças Apostolicas. Em Portugal houve duas Casas de *Monjes* de *S. Bruno*, a de Evora e a de Lisboa, que foram envolvidas na extincção temporal dos *Regulares*.

378.º

VENERAVEL FR. PEDRO FOCOLDO MONJE CARTUSIANO.—Era natural do S. Gil no Laoguedoc, e da familia *Gros;* foi casado, teve filho o Saoto Padre Clemente IV, e depois de viuvo abraçou o Instituto de *S. Bruno* em qualidade de *Converso;* no seculo era homem de grande virtude, e no Claustro se purificou a ponto de morrer com todos os signaes do um verdadeiro servo de Deos[1]: não me é possivel estabelecer a época da sua passagem sôbre a terra; mas persuado-me, que elle era fallecido, quando seu filho, em 1264, subiu á Cadeira de S. Pedro.

§ 4.º

Menores.

S. Francisco de Assis de negociante[2] rico passou a ser pobrissimo, porque intentou empregar no culto Divino e com os pobres quanto possuia: seu pae lhe moveu tão grande perseguição, que elle se viu obrigado a renonciar-lhe a propria legitima em presença do Bispo de *Assis*, sua patria, e a esmolar e a prégar em habito de mendigo, no anno de 1206, o vigesimo quarto de sua idade, quando totalmente renunciou o mundo: todos os actos do propria abnegação e de eximia caridade, recommendados pelo Evangelho, praticou desde então o bom filho do avaro Pedro Bernardo de Merico. Em 1208 lançou os fundamentos da famosa *Ordem dos Menores*, cuja principal base é a pobresa: seus primeiros companheiros foram Fr. Bernardo de Quintaval Doutor Parisiense; Fr. Pedro Cataneo Conego da Igreja de *Assis;* Fr. Gil; Fr. Sebastião; Fr. Morico; Fr. João Capella; Fr. Filippe Lougo; Fr. Constancio; Fr. Bernardo de *Assis;* Fr. Bernardo Viridancio; Fr. Silvestre de *Assis;* o Fr. Angelo de Tancredo: com elles propagou seu *Instituto* de um modo admiravel. Havendo professado em 1210 nas mãos de Innocencio III, recebeo deste Santo Padre a confirmação de sua regra pela Bulla *Vivae vocis oraculo:* a *Ordem dos Menores* teve então existencia legitima na Igreja de Deos, o foi reconhecida como sua auxiliar pelo santo Ministerio, distinguindo-se entre as outras *Ordens* pela mais estreita abstenção das riquesas. Seu Santo fundador levou a humildade a ponto do recusar o *Sacerdocio*, querendo simplesmente ser contado entre os

[1] MOROTIUS *Theatrum Chronologicum Sacri Cartusiensis Ordinis*—ROHRBACHER *Histoire Universelle de l'Eglise Catholique*. Um retrato de corpo inteiro.

[2] Essa occupação era permittida em differentes provincias de Italia á Nobreza, por isso não se pense, que *S. Francisco* era plebeo de nascimento, porque, bem ao contrário, elle descendia da familia de Morico estabelecida na Umbria, e que era originaria de uma da mais illustres casas de Florença.

Deaconos, para podêr dissiminar a palavra Divina; e mereceu o nome de *Serafim* pelo seu abrasado amor para com Deos. Differentes modificações no volver dos seculos teve esta *Ordem*, o tambem differentes reformas, com o destino do a aproximar do primitivo *Instituto*: uma destas foi a *Recoleição de Santo Antonio de Portugal* separada da *Provincia da Observancia* deste reino em 1565, e erecta em *Provincia* sôbre si no anno 1568: de alguns Religiosos *Conversos* della vou fazer menção.

379.°

Veneravel Fr. MATHEUS DE VILLA-REAL Religioso Menor. — Foi natural de *Villa-Real* em Tras-os-montes, serviu em Africa, e na praça de Masagão chegou ao posto de adail, tendo merecido, por feitos relevantes não só esse posto, mas o habito da Ordem de *Christo*: tocado da mão de Deos, que o chamava ao Claustro para um genero de vida mais perfeita, seguiu os impulsos da graça, o abraçou o *Instituto Serafico* na Recoleição de Santo Antonio de Portugal: o Senhor lhe concedeu o dom da perseverança, com que foi um vivo retrato de seu Santo Patriarcha na penitencia e em todas as virtudes, que constituem o verdadeiro Religioso, ate ao seu transito para o Céo, quo foi no Mosteiro recoleta da sua patria a 6 de Janeiro de 1618.[1]

380.°

Venaravel Fr. ANTONIO DE PENELLA Religioso Menor.—Era natural de *Penella*, passou os primeiros annos no serviço do Bispo do Miranda, e voltando a sua patria, casou e enviuvou dentro de um anno: tocado então de um impulso celestial, que o attraía ao Claustro, abraçou o *Instituto Serafico* na Recoleição do Santo Antonio de Portugal: a commonidade lhe deu o encargo de esmoler e de porteiro de Santo Antonio do Campo de Santa Anna de Lisboa: foi um Religioso de extremada virtude, humilde, obediente, penitente, contemplativa, zeloso, inimigo da ociosidade, e caritativo: teve vexações do demonio, e o Senhor provou sua paciencia cegando-o depois de trinta annos de habito; mas em paga lhe deu consolações espirituaes, e obrou por elle algumas maravilhas: todos o veneravam, chamando-lhe o *Porteiro Santo*, e Deos o chamou a si na idade de noventa annos, em 18 de Janeiro de 1618, em quo morreu, como um justo.[2]

381.°

Veneravel Fr. MANOEL DE ALMALAGUES Religioso Menor.—Nasceu na Freguezia de S. Thiago de *Almalagues* da Dioceso de Coimbra, filho de Pedro Rodrigues e do Catharina *Jorge*: aos vinte e quatro annos de idade abraçou o *Instituto Serafico* na Provincia do Santo Antonio de Portugal, recebendo o habito no Mosteiro da Castanheira; e trocando na profissão o nome de *Manoel Jorge* pelo de *Fr. Manoel de Almalagues*: em toda a suo vida foi um varão exemplar em todo o genero de virtudes, e principalmente se tornou notavel pela penitencia, pobreza e obediencia; passou desta vida, como um Santo, sendo já velho, em 13 de Outubro de 1661; depois de cinco annos seu corpo se achou incorrupto, choiroso e palpavel; e sua fama posthuma se veneron em toda a Recoleição, onde nom um so dos Mosteiros della deixou de collocar, para exemplo, e retrato deste servo de Deos.[3]

382.°

Veneravel Fr. JOÃO DE S. DIOGO Religioso Menor.—Era natural de Alijó, filho de Pedro *Jorge* e de Antonia *Broz*: desde menino deu a conhecer as mais santas inclinações, e por sua piedade era alvo da zombaria do outros moços, que com ello se occupavam em pastorear gado: aos dezoito annos se ausentou para Castella; o mais tarde, para se retirar do mundo, pediu o habito de *Donato* no Mosteiro de S. Francisco de Arrizafa da *Recoleição Serafica* de Granada em 1640: peregrinou a S. Thiago sendo morador em S. Francisco do Monte; depois lhe deram o habito de *Converso*, e professou em 1642, patenteando grandes signaes de vocação, e mudando o nome de *João Jorge Broz* no de *Fr. João de S. Diogo*: era tão venerado dos povos, que lhe chamavam o *Portuguez Santo*; mas a sua humildade não permittia senão, que se désse a conhecer pelo nome de *Fr. João Peccador*. Sua vida foi um complexo de virtudes, e principalmente se manifestou exemplar na castidade e pobreza; era tão penitente, que nunca largou o cilicio, e sempre andou descalço; tão obediente, que nem uma so vez oppoz reflexão aos superiores; e se entregava á contemplação com assiduidade: no meio destas austeridades, manifestava sempre a maior alegria, e costumava dizer com muita satisfação: «*Yo soy burrico de mi religion*;» com Fr. João de Ayora, tambem *Converso*, celebrava as festividades do Senhor, principalmente Natal e Corpo de Deos, dançando e cantando trovas rusticas ao som de flauta e tambor: a fama de suas virtudes fez, que ElRei D. Affonso VI o convidasse para deixar a Hespanha, e elle o fez incorporando-se a Provincia de Santo Antonio do Portugal: continuou depois o mesmo genero de vida, sempre exemplarissimo, até que Deos o chamou ao Ceo para dar-lhe o premio de seus merecimentos em 23 de Fevereiro do 1690:

[1] Fr. Apolinario da Conceição *Pequenos na Terra e Grandes no Céo*. Um retrato de meio corpo..

[2] Jorge Cardoso *Agiologio Lusitano*—Fr. Martinho do Amor Divino *Escóla de Penitencia*—Fr. Apolinario da Conceição *Pequenos na Terra e Grandes no Céo*. Um retrato de meio corpo.

[3] Fr. Martinho do Amor Divino *Escóla de Penitencia*—Fr. Apolinario da Conceição *Pequenos na Terra e Grandes no Céo*. Um retrato de meio corpo.

coocorren ioomeravel multidão a venera-lo no Mosteiro de Campo de Santa Anna, onde fallecêra; esteve exposto eito dias e seu corpo com presença de vivo; e nelle se fizeram dois exames por authoridade do Ordinario.[1]

§ 5.º

Carmelitas.

Santo Alberto Patriarcha de Jerusalem em 1209 prescreveu aos *Eremitas* do Monte Carmello uma regra, em que se manifesta a extrema piedade do author, recommendando a oração, a meditação, o trabalho continuo, o jejum (excepto aos Domingos, a abstinencia de carnes (fora da molestia), a penitencia, o silencio em certas horas do dia, a profunda humildade, a extrema caridade, a rigorosa obediencia, o commum absoluto, e a separação na morada. Tempo havia já, que estes veneraveis *Ascetas* habitavam a cova de Santo Elias, e militavam para o Céo, a meio de uma vida toda entregue á mortificação: na época referida supplicaram regra áquelle servo de Deos, que por tal modo lh'a organisou; e posteriormente o Santo Padre Innocencio IV em 1248 approvou seo *Instituto*: modificado este por consenso Apostolico, mais tarde *Santa Theresa*, auxiliada por *S. João da Cruz*, emprehendeu uma reforma austera, que S. Pio V lhe approvou, e a Santidade de Gregorio XIII confirmou em 1580. Disseminou-se por toda a Igreja de Deos este santo *Monastico*, assim na observancia como na reforma; e com elle chegou até esse reino, acompanhado da piedosa *Irmandade*, a que dâmos o nome de *Terceira Ordem*, ou dos *Confrades*, que todos os *Institutos Religiosos* estabeleceram com approvação da Igreja para as pessoas externas ao Claustro gosarem irmãmente de seus privilegios, observando sua disciplina em quanto compativel com a vida do seculo: entre estes *Confrades*, alguns com mais rigor seguiram essa disciplina, e se constituiram merecedores de se contemplarem entre o Claustro e o mundo; porque delle se desprenderam, sem comtudo se emparedar: a seguinte veneravel foi uma das virtuosas mulheres, que obrou de similhante modo: por isso a colloco neste logar.

383.º

Veneravel LEONOR DA CONCEIÇÃO Terceira Carmelita. — Nasceu na villa de Mourão pelos annos de 1566, filha de Pedro Gonçalves e de Catharina Alvares: desde menina deu grandes demonstrações de piedade e de devoção á Santissima Virgem, e á Sagrada Paixão de *Jesus Christo*; e principiou, já aos dôze annos de sua idade, a fazer asperas penitencias, que, por mais occultas, não deixaram de andar de bôcca em bôcca pelos seus patricios, sendo delles considerada por Santa; mas d'ahi tirou o inimigo commum do genero humano grave motivo de a atribular; porque da sua assiduidade na oração, e da frequencia dos Sacramentos lhe sobrevieram illusões; e, sendo mal dirigida por aquelle, a quem confiára o govêrno de sua consciencia, tomaram essas maior vulto, e pela imprudencia do Director, se seguiu considerarem-n'a louca, e ver-se privada por sua mãe daquelles santos exercicios: entretanto a sua humildade e paciencia concorreram a salva-la, suscitando o Senhor na alma de uma piedosa viuva o favor, que a donzella merecia pelas suas admiraveis virtudes; porque obtendo licença da mãe, a levou comsigo a Evora, aonde foi para tratar com o veneravel Arcebispo Theotonio de Bragança sôbre certa pendencia: estava então naquella cidade Fr. Jeronymo Graciano da Madre de Deos, em qualidade de Visitador Apostolico dos *Carmelitas Observantes*; e procurando-o a bôa viuva por intercessor para com o Prelado lhe referiu a vida de *Leonor*: do que veio á donzella o socêgo, porque não só Fr. Jeronymo a considerou vivo retrato de Santa Theresa, mas o Arcebispo a protegeu e auxiliou para seguir os impulsos de sua santa inclinação. O Visitador em 8 de Dezembro de 1590, quando ella contava vinte e quatro annos, lançou-lhe o habito dos *Donatos* da *Ordem*, e ella trocou o nome de *Leonor Rodrigues* pelo de *Leonor da Conceição*, em obsequio do Mysterio deste dia: desde esse tempo, avançada já no caminho da perfeição, appareceu exemplar na virtude da obediencia, com que se resignou a todas as provas necessarias para experimentar, se Deos a chamára: recolhendo-se com suas quatro irmãs a uma casa na cidade, que os Religiosos do *Carmello Reformado* lhes cederam, e em que entraram; com ellas viveu occupando-se todas no officio de tecedeiras: o seu tempo era repartido entre os deveres de piedade e o trabalho; e do producto deste repartiam com os pobres; e principalmente *Leonor*, que esmolava, e dava muitas vezes o, que para as irmãs lhes davam, não reservando nada para o dia seguinte: entre todas as virtudes, a que ella mais amou foi a da santa pobresa, a que se votara; mas de todas foi um complexo, por isso mereceu a Deos fazer algumas conversões; de Sua misericordia conseguiu o dom da prophecia, e muitos favores celestiaes; e, perseverando agradavel ao Senhor, acabou esta vida, com a morte do justo, em 11 de Abril de 1639.[2]

§ 6.º

Augustinianos.

Uma das *Ordens Monasticas* altamente benemeritas da Igreja de Deos é a *Augustiniana*: ou ella se considere retirada no *Ermo* entregue á oração e á penitencia, ou reunida no Claustro dedicando-se ao sagrado Ministerio e ás letras, não pode deixar de se attender com respeito. Muito tempo havia, que

[1] Fr. Martinho do Amor Divino *Escola de Penitencia* — Fr. Apolinario da Conceição *Pequenos na Terra Grandes no Céo*. Um retrato de meio corpo.

[2] Fr. João do Sacramento *Chronica de Carmelitas Descalços*. Um retrato de meio corpo.

alguns *Eremitas* se tinham posto debaixo da tutéla do grande Padre *Santo Agostinho*, quando em 9 de Abril de 1256 a Santidade de Alexandre IV reuniu esses, os de *S. Guilherme*, *S. João Bom*, e outros, ordenando de todos uma só familia com a regra e invocação do *Santo Doutor;* e, posto que depois os *Guilhermitas* se separaram, e alguns outros receberam por disposição Apostolica aquella regra e differente invocação, perseverou na Igreja de Deos com grande lustre a *Ordem Augustiniana:* ainda hoje, posto que não em Portugal, ella apresenta testimunho vivo de suas gloriosas tradições. Foi neste paiz, em que deploro sua falta, que Deos suscitou um varão Santo, do qual eu já disse, o veneravel *Fr. Thomé de Jesus*, para lançar os fundamentos de uma reforma, que deviam contrahir este santo *Instituto* ao primitivo rigor; mas elle não concluiu sua obra: entretanto os membros principaes della no capitulo geral de Toledo de 1588 a decretaram; *Fr. Luiz de Leão*, em 1590, a levou a effeito no reino visinho; o Santo Padre Clemente VIII, em 12 de Fevereiro de 1602, lhe deu existencia legitima; e mais tarde o veneravel *Fr. Manoel da Conceição* a estabeleceu entre nós, como já referi.

384.º

VENERAVEL FR. JOÃO DA CRUZ EREMITA AUGUSTINIANO.—Era natural do logar da Póvoa Freguezia e termo de S. João de Arêas da Diocese de Vizeu; retirou-se a Monte-junto a fazer vida solitaria, e mais tarde abraçou o *Instituto reformado de Santo Agostinho* no Mosteiro de Nossa Senhora da Piedade de Santarem, e lá professou em qualidade de *Converso* a 19 de Março de 1675, acompanhando Fr. Francisco das Chagas igualmente *Converso*, e que na solidão vivêra com elle: foi-lhe confiado o serviço de esmolar, e quando já estava velho e trôpego, o de porteiro da Casa, onde emittiu os votos: mostrou-se exemplar na obediencia, na observancia Religiosa, e sôbre tudo, na caridade para com os pobres; e era pio, de costumes innocentes, e muito zeloso pelas cousas de Deos: mereceu o dom da prophecia, e que Nosso Senhor premiasse as suas exemplares virtudes no Céo a 7 de Setembro de 1717.[1]

§ 7.º

Minimos.

S. Francisco de Paula depois de viver solitario, por espaço de seis annos, em um *Ermo* da Calabria nas margens do rio Isca, a meia legua da cidade de Paula, sua patria, lançou os fundamentos da *Ordem Regular dos Minimos*, levantando um pequeno Templo naquelle *Ermo* e reunindo companheiros para alli servirem a Deos, conforme o plano que traçára: corria então o anno de nossa salvação 1435, e o decimo nono de sua vida. A austeridade, que elle levava, suas práticas cheias de unção e espirito Evangelico, e a fama universal, de que obrava nelle a graça celestial, moveram o Arcebispo de Cozenza a permittir-lhe a vida commum e regular: mais tarde, depois da fundação de varios Mosteiros, o Santo Padre Xisto IV, pela Bulla *Apostolica Sedes*, datada de 27 de Maio de 1474 approvou a nova *Ordem* com respeito ao seu estabelecimento na Igreja universal, denominando-a *Eremitas Penitentes:* mais tarde Alexandre VI approvando a primeira regra, lhe chamou *Ordem dos Minimos:* depois Innocencio VIII lhe determinou a observancia dos tres votos communs a todas as *Ordens Religiosas;* e por fim Julio II, approvando a quarta e última regras, obrigou os professores della á observancia de vida quaresmal por meio de outro voto solemne. A base fundamental desta santa instituição está na *caridade*, que tomou por titulo, na *penitencia*, que abraçou primeiro por devoção e depois por obrigação, e na *humildade*, reclamando para si o nome de *Minima*. O Santo fundador estabeleceu sua *Ordem* com pessoas leigas, poucos *Clerigos*, e um só *Sacerdote*, Fr. Balthazar Spino: foi espantoso o incremento na sua propagação; e com essa cresceram as virtudes de seus filhos, e os serviços á Igreja de Deos.

385.º

FR. BARTHOLOMEU DE PAULA RELIGIOSO MINIMO.—Era natural de Galliza, e abraçou o santo *Instituto* dos *Minimos* na qualidade de *Donato;* foi observantissimo dos preceitos da regra, e tão superiormente obediente, que lhe chamavam *Fr. Bartholomeu da obediencia:* residiu no Mosteiro de Nossa Senhora da Victoria de Triana em Sevilha; e suas funcções eram esmolar e tocar os sinos: cumpria ambas com zêlo, e sua devoção o levava a passar metade da noite orando e disciplinando-se; e padeceu tribulações causadas pelo inimigo commum do genero humano; mas suas virtudes lhe deram o triumpho; e perseverou vivendo como Santo até 27 de Setembro de 1691, em que recebeu no Céo o premio de seus merecimentos.[2]

386.º

FR. ASCENSO VAQUEIROS RELIGIOSO MINIMO.—Havia abraçado o *Instituto de S. Francisco de Paula* na qualidade de *Donato*, era um Religioso insigne em piedade e exemplar na virtude, e residia

[1] Fr. LUIZ DE JESUS *Historia Miscellanea—Alphabeto dos Religiosos Agostinhos Descalços* (ms. do Archivo Nacional). Um retrato de meio corpo.

[2] Fr. FRANCISCO DE PAULA BOSSIO *Vida Prodigiosa e Protentosos Milagres do Glorioso Taumaturgo S. Francisco de Paula*. Um retrato de meio corpo.

no Mosteiro de Nossa Senhora da Consolação da villa de Utreira na Andaluzia, quando em 1710 o Marquez das Minas o trouxe a este reino, depois de terminada a guerra da succession, com intuito de fundar entre nos esse Monastico, que prosperava em Hespanha. ElRei D. João V, movido des preces e da fama do merecimento do bom Religioso, e das instancias do illustre general, lhe concedeu licença para fazer um Hospicio em Lisboa[1]: deu *Fr. Ascenso* começo á erecção, auxiliado pelos donativos do Marquez, no sitio da Pampulha[2], e requereu ao Provincial de Sovilha para lhe enviar companheiros: mandou aquelle Prelado com o titulo de Vigario Provincial ao Padre Fr. Francisco de la Penha, alem de outros, e por este modo se estabeleceu definitivamente a Ordem dos *Minimos* em Portugal[3]: nella perseverou em santa vida *Fr. Ascenso*, ate que, em idade avançada, Nosso Senhor provou sua paciencia com dilatada molestia, e depois della se recolheu á patria celestial em 3 de Janeiro do 1737.[4]

§ 8.°

Jesuitas.

Bemdita seja a Misericordia Divina! Louvor á santa memoria do Pio VII! Já voltaram os filhos de *Santo Ignacio!* A santa *Companhia de Jesus* foi restaurada, e novamente é um corpo auxiliar da Igreja de Deos! «Atraz das *Communidades Religiosas*, disse não ha muito um sabio Hespanhol, estavam as sociedades secretas:» é verdade, estas não podiam apparecer no mundo e governa-lo, sem dar cabo dessas *Instituições* salutares, que com braço poderoso o firme lhes cerravem a porta da hedionda caverna, e mantinham os thronos, prégando obediencia aos Reis; mas entre todas as *Communidades Religiosas*, aquella, que tinha a mão sôbre o ferrolho dessa porta infernal, e impedia mais de perto, e com mais vigor, a soltura das legiões capitaneadas pelo diabo, era a santa *Companhia de Jesus;* por isso o inimigo commum do genero humano fez conspirar os podêres da terra para forçarem o Santo Padre Clemente XIV a riscar da lista das tropas auxiliares da Igreja de Deos essa, do quo a propria sombra era capaz do fazer recuar falanges inteiras de demonios incarnados nas almas dos materialistas, dos deistas e dos impios; e tudo quanto a preversidade humana póde inventar do criminoso, então se imputou á *Instituição de Santo Ignacio!* Não era um so, não eram muitos filhos perdidos, sôbre cuja cabeça, se lançou o falso testimunho, eram todos, era a mãe, que os gerára! A ameaça de lutheranismo fez recuar o sabio Ganganelli, depois de dar passos para sustentar essa famosa *Instituição*, a que seus santos predecessores haviam posto o sêllo Apostolico, o que em cada hora se tornava mais digna de suas bençãos: *paz* ou *guerra*, ou a *Companhia* havia de ser abolida, ou Portugal, Hespanha, França e Napoles se haviam de separar do centro de união da Igreja Catholica: este dilema horrivel, e só elle, deu origem á Bulle *Dominus ac Redemptor* de 21 de Julho de 1773! As lavas do inferno não tardaram a cobrir do negro fumo o bello céo da França, e a derramar por seu sólo benigno as fagulhas incendiarias, que a assolaram! Um bom Rei foi assassinado no cadafalso, o todos os outros ficaram expostos a igual sorte! Em 7 de Agosto de 1814 a Bulla *Sollicitudo omnium Ecclesiarum* foi solemnemente publicada na casa de *Jesus* de Roma, depois quo o Santo Padre Pio VII acabou do celebrar o Augustissimo Sacrificio no Altar de Santo Ignacio, e a *Companhia de Jesus* foi restabelecida; mas para luctar com a impiedade e com a demogagia, quando já tinham adquirido fôrças espantosas! Assim mesmo *Jesus Christo* Nosso Senhor, que inspirou ao Chefe da sua Igreja a constituir de novo no centro della a *Instituição de Santo Ignacio*, dará fôrças para um completo triumpho; e eu faço votos, para que não tarde.

387.°

Venerável FRANCISCO ARANHA Religioso da Companhia de Jesus.—Era natural de Braga e parente muito chegado do primeiro Arcebispo de Gôa Gaspar de Leão: abraçou na India o santo *Instituto* da *Companhia de Jesus* na qualidade de *Coadjutor* temporal, e seguiu ao servo de Deos o veneravel Padre Redolfo Aquaviva na Missão de Cuculim; e foi com elle, e, com tres outros *Sacerdotes* do mesmo Instituto, martyrisado em 15 do Julho de 1583.[5]

388.°

Venerável VICENTE ALVARES Religioso da Companhia de Jesus.—Era natural de Ferreira do Alemtéjo; e fazia seus estudos na universidade de Evora, quendo uma noite, em que elle muito triste

[1] Anteriormente, em tempo de ElRei D. João III, houve um Hospicio de *Minimos* nesta cidade, mas não perseverou por então o *Instituto*, ainda que delle houve differentes Religiosos Portuguezes por essa época e posteriormente.

[2] Em umas casas de Francisco João Lamberto, que estavam sequestradas pela fazenda Real, e ElRei mandou dar a *Fr. Ascenso;* e, porque ainda sôbre ellas havia embaraço em virtude de letigio movido pelos Religiosos da Terceira Ordem da Penitencia, Sua Magestade mandou solver a divida dos herdeiros de Lamberto, na quantia de 1:753$082 réis, ao Procurador desses Religiosos.

[3] Mais tarde a Rainha e Senhora D. Marianna Victoria mandou, a expensas suas, reduzir o Hospicio a Mosteiro, fazendo construi-lo de novo: começou-se a obra em 1754, e acabou-se em 1765.

[4] Fr. Francisco de Paula Bosso *Vida Prodigiosa e Portentosos Milagres do Glorioso Taumaturgo S. Francisco de Paula*. Um retrato de meio corpo.

[5] Antonio Franco *Imagem da Virtude em o Noviciado de Coimbra*, e *Anno Santo da Companhia* (ms. do Archivo Nacional). Um retrato de meio corpo.

se sentára á janella, um arcabuz despedido do castello, disparou o pelouro no peitoril tres ou quatro dedos abaixo do cotovello do braço, sôbre que tinha a cabeça reclinada: entrou então a tremer pelos perigos, que cercam a vida, em relação á eternidade; e essa consideração o occupou toda a noite, pelo que resolveu acolher-se ao Claustro: no dia seguinte passou ao collegio da *Companhia* a pedir a roupeta, foi admittido, e, feitas as necessarias provas, o mandaram para o collegio de Coimbra, o la entrou no noviciado em 22 de Fevereiro de 1595: dois annos a diante veio a Lisboa estudar rhetorica no collegio de Santo Antão; e em 1599 o enviaram á India a aprender philosophia no de Gôa: acabado o curso ensinou grammatica no de Baçaim; e, sendo do caminho para Gôa com um *Sacerdote* do mesmo *Instituto*, a 12 de Abril de 1606, na viagem a goleta, onde ia, caiu em podêr dos Mouros perto do Dabul: quizeram os Portuguezes, que ella fôsse á cidade tratar do resgate; mas escusou-se requerendo, que antes fôsse o *Sacerdote* para não ficar exposto as injúrias dos infieis: entretanto os Mouros sollicitaram do capitão, que sacrificasse um Christão no dia, em que festejavam o nascimento de Mahomet: o barbaro mandou logo atar *Vicente Alvares*, ao anoitecer o levaram á prôa do navio, e lá foi degolado em odio da Fé, resando o Psalmo *Miserere*, no dia 28 desse mesmo mez: em todo a vida este veneravel deu exemplo da mais solida virtude, e de grande devoção á Virgem Santissima.[1] Não me parece, que elle deixasse de estar revestido de alguns gráos da Ordem, que conduzem ao Sacerdocio, porque não so havia concluido seus estudos, mas até ensinado; comtudo não ha certesa, nem aresto, que a isso me leve com segurança; só consta não haver subido ao Sacerdocio; por isso o colloco neste logar.

§ 9.º

Oratorianos.

S. Filippe Nery nobre Florentino, levado por inspirações celestes, passou a Roma, e lá deu altos exemplos de edificação, principalmente na piedade e na caridade Christã; e, depois de receber o santo Presbyterado, se associou a Communidade dos Sacerdotes Seculares de S. Jeronymo, continuando de um modo admiravel o exercicio daquellas virtudes com os peregrinos e enfermos, cuidando da salvação do proximo por todos os meios, que inspira o amor de Deos, e instituindo as *conferencias espirituaes*, com poucos companheiros, de que o primeiro foi o bom Cardeal Cesar Boronio, em um logar por baixo da Igreja daquella Communidade, que elle converteu em *Oratorio*, e onde lançou os fundamentos da *Congregação*, que de lá derivou o nome chamando-se *Oratorio de Jesus Christo:* com um grande número de discipulos, que se lhe reuniu, assistia aos Officios Divinos de dia e noite nas Igrejas, e os dividia em tres turnos para cuidarem dos enfermos nos hospitaes; mas estes santos exercicios foram prohibidos pelo Vigario Pontifical, como cousas más, ao que elle obedeceu: entretanto a Santidade de Paulo IV depois de conhecer a sua innocencia, lhe deu ordem para os continuar; S. Pio V mandou indagar secretamente das conferencias, e seus enviados voltaram a referir-lhe a sua admiração pela sciencia e santidade do veneravel fundador; por vontade do Santo Padre Gregorio XIII escolheu a Igreja de *Vallicella*, no centro da cidade, para assento, e lá estabeleceu definitivamente a sua Congregação: finalmente, por Breve de 24 de Fevereiro de 1612, a Santidade de Paulo V approvou o santo *Instituto*, que se diffundiu por toda a Igreja de Deos.

389.º

PEDRO TROIANO Coadjutor Temporal da Congregação do Oratorio de Jesus Christo.—Nasceu em Lisboa a 26 de Novembro de 1682, filho de Manoel *Troiano* e de Luiza Ribeiro: foi ourives e viveu no estado do matrimonio, de que, entre seis filhos e seis filhas, lhe morreram meninos dois daquelles e quatro destas, dedicou os mais a Deos, e d'entre os primeiros, o Padre Francisco *Troiano* foi Clerigo Secular da *Congregação do Oratorio de Jesus Christo*; e elle proprio, depois de viuvo, a 19 de Outubro de 1760, entrou na qualidade de *Coadjutor Temporal:* viveu santamente, até acabar seus dias, como um justo, em 19 de Setembro de 1766.[2]

390.º

MANOEL DOMINGUES Coadjutor Temporal da Congregação do Oratorio de Jesus Christo.—Nasceu em Lisboa, foi baptisado na Freguezia de S. Julião, era filho de Manoel *Domingues* e de Maria Josepha de Barros: entrou na *Congregação do Oratorio de Jesus Christo* na qualidade de *Coadjutor Temporal* em 23 de Janeiro de 1731; e nella viveu com demonstrações de exemplar virtude, e muita piedade: assim morreu em 25 de Junho de 1772.[3]

[1] Jorge Cardoso *Agiologio Lusitano*—Antonius Franco *Annus Gloriosus Societatis Jesu in Lusitania, ad diem 18 Aprilis*, e *Anno Santo da Companhia* (ms. do Archivo Nacional) Um retrato de meio corpo.

[2] O Reverendo Antonio José da Rosa Torres, *em memorias*, que devo á sua bondade. Um retrato de meio corpo.

[3] O Reverendo Antonio José da Rosa Torres *em memorias*, que devo á sua bondade. Um quadro representando a cabeça.

II.

MILITARES.

§ 1.°

Em geral.

O *Instituto* duplice da *alliança da piedade com a bravura, da humildade Christã com a feresa marcial, e dos exercicios da caridade com os da guerra* teve origem na *Cidade Santa* depois da sua restauração pela primeira Cruzada, que dirigiram a prudencia e brio de Godefredo o *grande*. Alguns annos antes, uns Italianos de Amalfi, que negociavam no Egypto, conseguiram do Sultão estabelecer em *Jerusalem* um *Hospital* para receber os peregrinos Christãos, e levantaram perto do *Santo Sepulchro* e Igreja de *Santa Maria a latina*: um pouco mais tarde, dois *Hospitaes* se eregiram na proximidade desse Templo, um dedicado a *S. João Baptista* para o sexo masculino, e outro a *Santa Maria Magdalena* para o feminino; ao *Beato Gerardo* natural da Provença, que era o Director do *Hospital de S. João*, quando a *Cidade Santa* passou ao dominio dos Christãos, deram com mão larga, para augmento temporal de sua piedosa Communidade, os Reis Godefredo e Balduino, e outros senhores da Cruzada, edificados da vida exemplar, e da extrema caridade dos *Hospitalarios*: esse grande servo de Deos, com o designio de perpetuar seu estabelecimento, pediu ao novo Patriarcha Arnaldo a faculdade de emittir os votos solemnes da Religião; foi-lhe concedido, pelo que elle e seus companheiros os fizeram nas mãos do Prelado; e posteriormente o Santo Padre Paschoal II approveu o *Instituto* por Bulla de 15 de Fevereiro de 1113: Clerigos e *Cavalleiros* foram admittidos nesta veneravel *Ordem* a observar a regularidade do Claustro e cuidar dos enfermos e peregrinos, e pouco a diante vestiram as armas em defesa dos logares Santos e da Christandade: eis-ahi a Ordem de *S. João de Jerusalem*, depois chamada de *Rhodes*, e por ultimo de *Malta*, o primeiro annel da cadêa do *Monastico Militar*. Seguiu-se a do *Templo*, jurando em 1118 nas mãos do Patriarcha Jerosolimitano servir a Deos pelos tres votos de Religião no Claustro, e fóra delle manejando as armas em defesa da Christandade, que peregrinava aos logares Santos, alguns individuos nobres, á frente dos quaes estava Hugo, que foi seu primeiro Grão-Mestre: o nome deriveu-se de uma casa proxima ao *Templo de Solomão*, que o Rei de *Jerusalem* lhes deu: o Concilio de Troies encarregou S. Bernardo de lhe fazer a regra, que recebeu approvação da Santa Sé, e esse *Instituto* ficou sendo um dos auxiliares da Igreja de Deos, composto de Clerigos, *Cavalleiros*, como aquelle primeiro, e que, como elle, se diffundiu por todo o orbe Christão, devendo a ambos a Christandade os mais signalados serviços. Outros, á imitação destes, vieram depois, mas não se espalharam por toda a Igreja: deixados estes particulares, direi alguma cousa dos mais notaveis da nossa Peninsula: foram elles o da *Calatrava*, de que logo depois hei de fallar; o de *S. Thiago* approvado pela Santidade de Alexandre III em 1175, e erecto muito anteriormente por treze Cavalleiros, que, tomando o Santo Apostolo por Padroeiro, se obrigaram a defender os peregrinos de seu Sepulchro guardando os caminhos das incursões dos infieis; teve seu assento primario em Ucles; e se ramificou em Portugal: o de *Alcantara* approvado pelo mesmo Santo Padre Alexandre III em 1177, e que pelo plano dos antecedentes começára anteriormente com o nome de *S. Julião de Pereiro* na Diocese de Castello Rodrigo, e depois, quando tomada *Alcantara* se lhe deu em guarda, de lá se chamou; finalmente dos despojos da *Ordem do Templo*, extincta em 1311 no santo Synodo Geral decimo quinto pela Santidade de Clemente V, (e por instigações de Filippe o *bello*, que ambicionava suas grandes riquesas) com approvação da Sé Apostolica se levantou a da *Montesa* no Aragão, e um anno depois em 1318 a de *Nosso Senhor Jesus Christo* em Portugal; mas neste reino estão todas secularisadas, e seus haveres applicados a bem differentes usos.

§ 2.°

Avisenses.

A *Cavallaria de S. Bento de Aviz* e um ramo da *Cavallaria de Calatrava*[1], que na villa deste nome fundaram dois Monjes de Cister os veneraveis *Fr. Raymundo* Abbade do Mosteiro de Fiteiro e *Fr. Diogo Velasques* seu subdito. A villa de *Calatrava* tinha sido tomada em 1147, e entregue aos Templarios para a defender dos Sarracenos; mas poucos annos depois elles a entregaram á corôa de Castella pelo receio de não a poderem sustentar; e não havendo *Cavalleiro*, que acceitasse a sua guarda, os dois Monjes se encarregaram de a manter, e ElRei D. Sancho III lh'a deu com essa condição em 1158: entrando nella congregaram gente, e se dispozeram para sustenta-la das hostilidades dos infieis; organisaram, sôbre os estatutos Cistercienses, outros para uma nova *Cavallaria*, que foram approvados pelo Santo Padre Alexandre III em 1164; e desde então teve legitima existencia este *Monastico Militar*, a que a Christandade de Peninsula deveu grandes finesas. Depois que ElRei D. Affonso I de Portugal tomou *Evora*

[1] São suspeitos de falsidade todos os documentos sôbre que se tem querido fundar uma origem differente da *Cavallaria da Calatrava*.

aos Mouros em 1166, esta *Cavallaria* lá teve Casa, chamada de *S. Miguel da Freiria;* ello propria se denominava de *Evora;* recebeu da corôa grandes beneficios; e a Santidade de Innocencio III, em 17 de Maio do 1201, approvou as doações, que se lhe haviam feito, tomando-a debaixo de sua protecção como filial da *Calatrava*. O primeiro Mestre neste reino foi um filho do illustre Egas Moniz, o bom *Fr. Gonçalo Viegas*, que recebeu da munificencio dos nossos dois primeiros Soberanos a casa de *Evora*, uma vivenda em Santarem, e a villa do Cruxe, o Castello de Mafra, Alpedris, Alcanede e Jeromanha, e fundou o *Mosteiro e Hospital de Evora:* foi seu successor *Fr. Fernando Eanes*, de que vou fallar; depois delle entrou *Fr. Fernando Rodrigues Monteiro*, que fez mudar a *Cavallaria* de nome pondo-lhe o de *Aviz*, para onde mudou o *Convento:* seu successor immediato *Fr. Martinho Fernandes* viveu em 1263: seguiram-se *Fr. Simão Soares*, que governava em 1280, *Fr. Egas Martins* em 1291, *Fr. João Pires* em 1294, *Fr. Lourenço Affonso* em 1310, *Fr. Garcia Pires* em 1315, *Fr. Gil Martins* em 1316, *Fr. Vasco Affonso* em 1330, *Fr. Gil Pires* em 1332, *Fr. Affonso Mendes* em 1334, *Fr. Gonçalo Vasques* em 1338, *Fr. Estevão Gonçalves Leitão* em 1340, *Fr. João Rodrigues Pimentel* em 1351, *Fr. João Affonso* em 1354, *Fr. Diogo Garcia* em 1356, *Fr. Martinho de Avellar* em 1363, ElRei *D. João I* antes de subir ao throno, e algum tempo depois *Fr. Fernando Rodrigues de Sequeira* eleito em 1389, e fallecido em 1433: depois delle entraram os *Administradores*, e foram, primeiro o veneravel Infante *Fernando;* segundo *Pedro* seu sobrinho e filho do Infante D. Pedro; terceiro ElRei *D. João II* antes de empunhar o sceptro; quarto o Principe *Affonso* seu filho, quinto *Jorge* outro seu filho, mas illigitimo, e sexto ElRei *D. João III*, desde o qual se annexou á corôa em 1551 por concessão do Santo Padre Julio III, passando depois em 1557 á plena gerencia da *administração* ao tribunal da *Mesa da Consciencia*.

391.°

Fr. FERNANDO EANES Mestre da Cavallaria de Evora.—Era de uma familia illustre, e, segundo as tradições do Mosteiro da Serra de Ossa, professou o *Instituto da Calatrava no Mosteiro da Freiria de Evora;* retirou-se depois a fazer vida penitente nas brenhas daquella serra, reduziu os Eremitas a vida cenobitica em 1182, foi seu Regedor; e, por morte de Fr. Gonçalo Viegas primeiro *Mestre* daquella *Cavallaria*, o elegeram seu successor: como quer que sejo disto, é certo, que elle governou esta *Cavallaria;* e suas memorias correm seguras desde 30 de Junho de 1211, em que ElRei D. Affonso II lhe doou o logar do *Aviz* com seus termos, até 1218, em que o mesmo Soberano lho confirmou as doações feitas pelos Reis seus avô e pae: serviu briosamente com seus *Cavalleiros* nas occasiões do seu tempo; e fundou castello no logar de *Aviz*, que deu por acabado em dia da Assumpção de 1214: a sua morte não distou, porque em 1222 occupava a dignidade do *Mestrado* Fr. Fernando Rodrigues Monteiro seu successor immediato.[1]

[1] *Regra da Cavallaria e Ordem Militar de S. Bento de Aviz*— Fr. Manoel de S. Caetano Damasio *Thebaida Portugueza*. Um retrato de corpo inteiro

PARTE QUARTA.

ESTADO LAICAL.

I.

REIS E CLASSES DA SOCIEDADE CIVIL.

Em geral.

Os revolucionarios modernos, que tudo sacrificam á propria soberba e ambição, que unicamente crêem nesses vicios abominaveis, e que, cégos pela corrupção, os preferem a Deos mesmo, confundem as ordens distinctas da sociedade, e unicamente reconhecem uma só classe; quando em tres, por sua propria naturesa, ella se divide: a fusão universal, que pretenderam introduzir nas *Monarchias*, nessa obra de Deos, tende manifestamente a destrui-las para lhes substituir as republicas, obra do diabo: daqui passam além, calumniando infamemente os *Reis* só pelo serem, apontando-lhes para o cadafalso, e considerando-os não como Senhores, mas como magistrados! Essas doutrinas em si absurdas, desgraçadamente têem sequito nesta terra, em que o arroio da campina, o penhasco da montanha, o campanario da aldêa, e o alcaçar da cidade protestam em contrario! Desde uma sedição perversa, que em 1820 mudou a face das cousas (maldito seja o dia, em que ella rebentou!) nunca mais o infeliz Portugal teve socêgo, nem pão! Deixemos porém estas recordações de dôr, e appellemos para a Providencia, que depois da expiação dos nossos peccados, origem de tanta calamidade, despenhará nas cavernas hediondas do inferno esses, que com mão impia tem attentado contra o Altar, contra o Throno, e contra todos os direitos de uma Nação, que já foi grande pela glória, polo podêr, e pela abundancia! Não quero ser lido senão por aquelles, que têem temor de Deos, que amam seus Soberanos, e que recordam com viva saudade as tradições antigas; o impio deista, o perverso regicida, o brutal republicano, poderão levantar contra mim sua voz de trovão, mas eu caminharei impassivel na estrada, que sigo para o tumulo; poderão correr direitos a mim com o punhal do assassino, sua arma favorita, dir-lhes-hei apenas, que esse é o seu officio; poderão descarregar o golpe, ainda terei quem se condôa de mim orando a Deos pelo descanço da minha pobre alma!

Em toda a sociedade bem ordenada existe uma classe excepcional e privilegiada sôbre todas, a dos Ministros do Senhor, dessa já eu disse; e, como segundo a doutrina, que de coração abraço, só faz parte do todo, porque delle sahiu, porque nelle tem irmãos, porque a elle está ligada pelos estreitos vinculos da caridade, e porque trabalha por sua salvação eterna, eu a esquecerei deste momento em diante. Uma segunda classe, a superior da sociedade, existe nella subsistindo pelas gloriosas tradições de seus maiores, a quem a patria deveu ser, nome e prosperidade: esta classe, gosando por titulos justissimos a supremacia, nem por isso deixa de estar ligada a deveres tão extensos como a parte mais inferior daquella, que lhe é inferior; e sôbre tudo é obrigada a dar exemplo dessa virtude consummada, que ornou o coração dos heroes, de quem recebeu a herança com o sangue; ella deve sacrificar-se pela salvação do *Rei* e do *Povo:* nesta classe considero eu desde os filhos dos *Reis* até aos descendentes do simples *Cavalleiro*, que bem-mereceu por um feito illustre; e disto se vê, que, como por vezes tenho dito, não considero *Nobre* senão aquelle, que exibe o testimunho authentico da historia. Depois desta classe ha uma

outra, a do *Povo*, que, apesar de não gosar das tradições de familia, tem direitos sagrados: não está impedido de elevar seus filhos aos altos cargos do Estado, e o seu voto do communidade é igual nas cousas públicas ao voto da classe superior: um privilegio se lhe concedeu, o ha de conceder-se-lhe sempre, vem a ser a consideração de respeito, em quanto se contenta com essa condição, em que Deos a collocou, e não quer usurpar fóros alheios.

Sôbre estas classes, em que por fôrça de sua constituição se divide toda a sociedade bem ordenada, ha uma entidade, que domina conforme a vontade de Deos, que rege pelos principios da justiça, e manda segundo as leis, que para serem bôas so devem ter por base a moral, os costumes, e os principios fundamentaes da organisação de cada nação: essa entidade é o *Rei*, centro commum, e representante de toda a grande familia, que constitue uma Monarchia; o depositario de todo o podêr civil; sujeito apenas á Igreja nos negocios espirituaes; e que no temporal não reconhece alguem por superior; mas que no caso de prevaricação contra os principios fundamentaes da organisação do Estado, póde ser deposto pelos legitimos representantes das differentes classes da sociedade: entretanto seja-me licito dizer, que em virtude da naturesa desse entidade altamente respeitavel, embora as fraquesas annexas á condição humana, não me custará muito provar, que a tyrannia de quantos despotas tem havido no mundo, revestidos da purpura real, nem uma so vez teve origem nos *Reis*, mas em seus ambiciosos ministros, que mentiram a Deos enganando-os, para os mover a publicar perniciosas leis, de que todos os males procedem: não fallo aqui de um imperio constituido por fôrça de armas, e de que o general se arrogou ao podêr supremo, e sem attender aos direitos da sociedade, e aos clamores da rasão, fez de seus vicios brutaes a lei do Estado; mas de uma *Monarchia* constituida sob as regras da sã moral e da justiça: é por isso, que nesta, se os *Reis* podem commetter algum peccado, este consiste em não castigar severissimamente seus ministros logo á primeira prevaricação, porque á sombra da impunidade não se pejam de outros, com gravissimo prejuiso dos vassallos e do proprio Throno: fóra daqui os *Reis*, em tal qualidade são impeccaveis, porque toda a sua felicidade e grandesa depende do bem-estar da Nação, que Deos confiou aos seus cuidados; e porque os *Reis* bem sabem, que os Thronos so têem bastante firmesa no amor dos *Povos*, e que este consistirá sempre em os alliviarem de ministros tyrannos, e de espiritos inquietos, authores de revoltas para saciar suas ambições.

Supposto isto, eu direi em primeiro logar de alguns Soberanos, depois da classe superior da sociedade civil, e finalmente de outros individuos elevados a cargos do Estado, que eu não sei, que pertençam áquella classe.

§ 1.º

Reis de França.

O grande paiz da Europa limitado ao oriente pelos Alpes, ao norte e poente pelo Oceano, e ao sul pelos Perynéos e Mediterraneo, a *Gallia*, no seculo v dividia-se em dezesete Provincias com o titulo de *Vigariado*, e obedecia ao Prefeito-Pretorio do imperio Romano, que mandava nas sete da Hespanha, e nas cinco da Bretanha. Este paiz foi successivamente invadido desde o raiar daquelle seculo por differentes povos do norte, Alanos[1], Suevos e Vandalos, que passaram á Hespanha; Godos, que occuparam uma parte delle entre os Perynéos e Mediterraneo; Borgonhões, que se estabeleceram pelas margens do Rheno; *Francos*, que o vieram a dominar todo, e dar-lhe seu nome; e por fim os Hunos, que foram desalojados. Os *Francos* commandados por *Clodion*[2] entraram na *Gallia* pelos annos de 430, e fizeram assento no territorio de Tongres, desde o qual foram estendendo suas conquistas: reinou depois sôbre elles *Meroveo*[3], successor immediato de *Clodion*, até 458; delle passou a Corôa a seu filho *Childerico I*, que falleceu em 481, deixando sôbre o throno a *Clodoveo I o grande*, que pelo valor de seu braço veio a dominar sôbre a maior parte da *Gallia*, que por isso teve o nome de *França*: este Principe foi baptisado em 25 de Dezembro de 496 por S. Rimigio Bispo de Reims; com elle se converteu ao Christianismo toda a nação dos *Francos*; por sua causa os successores tomaram o nome de *Christianissimos*, e a Santa Sé conveio em dar-lhes o titulo de *filhos primogenitos da Igreja*, talvez porque os Reis Suevos de Galliza acabaram no seculo vi, e porque S. Lucio de Bretanha, depois de sua conversão, trocou o Reino pelo Sacerdocio. Perseverou a dynastia de *Clodoveo* sôbre o throno até 752, em que *Childerico III* foi obrigado a vestir a Cogula Monastica; havendo desta dynastia reinado na *Gallia* vinte Principes; e desses merecem singular memoria os tres referidos, *Clodion*, *Meroveo*, *Clodoveo*, *Clotario I*, *Chariberto*, *Gontramo*, *Sigiberto I*, *Theodoaldo*, e *Clotario II*. Seguiu-se *Pepino*[4] Principe dos *Francos* e Mordomo de *Childerico III*, que foi consagrado em 752, e teve filho e successor *Carlos I o grande*, restaurador do imperio do occidente desde 800: sua dynastia reinou até 987, em que morreu *Luiz V*, e se extinguiu tendo dado á *França* dôze Monarchas, dos quaes cingiram a corôa Imperial quatro; e d'entre todos elles lembrarei aquelles dois *Pepino*, e *Carlos*, *Luiz pio*, *Carlos calvo*, *Carlos III o grosso*,

[1] Uma parte destes se avisinhou junto do Rhodano.

[2] Este Principe era filho de *Faramundo* Rei dos Francos em 425, neto de Marcomiro prisioneiro de Stilicon, e segundo neto de *Priario* Rei dos Francos em 382 da nossa era.

[3] Filho de um Principe do mesmo nome, neto de Sunna general dos Francos e irmão de Marcomiro avô paterno de *Clodion*.

[4] Este Soberano era filho de Carlos o *martello*, neto de Pepino o *grosso*, que governaram a França com o titulo de *Mordomos* dos Reis, segundo neto de Anchises, terceiro de *Santo Arnulfo*, que, como seu filho, foi governador do palacio dos Monarchas de Austrasia, e depois de viuvo se ordenou e morreu em 640 Bispo de Metz, e que era filho de outro Arnulfo Duque de Austrasia, e neto de Ansberto, e de Blitilde filha de ElRei *Clotario I*

e *Lotario*, o penultimo e pae de *Luiz V*. Entrou depois uma nova dynastia na pessoa de *Hugo capeto*[1], a qual reinou em França até este seculo, den-lhe trinta e seis illustres Soberanos até *Carlos* X, e veio a maodar, em differentes tempos, n'ontros povos com muita gloria filhos seus: recordarei entre os muitos Principes desta famosa dynastia, dignos de respeito, aquelle *Hugo Capeto*, *Roberto o devoto*, *Filippe Augusto*, *S. Luiz*, *Filippe III*, *Carlos V*, *Francisco I*, *Henrique IV*, *Luiz XIV*, o *bom e desditoso Luiz XVI*, de quem logo direi, *Luiz XVIII*, e seu irmão *Carlos X*, o último, como já referi.

392.°

Senhora LUIZ XVI Rei da França.—Nasceu em Versailles a 23 de Agosto de 1754, filho do *Delfim* Luiz e da *Delfina* Maria Josephina de Saxe sua segunda mulher; e tevo irmãos, entre outros, Luiz XVIII, que reinou desde 1795 até 1824, e Carlos X, que lhe succedeu, foi violentado por uma nova revolução a renunciar em 1830, morreu em Praga em 1836, e deixou posteridade[2]: *Luiz XVI* succedeu na corôa de França a seu avô Luiz XV em 10 de Maio de 1774; e, porque era tão pio e tão bom como seus virtuosos paes, dava esperança do mais feliz reinado; mas tres elementos conspiravam a produzir um resultado contrário, e o trouxeram desastroso; a anarchia dos podêres do estado, o alcance e desarranjo da fazenda pública, e, sôbre tudo, o incremento, que Frederico de Prussia tinha dado á descrença tornando-se o apostolo da impiedade e da preversidade de Voltaire, e de quantos malvados Francezes quizeram alcunhar-se philosophos: a principal parte da familia real compunha-se então de quatro Princezas tias do Rei, em que entrava a veneravel Luiza Religiosa Carmelita; de duas irmãs, uma das quaes foi a piedosa virgem Isabel, que a republica filha do diabo massacrou; e de sua mulher a bôa Rainha Maria Antonia de Lorena; de todas estas Senhoras o Rei não podia receber senão inspirações de santidade, misericordia e compaixão, isto é, do bem; fóra destas, restavam seus dois irmãos, que mais tarde reinaram, Luiz, amigo e respeitador das gloriosas tradições de sua dynastia, sem deixar de o ser da prosperidade da França, e Carlos, altamente recommendavel pela bondade de seu pio coração; e dos conselhos delles nada havia, que receiar: os dois primeiros elementos, que concorreram á dissolução da Monarchia de Clodoveo, de Pepino e de Hugo *capeto*, podiam ter remedio o mais efficaz, consideradas as inclinações do Rei e de sua familia; mas o terceiro só podia encontra-lo nas mãos de Deos, chamando *Luiz XVI* para seus ministros Turgot e Malesherbes, que estavam nos interesses da impiedade e da demagogia; Calonne, que não tinha recurso senão nos tributos; e Necker, que só o encontrava em traficancias, a que se deu o nome de *finanças*[3]: com tal gente eram inivitaveis as calamidades, que sobrevieram; devia apparecer uma vez em França o communismo[4] prégado por d'Alembert, e por todos os insensatos de seus dias, devia fazer-se um ensaio disso, que elles chamavam *direito dos povos*, ou *igualdade de haveres*, em que elles proprios não acreditavam.

Luiz XVI ao princípio do seu reinado tomou algumas medidas, que, posto fôssem bôas, talvez a prudencia não aconselhasse; mas os seus ministros, senão todos, alguns delles abusaram da sua bondade para o arruinar e arruinar a França: o reconhecimento dos Estados-Unidos da America foi um passo precipitado, e que trouxe, além de outros males, o augmento da divida pública. A situação do paiz ia de cada vez em peior: a assembléa dos notaveis convocada em Versailles no anno de 1782, não fez mais, que augmentar as difficuldades, agitando questões, sôbre que se não podia vir a accordo; por isso os ministros, receiosos por si, a dissolveram: quando foi segunda vez convocada, o espirito da fermentação augmentou, e della passou a toda a parte: decretou-se, que se chamassem os Estados geraes, porém Necker fez transtornar a ordem antiga admittindo só uma duplice representação: reunidos em 1789 esses Estados, o Clero e a Nobresa insistiram pelas tradições; não houve assenso a isso, e a rasão custa pouco a perceber; uma parte do Clero reunin-se ao povo, e debalde fez protesto a outra parte com a Nobresa, porque a maioria se declarou assembléa nacional, e se arvorou em podêr supremo para fazer uma constituição demagogica; a desordem teve principio, tudo se armou, os assassinos obrigaram o Rei a entrar em Paris; formaram-se assembléas particulares, de que as decisões deviam executar-se; em 1791 a Im-

[1] Este Principe era filho de Hugo o *grande* Duque de *França*, neto de *Roberto*, que reinou um anno em *França* de 29 de Junho de 922 até 17 de Junho do anno seguinte, e era irmão de *Eudo* Rei de *França* desde 888 até 898, e filho de Roberto o *forte* Conde de Paris e Duque de França, o qual foi irmão de Conrado, o *moço*, tronco dos Reis da Borgonha-Transjurana, e ambos filhos de Conrado Conde de Auxerre, irmão segundo de Ethicon I, e da Imperatriz Judith segunda mulher de *Luiz pio*, e netos de Walfo Conde de Altorf pelos annos de 820 de nossa era.

[2] Este Principe teve da Condessa de Artois Maria Theresa de Saboia sua mulher, 1.° Luiz Antonio *Delfim*, que renunciou o Throno, e morreu em Goritz em 1844 sem descendencia da illustre *Delfina* Maria Theresa Carlota de França; 2.° Carlos Fernando Duque de Berry assassinado em 1820, depois de ter filhos da Duqueza Maria Carolina Fernanda Luiza de Napoles, os seguintes, Henrique Duque de Bordeos, que é o representante dos Reis de França, e Luiza Maria Theresa mulher de Carlos III Infante de Hespanha e Duque reinante de Parma. Luiz XV, avô paterno de Luiz XVI e de Carlos X, succedeu na Corôa de França a seu bisavô Luiz XIV o *grande*; e este teve filho o *Delfim* Luiz, de quem foram filhos, 1.° o *Delfim* Luiz pae do dito Luiz XV, e 2.° D. Filippe V Rei de Hespanha, de quem descendem as serenissimas casas reinantes de Hespanha, Napoles e Parma, e que renunciou o direito á Corôa de França em favor da casa de Orleans: esta serenissima casa deriva-se de Filippe de França Duque de Orleans irmão de Luiz XIV, e sexto avô de Luiz Filippe Conde de Paris immediato successor, actualmente, na representação dos Reis de França ao Duque de Bordeos.

[3] Desde que appareceram no mundo as pomposas palavras *finanças* e *economia politica*, os Estados estão cada vez mais individados e mais pobres, e caminham a passos agigantados para a sua ruina; faltam-me absolutamente as crenças em *finanças* e *economias*, mas será, porque eu ignoro completamente as chamadas sciencias, de que tanto se alardea, que eu tenho a mais firme convicção da necessidade de nos emanciparmos dellas, e penso, que só desde esse momento gosaremos a prosperidade, que não ha.

[4] Se em um paiz civilisado não houvesse propriedade e distinccões, se todos fôssem iguaes no direito de haver; esse paiz em breve voltaria ao estado selvagem, ou andaria em sangue, porque todos quereriam ter, mas não trabalhar. A igualdade de direitos, que a sociedade comporta e necessita, está muito distante destes sonhos rediculos.

perador o os Reis do Hespanha e Sardanha convencionaram salvar *Luis XVI*, mas as demoras transtornaram tudo; o este bom principe querendo fugir, o arastaram do Varennes a Paris: novamente os Soberanos convencionaram em Pilnitz a invasão na França, porém, apesar do segredo, o facto se divulgou, o, recusando *Luiz XVI* em 1792 subscrever alguns decretos, se declarou, que elle cessára de reinar, e foi conduzido prêso á masmorra do Templo, seus amigos massacrados, a republica decretada em 22 de Setembro desse anno (1792), e a assembléa convencional decretou a accusação de seu Rei! *Luiz XVI*, appareceu então como réo na presença dos entes mais infames, que tem existido na terra! O diabo, que presidia, recusou-lho quanto aos homens mais criminosos se concede! E no dia 21 de Janeiro de 1793, pelas dez horas da manhã, a cabeça do neto do S. Luiz rolou aos pés do algoz no praça, então chamada da *Revolução!* A França commetteu nessa hora fatal um parricidio, e sabe Deos se ella já o espiou!

Luis XVI foi bom filho, bom esposo, bom pae e bom Rei; elle possuia em maxima grão todas as virtudes, porém a França corrupta não o merecia; com muita resignação e firmesa appareceu diante de seus infames julgadores, e com submissão e piedade rendeu seu espirito ao Creador; teve um logar distincto entre os homens de letras, o escreveu com discrição e sabedoria; a sua *Correspondencia* e as suas *Memorias* o provam. Teve do sua esposa, quo foi como elle victima da perversidade e loucura dos pseudo-philosophos e dos estupidos revolucionarios, quatro filhos: Luiz, que nasceu em 1781 e morreu em 1789; Carlos Luiz, quo por morte do seu pae se contou entre os Reis de França com o nome de Luiz XVII, e morreu de dez annos, na prisão do Templo, de máus tratamentos em 1795; a virtuosa *Delfina* Maria Theresa mulher do *Delfim* Luiz Antonio seu primo, e Sophia Helena, quo morreu de quasi um anno em 1787.[1]

§ 2.°

Reis de Portugal.

O paiz limitado ao oriente e norte pelo reino de Hespanha e ao poente e sul pelo Occeano, que jas entre as bôccas do Guadiana e do Lima, o por ondo serpeam o Tójo o o Douro, é *Portugal:* o paiz, que ao genio altamente superior de seus Reis e ao esforço heroico de seus Cavalleiros, deveu a glória de vencer os islamitas no coração de Africa, e de adquirir vastas possessões nessa região, primeiro que algum outro da Europa, que fez tremer a Asia, como nenhum, o quo estendeu seus dominios na America e na Oceania, sem os horrores, do que deixa rasto sanguinolento a mão cruel do tyranno, é *Portugal:* o paiz, em que nasceu da stirpe de seus Monarchas o Infante Henrique para dar á restauração das letras o mais extraordinario impulso, e quo do berço de seus Cavalloiros viu surgir Affonso de Alhuquerque para assombrar o oriente por feitos illustres, que só podem ser comparados aos do Scipião e Alexandre, é *Portugal!* reste-lhe ao menos de tanta grandesa a tradição!

A patria dos Celtas, a terra querida dos Fenicios e dos Carthagenezes, quo submetteu o collo altivo as legiões Romanas, depois de avassallarem a Europa; quo tolerou a invasão dos Alanos, as hostilidades e o mando dos Suevos e Godos; que admirou pela segunda vez, na época destes últimos, o acontecimento extraordinario de se fundirem n'um só Povo conquistadores e conquistados, como tinha succedido posteriormente aos dias de Augusto; e que gemeu debaixo do alfange mossulmano, sem perder suas crenças e seus bons costumes, de *Lusitania*, que até então se chamava, nos fins do seculo XI, trocou seu nomo pelo de *Portugal.* Um de seus districtos nas margens do Douro se chamava *Portugalense*, derivando o nome das povoações *Porto* e *Cale*, que não muito longe do sua foz o deixam passar por entre si: naquella época governava este districto um Principe, que por sua prudencia e bravura mereceu empunhar o bastão de toda a Provincia Christã do occidente desde o Lima, no norte, ote ás visinhanças do Tejo, no sul, e successivamente recebe-lo como feudo perpétuo: por esse facto o novo Estado adoptou a denominação de *Portugal.*

O Principe *D. Henrique* filho de Guido, pretensor da Normandia, e neto de Reinaldo Archi-Conde da Borgonha, vindo o Hespanha com o Principe D. Raymundo filho do Archi-Conde Guilherme *cabeça ardente* irmão primogenito de Guido, foi como o primo, honrado pelo illustre Monarcha D. Affonso VI, dando-lhe a qualidade de genro, e collocando o primeiro no govêrno do districto *Portugalense*, e depois no de *Portugal:* este homem, que sem dúvida foi não só um dos melhores Capitães da sua idade, porem o mais habil em dirigir um povo, lançou os fundamentos da Monarchia: a Rainha *D. Theresa*, quo lhe succedeu, empunhou o bastão com muita capacidade; e *D. Affonso I*, seu filho, cortou os laços, que prendiam sua herança ao Throno Leonez, com essa mesma espada, que lhe deu as mais famosas victorias no campo dos inimigos da Crus.

A lei fundamental constitutiva da Monarchia é anterior á sua erecção; porque esse genero de leis não se faz de salto, deve sua existencia aos seculos, e necessita ser assim para resistir as conmoções politicas: a sua simplicidado manifesta quanto vale para sobreviver a todos as fabricas da demagogia republicana, que podem querer desacredita-la, podem faze-la esquecer por dias e por annos, podem mesmo risca-la em todos os documentos, mas ella triumphará, porque está gravada no coração dos bons *Portuguezes:* mais do uma vez a maldade lhe tem posto mão impia nos differentes seculos da nossa existencia politica; n'uns tempos a seita juridica, n'outros a maçonica; os grandes damnos causados por aquella não bastarão para a esquecer, e as otrocidades praticadas por esta so podem no futuro apresentar uma completa restauração. Os principios capitaes dessa lei fundamental consistem: 1.° na firme adhesão ao Christianismo puro, ou Catholecismo, quo os *Lusitanos* abraçaram e retiveram, desde que S. Paulo lhes annunciou o Evangelho; 2.° na plena submissão ao Rei investido do podêr em todas as suas relações; 3.° na precisa modificação desse podêr, em respeito unicamente aos abusos, por

[1] Arago e outros *Biographie Universelle* — Rohrbacher *Histoire Universelle de l'Eglise Catholique* — Givodan *Livre d'Or de la Noblesse Europeenne* Um retrato de meio corpo sem nome

nm Tribunal supremo (as côrtes) composto dos representantes das classes da sociedade; 4.° na rigorosa distincção dessas classes. Do primeiro principio seguiram-se naturalmente a limitação do podêr Real nas materias concernentes ao Culto, Pessoas e Casas consagradas a Deos, e o sentimento da necessidade de collocar no tribunal supreme do Estado os Prelados da Igreja com o determinado fim de a defenderem: do segundo dimanou a escolha da familia, de que devia sair o Rei, expressada a descendencia do illustre Monarcha D. Affonso VI de Castella e Leão por seu neto D. Affonso Henriques[1]: do terceiro não apresenta a historia outros arestos em relação ao supremo tribunal do Estado, mais que a authoridade de eleger o Rei, e de sustentar a lei fundamental, se elle a quizer destruir[2]: o quarto aceitou uma classe inteiramente separada da civil nas pessoas da Ordem Ecclesiastica, segunda ou superior das familias descendentes daquelles, a quem a sociedade deveu sacrificios e grandes serviços, e terceira de todo o resto da população.[3]

Desde o reinado de *D. Sancho I*, começou a sentir-se em nosso paiz o desejo de modificar a lei fundamental da sociedade: Julião seu chanceller attentou contra a Igreja, dirigindo-se com insolencia á Santa Sé, e contra os direitos adqueridos pela Ordem Ecclesiastica; e successivamente se foram pouco a pouco prejudicando, ora um, ora outro principio, dirivado daquella constituição: no reinado de *D. João I*, o seu chanceller João das Regras alcançou introduzir, como lei, o chamado *direito de Justiniano*, com que a maior parte dos foros de cada qual das classes da Monarchia soffreu grande quebra; depois ElRei *D. João II* destruiu completamente a antiga constituição, substituindo-lhe a vontade e as opiniões das escólas juridicas; ultimamente todos sabem o quanto nos ultimos tempos se tem feito. Mas deixemos isto para dizer de nossos Reis quanto aqui cabe ácêrca de sua chronologia.

D. Affonso I começou a governar o Estado de Portugal em 1128, e reinou ao menos desde 1140: succedeu-lhe em 6 de Dezembro de 1185 seu filho *D. Sancho I*, que, morrendo em Março de 1211, deixou filho e successor *D. Affonso II*: por fallecimento deste Soberano, em 25 de Março de 1223, empunhou o sceptre seu filho *D. Sancho II*. Em virtude de accusações feitas contra este Principe, o Santo Padre Innocencio IV entendeu priva-lo do mando, e chamar ao govêrno da Monarchia o Conde de Bolonha, seu irmão, que effectivamente entrou no govêrno, e depois no meado do anno de 1247 recebeu a Corôa com o nome de *D. Affonso III*: succedeu, por sua morte, em 16 de Fevereiro de 1279, *D. Diniz* seu filho, e fallecendo este Soberano a 7 de Janeiro de 1325, subiu ao Throno *D. Affonso IV* seu filho, que, por sua morte, em 28 de Maio de 1357, deixou sôbre o Throno a seu filho *D. Pedro I*: este Soberano terminou a sua carreira mortal a 18 de Janeiro de 1367, e em seu logar recebeu a Corôa *D. Fernando I* seu filho Depois de uma guerra, em que se empenhou o brio nacional contra D. João I de Castella casado com a Infante D. Beatriz filha daquelle último Monarcha, e que á sua morte, por esse facto, pretendeu o sceptro Portuguez desde 22 de Outubro de 1383, nas côrtes de Coimbra de 6 de Abril de 1385 foi eleito Rei o Mestre de Aviz filho de *D. Pedro I*, já a essa hora Regente, e se sentou no Throno com o nome de *D. João I*: por seu fallecimento, em 14 de Agosto de 1433, lhe succedeu seu filho *D. Duarte*: morto este bom Principe em 9 de Setembro de 1438 cingiu a Corôa *D. Affonso V* seu filho: á sua morte, em 28 de Agosto de 1481, lhe succedeu *D. João II*, que acabando sem filhos em 25 de Outubro de 1495 entrou a reinar *D. Manoel* seu primo, filho do Infante Fernando e neto de ElRei *D. Duarte*: seguiu-se por seu fallecimento em 13 Dezembro de 1521 *D. João III* seu filho, que morrendo em 11 de Junho de 1557, deixou sôbre o Throno *D. Sebastião* seu neto e filho do Infante D. João seu filho: morrendo este Soberano nos campos de Alcacer em Africa, a 4 de Agosto de 1578, empunhou o sceptro o Cardeal *Henrique* seu tio e filho de ElRei *D. Manoel*, do qual eu já disse, por ter logar entre os Prelados da Igreja de Deos. Depois de sua morte se levantaram dois partidos, o nacional pelo Prior do Crato *Antonio* filho do Infante Luis e neto de ElRei D. Manoel, e o anti-nacional por *D. Filippe II* Rei de Hespanha: *Antonio* reinou desde 19 de Junho de 1580, em que foi acclamado na villa de Santarem, até 26 de Agosto desse anno, quando foi constrangido a saír de Lisboa, pelas armas do Duque de Alva General da Corôa Catholica: toda a Monarchia obedeceu então a *D. Filippe*, o primeiro deste nome em Portugal, e lhe prestou homenagem nas Côrtes de Thomar, por ser filho da Imperatriz D. Isabel e neto de ElRei D. Manoel: á sua morte, em 13 de Setembro de 1598, succedeu *D. Filippe II* seu filho, que fallecendo em 31 de Março de 1621, deixou sôbre o Throno a seu filho *D. Filippe III*. A restauração de 1640 minou o dominio Hespanhol, e fez cingir a Corôa ao Duque de Bragança[4], que por ser neto da Senhora D. Catharina Duqueza deste Estado, e por esta Princesa terceiro neto de ElRei D. Manoel, foi com o nome de *D. João IV* reconhecido e jurado Rei em Côrtes: falleceu este Soberano em 6 de Novembro de 1656, e lhe succedeu *D. Affonso VI*, seu filho, que, sendo desthronado, entrou, por decisão das Côrtes a governar o Infante *D. Pedro* seu irmão, e

[1] No tempo dos Godos o Rei era eleito, e mais de uma das familias nobres deste grande Povo viu sôbre o throno um filho seu; mas nem por isso o filho deixou de succeder ao pae algumas vezes, sendo em sua vida associado ao Imperio pelo supremo Tribunal da Nação: no tempo dos Arabes continuaram as cousas do mesmo modo, porém só uma familia gosou o Throno até D. Bermudo III: entrando depois delle a dynastia Navarra, em que a Corôa era successiva, e sempre o filho succedeu ao pae, segundo a ordem de primogenitura, mas com expresso consentimento daquelle supremo Tribunal; e ainda nos dias de *D. Affonso II* de Portugal, o principio da dependencia desse Tribunal para a successão era bastantemente considerado, como revéla o proprio testamento deste Soberano.

[2] O facto da deposição de Swintilla no tempo dos Godos, foi repetido no de D. Ramiro III em tempo dos Arabes, e no de D. Affonso VI em tempos proximos á nossa idade.

[3] A representação do Clero e Nobreza no Tribunal supremo da Nação existiu no tempo dos Godos, e continuou nos seculos posteriores. A restauração, posto que vagarosa, dos Municipios, deu causa a uma terceira calidade, a popular, naquelle Tribunal: antigamente as decisões se tomavam sim em presença do Povo, mas não lhe cabia voto; entretanto o progressivo incremento, que desde o fim do seculo XI teve aquella restauração, e o engrandecimento dos corpos municipaes veio a ter o resultado, que devia ter, que era elevar o Povo ao Tribunal supremo do Estado; mas a sua accessão não é anterior ao meado do seculo XIII.

[4] *D. João IV* era da dynastia de nossos Reis, porque o primeiro Duque de Bragança seu sexto avô era filho de *D. João I*.

por sua morte, em 12 de Setembro de 1683, tomou o titulo Real: ao seu fallecimento em 9 de Dezembro de 1706 subiu ao Throno *D. João V:* depois da morte deste Soberano, em 31 de Julho de 1750, empunhou o sceptro *D. José I*, que cessou de viver a 24 de Fevereiro de 1777, e lhe succedeu sua filha a Senhora *D. Maria I:* deu esta Soberana a mão de esposa a ElRei D. Pedro III irmão de seu pae, e largou o govêrno em 10 de Fevereiro de 1792 a seu filho o Principe *D. João*, que desde 20 de Março de 1816, em que ella morreu, tomou o nome e investidura Real: falleceu este Soberano a 10 de Março de 1826; e foi reconhecido Rei seu filho primogenito *D. Pedro IV*, já então acclamado Imperador do Brasil: em 3 de Julho de 1828 foi declarado Rei o Infante *D. Miguel* filho de ElRei *D. João VI*, e então Regente; mas largou o Throno pela convenção de Evora-monte a sua sobrinha a Senhora *D. Maria II* filha do seu irmão mais velho, que estava declarada *Rainha* desde 29 de Abril daquelle anno (1828): entrou esta Princeza a governar, terminada já a guerra civil, e sendo declarada maior, depois do fallecimento do seu pae, que em seu nome assumíra a Regencia, em 20 de Setembro de 1834: depois de haver posteridade de ElRoi D. Fernando II, Principe de Saxo, seu esposo, terminou a sua passagem sôbre a terra em 15 de Novembro deste anno (1853), e lhe succedeu *D. Pedro V*, que por sua menoridade está debaixo da tutéla de seu pae, hoje Regente do Reino. Da chronologia passarei a referir as acções de alguns de nossos illustres Soberanos.

393.ª

Senhor D. AFFONSO I Rei de Portugal.—Viu este Soberano a primeira luz em Guimarães pelos annos de 1111; e era filho do Principe D. Henrique e da Rainha e Senhora D. Theresa: foi commettida a sua educação a D. Egas Moniz, um dos Cavalleiros mais illustres de nossa terra, e de quem a historia recorda com bôa memoria o nome, a qualidade de aio, e a dignidade de Mordomo. *D. Affonso Henriques*[1] tinha nascido de uma familia, que descendo do Throno duas vezes por fôrça da ambição e da fortuna de Carlos o *grande* de França, e de Otton I de Saxonia, nunca deixou de aspirar á soberania: herdou elle com o sangue a tenacidade de Reinaldo I de Borgonha, seu bisavô, em se manter independente; o valor, posto que desafortunado, com que o Principe Guido de Vernon, seu avô, disputára a corôa ducal ao bastardo da Normandia, e o genio heroico, e capacidade superior, que altamente caracterisaram seu illustre pae; neto por outro lado de um dos mais gloriosos Monarchas, o grande D. Affonso VI, appareceu na terra mais disposto a mandar, que a obedecer; o seu pensamento favorito era a Corôa Real, que não lhe pertencia por herança[2], mas obteve-a: vamos ver como.

Desde o anno de 1114, em que enviuvára, governava a Provincia *Portugalense* D. Theresa sua mãe: esta Princesa reconhecendo no Conde D. Fernando Pires, da casa de Trava em Galliza, as qualidades necessarias para o mando na paz e na guerra, e na familia delle bom auxilio a respeito das pretenções contra a Rainha D. Urraca sua irmã, o chamou a seus conselhos; não só essa preferencia aos Senhores Portuguezes, mas talvez a arrogancia do Conde para com elles, e sôbre tudo a qualidade de estrangeiro, com que já por então era considerado, produziram[3] a má vontade dos Nobres e do Povo ao dominio da viuva de D. Henrique: este Principe havia creado a nacionalidade de nossa terra nos poucos annos, que a governou; e todos os Portuguezes tendiam desde esse tempo, por modo incrivel, a separar-se do Reino Leonez: o moço Principe era aos olhos de todos o instrumento mais apto para levar ao cabo seus desejos; por isso o dispozeram a emancipar-se da mãe e de seu primo e Rei natural D. Affonso VII; e elle correspondeu perfeitamente, porque sentia do mesmo modo, e Deos lhe deu o valor e a prudencia, que necessitava para tão grande feito. No anno de 1125, *D. Affonso Henriques* em idade de quatorze annos, quando sem dúvida, os fundamentos da conspiração estavam lançados, se armou Cavalleiro a si proprio,

[1] A invariavel ordem dos patronimicos deu ao filho de D. Henrique o de nome de seu pae, que neste artigo substitui pelo número, que leva entre os Reis Portuguezes de seu proprio nome.

[2] Creio, que a principio D. Henrique teve o govêrno do districto *Portugalense*, e depois de toda a Provincia, como mero administrador; mas que posteriormente houve da parte de seu sogro alguma declaração ácêrca da successão hereditaria, ao menos o tratado de partilha entre elle e seu primo D. Raymundo, inculcam julgarem-se elles os unicos herdeiros desse Soberano, com exclusão de toda a outra posteridade delle: a chronica de D. Affonso VII, entendida no sentido rigoroso, conspira não a estabelecer um dote do pae á filha, mas uma doação do sogro ao genro; e a mim parece-me, que não se poderá negar a tenencia hereditaria, porque a não ser assim, nem teria a côrte de Leão tantas contemplações com a Rainha D. Theresa e com seu filho: por outra parte em Hespanha não se encontram, se eu não estou enganado, tenencias de similhante cathegoria, salvo a de Barcellona desde Wifrido o *veloso*, de Navarra desde o *arista*, e de Castella desde D. Fernando Gonçalves.

[3] Não creio de modo algum relações indecorosas entre D. Theresa e D. Fernando Pires: por isso aceito aquellas causas: os documentos, em que se encontram, não podem, segundo uma rigorosa crítica, ter fé nesta parte, porque ou são da parcialidade Leoneza, ou da Portugueza, ambas adversas á Rainha: aquella por contrária á soberania, que affectava, e esta pelo desejo de emancipar-se do govêrno do Conde: este Cavalleiro era casado com uma Senhora da casa de Lara, que nunca se separou delle, senão durante a batalha de Almeria, quando deu um testimunho contrário a todas essas pretendidas relações, manifestando a sua saudade, e o amor, que elle sempre lhe consagrára: esse testimunho, a meu juizo, nunca existiria, se as accusações fôssem verdadeiras; porque mulher nenhuma o dá, muito menos uma mulher da classe da Condessa D. Sancha Gonçalves; e a mim parece-me, que só a penna depravada de Gerardo de Compostella seria capaz de denegrir com a fealdade da palavra *adulterio* as relações do Conde com a Rainha; porque não é tanto a, que se colhe do sermão de S. Theotonio, nem do Chronista Lusitano: a influencia do Conde podia ser íntima, sem ser deshonesta: della veio, na verdade, o escandalo, e esse foi o, que o Santo reprehendeu; e as palavras *injuriam valde inhonestam* no chronista, não me parece, que possam ter a intelligencia, que se lhe tem querido dar: porque se a tivessem, a Rainha, segundo elle, não só seria adúltera, mas infame prostituta, porque não fallou só do Conde, mas escreveu *quidam indigni et alienigenæ*: não entendo por outra parte, que *D. Affonso Henrique* mais tarde podesse ver sem horror, como viu, um homem, que manchára o thalamo de seu pae.

segundo costumavam fazer os Reis em Hespanha, na Igreja de S. Salvador de Çamora[1]: de então por diante, parece que o ciume da Rainha tomou incremento, affastando seu filho dos negocios, e com ella a animosidade dos parciaes deste Principe, chegando a uma ruptura pela sublevação de algumas povoações no começo do anno de 1127: Guimarães foi uma das que tomou a voz do Infante, por isso ElRei D. Affonso VII lhe veio pôr cêrco, não em auxilio de sua tia, mas para evitar a independencia, que elle pretendia, e que já então de certo affectara seu primo; entretanto não tardou em levantar o sitio, confiado nas promessas de futura vessallagem. *D. Affonso Henriques*, para vencer a mãe, tinha de luctar com muito grandes inimigos, o ministro desta Princeza, D. Bermudo Pires seu cunhado e irmão delle, e outros poderosos senhores de sua porcialidade, que estavam no pleno dominio de muitos castellos importantes; e para tornar indepeodente a Provincia precisava não so isso, mas preparar-se para combater com os exércitos de Leão: era necessario pois destruir, primeiro a authoridade dos senhores de Trava; e cooieçou por aqui: o grito deu-se no Minho em Abril do anno seguinte (1128), e pelo Infante se declararam logo Gaimarães e outras terras visinhas: acudiu a Rainha com o exercito, travou-se batalha no campo de S. Momede junto daquella povoação; venceu o Infante; e com esse triumpho entrou na posse do mando da Provincia, apesar de algumas resistencias de pouco momento.

D. Affonso Henriques para levar ao cabo suas preteuções, entrou em 1130 de mão armada na Galliza, para reunir a Portugal Tuy e a terra de Limia, que sua mãe gosára: D. Affonso VII andava por então a braços com ElRei de Aragão seu padrasto; e, posto que nem o Prelado Gelmires, nem os senhores e burguezes de Galliza impedissem nosso Principe, como elle exigira, a expedição não teve o desejado effeito: no anno seguinte, suspeitando de D. Bermudo Pires, o lançou do castello de Cêa, que então dominava; e seguro, por este modo, de uma guerra civil, volton depois á Galliza, mas sendo então constrangido pelos Conde D. Fernando Pires e outros Capitães a retirar-se, tornou de novo, apossou-se da terra de Limia sem opposição, e nella fundou o castello de Celmes, em que poz bôa guarda; mas o Rei Leonez veio com bom exercito, e sitiou o castello á viva fôrça. A esta victoria seguiram-se outras de grande momento para D. Affonso VII, por tal modo, que em 1135 toda a Hespanha Christã, excepto Portugal, uma grande parte da França, e alguns Principes mussulmanos de nossa Peninsula, o reconheciam por Senhor, e o acclamaram Imperador no mez de Junho desse anno em Leão[2]: assim passaram as cousas em paz ate 1137, quando *D. Affonso Henriques*, entrando outra vez com o seu exercito na Galliza, tomou os districtos de Tuy e Limia, que lhe entregaram os Condes D. Gomes Nunes e D. Rodrigo Pires, e não podendo apoderar-se do castello de Alharis, que governava D. Fernando Eanes, se fez de volta entretanto lhe sairam ao encontro em Cerneja os Condes D. Fernando Pires e D. Rodrigo Velasques com todas as fôrças, que poderam reunir; mas foram vencidos, e este último prisioneiro: assim triumphou nosso Principe; e teria progredido nas suas conquistas pela Galliza, se a noticia de haverem os infieis tomado, depois da mais desesperada resistencia de D. Payo Gutterres, o castello de Leiria (que em 1135 levantára para evitar suas hostilidades na fronteira do sul), e de pôrem em derrota um corpo de tropas nossas junto ao rio Nabão, o não fizesse retroceder: em quanto cuidava de remediar este desastre, o Imperador alcançando vantagens de ElRei de Navarra, que se havia querido tornar independente, correu a Tuy, onde pôde entrar sem resistencia, e dahi tratou de reunir as fôrças de Galliza para invadir Portugal; mas nosso Principe apressou-se a voltar sôbre os mesmos passos, determinado a fazer a paz ou defender-se; e a paz teve logar por medeania dos Prelados, submettendo-se como vassallo, ainda por esta vez, em fôrça da situação difficil, em que se achava, e jurando-a em Tuy a 4 de Julho daquelle anno (1137). Um e outro, o Imperador e o Principe, deviam cuidar primeiro de combater os infieis, que de voltarem as armas contra si aquelle foi o primeiro a aproveitar a occasião da anarchia dos islamitas em Africa; e mais tarde *D. Affonso Henriques* em 1139 atravessou com o seu exército o Téjo para levar a guerra ao coração do Algarve mussulmano: foram encontra-lo, nos campos de Ourique, os chefes islamitas com todas as fôrças, que poderam reunir, deu-se batalha em 25 de Julho, e a victoria pertenceu a nosso Principe, que deixou a terra juncada de cadaveres de infieis; captivou alguns desses chefes, e delles so o principal conseguiu a custo salvar-se na fuga: alentado com este grande triumpho, *D. Affonso Henriques* dando algum tempo ao descanço, entrou, ao raiar do anno seguinte (1140), outra vez na Galliza de modo hostil; mas não teve nesta empresa o feliz resultado, que esperava, porque o Conde D. Fernando Eanes lhe tomou alguns Cavalleiros, e elle proprio foi ferido de lança em uma escaramuça: entretanto, o Imperador, apesar de sustentar dura guerra contra os mussulmanos e contra o Rei de Navarra, veio contra Portugal, e fazendo adiantar o Conde D. Ramiro com algumas fôrças, que foram derrotadas e o General prisioneiro, *D. Affonso Henriques* mandou avançar para Valdevez: collocados os dois exércitos frente a frente, se travou no centro o torneio chamado *boforda*, e nelle perderam sempre os Cavalleiros de Leão, ficando captivos D. Fernando Furtado meio irmão do Imperador, D. Bermudo Pires cunhado do Principe Portuguez, o Conde de Cabreira e outros senhores principaes: nesta situação o Imperador tratou de procurar a paz servindo-se da intervenção do Arcebispo de Braga.

Entretanto o chefe mussulmano Ismael, que escapára em Ourique, sentindo a ausencia de seu vencedor, passou a Leiria, matou e guarnição do castello e lançou os ferros ao illustre Capitão D. Payo Gutterres; deste ponto atravessou para Trancoso, e fez ahi hostilidades iguaes; mas correu logo nosso Principe a seu encontro, e por duas vezes o combateu, derrotando-o por fim: esta nova victoria veio sanccionar o, que ja não podia ser um problema desde a de Valdevez; esse problema era a independencia de Portugal, ficou desde então decidido, e *D. Affonso Henriques*, a quem antes disso chamavam *Rei*, tomou

[1] Çamora nesse tempo entrava nos limites da Provincia de *Portugal*, como Tuy e Orense na Galliza.

[2] O progressivo incremento da prosperidade de Affonso VII, depois da morte de ElRei de Aragão seu padrasto, torna uma maravilha o facto de sua impassibilidade á resistencia de *D. Affonso Henriques* ácêrca de comparecer nas côrtes de Leão com os Principes, que nesse anno reconheceram por Senhor a seu primo: o Portugal de então era metade do Portugal de hoje, por isso a resistencia de nosso Principe é tão gloriosa para elle, quanto da parte do Leonez só póde ter explicação n'um certo receio de encontrar em sua pessoa outro Rei Aragonez, que eu considero o maior Capitão do seu tempo.

definitivamente esse titulo[1]: comtudo apesar do quo o Imperador no conferencia de Çamora em 1143, ondo se ochavam ambos, lho recouheceu o novo titulo; elle se acolheu á Se Apostolica pediudo a confirmação, e votando-se, segundo a piedado do tempo, como feudatario de S. Pedro: esta veio mais tarde; mas foi assim, que se consolidaram com o eugrandecimento de seu podêr, a independencia obsoluta, a dignidodo o o nome Real. Em 1144 o governador Africaoo de Saotarem penetroo otė ao castello de Soure, derrotou os Cavalleiros do Templo, que o defendiam, e levou parte delles e da povoação com o veneravel Martinho seu Pastor em algemas á sua praça: este facto bastava para irritar o Monarcha Portuguez, en o aono seguinte se lhe offerecen bôa occasião de desforra: a seita almuhade prevalecêra em Africa, e Ibn-Kasi foi nomeado governador do Algarve mussnlmano por Abd-el-mumon chefo della; mas fazendo-lhe guerra os dois governadores Almoravides Seddaray e Ismael, elle pediu auxilio a Coimbra: ElRoi aceitou a proposta, e tomou crua vingança nos mussulmonos dos districtos de Béja e Merida, e não se satisfazendo com isto só, den improvisamente sôbre Sautarem, reduziu-a oo seu dominio em 15 de Março do 1147, e desde logo dirigiu suas vistas para Lisboa: chegando em 16 de Junho uma esquadra do Cruzados ao Dooro, o Rei tratou de os attrair em seu anxilio na grande empresa projectada, e, em quanto essa esquadra devassava a entrada do Téjo, avançava elle sôbre a cidado por terra: reunidas então as fôrças, a sitiou, e veio a entrar á viva fôrça com graude triumpho em 21 do Outuhro seguinte: depois se sujoiton ao podêr Christão, Almada, e successivamente Cintra e Palmella com as outras povoações da margem dircita do Téjo; proseguin ElRei logo as suas incursões para o sul com destino a Alcacer, até qne pôde lançar mão de sen famoso castello em 24 de Juuho de 1158, coadjuvado por outros cruzados: depois de Alcacer se rendeu Evora e Béja, que não tardon a ser abaudonada.

Abd-el-mumen tendo vencido os almoravides em Africa veio a Cordova em 1160, o no anno seguinte poz em campo dezoito mil almuhades para recnperar as perdas, que recebêra: saíu-lhes ElRei ao encontro, mas nessa demonda perdeu seis mil homens, e as últimas conquistas, qne fizera oo sul do Téjo: comtudo não tardaram a remediar-se esses males, porqne em 1162 Béja obedeceu á Corôa do Portngal; o nosso exército capitaueado por ElRei chegou até Troxilo, e no anno de 1166 estavam livres do jugo mussulmano Evora, e, de além do Guadiana, Alconebel, Serpa e Monra. Mais de uma vez os progressos das armas Christãs foram impedidos por desordens domesticas; e não só isso então aconteceu; porque D. Fernando II Rei de Leão não se havia apoderado de parte dos estados de D. Affonso VIII Rei de Castella sen sobrinho, mas desde o seu casamento com a Infante D. Urraca filba de ElRei de Portugal, estevo sempre discorde do sogro, e, para melhor fazer guerra contra elle, edificou a Cidade Rodrigo: preparon nosso Soberauo uma expedição contra a nova cidade, e nella fez marchar seu filho o Iufante D. Sancho; mas saiudo-lhe o exercito Leonez ao encontro em Arganal venceu, e o Infante escapon fugindo: este facto obrigou *D. Affonso Henriques* a entrar com o moço Principe de mão armada na Galliza, em qne se apoderon de Tuy, e dos districtos de Taronho e Limia, qne apesar da marcha do genro, e do lhe toorar o castello de Cedofeita, reteve ote 1169. Neste onno ElRei foi pôr cêrco a Badajoz, que era tributaria do genro, e fez render á sua espada a gente islamita; mas o Leonez o surprehenden dentro da cidade, e, qnerendo ello evadir-se apressadomente, quebrou a coixa da perna direita no ferrolho de uma porta, caín sem sentidos, e depois ficou prisioneiro: humilhado o mais famoso Capitão daquella idade, e jazendo enfermo, o encontrou D. Fernando II, que não póde deixar de tributar-lhe homenagem, e simplesmento lhe pedin a restituição do que havia usurpado; e assim Limia, Toronho, Alconchel, e outros castellos, passaram das mãos do grande Rei para as do filho de D. Affouso VII. Em 1171 vieram os aluinhades pôr cêrco a Santarem, mas o Monarcha de Leão apressou-se a soccorrer seu sogro, e, reoniudo as suas tropas ás de Portugal, desembaraçou do feroz inimigo a villa sitiada. Este facto parecia tornar desnecessaria uma trégoa com Yussuf-Abu-Iacub, que de Africa viera a Hespanha com grande número de combatentes para tomar viugança, mas a tregoa fez-se talvez em prejuiso do Rei Leonez, qne tinha direito a soccorro de Portugal contra o inimigo commum: entretanto em 1178 acabon essa trégoa passaudo o Infante D. Sancho, de mão armada, ás terras mussulmanas, e faxendo grandes estragos em Triana arrebalde da famosa Sevilha; pelo que o Emir-el-muminiu, ardendo om côlera, pensou em destruir Portugal, e para isso fez entrar no Tejo uma poderosa armada no anno seguinte (1179), mas saio sem nada emprehender.

Faltava a *D. Affonso Henriques* alguma consa para concluir o sua grande obra, o sêllo Apostolico á nova Monarchia: neste anuo (1179), o conseguiu do Santo Padre Alexandre III, que lh'o poz pela Bulla *Manifestis probatum* de 23 de Maio [2] Portugal era já uma Monharchia, e *D. Affonso Henriques* era Rei, isso ninguem o coutestava; mas o direito Visi-Godo da eleição estava em pé, posto que o facto da successão hereditaria subsistia já nos outros reinos Christãos da Hespanha, ondo o não houvera antes: esse sêllo por isso era uma necessidade para a descendencia do illustre Monarcha; porque embora aquelle direito, nenhum eloitor recusaria o voto aos descendentes, de quem fundára nm Reino, qno estava debaixo da protecção de S. Pedro, e que com tal condição o successor do Priucipe dos Apostolos reconhecêra. Com mais on menos violencia se ía protraíodo dopois a guerra contra os infieis, atè que Yossnf em 1184 saiu do Couta com grando armada, e passando o estreito, veio entrar em Portugal, o poz cêrco a Santarem: quinze dias duron a lucta, sem que obtivesse mais quo a repulsa; mas ao anoitecer de 4 de Junho, o Africano passando os arraiaes do uorte para o occideote, e fazendo trauspôr o Tejo o sen filho Abu-Ia'hak com o grosso do exército, ficou elle com as suas guardas: saindo então os nossos da villa o accommetteram, e foram repellidos pelos almuhades e Andaluzes até aos muros; entretanto o Yussuf caindo ferido cuidou de retirar-se, e morreu pouco depois sem voltar a Africa. Pouco tempo adiaute uma

[1] *D. Affonso Henriques* tomou indistinctamente até ao anno de 1140 o titulo de *Infante* ou de *Principe* dos Portuguezes: com estes titulos exerceu o podêr, affectando a independencia, salvo nas épocas, em que teve de fazer declaração de vassallo. o titulo Real, que tomou desde 1140 constantemente, não era de absoluta necessidade para o exercicio pleno da Soberania.

[2] *Collecção de Bullas* m. 16 n. 20 (orig. do Archivo Nacional)

grossa armado de islamitas veio accommetter Lisboa; mas esta cidade foi salva pelo valor de um homem, que de noite nadou ote á não, que pela sua grandesa mais ossustava: fez-lhe um rombo, com o qual soçobrou, o os almuhadea voltaram sem lucro nem gloria.

São essas as principaes acções de *D. Affonso Henriques* como Cavalloiro, que era esta o qualidade, com quo devia ser o fundador de um Reino: Deos o havia escolhido para tanto, o elle cumpriu a sua missão: esse grando homem com justiça foi reputado terrivel açoute da gente mussulmana, e o mais perigoso inimigo, de quem quer que pretendesse levantar mão hostil contra a sua patria; a sua bravura e capacidode militar o elevaram á altura dos primeiros Capitães do mundo, e a sua prudencia governativa correu igual parelha. So exceptuormos a prisão do sua mãe, não sei eu de quo se dova arguir; e esse mesmo facto bem pode não lhe ser imputado: entretanto foi bom morido, bom pae e bom Rei, considerando como filhos os seus vassallos. Os monumentos Religiosos levantados no seu reinado a expensas suas plenamonte, ou com seu favor o ajuda, o respeito consagrado ao Christianismo, á Santa Sé, aos Prelados e ao Clero, provam com evidencia o sua piedade: as Cathedraes de Coimbra e Lisboa, os insignes Mostoiros de Santa Cruz o Alcobaça, e o devota submissão, com que tratou S. Theotonio, o com quo lhe obedecia, são testimunhos de sua fé o da sua alta venoração á Igreja do Deos; por isso se mo permittira, que ao titulo de *grande*, justamente merecido em todas os considerações, lhe reuna os de *pio*, que melhor assenta nelle, do que em outros Principes, e de *bom*, que eu lho quero dar.

Tal foi o primeiro Monarcha dos Portuguezes, que terminou a sua passagem sôbre o terra a 6 de Dezembro de 1185. Havio casado, em 1146, com D. Mafolda Princesa de Saboia, que morreu a 3 de Dezembro de 1158, e era filha de Amadeo, Conde do Saboia e Morianna, o da Condessa Mafalda do Albon. Teve da Rainha sua mulher os Infantes D. Henrique, que morreu menino; D. Sancho I Rei de Portugal; D. João, que morreu de tenra idade; D. Mafalda, que morreu desposada com D. Affonso II Rei de Aragão; D. Urraca mulher de D. Fernando II Rei de Leão; D. Theresa, chamada tambem Mathilde, mulher, primeiro do Filippe de Alsacia Conde de Flandres, e depois do Eudo III Duquo de Borgonha; e D. Sancha, que morreu menina: fóra do matrimonio houve D. Fernondo Affonso Alferes-mór de Portugal; Fr. Pedro Affonso Monjo do Santo Maria do Alcobaça; Fr. Affonso XI Grão-Mestro da Ordem de S. João de Jerusalem; e D. Urraca Affonso mulher de D. Pedro Affonso Rico-Homem do Portugal.[1]

394.°

SENHOR D. SANCHO I REI DE PORTUGAL.—Nasceu este Soberano em Coimbra, a 11 de Novembro de 1154, era filho de ElRei D. Affonso Henriques e da Rainha e Senhora D. Mafalda, o levou primeiro o nome *Martinho*, dopois mudado: affeito desde menino ao estrondo dos armas, com que o educaram, recebeu o alto grão da Cavallaria[2] em 15 de Agosto de 1170, depois de haver experimentado o revés do Argsnal, o preparando-se para a feliz empresa do Triana: Cavalleiro pelo esfôrço, pelos sentimentos, que herdára no herço, o pelas inspirações, que infundiu em sua alma a voz do mais bravo Cavalleiro dessa idado (seu pae), quando vibrára a espada sôbre sua cabeça, desde essa hora, apesar dos poucos annos, elle se tornou respeitavel aos olhos dos inimigos da Cruz e de Portugal; mas outro titulo mais sublime, o mais elevado, que a sociedade conhece, coube ao moço Infanto, o de *Rei*, com que o velho Monarcha o distinguiu pondo-o junto de si no governo do Estado, e ouvindo os conselhos do sua prudencio para o ensaiar no mando, que mais tarde havio de gosar, com que finalmente, a não ser um unico defeito, poderia talvez passar pelo melhor Soberano do mundo; o, na vordado, se não ouvisse com tanta complacencia seu chancellor o Mestre Julião, não só Portugal teria sido mais feliz, porém do sua historia se borraria a menor mancha, porque outra não tem ella: apesar disso o respeito consagrado em todss as idades ás letras, e uma certa fraquesa do homem para a liberdade absoluta do suas acções desculpam sôbre maneira essa complacencia, quando o homem não estudou senão o manejo das armas: entretanto vamos ver este Principe sentado sôbre o throno desdo a sentida morte de seu pae em 6 do Dezembro do 1185.

Preciso considerar ElRei *D. Sancho I* em relação aos estranhos, aos naturaes, e a si proprio como homem e como Christão: no primeiro caso temos grandes motivos para lhe fazer completo elogio, posto quo não possa igualar-se a seu pae. Desvanecidas as tentativas de hostilidade com o Rei de Leão D. Affonso IX seu sobrinho, e as pretenções de ir combater como Cruzado na Palestina, em 1189 fez voltar a Africa o Emir-el-muminin, El-Mansour filho do famoso Yussuf, que de lá viera com podêr e intentos sinistros á Christandade: logo nesse onno, auxiliado por uma armado do Frisios e Dinamarquezes, quo passavam á Terra Santa, tomou Alvor na costa do Algarve; despedida aquello armada, se aproveitou de outra de Allemães e Flamengos commandada por Luiz de Thuringia; depois de larga resistencio se fez senhor do Silves a 3 de Setembro, em que manifestou altamonte sua generosidado com os vencidos, apesar ds má vontado dos vencedores; successivamente se lho renderam todas as praças mussulmaoas ao poente e norte do Silves, em que avultavam Albufeira, Lagos, Portimão, Messines e Paderne; e Beja não tardou a reconhecer a sua authoridade: em um so anno Deos concedeu a *D. Sancho* esses triumphos: mas, o nós não podêmos saber porquo, muitas dessas pedras preciosas não tardaram a ser arrancadas da sua corôa. As perdas dos filhos do islam iam-se tornondo consideraveis em Hespanha, cedendo

[1] SOUSA *Historia Genealogica da Casa Real Portugueza* — ALEXANDRE HERCULANO *Historia de Portugal*. Um retrato de corpo inteiro.

[2] Era este grão o mais sabido, a que a Nobresa podia então aspirar; tinha alguma cousa de mais respeitavel pela origem e pelo fim, do que tudo quanto a barbaridade e a descrença lhe substituiu depois; e a Igreja o sanctificou com a benção: o Cavalleiro, que não desdizia de sua instituição, era um ente previligiado na sociedade; mas depois que o Sacerdote resava sôbre sua cabeça as absolvições do finado, estando elle vivo, so olhava com horror: isto deu garantias á sociedade, mas quando por fim reinou a descrença, não existiu distincção real entre a virtude e o crime.

elles ao valor de nosso Rei, e do illustre Monarcha de Castella D. Affonso VIII; entretanto por mais, que trabalhassem, e embora suas novas victorias, o podêr dos mussulmanos ia em decadencia na Peninsula: El-Mansour reuniu as fôrças, que pôde, e veio de Marrocos unir-se com Mohammed governador de Cordova seu irmão para repararem o imperio Arabe de tantas perdas; e no primeiro quartel do anno seguinte (1190) se lançou sôbre a cidade de Silves, que resistiu no primeiro impeto, soccorrendo-a um navio de Cruzados Inglezes pelas instancias do bom Bispo Nicoláo: furioso o almuhade passou ao norte, e atravessando o Tejo, deu sôbre Torres *novas*, e tomou, á custa do sangue de seus defensores, o castello: de lá passou a Thomar, e poz sitio ao castello depois de arrasar quanto o cercava: no entretanto partia ElRei a toda a pressa para Santarem, pensando, que para ahi se dirigíra o Mouro, ao mesmo tempo que este assolava bôa parte da nossa Extremadura, e a esquadra Ingleza, a que pertencia o navio, que deu soccorro a Silves entrava no Tejo: El-Mansour cercado de poderosos inimigos, e accommettido das febres, que hostilisavam o seu exército, pediu a paz, e ElRei não a quiz admittir com a dura condição da entrega de Silves; mas os islamitas se retiraram para Sevilha, e tambem a esquadra dos Cruzados, que bem incómmoda foi a Lisboa, saiu. No anno seguinte (1191) o moço Rei de Leão quiz emancipar-se da tutela de D. Affonso VIII, em que a necessidade o collocára: cuidou por isso em alliar-se com o de Portugal contra o Castelhano, e effectivamente se desposou com a Infante D. Theresa filha de *D. Sancho I*; e um tratado de paz teve então logar entre as Corôas de Portugal, Leão e Aragão: esta alliança era requerida pela utilidade commum, se os tres Monarchas tivessem apenas contra si o podêr de Castella; porém o inimigo mais terrivel era o almuhade; por isso ella só poderia ser vantajosa, se fôsse uma liga entre todos os Estados Christãos da Peninsula: as poucas fôrças de ElRei de Portugal, e as calamidades da época, haviam dado occasião, a que o Africano depois de assolar a Provincia d'aquem Téjo, se retirasse impunemente para a capital da Andaluzia, e logo a perdas altamente consideraveis, tal como a de Silves nesse anno (1191); e posteriormente, em 1195, a derrota de Alarcos, que D. Affonso VIII soffreu: não só esses factos tornaram insufficiente uma tal alliança, mas a separação dos dois esposos em fôrça do parentesco a destruiu, concorrendo, para que *D. Sancho I* a trocasse pela de Castella; e estas dissidencias, em que se não attendeu á causa commum, deram origem a males incalculaveis: o miseravel soccorro dos Reis de Navarra e Leão para a facção de Alarcos contribuiu tanto para a derrota do exército Christão, como a nova alliança parcial para diminuir nossas fôrças, e dá-las ao inimigo da Cruz: em 1196 o Leonez pactuou com o islamita; ElRei de Navarra entrou nos interesses de D. Affonso IX; e este Principe com o auxilio de Navarro, fez guerra a Castella, e esta teve logar entre Portugal e Leão, e se protrahiu com violencia pelo anno seguinte: essa era a consequencia natural não só das discordias passadas, mas das novas allianças parciaes, pelo que a Christandade se viu obrigada a entrar em negociações de tregua com El-Mansour, e mesmo a fazer a paz entre si, posto que os Reis de Castella e de Navarra não tardaram a quebra-la hostilisando-se um ao outro. Em 1198 intentou El-Rei de Portugal recuperar Silves com a medeania de uma outra armada de Cruzados Allemães, que entrára pelo Tejo; mas todos os esforços foram baldados: entretanto as desavenças entre os Soberanos de Leão, Castella e Portugal renovaram-se, a ponto de ser preciso, que o grande Innocencio III os obrigasse á paz: *D. Sancho I* obedeceu, porém teve necessidade de se conservar na defesa, porque cedendo, depois de novamente intimado, o Castelhano, nem então o Leonez se aquietou, vindo em 1199 pôr cêrco a Bragança; mas foi castigado por seu sogro, que correu a Traz-os-montes para salvar o, que era seu; cessaram no fim destas demandas os ardores belicos de nosso Soberano. Valente sem questão, mas faltando-lhe os grandes meios, de que seu pae dispoz, afflicto por outra parte, com as calamidades da peste, que duas vezes visitou este reino, e pela última em 1202, diminuia consideravelmente suas fôrças, do mesmo modo, que uma horrivel fome, elle não podia ser tão feliz como D. Affonso Henriques: por outra parte bem pode ser, que se não fôssem os projectos de reformas politicas de seu chanceller, talvez que nem similhantes desditas o houvessem atribulado, nem elle deixasse de estender prodigiosamente as raias de Portugal á custa do podêr mourisco, embora muito grando elle fôsse: o caracter um pouco inconstante, nas relações exteriores, e ainda nas internas, que apresenta o reinado de *D. Sancho I*, revéla o facto de um guerreiro de bôa fé seduzido por um ministro velhaco; mas é sem dúvida, que sua ambição, e a sua ferocidade, são para mim um problema, que está para resolver, ou para melhor me expressar, não creio nellas sem difficuldade: supponho, que não fez guerra a Christãos se não para se desaffrontar, e para salvar seus Estados, e aos infieis, senão porque o eram: se assim não fôsse, elle deixaria de ser bom Cavalleiro e mesmo bom Rei; por isso cuido eu, que *D. Sancho I* não obteve um nome altamente grande na historia, porque educado nas campanhas, e sem o talento transcendente de seu pae, se lançou nos braços de um homem, que teve a arte de o fascinar para o perder; é isto o que tem acontecido a muitos Soberanos, e oxalá, que os nossos dias fôssem isemptos dessa mácula.

Nas relações internas *D. Sancho I* appareceu bom Rei, se não descermos da universalidade dos povos para a especialidade das classes; mas nos vamos ver, que a somma dos beneficios é superior aos males, de que elle proprio foi victima. O pensamento de segurar as fronteiras e povoar de novo as terras do paiz assolado pelas guerras passadas, que logo ao principio de seu reinado concebêra este Soberano, cumprio-o, quanto pôde; desde então, e ainda mais depois, guarnecendo as fronteiras orientaes da Beira pelos Cavalleiros do Templo, e as meredionaes pelos de S. Thiago, e internando á direita e á esquerda do Téjo os de Calatrava; além disso augmentou a fôrça das colonias estrangeiras, que se haviam estabelecido no antecedente reinado por uma e outra margens daquelle rio, admittiu novamente estrangeiros, e cuidou em fazer prosperar as povoações dos naturaes ao lado delles: restaurou Leiria, erigiu a Guarda[1] e muitas mais povoações; em quanto o Prelado de Lisboa, as Ordens Militares e D. Fernando Affonso seu irmão com outros Senhores, lançaram os fundamentos de outras, ou tratavam de restaura-las; e tal foi o seu empenho nesta materia, que com bastante rasão o sabio escriptor, que esmeradamente se occupou em lovar á posteridade, expurgada de muitas fabulas, a nossa historia, disse delle: « *Vagueando incessantemente pelas*

[1] Se não foi a restauração da antiga Ward dos Godos.

differentes Provincias de Portugal, este Principe, que tantas vezes na sua passagem estompara sôbre a terra o terrivel sêlla da devastação e da morte, dedicava-se agora a fazer surgir debaixo de seus pés as aldêas, as villas e os castellos:» se todas essas providencias honram sôbremaneira o successor de D. Affonso Henriques, os factos posteriores á lamentavel calamidade, de que nossa terra foi victima pela peste e fome de 1202, requerem, que o consideremos um bom pae de seus vassallos, porque desde esse anno até 1208 elle não teve paragem certa, residindo ora n'um, ora n'outro ponto, para remediar os males, que desses flagellos se seguiram: oxalá, que eu não houvesse necessidade de lamentar alguns males, a que as suas condescendencias deram causa, porque, bem medida sua capacidade intellectual, poucos Soberanos o igualariam no exercicio do mando com rasão ao bem-estar da sociedade. Sou por extremo affeiçoado á constituição municipal, mas eu não vejo nascer do seu grande incremento, por esta epoca, os beneficios pretendidos; e a rasão é clara: o legislador de então, o famoso chanceller, não pensou mais, que em destruir o podêr do Clero e da Nobresa[1], engrandecendo sôbremaneira as classes populares para dar cabo da supremacia daquellas duas classes: reunia a Corôa esses auxiliares, sem prever, por que a má fé o cegou, que depois de aniquiladas essas duas classes, a authoridade do Rei viria a perigar. Julião foi um homem de má fé, e tão astucioso, que póde seduzir o bom *Sancho I;* era filho de uma escola perniciosa e nascente, que assombrava o mundo com palavras estudadas, e pretendia dar tudo aos Reis, para tudo lhes tirar; e, se o não conseguiu senão mais tarde, foi porque um dos principios capitaes dessa escóla é a prudencia, unica cousa, que póde trazer-lhe a duração. O principio municipal estendeu-se ás terras dos Prelados e Senhores sem a menor attenção á sua authoridade, porque as vistas do chanceller eram fazer cravar-lhes o punhal no coração pelos proprios subditos: não tinha a escola imaginado os taes direitos individuaes, destruidores de toda a ordem social, na rasão, que os acolheu depois outra seita, a quem não escaparam; mas segundo seus principios deviam extremamente limitar-se os direitos, que a justiça estabelecêra fundada nos principios mais legitimos, e nas mais rigorosas conveniencias da sociedade, pelo modo que então estava constituida: dahi veio a invasão mais espantosa nos dominios alheios; e a *D. Sancho I* não lembraram ao menos as desordens espantosas dos burguezes de Sahagum authorisadas pelo foral, que ElRei D. Affonso VI seu bisavô lhes tinha concedido, nem que invadindo direitos alheios não só quebrava a palavra Real, mas expunha os seus: se a sociedade estava mal constituida, não era atacando de frente a frente o principio da justiça, que ella se reformava. A este facto accresceu outro, o da supremacia nas cousas da Igreja, que a um homem como Julião não era possivel deixar de querer levar ao mais alto, forcejando por dar vulto a essa tal ou qual, que a posse das dignidades temporaes pelos Bispos trouxera: por aqui principiou a lucta.

Martinho Pires, que em 1191 fôra promovido da Cadeira Pontifical do Porto á de Braga, tinha alterado naquella a disciplina estabelecida, secularisando o Cabido: succedeu-lhe então Martinho Pires, quis pôr as cousas no antigo estado; mas os Conegos mais relaxados, que piedosos, levantaram-se contra o seu Prelado; e, depois de accôrdo, e nova contenda sôbre administração das rendas, despresando os Conegos a propria authoridade do Metropolitano acolheram-se ao Rei, que levou as cousas a ponto de mandar proceder contra o Prelado, e elle ver-se obrigado a fugir e acolher-se á protecção da Santidade de Innocencio III, que pelos seus legados o Bispo de Çamora, o Deão desta Igreja e o de Leão, obrigou o Monarcha a emendar-se: restituido o Prelado, recusou-se a annuir ao casamento do Principe herdeiro da Corôa com a Infante de Castella D. Urraca, porque apesar da annuencia dos outros Prelados das Igrejas de Portugal e de Leão (excepto o de Oviedo), a Santa Sé mandára separar os esposos pelo impedimento de sangue; daqui rebentaram novas hostilidades da parte do Soberano contra o Portugalense, e do caminho se envolveram na demanda os burguezes do Porto em fôrça dos privilegios, que pretendiam contra o direito do Bispo antigo senhor da cidade, e, affagados pela côrte, que desejava estender o municipio de Gaya para dentro da povoação do norte, levantaram mão sacrilega contra seu Pastor; e apesar de que o Prelado pedira justiça a ElRei, lhe foi preciso recorrer ao Chefe da Igreja: novos legados enviou o Santo Padre Innocencio III para obrigarem o Monarcha; mas a questão se protrahiu até 1210 por dois annos, recusando *D. Sancho I* obedecer pelas instigações de quem era causa primaria do mal. O primeiro ensaio contra os donatarios da Corôa appareceu, começando pelos Ecclesiasticos, no futuro vieram contendas, que affectaram igualmente a Nobresa; em quanto por então do ataque aos privilegios temporaes da Igreja se passou a calcar a pés a sua immunidade, retendo-se o Clero nas masmorras e chamando-se seus pleitos aos tribunaes civis; contra esse excesso se levantou o Bispo de Coimbra, que não só abertamente declarou ao Monarcha o mal, que nisto ia, mas quanto era grave o delicto, em que estava incurso de ter de portas a dentro uma feiticeira, a quem consultava[2]: o Soberano exigiu então delle direitos senhoriaes de alguns bens de sua Igreja, em quanto o Prelado poz interdicto na Diocese, e appellou para a Santa Sé: o primeiro remedio applicado pelo Bispo era violento e injusto, se não fôsse o attentado contra as immunidades; porem o Rei levou as cousas a peior estado, mandando, que ninguem respeitasse o interdicto, e sequestrando a propriedade dos Sacerdotes, que lhe desobedeceram; o eleito de Braga pretendeu restabelecer a paz, mas as violencias dos Rei continuaram; em resposta o Conimbricense renovou a appellação do Eleito, este levantou o interdicto, o Clero não lhe obedeceu (assim devia fazer), e a irritação do Soberano chegou ao seu auge, e querendo o Prelado ir a Roma o lançou n'um calabouço; mas o recurso passou ás mãos do Summo Pontifice; entretanto ás determinações do Vigario de *Christo*, o chan-

[1] O legislador sabio e de bôa fé, quando intenta reformas, pensa, antes de tudo, em estabelecer o equilibrio, e tem presente, que são chimeras todas as pretenções de um novo modo de vida, que na essencia se affasta dos costumes, e que em absoluto não tende ao bem geral da sociedade, conforme a sua organisação e inclinações: o facto está manifestamente demonstrado por provas amargas.

[2] A crueldade de ElRei o levou a esse excesso; e em quanto a legitima authoridade lhe mostrava o êrro, o ministro interessado lhe fazia ver, que eram pretextos para monoscabar-lhe a authoridade: os homens sempre foram os mesmos, e nós podemos sem errar fazer comparações: o mal dos Soberanos é terem juizo de si velhacos, quando Deos os não dotou de grandes fôrças intellectuaes.

celler respondeu em nome do Rei, como um possesso, tudo quanto havia indigno do respeito filial de um Catholico, injuriando os Prelados e a Santa Sé de um modo até então insolito, e com expressões formalmente hereticas, do mesmo modo, que Luthero e os lutheranos de hoje vieram a fazer: o grande Innocencio III receiando a scisão, que o filho da malvada escóla pretendia, apenas reprehendeu o Rei pondo-lhe diante dos olhos o texto das letras, que o diabo por mão do chanceller escrevêra, e ordenou ao Prelado de Compostella, que procurasse applacar as desordens, e fizesse entregar pessoalmente ao Soberano a sua resposta, suspeitando a má interpretação da parte do homem, que o inferno conspirado contra Portugal pozera ao lado de *D. Sancho I;* porém o medo da morte, que se aproximava, operou a reconciliação do enganado Monarcha com os dois Prelados do Porto e Coimbra.

Como homem foi bom filho, bom marido, bom pae e bom Rei, cuidando de alliviar os povos de quanto podesse mal fazer-lhe, se nós exceptuarmos essas épocas desastrosas do poderio de Julião, que abusou de sua fraquesa do modo como se tem visto; e na verdade se estes actos fôssem seus, elle não só seria máo Rei, e feroz tyranno, mas pessimo Christão: entretanto um homem de espirito fraco, não tem imputações quando outro domina, falla em seu nome, e com mão violenta o obriga a escrever o, que não quer: desculpem'o-lo, porque as tribulações, que padeceu, o obrigaram a retirar-se dos negocios, entregando-os ao brutal Julião: se elle fôsse em realidade um malvado, não morreria arrependido e congrassado, com quem o podia guiar ao Céo: *D. Sancho I* não era ingrato, devia a confirmação do titulo Real á Santa Sé, que não lh'o recusou; e, por outra parte, tanto ella como os Prelados lhe eram crédores de bons e valiosos serviços: enganou-se com um homem, que o fez passar por máo, selvagem, e ainda pouco Christão; mas são bastantes os factos, que provam não ser elle nada disso, e acabar piamente no seio da Igreja abraçado aos seus Sacerdotes, como lhe aconteceu depois de uma vida ralada de desgostos e enfermidades, quando apenas contava cincoenta e sete annos, em Março de 1211. Havia casado em 1174 com D. Dulce irmã de ElRei D. Affonso II de Aragão, que falleceu no 1.º de Setembro de 1198. Teve filhos desta Senhora os Infantes D. Affonso, que succedeu na corôa; D. Pedro Conde de Urgel e Senhor das Malhorcas; D. Fernando Conde de Flandres; D. Henrique e D. Raymundo, que morreram meninos; as Bemaventuradas Theresa Rainha de Leão, Mafalda Rainha de Castella, e Sancha Senhora de Alonquer; D. Branca Senhora de Guadalaxara; D. Berenquella Rainha de Dinamarca; e D. Constança, que morreu donzella; e fóra do matrimonio D. Martinho Sanches Conde de Trastamara; Rodrigo Sanches Clerigo; Nuno Sanches Conego Regular, de quem fiz menção; D. Urraca mulher de D. Lourenço Soares senhor de Valladares e Rico-Homem de Portugal; D. Mayor Sanches, que morreu menina; Constança Sanches Conega Regular; e D. Theresa Sanches mulher de D. Affonso Telles de Menezes senhor de Albuquerque e Rico-Homem de Castella.[1]

395.º

Senhor D. JOÃO I Rei de Portugal. — Nasceu este Soberano em Lisboa a 11 de Abril de 1357, filho illegitimo de ElRei D. Pedro I havido em Theresa Lourenço mulher Nobre; e a sua educação foi confiada a D. Nuno Freire de Andrade Mestre da Cavallaria de *Christo*, que o apresentou a seu pae, quando elle contava sete annos de idade, e lhe obteve o Mestrado da outra de Aviz, por então vaga: o Monarcha o mandou depois vestir o manto desta Cavallaria no Convento della, deu-lhe por aio o Commendador-mór D. Fernando Rodrigues de Sequeira, que ficou encarregado da direcção e govêrno do Mestrado, em quanto o Principe foi menor: depois, que ElRei D. Fernando I subiu ao throno, seu irmão soffreu tribulações causadas pelos parciaes da Rainha e Senhora D. Leonor, a ponto de o prenderem no Castello de Lisboa, e procurarem dar-lhe a morte; e neste estado de violencia passou até 22 de Outubro de 1383, em que ElRei falleceu: tinha este Soberano casado, como herdeira do Reino sua filha, a Infante D. Beatriz com D. João I Rei de Castella, que por esse facto a Rainha viuva em qualidade de Regente, fez reconhecer como successora da Corôa. O dominio estrangeiro era intoleravel aos Portuguezes, não menos, que a pessoa de D. João Fernandes Andeiro Conde de Ourem, que estrangeiro era, e mal avindo andava com ElRei, com os Senhores e Povo, em rasão do valimento com a Rainha, sôbre que se conceberam suspeitas contra a fidelidade conjugal; e essas chegaram a ser tão vehementes, que ElRei tentou manda-lo matar; e, depois que o Soberano falleceu, de outra cousa senão cuidou, porque elle era o principal impedimento para o Reino se forrar á dominação Castelhana, por isso se deu maior vulto aos escandalos, embora tivessem ou não bom fundamento[2]: este negocio occupava todos os espiritos, mas parece, que o terror se apoderava de todos, por isso o *Mestre de Aviz* foi escolhido para esse grande feito. A meio de afastar da côrte este Principe, a Rainha o nomeou Fronteiro do Alemtéjo; e elle se poz a caminho, mas não tardou a voltar, e no dia 6 de Dezembro seguinte executou o plano traçado matando o Conde de Ourem: foi logo acclamado Regente e Defensor do Reino contra o podêr de Castella: entretanto seguiu-se o, que era inivitavel, uma guerra assoladora, que tomou alto incremento, empenhando nella

[1] Sousa *Historia Genealogica da Casa Real Portugueza* — Alexandre Herculano *Historia de Portugal*. Um retrato de Corpo inteiro.

[2] Não quero oppor-me á tradicção recebida desde a época dos acontecimentos; porém não estou muito disposto a uma céga crença ácêrca de factos, que se envolvem com a politica, porque essa não só é sempre exaggerada quanto ás circumstancias, mas nos proprios factos. Esta questão é de todos os dias, e eu tenho provas, de que em similhantes casos mais de uma vez a calumnia substituiu a verdade. Se pois aqui não andasse de envolta a politica, talvez eu désse pleno assenso a Alvaro Paes, João das Regras e Fernão Lopes, por isso não estou disposto a jurar nas palavras desses contemporaneos, acreditando em relações illicitas de tanta gravidade como o adulterio; e só porque João das Regras tanto as quiz affirmar, tenho eu grande motivo para as negar. Não é para nota de um summario biographico, trazer argumentos para destruir asserções de dois contemporaneos, e de um author proximamente coevo: porém não são poucos os, que ha contra as suas pretenções, e algum dia talvez sejam produzidos.

o genro do defunto Monarcha os seus parciaes, de que Portugal contava grande número: assim mesmo todas as fôrças, que podiam oppôr, eram muito inferiores á capacidade e pessoa da valentia do *Mestre de Aviz*, a espada terrivel de D. Nuno Alvares Pereira, e á moralidade de quasi todos os individuos, que se honravam de ter nascido na terra de D. Affonso Henriques: os combates e as mútuas hostilidades duraram, mas os revézes de ElRei de Castella o fizeram abandonar, por algum tempo a empresa depois de ter apertado Lisboa com um duro cêrco, que foi obrigado a levantar, havendo soffrido e soffrendo depois grandes perdas em differentes logares de nossa terra, principalmente ao sul do Téjo. Chegado o anno de 1385 já o *Mestre de Aviz*, á fôrça de triumphos, não hesitava em cingir esta Corôa gloriosa, que ornara a fronte de seus avós, porque de facto elle era já Rei; mas faltava-lhe a posse legal do Throno: para isso convocou o supremo Tribunal da Nação; e este reunido em Coimbra, pronunciou solemnemente a 6 de Abril desse anno a sentença, que o fez empunhar o sceptro da Monarchia.[1]

A questão estava decidida, e Portugal disposto a sustentar até ao último extremo como Rei aquelle, que soubera salvar sua independencia; porem o Monarcha de Castella quiz tentar fortuna, e de mão armada atravessou nossas fronteiras, pretendendo empenhar-se em uma acção decisiva: não se escusou ao desafio o *Mestre de Aviz*, que sem largar por então esta dignidade, já com o nome de *D. João I* assumira a sublime de Rei; e a 14 de Agosto desse anno (1385) conseguiu a mais assignalada victoria nos campos de Aljubarrota[2], com que acabou de restabelecer a independencia de sua terra natal, e de firmar o Throno, que por seus merecimentos obtivera. Tratou depois *D. João I* de regular as cousas do Estado[3], e posteriormente de consolidar o acto da independencia, dando succéssão ao Reino; mas porque o impediam os votos solemnes da Religião, requereu ser absolvido pela Santa Sé, obteve-o, e a 2 de Fevereiro de 1387 casou com D. Filippa filha de João de Gante, Duque de Lancaster, e de D. Constança Infante de Castella e pretensora dessa Corôa: similhante alliança foi uma das mais acertadas, que contraíram nossos Reis; porque Deos dotou a Rainha das mais exemplares virtudes, com que fez seu marido feliz, e deu tal educação a seus filhos, que desde 19 de Julho de 1415, em que ella foi receber no Céo o premio de seus merecimentos, até hoje tem sido recordado o seu nome com saudade.

Toda a vida de *D. João I* apresenta uma serie de acontecimentos gloriosos, e manifesta, que elle foi um dos melhores Soberanos, que dominaram esta terra: sempre prompto a fazer a paz com Castella, nunca deixou de estar preparado para a guerra, até que a paz se effectuou pelo tratado de 31 de Outubro de 1411. Livre de um inimigo poderoso, cuidou em dilatar seus Estados; e vingar as injúrias feitas ao nome Christão pelos mussulmanos: preparou para isso uma possante armada de trinta e tres náos grossas, vinte e sete galés da tres remos, trinta e duas de dois, e mais de cento e vinte embarcações pequenas, com ella atravessou o occeano para Africa, e ganhou á viva fôrça a cidade de Ceuta em 21 de Agosto de 1415. Poucos annos depois, em 1419, por diligencias de seu filho o illustre Henrique, se descobriram as Ilhas da Madeira e Porto Santo; e esse facto deu occasião ás empresas mais arriscadas

[1] Este Tribunal teve legitima convocação, porque pertence tanto ao Rei como ao Regente. A sua organisação legitima foi, porque ao primeiro Estado só entraram Bispos e Prelados, com o Deão de Coimbra representante de um Cabido, isto é, os essencialmente representantes do Clero na generalidade absoluta, e os representantes de corporações Ecclesiasticas regulares ou não; no segundo nem um só individuo votou, que não fôsse membro de familia notavel pela historia do seu passado; e ao terceiro os representantes eleitos pelos corpos municipaes, que pela sua preponderancia já de tempos atrazados, faziam parte da representação nacional: não se encontra por isso individuo, que por uma rasão qualquer estivesse inhibido de fazer parte desta suprema assembléa; e com relação ás eleições de Procuradores, falta prova bastante para affiançar, que não fôssem livres, muito embora apenas recebessem a procuração homens dedicados ao *Mestre de Aviz*, porque dedicados a este Principe eram todos os chefes de familia dos municipios eleitoraes. Haviam apenas a tratar duas questões — se o Reino estava vago — e na affirmativa, quem seria o Rei: nas contestações, que então houve se intrometteu João das Regras, oppondo ou mentiras, ou factos estranhos á questão: esta circumstancia não só produziu, que posteriormente alguns Nobres desamparassem a causa do *Mestre de Aviz*; mas podia tornar nullo um acto, que decidia dos destinos de Portugal. O Reino estava vago pelo consenso da maioria absoluta da Nação, e por isso do Tribunal; e o *Mestre de Aviz* devia ser eleito Rei, porque á qualidade de filho de Rei natural, juntava a de salvador da independencia da patria. A mentira, irmã e companheira da politica e das duas famosas seitas, que tem desgraçado a mais bella porção da Europa, succedendo-se e auxiliando-se até certo ponto, foi e será sempre detestada. A illegitimidade da Infante D. Beatriz, depois da sancção dos Prelados, e depois de ser jurada successora, era pouco para allegar; mas allegou-a João das Regras, como a illegitimidade de seu casamento, de que nasceram filhos, que a prazer da Santa Sé, reinaram em successão a seus avós: a illegitimidade dos Infantes D. João e D. Diniz, depois da declaração, que o Bispo da Guarda fizera de abençoar o casamento de seus paes, e da, que fez D. Pedro I depois de subir ao throno, só a lingua de João das Regras podia produzir: a illegitima posse da Corôa de Castella pelo marido de D. Beatriz, por ser então scismatico, e ter sentença de esbulho pelo Santo Padre, nada tinha com a questão, mas fez conta a João das Regras: a desconveniencia de governar esse Principe nosso Reino, sendo então scismatico, foi a unica cousa allegada pelo famoso chanceller, que devia ser recebida; mas esta desgraçadamente se involveu n'um montão de patranhas; e a verdade é, que se algum dos Infantes podesse voltar a Portugal, as espadas de D. João I e de D. Nuno Alvares Pereira, não valeriam para sustentar um documento, em que se escreveu depois de taes rasões um *por ende:* entretanto o êrro de tal documento, e os artigos de João das Regras, não importam a illegitimidade do acto, porque a maioria depois das contestações e das réplicas, não fazendo caso de umas nem de outras, obrou, como tinha direito absoluto de obrar: «*E' nosso vontade, que o Throno esteja vago, e queremos que o Mestre de Aviz seja Rei.*» Eis-ahi a questão resolvida como o devia ser, e como o foi em todas as Côrtes anteriores, antes de lá poder abrir bôcca quem nunca lá devia entrar.

[2] Neste sitio, em memoria da famosa batalha, levantou ElRei um Mosteiro, que dedicou a *Nossa Senhora da Victoria*, entregou-o á Ordem de S. Domingos, e nelle quiz ser enterrado. Por esses dias erigiam-se Templos em memoria de grandes feitos, e em agradecimento do favor do Céo; mas agora destroem-se. No volver dos seculos as gerações apresentam differentes tendencias: a'umas sobra a crença, a'outras a descrença: mas quaes serão dessas as mais felizes? Convido o impio, se póde ainda dizer uma vez a verdade, a dar resposta.

[3] Um de seus bons decretos foi o da mudança da *era de Cesar* para a *vulgar* de nossa Redempção, que a esta levava trinta e oito annos, e começára, desde que Augusto impoz tributo á Hespanha. O decreto porque se fez esta reforma se datou de 10 de Abril da *era* 1423, e da *vulgar* 1385.

sim, porém mais gloriosas, que Portugal emprehendeu depois: não era preciso mais ao nome de *D. João I* para passar á posteridade como de um grande Rei; esses successos bastariam para eternisar sua memoria, se a defesa do Reino, que tanto a custo procurou e obteve, lhe não désse titulos ainda mais superiores.

Cuidou ElRei de engrandecer o Culto dotando e fundando Templos; o tambem, segundo delle se refere, requerendo ao Santo Padre Bonifacio IX a orecção da santa Igreja de Lisboa om Metropole[1], posto que eu não veja nisto um bem para o universalidade Catholica; procurando de mais disso a restauração da santa Igreja de Ceuta, havendo forrado a cidade ao dominio infiel. Já por esse tempo dominava a desordem no julgado, promovido de proposito para substituir ás nossas antigas e bôas leis as leis Romanas affeiçoadas á escola de Italia, e ás opiniões dos doutores; o posto que a restauração era ainda facil, o valimento de João das Regras soube converter em proveito seu, essa desordem e abrir o caminho ao predominio absoluto da sua seita: appareceu então o decreto Real, que sanccionava tal pretenção, admittindo essas leis e opiniões; e a Relação de Lisboa teve existencia.[2] Chamoram a este Soberano de *bôa memoria*, e *pae da patria;* e na verdade elle mereceu esse titulo, porque nisso empregou seus cuidados até 14 de Agosto de 1433. Houve da Rainha sua esposa os Infantes D. Affonso, que viveu pouco; D. Duarte, que succedeu na Corôa; D. Pedro o *justo*, que foi Regente do Reino; Henrique o *grande*, Administrador da Ordem de *Christo;* João Administrador da de S. Thiago; Fernando, o *santo*, Administrador da de *Aviz*, que morreu captivo em Africa; D. Branca, que viveu poucos mezes, e D. Isabel mulher de Filippe III, o *bom*, Duque de Borgonha: fóra do matrimonio D. Affonso Duque de Bragança, e tronco desta serenissima casa; e D. Brites Condessa de Arundel em Inglaterra.[3]

396.*

Sanhoa D. JOÃO II Rei da Portugal.—Nasceu este Soberano em Lisboa a 3 de Maio de 1455, filho de ElRei D. Affonso V e da Rainha e Senhora D. Isabel, e a 25 de Junho seguinte foi jurado successor do Corôa pelos Estados do Reino reunidos em Côrtes: educado com muito esmero, manifestou cêdo as suas inclinações para a guerra, e na idade de pouco mais de quinze annos obteve licença do seu pae para o acompanhar á expedição, que este Soberano tentou contra os mahometanos de Africa em 1471: partiu na armada, que aportou a Arzila em 20 de Agosto desse anno; e com tanto esforço pelejaram os nossos guiados pela bravura de ElRei e tomando exemplo do denodo e valentia, com que o Principe se expunha, que no dia 24 a praça se rendeu partilhando muito na victoria o moço herdeiro de nossos Reis; D. Affonso V, depois da entrada, junto do cadaver do Conde de Mariolva, que morrêra gloriosamente na acção, o armou Cavalleiro, premiando seus brios; e, para dar testimunho dos merecimentos do illustre finado, lhe disse: «*Filho, Deos vos faça tão bom Cavalleiro, como este, que aqui jaz.*» Em 1475 determinando ElRei passar-se a Castella para effectuar seu casamento com o *excellente* Senhora sua sobrinha, desde Aronches, onde estava com o Principe, ao saber a nova do nascimento de D. Affonso seu neto, o declarou successor da Corôa no caso da morte do pae, deixou o governo do Reino a este, e passou a Castella: acompanhou-o o Principe até ao logar de Pedra-Bôa no reino visinho, donde se fez de volta para Portugal a cuidar no, que lhe cumpria segundo o novo cargo. Sendo chamado por seu pae a Çamora, se preparou a obedecer-lhe: estando já em Miranda do Douro soube, que, ElRei estava em perigo por traição dos Castelhanos, e, embora a ordem de voltar, se apressou a soccorre-lo com toda a brevidade, e deixando o govêrno do Reino a Princesa sua mulher, já no anno seguinte passou a Ledesma, e de lá a Toro, onde se encontrou com seu pae e madrasta[4]: dahi se dirigiu com mão hostil a Çamora, e D. Fernando o *Catholico* receiando delle lhe mandou propôr a paz, mas não vieram os commissionados a accôrdo sôbre as bases; por isso o Principe e seu pae a 2 de Março voltaram a Toro; o, caminhando em sua demanda o Castelhano, quando se aproximava o Principe determinou espera-lo e dar-lhe batalha: nesta, apesar do maior número triumpharam os Portuguezes obrando prodigios de valôr[5], ficando senhores do campo, e retirando-se os contrarios por se aproximar a noite: ElRei tinha soffrido desbarate, porém não foi menor o de Castella, devendo dizer-se, que a batalha ficou indecisa: entretanto que o Principe por ordem de seu pae voltou ao reino, elle passou a França na intenção de obter soccorro de Luiz XI; e a guerra continuou manifestando sempre *D. João* seus brios, e fazendo respeitar o nome de Portugal. Vendo D. Affonso V, que Luiz XI nada fazia em seu favor, porque nada era capaz de fazer senão o, que interessava as suas pretenções de despotismo, e attribuindo as desditas, que soffrêra, a castigo do Ceo, determinou perigrinar em Jerusalem, e a 24 de Setembro do seguinte anno 1477 sahiu secretamente com um Capellão,

[1] O principio de nacionalisar as Igrejas existia já, e esse presidiu á supplica, de que o bom despacho trouxe em resultado emanciparem-se esta e outras Igrejas do Metropolitano Iriense: não o levarei em mal a este bom Principe, porque o pensamento não era seu, e um guerreiro não está habilitado para entrar em questões de Disciplina Ecclesiastica; por isso bem póde ser, que não tivesse senão em vista a honra de Deos.

[2] A rasão, que eu já tive de desculpar este Soberano na erecção da Igreja de Lisboa, essa mesma dou agora em abono seu; porque estou bem persuadido, que se elle conhecesse o, que nisto ia, de nenhum modo dava assenso ás exigencias absurdas e perniciosas do chanceller.

[3] Fernão Lopes, Gomes Eanes de Zurara e Ruy de Pina *Chronica de ElRei D. João I*—Duarte Nunes de Leão *Chronica dos Reis de Portugal*—Sousa *Historia Genealogica da Casa Real Portugueza*—José Soares da Silva *Memorias de ElRei D. João I.* Um retrato de corpo inteiro sem nome.

[4] ElRei D. Henrique IV de Castella teve da Rainha D. Joanna sua mulher, irmã de ElRei D. Affonso V, a Princeza D. Joanna, que reconheceu por filha e fez jurar successora da Corôa; mas a Infante D. Isabel irmã daquelle Soberano e mulher de D. Fernando successor da Corôa de Aragão lhe disputou o Throno pretextando, que não era filha de seu irmão, e a capacidade dessa Princeza e de seu marido venceram.

[5] É impossivel esquecer, que Duarte de Almeida senhor do Solar da Cavallaria e Alferes Mór de Portugal não largou a bandeira, antes de lhe arrancarem a vida, porque depois mesmo de o deceparem a sustentou sem ter mãos.

e só acompanhado do dois moços da camara e dois da estribeira, enviando antes mensageiros a Portugal com ordem a sen filho de se fazer acclamar Rei: obedeceu o Principe, e recebea o sceptro em Santarem a 10 de Novembro seguinto. Até a piedosa consolação de visitar o Tnmalo do Salvador tirou a nosso bom Rei o despota Francez, mandaudo-o buscar por toda o parte, e obrigando-o a mudar de iatento! Quem sabe se Luiz XI concebeu então alguns receios do altivez e desembaraço do novo Rei de Portugal! Isto é possivel, porquo este, desligado da obediencia paterna, poderia querer vingar a affronta feita ao auctor de sens dias, duas vezes enganodo pelo Monarcha dos Fraucezes. Voltou ao Reino, e, apesar do repugnaocia, tomoa das mãos de sea filho as redeas do mando em 1478: [1] fez-se depois, nos fins de 1480, a paz com Castella, o se capitalou, qao o Principe D. Affonso neto do ElRei casaria com a Iufante D. Isabel filha dos Soberanos daquello Corôa, e ambos os esposos deviam ser entregues á Infante D. Beatriz avo materna do desposado. O Principe D. Affonso foi immediatamente conduzido a Moura, e depositado em podêr de saa avo; porém tendo saido a Infante com o mesmo destino, antes de ser entregue os embaixadores pozeram taes dúvidas, que o Principe *D. João* sain á pressa de Béja, e envioa áquelles ministros dois papeis, n'am estava escripto *paz*, e no outro *guerra*, mandando dizer-lhes, que escolhessem, e, que se aceitassem o altimo, *d'isso seria contente:* não tiveram então, qae allegar, o a eutrega se fez entrado já o anno seguinto (1481): não tardou ElRei a passar desta vida, porque falleceu em 28 de Agosto desse mesmo anno: tomou então de novo o Principe o titnlo Real e recebeu o sceptro, sendo acclamado a 31, e reconhecido nas Côrtes de Evora de Novembro seguinte.

Logo nesse anno deu com bons auspicios começo ao engrandecimento de seus estados, enviando differentes Cavalleiros a levoutar fortalesas pela Costa occidental do Africa, o a descobrir o, que della não era conbecido, como da oriental; e pelos felizes successos de Diogo de Azambuja e Diogo Cão na occidental, juntoa o titulo de *Senhor de Guine* [2] ao de *Rei de Portugal* assumido por D. Affonso Henriques; *do Algarve* por D. Sancho I, e mais tarde por D. Affonso III; e de *Senhor de Ceuta*, de que D. João I começon a usar desde a tomada desta importante cidade, mudando a palavra *Algarve* para o plural em rasão deste feito. Em 1485 fez ElRei um tratado com a França; mas esta alliança foi rôta desde qae os navios de corso daquella Nação tomaram em aossos mares am nosso, qae vinha carregado da Mina, pelo que *D. João II* insistin, apesar do voto contrário de seus ministros, em exigir satisfação, e ElRei Carlos VIII lh'a deu, porque o não ser isso o grande Vasco da Gama, tão conhecido depois em nossa historia, embargaria todos os uavios Francezes, que encontrasse; porqae nosso Soberano assim o ordenára, e não estava costamado a ser desobedecido: a satisfação foi tão completa, que em qoanto se lhe não apresentou um papagaio, quo esquecêra restituir, não aquietoa. Arribando a Belem Christovão Colombo da sua primeira viagem, em 1493, e tendo-o ElRei oavido, traton de aprestar uma grossa armada para a India, de que deu o commando ao illustre General D. Francisco de Almeida; mas os Reis *Catholicos*, pelo que lhe mandaram requerer, que expozesse as davidas, qae sôbre seus descobrimentos tinha; mas elle oavindo os embaixadores os despediu primeira e segunda vez sem nada responder, até que se resolveu a entrar em negociações ácêrca desta questão, qae veio a terminar-se com accôrdo, de que tresentas e setenta legoas ao occidente de Cabo-Verde, se lançasse uma linha do norte ao aul, dividindo a terra em duas partes iguaes, ficando a Portugal o quo era do lado do uascente, e a Castella a parte coutraria: tal foi o tratado de Trosedilhas da 7 de Junbo de 1494, de qae mais tarde se pedia confirmação á Sauta Sé. Todos estes factos importam dois grandes pensamentos: « respeito exterior, e engradecimento interno do paiz » devidos ao caracter inflexivel, o valentia do Monarcha, e a su aprudencia no governo; mas poderia isso só fazer a felicidade de um povo? Se isto só bastasse *D. João II* devia ser tido pelo maior Rei do mando, posta a rasão da grandesa comparativa de seus Estados: entretanto, apesar de todas as virtades, que o adornavam, elle não se pode santificar o seu reinado, como pennas am poaco interessadas têem pretendido; porqae foi cruel e despotico: a morte do Duque de Bragança seu canbado, e de muitos Nobres ás mãoa do algoz, e o assassinio, que elle perpetron em seu primo o cunhado o Duque de Vizeu não é facil desculpar-se aos olhos da piedade Christã e da justiça, e a sua origem manifesta quanto a alma de ElRei estava seduaida pelo despotismo juridico, o quanto essa seita em seas dias havia tomado alto incremento; mas *D. João II* não pensou, que a quebra de todos os privilegios da classe elevada de seus vassallos, e mesmo da inferior, tinha por base o estabelecer uma nova potencia superior a Corôa em todo o dominio: as tendencias de ElRei eram para a vingança, e o seu genio arrebatado dava facil entrada a baixas intrigas, por isso estava prestes a acreditar, que havia desobediencia no, que apenas era uma insistencia na conservação de direitos legitimamente adqairidos, o que eram conspirações reaes o, quo não chegava a ser o pensamento dellas: estas tendencias, e esse genio, do mesmo modo que os disposições pora fazer o sua vontade sem estôrvo, deram causa a abolição de privilegios, e com ella a dos direitos consignados na justiça, ressentindo-se a propria loi fundamental gravemente: para cúmalo de tudo isto se institaia o desembargo do poço auctorisado a dispensar todas as leis, e em todos os casos, e o Pòder Real passou a mãos estranhas á Soberania.

O coração de ElRei foi mortificado com os mais craeis golpes; a desgraçada morte de seu filho unico legitimo, e a successão da Corôa arrancada á sua posteridade o fizeram acabar antes de tempo em viva tribulação, mas com disposições de bom Christão. na villa de Alvor, a 25 de Outuhro de 1495. Tinba casado em 22 de Janeiro de 1471 com sua prima com-irmã a illastre e muito virtuosa Senhora D. Leonor, que falleceu piamente a 17 de Novembro de 1525, e era filha do Infante Fernaudo irmão de seu pae, e da Infoute D. Beatriz; e della teve unico o Principe D. Affonso herdeiro da Corôa, que morreu da

[1] Muitos escriptores exaltam com admiração o procedimento do filho obrigando de um certo modo seu pae a receber o governo, e largar o titulo de Rei, que assumira: eu não vejo aqui senão deveres de filho a cumprir, e só me lembro, que D. Affonso V era pae.

[2] Mandou tambem cunhar os *justos* moeda de ouro de vinte e dois qailates, e pêso de 600 réis, pondo nelles as armas do Reino, como hoje se usam, bem differentes do antigo, e gravando-lhes a lenda «*justus, sicut palma florebit* »

quéda de um cavallo em vida de seu pae; e illegitimo teve ElRei a Jorge Administrador das Ordens de S. Thiago a Aviz, Duque de Coimbra, e progenitor da casa de Aveiro.[1]

397.°

Senhor D. MANOEL Rei de Portugal.—Nasceu este Soberano em Alcochete no Riba-Téjo a 31 de Maio do 1469 filho dos Infantes Fernando (irmão de ElRei D. Affonso V) e D. Beatriz, foi o último de seus irmãos na ordem do nascimento, sobreviveu aos dois varões do mesmo berço João e Diogo o *infeliz*, ambos Administradores da Cavallaria de *Christo*, e Duques de Vizeu, e por morte do último, a 20 do Agosto de 1484, entrou na administração dessa Cavallaria, e do senhorio das ilhas de Cabo-Verdo, da cidade de Vizeu e das villas da Covilhã o Villa Viçosa; no gôso da qualificação de Duque de Beja, e das dignidades do Fronteiro-mór do Alemtéjo, de Condestavel do Reino, recebendo tambem de ElRei D. João II seu primo por armas uma esphera[2]: contava vinte e seis annos, quando, dois dias depois da morte deste Soberano, foi acclamado Rei e successor da Corôa em Alcacer a 27 de Outubro de 1495, e logo depois jurado nas Côrtes de Monte-mór o *novo:* os seus primeiros actos foram dar parte aos Reis *Catholicos* da sua exaltação; restituir os Principes D. Jayme e D. Diniz, filhos do desgraçado Duque de Bragança D. Fernando II e da Senhora D. Isabel sua irmã, e D. Alvaro tio delles, que em Castella andavam desterrados por causa das desditas de sua familia no anterior reinado; expedir embaixada de obediencia ao Santo Padre Alexandre VI, e applicar os tributos dos mouros á Igreja: em quanto assim principiava, quiz Deos assignalar o comêço de seu próspero reinado[3] com uma victoria famosa em Africa, que á gente mussulmana ganhou o illustre General D. João de Menezes. Apesar dos males feitos por seu antecessor aos Duques de Vizeu, seu irmão, e de Bragança seu cunhado, e dos que pretendia fazer a elle proprio, esbulhando-o do Reino em favor de pessoa, a quem não pertencia, elle não só cumpriu religiosamente o seu testamento, e confirmou as graças por elle outorgadas, mas cuidou do moço Jorge filho illegitimo do defunto Monarcha, e que lhe quizera antepôr, como se seu proprio filho fôsse: esta generosidade bastaria, a meu juiso, para fazer o elogio de *D. Manoel*, se por outros titulos o não merecesse: entretanto seria bem para desejar, que não seguisse a politica errada do D. João II approvando, quanto elle fez na usurpação de direitos de terceiro e proprios em beneficio do novo podêr, que se levantara no Estado; e, se elle não sentiu as más consequencias dessa errada politica, deveu ao engrandecimento successivo do Reino no exterior, e á sua natural e extrema bondade. Expulsando, debaixo de pretexto religioso, os Reis de Castella de seus dominios os Judeos, que se não quizeram converter, D João II os admittiu a meio de tributo; porém entre nós se lhes davam tão máos tratamentos, que bem improprios eram de gente Christã, e o proprio Rei os considerava como escravos dando-os a quem lh'os pedia; pelo que *D. Manoel* lhes concedeu plena liberdade, e os poz debaixo de sua protecção, recusando receber delles o dos do Reino grande serviço pela mercê, por isso muito agradecidos e convencidos por sua clemencia se converteram; mas esse bom accôrdo durou pouco, porque os Reis *Catholicos* insistiram com elle tão tenazmente e por tal modo, que se viu precisado a mandar, no fim do anno seguinte (1496), expulsa-los com pregão público em todo o Reino: um momento poz este illustre Soberano em suspensão a piedade Christã para obter com a mão da Princesa D. Isabel viuva do Principe D. Affonso de Portugal, filha mais velha dos Reis de Castella, e presumivel futura successão do dominio de todo a Peninsula: nisso tinha pelo mundo a quem imitar; mas Deos, que lhe permittiu a alliança, frustrou, como depois se verá, suas vistas futuras, que tão má origem tinham. Os pensamentos do novo Monarcha eram vastos, e principalmente desejava ver a Africa subjugada a seus pés; foi para isso, que não só procurou alcançar da Santa Sé a absolvição dos votos das Cavallarias de *Christo* e Avis, mas augmentar aquella com grave prejuiso do Monastico Claustral, e o obteve do Santo Padre Leão X na persuação, de que para combater os inimigos da Cruz então se precisavam mais braços para manejar a adaga, do que para sustentar o symbolo pacifico do Calvario. Honrado e respeitado de todas as Nações o seu nome era ouvido em toda a parte com acatamento: os maiores Soberanos lhe dirigiram embaixadas sem exceptuar o Absynio; e com todos, que respeitavam a *Jezus Christo* não hesitava alliança e paz: entretanto o, que agora importa são as descobertas e os triumphos de suas armas, com que engrandeceu Portugal e a si proprio.

A 8 de Julho do 1497 enviou ElRei uma armada á India, de que deu o commando a Vasco da Gama, com o destino de adquerir para a sua Corôa a vassallagem das Nações daquelle grande paiz, o de abrir pelo occidente o caminho para a Azia; e tão venturoso foi o illustre Capitão, que avançou alem do Cabo das Tormentas, e seguindo a costa oriental da Africa, depois de lá deixar conhecido o nome do grande Rei, que o enviára, atravessou para o Malabar, e surgindo defronte de Calecut em 19 de Maio do anno seguinte (1498) conseguiu na Azia respeito á Corôa de Portugal, e fazer-lhe tributario o Rei de Quiloa em Africa, e voltou a dar conta de sua expedição a 10 de Julho de 1499: em quanto as armas Portuguezas dirigidas pelos habeis Capitães do Arzilla D. João de Menezes, e de Tanger D. Rodrigo de Castro, o *mansanto*, triumphavam do pódor mussulmano em Africa. Nova expedição se preparou para a Azia, e o commando della foi entregue a Pedro Alvares Cabral: partiu elle de Lisboa a 9 de Março do anno seguinte (1500), mas obrigado de um temporal descobriu a outra parte do mundo em frente de Africa, e aportando em 25 de Abril deu á terra o nome de Santa Cruz, que depois se chamou Brazil em rasão do estimado páo nella produzido; e dessa terra tomou posse em nome de ElRei seu Soberano: fez-se depois á

[1] Garcia da Rezende *Chronica de ElRei D. João II, com o titulo de virtudes, feições, costumes, e manhas de ElRei D. João II*—Sousa *Historia Genealogica da Casa Real Portugueza*. Um retrato de corpo inteiro sem nome.

[2] Empunhando o sceptro accrescentou o escudo, pondo sôbre a esphera as armas do Reino.

[3] O seu reinado foi sem dúvida o mais próspero de todos os anteriores e posteriores até hoje; e elle o Rei mais ditoso de quantos temos tido; por isso com rasão justificada lhe chamaram o *filho da ventura*, e o *feliz*.

véla para o seu destino o prosperamente visitou Quiloa, Calecut, Cochim e Cananor: tornou depois a Portugal deixando amigo o primeiro daquelles Reinos, açoutando o segundo por affronta recebida no captiveiro de cincoenta Portuguezes e da morte de Ayres Corrêa, e fazendo alliança com o terceiro e quarto; appareceu no Tejo a 31 do Julho de 1501: estando determinado, que cada anno saisse armada, neste mesmo, depois da informação de Pedro Alvares, foi enviada uma debaixo do commando de João do Noboa, que depois de tomar a desforra, que póde do Rei de Calecut, e de visitar a costa da India e do oriente de Africa, tornou ao Reino. Em 10 de Fevereiro do anno seguinte ElRei fez partir Vasco da Gama segunda vez á India para castigar o Soberano de Calecut, por causa da morte de Ayres Corrêa perpetrada pelos seus; o illustre Capitão, depois de vingar a affronta e os novos enganos, que se lhe pretendiam fazer, passou a Cochim, onde a bôa amisade do Rei o salvou de outras tramas daquelle infiel; e deixando alliado este Principe e o de Cananor, deu entrada no Téjo em o 1.º de Setembro do seguinte anno (1503). Em quanto essas cousas passavam no Malabar, não se descuidava *D. Manoel* do pensamento de estabelecer o seu dominio fora da Europa, e para isto mandou a 6 de Abril desse anno (1503) partir para a India nova armada, de que entregou o commando a Affonso de Albuquerque, o maior Capitão de sua idade, que partiu com o famoso Duarte Pacheco e outros soldados benemeritos; e para a terra de Santa Cruz enviou o illustre Gonçalo Coelho: ao mesmo tempo de ordem do Soberano os dois Capitães (Menezes) de Arzilo e Tanger commetteram a empresa de Alcacerquibir e outras, em que, posto soffrerem algum estrago, o fizeram maior nos Africanos. Depois que partiu da India Vasco da Gama, cuidou o Rei de Calecut em fazer guerra ao de Cochim, nosso alliado, para lhe entregar os Portuguezes, Vicente Sodro, que lá ficára por Capitão do mar se apressou a dar soccorro a quem o merecia; mas de pouca importancia foi elle ao aggredido; entretanto chegando este ao último extremo guardou inviolavelmente a fé, recolhendo-se á ilha Vaipim com os Portuguezes, pelo que o de Calecut desistiu por então do intento, vendo mallograda qualquer tentativa contra aquella ilha. Em 1504 enviou ElRei Missionarios ao Congo, e Lopo Soares com bôa armada ao oriente: entretanto Francisco de Albuquerque, um dos Capitães da frota de seu primo o grande Affonso, que partira de Belem oito dias depois delle, chegou primeiro á India, e sabendo dos desastres de ElRei de Cochim, depois de o cumprimentar em Vaipim, não tardou a desbaratar o Soberano de Calecut, tomando conta da cidade de Cochim, e fazendo nella uma feitoria, com licença do seu principe: destinguiu-se na victoria Pacheco; principalmente, quando, ao começar uma guerra crua contra Calecut, se empenhou nella com Affonso de Albuquerque, já então chegado, e com seu primo, de modo, que obrigou o Rei a fazer a paz; e deixando-o naquellas terras de Calecut, fez-se Albuquerque de volta, e Chegou a Lisboa em 24 de Agosto deste anno (1504). Depois da sua partida para a India, enviou ElRei Antonio de Saldanha com tres náos; e este Capitão entrou no Malabar depois de ter açoutado o Reino de Mombaça: entretanto D. João de Menezes Capitão de Arzila fez sôbre Larache gentilesas militares, dignas do seu nome, contra os Africanos, e continuou por terra não dando descanço aos infieis; por outra parte no oriente, depois da saida do grande Affonso e do seu primo o Rei de Calecut, renovou a guerra; mas Duarte Pacheco usando já da prudencia já do valor, que devem caracterisar o General, veio a conseguir uma signalada victoria desse Soberano; e protrahindo-se a contenda, o venceu segunda, terceira, quarta, quinta e sexta vez, dando-lhe lições, que o cobriram de vergonha, e resultando dellas fazerem as pazes comnosco, a sua propria custa, os principes Malabares. A este tempo já ElRei *D. Manoel* era obedecido pelos Principes do oriente, pelo que se tornava necessaria a presença de um delegado da Coróa com authoridade permanente; por isso, com o titulo de vice-Rei, mandou nosso Monarcha exerce-la por D. Francisco de Almeida, que partiu em 1505 a 25 de Março: entretanto se iam levantando fortalesas pela costa occidental de Africa, e se faziam sortidas felizes pelos paizes centraes do norte della, ao passo que a armada de Lopes Soares velejando pelos mares da India deu fundo em Cananor, passou a Calecut, e depois de entrar em Cochim, reunido com Duarte Pacheco deu sobre Cranganor, e assolou a cidade como pertença do Rei de Calecut; e depois do que tornou a Lisboa.

No anno 1506 enviou ElRei á India outra armada do commando de Tristão da Cunha, ao tempo que o vice-Rei D. Francisco de Almeida tratava de cumprir as ordens de seu Soberano: o primeiro acto deste General foi levantar uma fortalesa em Quiloa, dando-lhe novo Rei e fazendo-o prestar obediencia a *D. Manoel* tomando em seguida Mombaça: antes de entrar na India se apressaram differentes Principes os do Onor, Timoja, e Ciotacora a pedir a paz; e. não tendo dúvida em conceder-lha, desbaratou o primeiro por quebra-la: chegado ao seu destino, recebeu embaixada do Rei de Narsinga, mandou fazer uma fortalesa em Cananor, precedendo licença do Soberano deste Estado, fez tomar vingança da morte de Antonio do Sá e outros Portuguezes assassinados em Coulão, e investiu do Reino o Rei de Cochim em nome da Coróa de Portugal: a esse tempo *D. Manoel* ordenou a Pedro de Anaia, que levantasse fortalesa em Sofala; e o vice-Rei progredia fazendo expedições felizes, que encarregava a D. Lourenço seu filho, em uma das quaes elle alcançou victoria da armada de Calecut, em quanto Diogo da Azambuja levantava o castello da Mina ao occidente da Africa. Em 1507 enviou ElRei uma armada de quatorze náos á India commandada por Jorge de Mello Pereira, Filippe de Castro, Fernando Soares, e Vasco Gomes de Abreu: entretanto o Rei de Cananor combateu a fortalesa levantada em seus Estados, mas foi desbaratado, e necessitou pedir a paz, que se lhe concedeu; e em Africa o illustre Azambuja se assenhoreou de Safim. Em 1508 ElRei mandou outra armada ao oriente, commandada por Diogo Lopes de Sequeira, com destino de descobrir Malaca, e outra por Jorge de Aguiar para a carga de especiarias: Tristão da Cunha, que dois annos antes partira n'outra armada, chegou carregado de triumphos ao Malabar; e, depois de colhêr novos louros com o vice-Rei na facção de Panane, se fez de volta, continuando D. Lourenço de Almeida a conseguir honra para as armas de Portugal naquella região até morrer combatendo gloriosamente pelo nome de seu Rei e pela causa da sua patria: entretanto enviou ElRei a Africa uma armada, de que entregou o commando a D. João de Menezes, o de Arzila, para dar sôbre Azamor, em quanto o Rei de Fez accommetteu Arzila, e a tomou; mas sendo soccorrido o Conde de Borba, que então a governava, por D. João e pela armada Castelhana de D. Pedro Navarro tornou ao dominio Portuguez, e a expedição de Azamor deixou de levar-se a effeito: *D. Manoel* depois de enviar soccorros a Arzila, e estabelecer com os Reis

de Castella os limites de Africa, expediu Missionarios ao Congo; em quanto Affonso de Albuquerque, que voltara ao oriente na armada de Tristão da Canha, com o commando de algumas embarcações para cruzeiro, e com o destino de succeder no governo ao vice-Rei, depois da partida daquelle Capitão para Lisboa, intentou apossar-se do Reino de Ormuz, e ficando já em 1507 victorioso da primeira guerra concedeu no Rei a paz, que pedira; porem rompendo-a esto, mandoa então (1508) combater a capital com alguma crueldade para com os vencidos, e com grande risco dos nossos e seu, até que passou a soccorrer Çacotora, retirando-se, por noticies de proximo soccorro, a Ormaz; e havendo abastecido a fortalesa de Çacotora, passou triumphante por Calaiate e Ormoz para a India; e em Cananor requeren o bastão a D. Francisco de Almeida, segundo o Rei mandara; porem, não querendo dar-lhe, foi para Cochim, em quanto o vice-Rei se fez a véla para Dio em 12 de Dezembro deste anno (1508), e de caminho penetrou em Dabul, onde exerceu não poucas crueldades, e incendioo a cidade e as náos, que encontroa em seu porto: ao cabo disso ganhou victorie aos Princepes de Calecut e Dio; e depois d'outros triumphos passou a Cochim em Março do anno seguinte: novamente lhe requereu Affonso de Albuquerque o govêrno, mas elle recusou, e depois de contendas entre ambos, o mandou o vice-Rei como prêso para Cananor: entretanto mandou ElRei á India o Marechal D. Fernando Coutinho com uma armada do quinze naos; e vesitando-o Albuquerque á sua chegada, communiceu-lhe os máos tratos, que recebera do vice-Rei, e o acompanhou para Cochim; desta vez não teve elle remedio senão largar o mando, e voltar para o Reino; e logo o Marechal mostrou ao novo governador carta de ElRei, em que lhe ordenava, que preparasse o necessarie para a destruição de Calecut, de que elle Marechal ia enrarregado: ao mesmo tempo foi morto o vice-Rei na agoada de Saldanha, quando partiu em demanda do Téjo; e Diogo Lopes de Sequeira, que aceitara a paz dos Reis de Sumatra e Pacem, foi pondo marcos de posse até Malaca, e tornou com fortuna ao Reino.

No anno seguinte (1510) o Marechal com sua armada reunida á de Affonso de Albuquerque pelejou com o Rei de Calecut; porem foi morto na batalha, e o Governador com os seus desbaratado: má estrein foi a de Affonso de Albuquerque no govêrno, mas elle a reparara. O primeiro valioso feito do armas, com que se fez temido, foi a tomada da ilha de Gôa: entrando pacificamente na cidade, quando o Sabaio foi pôr-lhe cêrco, retiroo-se a frota; depois senhoreou-se a fôrça de Pangim; e o Sabaio se vio necessitado a pedir a paz: continueu depois incessantemente seus trabalhos o Governador, e havendo dado soccorro ao Rei de Cochim, volton á Cidade de Gôa, entrou nella de espada na mão, e recebeu logo embaixada dos Reis de Chaul, Narsinga, Calecut, Cambaia, Viagapor, Onor e ainda outros prestando-se á sua obediencia: entretanto em Africa os Generaes Portuguezes sustentavam seu nome illustre contra os esforços do Rei de Fez, que não deixava de attentar contra Arzila; e nosso Soberano, sempre providente e zeloso da sua honra e de seus Capitães, enviou tres armadas á India e uma a Safim, dando o commando da última ao illustre Nuno Fernandes de Ataide, que foi desembaraçar a cidade de Safim do cêrco, que lhe pozeram as fôrças mussulmanas, e continuou obtendo grandes triumphos. Em 1511, depois de ordenar as cousas do govêrno, Albuquorque partiu para a Arabia, e pelos ventos contraries foi ter a Malaca, onde castigou o Rei por causa de suas manhas, tomou a cidade á fôrça, e depois foi cumprimentado da parte dos Reis visinhos, fazendo-se vassallos da Corôa de Portugal: nesse meio tempo o Sabaio deu sôbre a Ilha de Gôa e a tomou matando a Rodrigo Rebello Capitão da cidade, e forcejando por se assenhorear della; entretanto, Affonso de Albuquerque, depois de se fazer respeitar pelo terror de suas armas em Malaca, e de mandar á descoberta da ilha de Maluco, fez-se de volta para a India, depois de ordenar as cousas da nova possessão de Malaca, de modo que, levantando-se uma parte, em breve tudo tornou ao bom estado. Em 1512 deu sôbre Gôa este grande General, reforçado por nova gente, que de Portugal lhe foi sob conduta de D. Garcia de Noronha, Jorge de Mello, e Garcia de Sousa; e cercando Benastarim, bateu-a, e veio a entrar por concêrto; libertou Gôa, e poz toda a costa do Malabar obediente: entretanto o Rei de Java armou uma esquadra para ir sôbre Malaca e apossar-se della, mas Fernando Pires de Andrade o desbaratou, ganhando mais uma victoria nestas paragens, sôbre a que alcançou logo depois da saida do Governador para o Malabar: em Africa triumphavam as nossas armas: em Tanger debaixo do commando de D. Duarte de Menezes; em Safim a conduta de Nuno Fernandes de Ataide, e pelo brio e esforço de Lopo Barriga; em Almedina capitaneadas pelo braço forte daquelle Nuno Fernandes, que em differentes escursões desbaratou o Rei de Marrocos; e em Arzila guiando-as o Conde de Borba; e sem cessar partiam de Portugal os soccorros tanto para a India, como para esto parte do mundo, recebendo ElRei o galardão da sua obra, promovendo em toda a parte o bem-estar dos povos, que se lhe iam sujeitando, e tendo particular cuidado da gente do Congo e de seu Rei, a quem tractava com desvêlo.

Em 1513, a 18 de Fevereiro, partiu Albuquerque para o mar roxo, e, chegando a cidade de Adem, responden á embaixada do Rei, que o seu fim era dar combate a uma armada de Rumes prestes a partir para a India, e que quanto ao seu Reino nada queria delle senão paz e vassallagem ao seu Soberano; isto, que pareceu bem ouvido do Rei, não tardou a conhecer-se, que era impostura; pelo que o grande Affonso viu recurso nas armas, e, posto que grande fôsse nossa perda, elle preferiu desistir por então, embora fôsse ganhando terreno; fez-se de vela para o mar da Arabia, mas volton outra vez á cidade de Adem, e, depois de lhe fazer damnos, passou á India: em Africa triumpharam as nossas armas debaixo de mando do Duque de Bragança D. Jayme sobrinho de ElRei, que de Lisboa partiu a 17 de Agosto deste anno (1513) com bôa armada, e tomou Azamor; e, capitaneadas em differentes logares por D. João de Menezes, e Nuno Fernandes de Ataide, chegaram no anno seguinte a dar batalha aos generaes de Fez e Mequinez com grande vantagem, desbaratando D. João ao proprio Rei de Mequinez, que fôra com todo o seu podêr contra Azamor; e por outra parte vencia o Conde de Alcoutim Capitão de Ceuta, em duas entradas, que fez na monrama, bem como Diogo Lopes alcocadem de Safim, que chegou a bater as portas de Marrocos: no fim do anno passado (1513) mandou ElRei *D. Manoel* uma embaixada de obediencia, com ricos presentes a Santidade de Leão X, em reconhecimento dos grandes beneficios, que Deos lhe tinha feito; seu orador foi o illustre Tristão da Cunha, que ja servira na India, acompanhou-o grande cortejo de pessoas Nobres, e talvez seria a sua entrada a mais pomposa que viu Roma: entretanto re-

cebeu nosso Soberano recado da Absynia mandado pela Imperatriz Helena e por seu neto o Imperador David, e lhes correspondeu, segundo convinha a grandeza de quem o mandava, de quem o recebia, e dos motivos que o produziram — os triumphos da Azia: — na India, pelo anno 1514, o illustre Governador enviou a Jorge de Albuquerque para Malaca, recebeu embaixada dos Reis de Cambaia e Narsinga, e despachou a seu sobrinho Pedro de Albuquerque a Ormuz para pedir o tributo de dois annos, que se devia.

Em 1515 tornou o grande Capitão a Ormuz, e logo o Rei o mandou cumprimentar, declarando-se, como era, vassallo da Corôa Portugueza; mas Albuquerque, para se segurar, exigiu o juramento, uma fortalesa na capital, e fez arvorar nos paços reaes as Quinas Portuguezas: na sua ausencia o mandou cumprimentar a Gôa o Rei da Persia, e enviando segunda vez, o embaixador o achou em Cochim, e lá lhe deu o recado de paz da parte de seu amo: em Africa D. Affonso de Noronha, Lopo Barriga, D. João Coutinho, Nuno Fernandes de Ataide, D. Francisco de Sousa, e D. Duarte de Menezes se honravam com seus illustres feitos; e do Reino mandava *D. Manoel* a D. Antonio de Noronha a essa região com uma armada para levantar fortalesa na bôca do rio Mamora: entretanto a inveja do nome, que assombrava a Asia pôde tanto em almas pequenas, que obrando contra a gloria de Portugal, o desconceituou, com suas artes deabolicas, no animo de ElRei, que em resposta a súpplica, por que Affonso de Albuquerque pedia o titulo de Duque de Gôa, mandou rende-lo por Lopo Soares [1], em quanto elle adquiria Ormuz, á fôrça, para a Corôa deste Reino, e lhe enviava todos os Princepes desse paiz severamente castigados e muito humilhados: avisado da chegada de Lopo Soares e da sua missão enfraqueceu de espirito por conhecer quanto havia de ingrato neste procedimento; e, na verdade, alguma cousa manchou elle a glória de ElRei *D. Manoel*: quando se lhe deu a noticia, apenas disse erguendo as mãos ao Céo: « *Deos seja louvado, mal com os homens por amor de ElRei, e mal com ElRei por amor dos homens:* não durou muito, porque Deos o chamou a si, depois de cumpridos todos os actos de bom Christão, a 16 de Dezembro deste anno (1515). Estava constituido um formidavel imperio no oriente para a Corôa de Portugal; mas talvez que as crueldades de Affonso de Albuquerque, embora menores que a de todos os outros conquistadores, e posto que fôssem reclamadas pela politica, tivessem o castigo no desagrado! Todavia como Capitão ninguem excedeu Affonso de Albuquerque, isto lhe baste. Desde o anno 1516 continuou o nome de ElRei *D. Manoel* a ser respeitado na Africa, porque lá estavam os mesmos Capitães, e na Azia, porque ninguem era capaz de apagar o nome do grande General escripto nos corações de todos os homens desse extenso paiz, onde então e hoje é preferido com respeito e sentimento por amigos e inimigos, e cada vez o será mais; e á sombra desse nome poderam os Capitães de Portugal conduzir as cousas desse Estado: Fernando Pires de Andrade penetrar nos portos da China com uma armada, e entrar a negociações com a gente desse paiz, depois de desembarcar; e Diogo Lopes de Seqoeira penetrar no mar da Arabia até Maçua.

Assim como Affonso de Albuquerque se aproximou ao termo da sua vida carregado de triumphos, ElRei *D. Manoel*, em 13 de Dezembro de 1521; desceu ao tumulo coberto de gloria, tendo estendido os dominios da sua Corôa em Africa, fundando um Imperio no oriente, e lançando os fundamentos de outros na America, havendo feito uma revolução no mundo por abrir uma estrada para a Azia pelo occidente; e levando com respeito aos extremos da terra seu grande nome: foi bom como homem, como Rei, como Christão, e sua piedade o levou a visitar a casa do Santo Apostolo em Compostella; entre os muitos monumentos dessa piedade, ainda hoje subsiste o Mosteiro de Santa Maria de Belem, no qual depositou uma riquissima Custodia feita do primeiro ouro, que veio da India, e em sua Igreja perseveram seus restos mortaes.

Casou tres vezes, a primeira em Outubro de 1497 com a Princesa D. Isabel, viuva de seu Primo o Principe D. Affonso, e filha dos Reis *Catholicos* D. Fernando e D. Isabel, que pouco depois de seu casamento, por morte de seu irmão o Principe D. João, veio a ser herdeira, e para ser jurada successora passou com ElRei seu marido a Toledo, ficando Regente de Portugal a Rainha D. Leonor viuva de ElRei D. João II: deste matrimonio nasceu o Principe D. Miguel da Paz em Ceragoça, a 24 de Agosto de 1498, ficando nesse mesmo dia orphão, e seu pae viuvo, e foi jurado successor de ambas as Corôas de Portugal e Hespanha, porem não vingou morrendo em Granada a 20 de Junho de 1500. Segunda vez casou ElRei com a Infante D. Maria sua cunhada, filha dos mesmos Soberanos, a 30 de Outubro desse anno (1500); que falleceu a 7 de Março de 1517, deixando os seguintes filhos: o Principe D. João, que succedeu na Corôa; e os Infantes Luiz Administrador do Priorado do Crato, Condestavel de Portugal, Duque de Beja, e um dos mais illustres Cavalleiros do seu tempo; D. Fernando Duque da Guarda; Affonso Arcebispo de Lisboa, e Cardeal da Santa Igreja Romana; Henrique Arcebispo de Evora, Cardeal da Santa Igreja Romana, e por último Rei de Portugal, de quem já se tratou; D. Duarte Duque de Guimarães, e ascendente da Serenissima Casa Reinante; D. Antonio, que morreu pouco depois de nascido; D. Isabel Imperatriz e mulher de D. Carlos V Imperador de Allemanha e Rei de Hespanha; D. Beatriz Duquesa de Saboia, e mulher de Carlos III o *bom*, Duque desse Estado; e D. Maria, que morreu menina. Terceira vez casou ElRei, em 24 de Novembro de 1518, com a Infante D. Leonor, que depois de viuva foi Rainha de França mulher de ElRei Francisco I, e irmã de seu genro o Imperador D. Carlos V, e filha de D. Filippe I, Rei de Hespanha, e Archiduque de Austria, e da Rainha D. Joanna sua cunhada: a teve os Infantes D. Carlos, que morreu menino, e D. Maria Senhora de Vizeu e outras terras, que morreu donzella.[2]

398.°

Senhor D. JOÃO III Rei de Portugal.—Nasceu este Soberano em Lisboa a 6 de Junho de 1502, filho de ElRei D. Manoel e da Rainha a Senhora D. Maria sua segunda mulher: foi jurado successor

[1] ElRei arrependeu-se do acto precipitado: mas, recusando voltar atraz, mandou-lhe dizer, que podia ficar na India, isento de Lopo Soares, e escolhendo a fortalesa, que quizesse, e que na vacante lhe enviaria a governança do Estado com o titulo de vice-Rei, que até agora lhe não deu: era já tarde, tinha expirado!

[2] Damião de Goes, *Chronica de ElRei D. Manoel*—Sousa, *Historia Genealogica da Casa Real Portugueza*. Dois retratos de corpo inteiro sem nome.

da Corôa no meado do anno seguinte; e, acabada a sua creação, cuidou ElRei seu pae de lhe dar bons mestres; mas nem por isso, e apesar de seu talento, se aproveitou muito por causa das distracções, que o divertiam da applicação; assim mesmo foi um dos Monarchas, que entre nós se presaram de amigo das letras, e de quem as cultivava: depois se lhe poz casa, em que, apesar do exemplo de luxo estrangeiro dado por seu proprio pae, elle não quiz mudar o costume Portuguez nas alfaias, ornamentos e vestidos, e desse modo viveu sempre: tendo pouco mais de dôze annos, ElRei o admittiu aos seus conselhos com fim de o ir costumando aos trabalhos do govêrno, e de o habilitar para esse espinhoso encargo: sendo sua mãe viva se tratou do seu casamento com a Infante D. Leonor; mas resolvendo seu pae na viuvez toma-la para sua mulher, quando o casamento se effectuou, concebeu disso grande paixão; porém nem essa, nem as intrigas de um valido, poderam movê-lo a dar um só desgôsto a D. Manoel, e se mostrou sempre filho obediente e submisso; nestas disposições se achava, quando aconteceu a morte do author de seus dias, pela qual subiu ao Throno; e findos os actos funebres, o acclamaram e juraram Rei destes Reinos a 19 de Dezembro de 1521, seis dias adiante: depois de dar parte de sua exaltação a Sua Santidade e aos Soberanos Christãos, começou a entender sôbre as cousas do Estado, que recebêra accrescentado, e melhorado intentava deixar, propondo-se a seguir em tudo os conselhos da piedade Christã e da justiça.

A descoberta da grande terra de Santa Cruz, por Pedro Alvares Cabral, havia obrigado ElRei D. Manoel a solicitar noticias da região pelo Italiano Americo Vespucio, um dos primeiros cosmographos desses dias, e que deixou seu nome áquella parte domundo, onde jaz a colonia Portugueza, e para se assenhorear do paiz, lá enviou uma esquadra commandada por Gonçalo Coelho: não progrediu o illustre Soberano por então no, que era necessario providenciar para o facto da realidade do dominio, porque as cousas de Africa, e principalmente da India, não permittiam esta diversão; mas, contentando-se com as noticias recebidas e demarcação, que se fizera, aguardou para mais opportuno tempo: divulgando-se porém a nova pela Europa, os Francezes cuidaram em lançar mão do, que não era seu; e, apesar da paz, que havia entre ambas as Corôas, não desperdiçaram a occasião de hostilisarem nossas embarcações nos mares altos: este negocio foi, em que primeiro se empenhou ElRei *D. João III*, enviando embaixador a Francisco I, com destino de terminar os damnos; mas o Soberano *Christianismo*, em vez de dar prompto despacho, protrahiu a questão e a complicou exigindo de nosso Soberano, que tomasse por mulher a sua filha a Princesa Carlota, e as instancias apenas cessaram sôbre este caso, com a morte da filha de França; entretanto, apesar das bôas esperanças, e longe de provêr em cousa que interessasse de Portugal mandou fazer sequestro em tudo, que pertencia a Portuguezes encontrado nos portos de França; ao que, depois de declarada a guerra entre o Imperador e a França, respondeu Pedro Botelho, que andava com a nossa armada de guarda costa, tomando uma náo Franceza, que em nossos portos prendera outra do Imperador carregada de ouro; e depois ElRei aceitando áquelle a proposta da confirmação das pazes antigas, offerecendo-se a prestar todo o apoio contra a França, sem comtudo fazer liga offensiva, e realisando depois aquella alliança com vantagem pelo seu casamento com a Infante D. Catharina irmã do Imperador, e da Infante D. Isabel sua irmã com aquelle Monarcha. Parecendo a *D. João III*, que era necessario salvar a nova possessão do occidente, cuidou em mandar alli uma armada com Missionarios para semearem a palavra de Deos, e soldados para sustentar seus direitos; procedeu a isso, e logo um dos Capitães dessa armada, o illustre Christovão Jacques, ao entrar na enseada da *Bahia* metteu a pique duas náos Francezas, que traficavam com os indigenas: mais adiante deu a capitania desse districto a Francisco Pereira Coutinho, que lá foi acabar desgraçadamente devorado pelos naturaes; e, mandando depois povoar a cidade *da Bahia de todos os Santos*, que aquelle Capitão principiára a fundar, fez della capital de todo o Estado: successivamente, apesar da opposição dos Indios, se levantou a cidade e capitania do *Grão Pará*, descoberta por Francisco de Arellano, um dos Capitães do famoso Pisarro conquistador do Perú, e que entrou na Corôa Portugueza por estar dentro de sua demarcação; a capitania do *Maranhão*, de que primeiro dera noticia Luiz de Mello da Silva; a do *Paraiba*, que ElRei doou ao historiador João de Barros, e pela desgraça de seus filhos naufragados nas costas do Maranhão a mandou povoar por Fructuoso Barbosa; a de *Pernambuco*, de que ElRei fez doação a Duarte Coelho Pereira; a dos *Ilheos*, de que por mercê de ElRei tomou posse Jorge de Figueiredo Corrêa; a de *Porto Seguro*, que povoou por concessão de Sua Altesa Pedro de Campos Tourinho; a do *Espirito Santo* encabeçada por ElRei a Vasco Ferreira Coutinho; a de *S. Vicente*, que por graça do Soberano povoou Martinho Affonso de Sousa; e outras, como a do *Rio de Janeiro*, que um pouco adiante povoou Mendo de Sá, o terceiro Governador deste Estado: sendo na maior parte fundadas por particulares, a quem ElRei as deu, reservando para si o alto dominio; mas, e já o disse, não foi sem grande opposição dos naturaes, que se levou a effeito a erecção das novas possessões da Corôa Portugueza, sem guerra com os Francezes, e muito dispendio de vidas e fazenda dos Portuguezes, e ainda da Corôa, devendo-se á constancia de ElRei este grande monumento de nossa glória, como tambem ao brio e esfôrço dos Governadores, que Sua Altesa e seus successores lá mandaram, dos quaes o primeiro foi o illustre Thomé de Sousa, que já na Azia, como na Africa, provára seus brios.

Na India, como no oriente de Africa, corriam prosperamente as cousas, não só provendo ElRei como convinha, mas obrando seus Capitães, como quem eram, embora as dissensões, que entre alguns delles houve: levantaram-se novas fortalesas, tomaram-se praças e terras, estendeu-se o commercio e a supramacia de Portugal, consolidando-se o seu imperio nessas duas regiões, e na que hoje chamam *Occeania:* mas sôbre tudo a glória nacional tomou o mais alto incremento pela Missão Apostolica de S. Francisco Xavier, promovida por ElRei, e ordenada pela Santa Sé: Affonso de Albuquerque aterrou o oriente pelas armas, sujeitando pela fôrça os seus potentados a respeitar a Corôa de Portugal; mas S. Francisco Xavier com a palavra Evangelica fez levantar Altares ao Deos vivo, não so pelos logares, em que o famoso conquistador e os Capitães Portuguezes vibraram a espada, porém n'outros mais remotos, e pela mansidão, só propria do Sacerdote, levou aos corações opprimidos pelo estrondo da artilheria o crueldade dos soldados, o amor aos nossos nacionaes. Em Africa do noroeste continuavam essas entra-

das e guerras, que só a gente Portugueza era capaz de sustentar por tanto tempo, ponderadas todas as circumstancias, de que eram revestidas, e as, em que se achava Portugal fundando dois imperios no oriente e occidente, recebendo delles avultados lucros e concebendo grandes esperanças no futuro, em quanto daquelle ponto so adquiria gloria: por isso receiando ElRei, que a diminuição de fôrças viesse la a causar grandes perdas, fez diminuir o número das praças, ordenando o despejo de Azamor, Arzila, Safim e Alcacer-Seguer, porque deste modo mais facilmente reunidos nas outras praças os Portuguezes podiam fazer uma guerra mais vantajosa, e com menos dispendio de vidas e ainda da fazenda do Estado; e poderiam adiantar-se com mais vantagem as conquistas da Azia, conservando-se apenas Ceuta, Tanger, e Masagão. Deu ElRei soccorro ao Imperador seu cunhado para a empresa de Tunes; e procurou a paz externa com todos os Princepes Christãos, do mesmo modo que a interna, cuidando de estabelecer o principio da justiça em todos os ramos de administração pública; e pensando judiciosamente, que um so homem é incapaz de prover bem sôbre algum desses ramos, informado por pessoas sem responsabilidade, instituiu em 1532 um tribunal, pode ser que o melhor e mais salutar, que tem havido em Portugal, e commetteu-lhe as cousas da sua *consciencia*, e o govêrno das *Tres Ordens Militares* de que obtivera para si os Mestrados. Procurou a erecção de differentes Cadeiras Pontificaes, e das de Evora e Funchal em Metropolitanas [1]; mostrou a sua piedade na fundação dos Templos de S. Roque, S. Francisco e Graça de Lisboa, na continuação da obra do Mosteiro de Belem, na reedificação de muitos Templos e Mosteiros, na erecção do Recolhimento de orphãs e donzellas nobres, e na de outro de arrepeodidas, na súpplica para a reforma dos Monasticos de *Christo*, S. Jeronymo, Santo Agostinho, S. Francisco, e S. Domingos, e na extrema devoção a Santissima Virgem, e a S. Miguel: deu provas de sua grandesa e amor pelo bem-estar dos Povos e do Reino, derogando algumas leis demasiadamente severas, levantando o aqueducto da agua de prata de Evora, fortificando muitas praças, começando a fundação da Torre de S. Julião da Barra, e fazendo reforma á Universidade, dotando-a grandiosamente e mudando-a para Coimbra.

A escola juridica ja pelo seu tempo se não contentava do dominar sôbre o temporal, tinha ido mais longe, havendo extorquido da Santa Se um tribunal quo, limitando a authoridade dos Bispos no julgado dos delictos de crença, os mandasse julgar com penas temporaes: as queixas dos Povos contra as estorsões e maldades dos Judeos, sua pertinacia e outros crimes, com que vexavam o Christianismo, obrigaram o Vigario *Jesus Christo* a condescender, e o tribunal terrivel da Inquisição teve existencia em Hespanha, a'outros paizes, o neste tempo em Portugal, depois de graves hesitações em Roma: eu já disse, em presença do seu primeiro regimento e de alguns processos crimes, o verdadeiro fim desta instituição, cujos ministros mais tarde appareceram sem rebuço delegados do podèr temporal; por isso me limito agora a marcar a época de sua existencia neste Reino, isto é, em 1536: não offende isso a piedade do Rei, nem de modo algum ha da minha parte rasão e vontade de censura a respeito do quem o concedeu, porque eu só tenho desejo de pôr as culpas a quem as teve; e me persuado, quo sem offensa nem menoscabo da authoridade do Chefe da Igreja, posso dizer, que a seita, debaixo do capcioso pretexto de piedade, enganou a todo o mundo, e póde levar suas pretenções a altura de doutrina, que a fôrça da necessidade fez adoptar; demais a inquisição não e um dogma da nossa crença, a que eu deva o respeito consagrado a todos, e por quo estou disposto o morrer com a ajuda de Deos; nem os textos das Bullas e do Santo Synodo de Trento me obrigam a mais, que a considerar o facto como uma necessidade supposta ou verdadeira, e abroçada por causa da influencia daquella seita, e pela exigencia dos podères da terra.

Acabou ElRei seus dias em 11 de Junho de 1557: tinha casado em 5 de Fevereiro de 1525 com a Infante D. Catharina irmã de sua madrasta, o do Imperador Carlos V seu cunhado; quo foi senhora de exemplares virtudes e de grande devoção; que regeu o Reino com prudencia na viuvez; e acabou como Santa, em 12 de Fevereiro de 1578: teve ElRei de matrimonio, 1.° o Principe D. Affonso, que morreu menino; 2.° o Princepe D. Manoel, que teve igual sorte; 3.° e 4.° os Infantes D. Filippe e D. Diniz, a quem aconteceu o mesmo; 5.° o Principe D. João, que morreu moço em 2 de Janeiro de 1554, tendo casado em 11 de Janeiro de 1552 com sua prima a Princesa D. Joanna de Austria filha do Imperador Carlos V e da Imperatriz e Senhora D. Isabel de Portugal; o deixando unico o Principe D. Sebastião, que succedeu no Reino a seu avô; 6.° o Infante D. Antonio, que não chegou a viver um anno; e as Infantes D. Maria, que foi Princesa das Asturias, e primeira mulher de ElRei D. Filippe II de Castella, e primeiro de Portugal; 8.° o 9.° D. Isabel e D. Brites que morreram meninas. Illegitimos teve ElRei a Duarte Prior Mór de Santa Cruz e Arcebispo de Braga, confirmado pelo Santo Padre Julio III, mas que não chegou a sagrar-se por morrer logo; e a D. Manoel, que falleceu menino. [2]

399.°

Senhor D. SEBASTIÃO Rei de Portugal —Nasceu posthumo este Soberano em Lisboa a 20 de Janeiro de 1554 filho dos Principes D. João e D. Joanna, foi baptisado aos oito dias, levou o nome do Santo Martyr, em cujo dia nascêra, e o receberam como afilhado seus avos paternos ElRei D. João III e a Rainha e Senhora D. Catharina; havia morrido o Principe seu pae em 2 desse mez, não tardou seu avô em descer ao tumulo, porque terminou sua carreira em 11 de Junho de 1557, e logo *D. Sebastião* succedeu na Corôa destes Reinos, passando a sua tutéla com a Regencia da Monarchia a sua avó, que a recebeu a 14 do dito mez, sendo elle acclamado Rei a 16, e commettendo-se a sua educação a D. Aleixo de Menezes: não bastaram os conselhos salutares, nem os mais vigilantes cuidados deste varão illustre para impedirem no moço Principe entregar-se a exercicios temerarios de valentia; e não so o bom successo, que delles tirava, mas as gentilesas, que ouvia referir dos Cavalleiros de Africa, instigavam

[1] Penso ácêrca da erecção, o mesmo da Igreja de Evora, que da de Lisboa no tempo de D. João I.

[2] Francisco de Andrade *Chronica de ElRei D. João III*—Sebastião da Rocha Pita *Historia da America Portugueza*—Sousa *Historia Genealogica da Casa Real Portugueza*. Tres retratos de corpo inteiro e um sem nome.

suas inclinações guerreiras para empresas arriscadas, e impedindo-lhe sua pouca docilidade, e a falta de lições severas da parte dos ascendentes [1] uma educação verdadeiramente regular, seu genio altivo e imprudente deu mais tarde causa ás desditas proprias e da Monarchia. Entretanto os negocios do Estado corriam pelas mãos da Rainha D. Catharina, que punha todos os esforços para engrandecer o Culto promovendo a erecção de novas Igrejas no oriente, o fazendo recahir a eleição do Prelados em varões Apostolicos, como succedeu com a pessoa de Fr. Bartholomeu dos Martyres, que lembrou á Santa Sé como digno de occupar a Cadeira Metropolitana de Braga; por outra dava o incremento possivel á consolidação do imperio Portuguez na Azia, onde novos triumphos obtidos pelo vice-Rei D. Constantino de Bragança o por outros Capitães davam fôrça á nova potencia; no Brazil, onde nossas armas guiadas por Mendo de Sá triumphavam de nacionaes e de aggressores estrangeiros; em Africa engrandeceram o podêr da Corôa de nossos Reis as victorias obtidas pelos nossos Cavalleiros em Masagão contra o Rei de Marrocos; e dentro do Reino havia paz: assim passaram as cousas até 23 de Dezembro do 1562, em que a Rainha largou em Côrtes a Regencia da Monarchia, e foi della empossado o Cardeal Infante Henrique, irmão de seu marido: continuaram no seu tempo, por igual modo, as nossas armas pelo oriente, occidente e Africa, a gosar o premio de seu valor, prosperando não menos as cousas do Christianismo nas terras onde nossos Missionarios semeavam a palavra do Senhor, e sendo felizes os resultados da famosa armada Portugueza, que foi em auxilio da Castelhana contra os infieis de Africa; mas infelizmente os desastres da Ilha de S. Miguel motivados de uma horrivel conspiração dos elementos, e a invasão e desolação da Ilha da Madeira por uma esquadra de piratas Francezes alli guiada pela traição de um Portuguez degenerado o criminoso Gaspar Caldeira, deram que sentir o fizeram verter lagrimas em meio da felicidade, que nossa terra gosava.

No dia 20 de Janeiro de 1568, quando apenas cumpria os quatorze annos, ElRei *D. Sebastião* tomou a Corôa e entrou no govêrno da Monarchia: o principio de seu reinado ia sendo calamitoso, porque a fim de evitar o dolo, com que estrangeiros introduziam moeda do cobre cunhada fora de Portugal, fez diminuir o seu valor a menos de metade; e como era de esperar, alguns ministros corruptos, que antecipadamente souberam a Regia determinação pagaram com ella enganando seus credores; por outra parte o Povo, não levando a bem similhante medida, se poz em grande fermentação, e quem sabe, talvez movido pelos agiotas do tempo; mas ElRei não querendo ouvir as supplicas da Misericordia e da Camara de Lisboa deixou vigorar o decreto; e não tardou o Povo a conhecer os beneficios delle, e a receber com satisfação a moeda no valor determinado: no exterior se colhiam cada dia novos triumphos adquirindo-se novos dominios no oriente, mantendo-se a gloria antiga nas pelejas de Africa, e continuando-se prosperamente no engrandecimento da colonia americana: entretanto mal iam as cousas dentro de casa, porque o Cardeal ex-Regente, que já havia promovido taes desgostos á Rainha, que a obrigara a largar a Regencia, procurava então separar o neto do sua companhia; o assim o conseguiu, levando-se as cousas a ponto, de que a illustre Princesa não só se retirou dos negocios publicos, mas quiz retirar-se para Castella; e, se o não fez, teve grande parte nessa mudança de resolução o Summo Pontifice S. Pio V, e o mal pago amor, que tinha a seu neto: accresceu a este mal outro não pequeno, a peste, que assolou a cidade de Lisboa; e a esse se juntou outro, a destruição da armada, que ElRei mandara preparar com destino a liga contra os turcos, a qual, sem escapar um só navio, se fez toda em pedaços no Tejo com uma horrorosa tempestade. O genio inquieto do ElRei o fazia imaginar empresas desconvenientes, e teria arruinado com ellas mais cedo a Monarchia, se não fôsse a sua propria inconstancia, e o bom número, que então havia de velhos, cujas canas eram respeitadas pelas grandes virtudes, pelos valiosos serviços, e pela gloria de feitos assignalados; porem chegado o anno 1574 assentou de passar a Africa e correr os riscos da guerra com o fim de reduzir as praças de Arzila, Azamor e Alcacer, e sem attender mais, que a suas inclinações, deixou a Regencia ao Cardeal Infante, e se fez á vela para Ceuta; mas, desenganado pelo risco da empresa, voltou outra vez a Portugal sem fazer mais, que visitar aquella praça e a de Tanger. Não se aquietava o moço Soberano com a tentação do vêr a seus pés despedaçado a Corôa do imperio de Marrocos, e sem se lembrar dos males, que causava a sua patria, expondo-a a ser victima de tal pretenção sem deixar successor ao Reino, e apesar dos conselhos do proprio Rei de Hespanha seu tio, se dispoz para segunda vez passar a Africa; tratou de aprestar uma grande armada, o atravessou com ella o Oceano para nunca mais tornar a Portugal, porque a 4 do Agosto de 1578 foi derrotado nos campos de Alcacer-quibir o nosso exercito, e com elle o Rei, unica esperança desta terra, que passado pouco tempo depois á obediencia de Senhor estrangeiro, nunca mais pôde restaurar as perdas, que naquelle fatal dia soffreu. [2]

400.

Senhor D. JOÃO IV Rei de Portugal.—Nasceu este Soberano em Villa Viçosa a 18 de Março de 1604, filho, entre outros, de D. Theodosio 2.º do nome, e 7.º Duque e Senhor do Estado de Bragança [3] e da Duqueza D. Anna de Velasco; foi logo declarado Duque de Barcellos, e no anno de 1630,

[1] Seu pae morreu antes delle nascer, a politica levou sua mãe para Castella, e sua avó, talvez a Princeza mais respeitavel de sua idade pelas virtudes eximias, que a adornavam, não teve fôrça para constranger a vontade do Real orphão com receios de perder seu unico descendente, a unica esperança de Portugal.

[2] Sousa *Historia Genealogica da Casa Real Portugueza* —Diogo Barbosa Machado *Memorias de ElRei D. Sebastião*. Dois retratos de corpo inteiro e um sem nome.

[3] A Serenissima Casa de Bragança gosava honras maiores, que qualquer outra dos grandes vassallos da Corôa, e entre estas as dos Infantes, ou filhos de Rei; e por outra parte suas riquezas, e o seu podêr eram tão grandes, que, terminadas as Côrtes de 1619, respondeu o Duque D. Theodosio a ElRei, que o convidou a pedir-lhe mercês: « *Os seus avós de Vossa Magestade e os meus deram tanto á minha casa, que a desobrigaram de ter que pedir*; » além disso melhor direito, lhe assistia á successão da Corôa, do que a ElRei: estes os motivos de desconfiança para Castella, como de sustos continuos para os Principes Bragantinos, que precisaram essa grande prudencia, de que Deos os dotou, para evitar em um golpe fatal.

por morto de seu pao, succedondo no Estado, tomou o titulo Ducal de Bragança; na sua educação houva o maior esmero em tudo quanto dizio respeito á piedado Christã; e as proprias inclinações do moço Duque não desdiziam em cousa alguma, nessa parte, das de seus ascondentes, notando-se por outro lado paixão pola caça o muito decidida pela musica, que soube perfeitamente, o em que fez composiçõea com bom estylo o bom gôsto, segundo se tem dito, o demais disso escreveu uma apologia da moderna. Sendo, muito moço, o Duqne de Barcellos, acompanhou seu pae as Cdrtes de Lisboa do anno 1619, em que foi o primeiro dos Senhores a jurar obedioncia [1] a ElRei de Castella D. Filippe, porque seu pao nesse acto solomno exerceu as vezes do Condestavel: entrado posteriormonte na posse do Estado Brogantino, o Duque *D. João II* de nome, tratou do ordenar a sua casa com officiaes novos o de escolher espôsa; sendo acertada a nomeação dos individuos, que fez para a gerencia de seus negucios e pessoa serviço, ainda mais o foi a eleição da virtuosa o esclarecida Princesa e Senhora D. Loiza Francisca do Gusmão para companheira e consorte, segundo as leis da Igreja de Deos, porquo essa oleição concorreu efficazmente para o emancipação e liberdado do Reino: celebrou-se o tractado matrimonial no 1.º de Janeiro de 1633, recebendo-se pessoalmente na Santa Igreja de Elvas em presença do venorando Bispo da Diocese a 12 desse mez.

A pessima politica do primeiro ministro da Corôa, o Duque de Olivores, e o seu pessoal ciome da casa de Bragança, apressavam a independoncia de Portugal muito mois, que as diligencias o esforços du Duqne de Bragança *D. João II*, que Deos bavia escolbido para restaurador; porque nquello ministro era do número dos que por incapacidade e rdiicula suberba tem sido capazes de arruinar as Monarchias, em quanto qoe a falta de recursos dos Portuguezes não segurovam uma esperança tão vantajosa ao neto de nossos Reis, que prudentemente se podesse arriscar á roina da patria, da sua casa o familia, como a ver decepada a cabeça pelo algoz, conhecendu bem, que os homens da pequenez do Olivores so vêem recurso na fôrca para evitar as rebelliões, que só elles motivam por escandalosas injustiças, e que so nessas tem origeio. D. Filippe o *prudente*, quando tomuu posse deste Roino deixou-lho gosar sens foros, porque esta medida era reclamada por uma bôa politica, o porquo a intolligeneia do seus ministros ara adoptada paro governar homens: no reinado do seu filho, quem mandava em nume delle era altamente inforior em capacidado a seus antecessores; e quando o neto subiu ao Throno esteve a seu lado o Duque de Olivares, não so inferior a todos, porém mais pretencioso, de que quantos o precederam: a inveja deste ministro lhe fez conceber o pensamento de abater o grandesa da casa de Bragança, qoaudo não podesse arruina-la; fez por isso propôr n'um conselho de estado, quo o Duquo *D. João II* se nomeasse Governador de Milão e Vigario de Italia, que era posto por então orriscado, com intenção de procurar assim meio do seu descredito, porque aos espiritos acanhados não falta em tempo algum esse oxpediente; mos o illostre represontante do ElRei D. Manoel tambem o tevo para se descartar do um despacho incommodo, sem exceder os limites da obediencia: falhando o plano tramado, Olivares, incapaa de advinbar o, qua saltava aos olhos de todo o mundo, isto é, que nesse tempo so por um acto do desesperação dos Portuguezes o Duquo de Bragança empunharia o sceptro, cuidou do irritar em maximo grao a gente deste pobre paiz.

Para dár principio á suo obra, Olivares começou pela imposição de tributos gravemente honorosos, de que se seguiram desde o anno 1635 sedições, de que a mais violenta foi a de Evora; o d'ahi lavrou o incendio até Villo Viçosa, residencia do Duque *D. João II*, ondo foi acclamado Rei de Portugal; porem elle seguiu somente o quo a soa prudencia lhe dictou, fazondo applacar os tumultos por seu proprio filho o menino Duque de Barcellos D. Theodosio, não o podendo faxer em pessoa por estar enfermo: a voz dobil deste Principe foi mais poderosa, soando a custo pelas ruas do Villa Viçosa, que a authoridado e as cans do respeitavel Condo de Basto, oxpondo a grave risco sua pessoa no meio dos sublovados da Evoro; porque acola seguiu-se a paz, e nesta cidade a fermentação continuou lavrando para o sul até ao Algarve, e para o norte ate Santarem: passavam estes factos em 1638; o o ministro escandalisado acolheu-se ao recurso dos tyrannos, mas, longe de conseguir obediencia, cada vez oncontrou os animos mais irritados: as alçadas, as deportações, a oppressão militar e as forcas, tudo se poz em movimento por industria do degenerado Diogo Soares confidente de Olivares e secretario do estado de Portugal em Madrid, e de seu amo, ao mesmo tempo, qno a Duquesa de Mantua Governadoro do Reino punha em execução quanto lbo dictava Miguel de Vasconcellos para socegar o paiz; e no meio de todas essas malfoitorias ElRei dormia a somno solto acalentado pelo seu primeiro ministro e pelos validos, qoe ello tinha cuidado do conservar a seu lado. Estabeleceram-se demais disso duas juntas de Castelhanos em Badajoz o Ayamonte a fim do esgotarem todos os recursos do pobro Portugal com extorsões do sangoe o ouro; chamaram-se a Madrid os principaes personagens do Cloro e da Nobresa com alguns Ecclesiasticos o juizes dos tribonaes, quo mais se temiam; determinou-se reduzir Portugal a uma Provincia, e se deu ordem a D. Antonio de Oquendo General de uma grande armada, qoe passasse a invernar no Tejo para se podêr melhor estabelecer nova fórma de govêrno: a desesperação foi então lavrando, e, como o Duque *D. João II* dissimulava prudentemente a meio de o não obrigarem a sair do Reino, mal interpetrada a repulso, que dava a todas as propostas. uns pensavam em mandor vir o Princepe D. Duarte seu irmão, que militava no serviço de Allemanha, outros em estabelecer uma republica (pensamento absurdo, porém

[1] Escreveu-se, que antes destas Côrtes, o Duque D. Theodosio dissera ao moço Principe seu filho — *que não livesse tenção de jurar;* — e existem transumptos dos seus protostos, que fez occultamente depois do seu *juramento* em todas as Côrtes, a que assistiu. Creio firmemente na piedade do Duque D. Theodosio, e pobre de mim, se elle não está no Céo! Mas effectivamente nos seus *juramentos* tomou o nome de Deos em vão, e quiz que seu filho o tomasse! Estou bem longe de o culpar, mas reputo doutrina depravada por anti-Christã, a que o permitte: na Igreja de Deos ha um Tribunal, que tem o direito de absolver do *juramento:* esse Tribunal obra legitimamente sôbrestando no *juramento* ou absolvendo delle; mas arrogar-se cada qual o direito de se absolver, pondo restricções, antes ou depois, importa, a meu vêr, o *jura, perjura, secretum pandere nolli* originado do deismo, e que hoje está muito em voga, redicularisando-se com o nome de *juramento politico*, para se podêr logo *perjurar*, um acto, em que se invoca o Santissimo Nome de Deos.

que aos mais inquietos parecia o unico modo de evitar a tyrannia). Similhante estado não podia durar; porque por outra parte o despotismo, exercido no mais alto grão pelos agentes de Castella, estendia suas furias até ao Colleitor Apostolico, e uma terrivel sublevação estava eminente em nossa terra: a este tempo, quando raiava já o anno seguinte (1639) o Principe de Bragança foi nomeado Capitão General das armas do Reino: era assim que Olivares, com intento de se desfazer do maior inimigo, punha á sua disposição os meios da independencia de Portugal.

Aceitando o Duque de Bragança a commissão, veio para Almada, e sem dar ouvidos a proposta alguma de mudança, continuou na obediencia passiva, até que já em 1640 os Portuguezes amigos da sua patria, com D. Miguel de Almeida á sua frente, procuraram acabar com o dominio Castelhano, preparando em juntas, occultamente celebradas, os meios da emancipação, que Deos quiz pouco depois dar a nossos avós servindo-se da Nobreza como principal instrumento: João Pinto Ribeiro, por essa época um dos melhores jurisconsultos o agente da casa de Bragança em Lisboa, foi convidado a fazer parte das reuniões com o fim de relatar os trabalhos dessas juntas ao Duque, quando já pelas instancias de toda a parte, maiormente do corpo da Nobreza, elle se ia resolvendo a dar um passo decidido, posto que arriscado, instando-o com efficacia sua propria esposa interessada igualmente neste grande negocio. Acabou de decidir-se o Principe Bragantino ao receber em Villa-Viçosa uma carta de ElRei, em que lhe ordenava preparar-se para acompanha-lo á Catalunha, que se havia sublevado: pelo que apresentando-se-lhe, da parte dos conjurados, Pedro de Mendonça, aceitou a missão, e chamou João Pinto Ribeiro, para lh'a communicar; na volta deste a Lisboa fez-se assento, de que a acclamação tivesse logar no dia 1.º do Dezembro; e deu-se parte a Rodrigo da Cunha Prelado da Diocese, e que com outros havia sido antes chamado a Madrid, mas não chegara a ir. Operou-se a revolução, porque os Portuguezes desses dias não recuavam diante de difficuldades, quando a patria o exigia; a Duqueza de Mantua foi mandada sair da côrte, e, para exemplo dos ministros traidores, Miguel de Vasconcellos padeceu violenta morte lançado por uma janella do paço; e, se igual sorte não teve Olivares, mais tarde elle acabou ralado de desgostos, e na desgraça de seu Soberano, como merecia; e terminada com fortuna a revolução na capital, em quanto o novo Rei não chegava, tomaram conta do govêrno os Arcebispos de Braga e Lisboa com o Visconde de Villa *Nova* da Cerveira, que expediram correios a toda a parte do Reino e Conquistas, para lá ser reconhecido o novo Monarcha, e deram conta a Sua Magestade do que se havia feito, enviando a Villa-Viçosa Pedro de Mendonça e Jorge de Mello: o ecco do grande acontecimento soou em todas as cidades e villas, que umas após outras foram dando obediencia, a quem se devia; e tão felizmente se operou a mudança da escravidão para a emancipação, que na noite de 6 desse mez, em que ElRei entrou na capital, vendo illuminada a cidade um Castelhano disse: « *Es possible, que se quita un reyno* o *El Rei D. Filippe com solas luminorias y vivas, sin mas exercito, ni podêr? Gran senal y efeto sin duda de braço omnipotente de Dios.* » No dia 15 immediato se celebrou com toda a pompa a coroação do Duque de Bragança, que passou a ser contado na lista de nossos Reis com o nome de *D. João IV*. Chegou a Madrid no dia 7 a noticia dos successos de Portugal, e os Nobres deste Reino, que lá se achavam forçados da necessidade se offereceram para a conquista com intenção de seguirem a voz da patria, o que depois obrou a maior parte delles: entretanto foi o novo Soberano dispondo as cousas da administração do Estado em respeito a bôa ordem, justiça e defensa do reino: convocou as Côrtes para 18 de Janeiro do anno seguinte; e nellas jurou guardar os foros da Nação, foi jurado Rei o Senhor pelos Estados, e se votaram os necessarios subsidios para a guerra, que estava instante com Castella. Um êrro, unico talvez, então commetteu o novo Rei, escolhendo para secretario de estado a Francisco de Lucena, que, sendo homem de pouca capacidade, muitos annos serviu em Madrid, e ao tempo era secretario das mercês em Portugal, quando para um cargo desta ordem, e em circumstancias tão melindrosas, não era habil um homem, que tivesse manejado os negocios á ordem da côrte de Castella, nem algum dos, que mais efficazmente concorreram para a restauração; por outra parte, embora a sua fidelidade fôsse muito grande, a sua alma estava attribulada pela prisão de seu filho em Castella; necessariamente por todas essas rasões era elle homem pouco apto para o cargo, de que foi investido; e disso vieram as imputações de omissão, que se lhe faziam de não mandar buscar o Infante D. Duarte irmão de ElRei, que ainda estava em Allemanha, e que depois, por influencia de Castella, morreu sem vir á patria; as conspirações mais sonhadas, que verdadeiras, contra a pessoa de ElRei *D. João IV*[1]; e a propria desgraça do mesmo Lucena, que morreu no patibulo com sorte igual á do Marquez de Villa-Real, do Duque de Caminha e outros Nobres, posto que depois do seu infortunio o Soberano o fez justificar. Cuidou Sua Magestade do mais disso em dar parte de sua exaltação ao Throno, o pedir auxilio contra Castella, á França, Inglaterra e aos Estados Geraes de Hollanda, e a offerecer o testimunho de sua obediencia á Santa Sé.

O Conde de Monte-Rei foi nomeado General do exercito contra Portugal, e com elle partiu contra

[1] E certo, que em Portugal se creava um partido em favor de Castella, sendo fautores delle pessoas Ecclesiasticas e da Nobreza; mas que as vistas desse partido se estendessem a mais, que a fazer guerra por ElRei D. Filippe nos seus exércitos, isto é, que pretendessem attentar contra a vida de nosso Soberano, nem está já por mim provado, nem me parece podêr justificar-se depois das declarações de D. Sabino Manrique, ácêrca do Marquez de Villa-Real; mas a verdade é, que a denúncia feita por Luis Pereira de Barros, antigo favorito de Miguel de Vasconcellos, e depois pelo Conde de Vimioso, se lhe deu mais valor, do que tinha, e os indiciados tiveram tal terror, que fizeram parecer aos juizes suas consciencias mais gravadas, do que a estavam: todo este negocio não passou, a meu ver, de uma atrocidade pretendida astuciosamente por Olivares, de tonteira do velho Arcebispo de Braga, de maldade de Fr. Manoel de Macedo, de indiscripção de alguns mancebos, e de perfidia de Luis Pereira de Barros mancommunado com o ministro de Castella, e de D. Sabino agente occulto de Castella em Lisboa: a tentativa era impossivel, e por outra parte a côr, que lhe deram não se casava muito com o coração dos Portuguezes indiciados: mas o fim conseguiu-se, porque era fazer passar ElRei por tyranno aos olhos da Europa, e diminuir consideravelmente a influencia da Nobreza: isto fizeram os desembargadores, que sem quererem auxiliaram Olivares. O facto era criminoso, e um ministro, que não fôsse Lucena, o teria castigado sem os horrores de tragedia, acabando por uma vez a Olivares os desejos de nova tentativa.

Olivença; o desde então começou uma guerra defensiva e offensiva da parte de Portugal em todos os pontos da nossa raia; protrahiu-se ella por largo tempo obrando nossos Capitães e soldados proesas taes, que seguraram ao Reino a independencia e a Corôa a seu Soberano; e por maiores, que foram as fôrças, com que se atacou o nosso paiz, o por maiores, que foram os meios de corrupção empregados por Castella, nunca esta pôde nem ao monos ter esperança de triumphar. El-Rei, zeloso do bem da Monarchia, tratou de passar ao Alemtejo a fazer a guerra deixando o governo nas mãos da Rainho sua esposa; mas, pouco tempo depois, necessitou voltar encoberto a Lisboa, pelo receio do mão successo da Rainha no seu parto; e como viu, que sua presença não era precisa na Côrte, voltou a Evora, onde dispoz, quanto urgia para a guerra, passou a Villa-Viçosa, e de lá por Evora tornou a capital, em que achou nascido o Infante D. Affonso, que lhe succedeu na Corôa. Não tardou ElRei em receber noticia da victoria de Montijo, em que levou a palma o illustre General Mathias de Albuquerque, ao qual distinguiu por este grando feito com o titulo de Conde de Alegreto. Ao mesmo tempo nas colonias da Azia e da America triumphava o valor Portuguez contra Hollandezes e contra Castella; e o illustre Monarcha veio a ser obedecido em todos os Estados antigos da Corôa de nossos Reis, exceptuando a praça de Ceuta em Africa.

Prosperamente chegou a seu fim o Reinado de *D. João IV*, a quem não se póde negar a qualidade de bom Catholico, bom Rei e bom pae, embora o, que os politicos obraram em seu nome, e o, que a côrte de Castella o obrigou muitas vezes a fazer: tres grandes providencias encontro eu do seu tempo (1643) dignas de um grande Rei: a erecção dos tres tribunaes dos Tres-Estados (temporario) para administrar as consignações destinadas á continuação da guerra, a fim de evitar os desperdicios, e regular a bôa distribuição; e a dos dois (permanentes) do Ultramar e da Guerra, em que, pelo voto deliberativo e responsabilidade effectiva de seus membros, os negocios da segurança interna e externa do paiz, e os das colonias, ficavam salvos das traficancias de quem tudo decide a seu arbitrio, sem o necessario conhecimento, e sem alguma responsabilidade: mais tarde em 1649, para dar incremento ao commercio, erigiu uma junta para tratar as cousas delle, compondo-a de homens de negocio, como era necessario; finalmente foi muito louvavel o desinteresse, com que recebeu o sceptro largando as rendas da Corôa para se empregarem na defesa do Reino, bem como a presidencia, com que, para não expôr o Throno a contingencia horrivel de falta de successor, ordenou um Morgado no Infante D. Pedro com o titulo do Infantado para mantimento de uma nova linha em sua descendencia: falleceu em 6 do Novembro do 1656 chorado de todos os Portuguezes; sua esposa a Rainha e Senhora D. Luiza Francisca de Gusmão ficou por sua morte regendo o Reino. Teve ElRei de legitimo matrimonio o Principe D. Theodosio, que morreu na flor dos annos em vida de seu pae; D. Anna, que viveu um dia; a Infante D. Joanna, que acabou moça; a Rainha D. Catharina, que foi mulher de Carlos II Rei do Inglaterra, e que governou Portugal; D. Manoel, que viveu um dia; D. Affonso VI, que succedou na Corôa; o D. Podro II, que tambem reinou; e illegitima teve ElRei D. Maria, que morreu donzella.[1]

401.°

Senhor D. AFFONSO VI Rei de Portugal.—Nasceu esto Soberano em Lisboa a 21 de Agosto de 1643 filho de ElRei D. João IV e da Rainha e Senhora D. Luiza, foi baptisado a 13 do seguinte mez, e por morte do Principo D. Theodosio de saudosa memoria foi declarado Principe do Brazil e Duque de Bragança, o jurado successor da Corôa a 22 de Outubro do 1653: por morte de ElRoi seu pae, em 6 do Novembro de 1656, ficou debaixo da tutela da Rainha Regente sua mãe, que commetteu sua educação ao Conde de Odemira, e na instrucção continuou a assistir-lhe Nicolao Monteiro, depois Bispo do Porto. Em idade de cinco annos teve *D. Affonso VI* uma febre maligna, que o tornou não so leso da parte esquerda, mas pouco apto para a gerencia dos negocios: alguns validos, que por sua infelicidade elle teve a seu lado, o perverteram, e foram causa, não so dos desgostos da Rainha, mas essas desordens do governo, quando assumiu a auctoridade; porque, apesar dos talentos do Condo de Castello-Melhor seu primeiro ministro, eram inevitaveis no systema de então, differente do de outras eras, por isso disposto a dar incremento a todos os desconcertos do ministros, validos, e quantos tyrannos se possam imaginar. Durante a regencia da illustre viuva de *D. João IV* as armas Portuguezas triumpharam dos Castelhanos pelo Conde de Cantanhede, quo alcançou gloria com outros dos nossos Generaes nas linhas de Elvas; e, embora o mão resultado das negociações com França, e a pouco proveitosa alliança com Inglaterra, a prudencia o judiciosa administração da Rainha mãe, faziam prosperar a nossa terra; mas não tardaram as inquietações dos ambiciosos, que cercavam o novo Rei, e o dominavam, porque esses motivaram querer elle assumir o mando: recebeu-o em 23 de Julho de 1662, para logo se ver a braços com todo o podêr de Castella; pois, feita a paz desse Reino com o de França, ElRei D. Filippe IV poz em campo um grande exercito ás ordens de seu filho illegitimo D. João de Austria: entretanto as desordens da côrte estavam longe do exército, e o Conde de Villa-Flôr derrotou no Ameixial o filho do Soberano de Castella, pouco depois Pedro Jacques de Magalhães o Duque de Ossuna em Castello Rodrigo, e mais adiante o Marquez de Marialva, que com o titulo de Conde de Cantanhede ja vimos triumphar no tempo da Regencia, conseguiu novos louros do Marquez de Caracena em Montes-Claros: ao mesmo tempo, que o Conde do Prado dentro da Galliza immortalisava o seu nome.

Estas fortunas, que faziam merecer a ElRei o nome de *victorioso*, não bastavam para manter a independencia de Portugal, porque as turbulencias de *D. Affonso VI* e de seus valentões a punham em risco; pelo que os Senhores da côrte se desgostaram vendo o mao caminho, em que iam as cousas: um outro acontecimento veio apressar os resultados desse desgosto; e foi a pouca affeição, que ElRei mostrava a sua esposa, e por outra parte a repugnancia desta Princesa a ter-lhe alguma. D. Maria Francisca Isabel

[1] Conde da Ericeira *Historia de Portugal Restaurado*—Sousa *Historia Genealogica da Casa Real Portugueza*. Dois retratos de corpo inteiro.

Princesa de Aumale e filha de Carlos Amadeo de Saboia, Duque de Nemurs, e da Duquesa Isabel de Vendome foi escolhida para Rainha de Portugal, e se recebeu com ElRei *D. Affonso VI* em 27 de Julho de 1666: este Principe, pelas intrigas a que todos os dias dava ouvidos, não via bem o Infante D. Pedro seu irmão, antes do casamento, e ainda mais depois delle; para o desgostar lhe fazia desattenções, e não menores a sua propria mulher, que cuidou em separar-se, recolhendo-se ao Mosteiro da Esperança no anno seguinte a 2 de Novembro: as cousas foram então de mal em peor, de modo que ElRei se viu obrigado a largar o govêrno ao Infante seu irmão, e foi recluso em 23 desse mez em um quarto do Paço, operando-se a deposição, sem o estrondo que esses grandes acontecimentos trazem comsigo, e sendo o Infante declarado Regente e jurado successor da Corôa com o titulo de Principe nas Côrtes do anno seguinte (1568). Do Paço foi ElRei mandado como prêso para a Ilha Terceira, e de lá para o palacio de Cintra, onde morreu em 12 de Septembro de 1683 com disposições de bom Catholico pela pia resignação, e, segundo se disse, com o intendimento livre do mal, que desde menino padeceu.[1]

402.°

SENHOR D. PEDRO II REI DE PORTUGAL.—Nasceu este Soberano em Lisboa a 26 de Abril de 1648, foi baptisado a 23 de Maio seguinte, e era filho de ElRei D. João IV e da Rainha e Senhora D. Luiza; e quando contava seis annos instituiu seu pae o Morgado da casa do Infantado, estabelecendo por este modo, como se disse, uma nova linha separada da primogenita em beneficio da successão da Corôa[2] por acto de 11 de Agosto de 1654, com o titulo de Duque de Béja para o administrador, e de Villa-Real para o primogenito, seguindo-se a esta outras graças, como a de Commendador-Mór da Ordem de Christo: chegado aos quatorze annos, a Rainha sua mãe e tutora receando, que as virtudes, de que Deus o ornára, perigassem com a perniciosa licção das más companhias, que assistiam a ElRei seu irmão, lhe poz casa á parte na Côrte-Real, separando do risco, a que sua mocidade estava exposta; e poz a seu lado, para dirigirem sua educação, homens de cuja honradez e bom exemplo muito havia a esperar: os desvélos da mãe foram bem empregados no filho, que não só cuidou em ser um Cavalleiro perfeito, acatando com sincero affecto a Religião e os principios da bôa moral, porém em modificar os dissabores, que a veneravel Rainha soffria pela conducta indigna, que os malvados seductores do outro filho o obrigavam a ter com ella: já antes de sua mãe fallecer, sentia o Infante contradicções do irmão; porém depois soffreu aggravos, que cada dia passavam a mais, até que se retirou da côrte para a quinta de Queluz: a molestia, que por então padeceu a Rainha sua cunhada o fez voltar a Lisboa, e por esta Princesa se obteve delle, que ficasse na Côrte-Real, satisfeitas algumas de suas justas reclamações: entretanto não foi duradoura a concordia apparente da côrte, porque ElRei mostrava publicamente aversão ao Infante, posto que elle a dissimulava; e as suas desordens chegaram a tal excesso, que *D. Pedro*, no anno 1667, em justo desforço das injurias, e para salvar a Monarchia, que estava já ás bordas do precipicio, intentou (se não houvesse outro remedio) a deposição de seu irmão, ouvido o conselho de pessoas zelosas, prudentes, e capazes do empenho. Logo que isto se soube, o que não tardou, os validos fizeram dar publicas demonstrações contra o Infante, e elle exigiu, que ou o Conde de Castello-Melhor se retirasse por algum tempo do governo a fim de podêr justificar seus aggravos e obter o reparo delles, ou se lhe permittisse sahir do Reino para procurar a segurança, que faltava á sua propria vida[3]: tudo foi inutil, por isso *D. Pedro* tratou de cortar os males pela raiz; mas é necessario convir, em que a prudencia da Rainha, já então separada de seu marido e recolhida ao Mosteiro da Esperança, motivou em grande parte a bôa conclusão deste grande negocio, concorrendo para sahir do Reino o Conde, e dirigindo o Infante com seus conselhos, depois que elle se prestou a aceitar a sua mediania. A sahida do Conde não deu pena a ElRei, esquecido dos grandes serviços, que lhe devia o Reino e elle proprio; mas, se não fôsse uma prevenção da Rainha, teria dado causa a que o Infante fôsse assassinado pela comitiva de seu irmão: entretanto a coragem de *D. Pedro* e do Duque de Cadaval, não menos que a do Conde de Sabugal, cujas palavras memoraveis de *perdão não, mercê sim*, e ainda mais a replica ás de ElRei *perdão e mercê* recordam a nossa gloriosa liberdade de seculos mais altos, como fazem detestar o escravo, que pedia *perdão*, para quem tentava desaffrontar o Throno e o Reino; a coragem, digo, do Infante e dos dois insignes Cavalleiros deu em terra com a privança de Manoel Antunes e de outros miseraveis, concorreu para o pensamento de se reunirem as Côrtes, e para que com firmesa no conselho de estado o Marquez de Sande propozesse a entrega do govêrno á Rainha e a Sua Alteza, e fóra da Assembléa o Marquez de Cascaes exigisse de ElRei, que largasse o mando, a quem era capaz de exerce-lo, ao Infante (quando a Rainha já se havia declarado separada, quanto ao vinculo sagrado, por ser nullo): concorreu finalmente para que em 23 de Novembro ElRei assignasse o acto de resignação, o Infante tomasse conta do govêrno com o titulo de Principe Regente, e as Côrtes de 27 de Janeiro do anno seguinte 1668 confirmassem o acto,

[1] CONDE DA ERICEIRA *Historia de Portugal Restaurado*—SOUSA *Historia Genealogica da Casa Real Portugueza.* Um retrato de corpo inteiro sem nome.

[2] Este bom pensamento não se chegou a realisar, porque o Infante subiu ao Throno; seu filho D. Francisco não teve geração legitima; seu neto D. Pedro casou com a herdeira do Reino; D. João seu segundo neto succedeu na Corôa; e os desconcertos politicos, que se seguiram, deram motivo á extinção desta casa.

[3] Não me persuado, que o Conde de Castello-Melhor fôsse origem dessas desordens, nem mesmo que deixasse de ter grande capacidade para governar; porém é para mim certo, que elle fez tudo quanto fazem os máos ministros para se manterem no podêr; apoiou as turbulencias do Rei, e foi causa dos desgostos do Infante, receando, que em substituindo a seu irmão o derribasse: o Conde não tinha necessidade desses excessos, porque sabia e não era ladrão, como muitos; porém a ambição é cega; e um Povo digno de melhor sorte como o Portuguez, que havia perdido a sua bella constituição, necessitava tolerar as consequencias da cabeça de D. Affonso, da vida escandalosa da sua *patulha*, e da cegueira do Conde, se não fôsse a deliberação do Infante, a sua tenacidade, e o denodo de alguns Cavalleiros. — Valha-me Deos com todas as constituições do mundo, que não previnem estes males.

quo o brio de Cavalleiros Portuguezes havia consnmado, e requeressem a Soa Alteza, que tomasse por espôsa a Rainha, que com seu irmão se desposára (o que teve effcito em 2 de Abril seguinte, precedendo a sancção c benção da Igreja), o bem o merecia pelo anxilio de seus conselhos salutares.

Eutrou o Principe no manejo dos negocios, com os mais felizes auspicios, porqoe a Rainha Regento de Hespanha propoz a paz; e foi em 10 de Fevereiro deste anno (1668); pouco a diante o Conde do Prado embaixador de obediencia á Santa Se recebeu graça do Santo Padre Clemente X em 22 de Maio de 1670, e logo se proveram as Igrejas do continente o ultramar no seguinte anno: por toda a parte se sorria para o Principe a fortuna; mas Deos não lhe quiz dar de sua amada espôsa mais que nma filha a Princesa D. Isabel Luiza: em 15 de Janeiro de 1704 se renniram as Côrtes, que a juraram successora do Reino, e pretenderam, que elle tomasse a Corôa, mas a sna modestia a não quiz: em quanto por outra parte, não muito tardo, a felicidade, que *D. Pedro* gosava no seio domestico, acabou com a morte da esposa da sua escolha e de sua unica filha, depois de se lhe haver concertado o casamento com o Principe herdeiro de Saboia, sen primo-com-irmão. Fallecendo D. Affonso VI em 12 do Septombro de 1683, recebeu então o Principe a Corôa e titulo Real; mas acontecendo pouco depois a morte da Rainha, o tendo-se-lhe requerido segundo casamento foi necessario, que directamente o Santo Padre Innocencio XI auxiliasse os esforços do Conselho de Estado para elle se resolver a segundas nupcias, que effectivamente não contrahiria, senão fôsse o receio de lhe faltar a snccessão; e apesar mesmo dessa poderosa influencia se necessiton do ascendente, que a virtude do Padre Manoel Rodrignes Leitão sôbre elle tinha.

O termo imposto á guerra, a par da prosperidade geral da Monarchia, tinha justamente adqoirido a ElRei o titulo de *pacifico*; mas o fallecimento de ElRei de Hespanha D. Carlos II, em 1700, obrigou mais tarde, em 1703, ElRei a empenhar-se de mão armada na contenda sôbre a successão em favor da casa de Austria e contra a França, porque eram altamente vantajosas para a Corôa do Portugal as condições, que se lhe propunham da parte do Imperador Leopoldo I a beneficio do Archiduque Carlos sen filho para entrar na liga offensiva, chamada *grande allionça*, que celebrava com Inglaterra e Hollanda. Em fôrça deste pacto entrou no anno seguinte o Archiduque em Lisboa com o titulo de Rei de Hespanha; o depois de ser hospedado como convinha á grandesa de sua pessoa, e, assentando-se que entraria em Hespanha pela Beira, deixou nosso Soberano entregue o govêrno do Reino a sua irmã a Rainha da Grã-Bretanha, e partiu por Santarem com destino de enthronisar o seu alliado, entretanto quo o Duque de Anjou, passando de Madrid a Palencia declaron guerra aos dois Soberanos, e fez entrar seu exército em Portugal debaixo do commando do Duque do Berwik, que chegou até Castello-Branco sem opposição, e passou d'alli a tomar Portalegre; mas o Marquez das Minas, então governador das armas da Beira, se poz em campo, e depois de mandar fazer nma surpresa no Reino visinho passon a Monsanto, onde havia guarnição de Francezes, e lá se empenhou com o General Ronquelho, obteve dello uma victoria, e tomou posse da praça. Os dois Monarchas juntaram-se na Guarda, reuniram-se ao oxército, quo estava junto de Almeida, e do lá passaram a Hespanha; mas todas as esperanças dos amigos de D. Carlos falharam, por que ninguem se lhe rennia; nosso Soberano desenganado destas más esperanças, depois de haver manifestado a sua bravura retrocedeu para a Guarda, e de lá voio para Lisboa; e outro tanto fez depois o Austriaco, e se demoron até passar á Catalunha em 1705. No fim do anno 1704 esteve ElRei ás portas da morte, porém Deos o salvou: ao mesmo tempo seguiu com prospera fortuna das armas Portuguezas a guerra contra ElRei D. Filippe V ate quo o Marquez das Minas fazendo obedecer grande parte de Hespanha ao filho do Imperador Leopoldo, o acclamou em Madrid, e recebeu em seu nome homenagem de quasi todos os Povos de Hespanha. Tanto concorreu Portugal para dar a Corôa a D. Carlos, mas nada disso aproveitou, porque cuidando elle ponco da sua causa, os Hespanhoes entregaram o sceptro ao neto de Luiz XIV.

ElRei, que assim se fizera respeitar na Europa, mantinha na Africa gloriosamente a praça de Mazagão, e no Reino de Angola se fazia temido; no Oriente foram grandes as vantagens obtidas dos inimigos, e o proprio Persa se acolheu ao soccorro de nossas armas; e na America se alcançaram não menores triumphos na guerra, e com a restituição da Nova Colonia incessantemento cuidava nosso illustre Soberano de fazer prospero e grande a Portugal até 9 de Dezembro de 1706, em que cedeu a febre, que o atacou com nma somnolencia invencivel, e passou desta vida sem ser até hoje dignamente chorado. Casou a primeira vez, como se disse, com a Rainha e Senhora D. Maria Francisca Isabel de Saboia, que falleceu a 27 de Dezembro de 1683, e a sepultaram no Mosteiro do Crucifixo de Lisboa, que fundára: della teve ElRei apenas a Princesa D. Isabel Luiza Josefa, que pouco sobreviveu a sua mãe. Segunda vez casou ElRei, em 23 de Agosto de 1687, com D. Maria Sofia Isabel de Neoburg, que era filha de Filippe Guilherme, Conde Palatino e Principe Eleitor, e da Electriz Maria Amalia de Hesse-Darmestad sua segunda mulher, o falleceu a 4 de Agosto de 1699; o teve o Principe D. João, que morreu menino; o Principe D. João, quo succedeu na Corôa; e os Infantes Francisco Grão-Prior da Ordem de S. João de Jorusalem e Senhor da Casa do Infantado; D. Antonio muito applicado á sciencia e á piedade; D. Manoel, que militou como um heroe nos exercitos imperiaes; D. Theresa e D. Francisca, que morreram donzellas. Illegitimos teve ElRei D. Miguel progenitor da casa de Lafões; José Arcebispo do Braga; Fr. Antonio de S. João Eremita de S. Paulo; e a Duquesa D. Luiza mulher primeiro de D. Luiz Duque de Cadaval, e segundo de D. Jayme irmão e successor do antecedente.[1]

103.ª

Senhor D. JOÃO V Rei de Portugal.—Nasceu este Soberano em Lisboa a 22 de Outubro de 1689, filho de ElRei D. Pedro II, e da Rainha e Senhora D. Maria Sofia, foi baptisado na Capella Real a 19 de

[1] Conde da Ericeira *Historia de Portugal Restaurado*—Sousa *Historia Genealogica da Casa Real Portugueza*. Tres retratos sendo dous de corpo inteiro, e um de meio corpo, e não tendo lenda alguma um dos primeiros.

Novembro seguinte, e se lhe deu por mestre o veneravel Padre Francisco da Cruz, da Santa Companhia, o qual mais tarde se encarregou da sua consciencia, e, com a sua morte, em 29 de Janeiro de 1706 trouxe a ElRei e ao Reino uma dessas perdas que nunca bem se restauram: desde menino se lhe começon a desenvolver uma vivesa de espirito e capacidade pouco communs, que os cuidados de sua mãe e de seu mestre procuraram regular segundo o temor de Deos; e, apesar do fallecimento prematuro da illustre Rainha, e um pooco adiante do Padre Cruz, a piedade veio a ser um dos grandes ornamentos deste bom Principe; mas a sedução do brilhantismo do Throno, a que subiu em idade pouca propria de empunhar o sceptro, o certos máos principios[1] introduzidos de tempo remoto na educação da familia Real, fascinaram um pouco a sua bella alma, e o fizeram distrair algumas vezes do caminho, que tinha vontado do seguir; mas tornando em si, deu, ainda que tarde, e ás vezes sem remedio,[2] de mão a obra começada: é comtudo certo, que foi um grande Rei, altamente dedicado ao bem do Reino, inimigo de toda a qualidade de malfeitorias, e verdadeiro pae dos povos, a quem considerava como filhos; ainda que para os impios e para os apaixonados do despotismo o livro da sua historia tenha paginas negras; assim devia ser, porque elle era pio e não tinha a menor disposição para acreditar conspirações e outras travessuras, que os politicos costumam imaginar, quando lhes faz conta: se o seu reinodo foi de tal ordem, que só se cuidava em estabelecer Confrarias, e nem os craveiros se sabiam plantar, como disse um diplomatico, a rasão é clara, e esta, em que o Principe detestava reformas na Religião, e na politica, e suppunha, com muito juiso, que todas as novidades da moda ja nesses dias deviam ter em resultado não so a descrença e desordens de hoje, mos a miseria e a fome, que as machinas de vapôr e outros chamados inventos[3] tem trazido: *D. João V* pregou do modo que pôde, no meio da corrupção do seu tempo, um prego na roda do carro, que tem esmagado milhões de homens, só porque a impiedade e a economia politica querem fazer a seus grandes ensaios; mas vamos aos factos.

Em 7 de Abril de 1696 foi esto Principe armado Cavalleiro por seu pae; no 1.º de Dezembro do anno seguinte o juraram as Côrtes successor do Reino; a 9 de Dezembro de 1706, por morte de seu pae, succedeu no Reino; e no 1.º de Janeiro de 1707 jurou guardar os foros da Monarchia, e recebeu homenagem e juramento de obediencia: poucas foram as mudanças, que fez no govêrno do Reino, porque apenas compoz o conselho de estado com mais tres membros, um dos quaes foi o Condo do Castello-Melhor, já nesse tempo residente na côrto. Era gravo a questão de Hespanha, posto que nella tivessem nossós Generaes obtido muita gloria, principalmente o illustre Marquez das Minas, que por então commandava o exército dos alliados na Catalunha: o principal interessado o Archiduque Carlos não era homem para tal empresa, e por outra parte a proximidade da França, e o genio superior de Luiz IV devia proteger a causa de seu neto no ânimo dos Hespanhoes, e eu estou firmemento persuadido, que o Archiduque nunca obteria um palmo de terreno se não fôsse o empenho, que Portugal no principio mostrou em seu favor, e a grande capacidade e valor do Marqnez das Minas: perdeu-se a batalha de Almança não tanto pela superioridade intellectual e pelo esforço do Duque de Berwik, porque não era superior áquelle, mas por circumstancias, quo acompanham a guerra, quando os principaes interessados se descuidam, ou não levam as sympathias: entretanto os nossos Generaes da raia a dentro cuidavam de guerrear os exércitos Castelhanos do partido de França, que vieram acommetter nossas praças, e principalmente no Alemtejo, onde as hostilidades eram maiores, se mostraram dignos do bom nome; ao mesmo tempo, que successivamente ganhava muito dentro de Hespanha o partido de D. Filippe V: apesar disto a guerra se protraiu, ate que o Duque do Berwik ganhou a batalha de Villa-Viçosa, que fez declarar por aquelle Principe quasi todas as cidades do Hespanha em 1710, depois que elle perdeu as do Almenar e Ceragoça; mas as batalhas ainda não tiveram fim; porque so o tratado de Utrecht de 1713 veio trazer a paz da Europa, e collocou o Principe Francez definitivamente no Throno de S. Fernando, quando seu competidor já estava na posse do Imperio de Allomanho

[1] Pelo commum a lisonja infame e o baixo interêsse tem feito, que os mestres, aios e validos persuadam aos Principes ser dos uma especie differente de outros homens, e que nem aos Ministros do Senhor, nem á velhice devem consagrar respeitos; e aos Reis, que estão dispensados de obedecer a seus proprios paes.

[2] As questões, que deixou incetar a seus ministros com a Santa Sé, posto que foram por elle terminadas, deixaram aresto a outros, para sôbre ellas estabelecerem os principios brutaes do regalismo.

[3] Dão-se geralmente como assentados grandissimos progressos do espirito humano nos ultimos tempos: não se admitte questão; mas eu tenho grandes dúvidas, e vou mais longe, porque considero falsas, muitas cousas, que se suppõe axiomas. Concedo, que o espirito humano retrogradou nas sciencias e nas artes, que decaiu, e que pouco a pouco se tem ido restaurando, porém que o espirito humano tenha nos tempos modernos inventado o, que se não sabia, e que esses inventos sejam uteis á humanidade, é o que se dá por assentado, mas nunca se provou, porque se não póde provar. Não admitto senão mudança de systemas em relação aos anteriores, que por ora distam muito da perfeição, e não apresentam senão ensaios: isto é objecto para uma obra, e não para uma nota; por isso me limitarei a pouco, tomando por exemplo a medicina e as artes, em que, com licença, para se encobrir a miseria, se deram nomes novos a tudo. Para se fazer a comparação é necessario recorrer á historia, porque as theorias não servem para estabelecer os factos: ora bem, pela historia consta, que o methodo antigo de curar as molestias, era mais simples, mais prompto, menos doloroso, e mais efficaz: para saber isto não é preciso mais que recorrer a livros, que por graça do Céo ainda não foram queimados; e mesmo por outra parte uma viagem ao centro de alguns povos selvagens, a quem não chegaram os beneficios da civilisação, bastará paratirar as dúvidas: dir-se-ha que existem molestias novas, tambem os nomes podem ser novos, e ellas simplesmente novas por esquecidas; mas isso não salva a medicina. Acêrca das artes, dependentes em absoluto da physica, da chimica, e da mathematica, quando chegaram nos tempos modernos ao estado, em que estiveram entre os Egypcios antigos? Não temos é verdade, com que comparar muitas cousas de hoje; mas havemos de logo ser tão promptos em assentar, que valemos mais? Pois quem foi tão longe na esculptura, architectura, e desenho, como os Egypcios, não poderia fazer mais? Eu julgo, que estamos enganados, e penso, que não houve o, que se lhes nega, porque se não quiz, que o houvesse, porque uma politica judiciosa, que tendia só ao bem público, reprovou a sua existencia: os que pensam o contrário poderão convencer-me, quando mostrarem, que estamos superiores aos Egypcios nos artefactos, que delles nos restam. É preciso desenganarmo-nos de duas cousas, — 1.º que a perfeição compativel com a naturesa humana tem limites, e muito grandes; — 2.º que essa, tal qual é, pertenceu sempre a todos os seculos, e não se contraiu ao nosso, seguramente mais barbaro e mais impostor do, que muitos que lá vão

Naquelle anno 1710 houve na côrte uma pendencia, que podia ser muito séria, sôbre a pretenção de todos os ministros estrangeiros, salvo o da Prussia, e em que pretenderam involver o Nuncio, que nesta qualidade tinha caracter differente [1] mas elle não quiz: pretendiam ainda então aquelles ministros gosar do privilegio de não passarem pelos logares de sua habitação os juizes e officiaes de justiça,[2] quando este resto de considerações se havia acabado em 1681: o negocio passou a termos de se complicar com outro, isto é, desacato á lei do Reino; os ministros chegaram a armar-se em suas casas, e os homens judiciaes insistiram pela sua regalia, e, ou fôsse, porque em toda a Europa dominava a escóla, ou porque todos os homens de estado da epoca intenderam, que era prudente e necessario pôr termo a similhante questão, aos ministros se ordenou o silencio, e com isso acabou a demanda. Neste anno (1710) quizeram os Francezes fazer guerra ás nossas colonias do Brasil, e passaram ao Rio de Janeiro com tal fim, mas o illustre Governador Francisco de Moraes e Castro soube tão bem haver-se, que no anno seguinte lhe ganhou mais de uma victoria: entretanto que no Reino tratava o Soberano de recuperar as praças occupadas á fôrça pelos parciaes de D. Filippe V, e de sustentar contra elle vigorosamente a guerra em Traz-os-Montes, Minho, Beira e Alemtéjo; e nossos Capitães o conseguiam. Felizmente todos esses males acabaram com paz de 1713; mas bem podiam ter-se evitado, se a bôa fe de ElRei D. Pedro II não fôsse illudida pela esperança de amor dos Hespanhoes á casa de Austria; e o pundonor nacional não vedasse a continuação do auxilio depois do desengano de Sua Magestade.

Na Europa, como nas colonias do Ultramar, foi nosso Soberano respeitado, sua authoridade reconhecida, supprindo onde faltava a paz, como no oriente, o valor e brios dos seus Generaes, que destruiram o podêr dos Reis de Canara e Sunda, e triumpharam do Sophi da Persia; e no Malabar e na Oceania, como na Africa de leste e do poente, adquiriram o mais alta reputação ás nossas armas victoriosas. Os prosperos successos, com que Deos favoreceu este paiz, pozeram ElRei em estado de enviar armadas ás colonias, e de pôr á disposição da Santa Se uma para com a da Igreja se oppôr a Otomana, que attentava contra a liberdade da Igreja, depois de ter conquistado a Morea: com esta armada o Conde de Rio Grande, que era o Almirante, obrou taes acções, que, deixando desembaraçada de tão máo inimigo a região do Lacio, voltou ao Tejo deixando agradecida a seus talentos e brioso esfôrço de Roma, com todos os paizes daquella famosa peninsula. Por outro lado favoreceu ElRei o commercio das colonias a ponto de tomar alto incremento, dando-lhe efficaz protecção, e arredando-lhe os estorvos ainda a fôrça de armas, como teve logar com o estabelecimento de Cabinda na costa de Guiné, que haviam levantado os armadores Inglezes, o elle mandou arrasar; com uma embarcação Hollandeza, que na Mina exercia contra as nossas o roubo, e que a fez metter a pique, não conseguindo satisfação do Estado de Geraes; e com os piratas, que se haviam estabelecido na Ilha de Fernando de Noronha, para infestarem as costas do Brasil, o que elle mandou á fôrça desalojar. Em beneficio das letras instituiu a Academia Real de Historia Portugueza; para commodidade da capital, erigiu a famosa fabrica dos arcos chamados das *aguas-livres*, que, muito embora lhes chamem monumento de barbaridade, eu não os vejo nem melhores nem tão bons, nem mais uteis nas épocas posteriores, oxalá que a agua hoje se conservasse tão pura como a de então, mas está bem longe disso, porque outras se tem introduzido e bem más; e para utilidade commum levantou igualmente arsenaes para o abastecimento do exército, engenhos de cortar madeira em Leiria, e fabricas de tecidos de lã na Covilhã, e a da polvora na Ribeira de Alcantara, alem de outras obras.

Em memoria de sua piedade fundou o grandioso Mosteiro de Mafra, o do Desaggravo do Santissimo Sacramento do Louriçal, e muitos outros monumentos Religiosos; e, embora no meu conceito fôsse uma desnecessidade, e mesmo talvez uma inconveniencia, a erecção da Patriarchal, que é sua, pode bem passar, quanto á intenção, por um monumento do seu grande zêlo pelo culto; mas não tem duvida, que pediu a erecção da Diocese do Pará e a dotou: bem como que promoveu as Missões Catholicas. A sua dedicação a Igreja de Deos mostrou-a, quando depois da famosa ruptura originada dos primeiros abalos do volcão, para lançar a lava da impiedade,[3] emendou com os mais claros votos de submissão o mal, que á sua sombra se fez. Teve especial amor ao Mysterio da Conceição Immaculada, a S. José e S. Francisco; e particular cuidado nos suffragios pelos fieis defuntos. Finalmente, posto que *D. João V* teve defeitos como homem, a sua piedade, a devoção, o acatamento ao Chefe da Igreja, e as leis della, a sua extrema caridade, generosidade, bondade natural, e magnanimidade, obscureceram esses defeitos, e o elevaram á condição do grande Monarcha; e póde ser, e verdade, igualado nessas grandes virtudes, mas nunca excedido. Terminou sua carreira mortal a 31 de Julho de 1750 com sessenta annos, nove mezes e nove dias de idade, e quarenta e tres annos, sete mezes e vinte e dois dias de reinado.

Celebrou seu casamento a 27 de Outubro de 1708 com a Archiduquesa D. Maria Anna de Austria, filha de Leopoldo I, Imperador de Allemanha, e da Imperatriz e Senhora Leonor Magdalena de Neoburg irmã da Rainha e Senhora D. Maria Sofia sua mãe: foi esta illustre Princesa dotada das mais altas virtudes, falleceu, deixando o Reino magoado pela sua falta, em 14 de Agosto de 1754, e foi sepultada na Igreja do Hospicio de S. João Nepomoceno, um dos monumentos de sua piedade. Teve ElRei da sua espôsa a D. Pedro Principe do Brasil, que morreu de dois annos e dez dias; D. José Principe do Brasil, que succedeu na Corôa; e os Infantes D. Carlos, que morreu moço; D. Pedro, que depois teve o titulo Real por casar com sua sobrinha herdeira do Reino; D. Alexandre que morreu moço; a Rainha D. Maria Bar-

[1] O Nuncio, ou Legado do Summo Pontifice, não é um simples orador ou embaixador de um Principe temporal; mas tem funcções mais altas, as de jurisdicção Ecclesiastica, que são tão altamente superiores ás daquelle cargo, que nem podem comparar-se, posto que reunidas em uma só pessoa; nem esta pela sua qualidade principal se póde reputar estrangeira de modo algum.

[2] Esta pendencia tinha alguma cousa de ridiculo, quando estavam acabados todos os privilegios, e a escóla não conhecia a propria immunidade Ecclesiastica.

[3] Já por então a descrença, ou a indifferença em materia de Religião, que é o mesmo, forcejava por apparecer no mundo para o dominar: mas, porque não era possivel sem se cobrir com espesso véo, tomou entre nós as feições do regalismo mais descarado; e, não podendo ganhar fortuna por causa da resistencia do Soberano, escondeu a cabeça, aguardando melhor tempo para se desembuçar.

hara mulhèr do D. Fernando VI Rei de Hespanha; o fóra do matrimonio Gaspar Arcebispo de Braga; Jose Inquisidor Geral; e D. Antonio, quo falleceu sem estado.[1]

404.°

Senhor D. JOSÉ I Rei de Portugal.—Nasceu este Soberano em Lisboa a 6 do Jnnho de 1714, filho de ElRei D. João V e da Rainha o Senhora D. Maria Anna do Austria: succedeu oa Corôa por morte de seu pae em 31 de Julho de 1750; o morreu a 24 de Fevoreiro de 1777.[2] Havia casado a 29 de Janeiro de 1729, com D. Maria Anna Victoria Infante de Hespanha, quo morreu em 15 do Janeiro de 1781, deixando memoria de sua piedado no Mosteiro do S. Francisco do Paula de Lisboa, e era filha de D. Filippe V Rei do Hespanha e da Rainha e Senhora D. Isabel Farnezi; e deste matrimonio deixou a Princesa do Brasil D. Maria Francisca Isabel, que succedeu na Corôa; e as Infantes D. Maria Anna fundadora do Mosteiro do Desaggravo do Santissimo Sacramento do Lisboa, de quem mais a diante direi; D. Maria Francisca Dorothea, que morreu donzella; o D. Maria Francisca Benedicta, depois Princesa do Brasil, o mulher de seu sobrinho o Principe D. José, do qoal hei de logo fallar.[3]

405.°

Senhora D. MARIA I Rainha reinante de Portugal.—Nasceu esta Soberana em Lisboa a 17 de Dezembro de 1734, filha de ElRei D. José I e da Rainha e Senhora D. Maria Anna Victoria: succedeu oa Corôa, por morte do seu pae, a 24 de Fevereiro de 1777, largou o govèrno em 10 do Fevereiro de 1792, e morreu a 20 de Março de 1816, deixando, entre outros monumentos de sua piedade, o Mosteiro do Santissimo Coração de Jesus de Lisboa.[4] Foi casada desde 6 de Fevereiro de 1760 com seu tio o Infanto D. Pedro, irmão de seu pae, que depois tomou o titulo Real, e se contou no cathalogo de nossos Soberanos com o nome de D. Pedro III, e morreu em 25 de Maio de 1786. Nasceram destes reaes consortes o Principe do Brasil D. José, quo falleceu em vida de sua mãe a 11 de Setembro de 1788, sem deixar posteridade de sua tia a Infante D. Maria Francisca Benedicta irmã de sua mãe; o Principe D. João, que succedeu oa Corôa; e a Infante D. Maria Anna Victoria mulher de D. Gabriel Infaote de Hespanha e irmão de D. Carlos IV Rei dessa Monarchia.[5]

406.°

Senhor D. JOÃO VI Rei de Portugal.—Nasceo em Lisboa a 13 do Maio do 1767 filho da Rainha Reinante o Senhora D. Maria I e de ElRei D. Pedro III: governou a Monarchia om nome da Rainha sua mãe, desde 10 de Fevereiro de 1792, o em seu desde 15 de Julho de 1799; succedeu na Corôa, por morte do sua mão, em 20 de Março de 1816, tomando o titulo de Rei de Portugal, Brasil e Algarves, o desde 15 de Novembro de 1825 o de Imperador do Brasil em reconhecendo a independencia desse Estado; e morreu em 10 de Março do 1826.[6] Havia casado em 25 de Abril de 1785 com D. Carlota Joaquina Infante de Hespanha, qno morreu em 7 de Janeiro de 1830, e era filha de D. Carlos IV Rei dessa Monarchia o da Rainha o Senhora D. Maria Luiza; e deste real matrimonio nasceram D. Antonio Principe da Beira, que morreu moço; D. Pedro Principe do Brasil e Imperador deste Estado, e successor da Corôa; o Infante D. Miguel, que foi acclamado Rei, e depois lançado do Throno; D. Maria Theresa Princesa da Beira, e mulher, 1.° de seu primo-com-irmão D. Pedro Carlos Infante do Hespanha, e 2.° segunda mulher de seu tio materno D. Carlos, tambem Infante do Hespanha; a Rainha D. Maria Isabel segunda mulher de seu tio materno D. Fernando VII Rei de Hespanha; e as Infantes D. Maria Francisca do Assis primeira mulher de seu tio o referido Infaote de Hespanha D. Carlos; D Isabel Maria, que foi Regente do Reino; D. Maria da Assumpção, que morreu donzella; e D. Anna de Jesus Maria mulher de Nuno José Severo de Mendonça Rolim de Moura Barreto 2.° Marquez de Loulé.[7]

§ 3.°

Rainhas de Portugal.

A unica pessoa, que na sociedade civil iguala em honra ao Soberano, o que partilha do todas as homenagens devidas ao Senhor da Monarchia, é a *Rainha* molher ou viuva do Rei. Em todos os Estados, onde tem dominado o principio salutar do governo do unidade, nesses mesmos, onde a poligamia

[1] Sousa *Historia Genealogica da Casa Real Portugueza*. Quatro retratos, um de corpo inteiro, tres de meio corpo, e dous destes sem nome.

[2] Tendo de dizer alguma cousa do Marquez de Pombal primeiro ministro deste Soberano, reservo para então o juizo critico dos actos do seu reinado.

[3] Um retrato de meio corpo sem nome.

[4] Limito-me a dizer ácêrca do reinado desta Soberana, que respeito como solidas, e considero muito grandes as suas virtudes.

[5] Um retrato de meio corpo sem nome

[6] O reinado deste Soberano foi om dos mais infelizes, por causa da invasão Franceza, e muito mais pelo dia 24 de Agosto de 1820, de execranda memoria, em que rebentou no Porto a revolução infernal, motora das maiores e mais irremediaveis desgraças. Maldita seja para sempre a origem dessa peste assoladora!

[7] Dous retratos de meio corpo sem nome.

hedionda se senton ao lado do Throno, ou em qno as mulheres deshumaua o barbaramento se consideraram escravas, não se descouheceu, em tempo algum, o alto privilegio da espôsa do Rei, da mulher mais querida do Rei, da mãe do futuro Rei, e ainda da mãe do Rei reinante; mas no Christianismo, em que os laços do matrimonio sobem até á santificação, a *Rainha* gosa em mais amplitndo as distincções devidas a magestade. Nos Estados, como Portugal, em que as mulheres cingem a Corôa e empunham o sceptro, quando isso succede, tomam o logar do Soberauo, e seus maridos o, que a ellas devia pertencer; em todos, mesmo naquelles, em que uma lei fundamental as exclue da successão, como em França, o govêrno do Reino, na ausencia do marido, bem como a regencia e a tutéla do Rei menor, na viuvez, nunca se lhes negou; bem como a seus maridos se ellas reinaram; e esse facto se da hoje entre nos achando-se investido da regencia e da tutéla de ElRei D. Pedro V seu pae o Senhor D. Fernando II *Rei* Viuvo.

A historia das *Rainhas*, em todo o mundo, apresenta longas series de heroinas do céo e da terra; a santidade, o amer maternal, e os sacrificios mais espantosos polos Povos, a coragem do guerreiro, a prudencia do politico, e o zêlo pela justiça e pelo bem geral, ahi se oncontram, como os dotes mais brilhautes daquellas, que junto dos Monarchas occuparam, a respeito dos vassallos, o logar de uma carinhosa mão para com seus filhos; e seguramonte não tem a nossa Nação dovido nessa parte menos á Providencia, que outras; como testimunham só os nomes das *Mafaldas* de Saboia, das *Isabeis* de Aragão, das *Filippas* de Inglaterra, das *Catharinas* de Austria, e das *Luizas* de Gusmão.

A primeira *Rainha*, que Portugal conta depois de sua elevação a cathegoria do independente, foi a Senhora *D. Mafalda* de Saboia, nora da illustre Rainha-Infante D. Theresa, e mulher de seu filho D. Affonso Henriques, fallecida em 1157. Seguiram-se-lhe as Senhoras *D. Dulce* de Aragão, mulher de D. Sancho I, fallecida em 1198: *D. Urraca* de Castella, mulher de D. Affouso II, fallecida em 1220; D. *Mecia* de Haro, mulher de D. Sancho II, que morren fora do Reino; *D. Mathilde* de Bolonha, primeira mulher de D. Affonso III; *D. Beatriz* de Castella segunda mulher desse Soberano, Regente do Reino, o fallecida em 1303; *Santa Isabel* de Aragão, mulher de D Diniz, que foi gosar de Deos em 1336; *D. Beatriz* de Castella, mulher do D. Affonso IV, fallecida em 1359; *D. Leonor Telles*, mulher de D. Fernando I, fallecida em 1391; *D. Filippa* de Inglaterra, mulher do D. João I, fallecida em 1415; *D. Leonor* de Aragão, mulher de D. Duarte co-Regente do Reino, fallecida em 1445; *D. Isabel* de Portugal, mulher do D. Affonso V, fallecida em 1455; *D. Joanna* de Castella, a *excellente senhora*, segunda mulher do mesmo Soberano, que acabou Monja em Sauta Clara de Santarem; *D. Leonor* de Portugal, mulher de D. João II, que tendo governado algum tempo o Reino, morren piamente em 1525; *D. Isabel* de Castella, primeira mulher de D. Manoel, fallecida om 1498; *D. Maria* de Castella, segunda mulher deste Soberano, fallecida em 1517; *D. Leonor* de Austria, terceira mulher do mesmo Soberano, que falleceu *Rainha* de França; *D. Catharina* de Austria, mulher de D. João III, Regente do Reino e fallecida em 1578; *D. Margarida* de Austria, quarta mulher de D. Filippe I, fallecida em 1580; *D. Margarida* de Austria, mulher de D. Filippe II, fallecida em 1611; *D. Isabel* de França, primeira mulher de D. Filippe III, que morren depois de 1640 em 1644; *D. Luiza Francisca* de Gusmão, de quem logo direi; *D. Maria Francisca* desposada com D. Affonso VI, e depois primeira mulher de D. Pedro II, fallecida em 1683; *D. Maria Sofia*, segunda mulher deste último Soberauo, fallecida em 1699; *D. Maria Anna* de Austria, mulher do D. João V, fallecida em 1754; *D. Maria Anna Victoria* de Bourbon, mulher de D. José I, fallecida om 1781; *D. Pedro III* de Portugal, marido de D. Maria I, fallecido em 1786; *D. Carlota Joaquina de Bourbon*, mulher de D. João VI fallecida em 1830; *D. Maria Leopoldina Josefa Carolina* de Austria, primeira mulher de D. Pedro IV, fallecida em 1826; e *D. Fernando Augusto* de Saxe-Cobourg-Gotta, segundo marido de D. Maria II, e ao presente viuvo.

407.º

SENHORA D. LUIZA FRANCISCA RAINHA DE PORTUGAL. — Nasceu esta Senhora em S. Lucar do Berrameda na Andaluzia, a 13 de Outubro do 1613 filha de D. João Manoel Pires de *Gusmão*[1] 8.º Duque de Medina Sidonia e da Duquesa D. Joanna de Sandoval da casa de Lerma; e teve irmão D. Affonso Pires 12.º Conde de Niebla, que falleceu sem posteridade, D. Gaspar de *Gusmão*, 9.º Duque de Medina Sidonia, que continuou a casa, e D. Melchior de *Gusmão*, de quem descenderam os Marquezes do Astorga, e para elles os Condes de Altamira; concedeu-lhe o Omnipotente as maiores perfeições do corpo e espirito, e a dotou de grandes virtudes, em quanto os paes se esmeraram na sua educação; aos vinte annos de sua idade foi escolhida espôsa pelo Duque de Bragauça D. João II; e com elle casou em 12 de Janeiro de 1633. Desenvolveu depois tal capacidado, que o marido, ouvindo em tudo seu voto, o seguia, como mais acertado; e sem dúvida, como ja disse, teve a melhor parte da heroica resolução, que elle tomou de perder a cabeça empunhando o sceptro, antes que ser vassallo toda a vida. Na viuvez lhe foi confiada a regencia do Reino com a tutela de seus filhos; e, entre os acertos, com quem soube governar, não foi menor o da instituição da junta nocturna, de que faziam parte os magistrados de mais experiencia, zêlo, e illustração, para tratar com elles os negocios do Estado e os resolver com prudencia: apesar das difficuldades domesticas e exteriores a sua capacidade, como fica notado, sôbe manter com glória a independencia da Monarchia até 1662, em que a miseravel cabeça de D. Affonso VI seu filho quiz mandar. Algum tempo depois de largar o governo, em 17 de Março do anno seguinte (1663) se recolheu ao Mosteiro das Descalças do Grillo fora dos muros de Lisboa, que fundára e dotara; e neste êrmo perseveron em santos exercicios de piedade, sem largar a administração da sua casa para dispôr sem estôrvo das rendas dellas em beneficio dos necessitados: a 27 de Fevereiro de 1666 acabou com a morte do justo, tendo sido bôa filha, bôa espôsa, e bôa mãe de seus filhos e de todos os Portuguezes, altamente Catholica e devota;

[1] Esta familia é uma das mais illustres da Hespanha, e por isso da Europa inteira, a sua origem é de Principes Godos.

mas a sua morte não foi bem chorada, porque os beneficios, que lhe deveu esta terra, são pouco para encontrar iguaes.[1]

II.

ESTADO SUPERIOR DA SOCIEDADE.

A existencia de um estado superior na sociedade é facto inquestionavel em todas as fórmas de viver das Nações; e não ha quem pretenda nega-lo, senão o demagogo com o fim de subir a esse estado, se la não está, ou de enganar vilmente os do outro para sustentar uma supremacia, que pela sua immoralidade e corrupção receia perder. *Vem* tal facto, disse S. Thomaz de Aquino com todos os escriptores sinceros e judiciosos, da nossa *naturesa*, porque é necessario que *haja graos nos homens, como nas em todas as cousas:* comtudo não é exacto o, que um dos maiores philosophos da antiguidade pareceu querer inculcar, isto é, que ao *Nobre* bastava sê-lo para obrar cousas grandes, e que a *Nobresa* por si só impedia as más acções; errou por isso Aristoteles requerendo para a felicidade inteira do homem a *Nobresa*, porque o homem póde ser feliz em qualquer estado da sociedade; e mais attendivel é a opinião de seu grande mestre considerando a *Nobresa* como um influxo para o bem e para a justiça. O Christianismo, que igualou todos os homens diante de Deos, e que faz consistir a felicidade na virtude, porque só com ella se gosará da bemaventurança eterna, não veio destruir as condições da sociedade humana; pelo que S. Cypriano louvou o martyr S. Celerino, dizendo: «*Caminha pelos vestigios de sua linhagem e similhante em honra a seus avós e parentes, é igualmente aceito na graça de Deos .... não sei a quem trate de mais ditosos, se a seus antepassados por ter descendente tão illustre, se a elle por sua origem e ascendencia gloriosa*» e S. Jeronymo fallando da *Nobresa* disse «*Nenhuma cousa vejo mais digna de apetecer na Nobresa, que estarem seus possuidores ligados por uma certa necessidade* a não *degenerar da virtude de seus antepassados.*» Apesar disso não são poucos os authores, que interpretando mal o texto sagrado do *Apostolo* na *Epistola a Tito* (3—9) não so reprovaram as *genealogias* ou narrações tradiccionaes da *Nobresa*, mas ainda esta: entretanto S. Paulo estava bem longe de similhante pensamento; porque a sua prescripção, segundo claramente se vê, é contra as questões futeis, e tanto nessa materia como ácêrca da *lei*, visto originarem-se da soberba, e resultar dellas o odio, a malcrença e a desordem, que se oppõem absolutamente á caridade recommendada em extremo pelos conselhos Evangelicos; e se assim não fôsse, elle estaria em contradicção com o que o *Espirito Santo* disse no *Ecclesiastico* (3—3) isto é, que *Deos honra o pae nos filhos;* e (44—1) que *louvemos os varões gloriosos e nossos ascendentes em sua geração;* e ainda comsigo mesmo, quando na *Epistola 2.ª aos Corinthios* (11—16 a 22) não occultou, que «*se gloriava, como os Hebreos, de ser descendente de Abraham.*» Se comtudo esquecermos o, que Aristoteles escreveu na obra dos *Rethoricos*, porque não é admissivel aos olhos do Christianismo e da sciencia, como fica ponderado, na dos *Politicos* o encontraremos um pouco mais judicioso: «A *Nobresa* disse elle, *é estimavel entre todos, como honra, e por isso mesmo é conforme á rasão, que os nascidos melhores sejam, porque a Nobreza é uma virtude, que provém da linhagem;*» e disso vem merecer, em logar de attenções, execração o *Nobre*, que vaidosamente se jacta por causa de uma longa serie de avos, mas não tem alguma virtude de qualquer delles. A *Nobresa* é pois não so um facto nas sociedades, mas um facto glorioso em todas ellas, e constitue estado á parte em todas as Nações, como uma necessidade; e este estado gosa os privilegios da homenagem, sendo comtudo preciso, que as pessoas dello tratem de imitar os, de que gosam o sangue.

De tudo isto se tira, que a Nobresa não se póde adquirir, mas que se herda pela geração; e de nada para isso valem as pretenções da escola juridica, reduzindo-a a *uma qualidade conferida pelo Principe, com que qualquer ostenta ser mais aceito, e superior aos honestos e plebeos;* porque a Nobresa depende da virtude de um e de muitos, e não do favor de alguem: este favor não da aos agraciados, por mais que o pretendam os jurisconsultos, senão a si mesmo, e foi desconhecido dos Soberanos (como hoje ainda o é em alguma parte do mundo) no tempo, em que essa escóla não existia, e os Soberanos gosavam os respeitos e attenções, de que ella os privou em seu beneficio. Os Soberanos poderam sempre elevar um homem ao gôso dos mais altos privilegios da *Nobresa*, mas só a escola teve o pensamento abstruso de dar-lhes o, que so pertence a Deos: o plebeo vestido com as gallas da *Nobresa* descia ao tumulo, sem que essas passassem aos seus descendentes, e ainda hoje lhe acontece o mesmo, embora a doutrina contrária: fazer *Nobres* só pertence a Deos, e os Reis Christãos, a quem Nosso Senhor concedeu tantos privilegios sôbre os outros homens, não hão de consentir mais em usurpar á Divindade o, que so a ella cabe: tenho a mais alta esperança na sua piedade desde o momento, em que se convençam do absurdo de certos systemas, porque não são elles Domicianos, que pretendam a deificação.

O estado superior da sociedade ou a *Nobresa*, divide-se em duas ordens, uma a dos *Principes*, que gosam attenções quasi iguaes á dos Soberanos, e dos *Illustres*, que tem as immediatas: de uns e outros, vou tratar.

§ 1.º

Principes.

Na classe superior da sociedade, isto é, na classe da *Nobresa* ha duas ordens, a dos *Principes* e a dos Illustres; na primeira não considero rigorosamente senão os filhos dos Soberanos, na segunda todos

[1] SOUSA *Historia Genealogica da Casa Real Portugueza* — D. JOSE MANOEL TELLES VILADEMOROS *Asturias Illustrada*. Um retrato de meio corpo, sem nome

os mais descendentes destes por varão, o os de qualquer Cavalleiro distincto por seus merecimentos, concorrendo as circumstancias de varonia e longa serie de ascendentes, segundo mais de uma vez tenho manifestado; e, quanto á primeira, se eu algumas vezes dei ou der o titulo proprio della a outros, que não sejam filhos de Soberanos, deve isso intender-se como pura designação honrosa, do mesmo modo que o titulo de veneravel, a quem a Igreja ainda não o concedeu, porque similhante distincção não importa a essencia da dignidade, segundo meu sentimento, quando não considero rigorosamente Principes os proprios netos dos Soberanos, a quem elles concederam os titulos unicamente dados a seus proprios filhos: uma so excepção faço a esta regra, e é ácêrca daquelles, que posto não sejam filhos, são comtudo immediatos successores dos Soberanos, mas depois de reconhecidos por taes. As homenagens devidas a esta ordem social não podem ser maiores, porque so as tem superiores os Soberanos em rasão de cingir a Corôa.

Sem sair de Portugal encontraremos entre os Principes varões e senhoras de tão subido merecimento, que independentemente do real berço, ninguem lhes negaria o tributo de respeito; desses lembrarei alguns: a illustre *Condessa de Flandres*, e seus meios-irmãos *Fernando* e *Affonso* filhos do ElRei D. Affonso Henriques: as Santas *Mafolda*, *Theresa* e *Sancha*, e seus briosos irmãos *Pedro* Conde de Urgel, e *Fernando* Conde de Flandres, filhos de ElRei D. Sancho I: *Pedro*, *Henrique* e *João*, a *Duqueza de Borgonha*, e o *Duque de Bragança*, filhos de ElRei D. João I: a beata *Joanna* filha de ElRei D. Affonso V; o *Duque de Beja*, a *Imperatriz de Allemanha*, e sua irmã *D. Maria*, filhos de ElRei D. Manoel; e ainda outros, de alguns dos quaes vou fazer menção.

408.ª

Reverendo JOÃO DE AUSTRIA Principe de Candia.[1] —Nasceu na Ilha de Ceilão pelos annos de 1578, filho de D. Filippe Rei de Candia e da Rainha e Senhora D. Catharina [2]: Subindo ao Throno desse Reino um Principe Catholico o bom Mhestena, progredia la com alto fructo a Missão dos Religiosos de S. Francisco; porem um tyranno idolatra lhe usurpou a Corôa, e o bom Principe falleceu piamente nos braços dos prégadores do Evangelho: deposto foi esse tyranno por D. Francisco Vesugo, que, apesar do bom, não tinha direitos á purpura real; pelo que os Religiosos acompanharam a Gôa no anno 1588 um neto da familia dos antigos Soberanos e immediato successor do Mhestena para fazer valer ante o Vice-Rei da India suas legitimas pretenções: na capital dos estados Portuguezes do Oriente se baptisaram aquelle Principe com o nome de Filippe, e seu filho (este de quem se trata), o qual levára comsigo, com o de *João*; e, havendo doado seu Reino á Corôa de Portugal, em caso de não terem successão, voltaram á sua terra, com intento de se apossarem della á fôrça com auxilio nosso; mas não lhes foi precisa a violencia, porque D. Francisco largou de bôa vontade o, que não era seu: desde então prosperou (ainda que por breve tempo) com o Reino o Christianismo até á morte de D. Filippe; e, quando *D. João* cuidava em fazer-se obedecer, um outro tyranno se levantou, e não so perseguiu o filho do seu Rei, mas se fez apostata, e perseguidor dos fieis de *Jesus Christo*.

Os Religiosos retiraram *D. João* para a Ilha de Manar, e della o conduziram a Gôa com sua mãe e um primo da familia Real de Cota, chamado D. Filippe; ambos os Principes foram estudar para o Collegio dos Reis Magos de Bardez; depois de quinze annos vieram por ordem de nosso Soberano a Portugal; e proseguindo suas applicações no Mosteiro de S. Francisco de Lisboa, foram mandados estudar a Coimbra por sua magestade, que deu a cada um dois mil cruzados de terça: D. Filippe em logar disso passou a viver no Mosteiro de S. Francisco da Ponte d'aquella cidade; e *D. João* tomou o caminho de Madrid para pedir a ElRei, que lhe fizesse um maior estabelecimento: nessa capital se ordenou de *Sacerdote* [3], e renunciando nas mãos de ElRei os Reinos de Candia, Cota, Ceytavaca, e Settecorlas, o Soberano lhe deu a grandesa [4] na linha dos Bispos, e augmentou suas rendas ate oito mil cruzados: voltando a este Reino, em agradecimento aos Religiosos de S. Francisco, fundou em Telheiras, a meia legua de Lisboa para o norte, um Templo dedicado a Nossa Senhora da Porta do Céo, com Hospicio para elles; mas indo segunda vez a Madrid o fizeram mudar de intento, e o doou á Ordem dos Clerigos Menores: entretanto lembrando-se desses a quem devia a vida, educação e bem-estar, sob pretexto de não haverem aquelles conseguido licença de ElRei para obter a propriedade, o restituiu aos Religiosos de S. Francisco, aos quaes o promettêra; e com cinco, a titulo de Capellães seus, nelle viveu desde 1633 ate 2 do Abril de 1661, em que falleceu deixando uma filha illegitima D. Maria de *Candia*, que professou no Mosteiro de Vialonga chamando-se Sor Maria Antonia de S. João.[5]

[1] A primeira distincção inculca pertencer a outro logar, e mal parecerá a muitos, que vá neste, consignando-se uma qualidade temporal em igualdade com os filhos dos nossos Reis: sôbre o primeiro caso lugo responderei, quanto ao segundo direi, que elle foi filho de um Soberano, e que a dignidade concedida por Deos a estes, é absolutamente igual em todos.

[2] Todos os Principes pagãos, em se baptisando, tomavam o nome das Pessoas Reaes dos paizes, a quem pertenciam os, que em nome de Deos lançaram sôbre suas cabeças a agua salutar da vida: usavam mesmo dos titulos, e appellidos dessas reaes familias, como vemos na presente personagem chamar-se de *Austria*, em recordação da respeitavel casa, que então gosava as Corôas de Hespanha e Portugal.

[3] Conheço, que por esta alta dignidade devia *João de Austria* ir a'outro logar, segundo o systema, que adoptei, mas era necessario reservar-se para aqui pelas rasões, que expuz na primeira nota, e pelo que se vae ver na seguinte.

[4] A escóla juridica, que imaginou todas estas distincções para as podêr possuir, ha de dar-me licença para lhe perguntar, se *João de Austria*, por decahir do Throno, perdeu a qualidade de filho de Rei em alguma parte do mundo: ou se a sua nova grandeza póde importar a um Bispo, *Sacerdote*, ou filho de Rei para alguma cousa? E necessario ser muito miseravel para chegar a ter similhantes concepções! a mim me parece, que a escóla pretendeo escarnecer da Religião, dos Reis, e da Nobresa, e ficarei satisfeito em se me provando, que eu erro.

[5] Fr. Fernando da Soledade *Historia Seraphica*. Um retrato de corpo inteiro.

409.°

D. THEODOSIO Principe do Brazil.—Nasceu este Principe em Villa-Viçosa a 8 de Fevereiro de 1634, filho de ElRei D. João IV e da Rainha e Senhora D. Luiza; teve desde logo o titulo de Duque de Barcellos; foi jurado successor da Corôa o 28 de Janeiro de 1641; no anno seguinto a 2 de Maio se lhe deu patente de Coronel de Nobresa para commandar tres terços della, e um dos previlegiados de Lisboa; e o 27 de Outubro de 1645 ElRei o declorou Principe do Braxil e Duque de Bragança, fazendo-lhe doação deste estado como elle o possoira ate subir ao Throno. Enriqueceu o Senhor este bom Principe com todos os dotes de intelligencia, piedade, bondade, e ainda com os da gentilesa corporal; sua educação foi objecto de serios cuidados de seus paes, e sua instrucção encarregada a Pedro Pueros Irlondez, e João Pascasio Sciermans Flameogo, homens de virtude e saber; pelo que *D. Theodosio* sahiu eminentemente Catholico, e perfeito Cavalleiro; uma devoção sincera, modestia altamente recommendavel, honestidade de costumes e perfeita caridade realçaram o desenvolvimento de seus talentos; conheceu a lingua Grega, e fallou com primor o Latina; compoz alguns tractados, que pela sua morte prematura deixou imperfeitos, como o *Aureum Saeculum*, *Macoreopolis*, *de Sacramento Altaris*, a *Historia Universal do Mundo*, e outra *da Suecia*, dos quaes dedicou o ante-penultimo e ultimo á Rainha Christina de Suecia, que muito os estimou, e disse-se, qoe todos, e principalmente a *Macareopolis* foram o instrumento de que Deos se servin para a sua conversão ao Christianismo puro; juntova o illustre Principe a tudo isto o valor, e pericia militar; mas parece, que o demonio invejoso da sorte futura deste Reino atormentou *D. Theodosio* a ponto de o lançar na sepultura! Bemdito seja Nosso Senhor, que permittiu esse mol em pena dos delitos de nossos avos! entretanto se assim foram castigados, que podemos nos esperar?

Aindo menino salvou seu illustre pae da indigoação dos Castelhanos, abafando a conspiração de Villo-Viçosa; e, quando moço, o author de seus dias ouvia com attenção e seguia seus conselhos, porque eram filhos da mais acertada prudencia; e, posto que acertado não foi o passo da sua sahida para o exército, sem licença de seu pae e seu senhor, era necessario, que um defeito viesse mostrar aos homens, que elle não era Anjo, mas homem: partiu na noite de 2 de Novembro de 1651, e, logo que o Monarcha o soube, traton de prover á segurança de sua pessoa encommendando-a particularmente ao General das Armas do Alemtéjo D. João da Costa, e aos Condes de Miranda e dos Arcos; mas talvez que se não fôsse a seducção de duas pessoas que o acompanharam, e o serviam, o bom Principe não desse um passo desacertado faltando á obediencia, que devia a sen Rei: como quer que seja D. João IV prevendo, que a licção mais proveitosa era a da condescendencia, lhe deu o mando em chefe do exército naquella Provincia, com a sò condição de dar conta a sua Real Pessoa, e dirigir-se pelos conselhos de D. João da Costa; mas não tardou a Rainha a escrever-lhe, inculcando a saudade, que a sua ausencia lhe causova, e pouco depois ElRei, fazendo-lhe ver os perigos da jornada; pelo que o Principe voltou por Dezembro á Côrte; e logo depois, em 25 de Janeiro de 1652, foi nomeado Generalissimo das armas do Reino. Não durou muito no novo emprêgo, porque a 15 de Maio do anno seguinte (1653) passou a gosar da Bemaventurança, depois de uma vida puramente religiosa, pia e ainda mortificada, no meio das lagrimas de seus paes a de todos os Portuguezes.[1]

410.°

D. MARIA Senhora de Torres-Vedras.—Era esta Princesa filha illegitima de ElRei D. João IV, que a estimon muito; declaron-a no sen testamento, feito em 2 de Novembro de 1656, dando-lhe a Commenda Mòr da Ordem de S. Thiago, e o Senhorio das Villas de Torres-Vedras e Collares, e das que de novo então creou, da Azinhaga e Cartaxo; e pouco antes de morrer lhe expressou por uma carta o grande *sentimento de a não ver*. Viveu sempre vida religiosa no Mosteiro das Cormelitas Descalças de Carnide, distante uma legua de Lisboa, e em habito Monastico, posto que as suas ligações com elle eram de pura devoção; fez o Templo desse Mosteiro, dotou-o em quarenta mil cruzados, e tão grande bemfeitora sua, e do outro de Religiosos do mesmo logar e Ordem foi, que de ambos o declararam podroeira. Naquelle Claustro perseverou no exercicio das mais sublimes virtudes até 6 de Fevereiro de 1693 em que morreu: nelle o enterraram e sôbre sua sepultura se gravou o seguinte lenda:

MARIA INCLYTI JOANNIS IV LUSITANIAE
REPARATAE REGIS FILIA JACET HIC SEPULTA
SUB SAXO: SEX ANNIS INFANS CLAUSTRUM
INGRESSA, CONDITO TEMPLO, ET VIRGINUM
COHO JURE PATRONATUS FECIT ESSE SUUM:
EXPLICITIS DENIQUE QUINQUE DECENNIS FINEM
VITAE FECIT VIAM PACIS HABENS UT
MORTUA IN PACE REQUIESCAT. OBIIT VII IDUS
FEBRUAOII ANNI DOMINI 1893.[2]

[1] Sousa *Historia Genealogica da Casa Real Portugueza*. Tres retratos de corpo inteiro sem nome
[2] Sousa *Historia Genealogica da Casa Real Portugueza*. Um retrato de meio corpo.

411.°

D. JOSÉ PRINCIPE DO BRAZIL. — Nasceu este Principo em Lisboa a 21 de Agosto do 1761 filho primogenito da Rainha e Senhora D. Maria I e de ElRei D. Pedro III: a sua educação foi cuidada com esmero, posto que talvez menos piamonte, que a de seus illustres avós: entretanto as tradicções de familia e os bons exemplos domesticos deviam concorrer com o seu genio elevado para ser um grande Rei; porém a morte não quiz, que elle sobrevivesse a sua mãe, assaltando-o em 11 de Septembro de 1778, sem deixar successão de sua tia a Princesa D. Maria Francisca Benedicta.[1]

412.°

D. MARIA ANNA FRANCISCA INFANTE DE PORTUGAL. — Nasceu esta senhora em Lisboa a 7 de Outubro do 1736 filha do ElRei D. José I e da Rainha e Senhora D. Maria Anna Victoria, e foi baptisada em 21 de Novembro seguinte; Deos a enriqueceu com os dotes mais brilhantes do espirito e do corpo, e infundiu em sua alma graça para realçar aquelles pelas virtudes: viveu donzella em santo temor de Deos; fundou o Mosteiro do Desaggravo do Santissimo Sacramento do Campo de Santa Clara de Lisboa; e tendo passado, por causa da invasão dos Francezes, com toda a familia Real ao Rio de Janeiro, lá morreu em 16 de Maio de 1813.[2]

413.°

D. MARIA FRANCISCA BENEDICTA PRINCESA DO BRAZIL. — Naseen esta senhora em Lisboa a 25 de Agosto do 1746 Infante de Portugal, e filha de ElRei D. José e da Rainha e Senhora D. Maria Anna Victoria: Nosso Senhor lhe concedeu tudo, quanto pode desejar uma pessoa do seu sexo, e a auxiliou para merecer com as virtudes, que em toda a vida praticou: a 21 de Fevereiro de 1777 casou com seu sobrinho D. José Principe do Brazil o successor da Corôa filho primogenito da Rainha e Senhora D. Maria I (sua irmã) e de ElRei D. Pedro; mas não teve posteridade: não so foi uma Princesa do exemplar conducta, mas de grande prudencia e capacidade; deixou memorias saas no Hospital Militar dos Invalidos de Runa; e falleceu a 18 de Agosto de 1829.[3]

§ 2.°

Illustres.

A segunda ordem da classe superior da sociodade pertencem os individuos e familias *Illustres*, isto é, os, que de varão em varão descendem de um homem, que por actos de heroismo, ou grande sacrificio pessoal, fez um signalado serviço ao seu paiz, ou concorrea para elle se fazer; mas essa ordem multiplicando-se era de tão grave damno á sociedade, como extinguindo-se; por isso se admittiu o principio de recorso aos seculos, e estabeleceu-se, que a transmissão não podesse ter logar por femeas: pela sua parte a *Nobresa* recusou admittir no seu seio quem começasse de novo, e presistiu firme no seu pensamento até ao fim do seculo 12.°, e ainda um pouco mais tarde até ser supplantada pela escola juridica; disso veio, que desde o seculo 5.° ate quasi ao meado do 13.° não se conheceu Cavalheiro filho de peão, em quanto que depois o favor, e ainda as traições ao Rei e á Patria tem produzido *Nobres:* seja isso embora um facto, não o recebo; mas seguindo os principios contrarios á escola, apenas aceito por *Illustres* aquelles, de quem me constar não terem avus peões [4]; porque, embora a *Nobresa* não possa existir sem actos de heroismo, estes podem dar-se sem que seu author merecesse o reconhecimento dos contemporaneos em tão subida ordem. A miseria do individuo, e ainda o crime não priva sua descendencia da qualidade de *Illustre:* qualquer que seja a sua situação na sociedade não perdeu a herança; e, se mesmo por algumas gerações esteve entre a plebe, não serve isso de prejuizo aos descendentes, quando um similhante facto se deu com Augusto, e com centenares de netos do varões *Nobres*, que por causas differentes voltaram sem contradicção a recuperar seus antigos foros. Na ordem dos *Illustres* entram os descendentes dos Soberanos a contar dos netos, e todos os filhos e descendentes do Cavalleiro, que viveu antes do seculo 13.° posto que as homenagens, que a esta ordem pertencem, não sejam tão elevadas como as da primeira; ella forma como esta a *Nobresa*, e tem por seu chefe natural o Rei.

Entre o crescido número de varões *Illustres*, a quem Portugal mereceu grandes serviços, sem contar os da primeira época da Monarchia, referirei apenas *D. Pedro de Menezes*, *Nuno Fernandes de Ataide*, *D. João de Castro*, *Luiz de Camões*, e o segundo *Marquez das Minas*, sem que eu dê a estes preferencia ácêrca de seus iguaes pelo nascimento, mas so para indicar alguns nomes, entre os que se tornaram

[1] Tres retratos, dois de corpo inteiro e um de meio corpo, todos sem nome.

[2] SOUSA *Historia Genealogica da Casa Real Portugueza*. Um retrato de meio corpo sem nome.

[3] Um retrato de meio corpo sem nome.

[4] E bem difficil decidir da qualidade de um individuo pela urgencia das provas materiaes, e em presença dos descuidos na conservação dos monumentos de familia, e pela pobresa, a que differentes motivos tem reduzido muitas gerações; por outra parte o pessimo costume de tomar appellidos e armas da linha materna, e a usurpação dessa propriedade, que muitos não se pejaram, nem pejam fazer, augmenta a desordem; mas apesar disso, ainda que com trabalho, não ha impossibilidade de conseguir o desejado.

mais salientes nas letras, nas armas, e na virtude favorita de Cavalleiro, a honra. Seguirão noticias especiaes de outros.

414.ª

NUNO ALVARES PEREIRA CONDESTAVEL DE PORTUGAL.[1] —Nasceu este grande homem no Bom-jardim, pequena povoação da Provincia da Estremadura, a 12 de Junho de 1360, filho illegitimo de Fr. Alvaro Gonçalves *Pereira*[2] Prior da Ordem de S. João do Jerusalem e havido em Iria Gonçalves do Carvalhal: de menino foi creado em casa de seu pae, mas aos trese annos de sua idade, este o deu a El-Rei D. Fernando por morador da sua casa, e affeiçoando-se-lhe a Rainha D. Leonor, o tomou para seu escudeiro, e o fez vestir um arnez, que fôra do Mestre de Aviz (depois Rei) em mais pequena idade, por que outro lhe não servia: assim foi crescendo na idade e na affeição dos Principes até chegar aos dezeseis annos, em que seu pae escolheu para sua mulher a D. Leonor de Alvim, moça viuva sem posteridade[3] de Vasco Gonçalves Barroso, a mais rica herdeira do Reino, e muito illustre por seu nascimento, como filha de D. João Pires d'Alvim e de D. Branca Pires Coelho: posto que o moço escudeiro estava ainda por então pouco disposto ao matrimonio, conveio por obediencia a quem lhe deu o ser, e aos Soberanos, que vivamente se interessavam nesse negocio; recebeu-se, a 15 de Agosto de 1376 em Villa Nova da Rainha, onde por então a côrte se achava; e, havendo passado com seu pae no Bom-jardim alguns dias, passou a Entre-Douro e Minho á casa de sua mulher; com ella viveu em santo temor de Deos, e na mais perfeita união, e teve dois filhos, que logo foram gosar da Bemaventurança, e uma filha, na qual recahiu toda a grande casa do ambos e a herança de um dos nomes mais gloriosos, que a historia pode lembrar Por morte de Fr. Alvaro Gonçalves recahiu o Priorado em seu filho Fr. Pedro Alvares; o ElRei D. Fernando, por causa da guerra com Castella, o nomeou fronteiro de Portalegre, ordenando a *D. Nuno Alvares Pereira*, que o acompanhasse com os outros irmãos: obedecendo as ordens do Soberano partiu para o Alemtéjo, e dessa vez começaria a dar, que sentir aos inimigos, se ElRei, tremendo da sua bravura e pouca idade lh'o não impedisse, pois que era tão irresistivel a sua tendencia para experimentar fôrças em os Castelhanos, que não sabia vencer-se, como mostrou depois: entretanto acompanhando a Lisboa ao Prior seu irmão, a quem ElRei ordenára por fronteiro desta cidade, espiava os, que sahiam das náos da esquadra, para lhe dar caça e fazer em pedaços; mas nada disso o satisfazia, os seus desejos eram uma lide em campo aberto; e, sendo-lhe cortados, porque o Soberano lhe prohibiu e a seu irmão entrar na batalha, a que D. João I de Castella o desafiara, poz tudo em movimento sem effeito para nella entrar: comtudo, apezar disso, e de se lhe vedar a sahida, poz-se a caminho com cinco homens de armas, abriu as portas de S. Vicente, e foi direito a Elvas, onde encontrou o Monarcha; desvanecendo-se, porém, as idéas da guerra com a proposta do casamento da Infante D. Beatriz com aquelle Monarcha, mal se houve comsigo *Nuno Alvores Pereira*, como a mim me parece, por lhe fugir a occasião do açoutar os Castelhanos; mas resignando-se appellou para o futuro, esperando-a.

Depois da morte de ElRei D. Fernando, e dos primeiros successos do Mestre de Aviz, desamparou *Nuno Alvores Pereiro* ao Prior seu irmão e o partido, que elle abraçava, e veio para Lisboa apresentar-se ao novo Regedor do Reino: o irmão procurou affasta-lo por intervenção da mãe, que passando a capital mudou de tenção, e não so confirmou este filho no intento, mas fez, que o acompanhasse Fernando *Pereiro* irmão delle, e tambem seu filho. O Mestre d'Aviz affeiçoou-se a *Nuno Alvares Pereira*, de modo que sem seu conselho nada fazia, e nessa distincção mostrou a grande capacidade, de que Deus o dotara, escolhendo para seu lado quem lhe deu e consolidou um Throno e com elle a independencia do Reino: era tal a confiança do Principe no braço desse grande homem, que em qualquer conflicto dos, que teve em sua ausencia, dizia: «*Nuno Alvares não estó, mas temos melhor auxilior em Deos e no Santissimo Virgem*»: se o Mestre d'Aviz não fôsse um homem grande por mil rasões, bastava-lhe para o considerarmos tal haver tido o talento de se lançar nos braços do filho de Fr. Alvaro Gonçalves, porque mais valente, mais fiel, mais decidido, mais habil, e sôbre tudo mais amigo da sua terra natal, este Reino não conheceu outro: os Portuguezes tiveram e terão momentos de verter lagrimas por Affonso de Albuquerque, porém mais amargas já foram, e hão de ser ainda as, que ha de chorar por *Nuno Alvores Pereiro:* entretanto vamos aos factos. Empenhou-se a guerra contra Castella, e a fronteira d'entre Tejo e Odiana, coube em partilha ao illustre descendente da familia *Pereira:* desde a batalha dos Atoleiros venceu os Castelhanos dentro e fora do paiz, e raras foram as luctas, em que não esteve presente, ou sôbre que ao menos não desse conselho, sendo demonio para os Castelhanos em toda a parte. Nas côrtes de Coimbra oppoz as argucias de João das Regras as palavras de um homem da sua classe em taes assembleas, procurando desse modo, que tivesse valor politico, e se não reduzisse a um acordão de desembargadores o voto dos Estados[4]: na batalha de Aljubarrota foi o braço direito do novo

[1] Posto que morresse em habito Monastico, tambem quiz fazer aqui uma excepção, por ter meio de apresentar nesta parte um nome, como eu conheço poucos.

[2] Tão illustre, como a familia do condestavel, ha outras muitas na Europa, mais não; e bem desnecessario é dar agora testimunho disso.

[3] Affirmaram desta senhora chegar donzella ao estado de viuva: nisto não ha impossibilidade, nem é esse um facto unico.

[4] Os homens da Nobreza, que estiveram nas côrtes de Coimbra, não eram tão ignorantes, que deixassem de lembrar-se das tradicções antigas; e bem póde ser, que a muitos escandalisasse, a ponto de desampararem a causa do Mestre de Aviz, o estillo de negocio forense, que o chanceller deu ás questões; e por outra parte o receio de ver substituir a sua authoridade naquelle Tribunal por homens da toga os faria abandonar a causa, que abraçaram. Se isto não é assim, exhibam-se provas do contrário: vê-se dos Chronistas, que principalmente Martinho Vasques da Cunha se oppozera á eleição do Mestre d'Aviz em Rei, por affeição ao filho de D. Ignez de Castro; e pergunto eu, o libello infame, que depois apresentou o chanceller, produziu algum bom effeito? Máu o vejo eu, e peior nas palavras de João das Regras: «*Estes reinos estão de todo vagos, e a eleição delles fica livre ao Povo*» logo não era ao Clero, nem á Nobreza, que competia a eleição, mas só ao Povo: o chanceller podia passar hoje por um bom patriota.

Rei[1]: depois da victoria açoutou os inimigos em sua casa, até se fazer a paz não lhes deixou um dia de quietação, e por fim da vida ainda foi colhêr louros a Ceuta. Deveu *Nuno Alvares Pereira* a ElRei D. João I sincero amor, com que bem lhe pagou o serviço, que igual não teve; com o grande affecto lhe doou grandes estados; nomeou-o seu Condestavel, Mordomo, e Conde de Ourem; e lhe deu grande parte no govêrno da Monarchia: não teve o Condestavel senão uma filha, que o representasse, D. Beatriz, e essa casou ElRei com seu filho illegitimo D. Affonso, que depois foi o primeiro Duque de Bragança: por tão alta alliança descende a Serenissima Casa Reinante do maior Capitão, que Portugal viu em sua defesa. Quiz o Condestavel deixar memoria pia de suas acções, e para isso fundou o Mosteiro de Nossa Senhora do Carmo de Lisboa[2]; e depois de viuvo para lá se retirou a viver em socêgo e habito penitente de Donato; e assim morreu no 1.º de Dezembro de 1431.[3]

415.º

Veneravel THOMAZ MORO Chanceller de Inglaterra.—Nasceu em Londres, no anno 1464, de uma familia illustre[4], filho de João *Moro*, magistrado judicial: Deos o dotou de grande talento, muita inclinação á sciencia, rectissimas intenções, espirito de justiça, e extrema bondade: levado de taes prendas, o Cardeal Morton o recebeu entre sua familia, e enviou á Universidade de Oxfford: lá fez *Moro* seus estudos com grande proveito; e não era menor o adiantamento, que levava na piedade Christã: sua reputação chegou a ser tal, que entrou no parlamento logo que para isso teve idade; e o Cardeal Volsey o introduziu ante Henrique VIII, e lhe abriu o caminho para o conselho privado: o Monarcha lhe concedeu graça, estimou muito, e o empregou em differentes commissões importantes, principalmente nas conferencias de Cambrai, que desempenhou vantajosamente; por isso foi elevado ao cargo de chanceller, em que se apresentou modelo de justiça, de desinteresse, e de generosidade; mas, como sempre, quando os Soberanos não ponderam bem os serviços dos vassallos da qualidade de *Moro*, elle vivia no centro da mediocridade; e, apesar das recriminações de sua familia, nada era capaz de o guiar aos pés do Rei solicitando augmento de fortuna: louvavel em todos os actos da sua vida, não o foi menos na expedição dos negocios, porque antes de dois annos desembaraçou todas as causas pendentes ha vinte, e nunca deixou de ter todos os processos em dia.

Quando Henrique VIII escreveu contra a doutrina de Luthero, *Moro* e o Bispo de Rochester Fisher, isto é, os dois maiores homens de Inglaterra, os mais recommendaveis pela sciencia e pela virtude, e que ambos confessaram sua fé, levando a constancia até ao martyrio, acreditavam esse escripto com sua reputação; mas aquelle Soberano, que procurára adquirir um nome glorioso aos olhos dos Catholicos, bem depressa se preverteu, e cuidou de introduzir a miseravel reforma; por isso um e outro desses santos homens o desampararam; e *Moro*, entregando os sêllos reaes, passou a viver com sua familia em Chelsea, onde repartia o tempo entre a oração, o estudo e os cuidados domesticos: entretanto o Monarcha despeitado, e sedento de crimes[5], não quiz deixar a *Moro* o gôso do seu retiro, não só pela inveja da paz, que acompanha o homem de virtude, mas porque incommodava sériamente os seus planos, e dos outros amigos do infame Luthero, um adversario tão poderoso na opinião geral, como era *Moro*; por isso recusando elle dar o juramento de *supremacia* exigido, o encerrou em uma masmorra, privando-o até da consolação dos seus livros; e nada bastou para abalar a firmesa do Confessor de *Christo*, nem promessas, nem ameaças da côrte, nem as lagrimas de sua propria mulher: a inquisição se estabeleceu contra os Catholicos, e á frente della estava Thomaz Cromwel, que aconselhára ao preverso Henrique VIII a declaração de chefe da Igreja em Inglaterra; o malvado tribunal começou os seus trabalhos de sangue; *Moro*

[1] Froassar, um historiador Francez de grande merito, escreveu correntemente, que uns mil Cavalheiros da sua Nação que vieram auxiliar D. João I de Castella, ficando nossos prisioneiros, foram assassinados antes da batalha d'Aljubarrota: Deste facto nem um só de nossos historiadores modernos, que eu saiba, se fez cargo até hoje, e a memoria de ElRei D. João I de Portugal e de seu illustre condestavel tem passado infamada com o ferrete da maior ignominia, sem que alguem cure de examinar, se o facto é verdadeiro. Nas campanhas, por mais que o preguem os capitães e soldados, não ha tantos principios de humanidade como se deviam desejar (posto que mais alguns do que nos tribunaes da escóla juridica): entretanto um facto como este, que se acha nos escriptos do historiador Francez, é de tal transcendencia, que póde pôr em dúvida quanto bem se disser dos dois maiores homens, que Portugal conheceu nessa época, em que esteve a ponto de perder a sua liberdade a favor do filho de D. Henrique o *bastardo* de Castella. A authoridade de um escriptor, que bem podia ver o facto, deixa a todo o homem vacillante, muito mais quando esse escriptor é de um caracter sizudo; mas Deus nos livre que as suas palavras devessem por si só dar o testimunho da verdade, porque a Historia, unico ramo da sciencia, em que essa mais facilmente se consegue, e o mais util á humanidade pelos exemplos e pelas considerações do passado, não sería mais, que uma narração esteril e mentirosa. Sei eu, que quem aborrece o seu estudo arduo, e a crítica, sem a qual ella é nada, muito mal a conceitua, mas para isso ha muitas rasões de conveniencia, e uma dellas é o receio de se patentearem os proprios defeitos; deixemos porém similhantes interesses. Se o Francez disse a verdade, eu serei o primeiro a abater na somma dos monumentos gloriosos de nossos dois heroes: entretanto quero provas para isso, appareça um só aresto, que apoie o dito de Froassar: em Portugal não me consta, que o haja, e na chronica Hespanhola de Ayala, de tanta fé como a daquelle Francez, nada achei. Conheço, que isto não basta para contradizer a Froassar; mas, não podendo, por agora, adiantar mais o trabalho, contento-me de estabelecer a dúvida sôbre esses fundamentos negativos; e me parece, que talvez sejam auxiliados pelo exame imparcial do texto do Francez, em cotejo com o do nosso Fernão Lopes e o do Hespanhol Ayala. Não creio no facto, e appello para um futuro exame feito com auxilio das regras de uma critica judiciosa.

[2] Ainda que seja contra a economia politica, direi aqui de passagem, que haverá fome, em quanto não se restaurarem os grandes Mosteiros de Portugal: de proximo alguns factos me confirmam nesta opinião.

[3] Fernão Lopes *Chronica de ElRei D. João I*—Anonymo *Coronica do Condestabre de Portugal*—Frosmannus *Historiarum libri*—D. Pedro Lopes de Ayala *Cronicas de los Reyes de Castilla, Don Pedro, Don Enrique II, Don Joan I, Don Enrique III*—Francisco de Santa Maria *Anno Historico*. Um quadro representando a cabeça.

[4] A familia *Moro* era uma das Patricias de Veneza, e entre outros grandes homens produziu o Doge Christovão *Moro*: ramificou-se em Inglaterra, e um de seus illustres netos foi o João *Moro* pai do veneravel *Thomaz Moro*.

[5] Desde o primeiro se abre a estrada para todos, quando a soberba é o movel das acções.

foi por elle julgado; e prostrando-se, com a resignação e firmesa de um Martyr, aos pés do algoz na plataforma da torre, em que o haviam encerrado, sua cabeça foi decepada no dia 6 de Julho de 1535, em quanto sua alma pura foi no Céo receber o premio da constancia, com que até ao extremo defendêra a causa de Deos: a cabeça do Martyr esteve exposta durante quatorze dias sôbre a ponte de Londres, e depois enterrada em S. Dunstan, e o corpo na Igreja de Chelsea. Consumou-se a obra da iniquidade, o veneravel *Moro* foi assassinado de quasi setenta e um annos, pouco antes delle o Bispo Fisher [1], e grande número de Catholicos se lhes seguiram!

Moro foi casado, teve filhos e, descendencia; das filhas a mais amada foi Margarida Roper, que fez sacar sua cabeça do logar público, e enterra-la, e ao corpo; dos descendentes é necessario lembrar o illustre Missionario do seu nome, que morreu em 1625: de suas obras lembrarei a *Utupia*, as *Vidas de Ricardo III* e *de Eduardo V*, as *Cartas*, o *Quod pro fide mors non sit fugienda*, os *Commentarios a Santo Agostinho*, e outras de controversia, devoção, e poesia. [2]

416.°

D. GABRIEL DE LANCASTER, Duque de Aveiro.—Nasceu em Castella a 9 de Agosto de 1667, filho de D. Manoel *Ponce de Leão*, primeiro Duque e Senhor da casa dos Arcos naquella Corôa [3], e de D. Maria de Guadalupe *Lancaster* Cardenas e Manrique, 6.ª Duquesa e Senhora da casa de Aveiro em Portugal [4], e 7.ª da de Maqueda no Reino visinho, e teve irmãos D. Joaquim *Ponce de Leão*, que foi o primogenito, 7.° Duque e senhor da casa dos Arcos, por quem se transmittiu a successão. A Duquesa D. Maria de Guadalupe era irmã de D. Raymundo de *Lancaster* 4.° Duque de Aveiro, que falleceu em Madrid a 6 de Outubro de 1666; e filha de D. Jorge de *Lancaster*, Duque de Torres-Novas e herdeiro da casa de Aveiro, e de sua segunda mulher D. Anna Maria Manrique de Cardenas e Lara, que por morte de seu irmão pretendeu a casa de Aveiro, mas oppoz-se-lhe, e conseguiu provimento, D. Pedro de *Lancaster*, irmão de seu pae, Arcebispo de Sida e Inquisidor geral, e a possuiu até 23 de Abril de 1673, em que ella entrou de posse, e a teve até 6 de Fevereiro de 1715, em que morreu. Com a renúncia de seu irmão primogenito acudiu D. Gabriel de *Lancaster*, a quem a Corôa de Castella havia dado o titulo de Duque de Banhos, e litigou com outros oppositores a casa e estado de Aveiro, e obtendo sentença em 18 de Fevereiro de 1720, teve della posse, e se nomeou Duque e senhor desta casa. Viveu em Portugal, foi homem bom e pio, e falleceu solteiro em 23 de Junho de 1745. [5] Por sua morte houveram novos litigios, e o Marquez de Gouvêa, que venceu, teve a desgraça de ser justiçado em 13 de Janeiro de 1758, e o Morgado de Aveiro se annullou, como se tivesse culpa de um crime commettido pelo administrador (se fôsse verdade que o perpetrou), que não era senhor, mas depositario.

417.°

SEBASTIÃO JOSÉ DE CARVALHO E MELLO, Marquez de Pombal.—Nasceu em Lisboa a 6 de Junho de 1699, foi baptisado na Igreja Parochial de Nossa Senhora das Mercês, e era filho primogenito de Manoel de *Carvalho* e Ataide, administrador dos Morgados de Sernancelhe e Rua Formosa, padroeiro da dita Freguezia das Mercês, e Commendador da Ordem de Nosso Senhor *Jesus-Christo*, e de D. Theresa Luiza de Mendonça; e teve irmãos 1.° Paulo de *Carvalho* Prior-Mór da Collegiada de Guimarães, e Cardeal da S. I. R. (dignidade que não chegou a gosar); 2.° Francisco Xavier de Mendoça, Official General dos Exercitos de Sua Magestade Fidelissima, Capitão General do Grão-Pará, e secretario de Estado—3.° Sor Maria Magdalena Religiosa de S. Domingos e Priorosa do Mosteiro de Santa Joanna de Lisboa: foi dotado de muito talento e genio creador, mas de coração altamente duro; e logo ao termo da moeidade soffreu contradições muito proprias a desenvolver no futuro um caracter altivo, e nada paciente; o primeiro facto, que a isso deu causa, esteve na burla constante sôbre a pretenção ao antigo Morgado de Carvalho, que a camara de Coimbra, por disposição do instituidor, apresentava em pessoa da familia delle; porque, havendo Manoel de *Carvalho* e Ataide, seu pae, obtido a escolha de sua pessoa para a administração, entrou em litigio, no anno 1712, contra o Conde de Atouguia para reivindicar a posse,

[1] O seu zêlo e valor Apostolico foi premiado com a Purpura pela Santidade de Clemente VII; mas isso mesmo concorreu para mais depressa obter a palma.

[2] DominGOS Regi *Della Vita di Tamaso Moro*—*Biographie Universelle*—Rohrbacher *Histoire Universelle de l'Eglise Catholique*. Um retrato de meio corpo.

[3] Esta familia é uma das mais illustres da Europa, derivada de um Cavalleiro Godo, D. Sueiro, que foi Conde (Governador) da Galliza em dias de ElRei D. Affonso o *casto*.

[4] Esta familia é derivada do Mestre de S. Thiago e Aviz Jorge, filho illegitimo de ElRei D. João II, e Duque de Coimbra, a quem ElRei D. Manoel, por carta de 7 de Maio de 1500, deu casa, fundando Morgado perpétuo em sua descendencia varonil, ao qual ElRei D. João III ligou o titulo ducal de Aveiro: pela naturesa da investidura, esse Morgado só poderia ter passado a femeas, extincta a descendencia varonil do filho de ElRei D. João II; porém assim se quiz, e em tal supposto, acabadas as despensas, mas extincta já pelas sentenças da chamada conspiração contra ElRei D. José, requereu D. Caetano de *Lancaster*, que se lhe désse, por ser o unico varão, que varonia lidima tinha do Mestre de S. Thiago e Aviz: a occasião não era opportuna, e o requerente foi degradado para Thomar, porque os desembargadores assim o mandaram: hoje seu neto, ainda que por femea, o Conde das Alcaçovas, conserva todos os direitos de sua pessoa.

[5] Souza *Historia Genealogica da Casa Real Portugueza*, e *Memorias Historicas e Genealogicas dos Grandes de Portugal*—Fr. Antonio Roussado *Pumar Genealogico*—O Sr. Conde da Cunha *em carta de 17 de Janeiro último, pela qual teve a bondade de esclarecer-me sôbre o retrato, que classificou um dos, que houve no Paço da Arruda, antes pertença da casa de Aveiro, e hoje de S. Ex.ª* Um retrato de meio corpo sem nome.

exhibindo provas legitimas de sua ascendencia [1], continuou *Sebastião José de Carvalho e Mello* a demanda até 1729, em que conseguiu sentença a favor; mas taes foram os embaraços motivados do patronato, e só delle, quo se vio obrigado a desistir, salvando o seu direito e de seus successores para a primeira vacatura, e essa desistencia se julgou valiosa em 1734 [2]: o segundo facto esteve na animosidade da maior parte da côrte contra elle por causa do seu primeiro casamento com D. Theresa de Noronha, uma viuva rica, e neta da casa dos Arcos [3]: quem conhece quanto é duro a um Nobre tolerar desattenções deste genero, avalia quanta vingança reclamam, e sabe, que nunca deixa de tomar-se, salvo se obsta a impotencia, ou a piedade, e nenhuma destas teve *Sebastião José de Carvalho e Mello*; seja porem dito em seu abono, que, apesar desses factos, das suas inclinações mesmo, não devemos attribuir os massacres da praça de Belem, senão á politica mesquinha e depravada dessa época.

Gosava creditos, no palacio de ElRei D. João V, Paulo de *Carvalho* Arcipreste da Patriarchal, sumilher da cortina desse Soberano, e irmão de Manoel de *Carvalho* e Athaide: foi este, quem abriu ao sobrinho uma brilhante carreira, alcançando do illustre Monarcha, que o fizesse seu enviado extraordinario em Londres: ahi começou elle a desenvolver bastante capacidade, e conseguiu a merecida reputação de homem de estado, pelo que sua magestade o enviou ministro plenipotenciario a Vienna de Austria, com o encargo, principalmente, de negociar um termo ás desintelligencias dessa côrte com a Santa Sé; e a confiança não foi illudida. Subindo ao throno D. José, em 1750, por morte de seu pai, acceitou a recommendação de D. Luis da Cunha, que por este tempo era considerado o primeiro diplomatico da Europa; e em fôrça della chamou o novo Rei para ministro dos negocios estrangeiros e da guerra a *Sebastião José de Carvalho e Mello*, depois lhe confiou os negocios do Reino, e o fez seu primeiro ministro: desde a última época todos os negocios do estado correram por sua mão, e a confiança, que o Soberano depositou nelle, deve importar á sua memoria o reconhecimento pelo bem, e a responsabilidade pelo mal; por isso eu considerarei aqui seus actos — em relação ao paiz em geral — em relação a si — e com respeito ás cousas da Religião: desejava podêr em tudo louvar a sua memoria, porém a verdade requer, que o não faça.

Sebastião José de Carvalho e Mello, em relação ao paiz em geral, foi o maior e melhor ministro, que um Rei podia alcançar: teve poucos exemplares antes da accessão da serenissima casa de Bragança ao throno, nenhum depois até ao seu tempo, faltaram-lhe imitadores, e nem muito remotamente eu espero, que os possa haver: tal é o juizo, que fiz, e faço deste grande homem. O seu elogio começa nas energicas providencias, que deu para salvação da capital no desastroso terremoto de 1755, quando todos estavam aterrados, e ninguem se atrevia a sair dessa inacção, que produzem similhantes phenomenos, se chegam ao estado de assolação daquelle. O respeito, que fez consagrar a Portugal pelas potencias estrangeiras, principalmente pela Inglaterra, é de tal ordem, que faz recordar os felizes tempos da primeira época da Monarchia, e os de D. Manoel, quando havia Cavalleiros para sustentar dignamente a corôa de seus Reis, como para estender com glória os seus dominios; mas essas espadas, que tanto engrandeceram nossa terra, jaziam quasi todas enterradas, com quem as empunhou, e o grande ministro não tinha apoio senão em uma vontade de ferro para se fazer obedecer. As leis de administração da fazenda pública, principalmente as decretadas para as colonias, bastavam para dar um nome bem duradouro a quem as dictou, porque são por si só um verdadeiro monumento de glória: a bôa execução de taes leis produzia, sem vexame dos povos, augmento da renda do estado, evitava os desperdicios, e todo o genero de rapina (talvez essas leis não fôssem muito conformes á economia politica, mas de certo o eram ao incremento da riquesa pública e ao bem da nossa sociedade, e a prova está feita na confrontação dellas, com as que as tem substituido). Providentissimas eram as outras duas em beneficio da agricultura geral, isto é, a de 26 de Outubro de 1765 sôbre as vinhas, e a de 9 de Julho 1773 sobre as propriedades encravadas; mas tem sido até hoje a base de censuras tão iniquas, quanto essas leis apresentam disposições altamente proficuas em beneficio commum do estado, repartindo a primeira pelos terrenos menos proprios a outra cultura aquelle grande ramo da industria nacional; e a segunda apresentando não só um ensaio da colonia geral, e os meios de augmentar a população, de que o paiz precisava, mas o principio de evitar desavenças entre os povos: isto, que testimunha um genio creador desagradou a certos interessados, e deu fôrça a odios velhos, que mostram o caracter avaro e vilissimo, de quem sôbre taes leis se estribou para injustissimas accusações, quando o seu author não merecia, senão as bençãos de todos os Portuguezes. A ingratidão e a perfidia foram mais longo, por motivo da instituição salutar das companhias do Grão-Pará e Maranhão, de Pernambuco e Paraiba, e dos vinhos do Alto-Douro, porque se disse, que o grande ministro tirou desse monopolio lucros illicitos; mas esta accusação é gravissima, e faz bem pouca honra a seus authores, porque lucros podia elle tirar, e para tanto se authorisou com licença do Soberano a fim de ser accionista dessas companhias, bastando só isso para riscar o illicito; e, na verdade, quanto a monopolio, este, constituido por taes companhias, é absolutamente necessario, não só porque se oppõe á horrivel agiotagem, e ainda a destroe, mas porque concorre ao bem geral da sociedade: os lucros da última dessas companhias produziram ao Douro uma tão grande fonte de riquesas, que faz optimo contraste com a miseria e agiotagem, que se seguiram á extincção: a respeito das outras basta-me saber, que Portugal tinha ás suas ordens duas esquadras sem lhes pagar cinco réis; e ácêrca de todas tres eu vejo o meio de extracção dos productos ao lavrador e fabricante, meio, que não houve mais, depois que se extinguiram: eis-ahi o sufficiente em relação ao paiz em geral, porque mostra quanto se pode desejar de genio e acção para fazer um Reino venturoso.

O ministro do senhor D. José I, considerado quanto a si, foi um homem recommendavel pela sua limpesa de mãos: a sua grande fortuna, que chegou a ser collossal, deveu-a a seus parentes, ás suas eco-

[1] Por essas provas está claro, que *Sebastião José de Carvalho e Mello* pertencia á Nobresa, como descendente por varonia dos primeiros administradores do dito Morgado, fundado em 1515.

[2] D'aqui vem o primeiro escandalo, que eu tenho contra este grande homem: o mal, que elle soffreu nesta questão, veio do podêr exaggerado do desembargo do paço: comtudo, em logar de dar cabo desta instituição perniciosa, consolidou-a, e outorgou-lhe mais attribuições: assim são os homens, quando buscam as suas victimas longe, de quem lhes fez mal!

[3] Aqui só accrescentarei, que a ignorancia de então e de hoje produzia e produz uma soberba pouco propria da Nobresa, e que essa foi a causa do terrivel castigo, que a côrte de D. João V tem levado nos ultimos tempos.

nomias, e á munificencia de ElRei, isto esta hoje tão provado, que chega a ser ridiculo trozer de nuvo accusações dessas; alem das de lucros illicitos tirados das companbias, teve outras acêrca do contrato da polvoru arrematado por metade, e do tabaco por uma sommo muito menos cousideravel, que d'antes, como de interêsse no fornecimento do trigo para o exército, e no controto de carnes vordes: sôbre o primeiro de taes contratos dependeu a accusação do um papel feito pelo advogado Francisco Xavier para Martinbo Velho apresentar o ElRei; mas tal era esse papel, que o advogado chegou a ter escrupulos sôbre a verdade dos factos, e tomou a resolução do o queimar, o que não fez; e, accrescentou o Marquez do Alorna (testimunha insuspeita) na *Breve Relação do Forte da Junqueira*, que do tal papel « *se inferiam, com muita probabilidade, grandes conveniencias particulares do Ministro:* » entretaoto se se *inferiam* não se provavam; e menos provovel se tornavo tal delicto, quando, segundo a confissão do Marquez, as vistas dos interessados eram fazer substituir o ministro por Antonio Freire do Andrade Enserrabodes, desacreditando aquelle no ânimo de ElRei: outra testimunha, e egualmento insuspeita, foi o Conde de S. Lourenço D. João de Noronha [1], que proteston serem calumniosas todas essas accusações. Quanto oo contrato do tabaco arrematado por menos a Anselmo José da Crua: esta diminuição apparece, mas tambem e verdade, que se nisso houve culpa, quem a teve não foi o ministro, nem as authoridodes fiscaes, porque dos exames por mim foitos sôbre o caso, tirei em resultado, que o negocio andou com a maior regularidade: era possivel, quo o contratador, seguramento um dos mais ricos negociantes de Portugal, se servisse do seu dinheiro para impedir concorrentes; e oxala quo isto so nesses dias tivesse logar! Finalmonte sôbro os interêsses, quo levou no fornecimento do trigo para o oxército, o no contrato das carnes verdes, e notavel, quo não houvesse vergonba para se produzirem, e otė reproduzirem modernomente similhantes accusações: os contratos da fazenda pública eram arrematados nos tribunaes da corôa, e devo dizer-se calumniosa a pretenção, do quo lá se fizessem traficancias [2], e não menos levar a malquerença, senão a desculpa dos proprios crimes, a taxar do ladrão, quem o não era. Para o salvar de tal culpa basta-mo o testimunho, que já olleguei, de dois homons honradissimos, o por elle perseguidos, o Marquez de Alorna e o Conde do S. Lourenço; o sôbre tudo quantos actos o ministro proticou, porque não existe um so, de que se lhe possa fazer cargo nessa parte. Mas poderei eu dizer outro tanto acêrca da permissão, com quo deixon perecer aos golpes do maço dos algozes o Duque de Aveiro e seus parentes? com que se encheram as prisões de homens, quo outra culpa não tinham senão ser desaffectos á sua pessoa, ou alguns manejos para uma mudança politica? Independentemente da falta de provas legitimas da famosa conspiração, quo produziu os tormentos da praça de Belem, supponho eu, quo se não devem passar em silencio alguns factos, quo por ventura terão escapado, a quem escroveu sôbre essa medonha tempestade, que deu cabo de familias inteiras: todos os, quo se disseram conjurodos, pagaram com a vida; mas ao Duquo do Aveiro, quo se julgou o mais culpado, apenas se confiscaram os bens, quando a familia Tavora não aconteceu so isso, mas se picaram as armas, e so aboliu o appellido: similhante facto revola muito sua origem; mas o politica e a seita juridica exigiam mais da familia Tavora, que do Duque de Aveiro, e o ministro curvou a cabeça! Esta historio não foi bem examinada, o deixa-la-hei, por muito horrorosa, para quando se escrever com crítica severa, accrescentando apenas, que eu não creio na conspiração; que effectivamente o Duque de Aveiro deu tiros em ElRei por cuidar, que era Pedro Teixeira, contra quom tinha vinganças a satisfazer; que o infelix Mascarenhas poderia levar o soberba otė ao ridiculo, mas era incapaz de passar daqui; que a fomilia Tavora e seus outros parentes, com uma ou outra excepção, eram capazes do fazer desandar, no caminho, a politica ruinosa oncarnada nos tribunaes; que o Marquez de Tavora pae, talvez não besitasse emprehender umo restauração dos antigos fôros do Clero, da Nobreza e dos municipios, quando se aboliam as Côrtes, e se dova aos desembargadores o direito de impôr tributos, o se lhe entregava todo o podėr do estado, chegando o consideror-se crime de alta traição a menor resistencia a um esbirro juridico; quo finalmente nunca podera provar-se, apesar dos escandalos, que se dizia dar ElRei a uma das familias suppliciadas, que ellas conjuraram contra sua real pessoa, e nem ainda quo eram capazes disso; mas os desembargadores, de quem o proprio ministro fôra anteriormonte victima, as julgaram rés, como julgariam a elle ministro, se nõo se lhes lançasse nos braços. Eram os ultimos arrancos do uma seita, que ia ser supplantada por outra mais domnada, mas que depois teve fôrça para resuscitar!

O peior e o, que elle, dando tanta fôrça á eschola, fez com respeito ao principio Religioso, porque não tom defesa; a abolição das capellas, a extinção dos Jesuitas, a prisão do veneravel Bispo Miguel do Annunciação, as emendas a Profissão do Fe, o a sancção das doutrinas regalistas, são factos, que não admittem a menor réplica: as capellas estava annexo um pio, o neste supposto subsistia acêrca dellas a consagração religiosa, por isso não tinha o podêr temporal direito para as abolir sem concurso da Authoridode Ecclesiastica; mas Henrique VIII secularisou Mosteiros, e por este supposto, do que reside nos Soberanos direito de obolir os pios em fôrça do naturesa do seu podêr, se fez a obolição sem consulta da Igreja: quanto á extincção dos Jesuitas, já está dito em differentes partes desta obra o, quo nisso houve; Portugal foi quem mais se distinguiu nesta horrivel demanda, o por isso me remetto ao que já escrevi; accrescentando apenas, que não só considero iniquidade no acto, porém nos meios; e não me será impossivel mostrar, que se o Santo Padre Clemente XIV não cedesse, Portugal se forraria a obediencia da Santa Sé; a censura dos livros sôbre materia de crença arrancada aos Bispos, e posta nas mãos do um tribunal civil, produziu uma sentença infame, diametralmente opposta ao Evangelho, a que se deu coutra o veneravel Bispo de Coimbra Miguel de Annunciação, e o zêlo desse varão Apostolico trouxe o procedimento barbaro e iniquo de o separarem das suas ovelhas, e o lançarem em uma masmorra [3]: as emendas a Pro-

[1] Segundo os *Breves Apontamentos da Sua Vida* (por author anonymo), que possuo.

[2] Em 1760 o contrato das carnes foi arrematado no conselho da fazenda por cincoenta e nove contos quatrocentos e cincoenta mil réis: depois (em 1764), apesar das isenções, que se haviam feito, não passou o lanço de cincoenta e um contos: o tribunal consultou, e o resultado foi abrir-se de novo a praça: assim andavam as cousas nesse tempo, e o ministro, que disseram interessado, era o primeiro a promover os interesses da fazenda pública.

[3] Muitos Sacerdotes, que não partilhavam as idéas do lutheranismo disfarçado em regalismo, nem eram jansenistas, tiveram a mesma sorte. São dignos de louvor, posto que a algumas pessoas se tornem suspeitosos por desasados, os actos, que

fissão da Fé do Santo Padre Pio IV, que fez jurar pelos lentes da universidade de Coimbra, depois da reforma, e que andam impressas pelo famoso Padre Antonio Pereira de Figueiredo, não admittem commentos àcêrca das pretenções desta época: finalmente a *Tentativa Theologica* obra daquelle Padre, e a *Deducção Chronologica*, que saiu em nome de José de Seabra da Silva [1], não deixam nada a desejar sôbre o estabelecimento das doutrinas absolutamente contrárias à doutrina e letra do Evangelho e dos Padres da Igreja.[2] Horrivel conspiração foi a do seculo passado, que arrastou, sem talvez elle querer, o maior homem da sua edade!

Respeito o ministro do Senhor D. José I, como grande homem de estado, que fez relevantes beneficios ao seu paiz, e nunca soube apoderar-se do alheio; e não quizera eu, que elle sacrificasse tanto à politica, e se mostrasse pouco catholico; mas Deus teria compaixão de sua alma! O que se fez máo em seu tempo talvez lhe não deva ser por modo algum imputado; e eu não sei por que ainda hoje jaz insepulto! altos juizos de Deos: deixemos porém essas idéas, e vamos ao resto de sua historia. O senhor D. José I, em premio dos seus serviços até 1759, e pelos de Paulo de *Carvalho* seu tio, feitos ao senhor D. João V, lhe deu o titulo de Conde de Oeiras; mais tarde, em 1770, pelo zêlo, com que continuou a empregar-se no serviço, lhe deu o de Marquez de Pombal; e por fim, desejando galardoa-lo melhor, não só lhe permittiu o estabelecimento de um novo Morgado para seu filho segundo, porém annexou-lhe, em 1776, o titulo de Conde da Redinha, com o fim determinado de estabelecer uma casa separada para esse filho segundo: finalmente o seu prestimo e zêlo, e a confiança do Monarcha lhe deram os cargos de conselheiro de estado, logar tenente do erario e da reforma da universidade, que accumulou com o de ministro do reino e primeiro ministro; e pela mesma rasão obteve o reguengo de Oeiras e a Commenda de S. Miguel das Tres Minas. Casou a primeira vez sem posteridade com D. Theresa de Noronha, viuva de seu primo Antonio de Mendonça, e filha de D. Bernardo de Noronha e de D. Maria Antonia de Almada; e segunda vez em Vienna de Austria com a Condessa D. Leonor Ernestina, filha de Henrique Ricardo, Conde de Daun, e de Maria Violante Josefa, Condessa de Poymond; e teve:—1.° Henrique José de *Carvalho* e Mello, 2.° Marquez de Pombal, que morreu sem posteridade legitima—2.° José Francisco de *Carvalho* e Daun, 1.° Conde da Redinha, 3.° Marquez de Pombal e progenitor das duas casas de Pombal e Redinha—3.° D. Theresa Violante Eva Judith de *Carvalho* e Daun, mulher de Antonio de Sampayo Mello Castro Torres e Lasignano, Senhor de Villa Flor e 1.° Conde de Sampayo—4.° D. Maria Francisca Xavier Eva Anselma de Daun mulher de D. Christovão Manuel de Vilhena. [3] —5.° D. Maria Amalia de *Carvalho* e Daun, mulher de João Vicente de Saldanha Oliveira e Sousa, administrador do Morgado de Oliveira e 1.° Conde de Rio Maior.

III.

MAGISTRADOS DO SERVIÇO DOS REIS.

Não reconheço na sociedade civil senão as duas classes de Nobres e Plebeos; mas fiz esta distincção acêrca daquelles, que em sua vida, sem pertencer, que eu saiba, á primeira, gosaram das considerações, que dão os cargos publicos. Entre os Romanos, na republica, quando da Plebe sahiam os grandes *Magistrados*, a ella tornavam sem se considerarem deshonrados, porque honrada é ella; mas posteriormente nas Monarchias, ainda mais talvez, que nas republicas, a pretenção vaidosa de esconder a origem é uma mania de tal conta, que chega ao escandalo: pois bem, e já mais de uma vez fica dito, quem nasceu da Plebe, a ella volta, porque só uma cousa dá nome, que se não apaga—a virtude:—a posteridade não perguntará se o *Magistrado* foi Nobre, mas se elle foi *honrado*, *zeloso* e *justiceiro*.

Posto que nas Monarchias unicamente a Nobresa fórma a ordem elevada e superior da sociedade, os grandes cargos não foram, nem são vedados aos homens plebeos; porque nem Deos contrahiu os talentos e merecimentos só á Nobresa, nem esta deixou em tempo algum de reconhecer esse grande principio; e não são poucas as vezes, que ella de bôa mente tem concorrido para a elevação dos plebeos aos altos cargos, quando mesmo bastantes vezes lhe pagaram com alta ingratidão. A segunda classe da sociedade,

praticou em Pombal o ministro decahido com o Santo Prelado de Coimbra no regresso á sua Igreja: logo que elle chegou á villa, e se hospedou no Mosteiro dos Religiosos Capuchos, o ministro mandou o seu ouvidor pedir-lhe licença para o visitar, e, dada essa com a bondade de Anjo, appareceu o ministro, prostrou-se por terra gritando: « *Meu Prelado*, *meu Prelado*, *benção!* » e, por mais, que o Santo Confessor de Christo instasse para se levantar, não o quiz fazer, até que lhe disse, que se levantasse, ou elle se lançaria a seus joelhos: santa humildade de um Bispo Catholico! Fez o Prelado ahi a visita, e indo depois despedir-se do ministro, o deixou com os olhos arrasados de lagrimas, e talvez arrependido, porque tão grande emoção, causada pela caridade de um Pastor Evangelico, nunca elle experimentára

[1] No cartorio da casa da Bahia encontrei um documento autographo, em que elle declarou não ser o author da *Deducção Chronologica*.

[2] Para ser Catholico necessita-se ter em conta, que o Christianismo não é o, que pretendem inculcar, e *os direitos preexistentes*, com que tanto se tem alardeado, não são conformes nem ao espirito, nem á letra do Evangelho: a grande questão entre a Authoridade da Igreja e os Cesares foi sôbre *os direitos preexistentes:* os Cesares eram pontifices do paganismo, e de uma religião inventada pelos homens; mas essa qualidade perdeu-se com a instituição da Igreja Christã, a questão venceu-se depois de haverem derramado puro sangue milhões de Martyres.

[3] Um retrato de corpo inteiro, e dois de meio corpo.

por outra parte, tem direitos muito sagrados, e que ninguem pode contestar, a elevação de seus filhos, quando lhes assistem os talentos e o merecimento; porque ella formo uma parte do grando todo, e similhante elevação não é apanagio exclusivo de outra classe, porque os cargos publicos pertencem a ambas.

De ambas essas classes se contam entre nos, tanto *Capitães* como *Magistrados*, a quem, pelas circumstancias de *honra*, *zêlo* o *justiça*, devemos um testimunho de muita consideração: *Vasco da Gama* e *Bartholomeu Dias*, foram dois famosos *Capitães*, a quem muito deve esta Nação; *Nuno Martins da Silveira* o *Luiz Teixeira Lobo* eram dois *Magistrados* de muita inteireza; o *Marquez de Pombal* o *Alexandre de Gusmão* occuparam eminentes cargos do Estado com grande nome; e todos egualmente se tornaram distinctos por seus merecimentos, sendo o primeiro, terceiro, e quinto de origem Nobre, e os outros nascidos, segundo tenho presente, da outra ordem do sociedade. Direi aqui de dois so individuos o, que delles sei.

418.°

JOSÉ ANTONIO DE OLIVEIRA MACHADO, Desembargador ao Conselho da Fazenda. — Nasceu em Evora, foi baptisado na Igreja Parochial de Santo Antão a 7 de Abril de 1696, e era filho de Diogo Machado e de Marianna da Silveira; seguiu a faculdade de leis na universidade, e teve sentença de habilitação para os logares de letras em 20 de Setembro de 1730: entrou na carreira judicial, o foi um dos magistrados, que mais se distinguiu nas questões, que se seguiram á chamada *conspiração* contra ElRei D. José I; (isso o levou depois a procurar abrigo no Mosteiro dos Remedios de Lisboa, e la julgo, que falleceu): teve mercê do habito de Christo, de familiar do Santo Officio, onde se lhe processaram as inquirições de geração em 27 de Abril de 1761, desembargador da supplicação desde 15 de Fevereiro de 1758, e do conselho da fazenda desde 8 de Janeiro de 1763, e serviu até ao fim do reinado do Senhor D. José I; mas pouco tempo a deante se asylou naquelle Mosteiro dos Remedios, de que foi bemfeitor [1]; nenhuma outra noticia me foi possivel haver delle.

419.°

MANOEL DE FIGUEIREDO SERRA, Official-maior da Secretaria de Estado dos Negocios Estrangeiros e da Guerra. — Nasceu a 29 de Septembro de 1721: foi official da secretaria de estado dos negocios estrangeiros e da guerra [2]; por decreto de 30 de Agosto de 1777 entrou official-maior della, e por outro de 15 de Outubro de 1797 o aposentaram por impossibilidade de serviço; de mais deste cargo teve o de deputado da junta da casa de Bragança; e gosou sempre o conceito de empregado digno por sua inteiresa e bondade. Toda a sua vida se entregou ao estudo, e suas tendencias eram para a poesia dramatica e lyrica, e nella fez composições, de que a mais notavel é o *Theatro*. [3] Entrou socio na Arcadia de Lisboa com o nome de *Lycidas Cynthio*, e por fim Correspondente da Academia Real das Sciencias desta cidade. A sua carreira civil foi mais illustre, que a litteraria, porque gosou o bem merecido favor da côrte, e além de differentes graças lucrativas, teve a honorifica da Ordem de Christo. Morreu em 27 de Agosto de 1801; e seu irmão Francisco Coelho de Figueiredo publicou as suas obras, o dellas deu a Bibliotheca Nacional um exemplar completo, e depois os originaes dellas.[4] Não me foi possivel conseguir mais alguma cousa.

[1] *Secretaria das Justiças do Desembargo do Paço*, maço 18 da letra *I*; e *Secreto do Conselho Geral do Santo Officio* m. 36 n.° 1267; *Chanc. de ElRei D. José I*, liv. 85, f. 161, e 86 f. 32 (originaes do Archivo Nacional). Um retrato de meio corpo.

[2] Posteriormente se dividiu esta secretaria; e é hoje seu successor na dos estrangeiros Emilio Achilles Monteverde, e na de Guerra José Maria de Barcellos.

[3] No *Ramalhete Jornal de Instrucção e Recreio* em o n.° 151 se faz o juizo critico de seus talentos e obras; mas isso não é do meu assumpto.

[4] Devo estas poucas noticias aos Srs. Manoel Bernardo Lopes, José Maria de Barcellos, e Francisco Martins de Andrade. Um retrato de meio corpo sem nome

SUPPLEMENTO.

Reservei para este logar aquelles individuos, de quem não me foi possivel conseguir noticias, que bastassem para delles dizer alguma cousa: a falta, por outra parte, de dados chronologicos me obrigou a seguir a ordem alphabetica; mas não collocarei todos esses individuos em uma só lista, porque necessito dar preferencia ao sublime da jerarchia Ecclesiastica; e neste supposto vou fazer tres divisões: — 1.ª dos Sacerdotes — 2.ª dos que, posto entrassem no Clero, não subiram tão alto — 3.ª dos restantes.

I.

SACERDOTES.

120.º

REVERENDO FR. ANTONIO DA EXALTAÇÃO — Religioso da Provincia de Santo Antonio de Portugal, morreu em 1718.

(Dois retratos de meio corpo).

121.º

REVERENDO Fr. BENTO DA CONCEIÇÃO — Monje de Santa Maria de Alcobaça e Lente de Vespera de Theologia na Universidade de Coimbra, morreu de oitenta e oito annos em 1779.[1]

(Um retrato de meio corpo).

122.º

REVERENDO BENTO CORRÊA — Clerigo secular da Congregação do Oratorio de *Jesus Christo*. Entrou em 24 de Dezembro de 1677, e morreu em 28 de Julho de 1721.

(Um quadro representando a cabeça).

123.º

REVERENDO BERNARDO — Natural de Lisboa, e 5.º Geral da Congregação do Evangelista em 1476.

(Um retrato de meio corpo).

[1] O Reverendo Fr. Francisco de Mello ex-Abbade da mesma Santa Congregação me communicou, que lhe constava ter sido este bom Religioso um dos que foram perseguidos e presos em companhia ou no mesmo tempo do veneravel Bispo de Coimbra Miguel da Annunciação.

424.°

Reverendo Fr. BOAVENTURA DE SANTO ANTONIO—Religioso da Provincia de Santo Antonio de Portugal, e Missionario no Maranhão, onde baptisou povoações inteiras, morreu em 1697.
(Dois retratos de meio corpo).

425.°

Reverendo DIOGO—Natural de Leiria, e 18.° Geral da Congregação do Evangelista em 1554.
(Um retrato de meio corpo).

426.°

Veneravel Fr. FRANCISCO DA ENCARNAÇÃO—Natural de Lisboa, Eremita de Santo Agostinho e Missionario na Grecia, foi martyrisado em Março de 1632.
(Um retrato de meio corpo).

427.°

Veneravel Fr. GIL DE S. ROQUE—Natural de Lisboa, Eremita de Santo Agostinho e Missionario no Malabar, foi martyrisado em 1621.
(Um retrato de meio corpo).

428.°

Reverendo Fr. GONÇALO DO ROSARIO—Religioso da Provincia de Santo Antonio de Portugal foi eleito Bispo de S. Thomé, mas recusou, e morreu em 1790.
(Um retrato de meio corpo).

429.°

Reverendo Fr. GREGORIO DOS ANJOS—Natural do bairro de Mocambo em Lisboa, Eremita de Santo Agostinho, e Missionario, morreu peregrinando na Persia em Março de 1632.
(Um retrato de meio corpo).

430.°

Reverendo JERONYMO—9.° Geral da Congregação do Evangelista em 1506.
(Um retrato de meio corpo).

431.°

Reverendo JOÃO DE SANTO ANTONIO—8.° Geral da Congregação do Evangelista em 1503.
(Um retrato de meio corpo).

432.°

Veneravel Fr. JOÃO DA NATIVIDADE—Natural de Santarem, Eremita de Santo Agostinho, e Missionario em Mombaça, foi martyrisado em Fevereiro de 1632.
(Um retrato de meio corpo).

433.°

Veneravel Fr. LOURENÇO DE S. NICOLÁO—Natural de Lisboa, Eremita de Santo Agostinho e Missionario em Bengalla, foi martyrisado em 6 de Dezembro de 1692.
(Um retrato de meio corpo).

434.°

Reverendo Fr. MANOEL DE S. FRANCISCO—Religioso da Provincia de Santo Antonio de Portugal, e Leitor de Philosophia e Theologia, foi eleito Bispo de Cabo-Verde, mas rejeitou, e morreu em 1781.
(Um retrato de meio corpo.)

435.°

Reverendo THEODOSIO DE ANDRADE—Clerigo secular da Congregação do Oratorio de *Jesus Christo*, entrou em 27 de Maio de 1673, e morreu no 1.° de Agosto de 1740.
(Um quadro representando a cabeça).

II.

DA TONSURA AO DEACONADO.

436.°

Fr. BERNARDO DE SANTA MARIA—Natural da Cachoeira e Corista de Provincia Seraphica de Santo Antonio de Portugal, morreu em 1634.
(Um retrato de meio corpo).

III.

RELIGIOSOS LEIGOS.

437.°

Veneravel BALTHAZAR DA COSTA—Religioso da Santa Companhia de *Jesus*, e Martyr.
(Um retrato de meio corpo).

438.°

CHRISTOVÃO FRANCISCO—Religioso da Congregação do Oratorio de *Jesus Christo*, entrou em 10 de Abril de 1681, e morreu em 18 de Maio de 1730.
(Um retrato de meio corpo).

439.°

Fr. DIOGO DE BARBUDO—Religioso Minimo do Mosteiro de Granada.
(Um retrato de meio corpo).

440.°

Fr. FRANCISCO CECCART—Natural de Genova, e Religioso Minimo do Mosteiro de Santa Oliva de Palermo.
(Um retrato de meio corpo).

441.°

Veneravel FRANCISCO LOPES—Religioso da Santa Companhia de *Jesus*, e Martyr.
(Um retrato de meio corpo).

442.°

Fr. MANOEL DE JESUS—Natural de Cobedo, termo de Cintra, e Monge da Congregação do Senhor *Jesus* da Bôa Morte, falleceu em 29 de Maio de 1754.
(Um retrato de meio corpo).

443.°

MANOEL DOS SANTOS—Religioso da Congregação do Oratorio de *Jesus Christo*, entrou em 20 de Janeiro de 1681, e morreu em 25 de Janeiro de 1723.
(Um quadro representando a cabeça).

444.°

Veneravel NICOLÃO DE SAXONIA—Monge da Congregação de S. Bruno, que esteve vinte annos sem comer nem beber.
(Um retrato de meio corpo).

FIM.

INDICE.

NOMES	N.os	PAG.
Affonso 1.° (D.)	393	278
» 6.° (D.)	401	297
» da Assumpção (Fr.)	199	198
» Mendes	76	123
» Nogueira	60	108
Agostinho (S.to)	3	4
» de S. Boaventura (Fr.)	326	243
» de S.ta Maria (Fr.)	302	236
» Pipia (Fr.)	101	146
» Ribeiro	106	150
Alberto Maria Ambiveri	245	215
Alexandre 5.°	31	57
» Oliva (Fr.)	166	183
» da Sacra Familia (Fr.)	121	161
Alvaro de S. Boaventura (Fr.)	80	127
Ancherio Pantaleão	150	177
André de S. Bento (Fr.)	258	220
» de S. João (Fr.)	256	220
» Nunes da Silva	284	231
» de Oviedo	75	122
» de Setubal (Fr.)	214	204
Antão (S.to)	2	3
Anthelmo (S.to)	7	10
Antonio (S.to)	10	15
» dos Archanjos (Fr.)	329	244
» das Chagas (Fr.)	240	213
» » (Fr.)	269	225
» » (Fr.)	276	228
» de S.ta Clara (Fr.)	306	238
» da Conceição	216	205
» »	279	228
» »	303	236
» » (Fr.)	247	216
» Corario	88	133
» do Desterro Malheiro (Fr.)	144	174
» da Exaltação (Fr.)	420	315
» de Faria	315	240
» Frojaz (Fr.)	364	253
» da Graça (Fr.)	346	249
» de S. João (Fr.)	335	245
» de Lisboa (Fr.)	182	191
» de S.ta Maria (Fr.)	131	165
» da Paixão (Fr.)	225	209
» de Penella (Fr.)	380	266
» da Penha de França (Fr.)	125	163
» da Purificação (Fr.)	321	242
» Reis	316	240
» Ribeiro dos Santos	375	258
» Rongel (Fr.)	138	169
» da Silveira (Fr.)	372	256
» Soriano	54	102
» Tavares	269	255
» Telles (Fr.)	264	222
» de S. Thomaz (Fr.)	322	242
» de S. Vicente (Fr.)	195	196
» de Vizeu (Fr.)	203	201
Apolinar de Almeida	97	140

NOMES	N.os	PAG.
Ascenso Vaqueiros	386	268
Athanasio da Cruz (Fr.)	194	196
Balthazar da Costa	437	317
» da Encarnação (Fr.)	341	247
Bartholomeu dos Martyres (Fr)	48	95
» de Paula (Fr.)	385	268
» do Quental	275	227
Bento XI (B.)	20	33
» 13.°	38	77
» 14.°	39	79
» da Conceição (Fr.)	421	315
» Corrêa	422	315
» do Espirito Santo (Fr.)	291	233
» Fenaja	46	91
» de S. Jorge (Fr.)	249	217
Bernardo	423	315
» de Brito (Fr.)	222	208
» de *Christo*	190	195
» Lopes	359	252
» da Madre de Deos	272	227
» de Santa Maria (Fr.)	436	317
» Olivario	77	125
» de Portes	102	147
Boaventura de Santo Antonio (Fr.)	424	316
Camillo de Lellis (S.)	16	30
Carlos de S. Boaventura (Fr.)	287	232
» do Espirito Santo (Fr.)	79	126
» de Thomaci	262	222
» Thomaz Maillard de Touroon	43	88
Chrisostomo da Vesitação (Fr.)	217	206
Chrystovam Francisco	438	317
» de S. José (Fr.)	233	212
» de Lisboa (Fr.)	246	216
Clemente 11.°	37	75
» 13.°	40	80
» 14.°	41	83
Cypriano de S. José (Fr.)	155	174
Diogo	425	316
» dos Anjos	274	227
» » (Fr.)	234	212
» de Barhudo (Fr.)	439	317
» de *Jesus* Maria Jardim (Fr.)	137	168
» da Madre de Deos (Fr.)	299	235
» de Santa Maria	179	190
» Peregrino (Fr.)	205	201
Dionysio Cartusiano (Fr.)	167	184
» de Deos (Fr.)	360	253
Domingos Barata (Fr.)	133	166
» da Estrella (Fr.)	325	243
» de S. José Machado	365	254
» Pereira	339	247
» de S. Thomaz	314	240
Edemundo Campeano	198	198
Emerico de Eszterhazy (Fr.)	70	116
Estacio de Almeida	354	251
Estevão Brulifer (Fr.)	171	186
» de Castiglioni (B.)	19	32

NOMES	N.os	PAG.
Eudo (B.)	17	31
Eugenio 4.°	32	58
Eusebio Luciano de Carv.° G.°° da Silva	142	173
Fernando Eanes (Fr.)	391	272
» Pires	210	203
Filippe Neri	334	245
Fradique de Portugal	57	105
Francisco de S.to Agostinho de Macedo	267	223
» Arauba	387	269
» Binanes (Fr.)	221	208
» de S. Bernardo de Mesquita	298	235
» de Borja (S.)	15	27
» de Castro	105	159
» Ceccart (Fr.)	440	317
» da Encarnação	426	316
» de Santa Gertrudes (Fr.)	370	255
» Gomes de Avelar	81	128
» Gonzaga	90	135
» da Graça (Fr.)	227	210
» de S. Jeronymo	143	173
» de *Jesus* (Fr.)	215	205
» » Maria (Fr.)	324	243
» » » José Castello	358	252
» José	353	251
» Leitão (Fr.)	87	133
» Lopes	441	317
» Machado (Fr.)	189	191
» de Madre de Deos	250	217
» Manco	261	221
» Manoel	345	249
» de Marchia (Fr.)	157	180
» de Santa Maria	116	159
» » »	92	231
» » » Leite	180	190
» Maria Banditi	58	106
» Mavronio (Fr.)	158	180
» do Rosario (Fr.)	310	239
» de S. Simão (Fr.)	123	162
» Soares	251	218
» de S. Thomaz (Fr.)	344	249
» Xavier	308	238
» » de Santa Anna (Fr.)	352	251
Gabriel de Lancaster (D.)	416	310
Gaspar dos Anjos (Fr.)	193	196
Gerardo de Arimino (Fr.)	163	182
Gil Romano (Fr.)	51	100
» de S. Roque (Fr.)	429	316
» de Viterbo (Fr.)	112	151
Gonçalo da Graça (Fr.)	255	219
» de *Jesus* (Fr.)	374	257
» de Lisboa (Fr.)	118	177
» da Madre de Deos	283	231
» do Rosario (Fr.)	428	316
» da Silveira	185	192
Gregorio 9.°	25	45
» 12.°	30	55
» 14.°	36	74
» dos Anjos (Fr.)	429	316
» de Santa Catharina (Fr.)	117	159
» Petrochino (Fr.)	96	140
» Selleri (Fr.)	305	237
Guilherme de Santo Agostinho (Fr.)	219	207
» Amidano (Fr.)	99	144
» de Fenoliis (B.)	18	32
» Garrão (Fr.)	151	178
» Mandagot	95	139
» Reinaldo	161	181
Heitor Pinto (Fr.)	201	199
Henrique (S.)	5	7

NOMES	N.os	PAG.
Henrique de Santo Antonio (Fr.)	333	245
» da Cruz (Fr.)	204	201
» Garneto	218	207
» de S. Jeronymo (Fr.)	71	117
» Noris (Fr.)	280	229
» de Portugal	63	110
Hermolao Barbaro (Fr.)	56	104
Hilario de *Jesus* Maria (Fr.)	98	141
Hugo (S.)	8	11
» Malabranca	92	137
Ignacio (S.to)	13	23
» de Santo Antonio	323	242
» Barbosa Machado	317	240
» de S. Caetano (Fr.)	49	97
» de *Jesus* (Fr.)	207	202
Innocencio 3.°	24	40
» 5.°	26	50
Isabel (S.ta)	12	21
Isidoro Tristão	172	187
Jacinto dos Anjos (Fr.)	266	222
Jacobino Mallafossa (Fr.)	184	192
Jacome Pereguerino (Fr.)	186	193
» de Stefano	228	211
Jeronymo	430	316
» da Annunciação (Fr.)	273	227
» do Espirito Santo (Fr.)	213	204
» de S. José (Fr.)	103	148
» Seripando (Fr.)	68	114
Joanna (B.)	22	36
João 20.°	27	51
» 1.° (D.)	395	281
» 2.° (D.)	396	286
» 3.° (D.)	398	291
» 4.° (D.)	400	294
» 5.° (D.)	403	299
» 6.° (D.)	406	302
» de Aquilla (Fr.)	196	196
» de Andrade (Fr.)	248	217
» de Santo Antonio	431	316
» Antonio de S. Bernardo	93	138
» de Austria	408	305
» de Azevedo	107	152
» Baptista	313	249
» » da Conceição (B.)	23	37
» Bermudes	45	89
» Birelo	160	180
» de Carvajal	89	134
» Col	349	250
» Cosme da Cunha	66	112
» da Cruz (Fr.)	384	268
» de S. Diogo (Fr.)	382	266
» Duns Scoto (Fr.)	156	179
» Fernandes (Fr.)	162	181
» Granderoni (Fr.)	104	148
» de la Haye (Fr.)	254	219
» de S. Lourenço (Fr.)	300	236
» de Lugo	252	218
» da Madre de Deos (Fr.)	72	119
» de Santa Maria	175	188
» da Matta (S.)	9	13
» da Natividade (Fr.)	432	316
» de Nossa Senhora (Fr.)	338	246
» Nunes Barreto	74	122
» Peculiar	47	94
» de S. Pedro	209	203
» Ponce (Fr.)	244	215
» Portuguez (Fr.)	191	195
» dos Prazeres (Fr.)	118	160
» Rodrigues	169	185

NOMES	N.os	PAG.
João de Sahagum (Fr.)	126	163
» de S. Vicente	178	189
» Vicente	83	130
Joaquim de Sant'Anna Carvalho	82	129
» » e Silva (Fr.)	357	252
» Frnjas (Fr.)	363	253
» Jose de Santa Anna (Fr.)	356	252
» de Sousa Saraiva	141	172
Joas	147	177
Jodoco (S.)	4	7
Jorge de Ataide	84	131
» Martinusio (Fr.)	69	115
José 1.º (D.)	404	302
» (D.)	411	307
» Antonio de Oliveira Machado	418	314
» da Ave Maria (Fr.)	120	160
» Barbosa	327	243
» de S. Bernardo de Brito	368	255
» da Estrella (Fr.)	362	253
» Gomes da Costa	301	236
» da Graça (Fr.)	307	238
» de *Jesus* Maria (Fr.)	113	155
» de Santa Maria (Fr.)	277	228
» » » de Saldanha (Fr.)	109	152
» Maria de Sant'Anna Nuronha (Fr.)	132	165
» do Menino *Jesus* (Fr.)	86	132
» de Moraes (Fr.)	367	253
» Pereira de Sant'Anna (Fr.)	340	247
» de Santa Ritta (Fr.)	371	256
» do Rosario (Fr.)	294	234
» dos Serafins (Fr.)	331	244
» da Soledade (Fr.)	134	167
» do Valle	281	230
» Vaz	290	232
Julio Francisco de Oliveira	85	131
Leandro da Piedado (Fr.)	127	164
Leonor da Cunceição	383	267
Lotario (Fr.)	377	262
Lourenço de S. Lourenço (Fr.)	304	237
» de S. Nicolão (Fr.)	433	316
» da Piedade de Tavora (Fr.)	135	167
» de S. Thomaz (Fr.)	330	244
Lucio (S.)	1	2
Luiz (S.)	11	17
» 16.º	392	275
» da Annunciação	288	232
» » e Azevedo (Fr.)	140	170
» Caetano de Lima	337	246
» Cardoso	350	250
» das Chagas (Fr.)	129	164
» da Conceição (Fr.)	128	164
» Contareno	55	102
» de Elna (Fr.)	192	195
» da Madre de Deos (Fr.)	239	213
» Mercader	78	125
» de Montoya (Fr.)	188	194
» Novarino	241	214
» da Silva (Fr.)	64	110
Luiza Francisca de Gusmão (D.)	407	303
Mafen Contareno	52	101
Manoel (D.)	397	288
» de Almalagues (Fr.)	381	266
» de Almeida de Carvalho	332	244
» dos Anjos (Fr.)	231	211
» Bernardes	289	232
» de S. Bernardo Evangelista	355	251
» Caetano de Sousa	317	241
» do Cenaculo (Fr.)	67	112
» das Chagas (Fr.)	243	215
Mannel da Conceição (Fr.)	268	224
» Consciencia	318	241
» da Cunha	136	168
» de S. Damaso (Fr.)	348	250
» Domingues	390	270
» de Elvas	177	189
» da Encarnação Sobrinho (Fr.)	114	156
» da Epiphania (Fr.)	328	244
» de Figueiredo	419	314
» de S. Francisco (Fr.)	434	316
» de *Jesus* (Fr.)	442	317
» de Santa Ignez (Fr.)	73	119
» de S. Jose (Fr.)	285	231
» da Madre de Deos	260	221
» do Nnscimento (Fr.)	282	230
» da Natividade (Fr.)	139	170
» Nicolao de Almeida	122	161
» Pereira da Silva Leal	311	239
» de Pina	309	238
» dos Remedios (Fr.)	313	240
» Ribeiro	320	242
» Rodrigues Leitãn	271	226
» dos Santos	443	317
» de Sousa	296	235
» de S. Thomaz	259	220
» de Vasconcellos	286	231
Marcos Condelmerio	44	89
» de Lisboa (Fr.)	108	152
Maria 1.ª (D.)	405	302
» (D.)	410	306
» Anna Francisca (D.)	412	307
» Francisca Benedicta (D.)	413	307
Martinho 4.º	28	62
» do Azpilcueta	202	200
» da Conceição (Fr.)	278	228
» da Insua (Fr.)	212	204
» de S. Jose (Fr.)	336	245
» Lourenço	164	182
» de Santa Maria (Fr.)	181	190
Matheus de Villa Real (Fr.)	379	266
Mathias da Cooceição (Fr.)	361	253
Melchior da Graça	237	213
» dos Reis (Fr.)	257	220
Miguel Angelo (Fr.)	373	257
» de Contreiras (Fr.)	173	187
» do Espiritn Santo	211	203
» Falcão (Fr.)	208	202
» de S. Jeronymo (Fr.)	235	212
» da Visitação	293	234
» de Sousa (Fr.)	65	111
Nicolão 4.º	29	63
» Albergato (B.)	21	34
» Fabriano (Fr.)	159	180
» de Saxonia	444	317
Nuno Alvares Pereira	414	308
» da Cnnha de Athaide	115	156
» Sanches	149	177
Patricio da Silva (Fr.)	62	108
Paulo 4.º	34	69
» de Portalegre	174	188
Pedro 2.º (D.)	402	298
» Affonso	155	179
» de Alcantara (S.)	14	25
» de Alpoim	376	260
» Alvares	319	241
» da Annnneiaçãn de Paiva	265	222
» Assumpçãn	224	209
» Aureolo (Fr.)	59	106
» Avitabile	242	214

NOMES	N.os	PAG.
Pedro Focoldo (Fr.)	378	265
» Gonçalves	170	186
» do S. João	187	194
» » » Garcez	230	211
» de S. Jorge	176	189
» Lagarto (Fr.)	206	201
» Paulo Ferrer	223	209
» » Miloto	110	153
» Troiano	389	270
Rafael Bluteau	312	239
Raymundo Perauld	91	136
Rayneiro Capacio	111	154
Ricardo Mediavilla (Fr.)	152	178
Rodrigo Affonso	154	179
» da Madre de Deos	183	191
» » »	351	250
Rodolfo Aquaviva	200	198
Salvador Ferrari	220	208
Sancho 1.º (D.)	394	281
Sebastião (D.)	399	293
» da Cruz (Fr.)	270	226
» José de Carvalho e Mello	417	310
» de Menezes (Fr.)	50	99
» de S. Paulo (Fr.)	124	163
» Ribeiro	295	234
» do Rosario (Fr.)	232	212
Simão de Beau-lieu	94	139

NOMES	N.os	PAG.
Theodoro de Almeida	366	254
Theodosio (D.)	409	306
» de Andrade	435	316
» de Santa Martha	342	248
Theotonio (S.)	6	8
Thomaz de Almeida	61	108
» del Bene	263	222
» Donati	53	102
» de Ocra	153	178
» de Hemmerlein (Kempis)	168	185
» de S. João	253	219
» Moro	415	309
» de Villa-Nova (Fr.)	238	213
Thomé de *Jesus* (Fr.)	197	197
Valerio do Sacramento (Fr.)	119	160
Vasco José de N. S.ª da Boa Morte Lobo	100	145
» Rodrigues	165	183
Vicente Alvares	388	269
» de Santo Antonio (Fr.)	226	210
» Dias	297	235
» do Espirito Santo (Fr.)	130	164
» Ferrer da Rocha (Fr.)	146	175
» Luiz Gotti (Fr.)	42	87
» da Resurreição	229	211
Xisto 4.º	33	65
» 5.º	35	73
Zacharias Pascoaliego	236	213

INDICE TOPOGRAPHICO. *

Abrantes, villa (Portugal) 249
Ahnnda, castello sôbre o Danubio (Baviera) .. 7
Aix, cidade Archiepiscopal (França) descreve-se 106
Alcahideque, logar visinho de Coimbra (Port.) 164
Alcantara, villa (Hespanha) 25
Alcochete, villa (Portugal) 288
Aldêa-Gallega da Mereeana, villa (Portugal) .. 209
Aleixo (Santo) logar visinho de Moura (Port.) 123
Alexandria, cidade Patriarchal (Egypto) descreve-se 89
Alfama, bairro de Lisboa (Portugal) 210
» » » 228
Algher, cidade Episcopal (Sardenha) descreve-se 155
Alhandra, villa (Portugal) 243
Alijó, villa (Portugal) 266
Almada, villa (Portugal) 233
» » » 235
Almalagues, logar visinho de Coimbra (Port.) 266
Almeida, villa (Portugal) 208
Almeirim, villa (Portugal) 192
Almodovar do Campo, villa (Hespanha) 37
Alonquer, villa (Portugal) 210
Alvaiazere, villa (Portugal) 202
Anagni, cidade (Italia) 40
Ançã, villa (Portugal) 207
Angelo de Scala (Santo) logar visinho de Benavento (Italia) 69
Antiochia, cidade Patriarchal (Syria) descreve-se 87
Aquilea, cidade Archiepiscopal (Istria) descreve-se 103
Archangelo (S.) logar visinho de Rimini (Italia) 83
Aronca, villa (Portugal) 211
Arraiolos, villa (Portugal) 236
Arronches, villa (Portugal) 196
Auvergne, provincia (França) 181
Ascoli, cidade (Italia) 53
Atouguia, villa (Portugal) 219
Avalon, villa (França) 11
Aviz, villa (Portugal) 228
Axo, cidade Episcopal (Abyssinia) descreve-se 120
Azambuja, villa (Portugal) 186
Azeitão, villa (Portugal) 167
Bahia, cidade Archiepiscopal (Brasil) descreve-se 118
Barcellos, villa (Portugal) 204
» » » 213
Barges, logar visinho de Saluces (Italia) 192
Basto (Celorico de) villa (Portugal) 254
Beja, cidade Episcopal (Portugal) descreve-se 132
» » » » 244
Belém, logar visinho de Lisboa (Portugal) (duas vezes) 164
Belley, cidade Episcopal (França) descreve-se 147
Belmonte, villa (Hespanha) 194
Benevento, cidade Archiepiscopal (Italia) descreve-se 105
Bergamo, cidade (Italia) 215
Bezeite, logar visinho de Tortosa (Hespanha) 202
Bolonha, cidade (Italia) 34
» » » 79
» » » 87
Boquianiaco (Buchianiaco) logar do Abruzzo (Italia) 30
Borba, logar visinho de Villa Viçosa (Portugal) 243
Bourges, cidade Primacial (França) descreve-se 99
Braga, cidade Primacial (Portugal) descreve-se 93
» » » » 183
» » » » 242
» » » » 269
Bretanha, provincia (França) 7
Bretiande, villa (Portugal) 165
Brie, villa (França) 139
Cachoeira, logar visinho de Alonquer (Portugal) 317
Canapina, logar visinho de Viterbo (Italia) ... 154
Candia, ilha (Grecia) 57
Candia, reino da ilha de Ceilão (Asia) 305
Capua, cidade (Italia) 45
Carnaxide, logar visinho de Lisboa (Portugal) 253
Carthago, cidade Primacial (Africa) descreve-se 98
Casaes, logar visinho de Lamego (Portugal) .. 220
Casal Ventoso, freguezia de S. Sebastião de Sarnache do Bom Jardim (Portugal) 220
Cascaes, villa (Portugal) 119
» » » 240
» » » 245
Castella, reino (Hespanha) 310
Castello Branco, cidade Episcopal (Portugal) descreve-se 174
Catalunha, provincia (Hespanha) 125
Celles, logar visinho de Savonna (Italia) 65
Ceragoça, cidade Arch. (Hespanha) descreve-se 21
» » » » 104
Certã, villa (Portugal) 212
Ceuta, cidade (Africa) 217
Chaves, villa (Portugal) 97
Chiozra, cidade Episcopal (Italia) descreve-se .. 153
Churco, cidade Episcopal (Cilicia) descreve-se 141
Cochim, cidade Episcopal (India) descreve-se 166
Coimbra, cidade Episcopal (Port.) 94
» » » » descreve-se 126
» » » » 190

* Refere-se este indice á naturalidade dos individuos, de quem se deu noticia; mas onde apparece a nota = *descreve-se* = é ás cidades descriptas, que se attende. A seis classes se reduzem os logares do nascimento dos individuos, porque ignorando-se a aldêa, villa ou cidade, em que estes viram pela primeira vez a luz do dia, foi necessario recorrer ás provincias, aos reinos, e ainda ás regiões; e similhantes nomes se empregam, propria ou impropriamente, como convem á brevidade e ao uso Portuguez: accrescenta-se em fim o titulo Ecclesiastico áquellas cidades, de que se faz especial menção, e só a respeito das paginas, em que se fez.

Coimbra, cidade Episcopal (Portugal) 223
» » » » 281
Condeixa a nova, logar vis. de Coimbra (Port.) 217
» » » » » 228
Constantinopla, cidade Patriarchal (Romelia) descreve-se........................... 91
Cordova, cidade (Hespanha) 196
» » » 203
Cork, cidade (Irlanda)..................... 215
Covilhã, villa (Portugal) 199
Cremona, cidade (Italia).................. 144
Cubelo, logar proximo de Cintra (Portugal) .. 317
Digne, cidade (França).................... 180
Domingos de Carmões (S.) logar visinho de Torres Vedras (Portugal)................ 217
Duns, villa (Escocia)...................... 179
Egypto, reino (Africa)..................... 3
Elna, cidade (Hespanha)................... 195
Elvas, cidade Episcopal (Portugal) descreve-se 167
» » » » 189
» » » » 222
Erada, logar visinho de Covilhã (Portugal)... 166
Estevão do Porto (Santo) villa (Hespanha) ... 190
Estremoz, villa (Portugal)................. 234
» » » 236
Evora, cidade Archiepiscopal (Port.) descreve-se 109
» » » » 160
» » » » 234
» » » » 238
» » » » 314
Fabriano, cidade (Italia).................. 180
Fayal, ilha (Açores)....................... 161
Falcon (Falcão) logar, ou seja cidade da Provença (França)........................ 13
Feira, villa (Portugal).................... 191
Fenaes, logar visinho de Ponta Delgada (Açores) 227
Ferreira do Alemtéjo, villa (Portugal)....... 269
Fez, cidade Episcopal (Africa) descreve-se.... 158
Figueiró dos Vinhos, villa (Portugal)........ 240
Florença, cidade (Italia) 138
França, reino............................ 147
Frascati, cidade Episcopal (Italia) descreve-se 138
Freixiel, villa (Portugal).................. 213
Freixiel, logar visinho de Aldèa-Gallega da Merceana (Portugal) 246
Gallisa, reino (Hespanha).................. 89
» » » 268
Gandia, cidade (Hespanha).................. 27
Ganfei, logar visinho de Valença (Portugal) .. 8
Garcia Muñoz, castello da Andaluzia (Hesp.) 159
Garregio, logar do Piemonte (Italia) 32
Geminiano (S.) logar visin. de Volaterra (Italia) 257
Genova, cidade (Italia) 317
Gil (S.) do Languedoc villa (França)........ 265
Gôa, cidade Archiepiscopal (India) descreve-se 116
» » » » 213
Gravina, cidade (Italia)................... 77
Grottes (Grottas) logar visinho de Moutalto (Italia) 73
Guarda (Egitania) cid. Episc. (Port.) descreve-se 149
» » » » » 160
» » » » » 195
Guilhufe, logar visinho de Arrifana de Sousa (Portugal)............................ 256
Guimarães, villa (Portugal) 250
» » » 278
Hinojosos, villa (Hespanha) 205
Hungria, reino............................ 116
Inglaterra, reino.......................... 2
» » 178
Inglaterra, reino 208
Italia, região 141
» » 208
Jacobina, villa (Brasil) 132
Jerusalem, cidade Patriarchal (Palestina) descreve-se 86
Kempen, villa (Prussia) 185
Lagos, cidade (Portugal).................. 242
Lamego, cidade Episcopal (Port.) 133
» » » » descreve-se 150
» » » » 240
Leão, cidade (França)..................... 32
Lecce, cidade (Italia)...................... 22
Leiria, cidade (Portugal).................. 108
» » » 212
» » » 316
Limoges, cidade (França) 180
Lisboa, cid.ᵉ Archiepiscopal (Port.) 15
» » » » 36
» » » » 51
» » » » 95
» » » » descreve-se 107
» » » » (duas vezes) 108
» » » » (duas vezes) 110
» » » » 111
» » » » 112
» » » » 119
» » » » 130
» » » » (duas vezes) 131
» » » » 140
» » » » 148
» » » » 149
» » » » 150
» » » » (tres vezes) 152
» » » » 160
» » » » 163
» » » » 164
» » » » 168
» » » » 170
» » » » 173
» » » » 174
» » » » 175
» » » » 177
» » » » 182
» » » » 189
» » » » 191
» » » » 196
» » » » 197
» » » » 211
» » » » 213
» » » » (duas vezes) 216
» » » » 220
» » » » 221
» » » » 226
» » » » 227
» » » » 230
» » » » (tres vezes) 231
» » » » 232
» » » » 234
» » » » (duas vezes) 235
» » » » (tres vezes) 238
» » » » 239
» » » » (tres vezes) 241
» » » » 243
» » » » (duas vezes) 244
» » » » 245
» » » » 246
» » » » 248
» » » » (duas vezes) 249
» » » » 250

Lisbua, eid.ª Archiepiscopal (Port.) (tres vezes) 251
» » » » (duas vezes) 252
» » » » 253
» » » » 254
» » » » 255
» » » » 260
» » » » (duas vezes) 270
» » » » 284
» » » » 286
» » » » 291
» » » » 293
» » » » 297
» » » » 298
» » » » 299
» » » » (tres vezes) 302
» » » » (tres vezes) 307
» » » » 310
» » » » 315
» » » » (tres vezes) 316
Lodeva, villa (França)...................... 139
Londres, eidade (Inglaterra) 198
» » » 232
» » » 309
Lourenço de Grotta (S.) logar visinho da Monte Fiescone (Italia) 237
Loyola, logar visinho de S. Sebastião de Guipuscoa (Hespanha)...................... 25
Lucar de Berrameda (S.) cidade (Hespanha).. 303
Maçarellos, logar visinho do Porto (Portugal) 249
» » » » » 258
Machede, logar visinho de Evora (Portugal) .. 244
Madrid, cidade (Hespanha) 127
» » » 218
Malaga, cidade (Hespanha)................ 209
Maló (S.) cidade (França) 186
Mangualde, villa (Portugal) 255
Mantua, cidade (Italia) 135
Marianna, cidade Episcopal (Brasil) descreve-se 174
Marmelleira, logar visinho da Lourinhã (Port.) 236
Maruggi, logar visinho de Taranto (Italia) ... 222
Massa, cidade Episcopal (Toscana) descreve-se 148
Matto, logar visinho de Lisboa (Portugal).... 128
Melres, villa (Portugal)................... 163
Mezão-Frio, villa (Portugal) 250
Miguel da Faxa (S.) logar visinho de Ponte de Lima (Portugal) 145
Milão, cidade (Italia) 74
Miranda e Bragança, cidades Episcopaes reunidas (Portugal) descrevem-se............ 164
Mocambo, bairro de Lisboa (Portugal) 316
Moncorvo, villa (Portugal) 236
Monseraz, villa (Portugal)................. 156
Monte-mór-o-novo, villa (Portugal) 212
Monte-mór-o-velho, villa (Portugal)......... 256
Monteparo, castello no Piceno (Italia)....... 140
Montpesier, villa (França) 52
Moura, villa (Portugal).................... 215
Mourão, villa (Portugal)................... 267
Montier, villa (Italia)..................... 50
Namiesas, castello sôbre o rio Varieca (Dalmacia)................................ 115
Nan-king, cidade Episcopal (China) descreve-se 173
Napoles, cidade (Italia)................... 198
Napoles, reino (Italia).................... 211
Napoles, cidade (Italia)................... 214
Nemesis, cidade Episcopal (Ilha de Chypre) descreve-se 155
Nicea, cidade Episcopal (Servia) descreve-se.. 140
Nola, cidade Episcopal (Italia) descreve-se ... 135
Nothingham, cidade (Inglaterra)............ 207
Novara, cidade (Italia)..................... 31
» » » 144
Obidos, villa (Portugal).................... 242
Olba, cidade Episcopal (Isauria) descreve-se .. 145
Olivença, villa (Hespanha) 252
Orestan (Oristano) cidade (Sardanha) 146
Orvieto, cidade (Italia) 137
Osimo e Cingoli, cidades Episcopaes reunidas (Italia) descrevem-se 146
Ossonoba, cidade Episcopal reunida com as de Silves e Faro (Portugal) descreve-sem 128
Ostia e Velitri (Velletri) cidades Episcopaes reunidas (Italia) descrevem-se............... 133
Palestrina, cidade Episcopal (Italia) descreve-se 139
Palmella, villa (Portugal) 244
París, cidade (França) 219
Pedreneira, villa (Portugal) 185
Pe-king, cidade Episcopal (China) descreve-se 170
Pena, logar visinho de Agueda (Portugal).... 162
Penacova, villa (Portugal).................. 232
Penella, villa (Portugal) 230
» » » 266
Penicale, villa (Italia).................... 237
Peniche, villa (Portugal) 243
Pernes, logar visinho de Alcanede (Portugal).. 240
» » » » » .. 250
Piceno, provincia (Italia).................. 180
Pinhel, cidade (Portugal) 193
Pombal, villa (Portugal) 205
Ponte de Lima, villa (Portugal) 174
Portalegre, cidade Episcopal (Port.) descreve-se 166
» » » » 187
» » » » 188
Porto, cidade Episcopal (Portugal) 122
» » » » descreve-se 151
» » » » 181
» » » » 190
» » » » 195
» » » » 203
» » » » 204
» » » » 211
» » » » 222
» » » » 227
» » » » 231
» » » » 232
» » » » 234
» » » » 251
» » » » 255
Porto e Santa Rofina, cidades Episcopaes reunidas (Italia) descrevem-se 134
Portugal, reino 105
Povoa, logar visinho de S. João de Arêas (Port.) 268
Poissy, villa (França) 17
Prado, villa (Portugal) 219
Ragusa, villa (Sicilia) 222
Ribeira do Olival, logar visinho de Ourem (Port.) 172
Rickel, logar visinho de Liège (Belgica) 184
Rimini, cidade (Italia 106
» » » 137
» » » 182
Roma, cabeça do Mundo Christão 91
» » » » 100
» » » » 126
Sabará, villa (Brasil)...................... 168
Saboia, provincia (Italia) 10
Saeoale, logar da provincia de Saleeto (India) 232
Saints, cidade Episcopal (França) descreve-se 136
Salerno, cidade Archiepiscopal (Napoles) descreve-se 113
Salreu, logar visinho da Bemposta (Portugal).. 167

Salvador de Angra (S.) cidade Episcopal (Açores) descreve-se ... 160
Salvador do Congo (S.) cidade Episcopal (Africa) descreve-se ... 168
Santarem, villa (Portugal) ... 99
» » » ... 117
» » » ... 316
Sarnache do Bom Jard., log. junto da Certã (Port.) 173
» » » » » 308
Saxo-Ferrato, logar visinho de Nocera (Italia) 183
Sebastião (S.) do Rio Jan., cid. Ep. (Brasil) desc. 173
» » » » » » » 247
Senna, cidade (Italia) ... 118
Serpa, villa (Portugal) ... 222
» » » ... 247
Setubal, villa (Portugal) ... 129
» » » ... 201
» » » ... 204
» » » ... 249
Soure, villa (Portugal) ... 194
Strigonia, cidade Archiepiscopal (Hungria) descreve-se ... 114
Sugers, logar visinho de Saintes (França) ... 136
Syracusa, cidade Episcopal (Sicilia) descreve-se 125
Tagaste, cidada (Africa) ... 4
Targa, cidade Episcopal (Africa) descreve-se.. 156
Tarouca, villa (Portugal) ... 255
Tarviso (Treviso) cidade (Italia) ... 33
Theramo, cidade (Italia) ... 178
Thessalonica, cidade Primacial (Grecia) descreve-se ... 97
Thiago (S.) de Cabo Verde, cidade Episcopal (ilha d'Africa) descreve-se ... 162
Thiago (S.) de Cuba, cidade Episcopal (ilha d'America) descreve-se ... 159
Thomar, cidade (Portugal) ... 170
» » » ... 188
Thomé (S.) cidade Episcopal (ilha d'Africa) descreve-se ... 162
Tipassa, cidade Episcopal (Africa) descreve-se 117
Torres Vedras, villa (Portugal) ... 218
» » » ... 306
Tortosa, cidade Episcopal (Hespanha) descreve-se ... 124
Troya, cidade (Italia) ... 114
Troies, cidade (França) ... 177
Truxillo, villa (Hespanha) ... 134
Turim, cidade (Italia) ... 88
Urbino, cidade (Italia) ... 75
Valencia, cidade (Hespanha) ... 125
» » » ... 187
Varazoayn, logar visinho de Pamplona (Hespanha) ... 200
Veiros, villa (Portugal) ... 239
Veneza, cidade Primacial (Italia) ... 55
» » » » ... 58
» » » » ... 80
» » » » ... 89
» » » » descreve-se.. 101
» » » » ... 101
» » » » (tres vezes).. 102
» » » » ... 104
» » » » ... 133
Verberia, villa (França) ... 106
Verona, cidade (Italia) ... 213
» » » ... 214
» » » ... 229
Versailles, cidade (França) ... 275
Vicencia, cidade (Italia) ... 153
Vidigueira, villa (Portugal) ... 194
» » » ... 225
Villa do Conde, villa (Portugal) ... 189
Villa Franca de Xira, villa (Portugal) ... 161
» » » » ... 212
Villa Nova de Portimão, villa (Portugal) ... 226
Villa Real, villa (Portugal) ... 266
Villa Viçosa, villa (Portugal) ... 224
» » » » ... 294
» » » » ... 306
Viseu, cidade Episcopal (Portugal) descreve-se 130
» » » » ... 163
» » » » ... 201
» » » » ... 206
Viterbo e Toscanella, cidades Episcopaes reunidas (Italia) descrevem-se ... 153
Viterbo, cidada (Italia) ... 154
Wara, logar visinho de Londres (Inglaterra).. 178
Yllescas, villa (Hespanha) ... 122